# HISTORIA GERAL

DOS

# JESUITAS

## DESDE A SUA FUNDAÇÃO ATÉ NOSSOS DIAS

---

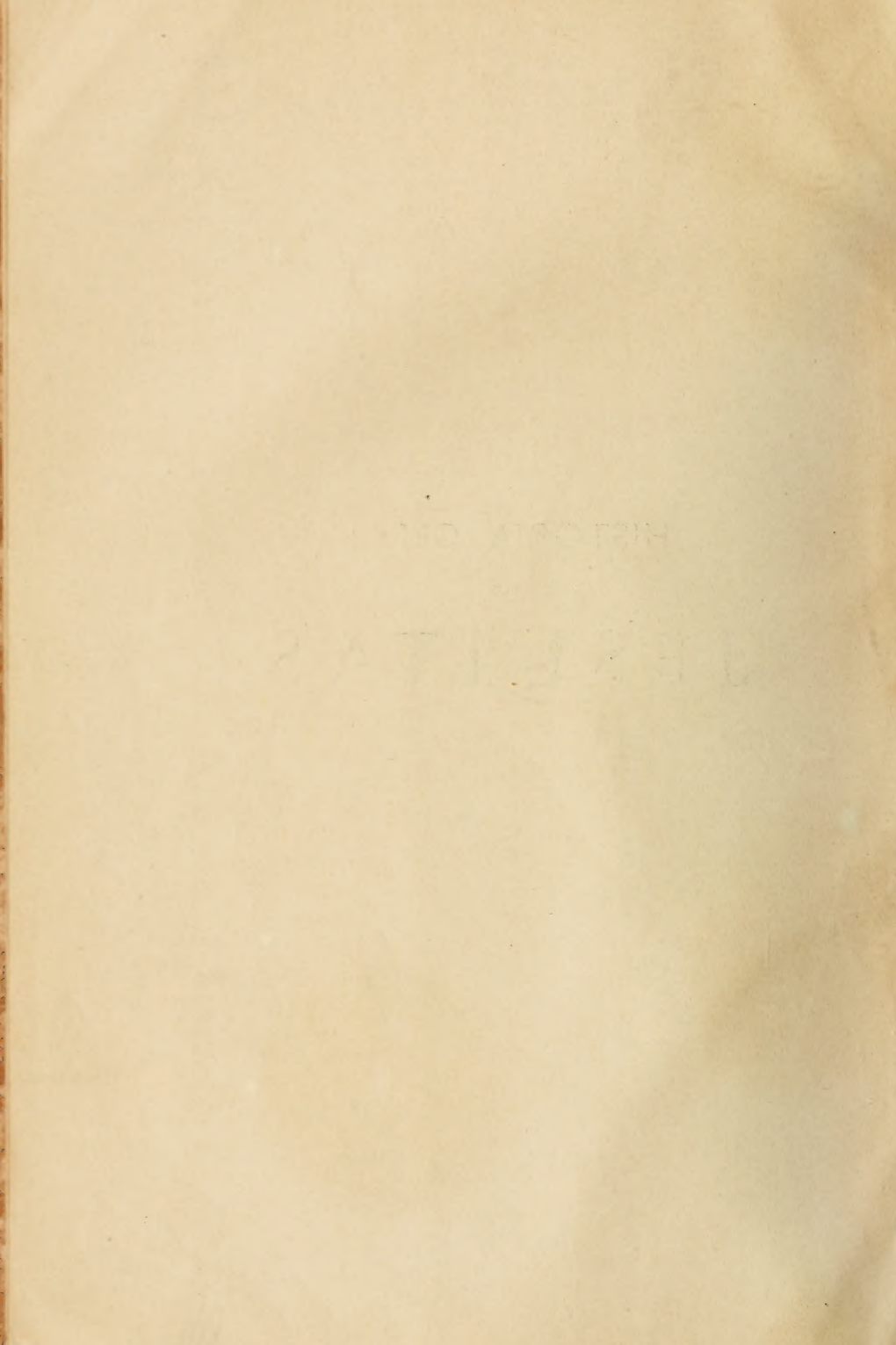
Coordenada por T. LINO D'ASSUMPÇÃO

E

Illustrada sob a direcção de ROQUE GAMEIRO

Livraria GUIMARÃES & C.ª
68 — RUA DO MUNDO — 70
LISBOA

# HISTORIA GERAL

DOS

# JESUITAS

# HISTORIA GERAL

DOS

# JESUITAS

**DESDE A SUA FUNDAÇÃO ATÉ NOSSOS DIAS**

---

COORDENADA POR T. LINO D'ASSUMPÇÃO

E

ILLUSTRADA SOB A DIRECÇÃO DE ROQUE GAMEIRO

LISBOA

*EMPREZA DA HISTORIA DE PORTUGAL*

SOCIEDADE EDITORA

LIVRARIA MODERNA | TYPOGRAPHIA

*95, Rua Augusta, 95* | *35, Rua Ivens, 37*

MDCCCCI

> O fim da nossa instituição não é outro senão sepultar as mas acções, e afastal-as do conhecimento dos homens.
>
> MARIANA

ANTES de nascer o sol, no dia quinze d'agosto de mil quinhentos e trinta e quatro, sete homens, envergando trajos de mendigos, sacola ao hombro, cajado de romeiro na mão, tinham subido a colina de Montmartre [1] e, depois de terem entrado por algum tempo na capella subterranea da egreja, caminharam até o ponto mais alto da montanha a alguns passos da egreja e ahi pararam.

Voltando-se para o oriente, os seis ajoelharam, e durante um longo espaço de tempo concentraram-se n'um silencio contemplativo.

Uma extensa linha de purpura destacava-se no horizonte; o vento, fazendo ramalhar a folhagem, annunciava o proximo despertar da natureza; no ceu azul empallideciam as estrellas, e á medida que a sua luz se esvaía, a terra, saindo da sombra, retomava formas e colorido, imponente e visivel imagem da lei que rege tanto o mundo physico como o moral, tanto a vida como a morte, fazendo com que uma se succeda á outra por toda a parte e sempre.

Novas gerações substituem as gerações extinctas; o deserto torna-se habitado, as cidades convertem-se em solidão, e tudo o

[1] Montmartre foi chamado *Mons Mercurii*, *mons Martis*, *mons martyrum*, isto é monte de Mercurio, monte de Marte, e monte dos Martyres. A origem d'estes differentes nomes vem de dois templos dedicados a Mercurio e a Marte, e do martyrio de S. Diniz e seus companheiros, suppliciados, segundo reza a tradição, n'aquella montanha. Até 20 d'outubro de 1618 existiu alli um pedaço de muro com um nicho occupado por um idolo.

Estes restos foram destruidos por um vendaval.

que se engrandeceu cae; tudo o que caiu surge. A sciencia, a gloria, o poderio, a luz e as trevas, as obras do homem e a obra de Deus, tudo nasce para morrer, tudo morre para renascer, nada ha que seja immutavel, nada que deixe de perecer ao nosso lado, debaixo dos nossos pés e sobre as nossas cabeças.

A' direita d'aquelles seis homens, para além das planuras, que então a separavam da montanha, a cidade começava a desenhar-se no crepusculo, e do seu recinto saia um rumor surdo e confuso, semelhante ao do mar longiquo. A' sua esquerda a abbadia de S. Diniz [1], onde o sino já chamava os fieis para a oração, erguia para os ares a sua flecha gothica, como se fosse um dedo immovel levantado para o ceu. Mas nem a cidade, nem a santa abbadia, nem esse sentimento de esperança que se apodera da alma rejuvenescida a esta primeira hora do dia, os distraia do seu meditar. Nos seus rostos não se percebia a mais leve emoção. Ao vêl-os sem movimento, mudos, tomal-os-iam por estatuas... restos dispersos d'algum templo pagão.

O primeiro raio do sol dardejou por cima do horizonte como um farpão inflammado; a sombra recuou afugentada pela luz, e de todo deixou a descoberto tanto a planicie como a montanha.

Um d'esses homens exclamou:

—Assim como o sol se apodera dos ceus, assim nós nos apoderaremos dos corações e dos espiritos!

Os companheiros sairam do recolhimento em que se tinham abysmado e encararam-o.

Elle continuou:

—Seremos o facho da fé, que vae caminhando incerto e mal seguro na obscuridade. Onde quer que penetrem os raios do sol, no paço dos reis ou na choça do indigente, na praça publica ou no lar domestico, ahi faremos ouvir a nosssa palavra. O mundo é nosso!

—Assim seja! appoiaram os seis. Mestre ordenae e nós obedeceremos.

Aquelle homem dizia a verdade, a sua exaltação era justificada, qualquer que fosse a miseria e humildade da sua pessoa. Era um conquistador que falava, prestes a realizar, melhor do que Alexandre, Cesar, Carlos Magno, melhor do que todos os que até então tinham dominado pela força e pelo ferro, o imperio universal.

O mendigo que até então vivera de esmolas, o fugido das prisões de Barcelona, o romeiro anonymo do Santo Sepulchro, o obscuro collegial de *Sainte Barbe* ia tomar posse do mundo, que tinha medido com a vista e subjugado com o pensamento.

Era o apostolo d'uma nova religião, o rival de Christo, que vinha trazer á terra não a paz, a concordia e a harmonia, mas a perturbação, o odio e a desordem universal.

Os seis discipulos chamavam-se:

Pedro le Fevre,
Francisco Xavier,
Jacques Laynez,
Affonso Salmeron,
Nicolau Bobadilha,
Simão Rodrigues d'Azevedo.

O mestre era *Ignacio de Loyola*.

Trazia na fronte e no olhar o extranho stygma mysterioso que indica ás multidões os homens nascidos para dominarem, os que attrahem os fracos e subjugam os fortes. Tinha em si o duplo poder do asceta enthusiasta, e do politico paciente e astucioso, do illuminado e do legislador. Era senhor dos outros, porque o era de si proprio, porque submettia os impulsos do seu coração aos seus calculos, os seus calculos ás suas inspirações, a carne ao espirito, o espirito á carne.

Os seus companheiros eram outros tantos escravos, que não tinham outra vontade senão a d'elle, que viam pelos olhos d'elle, tocavam pelas mãos d'elle, acreditavam pela crença d'elle.

Tendo-lhes estudado as almas, sondado as intelligencias, guiava-os e transformava-os

---

[1] Uma dama christã, chamada Catulla, recolheu o corpo de S. Diniz e de seus dois companheiros S. Rustico e Santo Eleutherio, depois que foram martyrisados, e lhes deu sepultura, sobre a qual se elevou uma ermida. Em 469, Santa Genoveva encontrando a ermida em ruinas fez alli construir uma egreja.

Esta egreja soffreu, com o andar dos tempos, varias ampliações e reformas, sendo a definitiva, e que lhe inspirou o caracter que ainda hoje conserva, a começada por S. Luiz em 1231 e terminada cincoenta annos depois

á sua vontade, como se trabalhasse em cêra molle e obediente; e tão bem lhes lia no coração, como nos olhares.

—Na presença de Deus, que nos ouve, continuou elle, façamos votos de Pobreza, Castidade e Obediencia, e como complemento consagremo-nos ao serviço da Virgem Maria e de seu Filho morto na cruz.

Os seus companheiros repetiram-lhe as palavras.

—E agora o que nos convém fazer? perguntou Francisco Xavier.

—Levar palavra e ensino até os confins do mundo.

—Eu atravessarei os mares [1].

—E a quem nos submetteremos? disse Salmeron.

—Ao papa.

Jacques Laynez [2] disse por sua vez:

—E se os povos nos repellirem?

—E' preciso convencel-os.

—E se nos votarem o seu odio? exclamou Rodrigues.

—Antes soffrer o martyrio do que abandonar a obra começada.

—Explicae-nos o que seja a virtude da obediencia, solicitou Le Fevre.

—S. Gregorio disse: «A obediencia é a virtude que gera outras nas almas, e depois as conserva. Emquanto ella florir, estão as outras em flôr... Vendo Christo o genero humano perdido e acabrunhado, em castigo da desobediencia, fez-se obediente até soffrer a morte na cruz...» Mais vale a obediencia do que os sacrificios. E assim é. Nos sacrificios é uma carne extranha que immolamos, na obediencia é a nossa propria vontade que é immolada, e quanto mais importancia tiver esta parte da nossa alma tanto maior será o preço do sacrificio que d'ella faremos pela obediencia a nosso Senhor e Creador [3].

—E se a minha vontade se rebellar? objectou Salmeron.

—Despoja-te d'ella absolutamente.

E depois, menos aspero:

—Essa liberdade que o Creador nos outorgou, convém que lh'a entreguemos de todo em todo, consagrando-a na pessoa dos seus ministros. Assim como os corpos celestes reagem uns sobre outros e reciprocamente se encadeiam, de tal sorte que o astro inferior depende do superior por uma especie de accordo e de hierarchia, assim tambem entre os homens; e visto que a auctoridade de um faz agir o outro, o que se consegue por meio de obediencia, é preciso que aquelle que depende de outro seja um fiel e obediente servo, afim de que a força do que manda passe n'elle e o anime.

Os seis homens achegaram-se de Ignacio, para não perderem uma unica das suas palavras.

Elle continuou:

—Tendes tres meios para obter esta completa obediencia: o primeiro é de vêr na pessoa do superior um homem não sujeito ao erro e ás miserias da vida, mas o proprio Jesu-Christo; o segundo é de procurar constantemente, e com cuidado prohibir a si proprio o que foi dito e ordenado pelo superior, e jámais o censurar; o terceiro é figurar-se que tudo o que ordena o superior, é a vontade irrevogavel de Deus.

E, como elles parecessem atterrados pelo abysmo que se lhes abria aos pés, Ignacio de Loyola continuou:

—Foi assim que fez Abrahão, quando recebeu ordem de immolar seu proprio filho [1].

E, saindo-lhe as palavras n'um jorro eloquente, continuou:

—A obediencia da execução consiste em fazer o que fôr mandado; a obediencia da vontade, em não ter outra vontade que não seja a d'aquelle de quem se recebem as ordens; a obediencia da intelligencia, em pensar o que pensa o superior, e em ter como bem mandado tudo quanto elle mandou. E todos fiquem convencidos: que os que vivem na obediencia devem-se deixar levar e conduzir, segundo a divina vontade, pela mão dos seus superiores, *como um cadaver que se deixa voltar em todos os sentidos;* ou ainda como o bordão que serve para tudo ao velho que a elle se arrima [2].

---

[1] Ignacio de Loyola, tempos depois, enviou Francisco Xavier ao extremo oriente.

[2] Jacques Laynez foi o segundo geral da ordem.

[3] Carta de Ignacio de Loyola sobre a virtude da obediencia.

[1] Carta de Santo Ignacio sobre a obediencia.

[2] Constituições dos jesuitas

— Mestre, disse Francisco Xavier, antes da nossa separação, dae-nos o livro mysterioso, que escrevestes dictado pela Virgem.

Ignacio abriu o alforge, e tirou de dentro seis livros que distribuiu a seus discipulos.

Cada qual o recebeu com respeito, beijou com amor, e collocou sobre o coração.

Loyola, que voltava para Hispanha, marcou-lhes novo encontro para d'alli a dois annos em Veneza.

Depois desceram a montanha pelo mesmo caminho, e encaminharam-se para o sul.

Uma nova epidemia se espalhava pela terra.

Ignacio de Loyola, ficando só, e vendo-os descer:

— Ide, disse elle, ide com as minhas instrucções, mas não com o meu pensamento. Sois o campo onde lancei a semente que vae germinar. Tive mais ardentes visões do que as vossas; outros extases que me arrobaram da terra; paixões mais incandescentes que me agitaram o coração; pois visões, extases e paixões tudo submetti e domei. Ide e prégae. Ide e ensinae; visto que vos desliguei as linguas, e vos insuflei tanto o meu espirito, como a minha vontade.

E sentou-se no declive da montanha que olha para a cidade.

O ceu, que se mostrara puro ao nascer do sol, tinha-se coberto de espessas nuvens, o vento soprava com violencia, torcendo as arvores, e Paris quasi que se sumia nas nuvens de poeira levantadas pelo vendaval.

Outro qualquer teria procurado um abrigo contra a tormenta; mas elle sentia um particular prazer em assistir áquella lucta dos elementos. O demonio do orgulho mostrava-lhe, nas convulsões da natureza, a imagem da grande desordem moral, que elle ia desencadear sobre a terra. Então estendia a mão para a cidade como para uma presa, e o seu espirito, tomado de monstruosa vertigem, abysmava-se na contemplação do seu futuro poderio.

Estava só, e comtudo repentinamente ouviu uma voz que lhe falava, quer viesse do alto trazida pela tempestade, quer fosse a da propria consciencia que se revoltava.

Dizia-lhe a voz:

— Foste um brioso capitão; porque trocaste o talabarte pelo burel e depozeste a espada?

E elle respondeu:

— Porque tanto a minha força não estava na espada, que a metralha m'a quebrou no combate.

— Tu amaste os prazeres da terra, as alegrias da riqueza, o sorriso das mulheres; porque renunciaste a tudo isto?

— Porque era escravo de tudo isso!

— Percorreste a terra mendigando o teu pão, atravessaste o mar, adoraste o sepulchro de Christo, e ahi magoaste o peito. Porque perdeste o santo fervor do romeiro e a humildade da fé?

— Porque a fé desappareceu do coração dos homens, e os exercitos já não marcham á voz dos peregrinos. Outr'ora teria mostrado á Europa o caminho da Asia; teria impellido sobre o oriente as multidões do occidente; mas esse tumulo não passa d'uma ruina, o sangue das nações já não se derrama nos logares desertos, mas exgota-se por outras conquistas. Teria sonhado um novo mundo, e ter-me-ia lançado á procura d'elle, mas Christovam Colombo veiu antes de mim. Teria talvez abalado no seu throno o bispo de Roma; mas Luthero precedeu-me.

— E para que pensar em coisas taes? para que phantasiar tão grandes destinos?

— Porque o espirito que me anima me destina a reinar. Não posso cingir a fronte com a corôa dos reis, e a do martyrio anda pisada a pés. As grandes coisas que deviam renovar a face da terra foram já realisadas por outros. Por meu lado saberei deter o movimento que vae impellindo a terra para o futuro, e reinarei sobre as almas.

— O reino de Christo já chegou.

— Pois o meu chegará como o d'Elle.

— Elle foi que indicou aos povos o caminho do ceu.

— Eu saberei leval-os para o abysmo.

— Elle ensinou a caridade ao mundo.

— Eu lhe ensinarei o egoismo.

— Elle revelou a eterna verdade.

— Eu lhe revelarei o sophisma e o erro.

— Elle abriu o reino dos ceus aos que escutassem a sua palavra.

— Mas tambem disse: O meu reino não é d'este mundo. Eu partilharei com Elle o coração do homem.

— Elle prégou o amor do proximo.

— Eu prégarei o da propria pessoa. Espirito mysterioso que me falas, d'onde vens e o que me queres? Debalde me procuras desviar do meu caminho. Tracei-o e seguil-o-hei sem a mais leve sombra de hesitação. Se os ceus pertencem a Jesus, a terra pertence-me a mim.

A voz já se tinha calado, e provavelmente subido ao ceu nas lufadas do vento.

Ignacio sentiu a solidão em torno de si: n'um arranco supremo, pareceu-lhe que a alma o abandonava, e que elle ficava na terra como um corpo gelado; como uma estatua... que pensa.

# I

## Antes da conversão

Ignacio[1] de Loyola, descendente de nobre familia, nasceu no castello de Loyola, em 1492, na provincia de Guipuzcôa em Hispanha.

Escusado será dizer que os historiadores da Companhia de Jesus, fartaram-se de prodigalisar milagres á beira do seu berço.

Seus paes, conta um dos historiadores, conversando entre si sobre que nome haviam de dar áquelle filho, que acabava de nascer, a creança abriu a bocca, e pronunciou com voz clara e distincta: «Inigo de Loyola é o meu nome.»

Era sufficientemente maravilhoso da parte d'um recem-nascido; mas se vos admiraes, ainda vereis mais.

O pequenito ajuntou: «Façam um anagramma e encontrarão: *O ignis a Deo illectus.* — O fogo atraído por Deus.»

Seus paes fizeram o anagramma e tendo-o achado certo, chamaram seu filho Inigo de Loyola. Findo o que o embrulharam nos cueiros e deram-lhe mamminha.

O mesmo auctor conta, com toda a seriedade, que a *Companhia de Jesus* é obra de Deus!

«Muitos seculos antes do seu nascimento, escreve elle, o abbade Joaquim a tinha visto em espirito, e declarára, para consolação dos fieis, que lá para o fim dos seculos, na sexta edade do mundo, appareceria na terra uma ordem de homens apostolicos, os quaes consagrados a Jesu-Christo, cujo nome adoptariam, dedicados d'uma maneira especial á Santa-Sé, distinctos pela condição, combateriam, com as armas das suas palavras e a efficacia das suas acções, os falsos doutores, e confundiriam todos os innovadores pela profundeza da sua doutrina e solidez dos seus raciocinios.»

Preciso é confessar que se os fieis têem necessidade de ser consolados lá para o fim dos seculos, na sexta edade do mundo, têem que esperar melhor consolador que os jesuitas.

Os primeiros annos de Ignacio de Loyola passaram-se na côrte de Fernando e Izabel, e assim que a edade lh'o permittiu entrou ao seu serviço.

Nada, então, annunciava o extraordinario destino que o esperava; nada que revelasse n'elle o pensador profundo que creou uma egreja na Egreja; escravisou os reis; dominou o pontificado, que os dominava, e que, discriminando um a um todos os maus instinctos de natureza humana, como um general em chefe discrimina os seus soldados, os reuniu em um corpo de doutrina, e codificou a fórma de todos os sophismas.

Altivo, valente, ignorante como um verdadeiro fidalgo hispanhol, sabendo ler mal e quasi que não escrever, poeta d'instincto, passou a juventude na ociosidade e galanteios palacianos.

---

[1] *Eneco* no idioma cantabrico e *Inigo* em castelano. Foi em 1534 que Inigo tomou o nome de Ignacio por devoção ao martyr d'Antiochia.

Tinha vinte e nove annos, quando se lhe offereceu ensejo de assignalar a sua coragem, distinguindo-se na tomada de Najara, e pouco tempo depois em Pamplona, a que os francêses tinham posto cêrco.

Animada pelo seu exemplo, a guarnição fez prodigios de valor, e teria talvez repellido os assediantes, se Ignacio não tivesse caido na brecha, com a perna direita quebrada por uma bala de artilheria.

André de Foix, o general francês, — que tinha admirado o valor de Ignacio, que de espada em punho, só e já ferido, se obstinava em combater — no dia seguinte foi visitar as fortificações arrazadas, e viu passar na sua frente uma liteira, no fundo da qual ia um ferido, que, erguendo-se a custo, saudou altivamente, embora com enfraquecida voz, um grupo de officiaes francêses:—Agradeço-lhes, meus senhores, os cuidados que me deram; mas espero em Deus que, dentro em pouco, lhes hei de poder pagar.

André de Foix saudou delicadamente o ferido, desejando-lhe prompto restabelecimente, e, rindo da hispanholada, perguntou quem era.

Disseram-lhe que era um grande de Hispanha, filho de D. Beltram, senhor de Onhez e Loyola, ha pouco fallecido, e de sua mulher Marina Saez de Licona y Balda, de quem tivera além d'aquelle, Ignacio, mais dez filhos.

Ignacio, graças á protecção do seu parente D. Antonio de Manrique, duque de Najara e grande de Hispanha, fôra collocado na côrte, onde tão habil e facilmente manejava a espada em batalha ou duelo, como tocava guitarra, á noite, nas serenatas d'amor. Além d'isso susceptibilissimo em pontos de honra e em precedencias de logar e privilegios de pergaminhos, passava por soberbo, violento, embora fosse meigo e delicado quando o não contrariavam.

Ferido e em perigo de vida, fez-se transportar para o castello de Loyola, pouco distante de Pamplona, e de que era senhor e castellão, n'aquella epocha, D. Martim Garcia, o mais velho dos seus sete irmãos.

Quando o tiraram da liteira, da qual não saiu um unico gemido em todo o caminho, pouco mais transportaram para o grande leito, do que um molho de carne e ossos a que restavam poucos alentos de vida.

Ignacio de Loyola, extremamente enfraquecido pelo sangue que saira das feridas, pelas dôres horriveis que lhe causava a fractura mal pensada, chegou ás portas da morte, e a tal ponto que lhe foram administrados os sacramentos da hora extrema, com assistencia da familia, que lhe cercava o leito esperando que désse o ultimo suspiro.

No dia de S. Pedro, invocando o santo apostolo, alcançou d'elle a cura.

Confessemos que S. Pedro não podia fazer menos por aquelle, que tanto fez depois pelos seus successores!

Parece que a conversão de Ignacio devia ser naturalmente determinada por esta maravilhosa cura, que todos os seus biographos, mais ou menos ingenuamente relatam.

Não foi. «Embora reconhecendo o favor do ceu, diz o Padre Bouhours, Ignacio não pôde desligar-se da terra.»

Amava elle apaixonadamente uma das mais formosas mulheres da côrte de Madrid, D. Izabel Rosella; e o que mais agradeceu ao principe dos apostolos, na cura que lhe fez, foi poder tornar a pensar nos seus amores.

Mas eis que, levantando-se do seu leito de dôr, e procurando dar os primeiros passos, viu que as feridas estavam cicatrisadas, mas a perna ficára deslocada e elle obrigado a coxear! Os musculos tinham-se contraido; um dos ossos, mal reduzido pelo cirurgião francês, ou deslocando-se com os baldões da viagem, formava uma saliencia um pouco abaixo do joelho, e condemnava-o a nunca mais poder ser o elegante da côrte, o primoroso fidalgo amigo do luxo.

Ignacio tomou desde logo o seu partido; e n'isso revelou a indomavel energia com que mais tarde emprehenderá e levará a cabo a sua obra.

Affrontando os receios dos medicos, desprezando dôres atrozes, fez serrar a porção saliente do osso, e para alongar os musculos, submetteu-os a uma distensão continua por meio d'um apparelho de ferro!

A operação não deu o resultado que elle desejava, e Ignacio de Loyola viu-se coxo para todo o resto da sua vida.

Ignacio ferido no cerco de Pamplona

Depois, as dôres crudelissimas, que soffrera, tinham-lhe cavado sulcos profundos nas faces, enrugado a fronte, e quasi que de todo encalvecido.

Para se distrair dos enfados da demorada convalescença, começou a querer lêr romances de cavallaria, que eram os que mais preoccupavam, então, os espiritos da nobreza hispanhola, até o momento em que Cervantes, com o seu immortal *D. Quixote*, lhes deu o golpe de misericordia.

No castello não se encontrou nenhum d'esses livros.

Em vez d'um romance da *Tavola redonda* levaram-lhe um *Flos Sanctorum*.

Vejamos agora em que meio se vae desenvolver a energia e actividade doentia d'este homem que fôra moço e vigoroso, bello e nobre, valente e protegido, que podia aspirar a um amplo logar no banquete da vida, e distribuição da gloria, ás mais brilhantes victorias, tanto nos campos de batalha como no coração das mulheres.

Que sonhos outr'ora, e que horroroso despertar!

Coxo, disforme, acabado e calvo, onde irá? Sol extincto, gravitará envergonhado e desapercebido na brilhante atmosphera da côrte?

Qual o caminho que lhe resta?

Ainda bem Colombo, Vasco da Gama e Cabral não têem descoberto novos continentes, já Albuquerque, Cortez, Pizarro e outros têem partido para os conquistarem.

O novo mundo está-lhe vedado. Convem-lhe fixar as vistas na velha Europa.

Sobre a face d'esta velha Europa acabava de passar um vento de tempestade que fez oscillar nos seus thronos carunchosos as antigas realezas. Do norte ao sul, do nascente ao poente, elevam-se vozes mysteriosas que fazem estremecer os povos, e os seus echos respondem-se uns a outros cantando o hymno d'um porvir desconhecido.

O mundo está ancioso!

E, no meio d'um silencio de solenne anciedade, Luthero ergue a sua voz potente, e convida reis e povos á grande carniça da Egreja romana.

A' sua voz a Allemanha accorda, clamando pela liberdade de consciencia, e a Inglaterra não tarda a secundal-a. A Suissa agita-se; a França applaude; os Paizes Baixos preparam-se; a propria Italia ouve essas vozes, sentindo correr-lhe o calafrio das coisas grandes; e até os gelos da Suecia encontraram vozes para corresponderem a este *álerta!*

Roma debate-se em convulsões que parecem d'agonia.

Os principes allemães declaram-se contra ella, porque, mercê da Reforma, poderão luctar contra Carlos V; Henrique VIII, porque quer ser o unico senhor no seu país, porque deseja desfazer-se da mulher e locupletar-se com os bens dos religiosos; os povos, porque esperam que esta porta que vem de abrir-se os leve ao caminho das liberdades.

E o que resta ao successor de S. Pedro para se defender de todos estes inimigos?

Um clero vicioso e ignorante, a insolencia dos monjes, o nepotismo, a tyrannia do governo papal, o vergonhoso tráfico das indulgencias, das reliquias, dos beneficios, de tudo quanto era culto e religião.

Para travar a lucta era preciso uma milicia mais forte do que a dos frades e monges, e por isso menos facil d'empolgar; mais respeitada, porque seria menos visivel. Poder terrivel e mysterioso, como o dos tribunaes vehemicos, cujas sentenças só eram conhecidas depois da sua execução, as suas bandeiras consagradas poderão indifferentemente guiar os principes contra os povos, estes contra aquelles; aproveitando-se tanto das derrotas como das victorias de uns e outros.

Não ousamos affiançar que este enorme plano se desenhou nitida e fortemente no cerebro febril de Ignacio de Loyola. Mas se o não fixou logo em todo o seu desenvolvimento, presentiu a sua missão, e tanto que, segundo uma citação do Padre Jouvency, quando elle escreveu os *Exercicios espirituaes* «impondo-se o modelo de Christo, como um general combatendo os seus inimigos, sentiu nascer em si o desejo de formar um exercito, de que Jesus seria o supremo chefe e imperador».

Aspirando á universalidade que tinha a doutrina de Jesus, só não aspirava aos meios

pacificos, cordeaes e santos de como ella conquistou a terra.

O velho homem estava transformado. Tinha caido no leito soldado ao serviço do rei de Hispanha e ia levantar-se ao serviço da Virgem Maria.

Durante o dia devorava com incansavel curiosidade as paginas do *Flos Sanctorum;* admirava a coragem e resignação dos martyres; a leitura das austeridades dos solitarios exaltavam-o; e quando a noite descia, quando o vento sibilava por entre as ameias e nos frestões do velho castello, quando, só no seu quarto escuro, ouvia os pios agourentos das aves nocturnas ou a chuva bater de encontro ás vidraças, quando um raio de lua, atravessando a clareira das nuvens penetrava pela alta e esguia janella ogival até á cama onde jazia, tinha visões que o transportavam pelos desertos fóra, até o cimo do Calvario, e ahi, aos pés da cruz, chorava e implorava o perdão e a graça divinos.

N'estes momentos acreditava nas suas lagrimas, e toda a sua alma vibrava sincera e enthusiasta.

Uma noite levantou-se e foi prostrar-se deante d'uma imagem da Virgem.

Emquanto batia no peito, e rojava a fronte no chão, quiz-lhe parecer que a santa Mãe de Deus lhe censurava o demorado repoiso, e lhe ordenava que começasse nova vida.

Desde logo, Ignacio, jurou consagrar-se ao serviço de Maria.

«Então, conta um dos seus biographos, toda a camara tremeu, os vidros da janella estalaram em mil pedaços, signal evidente que o diabo o deixava e se tinha despedido d'elle para sempre. E logo a Virgem lhe appareceu tendo seu Filho no regaço.»

Porém, seja dito de passagem, emquanto Orlandini, o auctor citado, vê n'este ponto a raiva do diabo, o padre Bouhours vê, ao contrario, um signal da alegria de Deus.

Os bons historiadores jesuitas acham assim meio de contentarem todos os paladares.

Existe ainda uma terceira classe á qual pertencem Ribadeneira e Maffei que não falam nem na raiva diabolica, nem na alegria divina.

Estes destinam-se ás pessoas de bom senso.

# II

## A vigilia das armas

A algumas leguas de Barcelona, no cimo d'uma montanha arida, massa de fragões destacados do grande plató da serra de Lhena, elevava-se um rico mosteiro de benedictinos, cuja egreja possuia uma celebre e milagrosa imagem da Virgem Maria.

A santa imagem attraía á montanha enorme affluencia de peregrinos, que corriam ao mosteiro para acharem cura ás doenças do corpo, e apaziguar as dores das almas torturadas.

Era, naturalmente, por occasião das festividades de Nossa Senhora, que as romarias eram maiores, e a da festa da Annunciação do anno de mil quinhentos e vinte e dois, foi uma das até então mais memoraveis.

N'esta epocha, sem falar das guerras, e portanto dos impostos que d'ellas resultam, das tempestades e portanto da miseria que se lhes segue, uma peste mortifera caíra sobre Barcelona e ameaçava propagar-se por toda a Hispanha.

Ora, atravez da multidão compacta, os peregrinos viram chegar, no dia 24 de março, um cavalleiro alto, bem montado, ricamente vestido, parecendo de primeira nobreza, embora viesse sem acompanhamento de criados nem de estafeiros, que de costume seguiam ao lado do cavalleiro, a pé, junto do estribo.

Este cavalleiro era Ignacio de Loyola.

Antes, porém, de chegar á montanha santa, e quando caminhava só, absorvido no seu novo ideal, ao passo ligeiro da mula, passou junto d'elle um moiro, com quem travou conversação.

Seguindo o exemplo dos cavalleiros andantes, Ignacio não sabia falar senão da dama que era o objecto dos seus pensamentos.

Deixou-o o moiro discorrer á sua vontade, sem o contradizer, contentando-se em pensar de si para si: que Mahomet era o unico propheta que tinha ensinado aos homens a eterna e simples verdade.

Mas, no andar da conversa, chegou-se a um ponto delicado, a virgindade de Maria. Foi viva e animada a contenda; propondo o moiro uma opinião media, que Ignacio formalmente rejeitou encolerisado, «considerando, diz Orlandini, que era cavalleiro, e por isso obrigado de se vingar no moiro da affronta feita á sua dama».

Emquanto pensava se devia convencer o seu contradictor, com uma d'aquellas espadeiradas com que outr'ora despachava francéses para o outro mundo, o moiro mudou de rumo.

Ignacio, menos exaltado, e achando-se na bifurcação de dois caminhos, resolveu entregar ao juizo de Deus, ou antes ao da mula que montava, o que devia fazer, e disse:

— Eu vou deixar a mula á vontade, para ir para onde quizer; se tomar pela estrada que seguiu o blasfemo, é que Deus quer que elle morra, e morrerá; se ella me conduzir para outro sitio, é que esta vingança não está reservada para o meu braço!...

O animal, na bella intenção de poupar uma

A vigilia das armas

monte a seu amo e de deixar a Deus a sua justiça, que Elle nunca encommenda aos homens, tomou o caminho opposto aquelle por onde tinha enveredado o moiro.

E aqui está como d'uma volta de mula, com a arreata solta, esteve dependente a Companhia de Jesus!

As vesperas da Annunciação juntaram á noite, na capella de Nossa Senhora de Monserrate, enorme quantidade de peregrinos; mas foi em vão que elles procuraram entre si o rico e garboso cavalleiro que de manhã viram dirigir-se para o mosteiro.

Tinha desapparecido.

Alguns, porém, pretendiam reconhecel-o n'um individuo mal vestido, rosto pallido e olhar fixo que estivera toda a noite em frente ao altar, ricamente ornamentado, da Virgem.

Este individuo tinha, por unico vestuario, um sacco de grossa linhagem, apertado na cintura por uma corda, segurando uma cabaça, e na mão o bordão de romeiro. Um de seus pés estava descalço, e o outro, que parecia ferido, trazia uma especie d'alpercata feita de barbantes e troncos de vime.

Era effectivamente Ignacio de Loyola.

Como se fizera tal transformação?

Assim que a noite baixara, saíra da egreja, e encontrando um romeiro vestido de sacco propozera-lhe a troca de tão miseravel tunica pelo seu vestuario de gran-senhor, incluindo as botas, o chapeu e a camisa.

O peregrino acceitou, mal prevendo que, dias depois, só por milagre escaparia de ser enforcado, como tendo assassinado e roubado o dono de tão ricas vestimentas!

E sina dos jesuitas provocarem a desgraça alheia, até com as boas acções!

Em vez de sair da egreja com os outros peregrinos, alli passou a noite, tendo-lhe accudido ao espirito uma singular idéa.

Sabe-se que, segundo os antigos usos da cavallaria, o aspirante ás esporas d'oiro, depois de ter pendurado as armas n'uma columna d'uma egreja, ahi passava a noite, que precedia á sua recepção, vestido d'alva branca, e orando a Deus, á Virgem e aos santos, ou meditando nos altos feitos e bellas acções dos valerosos antepassados.

Era o que se chamava a *vigilia das armas*.

Ignacio quiz tambem realizar a sua vigilia d'armas.

A unica coisa em que se afastou do formulario, foi que, em vez de vestir uma tunica branca, envergou um sacco de linhagem grosseira, sujo e esfarrapado.

E desde então ficou-se chamando: o *Cavalleiro da Virgem* [1].

A peste, que assolava Barcelona, tinha fechado o porto; e emquanto esperava a occasião de embarcar para a Terra Santa; Ignacio seguiu para Manreza, pequena cidade a tres leguas de Monserrate, na qual havia um convento dominicano e o hospital de Santa Luzia, onde eram recebidos os peregrinos e os doentes.

Foi aqui que elle se refugiou, vivendo do pão que mendigava de porta em porta, deixando crescer as unhas, a barba e os cabellos.

E, como se porcaria fosse santidade, a immundicie que lhe cobria a cara era tal que causava horror vêl-o, segundo diz Baillet.

Jejuava toda a semana a pão e agua; e só ao domingo comia algumas hervas, em que deitava cinza.

Rezava sete horas por dia, disciplinava-se tres vezes, e quando ia em peregrinação juntava aos habituaes cilicios de ferro á roda da cintura, outros de ortigas e cardos bravos.

Tendo descoberto uma caverna no sopé da montanha [2] abriu caminho por entre ma-

---

[1] Os cavalleiros andantes compromettiam-se por voto a correr aventuras. Foram relativamente numerosos em Hispanha, nos tempos heroicos das guerras contra os moiros. Foi evidentemente d'esta instituição, que já acabava de desapparecer nos primeiros annos do seculo XVI, que Ignacio de Loyola se inspirou no começo da sua conversão.

[2] No seu recente opusculo. *Le Montserrat et Manreze*, o P. Mabille conta que, no proprio dia de sua chegada a Manreza, Ignacio, estando em oração no sanctuario de Nossa Senhora da Guia, situado proximo da ponte que dá accesso para a cidade, «a Virgem lhe appareceu e lhe indicou, em frente da sua capella, a *cova* ou gruta, onde N. S. desejaria que elle se retirasse».

Ao mesmo tempo ouviu «uma voz dulcissima dizer-lhe: *Marcha-te Ignacio e cumple tu destino.*» Desde então, ajunta o jesuita, «a estatua da Virgem

tagaes e espinhos, e alli elegeu moradia, dizem uns; embora affiancem outros: que só alli ia passar certos dias e certas horas, com a permissão do seu confessor, Fr. Guilherme de Pellaros, prior dos dominicos.

Teve um extase «attestado por testemunhas *fide dignas*[1], que lhe durou» do sabbado á tarde á hora de *complectas,* até o sabbado seguinte á mesma hora.

Já o iam a enterrar, quando repararam que respirava e lhe batia o coração. Então saiu do extase, como d'um pacifico somno, e disse com voz terna e devota:

Ai! Jesus!

Foi durante este lethargo que Deus lhe revelou a missão para que o destinava, diz ainda padre Bartoli, e lhe indicou os principaes traços da Ordem, da qual o reservava para ser o pae e o fundador[2].

---

teima sempre em se collocar na capella de maneira a fazer face á gruta d'Ignacio». A verdade é que durante o tempo que Ignacio esteve em Manreza morou ora no hospital de Santa Luzia, situado fóra do recinto da cidade, ora no convento dos dominicanos dentro n'ella. Quanto á famosa gruta não a procurou senão depois de ter verificado que não se podia entregar aos seus exercicios de penitencia, como desejava, no hospital, e levou algum tempo primeiro que a descobrisse, porque «era — segundo diz Bartoli — pouco conhecida e menos visitada pela gente da terra, ainda que situada a 600 passos de Manreza, e n'um sitio encantador que se chamava: o *valle do Paraizo*».

[1] E' pena que os historiadores da Companhia não citem um unico nome de taes testemunhas. Em geral todas as suas affirmações relativas ás origens da Companhia são quasi sempre vagas, quanto ás fontes onde as foram colher.

[2] Esta visão que dura oito dias não seria uma simples crise de catalepsia? Os pormenores precisos que fornecem «as testemunhas» além das supposições que os acompanham, parecem bastante caracteristicos: rigidez absoluta dos membros, que persiste de um a outro sabbado; suspensão, pelo menos apparente, «de todas as faculdades de maneira que Ignacio parecia como morto», a ponto que só deixam de o enterrar «quando percebem um bater que mal se sentia no coração»; despertar «como d'um somno» etc., etc... Uma tal crise era tanto mais verosimil quanto elle se achava enfraquecido pela doença, pelas penitencias, jejuns, vigilias, que elle proprio, mais tarde, qualificará de coisas exaggeradissimas, e cujos resultados não tardarão a manifestar-se sob a fórma de perturbações mentaes e nervosas. Tal, por exemplo, a tentação, ou talvez mesmo a tentativa de suicidio, relatada por Bartoli e outros historiadores, de que

Além d'esta imposição, e de revelações extraordinarias, como descobrir-lhe os *segredos da essencia divina*, e as operações intimas das tres pessoas entre si,[1] deu-lhe conselhos de limpeza e decencia, entre outros: reformas de vestuario, cuidados dos cabellos e da barba, obrigação de se lavar e de vestir um habito menos nojento.

Pareceram-lhe rasoaveis estes conselhos, e tratou de adquirir um habito limpo, embora modesto e de panno grosso...

Assim vestido, subia a uma pedra, que durante muito tempo esteve em veneração á porta do hospital de Santa Luzia, e ahi fazia publicos sermões, que traziam ao caminho de Deus, muitas almas que d'elle andavam arredias[2].

Passa, como mais provavel, que foi aqui que elle compôz o famoso livro dos *Exercicios espirituaes.* O caso é controverso, não só quanto á epocha da composição, como á originalidade do plano.

D. Yepez, auctor das *Chronicas geraes da Ordem de S. Bento,* escreve: «Segundo a

---

o curou o padre Pellaros «obrigando o a comer a horas como toda a gente, sob pena de lhe recusar a absolvição.»

[1] Foi tal a nitidez da explicação que Ignacio escreveu, quando voltou em si, um tratado, sobre a *Trindade*, em 48 folhas... que se perdeu!

[2] O quarto que Ignacio occupou n'este hospital foi transformado em capella em 1625. Os jesuitas ahi collocaram a estatua do seu fundador, e a seguinte inscripção em hespanhol:

S. Ignacio
Orando en ésta capilla
Quedo arrebatado
Cayo el cuerpo en el suelo
Sobre los mismos ladrillos
Que oy se ven y adoran
Subio el espirito al cielo
Y vio la gran religion
Que havia de fundar
Baxo el nombre de Jesus
Su blason, fin, instituto
Su propagacion en los dos mundos
Sus empresas, conquistas y victorias
Sus letras, santidad y martyrios
Ocho dias duro la vision
Lugar memorable
Por el rapto de S. Ignacio
Y por la revelacion
De la Compania
De Jesus

tradição de todos os religiosos de Monserrate, o padre João de Chanones communicou a Ignacio, seu filho em J. C., os Exercicios do padre Garcia de Cisneros, que se praticavam em Monserrate, os quaes o padre Ignacio levou comsigo quando foi para Manreza... e, achando-se repleto de fervor, os communicou a muitos, até que tendo-se tornado um homem perfeito e bem versado em toda a sciencia, *cortou, alterou* e *ajuntou alguma cousa ao livro do padre Cisneros, para assim formar os seus Exercicios, em harmonia com o seu Instituto.*

O livro de Garcia de Cisneros tinha o titulo de *Exercitatorium spirituale*[1] e fôra impresso em Monserrate, em castelhano e latim, em 1500.

A discussão das origens dos *Exercicios* pouco importa, a não ser como documento do estado mental de Ignacio. Quanto ao fundo e essencia da obra, baste que digamos: que todos os doutores da *Sociedade* a recommendam; que um santo[2], que foi aliás um excellente homem e um delicado escriptor, o louvou; e que um papa[3] lhe deu a sua approvação, embora com ella a inquinasse de plagiaria[4], apesar de ter sido dictada umas vezes pela Virgem Maria, outras pelo archanjo Gabriel; o que é fóra de duvida, dizem certos historiadores da Ordem, attendendo á ignorancia litteraria de Ignacio. Infelizmente um outro historiador[5] affirma que o «santo os corrigiu, augmentou constantemente, dando-lhes por fim a perfeição com que chegaram até nós». «O que dissipa a difficuldade, que poderia suscitar vêr um homem sem estudos, e quasi sem experiencia na direcção das almas, compôr um tão admiravel livro.»

Da vontade de perguntar: Então onde fica a inspiração divina e a intervenção de Gabriel?

Esta intervenção do archanjo Gabriel, que foi tambem um dos collaboradores do *Alcorão,* segundo a boa opinião dos doutores e theologos mahometanos, traz á memoria as approximações e semelhanças que se encontram nos *Exercicios* e nas *Constituições* com certos livros e rituaes das congregações musulmanas, onde parece que Ignacio foi beber a sua inspiração, principalmente:

— na fórma do governo da *Sociedade de Jesus,* e em a natureza da obediencia que ella exige dos seus adeptos;

— no methodo de iniciação e de formação a que submette os seus discipulos;

— nos diversos graus que estabelece entre os seus membros, e no occultismo que pratica;

— finalmente, no fim que se propõe, e na confusão que estabelece entre a ordem espiritual e a ordem temporal[1].

[1] Ignacio teve em seu poder o texto castelhano, que era o original, e fôra impresso, segundo a tradição de Monserrate, para uso dos peregrinos. Os monges recorriam de preferencia ao texto latino.

[2] S. Francisco de Salles.

[3] Paulo III. Carta de 31 de julho de 1545.

[4] Annos depois, os jesuitas conseguiram que Innocencio X inserisse no breviario romano o testemunho preciso de que Ignacio fôra o auctor dos *Exercicios*, e Alexandre VII confirmou esta declaração n'um breve de 12 d'outubro de 1657, e concedeu indulgencias plenarias a todos os que os praticassem.

[5] Bartoli

[1] Para que os leitores possam, desde já, apreciar a identidade, quasi que até de expressão, entre os textos dos formularios musulmanos e os de Loyola, damos-lhes os seguintes frisantes exemplos:

| TEXTO MUSULMANO | TEXTO DE LOYOLA |
|---|---|
| «Tu serás nas mãos do teu cheikh (o geral) como o cadaver nas mãos do lavador dos mortos». | «Que aquelles que vivem na obediencia, se deixem levar e conduzir por meio do seu superior como o cadaver que se deixa voltar e manejar em todos os sentidos.» |
| (*Livro dos seus apoios* pelo cheikh Li-Snussi). | (*Const. da C. de J.* Part. 6, cap. I.) |
| «Os irmãos terão para com o seu cheikh uma obediencia passiva e de todos os instantes; elles serão entre suas mãos, como o cadaver nas mãos do lavador dos mortos.» | «Devo-me entregar nas mãos de Deus e do superior que me governa em seu nome, como um cadaver que não tem nem intelligencia nem vontade, como o bordão nas mãos do velho.» |
| (*Ultimas recommendações dictadas a seu successor pelo cheikh Muley-Ali el-Djemal.*) | (*Ultimas recommendações dictadas por Ignacio*, poucos dias antes da sua morte, como «um testamento espiritual». |

O Senador Trevisani hospeda Ignacio de Loyola

Ao fim de cinco mezes de residencia em Manreza, tendo cessado a peste em Barcelona, embarca para Gaeta, onde chega com cinco dias de viagem, em começos de 1523. Seguiu logo para Roma, para receber benção de Adriano VI, viajando descalço e jejuando, chegando alli em domingo de Ramos d'aquelle anno. Oito dias depois deixa a cidade eterna e toma o caminho de Veneza, onde devia de tomar passagem para a Palestina.

Sem dinheiro, e sem credito, resolveu-se dormir á mercê de Deus, ao abrigo d'um portico da praça de S. Marcos.

Mas, emquanto extendido sobre as lages esperava o sol, Deus fez um milagre que lhe deu ceia e cama.

Havia então em Veneza um senador, chamado Marco Antonio Trevisani, que, de costume, dormia como um justo... sem insomnias. N'aquella noite, sem deixar de ser justo, debalde procurava conciliar o somno. Por fim, já fatigado de se mexer e remexer no leito, fechou os olhos e teve um sonho, no qual ouviu uma voz dizer-lhe que: «emquanto elle dormia commodamente em colxão fofo, o servo de Deus tiritava com frio debaixo das suas janellas». Trevisani levantou-se, foi procurar Ignacio e fel-o entrar em palacio.

No dia seguinte conseguiu uma audiencia do doge André Gritti para o seu hospede, cuja protecção valeu a Loyola um logar na galera capitã, que partia para a ilha de Chypre.

Ao fim de quarenta e oito dias de viagem, Ignacio desembarcou, em 31 d'agosto, no porto de Jaffa, e d'alli tomou o caminho de Jerusalem, onde chegou a 4 de setembro d'aquelle mesmo anno de 1523.

Podemos marcar aqui o fim da segunda phase da vida de Ignacio de Loyola, ou da primeira da sua vida de homem convertido, porque nos vae apparecer completamente outro.

Até agora temos estado em presença d'um espirito desvairado pelas visões, d'um louco que se impunha exaggeradas penitencias, d'um convulsionario que martyrizava o corpo. D'aqui em deante vel-o-hemos outro completamente transformado.

Que vae elle fazer ao Santo Sepulchro? Viver na solidão, orar, adorar, converter os infieis?

Foi esse o seu primeiro designio.

Mas o provincial dos franciscanos, vendo que elle perturbava a tranquillidade das suas relações com os peregrinos, — não se sabe bem ainda como, mas ha quasi que a certeza que era por meio da prégação dos *Exercicios,* — o provincial, pois, usando do poder que lhe fôra concedido pela Santa-Sé, de poder alli conservar ou fazer sahir os peregrinos que bem lhe parecesse, deu ordem a Ignacio para abandonar os santos logares.

Interroga Ignacio aquelles sitios desertos, para que lhe contem a paixão de Christo; pede áquellas pedras sem voz e sem echo que o deffendam, que proclamem aos franciscanos que o verdadeiro missionario de Christo é elle; mas os desertos continuavam extensos, calmos e ardentes, as pedras mudas e impassiveis.

Deus esquecia-se d'elle.

Foi então que a verdadeira transformação se realizou no seu espirito, e fez com que a reflexão substituisse o extase, o calculo o enthusiasmo. Desappareceu o illuminado, para dar logar ao politico que n'elle acabava de nascer.

Nos fins de janeiro de 1524, estava de volta a Veneza, ao cabo d'uma viagem de dois mezes.

Os jesuitas asseguram que durante esta travessia, Deus manifestou claramente a protecção que dispensava ao seu servo, fazendo com que o navio que o levava, um cha-

---

«Obedece ao teu cheikh em tudo que elle te ordenar, porque é *o proprio Deus que manda pela sua voz*; desobedecer-lhe, é incorrer na colera de Deus. Nunca esqueças que es seu escravo, e que nada deves fazer sem sua ordem.»

(*Presentes dominicaes* — Regra dos Balmanios.)

«O meio de submetter o seu pensamento está em cada qual se figurar *que tudo quanto ordena o superior é de ordem e vontade de Deus*... E' preciso que aquelle que depende de outro seja um *servo* docil e obediente afim de que a virtude de aquelle que manda passe n'elle e o encha.»

(*Carta d'Ignacio aos jesuitas portugueses sobre a obediencia.*)

veco velho e mettendo agua por todas as juntas, passasse são e salvo atravez d'uma tempestade que fez naufragar um galeão turco e um grande navio veneziano cujos capitães tinham negado passagem a seu bordo a Ignacio.

Desenha-se já aqui, sem rebuço, a famosa moral dos jesuitas, para a qual chamavam a cumplicidade do proprio Deus: — «Primeiramente nós; nós eternamente!»

Convencido de que a sua ignorancia era um obstaculo á realização dos seus novos projectos, com essa inquebrantavel força de vontade que não mais o abandonará, resolveu ir estudar, e n'essa intenção partiu para Barcelona.

Porém, ao atravessar o Milanez, campo de batalha onde vém ao encontro Carlos V e Francisco I, caiu nas mãos dos hispanhoes que o tomaram por espião e estiveram a ponto de o pendurarem pelo pescoço alto e curto. Livrou-se d'estes e foi aprisionado pelos franceses, que o trataram melhor. Chegou a Genova, depois de mil vicissitudes, e graças á protecção do general das galeras d'Hispanha, Rodrigo Portundo, que o reconheceu, conseguiu embarcar para Barcelona. Escapa tanto aos galeões do Doria como ás caravellas do famoso Barba-Roxa, então ligado com o rei christianissimo contra S. Magestade Catholica — o que mais uma vez prova que certos titulos têem menos valor e significação do que simples alcunhas —, viu-se por fim em Hispanha.

Chegado que foi a Barcelona, foi procurar D. Izabel de Rosello e D. Ignez Pascoal, a quem deu parte dos seus novos projectos; e assim desde logo assignalou um dos meios de que tanto elle como os seus discipulos jámais abandonarão para conseguirem os seus fins: — a protecção e o concurso das mulheres... ricas.

D. Izabel promette-lhe pagar os livros e fornecer-lhe os objectos necessarios para o estudo; D. Ignez offerece-lhe cama e mesa.

Parece que acceitar estas coisas, não ficava mal a um aprendiz de santo, no seculo XVI. A nossa sociedade, hoje, aprecia desfavoravelmente o homem válido, que, a pretexto de qualquer missão divina, consente em viver á custa das mulheres[1], ou de pedir esmola de porta em porta.

Aos trinta e tres annos de edade, não se envergonha de frequentar uma escola de creanças, e sentado entre ellas, em frente a essas mesas, que pouco mais eram do que uma vigota sobre dois espeques, começa a aprender os elementos da grammatica latina, mal e a custo declinando *hora horæ*, ou conjugando *amo, amas*.

Acerca d'esta ultima palavra, o nosso Padre Francisco de Mattos diz: «o que havia de ser licção de conjugar o verbo *amo, amas*, era uma suspensão de sentidos, e tal elevação do amor a Deus, que acabava em doce contemplação, o que, no custo do aprender, em todos costuma ser amargura.»

Quando os discipulos não têem barbas, os mestres jesuitas d'hoje costumam accordal-os de semelhantes abstracções com alguns carolos ou meia duzia de palmatoadas.

Com os estudos de grammatica misturava prégações na praça publica, e nos conventos de freiras. Elle, e o seu confessor Puygalto, intentaram converter as religiosas do mosteiro de Nossa Senhora dos Anjos. Diz a historia que o conseguiram, bem como uma sova de pau dada pelos lacaios dos rapazes ricos e nobres da terra, que faziam do mosteiro o seu *paraizo d'amor*. O confessor de Ignacio morreu victima da aggressão, e este foi obrigado a ficar de cama durante cincoenta e tres dias!

Alguns dos modernos historiadores enxertam, n'este periodo da vida de Ignacio, varios milagres, e entre elles um da resurreição d'um rapaz que se enforcára, e a que elle restituiu a vida durante o tempo preciso para se confessar... e tornar a morrer; outros, mais prudentes e abusando menos da

[1] Para que se não lance um sentido deshonesto ás nossas palavras, embora n'ellas vá uma censura ao procedimento de Ignacio de Loyola, que desde logo ensina os seus discipulos a explorarem o proximo, devemos, com Bayle, fazer esta justiça aos jesuitas: os seus costumes prestam-se menos geralmente ao escandalo, que os dos membros d'outras religiões. O segundo geral dos franciscanos apostatou, bem como o primeiro e o terceiro dos capuchinhos. A Companhia de Jesus, mais feliz ou mais habil na escolha de seus chefes, não offerece nada semelhante.

simplicidade dos leitores, nada dizem a tal respeito.

Ao cabo de dois annos de themas e traducções, aliás pouco brilhantes, seu mestre, Jeronimo d'Arbebalo, aconselhou-o a que fosse estudar philosophia na universidade d'Alcalá, fundada, havia pouco tempo, pelo cardeal Ximenes, e onde chegou nos primeiros dias d'agosto de 1526.

Aqui, Ignacio occupa-se mais do seu instituto, do que da logica do Soto, da physica de Alberto-o-Grande, e da theologia do Mestre das Sentenças, que era do que então constava o ensino na universidade d'Alcalá.

Querendo estudar tudo ao mesmo tempo, nada conseguia reter na memoria, e esteve a ponto de pôr os livros de banda.

Entretanto ia alliciando os rapazes ricos que encontrava para seus discipulos; firmando assim um outro meio d'acção que a S. J. não deixará de aproveitar.

Sem os conhecimentos precisos para prégador, Ignacio foi accusado de heresia e entregue ao tribunal da Inquisição, com alguns dos seus discipulos.

Absolvidos, foi-lhes severamente prohibida a prédica, e obrigados a despirem uma especie de habito pardo de que usavam, e que lhes dava apparencias de nova ordem religiosa.

E desde então que Ignacio adoptou o chapeu preto de largas abas, a batina e manto estreito, que até hoje se tem conservado como typo do vestuario jesuitico.

Cabe aqui um episodio, que, como tantos outros, dará a conhecer o espirito espectaculoso de Ignacio, e como d'elle sae novo ensinamento para os processos terroristas da Companhia.

Em frente d'um dos mais bellos palacios d'Alcalá, á sombra d'um grupo de magnificos platanos, uma multidão de ociosos entretinha-se em vêr uns rapazes fidalgos jogarem a pella.

A partida, vivamente disputada, terminou por uma bolla decisiva que fez applaudir enthusiasticamente o jogador.

Um dos adversarios vencidos, e senhor do palacio em frente do qual se jogava a partida, convidou os seus companheiros a seguil-o a casa, afim de tomarem alguns refrescos.

— Agradeço, D. Lopo, disse um dos jogadores, recebendo das mãos d'um lacaio a capa de veludo que tinha tirado, para ter os movimentos mais livres. Se não vou comsigo, Mendonça, é porque tenho de ir ao convento de Santo Estevam, falar ao prior, amigo de meu tio, vigario geral para me alcançar o ser contemplado na chuva de graças que vae cair sobre Hispanha por occasião do nascimento do herdeiro do nosso rei D. Carlos.

— Desejo-lhe que seja feliz, Figueirôa. Mas aproveite a visita para nos livrar d'esses velhacos de *sacco*, e principalmente do seu atrevidissimo chefe. A nossa cidade d'Alcalá precisa ser expurgada de semelhante peste.

— Ainda esta manhã, disse outro fidalgo, fui obrigado a dar a bolsa a esses desvergonhados mendigos. O chefe do bando dirigiu-se-me, tratando-me pelo nome e appellidos, fez juntar o povileu á roda de mim... e não tive mais remedio...

— Esse Ignacio transtorna a cabeça das nossas mulheres com os seus *Exercicios* e visões. Minha mãe, a duqueza de Maquede, á força de querer ter extases, está doentissima.

— O mesmo acontece á minha boa tia D. Leonor de Mascarenhas. Já não faz outra cousa senão andar a ouvil-o. Estou vendo a minha herança em riscos de lhe passar ás mãos.

— Mas o que é isso comparado com o que acaba de succeder a minha mãe D. Maria de Vado? Não a fez ir de romaria, só, mal vestida e descalça ao convento da Santa Monica de Jaen? Não obrigou a seguil-a minha irmãsinha mais nova? Não é isto malvadez, D. Francisco de Borja?

— Mas, respondeu timidamente um mancebo magnificamente vestido, que parecia ter quando muito dezoito annos, diz-se que esse homem é um santo e que até faz milagres.

— Elle, um santo! exclamou Lopo de Mendonça; é um miseravel hereje que está a pedir sambenito. Queimado seja eu em vida, se esse homem não merece a fogueira!

— Amen, meu irmão! E que Deus nos julgue... Disse uma voz lugubre atraz do fidalgo.

Este voltou-se rapidamente, e viu que Ignacio, com os olhos no chão, mãos postas, passava junto d'elle seguido dos seus discipulos, que entoavam o psalmo penitencial: *Miserere mei, Deus!*

A multidão que rodeava os fidalgos e que parecia partilhar-lhes os sentimentos para com Ignacio, por um d'esses reviramentos muito faceis nos espiritos fanatizados, aterrorizada com a oada lugubre da psalmodia, afastou-se rapidamente do palacio de Mendonça, como de um logar maldicto, e seguiu aquelle, que momentos antes tinha tambem escarnecido, indo juntar sua voz á dos *homens de sacco,* que entoavam o terrivel cantico de penitencia e de morte!

Mendonça e os seus amigos olhavam-se silenciosamente, como quem sente a ameaça d'uma catastrophe.

N'este momento, porém, chega um cavalleiro, correndo á redea solta, e, passando na frente do grupo, grita:

«Viva Deus! A nossa rainha deu á luz um filho, que se aprouver ao Senhor reinará um dia em Hispanha[1]; Deus nos salve!

—Salve! responderam os fidalgos com alegria; dispersando-se para irem propagar a boa nova.

D. Lopo, querendo por qualquer motivo, dar um publico testemunho da sua alegria, lembrou-se, á entrada da noite, de offerecer á povoação d'Alcalá o espectaculo d'um fogo de artificio, queimado no terraço do seu palacio. Mas emquanto elle se occupava com a disposição das peças, o fogo por acaso, ou por malvadez, pegou n'uma d'ellas, e dentro em pouco o infeliz encontrou-se cercado de fumo e chammas. Os creados não sabem o que fazer! a fumarada suffoca-o. Quer tirar o fato, e a carne vem-lhe pegada aos farrapos incendiados. Debate-se, para se livrar d'aquelle circulo de fogo que esfuzia e se propaga em labaredas e repuxos de côr, quer gritar e a voz é abafada pelo estoirar das bombas.

Ermida de N. S. da Guia em Manreza

Depois as chammas extinguem-se, cessam os ruidos, e quando, no meio do silencio, o vento leva para longe a espessa nuvem de fumo, os que tinham concorrido para se divertirem só viram que restava uma massa immovel, muda, fumegante ainda e que nada tinha de humano.

De repente, no meio do silencio d'horror,

[1] Este filho foi Filippe II, o *Demonio do sul.*

ouviu-se entoar de novo o ultimo versiculo do lugubre psalmo: *Miserere mei, Deus*: e depois, Ignacio, voltando para o logar da triste scena, subiu ao terraço e ajoelhou junto do cadaver.

A multidão atterrada ajoelhou e escutou:

— *Queimado seja eu em vida, se esse homem não merece a fogueira!* disse Ignacio. E continuou; eu, miseravel, já tinha esquecido essas palavras, mas Deus lembrou-se d'ellas. Meus irmãos, oremos para que a sua alma não seja condemnada no ceu, como o seu corpo foi carbonisado na terra.

Demoramo-nos talvez de mais n'este episodio, em que o padre Bouhours tambem se demora, mas com intenção contraria á nossa, para darmos mais um subsidio para a apreciação moral de Ignacio de Loyola, que não teme a justiça do proprio Deus que invoca, para vir insultar, com rezas sacrilegas, o cadaver d'um desgraçado que lhe era desaffecto.

A companhia será formada á sua imagem e semelhanca.

A consciencia publica, mesmo de hispanhol e n'aquella epocha, revoltou-se, e este e outros actos que ouvimos relatar na conversa dos fidalgos determinaram a prisão de Ignacio.

Como sempre, o captiveiro, dando-lhe a aureola de martyr, augmentou-lhe a influencia que elle já exercia sobre as mulheres. Continuaram a procural-o na prisão, para lhe ouvirem os discursos, as senhoras de primeira nobreza, taes como Thereza de Cardena e Leonor de Mascarenhas, que foi depois governante de Fillipe II, interessaram-se por elle.

Das accusações que lhe faziam arranjou uma defeza — muito em uso em todos os tribunaes — por contradicta, ou, nos casos provados, por interpretações especiosas.

Com o auxilio de seus protectores ao fim de quarenta e dois dias de prisão, o Santo Officio deu-lhe a liberdade, no 1.º de junho de 1527, com a condição de que tanto elle como os seus companheiros andariam vestidos como os outros estudantes, e só lhes seria permittido prégar depois de terem cursado quatro annos de theologia.

Prometteu... mas não cumpriu, o homem de Deus, que desde logo começou a pôr em execução o systema das restricções mentaes.

Por conselho do arcebispo de Toledo, seguiu para Salamanca, com os discipulos.

Aqui, recomeçou a prégar, e como na sua doutrina houvesse laivos de heresia, foi de novo encarcerado. A sentença que, á força d'empenhos, o absolveu permittia-lhe que ensinasse o cathecismo, mas prohibia-lhe que entrasse em assumptos theologicos, em que era manifesta a sua ignorancia.

Vendo, porém, que os ares de Hispanha continuavam turvos, e que a Inquisição o trazia d'olho, deixou os discipulos e partiu para França. Estes, vendo o abandono do chefe, que fugia ás consequencias dos seus actos, renegaram-o, e voltaram a viver na sociedade donde andaram arredados durante algum tempo pelos conselhos de Ignacio [1].

Chegou a Pariz no começo de fevereiro de 1258, e hospedou-se com outros estudantes hispanhoes, no bairro latino. Mas como um d'elles lhe roubasse o dinheiro que levava, foi obrigado a retirar-se para S. Jacques-do Hospital.

Possesso da mania de prégar e catechisar, levou tres dos seus compatriotas a venderem o que tinham e a seguil-o para o hospital.

É um facto a estabelecer desde já essa especie de seducção e dominio que Ignacio exercia sobre os seus discipulos, na sua maioria mais intelligentes e illustrados do que elle!

Esta nova sociedade pareceu suspeita, e foi denunciada a Matheus Ory, prior do convento dominicano da rua de S. Jacques, inquisidor da fé e delegado pelo papa Clemente VII.

Matheus chamou e ouviu Ignacio, e mandou-o em paz.

Ao cabo de dezoito mezes d'estudos preparatorios, Ignacio conseguiu entrar no collegio de Sainte Barbe, onde fez o curso de philosophia.

O principal do collegio, — um doutor por-

---

[1] Os historiadores jesuitas, nunca se soube com que provas, affiançam que todos elles tiveram mau fim: um morreu pobre e miseravel longe da patria; outro envenenou-se; um terceiro foi enforcado como espião, e o que findou melhor fez-se frade, o que, para os jesuitas, é um triste fim.

tuguês, chamado Gouvêa—prevenido contra Ignacio, pelas informações do professor Penha, quiz expulsal-o; mas estava no destino de Ignacio ser constantemente accusado e ter sempre a habilidade de se fazer absolver.

A maioria dos seus biographos contam que n'este collegio esteve vae não vae a receber o castigo que os jesuitas, no futuro, tão liberalmente inflingiram a seus discipulos.

Eis como o facto é narrado na *Apologia da Reforma*, por Jurien. Tinha então trinta e sete annos.

«Estava na sexta classe para aprender segunda vez grammatica, e pedindo ao regente que lhe marcasse a lição, pediu-lhe tambem que lhe désse com o chicote, como aos outros estudantes, quando elle a não soubesse. Era um divertido espectaculo ver levantar a fralda da camisa a este veneravel santo, no meio d'um bando de rapazelhos, espectadores da comedia [1]».

No meio d'estas varias provas, Ignacio proseguia no seu projecto de lançar os fundamentos da Sociedade e de angariar discipulos. Tinham-lhe dado como explicadores Pedro le Fevre e Francisco Xavier, ambos do mesmo collegio e estes seus mestres dentro em pouco se converteram em seus discipulos pela seducção da sua palavra.

Pedro nascera na Saboia em 1506, Francisco Xavier, fidalgo navarro, tinha a mesma edade. Ambos eram instruidos. O primeiro d'um caracter meigo e tendendo para a devoção; o segundo ambicioso, e amigo do louvor e da gloria.

Ignacio soube tomal-os pelo seu lado fraco. Mas se a conquista de Le Fevre foi facil, a de Francisco Xavier custou mais trabalho e habilidade.

O fidalgo navarro resistia, e não poucas vezes zombava dos discursos de Ignacio, e francamente o repellia. Mas então, como hoje, presa que o jesuita marque, ha-de fatalmente cair-lhe nas mãos.

Um dia em que Ignacio se achava em casa de Francisco Xavier, este propoz-lhe jogar uma partida de bilhar. Loyola recusou; mas instado acceitou, com a condição, de que dos jogadores, o que perdesse a partida seria condemnado durante um mez a fazer o que o outro lhe mandasse.

Ignacio ganhou,—tinha jogo encoberto,—e impoz ao parceiro ouvir, durante um mez, tudo quanto elle lhe quizesse dizer.

Acabado o tempo da paga, Francisco Xavier estava conquistado [1] e Ignacio tratou logo, da admissão de Jacques Laynez e Salmeron, que se vieram offerecer.

O primeiro, pobre, sem protecções, ambicioso, de caracter tenaz e despotico, mas velhaco soube adivinhar o futuro do Instituto de que se ia fazer membro, e de que foi o segundo geral [2]. Salmeron, que apenas contava dezoito annos, deixou-se arrastar por Jacques que tinha sobre elle um grande ascendente. Simão Rodrigues e Nicolau Affonso, chamado Bobadilha, da aldeia do seu nascimento, completaram o numero dos seus seis primeiros discipulos.

Rodrigues, que depois encontraremos, que na sua qualidade de português, natural das proximidades de Vizeu, estabeleceu a Companhia em Portugal, era um enthusiasta sombrio; Bobadilha um verdadeiro soldado religioso, manejando tanto a penna ou servindo-se da palavra, como da espada ou do punhal. Bem depressa o veremos á frente d'um exercito animar ao morticinio n'uma guerra de religião.

Urgia que um laço indestructivel apertasse e mantivesse a sociedade. Embora dedicados á sua pessoa, e ás idéas que lhes soubera incutir, Ignacio, inferior a qualquer d'elles pela sciencia adquirida, mas superior a todos pelo conhecimento do coração humano, percebeu que lhe convinha tel-os ligados por um laço a Deus, a quem Elle se saberia substituir.

Foi, pois, a Deus que elle os consagrou,

---

[1] Ribadeneira nega o facto, e diz que o principal, pelo contrario, se lançava aos pés de Ignacio, quando elle, não sabendo a lição, pedia que lhe dessem com chicote.

[1] Deixemos esta anecdota á conta do Padre Bouhours, entre outros, com a qual só provam que a conquista da India ao christianismo esteve dependente d'uma carambola ou d'uma nega!!

[2] Em seu logar contaremos por que serie d'artificios e de habilidade elle o conseguiu.

como já vimos na introducção, a 15 d'agosto de 1534.

Depois de se terem reunido n'uma capella subterranea da egreja de Montmarte, todos commungaram das mãos de Le Fevre, o unico que ainda então era sacerdote de missa, subiram depois ao cimo da montanha, d'onde os vimos descer á conquista do mundo, no meio do desencadear horrivel da tempestade, como se a natureza quizesse desde logo symbolizar a desordem e a perturbação que iam levar á humanidade.

Para seguirem seu mestre, Salmeron, Xavier e Laynez, tinham negocios a tratar em Hispanha. Encarregou-se elle d'isso, e deixou Paris nos primeiros dias de 1535, depois d'uma demora de quasi sete annos, marcando-lhes uma reunião para o mez de janeiro de 1537, em Veneza.

Até aqui temos mostrado Loyola preparando-se para a sua missão, d'aqui em deante vêl-o-hemos a braços com os actos de essa missão. O espaço por tal fórma se vae alargar, que chegará a causar vertigens.

Para Ignacio acabou a *vigilia das armas*[1].

De volta á sua patria, reviu todo o seu passado sem emoção alguma, e escolheu para moradia o azylo dos pobres d'Azpeicia.

Ahi prégou o arrependimento, censurou a concubinagem dos padres que então era geral e declarada,—pouco mais ou menos como hoje—; «porque, dizem os historiadores, as suas *amas* usavam publicamente o penteado das mulheres casadas, e tractavam com elles como se fossem legitimas esposas».

Durante a sua ausencia, Pedro le Fevre, que governava a sociedade, ajuntou-lhe tres novos socios, Claudio Lejay, da diocese de Genebra, João Codure, da cidade de Embrun, e Pasquier-Brouet, de Bretencourt, na Picardia.

Em janeiro de 1537, Ignacio chegou a Veneza encontrou-se com elle e reuniu-se aos seus companheiros.

Foi aqui que elle conheceu o cardeal João Pedro Caraffa, arcebispo de Theate, depois papa, com o nome de Paulo IV, que, d'accordo com algumas almas devotas, havia fundado a congregação dos theatinos, e lhe propôz a entrada n'ella, o que Ignacio recusou.

Como o cardeal fosse para Roma, elle, temendo lhe o resentimento, deixou de seguir os seus companheiros que para lá se dirigiam afim de pedirem a Paulo III que abençoasse a sua partida para a Terra Santa; o que obtiveram por empenho de Pedro Ortiz, embaixador de Carlos V junto da Santa Sé, bem como a faculdade de receberem ordens das mãos de qualquer bispo.

Em virtude d'esta faculdade o bispo d'Arbe deu-lhes ordens de presbytero, em Veneza, em dia de S. João.

Mas, por causa das guerras com os turcos, a passagem para a Terra Santa não se podia effectuar. A romaria ao santo sepulchro era o seu primeiro voto; os acontecimentos absolviam-o d'elles.

O anno de 1538 foi empregado em pregações em Vicence, Montsalice, Trevise, Bassano e Verona.

Por certo que a fé dos seus discipulos não estava abalada; tinha-os, sob a sua mão potente, submissos e dedicados; mas era necessario deslumbrar os olhos e o espirito da multidão. Para responder victoriosamente ás suspeitas ciumentas de que era alvo, tornava-se necessario um milagre; e o milagre fez-se.

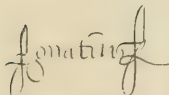
Tomou, com Laynez e Le Fevre o caminho de Roma. A duas leguas da cidade, em Storta, entrou n'uma capella onde, começando a orar, caiu em extase, e em visão,

[1] Passamos rapidamente sobre a vida de Ignacio em Paris. O leitor pouco se importaria com a discussão de se elle levou ou não chicote, se aprendeu muito ou pouco.

Quanto a este ultimo facto, o que parece certo é que a bagagem scientifica que trouxe da Universidade não o sobrecarregava demasiadamente. Ha quem o accuse não só de não ter aprendido, como de pretender evitar que outros o fizessem. Para elle o fazer os *Exercicios*, valia mais que estudar.

Maffei e Ribadeneira affiançam que Ignacio e os seus primeiros discipulos foram homens notaveis pelo saber; comtudo Pasquier, no seu *Cathecismo dos Jesuitas*, affirma que nunca chegaram a doutorar-se em theologia. Le Fevre e Francisco Xavier bacharelaram-se em 1529; Ignacio, em 1532; Affonso Salmeron, em 1535, e Laynez e Bobadilha, graduaram-se em Hispanha, e nunca o foram pela universidade de Paris.

A Congregação da Graça da Santa Virgem

[illegible] meio d'uma luz resplandecente viu apparecer Deus Pae, e Jesu-Christo, trazendo a cruz nos braços. O Padre Eterno apresentou Ignacio e seus discipulos a seu divino Filho, e os collocou sob a sua mão protectora e omnipotente, e, designando-lhe o fundador, disse-lhe: «Quero que elle seja teu servo.» Jesu-Christo acolheu a nascente Companhia com expressão de ineffavel amor, e disse-lhe:

«Eu vos serei favoravel em Roma». Depois voltando os seus olhos, dos quaes saia um raio de luz de infinita doçura, para Ignacio de Loyola, que encheu sua alma de inexprimivel consolação, dirigiu-lhe estas palavras: «Quero que me sirvas». E n'este momento Santo Ignacio se viu associado, pelo Padre Eterno, a Nosso Senhor Jesu-Christo... e pouco lhe faltou para morrer de felicidade.»

Esta sociedade de Ignacio com Jesus era por elle formulada, referindo-se a ella, com estas palavras: *Cuando el Padre Eterno me puso con su hijo!*

Em outubro de 1537 Ignacio, Le Févre e Laynez entraram em Roma.

Alguns instantes ainda, ainda algumas novas provações, e o pensamento de Loyola vae triumphar. O sonho das suas noites e dos seus dias vae, finalmente, tomar fórma e corpo.

Fac-simile de Loyola

# III

## As cortezãs romanas

EIS-NOS em Roma, a capital do mundo christão, o sanctuario escolhido pelo chefe dos jesuitas; e é sobre a pequena praça de Pasquino, que se passa a extranha scena que vamos tentar descrever.

O sol formoso da Italia já dardeja a sua luz dourada e quente sobre as sete colinas da cidade eterna, e, embora estejamos nas primeiras horas do dia, já uma enorme multidão corre e se precipita em massa para a *Piazza d'il Pasquino*[1]. O turbulento povo desde a vespera que ria a bom rir, por uma graça de Marforio, o alegre compadre de Pasquino.

Este ultimo, tendo perguntado ao *signor Marforio* que opinião tinha ácerca d'um tal *tedesco*, chamado Martinho Luthero, o sr. Marforio tinha respondido «que era um velhaco mais fino que seu patrono, visto que o bom S. Martinho não tinha dado senão a metade do seu manto ao diabo; emquanto Martinho Luthero queria roubar tudo a Deus, na pessoa do papa.»

Por sua vez, Marforio tinha perguntado ao seu magnifico compadre «o que pensava elle de certos *homens negros*, havia pouco, chegados com os gafanhotos[2], para acabarem de devorar o que ainda restava de verdura no grande prado da Egreja romana.

Roma inteira esperava a resposta de Pasquino sobre os taes *homens negros*, em que toda a gente logo vira os jesuitas. Esta impaciencia ia finalmente ser satisfeita.

O magnifico Pasquino, por uma bella manhã, respondeu assim a seu nobre compadre:

— Sr. Marforio, a um perguntador tão malicioso, um pobre alfaiate, como eu, não poderia nunca dar resposta conveniente. Portanto fui pedir, para isso, o auxilio d'uma santa. É ella quem fala:

«Elevar-se-ha uma ordem de homens que engordará com os peccados dos povos; serão mendicantes, vagabundos, sem pudor, maus, o que os fará amaldiçoar da gente sensata e dos fieis. O diabo enraizará na alma d'esta gente quatro vicios principaes, a saber:

a **adulação**, de que se servirão para obterem o que pedirem;

a **inveja**, que lhes morderá o coração quando virem outros favorecidos;

a **hypocrisia**, pela qual saberão agradar e insinuar-se;

a **calumnia**, que fará com que attribuam tudo que é mau aos outros, emquanto que a si proprios attribuirão todo o bem... com o fim de vã-gloria, e para

[1] *Pasquino* era uma bella estatua onde os criticos e satyricos da epocha afixavam cartazes com varias perguntas ácerca dos casos do dia, e cujas respostas appareciam pregadas n'uma outra estatua de *Marforio* ou vice-versa.

[2] Contam os historiadores contrarios da Companhia de Jesus que, pouco depois da bulla de instituição concedida aos bons padres, muitas terras foram infestadas por nuvens de gafanhotos, flagello que precedia o da Companhia, e que annunciava as desgraças que causaria a nascente Sociedade. Os jesuitas, por seu lado, dizem que os gafanhotos sairam, no seculo XVII, da cabeça do jansenista Quesnel

seduzirem os simples erigir-se-hão em doutores e prégarão aos principes da Egreja... Familiares com as mulheres, elles lhes ensinarão a enganar, com a maxima meiguice, maridos e amantes, e a tirarem d'estes tudo quanto possa para lhes darem a elles... Recrutarão os seus adeptos entre os negociantes fallidos, entre os ladrões, os debochados e os principes inimigos de Deus... Mas um dia ha de vir em que o povo abrirá os olhos, e então ver-se-ha esses homens vaguearem ao redor das habitações como cães damnados, encolhendo o pescoço como abutres esfaimados, emquanto o povo os perseguirá com grandes e clamorosas vozes, dizendo: «Desgraça sobre vós outros, filhos da desolação!...»

— Isto, sr. Marforio, continuava Pasquino, dirigindo-se sempre ao seu compadre, é o extracto d'uma prophecia de Santa Hildegarda, abbadessa do mosteiro do Monte de S. Ruperto, no seculo XII. Mas temendo que imagines que tal monja era algo tonta, visto que nunca foi regularmente canonizada, fui ter com um sabio doutor, meu amigo, que morre de fome, o qual me traduziu estes versiculos do terceiro capitulo da epistola de S. Paulo a Timotheo. Não sei se ahi achareis uma resposta ao que me perguntaes sobre os vossos *homens negros;* em todo o caso, eis o que diz o Apostolo das nações:

«1.º Hade haver homens amorosos de si, avaros, soberbos, mendicantes, desobedientes a seus paes e mães, ingratos, impios;

«2.º Desnaturados, sem fé e sem palavra, calumniadores, intemperantes, deshumanos, sem affeição pela gente de bem;

«3.º Traidores, insolentes, cheios d'orgulho... que terão apparencias de piedosos...

«4.º D'este numero são aquelles que se introduzem nas casas, e que arrastam apoz de si, *como captivas,* mulheres carregadas de peccados...

«5.º São estes corrompidos no espirito e pervertidos na fé...

«Fugi de taes perversos!...»

— Assim pensa tambem Pasquino.—

— Bravo, Pasquino, clamou a multidão; bravissimo, Pasquino! Viva!!

E uma tempestade de gargalhadas e de applausos retumbou por toda a praça e foi accordar o écho adormecido do Capitolio.

Um gigantesco transteverino, em cuja larga cara tostada pelo sol se expandia uma alegria homerica, aproveitando um momento de silencio, extendeu um dos seus robustos braços para a estatua dizendo:

— Illustrissimos senhores, a minha opinião é esta: o que está escripto é um retrato copiado do natural; mas *per Bacco!* eis os modelos que vém vêr se elle está parecido!...

E apontava para uma das entradas da praça.

As vistas seguiram a direcção indicada pela mão do transteverino, e viram avançar uma singular procissão, em frente da qual a multidão se ia abrindo por si propria, reprimindo a pouco e pouco as gargalhadas, e formando como que uma avenida ladeada por duas muralhas humanas, que conduzia directamente á estatua de Pasquino.

Abria a procissão um grupo de formosas creanças, vestidas de branco, balouçando thuribulos em que ardia incenso; ou tirando de açafates punhados de folhas de rosas frescas, que atiravam para o ar. Logo após seguiam tres grandes pendões levados por homens moços e robustos.

No primeiro, viam-se ricamente bordadas com rubis as lettras **J. H. S.**, monogramma já famoso, e que servia e servirá de timbre á Companhia de Jesus [1]. No segundo estava bordada a imagem da Virgem com o Menino nos braços e esta letra em volta: *Communidade da Graça da Santa Virgem.* O terceiro offerecia a figura seductora d'uma bella rapariga, que tres anjos se apressavam em coroar, lendo-se no centro de cada uma das corôas as palavras: *Virgindade, Doutrina, Martyrio.* Diversas allegorias cercavam a figura e exprimiam o symbolo: eram, primeiro uma phenix, sob que se lia esta divisa: *Elle não é o unico!* depois um crescente de prata com esta simples palavra latina: *Crescet* (crescerá); por fim um sol de oiro, debaixo do qual estava bordada a seguinte inscripção: *Brilhará sobre o universo* [2].

---

[1] Já o reproduzimos a pag. 1 e significa *Jesus, Dominum Salvator.*

[2] Sobre a descripção d'esta bandeira leia-se um li

Depois das bandeiras, e cercado d'um grupo de homens de sotaina, barrete quadrado dos professos da Companhia, caminhava um padre de modos simultaneamente humildes e triumphantes, simples e solennes.

Era o primeiro geral da Ordem dos Jesuitas, finalmente constituida. Era Ignacio de Loyola.

Na cauda vinha uma longa fila de mulheres, quasi todas moças e notavelmente formosas, e na sua maioria ricamente vestidas, embora no traje se notasse um quer que fosse de desarranjo ou de vistoso.

Os olhares curiosos da multidão pareciam incommodar umas, assustar outras, e em mais de um rosto deslisavam silenciosas lagrimas.

A multidão, á maneira que aquellas mulheres iam passando e as reconhecia, ia-as saudando com os seus nomes, ajuntando em voz baixa, qual o cardial ou principe da Egreja romana de quem fôra a amante.

A procissão terminava por compactas fileiras dos adeptos da Companhia, em trajos de noviços.

Comtudo os pendões, chegados em frente da estatua, tinham sido obrigados a pararem.

Alli, uma massa enorme, impenetravel, formando semi-circulo, barrava o caminho ao prestito.

A caminho de Salamanca

Um homem desligou-se do grupo dos padres e veiu saber o que havia. Quando entrou no semi-circulo, aberto na presença da estatua de Pasquino, achou-se face a face com o vigoroso transteverino, no qual a multidão tacitamente tinha delegado o encargo de dar ao geral dos jesuitas a explicação que elle lhe foi pedir.

— Illustrissimo padre, disse o transteverino ao jesuita admirado, antes de deixar esta praça não desejaria tomar conhecimento d'uma pequenina mensagem do nosso ma-

---

vro que tem por titulo: *Admiravel conformidade da Sociedade de Jesus com a Egreja.*

gmatico Pasquino, que é dirigida a V. Rev.ma Veja, diz elle apresentando-lhe a satyra, leia, se lhe apraz, e verá...

Loyola, tendo lançado um olhar rapido com o qual, ao mesmo tempo, viu o papel e interrogou a physionomia da multidão, interrompeu o transteverino, que ficara deante d'elle com um ar d'abandono e zombaria.

— Antonio, respondeu Ignacio, olha tu tambem para alli, — e designava as filas da procissão feminina, — não verás por lá uma pobre creatura, a quem a tua falta de cuidado, quem sabe senão tambem a tua cubiça, entregaram á prostituição, e que os meus conselhos, as minhas orações, a minha mão, que Jesus e a Virgem se dignaram abençoar, acaba, emfim, de tirar do abysmo?... Anda, vê... procura!

A' medida que o jesuita pronunciava estas palavras, com voz vibrante, e nas quaes habilmente deixava transparecer a emoção do homem sob a censura do moralista, o transteverino ia perdendo a presença d'espirito. De zombeteiro que tinha sido passou a estar inquieto, e depois ficou sombrio e ameaçador. Deixando de impedir o caminho a Loyola, Antonio deu alguns passos e mergulhou o olhar, de luz sinistra, nas fileiras da procissão feminina.

Aqui, ouve-se um grito abafado, e uma das cortezãs desmaia nos braços das companheiras.

Ignacio, desembaraçado do transteverino, e julgando poder aproveitar a diversão que astuciosamente tinha provocado, deu signal á procissão que continuasse; mas a multidão, que farejava a pista d'um drama popular, recusou deixal-a avançar, e apertou ainda mais o circulo formado ao redor de Antonio, da rapariga desmaiada e das mulheres que a continham e procuravam reanimar.

Este grupo, assim cercado, formava um ponto central para ónde convergiam muitas dezenas de mil olhares ardentes e curiosos.

Entretanto, Antonio, pescador da margem esquerda do Tibre, conhecidissimo em Roma pela sua força e valentia, pallido, com os dentes cerrados, ficára immovel deante da rapariga desmaiada; uma formosa mulher romana, em todo o vigor e expansão da mocidade, cujas fórmas, de modelação pura e sensual, se deixavam adivinhar sob um flexivel vestido de setim branco bordado de rosas.

A rapariga abriu os olhos, da côr e do brilho d'uma saphyra humedecida pelo orvalho, e ouviu cem vozes murmurar á sua roda: «E' Honorina, a bella transteverina!...»

Honorina era filha de Antonio, o pescador. Até á edade de dezeseis annos fôra a alegria e o orgulho de seu pae. Em vão os patricios de Roma a perseguiam com as suas seductoras offertas, que ella repellia com o riso franco, ou por um estribilho cantante, saido dos seus dentes de perola que abriam n'uma graça encantadora.

Uma noite, a bella transteverina saiu de casa e nunca mais voltou.

Antonio, que lhe seria mais facil duvidar do poder dos santos, que da virtude da filha, julgou-a morta; e com a força dos seus braços impoz silencio, por mais d'uma vez, aos que se atreviam a insinuar um rapto ou uma fuga, em companhia d'um mancebo estrangeiro e rico.

Um dos visinhos, que não se quiz convencer da morte de Honorina, teve que bater-se com elle a punhal, e o seu cadaver impoz silencio a todos...

E, comtudo, se elle pudéra fazer emmudecer as boccas que insultavam sua filha, nunca pudera apagar as suspeitas do seu coração de pae! E eis que a torna a vêr, confundida na multidão das mulheres cujo arrependimento presente era uma revelação das faltas passadas.

Honorina, Honorina!... E pronunciando tambem elle estas palavras com voz extranha, que fez estremecer a filha, Antonio levou lentamente a mão á faca, fiel companheira do transteverino.

— Pae! pae! murmurou esta com voz estrangulada, e ajoelhando-se deante do pescador.

Um grande silencio reinou na multidão emocionada, e na amplidão da praça resoaram, como um clamor de maldicção, as palavras sacudidas do pescador, que continuava a gritar com esse extranho assento que a loucura dá ás palavras:

— «Honorina! Honorina!

Repentinamente viu-se, sobre a cabeça de Honorina, brilhar a lamina d'uma faca, mas logo entre esta e o peito da victima, que se offerecia resignada, interpoz-se a mão d'um homem que desarmou o pescador.

Este homem, que com o braço esquerdo sustinha o corpo flexivel de Honorina, emquanto a mão direita desembainhava a espada, era um barão allemão que habitava Roma havia annos, que se filiára na Companhia de Jesus, e despira depois a lugubre roupeta do jesuita, para trajar os brilhantes vestuarios de fidalgo rico.

Uma scentelha de vingança e odio illuminou a loucura do transteverino, e sem outra arma mais do que os seus robustos braços, avançou para o allemão. Este oppoz-lhe ao peito a ponta da espada, gritando-lhe que não avançasse.

Mas Antonio, com a vista animada por uma alegria selvagem, avança, embora a espada já lhe rasgue a pelle do peito e vá penetrando na carne. Avança, avança sem se deter, até que as suas fortes mãos se podem lançar ao pescoço do fidalgo e apertal-o como se fosse n'um torno.

De repente os dedos abrem-se-lhe: levanta os braços, agita-os com ar d'insensato, solta um grito terrivel repetindo o nome da filha, e cahe para traz, redondamente no chão, levando cravada no peito a espada do seu assassino!

Tudo isto se passou com a rapidez d'um relampago.

Vendo cahir o transteverino, a turba rugiu um d'esses clamores surdos que são prenuncios de morte. Mas o homem que dirige a procissão, vendo emfim a passagem livre, deu signal para que ella se puzesse em marcha entoando o hymno *Veni Creator Spiritus!* logo repetido pelos que o seguiam tanto homens como mulheres.

A propria multidão, depois de ter hesitado um momento, uniu a sua voz ás dos que cantavam o hymno invocatorio.

N'este momento um official da justiça papalina avançou para o assassino, que ficára immovel em presença da sua victima ensanguentada, e batendo-lhe nas costas, disse-lhe que estava preso.

—E eu reclamo esse homem como pertencendo á Ordem de que sou o geral, respondeu Ignacio, intervindo por sua vez.

—Mas não abandonou elle a Companhia, meu padre?

—Abandonou, mas a Companhia é que o não abandonou a elle! Respondo por este homem perante o supremo pontifice. Ide!...

O official de policia inclinou-se, em signal de acquiescencia, e retirou-se.

Comtudo, como na attitude da multidão se sentisse o quer que fosse de ameaçador, o geral dos jesuitas fez um signal ao homem que levava o pendão da Virgem, para o entregar ao assassino, que assim ficou protegido pela sombra santa da Mãe de Deus!

A procissão saiu da praça de *Pasquino*, na qual não ficou, dentro em pouco, senão o cadaver de Antonio, e aos seus lados uma pobre louca e um velho ecclesiastico, o padre Postel.

Bem depressa diremos que singular papel este padre representou no drama do jesuitismo nascente.

Antes, porém, devemos contar como Ignacio de Loyola conseguiu obter da Santa-Sé a consagração solenne da Companhia de Jesus.

# IV

## Trabalhos preparatorios

Eil-os emfim em Roma, na capital do mundo catholico, d'onde nunca mais sairão, e d'onde farão irradiar os fios da teia em que vão envolver a terra toda.

Alli, como alguem já disse, estará nas mãos do geral o punho da espada, cujo gume ferirá em toda a parte e ao mesmo tempo.

O primeiro cuidado de Ignacio e seus companheiros foi de se dirigirem ao Vaticano, afim de solicitaram a benção apostolica; mas como o papa se achava ausente, o cardeal Carafa, arcebispo de Théate, vigario do soberano pontifice, não lhes pôde conceder senão a auctorisação de continuarem a pregar.

Os futuros jesuitas dividem-se logo pelas egrejas de Roma. Por toda a parte os encontram, e a sua actividade não tem descanso nem limites. Não tardaram, pois, em excitar o ciume dos outros cleros, e chegaram a ser obrigados a repellir a accusação de herejes.

Quatro hispanhoes comprometteram-se a apresentar as provas de como Ignacio tinha sido, como hereje e feiticeiro, queimado em effigie em Alcalá, Paris e Veneza. O processo subiu ao juizo de Benedicto Conversini, bispo de Bertinoro e governador de Roma que deu sentença d'absolvição.

Apezar d'isso, Ignacio tinha perdido a sua influencia no espirito do povo.

Uma calamidade publica, de que soube tirar partido, lh'a reconquistou.

O rigoroso inverno de 1539 causou em Roma uma terrivel fome. Os pobres expiravam de frio e de fome nas ruas; Ignacio e os seus companheiros davam-lhes por asylo a casa que um devoto tinha aberto á sua propria miseria; solicitavam a compaixão dos ricos, e livraram quatro mil desgraçados das garras da morte.

Ainda hoje, como então, os jesuitas sabem especular com tudo, até com a caridade. Se fosse esta a sua unica especulação... Abençoada seria!

O cardeal Carafa, que sinceramente desejava a reforma da Egreja, e a morigeração clerical, como unico meio de combater a onda crescente da Reforma, propoz a Ignacio, como já dissemos, de o encorporar na ordem dos theatinos, que era então a mais honorifica e a mais influente de toda a Egreja.

Ignacio recusou.

Trazia em mente um projecto que devia collocal-o acima de todos, não estava, pois resolvido a ser subalterno n'uma companhia que tencionava supplantar.

Esta recusa foi mal vista, e é facil de imaginar que consequencias d'ella souberam tirar os inimigos de toda a especie, que Ignacio e seus companheiros tinham concitado contra si.

Além d'isso tanto os frades augustinianos como os de S. Domingos intrigavam por todos os modos e maneiras, alliando no combate as mais notaveis influencias, para afas-

Antonio, o transteverino, assassinado por um noviço da Companhia

tarem estes peregrinos intrusos para mui longe da mesa, já para elles servida com menos fartura, mercê dos effeitos da Reforma, e na qual, até então, tinham tido os melhores logares.

Mas o fundador da companhia era um d'esses homens que têem de ser comparados ás torrentes impetuosas; os obstaculos pódem detel-os por algum tempo, mas para os tornarem depois mais poderosos, mais terriveis. Além d'isso sendo lucta o elemento natural d'Ignacio; acceitou com alegria aquella que lhe era offerecida. O que o papa e os cardeaes lhe não queriam conceder como favor, como já veremos, elle saberá impôr-lhes como necessidade; o logar que as ordens rivaes recusam á sua ordem nascente, elle o tomará á força; e por felizes aquellas se devem dar, se talvez em breve trecho, elle se dignar conceder-lhes que apanhem as migalhas do grande banquete ao qual, n'aquelle momento, o não querem admittir.

Felizes todos, monges, frades, bispos, cardeaes e papa, se um dia poderem acolher-se humildes e trementes á sombra da bandeira, que n'este momento impedem que se desfralde sobre o horizonte do mundo catholico!... Mas desgraçado de quem quer que seja, religioso ou leigo, que ouse atacar de frente e a descoberto os companheiros de Jesus! Esse então será preciso que cáia, e cairá; esse então será banido como Miguel Navarro, ou morrerá subitamente como Barreira; apodrecerá n'uma prisão como Mudarra, ou será queimado vivo como Castilha e Agostinho do Piemonte.

Quaes foram os crimes d'estes homens?

Tinham criticado as obras de Ignacio e rido dos seus pretendidos milagres!!

Ignacio reuniu os seus companheiros e disse-lhes: «O ceu fechou-nos a porta da Palestina [1] para nos abrir a do universo. O nosso pequenino numero não bastava para tal obra, elle o augmentou, e tanto, que já formamos um batalhão, e ainda o augmentará mais. Mas os membros não se fortificam n'um corpo emquanto não estão ligados entre si pelo mesmo laço. E' preciso fazer leis que rejam a familia reunida á voz de Deus, e que não só dêem vida á sociedade que vamos estabelecer, mas que lhe assegurem uma eterna duração. Rezemos juntos e separadamente para que a divina vontade se manifeste.»

Entretanto o papa vae-se demorando em Nice, assistindo á entrevista de Carlos V e Francisco I; mas Ignacio e os seus companheiros é que não pódem estar inactivos, e directa ou indirectamente os seus nomes apparecem na historia ligados a acontecimentos, alguns bem singulares e extraordinarios.

Entre muitos escolheremos dois exemplos.

Por aquella epocha, um padre de Sienna, especie de Rabelais da Italia, ou o *Floridor* e *Borromeu* dos nossos dias, dividia o seu tempo entre a egreja e o theatro. De manhã, dizia missa, e á noite representava as comedias que elle proprio compunha, e na sua maior parte escriptas no genero que os italianos chamam *comedia d'arte*. Uma noite em que os espectadores se preparavam para rirem a bandeiras despregadas das chalaças do improvisador, viram-o apparecer vestido de penitente, corda ao pescoço e derramando abundantes e amargas lagrimas. Faz uma confissão publica, pede perdão ao povo do escandalo que tinha dado, e acaba por declarar que era aos padres da Companhia de Jesus que devia a sua conversão. Não sabemos se o publico achou esta comedia imprevista tão boa como a que esperava ver improvisar. O que não podemos negar é a sciencia da *mise-en-scène*, por parte dos jesuitas.

Mas no que mais se empenhava a attenção de Ignacio, era em organisar e dar o maximo desenvolvimento possivel á *Congregação da Graça da Santa Virgem*, origem de todas essas associações femininas, que sob a protecção de Maria, e compostas de mulheres de todas as classes e situações, teem vindo até nós, perturbando não só a vida intima da familia como a marcha progressiva da sociedade.

Esta congregação foi instituida n'um elegante mosteiro, edificado com o dinheiro das damas romanas, que Ignacio soubera fazer in-

---

[1] Não fechou tal, elles é que não quizeram esperar que se abrisse.

teressar se pela sua obra piedosa. Os membros d'esta nova instituicão não faziam voto de especie alguma, não estavam adstrictos a nenhuma regra, saiam e entravam á vontade no mosteiro de Santa Martha, que melhor se deveria chamar: de Magdalena a *arrependida*.

Sómente, de tempos a tempos, Ignacio percorria as ruas da cidade eterna, á frente do singular regimento, de que se tinha constituido coronel, e que conduzia cantando hymnos, quer para visitar alguma egreja e fazer estação, quer para ir a casa d'essas piedosas protectoras que, á maneira da mulher de João da Vega embaixador de Carlos V, se encarregavam de catechisar as formosas peccadoras.

Foi uma d'essas procissões que tentámos descrever no capitulo anterior e na qual se passou o drama que deixou na praça de Pasquino o cadaver de Antonio, louca a pobre Honorina sua filha e junto d'elles um homem vestido de padre.

Este homem, alto magro, ossudo, com a fronte cortada de rugas e cercada de cabellos brancos tinha apenas quarenta annos, embora parecesse vergar ao peso dos sessenta.

Chamava-se Guilherme Postel e era tido como um dos clerigos mais instruidos da sua epocha, d'um espirito vivo, assimilavel e ao mesmo tempo atrevido e audacioso. Nascido n'uma aldeia da Normandia, chegára, unicamente levado pelo proprio merecimento, a ser nomeado professor da universidade de Paris. Francisco I e sua irmã, a rainha de Navarra, tinham-o em grande estima. Ignacio desejou chamar a si este homem. Guilherme Postel fez-se seu discipulo e veiu ter com elle a Roma.

Depois, um dia, a capital do mundo christão ouviu falar d'uma nova religião, ou pelo menos d'uma nova fórma da religião de Christo, que se destinava unicamente ás mulheres e lhes annunciava um Messias do seu sexo, de quem o padre Postel se fazia o percursor.

Misturando uma algaravia mystica, cheia de ancias apaixonadas e de santos ardores, ás idéas de emancipação e de liberdade, muito approximadas das que no seculo passado expozeram os sansimonianos a respeito da mulher, o padre Postel bem depressa se viu seguido por uma multidão de proselytas. O S. João Baptista das mulheres prégava que Jesu-Christo só tinha tido em vista a salvação dos homens, mas que bem depressa appareceria uma redemptora feminina.

Esta redemptora era esperada com impaciencia.

O papa, occupado com Luthero, com o Concilio, com a discordia entre Carlos V e Francisco I e mil outros embaraços, tinha coisas mais serias em que pensar do que em a nova crença, embora ella ameaçasse tomar-lhe metade do seu throno pontificio.

Devemos dizer que o padre Postel prégava a vinda do Messias feminino não no deserto, mas n'um velho templo de Vesta, contiguo á egreja de S. Theodoro, e situado no local do antigo forum romano.

Foi para alli que elle conduziu Honorina louca, mas d'uma loucura branda e tranquilla.

Afastando-se do cadaver de seu pae, a pobre creança foi beijal-o na face já fria, dizendo-lhe:

— Até breve, pae!... Depois seguiu sem resistencia o padre Postel que a conduziu. E sómente á noite os amigos do pescador vieram, emfim, buscar o cadaver que levaram a enterrar.

Entretanto o padre Postel introduzia Honorina no templo de Vesta. Este monumento não era mais do que uma ruinaria, de que tinham desobstruido o interior, e n'aquella hora, uma turba enorme de mulheres de todas classes e edades, se achava alli reunida no meio da escuridão, visto que a claridade não entrava lá dentro; salvo n'uma das extremidades do vasto recinto redondo, onde se apercebia uma especie de nicho, cavado na espessura da parede, do qual saia uma luz deslumbrante, mitigada por uma grande cortina de setim, ricamente bordada. Era, diziam, n'esse nicho que as vestaes conservavam o fogo sagrado, o qual, se se extinguia, custava a vida da desgraçada que a seu lado adormecêra. Para este ponto luminoso, pois, todos os olhares se dirigiam.

O padre Postel, depois de ter recebido os cumprimentos silenciosos da assembléa, que parecia começar a estar impaciente, subiu a um pedestal sem columna e pronunciou um discurso em estylo mystico, que pareceu agitar com violencia o seu nervoso auditorio.

— Minhas irmãs, disse elle terminando, a mulher annunciada que deve salvar as mulheres vae-se revelar emfim. De joelhos, irmãs crentes!... de joelhos! Eil-a!

N'este momento uma musica solenne se fez ouvir como se viesse de muito longe: o fumo do incenso, de cheiro penetrante, subiu até ás obscuras abobadas, e o grande véo de setim, corrido na frente do nicho, caiu de repente, deixando vêr uma mulher vestida á antiga com uma longa tunica branca.

Assemelhava-se ella a essas vigorosas virgens do Ticiano. O seu magnifico busto sustentava uma cabeça expressiva, ornada de longos e bellos cabellos negros, apenas torcidos e caindo sobre os alvos e cheios hombros. Parecia ter quando muito, trinta annos; tinha os braços nus, os pés conchegados n'umas sandalias, e n'uma das mãos um lyrio com que saudou a multidão, e depois falou. A sua voz forte, mas harmoniosa e vibrante, fez estremecer todas aquellas enthusiastas que a escutavam. Annunciava-lhes uma nova era para a mulher, uma era de libertamento e de felicidade...

O auditorio admirado, persuadido, arrebatado aos ultimos limites da exaltação, é repentinamente perturbado pela entrada tumultuosa d'um bando de esbirros que invadem o templo, fazem brutalmente descer do nicho a redemptora que prendem, bem como ao padre Postel e a algumas das mais enthusiastas d'entre as proselytas. Era um mandado do tribunal da inquisição que se executava.

Todos esperavam que Ignacio de Loyola reclamasse o seu filiado, o padre Postel, como reclamára e protegêra o assassino de Antonio; mas Postel era pobre de bens de fortuna e, pelo menos apparentemente, foi expulso da ordem. Dizemos apparentemente, porque Pasquier assegura ter visto Postel em Paris, alguns annos depois d'estes acontecimentos, na casa professa dos jesuitas, onde morreu centenario. Quanto á redemptora das mulheres, que era uma freira veneziana chamada D. Joanna, nunca mais se ouviu falar n'ella.

Honorina morreu louca no mosteiro de Santa Martha; emquanto o seu seductor, o amigo de Ignacio, viveu honrado á sombra protectora da bandeira, que Loyola conseguira, por fim, ver abençoada pelo papa.

Ignacio, cuja actividade não descança e que tão habilmente serpêa por entre estes pequenos escandalos, como atravez dos grandes obstaculos, continua em successivas reuniões a discutir com os seus amigos as futuras constituições da ordem, e com bons argumentos soube convencel-os que nada obteriam do papado por simples promessas, e que era precizo apresentar ideias praticas; expostas com clareza, e de molde a fazerem conhecer o espirito, as tendencias, as regras, o fim e as vantagens da sociedade que queriam fundar.

Redigido que foi o plano das futuras constituições da ordem nas suas linhas geraes, Ignacio achou um protector efficaz no cardeal Contarini, que se encarregou de fazer chegar o precioso memorial ao papa Paulo III.

Este leu, meditou, e, ou não comprehendeu desde logo a importancia da nova milicia, ou comprehendeu de mais, e hesitou em conceder a bulla de instituição, sem a qual a companhia, em vez de ser considerada uma tropa regular, ficaria reduzida a uma simples guerrilha, muito sujeitavel ao poder da Inquisição. Mas, instado por mil influencias, nomeou tres cardeaes a quem deu por missão estudarem o assumpto. Estes pronunciaram-se clara e terminantemente contra a fundação de uma nova ordem religiosa; as antigas já eram por demais numerosas, como disse sem rodeios um dos tres delegados, o cardeal Guidiccioni, homem d'um grande merito e d'um vasto saber [1].

---

[1] Esta opinião não era especiosa e unicamente destinada a combater a nova instituição. Uma commissão de cardeaes nomeada pelo papa, para fazer um relatorio dos males de que enfermava o catholicismo e um plano de reformas da Egreja romana tinha escripto entre outras coisas o seguinte: — «Um outro abuso

É esta a versão verdadeira que se apura do estudo dos documentos contemporaneos. Comprehende-se que não seja a dos jesuitas, por isso mesmo que é a verdadeira. Dizem elles que: mal o papa leu as *Constituições*, immediatamente exclamara: «*Está aqui o dedo de Deus!*» Seja qual fôr a authenticidade d'este aproposito, que parece ter sido inventado como uma revelação do Espirito Santo, a questão estava lançada em bom caminho, e Santo Ignacio tratou de pedir a confirmação d'uma approvação tão enthusiasta por um acto authentico: mas fizeram-a esperar, segundo os habitos lentos e de prudencia da côrte romana. Durante todas estas negociacões, os futuros jesuitas não descançaram em recrutar adhesões e formarem congregações e noviciados. Tinham já a abso-

Ignacio de Loyola prega contra as «amas» dos padres

a corrigir é o das ordens religiosas, porque estão por tal forma corrompidas que são um verdadeiro escandalo para os seculares, e um prejuizo pelo mau exemplo. Julgam que é prudente abolil-as a todas, sem comtudo fazer injuria a quem quer que seja, mas prohibindo-lhes de receberem noviços. D'esta maneira ficarão bem depressa extinctas sem prejudicar pessoa alguma, e poder-se-hão substituir por bons religiosos. Quanto ao presente, parece-nos que se deve mandar sair dos mosteiros todos os que ainda não professaram».

Lembra o decreto de 3 d'agosto de 1833.

Diziam mais os principes vermelhos:

«Outro abuso perturba o povo christão, por causa das religiosas que vivem sob a direcção dos irmãos conventuaes. Na maioria dos mosteiros de mulheres commettem-se sacrilegios publicos, com grande escandalo dos cidadãos. Que V. Santidade tire aos conventuaes toda a auctoridade sobre as religiosas, e que dê aos bispos ou a outros a direcção d'esses conventos.»

iuta confiança da Santa Sé, chegando até a serem muitas vezes encarregados dos seus negocios, e Ignacio, comquanto o não fosse por eleição, era para todos os effeitos o geral reconhecido da companhia.

Por seu mandado, Laynez e Le-Fevre acompanham Ennius Philonárdi, cardeal de Sant'Angelo, na sua legação de Parma, cidade que estava ameaçada da invasão dos sectarios, no intento de a preservar da infecção. O delegado escolheu estes dois missionarios, que trataram logo de fazer a côrte e de chamarem em seu adjutorio as mulheres d'alli mais distinctas pelo nascimento e pela belleza. Com o seu auxilio e d'alguns ecclesiasticos conseguem formar uma congregação. Por seu lado, Bobadilha fôra enviado como embaixador pacifico para pôr um termo ás discussões que fermentavam na ilha de schia, e Lejay partira para Brescia a op ér a sua dialectica aos innovadores que se eavam a palavra da liberdade do pensamento. Pasquier-Brouet e Francisco Strada, uma nova conquista de Ignacio, seguiram para Sienna, com a missão de trazer ao rego do dever certos religiosos de vida desregrada. Codure prégava em Padua, onde esteve em riscos de dar contas muito apertadas á Inquisição. Simão Rodrigues e Francisco Xavier partiram para Portugal a instancias de D. João III, indo Xavier para evangelisar a India e ficando Simão Rodrigues no continente, para instituir aqui a ordem, como a seu tempo mais detidamente contaremos.

Emfim no dia 27 de setembro de 1540, o papa Paulo III (Farnese) publica a bulla *Regimini militantis Ecclesiæ*, instituindo a **Companhia de Jesus.**

O pensamento de Ignacio de Loyola acaba de tomar corpo; o seu sonho gigantesco é emfim uma realidade, realidade terrivel, contra a qual a humanidade vae, desde já, ter que debater-se como se caísse nas garras d'um abutre immenso, insaciavel. No sopé do castello de Sant'Angelo, onde reinará sempre, na sua faustosa e santa ociosidade, o papa de Roma, viu-se elevar a Casa Professa, d'onde o *papa negro*, como é chamado o geral dos jesuitas, vae começar a revolver o mundo.

Antes de irmos mais além, convém que lancemos um olhar rapido á bulla da approvação da companhia, que pode ser considerada como o acto official do nascimento da celebre sociedade. Contém ella o compendio das *Constituições* [1] e merece ser examinada n'este sentido.

Na bulla de Paulo III, este compendio das constituições está designado sob o nome de *Plano de vida conforme aos conselhos evangelicos, e ás decisões canonicas dos Santos Padres.*

O texto pontifical reduz-se a poucas palavras, e é a supplica de Ignacio, integralmente inserida na bulla, que, realmente constitue esta. Paulo III constata, no estylo official da Curia que, «proposto para reger a Egreja militante», é ao pontifice romano que compete dispôr dos favores apostolicos. Depois lembra que um plano de vida «conforme aos conselhos evangelicos» lhe foi apresentado pelos jesuitas, cujos nomes cita e já conhecemos, e termina declarando nada haver encontrado no tal *plano* que não seja piedoso e santo, e que, portanto, o authentica com a sua assignatura.

Resumamos esse documento, extrahindo d'elle as mais essenciaes das suas disposições.

«Quem quizer, diz Loyola, pelejar por Deus, sob o estandarte da cruz e servir o unico Senhor, e o seu vigario, o pontifice romano em a nossa sociedade, que desejavamos fosse chamada a *Companhia de Jesus*, deve, depois de ter feito voto perpetuo de castidade, expôr-se a fazer parte d'uma sociedade principalmente instituida para trabalhar pelo progresso das almas na vida e na doctrina christã, e pela propagação da fé... Deve tambem praticar de maneira tal que tenha sempre á vista: primeiramente a Deus, e depois a *forma* d'este instituto.»

Segue depois esta fórma, ou *formula* de vida, que se resume em dez fundamentos:

1.º A sociedade será governada por um prelado ou geral eleito por ella, e a *quem pertence exclusivamente o direito de governar*. É elle quem prescreverá *quaes as coisas*

---

[1] Em capitulo especial trataremos mais detidamente d'este codigo de leis jesuiticas.

*que convem ao fim que Deus e a sociedade teem em vista*, decidirá do *grau proprio da vocação de cada um, bem como dos empregos, os quaes estarão todos em sua mão;* e, finalmente *terá a auctoridade de fazer as constituições, com o consentimento d'aquelles que lhe são associados, em conselho onde tudo se decidirá pela maioria de votos.*

2.º Este conselho, nas coisas importantes e que devem subsistir, será composto do maior numero de membros da sociedade que o geral podér *commodamente* reunir. Serão consultados sobre as coisas ligeiras e momentaneas, todos os que se acharem no logar onde residir o geral.

3.º Os membros da sociedade compromettem-se por um voto particular, de forma tal que qualquer coisa que o pontifice romano lhes mandar para o progresso das almas e propagação da fé, em qualquer país que seja, *embora em terra de turcos ou de outros infieis, hereticos, scismaticos ou mesmo de quaesquer fieis*, o executarão immediatamente sem tergiversação nem escusa.

4.º Os membros da sociedade prometterão de nunca solicitarem *estas missões* em differentes países; obrigar-se-hão mais a nunca fazerem a este respeito nem directa nem indirectamente qualquer pedido ao papa; o geral egualmente prometterá de não solicitar do papa destino e missão para a sua propria pessoa, salvo com o consentimento da sociedade.

5.º Todos farão voto de obedecer ao geral, em todas as coisas que se relacionarem com o Instituto.

6.º Os membros da sociedade farão voto perpetuo de castidade.

7.º Todos e cada um farão voto perpetuo de pobreza, de forma que não possam *adquirir nem em particular nem em commum quaesquer direitos civis a bens* immoveis ou quaesquer rendas ou usofructos.

8.º Comtudo, poderão, nas universidades, collegios, possuir rendas, e fundos applicaveis aos estudantes [1], os quaes, depois de prova sufficiente, poderão ser admittidos na companhia.

[1] Hoje fazem exactamente o contrario. Teem estudantes de quem auferem lucros applicaveis ás suas pessoas.

9.º Os membros da companhia, que tiverem ordens sacras, recitarão o officio divino em particular e não em commum nem no coro.

E o papa, em virtude da sua auctoridade apostolica, declara abençoar e garantir com perpetua estabilidade tudo de que acabamos de expôr os pontos principaes; tomar os associados debaixo da sua protecção especial e da Santa-Sé; permittir-lhes de fazerem de plena vontade e direito proprio as constituições que julgarem convenientes ao fim da companhia.

Ainda assim, coisa curiosa, o papa declara que não quer que as pessoas que desejem professar n'este genero de vida, e serem admittidas na sociedade, excedam o numero de sessenta [1].

A bulla ajuntava:

«Que ninguem no mundo tenha a temeridade de violar ou contradizer nenhum dos pontos aqui expressos da nossa approvação, do nosso acolhimento, da nossa concessão, e da nossa vontade. Se alguem o ousar tentar, saiba que incorrerá na indignação de Deus Todo-Poderoso e dos bemaventurados apostolos Pedro e Paulo.»

É facil reconhecer a astucia profunda, e consumada habilidade que redigiu esta *forma de vida*. A côrte de Roma, inquieta, ameaçada no seu poderio, obrava, recebendo estes auxiliares, como os governos que chamam em seu auxilio um outro mais forte e ambicioso [2], prompto a servil-os no momento para depois os dominar. O papado

[1] Esta clausula restrictiva foi abolida pelo proprio Paulo III, na sua bulla de 14 de março de 1543. Affirmam os jesuitas que ella fôra introduzida na bulla da instituição a pedido de Ignacio de Loyola; mas n'este caso o pensamento do papa ultrapassou o do fundador. O algarismo que Ignacio queria restringir era o dos iniciados, dos jesuitas perfeitos, dos professos de quatro votos, dos quaes não serão ainda senão trinta e cinco sobre mil á morte de Loyola. A restricção do papa, ao contrario, extendia-se a quem quer que fizesse parte da companhia, inclusive aos congregados. Portanto nunca foi tomada no seu sentido stricto e litteral, e antes mesmo de terem obtido a abrogação, os jesuitas já a illudiam, interpretando-a no sentido de Ignacio.

[2] Veja-se Portugal e Inglaterra, Cuba e os Estados Unidos.

imaginava adquirir instrumentos e encontrou-se dominado por senhores. É expresso, n'este manifesto que todos ficarão submettidos á auctoridade do papa; mas tambem declara que todos os associados devem ter sempre em vista: primeiramente a Deus e depois a *forma* do Instituto. Ora qual foi, em seguida, a primeira regra escripta na constituição d'este instituto? *Manifestare sese invicem:* isto é, denunciarem-se mutuamente. E a quem? ao geral da ordem a quem os membros devem uma obediencia cega. Qual é o fim do instituto? Um contemporaneo do fundador, Marianna, o disse: «*Totum regimen nostrum videtur hunc habere scopum, ut malefacta injecta terra occultentur, et hominum notitiæ subtrahentur:* toda a nossa instituição parece ter por fim occultar debaixo da terra as más acções, e afastal-as do conhecimento dos homens.»

Quanto aos votos de castidade, pobreza, obediencia, e outros, que são apanagio dos santos ou dos homens de bem, veremos, no correr d'esta obra, como foram cumpridos.

O jesuita Bobadilha na batalha de Muhlberg

# V

## Ignacio geral eleito

Assim que foi approvada pela Santa-Sé a nova milicia, Loyola pensouem dar-lhe um chefe. Para isso fez chamar os seus companheiros que estavam espalhados dentro e fóra da Italia, e que podiam vir a Roma. Francisco Xavier e Rodrigues achavam-se em Portugal, mas quando se foram embora tinham deixado os seus votos [1]. Pedro Le Fèvre mandou o seu. O unico que faltou foi Bobadilha.

Como era de esperar, o fundador foi eleito por unanimidade, salvo um voto, que foi o seu; mas que não deu a nenhum dos seus companheiros. E como no jesuitismo ha desculpa para tudo, Bouhours, apreciando este facto, diz: «o seu voto não escandalizava nenhum dos seus companheiros, conservando o fiel da balança sem pender mais para um lado do que para outro.»

Ignacio escreveu na sua lista: «Eu só exceptuado, dou o meu voto em Nosso-Senhor, para que seja nosso superior aquelle que se vir que reuniu o maior numero de votos». Isto representa, segundo assegura Bartoli, «cobrir, com um acto de profunda humildade, uma prudencia admiravel e um maravilhoso tino.»

O resultado do escrutinio *surprehendeu-o* e *affligiu-o*, affirmam os jesuitas.

N'esta surpresa é que por certo ninguem acredita, nem tão pouco na humildade, mais um d'esses actos theatraes que estavam no seu temperamento de hispanhol, e com os quaes marcava, como já temos visto e veremos ainda, todos os acontecimentos em que tomava parte.

Representada a comedia da dissimulação e da audacia, e feita uma segunda eleição, cedeu aos pedidos dos seus companheiros, depois de ter consultado o seu confessor, um franciscano, o qual, dada que foi a sua opinião, desappareceu para sempre da vida de Ignacio.

O acto canonico da eleição foi renovado no dia de Paschoa, — 17 d'abril de 1541. — Ignacio tinha então 49 annos. As fadigas do corpo e do espirito tinham-n'o encanecido e cavado rugas fundas no rosto. Mas n'aquella fronte calva brilhava o quer que fosse do genio; e a energia da sua vontade revelava-

[1] Eis o texto do voto de Francisco Xavier, tal como o dá Bartoli: «Eu, Francisco, não sendo actuado por nenhuma consideração humana, e não escutando senão a minha consciencia, digo e declaro que é minha opinião que se deve eleger por chefe da nossa companhia, aquelle a quem todos devemos obediencia, nosso antigo mestre e verdadeiro pae D. Ignacio. Depois que nos reuniu a todos, não tem grandes fadigas, elle saberá conservar-nos melhor do que ninguem, governar-nos e dirigir-nos sem cessar para uma mais alta perfeição, porque tem de nós o mais intimo conhecimento. E, depois da sua morte, — falo segundo o sentimento profundo de minha alma, como se devesse morrer n'este mesmo momento, — julgo que D. Pedro Le Févre deve tomar o seu logar; e n'isto, tomo o testemunho de Deus, de como falo unicamente segundo o meu pensamento. Em fé do que assigno com a minha propria mão. *Francisco.* Feita em Roma, hoje 15 de março de 1540.

se na acuidade do seu olhar penetrante e tudo n'elle annunciava que iria gosar, na tranquillidade do mando, durante muitos annos, o fructo da sua ambição, afinal satisfeita.

A 22 do mesmo mez, o mestre e os discipulos, depois de terem visitado as egrejas de Roma, dirigiram-se á de S. Paulo, fóra de muros. Ignacio celebrou missa no altar da Virgem, e multidão enorme encheu o templo.

Antes de commungar, voltou-se para o povo, e, tendo em uma das mãos a hostia e na outra a formula dos votos, leu esta com voz clara e distincta, compromettendo-se para com o soberano pontifice á obediencia em relação ás missões [1]. Depois com as outras cinco hostias que consagrara, deu a communhão a Laynez, Le Jay, Brouet, Codure e Salmeron, ajoelhados a seus pés, e d'elles recebeu o juramento e os votos.

Eil-o senhor absoluto, elle e todos os que lhe succederam sem reconhecerem outra auctoridade se não a da propria Companhia. Foi pois deante d'ella que elle se inclinou no momento em que d'ella recebia a homenagem da sua obediencia.

«A unica differença que ha entre a profissão do padre Ignacio de Loyola e a dos outros, diz o padre Bouhours, foi que, elle fez a promessa immediata ao vigario de Jesu-Christo, e os seus companheiros fizeram-n'a a elle mesmo, como ao seu geral e chefe.»

Para caminharmos com verdadeiro conhecimento dos factos, precisamos saber qual a organisação interna que Ignacio deu á sua sociedade embora ainda tenhamos que nos referir a ella.

O seu principal cuidado foi isolal-a completamente de todas as outras ordens religiosas, afim de que a sua prosperidade exclusiva fosse a aspiração de cada um dos seus membros. Imprimiu-lhe para isso duas caracteristicas, a de ordem mendicante e a de ordem monastica. Elle proprio traçou as condições a que tinham de satisfazer os que d'ella quizessem fazer parte.

[1] Esta palavra não tinha na intenção de Ignacio o sentido que hoje lhe damos, e tudo leva a crer que elle pensava unicamente em missões diplomaticas, de que queria que a ordem tivesse o privilegio.

A admissão n'outra qualquer ordem foi um impedimento para ser recebido na sociedade de Jesus.

O noviço deve, desde logo, renunciar a todas as affeições de amisade e familia, como renuncia á sua propria vontade [1].

A companhia foi dividida em seis estados:

1.º—Os noviços;
2.º—Os irmãos temporaes formados;
3.º—Os escolares approvados;
4.º—Os coadjutores espirituaes formados;
5.º—Os professos de tres votos;
6.º—Os professos de quatro votos.

Os noviços ficaram divididos em tres classes:

1.º—Noviços destinados ao sacerdocio;
2.º—Noviços para os officios temporaes;
3.º—Indifferentes; isto é os que entram na companhia para serem padres ou coadjutores temporaes, segundo o destino que o superior lhes quizer dar.

Os *irmãos temporaes formados* occupam a ordem como sacristães, porteiros, cozinheiros, etc.; o seu tempo de provação é fixado em dez annos; aos trinta e tres são admittidos a votos publicos.

Os *escolares approvados* são aquelles que, tendo terminado o tempo de noviços e pronunciado os votos simples da religião, continuam as suas provas, quer em estudos particulares, quer no ensino até proferirem os votos solennes.

Os *coadjutores espirituaes formados* são empregados no governo dos collegios, nas prégações, no ensino, nas missões ou na administração: devem ter pelo menos trinta annos de edade e dez de votos simples de religião.

Os *professos de tres votos* são admittidos á profissão solenne por qualquer qualidade, merito ou talento que os eleve acima dos coadjutores espirituaes formados, com quem partilham os cargos.

Os *professos de quatro votos* formam o primeiro annel da hierarchia. O professo de quatro votos é o jesuita completo, o jesuita modelo, a maior das monstruosidades moraes que se possa imaginar. Elle passou por

[1] O que é simplesmente selvagem, anti-social e deshumano.

todas as provas; póde entrar nas congregações em que se eleger o geral; póde ser nomeado provincial, secretario geral, assistente, geral!

Uma egualdade apparente e material, uma egualdade de alimentação, de alojamento reina em toda a sociedade. A unica distincção consiste no vestuario dos irmãos coadjutores, que deve de ser mais curto que o dos outros.

A sociedade não contráe nenhuma obrigação para com os seus escolares; estes é que se obrigam para com ella, a ponto de nem sequer poderem gosar dos seus bens sem o consentimento dos superiores. Sujeitos a esta reserva deixam-lhes a propriedade d'elles.

O tempo das provas é de tres annos, dos quinze aos dezoito.

Sómente aos trinta annos, edade de Christo, se podem ligar pelos votos.

Os professos não pódem acceitar nenhuma dignidade ecclesiastica, a *não ser que o papa os obrigue* a isso, sob pena de peccado mortal.

Ignacio decidiu que a sociedade seria governada por um geral perpetuo e absoluto — que é nomeado pela congregação geral e não póde recusar;

—que reside em Roma;

—que faz só elle as regras, e só elle dispensa na sua execução;

—que governa e não préga;

—que delega os seus poderes nos provinciaes e em outros superiores por tres annos, no maximo, segundo lhe convenha;

—que approva ou reprova por sua unica vontade os seus delegados, visitadores, commissarios, provinciaes, etc.;

—que nomeia os administradores da sociedade, taes como o procurador e o secretario geral;

—que quebra por seu alvedrio a hierarchia, tendo poder para subtraír tal e tal membro á jurisdicção do seu superior immediato;

— que delega os examinadores para lerem, approvarem ou prohibirem qualquer obra composta pelos membros da sociedade.

Além d'estes enormes e discrecionarios poderes, elle recebe todos os tres annos um relatorio dos provinciaes, que o informam da edade dos alumnos, das suas disposições, dos seus caracteres e progressos.

Todos os dias os superiores de tal ou tal localidade dirigem um relatorio ao seu provincial, sobre os quaes este trabalha o relatorio triennal para o geral.

Póde expulsar qualquer membro da companhia, salvo se este fôr professo, para o que necessita do consentimento do papa.

Indica quaes os estudos a que deve ser destinado qualquer postulante ou professo; envia-os para onde lhe approuver, terminados os estudos, e pelo tempo que lhe parecer.

Póde revocar ou chamar os missionarios nomeados pelo papa, se o tempo da missão não fôr determinado.

Póde crear novas provincias, se assim o julgar opportuno.

Estipula, para as casas professas e collegios, os contractos de compra e venda, de emprestimo, de contribuições de renda e outros.

Convoca a sociedade em congregação geral; bem como as congregações provinciaes.

Tem dois votos nas assembléas; e em caso d'empate o seu é preponderante.

A denuncia, que é de principio absoluto na sociedade de Jesus, que é estabelecida em favor do geral, tambem o é contra elle. Supremo espião, tambem é espionado por sua vez.

A sociedade tem direito de inspecção sobre o vestuario, alimentação e despezas do geral.

E' vigiado por um admonitor nomeado pela congregação geral, que previne esta das irregularidades que observa no procedimento do geral.

A sociedade tem direito de se oppôr a que o geral abandone as suas funcções para acceitar uma dignidade offerecida pelo papa, salvo o caso de imposição com pena de peccado mortal.

A sociedade nomeia um coadjutor ou vigario que substitue o geral em caso de negligencia, velhice ou doença d'este, reputada incuravel.

A sociedade tem direito a depôl-o ou mesmo a expulsal-o da ordem se elle commetter peccados mortaes *que se tornem publicos,*

se desviar em seu proveito as rendas, e se alienar os immoveis da companhia.

Quatro assistentes estão sempre junto de elle, encarregados de vigiar a execução d'estas disposições.

Se um dos assistentes morrer ou se ausentar por um tempo indeterminado, o geral o substitue, salvo a approvação dos provinciaes.

Os assistentes só pódem ser escolhidos

disposições vitaes, as constituições da companhia de Jesus. Tudo aqui se encadeia, tudo se liga estreitamente, tudo concorre para a unidade, para o augmento e poderio da ordem. E' o codigo mais compacto, mais completo, mais vigoroso que tem saido da imaginação d'um homem.

O *dedo de Deus está alli*, pelo menos no que ha de mais potente depois de Deus:— a logica.

Os jesuitas soccorrem os famintos de Roma

nos professos das grandes provincias taes como Portugal, Italia, Hispanha, França e Allemanha.

Se julgarem que o geral merece ser destituido, convoca, não obstante opposição de elle, uma congregação geral.

Se o caso lhes parecer urgente depõem-o elles proprios, depois de terem recolhido, por meio de cartas, os votos dos provinciaes.

Todos os tres annos, as congregações provinciaes devem examinar entre si, e fóra da influencia do geral, se será util convocar uma congregação geral. O voto é por escripto.

Taes são, no seu conjuncto e nas suas

Deixaremos de parte se Ignacio teve ou não o dom do milagre. São coisas em que ninguem, hoje, pensa a sério.

Os primeiros biographos passaram de leve sobre o assumpto; depois, para repararem a omissão, attribuiram-lh'os aos centos, embora feitos depois de morto. Entre os que se dizem authenticados, ha um d'uma imagem de Ignacio, impressa em papel, que deitou sangue por um dedo, em 1666, n'uma egreja da Sicilia. O prodigio está contado n'um livro impresso em Palermo, em 1668.

Entre outros milagres jesuiticos, não resistimos ao desejo de transcrever o que se segue, para vêr de que força são.

Havia um jesuita hespanhol que pelas suas qualidades de piedade e virtudes tinha recebido de Deus o dom de fazer milagres. O santo homem usava e abusava d'este privilegio, a ponto do superior, que nunca fôra capaz de exorcismar o mais pequeno demonio, nem curar a mais insignificante constipação, lhe ter grande inveja, pelo que o prohibiu de continuar a exercer tal mister, allegando o mau exemplo e a grave infracção de hierarchia.

—Que só Deus lhe podia tirar o que Deus lhe havia dado, podia ter-lhe respondido o bom do thaumaturgo; mas preferiu calar-se e dar assim uma licção edificante de obediencia e respeito ás constituições de Ignacio.

Ora um dia, passeava o bom do jesuita pelas ruas de Madrid, quando um pobre diabo, levado ao desespero pela traição da amante, resolveu acabar com a vida deitando-se da janella á rua.

O homem a dar o salto mortal e o jesuita a levantar a cabeça. Esquecendo-se momentaneamente da prohibição do superior, estendeu a mão direita em direcção do desgraçado, e ahi fica elle com os braços e pernas abertas, muito admirado da sua nova aventura, suspenso a vinte pés do chão, entre ceu e terra!

Como porém lhe parecesse pouco commoda a posição, esperneava e agitava-se. Mas quê! Nem descia nem subia! Para cumulo ficou suspenso exactamente defronte da janella da infiel, que habitava uma casa fronteira á d'elle.

A bella, para gosar tão raro e estranho espectaculo, veiu para a varanda, ria a bom rir, e cada gargalhada mais augmentava as caretas e tregeitos do pobre tolo.

O jesuita, já bastante arrependido do que tinha feito, dispunha-se a ir-se embora, quando o outro, com voz supplicante, o chamou. O jesuita, então, disse-lhe:

—Espera ahi, vou alli ao convento e já venho.

Correu ao superior, contou-lhe o succedido, pediu-lhe licença para acabar o milagre e prometteu nunca mais se metter em semelhantes assados.

O superior foi inflexivel; a inveja não cedeu logar á caridade christã, e mais uma vez recusou a auctorisação para tal milagre. O jesuita voltou então para o paciente:

—Irmão, disse elle, perdoa-me em nome da boa intenção; queria salvar-te da morte certa, mas o meu superior prohibe-me que tal faça. O mais que posso é deixar-te n'essa posição em que estás. Vê lá se te convém.

—Vá p'ro diabo! responde o outro. Que lindo serviço este, hein? Que tem você de se andar a metter nos negocios de cada um? Pelo amor de Deus, meu padre, faça-me subir até ao meu quarto.

—E-me impossivel, diz o padre.

—Juro viver santamente.

—Ou ficas onde estás, ou cáes.

—Faço-me jesuita.

—Sério?

—Palavra d'honra! Antes isso, que ficar aqui como um boneco de palha.

—Então espera mais um boccado, talvez se arranje.

Novos pedidos ao superior, e novas recusas.

O jesuita voltou d'orelha murcha e coração negro.

—Paciencia, irmão, nada posso para te salvar; escolhe: ou quebras as costellas ou ficas onde estás.

No mesmo instante entra o rival e abraça a amante.

—Deixa-ma cair! gritou o desgraçado.

—Cae! disse o jesuita.

E o desgraçado caiu e esmigalhou a cabeça d'encontro ás pedras da rua.

Se n'esse tempo já houvesse a medalha milagrosa e elle a trouxesse, teria baixado á rua com a magestade d'um balão.

E, como diz o poeta:

*J'en passe, et des meilleurs!*

# VI

## Da eleição á morte

Mal foi reconhecido e se sentiu installado, o novo poder accentua-se e faz pesar a sua acção sobre quasi toda a superficie do mundo conhecido. Impaciente por pôr em pratica todas as theorias, Ignacio lança em todas as direcções o exercito de que é o *general,* e cujas fileiras vão augmentar d'hora a hora. Onde quer que irrompa uma lucta, quer de povo contra povo, quer de povo contra rei, logo se vê correr qualquer membro da negra milicia ao campo da refrega, sabendo admiravelmente converter todas as batalhas em victoria propria, fazer de qualquer ponto de passagem um posto firme, do mais pequeno consentimento tacito obter um titulo formal, de qualquer acontecimento auferir proveito.

A um signal de Loyola, o padre Araoz corre a luctar em Hispanha contra os dominicanos, seus eternos rivaes. A Hispanha abre as suas portas aos jesuitas, graças a Laynez, que, fazendo-se intermediario casamenteiro, contracta a união do filho do imperador Carlos V com a filha de D. João III, de Portugal. Este nosso rei, por seu lado, escolhe os jesuitas para irem missionar na India portuguesa, e promette-lhes a entrada em todas as suas colonias. Foi talvez para reconhecerem tal favor, que mais tarde ajudaram Filippe II a apoderar-se de Portugal!

Os padres Le Févre e Lejay assistem triumphalmente ás dietas de Worms, Spira e Ratisbonne. Ignacio faz representar a sua ordem no concilio de Trento por Laynez. Este perigoso, habil e astucioso jesuita, não menos ambicioso que seu mestre Ignacio, eleva, no meio das discussões do santo e irrequieto areópago, a sua palavra incisiva, que dentro em pouco levantará como um punhal sobre Theodoro de Bèze e os calvinistas de França. Francisco Xavier parte para a missão da India. Outros missionarios preparam-se para levar a bandeira da ordem, mais do que a cruz de Christo, á China e ao Congo, ao Brasil e ao Paraguay, ao Egypto, á Abyssinia, ao Canadá, a toda a parte!... E já a Polonia, o Barbante, a Sicilia e a Corsega vêem elevar-se no seu solo os collegios jesuiticos!

A Irlanda catholica, principalmente por odio aos ingleses, seus conquistadores e seus aggressores, parece disposta a revoltar-se contra Henrique VIII, o terrivel rei d'Inglaterra, que acaba de erigir altar contra altar, e se declara chefe d'uma egreja independente da egreja de Roma; e immediatamente Pasquier-Bruet e Salmeron correm, agitam e accendem no coração da *verde Erin* um incendio terrivel, que nem uma chuva de sangue é capaz de extinguir.

Os protestantes d'Allemanha estão a ponto de concluir um tratado de paz com o imperador, e quando os dois partidos vão para assignar esse tratado, eis que entre elles se ergue Bobadilha, que, com a mão armada com um crucifixo, dá o signal das terriveis

guerras de religião[1]. Na batalha de Muhlberg, em que as tropas imperiaes e papalinas se encontraram com o exercito dos principes lutheranos nas margens do Elba, a 24 d'abril de 1554, Bobadilha, brandindo na impia mão o emblema d'um Deus de paz e d'amor, conduziu ao combate os batalhões catholicos, exaltados pelos seus discursos, pelo seu exemplo, pelas suas prophecias, e não cessou de os incitar á carnificina senão quando elle proprio estafado e ferido caiu quasi moribundo na planicie, onde o odioso fanatismo acabava de fazer uma das suas mais sanguinolentas colheitas[2].

Sem duvida que taes serviços mereciam recompensa. Mas Ignacio promette ainda outros; a côrte pontificia assim o espera e conta com elles; além de que estava seduzida e tranquilla por esse quarto voto d'obediencia especial á Santa-Sé, que tão habilmente lhe tinham atirado como isca.

Loyola viu, pois, confirmar e augmentar os privilegios da sua ordem; a companhia de Jesus firmava-se em toda a parte; os seus collegios e as suas casas professas construiam-se por toda a terra, levantavam-se egrejas sujeitas a um plano architectonico, caracterisado pelo artificio paciente d'uma combinação de linhas curvas, mesquinhas e acanhadas, sem nobreza nem elevação; o numero dos seus membros augmenta de hora para hora; a sua influencia cresce e engrandece-se constantemente.

---

[1] Não queremos dizer que se devem tornar os jesuitas responsaveis de todo o sangue derramado n'esta deploravel querella; mas do muito que correu foram elles os causadores. Bobadilha, dirigido por Loyola, por tal sorte temia que os partidos depozessem as armas, que prégou contra o *interim*, lei promulgada pelo imperador e que teria trazido a paz. Carlos V expulsou Bobadilha da Allemanha. Em Roma, este soldado de sotaina negra mereceu os elogios do papa, e a desapprovação, pelo menos apparente, do geral dos jesuitas a quem não convinha malquistar-se com Carlos V.

[2] Hoje em dia, que já não conduzem batalhões á guerra, nem por isso deixam de incitar outras contendas que deixam no campo da batalha muitas affeições, muitas deshonras e não poucos a intelligencia, a probidade e o brio. Se outr'ora brandiam a cruz no meio da refrega, hoje quebram a espada para terçarem as armas menos perigosas da calumnia e do ultraje.

Nos seus primeiros annos um unico papa se quiz oppôr á invasão da sociedade jesuitica, quer fosse com receio d'esta nova potencia, quer na previsão dos excessos e dos crimes que dentro em pouco recochetariam contra o poder pontificio, quer unicamente por ciume do *papa negro*, tornado um tanto ou quanto seu rival. Ignacio, então na agonia, não podia luctar contra a má vontade de Paulo IV, mas legou a vingança ao seu successor.

Comquanto na sua mente não estivesse o nome de Laynez para lhe succeder, nem na da maioria dos professos, este, conquistando o generalato por meio d'uma bem urdida estrategia, mostrou, depois, que era digno d'elle, e mais que executor das doutrinas do mestre, um ampliador, um homem pratico que poz de parte completamente o que poderia haver de intenção exclusivamente religiosa na mente de Ignacio, para seguir n'uma ordem de idéas politicas e absorventes.

Paulo IV pouco tempo sobreviveu ao fundador da companhia de Jesus; e mal o fecharam no tumulo, Roma viu os sobrinhos do pontifice defuncto, um dos quaes comtudo era cardeal, presos, lançados nas masmorras por ordem de Pio IV, dedicado aos jesuitas, que tinham trabalhado pela sua eleição. Os accusados só compareceram perante os juizes para seguirem para o cadafalso onde lhes cortaram a cabeça.

Os crimes que lhes imputaram eram os mesmos de todos ou quasi todos os filhos, sobrinhos ou parentes dos papas; isto é, de terem mettido o braço até onde encontraram fundo no cofre pontificio, que a venda das indulgencias já não conseguia encher; de se terem aproveitado da influencia que tinham sobre um velho octogenario para humilharem os seus rivaes, e encherem-se de honras, dignidades e riquezas. Concedemos tudo isto; mas o maior dos seus crimes, o que nunca lhes foi perdoado, foi de se terem mostrado hostis á companhia de Jesus[1].

---

[1] João, Antonio e Carlos Caraffa, foram encarregados da direcção da politica temporal da Egreja por seu tio o papa Paulo IV, que esperava utilisar os seus talentos, e principalmente os de Carlos Caraffa, que tinha sido homem de guerra, e a quem fez car-

O voto dos professos

Ignacio, pois, tinha cumprido a sua missão. A ordem que elle tinha creado estava reconhecida, e sabia que deixava o futuro em mãos fieis e dedicadas; podia pois morrer, tanto mais que a sua incuravel doença de estomago torturava-lhe os dias de vida.

Na sexta feira, 31 de julho de 1556, uma hora depois que o sol começára a doirar o altivo zimborio da egreja de S. Pedro, uma multidão immensa e diversamente composta se agglomerava á entrada da casa professa dos jesuitas. Estamos já longe da epocha em que Quirino Garzonio emprestava a sua humilde morada aos primeiros padres da companhia! Agora o *papa-negro* habita um outro Vaticano, largo, sumptuoso e imponente. Apezar de ser vastissimo, o novo estabelecimento era pequeno para conter a multidão, e na qual se viam não só os noviços da companhia e altos prelados, como os barões romanos, os extrangeiros, os judeus convertidos, os monges de todos os habitos e côres, a congregação da Graça da Santa Virgem e a *élite* das damas romanas. Todos têem pintado no rosto maguado a anciedade e a tristeza.

Ignacio de Loyola acabava de expirar aos sessenta e cinco annos de edade; trinta e cinco desde que tinha passado a noite na *Vigilia das armas* em Manreza; vinte e dois depois do voto de Montmartre; e quasi dezeseis que dirigia, com o titulo de geral, a ordem fundada por elle!.

As primitivas narrativas que chegaram até nós dos ultimos momentos do primeiro geral dos jesuitas, fazem-nol-o vêr tão theatralmente como tinha vivido. Sentindo que a morte se approximava, pôz-se a prophetisar o seu proximo passamento. Escreveu a D. Leonor de Mascarenhas, antiga aia de Filippe II, que sempre se conservára dedicada e fiel aos jesuitas, dizendo-lhe que a carta que lhe escrevia era a ultima que receberia d'elle, que n'aquelle momento se preparava para a ir recommendar junto de Deus. Na vespera da morte, enviou o padre João Polanco, seu coadjutor havia nove annos, ter com Paulo IV, encarregado de beijar em seu nome os pés de Sua Santidade. Chefe supremo d'uma ordem potente, ordenou que, depois da sua morte deitassem o cadaver aos cães, «como não sendo mais do que uma pouca de lama e de abominavel esterco.» São estas as expressões que lhe presta um dos seus admiradores! E erguendo para os seus discipulos o veu que encobre o futuro da ordem, faz-lh'a vêr radiante e gloriosa.

Os companheiros de Jesus cercam silenciosos seu chefe na agonia, que sobre elles passeia o seu olhar quasi extincto, mas ainda brilhante. Dos seus seis discipulos da primeira hora, apenas quatro se acham presentes. Le Févre tinha já morrido em Roma e Francisco Xavier nas costas da China; mas cada um d'estes fôra substituido por mil outros, e estes não são pobres theologos, insignificantes e ignorados professores: são homens eminentes, por qualquer titulo que seja, uns pelo sangue, outros pelo talento. Uns puzeram as suas riquezas á disposição da ordem, outros a sua energia e a sua dedicação. Presentindo as grandes batalhas que terá de dar incessantemente, até á hora do triumpho supremo, a sociedade fundada por elle, Ignacio consagrou os seus ultimos dias a organisar a nova milicia e a completar-lhe o armamento.

Assim pois, é com uma luz d'orgulho nos olhos, que investiga tudo o que o rodeia.

Ignacio quiz morrer com a roupeta de jesuita, e tendo-a envergado sentou-se no leito, amparado por Simão Rodrigues e Salmeron; á sua direita, e quasi tão moribundo como elle, Laynez ajoelha no chão, e, á esquerda, Bobadilha sombrio e taciturno abre

---

deal, para libertar a Egreja e a Italia do jugo perigoso de Carlos V, e depois de Filippe II. Esta empreza, apezar da alliança com Henrique II, não deu bom resultado, e terminou por um desastre completo e uma serie de exacções sobre o povo. Entretanto vendo, como finos que eram, a preponderancia que os jesuitas podiam e iam assumindo no governo da Egreja, manifestaram-se abertamente contra elles. Quando o papa morreu, os seus inimigos, amparados e fortalecidos por Filippe, encarniçaram-se contra elles, e o papa Pio V, creatura dos jesuitas, abandonou-os á vingança do povo. Carlos Caraffa foi degredado e estrangulado; João Caraffa foi decapitado no mesmo dia, em seguida a um julgamento escandaloso no qual o juiz Tallantini fez torturar as testemunhas de defesa. Tempos depois o papa Pio V fez rever o processo e restituiu os bens aos Caraffas, um dos quaes, Vicente, ainda veiu a ser jesuita e o setimo geral da companhia.

na frente de Ignacio uma carta do mundo, na qual estão traçadas a tinta vermelha as doze provincias da companhia de Jesus.[1] No resto do planisphero via-se, de distancia a distancia, especies de marcos egualmente vermelhos, os quaes, mais ou menos apparentes, indicavam, por certo, novos estados a conquistar ou prestes a submetterem-se. As velas que illuminavam o quarto espalhavam n'elle uma luz vermelha, sinistra. Mas a um signal d'Ignacio, um noviço da ordem, que devia depois ser o primeiro biographo de Loyola, Pedro Ribadeneira, levantou-se e foi abrir as portas da janella que olhava para o oriente. E logo jorraram os raios do sol nascente, que déram novo, quente e luminoso tom á funebre scena.

—O sol de Montmartre! murmurou Ignacio, ao ouvido de Salmeron.

Depois extendeu uma das suas mãos sobre o mappa, principalmente no sitio em que elle designava as provincias, e foi correndo o dedo magro, de unha espatulada, sobre os outros pontos apenas indicados. Mas eis que repentinamente, abrindo as duas mãos, e encarando profundamente os seus discipulos cobriu com ellas quasi todo o mappa.

Então Laynez, que vinha adivinhando no gesto e no olhar o pensamento do mestre, disse com voz vibrante:

—Assim o juramos; assim o juro eu por todos!

Loyola, repellindo os braços que o amparavam, ergueu-se na cama, e arrancando o mappa das mãos de Bobadilha, elevou-o com ar de ineffavel triumpho acima da cabeça, sobre o seu craneo livido e nú, ao qual formavam, como que uma aureola de sangue, os raios do sol.

—Companheiros de Jesus, disse elle com voz forte, e que fez estremecer todos que o ouviam, o mundo é grande, mas o caminho está traçado; companheiros de Jesus, ávante!...

E logo, recaiu sobre a cama, cerrando os olhos. Jacques Laynez levantou-se e, depois de lhe ter posto a mão sobre o peito, disse no meio d'um silencio solenne:

—Irmãos e companheiros, nosso pae Ignacio já não existe!

Assim morreu Ignacio de Loyola.

Este homem era verdadeiramente extraordinario, de qualquer ponto e sob qualquer luz que o consideremos, ora exaltado como um santo, ora condemnado como criminoso; hoje louvado como um grande genio, no dia seguinte chasqueado como um louco.

Tanto na glorificação como no vilipendio ha exaggero.

O homem que teve a concepção d'um poder como o jesuitismo, não é um individuo vulgar. Bem sabemos que é aos seus dois discipulos, Laynez e Salmeron, a quem se deve attribuir em grande parte a poderosissima organisação da ordem, e talvez, ou pelo menos em parte, o seu completo e rapido desenvolvimento; sabemos tambem que foi a estes dois seus successores que temos de attribuir um bom quinhão da influencia terrivel que o fundador da companhia de Jesus talvez apenas tivesse sonhado, e de que estes dois seus discipulos souberam habilmente servir-se extendendo a sua acção. Mas, apesar de tudo isso, é a Loyola a quem reverte a gloria da instituição, se é que gloria póde haver n'isso!

Assim que Ignacio morreu, erigiram-lhe um altar na egreja do Apollinario. Gregorio XIII, tendo tomado sob a sua protecção o collegio germanico fundado por Ignacio, gravou sobre o altar a seguinte inscripção:

SANCTO IGNATIO
SOCIETATIS JESU FUNDATORI, COLLEGIUM
GERMANIENSE
AUCTORI SUO POSUIT

A Santo Ignacio
Fundador da sociedade de Jesus
e do collegio germanico
O collegio germanico elevou este monumento

---

[1] Estas doze provincias jesuiticas, governadas pelos professos de quatro votos, que teem a designação de *provinciaes* eram, á morte de Loyola: a Italia, Portugal, Germania superior, França, Germania inferior, Aragão, Castella, Andaluzia, Indias, Ethiopia e o Brasil

# VII

## O apostolo do Oriente

Antes de entrarmos em a noite sombria das machinações, intrigas e crimes dos jesuitas, repoizemos a vista em quadros cheios de luz, em acções repassadas d'um puro sentimento de caridade, abnegação e fé.

Deveriamos, talvez, deixar este capitulo para quando, mais largamente tratarmos da acção dos jesuitas na Asia; mas a figura que vamos desenhar é tão pouco jesuitica, merece-nos tal respeito, que a desligamos do quadro geral, para lhe consagrarmos este pequeno plintho, onde pode ser vista em todos os sentidos.

Queremo-nos referir a Francisco Xavier. Teve exaggeros, foi, por vezes, no seu zelo d'apostolo e missionario, levado á violencia dos meios de proselytismo, mas não podemos esquecer que a sua acção christã concorreu em grande parte para a conservação e engrandecimento do dominio português; e que hoje ainda, no extremo oriente, onde o seu cadaver incorrupto é venerado por milhões d'homens de todas as crenças e de todas as raças, o seu nome anda ligado ao de Portugal, e é d'este uma especie de palladio.

Em que pese a alguem, é esta a verdade.

Havia muito que Ignacio de Loyola tinha estudado o caracter de Francisco Xavier, antes de se abrir com elle e de lhe dar parte dos seus projectos. Francisco era sincero nas suas crenças, cheio de enthusiasmo e de convicção. Convinha-lhe o papel d'apostolo; mas teria repellido a idéa de ser o instrumento d'uma politica astuciosa e mundana, de que nunca teve consciencia.

Portugal dominava nas Indias orientaes, e D. João III encarregou o seu embaixador, D. Pedro de Mascarenhas, de alcançar seis jesuitas para irem missionar nas vastas conquistas indianas.

Loyola, consultado pelo pontifice, respondeu: «Como pode isso ser? Pedem-nos seis padres para a India, quando eu apenas tenho dez para todo o mundo!»

Como só tinha á sua disposição Simão Rodrigues e Nicolau Bobadilha, offereceu-os. Primeiramente foi Simão [1] e como as febres não deixassem que Bobadilha saisse de Roma, Ignacio designou Francisco Xavier, que partiu a 14 de março de 1540, da noite para o dia, demorando-se apenas o tempo preciso para fazer remendar a sua sotaina.

Então no meio d'uma multidão, que parecia silenciosamente commovida, junto a uma das portas septentrionaes de Roma, Ignacio abraçou Xavier, que, depois de se ajoelhar aos pés, lhe pediu a benção.

A historia conservou as palavras de despedida que Ignacio proferiu n'esse momento, em que um dos seus companheiros partia á conquista d'um novo mundo que elle ambicionava para Christo, mas sobre o qual a ordem deitará a sua mão.

---

[1] Mais largamente nos referiremos a esta singular personagem, quando nos occuparmos dos jesuitas em Portugal.

Eil-as:

«Recebei a missão de que Sua Santidade vos encarrega pela minha bocca, como se fosse o proprio Jesu-Christo que vo-la offerecesse, e alegrai-vos de encontrar n'ella com que satisfazer esse ardente desejo que todos nós sentimos de levar a fé para além dos mares. Não é sómente a Palestina, nem uma provincia da Asia, que vos esperam; são terras immensas, reinos sem numero: um mundo inteiro. Só um campo assim vasto é digno da vossa coragem. Ide meu irmão, onde a voz de Deus vos chama; onde a Santa Sé vos envia, e abrazai todos com o fogo que vos consome.»

Francisco Xavier atravessou a França e os Pyreneos; passou, sem parar, junto do dominio paterno, sem dizer o ultimo adeus a sua familia, a seus irmãos, que tinham seguido com honrosa gloria a carreira das armas, nem a Maria Azpilcueta, sua velha mãe!

Em fins de junho chegou a Portugal; mas teve que esperar para o anno seguinte para partir para a India [1].

D. João III queria já que os dois missionarios ficassem em Portugal, mas o infante cardeal D. Henrique e seu conselho fizeram-lhe ver as vantagens que resultariam para a corôa de ligar as colonias á metropole pelo laço da religião.

O rei não concordou com o conselho e pediu a Paulo III para conservar os dois jesuitas no reino. O papa, tendo consultado Loyola, estabeleceu um meio termo. Xavier partiria para a India e Simão Rodrigues ficaria em Portugal.

João III acceitou o alvitre, e, antes de se separar do seu missionario, entregou-lhe quatro breves. Dois d'elles, que o proprio rei impetrára da côrte de Roma, nomeavam Francisco Xavier nuncio apostolico no Oriente e concediam-lhe todos os poderes necessarios para ahi propagar e manter a fé.

Milagre jesuitico

A 7 d'abril de 1541, as margens do Tejo amanheceram cheias de enorme multidão. Os sons vibrantes dos clarins marciaes uniam-se ás acclamações da turba: troca-

---

[1] Sobre a situação de Portugal e suas colonias na epocha em que reinou João III, consulte-se com proveito e encanto a *Historia de Portugal* por Pinheiro Chagas, em publicação adeantada pela *Empreza da Historia de Portugal*.

vam-se adeuses, e com as saudades da proxima ausencia, com os anceios dos perigos da travessia, havia no coração de todos esperanças risonhas do futuro. As naus, com as velas já infunadas pela brisa, balouçavam-se sobre as ondas tocadas pelo vento norte, e o sol illuminava com a sua luz crua esta festa nacional.

O vice-rei da India, D. Martim Affonso de Sousa, subiu para a nau almirante seguido de Francisco Xavier, que acabava de se despedir de Simão Rodrigues; a armada aproou á barra, e horas depois sumiam-se no horizonte quente as manchas das ultimas vellas.

Os escolhos que as aguas occultam em seu seio não eram ainda então completamente assignalados aos navegantes. As travessias eram longas, perigosas e cheias de trabalhos. Terriveis tempestades assaltaram a armada, separaram os navios e pozeram em perigo a vida das tripulações. N'esses momentos Francisco Xavier retemperava os animos abatidos dos marinheiros e pedia a Deus que apaziguasse o furor das ondas. Quando a tempestade se affastava, e as vagas calmas se espargiam preguiçosas, juntava a marinhagem e a soldadesca á sua beira e tratava de ensaiar n'ellas as conversões que levava em mente fazer.

Em fins d'agosto de 1541, o nosso missionario desembarcou em Moçambique; mez em que o calor se tornava insuportavel até para os portuguezes de ha muito alli estabelecidos.

Francisco Xavier tinha então trinta e cinco annos; estava no vigor da edade. De figura meã, constituição saudavel, tinha na phisionomia o quer que fosse de magestoso e meigo que inspirava respeito e confiança. A sua fronte larga, os seus olhos azues e expressivos, o colorido das faces animado, o andar lembrando ainda o antigo fidalgo, davam a toda a sua pessoa um conjuncto de gravidade que lhe conquistava desde logo as sympathias.

Assim que desembarcou continuou pelo litoral africano a obra de regeneração á qual se tinha, em todos os momentos, consagrado a bordo. Na armada evangelisava marinheiros e soldados; na costa catechizava negros.

A armada e as tripulações achavam-se em deploravel estado. O mar tinha-as fatigado, e a insalubridade da ilha, já então tumulo de muitos portuguezes, acabava de as inutilisar. Com os dois companheiros, que se lhe tinham juntado, Paulo Camerino e Francisco Mansias[1], Xavier, cura das almas, improvisou-se medico dos corpos, enfermeiro e consolador dos que soffriam, irmão e servo de todos aquelles a quem o clima ainda não tinha abatido. Prégava de dia, e á noite ia para a cabeceira dos enfermos ministrar-lhes consolações e sacramentos. O somno para elle não chega mesmo a ser o repoiso. Deita-se o mais perto possivel dos doentes; e ao mais pequeno gemido, eil-o de pé, interrogando o soffrimento e adoçando as fadigas.

O mais robusto temperamento não teria resistido a estes trabalhos. A natureza venceu a dedicação. Pois assim mesmo devorado pela febre, fraco, quasi agonisante continua na sua missão sem um momento de descanso.

Ao fim de seis mezes de demora em Moçambique a frota apparelhou. Camerino e Mansias ficaram na ilha para tratarem dos doentes, e Francisco Xavier, acompanhando D. Martim Affonso de Sousa, singrou em Socotorá, em frente ao estreito de Bab-el-Mandel, depois d'uma feliz travessia, ilha que foi outr'ora a das Amazonas e de quem o nosso epico cantou:

> Verás defronte estar do Roxo estreito
> Socotorá, co'o amaro aloe famosa.

Queimada pelo sol, quasi inteiramente desprovida de vegetação e d'agua, e cujos babitantes viviam, como verdadeiros barbaros supersticiosos, separados do resto do mundo pelas aguas, falavam uma lingua desconhecida, sem relação alguma com a dos conquistadores. Na impossibilidade absoluta de se explicar pela palavra, Xavier exprimia-se por gestos, e com o auxilio da pan-

---

[1] Na transcripção dos nomes seguimos tanto quanto possivel João de Lucena, de quem nos soccorremos em muito para traçar este capitulo. A maioria dos escriptores em vez de Mansias, escreve Masilha.

tomima, que entre selvagens, supre muitas vezes uma linguagem imperfeita, foi comprehendido. Algumas palavras, algumas phrases foram sufficientes para subjugarem estas intelligencias grosseiras. Baptisou um grande numero de idolatras; e tal foi a influencia qua exerceu, a confiança que inspirou, que lhe pediram para ficar alli e viver com elles.

Mas um theatro mais vasto o chamava, outras regiões deviam de ouvir a sua palavra. A sua vida de missionario mal tinha começado. A' voz de Martim Affonso de Sousa partiu para Gôa.

Não foi sómente os indigenas que elle quiz reconduzir á pratica das virtudes christãs, teve que combater muitas vezes a dissolução, as rapinas e a immoralidade dos conquistadores. Os proprios padres, longe de darem o exemplo, viviam dos mais vergonhosos traficos, e, em vez de esclarecer e civilisar, faziam-se odiar pelos vicios e depravados costumes. As primeiras sementes do christianismo foram, como as da parabola evangelica, as que caíram sobre pedra. Os indios tinham volvido ao culto dos idolos, e de novo lhes sacrificavam victimas humanas. Com uma campainha na mão, qual pastor que convoca o rebanho, Francisco Xavier percorria as ruas de Gôa, chamando a si as creanças, reunindo-as n'uma egreja, prégando-lhes sermões e ensinando-lhes normas de vida. Bem depressa as mães seguiram os filhos, e nos costumes sentiu-se uma reforma benefica.

A fim de ser comprehendido por toda a massa dos seus ouvintes portuguezes e indios, aprendeu e serviu-se d'um idioma grosseiro que tinha curso entre conquistadores e conquistados, e que, como acontece sempre quando duas linguas se fundem no cadinho popular, só põe em relevo os defeitos das duas, augmentados pela propria ignorancia dos que as usam. Francisco Xavier era douto e versado em litteratura. Esta linguagem a que elle descia, os bellos effeitos que sabia tirar d'ella, a bondade estampada no seu rosto, os accentos de remorso ou de penitencia que fazia vibrar nos ouvidos do auditorio, arrastaram os menos convencidos [1].

De consenso unanime de todos os historiadores, a cidade mudou de feição, e uma aragem de senso moral (desconhecido á generalidade dos jesuitas) a beneficiou e refrescou.

Entretanto, soube por Miguel Vaz, vigario geral das Indias, que uma outra região havia necessidade do seu ensino. Deixa Gôa, embarca para o cabo Comorim, alta montanha, terra ardente que avança para o mar a quarenta leguas a oeste e em frente á ilha de Ceylão.

Por toda a parte a sua palavra é avidamente ouvida, e trinta povoações, disseminadas pela costa, convertem-se á sua voz.

Uma pobre mulher de Comorim, quasi a succumbir ás dôres d'um parto laborioso, ouve as palavras do missionario. A' falta d'um medico do corpo, o medico da alma sustem e reanima a doente! O baptismo, que ella supplica e recebe, é o remedio salutar que a salva. A natureza faz um esforço e os idolatras, que só esperavam um milagre para se converterem, caem aos pés de Francisco Xavier. O seu grande meio d'acção era o allivio que elle levava ás dôres physicas. E não era preciso mais para actuar sobre a imaginação dos povos. Mas tão continuados exitos suscitavam-lhe não menos inimigos. O clero regular, e infelizmente n'aquellas paragens não era da melhor agua, custava-lhe a soffrer, sem um sentimento de rivalidade, a influencia sempre crescente do jesuita. Os paravás, nome generico da raça que occupava a costa da Pescaria, desde o Comorim até á ilha do Manar, adoravam tres deuses engendrados por uma substancia eterna e preexistente a todas as outras, chamada pa-

[1] Diz Lucena; «Porque Antonio Pereira, um homem fidalgo e bem conhecido por toda a India, no testemunho que deu da vida e obras do padre Francisco, que diz entre outras coisas, que onde quer que o P. chegava, tomava e falava em muito poucos dias a lingua da terra, como fizera á Malabar, á Malaia, ás de Maluco e Japão, as quaes, elle, Antonio Pereira, sabia bem, e as praticava todas com o mesmo P. E Gaspar Lopes, contador d'el-rei, que serviu na matricula geral, depoz no instrumento, que se tirou em Gôa, que o padre Francisco em Maluco (onde as linguas proprias são tão varias, que quasi cada ilhota e logar a tem differente) se entendia com os negros e elles com o padre, de que se espantaram muito os portuguêses...»

rabrama. Estas tres divindades eram: *Maiso*, que reinava no céu; *Visnu*, que julgava os homens; e *Brahma* que presidia á sua religião [1]. N'esta theologia sente-se o quer que seja da do paganismo grego e romano. Os padres ou brahmanes pretendiam descender do deus Brahma. Eram esses que se precisava convertêr em primeiro logar; mas elles não estavam dispostos a deixarem-se despojar do privilegio que possuiam de fazer milagres. A eloquencia de Francisco Xavier naufragou sempre contra estes interesses petrificados, e a todas as suas tentativas os brahmanes davam como resposta:

— E a superstição que nos faz viver e ás nossas familias; se a superstição fôr destruida, ficamos reduzidos á miseria.

Sobre a costa do Malabar extende-se a pequena região de Travancor, limitada ao norte pelos estados do Samorim e pelo reino de Maduré, de quem era tributario, ao oeste e ao sul pelo mar. Xavier ahi penetrou. Se se deve dar credito aos historiadores, em pouco tempo, perto de cincoenta egrejas se elevam, e em um unico dia (elle proprio relata o facto n'uma das suas cartas) baptisa dez mil indios. Os padres de Travancor, mais fanaticos ainda e menos tolerantes que os da costa da Pescaria, não se contentam em ficar incredulos; só se consideram tranquillos e satisfeitos com a morte de Francisco Xavier. uma noite, assassinos assalariados por elles atacam-o ás frechadas; mas as frechas não lhe acertam e Xavier escapa ao perigo. Mandam largar fogo ás choças em que se abriga, e as chammas deixam-o passar sem lhe chamuscarem sequer os cabellos!

Um acontecimento inesperado põe termo a estas tentativas de homicidio.

A região de Travancor foi invadida pelos bagadas, população de bandidos vinda de Bisnagá, capital do reino de Narsinga, situada a quarenta e cinco leguas ao sul da Calconda, e que tinha por chefe o naïre ou rei de Maduré. O rei de Travancor caminhou ao encontro d'este bando de saqueadores. No momento em que os dois exercitos, já em frente um do outro, se preparavam para se atacar, Xavier, depois d'uma curta e fervorosa oração, tomou o crucifixo, e com voz inspirada:

— Em nome do Deus vivo, exclamou elle, prohibo-lhes que vão mais além; mando-lhes que se separem e que volte cada um para suas casas.

Depois d'um momento de hesitação, os bagadas retrocederam. Em reconhecimento por este serviço, quiz o rei que Francisco Xavier, d'alli em deante, tivesse o titulo de *grande-pae*, como elle usava o de *grande monarcha*. Não se converteu; mas deixou liberdade aos seus subditos de abraçarem a religião christã. A submissão do principe teria sido talvez esteril; um milagre determinou as conversões [1].

---

[1] *Brahma* foi, na epocha chamada *brahmanica*, o creador do mundo, dos deuses e de todos os seres. Na forma actual da religião indu, Brahma tem o logar de primeira pessoa da trindade ou *trimurti*, mas, na realidade não é mais de que uma emanação de *Visnu*, segundo os visnucistas ou de *Çiva*, segundo os çivistas. Em toda a India só tem hoje um templo em Pokhar, perto de Adjemir, mas é adorado nos templos de *Visnu* e de *Çiva*.

O brahmanismo divide o universo creado por Brahma em tres regiões: uma superior composta de seis ceus sobrepostos, residencias dos diversos deuses, dois dos quaes mais elevados são o *svargo* (paraizo da India) e o *Brahma loha* ou *Brahma-vrinda*, (paraizo de Brahma); a terra, *bhumi*, esta dividida em sete continentes *(dvipa)* concentricos, separados por outros tantos oceanos e agrupados ao redor do *Méru* (a montanha santa) que sustenta o ceu; por fim a região inferior, *patala*, dividida em cinco andares, morada dos demonios, cujo ultimo é o *naraha* (ou inferno.) Todo este universo dura apenas um dia de Brahma, isto é 2:160 milhões de annos, para tornar a cair no cahos durante uma noite de egual duração a este dia, até que Brahma acorde e recomece a obra da creação.

Brahma é representado com quatro cabeças e outros tantos braços, com um rosario, e muitas vezes sobre um cysne ou um ganso.

---

[1] Renan escreve: «Todos os factos pretendidos milagrosos que se podem estudar de perto se resolvem em illusão ou impostura. Se um unico milagre podesse ser provado, não se poderia regeitar em globo todos os das antigas historias; porque, no fim de contas, admittindo que um grande numero d'estes ultimos fossem falsos, podér-se-ia ainda crer que certos d'elles teriam sido verdadeiros. Mas não é assim. Todos os milagres discutiveis se esvaem. Não se fica, pois, auctorisado a concluir d'ahi que os milagres, que muitos seculos afastaram de nós e sobre os quaes não ha meio de estabelecer um debate contradictorio, são sem realidade? Em outros termos, não ha mila-

Ignacio de Loyola envia Francisco Xavier a India

Francisco Xavier tinha ido a Ceylão, cidade da costa do Malabar e ahi prégava sem exito. A sua palavra não entrava nos ouvidos, nem ia ao coração dos seus ouvintes. Um dos habitantes da cidade morreu. A familia e os amigos depozeram-o no tumulo, que foi immediatamente fechado. No dia seguinte Francisco Xavier juntou o povo e os parentes mais proximos do defunto, e, seguido pela multidão, foi ao logar do sepulchro. Primeiramente ajoelhou; orou em silencio, emquanto a multidão o contemplava com espanto. Depois com o olhar inflammado na celeste confiança:

—Hontem, disse elle, depozeram um morto n'este sepulchro: abri-o, examinae o corpo, e assegurae-vos todos de que não está alli senão um cadaver.

Affastaram o lençol, abriram a mortalha e verificaram um cadaver hirto, pallido, immovel.

Então Xavier clamou:

—Em nome de Deus vivo, mando que te levantes e que vivas, em testemunho da religião que annuncio!

Ergueu-se o morto; e o povo abraçou o christianismo [1].

Comtudo, na opinião do missionario, D. Martim Affonso de Souza deixava perecer a obra de regeneração começada em Gôa, aproveitando-se da desordem da vida dos conquistadores para se enriquecer. De volta a Cochim, a 15 de dezembro de 1544, Francisco Xavier, d'accordo com Miguel Vaz, escreveu a D. João III a seguinte carta pedindo providencias.

«Supplico a V. M., pelo ardente zelo que tem pela gloria de Deus, e pelo cuidado que sempre tem mostrado pela sua salvação eterna, se sirva enviar aqui um ministro vigilante e corajoso, que só tenha a peito a conversão das almas, que trabalhe independentemente dos empregados do vosso fisco, e que se não deixe governar por todos esses politicos cujas vistas se limitam á utilidade do Estado. Que V. M. examine de perto o dinheiro que vae das Indias cair nos seus cofres, e que compare as despezas que ahi faz pelo progresso da religião. Assim, tendo pesado as coisas d'uma e outra parte, julgará se o que dá equivale ao que lhe dão, e terá, por certo, motivo mais que sufficiente, para temer que, d'esses immensos bens com que a liberalidade divina o enriquece, não conceda a Deus senão uma parte minima.»

A denuncia do jesuita foi favoravelmente acolhida. Quando D. João de Castro substituiu Affonso de Sousa, levou ordem formal de destruir a superstição idolatra em Gôa, desmantelar os pagodes e exilar os brahmanes.

Respeitando as intenções de Francisco Xavier, não podemos deixar de censurar estas e outras violencias tão selvagens como ferozes e de fundo estupido, que pretendem destruir pela força o que centenas de seculos tem arraigado nos corações, e que vão causar a perda do tantas obras de arte d'uma indiscutivel originalidade e d'um caracter tão particular.

Teve Francisco Xavier um precursor nas Indias?

A tradição affirma que S. Thomé, aquelle dos discipulos que não quiz crer sem vêr, alli missionou, comquanto outros o neguem, e entre estes o insuspeito Tillemont. Francisco Xavier estava convencido da verdade do facto, e quando fez a viagem a Meliapor, cidade da costa de Coromandel, onde Thomé, segundo a crença popular, fôra martyrisado, ahi orou sobre o seu tumulo.

E' positivo que quando os portugueses entraram na conquista da India, alli acharam um grande numero de povos christãos, o que causou a admiração tanto dos que chegavam como dos que estavam, por se encontrarem com a mesma uniformidade de cren-

gre senão quando se crê n'elle, o que faz o sobrenatural é a fé.» Com Francisco Xavier houve n'este caso um facto de illusão, convertido em milagroso pela intensidade da sua crença e da disposição dos espiritos que a elle assistiram? ou uma simples estrategia, tão facil no paiz dos fakires?

[1] E. Renan, já citado, escreveu estas linhas: «O monge que *inventou* a redoma com os santos oleos, foi o fundador do reino de França»; que se pódem applicar n'este momento ao milagre de S. Francisco Xavier nas suas consequencias com a extensão do dominio português na Asia. Não nos tinha já dado o *milagre* d'Ourique a autonomia e a nacionalidade?

ças. Estes povos intitulavam-se *christãos de S. Thomé,* estavam então divididos em perto de mil e quinhentas aldeias e tinham um unico pastor, bispo ou arcebispo, que lhes era enviado pelo patriarcha nestoriano de Babylonia ou de Mozul [1].

Estavam persuadidos de que o seu christianismo subsistia desde o primeiro seculo da Egreja, portanto firmes na sua crença. Francisco Xavier tentou trazel-os ao seio do catholicismo. Para isso não hesitou em convocar um debate contradictorio, que deu occasião a uma das scenas mais caracteristicas e singulares do missionarismo no Oriente.

Um dia, á roda d'uma especie de estrado acharam-se reunidos os representantes de todas as divisões da egreja da India, os enviados das ricas egrejas meridionaes, bem como os das humildes egrejas do norte. A assembléa apresentava um aspecto singular. Todos os homens empunhavam espadas ou lanças, cujas hastes eram guarnecidas de pequenas argolas d'aço que tilintavam ao mais ligeiro movimento; no braço esquerdo traziam um escudo de pelle de rhinoceronte ou de hypopotamo. O seu vestuario consistia n'uma elegante tunica branca, apertada na cintura, corrida em prégas até os joelhos. Os anciãos de cada tribu usavam uma especie de alva bordada aos lados e nas costas, que só vestiam quando iam á egreja ou outras solennidades. Além d'isso, cada homem tinha um cinturão de côr viva em que segurava um punhal de cabo de oiro ou prata cinzelada. Os compridos cabellos eram levantados na testa e meio cobertos por um lenço de seda enrolado com certo gosto, e com as pontas caidas ao lado. Os velhos usavam os cabellos rapados, bem como os que tinham renunciado ao casamento, e os que haviam feito a romaria ao tumulo de S. Thomé, em Meliapor.

Os homens, na força da edade, eram admiravelmente bem talhados; e a pelle amarella e luzidia, pelas fricções do oleo do côco, dava-lhes parecenças de estatuas gregas fundidas em bronze doirado. Os velhos tinham o porte magestoso, e todos estavam graves e concentrados.

A certa distancia do circulo formado pelos homens via-se um outro de mulheres, geralmente formosas, gracis e com ar modesto. O uso frequente dos perfumes, luctando contra o calor aspero das regiões quentes, conservava-lhes a pelle com uma brancura rosea, sob que se via correr o trama azulado das veias e das arterias. O seu vestuario consistia tambem n'uma saia branca, raiada d'azul ou côr de rosa, caindo abaixo dos joelhos em mais amplas prégas, deixando vêr as extremidades delgadas. Uma especie de camisola de gaze fina e branca envolvia-lhes o busto, permittindo adivinhar o modelado das fórmas.

As matronas mais graves cobriam a cabeça com um longo panno branco, que completamente as envolvia, deixando apenas o rosto a descoberto. Homens e mulheres traziam nos pulsos e nos tornozelos grossas argolas de oiro ou cobre ôcas, com pedrinhas dentro, que os mais leves movimentos faziam soar docemente.

Emquanto esperavam a chegada de Francisco Xavier, que os tinha convocado, os christãos de S. Thomé entregaram-se a um divertimento que lhes era peculiar; uma especie de dança de roda, executada pelos rapazes, ensaiada e dirigida pelos velhos, cantando, n'um longo hymno, os louvores e o martyrio do seu apostolo venerado. Depois sentaram-se e os escravos serviram-lhes um repasto simples, composto de arroz cozido em agua, misturado com leite, e condimentado com gingibre e caril.

A' chegada do missionario, todos se levantaram em silencio; os velhos extenderam

---

[1] Os seus erros, que os afastam do catholicismo, eram, segundo contou fr. Antonio de Gouvêa, religioso augustiniano: sustentar que Jesu-Christo, Deus e Homem não são a mesma pessoa, que um é filho de Deus, o outro filho de Maria;=que o verbo de Deus desceu em Jesus no momento do seu baptismo, e a série de consequencias que saem d'estas affirmações. Além d'isto não admittiam na cruz a imagem do Crucificado;=não admittiam que as almas dos santos vissem a Deus depois do juizo final;=tinham só tres sacramentos: o baptismo, a ordem e a eucharistia; e o baptismo mesmo era administrado de tal maneira que o arcebispo D. Aleixo de Menezes rebaptisava todos que lhe vinham á mão. Não praticavam a confissão, e os santos oleos de que se serviam não eram de azeite mas de noz da India.

os braços e offereceram a mão inclinando-se.

O local escolhido para a reunião era uma vasta esplanada verde e assombreada por altas palmeiras, que descia em suave declive até á praia em que vinham morrer as ondas do mar das Indias. Uma eminencia arborizada punha a assembléa ao abrigo do sol. O missionario levantou-se no meio do silencio profundo, apenas perturbado pelo rumor monotono e chapinhante das ondas d'encontro á costa afastada.

Francisco Xavier começou a falar, e, emquanto o fazia, os rapazes tapavam a bocca com a mão esquerda, prova de respeito que tributavam aos paes, ao irmão mais velho, aos padres, aos chefes da tribu, e aos anciãos de cada egreja.

Expoz elle os erros de Nestorio, a necessidade da unificação da crença; os beneficios da sujeição a Roma, e até as conveniencias politicas de seguirem todos a mesma religião que o rei de Portugal. Falou longamente, com toda a sciencia d'um graduado das universidades de Hispanha e França; digamos mesmo, com a astucia d'um vasconço, a uncção de padre, nuncio pontificio, e vehemencia eloquente de apostolo sincero.

Quando elle terminou, respondeu-lhe um bello e magestoso velho, que pelo aspecto parecia centenario, e, depois de elogiar a eloquencia de Xavier continuou:

«Meu irmão da Europa disse-nos boas palavras; mas ha muitos seculos, — quando a mais velha arvore d'esta floresta era tão pequena, tão pequenina que a mais ligeira mosca azul teria feito vergar a sua haste—, um homem, um santo, um apostolo desceu até estas paragens, ainda idolatras, e revelou a nossos paes os mysterios divinos e salutares da vida e morte de Christo. Nossos paes ouviram o enviado de Christo; acreditaram nas suas palavras e fizeram-se bons. Ha quinze seculos que nós acreditamos o que nossos paes acreditaram »

Depois, firmes em que a religião que seguiam era a que lhes fôra directamente ensinada por um discipulo de Jesus; e de se declararem promptos a derramarem todo o seu sangue pela defesa d'aquella sua fé, concluiu:

—Que o nosso irmão da Europa seja bem vindo entre nós; o seu Christo é o nosso Christo; o que importa que não nos sirvamos das mesmas palavras para o adorar? Nem todos os homens têem a mesma côr e nem por isso deixaram de ser creados por Deus. Disse [1]»

Francisco Xavier, viu que não podia levar o convencimento áquellas almas tão crentes, e ao mesmo tempo tão sensiveis, e desistiu de as converter.

Mais tarde a inquisição tomará esse encargo e pretenderá leval-o a cabo pelo sangue e pelo fogo [2].

Em Malaca, encontrou Francisco Xavier tres jesuitas que Ignacio de Loyola lhe mandára, Antonio Criminal, João da Beira e Nicolau Lancilotti, com os quaes repartiu a obra da conversão. Lancilotti foi encarregado de ensinar latım no collegio da Santa-Fé [3] em Gôa, e Criminal e João da Beira fo-

---

[1] A doutrina de Nestorio ainda hoje persiste na India, talvez n'uma fórma já muito adulterada e intercalada com dogmas catholicos ortodoxos. Mas nem aos nossos prelados no Oriente, e creio que nem á *Propagação da Fé*, lhes convém, na sua lucta diaria contra o protestantismo, estar a levar o exame da doutrina até á essencia da propria doutrina. Contentam se com as praticas exteriores do culto... e os respectivos emolumentos

[2] Se em toda a parte a inquisição – segundo a phrase do sr. arcebispo d'Evora, no panegirico do padre Antonio Vieira, declamado na Sé de Lisboa, por occasião da celebração do seu terceiro centenario em 1897—foi um tribunal infame, nunca a infamia por mais baixa, por mais vil, mais eivada e determinada por interesses mundanos do que no tribunal de Gôa, por ironia chamado o *Santo Officio*. Os inquisidores chegaram a mandar prender nos seus carceres as mulheres que lhes resistiam, e ahi satisfaziam seus instinctos bestiaes, mandando-as queimar depois como herejes.

[3] A origem d'este collegio, affiançam os franciscanos, é devido aos seus missionarios e assim bem claramente o declára Fr. Fernando da Soledade, na sua *Historia Seraphica*, sem comtudo se referir depois á sua passagem para o poder da companhia. Outros, e parece que com mais razão, attribuem a fundação aos padres Miguel Vaz, vigario geral e Diogo de Borba, alemtejano, prégador afamado que em 1538 acompanhou D. João d'Albuquerque, bispo de Gôa. Os dois instituiram uma confraria tendo por fim perseguir a idolatria e favorecer os christãos novos.

Elaborados os estatutos, a projectada confraria recebeu o titulo de Santa Fé. Por morte do Padre Borba, e não existindo dos mordomos da confraria senão Cosme Annes, secretario d'estado, offereceu-o este

ram enviados para a costa da Pescaria.

Francisco Xavier embarcou no 1.º de janeiro de 1546 para as Molucas, onde o esperavam asperos trabalhos e novos perigos. A peste tinha-se manifestado entre as tripulações dos navios hispanhoes e dos portugueses, ancorados no porto da ilha de Amboino [1].

Os habitantes, aterrados, deixavam morrer os pestiferos sem lhes levarem soccorro. A praia e as toldas dos navios estavam cheias de mortos e moribundos. Um unico homem ousou affrontar o contagio, e o contagio respeitou-o. Esse homem era Francisco Xavier.

Emfim a peste cessou; e logo que os navios levantaram ferro, foi prégar o evangelho ás outras ilhas do archipelago, e por fim a Ternate, a mais importante de todas ellas. Aqui, converteu Neachilea Pocaraga, filha de Almanzor, rei de Tidore, que usava o titulo de rainha de Boleife antes da conquista, nossa inimiga irreconciliavel, e de quem fêz uma fervorosa christã e uma alliada fiel de Portugal.

Tantos trabalhos, tantas fadigas, tantas travessias perigosas atravez dos escolhos do oceano oriental, estavam longe de esgotar as suas forças.

Os habitantes da ilha de Moro, a sessenta leguas para o oriente, são crueis, inhospitaleiros, ferozes. Filhos d'um solo esteril, revolvido pelas tempestades, queimado pelos fogos subterraneos, têem paixões violentas e sanguinarias, matam sem dó nem remorsos os seus inimigos e comem-lhes as carnes assadas ao fogo. Xavier escreveu a Loyola:

«A região para onde vou está eriçada de perigos, e é funesta a todos pela selvageria dos seus habitantes e pelo uso de diversos venenos que ministram nas bebidas e nas carnes. E' o que tem impossibilitado muitos padres de os irem instruir. Quanto a mim,

Francisco Xavier anima os marinheiros durante as borrascas

a Francisco Xavier, que com auctorização do governo o acceitou.

Horacio Tursellin, primeiro biographo de Francisco Xavier e seu contemporaneo, accrescenta: que Diogo de Borba, fazendo abandono do seminario creado por elle, impoz como condição que seria elle o reitor; e entrou para a companhia.

[1] Esta gente, que alli estava havia perto de dois annos em cinco ou seis navios, fôra áquellas regiões sem ordem de Carlos V, como se declarou na resposta a uma reclamação de D João III, dizendo-lhe que os podia castigar como piratas a fogo e sangue. Os navios portugueses eram os de Lourenço Pires da Tavora, que tendo ido para expulsar os castelhanos, tão desgraçados os encontraram que só tiveram commiseração para os amparar e recolher.

considerando a extrema necessidade que elles têem e o dever do meu ministerio, que me obriga a libertar as almas da morte eterna, á custa da minha propria vida, resolvi arriscar-me pela salvação d'elles. Toda a minha esperança, todo o meu desejo é de me conformar, tanto quanto me seja possivel, com a palavra do Mestre: «Quem quizer salvar a sua alma a perderá, e quem a perder por meu amor a encontrará.

«Muitas pessoas, que aqui me dedicam a maior ternura, têem feito todo o possivel para me desviarem d'esta viagem.

«Vendo que as suas lagrimas e as suas supplicas ficavam sem effeito, têem querido fornecer-me contra venenos. Nada tenho querido acceitar, com receio de que, levando o remedio, começasse a ter medo do mal. A minha vida está nas mãos da Providencia; não tenho necessidade de preservativos contra a morte, e pareceu-me que quantos mais remedios tivesse, menor seria a minha confiança em Deus.»

A ilha de Moro submetteu-se á voz do missionario, que voltou ás Molucas, a Malaca, e por fim a Gôa, em julho de 1567. Nuno Ribeiro, e mais sete jesuitas, enviados por Ignacio, ahi o esperavam. Os preceitos do fundador sobre a virtude da obediencia tinham fructificado no espirito e no coração de Xavier. Um dos seus dois companheiros, Francisco Mancias, recusou deixar o theatro das suas prégações, e Xavier expulsou-o da companhia.

E' n'esta epocha que se desdobra um dos episodios mais brilhantes d'esta vida cheia de heroismo e de maravilhas. Alaradin, rei de Achem, na ilha de Samatra, não tinha até então querido reconhecer o nosso dominio, e havia muito tempo que elle nutria o secreto plano de se apoderar de Malaca. Em a noite de 8 para 9 de outubro, forçou o porto da cidade e ameaçou incendial-a com os seus brulotes [1].

Tendo tomado uns pescadores que encontrou fóra do porto, mutilou-os horrivelmente, e encarregou-os de levarem ao governador da fortaleza, Simão de Mello, uma intimação insolente, redigida com a emphase e o exaggero orientaes:

«Bajaja Soora, eu que tenho a honra de trazer em vasos d'ouro o arroz do grande sultão Alaradin, rei de Achem e das terras que um e outro mar lavam, te advirto, para que escrevas a teu rei, dizendo lhe que eu estou aqui a pezar seu, lançando o terror na sua fortaleza com o meu altivo rugido, e que ahi estarei tanto tempo quanto me aprouver. Tomo em testemunho do que te digo, não só a terra e as nações que a habitam, mas todos os elementos e até o ceu da lua, e lhes declaro, por palavras da minha bocca, que o teu rei não tem reputação nem valor; que os seus estandartes abatidos nunca mais se poderão erguer sem licença d'aquelle que acaba de o vencer; que, pela victoria que temos alcançado, meu rei tem debaixo dos pés a cabeça do teu, que, de hoje em deante, é seu subdito e seu escravo; e para que tu proprio confesses essa verdade, eu te desafio a combate no logar onde, ao presente, me acho, se tens bastante coragem para me resistir.»

Era mais facil desprezar este ridiculo desafio do que a armada de Alaradin. E o conselho, convocado por Simão de Mello, estava indeciso. Xavier apparece e dá coragem aos animos. Não são palavras de paz, que elle faz ouvir, mas um grito de guerra que sae do seu peito. Toda a altivez do sangue hispanhol se revolta debaixo da humilde roupeta; lembra-se da sua origem, da sua mocidade destinada ás armas, de seus irmãos que foram valorosos capitães. Alguns navios tinham sido poupados pelas chammas, eil-os ahi vão, fracos mas intrepidos, tendo no tope dos mastros o pavilhão das quinas e nas vellas a cruz de Christo, ao encontro do inimigo; mas apenas saido do porto o navio almirante, um chaveco, que estivera até alli varado na praia, mettendo agua por todas as juntas, sossobra e desapparece nas ondas.

[1] D'esta armada diz Lucena: «Eram as vellas, afóra uma grande quantidade de balões, que são embarcações pequenas, sessenta entre lanchas, fustas e galeotas, que todas jogavam camaletes por prôa e algumas meias espheras com seus falcões de coxia, e outra muita artilheria, de que já então aquelles barbaros tinham á nossa custa, e em nosso damno, muitos armazens.»

O jesuita apazigua os murmurios que o desastre levanta e os receios que eram justificados, e promette um soccorro enviado pelo ceu. Effectivamente, ao cair da noite, surgem no horizonte duas vellas latinas que, no dia seguinte se reunem á frota. Eram as fustas de Diogo Soares, o Gallego, e de seu filho Balthasar. A 25 de outubro os portugueses perseguem os achemenses que tinham levantado ferro. Mettem a pique, incendeiam, ferem, matam e dispersam os navios inimigos.

Seis mezes depois, nomeia Paulo Camerino, superior geral, em seu logar; confia os paravas a Criminal, Henrique e Alonso Cypriano; vae a Baçaim visitar Garcia de Sá, successor no governo das Indias de D. João de Castro, e a 15 d'abril embarca-se para o Japão com Cosme Torres, João Fernandes e o japonez Anjero de Cangoxma, convertido ao christianismo com o nome de Paulo de Santa-Fé.

A tempestade o balouça e o obriga a navegar durante quatro mezes, e a 15 d'agosto de 1549 o depõe na praia de Cangoxma. Alli se encontra a braços com uma população fanatizada pelos bonzos, que dispõem como soberanos senhores da vida e dos bens dos homens, e, em nome da sua divindade, Amida [1], fazem com que se precipitem do alto dos rochedos aos rios, ou que se sepultem vivos. Lá, como na costa da Pescaria, teve que luctar contra a ignorancia, a superstição e o egoismo. Lá egualmente triumphou. Põe-se a caminho, com a costumada bagagem constituida pelos paramentos indispensaveis para dizer missa. Atravessa povos que desprezam a sua pobreza. Mas em Firando, reino adjacente á ilha de Xamo, a armada portuguesa reconhece-o, e logo os mastros se empavezam, sôa a artilheria como se um monarcha tivesse chegado, e o rei auctoriza-o a prégar o christianismo nos seus estados.

Embarca de novo, e faz-se de vella para a ilha de Nifon a 27 d'outubro de 1550. A cidade de Yamanguxi, antro de todos os vicios engendrados pela riqueza, abysmada na sodomia mais vergonhosa e nos mais repellentes deboches, resiste á sua palavra e é obrigado a retirar-se deante d'esta accusação universal:

— Eis o bonzo impostor que quer que não adoremos senão a um Deus, e que cada um de nós apenas tenha uma mulher!

Acompanhado por Fernandes e por dois japoneses, que tinha convertido, partiu para Méaco, capital do imperio. Entra n'um deserto gelado, onde a neve se extende por toda a parte como um infinito lençol branco. Durante dois mezes, com os pés nus, resguardando-se do frio com uma simples sotaina esburacada, levando n'um alforje ás costas alguns punhados d'arroz, seu unico alimento, atravessa essas terriveis solidões, sem se queixar, sem um murmurio, sem que um unico instante perdesse a coragem, e quando, emfim, chega a Méaco, sabe que tudo foram trabalhos perdidos. É preciso pagar uma quantia enorme, (perto de dois contos da nossa moeda) para obter uma audiencia do Dayri, e Xavier não possue um real, porque já distribuira em esmolas uns mil escudos d'oiro, que o tinham obrigado a acceitar.

Que vae fazer? Irá emfim depôr o bordão e a saccola de peregrino?

Volta atraz, recolhe alguns presentes, que na sua volta offerece a Oxindono, rei de Yamanguxi, e d'esta vez é ouvido, e obtem licença para prégar.

Instruiu os japoneses e os chineses; iniciou-se nas subtilezas de todas as seitas em que se dividiam as crenças; argumenta e discute contra os bonzos que, para o embaraçarem, falam uns poucos ao mesmo tempo e sobre differentes assumptos. A bulla da canonização diz que: «as suas respostas breves, claras e multiplas pela graça, feriam ao mesmo tempo os ouvidos dos seus interlocutores».

---

[1] Amida é um dos cinco *nioris* (Fathâgatas) ou Budhas eternos. Personifica no budhismo japonês a a virtude da caridade e do amor do Budha supremo. Para livrar os homens das miserias que sem cessar nascem da transmigração, para os conduzir á perfeita felicidade do paraizo, que elle preside na região occidental, Amida dignou-se encarnar se elle proprio na pessoa de Câkyamuni o fundador do budhismo. Todas as seitas budhicas do Japão professam uma profunda adoração por Amida, votam-lhe um culto particular. Amida é na maioria das vezes figurado sentado sobre um lotus, com as pernas encruzadas, no meio d'um grande resplendor.

«Embora me tenham embranquecido os cabellos, escrevia elle para Roma, estou mais robusto do que nunca; porque os trabalhos que se soffrem para cultivar uma nação intelligente que ama a verdade, e deseja a sua propria salvação, dão sufficiente alegria. Nunca me senti tão consolado como em Yamanguxi, onde uma grande multidão de gente vem ouvir-me, com o consentimento do rei. Vejo o orgulho dos bonzos abatido, e os mais altivos inimigos do nome christão submettidos ao Evangelho. Vejo os transportes d'alegria em que se comprazem estes novos christãos, quando, depois de terem vencido os bonzos na discussão, voltam todos triumphantes. Não me alegra menos ver o trabalho que elles teem, cada qual ao despique, para converterem os gentios, e o prazer que sentem em contar as suas conquistas; por que maneira elles se apoderam dos espiritos, e como exterminam as superstições pagãs. Tudo isto me causa uma tal alegria, que com ella perco o sentir dos meus proprios males. Praza a Deus que, assim como me recordo d'estas consolações que recebi da misericordia divina no meio dos meus trabalhos, eu possa não só contal-os, mas dar d'elles a experiencia e fazel-os sentir um tanto ou quanto ás nossas academias da Europa. Estou certo que muitos dos moços que ahi estudam, viriam empregar na conversão d'um povo idolatra, o que teem d'animo e forças, se tivessem uma vez, sequer, gosado as celestes doçuras que acompanham as nossas fadigas.»

No meio dos seus trabalhos apostolicos, que são partilhados por Torres e Fernandes, Francisco Xavier sabe que um navio português, do commando de Duarte da Gama, estava nas aguas de Bungo, consideravel reino da ilha de Xamo. A 20 de setembro de 1551, dirige-se para Fucheo capital do reino. Os portuguêses assim que o vêem chegar vão ao seu encontro, recebem-o com honras, e o rei escreve-lhe para que no dia seguinte vá a palacio.

Apesar da repugnancia de Xavier, preparou-se tudo para que a recepção fosse brilhante e solenne. Fizeram-lhe comprehender que a impressão exterior das pompas mundanas é necessaria para actuar mais vivamente sobre essas imaginações orientaes. Xavier consente, n'esse dia, em vestir uma sotaina nova, enverga a sobrepeliz, e põe uma estola de veludo verde bordada a oiro.

Ao nascer do sol, o cortejo põe-se a caminho para o palacio.

Trinta portugueses, cujos vestidos brilhavam com o scintillar dos bordados e das pedrarias, avançam descobertos, e precedidos por Duarte da Gama [1].

A musica das charamellas mantem a ordem e o rythmo da marcha da multidão que segue o missionario. Cercam-o cinco homens um dos quaes leva o evangelho n'um sacco de setim branco; e os outros um bastão de canna de Bengalla com incrustações de oiro, umas chinellas de velludo preto bordadas, uma imagem de Nossa Senhora, e um guarda-sol. A guarda do rei afasta-se para o receber. Entra no palacio, e, acompanhado dos principaes senhores do reino, percorre magnificas galerias, até que é introduzido na sala, onde o rei espera a comitiva, sentado no throno.

Vae o missionario para se lançar a seus pés, segundo o cerimonial do costume; mas, ao seu aspecto, o rei levanta-se, tres vezes se inclina, fal-o sentar a seu lado, e pede-lhe que desenvolva, na presença de toda a sua côrte, os mysterios e as verdades da religião christã. Ao jantar para que foi convidado todos os assistentes ficaram de joelhos.

Uma tal protecção, que se não desmentiu um só instante, durante quinze dias, attraíu contra o missionario a cólera e a vingança dos bonzos. Fucarandono, seu chefe e seu oraculo, amotinou o povo, e o dia marcado para a partida de Francisco Xavier quasi que esteve para ser o da sua morte. Graças á coragem calma e tranquillidade de que deu mostras, e á attitude bellica dos portugueses, pôde reembarcar-se no navio que o tinha conduzido.

A 24 de janeiro de 1552 desembarca em Cochim, na costa do Malabar, onde, mal põe pé em terra, emprehende logo converter o

---

[1] «Dos portugueses nenhum ficou nas naus, e todos se fizeram louçãos com cadeias de oiro sobre ricas sedas, que vestiam e concertos de perolas nas gorras», diz João de Luçena.

A caminho do Japão

rei das Maldivas, ilhas equatoriaes, no grande mar das Indias, a cincoenta leguas do cabo Camorim; e de concerto com um seu amigo, o negociante Diogo Pereira, tracta de dar execução a um antigo projecto, muitas vezes feito, de uma viagem á China.

Pela segunda vez, usando dos poderes que lhe foram concedidos, lembra a virtude da obediencia a um dos seus companheiros, o jesuita Gomes[1] reitor do collegio de S. Paulo, que tinha introduzido algumas alterações no plano d'estudos organisado pela companhia. Gomes era protegido pelo governador das Indias, D. Jorge Cabral; mas este cedeu ás representações de Xavier, e Gomes seguiu viagem para a Europa no primeiro navio de retorno.

Antes da sua partida para a China, Xavier poz em ordem os negocios da companhia. Gaspar Bargié foi nomeado reitor do collegio da Santa-Fé, e superior geral de todos os irmãos em missão n'este novo mundo. Melchior Nunes partiu para Baçaim, João Lopes para Meliapor, Gonsalves Rodrigues para Cochim e Luiz Mendes para a costa da Pescaria. Os missionarios designados para o acompanharem á China foram: Balthazar Gágo, Duarte da Silva, Pedro Alcaçovas, Gonçalo da Silveira e Francisco Rodrigues.

N'uma carta de 9 d'abril de 1552, explica a D. João III o fim e as esperanças da sua nova empreza:

«Vou partir para Gôa d'aqui a cinco dias, para me fazer de vela para Malaca, d'onde tomarei o caminho da China com Diogo Pereira que está nomeado embaixador. Levamos ricos presentes que Pereira comprou, parte com o vosso dinheiro, parte com o seu d'elle; mas vamos-lhe offerecer um mais precioso, tal que nenhum rei, que eu saiba, ainda fez a outro rei: é o Evangelho de Jesu-Christo; e se o imperador da China algum dia lhe conhecer o valor, estou certo que preferirá este thesoiro a todos os seus, por maiores que elles sejam.

«Espero que Deus lançará os seus olhos de misericordia sobre um tão vasto imperio, e que fará conhecer a tantos povos, que trazem a sua imagem gravada na fronte, o seu creador e o salvador de todos os homens, Jesu-Christo.

«O nosso empenho é tirar dos ferros os portugueses que estão captivos na China, de alcançar a amisade dos chins em favor da corôa de Portugal, e principalmente guerrear os demonios e seus partidarios...»

Mas um obstaculo, que elle não tinha previsto, transtornou os seus projectos. O governador de Malaca, D. Alvaro d'Athayde, esperava ser nomeado para a embaixada da China; cioso da preferencia dada a Pereira, um simples negociante, recusou, na sua qualidade de capitão-mór do mar, deixar partir a nau *Santa Cruz*, sob pretexto de que os javaneses ameaçavam atacar Malaca. João Soares, vigario geral, mostra a D. Alvaro as cartas patentes de D. João III e de D. Affonso de Noronha, governador das Indias, que conferem a Xavier uma auctoridade absoluta; D. Alvaro responde com a recusa. Xavier é nuncio apostolico, e dá ordem a João Soares de excommungar o capitão-mór; mas este, português dos quatro costados, affronta a excommunhão, e faz apparelhar a nau para Sanchoan ilha situada na costa de Cantão. O missionario submette-se e embarca.

Francisco Xavier desembarcára na ilha onde apenas havia uma pequena, pobre e miseravel população. «Os navios dos portugueses, escreve João de Lucena, que tinham alguns e acudiam ao padre, com suas caridades, eram todos partidos, sem ficar no porto mais do que um só, com pouca gente muito necessitada, e a maior parte enferma, aos quaes o Padre d'antes costumava servir e buscar esmolas, e agora é forçado a lh'as pedir para não morrer. Não tinha comsigo pessoa nenhuma da nossa companhiã, com quem se consolasse, o hospede fugira-lhe no navio que ficou, os mais eram de D. Alvaro d'Athayde. Emfim, só com Antonio China e outro moço indio dos que sairam com elle de Gôa se achou n'este passo. Quando em uma segun-

[1] Quando tractarmos especialmente dos jesuitas em Portugal teremos occasião de vêr como ao espirito cavalheiroso e independente, apesar de jesuitas, dos portugueses d'aquella epocha, repugnava a obediencia mechanica, servil que a companhia impõe a seus socios, reduzindo-os a menos que escravos.

da feira 20 de novembro, vindo de dizer missa por um defuncto, o tomou a febre, recolheu-se á nau, em que estavam outros pobres doentes, desejoso de os acompanhar e passar entre elles a propria pobreza e enfermidade, já que os não podia curar e soccorrer nas suas. Mas indo o mal muito por deante, e sentindo-se o padre dos grandes balanços da nau, por lhe impedirem, com a fraqueza da cabeça, a attenção das coisas divinas, pediu que o levassem para terra. Onde o metteram os dois moços n'uma choupana, que um português offereceu por compaixão de o vêr tão maltratado.»

«Era a choupana coberta de ramos e terrões, aberta por diversas partes ao vento, sem abrigo algum do frio; o tempo ia entrando aspero, a falta de tudo crescia por horas, não havendo outro modo de provimento que o que Antonio da Santa-Fé pedia e havia por amor de Deus.»

Durou a doença doze dias, expirando na antemanhã de sabbado 2 de dezembro de 1552, dez annos sete mezes e quatro dias depois de entrar na India e aos cincoenta e cinco da sua edade, com a imagem de Christo nas mãos.

«O padre Francisco Xavier era de justa estatura, conta ainda Lucena, mais grande que pequeno, não falto de carnes, bem formado e homem de grande compressão e forças, o rosto grave, e em boa proporção no comprimento e largura, a côr naturalmente branca e rosada de mais d'andar sempre inflammado, os olhos entre negros e castanhos, a testa larga, o nariz moderado, a barba preta, e em todo o semblante tinha com muito ar muita auctoridade. Trouxe sempre o cabello copado, não usou nunca mantos sobre a roupeta, que era pobre mas limpa. Andava com ella solta tomando-a, com ambas as mãos, um pouco sobre o peito.»

No domingo seguinte foi o seu cadaver enterrado no areal proximo d'uma cruz que os portuguêses alli tinham erguido, e, como tumulo, agglomeraram-lhe em cima um montão de pedras. O enterramento fez-se sem solennidade alguma e o padre Boùhours escreve: «e além de Antonio de Santa-Fé, Francisco d'Aguiar e dois outros, mais ninguem assistiu. Um historiador das Indias diz: que o frio insupportavel que fazia n'esse dia foi a causa d'isso, mas apparentemente o receio que teve a gente do navio de attrair a indignação do governador de Malaca, teve, pelo menos, tanta parte como o frio.»

Dois mezes e meio depois da morte o navio que estava no porto partia para a India, e Antonio de Santa-Fé contractou com o respectivo capitão, Luiz d'Almeida, o transporte dos ossos para Gôa. Annuiu este, e a 17 de fevereiro de 1553, mandou abrir a cova e o caixão para receber os ossos, e encontraram o cadaver inteiro e sem corrupção, o que em taes epochas era signal evidente de santidade.

A 22 de março chegou o navio a Malaca. O cadaver foi reverenciado já como o d'um santo; mas só o governador Alvaro de Athaide se recusou a prestar-lhe qualquer homenagem, e depois enterrado fóra da egreja. Como a cova fosse pequena e o cadaver entrasse á força, soffreu certa deformação nos hombros.

Cinco mezes passados foi desenterrado secretamente por Diogo Pereira e João da Beira, encerrado n'um precioso caixão, e por fim, depois d'uma série de peripecias em que o dramatico das situações se allia á piedade dos que o conduzem, apontou a Gôa. Em toda a parte, porém, onde elle tinha estado e aonde chegara a noticia da sua morte, da costa da Pescaria ao Japão, nas terras que percorrera, em todas as ilhas d'esses mares que cem vezes atravessou, o lucto foi geral, e unanime o concerto de lagrimas e de lamentações.

Quando a *Santa Cruz*, que levava os seus restos mortaes, encontrava qualquer navio, este prestava honras funebres á memoria do missionario. Troava o canhão e as bandeiras fluctuavam a meio pau.

Por uma noite sombria e tempestuosa, 16 de março de 1554, o cadaver foi enviado para terra, no meio de enorme multidão, que se arredava para deixar passar o funebre cortejo. Por vezes a lua, rasgando a negrura espessa das nuvens que cobriam o ceu, vinha fundir a sua luz clara com os clarões vermelhos e sinistros dos archotes, cujas chammas o vento fazia vacillar. Dois homens, precedendo o caixão, que era carre-

gado por quatro outros, iam na frente entoando a ladainha. Grande numero d'outros formava o prestito, todos recolhidos e descobertos. A multidão, de joelhos, resava, e só os seus soluços interrompiam a funebre psalmodia, e assim o levaram a passar a noite na ermida de Nossa Senhora de Ribandar, dentro do rio, a meia legua de Gôa.

Na manhã seguinte, foram seis embarcações, onde os portuguêses iam com brandões accesos, buscar o cadaver, que levaram para Gôa. Aqui, seis jesuitas carregaram o corpo, e depois de tres dias de exposição publica «o metteram ao quarto n'um sepulchro d'abobada, que se abriu no altar mór, á parte do Evangelho.»

Uma bulla de Urbano VIII, datada de 6 d'agosto de 1623, collocou Francisco Xavier em o numero dos santos.

Deixamos propositalmente de narrar a parte maravilhosa da vida d'este verdadeiro homem de Deus, pois que para a sua gloria basta a parte humana. O leitor que ponha esta vida em parallelo com a de Ignacio de Loyola e que decida qual d'elles é o santo.

# VIII

## Os Exercicios espirituaes

Da brilhante claridade do oriente, onde seguimos, não par em passo como seria nosso desejo, mas nas suas linhas geraes, a vida de Francisco Xavier, — que muitos outros jesuitas imitaram, sem nenhum a egualar, — obriga-nos o assumpto, a pesar nosso, a vêr se penetramos n'essa noite sombria, sinistra, enervante e anniquiladora dos *exercicios espirituaes*.

Foram estes um dos mais poderosos meios do que Ignacio lançou mão, e os seus companheiros e discipulos seguiram e aperfeiçoaram, para o absoluto dominio d'aquelles que, seduzidos por uma curiosidade tão mystica como doentia, tivessem a desgraça de praticar.

É, pois, necessario que nos enchamos de coragem e os conheçamos tanto quanto possivel, para lhes comprehendermos as intenções e vêr a que resultados se chega com elles, nas mãos d'um director habil e sem respeito pela dignidade humana. Conhecidos que sejam, saberemos como elles pódem anniquilar para sempre a liberdade individual e reduzir o *praticante*, por meio d'uma continua e irreductivel obsessão, a um mero semovente sem consciencia, a pouco

Recepção de Francisco Xavier pelo rei de Bungo

menos de que um mentecapto docil, dirigivel pelo vontade alheia, atrophiado na volição destinado a ser o verdadeiro *cadaver na mão do lavador dos mortos*.

Quem methodisou os *exercicios*, quem inventou a sua gradação era um verdadeiro psychologo, e um orgulhoso despresador do homem moral.

Quando se estudam e se comparam o texto dos *exercicios* de Cisneros e o texto dos *exercicios* de Loyola, o que logo resalta não são tanto as semelhanças indiscutiveis que elles apresentam, mas sim as differenças fundamentaes que os separam. Ignacio tomou a D. Garcia o titulo e as grandes linhas do seu livro, a duração, fóra de uso, do retiro de trinta a quarenta dias [1], a divisão d'estes dias por periodos qualificados de *semanas* e correspondendo ás diversas vias espirituaes, conhecidas dos mysticos: via *purgativa, illuminativa, unitiva* e *contemplativa* [2]; a ordem dos diversos assumptos de meditação tirados da vida e morte de Jesu-Christo. Mas o que é o *tudo* em Cisneros é apenas a *parte* em Loyola, cuja obra, muito mais condensada, é, apesar do que contem de extranho á d'aquelle, sensivelmente mais curta.

Cisneros pretende que o homem trabalhe por si para a sua perfeição, e traça-lhe as regras que deve seguir para que o consiga. Ignacio recommenda principalmente que elle *se deixe trabalhar;* nunca fala em *fazer* os exercicios mas em os *receber*. Ao lado, ou melhor ainda, acima do *exercitante* colloca — intermediario indispensavel entre Deus e elle — o *director*, aquelle que *dá os exercicios* [1], cuja funcção é de se assenhorear da imaginação e da sensibilidade *d'aquelle que os recebe*, afim de dispôr, como senhor absoluto, da vontade d'este. Emquanto o livro de Cisneros, escripto para monges, e cheio de subtilesas escholasticas, provoca o esforço individual e respeita a liberdade dos espiritos e das almas, o de Loyola, que se destina ás pessoas de todos os estados e de todas as condições, exige d'ellas a *obediencia passiva!* O *Exercitatorium* de D. Garcia tem exclusivamente a feição do mysticismo hispanhol e escholastico, que Thereza de Jesus renovará; os *Exercitia* de Ignacio «teem, segundo disse um adversario, fundidos no mesmo conjuncto os processos gnosticos das seitas musulmanas, e as subtilesas d'um catholicismo militante.»

Não são conhecidas as fontes onde Ignacio foi beber tudo quanto, das congregações musulmanas, se encontra nos *exercicios* e nas *constituições*, mas não será arriscado suppôr que não seria preciso sair de Hispanha, n'aquella epocha, para tomar conhecimento de taes congregações [2] uma das quaes, entre outras, a dos *chadelya* contava numerosos adeptos. Temos mais: a conversa e discussão com o moiro a caminho de Manreza, e sobre tudo essa viagem a Jerusalem, ainda tão

---

[1] A duração normal dos exercicios é de trinta dias, mas póde ser prolongada ou abreviada pelo *director*, o qual se determina segundo as condições physicas e moraes do paciente, e em conformidade com as vistas que a companhia póde ter lançado sobre elle. — É egualmente ao *director* que compete fixar a duração dos quatro cyclos ou semanas que deve atravessar o retirante. Poucas saudes e menos razões ha que possam impunemente ser detidas durante trinta ou quarenta dias n'um receio muito perto do terror, ou entregues a um enthusiasmo que confina com a allucinação. Ignacio diz que a sua experiencia lhe mostrou que poucas pessoas são capazes de praticarem os exercicios á risca, e sem modificações, e por isso recommenda estas. Encontram se as mesmas recommendações e as mesmas reservas nos rituaes arabes, que prescrevem o *kelua*, ou retiro de trinta a quarenta dias, usado em um certo numero de congregações musulmanas.

[2] N'um dos principaes capitulos do meu livro *As freiras de Lorvão*, tracto mais desenvolvidamente d'esta fórma de oração muito usada, principalmente pelos *mysticos* do seculo XVI e XVII, e de que foi consumada mestra Santa Thereza de Jesus.

---

[1] «O fructo dos *exercicios*, diz Bartoli, depende principalmente da *habilidade* de quem os dirige» e que esse director seja jesuita, sem o que não ha salvação possivel!

[2] A ordem religiosa dos chadelya, a decima sexta em data das grandes ordens religiosas musulmanas, e uma d'aquellas cuja moral foi e se tem conservado mais pura, teve por fundador Sid-Abu-Médian, nascido em Sevilha em 1126, e morto em 1198; mas foi buscar o seu titulo ao seu terceiro cheikh Sid-Abu-Hassenech-Chandely (1205-1256) cuja memoria ficou venerada em todo o islamismo. Esta ordem multiplicou-se com uma grande rapidez, e os seus adeptos, disseminados na Arabia e na Hispanha, formaram grupos distinctos, dos quaes muitos d'elles ainda subsistem.

pouco conhecida em todos os seus incidentes. O incontestavel é que os emprestimos ás doutrinas musulmanas são flagrantes, e que os jesuitas para resolverem a questão a collocam no campo da inspiração divina, como já tivemos occasião de escrever [1]. E certo que os que têem particularmente estudado as congregações religiosas dos arabes, chegaram ao convencimento absoluto de que foram estas que suggeriram a Ignacio o plano do seu instituto, e que o livro dos *exercicios,* ou antes o seu methodo d'applicação, se inspirou nos escriptos e nos processos musulmanos, facto que em si nada tem de reprehensivel [2]. Os despojos dos egypcios serviram, diz a Biblia, para com elles se edificar o tabernaculo no deserto, e ninguem põe em duvida quanto e quantas coisas rituaes a religião christã adoptou do paganismo. A adaptação tentada por Loyola não era menos legitima nem menos licita, com a condição de que não deveria ter ido tirar ao adversario se não as coisas boas, ou pelo menos as indifferentes, e confessar lealmente o emprestimo.

E senão veja-se: O poder do superior, do *cheikh* das congregações musulmanas, é absolutamente o do geral da companhia de Jesus; é-lhe prescripto que se sirva d'elle «como quizer, isto é palavra por palavra o *como lhe aprouver*» das constituições de Ignacio. Este tambem póde consultar seus irmãos, «mas com a condição que elles não possam contradizel-o se elle teimar n'uma opinião contraria á d'elles». Identica quanto á natureza, a sua auctoridade se exercita n'um quadro analogo. Herdeiro espiritual do fundador, d'elle retrata as virtudes e o espirito, como os successores de Ignacio as virtudes e o espirito de Loyola; «juiz e interprete da regra é ao mesmo tempo seu depositario, elle communica d'esta o que bem entende e a quem quer; é o homem querido de Deus», a quem os seus subordinados, quaesquer que sejam a sua classe e o grau de iniciação, devem «obediencia passiva»; Ignacio adoptou a mesma coisa. Eleito pelos principaes da ordem, ou designado para o supremo poder pelo seu predecessor, nem um nem outro tem o direito de recusar o cargo. Como principalmente e sobretudo deve de ser um homem de governo, as qualidades exteriores proprias para o predominio da sua auctoridade e do seu prestigio, desempenham um papel importante na sua escolha ou na sua indicação. «Não é, effectivamente, uma honra ou uma recompensa que se trata de conferir ao mais merecedor, é o interesse da communidade que é preciso salvaguardar por todos os meios, confiando a sua defesa ao mais forte, ao mais habil, áquelle cuja auctoridade se imporá a todos desde o primeiro dia, sem difficuldades nem resistencias [1]». Ao que Ignacio addiciona por sua vez, enumerando as qualidades necessarias ao chefe do seu Instituto; «que seja habil em unir á benevolencia e á doçura a aspereza e a severidade... precisa ter muita força de animo e de coragem para sustentar as fraquezas d'um grande numero, e emprehender as grandes coisas para o serviço de Deus... muito discernimento nas coisas exteriores para saber tratar dos negocios tão differentes e com tão differentes especies de homens, quer por dentro quer por fóra... Alem da saude e da figura deve-se ter tambem em conta a nobreza e as riquezas que teve no mundo... e, entre es-

---

[1] Sobre este assumpto consultar: *Hermann Muler —Les Origines de la compagnie de Jesus*, que trata desenvolvidamente esta hypotese, e sobre cujas paginas calcámos estas nossas.—No fim d'este trabalho daremos um rol de todos os auctores consultados, para guia dos leitores que queiram profundar os assumptos a que, pela natureza d'este escripto, somos obrigados a tocar de relance.

[2] A fundação dos *padres brancos* foi inspirada ao cardeal Lavigerie por um pensamento analogo ao pensamento primitivo de Ignacio: ir buscar aos musulmanos as suas proprias armas para com ellas os combater, ou antes, mais seguramente os attrair. Comtudo a maneira de proceder foi absolutamente differente. Loyola, não confessando, nem podendo confessar, o emprestimo, teve que afastar desde o começo tudo quanto exteriormente o podesse descobrir; tomou ao inimigo os seus quadros, o seu methodo de formação, e, até certo ponto, o seu espirito; e disse-se inspirado por Deus; Lavigerie, pelo contrario, trabalhando á luz franca do sol, e confessando altamente o seu fim sem necessitar involver na sua resolução a divindade, vestiu os seus monges de arabes, mas limitou-se ás semelhanças materiares e exteriores.

[1] *Marabouts et Kouan*, por Louis Rinu.

tas coisas exteriores, preferir a ultima, a boa reputação, e todas aquellas qualidades que servem para dar credito, quer para com os extranhos, quer para com os proprios membros da sociedade [1].

Segundo as necessidades e os interesses do seu governo, o *cheikh* communica uma parte dos seus poderes aos seus delegados, que, escolhidos por elle, continuam a receber e a transmittir as suas ordens. Em primeiro logar e «para os paises extrangeiros», elle nomeia vigarios ou coadjutores qualificados de *naïb* (enviado) ou de *këlifas,* e cujas funcções correspondem ás dos *provinciaes* na companhia de Jesus; em segundo logar, os superiores locaes ou *moqaddem* [2], os *reitores* dos jesuitas, nos quaes elle delega, na maior parte das vezes, o direito de conferir o *uerd,* isto é, a iniciação n'uma certa e determinada zona.

As relações devem ser directas, tanto quanto possivel entre o cheikh e os seus subordinados, e estão asseguradas pelos mensageiros ou *reqab,* que sempre são membros da congregação, portadores de cartas ou mensagens verbaes, cuja missão, clara ou secreta, é attestada quer pelo sinete do cheikh, quer por signaes revelados sómente aos iniciados d'alto grau. Estes correios, absolutamente dedicados ao cheikh e á sua obra, pódem ser ao mesmo tempo informadores discretos, encarregados de tudo verem, de tudo ouvirem e de tudo darem noticia ao superior geral; tanto do que diz respeito ao estado temporal e espiritual da congregação da provincia, como da casa em que residiram ou estiveram de passagem.

Ao constituições da companhia estabelecem egualmente a necessidade de communicações regulares «entre a cabeça e os membros da companhia». As communicações que sempre existiram entre as casas religiosas e d'uma mesma ordem e do mesmo instituto tomam um caracter particular entre os jesuitas.

Nas outras ordens religiosas, os provinciaes visitam as differentes casas, inquirem do estado espiritual de cada uma d'ellas e dão as providencias que julgam necessarias. Nos jesuitas as relações e informações, são conservadas, dizem *as constituições,* «por meio de cartas ou de pessoas enviadas ás provincias ou d'ahi vindas». Qualquer jesuita, noviço ou professo, póde e deve, em certos casos, escrever directamente ao geral, mas «os provinciaes e outros superiores devem de lhes escrever todas as semanas, se elle não está muito afastado; se porém, habitam outras regiões, e que não tenham commodidade para lhe escreverem tão amiudadas vezes escrever-lhe-hão uma vez por mez. O geral, por seu lado, terá cuidado de lhes fazer escrever uma vez por mez.»

O cheikh, na maioria das congregações musulmanas, tem a alta administração dos bens da ordem, no que é ajudado pelos *kuan* habeis no manejo dos negocios, e que occupam uma classe especial. São os *coadjutores temporaes* dos jesuitas, como veremos quando tratarmos da fallencia do padre Lavalette da companhia de Jesus.

No livro já citado lê-se: «os deveres que o *uerd* ou a regra impõe a todos os seus adeptos para com o cheikh, *em todas as congregações musulmanas sem excepção,* resumem-se n'esta obediencia absoluta, que tão bem define o *perindè ac cadaver* dos jesuitas.»

Poderiamos alongar o parallelismo das regras musulmanas com as constituições jesuiticas; mas o que fica dito basta, como exemplo. É tempo de que entremos no estudo dos *Exercicios* onde, se nos podessemos demorar, veriamos muitas semelhanças com os dos arabes, e onde o que mais se procura é como que uma hypnotisação do individuo [1].

Nos *Exercicios espirituaes,* tudo gira em

---

[1] *Constituiçoes.* Part. 9ª. cap 2

[2] O modo de nomeação do *moqaddem,* varia segundo as congregações. N'um certo numero de ordens e o cheikh que os designa, tal como o geral dos jesuitas designa os reitores; em outros, pelo contrario, o moqaddem, eleito por aquelles a quem tem de governar, recebe do cheikh sómente a investidura.

[1] O methodo de meditação proprio dos Exercicios, a *applicacão dos sentidos,* pelo qual o neophito *vê, ouve, sente, gosta* e *apalpa* pela imaginação os objectos da nossa fé é ainda um plagio feito ao mysticismo arabe. O verdadeiro crente *vê, apalpa, ouve, sente, gosta* com uma voluptuosidade anticipada as delicias do seu paraiso, com um calafrio de terror os variados

Francisco Xavier e os Brahmanes

torno da «eleição», isto é da escolha que o retirante deve fazer de um estado da vida; ou, se essa escolha já está feita e irrevogavel, do partido que d'ella deve tirar para a maior gloria de Deus. A primeira vista nada mais justo nem mais rasoavel. Mas, exclamaria Bossuet: «Que de cousas não são prejudicadas pela concupiscencia?...»

Os exercicios da primeira semana, consagrada «á purificação da alma», são a preparação afastada, mas indispensavel, para «uma boa eleição»; a sua duração depende do director, e, é, em geral, o duplo da duração marcada para as outras semanas [1].

Durante dez, doze ou quinze dias o retirante, «*inteiramente privado da luz do dia*», salvo para tomar as refeições, ou fazer as raras leituras que o director lhe tiver escolhido, deve não só: «se interdir o riso, como qualquer palavra que faça rir», mas ainda «qualquer pensamento capaz de dar alegria, como a lembrança do ceu ou resurreição». Não verá senão o seu director, não falará senão com elle, e estará na presença de Deus como um criminoso carregado de ferros na presença do seu juiz. As suas meditações, as quaes constarão pelo menos de quatro horas por dia [2] e uma pela noite fóra, terão por assumpto exclusivo as verdades terriveis, que se devem representar com um realismo atterrador, e que a *applicação dos sentidos* tornará mais tangiveis, emquanto as trevas prolongadas augmentarão a intensidade das visões. Daremos um unico exemplo [3], tirado da meditação sobre o *Inferno*, afim de que o leitor tenha uma idéa do processo de Ignacio:

«No primeiro ponto, *verei* com os olhos da imaginação esses fogos intensos, e as almas dos reprobos, como que encerradas em corpos de fogo.

«No segundo *ouvirei*, com o auxilio da imaginação, os gemidos, os ais, os clamores, as blasphemias contra Jesu-Christo Nosso Senhor e contra todos os santos».

«No terceiro, figurarei que *respiro* a fumaça, o enxofre, o fétido d'uma sentina e de materias em putrefacção.

«No quarto, imaginarei *gostar* interiormente de coisas amargas, taes como lagrimas, a tristeza e o verme da consciencia.

«No quarto, *apalparei* as chammas vingadoras, esforçando-me para comprehender vivamente, como ellas cercam e queimam as almas dos reprobos [1].

«Quando se tem obtido o que se deseja» isto é, quando o director, a quem o penitente não esconderá nem um unico dos seus pensamentos, nem uma das suas impressões, achar este sufficientemente malleavel e domado,—*perinde ac cadaver*,— admitil-o ha aos exercicios da segunda semana.

Estes começam por uma especie de toque de clarim. O iniciado de Eleusis passava subitamente da morte á vida, das trevas á luz, aqui produz-se uma coisa analoga. Certas cerimonias dos antigos mysterios subsistem ainda nas seitas musulmanas; poderemos vêr um echo afastado d'ellas nos exercicios de Loyola? [2] Seja como fôr a fa-

---

supplicios do seu inferno. Ignacio soube rejuvenescer o methodo, e por bem combinadas gradações conseguiu multiplicar-lhe o poder.

[1] A palavra semana deve ser tomada por um periodo indeterminado de tempo, e não como o cyclo ordinario de sete dias. Ignacio tem o cuidado de o explicar logo no começo dos *Exercicios.*

[2] O padre Antonio Carneiro que reduziu a uma semana os exercicios do seu padre Ignacio diz: «As horas de oração em cada dia, como dispõe o santo na primeira semana, eram cinco, mas commummente não se fazem mais que quatro, duas horas de manhã e as outras duas de tarde. A primeira da manhã se se ha de ter no primeiro tempo expedito depois de nos levantarmos, a outra algum tempo antes de comer. As da tarde se hão de ter, a primeira depois de vesperas, e a outra uma hora antes de cear...»

[3] Este exemplo é tirado directamente da edição latina de Roma MDCVI, e pertence ao quinto dia. Na edição portuguêsa, traducção do padre Miguel do Amaral, feita sobre a edição italiana do padre Pinamonte, e a mais espalhada em Portugal, este assumpto é tratado no terceiro dia, e o que tem de horrivel e penetrante diluido em devotas considerações. Quem quizer tomar conhecimento mais intimo do original, e que não seja versado em lingua latina, pode consultar a edição francesa annotada pelo padre Roothann, e traduzida do texto hispanhol.

[1] «Tem-se visto exercitantes, diz o padre Bertoli, darem gritos de horror depois da meditação do inferno, e chamarem os loucos d'este mundo a virem contemplar, antes de ahi se precipitarem ás cegas, esta eterna prisão onde gemem os condemnados.»

[2] Ignacio preoccupou-se visivelmente em christianisar o seu methodo e em baptisar, por assim dizer, os seus plagios. Apezar d'isso elles fazem lembrar os

mosa meditação do *reino de Jesu-Christo,* — é chamamento ás armas, que vae sobresaltar o iniciado jesuita até então mergulhado no estupor, e que é subitamente acordado. Ao mesmo tempo são-lhe dadas as precisas attenuações do regimen; porque convém reanimar a sua coragem abatida, indicar-lhe o caminho por onde póde fugir á condemnação [1], n'uma palavra «de preparar a eleição.»

Se a saude do neophyto parece abalada pela sobrecarga dos dias anteriores, dever-se-ha supprimir o exercicio nocturno; poderá então escolher «entre as trevas e a luz aproveitar da obscuridade ou serenidade do ceu, emquanto esperar», ou antes emquanto esperarem por elle «alguma coisa para encontrar o que deseja». Este *que deseja* é uma formula enygmatica de Ignacio que encontramos a cada passo. Mas o que quer dizer? O que deverá desejar esse exercitante lançado «na fôrma» cujos pensamentos, as affeições, e até as proprias sensações estão préviamente previstas, reguladas e ordenadas?

«As lagrimas, as consolações», responde vagamente Ignacio e uma vez por todas. O musulmano que se serve com egual habilidade d'esta formula, é mais explicito; o que elle deseja, o que elle procura é o extases, a absorpção, uma especie de embriaguez mystica que confina com a inconsciencia e entrega o adepto áquelle que representa para elle a vontade e a intervenção divinas.

O retirante, a quem é *de toda a vantagem ignorar o que lhe será prescripto* e de conhecer a pouco e pouco o que se espera d'elles, é advertido no quinto dia da segunda semana da escolha a que deve proceder. Na vespera, foi-lhe dado o ultimo golpe, na grande batalha da *meditação dos dois estandartes,* complemento da do *reino* e que tem de reiterar *tres vezes.* As «regras d'uma boa eleição «são minuciosamente descriptas, bem como os pensamentos e as resoluções que o director poderá suggerir ao seu neophyto; mas é a este mesmo director que pertence decidir do dia, hora e maneira de como elle deve proceder.

Assim que está consummada a «eleição», fica o neophyto, d'alguma fórma já professo, — embora deixando-o noviço, nunca deixam de o ligar por meio de votos, — preparado para os exercicios da terceira, e depois da quarta semana.

São estas duas séries de meditações, umas sobre a paixão e morte de Christo, outras sobre a sua resurreição, ambas imitadas de Cisneros, e d'um caracter muito differente dos exercicios da primeira e segunda semana. Ignacio, ou os seus continuadores, quasi que não apparece ahi senão nas annotações e nas diversas regras que acompanham as meditações, onde é preciso ir, por consequencia, esmiuçar o seu verdadeiro pensamento. Importa, «á maior gloria de Deus» [1]

---

*christãos novos* de quem outr'ora diziamos; «que cheiravam sempre a mouro». Hoje somos mais tolerantes e até fazemos conegos judeus... velhos.

[1] Herrmann Muler conta que um amigo d'elle, homem da primeira sociedade e sobre quem a companhia de Jesus tinha lançado as vistas, e que praticou os exercicios conscienciosamente e de boa fé lhe dizia: «Desafio-o a que se entregue corpo e alma, durante trinta dias a esta disciplina de vida, tão habilmente combinada, e no fim d'esse tempo aposto se não estiver mais ou menos allucinado, mas, em todo o caso, firmemente convencido que entrar, por qualquer titulo que seja — congregado ou filiado — na companhia de Jesus, é o fim de todo o homem ou antes de todo o christão. Foi-me preciso mais de um anno para readquirir o equilibrio das minhas faculdades, e para me convencer a mim proprio de que não era obrigado sob pena de condemnação eterna a fazer-me jesuita.»

[1] Esta formula *Ad majorem dei gloriam*, que segundo o jesuita Lancinius se encontra duzentas e quarenta e duas vezes nas constituições de Ignacio, suscitou uma tempestade de protestos no seculo XVI e ainda no XVII. O que, porém, os que protestavam contra esta então novidade na linguagem christã não sabiam é que ella era um novo emprestimo pedido ao islamismo, e que a maior parte das ordens religiosas musulmanas altamente proclamam que o seu fim é trabalhar «*para a grande gloria de Deus*, e pela exaltação da verdadeira fé».

O que os musulmanos, os *kuan* em particular, entendem pela *maior gloria de Deus* é o triumpho dos verdadeiros crentes, e essa especie de theocracia especial, baseada sobre a confissão absoluta e inicial dos dois poderes, espiritual e temporal. Para os filhos de Loyola *a maior gloria de Deus* é o dominio temporal e espiritual da companhia de Jesus, exercendo-se por meio d'uma theocracia universal, de que o papa é visivelmente o chefe, mas de que é chefe virtual o geral dos jesuitas.

Um outro emprestimo que prova os traços profundos que o ascetismo musulmano tinha imprimido no

que o retirante termine a sua laboriosa carreira sob uma favoravel impressão, principalmente que não se arrependa da *eleição*, que fez *livremente*.

A quarta semana prepara-lhe, com arte de mestre, as transições para a saida. O que dá os exercicios deve diminuir-lhes o numero e tratar de amenisar todas as coisas; porque o que n'este momento *deseja* o iniciado, ou antes o que desejam por elle, é um sentimento de quietude, uma completa satisfação que elle possa attribuir á excellencia da sua escolha.

Em vista d'isso o paciente não pensará mais nas penitencias e contentar-se-ha em «guardar a temperança». Ao acordar pela manhã, occupar-se ha de pensamentos adequados a conserval-o em alegria espiritual, que se deve esforçar por saborear; «gosará, segundo as estações, da frescura no estio, do calor do sol e do fogão no inverno, do perfume das flores e da belleza da paisagem...» Repetimos: *a sua escolha está feita*, e é preciso que, voltando ás condições normaes da vida, não tenha de que se arrepender.

Tudo isto é muito habil, e seguramente preparado e conduzido com muito tino. Não será, porém habilidade e tino em excesso? Não sei se nos enganamos, mas parece-nos que o Evangelho leva á salvação com menos habilidades e mais respeito pela consciencia humana.

---

espirito de Ignacio, é a assignatura que elle adoptou. «Desde o começo da sua volta para Deus, dizem os seus historiadores, elle comprazia-se em assignár as suas cartas: ***Pobre de todos os bens*, *Ignacio***». Os *uan*, de qualquer congregação que sejam, e em gera todos os musulmanos que aspiram á santidade, fazem assim preceder o seu nome d'uma formula, sempre a mesma a despeito de variantes. «O *pobre segundo Deus*, *pobre de todos os bens*, ou simplesmente, «*o pobre*» Ignacio adoptou a que estava em uso entre os musulmanos que elle procurava converter, e simplesmente escolheu entre muitas aquella que melhor correspondia aos seus sentimentos de humildade? O que foi pouco importa; o essencial é registar o plagio, que nos parece absolutamente innegavel.

# IX

## As Constituições e as «Monitas»

JÁ vimos, n'outro capitulo anterior, a hierarchia dos funccionarios da companhia de Jesus, e as principaes relações que os ligam e subordinam entre si, das quaes se pode deduzir o seguinte principio que domina toda a *Constituição:* é bom que os superiores tenham muito poder sobre os seus subordinados, e por consequencia que o geral exerça uma auctoridade incontestavel sobre cada um dos membros da sociedade; em compensação a sociedade tenha muito poder sobre o geral, de tal sorte que todos omnipotentes para o bem e completamente ligados, sejam completamente escravos, quando queiram fazer o mal. Assim o dizem as constituições, somente o criterio do bem e do mal: — é o interesse da companhia.

Desembarque do cadaver de Francisco Xavier

A redacção das constituições, que Ignacio nunca julgou acabada e definitiva, e que não era definitiva nem acabada no momento da sua morte, está cercada da mesma lenda, que a composição do livro dos *Exercicios*. Escu-

sado será dizer que cada escriptor jesuita se julga obrigado a juntar mais um episodio a essa lenda, que chegou ao seu desenvolvimento no fim do seculo XVII, com a *Historia* de Bartoli, o historiador official do Instituto.»

Daremos uma curta citação, como exemplo. Depois de ter enumerado «as visões celestes, as frequentes apparições da Santa Virgem e de Nosso Senhor», os «extases os arrobos em Deus, chammas interiores, raios de luz inflammada, enthusiasmos da mais ardente caridade, lagrimas abundantes, vistas tão nitidas da gloria que penetravam até ás mais sublimes alturas, e tão numerosas que, por momentos, elle não acreditava, dizia elle (a quem?), que a intelligencia humana podesse supportar mais...»; depois d'esta «lista quasi sem fim de favores milagrosos durante os quaes Ignacio foi favorecido durante *os quarenta dias que consagrou ao exame d'esta unica questão:*—devem ou não as casas professas ter rendas fixas, ou serem unicamente sustentadas pelas esmolas dos fieis», Bartoli exclama triumphalmente: «pode-se concluir que não ha, no complexo das constituições, uma unica palavra, uma unica syllaba, que não tenha sido regada com as suas lagrimas, e sobre as quaes Deus não tenha espalhado jorros de luz. O Espirito Santo desceu sobre os apostolos na forma de linguas de fogo, e Ignacio recebeu egual favor. Quando escreveu as constituições, viu-se a chamma d'um resplendor deslumbrante assentar sobre a sua cabeça, como para attestar que elle estava então replecto da mesma luz divina e do mesmo fogo.»

Por muito menos queimou a inquisição milhares de *herejes;* mas aqui não é somente a heresia que offende os sentimentos sinceramente religiosos vendo comparar a fundação do Christianismo á incubação do jesuitimo,—mas a affoitesa com que Bartoli julga imbecis todos os que o lerem; porque, no fim de contas, elle não escreveu a sua historia, unicamente para os seus noviços.

A carta constitucional dos filhos de Ignacio é dividida em dez partes, precedidas de um exame geral a que elle obriga previamente todos aquelles que desejam ser admittidos na sociedade. Este exame tem por fim experimentar a vocação dos candidatos, de os instruir das obrigações que têem de executar, e de collocar os superiores nas condições de julgarem do prestimo que pódem ter.

A sociedade declara que o fim é não sómente trabalhar, com a graça de Deus, pela salvação e perfeição dos seus membros, mas tambem e ainda com mais energia e a mesma graça, pela salvação e perfeição do proximo. Estabelece os tres votos, de pobreza, castidade e obediencia, como já vimos, a divisão dos seus membros nas quatro classes atraz indicadas, e as condições de admissão e de expulsão dos seus socios. Entre as condições de admissão notaremos esta como symptomatica: O postulante antes de entrar para o noviciado fará a distribuição dos seus bens aos pobres, de preferencia á sua familia; e se n'esta houver necessitados os superiores examinarão se será ou não conveniente dar-lhes parte ou o total dos bens!

Segue o corpo das constituições divididas em dez partes, cada qual sobre assumpto differente.

Na primeira trata-se da admissão ao noviciado d'aquelles que querem entrar para a companhia. Além d'um complexo de excellentes qualidades moraes e intellectuaes, exige-se, para ser admittido, uma bella figura, physionomia agradavel e sympathica, facilidade e graça no falar, boa saude, e força sufficiente para os trabalhos que lhe serão confiados. A edade fixada para o noviciado é os quatorze annos feitos, e não se póde ser admittido ao grau de professo antes dos vinte e cinco.

A nobreza, a riqueza e o bom nome são titulos muito attendiveis e que pódem contrabalançar certos defeitos.

Está sujeito a uma infinidade de vexames entre outros os seguintes:

A sua correspondencia não é expedida nem entregue sem que seja lida pelos superiores, e é-lhes quasi que absolutamente prohibido falar com seus paes.

Deve anniquilar plena e inteiramente a sua vontade, para em tudo se submetter á dos seus superiores. *Não deve examinar quem manda, mas obedecer como se fosse a Christo em pessoa!*

A segunda parte trata da expulsão d'aquelles que parecerem não possuir as qualidades requisitadas para fazerem parte da sociedade.

Notaremos que a companhia póde expulsar quem bem lhe approuver, sem satisfações nem compensações.

A terceira refere-se á convocação d'aquelles que ficam, e do seu adeantamento nas sciencias e na religião.

A quarta prescreve a maneira de formar nas sciencias, e em outros meios de ser util ao proximo, aquelles que por si proprios se adeantaram no caminho da piedade e da virtude.

A quinta tem por assumpto a adopção, no corpo da sociedade, dos que já deram provas de que podiam ser admittidos.

A sexta, do que devem observar, em relação a si os proprios, que já se acham incorporados na sociedade. Estes devem ter já, não diremos obediencia ao superior mas a mais vil escravidão.

A' ordem do superior, tudo deve ser interrompido, para se ir cumprir o que elle manda [1].

A septima parte concerne a distribuição d'aquelles, que, já incorporados, teem que ser encarregados dos trabalhos sociaes.

A oitava parte trata da maneira de conservar a união entre os que se acham dispersos, e de fazer, de todos os membros da sociedade, um todo compacto e inalteravel.

Para que esta união seja mais facil, ter-se-ha cuidado de não elevar um grande numero de pessoas ao grau de professo.

A obediencia deve de ser o laço da união; e se um missionario, falta a ella, ou é substituido ou lhe dão um companheiro para lhe lembrar o preceito.

O que semear a divisão e a discordia, entre os que vivem juntos, será apartado como se fôra a peste.

[1] Conta-se que Ignacio de Loyola, para experimentar a obediencia d'um dos seus padres o mandou chamar no momento em que este, dizendo missa, ia consagrar a hostia. O padre interrompeu o sacrificio do altar e foi ter com Ignacio, que o mandou continuar com a missa. Não me parece que seja necessario commentar este estado de espirito... dos dois.

E' nesta parte que se determina a occasião, motivo, logar e modo das eleições, e como que a forma particular do governo do que chamariamos em linguagem moderna *os corpos gerentes da companhia*.

A nona parte refere-se ao chefe da sociedade e ao governo que n'elle tem a sua origem. Determina quaes devem de ser as suas qualidades moraes e physicas; e tirado do numero d'aquelles que sempre tenham sido considerados com um complexo de virtudes.

A decima e ultima parte trata da maneira como todo o corpo social pode ser conservado e desenvolver-se em bom estado. Alem das virtudes religiosas, que para tal fim são recommendadas, é tambem prescripto que se devem de angariar todos os meios humanos, que se adquirem com tino e habilidade.

Este codigo, que pedia, em muitas das suas disposições, além do maximo de que era permittido á natureza humana, que envilecia o individuo, provocou revoltas, reclamações e protestos no seio da companhia e perturbações religiosas e sociaes; por isso muitas das suas disposições, se não foram eliminadas, foram interpretadas no sentido que attenuaram as naturaes rebeldias, que por mais d'uma vez se manifestaram, mesmo depois de submettido o jesuita ás provas terriveis dos *Exercicios*.

Mas a alma humana tem limites para a humilhação, felizmente para esta e em que pese aquelles que na companhia aspiram a ser professos de quatro votos, o que lhes permittirá espesinhar os seus companheiros e olharem com o mais profundo desprezo para o resto da humanidade, sabendo que são elles que dominam os reis em seus conselhos, o povo no pulpito, as familias no confissionario, e as creanças nas escólas.

Se hoje não dominam directamente os reis, sabem com toda a arte dominar, por vezes, em muitos dos seus ministros.

O defeito principal d'estas constituições é fazer residir a auctoridade suprema nas mãos d'um só homem. Póde objectar-se: que o poder das congregações geraes é superior ao do chefe supremo da ordem, e, como já vimos, em certos casos, a sociedade tem o direito de o julgar, depôl-o e até expulsal o

da companhia. Ora este direito é mais um papão inoffensivo do que um poder real, e parece-se muito com a responsabilidade ministerial nos paises onde existe... escripta. O certo é que o escandalo que causaria o processo, a vergonha que d'elle reverteria sobre as instituições pela condemnação do seu chefe, basta para ter mão nos jesuitas, a quem assustaria o escandalo, e leval-os a supportar um máu governo, — um tyranno, como muitos foram, do que libertarem-se d'elle por meio d'um acto violento.

E, depois, quem o julgaria e deporia? Os professos de quatro votos? e lá diz o dictado: «Lobo não come lobo.»

Além d'estas constituições publicas — depois veremos como esta publicidade se conseguiu — haverá outras secretas? As famosas *Monita* pertencem a este numero.

Não nos repugna acreditar que haja ordens secretas, não só para casos especiaes, e assim o provam as *cifras* encontradas e que em seu logar reproduziremos, mas tambem para outros geraes; mas d'ahi a crêr na authenticidade das *Monita secreta Societatis Jesu,* vae uma grande distancia e mantemos a mesma opinião, que já n'outro trabalho tivemos occasião de estudar e desenvolver [1]; isto é: as *Monita* são uma satyra contra os jesuitas e não um codigo de leis por elles elaborado.

Em reforço da nossa opinião, são todos os historiadores sérios contrarios á ordem. [2]

Publicadas pela primeira vez em Cracovia em 1614, cincoenta annos approximadamente depois da morte de Ignacio de Loyola [3], estas instrucções têem por auctor, segundo uns, o quinto geral da companhia, Claudio Aquaviva, segundo outros um ex-jesuita polaco, Jeronymo Zahorowski, o qual, expulso da companhia em 1611, se teria vingado d'ella por meio d'uma satyra.

Esta ultima opinião, á qual se allia o padre Sommervogel, parece geralmente a mais appoiada e a mais verosimil. Ha coisas que não se dizem nem escrevem, principalmente quando se é jesuita.

Gretzer, jesuita, que viveu no começo do seculo XVII, foi um dos primeiros a refutar as *Monita,* convindo, porem, que o seu auctor não era um ignorante das coisas do Instituto; e d'ahi concluia que elle devia ter vivido no seio da companhia, e que portanto se tratava d'um jesuita expulso. Reduzidas assim ao seu justo valor, quer dizer, cessando de se ver n'ellas um codigo de leis, para só se encontrar um depoimento, as *Monita secreta* conservam historicamente uma importancia tanto maior, quanto ellas definem, sublinhando-o, o estado de decadencia em que se achava a companhia, meio seculo depois da morte do seu fundador. E' um livro vivido, uma pintura natural dos defeitos do governo dos jesuitas, da maneira como elles se introduzem nas casas e nas familias, dos processos de que lançam mão para augmentarem as suas riquezas, extender a sua influencia, insinuar-se no espirito dos grandes e até nos conselhos dos principes; substituir portanto a sua acção e a sua preponderancia á do clero, tanto secular como regular. Pintura exaggeradamente levada ao sombrio, por certo, mas comtudo d'uma tal parecença, que póde ser allegada como uma prova da sua authenticidade.

Obra mais d'um satyrico do que d'um falsario, as *Monita,* no momento em que appareceram, foram como um aviso, e denuncia-

---

[1] Vid. *O catholicismo da côrte ao sertão.*

[2] Vid. especialmente *Les Jesuites* por J. Huber, trad. par A. Marchand; e Herrmann Muler *op. cit.*

[3] Esta primeira edição foi publicada com o titulo de *Monita privata societatis Jesu.* A obra corrigida e augmentada foi depois reeditada no correr do seculo XVII, com o nome de *Monita secreta*, que se lhe conservou. Uma multidão de versões foi posta em giro ácerca da descoberta d'estas *instituições secretas.* Ora foi o duque de Brunswick que as encontrou no collegio dos jesuitas de Paderborn; ora foram descobertas nas casas jesuiticas d'Anvers, Padua, Praga; ora é sobre um navio das Indias que o manuscripto se encontra... Realmente n'este assumpto ha uma grande mistura de falsidades exaggeradas que se juntam á verdade dos factos, e a deturpam. E' exacto que diversos manuscriptos das *Monita* se encontraram em diversas casas jesuiticas, mas ainda nunca se provou que taes encontros fossem anteriores á publicação de 1614, de sorte que só o facto do achado não basta para estabelecer que elles sejam os auctores; porque podiam tel-as copiado ou adquirido a titulo de documento, e para necessidade de sua defeza, como qualquer dos seus contrarios as possue para a necessidade do ataque.

Borja e o seu companheiro apedrejados em Evora Monte

ram uma situação, que já não era cedo para prover de remedio. Infelizmente a questão não foi encarada por este lado, e os inimigos da companhia não viram nellas senão um thema para declarações. E emquanto os mais leaes dos seus adversarios recusavam servir-se d'ellas, os jesuitas com arte e manha tiravam partido «da calumnia» de que se diziam victimas. Estas suppostas instrucções, que elles podiam desmentir á face do ceu e da terra, permittiam-lhes dissimular as suas principaes instrucções secretas; e ainda que alguns fragmentos authenticos d'ellas servissem de trama ao *pastiche* de Zohorawski, negaram a obra no seu conjuncto, com certa verosemelhança.

Apesar, comtudo, d'estas cathegoricas negações, ou antes pelo que ellas teem de absoluto, portanto de contradictorio, é de crer que existe no seio da companhia uma legislação occulta e tradições secretas. Legislação e tradições que nunca foram submettidas no seu conjuncto ao exame e approvação dos summos pontifices, e que, salvo os iniciados nos graus superiores, os membros da companhia ignoram na maior parte, ainda que regidos e governados por ellas [1].

Terminando este rapido bosquejo das *Monita*, diremos com J. Huber: «O jesuita intrigante não tem necessidade d'este guia do roubo. Nas mãos d'um homem menos habil, estas instrucções, por vezes um pouco desastradas, provocariam facilmente o escandalo. Nas *Monita* abundam as passagens que provam que nos achamos a braços com uma satyra taes como: «Os nossos fundam collegios unicamente nas cidades ricas, por que o fim da nossa sociedade é a imitação de Jesu-Christo Nosso Senhor, que procurava de preferencia as localidades pouco importantes.» — «O augmento dos bens temporaes da Sociedade dará começo á edade d'oiro.» Finalmente parece impossivel conciliar a piedade de que tem dado prova milhares de jesuitas, com as instrucções que se encontram nas *Monita*, e que não conveem senão a um bando de salteadores, patifes e velhacos. Imputando-as á ordem, faz-se-lhe mais bem do que mal, porque a exaggeração e a injustiça prejudicam ao aggressor e não á victima.»

---

[1] Provas mais do que sufficientes d'esta asserção pódem-se encontrar no jesuita Miranda, que tendo sido chamado a Roma em 1736, como assistente de Hispanha, escreveu: «Antes de ter ido a Roma, onde fui iniciado em todos os segredos, ignorava o que era a nossa sociedade. O governo interior da nossa companhia é um estudo especial do qual nem os proprios provinciaes nada percebem. E' preciso estar revestido das funcções que exerço para ter d'ellas uma leve idéa» O outro testemunho é o do veneravel Palafox, bispo de Angelopolis (Mexico), que quasi um seculo antes de Miranda já affirmava a existencia de instrucções secretas e escrevia a Innocencio X as suas famosas cartas pedindo uma seria reforma da companhia.

# X

## O Segundo Geral

Uma das individualidades mais importantes da companhia, depois de Ignacio de Loyola, é sem duvida Jacques Laynez, e comtudo é uma das menos conhecidas, das mais afastadas do fóco luminoso em que ella colloca algumas outras de somenos grandeza.

Guardadas as devidas proporções, e sem intenção de blasphemia, Laynez foi para o jesuitismo o que S. Paulo tinha sido para o Christianismo.

Mas d'onde vem esta proposital obscuridade dos historiadores da companhia? De uma particular philosophia da historia jesuitica, determinada, como em muitos historiadores da Revolução franceza, pela theoria chamada *do bloco*. O instituto foi fundido em bronze, d'um só jacto, por Ignacio de Loyola, seu unico legislador, seu unico fundador; o instituto, filho perfeito d'um pae perfeitissimo, subsistindo sem alteração, sem transformação, sem modificações possiveis, principalmente sem desvios; egreja na Egreja, mas egreja ideal, sem rugas nem nodoas, incapaz de erro e de decadencia, não reconhecendo senão um chefe: Ignacio, associado por Deus Pae a seu Filho bem amado; tal é a companhia de Jesus aos olhos de seus filhos e de seus adeptos.

A concepção é deveras grandiosa, e é de justiça confessar que suscita as energias e as dedicações apaixonadas. Mas por maior que seja não é verdadeiramente historica.

Baste estudar a acção de Laynez para nos convencermos da falsidade da theoria, e ao mesmo tempo podermos bem comprehender a sua influencia não só no espirito de Ignacio como no dos codigos legislativos da sociedade de Jesus.

Ignacio, Francisco Xavier e Laynez, todos elles estão d'accordo na conquista do mundo, sómente divergem nos meios: Ignacio quer conquistal-o como soldado, Francisco Xavier como missionario, Laynez como politico.

Contava vinte e tres annos quando chegou á Italia com os seus dez companheiros da fundação, e se não foi o ultimo a discernir que havia mais e melhor a fazer pela nascente sociedade, do que ir evangelisar moiros na Palestina, nem por isso deixa de aproveitar a escola de Italia. Depois de ser campo de batalha da Europa, a Peninsula tinha-se constituido o seu centro diplomatico. Negoceia-se alli como em parte alguma, tanto em Veneza, Roma, Florença, Napoles e Milão, como n'essas côrtes minusculas de Ferrara e Parma, entre outras, onde Laynez, como já vimos, foi catechisar «as damas da primeira sociedade» o que se póde considerar como um meio de continuar a sua educação diplomatica, emquanto a não vae completar em Vianna ou em Hispanha junto de Carlos-Quinto, ou em Trento como assessor do cardeal de Lorena.

Se combate Machiavelli e as suas doutrinas, se o seu fim é differente, não lhe segue elle

os processos, formulados na phrase «de que os fins justificam os meios» que será um dos lemmas da companhia? Não é elle quem segreda a Ignacio, que ponha termo ás indecisões de Paulo III, sobre a approvação das constituições, promettendo ao papa uma obediencia illimitada, a qual comtudo será limitada por elle, Laynez, ás missões politicas? Não é elle que angaria em Trento a protecção de certos cardeaes e de certos prelados, sustentando em pleno concilio, que a curia romana não precisa ser reformada [1], pronunciando-se contra a obrigação de residencia, a que os conciliares queriam reduzir os bispos?

Não será tudo isto machiavelico, e o elemento da quinta essencia da astucia fundido na força e violencia soldadesca de Ignacio?

Isto não quer dizer que Ignacio não fosse do seu temperamento tambem *habilidoso* — o soldado não vence só pelos golpes que dá, mas tambem pela estrategia com que os dá — mas Laynez acrisolou essa qualidade, pela rara mestria com que insinuava ao mestre as suas vistas particulares; e tanto é que em muitos casos, já os primeiros discipulos o diziam, as *palavras de Ignacio cobriam as vistas de Laynez*.

Laynez recebeu de Ignacio a iniciação religiosa, e o que se póde chamar a orientação da sua vida; mas disciplinando, encaminhando para um fim novo todas as suas forças moraes, intellectuaes e physicas, o fundador fez mais uma obra de torcidella que de transformação. Laynez, pois, não foi transformado. Havia n'elle o quer que fosse de irreductivel, cantos d'alma inaccessiveis a todos, mesmo a Loyola. Estes dois homens que caminhavam sob a mesma bandeira, para o mesmo fim, não falavam, no fundo, a mesma lingua, e quando Ignacio dizia? *maior gloria de Deus*; Laynez entendia: *maior poder da companhia*, que elle identificava com a maior gloria de Deus.

Desde os primitivos tempos da sociedade, e ainda antes da primeira bulla de Paulo III, se accentuam no pequeno grupo duas correntes: a religiosa e mystica representada por Ignacio, Le Févre, Xavier, Codure, e sem duvida Bobadilha, e a corrente politica dirigida por Laynez. Na occasião da eleição de Ignacio o duplo voto de Xavier e Codure, designando para reger o instituto, a Pedro Le Fèvre, caso o mestre já não existisse no momento da eleição, foi um aviso que Laynez notou, para de futuro tomar as suas precauções. Depois viu que Ignacio chamou, para seu auxiliar na administração e direcção da companhia, a Jeronymo Natal [1], e com tal astucia trabalhou que tres dias depois da morte do fundador era nomeado *vigario geral*, e assim em condições de preparar os elementos com que pôde vencer a eleição do generalato, eleição que elle teve artes de protelar até 2 de julho de 1558.

Durante este longo interregno, um grupo dos mais importantes e primitivos discipulos de Ignacio separa-se d'elle ostensivamente, e emquanto uns recorrem ao papa contra o vigario geral, a quem accusam de concentrar toda a auctoridade em suas mãos, e de alongar indefinidamente a eleição do geral, outros reclamam contra a idéa de Laynez sair para Hispanha, afim de lá ir fazer a eleição com os seus apaniguados, e alli, com elles, alterar as constituições seu verdadeiro cuidado, sem audiencia da Santa-Sé.

Emfim uma lucta se trava entre Laynez e o papa, durante a qual Laynez vae angariando votos, dando nova redacção ás con-

[1] O discurso de Laynez provocou vivos protestos. O arcebispo de Braga, o nosso D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, aliás amigo dos jesuitas, respondeu-lhe com uma audacia e um vigor verdadeiramente apostolicos, e terminou propondo aos padres do concilio, a quem Laynez negava a competencia como reformadores da côrte romana, que decretassem «que os *illustrissimos cardeaes*, necessitavam de uma *illustrissima reforma*.»

[1] Os historiadores jesuitas não estão d'accordo a respeito da nomeação de Natal. Sachini e Bouhours dizem que esta nomeação foi feita por Ignacio, que chamou Natal de Hispanha *«para o fazer gosar do supremo poder»*. Orlandini, que elle foi nomeado pelos principaes da companhia, e que recusou o titulo de *vigario geral*, para tomar o de vice-gerente Finalmente Bartoli diz que elle foi nomeado por Ignacio, que bem depressa se arrependeu da escolha. Natal quiz modificar as constituições, e Ignacio *que as tinha recebido de Deus*, e as queria transmittir intactas aos seus successores, teve que oppôr-se e retomar as redeas do governo.

stituições, formando uma maioria, e tal que chegou a tornar o papa indeciso, e a leval-o a deixar correr os negocios da companhia ao sabor dos seus membros, tendo a prudencia de collocar os recalcitrantes, sob a sua protecção e a coberto das represalias do vigario geral, que não era homem para facilmente perdoar.

Devemos dizer que uma das causas que Laynez apresentava para addiar a eleição era a guerra entre o rei catholico e o papa, que impedia a saida dos professos de Hispanha para virem a Roma. Mas feita que foi a paz, não teve remedio senão ceder e convocar os eleitores para o mez de junho de 1558. Apezar, porém, da conclusão da paz Francisco de Borja e os outros provinciaes hispanhoes escusaram-se e de quarenta professos, de que então já se compunha a sociedade, só vinte se acharam reunidos, e a congregação geral abriu em 19 de junho [1].

Sendo a maioria absoluta de vinte onze, Laynez obteve treze votos; quatro foram para Natal, e tres dispersaram-se por Borja, Lannoy e Pasquier-Brouet. O Laynez, eleito canonicamente, foi proclamado geral, e todos foram prostrar-se deante d'elle e beijar-lhe a mão.

Se nos alongámos, mais talvez do que era nosso intento, n'este ponto da acção e caracter de Laynez, foi para que, no correr dos acontecimentos, o leitor possa encontrar por si proprio a explicação de muitos d'elles; que, por certo, ficariam obscuros na sua intenção, se apenas conhecessemos a companhia dominada pelo mysticismo soldadesco de Ignacio, feita á sua imagem e semelhança, e não tivessemos previas noções do espirito machiavelico e politico de Laynez, que vae por vezes supplantar e outras completamente annullar parte das intenções de Ignacio [1].

Ignacio de Loyola

[1] Além dos cinco da fundação Laynez, Salmeron, Pasquier-Brouet, Bobadilha e Simão Rodrigues, só votaram mais quinze professos, a saber os padres Canisius, Polanco, Natal, Winch, Domenech, Miron, Viole, De Barma, De-Lannoy, Vaz, Goyson, Plaza, Torres, Mercuriano e Gonçalves.

[1] N'este capitulo haveria a estudar, se isso entrasse em nosso plano, o que ha de verdade no offerecimento do chapeu cardinalicio a Laynez, e a sua candidatura a papa. Ribadeneira, foi o primeiro que, na sua *Vida de Laynez*, contou o offerecimento d'esta candidatura. A sua narrativa foi adoptada e ampliada pelos historiadores da companhia. A historia do conclave de 1559 é hoje bem conhecida e não se encontra ahi traço de semelhante candidatura.

# XI

## Francisco de Borja

Retrogradando, para reatar o fio dos acontecimentos, e partindo agora de 1546, quatro annos sómente depois da publicação das constituições, a Sociedade de Jesus tinha já começado a apoderar-se da educação publica.

Francisco de Borja, duque de Gandia, descendendo pela linha paterna de Alexandre IV (o famoso Borgia do papado) e vice-rei da Catalunha, fundou um collegio para elles, emquanto elle proprio se não fez jesuita. Ignacio enviou Le Fèvre dirigir o estabelecimento. O papa e Carlos Quinto, embora mal dispostos para com a nova sociedade, concederam a este collegio os mesmos privilegios que ás universidades de Alcalá e Salamanca.

Depois estabeleceram-se em Ferrara e Lovaina; fundaram collegios em Messina, Palermo, Saragoça, Coimbra e em todas as partes do mundo onde chegavam. Em Hispanha, porém, encontraram um adversario que esteve quasi não quasi a destruir a nascente sociedade. Foi esse Melchior Canus, dominicano, celebre pela sciencia, theologo judicioso, que contribuiu para purgar as escolas d'uma multidão de questões pueris e absurdas, que se discutiam e agitavam sem importancia. Melchior predisse que a Sociedade de Jesus seria uma causa d'escandalo para a Egreja Catholica, que arruinaria a fé no espirito dos povos, e causaria males sem conto. Ignacio, assustado com taes denuncias, tratou de fazer com que o dominicano visse com os seus olhos a bulla da instituição. Esta não fez senão confirmar Melchior na sua opinião; e mais do que nunca se oppoz a que os jesuitas abrissem collegio em Salamanca. Os jesuitas, para se verem livres d'elle, fizeram-o nomear bispo das Canarias.

Não eram sómente os religiosos e os theologos que condemnavam a Sociedade de Jesus. As suas doutrinas tinham sido julgadas por Carlos Quinto no throno, e depois no seu retiro de Yuste.

Francisco de Borja, grande de Hispanha, duque de Gandia, descendendo, pelo lado materno, de Fernando V, nascera em 1510, e fôra educado por Joanna d'Aragão sua mãe n'uma ordem de sentimentos religiosos, que é preciso ser hispanhol e conhecer o Aragão d'aquellas epochas para bem comprehender quanto essa religião era feita de fanatismo, superstições, terrores e ao mesmo tempo hypocrisia e pequenez d'alma. Se o leitor fôr desde já fazendo entrar todos estes elementos do sangue dos Borgias, com os factos que se seguem, poderá em poucas paginas formar por si o retrato d'aquelle que foi o terceiro geral dos jesuitas, que a Egreja canonizou, para que emfim tambem podesse ter um Borgia santo! Grandes contas tem a curia romana de dar a Deus, lá onde tudo se paga. Na edade de doze annos Borja, depois da morte de sua mãe, ficou entregue aos cuidados de D. João d'Aragão, seu tio, com quem desde logo começou a exercitar-se

em rezas, devoções e ninharias de sacristia. Aos quinze annos, seu pae collocou-o, na qualidade de pagem, junto de Catharina, irmã de Carlos Quinto. Mas tendo esta princeza, despozado, em 1526, D. João III, Francisco de Borja ficou em Hispanha. Figurou com distincção na côrte do imperador, o qual, bem como a imperatriz D. Isabel, sempre o trataram com a maxima amizade. Foi nomeado estribeiro-mór, marquez de Lombay, e a imperatriz casou-o com uma das suas favoritas, D. Leonor de Castro, que a acompanhara quando foi de Portugal [1].

Dolorosos acontecimentos, taes como a morte de sua avó D. Maria Henriques, e de Garcilaso de la Vega celebre poeta, a quem o ligava estreita amisade, reaccenderam n'elle, com grande intensidade, os sentimentos religiosos que bebera com a educação dos primeiros annos, mas nenhuma morte produziu n'elle tanta impressão como a da imperatriz D. Izabel [2], na occasião em que os reis e toda a fidalguia de Hispanha se achavam em Toledo para assistir ás côrtes e ás festas que por essa occasião se celebraram, na primavera de 1539 [3].

Na sua qualidade de estribeiro-mór teve que velar o cadaver em companhia de sua mulher, e depois de o conduzir a Granada.

Foi de caminho «antes de chegar a Granada,—escreve Cienfuegos, e o leitor que admire o estado de espirito d'um cardeal,—sendo perto de meio-dia, quando o marquez de Lombay ia com os olhos no cadaver, o coração no ceu e o corpo sómente a cavallo, viu repentinamente deante de si cheia de resplendor a sua ditosa avó soror Maria Gabriela, antes duqueza de Gandia, e depois religiosa da descalcez, que subia vestida de immortalidade á gloria, acompanhada d'um esquadrão de luzes. Chegou-se ao neto, e com semblante amoroso lhe disse: *Já é tempo, filho, de começares a subir o caminho, que Deus tem aparelhado, em que o sirvas.* Ditas estas palavras, principiou ligeiramente a romper a ar o espirito volatil com o exercito mais brilhante e mais vistoso.»

Chegando a Granada, foi fazer entrega do corpo á real capella, na presença das auctoridades ecclesiasticas, civis, nobreza e povo, e fazer o juramento, perante notarios, de que era aquelle mesmo o cadaver que lhe tinham dado em deposito.

Abriu-se o caixão, e Borja chegou-se e afastou-lhe a toalha do rosto. E tal horror se apoderou d'elle que ficou extatico, mudo e hirto. A decomposição invadira já o cadaver, olhos e bocca eram buracos negros de onde saiam os vermes, as faces azuladas, as mãos brancas como cêra, e a podridão enchendo com o seu fétido toda a cathedral sem que houvesse incensos que o disfarçassem. Recuam todos horrorisados e só Borja ficou junto do caixão, levantado em alto com a mão direita a toalha, a esquerda sobre o bordo da urna, e os olhos desmesuradamente abertos.

A situação não se podia prolongar. Passado o primeiro momento de terror, chegaram-se todos de novo e trataram de despertar Borja, que, ao cabo de ser sacudido com violencia, tornou em si e exclamou:

«*Nunca mais, nunca mais servir a senhor, que me possa morrer. Assim morre triste o mais alto monarcha, como o mais vil mendigo da terra? Pois nunca mais servir a senhor que me possa morrer!*» E largando a toalha, que lhe tiraram da mão e lançaram sobre o cadaver, deixou-se conduzir d'alli para fóra, levando no espirito a intenção de tratar sua mulher, d'alli em deante, como

---

[1] D. Leonor de Castro e Menezes, irmã de D. Rodrigo de Castro, commendador e alcaide-mór de Cêa, general de Zafin, era filha de D. Alvaro de Castro, senhor de Torreão e de sua mulher D. Isabel de Mello e Barreto.

[2] Esta senhora era filha de D. Manuel. O cardeal Cicenfuegos, de quem em parte nos servimos para os pontos essenciaes d'este capitulo, referindo-se a esta princeza portuguesa diz: «... tão honesta, que pouco antes de morrer pediu ternamente ao imperador, que nenhuma outra pessoa a lavasse e embalsamasse, nem tratasse do seu cadaver senão a marqueza de Lombay (mulher do Borja); de tão animoso coração, que, padecendo grandes dores no parto, em que deu á luz Filippe II, e pedindo-lhe a marqueza que se queixasse um pouco para dilatar o coração, e a alma ao menos com um suspiro, lhe respondeu com invencivel soffrimento em idioma português: *Morrer sim, queixar-me não*». Mandou-se enterrar com o habito de S. Francisco.

[3] Este episodio da vida de Francisco de Borja inspirou ao sr. dr. Theophilo Braga um formosissimo poemeto em prosa, publicado no *Almanach Illustrado do Seculo*, para 1900.

irmã, e de se fazer frade, se acaso enviuvasse.

Entretanto as honrarias palacianas chovem sobre elle e Carlos Quinto encarrega-o de governar a Catalunha.

Estava n'este seu governo, e corria o anno de 1542, quando chegaram a Catalunha os jesuitas Pedro Le Fèvre e Antonio Araóz, que são desde logo admitidos em palacio, e o ultimo se apodera absolutamente do animo de Borja. Conhece-lhe o espirito propenso ao mysticismo, a alma sujeita a terrores, o caracter com esse inexgotavel fundo de habilidades especiaes aos Borgias, e a consciencia adaptavel á realização de todas as intrigas que levassem ao conseguimento d'um fim qualquer, que entrasse na sua cabeça teimosa. Era uma presa digna de seu mestre Ignacio, não só pelas qualidades que lhe reconheceu como pela situação social, e preponderancia que sabia ter Borja no espirito tanto de Carlos Quinto, como de seu filho Filippe. Não mais o largou, indo ter com elle onde quer que elle se achasse, e demorando-se algum tempo depois com elle em Gandia. Mas embora não estivesse com o discipulo em corpo, estava em alma, para o que deixou como seu substituto o padre André de Oviedo, reitor do collegio jesuitico de Gandia.

Este não era homem de grandes escrupulos de meios, e quiz levar de vencida o companheiro e apressar a decisão definitiva do duque.

O unico obstaculo a superar continuava a ser a vida da marqueza, n'aquelle momento bastante enferma. Convinha que Borja se decidisse e que tomasse até a sorte da mulher como uma indicação divina para vestir a roupeta.

Um dia, passára elle longas horas com Oviedo, fechados no oratorio do palacio, e não se tratou d'outro assumpto senão da probabilidade da marqueza morrer, unico obstaculo ao conseguimento dos fins do confessor. O jesuita quiz fazer a ultima experiencia. Fingiu que saia do oratorio, recommendando a Borja que consultasse o crucifixo, que, entre amplas cortinas vermelhas, se elevava acima do altar, e habilmente se dissimulou entre os panejamentos do sitial. Borja ficára estonteado pelo esforço da discussão, e mais que tudo pela acção enervante d'uma atmosphera pesada, n'um ambiente perfumado e de luz sombria. O dia declinava, a luz vermelha da lampada fazia sair reflexos avermelhados do corpo envernisado do Santo Christo. Borja dirige-lhe a supplica de conservar a vida á duqueza, ou determinar o que melhor lhe aprouvesse. Então ouviu as seguintes palavras:

— Se queres que deixe a duqueza mais tempo n'esta vida, eu o deixo em tua mão; porém avizo-te, que a ti não te convém isso.

Borja, como bom jesuita, decidiu-se por si, e sacrificou sua mulher a Deus... com grande alegria de Oviedo.

Morta a duqueza, deixando-lhe oito filhos, Borja escreveu a Ignacio pedindo-lhe para entrar na companhia. Ignacio acceitou com alvoroço o pedido; e tal conta viu que lhe fazia aquella nova acquisição, que logo lhe acceitou a profissão[1]. Depois, para maior segurança, solicitou e alcançou do papa dois breves que permittiam a Borja continuar a viver na sociedade secular, durante quatro annos depois da sua profissão, se assim o exigisse a liquidação dos seus negocios. Em 1550, partiu para Roma; mas, temendo que o papa o quizesse obrigar a acceitar o chapeu de cardeal, voltou para Hispanha. Tomando ordens de missa, dedicou-se á predica e ás missões e intrigas diplomaticas de Carlos Quinto[2].

---

[1] Para que se não perdesse tempo em arrebanhar tão boa ovelha, Ignacio não lhe impoz as provações dos outros noviços, e até acceitou a profissão por escripto, que existe nos archivos da sociedade e é do theor seguinte: «Eu, Francisco de Borja, Duque de Gandia, peccador abominavel, e indigno da vocação do Senhor e d'esta profissão, confiado na benignidade do Senhor do qual espero, que n'este ponto me será propicio, faço voto solenne de pobreza, castidade, obediencia, conforme o instituto da companhia, por privilegio, que me ha enviado o padre Ignacio, preposito geral, pelo qual rogo aos anjos e santos do Ceu, que sejam meus protectores e testemunhas; e o mesmo peço aos padres e irmãos, que estão presentes. Em Gandia, dia de santo Ignacio o primeiro de fevereiro de mil quinhentos quarenta e oito.»

[2] Borja trouxe uma cifra para se corresponder com Carlos Quinto; n'ella o imperador era tratado por Micer Augustino, e Francisco por Morales o-Santo. (Já ?)

Foi elle, e é conveniente que se saiba, para conhecermos quanto devemos aos jesuitas, quem veiu a Portugal para decidir a rainha D. Catharina a fazer com que o reino jurasse que a successão da corôa, na falta de D. Sebastião, passaria ao neto de Carlos Quinto, o principe D. Carlos. O fim apparente da viagem seriam rezas, prédicas e devoções; o secreto a perda da autonomia portuguesa! D. Catharina e o jesuita tiveram longas conferencias; mas fez-lhe comprehender que a situação não era azada para o commettimento. Borja retirou-se descontente; mas nem elle nem a companhia desistiram da empreza, como os factos infelizmente o provåram. Tentou outra vez Borja vir in-

Trasladação de Francisco de Borja

trigar em Portugal, mas então levantaram-se contra elle as pedras das calçadas, na verdadeira accepção das palavras [1].

Pretendem os jesuitas que a entrada de Francisco de Borja para a companhia teve uma grande influencia sobre o espirito de Carlos Quinto, quando, aos 28 d'outubro de 1555, abdicou em seu filho Filippe II. Apesar do testemunho de D. Alvaro de Toledo, confidente de Carlos Quinto, o facto é pouco verosimil [2]. Seja como fôr, o ex-imperador, que, com o seu profundo conhecimento dos homens, sempre andou desconfiado com os jesuitas, escreveu a Francisco de Borja. A princeza Joanna, sua filha, que sabia as intenções que levaram seu pae a dirigir-se a Borja, preveniu-o pela carta seguinte:

«Não quero deixar, meu reverendo padre, de lhe enviar quanto antes este aviso, afim de que tenha tempo, antes de falar ao imperador, de pensar em si na presença de Deus, e de deliberar sobre a resposta que lhe ha-de dar. E' da sua propria bocca que eu sei tudo o que acabo de lhe escrever, e não são rumores nem noticias duvidosas. Estou convencida de que, se se lembrar n'este momento do que deve á sua companhia, por certo não esquecerá a obrigação que tem de satisfazer meu senhor o imperador.»

Esta carta, que o encontrou em Alcalá, fez corroborar os boatos que então corriam de que Carlos Quinto, recolhido ao mosteiro de Yuste, da ordem de S. Jeronymo, queria ter comsigo o seu antigo valido, Francisco de Borja, que elle imaginava que, por ter vestido a roupeta, se achava completamente desligado das coisas do mundo. Borja differe a ida de dia para dia, até que o ex-imperador impacientado o manda buscar por D. Fernando de Lacerda, duque de Medina-Cœli.

Foi solenne, para Borja, o momento em que penetrou na cella do monge de Yuste, outr'ora o potentissimo monarcha, arbitro e senhor do mundo! Mas, para o jesuita, era elle ainda Carlos Quinto, o seu protector e o bemfeitor de sua familia. Perturbadissimo ao aspecto d'esta grandeza voluntariamente abatida, e que elle agora via maior do que nunca a vira quando vivia aos pés do throno, quiz precipitar-se a seus joelhos; mas o imperador levantou-o, e recebeu-o em seus braços.

A entrevista, que durou tres dias, não deu resultado algum. Apesar de toda a sua eloquencia, o jesuita não conseguiu demover o imperador da sua opinião, e este debalde convidou o seu antigo favorito a acompanhal-o no retiro.

Francisco de Borja era do numero d'aquelles para quem a santidade precisa dar-se em espectaculo á grande luz do mundo!

Os jesuitas, que a este tempo se viam a braços com a guerra que toda a gente em Hispanha lhes estava fazendo [1], aproveitaram esta entrevista para espalharem o boato que Carlos Quinto mudára de opinião a respeito da companhia; e o facto é que taes imposturas calaram no animo de muitas pessoas, e o que mais as confirmou n'esse sentido foi o ser Borja nomeado seu executor testamentario. Era o ultimo testemunho do amigo para com o amigo. Os jesuitas transformaram-o logo em tropheu honroso da companhia!

Por morte de Laynez e sua recommendação foi Borja nomeado geral, — o que foi sempre uma das suas ambições, superior até á de ser cardeal, (a outra era a cadeira pontificia), o que por varias vezes rejeitou, — eleição que tivera o cuidado de preparar, insinuando nos espiritos dos socios visões divinas que lh'a prognosticavam.

N'este momento, os jesuitas espalhados pela terra e que, á morte de Ignacio, eram mil, estavam augmentados em tres mil e quinhentos, resultado em grande parte devido aos trabalhos de Laynez, que tinha fixado o espirito politico e fundado o poder

[1] O facto passou-se em Evoramonte, onde Borja e o seu companheiro andavam palpitando o povo sobre o que aconteceria se D. Sebastião morresse, e Filippe II tomasse conta do reino.

[2] Foi em 1547 que Carlos assentou, segundo os recentes trabalhos historicos publicados na Belgica, n'um projecto de abdicação

[1] Entre outros factos podemos desde já citar o sequestro d'um infeliz rapaz riquissimo, que elles roubaram a sua mãe para fazerem jesuita, com mira na herança. Foi preciso que as auctoridades á mão armada obrigassem os reverendos a entregar o noviço, que, por fim, para elles voltou, passados tempos.

temporal da companhia de Jesus, que entregou nas mãos d'um continuador que em si concentrava as suas tendencias e o mysticismo de Ignacio. Virá depois Aquaviva, o organisador da minucia, e a obra dos tres, attingirá o seu maximo desenvolvimento.

A' volta d'uma viagem, executada por ordem do papa, a França, Hispanha e Portugal, Borja caiu doente em Ferrara, onde morreu em 2 d'outubro de 1572, com sessenta e dois annos de edade. Transportado o seu cadaver para Roma, foi sepultado junto de Ignacio e de Laynez.

Em 1617, depois de imponentes exequias na casa professa a que presidiu o cardeal duque de Lerma, primeiro ministro de Filippe III, e neto de Borja, foi o cadaver de este exhumado e conduzido para Madrid, onde o depositaram na egreja dos jesuitas.

Mal pareceria se um individuo canonizado pela curia romana, não tivesse á sua conta uma duzia de milagres. O que diria a posteridade dos canonizados?

A figura de Borja tem lados dignos de admiração, embora no seu conjuncto não inspire essa sympathia que nos communica a de Francisco Xavier. Podia existir na historia da companhia rigida na apparencia, como os seus traços phisionomicos, e ahi tinha o logar indisputavel, que serviu para preparar o advento de Aquaviva; mas os jesuitas não o comprehenderam assim, e entenderam que alguns milagres poderiam dar uma luz menos sombria áquella figura. Mas como é de sina sua gafarem quasi tudo em que põem mão, os milagres que attribuem ao seu geral são do genero do que dou como exemplo.

Copio a Cienfuentes na integra, da traducção de José Ribeiro Neves:

«Em Tordesilhas comeu algumas vezes com seus filhos os condes de Lerma, condescendendo em parte com os rogos de sua filha. Estava um dia sentado com elles á mesa, e falando da profanidade e engano do mundo e dos trajes do palacio, quando a ponta de um osso, com a mais sensivel e repentina violencia, arrancou um dente a sua filha, deixando-lhe a bocca toda ensanguentada. Foi grande o sentimento e o assombro, assim por aquelle doloroso susto, que a obrigou logo a misturar o sangue com as lagrimas; como pela falta que o dente havia de fazer á symetria do rosto. pois faltava em sitio mais descoberto; e cuidava, que ao falar, lhe faria a descrição feia e desaprasivel o riso, sendo ella uma das damas de maior formosura que teve n'aquelle seculo Hispanha. Compadecendo-se da sua dôr, e da sua fraqueza, o padre Borja, e tomando na mão o dente caido, principiou a notar com festiva brandura a vaidade mulheril na estimação da sua belleza, dizendo: «Ai! Jesus! E que feia ficará sem este dente a condessa!» E logo com a licença de pae, depois de levantar os olhos ao ceu, introduziu o dente no sitio d'onde tinha saido, e com o semblante incendido disse: — Comei, filha, e estae segura, de que pelo menos este não vos tornará a cair. Ficou attonita a condessa, e os que estavam presentes a esta maravilha de tanta ternura, e mais quando experimentou que o dente estava seguro e fixo, a bocca sem sangue, e sem dôr alguma, proseguindo a comida e com ella o assombro. Olhavam uns para os outros, duvidando, se era realidade, ou sonho, e desde então a condessa, sendo propria aquella peça, a estimou como reliquia do santo Borja.»

Que santo! E que dentista!

# XII

## Os jesuitas e a Universidade de Paris

Conhecido o codigo de leis da S. J. [1], e o espirito dos seus tres primeiros geraes, diversos nas indoles, no temperamento e na intelligencia, mas com a mesma intensidade de orientação absorvente e dominadora, vamos conhecer dos seus feitos mais importantes, no correr de tres seculos, abandonando, porém, para maior clareza da exposição, o synchronismo d'elles, e estudando-os agrupados nas grandes regiões do mundo, em que a companhia predominou.

O primeiro grupo de que nos vamos occupar é o de factos passados alem dos Pyreneos; depois seguir-se-hão aquelles que tiveram por theatro as regiões do Oriente, e terminaremos com a historia da S. J. em Portugal e no Brazil.

No meio dos progressos da sociedade e do alvoroço que ella ia causando no mundo, Ignacio via com dolorosa magoa que a França recusava submetter se ao seu jugo.

Era uma rica presa; mas difficil de apanhar. Os jesuitas não tinham alli nenhuma existencia official. Apenas alguns dos seus membros viviam occultos, ou pelo menos, pouco apparentemente.

Ha na historia do jesuitismo tres factos a notar, e todos tres em honra da França: nunca fornecer nenhum geral á S. J., oppor-se tenazmente ao seu estabelecimento, e tel-a expulsado quantas vezes lhe tem sido preciso. Da primeira e ultima honra tambem Portugal se póde gabar. Infelizmente, mercê d'um rei *piedoso*, foi dos primeiros reinos a abrir-lhes as portas, e com elles a da dominação de Castella.

O bom senso pratico do francês fez-lhe logo adivinhar tudo quanto se póde esconder de perigoso sob a roupeta lisa, acanhada e negra do jesuita. Não precisou vel-os manobrar, para analisar as suas doutrinas, desmascarar-lhes os sophismas, e, forçado a tomar o veneno, a expellil-o energicamente. Quando, em 89, se pronunciou contra todas as tyrannias, englobou n'ellas os jesuitas.

Comtudo houve um homem, cuja memoria deve ser ignominiosa, que lhes abriu as portas do seu paiz, em 1550. Esse homem foi Guilherme du Prat, bispo de Clermont, que deu asylo, n'um palacio que possuia na rua da Harpa, aos jesuitas que do convento dos cartuxos se tinham passado para o collegio dos lombardos. Não contente com os admittir, doou-lhes bens consideraveis. Esta inesperada fortuna, que ficou esteril em suas mãos, ensinou-os a proseguirem na empresa de se fazerem reconhecer, e o seu primeiro acto foi solicitarem cartas-patentes de Henrique II.

O parlamento manifestou-se desde logo em opposição, e representou ao monarcha que não havia necessidade alguma de augmentar o numero dos religiosos, já excessivo no reino, e que antes de tudo convinha que elles

[1] É por esta fórma abreviada que os escriptores, em geral, designam a Sociedade de Jesus.

communicassem a Eustachio du Bellai, bispo de Paris, e á universidade as bullas que tinham obtido dos papas.

Ignacio, que fizera esta communinação a Melchior Cano, e que lhe produzira o resultado contrario ao que elle esperava, não esteve disposto a satisfazer o pedido do parlamento do rei de França. Foi preciso empregar a manha, e ladear o obstaculo.

Para isso deu ordem a um dos jesuitas de Paris para que fizesse os seus votos nas mãos do bispo de Clermont, que deu para isso commissão ao abbade de Santa Genoveva; e como, Ignacio, em tempo tivesse conhecido em Roma o cardeal de Lorena, soccorreu-se d'elle para obter as cartas-patentes, que o parlamento se recusou registar, apesar das ordens de Henrique II, apertado pelo Lorena.

A resistencia augmentava á medida que cresciam os empenhos. O bispo de Paris e a faculdade de theologia juntam-se ao parlamento. Aquella, no 1.º de dezembro, publica um decreto, que declara «a nova sociedade, perigosa em materia de fé, inimiga da paz da Egreja, e antes nascida para a ruina do que para edificação dos fieis».

O decreto foi enviado a Roma, e Ignacio fez como se o não tivesse recebido. Esta vigorosa accusação, formulada por juizes competentes, provoca uma reacção geral contra os jesuitas. Os prégadores e os parochos atacam-os claramente; os professores profligam as suas doutrinas; Eustachio du Bellai prohibe-lhes todas as funcções sacerdotaes na sua diocese, no que é imitado por alguns outros bispos.

Taes foram os primeiros passos dos jesuitas em França. Ignacio deixou prudentemente passar o vendaval.

Em 1561, Laynez assiste ao *colloquio* de Poissy[1] e, com os empenhos de Lorena, obtem que a sociedade se estebeleça em Paris. O parlamento cançado da lucta, e continuando a ser intimado para registar as cartas-patentes que concediam aos jesuitas os bens de Guilherme du Prat, tinha remettido o negocio aos bispos. Mas não foi sem condições que estes deram o seu consentimento.

Exigiram que a sociedade tomasse outro nome que não o de *Sociedade de Jesus*;

Francisco de Borja

que o bispo diocesano tivesse sobre ella inteira jurisdição;

que elle bispo tivesse auctoridade para expulsar da companhia aquelles cujo procedimento se tornasse escandaloso;

que os membros da sociedade, nada fi-

[1] Com o fim de fazer um apaziguamento nos espiritos exaltados pelas opiniões religiosas, Catharina de Medicis, regente da França, na menoridade de Carlos IX, pensou resolver a questão por uma especie de debate contradictorio entre os prelados catholicos e os ministros do culto protestante. O colloquio abriu-se em Poissy a 9 de setembro, e se os espiritos entraram irrequietos para elle, sairam de lá exaltadissimos, e mais do que nunca longe de um accordo *e cordealmente inimigos*.

zessem em prejuizo dos bispos, parochos, capitulos, freguezias e universidades;

que renunciassem a todos os privilegios contrarios, embora declarados nas suas bullas d'instituição.

O bispo de Paris, por seu lado, tambem fez varias reservas.

O acto de recepção dos jesuitas foi registado no parlamento, em 13 de fevereiro de 1562.

Não se teriam tomado maiores precauções contra malfeitores. Infelizmente de nada serviram contra o espirito de tenacidade, manha e astucia dos reverendos padres.

Tinham um pé em França, podiam ser expulsos, mas não saiam mais.

A primeira condição que lhes fora imposta era de mudarem de nome; pois em 1564, tendo illudido Julião de St. Germain, reitor da universidade, que lhes deu, sem consultar as faculdades, cartas de matricula, abriram um collegio com o nome *Clermont da Sociedade de Jesus*. Era uma acquisição feita com o dinheiro de Guilherme du Prat, situada na rua de S. Jacques.

As primeiras licções publicas realisaram-se no 1.º d'outubro do mesmo anno de 1564. Os professores eram Maldonado, para philosophia e Vanegc para as humanidades [1]. Os cursos tiveram brilho e fama. A universidade preoccupou-se com esta violação audaciosa d'uma promessa exigida e solennemente feita. João Prévôt, reitor em logar de Julião, prohibiu-lhes todo e qualquer exercicio de classe até que tivessem provado em virtude de que direito professavam. O parlamento, a requerimento dos jesuitas para lhes ser levantada a prohibição, mandou que elles fossem interrogados por João Prévot, e fixou o interrogatorio para 18 de fevereiro de 1565.

Foi impossivel obter dos reverendos padres uma resposta categorica.

O reitor perguntou-lhes:

— Sois seculares, regulares ou monges?

— Somos em França o que o parlamento disse que eramos, *tales quales;* isto é a sociedade que é chamada do collegio de Clermont.

— Sois monges ou seculares?

— Não é aqui o logar para se nos fazer tal pergunta.

— Sois verdadeiramente monges, regulares ou seculares?

— Já respondemos que somos o que o parlamento disse que eramos.

A universidade não se deixou embair com estes subterfugios jesuiticos, e, decidindo empregar para com elles todo o rigor, prohibiu os discipulos de irem ás licções de Clermont. Os jesuitas apellaram immediatamente para o parlamento. A universidade incumbiu da sua defesa Estevam Pasquier [1], nomeou delegados de cada faculdade para acompanharem o processo, e Carlos Dumoulin [2] redigiu uma consulta em seu favor. Ao mesmo tempo os parochos de Paris, o preboste dos mercadores, os magistrados municipaes, o cardeal de Châtillon, bispo de Beauvais, conservador dos privilegios da universidade, os dois chancelleres de *Notre-Dame* e de Santa Genoveva, os administradores dos hospitaes, e as ordens religiosas mendicantes, requereram para que os padres da S. J. não fossem recebidos nem como regulares nem como collegio.

O advogado dos jesuitas foi Pedro de Versoris [3], celebre casuidico, notavel pela

[1] João Maldonado era hispanhol, tinha nascido em Casas de la Reina, na Extremadura, morreu em Ronce a 5 de janeiro de 1583.

[1] Estevam Pasquier nasceu em Paris em 1520 e morreu ahi a 31 d'agosto de 1615; foi celebre pela sua accusação contra os jesuitas, pelos seus trabalhos a respeito da França, e pelos versos qne fizera a uma pulga que vira no seio da menina Desroches, e que tal exito obtiveram em França, na Hispanha e na Italia, que deram origem a uma quantidade de poesias sobre o mesmo assumpto.

[2] Dumoulin nasceu em Paris em 1500, d'uma familia alliada a Anna de Boleyn, mãe da rainha Isabel, e morreu em 27 de novembro de 1566. A superioridade de Dumoulin como jurisconsulto era por tal sorte reconhecida, que escreveu na cabeça das suas consultas: «Eu que não cedo a ninguem, e a quem ninguem tem nada que ensinar.»

[3] Pedro de Versoris nasceu em Paris em 10 de fevereiro de 1528 e morreu a 25 de dezembro de 1588. Os discursos de Versoris, unico seu trabalho impresso, estão citados na historia de Thou. Existe uma edição particular: *Plaidoyers de feu maistre Pierre de Versoris etc.* etc., 1575, sem indicação de logar nem de impressor.

subtil chicana que empregava na defesa das causas pouco lisas, em que era especialista. No dia marcado, o parlamento reuniu-se em sessão solenne.

Era um singular e extranho processo aquelle em que, sob apparencia de interesse particular, dois simples advogados iam agitar as mais importantes questões politicas, moraes e religiosas. D'um lado da vasta sala se mantinha deante de seus clientes, humilde, modesto na attitude, o olhar velhaco, Versoris, altivo com a reputação dos seus passados triumphos, e dissimulando, debaixo d'uma soberba tranquillidade, a fraqueza da causa que defendia; do outro lado, Estevam Pasquier, então menos illustre que o seu adversario, mas que tinha por si a verdade, a justiça e o bom senso. No meio de um profundo silencio, Versoris tomou a palavra.

O seu discurso, preparado segundo o gosto do tempo, ornado de quantas possiveis flores de rhetorica em uso n'aquella epocha, dizia em substancia que:

Como a natureza não deixa sair as serpentes dos seus antros, durante a primavera, que tem de fazer desabrochar a flôr do freixo, que lhes servirá de alimento, e não acaba com esta flôr senão no fim do outomno, depois de haver encerrado estas mesmas serpentes, assim a Providencia divina, não tinha querido permittir as heresias de Luthero e de Calvino, senão estabelecendo a companhia de Jesus, que as devia combater. Para demonstrar que esta companhia era milagrosa na sua origem e no seu desenvolvimento, o advogado disse que fôra instituida por um homem de guerra. Contou em seguida a historia de Ignacio, da sua conversão, das suas viagens, dos seus estudos, e dos primeiros companheiros que reuniu á sua volta. Referiu-se á confirmação dos estatutos da sociedade por Paulo III, que a fixára em sessenta socios. Fez observar que tendo sido alargado este limite, estes padres se multiplicaram de tal maneira que, quinze annos depois do seu estabelecimento, já possuiam doze provincias no antigo e novo mundo. Attribuiu estes rapidos progressos á utilidade que os povos auferiam dos jesuitas para a instrucção das creanças, e assegurou que nada havia a temer d'uma ordem que, por um voto particular, renunciava ás dignidades ecclesiasticas.

Procurando justificar os seus clientes da opposição que encontravam em França, e principalmente em Paris, representou-os como uma cohorte de santos, comparou-os a muitas ordens religiosas a que tambem tinham sido suscitados obstaculos nos seus começos, e pretendeu fazer valer os jesuitss pela propria repulsão que suscitavam. Emfim, depois de ter elogiado o seu desinteresse e a sua humildade, concluiu pela confirmação do seu requerimento, e pediu que a mocidade podesse receber as suas licções.

Estevam Pasquier falou por sua vez. Refutou vigorosamente os argumentos e apologias do seu adversario, e restabeleceu os factos com toda a exactidão.

«Esta nova especie de religiosos, disse elle, não só não deve ser aggregada ao corpo da universidade, mas deve de ser inteiramente banida, expulsa e exterminada da França.»

E assim o provou com as antigas ordenanças e constituições da universidade, e pela origem, estabelecimento e progressos dos jesuitas; a fim de que o tribunal, confrontando estas coisas entre si, pudesse julgar se vinha a proposito incorporal-os na universidade, e se d'elles resultava utilidade ou prejuizo para a religião christã, e especialmente para a França. Alongou-se sobre a origem da universidade, sobre as suas leis, sobre as suas quatro faculdades, considerando-a como uma especie de concilio geral, permanentemente estabelecido em Paris. Passando depois ao instituto jesuitico, disse, qne tendo sido regeitada pelos lutheranos da Allemanha a auctoridade da Santa-Sé, estes padres expozeram ao papa, que o seu primeiro voto era de reconhecer o soberano pontifice acima de outra qualquer potencia, e que não havia nenhum principe, nenhum concilio, que não devesse submetter-se ás suas leis; que esta lisonja lhes ganhára o favor de Paulo III, o qual, considerando os jesuitas como seus vassallos, julgou andar avisadamente approvando-os, ainda assim com certas restricções.

Ajuntou que tendo obtido de Julio III a

permissão de receberem tantos individuos, quantos se lhe apresentassem, os jesuitas tinham vindo a Paris, onde foram bem recebidos pelo bispo Clermont, e pretenderam fazer approvar os seus estatutos pelo parlamento; mas que Noel Brulat, então procurador geral no parlamento, se tinha formalmente opposto a todos os seus requerimentos, e lhes havia demonstrado que se se queriam retirar do mundo, podiam, sem introduzir uma nova ordem, fazer profissão em qualquer das ordens já existentes e approvadas pelos concilios; que havia os benedictinos, os bernardos, as ordens de Cluny e de *Premontré*, e outras de que a christandade tinha auferido grandes vantagens; emquanto que a que elles pretendiam estabelecer era fundada sobre um caso muito incerto; que o parlamento, não contente com estas rasões, tinha recorrido para a faculdade de theologia, a qual, depois de ter maduramente deliberado sobre este assumpto, resolvera regeitar este instituto, como destinado á destruição do estado regular e secular; que foi isso que levou os jesuitas a suspenderem os seus pedidos, até que acharam occasião azada para apresentarem um requerimento ao tribunal, e pedirem que elle auctorisasse o seu instituto, não em forma de nova ordem religiosa, mas na de collegio; comprommettendo-se a nada emprehenderem em prejuizo do rei, dos bispos, dos parochos e dos capitulos, e protestando, pela sua parte, a renunciarem todos os privilegios que lhes tinham sido concedidos e contrarios a esta renuncia; que o tribunal, julgando que este requerimento se relacionava com a Egreja, o reenviára aos padres reunidos em Poissy, sob a presidencia do cardeal de Tournon.

Pasquier sustentou que este requerimento nunca fôra recebido no tribunal pleno; que não tinha sido senão assignado pelo relator do presidente, que o não communicou senão a algumas pessoas das suas relações, e que n'elle apenas se decidia que a sociedade dos jesuitas seria consentida em forma de sociedade e de collegio, e não como uma nova ordem religiosa; que os padres seriam obrigados a tomar outro nome e não usarem o de jesuitas; e que seriam obrigados a conformarem-se em tudo e por tudo com o direito commum, sem nada emprehederem sobre o espiritual e o temporal em prejuizo dos bispos, que previamente renunciariam aos privilegios exarados nas suas bullas, e que a não ser assim essa approvação não teria effeito, nem seria executada.

Depois d'esta fiel narrativa historica, ajuntou que como era uma approvação o que tinham obtido, elles trabalhavam para a tornar valida e extensa; que tendo alcançado um despacho do parlamento, compraram a casa da rua de S. Jacques, para ahi estabelecerem moradia; que ahi, com menospreso das condições que lhes tinham sido impostas, tinham collocado, como letreiro, sobre o portão: *Collegio da Sociedade de Jesus;* que ahi recebiam toda a especie de alumnos, tanto internos como externos; que ensinavam o cathecismo do seu padre Auger; e que, não contentes com esta primeira irregularidade, ahi administravam os sacramentos da penitencia e da eucharistia, e mandavam pregar cartazes pelas esquinas para attrahirem o povo a sua casa, e noticiar ao publico que ensinavam gratuitamente.

E concluiu dizendo: que a S. J. a pretexto de gravemente ensinar a mocidade, não procurava senão os seus beneficios; que de um lado empobrecia as familias extorquindo-lhes testamentos, e, por outro, seduzia os moços sob uma falsa apparencia de devoção, e meditava revoluções e revoltas, que um dia rebentariam, para ruina do reino; que o segredo que esta sociedade tinha encontrado de fazer um voto particular á Santa-Sé tinha levado o papa a concederlhe tão grandes privilegios, que destruiam o direito commum; que quanto mais submissa ella se mostrava ao summo pontifice, mais ella se tornava suspeita aos franceses, que, reconhecendo o papa como chefe e principe da Egreja, estavam convencidos que elle era obrigado a obedecer aos santos canones e aos concilios ecumenicos, e que não estava em sua alçada pronunciar coisa alguma contra o reino nem contra os reis, nem discernir contra as sentenças do parlamento, nem em seu prejuiso, na extensão da sua jurisdicção.

E terminou com uma peroração que os

Antonia Warrdhove enterrada viva

factos posteriores, transformaram em prophecia:

«Se estes novos sectarios forem por fim recebidos, disse elle, será alimentar no reino outros tantos inimigos, que não tardarão em se declararem contra o rei. Vós outros que soffreis os jesuitas, vêdes tudo isto, e ainda os toleraes! Não virá longe o dia em que sereis os primeiros juizes da vossa propria condemnação, quando virdes a christandade perturbada por uma companhia de que se não conhecem nem os artificios nem os designios.»

Versoris replicou a Pasquier, e João Baptista Dumunil, servindo de procurador geral, discutiu a materia a fundo, e concluiu pela expulsão dos jesuitas, fundando-se principalmente sobre estes motivos: que tinham prestado juramento a um geral hispanhol; que eram extranjeiros, e que se lhes não devia confiar a educação da mocidade; e, estando ligados por votos, não deviam ser recebidos na universidade para ahi ensinarem publicamente. Quanto á fundação feita pelo bispo de Clermont, propoz que se estabelecesse em Paris, com os bens legados pelo prelado, um collegio que teria o nome de Clermont, e ao qual se daria como reitor um homem de bem, que não seria de nenhuma ordem religiosa, e muito menos jesuita.

A causa durou duas audiencias, e a opinião geral era que os jesuitas deviam succumbir. Mas elles tinham angariado poderosos protectores, o parlamento adoptou um meio termo e marcou a decisão para o mez d'abril de 1665. Assim, sem serem aggregados á universidade, os jesuitas puderam continuar publicamente as suas licções.

O discurso de Pasquier attrahiu-lhe o odio da companhia. Parece que elle tinha ferido justo, e que os seus argumentos haviam deixado uma viva impressão, se os apreciarmos pelas injurias que os jesuitas assacaram contra elle. Scribanius, de Lafont, Richomme e Felix de la Grace, esfacelaram-o emquanto vivo; e nem a sua morte apaziguou a sociedade que tanto maltratara. Em 1624, seus tres filhos publicaram, com privilegio real, uma obra para justificarem a memoria de seu pae das accusações calumniosas que lhe foram feitas pelo famoso jesuita Garasse. O memorial reproduz duas listas de injurias, por ordem alphabetica, que excedem em grosseria e imbecilidade tudo quanto se possa immaginar. Na palavra *tolo*, Garasse chama a E. Pasquier, tolo natural, tolo por sustenido, tolo por bemol, tolo na mais elevada gamma, tolo de duas solas, tolo de tintura reforçada, tolo carmezim, tolo em todas as especies de tolice...!

E termina assim o seu livro: «Adeus, mestre Pasquier; adeus, penna sanguinaria; adeus, advogado sem consciencia; adeus, monophilo sem miolos; adeus, homem sem humanidade; adeus, christão sem religião; adeus, inimigo capital da Santa-Sé de Roma; adeus, filho desnaturado da Egreja, que publicaes e augmentaes os opprobrios de vossa mãe; adeus, até esses raios que vos sepultarão debaixo d'outras montanhas, que não as do vosso Parnaso; adeus até esse grande parlamento, onde não advogareis pela universidade.»

Vê-se que o estylo dos jesuitas foi sempre o mesmo. Os modernos roupetas não degeneraram, e mostram-se dignos successores do padre Garasse [1] citado com grandes elogios na bibliotheca dos escriptores da sociedade pela *sua amenidade*, a *sua modestia*, a *sua doçura*, e *todas as outras virtudes*.

O jesuita Maldonado, cujas licções tinham levantado esta celeuma, foi mandado para Poitiers com mais nove dos seus companheiros. Tempos depois voltou a Paris, e foi accusado de ter roubado uma herança, seduzindo no leito de morte o presidente de Santo André, obrigando-o a deixar todos os seus bens aos jesuitas.

«Nada sae, dizia Antonio Arnaud, advogando, em 1594 contra a S. J., nada sae da sociedade, ao contrario tudo entra para lá e ou *ab-intestato* ou por meio de testamentos que todos os dias sabem captar, pondo de um lado o terror do inferno nos espiritos perto da morte, e do outro, propondo-lhes o paraiso, aberto áquelles que fazem

---

[1] Haja vista em que tom foi ultimamente apreciada em Lisboa, por um d'elles, a obra scientifica d'um medico distinctissimo, onde não sabemos que mais admirar se a filaucia da ignorancia se o insulto.

doações á companhia, como fez Maldonado ao presidente Montbrun de Santo André, obtendo d'elle todos esses moveis e bens, por uma confissão cheia d'impostura.»

Os jesuitas empalmaram ainda sete mil libras de renda ao presidente Gondran de Dijon, e fizeram-lhe doar por testamento dois escudos a sua irmã, sua unica hèrdeira!! Despojaram a casa dos Ballons, uma das mais ricas de Bordeus; roubaram o irmão do marquez de Canillac, e retiraram doze mil escudos da venda das terras de Faigolles.

Mas isto para elles tanto valia como peccaditos sem valor, e bagatellas insignificantes; e não contentes em se apoderarem das heranças trataram de ir lançando a mão dos herdeiros, continuando em França o que já, como vimos, iam praticando em Hispanha.

Pedro Argraut, tenente criminal em Angers, tinha casado com Anna Desjardins, filha do medico de Francisco I, de quem houvera quinze filhos, a quem amava terna e egualmente.

De todos elles, o que annunciava mais felizes disposições era seu filho mais velho. Pedro Argraut, que tinha sido um dos mais celebres advogados do parlamento de Paris, auctor de muitas obras estimadas, fazia constituir todo o seu orgulho n'este filho, no qual já via o seu successor. Teve, porém, a fatal ideia de confiar a sua educação aos jesuitas. Os reverendos padres, encantados com o espirito vivo e penetrante do moço Renato, julgaram que elle seria uma excellente acquisição para a companhia. Por tal fórma o doutrinaram, e illudiram, que lhe fizeram vestir a sotaina da ordem. Assim que o soube, Argraut intimou-os a que lhe entregassem o filho, e ameaçou-os de que o iria elle proprio buscar se l'ho não mandassem. Para não perderem a presa, fazem com que Renato saia do collegio para outra casa, e mandam dizer ao pae que não sabem d'elle. Argraut pede um inquerito; dirige-se ao parlamento e obtem uma sentença que prohibe os jesuitas de Clermont de receberem o fugitivo, e ao mesmo tempo de communicarem a prohibição aos outros collegios da S. J. Os jesuitas não fazem caso do parlamento nem das suas sentenças; mas Argraut não desanima, e dirige-se ao papa.

O rapto fóra tão audacioso e causára tão grande escandalo, que o papa ordenou que lhe enviassem as listas com os nomes de todos os membros da companhia.

Mas debalde ahi se procurou o de Renato. Para lhe fazerem perder a pista, os jesuitas tinham-o rebaptisado, por sua conta e risco. O segredo foi por tal sorte guardado, que, apezar da protecção do rei e do papa, Argraut não pôde obter justiça. Ao fim de tres annos de trabalhos e de inuteis pesquisas, para disfarçar a dor que o minava compoz um livro intitulado *O poder paterno*, de que Pasquier e Bodin falam com louvor. A eloquencia do coração ahi se encontra reunida á instrucção. O estudo não lhe mitigou as penas, e o desgosto matou-o em 1601.

Alguns annos antes da morte, por acto notariado, privou seu filho da sua benção, mas á hora da morte o coração do pae enviou-lh'a onde quer que elle se achasse. Os jesuitas fizeram de Renato um monstro d'ingratidão, obrigando-o a refutarem o livro de seu pae; que por fim appareceu á luz com o nome d'um testa de ferro.

Era assim que a S. J. preludiava em França, preparando-se para o assassinio.

# XIII

## Primeira tentativa de assassinio contra Guilherme de Nassau

A cidade d'Anvers[1], depois de ter sustentado corajosamente um longo cerco contra as tropas do principe Alexandre de Parma, fôra obrigada a render-se. Havia annos que os restos de dois supliciados se achavam expostos, segundo diz o historiador Metereu[2], sobre as muralhas do castello. Recordavam aos habitantes uma acção execravel, bem depressa seguida de outra da mesma natureza, que tinha roubado aos Paises Baixos, o mais illustre defensor da sua independencia. Havia apenas duas horas que os conquistadores tinham entrado na cidade, quando dois homens, a quem o seu exterior hypocrita e velhaco designava immediatamente, tanto como as suas roupetas, por dois filhos de Loyola, se dirigiram para as muralhas. Recolheram com piedoso cuidado os ossos brancos e descarnados, e levaram-n'os nas dobras das sotainas. O citado historiador acrescenta, «que todos aquelles ossos foram convertidos em reliquias pelos reverendos padres».

Pertenciam-lhes effectivamente. Tinham todo o direito de se apoderarem d'elles, depois de terem armado os braços que estiveram a ponto de dar a morte ao libertador dos Paises-Baixos.

Narremos como as coisas se passaram.

[1] A antiga Antuerpia dos nossos escriptores.

[2] Metereu, consul hollandez, é o auctor da historia em latim dos Paises-Baixos, desde a acclamação de Carlos-Quinto como rei d'Hispanha, em 1516, até o fim das guerras de religião.

Para conquistar o logar que hoje occupa entre as nações da Europa, a Hollanda teve que sustentar tres grandes luctas: a do mar, a da tyrannia e a dos jesuitas. O infatigavel e paciente neerlandês soube arrancar o solo que povôa á avidez do mar, a sua independencia ao despotismo de Filippe II, a sua tranquillidade ás intrigas dos filhos de Loyola; e d'estas tres victorias, todas gloriosas, a ultima foi a mais difficil, porque os inimigos, como sempre, trabalhavam na sombra e não recuaram em soccorrer-se do punhal.

Não é aqui o logar para se fazer a historia da lucta que os Paises Baixos tão valerosamente sustentaram contra a poderosa casa d'Austria e de Hispanha. Sabe-se que Flandres e a Hollanda, depois de terem estado sob o jugo do extranjeiro, se revoltaram, e reclamaram a sua parte á luz vivificante do sol, que começava a illuminar a velha Europa, e que se chama: — liberdade.

Antes que terminasse o XVI seculo, que tão grandes commettimentos viu realisar, os Estados-Unidos da Hollanda já tinham tomado assento entre as nações independentes. Flandres foi menos feliz; e sómente nos nossos dias, tres seculos depois, é que a Belgica pôde emfim ser contada em o numero das nações. Se não conquistou a sua independencia ao mesmo tempo que a Hollanda, póde queixar-se dos jesuitas. Foram elles, effectivamente, os filhos de Loyola, que principalmente ajudaram o sombrio e cruel despota Filippe II, a apertar no pescoço dos

brabanções e flamengos a golilha da escravidão. Esses povos, revoltando-se contra Filippe, tinham-se conservado catholicos; emquanto que os hollandezes, querendo sem duvida quebrar até o ultimo élo que os prendia á Hispanha, entraram com enthusiasmo no caminho da Reforma. No auge da lucta, os jesuitas conservaram sempre uma grande influencia em Flandres; emquanto que só viveram na Hollanda com a protecção das armas hispanholas. A consequencia inevitavel de tudo isto foi, que a Hollanda recuperou a sua liberdade, constituiu-se potente e feliz; e a Belgica teve que arrastar-se humilhada de grilheta aos pés, ainda durante mais de dois seculos!

E' principalmente ao celebre principe de Orange, Guilherme conde de Nassau, cognominado o *Taciturno,* que a Hollanda deve ter visto os seus esforços coroados de exito. Em 1570 este homem, verdadeiramente notabilissimo, puzera-se á testa do grande movimento que por fim rebentou contra a dominação de Filippe II, e contra as crueldades dos seus logares-tenentes. Rapidamente, diversas partes da Hollanda se ligaram n'um poderoso nucleo, e puderam luctar, muitas vezes com vantagem, contra os exercitos de Hispanha. Filippe, furioso e persuadido de que era ao talento do principe de Orange que devia attribuir os successos dos seus subditos revoltados, resolveu recorrer a todos os meios para se desembaraçar do seu temivel inimigo.

Tem-se accusado os jesuitas de ter servido o despota hispanhol nos seus infames projectos de escravisar a Hollanda. Vamos vêr se taes accusações são fundadas.

O Jesuita Maldonado obriga o presidente de Santo André a fazer um testamento em favor da S. J.

No dia 18 de março, anniversario natalicio de Francisco Herodes de Valois, duque d'Alençon e d'Anjou, tinham cerrado todos os negocios desde pela manhã em Anvers; dir-se-hia uma cidade entregue, depois d'um longo cêrco, ao inimigo e á fome. No porto, ouviam-se os cantos alegres dos marinheiros, occupados em embandeirar os seus navios; os galhardetes fluctuavam nas janellas de todas as casas; os sinos das egrejas reabertas, depois de oito mezes aos catholicos, badalavam sem descanço, e misturavam os seus estridentes sons aos rumores confusos

das vozes do povo, que se agitava nas ruas, e se comprimia em massa nos arredores da cidadella.

N'uma das extremidades da praça tinha sido levantado um vasto tablado de madeira, servido por degraus, que os operarios acabavam de forrar com alcatifas. Como acontece sempre, assim que o povo muda de senhor, cada qual augurava bem do reinado que ia começar; todos tomavam as suas esperanças por realidades, e gratificavam liberalmente o novo duque com todas as qualidades e virtudes possiveis. Era um concerto universal de louvores. Catholicos e reformados amaldiçoavam por egual a dominação hispanhola, e encaravam esta nova alliança com a França como um penhor da paz e da liberdade de Flandres. Alguns até, que se pretendiam bem instruidos e iniciados nos segredos das côrtes, chegavam a affirmar que o projecto de casamento, que fôra outr'ora tão desejado, entre Izabel de Inglaterra e o duque d'Anjou era coisa decidida. Esta noticia encontrava poucos incredulos, e já, em presença das forças reunidas da França e da Inglaterra, se imaginava ver fugir os ultimos destroços dos exercitos de Filippe II.

Emfim o momento fixado para a cerimonia chegou. Um grande silencio succedeu ao tumulto, quando o duque appareceu acompanhado da nobreza e dos estados do Brabante, e tomou assento n'um throno doirado, no meio do tablado. Á sua direita, de pé e descoberto Guilherme o Taciturno, principe de Orange. A fronte calva e apprehensiva, a figura pallida, magra e severa d'este homem que nenhum revez conseguira abater, e que tinha tomado como divisa: *Tranquillo no meio da tempestade*, formavam um contraste flagrante com as physionomias risonhas e cheias de confiança dos fidalgos que o cercavam. Só elle, entre todos os actores e espectadores d'esta scena, pensava no futuro, e, sem desesperar da victoria, combinava ainda, no meio do seu triumpho, a maneira de o tornar duravel, e procurava os apoios para aquelle throno que elle sentia estalar sob o manequim offerecido ás vistas do povo. Atrás d'elle, um mancebo de dezeseis annos, notavel pela altivez do seu porte e pela audacia do olhar. Era Mauricio, nascido do casamento de Guilherme com Anna, filha do duque de Saxe, e que devia, digno herdeiro d'um heroe, continuar gloriosamente a obra de seu pae.

Quando o duque d'Anjou se sentou, o chanceller do Brabante, Dirk de Liesvalat, recebeu o seu juramento, prestado sobre o Evangelho, de observar as condições com que o acceitavam como soberano, deixando a todos plena liberdade de consciencia, e de governar, não de maneira arbitraria, mas segundo o direito e a justiça. Findo o que, o burgomestre lhe apresentou uma chave de prata, como signal d'obediencia, e, no meio dos applausos da multidão, foi proclamado pelo arauto: duque de Brabante.

Era geral o enthusiasmo, e subiu ao auge por uma circumstancia imprevista, que assignalou o final d'esta cerimonia.

No momento em que o duque descia os degraus, e em que o numeroso cortejo se ia pôr em andamento, uma mulher de edade avançada, encostando-se a um rapaz, afastou as ondas do povo que se agglomeravam aos pés do throno. Quizeram os soldados, impedir-lhe a passagem, mas o duque d'Anjou, julgando que a mulher lhe queria fazer qualquer pedido, deu ordem para que a deixassem approximar.

—Monsenhor, lhe disse ella, não venho pedir nada a V. A. mas fazer-lhe um presente.

—E qual é? perguntou o duque com um sorriso de incredulo.

—Não ria, principe. O presente que lhe trago, tel-o-hia offerecido a Guilherme d'Orange, se elle tivesse querido guardar para si o poder que hoje vos deu, e, acceitando-o, elle ter-me-hia agradecido.

—O mesmo farei eu. Mas de que se trata?

—Eis meu filho, monsenhor, disse ella apoiando a mão no hombro do rapaz que a acompanhava. É um soldado que lhe trago. Chamo-me Jacquelina Héranger; meu marido foi morto, servindo a causa da liberdade com Henrique de Bréderode. Eu e os meus quatro filhos recebemos-lhe o ultimo suspiro, e obrigou-me a jurar que educaria meus filhos no odio contra a tyrannia hispanhola. O mais velho, que mal comprehendia

o que o pae ordenava, jurou sobre o seu cadaver que cumpriria a sua ultima vontade, e morreu no dia em que morreu outro heroe chamado Luiz de Nassau. O segundo de meus filhos, morreu como seu irmão; e ha quinze dias disse a este: «Filho chegou a tua vez de vingares a morte de teu pae e de teus irmãos.» E para isso deixámos a nossa terra, Delft, e aqui viemos. Mande-lhe dar armas e que seja sempre collocado na primeira fila. Deus, que já me levou dois amparos da minha velhice, por certo me conservará o terceiro filho. Se este succumbir substituil-o-hei pelo ultimo, e depois d'este extremo sacrificio deixarei a vida, onde já não terei senão lagrimas que chorar. Filho, disse ella beijando-o nas faces, que tu tornes ou não a ver a tua velha mãe, lembra-te sempre das suas palavras: «Não poupes o teu sangue pela causa que defendes, que é a da justiça e a da liberdade. Emquanto um unico pé hispanhol pisar a terra em que nasceste, a espada não deve voltar á bainha. Adeus sr. Duque; volto para Delft.»

Cumprimentou com dignidade, e retirou-se com passo firme, deixando côrte e povo profundamente admirados. Os bravos rebentaram espontaneos, e até o proprio Taciturno, que nunca deixava ler os seus sentimentos sobre o rosto, não pôde evitar a commoção.

Os arautos annunciaram ao som de clarins a partida do cortejo. O duque e toda a nobreza atravessaram a praça, por meio das alas compactas do povo. Guilherme caminhava a pé com as mãos nas costas, como era seu costume. N'um momento em que a multidão mais os apertava, sentiu que lhe mettiam um papel na mão direita. Voltou-se rapidamente, mas não pôde descobrir quem se approximara d'elle. Leu o papel que continha estas palavras:

«Abandone o cortejo: os seus dias estão ameaçados.»

Guilherme caminhou ainda algum tempo com a multidão, pensando no mysterioso aviso. A morte não o assustava n'um campo de batalha; mas temia-a por surpreza, n'uma odiosa embuscada; e quanto mais ouvia resoar em torno de si os gritos de enthusiasmo, mais lhe parecia a elle tambem que o assassinio era o unico meio que restava a um rei que, não tendo podido vencer, tinha posto a sua cabeça a premio. Fez signal a seu filho Mauricio de que lhe queria falar. O mancebo approximou-se, e Guilherme, sem lhe explicar o motivo da ordem que ia dar, disse-lhe ao ouvido:

— Mauricio, vae sem demora dar ordem para que se fechem todas as portas da cidade: seja o que fôr que aconteça, não deixem sair ninguem. Corre, e vae ter commigo ao palacio.

Mauricio obedeceu. Alguns minutos depois, Guilherme com o chapeu puxado para a cara, e embrulhado n'uma capa, que seu filho lhe deixára, ao partir, aproveitou um momento em que ninguem reparava n'elle, e, tomando pelas viellas, voltou para o palacio.

O dia declinava; os bairros da cidade que atravessava estavam silenciosos e desertos; apenas de longe em longe algumas mulheres ou alguns velhos, sentados nos degraus das portas, sem pensarem que o homem que viam passar como um fugitivo, ou um serviçal apressado era o heroe que tinha realisado o libertamento de Flandres.

Fatigado por uma caminhada tão longa e rapida, Guilherme descançou um momento antes de entrar no palacio. Somente, o rumor das vozes, que chegavam de espaço a espaço, perturbava o socego que o cercava.

Olhou á volta e nada viu. A noite era quasi fechada. Ouviu ruido de passos afastados, e, pela primeira vez, teve medo. Levou a mão á espada, e, dirigindo-se para o palacio, disse comsigo:

— Vamos, quando o leão farejou as ratoeiras dos caçadores, pode chegar ao antro.

Mal tinha subido os primeiros degraus da escada, quando um homem atravessou apressadamente o pateo da entrada. E quando este ia a entrar no corredor, Guilherme que estava quasi a sair pela extremidade opposta, foi detido pelo intruzo que lhe vibrou uma punhalada.

— Miseravel! grita Guilherme, agarrando com força o braço direito do assassino, que procurava desembaraçar o punhal das pregas da capa. No mesmo instante um clarão brilha nas trevas, e o principe d'Orange

cae ferido, com o maxillar esmigalhado por uma bala, d'um tiro dado á queima roupa. O assassino esperava poder fugir antes que se soubesse do crime; mas Mauricio (que tinha seguido os passos de seu pae) interceptou-lhe o caminho, e ferindo o ás cegas, extendera-o a seus pés, com umas poucas de espadeiradas. Aos seus gritos, e ao estampido da pistola, correram alguns criados com luzes. Apesar da gravidade da ferida, e do sangue que corria abundantemente, Guilherme não tinha perdido os sentidos. Tivera força para ordenar que poupassem o assassino, e soubessem d'elle quem eram os seus cumplices. Uma tal ordem já era n'aquelle momento desnecessaria, porque, quando levantaram o assassino, só encontraram um corpo inanimado.

Em poucos momentos, a noticia do assassinio do principe d'Orange se espalhou em Anvers, e foi, no meio das alegrias e das esperanças do dia, como um raio que caisse d'esse ceu sem nuvens. Ignorava-se o nome do criminoso, e já vinte descripções do crime corriam de bocca em bocca; e só havia de accorde o horror que inspirava. Mas seria o crime um acto isolado? Que corações seria necessario pôr a nu para descobrir o pensamento que tinha armado o braço homicida?

Emquanto a multidão fluctuava incerta, excitada pela vingança e detida pela duvida, um nome foi pronunciado ao acaso, e logo as suspeitas se ligaram a elle, como se se tivesse chegado o fogo a um rastilho de polvora.

O novo soberano do Brabante, o duque d'Anjou, tinha-se já desfeito, diziam, de quem lhe tinha dado a corôa, e este primeiro crime não era mais do que o signal para um morticinio geral. Esqueciam-se de Filippe II e do seu eterno odio, para não verem senão o filho de Catharina de Medicis, o irmão de Carlos IX. O medo tocou o rebate d'uma nova *Saint-Barthélemi,* quando se soube que as tropas guardavam as portas da cidade, e o motim irrompeu berrante e impetuoso por toda a cidade. Atravessaram-se correntes de ferro nas ruas, e levantaram-se barricadas. Homens e mulheres, velhos e creanças preparavam-se para combater, e não se via em todas as mãos senão instrumentos de guerra e de morte. O palacio, onde o duque tinha procurado um asylo, estava cercado, e a onda popular rugia debaixo das janellas.

Repentinamente a tempestade serenou, com a rapidez com que se tinha desencadeado. Soube-se que o principe d'Oranje não tinha succumbido ás feridas, e que fôra elle quem mandára fechar as portas da cidade.

Mauricio, sabendo o perigo que corria o duque, tinha enviado emissarios para socegarem o povo, e dizerem-lhe que, pelo fato que vestia, o assassino parecia hispanhol.

Os jesuitas perante o parlamento de Paris

# XIV

## Os catholicos do Brabante

Para sabermos quem era o assassino, e como a religião soubera armar-lhe o braço homicida, devemos assistir a uma scena que dois dias antes se passou, n'aquella mesma cidade de Anvers; já toda engalanada para os festejos a que acabamos de assistir, e bem longe de esperar que elles haviam de ser perturbados de maneira tão tragica.

Em 16 de maio de 1582, dois homens conversavam n'um pequeno quarto d'uma casa em Anvers. Um d'elles parecia dominado por uma violenta emoção, por uma inquietação extrema; o outro estava perfeitamente calmo.

— Arruinado, meu padre, arruinado! exclamava o primeiro. Affianço-lhe que estou arruinado, sem recursos, e que só me resta mergulhar de cabeça no Escalda.

Seria uma refinadissima loucura ir-se deitar a afogar! disse o padre.

E, tomando as tenazes, remexeu o brazeiro, encheu um copo de vinho, e contemplando, com a vista animada pela intemperança, o colorido do copo, que levara á altura dos olhos para vêr a sua transparencia com auxilio das chammas do fogão, ajuntou antes de beber:

— Meu irmão, nunca devemos duvidar, nem desesperar da Providencia. Que a vontade de Deus seja feita! Acceitemos o mal e o bem como elle no-lo manda. E acabou de emborcar o copo.

— Que o leve o diabo, mais ás suas maximas, respondeu o outro, dando, com tal força, um murro sobre a mesa que a garrafa cambaleou, e por pouco que não se partiu. Sem perder a tranquillidade, o padre, temendo novo murro mais sério para a existencia da garrafa, despejou-lhe o resto no copo, e poz este em segurança sobre a pedra do fogão.

Gaspar Anastre, que assim se chamava o homem com quem o jesuita conversava, continuou no mesmo tom de mau humor:

— Vós outros, que passaes a vida a fazer cruzes e a resmungar orações, capital que rende e não custa nada a adquirir, facilmente vos resignaes á vontade de Deus, porque não temeis que vos abram fallencia; e sempre encontraes um numero sufficiente de idiotas para vos comprarem absolvições e missas. Mas eu, que não vivo d'esses expedientes, faria uma linda figura, quando os meus credores viessem pedir-me o seu dinheiro, se dissesse a uns: — *Amen,* e a outros: Seja feita a vontade de Deus. Podem ser bons catholicos mas não acceitam esta moeda.

— Mas, emfim, diz o padre a quem a exaltação de Gaspar em nada lhe tinha alterado a tranquillidade, a sua posição não é talvez tão feia como a pinta. Sei, que no saque de Anvers, ha seis annos, o senhor forneceu á sua parte meio milhão para a contribuição de guerra, imposta pelos vencedores aos vencidos, os quaes, depois de se terem batido como desesperados, se reconciliaram

para roubarem de commum accordo. Mas, de então para cá, refez a sua fortuna. Ainda ultimamente sairam tres navios seus de Anvers, e todos com riquissimos carregamentos.

— Assim é, redarguiu o mercador com ar sombrio, tinha-lhes confiado tudo quanto possuia; eram as minhas ultimas esperanças, o golpe ousado que novamente devia enriquecer-me ou perder-me d'uma vez para sempre.

– E então? recebeu más noticias? houve tempestades nas costas de França? Comtudo eu não ouvi falar de nenhum naufragio.

— Não é dos mares, nem dos ventos que tenho de me queixar, mas d'um homem, d'um demonio que soprou a revolta e a ruina d'este país.

— E que negocio é esse que se complique com os de Guilherme de Orange?

— Pois não sabe que meios esse condemnado hereje, que Deus faça soffrer eternamente! — ia a dizer como V. Rev.: Que seja feita a sua vontade! — não sabe que meios elle inventou para fazer face ás despezas de guerra? Pois não teve a astucia, offerecendo ao duque d'Anjou, a soberania do Brabante, de obter de Henrique III e Catharina de Medicis o estabelecimento d'um entreposto em Calais, onde vende, aos que navegam n'estas paragens, passaportes que são respeitados pelos *gueux* [1] do mar.

— Comprehendo, disse o padre, o sr. não quiz pagar os dez por cento impostos aos hispanhoes e seus partidarios, e os seus tres navios cairam em poder dos piratas.

— Eis a carta que m'o annuncia.

Gaspar Anastre tirou do seio uma carta que tinha recebido na vespera, toda ella amarrotada e suja, como se andasse esquecida n'uma algibeira ha mais de anno. Releu-a pela centesima vez, e algumas lagrimas lhe cairam sobre o papel, emquanto o jesuita, com os pés chegados ao fogo, enterrado até ás orelhas n'uma grande poltrona estofada, e acariciando o queixo com a mão esquerda, saboreava a breves goladas o vinho que deitára no copo.

[1] Denominação que tomaram os revoltosos dos Paises-Baixos, contra Filippe II, na guerra da independencia.

Anastre levanta-se. Um relampago brilha nos seus olhos, e, esquecendo por um instante a desgraça propria, para não pensar senão no odio contra quem lh'a havia causado, exclama, batendo no hombro do padre:

— Seria um crime aos olhos de Deus matar Guilherme d'Orange?

O padre voltou-se, e disse, cravando n'elle um olhar perscrutador:

— Está então disposto a ganhar os oitenta mil escudos de oiro que o rei d'Hispanha promette a quem lhe entregar esse homem vivo ou morto? Não era um mau começo de vida. Oitenta mil escudos de oiro! A minha opinião é que seriam melhormente empregados em pagar as tropas que vivem de pilhagens, como o senhor por demais o sabe.

O mercador ia a responder, mas a conversa foi interrompida por um grande ruido, que se ouviu na rua.

— O que será isto? perguntou o jesuita, sem se mexer da poltrona.

Gaspar, que fôra á janella e levantára a cortina:

— É o povo, diz elle, que dá berros d'alegria e bate as palmas, ouvindo a proclamação do burgo-mestre Shoonhoven, o qual promette grandes festejos para depois d'amanhã, dia em que Anvers receberá o seu novo senhor, o duque de Anjou e d'Alençon. É um bello triumpho para Guilherme d'Orange: já dá e tira corôas. Mas tambem havia risos e folganças em Paris, na vespera da *Saint-Barthélemi!*

O jesuita ficou silencioso.

Gaspar veiu tomar o seu logar ao canto do fogão, e abandonou-se apparentemente ao seu ultimo pensamento:

— O sr. falou ha pouco em oitenta mil escudos de oiro! e lembrar-me que metade ou um quarto d'essa somma me bastaria para restabelecer os meus negocios. Tinha muito menos, mas muito menos do que isso, ha tres annos, e agora estava a ponto de me reembolsar de todos os prejuizos. Mas actualmente não ha confiança, e todas as bolsas estão fechadas. Quem me emprestaria um chavo, quando ninguem sabe o que será o dia d'amanhã. Não ha senão um unico homem em Flandres que tem o segredo de se levantar mais forte depois d'uma derrota,

e de se erguer no pedestal das suas proprias ruinas. Quem teria imaginado, durante o governo do conselho d'Estado, depois da morte de Requesens, que a influencia de Archost, dedicado a Filippe II, não destruiria para sempre a de Guilherme? Pois não destruiu. Ausente e fugitivo soube semear a divisão no conselho, e voltar contra os seus inimigos a arma com que o queriam ferir. Depois, quando D. João d'Austria chegou, teve-o sempre em cheque com o archi-duque Mathias, a quem mandou á missa, depois de o ter embarrilado com bellas promessas, até á morte de D. João. A tomada de Maëstricht destruiu o seu plano de campanha, a victoria de Gemblours dispersou as suas tropas, e eil-o de volta a Anvers, d'onde o tinham expulsado; vencido em todos os campos de batalha, dispõe dos estados como vencedor; hereje, põe a coroa na cabeça do irmão de Carlos IX, filho de Catharina de Medicis! Monstruosa alliança! terrivel enigma que faz duvidar da sabedoria humana! Deve de haver em tudo isto bruxedo, ou pacto occulto com o diabo. Acredita que possam existir taes pactos?

— Por certo, respondeu o padre, e extranho até a sua pergunta, dirigida a um homem da minha profissão. Se eu creio em Deus, por isso é que tambem creio no diabo. Onde estaria o merecimento da fé, se o espirito maligno nos não impellisse para a incredulidade? O inferno prova o paraiso.

— Mas então, meu padre, seguindo o seu raciocinio, todo o bom catholico devia olhar como um dever de consciencia ferir o homem que tivesse vendido a sua alma ao demonio?

— É certo que uma tal acção é de direito ordinario contra um heretico, e que se a morte de um tyranno póde ser proveitosa aos negocios publicos, quemquer que seja o póde matar[1]; comtudo não daria a ninguem o conselho de o fazer. Póde ganhar-se a vida eterna d'outra sorte, que pelo martyrio.

— Quer isso dizer que não é a acção em si que o torna hesitante, mas o medo das suas consequencias?

— Se assim fôra, parece-me que não seria só eu a pensar da mesma maneira.

— Tem razão. Ha muitos homens que alimentam em seu coração o odio e a vingança; muitos cujo sangue se accende á recordação d'uma injuria, e cuja mão vae involuntariamente ao cabo do punhal, suspenso á cintura; mas esses desejos de vingança são estereis, esse odio é impotente, porque quando elles vão para ferir, o medo detem-lhes o braço.

— E é d'esses?

— Mas, continuou Anastre, puxando a cadeira para a poltrona onde se conchegava o discipulo de Loyola, se se indicasse a um homem de coragem, a um homem que, n'um caso dado, soubesse arriscar a sua vida, o dia, a hora e o logar em que a victima lhe seria entregue; e se eu dissesse a esse homem: «Amanhã Guilherme d'Orange deve deixar de viver, has-de ir sósinho ao palacio, e, no corredor escuro que leva ao seu gabinete de trabalho, ahi o matarás; ás portas da cidade estarão ás tuas ordens os cavallos precisos para durante a noite chegares ao acampamento do principe de Parma, onde receberás o dinheiro promettido aos vingadores do rei e da religião?» Julga que o homem a quem tal dissesse consentiria em me ouvir, e que o braço que executa se poria ao serviço da cabeça que pensa?

— E todas essas medidas estão já bem tomadas? perguntou o padre. Está certo que as coisas acontecerão assim?

— Tão certo como o homem, que por si proprio lançou o veneno na bebida do seu inimigo, está seguro que elle morrerá tão depressa levar a taça aos labios.

— N'esse caso, procure um cumplice.

— Creio que já o encontrei.

— Eu sou, como o sr., apenas homem de bom conselho.

— Cobardes! é o que nós ambos somos, exclamou Anastre.

N'este momento bateram com violencia á porta do quarto. O mercador e o padre empallideceram, temendo que a sua conversa podesse ter sido ouvida por algum visitante inopportuno, e não responderam. Bateram outra vez, e uma voz sumida disse:

— Ábra, mestre Gaspar.

---

[1] Soares. *Defeza da Fé.*

— Quem é? perguntou este.

— Sou eu, Ysunco.

— É um compatriota que me suggeriu a idéa, e que me prometteu toda a protecção de Filippe II.

Ysunco entrou, acompanhado de Vanero, caixa de Anastre. Vinham elles communicar-lhe qualquer coisa de importante, mas a vista do jesuita deteve-os.

Percebeu este o enleio, e levantando-se disse:

— Sei que aspiraes ao martyrio pela nossa santa fé; que o ceu vos proteja, e receba na sua gloria.

Depois, sentando-se á mesa, escreveu um bilhete que deu ao rapaz:

— Levae este bilhete a fr. Antonio de Timermann, um santo frade de S. Domingos, que vos confessará e dará a sagrada communhão e com ella a coragem necessaria. Ide.

Jaureguy animado ao assassinio pelo jesuita

— Eu vou para o vão d'aquella janella, e nada ouvirei.

Vanero communicou que João Jaureguy, mais por fanatismo do que por qualquer recompensa n'este mundo, se encarregava de expedir para o outro o de Orange; mas precisava que alguem lhe abençoasse a empresa.

— Se é para o serviço da Egreja, estou prompto a isso.

E logo introduziram no quarto um rapaz forte, vigoroso, olhos encovados, no fundo dos quaes se adivinhava um mystico e ao mesmo tempo um vicioso.

Ysunco e Vanero sairam, e o jesuita, sem mais explicações apresentou o crucifixo a Jaureguy, dizendo-lhe:

Jaureguy na manhã do crime preparou-se para cumprir a sua odiosa missão, e foi o dominicano que o confessou e lhe ministrou a sagrada hostia, sabendo que crime o seu penitente ia commetter!!

O jesuita, perdido no meio do povo encarregára-se de introduzir na mão de Guilherme de Nassau o bilhete que o attraiu á emboscada.

Quando os amigos do *Taciturno* levantaram o corpo de Jaureguy, só tiveram que transportar um cadaver. Revistando-lhe o vestuario encontraram-lhe papeis pelos quaes poderam ir na pista do crime, e prenderam Vanero, o caixa de Anastre e frei Timer-

mann, que confessaram o crime e foram executados.

Guilherme d'Orange, embora se julgasse ferido de morte, fez que se perdoassem aos seus assassinos as torturas que eram de lei.

Os dois cumplices foram estrangulados, e os restos dos seus cadaveres esquartejados expostos em varios logares da cidade e nas suas muralhas.

Quatro annos depois, quando os hispanhoes entraram em Anvers, foram esses os ossos que vimos os jesuitas irem buscar e guardar como reliquias!

Quanto ao banqueiro Anastre, soube fugir a tempo; e foi já, a são e salvo junto do principe de Parma, que elle teve noticia do que acontecera em Anvers a 18 de maio.

# XV

## O assassinio de Guilherme de Nassau

Se não é facil estabelecer a parte directa dos jesuitas na tentativa que deixamos narrada, e se tiveram a habilidade de esconder da historia o nome do amigo de Anastre, já assim não acontece a respeito do segundo attentado contra o principe de Orange, o qual desembaraçou, emfim Filippe II, e os filhos de Ignacio do seu mais rude adversario. Devemos, pois, narrar, com alguns pormenores, este memoravel acontecimento.

Guilherme de Nassau sobrevivera á ferida que lhe fizera Jaureguy. O rei d'Hispanha, que por momentos se julgou livre do seu formidavel adversario, bem depressa o viu levantar-se do seu leito de soffrimento, mais forte e mais temivel. A mulher do principe d'Orange, Carlota de Bourbon-Montpensier, tendo morrido de dôr e do medo que lhe causára o crime, o *Taciturno*, este, para ligar ainda mais a sua causa á dos reformados de França, casára-se com a filha do almirante de Coligny, traiçoeiramente assassinado em Paris, por occasião da matança dos huguenotes.

Parece que n'esta epocha Filippe II se tinha alliado aos Guises, que temiam, com a ascensão ao throno do duque d'Anjou, vêr formar tão perto de França uma soberania cujo chefe era o herdeiro presumptivo de Henrique III, e isso animára os principes lorenos a enviarem aos Paises-Baixos um homem de sua confiança o qual, com dois golpes vigorosamente vibrados, desembaraçasse a Hispanha do libertador da Hollanda e os Guises do novo duque de Brabante. Escolheram elles para esta missão de sangue um tal Salseda, que fôra condemnado em Roma a ser enforcado, e a quem o duque de Guise livrára da corda, a fim de que podesse dispôr d'elle á sua vontade. Este Salseda devia de entrar em Flandres á testa d'um regimento, que figuraria ir servir ás ordens do duque d'Anjou e do principe d'Orange. Depois, quando se tivesse insinuado favoravelmente no animo dos dois chefes da Hollanda e do Brabante, então procuraria e encontraria uma occasião favoravel para lhes dar a morte.

Salseda foi preso mal chegou a Flandres, confessou a conspiração e declarou que um jesuita o tinha animado nos seus intentos. Os depoimentos d'este miseravel, que denunciam a alliança que existia entre Filippe II e os Guises para entregar toda a Hollanda ao primeiro, e a França aos segundos, foram communicados a Henrique III. Mas este monarcha indolente não pareceu ligar importancia ao caso. Quem sabe, talvez, se não se lhe daria vêr-se livre de seu irmão, e se não quereria levar os principes lorenos a uma rebeldia manifesta? Isto passava-se em 1583.

Tendo escapado a este perigo, Guilherme de Nassau não tardou em se vêr exposto a outro. Um rico mercador de Flessingue, chamado Jansen, formou o projecto, de, por meio de uma mina fazer ir pelos ares o pa

lacio, em que o principe habitava com toda a sua familia. Este novo conspirador, em casa de quem se encontraram cartas do embaixador de Hispanha em França, foi preso, condemnado e executado, em meados d'abril de 1584.

Mal têem passado quinze dias e já o principe de Orange deixa introduzir junto de si, e insinuar-se-lhe na confiança, o homem que devia realisar o desejo de Filippe II e dos jesuitas seus instrumentos.

Nos primeiros dias de maio de 1585, Guilherme de Nassau admittiu a seu serviço um francocontense que lhe fôra recommendado como um fervoroso reformado, o filho d'um martyr da nova religião. O verdadeiro nome d'este homem era Balthasar Geraerts, mas pretendia chamar-se Guyon, como seu pae, executado em Besançon, pela sua crença. Diz a historia que exercia a profissão de advogado ou coisa que o valha, e era pequeno e feio.

Geraerts affectava um grande zelo religioso; frequentava assiduamente os templos, e nunca ninguem o encontrou sem uma biblia na mão. Tudo isto, porém, não passava de comedia, preludio do drama de sangue de que tinha concebido o entrecho. A verdade é que Geraerts era catholico, como depois confessou, e que tinha formado o projecto de assassinar o principe d'Orange, levado a isso pelas exhortações e animação de alguns ecclesiasticos. Já diremos quem foram esses indignos ministros de Christo

O principe d'Orange mandou Geraerts a França d'onde voltou no começo do mez de julho. Foi introduzido sem difficuldade junto do *Taciturno*, que estava ainda na cama, e d'elle soube a morte do duque d'Anjou. Geraerts saiu do quarto do principe, que lhe fez dar algum dinheiro, e o mandou vir depois para lhe confiar uma nova missão. Geraerts confessou, nos interrogatorios, que n'esse mesmo dia se resolvera a matar Guilherme, mas que lhe faltou a coragem, quando viu que não tinha meios de fugir, depois de perpetrado o crime. O *Taciturno* parece que desconfiou de qualquer coisa, porque, em 19 de julho, quando Geraerts de novo se apresentou no palacio de Delft, não foi recebido pelo principe, a quem, dizia elle, queria pedir o seu passaporte.

Por volta da uma hora da tarde, depois de uma longa demora no pateo do palacio, Geraerts viu que se approximava Guilherme de Nassau, que saia para se dirigir ao senado. Geraerts caminha rapidamente para o principe, que parece não ter dado por elle alli, e descarrega-lhe á queima-roupa uma pistola carregada com tres balas.

— Senhor, tende piedade da minha alma e d'este povo!... exclamou Guilherme, sentando-se ferido de morte. Os seus officiaes, vendo-o cambalear, sustiveram-o nos braços, e fizeram-o sentar nos degraus da escada. Sua irmã, Catharina, mulher do conde de Schwarzemburgo, que estava perto de seu irmão quando elle recebeu o tiro fatal, ajoelhou chorando á sua beira, e sustentando nas suas mãos a cabeça do ferido, exhortando-o a recommendar-se a Deus, unico verdadeiro arbitro da vida e da morte. Mas o *Taciturno* já não podia falar, e apenas fez com a cabeça um signal de acquiescencia ao que lhe dizia a irmã, á qual ainda teve força para sorrir. Levaram-n'o logo para o seu quarto, deitaram-n'o na cama, mas pouco depois expirava nos braços de Luiza de Coligny, que foi tão cruelmente provada como esposa como tinha sido como filha!

Guilherme de Nassau, principe d'Orange não tinha ainda cincoenta e um annos!

Assim que a noticia da sua morte se espalhou, um grito de dôr e de raiva subiu ao céu. Era a Hollanda que chorava o seu libertador, e pedia a vingança da sua morte. Comtudo, assim que ferira a sua victima, o assassino tinha fugido, e, aproveitando-se da confusão em que todos ficaram, partira do pateo do palacio, ganhára as fortificações da cidade, e já se preparava para atravessar o fosso, quando os guardas do principe, que tinham, por fim, ido em seu alcance, se precipitaram sobre elle e o agarraram sem lucta; porque o assassino, para mais facilmente fugir, tinha lançado fóra uma ourta pistola, que foi encontrada, e carregada com tres ballas, como a primeira.

Quando o interrogaram, em vez de responder ás perguntas que lhe faziam, pediu bruscamente papel e tinta, e escreveu uma

Jaureguy e Guilherme de Nassau

declaração, pouco mais ou menos formulada nos seguintes termos:

«Chamo-me Balthazar Geraerts, tenho vinte e seis annos e alguns mezes de edade, e nasci em Villefranc no Franco-condado. Fui amanuense do secretario do conde de Mansfeld, João Dupré; e foi por isso que consegui obter as recommendações do conde, com as quaes procurei ganhar a confiança do principe d'Orange. Hade haver seis annos que eu concebi o projecto de immolar Guilherme de Nassau. Fui levado a isso porque a sua realisação me pareceu faria alcançar a alta fortuna que, por certo, S. M. Catholica não recusaria a quem o libertasse do principe de Orange. Estava a ponto de realisar o meu intento, quando soube que tinha sido antecipado por um homem da Biscaya (Jaureguy), e foi então que entrei para amanuense do secretario do conde de Mansfeld. Sabendo que a tentativa do biscainho não dera bom resultado, resolvi experimentar se seria melhor succedido. Cheguei a Trèves no meado de março ultimo. Alli, como os gritos da minha consciencia começavam a ser-me importunos, fui consultar um religioso, com quem travei conhecimento, e depois com quatro outros. Todos approvaram as minhas intenções, e as disseram abençoadas pelo ceu, todos me prometteram a gloria do martyrio, se succumbisse em tão santa empresa.

«O primeiro d'estes cinco religiosos era um jesuita, o segundo um franciscano de Tournai; os outros tres, ainda da companhia de Jesus. O franciscano chama-se Fr. Géry; dos jesuitas nunca direi o nome.

«Munido da approvação d'estes cinco servos de Deus, não tive que hesitar: Guilherme de Nassau caiu aos meus golpes; e eu não me arrependo do que fiz [1].»

Sujeito á tortura, o assassino renovou a sua confissão, e juntou um pormenor importante. Confessou que, sendo principalmente com a mira nas recompensas terrestres, que havia praticado o crime, se tinha aberto com o principe de Parma, logar-tenente do rei de Hispanha e governador dos Paises-Baixos, e que este, em vez de o repellir, o tinha graciosamente recebido, e recommendado a Christovam d'Assomville, chefe do conselho da regencia, o qual o animara com promessas sem conto, e promettera recompensas brilhantissimas.

Balthasar Geraerts foi condemnado ao ultimo supplicio em 14 de julho. Longe de se mostrar arrependido, por muitas vezes repetiu, dizendo: «Que se fosse preciso, para conseguir o seu fim, recomeçar mil vezes, que outras tanta o faria, quaesquer que fossem as torturas que houvesse de soffrer.» Assim, quando ouviu a sentença que o condemnava, exclamou: «Que era um athleta generoso da Egreja romana; que saberia morrer como morreram os antigos martyres; que os tormentos que tinha soffrido o remiram de seus antigos peccados; mas que, quanto ao acto que o levava á morte, em vez de o ter como uma carga de consciencia, o considerava como uma boa obra, de excellente acquisição para lhe abrir o caminho do ceu.» Depois assumia modos de inspirado, e designava-se como um novo Christo: *Ecce homo!*

A 15 de junho de 1585, no meio d'uma multidão furiosa e impaciente, Balthasar Geraerts foi conduzido ao local destinado para o supplicio. O cadafalso tinha sido levantado em frente á casa municipal da cidade de Delft. Alli atormentaram o condemnado d'uma maneira atroz, segundo a lettra da sentença. Primeiramente queimaram-lhe com um ferro em braza a mão que commettera o crime; depois arrancaram-lhe com tenazes em fogo as partes mais carnudas do corpo; por fim, ainda com elle vivo, esquartejaram-o, começando por lhe arrancarem as pernas. Affirma-se que o desgraçado não deu um unico grito, nem signal algum de dôr, não fez uma unica contorsão; e só o viram persignar-se! Os algozes, furiosos, cevaram-se no cadaver insensivel e desfigurado; abriram-lhe o peito, tiraram-lhe o coração e bateram-lhe com elle na cara, emquanto um official de justiça dizia de tempos em tempos, com voz sepulchral:

—Lembrae-vos de nosso pae assassinado!

E a voz da populaça erguia-se amaldiçoando o assassino, e abençoando a sua victima.

---

[1] *Histoire Universelle* de J. A. de Thou, livro LXXIX. Vide tambem Basnage, *Histoire des Pays-Bas*, etc.

Finalmente o executor deu por terminado este repugnante espectaculo, cortando a cabeça de Geraerts, e indo collocal-a, espetada n'uma lança, no alto da torre da parte posterior do palacio, que fôra a ultima moradia do defunto principe.

Os ajudantes do carrasco tomaram as quatro partes do cadaver, e foram pendural-as, atadas por correntes de ferro, nos quatro bastiões da cidade; e o clero catholico subiu logo ao pulpito e enalteceu as qualidades e o heroismo do assassino, a quem chamou: o novo S. Balthasar.

Segundo as declarações de Geraerts, foram os jesuitas quem o incitaram e animaram ao crime, declarações espontaneas, e que não foram provocadas pela tortura. «Ia para o ceu, clamava o desgraçado, porque os jesuitas, homens de Deus, lhe tinham affiançado que o seu crime lhe abriria de par em par a celestial mansão!»

E é tão certo que foram principalmente os jesuitas que animaram Geraerts a commetter o crime, que o rei de Hispanha se apressou a encher os reverendos padres da Hollanda com os mais importantes favores, como quem lhes agradece tel-o desembaraçado d'um inimigo tal como Guilherme de Nassau [1]. Era necessario que Filippe II compensasse a negra cohorte dos prejuizos que a justa indignação dos hollandeses fez supportar aos filhos de Loyola; os quaes dentro em pouco perderam as esperanças de se firmarem como vencedores no solo neerlandês.

Como desforra, tornaram-se ricos e poderosos no Brabante, e em Flandres. Ainda em vida de Ignacio de Loyola, se tinham estabelecido em Lovaina. Mas então, pouco ou nada protegidos pela Hispanha, fizeram triste figura. Tinham casas em Lovaina e em Tournay; mas estas residencias não possuiam rendas, n'ellas viviam d'aluguel e as escolas não eram frequentadas. Mas com a chegada de Filippe II a Anvers tudo mudou. Offereceram-lhes o seu concurso para dominar os povos d'aquellas regiões, que o vento da Reforma religiosa tinha agitado, e começavam a querer caminhar para a conquista da liberdade civil e nacional. A presença dos jesuitas era já tão considerada como uma coisa fatal, que assim que se soube em Flandres que elles tinham obtido de Filippe II a permissão de se estabelecerem, logo as universidades, os magistrados, o alto e o baixo clero, os concelhos municipaes, e todo o país se levantou para deter os passos á ambição dos filhos de Loyola. O logar-tenente de Ignacio em Flandres, e seu embaixador, Pedro Ribadeneira viu os seus esforços naufragarem em presença d'uma implacavel e universal repulsão.

Vendo isto, os jesuitas fizeram-se pequenos e modestos; e decididos a estarem de sobre-aviso para aproveitarem a primeira occasião, tão depressa ella se lhe apresentasse. Emquanto esperam, com o dinheiro que de Roma lhes mandam do thesouro geral da companhia, começam a fazer acquisição de partidarios. O seu espirito d'intriga serviu-os ainda melhor que o dinheiro.

Em 1560, um rico negociante de Lovaina tinha-lhes dado uma casa. Mas, segundo as leis do país, esta doação, para ser real e vállida, devia ter a approvação do Conselho d'Estado. D'antemão certos d'uma recusa, os jesuitas puzeram em jogo todas as influencias que os auxiliavam para conseguirem a necessaria approvação.

Governava então os Paises-Baixos, Margarida d'Austria, filha de Carlos-Quinto, que fez saber aos magistrados de Lovaina que o seu desejo era ver bem despachada a pretensão da companhia de Jesus. O principe-bispo de Liège deputou dois dos seus conegos, com a missão de egualmente apoiarem o pedido dos jesuitas. Mas, ou porque o bispo tivesse dado aos seus prebendados instrucções secretas contrarias ás de que os encarregara publicamente, ou porque estes

[1] Filippe II concedeu cartas de nobreza á familia do assassino. O fundador do collegio dos jesuitas em Lovaina, Torrentins, primeiramente bispo de Anvers e depois arcebispo de Malines, compoz uma ode latina intitulada: *In laudem Balthazaris Gerardi, fortissimi tyrannicidæ*: Em louvor de Balthazar Gerard corajoso matador d'um tyranno. Em 1584, publicou-se em Douai: *O glorioso e triumphante martyrio de Balthazar Gerard, acontecido na cidade de Delft*; em Roma, em 1584: *Balt. Geraldi Borgondi morte e costanza per haver animazzato il principe d'Orange*; em Bergamo, em 1594: *Muze Toscane di diversi nobiliss ingegni per Gherardo Borgognos*, etc.

cedessem á voz da consciencia, em vez de falarem a favor dos jesuitas, assignalaram com a maxima audacia as consequencias fataes que resultariam do estabelecimento estavel dos reverendos padres em Flandres, e concluiram, que lhes fosse prohibido possuirem quaesquer bens. O requerimento dos negros roupetas foi indeferido.

Os jesuitas não se confessaram vencidos. E por tal sorte manobraram junto da governante, que o marquez de Berghes, em nome de Margarida d'Austria, fez saber aos Estados do Brabante que sua ama tinha resolvido ser favoravel á pretensão dos jesuitas. Depois d'uma viva discussão, os Estados cederam; mas concedendo o solicitado privilegio, ajuntaram-lhe taes restricções que quasi o annullavam completamente. Mas que obstaculo era isso para os homens das restricções mentaes? Os Estados, permittindo que possuissem casa em Lovaina, prohibiam-lhes que abrissem collegio, e ao mesmo tempo exigiam que a S. J. renunciasse a todos os seus privilegios. Os jesuitas comprehenderam que nada custa prometter, e prometteram tudo quanto exigiam d'elles. Quando os Paises-Baixos se revoltaram e pretenderam quebrar o odioso jugo de Hispanha, os jesuitas por tal fórma secundaram as intenções do duque d'Alba, que este sombrio e sanguinario ministro de Filippe II lhes consentiu que comprassem em Anvers uma vasta e magnifica propriedade, e que fundassem um seminario jesuitico.

Este estabelecimento tinha-se já tornado consideravel, quando, em 1578, os reverendos padres d'alli se viram expulsos; e eis como.

Já dissémos que Flandres e o Brabante evitaram pronunciar-se abertamente em favor da Reforma, como fizera a Hollanda. Os representantes d'estas regiões — que D. João d'Austria, succedendo ao duque d'Alba, procurava tornar a escravizar ao jugo hispanhol — quizeram até fazer uma manifestação orthodoxa dos seus sentimentos religiosos á face da Europa. Para tal, os Estados do Brabante assignaram em Gand um pacto solenne, no qual estabeleciam as respectivas posições de Roma e da Reforma na Belgica. Os termos d'esta carta religiosa, dando todas as garantias aos protestantes, eram evidentemente favoraveis ao catholicismo, cuja supremacia estabelecia. Assim pois, os catholicos trataram de adherir á *Pacificação* de Gand. O archiduque Mathias, chamado pelos revoltosos, fez renovar este pacto em 1578 e ordenou que os diversos corpos do Estado jurassem acceital-o e mantel-o. O clero brabanção não poz duvida em prestar o juramento exigido, e só os jesuitas se recusaram. A *Pacificação* de Gand parecia dever trazer a tranquilidade em seguida á independencia em Flandres e no Brabante; comprehende-se que os reverendos padres, por si e pelo seu amo, o rei d'Hispanha, não podiam acceitar um diploma de taes consequencias. Tanto fizeram que arrastaram os franciscanos para a opposição que estes iniciaram, e sobre os quaes lançaram todas as responsabilidades no momento do perigo. Esgotados todos os meios pacificos, foi preciso recorrer aos de intimidação, e por ultimo aos da força; e dentro em pouco rebentou uma explosão popular.

Os franciscanos, que n'esta conjunctura tinha servido de *compadres* aos jesuitas, foram os que mais soffreram.

Tinham elles, diz-se, estabelecido congregações de mulheres, nas quaes tanto os maridos flamengos como os brabanções pretendiam que o laço matrimonial tinha muito a soffrer do cordão de S. Francisco. Eram então os franciscanos que mais intolerantes se tinham mostrado em publico contra a Reforma.

Um dia, porém, todos os maridos, que se julgavam com queixas dos frades, reuniram se, e, formando um batalhão algo compacto, foram assaltar o convento de S. Francisco, onde entraram por assalto. Depois d'um cêrco com todas as negras da arte, sete franciscanos foram sacrificados á honra marital ultrajada, outros foram açoitados publicamente, e o resto d'elles expulsos.

Os jesuitas tiveram artes para se arranjarem de maneira, que se puzeram a coberto d'este vendaval. Contentaram-se em os prender em Gand e em Anvers: depois atiraram com elles para bordo d'um navio que os levou a Malines e d'alli a Lovaina, on-

de foram encorporados nos collegios d'esta cidade.

Successivamente se viram expulsos de todas as cidades onde rebentou a revolta contra os hispanhoes; e por toda a parte elles voltaram na rectaguarda das tropas triumphantes do cruel Filippe II.

Foi assim que entraram em Anvers, em Malines e n'outras localidades. Foi á sombra das bandeiras d'Hispanha, e muitas e ao qual o reitor Baiús conseguira dar um brilho e fama universaes. Os jesuitas tanto fizeram, que levaram o papa Gregorio XII a condemnar Baius, pelo grande crime de ter na *Historia ecclesiastica*, de que era continuador, censurado os frades de muitos excessos, e escripto e sustentado que tal gente se não podia approximar dos altares para celebrar o sacrificio da missa saindo dos festins orgiacos, ou dos braços das amantes; o que

Monumento erigido á memoria de Guilherme de Nassau

vezes graças aos machados dos algozes de Filippe II, que os reverendos padres se estabeleceram solidamente em Bruxellas, e principalmente em Lovaina, onde por mais d'uma vez são accusados de serem elles proprios que applicam as disciplinas ás suas confessadas, a sós com ellas, para que o publico não presenceie o religioso espectaculo da religião fustigando o peccado... nú em pello!

N'esta ultima cidade, conseguem apoderar-se completamente do ensino universitario, até então nas mãos dos franciscanos, era contrario á doutrina impia dos jesuitas.

Não poremos ponto n'este capitulo, sem noticiarmos um facto que tem tanto de horrivel como de inhumano.

Em 1570 tinham obtido a penitenciaria de Roma, e com ella uma influencia enorme, e não menor copia de proventos. Intervindo, como já vimos em todas as intrigas e perseguições do duque d'Alba, denunciam ao tribunal da inquisição uma menina chamada Antonia Vandhowe, que seguia a religião reformada, e não conseguindo que ella abjurasse... fazem-a enterrar viva!

# XVI

## Cresce a onda

JÁ mostrámos o fogoso Bobadilha animando á carnificina os batalhões imperiaes, e banhando-se no sangue dos protestantes derramado a jorros, mas não em tanta quantidade que satisfizesse os jesuitas.

A planicie de Muhlberg não foi o unico logar onde elles deram o signal da batalha. Era preciso que a nova Ordem se distinguisse no meio da turba monachal, acocorada na ociosidade e na impotencia. Mas o imperador Carlos-Quinto, que sempre desconfiou do ardor guerreiro dos jesuitas, serviu-se o menos que pôde do concurso dos reverendos padres.

Quando este soberano, — dando, pela segunda vez depois de Diocleciano, o espectaculo d'um imperador enojado do poder, trocando a paz de obscuro retiro pelos resplendores ruidosos do supremo mando, — dividiu os seus vastos estados entre seu filho e seu irmão, os jesuitas firmaram pé no solo germanico. Fernando, o novo chefe do Santo Imperio, mostrou-se-lhes tão favoravel, que souberam fazer ao successor de Carlos-Quinto uma necessidade do favor que lhes concedia.

Foi sob o seu reinado que os jesuitas fundaram, em poucos annos, estabelecimentos tão numerosos como ricos e importantes, principalmente na Austria, Baviera, Hungria, Polonia, Suissa, Saboia e até na Suecia. O numero dos seus collegios, seminarios e casas diversas cresceu de anno para anno; e raro era o dia em que se não viam augmentar as suas rendas e riquezas.

E', porém, forçoso confessar que n'estas regiões eram simultaneamente chamados tanto pelos povos como pelos soberanos catholicos; porque tinham a habilidade de se apresentarem a uns e outros como defensores vigilantes da religião ameaçada pelo protestantismo cada vez mais invasor. Os papas tambem n'esta epocha protegiam a S. J. com todas as suas forças, porque os seus membros se achavam sempre dispostos a correr a todos os campos de batalha, e a cumprirem as suas menores ordens.

Por seu lado os reverendos padres não poupavam meio algum para actuarem sobre o espirito dos povos. Se os proprios historiadores da ordem nos não auctorizassem a isso, nunca nos atreveriamos a contar até que ponto os filhos de Loyola levaram a phantasmagoria dos seus meios. Assim, em tal região, são vistos, para attrahirem a admiração dos povos ignorantes e fanaticos, percorrendo as ruas, gritando com voz lugubre e prophetica:

«Que se abra o inferno para os peccadores e o ceu para os escolhidos!...» N'outros sitios, andam nús, e flagellando-se com disciplinas. Seguindo o seu exemplo, instituiram-se entre os devotos companhias de flagellantes, que luctam entre si a ver qual d'elles ha-de mostrar mais fanatismo, mais indecencia e mais loucura![1]

---

[1] Ver, entre outros historiadores d'estas extravagancias, os jesuitas Orlandini e Sacchini que as descrevem.

Em outros paises, recorreram a novos meios adequados aos caracteres das povoações. Assim organisaram mascaradas funebres destinadas a lembrar ás multidões que todo o homem está sujeito á morte. Foi-nos conservada a descripção d'uma d'essas mascaradas, porque não podemos dar outro outro nome a isso que o leitor vae lêr.

Pouco tempo andado que se tinham estabelecido em Palermo, na Sicilia, os reverendos loyolas organisaram e fizeram circular ao longo das ruas d'esta cidade a mais extranha procissão que se póde imaginar. Na frente via-se um homem nú, ensanguentado e parecendo nas vascas da agonia, levado por outros homens simulando judeus, e em volta dos quaes bellos rapazes revestidos de dalmaticas bordadas, com azas de pennas brancas nas costas, e com os instrumentos da paixão nas mãos, figuravam um côro de anjos, emquanto que um bando de odiosos diabinhos cabriolavam d'um para outro lado, perturbando os angelicos concertos, com infernaes blasphemias, e afastando a multidão com fachos resinosos inflammados. Em seguida vinha a Morte, n'um carro forrado de negro e puxado por cavallos pretos. Era figurada por um esqueleto livido, odioso e por tal forma gigantesco que a caveira ultrapassava os beiraes das mais elevadas casas. Na mão direita uma grande foice, e na esquerda uma longa enfiada d'espectros encadeados e gemebundos, que representavam todas as edades da vida e todas as condições sociaes. De tempos a tempos estes espectros clamavam em tom lugubre, pedindo á Morte que lhes perdoasse e se detivesse, mas a Morte impiedosa, surda, e muda continuava o seu caminho, emquanto um côro de penitentes psalmodiava n'um tom lugubre canticos mais lugubres ainda!...

Quem não reconhece n'estas extravagancias, ou melhor diremos, impiedades calculadas o espirito theatral de Ignacio de Loyola, e as mascaradas que ainda hoje se fazem pelas ruas e praças d'aldeia e de certas cidades por occasião do que é de uso chamar-se—*missões*—, e que outra coisa não é senão um pretexto para certas entidades abrirem a bolsa, e n'ella recolherem o que muitas vezes vae faltar para a boroa do pobre no dia seguinte? Comprehende-se que estas pantomimas idiotas,—que ainda hoje ha muita gente que toma a serio—façam rir alguns, mas n'aquellas epochas causavam um grande effeito sobre as populações meridionaes, ás quaes eram particularmente dedicadas. E assim que os espiritos preparados por tão odiosas phantasmagorias, estavam como que envolvidos n'um veu de horrorosas trevas, os jesuitas então chegavam, faziam luzir um consolador raio do eterno sol de celeste beatitude, promettendo salvação, perdão e graças á cidade que consentia em lhes abrir as portas, lhes deixava estabelecer casa, abrir collegios, povoar seminarios, e que absolutamente se lhes entregava, abandonando-lhes a direcção das consciencias, a orientação dos espiritos, o dominio temporal e espiritual!...

No tempo de Maximiliano, successor de Fernando, os jesuitas viram os seus negocios seriamente compromettidos na Allemanha e na Hungria. Maximiliano mostrou-se mal disposto para com os loyolenses; os povos, que elle governava, já tinham aprendido á sua custa quaes as virtudes jesuiticas; e tanto que, nos Estados d'Austria, que no começo do seu reinado se reuniram, os deputados pediram que antes d'outra qualquer coisa, os jesuitas fossem expulsos do país. Ao mesmo tempo já rugia contra elles a colera em Vienna, a tal ponto que os magistrados, para a acalmarem, se viram na obrigação de expulsarem d'esta cidade, essencialmente catholica, todos os filhos de Loyola.

O odio publico agglomerou contra os jesuitas um acervo de accusações, que os deviam esmagar, senão absolutamente, pelo menos em grande parte. Baste que digamos que os reverendos padres nem a innocencia dos seus alumnos respeitavam. Na Baviera, ao contrario, e é Sacchini que nol-o diz, foram accusados de mutilarem as creanças que recebiam nos seus seminarios! Os advogados da S. J. affirmam que esta accusação foi uma calumnia, inventada pelos protestantes, ciosos da pureza dos educandos da companhia. O leitor curioso pode ver em Sacchini como os jesuitas provaram que um dos rapazes, que se dizia terem elles con-

vertido em eunuco, estava perfeitamente nas condições de ser pae de familia.

Algum tempo depois de se terem estabelecido em Valentina, captaram a confiança d'um velho, e na hora da agonia obrigaram-o, sob o terror das penas do inferno, a deixar-lhes os seus bens. Os legitimos herdeiros queixam-se, e o governador obriga os jesuitas a sairem da região, partindo para Veneza, onde tratam logo de pôr em pratica o seu methodo de seducção, apoderando-se do espirito das mulheres, como meio de dominio sobre os homens. O patriarcha de Veneza, Giovanni Trevisiani entregou ao senado da republica as reclamações e queixas que lhe tinham chegado de toda a parte a tal respeito. Os chefes do sombrio poder que governava os venezianos tiveram provavelmente medo de ver estabelecer nas lagunas de S. Marcos um poder ainda mais machiavelico, mais mysterioso ainda, mais terrivel e mais concentrado do que o seu. Logo em 1560, poucos annos depois da sua entrada em Veneza, os filhos de Ignacio de Loyola se viram ameaçados de serem expulsos da republica. Eram accusados de actos menos honestos com as mulheres venezianas, e principalmente com as das personagens mais elevadas em nobreza, dignidade ou influencia. O jesuitas souberam aparar estes primeiros golpes, desviando-os para o patriarcha seu accusador, que diziam querer reunir todo o poder religioso nas suas mãos, a fim de poder luctar contra o poder secular, e talvez dominal-o.

Entretanto, á cautella, o Senado foi prohibindo as mulheres venezianas de irem á casa dos jesuitas, como até alli, de os tomarem para *confessores*, e obrigou-os a abandonarem o territorio dos grisões, infamando-os com a accusação de serem: — inimigos do evangelho, turbulentos, e homens por tal forma vasios de senso moral que eram mais capazes de corromper a mocidade do que de instruil-a!

É pela mesma epocha que atacam como eivado de heresia o testamento de Carlos Quinto, que nada lhes deixára. Fazem prender o bispo de Toledo, que tinha assistido aos ultimos momentos do imperador, e denunciam á inquisição Constantino Ponce e Cacub, prégadores do defunto monarcha, e conseguem que o ultimo seja queimado vivo.

Em Toscana, no monte Pulciano, violentam mulheres, frequentam logares infames. O padre Gombard, reitor do collegio, corrompe as penitentes, e mantem com ellas correspondencias obscenas [1].

As coisas chegam a tal ponto que os maridos vêem-se obrigados a prohibirem suas mulheres que os tenham como confessores.

Em Roma expulsam do seu convento as religiosas instituidas pelo marquez *des Ursins*, e com a protecção de Pio IV, apoderam-se dos seus bens, mediante uma renda de cem escudos d'oiro [2].

David Wolf, nuncio apostolico, fomenta a revolta na Irlanda. Filippe II vê-se obrigado a prohibir que os jesuitas de Napoles, mandem para Roma sommas consideraveis, extorquidas por todos os meios.

Em 1561, Salmeron é formalmente accusado de exigir dinheiro aos seus confessados a troco da absolvição. Cita-se contra elle o exemplo d'uma dama a quem elle exigiu e obteve mil escudos d'oiro, para a limpar dos peccados. Se fosse pobre ia para o inferno sem remissão nem aggravo, a não ser que outro jesuita, vendo que falhava o negocio com o primeiro, fizesse a limpeza mais em conta.

Ao mesmo tempo que no colloquio de Poissy juraram, para serem admittidos em França, que renunciariam aos seus privilegios, illudem o papa, e obteem d'elle uma bulla que lh'os confirma.

Em 1563, pretendem entregar Joanna de Albret e seus filhos á inquisição, para assegurarem o dominio de Filippe II sobre a Navarra. Esta conspiração é descoberta por Isabel, rainha d'Inglaterra.

Em 1564, S. Carlos Borromeu retira-lhes os collegios que lhes tinha dado em a sua diocese. Apoderam-se da egreja dos conegos de Augsburgo, e são expulsos da cidade.

---

[1] Depois os veremos condemnados em Portugal, pela Inquisição como *solicitantes*, isto é levando as confessadas a cederem á sua lubricidade, por meio da seducção exercida no confessionario.

[2] Era este o processo de desappropriação dos jesuitas, mas em geral não pagavam a renda e ficavam com os bens.

Assassinio do principe de Orange

Em 1565, é solicitada a sua expulsão da Hungria, e são recambiados para Vienna.

Em 1567, são lançados fóra dos collegios de Pamiers e de Tournon; mas acham meios de se estabelecerem em Lyão, Marselha e Tolosa.

Em 1568, querem introduzir a inquisição em Avinhão, mas o povo amotina-se, e obriga os magistrados a expulsal-os.

Em 1569 são expulsos de Segovia, não por odios religiosos, mas por verdadeiros crimes de direito commum; ao mesmo tempo convertem-se em soldados e são enviados por Pio V contra os calvinistas que cercavam a cidade de Poitiers; e onde, como sempre, são mais instigadores de carnificinas do que ministros de religião e paz. O seu empenho n'estas missões, é impedir que os belligerantes cheguem a um accordo que termine com o derramamento de sangue.

Approximadamente pela mesma epocha (1566) a negra seita mostrou ás descancaras, em Saboia, de que era capaz a sua ambição e a sua cobiça. Os filhos de Loyola, que havia pouco tempo tinham penetrado na região, por tal fórma se haviam apoderado do espirito do duque reinante, que foi elle proprio quem convidou Laynez, então geral, a mandar-lhe jesuitas para os seus estados, afim de tomarem a direcção dos collegios. Laynez não se mostrou muito azafamado em satisfazer o pedido do duque, tanto mais que sabia que a Saboia era um país pobre, e n'aquelle momento havia outras regiões mais ricas a que lançar mão. Porque, note-se bem, nunca se viu um jesuita em sitio onde só houvesse que fazer colheita d'almas!

Laynez, apertado pelo duque, mandou-lhe perguntar com quanto seriam dotados os estabelecimentos da companhia. O duque respondeu que os seus Estados eram muito pobres para poderem estabelecer rendas em favor da companhia, e que se contentaria em lançar uma nova contribuição, cuja importancia seria applicada á manutenção das casas e dos collegios da sociedade. Mas, fino como era, Laynez percebeu que por tal meio ficava sujeito a eventualidades, e á mercê de outrem, e não acceitou o alvitre, mas propoz outro.

. Por aquelle tempo grande número de protestantes de confissões diversas se tinha retirado para a Saboia com as suas riquezas. Os jesuitas lembraram o sequestro dos bens d'esta gente, em seu favor

Esteve o duque d'accordo, e tratou immediatamente de organisar uma expedição militar que procedesse á pilhagem á mão armada, para cujo soldo concorreu o thesoiro pontificio, e a direcção da campanha d'espoliação foi entregue aos jesuitas. Viu-se, então, um dos bons padres, o famoso Poissevin, á testa dos batalhões saboianos, incitando a soldadesca á mais horrivel carnificina. Como o papa precisasse de dinheiro para outras empresas, cessou de pagar ás tropas do duque; este, sem meios para a lucta, diminuiu de enthusiasmo, e os jesuitas sairam da refrega com as roupetas ensanguentadas, cançados mas não saciados de matar gente, e sem os proventos que imaginavam.

Foi tambem pela força das armas que entraram na Suecia.

A Suecia pertencia então a Sigismundo, rei da Polonia. Como os suecos não quizessem receber os jesuitas; attendendo mesmo a que por occasião do seu coroamento, Sigismundo tinha jurado aos Estados da Suecia que nunca inquietaria os seus subditos por questões de consciencia, e que jámais alli introduziria os jesuitas, Sigismundo, faltando á fé jurada, marchou contra a Suecia á frente das suas tropas, a fim de com ellas escoltar os jesuitas. Mas os suecos oppuseram-se por tal fórma, que bateram as tropas jesuiticas, e aprisionaram o proprio rei. Convocados os Estados, Sigismundo jurou que se conformaria com as suas decisões; mas, digno discipulo de Loyola, tão depressa alcançou a liberdade, e se viu na Polonia, pretendeu que os juramentos feitos não o obrigavam, e quiz recomeçar a lucta em favor dos jesuitas. D'esta vez, porém, os polacos recusaram-se a isso.

Em 1573, publicam em Mumiel e em Ingolstad uma apologia da carnificina conhecida na historia pela: *Saint-Barthélemi*[1].

---

[1] Já em outro tabalho—*O Catholicismo da Côrte ao Sertão*, estudando largamente este facto historico ,

Em 1574, fazem o panegirico de Henrique III, que, em 1589, farão assassinar.

Em 1575 são os primeiros a filiarem-se na Liga.

Em 1576, o jesuita Mojotim é o publico amante d'uma moleira d'Arenay, burgo do Poitou.

Em 1581, Matheus Ricci entra na China, e, nos seus sermões mistura com as verdades do christianismo os principios da moral de Confucio.

Edmundo Campiau, Rodolpho Shervin e Alexandre Briant jesuitas, convencidos de conspiração contra a vida da rainha Isabel da Inglaterra, são condemnados á morte como reus de lesa-majestade, e executados no dia 1 de dezembro de 1581.

Em 1582, o jesuita Poissevin, primeiro reitor do collegio d'Avinhão, que tinha previamente obtido de Manuel-Philiberto, duque de Saboia, a admissão dos jesuitas nos seus estados, medidas rigorosas contra os valdenses, e que havia extendido a influencia da S. J. no sul da França, toma parte na conclusão da paz entre Barthori, rei da Polonia, e o czar Ivan IV, desenvolvendo n'esta negociação um notabilissimo espirito d'intriga. O povo revolta-se contra elle, mas Barthori consegue obter do senado uma egreja para os jesuitas.

Em 1582, Pedro Coton, discipulo de Bobadilha, ensina casos de consciencia em Lyão, e tanto os explica e commette que uma das suas confessadas tem que dar á luz um jesuitinha.

Em 1584, um inglês, chamado Guilherme Parry, obrigado por negocios desastrosos a abandonar o seu país, vae para França e faz-se catholico. Passa a Veneza e Milão, onde trava relações com o jesuita Palmio, que o anima a perseverar nas intenções de assassinar a rainha d'Inglaterra. Volta a Paris, procura o jesuita Colbert, de cujas mãos recebe a communhão: e segue para Inglaterra a procurar os meios de se insinuar junto da rainha. Teria, provavelmente conseguido o seu fim, se não fôra denunciado por um catholico, a quem quizera alliciar como cumplice. Foi condemnado a ser enforcado e despedaçado, sendo executado em 2 de março. Confessou, que á excepção d'uma, tinha entrado em todas as conspirações contra a rainha, como depois mais desenvolvidamente veremos.

Os corsarios atacam um navio que vinha da Escossia, e o jesuita Criton, passageiro a bordo, lança ao mar uns papeis de que era portador. Estes papeis são salvos por acaso, e n'elles se encontra a prova d'uma raconspição formada pelo rei d'Hispanha, o papa, e a casa de Guise, para invadir a Inglaterra.

A penna cança, o espirito revolta-se com a narrativa de tanta iniquidade, sacrilegamente commettida em nome de Deus!

---

indiquei a parte de responsabilidade, que, por acaso, os jesuitas n'elle podiam ter.

# XVII

## Os jesuitas e a Liga

Volvamos a França aos tempos pertubados da Liga, e ahi encontraremos de novo os jesuitas armando o braço do assassino, para fazerem triumphar, por meio d'um crime, a causa em que se tinham empenhado. Esse braço assassino encontramo-lo agora n'um desequilibrado, n'um frade dominicano que elles têem artes de dominar e converter em cego instrumento.

Antes, porém, cumpre-nos dizer algumas palavras que resumam o estado politico-religioso da França n'um dos mais desesperados momentos historicos da sua vida nacional, para bem se comprehenderem os episodios do crime.

Por morte de Carlos IX, tinha subido ao throno Henrique III, o filho predilecto de Catharina de Medicis. A situação era agitada e difficil, com o país dividido em facções suscitadas por melindres da religião, e sem estarem ainda apagadas das pedras das calçadas as manchas de sangue da carnificina da *Saint-Barthélemi*. Henrique, fraco e sensual, fechava os olhos para não ver, os ouvidos para não ouvir, e adormecia embalado pela indolencia e por mil repugnantes voluptuosidades, de vez em quando interrompidas por actos d'um arrependimento extravagante, taes como essas *capuchinadas,* que nos parecem tão extranhas no meio de semelhante epocha, e que, comtudo, tão vulgares foram [1].

Estas condições deviam favorecer os projectos dos jesuitas. Trataram logo de se pôr do lado da Liga, assim que a viram poderosa. O papa, que a principio tinha hesitado em se pronunciar por ella, tanto assim que lhe recusara um breve, dizendo «que não percebia bem o assumpto», acabou por lhe dar todo o auxilio desejavel. Sabe-se que a Liga foi na sua origem uma especie de união dos catholicos contra os huguenotes. Os Guises, tendo-se feito nomear chefes da união, serviram-se desde logo d'esta arma para luctarem contra o rei, quer o quizessem absolutamente desthronar em favor dos principes Lorenos, quer sómente pretendessem augmentar o poderio e a riqueza da sua casa. Bem depressa rebentou a lucta entre Henrique III e a Liga. Os jesuitas de França tomaram descaradamente o partido d'esta; e um d'elles, o padre Mathieu, foi nomeado o *Correio* da Liga. Era este reverendo que se tinha encarregado da correspondencia entre os Guises e o papa, e a sua vida era ir e vir de Paris a Roma e vice-versa. Os jesuitas trataram de mostrar egual ardor. Os de Bordeus procuraram fazer revoltar esta cidade contra o poder do rei; o marechal de Matignon, porém, governador da Guianna, descobriu a conspiração, mas isso só deu

[1] Sabe-se que Henrique III gostava de representar em publico, com os seus [*meninos*, os mysterios da Paixão, e que muitos fidalgos tiveram a mesma mania. Pertencem a este genero de exhibições as mascaradas que vimos os jesuitas representar na Sicilia, e as procissões grotescas que fizeram os frades para excitar o povo de Paris contra Henrique de Navarra.

em resultado o serem enforcados alguns pobres diabos, que confessaram, antes de morrer, que tinham sido excitados pelos jesuitas, e que o plano traçado pelos de Loyola era de apunhalarem o governador a fim de intimidarem a guarnição. O marechal de Matignon, para não deshonrar o clero, ou para não augmentar a colera d'este contra o rei, neravel. Tendo-se constantemente opposto ao projecto dos conjurados, incitados pelos jesuitas, foi por elles agarrado e lançado n'uma prisão. Bem depressa a populaça se reuniu e clamou que lhe déssem a morte. Então, um emissario dos jesuitas, parodiando as palavras de que Pilatos se serviu para entregar Jesus, grita:

O duque de Guise assassinado em Blois

contentou-se em expulsar os jesuitas de Bordeos, d'onde sairam para Perigueux e Agen. Em 1589, excitam uma revolta em Tolosa contra a auctoridade real [1].

Foi n'esta revolta que pereceu o primeiro presidente Duranti, magistrado integro e ve-

— Eis-aqui o homem!

Comtudo, á vista do primeiro presidente, os revoltosos páram, hesitam. Duranti, perfeitamente calmo, pergunta-lhes:

— Estou por acaso deante de juizes? Se o estou qual é o meu crime?

Ninguem ousa responder; mas um furioso descarrega-lhe á queima-roupa uma pistola em cheio no peito, e outros saltam sobre elle e o lardeiam com mil golpes. A populaça lança-se ao cadaver, arrasta-o pelas ruas,

[1] O historiador De Thou diz formalmente, pelo menos no seu manuscripto existente na Bibliotheca de Paris, que foram os jesuitas os instigadores d'esta revolta. Na obra impressa designa-os pelo titulo de *novos doutores*.

e despedaça-o em boccados. João Estevam Duranti tinha introduzido os capuchinhos na cidade, e tinha-os albergado em sua casa, até que lhes construiram um convento. Comtudo o seu cadaver desfigurado ficou privado, durante tres annos, das honras de sepultura christã e das orações pelos mortos. Foram os jesuitas que amotinaram a populaça contra elle, e fôra elle que déra entrada aos jesuitas em Tolosa. Exemplo a meditar.

Poderiamos dar ainda outros exemplos das provas do zelo que a companhia de Jesus desenvolveu pela *Santa Liga*; entre outros o seu procedimento para com o padre Edmen Auger, confessor de Henrique III. Este jesuita, coisa rara na ordem, julgava em sua consciencia que devia ser fiel ao seu real penitente, de quem, aliás, nunca tinha recebido senão deferencias e provas de favor, chegando mesmo a lembrar a muitos francêses a fidelidade jurada ao seu soberano.

Comprehende-se que um tal procedimento, tão contrario á norma do proceder jesuita, clamava vingança. Os superiores do padre Auger afastaram-o da côrte, e recebeu ordem de ir a Roma dar conta dos seus actos ao geral da companhia. Em caminho foi preso, degredado para Vienna e depois para Milão. Mas as fadigas e os desgostos impediram o honrado velho, quasi octogenario, de chegar ao seu ultimo exilio, e morreu em Cannes.

O padre José Jouvenci, historiador jesuita, não pôde negar este facto, que mais uma vez vem em abono da absoluta falta de senso moral nos dirigentes da S. J.

Entretanto a desordem no reino chegava ao seu auge.

Henrique III, assustado com os progressos e o poder da Liga e os projectos do seu chefe, o duque de Guise, fizera assassinar este em Blois. Tal crime não fez senão accelerar a queda do throno pelo plano inclinado em que os acontecimentos o faziam resvalar. Henrique III, aterrorizado, resolveu recorrer aos huguenotes e ao rei de Navarra, seu chefe, para luctar contra a Liga e contra os hispanhoes. A reconciliação realisou-se; e Henrique III, querendo fazer abrir as portas de Paris, de ha muito fechadas para elle, permanece em Saint Cloud, onde os dois exercitos se preparam para marchar sobre a capital, quando um frade dominicano o assassina.

# XVIII

## Jacques Clement

No dia 31 de julho de 1599, Jacques de La Guesle e seu irmão, aquelle procurador geral no parlamento de Paris [1] atravessavam a planura de Vanves, tendo notado por varias vezes um individuo, que ora lhes apparecia na branca e longa faixa da estrada banhada de sol, ora desapparecia por entre as vinhas que ella ia cortando. Repentinamente, do meio d'um vinhedo, saltou aquelle mesmo individuo, tantas vezes avistado, para o caminho, e a elles viram chegar-se um frade dominicano, moço ainda, pallido, magro, e com uma luz sinistra no olhar sombrio.

Os dois pararam os cavallos e fizeram-lhe um sem numero de perguntas, para segurança propria, e por ellas souberam que o moço frade se dirigia a Saint-Cloud a fim de falar ao rei, a quem ia entregar duas cartas do primeiro presidente Achiles de Harlay, e do conde de Brienne, cunhado do duque d'Epernon. Para maior certeza apresentou um passaporte assignado, no Louvre a 29 de julho de 1599, em nome de Carlos do Luxemburgo.

Como estava fatigado, acceitou a garupa que lhe offereceram no cavallo do irmão de Jacques, e, rezando o rosario, assim chegou com os dois ao palacio real.

Jacques Clement nascera na cidade de Sorbonne, proximo de Sens, de paes pobres. Natureza má, preguiçoso e dado aos vicios levava uma vida desregrada, embora educado por caridade no convento dos dominicanos [1].

De ha muito que tinha formado o projecto de matar Henrique III, a quem os prégadores em geral, e os da S. J. em particular, altamente apontavam ás vistas e designavam aos punhaes e trabucos dos bons catholicos, annunciando que a Egreja santificaria o assassinio do *Nero-Sardanapalo*, e que Deus recompensaria o seu auctor. De Thou, entre outros, affiança, que tendo-se dirigido Jacques Clement a Fr. Bourgoing, prior da sua ordem, e que era considerado como um sabio, para saber «se podia em boa consciencia matar Henrique de Valois,» o prior lhe respondera sorrindo: «que quando se concebiam tão altos projectos, não se pedia

---

[1] Jacques de La Guesle, em seguida ao dia das *barricadas*, vendo que a cidade ficára entregue á facção dos membros da Liga, que não reconhecia a auctoridade do rei, tinha procurado sair da capital. Mas fôra reconhecido n'uma das barreiras, e levado para a Bastilha. O seu captiveiro teria sido de longa duração, porque fôra designado aos rebeldes como um dos mais fieis subditos de Henrique III. Circumstancias, porém, que a historia não conhece, abbreviaram-n'o. Jacques de La Guesle, posto em liberdade, retirou-se para uma propriedade que possuia em Vanves, e apressou-se em ir ter com o rei, então em Saint-Cloud.

[1] Esta opinião é a de De Thou: outros escriptores, porém, representam-o como um energumeno sombrio, a quem o ascetismo impellia aos paroxismo da exaltação religiosa.

conselho a ninguem!» Comtudo, tendo Clement visitado por muitas vezes o seu superior, acabára este por lhe dar esta resposta digna de nota: «Se aquelle que quer matar Henrique de Valois não é levado a *essa acção* nem por um sentimento de odio, nem por qualquer motivo de vingança, e apenas por um sentimento de *puro amor de Deus*, por um *verdadeiro zelo* pelo bem da religião e do Estado, elle póde leval-a a effeito *sem peccado;* e até *essa acção* póde ser *muito meritoria* na presença de Deus, e o seu auctor, se fôr morrer no cadafalso, *pode contar que vae direitinho para o ceu.*

Mas quem o resolveu definitivamente ao crime foi o famigerado jesuita padre José Guignard.

Não nos conta a historia quem indicou Clement a Guignard, o certo é que estando aquelle em oração na egreja dos jacobinos [1] Guignard se approximou d'elle, e o resolveu a uma confidencia, a que o logar solitario da egreja, a obscuridade das naves, trazida pelo dia quasi a findar, davam o tom mysterioso e enervante d'uma confissão.

Jacques Clement conta a sua mocidade violenta, o desejo que tinha em creança de fazer o mal pelo mal, o prazer de arrancar as flores dos jardins, os fructos das arvores e pisal-os a pés, e o sentimento que tinha em saber que flores e fructos não podiam padecer. Depois tinha sonhos horriveis, visões funestas e sanguinolentas. Umas vezes apparecia-lhe o diabo, ficava acocorado aos pés da cama, extendia para elle a sua mão negra e de grandes unhas, e o acordava com gargalhadas dadas aos ouvidos, que pareciam sinos dobrando a defuntos. Outras era uma visão que se repetia todas as noites.

—Na obscuridade que me cercava, continuou elle, eu via vir de longe, de muito longe a ponta lusidia d'um punhal que ia avançando a pouco e pouco; á medida que se approximava, crescia, lançando um brilho extraordinario que me fascinava, e tomava a fórma d'um punhal sustentado no ar por mão invisivel. Então a meu lado se desenhava a imagem d'uma coroa real: gottas de sangue, que caiam sobre as minhas mãos e que sentia correrem-me nas faces, appareciam sobre a lamina, e assim que eu as via, a coroa empallidecia e esvaia-se nas trevas.

Foi então que Guignard, explicando a visão, lhe declarou que a coroa que elle vira em sonhos era a de França, e o punhal o que devia ferir o tyranno.

Jacques Clement estremeceu.

—Aconselha-me então o assassinio! exclamou elle.

—Já que o não podemos vencer pela guerra, é justo que o vençamos pelo ferro, que tantas victimas poupará.

—Sim eu feria, feria sem dó se outrem me ordenasse.

E contou que em outra visão, uma mulher, se apoderou d'elle, e noite e dia lhe não deixava um momento de tranquillidade.

—Uma mulher da vossa phantasia.

—Não! uma mulher com existencia real! e que já vi uma vez. E descreveu o logar em que a vira, a gente que a cercava, a commitiva que lhe fazia corte, e concluiu, que tal mulher, era um impossivel para elle.

—Quem sabe! não ha mulher impossivel no mundo, disse o jesuita, retirando-se e deixando Jacques entregue ao seu delirio erotico.

Suspeitara o jesuita quem fora a mulher, e no dia seguinte foi ao convento buscar Clement, e com elle tomou logar na multidão que se arredava para deixar passar um cortejo, a que abria caminho um pelotão de guardas italianos. Vinham depois os maceiros e um carro com a duqueza de Mayenne e outras duas senhoras. Na frente do carro, porem, ia uma outra mulher de pé, dos seus trinta e cinco annos approximadamente, mas ainda formosa, d'essa formosura que annuncia paixões ardentes, e que substitue o encanto e a frescura da juventude pela expressão de voluptuosidade. Um vestido justo ao corpo desenha-lhe as formas arredondadas; os cabellos encrespados, alevantados á moda do tempo, libertam-lhe a fronte, brilha-lhe a audacia nos olhos, o desdem respira-lhe nos labios, e na mão agita uma the-

---

[1] O nome de jacobinos, dado aos padres dominicanos em França, vem do nome de S. *Jacobo*, patrono da sua egreja em Paris.

Supplicio do presidente Brisson e dos conselheiros Claude Larcher e Tardif. Duru

soira com que se propõe abrir uma tonsura de frade na cabeça do rei de França.

Jacques Clement apertou convulsivamente o braço do jesuita. A mulher que uma vez vira, e cuja imagem nunca mais deixára de o perseguir, era aquella.

Guignard afastou-o d'alli para fóra; e, quando se acharam sós, o jesuita disse-lhe que aquella mulher era Catharina Maria de Lorena, duqueza de Montpensier.

— Maria de Lorena! Maldito eu seja! E fugiu correndo para o convento.

E n'essa noite, por volta das duas horas, revolvendo-se na sua enxerga, Jacques Clement viu avançar a visão das mais vezes, mas então, dizer-lhe com voz, que lhe foi direita á alma:

— Fere! Fere sem dó! é a ordem de Deus; e o premio sou eu!

Representada esta ignobil comedia, combinada com Maria de Lorena e o jesuita d'accordo com o prior dos jacobinos [1], Jacques Clement recebeu no dia seguinte o passaporte que o deixava sair de Paris, para ir cumprir a sua missão de sangue.

No dia 1 d'agosto, por volta das sete horas da manhã, Jacques de La Guesle conduziu o frade até junto do rei. Henrique III, apesar da hora matinal, concedeu immediatamente a visita pedida pelo religioso de S. Domingos, pelos quaes sempre teve bastante consideração.

Estava o rei sentado n'uma poltrona conversando com dois dos seus officiaes, Montpesat de Legnac e João de Levis, barão de Mirepoix, quando o procurador geral de La Guesle introduziu Jacques Clement, que teve o audacioso sangue frio de abençoar a victima, a um pedido d'esta, escolhendo com a vista o logar do peito em que havia de feril-a.

— Dizem-me que me quer dar um aviso de grande importancia? disse Henrique ao frade.

— Assim é, sire, respondeu Jacques com voz firme. Esta carta, d'um dos vossos melhores servidores, vos provará a confiança que em mim podeis ter.

— E' uma carta de Brienne. Foi elle que vos mandou cá?

— Não, sire; foi a vontade do ceu. Henrique persignou-se. — N'esse caso, continuou elle, dizei-me a que vindes, veneravel mensageiro.

Jacques Clement cruzou os braços, em signal de quem obedece ás ordens do seu soberano; mas, realmente este movimento tinha por fim assegurar-se se a navalha, que trazia aberta na manga esquerda do habito, se achava no seu logar. Ao mesmo tempo designava com a vista a Henrique III as pessoas presentes, como para lhe fazer comprehender que desejava falar a sós com elle. O rei fez signal aos tres que se afastassem para o fundo do quarto. Jacques Clement tinha-se conservado impassivel.

— Approxime-se, meu padre, disse Henrique, lançando de novo a vista para a carta d'apresentação. Diga.

Jacques Clement approxima-se lentamente, fixando sobre a sua victima o olhar terrivel e fascinador, a mão direita, por um gesto ordinario entre frades, escondia-se na manga esquerda do habito. A sua pallidez era tal que parecia um cadaver ambulante. De repente, como que uma mancha de sangue se extendeu sobre aquella pallidez livida, e as narinas dilataram-se-lhe como as da fera que tem a presa ao seu alcance.

— Então! disse o rei, erguendo-se um pouco, e sem olhar para elle.

O frade inclinou-se, como quem vae obedecer a uma ordem, e logo, com um movimento rapido, alça o braço direito e vibra uma punhalada no baixo-ventre do rei.

Henrique dá um grito, leva a mão ao sitio em que se sente ferido, encontra o cabo da arma, e arrancando-a da ferida, fere com ella o assassino no sobr'olho esquerdo. N'este momento de La Guesle, tendo-se precipitado ao grito do rei, fazia recuar o frade, batendo-lhe com o punho da espada, emquanto os outros, vendo cair o monarcha, o trespassaram com as espadas de lado a lado.

Jacques Clement não procurou fugir, nem defender-se. Tendo ferido Henrique, cruzou os braços sobre o peito. Derribado por de La Guesle, ferido pelos golpes de Montpesat e Levis, não deu um grito, e continuou a

[1] As memorias do tempo chegam a affirmar que a princeza passou o resto da noite na cella de Jacques Clement...!

cravar na victima o seu olhar infernal, que dentro em pouco se apagou n'uma onda de sangue [1].

Os medicos julgaram ao principio que a ferida não era mortal, mas dentro em pouco perderam as esperanças. N'essa mesma noite annunciaram que o rei tinha poucas horas de vida. N'este momento supremo, Henrique encontrou toda a firmeza e coragem de que outr'ora dera mostras, antes que os prazeres o effeminassem e as ridiculas superstições o pervertessem. Encarou a morte sem medo; confessou-se ao seu confessor, e, antes de receber a absolvição, disse:

— Como filho mais velho da Egreja catholica apostolica romana, quero morrer como tal.

Em recompensa, esta mesma Egreja santificará o seu assassino! Depois recebeu os sacramentos, e tendo feito entrar no seu quarto todos que quizessem vel-o, prohibiu que vingassem a sua morte, tendo aprendido em creança, disse elle, que Jesu-Christo manda perdoar aos que nos offendem. E, como a seu lado se achasse Henrique de Navarra, accrescentou:

— Visto que morro sem filhos é a elle a quem deveis reconhecer como chefe.

Sentindo que as forças o abandonavam, recitou o *Credo* com voz enfraquecida, e morreu, pelas duas horas da tarde do dia 2 de agosto, murmurando o quinto psalmo penitencial, com trinta e oito annos de edade e quinze de rei.

---

[1] Foi, depois, ao seu cadaver mudo que pediram contas do crime Foi processado, condemnado, esquartejado por quatro cavallos, os restos queimados, e as cinzas lançadas ao Sena.

# XIX

## Paris vale bem uma missa

O attentado de Jacques Clement foi publica e solennemente glorificado e exaltado nas egrejas. O papa Sixto V não se pejou de lhe fazer o elogio. O successor de S. Pedro, esquecendo os preceitos do divino Redemptor, de que se diz vigario e representante na terra, não temeu ser apologista do assassino, que comparou a Judith, e a Eleazar. Animado pelo odioso exemplo do chefe do catholicismo, o clero francês, tanto secular como regular, fez de Clement um santo e um martyr, que teve estatuas, capellas, rezas e devotos!

Por seu lado, o duque de Mayenne, nas cartas que se apressou em expedir para toda a parte, depois da morte de Henrique III, tratou de fazer pesar toda a responsabilidade do crime sobre o seu auctor e seus confrades. Falava do conselho que Clement tinha pedido ao prior do seu convento; da maneira como este conselho fôra dado; da obsecação de Jacques em matar o rei; mas nem palavra sobre a intervenção, e talvez prostituição da duqueza de Montpensier por meio do padre Guignard!!

Em Tolosa, onde os jesuitas eram omnipotentes, fizeram com que o parlamento decretasse orações publicas, festejos e procissões para festejar a morte de Henrique III. Já vimos como aqui elles tinham feito assassinar o presidente Duranti, que aliás fôra seu protector.

O famoso padre Mariana, entre outros, recordando o crime do dominicano, que qualificou de *empresa insigne e maravilhosa,* ousou escrever: que elle considerava Jacques Clement como a *honra* da França! Bem depressa veremos, em relação a outra empresa insigne e maravilhosa,—esta toda inteira da responsabilidade da S. J. e executada por um dos seus filhos,—como os jesuitas, vendo correr o sangue de Henrique III, apenas lamentaram: que o golpe não tivesse sangrado de vez todo o sangue real da França!

Henrique III foi um triste rei, um mau principe, como foi toda a ninhada saida da loba florentina. Tomou, com seu irmão Carlos IX, parte odiosa na carnificina de *Saint-Barthélemy;* todos conhecem a sua vida de deboches, interrompidos por mascaradas de penitencias burlescas; mas professou sempre um grande respeito pela religião christã e pelo dogma catholico, e tanto, que ainda no seu leito de morte, apunhalado por um padre, declarava submetter-se humildemente á vontade do papa, que horas depois havia de fazer do alto da cadeira de S. Pedro o elogio do seu assassino! Pois apesar de tudo isto, o seu castigo não devia vir das mesmas mãos que se dizem as unicas habilitadas a sustentarem Deus nos seus dedos!

Os jesuitas aproveitaram-se das perturbações horrorosas que então rasgavam o seio da França para se irem introduzindo por toda a parte. Ainda em vida de Henrique III, tinham feito pacto e causa com o duque de Mayenne e a parte da Liga que reconhecia este como seu chefe.

Por morte do ultimo dos Valois, a corôa de França vinha de direito ao rei de Navarra, que desde então se chamou Henrique IV. Os da Liga pretendiam que este principe, que havia renunciado a fé catholica, depois de a ter abraçado,—para se livrar da mortandade da *Saint-Barthélemy*—tinha por este unico facto perdido os seus direitos ao throno. Mas, se n'este ponto, os membros da Liga estavam todos d'accordo, divergiam, porem, sobre quem devia succeder-lhe no throno. Uns queriam substituir a familia Valois pela de Lorena, e eram principalmente os nobres que apoiavam esta protecção; outros, o povo ou antes a burguezia, principalmente a de Paris, tendia para uma republica de fórma oligarchica, que lhe permittisse conservar o poder em suas mãos; e um terçeiro partido, apoiado no dinheiro, pretendia fazer recair a corôa na cabeça do rei d'Hispanha. A facção dos *Dezeseis*[1] acabou por ser d'esta opinião. Foi a este ultimo partido que os jesuitas se ligaram. Parecendo na apparencia que trabalhavam pelos principes de Lorena, na realidade todas as suas forças estavam empenhadas no serviço do rei d'Hispanha, por calculo ou por gratidão, qualidade, aliás, pouco commum em alma jesuitica. E' evidente que se Filippe II fosse rei de França, deixaria que os reverendos padres de Loyola tomassem parte grande na carniça, em que elle teria o melhor quinhão.

Emquanto esperam melhores tempos vemol-os tomar parte em todos os movimentos que se manifestam.

[1] Assim chamada por ser composta por dezeseis membros, cada um d'elles influentissimo nos dezeseis bairros de Paris.

Parece-nos conveniente notar que os jesuitas, alliando-se aos amigos de Hispanha, pouco se importavam com isso serem desagradaveis ao papa, n'aquelle momento pouco affeiçoado aos hispanhoes, o que mais uma vez prova, que a falada obediencia dos jesuitas ao papa só existe quando os dois interesses se conjugam, até que um dia virá

Visão de Jacques Clement

em que os papeis se invertam, como actualmente acontece, e que sejam os jesuitas que imponham a obediencia ao pontifice.

Filippe, por mais d'uma vez se lamentou de que Sixto V protegesse a causa dos principes de Lorena, e os escriptores assalariados pelo rei d'Hispanha, entre outras accusações ao papa, punham sempre em frente a de ser *feiticeiro*. Diziam que Sixto V, em troca da sua alma e do seu corpo vendido ao demonio, tinha obtido d'este seis annos de pontificado. Infelizmente o papa morreu ao quinto, o que deixou ficar por mentirosos os

pamphletarios, ou fez suspeitar que o diabo roêra a corda no contracto. Mas o mais curioso é que, para justificarem a perda d'aquelle anno, affirmavam que, queixando-se o papa já moribundo ao diabo d'aquella falta de lealdade, este lhe recordara, que no começo do seu pontificado, o papa quizera fazer condemnar á morte um mancebo d'uma familia patricia de Roma, e como este reclamasse, allegando que as leis não permittiam dar a morte a quem ainda não tivesse completado uma certa edade, o papa dissera «que lhe dava um anno da sua vida para completar o que lhe faltava para poder subir ao cadafalso;» pelo que o fidalgo foi enforcado.

— Como tudo se paga n'este mundo, concluia philosophicamente o diabo, eis porque levo agora o anno que me pertence. E carregou com o papa para o inferno!

Os jesuitas, que n'aquella epocha eram incessantes escrevinhadores, deixavam correr o libello contra o papa; se é que não foi algum d'elles que lhe deu curso.

Entretanto Henrique IV, sustentado pelos huguenotes e pela maioria dos fidalgos, officiaes e magistrados catholicos, que se tinham conservado fieis a Henrique III, quiz-se aproveitar da confusão que reinava entre os seus inimigos, cujas ambições se degladiavam aos pés do throno vago. Para não serem opprimidas pelo seu activo antagonista, as diversas fracções da Liga approximaram-se entre si, e como nenhuma d'ellas julgava poder deixar cair a mascara, e patentear as suas vistas ambiciosas, concordaram desenrolar uma bandeira a que momentaneamente se acolhessem, e reconheceram solennemente como rei de França e legitimo successor de Henrique III, um pobre velho sem energia e sem valor, o cardeal de Bourbon, então prisioneiro.

O parlamento de Paris, por um diploma de 21 de novembro de 1589, adjudicou a corôa de França a esse manequim de rei, que foi proclamado com o nome de Carlos X. O cardeal Caetano, legado do papa em França, e que tinha recebido do pontifice, por essa occasião, auctoridade para *edificar* e *abater, plantar e arrancar,* consagrou a pretendida realeza do cardeal de Bourbon, na apparencia, mas no fundo não quiz senão consagrar a omnipotencia papal e o seu direito a dispôr das coroas. Encontra-se em De Thou uma particularidade que merece ser assignalada. No parlamento, o legado quiz tomar logar debaixo do docel destinado para o rei, e onde não se admittia que ninguem se sentasse, visto que o pobre Carlos X continuava sendo prisioneiro de Henrique IV. Foi preciso que o presidente Brisson agarrasse no braço de sua eminencia e o impedisse de se sentar debaixo do docel real. O rei d'Hispanha reconheceu por sua vez a realeza risivel do cardeal, n'um manifesto em que pedia aos fidalgos catholicos que o fizessem tambem, para libertarem o solo da França dos herejes, e poder depois ir expulsar os infieis da Terra Santa.

Henrique IV respondeu a tudo isto por uma série de conquistas que terminou triumphalmente na batalha de Ivry, onde o duque de Mayenne foi vergonhosamente batido. Bem depressa Paris viu o Bearnês triumphante chegar ás suas muralhas.

Aqui, a situação era desesperada. Para fazer diversão á fome, que começava a sentir-se, os chefes da Liga imaginaram nóvas procissões. Mas taes mascaradas não davam pão ao povo. Em vão o legado prodigalisava as indulgencias, em vão os jesuitas e outros religiosos se esfalfavam no pulpito anathematisando Henrique IV; nada remediava os males. Proclamou-se ao som de trompa que todos os que tivessem trigo para mais de dois meses, levassem o excesso ao mercado. O legado e o cardeal Gondi, bispo de Paris, concederam permissão para que se fundisse a prata das egrejas, com excepção dos vasos sagrados necessarios para as missas; mas a fome augmentava sempre. O povo reunido nas praças publicas pedia pão com urros de fera. Os prelados, por proposta do duque de Nemours, ordenaram uma visita geral em todas as communidades religiosas e ecclesiasticas, e que depois, pelo que se encontrasse, se regularia a ração a dar d'esmola.

Varade, reitor do collegio dos Jesuitas, pediu ao legado para ficar exempto d'esta visita. Mas o preboste dos mercadores oppoz-se com toda a energia, e disse-lhe na presença da assembléa dos prelados:

— Senhor reitor, o seu pedido não é de cidadão nem de christão! Por que ficaria o senhor exempto d'essa visita? A sua vida vale mais do que a de qualquer de nós?

Não havia que replicar. Varade submetteu-se, e no collegio dos jesuitas foi encontrada uma provisão de trigo, aveia, biscoitos e carne salgada para mais de um anno!!!

Deram-se alguns soccoros aos pobres durante quinze dias. Tinha-se já dado caça a todos os cães e gatos da cidade, que eram cozidos em grandes caldeiras, com hervas e raizes, e todas a manhãs, na praça publica, fazia-se a distribuição d'este caldo, ao qual se juntava um pedaço de carne d'aquelles animaes e uma onça de pão para cada pessoa.

Paris estava ainda longe de presenciar todos os horrores da fome e todas as vilanias da politica e odio dos partidos.

Como se tivesse formado na Liga uma outra facção para dar a coroa ao sobrinho do cardeal que fôra eleito rei, e que já tinha morrido na sua prisão de Fontenoy, esta facção abandonou o duque de Mayenne e collocou á sua frente o jovem duque de Guise. N'uma manhã fria de novembro prenderam o primeiro presidente Brisson a que já nos referimos, e Claudio Larcher, conselheiro do mesmo parlamento, e J. Tardif Duru, conselheiro no Chatelet, cujo crime era o de serem contrarios ás ambições de uns e outros e desejarem a tranquillidade da França! Os *dezeseis* apoderaram-se de Brisson, arrastaram-o, sem outra forma de processo ao Petit-Chatelet e ahi o enforcaram. Os outros dois magistrados tiveram a mesma sorte. Alguns amigos tiraram os cadaveres do patibulo, durante a noite e deram-lhes sepultura.

Sabe-se como Henrique IV, afim de tirar todo e qualquer pretexto á Liga, e julgando que *Paris valia bem uma missa*, abjurou solennemente a religião protestante em S. Diniz, e se fez filho da Egreja catholica apostolica romana, que vae, apezar isso, continuar a perseguil-o, até que o veja morto.

No domingo, 25 de julho de 1593, entre oito e nove horas da manhã, o rei todo vestido de branco, salvo a capa e chapeu que eram pretos, acompanhado de grande numero de principes, nobres, officiaes do palacio, pelos suissos da sua guarda, e outros soldados e magistrados, precedido de doze trombetas, foi conduzido á abbadia de S. Diniz. As ruas viam-se decoradas com colgaduras, e juncadas de flores, e o povo, apezar da prohibição do nuncio, corria enthusiasmado e gritava: viva o rei!

A porta da abbadia esperava o monarcha o arcebispo de Bourges, cercado dos principaes bispos da França, e dos religiosos do mosteiro. Quando Henrique se approximou, o arcebispo perguntou:

— Quem sois?

Henrique respondeu:

— Sou o rei.

— O que pedis?

— Ser admittido no seio da Egreja catholica apostolica romana.

— E assim o quereis deveras?

— Assim o quero de todo o meu coração.

E pondo um joelho em terra disse em alta voz:

— «Protesto e juro na presença de Deus todo poderoso de viver e morrer na religião catholica, apostolica, romana, de a proteger e defender contra todos, á custa do meu sangue e da minha vida, renunciando a todas as heresias contrarias á mesma Egreja.»

E ao mesmo tempo, entregou uma profissão de fé escripta, foi introduzido na egreja, ahi renovou a profissão de fé, e assistiu ao *Te-Deum* e outros actos religiosos.

Depois, á tarde, subiu ao alto de Montmartre a dar graças a Deus, no mesmo sitio d'onde Ignacio de Loyola enviara os seus companheiros á conquista do mundo; mal desconfiando o convertido, que n'aquelle mesmo momento os jesuitas juravam a sua perda, e tramavam a sua morte.

# XX

## Pedro Barriére

Num quarto retirado do collegio dos jesuitas, na quinta-feira 18 d'agosto de 1593, estavam em conferencia secreta o padre Varade, reitor do collegio, e o padre João Guignard professor de theologia, cuja figura já vimos atravessar o drama que levou á cova Henrique III, e ao patibulo Jacques Clement [1].

A conferencia versava sobre a abjuração de Henrique de Navarra, que tinha dado um golpe mortal á causa da Liga, em que eram os mais acerrimos sequazes os jesuitas e os capuchinhos seus alliados.

A situação era grave por qualquer lado que se encarasse para a Liga, e, na opinião dos dois jesuitas, só havia um remedio radical e era que: assim como Henrique III tinha saido de Paris e nunca mais lá voltára o mesmo succedesse a Henrique IV.

— Pois sim, replicou Varade, mas Jacques Clement tambem morreu.

Mas não, por certo, o espirito que o animava.

E havera outro que queira cingir a corôa do martyrio?

— Há. É Pedro Barriére.

— E quem vol-o disse?

— Christovam Aubry, o mesmo que lhe recebeu as confidencias.

O cura de *Saint-André des Arcs?*

Esse mesmo.

E quando o viu?

— Hontem. Barriére chegou hontem a Paris vindo de Lyão, e a primeira coisa que pediu ao locandeiro que o hospedou, foi que lhe indicasse quaes eram os prégadores mais dedicados ao partido da união.

Varade ia pedir explicações mais precisas a Guignard, quando este lhe declarou que Barriére estava no collegio e elle proprio as daria.

Momentos depois, Barriére era introduzido, e Varade ficava a sós com elle.

Era um mocetão dos seus vinte e sete annos, alto respirando força, e pouco á vontade dentro nas vestes burguezas com que vinha vestido.

O jesuita, hypocrita e habil em lêr na alma alheia, recebeu Barriére com humildade, mas logo adivinhou n'elle uma natureza na qual toda a energia vinha da força physica mais que da intelligencia, que se entregava sem freio ao estimulo das paixões, e que seria muito facil dominar.

Barriére entregou ao jesuita a seguinte carta d'appresentação:

«Pedro Barriére, que lhe appresentará este bilhete, já me abriu o seu coração. Ouça-o pois, de confissão, socegue a sua consciencia, destrua os seus escrupulos, e que Deus dê ás suas palavras eloquencia e persuasão.»

*«Christovam Aubry.»*

---

[1] Comquanto nos permittamos dar por vezes uma fórma menos didactica a esta successão de factos, fazemol-o para imprimir uma certa vida a esses factos que nem por isso deixam de ser rigorosamente historicos e comprovados por um grande numero dos mais insuspeitos testemunhos.

— É a melhor recommendação que me poderia trazer. A heresia não conta maior inimigo que esse santo sacerdote que lhe deu esta carta. Sente-se.

— E' de joelhos que eu lhe quero falar, meu padre.

— Chama-se Pedro Barrière, se me não engano, a sua vinda aqui tem mais por fim contar-me a sua vida, as suas inquietações, os seus escrupulos, do que pedir-me a remissão d'uma falta.

— Effectivamente não me accusa a con-

Jacques Clement assassina Henrique III

— Seja assim. E levantando-se foi com elle para o canto mais escuro do quarto, para junto da porta por onde Guignard tinha saido.

— Estamos sós?

— Absolutamente.

O mancebo ajoelhou aos pés do jesuita, e a confissão começou.

sciencia nenhum grande peccado. Mas a idéa d'um assassinio atormenta-me a toda a hora. Diga-me: haverá casos em que o crime de morte seja legitimo?

— Para responder a essa pergunta preciso primeiramente conhecer o estado da sua alma. Fale-me sem reservas. Onde nasceu?

— Em Orleans.

— Que profissão é a sua?

— Tenho sido soldado, e fiz a guerra no Lyonnês ás ordens do sr. de Albigni.

— E bateu-se?

— Bati, meu padre.

— E deu a morte a seus inimigos no campo da batalha?

— Muitas vezes.

— E sentiu remorsos?

— Nunca.

— Parece-lhe então que por vezes a morte pode ser legitima?

— Defendia a minha vida. Mas se me não atacarem?

— Parece ao contrario que a sua vida anda ameaçada, visto que taes projectos formou.

— Não sou eu que estou em perigo.

— Quem é, então?

— E' a santa causa da religião; e se por essa causa eu commettesse um crime, vossa reverencia dava-me a absolvição?

— Conforme fosse o crime.

E Barrière contou que era filho d'um barqueiro, que o pae tinha morrido afogado, e que elle, sem outros meios de vida, seguira a profissão de seu pae; mas tão depressa sua mãe, de quem era o amparo, morreu, sentára praça.—Ha alguns annos, continuou elle, fiz parte d'uma expedição mandada pelo defunto duque de Guise, para libertar a rainha de Navarra, que o rei tinha confiado á guarda do marquez de Canillac. A empresa teve bom exito. Margarida readquiriu a sua liberdade, mas eu perdi a minha, porque fiquei preso d'amor por uma mulher que estava no segredo da fuga. Durante algum tempo, acreditei que ella gostava de mim, e de momento a momento esperava desposal-a. Mas convenci-me de que fôra illudido, e que só me podia vingar, pelo esquecimento, da sua perfidia. Foi, pois, desde então que o desespero se apoderou de mim, e que sinto a necessidade de libertar-me d'elle pelo quer que seja de violento. Eis por que imaginei um assassinio.

— E, provavelmente, quer matar o rival feliz que lhe roubou o coração d'essa mulher? disse friamente o jesuita.

— Desappareceram ambos, e ignoro onde páram. Diga-me: para me libertar d'este inferno em que vivo na terra, não poderei ganhar o paraiso assassinando Henrique de Navarra?

— E' a esse a quem quer matar?

— E' um nome que se me não tira da idéa. Porque ha de ser este e não outro, confesso que o não sei. E' sobre isto que quero ser esclarecido.

— Já confiou o seu projecto a Christovam Aubry?

— Já.

— E o que lhe disse elle?

— Approvou as minhas intenções, e deu me aquella carta que leu. Mas tendo Henrique abjurado a sua religião, não será elle, no fundo, um bom catholico?

— Nunca! nunca! replicou Varade. Meu filho, Deus depositou em ti o odio da impiedade. Escolheu-te para ferires a heresia, e reserva-te um logar immenso no paraiso; por minha vez, pois, te ordeno que assegures a salvação da tua alma.

— Obedecerei, meu padre.

E dando-lhe a absolvição, e abençoando a empresa de Barrière, o jesuita fel-o jurar sobre um crucifixo que nunca declararia quem foram seus confessores e conselheiros.

No dia seguinte Barrière foi ouvido de confissão por um outro jesuita, de cujas mãos commungou, e partiu para ir assassinar Henrique IV.

Querem alguns que fosse Varade o proprio que entregasse o punhal com que Barrière devia ferir o rei; mas o que parece certo, é que este o comprou, á saida da casa dos jesuitas, e que d'alli em deante se occupava em o afiar, emquanto resava os *Padre-Nossos* da penitencia que lhe fôra imposta!

Soube que o rei estava em S. Diniz, e para ahi se dirigiu, chegando até a encontrar-se com elle, quando Henrique saía da egreja. Barrière confessou que tendo avançado n'este momento para executar o seu plano, se sentiu detido por uma secreta e inconcebivel commoção. «Parecia-me, disse elle, que estava amarrado com uma corda pela cintura, e que alguem me puxava para traz, quando eu queria avançar para a frente.»

Henrique IV deixou S. Diniz, e foi d'alli

a Gournay, depois a Crecy, a Champ-sur-Marne, a Brie-Comte-Robert, e d'esta ultima localidade a Melun. Barrière nunca mais o abandonou, aguçando constantemente o seu punhal, preparando-se para se servir d'elle, e accusando-se da falta de energia que o dominava nos momentos precisos. Aproveitando-se da facilidade com que qualquer se approximava do rei, resolveu, emfim, decididamente matal-o no dia 26 d'agosto de 1593; mas antes que o seu braço se tivesse levantado e ferido, foi preso pelo grande-preboste da casa real.

Eis o que se passára.

Quando n'essa manhã, Barrière saíra da egreja, onde de novo se fôra confessar, mas sem revelar d'esta vez ao confessor, que não era jesuita, o seu projecto, por pouco que não foi esmagado por um homem que, coberto de suor e poeira atravessava a praça ao galope desesperado d'um cavallo. Este, ao grito que Barrière deu para não ser atropellado, empinou-se e chapou-se no chão, apesar dos esforços do cavalleiro, que, mal se levantou e encarou Barrière, exclamou:

—E' elle!

Barrière, embora não se recordasse das feições do cavalleiro, mas parecendo-lhe extranha a exclamação, em vez de se approximar, como fôra a sua primeira intenção, affastou-se; emquanto uma grande multidão se juntava, e procurava ajudar o cavalleiro a levantar o seu cavallo.

Assim que de novo se poz a caminho, o cavalleiro procurou logo o rei, e sendo introduzido, declarou chamar-se Brancaléon, ter sido gentil-homem da rainha Luiza, viuva de Henrique III, e saber que o queriam assassinar.

Perguntado sobre quem era o assassino, e como soubera das suas intenções, contou: que em Lyon conversara com Seraphim Banchi, antigo agente protegido de Catharina de Medicis, e ao tempo ao serviço de Fernando, grã-duque da Toscana, que um homem de vinte e sete annos o procurara e lhe confiara o projecto que fizera de assassinar o rei, sem comtudo lhe dizer como se chamava. «Apressei-me em partir, mas a febre obrigou-me a demorar n'uma aldeia, a vinte leguas de Lyon, onde estive quinze dias entre a vida e a morte. Assim que as forças m'o permittiram parti, tremendo sempre de chegar já tarde, e posso affirmar que o criminoso é o homem a quem o meu cavallo esteve a ponto de atropellar.»

Dados os signaes e preso o assassino, começou por negar o crime de que o accusavam. Mas tendo sido confrontado com Brancaléone, reconhecido este ultimo, por tel-o encontrado em Lyon, em casa do padre Seraphim Banchi, ouvido contar todos os incidentes das suas conversas com este, e outros frades e padres d'aquella cidade, objectou que taes conferencias tinham por fim fazer-se capuchinho, para expiar as intenções que formára de assassinar o rei.

Como lhe perguntassem, porque, quando preso, ainda tinha comsigo um punhal de dois gumes cuidadosamente afiado, respondeu: que fôra o uso em coisas domesticas que o aguçára. O acusado foi condemnado á morte, e ouviu a sentença vomitando mil imprecações contra todos os herejes e os juizes, a quem chamava algozes. O supplicio do desgraçado ficou suspenso para o dia seguinte, porque se quiz interrogar o cura de Brie-Comte-Robert, que havia recentemente ouvido Barrière de confissão; mas que negou responder, allegando o segredo profissional. Durante a noite, um frade de S. Domingos, Olivier Beringer, abalou um pouco o animo de Barrière, que por fim se decidiu a confessar o crime em presença da tortura.

«Reconheço o meu crime, disse elle, e estou contente, n'este momento, por não tel-o levado a effeito; amaldiçôo o pensamento que d'elle tive, bem como todos aquelles que a isso me instigaram, affirmando-me, que se morresse na empresa, a minha alma seria levada para o ceu nas mãos dos anjos, para gosar, no seio de Deus, da eterna beatitude.» Barrière accrescentou que os seus conselheiros lhe tinham feito jurar, que, no caso de ser posto a tormentos, nunca dissesse o nome d'elles, porque então seria condemnado ás penas do inferno por toda a eternidade.

De Thou affiança, que não applicaram a tortura a Barrière propositalmente para que elle não compromettesse os jesuitas; e tanto assim que, dois annos depois, quando Hen-

rique IV entrou em Paris, e se procurou instaurar processo ao padre Antonio Varade, o rei pediu que se puzesse pedra sobre o assumpto, hesitando em travar nova guerra com os filhos de Loyola, a quem já conhecia, e de quem pretendia ser poupado. Enganou-se. Notou-se que os juizes, que assistiram á execução de Barrière, apressassem esta por tal forma, que assim que o maço do algoz caiu sobre o peito do paciente, este morreu immediatamente da primeira pancada, a 31 d'agosto de 1593.

# XXI

## Entre dois attentados

As tentativas contra Henrique IV, augmentaram a affeição dos que lhe eram dedicados, fizeram calar os gritos dos seus inimigos, e impuzeram silencio á critica de muitos dos seus actos. Os jesuitas, porém, apesar da abjuração de Henrique, nem por isso deixavam de se mostrar hostis á sua causa; e em todos os pontos em que se achavam estabelecidos foi necessario o emprego da força e o derramamento de sangue para fazer reconhecer a auctoridade real. Elles excitavam o zêlo dos catholicos contra o rei, cuja conversão era representada como uma comedia politica, que daria como desenlace a ruina do catholicismo em França, tão depressa o Bearnês pudesse, sem perigo, largar a redea ao seu odio de hereje.

«Além de que, clamavam os jesuitas, o santo padre, apesar da pretendida abjuração do rei de Navarra, ainda o não reconheceu, nem absolveu. E' preciso, portanto, pelo menos, antes de se submetter, esperar a decisão do *infallivel* chefe da Egreja.»

Para tirar todo e qualquer pretexto aos seus inimigos, Henrique IV enviou o conde de Nevers como seu embaixador ao papa. Este embaixador, que nem como tal pôde ser recebido, nada conseguiu da curia, ao que parece, em consequencia das informações que o cardeal de Plaisance mandava a Clemente VIII, dizendo-lhe que a Liga est

Barrière e Varade

va a ponto de sair victoriosa em todo o reino. Ora, por occasião d'esta embaixada, os jesuitas de Roma representaram um duplo papel. Assim, o seu padre Bossevino mostrou-se muito inclinado a secundar os esforços do embaixador de Henrique IV, e tanto que o papa o exilou. Ao mesmo tempo outros jesuitas intrigavam á ordem de Filippe II d'Hispanha, e trabalhavam quanto e como podiam para fazerem abortar a embaixada. Nevers partiu de Roma, por tal forma convencido das intrigas dos jesuitas a este respeito, que o cardeal Tolet jesuita, a quem elle disse que se não havia de fechar o aprisco á ovelha desgarrada que ahi voltava, lhe respondera, sorrindo: «Que Jesus, o divino Pastor, não era obrigado a abrir a porta do curral áquelles que a tinham fechado com as costas; e citando ao mesmo tempo o exemplo de Santo André entre os gentios, o embaixador lhe respondera:

—Não se enganará v. ex.ª citando a auctoridade de Santo André, não será a *S. Filippe* a quem se quer referir?»

O cardeal jesuita não respondeu senão com um novo sorriso a esta allusão ao zêlo da sua companhia pelo rei d'Hispanha.

A má vontade da curia romana irritou Henrique IV, e a maioria dos seus partidarios, inclusivé os catholicos. As coisas exasperaram-se a tal ponto que se chegou a pensar em crear em França um patriarcha, que fosse ao mesmo tempo chefe da egreja gallicana, e a administrasse, independente de recurso ao papa. Mas apesar da Hispanha e dos jesuitas, apesar do papa e do clero, apesar dos fanaticos e dos ambiciosos de toda a sorte, Henrique IV firmava-se de dia para dia nesse throno, cujos degraus ia disputando palmo a palmo. As principaes cidades do reino caíam em seu poder ou se submettiam voluntariamente. A fim de contrabalançar a má impressão que fazia no espirito do povo em geral, e principalmente no dos catholicos, a recusa obstinada do papa em absolver e reconhecer Henrique IV, decidiu-se que o rei seria sagrado. Sendo Reims o logar ordinario da sagração dos reis de França, e estando em poder da Liga, a cerimonia realisou-se em Chartres. Por esta occasião, travou-se uma disputa bastante curiosa e que merece a pena ser contada, quanto mais não seja para alegrar a narrativa.

Tratava-se de se saber se a uncção da sagração se podia fazer com outro azeite que não fosse o da *santa redoma*, visto que esta estava em poder da gente da Liga. Alguns bispos foram d'opinião que elle não era essencialmente necessario para validar o acto. Houve até quem puzesse duvidas sobre a authenticidade d'esta garrafinha celeste, de que S. Remy não fala em seu testamento, e de que não fazem a menor menção Gregorio de Tours nem outros prelados da epocha. Entrementes, alguem, suspeita-se que o arcebispo de Tours, aventou a idéa de que o chrisma milagroso da egreja de Marmontiers, perto de Tours, já tinha fornecido melhores provas que o da redoma de Reims, attendendo a que Sulpicio Severo conta textualmente que: mil e duzentos annos antes da conversão de Clovis, se vira descer um anjo do ceu e curar com uma boa esfregadella d'este balsamo celeste a S. Martinho, que deslocára uma perna caindo por uma escada abaixo. Henrique IV foi pois sagrado com o chrisma de Marmontiers, pelo bispo de Chartres, Nicolau de Thou.

Pouco depois, o rei dirigiu-se para Paris, onde Carlos de Cosse estava tratando secretamente da rendição da capital.

Aqui, todos se convenceram de que a resistencia se tornava inutil, e a 22 de março as portas da cidade abriram-se ás tropas reaes. Alguns lansquenetes, querendo oppor-se, foram rechaçados, bem como a gente da Liga reunida n'um posto de guarda do paço. Os napolitanos, que tinham sido chamados havia tempo pelo duque de Terso, e o seu general D. Diogo de Evora, recusavam capitular, mas bem depressa se entregaram sem queimar uma unica escorva. Quanto ao povo, desde logo esqueceu os incitamentos dos jesuitas e mais membros da Liga; e tanto que apenas quatro mil homens foram sufficientes para dominar este foco da revolta. Para não recordar o passado, foram tirados de todas as egrejas, conventos, mosteiros e collegios os emblemas que podiam perpetuar a lembrança da Liga, e no dia 29, oito dias depois da sua entrada, Henrique assistiu a uma procissão solenne; no dia se-

guinte o parlamento decidiu que a procissão se renovaria todos os annos; e a 2 d'agosto, a universidade fez acto publico de submissão, assignando a seguinte formula de juramento:

«Prometto e juro de querer viver e morrer na fé catholica, apostolica romana, sob a obediencia de Henrique IV, rei christianissimo e catholico de França e Navarra. Renuncio a todas as Ligas e assembléas feitas contra o seu serviço, e nada intentarei contra a sua auctoridade.»

O exemplo da universidade foi seguido pelas ordens religiosas, á excepção dos capuchinhos e jesuitas, que pretenderam ser necessario esperar pela permissão do papa. Estes ultimos tinham suas rasões para não prestarem juramento d'obediencia, e de não reconhecerem a auctoridade de Henrique IV. D'esta vez, ao menos, tinham em mente poupar um perjurio. Tal recusa fez com que a universidade declarasse: que era necessario intentar-lhes processo, e ella e o parlamento deram novo impulso a um começado contra elles, por occasião da sua entrada em França; mas os seus protectores mais uma vez fizeram com que se lhe puzesse pedra em cima. Comtudo, a tentativa exasperou os jesuitas, e persuadidos de que o parlamento tinha incitado a universidade a esta nova declaração de guerra, desembestaram-se em suas casas contra o rei, contra o qual prophetisavam que, dentro em pouco, se desencadearia a vingança do ceu. Como o ceu, porém, não parecesse resolvido a acceitar esta lettra, sacada pela S. J., nem determinar a ruina e morte de Henrique IV, os jesuitas provavelmente dirigiram-se ao inferno, que não tardou a fazer-lhes a vontade, como vamos vêr, com o novo attentado.

O padre J. Jouvenci, historiador jesuita, assegura que o ceu annunciou por meio de prodigios a catastrophe que ia realisar-se. Estas manifestações celestes, no dizer do historiador, — aliás condemnado por falsario, — foram apparecer cruzes brancas nas roupetas dos jesuitas, principalmente quando estavam no altar, «as quaes cruzes não tinham sido figuradas nem trabalhadas pela mão do homem.» — O padre Jouvenci vê claramente n'estas maravilhosas cruzes as immerecidas dôres que a malicia dos homens ia fazer soffrer á companhia. E, para provar que a primeira expulsão dos jesuitas de França não foi o resultado dos seus crimes, mas sim d'uma conjura de maus homens, o mesmo jesuita accrescenta: «Algum tempo antes de 1574, um demonio, exorcismado pelos nossos padres, vendo-se forçado a abandonar o corpo do possesso, ameaçou o exorcista e toda a sua ordem de os fazer expulsar por sua vez, de todo o reino de França.»

Com uma orientação historica d'esta ordem, o que ha a esperar do ensino da companhia de Jesus? Da sua ausencia de senso moral que educação saberá ella dar?

O capitulo que se segue responderá com factos a estas perguntas.

# XXII

## João Chatel

O assassinio reproduzia-se no collegio jesuitico de Clermont, como as cabeças da hydra da fabula. Um rapaz de caracter sombrio e exaltado, d'um espirito fraco e embrutecido por infames costumes, tinha sido educado pelos jesuitas para continuar a obra sanguinaria de Jacques Clement. Filho d'um rico mercador de Paris, João Chatel estudára philosophia com o padre Gueret. Os reverendos padres desde logo apreciaram as disposições do seu discipulo. Velhaco, vicioso, gatuno, fanatico, João Chatel tinha todas as qualidades precisas para se tornar entre as suas mãos um instrumento das mais execraveis doutrinas. Era uma naturesa rica no seu genero, e que, bem cultivada, promettia abundante fructo.

Seguindo os preceitos do seu fundador, os jesuitas do collegio de Clermont actuavam sobre a imaginação dos seus alumnos por meios materiaes, por uma especie de phantasmagoria adrede disposta para os atterrar, e perturbar a pouca rasão e um resto de idéas sãs, que elles, por acaso, ainda tivessem depois de os ouvirem e de terem vivido com elles. Como todos os outros, João Chatel foi sujeitado ao regimen da espionagem e da delação, dois principios que são essenciaes e basicos na companhia de Jesus. Barrière fôra detido a tempo na sua empresa, era occasião de lhe dar um successor, e João Guignard, esse recrutador d'assassinos, se encarregou d'isso.

Os sophismas dos mestres acabaram de desnortear o espirito de João Chatel. Um dia, entrou elle na *camara das meditações*, onde de ordinario eram introduzidos os grandes peccadores. Era uma grande sala, á qual não chegava ruido algum do exterior, nem penetrava o mais tenue raio de luz. Ao meio caia suspensa uma lampada, que espalhava em todo o recinto uma claridade sinistra. A' excepção da parte da sala, que se contrapunha á porta d'entrada, e que era fechada por um cortinado negro, com lagrimas prateadas e caveiras bordadas, as paredes eram núas, e não tinham outros ornamentos senão pinturas, que representavam tudo quanto de mais macabro e bizarro póde inventar uma imaginação desorientada. Aqui, figuras de diabos disformes, em contorsões epilepticas, fazendo os mais horriveis tregeitos, despedaçados por outros individuos cujas fórmas é impossivel descrever; alli, esqueletos pendurados em forcas; montões d'ossos descarnados; mais longe mulheres núas chicoteadas até que o sangue lhes espirre das carnes; outras caidas por terra e os cães devorando-lhes as entranhas e os seios; homens extorcendo-se nas chammas; outros extendidos nas rodas, ou atenazados com ferros em braza. Hoje, este inferno medieval faria rir a toda a gente, n'aquella epocha só riam d'elle os jesuitas, e por isso o applicavam para facilmente se apoderarem das vontades vacilantes e enfraquecidas dos seus discipulos.

Um jejum de vinte e quatro horas observado por João Chatel, tinha precedido esta prova; e foi tremulo, exhausto e quasi anni-

quilado que se foi submetter á terrivel experiencia. Mal dera poucos passos que a vertigem se apoderou d'elle; a sua vista perturbou-se, as figuras monstruosas pintadas nas paredes começaram a animar-se, os grandes

Tentativa de incesto de João Chatel

olhos d'estas faiscavam, e já o desgraçado não ouvia senão gritos, gemidos e o ranger dos dentes dos suppliciados. As pernas faltaram-lhe e caiu redondamente no chão clamando: — graça e perdão!

Uma voz lenta e sepulchral, saindo detraz do cortinado, disse:

— João Chatel, ergue a cabeça e ouve. O que vens fazer aqui? Será para confessares os teus peccados? Até hoje não tens feito senão confissões mentirosas e sacrilegas; nunca abriste a tua alma com sinceridade, e as absolvições que tens recebido, longe de te valerem aos olhos de Deus, te têem sobrecarregado com outros tantos peccados mortaes.

— Perdão! Perdão! repetia João Chatel.

— O perdão não é para peccadores como tu, visto que o teu coração tem duvidado da misericordia e bondade de Deus. Tu não praticas a caridade, nem amas o proximo.

— E' certo.

— Tu injuriaste teus paes!

— E' verdade.

— Levantaste olhos concupiscentes para tua irmã, e quizeste commetter o incesto[1]!

— E' verdade.

— Has-de ser condemnado como foi o Anti-Christo, condemnado para sempre, a não ser que uma grande acção meritoria redima a tua falta.

— Muitas vezes tenho dito a mim mesmo, que talvez Deus me perdoasse, se eu affrontasse os supplicios que dão a corôa de martyr.

— Lembra-te de que Jacques Clement foi um miseravel como tu, e que hoje gosa a bemaventurança eterna[2].

— Então, murmurou Chatel, é permittido matar os reis?

— Por certo, quando estão fóra do gremio da Egreja e não são approvados pelo papa.

— Visto isso, se eu ferir Henrique de Bourbon, poderei remir os meus peccados e resgatar a minha alma?

— Lembra-te primeiramente de que Deus te ouve e que pune o perjurio. Deixa germinar esse pensamento em teu coração, faze penitencia, e a mesma voz que agora ouves te dirá quando convirá que conquistes o ceu.

As intrigas de Hispanha contra a auctoridade de Henrique IV continuavam constantemente. O rei, segundo a opinião do seu conselho, tomou a resolução de lhe declarar a guerra, embora o adiantado do outomno lhe não permittisse operar energicamente nos Paises-Baixos. O marechal de Bouillon e o conde Filippe de Nassau entraram no mez d'outubro no ducado de Luxemburgo; mas foram obrigados a renunciar á campanha. Por seu lado, o rei ameaçava o Artois e o Hainaut d'onde os hispanhoes inquietavam a provincia de Cambréses. Henrique deixou o exercito, e voltou a Paris, onde entrou a 27 de dezembro de 1594, entre seis e sete horas da noite, dirigindo-se logo ao palacio da sua favorita, Gabriella d'Estrées. Quando elle se adiantava para receber dois dos seus officiaes, os srs. de Ragni e de Montigni, que vinham cumprimental-o, um mancebo que o tinha seguido, e que se aproveitára da confusão da chegada para penetrar no interior do palacio, approximou-se de Henrique e vibrou-lhe repidamente uma punhalada. O golpe dirigido ao pescoço, poderia ter sido mortal, se o rei não se tivesse inclinado n'aquelle momento para abraçar os dois fidalgos. O punhal, pois, apenas feriu o labio superior e quebrou um dente da victima. Henrique gritou que estava ferido, e immediatamente se fecharam as portas do palacio. O conde de Soissons, reparando na pallidez e perturbação de João Chatel, disse-lhe deitando-lhe logo a mão:

— Ou tu, ou eu ferimos o rei!

João Chatel, que tinha deixado cair a arma, foi immediatamente levado para o *Fort-l'-Evêque*, e Henrique, sabendo que o homem que o pretendera matar era um discipulo dos jesuitas, pronunciou estas palavras, que a historia conservou:

— Pois era preciso que os jesuitas fossem convencidos pela minha bocca?

---

[1] Um historiador conta que este facto se deu em fins de dezembro de 1594. A familia Chatel acabára de cear em companhia de Claudio Lallemant, cura de S. Pedro dos Arcos, e commensal quasi effectivo da casa. Magdalena, a segunda filha, não assistia, por estar doente de cama, nem João, que havia dias se ausentára, por lhe ter o pae exprobrado a miseravel acção de ter levantado a mão para sua mãe. A ceia corria, pois, triste e debalde o cura procurava consolar Dionisia, mulher de Pedro Chatel e mãe de João. Repentinamente ouviu-se um grito doloroso e de soccorro do lado do quarto de Magdalena, e viu-se fugir um homem, que derrubou os que se oppunham á sua passagem, e no qual Pedro e Dionisia reconheceram seu filho!

Effectivamente era elle, que fugia depois d'uma lucta violenta na qual, debalde, procurára abusar de sua irmã! Pedro Chatel seguiu seu filho e foi apanhal-o junto d'uma das pontes do Sena, onde elle parára, indeciso se devia ou não deitar-se a afogar. Foi d'alli que, depois d'uma discussão violenta, Pedro, já alta noite, o levou ao collegio dos jesuitas, e o entregou ao padre João Gueret, que, durante dois annos, fôra seu professor de philosophia. Ficou então combinado que João passaria algum tempo no collegio, onde, na continuação do texto acima, veremos que qualidade de remedio os jesuitas applicaram ao desgraçado para o curarem.

[2] Effectivamente, em muitas egrejas de Paris do partido da Liga, Jacques Clement era venerado como santo, e o seu retrato figurava entre os registos dos bemaventurados em todos os livros de missa.

A noticia do crime espalhou-se logo em Paris, com a circumstancia de que o punhal estava envenenado; mas dentro em pouco se soube que a ferida não tinha gravidade. N'essa mesma noite cantou-se um *Te-Deum*, e alguns dias depois, a 5 de janeiro de 1595, o rei assistiu a uma procissão que se organisou em acção de graças, e que foi de *Notre-Dame* a Santa Genoveva.

João Chatel não negou o crime. O parlamento delegou um certo numero de conselheiros para irem ao collegio de Clermont, apoderarem-se das chaves, e collocarem guardas ás portas da casa. Reuniram os jesuitas na mesma sala, e pediram a relação de todos os membros do collegio. Só faltaram á chamadas tres padres que se achavam doentes na enfermaria. Deixaram com estes o reitor, e os outros, em numero de dezesete, foram conduzidos, entre uma forte escolta, a casa de Brizard, conselheiro do tribunal, e capitão do bairro em que funccionava o collegio. Nas ruas, o povo carregava-os de maldições, e tel-os-hia feito em postas, se os soldados os não protegessem. Foram logo todos encerrados na mesma sala e guardados á vista. Ao mesmo tempo, as portas dos quartos do collegio foram selladas e todos os membros da casa professa de S. Luiz considerados prisioneiros.

João Chatel, no seu primeiro interrogatorio, não tinha accusado nenhum dos seus mestres. O padre Gueret foi posto em liberdade. Mas o parlamento, tendo continuado com o processo, sujeitou o assassino a segundo interrogatorio, e ordenou que um conselheiro e o advogado geral procedessem a uma visita a todos os quartos do collegio, e que apprehendessem todos os escriptos que ahi encontrassem.

Bem informado o parlamento deu a sua sentença pela qual:

«...declarava o dito João Chatel accusado e convencido do crime de lesa-magestade divina e humana, e o condemnava:

«...a fazer abjuração publica em frente da porta principal da egreja de Paris, apenas em camisa, com uma tocha de cera do peso de dois arrateis, accesa na mão, e alli, de joelhos, dizer e declarar que desgraçada e traiçoeiramente tinha commettido o miseravel, inhumano e abominavel parricidio, e ferido o rei com um punhal na face; e, por falsas e condemnadas instrucções, dissera no processo que era licito matar os reis, e que o rei Henrique IV, ora reinante, não o era emquanto o papa lhe não desse a approvação; do que se arrepende e pede perdão a Deus, ao rei e á justiça. Feito isto será conduzido e levado n'uma carroça á praça da Gréve, e alli atanazado nos braços e nas coxas, e cortada a mão direita que segurará o punhal com que procurou perpetrar o parricidio. Depois, o seu corpo será puxado e desmembrado por quatro cavallos, e os seus membros lançados ao fogo, consumidos em cinzas e as cinzas lançadas ao vento...»

«...ordena que os padres e escolares do collegio de Clermont, e todos os outros, que se dizem da dita sociedade, como corruptores da mocidade, perturbadores do socego publico, inimigos do rei e do Estado, despejarão as suas casas e sairão para fóra de Paris, e outras cidades e localidades em que têem collegios, no praso de tres dias depois de intimados por esta sentença, e do reino no termo de quinze dias, sob pena de que, se, passado este tempo, forem encontrados, serão punidos como criminosos e culpados do dito crime de lesa-magestade.»

«...os bens que lhes pertencem, tanto moveis como immoveis, serão empregados em obras pias, e distribuidos da fórma que o tribunal determinar. Prohibe a todos os subditos do rei de enviarem alumnos para os collegios fóra do reino que pertençam á mesma sociedade, sob pena do mesmo crime de lesa-magestade...»

Os commissarios delegados pelo parlamento encontraram no quarto de João Guignard, escriptas pela sua mão, as seguintes proposições:

1.º—Que se, no anno de 1572, em dia de S. Bartholomeu, se tivesse sangrado a veia basilica, não teriamos passado da febre á doença que agora soffremos; mas, por se ter poupado sangue, elles puzeram a França a ferro e fogo. (A veia basilica referia-se a Henrique de Navarra e ao principe de Condé).

2.º—Que o Nero cruel (Henrique III) foi morto por um Clemente, e o frade fingido

despachado pela mão d'um frade verdadeiro.

3.º—Diremos: um Nero, do Sardanapalo de França, uma raposa do Bearnês, um leão de Portugal, uma loba d'Inglaterra, um griffo da Suecia e um porco de Saxe?

4.º—Pensaes que seria bonito ver tres reis, se reis se podessem chamar, a taes como o defunto tyranno, o Bearnês, e esse D. Antonio, pretenso monarcha de Portugal?

5.º— Que mais bello anagramma jámais se encontrou do que esse que se encontrava no nome do rei defunto, que dizia: *Vilain Hérodes.*

6.º—Que o acto heroico, practicado por Jacques Clement, como dom do Espirito Santo, assim chamado pelos nossos theologos, foi justamente celebrado pelo defunto prior dos dominicanos, Bourgoing, como confessor e martyr, por muitas razões, tanto em Paris, o que eu ouvi com os meus proprios ouvidos, quando elle explicava o livro de Judith, como no parlamento de Tours, o que o dito Bourgoing, sellou com o seu proprio sangue e sagrou com a sua propria morte; e que era preciso desmentir o que os seus inimigos propalavam, que elle se desdisse á hora da morte, como acto detestavel.

7.º—Que a coroa de França podia e devia ser transferida a uma outra familia que não fosse a dos Bourbons.

8.º—Que o Bearnês, desde que se converteu á fé catholica, seria tractado mais suavemente do que merecia, se lhe abrissem uma coroa de frade n'algum convento bem reformado, para ahi fazer penitencia de todos os males que tinha causado á França e agradecer a Deus, de lhe ter dado a graça de se lhe ter feito reconhecer antes da morte.

9.º Que se acaso um rei se não póde depôr senão por meio da guerra, que se guerreie; se se lhe não póde fazer a guerra, que o assassinem.

O parlamento condemnou João Guignard ás mesmas penas a que tinha condemnado João Chatel, da abjuração á porta da egreja, e depois a ser enforcado e estrangulado, o cadaver queimado e as cinzas lançadas ao vento.

Esta sentença tem a data de 7 de janeiro de 1595.

Nos termos da sentença dada contra o jesuita, quando este foi enforcado e estrangulado no cadafalso, o algoz atirou o cadaver para a fogueira, e depois as cinzas foram lançadas ao rio, como tinham sido as de João Chatel.

Segundo uma folheto d'aquella epoca, aconteceu por esta occasião um facto que deu muito que pensar, e que moderou a alegria que tinham causado as sentenças do parlamento. Quando se deitou ao rio o que restava do jesuita, notou-se que o livro contendo as doutrinas regicidas, e que o paciente levava pendurado ao pescoço, apenas chamuscado pelo fogo, veiu á tona d'agua e desceu o Sena impellido por um formidavel vento de leste. «Facto, diz o chronista, que foi considerado por muitos como um manifesto e deploravel prognostico certo de que a companhia de Jesus, derribada por uma sentença do parlamento, voltaria ainda á tona d'agua por uma sentença do inferno, para grande mal da nossa pobre França.»

João Gueret, antigo professor de philosophia de João Chatel, accusado de ter sido informado pelo assassino do projecto que fizera de matar o rei, e não o ter desviado d'elle, foi condemnado a ser expulso de França por toda a vida, e os seus bens confiscados. Um outro filho de Loyola, o padre Alexandre Hay, jesuita escosses, foi igualmente banido para sempre. Este santo homem passava a sua vida ultrajando o rei. «Se Henrique passar pela frente do collegio, tinha elle por costume dizer, não hesito em me lançar sobre elle, d'uma janella abaixo, só para ter o prazer de o esmagar.»

A mesma pena foi applicada a João Lebel, discipulo dos jesuitas, por incitar os seus companheiros a irem frequentar no extranjeiro as escolas d'estes mestres do crime, e de possuir manuscriptos do seu regente, tratando os mesmos assumptos que o padre Guignard tratára e no mesmo espirito.

Pedro Chatel foi condemnado a nove annos de degredo, a uma multa de 2:000 escudos, e ter a casa arrasada. O resto da familia absolvida.

Immediatamente, a casa dos Chatel foi arrasada, a charrua passou por sobre a terra em que fora edificada, e toda a superfi-

cie, assim posta, coberta de sal. Pouco depois foi alli construida uma pyramide, destinada a perpetuar a expiação do crime. Este monumento constava d'um corpo em

João Chatel tenta contra a vida de Henrique IV

fórma de pilastra, assente sobre tres degráus, e coroado por uma pyramide, encimada por uma cruz. Em cada face da pilastra-base, lia-se uma inscripção, que enchia o fundo de cada uma d'ellas, encaixilhada n'uma especie de portico.

Na face que olhava para o sul lia-se:

«Tu que passas, extranho ou cidadão de esta cidade de Paris, ouve-me a mim pyramide, que fui outr'ora a casa de Chatel; mas que por ordem do parlamento em sessão solenne fui arrasada até os alicerces, em castigo d'um crime espantoso. O que me reduziu a este lamentavel estado, foi o crime d'aquelle que me habitava, crime que elle commetteu por ter sido educado n'uma

escola impia, por mestres perversos que se glorificavam com o nome de salvadores da patria. Este filho, primeiramente incestuoso, bem depressa se converteu em parricida do seu principe, que, comtudo, acabava de salvar a sua cidade de se perder, e que, protegido pelo Senhor, cujo auxilio lhe fez merecer muitas victorias, pôde evitar o golpe d'um assássino desesperado, em troca d'uma ferida na bocca.

«Retira-te, tu que passas; a minha infamia, que manchou toda a nossa cidade, me impede de te dizer mais.»

Em 29 de dezembro os jesuitas foram expulsos do collegio de Clermont por ordem do parlamento, que obteve de muitos dos alumnos declarações, confissões e confidencias que acabaram de perder completamente estes padres no conceito dos homens de bem. No ultimo dia do anno, foi lida aos jesuitas, reunidos na casa professa, a sentença que os expulsava.

Esta leitura foi ouvida no meio d'um silencio sinistro. O padre provincial, Clemente Dupuis, respondeu que obedeceria á sentença; depois, fingindo uma grande humildade, pediu que lhe fosse permittido pedir algumas modificações na pena, e no dia seguinte enviou ao parlamento uma petição n'esse sentido. Mas o grande tribunal apenas concedeu alguns dias de demora para a saida dos empregados e gente subordinada. Os bens confiscados aos jesuitas foram distribuidos a differentes pessoas, e a bibliotheca dos professos dada aos monges de S. Jeronymo.

No domingo, 8 de janeiro de 1595, todos os jesuitas sairam de Paris, á excepção do padre Gueret, e seis outros que ficaram presos, até 10 do mesmo mez, em que foram enviados para Lorena ajuntarem-se ao resto da alcatéa.

Foi no meio dos applausos da multidão que a negra cohorte saiu da capital da França. Chegados ás portas, por onde deviam passar, diz-se que os jesuitas se voltaram todos como impellidos pela mesma mola, e lançaram um longo e sinistro olhar para a cidade que os bania.

Quem sabe se n'esse momento não pensavam, já na hora em que haviam de voltar, e na maneira como se vingariam do ultraje recebido. Da multidão surgiram clamores de odio e gritos de morte, e se o povo os não trucidou, foi porque appareceu a protegel-os um velho e venerando sacerdote, que não era jesuita. E assim como o algoz, lançando ao Sena as cinzas de Chatel e Guignard, dissera: «Deixae passar a justiça do rei»; assim o venerando velho, extendendo a mão para os jesuitas, clamou: «Deixae passar a justiça de Deus!»

# XXIII

## Concessões inuteis

Foi terrivel a colera d'Aquaviva, então geral dos jesuitas, quando soube que a sua gente havia sido banida de Franca, e immediatamente recorreu ao papa Clemente VIII para lhe fazer partilhar os seus sentimentos de odio contra esta nação. Clemente VIII, se não annuiu a todas as exigencias dos jesuitas, partilhou em parte o resentimento do geral, e varias vezes repetiu ao embaixador de Henrique IV, o cardeal d'Ossa, que estava em Roma tratando da absolvição do rei, «que era uma injustiça punir uma ordem inteira, pela falta de um ou dois dos seus membros.»

Este desabafo tem a vantagem de ser a confirmação da criminalidade dos jesuitas pela bocca infallivel do papa.

Apesar da sentença do parlamento que os bania, os jesuitas não abandonaram completamente a França. Da Borgonha só sairam de todo quando os partidarios do duque de Mayenne foram vencidos. N'outras localidades em que era despresada a auctoridade do rei, principalmente em Tolosa e no sul, contentaram-se em mudar de nome e de roupeta, e ficaram. Pouco e pouco, como os amphibios que vem resfolegar ao sol quando se julgam em segurança, os reverendos padres, depois de terem farejado os ares politicos, trataram de sair da sua immobilidade e do seu silencio. Foi, sem duvida, a tentativas d'este genero que o parlamento quiz obstar pela sua sentença de 1597, na qual prohibia a todo e qualquer jesuita de ensinar publica ou particularmente, prohibição que de facto se não comprehenderia, visto que, em 1594, os jesuitas tinham sido banidos, e a sua sentença não tinha sido annullada.

Os capuchinhos, a quem os jesuitas encarregaram da defesa das suas doutrinas durante a sua ausencia, mostraram-se dignos filhos de taes mestres, e de todo o clero regular e secular, foram os unicos que pertinazmente se recusaram a resar pelo rei; e dos sete ou oito miseraveis que, durante o exilio dos jesuitas, quizeram seguir o exemplo de João Chatel, tres d'elles foram capuchinhos.

Henrique IV, julgando conciliar o favor dos jesuitas, hesitou muito antes de auctorisar a sua expulsão. Mas assim que elles sairam de Paris, respirou mais livremente. Vem a proposito citar o trecho d'uma carta sua, datada de 17 d'agosto de 1595, que se refere ao assumpto:

«A'cerca do pedido dos ***, ingenuamente respondi ao legado, que se eu tivesse duas vidas daria uma de boa vontade para satisfazer sua santidade, mas como não tenho senão uma, quero poupal-a e conserval-a para os meus subditos, e com ella servir sua santidade e a christandade; visto que *esses homens* se mostram ainda tão apaixonados e atrevidos,onde ficaram no meu reino, que são insupportaveis, continuando a seduzir os meus subditos, a intrigarem, não tanto para convencerem e converterem os de religião contraria, como para se firmarem, conquistarem auctoridade no meu Estado, enriquecerem-se

e augmentarem á custa de todos, podendo dizer que nem os meus negocios prosperaram, nem a minha pessoa ficou segura, senão depois que os *** foram banidos d'aqui.»

Seria longo noticiar a serie de intrigas, protecções e influencias de toda a ordem que foram postas em actividade para que Henrique IV consentisse na volta dos loyolenses. O rei, como vimos pela carta acima, tinha um grande terror *d'aquelles homens*. A primeira de todas as influencias era a do papa, então amigo dos jesuitas, que concedeu a absolvição a Henrique a troco da promessa da reentrada dos reverendos padres.

O certo é que os jesuitas conseguiram que fossem *tolerados* nas jurisdicções dos parlamentos de Bordeus e de Tolosa, onde tinham um grande numero de casas e de collegios, e ahi recomeçaram os cursos, e, n'outras jurisdicções, mudando de roupeta, foram pouco a pouco abrindo collegios, no meio de fraudes e luctas. Estas luctas, que alteravam a paz do reino, levaram Henrique IV a querer proceder energicamente contra a seita de Ignacio; mas de novo o papa interveiu, e Henrique suspendeu o golpe, que mais tarde o ha-de ferir a elle.

Não descançavam elles, porém, tal era a sêde que tinham da carniça franceza. Quando Maria de Medicis partiu de Toscana, para vir matrimoniar-se com Henrique IV, os jesuitas fizeram com que se lhe lançasse aos pés e intercedesse por elles uma pobre allucinada e louca, Maria Magdalena de Pazzi, a quem o povo attribuia muitos milagres e chamava santa. Em França puzeram em exercicio certas *machinas* milagrosas, que raras vezes deixam de produzir uma grande impressão no povo. Contaremos um d'esses expedientes, a fim de que o leitor fique conhecendo que não houve meio algum de manha, força, embuste ou violencia de que os reverendos padres não lançassem mão para se sustentarem. Empregaram tambem meios honrados e de virtude, mas foram tão raros, tão filhos mais das circumstancias que das vontades, que desapparecem no acervo monstruoso dos inconfessaveis e criminosos.

Assim, em 1599, appareceu uma pretendida endemoninhada, chamada Martha Brossier, da aldeia de Sologne, que tendo percorrido por algum tempo a provincia em companhia de seu pae e de duas irmãs, entrou em Paris, alli pelo meado de abril. A sua chegada causou logo grande ruido. Os capuchinhos, que, como dissemos, tinham ficado encarregados dos negocios dos jesuitas, mandaram ir a mulher ao seu convento, isto com grande espalhafato, e a exorcismaram, convertendo o exorcismo n'uma verdadeira farça. Parece que as palavras pronunciadas por Martha, durante a *possessão*, tendiam a fazer considerar o seu estado como o da França, isto é, assim como ella *endemoninhada* estava possessa *dos filhos das trevas*, assim a França o estava dos huguenotes. Convem dizer que o rei acabava de publicar o celebre edito de Nantes [1]. A farça era, como se vê grotesca; mas por isso mesmo tinha uma grande influencia na multidão, e as coisas iam tomando um tal caminho, nas mãos dos capuchinhos, que o rei determinou mandar prender a endemoninhada.

Parece que a prisão teve mais effeito do que a agua benta, porque durante quarenta dias de reclusão esteve sempre tranquilla, findos os quaes foi mandada para a terra. Os capuchinhos prégaram contra a justiça que assim usurpava funcções ecclesiasticas. Porém, apesar de todas as prohibições, houve um padre que foi buscar Martha, e partiu com ella para a Italia, provavelmente explorando-a. O rei requisitou que o padre voltasse a França e Martha, abandonada por elle, morreu de miseria em Roma.

Como, porém, nenhum d'estes meios surtisse o desejado effeito; os jesuitas recorreram *até* á protecção de La Varenne [2]; d'onde se vê a eterna applicação da maxima de Loyola: «*os fins justificam os meios.*»

Graças a esta protecção, saída da lama

[1] Por este diploma, como depois veremos mais largamente, Henrique IV extendia e confirmava os direitos e seguranças consentidas aos huguenotes por editos ou tratados anteriores. As causas que determinaram este acto foram religiosas, politicas e sociaes. Era o respeito á consciencia humana; era portanto a raiva, o rancor e o odio jesuitic.o

[2] Para que se comprehenda o nosso *até*, baste que se saiba que La Varenne era o fornecedor de mulheres para o rei!

mais infecta, os jesuitas obteem restabelecer-se abertamente, em 1603, na cidade de La Fleche, e, de concessão em concessão, conseguem que o rei, estando em Ruão, passe aos jesuitas cartas de restabelecimento, selladas com o seu sello grande.

Recusa-se o parlamento a registar o diploma, e o seu presidente, tão grave como triste, dirigiu-se ao rei e disse-lhe:

«Senhor, não queira obrigar o seu fiel parlamento a consagrar um acto que elle considera como fatal á paz do reino e perigoso para a vida de V. Majestade... Os jesuitas teem sido sempre os incitadores de todas as discordias dos tempos desgraçados de que apenas nos começamos a retemperar. As suas doutrinas são funestas a toda e qualquer auctoridade; e os seus actos não valem mais. Quem alistou, armou e impelliu Barrière? foi um jesuita, o padre Varade. Quem excitou João Chatel? os jesuitas Guignard e Gueret. A quem é attribuido, e com justo motivo, o assassinio de Henrique III? Á sociedade de Jesus como corpo collectivo, que sempre se pronunciou contra elle!—Não tinha a horrivel facção dos Dezeseis escolhido para chefe o padre Odon Pigenat!... Se lançarmos os olhos para os diversos estados da Europa a licção será mais terrivel!» O primeiro presidente, fa-

O jesuita Guignard conduzido ao supplicio

lou ainda por algum tempo n'este tom, e, chorando, supplicou ao rei de não envolver o seu fiel parlamento n'uma medida que, cedo ou tarde, seria fatal para a França e para o rei.

Henrique IV respondeu commovido: que acceitava os termos da representação, mas que não podia dar-lhe despacho. Agradeceu o zelo do seu parlamento; mas ajuntou que esse zelo ia muito longe, pretendendo oppôr se ao que elle determinára fazer. «Reflecti muito sobre este assumpto, continuou o principe, espero que a sociedade que de novo chamo tenha adquirido no exilio o tino e a prudencia, e que quanto mais criminosa foi julgada, tanto mais se esforçará para se mostrar innocente. Quanto aos perigos que esta medida me fará correr, estou acostumado a affrontal-os. O que resolvi está resolvido!...» [1]

Sete ou oito annos depois da sua reentrada, já tinham valores na importancia de 300:000 escudos de oiro [1] de renda. A sua casa de La Fléche tinha custado 600:000 libras [2]. Em Paris edificaram um noviciado, em cujo recinto, diz um escriptor da epocha, se podia estabelecer uma cidade.

O rei tomou algumas precauções contra elles; mas o que valem precauções onde nunca existiu senso moral, (já vimos como elle faltou absolutamente a Ignacio de Loyola, e d'isso elle tirou um grande elemento de força), e em gente educada no regimen das *restricções mentaes*.

Baste um facto. O confessor do rei era o jesuita Cotton, pois este homem abusava do que sabia no confissionario, do que via e ouvia no palacio para informar o rei d'Hispanha, o tradicional inimigo do rei e da França!

E o padre Cotton [3] era francês !!!

Foi, a pedido de Cotton, que o rei consentiu na demolição da pyramide de João Chatel; mas o que elles nunca conseguiram da historia, foi o esquecimento da memoria infamante que pesa sobre elles.

---

[1] Nos historiadores da companhia correm outras respostas, mas escusado é dizer que são falsas, e fabricadas expressamente para defesa da sua causa. E' um facto provado, que é rara a pagina da ***Historia dos Jesuitas*** composta por elles, de que nos possamos fiar, tal é o tecido de mentiras com que elles a transformam. Henrique IV, desabafando com Sully disse-lhe: «Por necessidade sou obrigado a fazer uma de duas coisas, a saber: ou admittil-os (os jesuitas) pura e simplesmente... ou expulsal-os d'uma vez para sempre; ora isto, nas actuaes circumstancias, seria leval-os ao desespero extremo, e d'ahi aos intentos de ***attentarem contra a minha vida***; o que me tornaria esta mizeravel e sem animo, andando sempre em sobresaltos de ser ***apunhalado*** ou ***envenenado***, (porque esses homens teem amigos e correspondentes em toda a parte, e uma grande dextreza em disporem os espiritos conforme lhes apraz,) o que mais valia morrer logo!...»

[1] Com o cambio ao par, 54 contos da nossa moeda

[2] Mais de 100 contos de réis.

[3] O padre Cotton, tendo perdido o valimento do rei, readquiriu-o elogiando-lhe os instinctos sensuaes, e aconselhando-o sempre na protecção dos filhos illegitimos contra os legitimos. Este padre Cotton era, além de tudo, um lubrico incorrigivel. Em Avinhão teve amores com uma freira. Uma outra das suas affeições mais do peito foi uma fidalguinha de Nimes, da familla de Cloronsac a quem o jesuita escrevia cartas, das quaes extractamos o seguinte trecho: «Espero em breve poder-lhe pagar o capital e os juros da ausencia... A affeição que lhe consagro é tal, que não conto ter no paraiso uma completa alegria, se lá a não encontrar.»

Decididamente o padre Cotton sonhava com um paraiso de Mahomet.

# XXIV

## Lagarde e Ravaillac

Os historiadores, e os maiores da França, têem discutido se Francisco Ravaillac, assassinando Henrique IV, foi um instrumento de mandantes, bastante habeis para lhe fecharem a bocca, mesmo no meio dos mais horriveis tormentos, ou se obedeceu ás solitarias inspirações d'um cego fanatismo?

Não nos cabe a gloria de resolver em absoluto o problema; mas, sim, mostrar que se os jesuitas n'este crime não foram os instigadores directos do criminoso, fizeram, pelo menos, tudo quanto esteve em seu poder para lhe não desviarem o braço. O certo é que a Austria, a Hispanha, Maria de Medicis e d'Epernon, chefe do partido catholico de França, conspiraram juntos ou separadamente para a morte do rei, e os jesuitas foram os confessores, as pessoas de confiança de todos estes interessados.

Não nos cumpre estabelecer supposições que demonstrem que houve, pelo menos, um momento em que todos estes elementos de conspiração se entenderam e trabalharam d'accordo; o nosso fim é mostrar, com factos irrefutaveis, que os jesuitas andaram envolvidos na conspiração, que alliciaram um assassino, e que por fim, sabendo que o rei ia ser morto, o não preveniram nem avisaram.

No primeiro caso temos a conspiração urdida em Napoles, e o instrumento escolhido o capitão Lagarde; no segundo crime, levado a effeito por Francisco Ravaillac, Pedro Dujardin, mais conhecido pelo nome de capitão Lagarde, publicou um manifesto [1] no qual se vê que, n'um certo momento, os jesuitas. Filippe III e o duque d'Epernon, estavam d'accordo.

Lagarde era um d'esses soldados aventureiros cuja vida era guerrear, a sua riqueza o espadeirão sempre afiado, sempre prompto a sair da bainha. Tinha servido muitos annos a França; e, em 1608, voltando da Turquia, demorou-se em Napoles, onde travou conhecimento com um tal La Bruyère, refugiado da Liga, que vivia em relações d'amisade com outros refugiados alli residentes. Um dia, estes refugiados levaram o capitão a casa do padre Alagon, jesuita hispanhol, tio do duque de Lerma, primeiro ministro de Filippe III e que com elles vivia em grande intimidade.

Por meio de lisonjas o jesuita procurou captar a sympathia e confiança de Lagarde; e assim que soube que elle tinha servido ás ordens do marechal de Biron [2], cuja morte ainda lamentava, julgou-o nas condições de poder avivar n'elle o odio a Henrique IV e não temeu dizer-lhe: «Que Deus o tinha conservado, a elle capitão, para servir a christandade, e que, se elle o acreditasse, poderia

---

[1] *Factum* du capitaine la Garde — 4.° vol. de l'Estoile, edt. de 1741.

[2] O marechal Biron, que teve grandes talentos militares, e foi sempre um militar valente, mais dissoluto em costumes e insaciavel em questões de dinheiro, tinha conspirado com o rei d'Hispanha para desmembrar a França em proveito d'aquella, foi decapitado como traidor em 31 de julho de 1602.

ainda a vir a ser o homem mais feliz dos da sua condição, no reino do mais poderoso monarcha da terra, onde lhe seria abonada uma grossa quantia de dinheiro.»

Lagarde resolveu fingir que se deixava seduzir para conhecer a fundo a conspiração, e continuou frequentando o jesuita, e banqueteando-se nos festins que lhe offereciam. «No ultimo jantar a que foi convidado pelo secretario do defunto marechal de Biron, Hebert, quando já todos estavam á mesa, entrou na salla um homem desconhecido de Lagarde, mas que os convivas receberam com grandes caricias, e a quem pediram que se sentasse e jantasse com elles. Este individuo, tão digno de ser accolhido n'aquella companhia, sentou-se, jantou, e tendo-lhe alguem perguntado que fim o levava a Napoles, respondeu que era portador de cartas para o vice-rei, da parte d'um senhor francês cujo nome declinou [1]. Disse mais, que esperava, no fim do jantar, obter resposta das cartas, para se retirar para França, onde, assim que chegasse, era preciso que, mesmo a preço de sua vida, matasse o rei, e isso trataria de fazer sem a menor hesitação.»

Este homem, recebido em casa do secretario do traidor, mensageiro do duque d'Epernon, e que assim tão imprudentemente confessava a premeditação do crime era:—Francisco Ravaillac.

No dia seguinte, Lagarde foi levado por La Bruyère a casa do padre Alagon. Este religioso homem recebeu-o de novo com muitas caricias, renovou a offerta «se levasse a effeito o parricidio; perguntou-lhe se nada tinha ainda resolvido sobre o assumpto; se assim queria perder a occasião de se adeantar na carreira, etc., etc. Na continuação da conversa o jesuita não dissimulou, (o que Lagarde já sabia) que Ravaillac se tinha encarregado de executar o projecto, mas como se quizesse animar o capitão, dando-lhe provas d'uma particular confiança, instou com elle para que se apressasse em auxiliar a missão, que elle o achava digno d'uma tal empresa, pela qual faria com que lhe contassem 50:000 escudos, e o fizessem grande d'Hispanha.»

Lagarde perguntou ao jesuita como é que se poderia attentar contra a vida do rei, ao que o padre Alagon respondeu: — Com uma pistola quando elle andar na caça dos veados!

Então, pediu oito dias para pensar no caso, e n'esse interim contou tudo a Zamet, irmão do celebre financeiro d'este nome. Saiu de Napoles com um pretexto qualquer, e, tendo chegado a Gaêta, ahi recebeu uma carta de La Bruyère na qual «lhe falava ainda da execução do projecto.» Em Roma conferenciou com o ministro francês Villeroy. Assim que chegou a França, foi logo a Fontainebleau procurar o rei a quem entregou a carta recebida em Gaêta. O rei respondeu-lhe que já estava ao facto de tudo, exhortou-o a servir fielmente, e terminou por lhe dizer, que reduziria a tal ponto os seus inimigos, que nada teria a temer d'elles.

Tendo falhado esta tentativa, foi preciso lançar mão de Ravaillac, individuo nas condições de executar os maiores crimes.

Ravaillac nascera em Angoulême, fôra noviço nos *feuillants* [1], onde apenas se demorou seis semanas, visto que os religiosos o mandaram embora «por causa das idéas negras e das visões que o agitavam.»

Pouco depois de ter saido do mosteiro, foi accusado de ter morto um homem; mas o crime nunca se provou. A necessidade de viver obrigou-o a exercer o officio de solicitador de processos. Solicitando n'um em que era auctor, perdeu-o, e isso o reduziu á miseria, aggravada ainda com maluquices de feitiçarias. Sem outro meio de vida, dedicou-se a mestre de meninos. Entretanto seguia com enthusiasmo as idéas da Liga e não perdia um unico d'esses sermões, nos quaes jesuitas e capuchinhos, principalmente, excitavam ao regicidio e faziam ver como uma gloria, digna d'eterna e celestial recompensa a morte do rei.

Um homem n'estas condições era instrumento apropriado a executar os projectos dos inimigos de Henrique IV; pois reunia em si

[1] O duque d'Epernon, alliado da Hispanha, e chefe do partido catholico de França.

[1] Era assim denominado um dos ramos reformados da ordem de Cister.

Ravaillac assassinando Henrique IV

todas as qualidades d'essas personagens vis, cuja missão consiste em executar as sentenças de morte que secretamente são proferidas contra as testas coroadas, ou quem quer que seja que esteja em evidencia. Portanto, nada se poupou para lhe conservar e animar as tenções homicidas. «Os que o seduziram diz Mazeray, encontraram quem constantemente o obcecasse, sem que elle o percebesse; fizeram-no instruir nas suas doutrinas, encantaram-lhe o espirito com suppostas visões, e outros semelhantes artificios.»

Levaram a precaução até a fornecerem-lhe dinheiro, sem que elle soubesse precisamente donde elle vinha; mas sempre quantias pequenas, com medo de que uma quantia maior, produzindo um certo bem estar, não o demovesse do intento [1].

N'uma das occasiões em que elle esteve em Paris foi hospedado em casa de uma tal Escoman — especie de alcoviteira d'amores a serviço de varias damas da corte, e, entre outras de Henriqueta d'Entragues, marqueza de Verneuil, a antiga amante de Henrique IV, — a pedido d'esta. Aqui tiveram começo as revellações dos projectos de que Ravaillac era instrumento, e tambem as desconfianças da marqueza de Verneuil, que, á cautella, mandou a Escoman viver para casa d'uma sua amiga, M.lle Du Tillet, cunhada do presidente Séguier, e amante de D'Epernon. Aqui, a Escoman teve conhecimento perfeito e completo da conspiração contra a vida do monarcha, e então n'aquella consciencia, aliás até alli bastante accommodaticia, começou a tomar vulto o remorso de se calar; e resolveu prevenir o rei. No dia da Annunciação (25 de março de 1609), saindo de casa, encontrou Ravaillac, que lhe disse que vinha do bosque de *Malzerbe* [2] e lhe declarou terminantemente que estava resolvido a pôr em pratica quanto antes o seu projecto.

Não hesita mais; corre ao Louvre, supplica que a deixem falar á rainha, dizendo que vae n'isso a vida do rei, e offerece fornecer, como prova do que diz, cartas importantes que estão a ponto de partir para Hispanha. A rainha não a recebe, e parte para Chartres e Anet.

Ravaillac, tendo pensado na imprudencia que fizera, revelando a proximidade do crime, e encontrando a Escoman, no dia de Corpo de Deus, supplicou-lhe que nada dissesse do que elle lhe tinha contado; «porque já se arrependera do que projectára.»

Foi então que ella teve a idéa de ir aos jesuitas e de falar ao padre Cotton, que, como já dissemos, era o confessor do rei. Quando bateu á porta da casa professa já elle tinha saido, mas em seu logar falou ao padre procurador, que lhe disse que se quizesse encontrar o padre Cotton tinha que vir no dia seguinte muito cedo, porque elle devia de partir de manhã para Fontainebleau. Este religioso ajuntou que «se era coisa que se lhe podesse dizer, elle lhe faria a mais fiel narrativa.»

Volta ella, no dia seguinte de madrugada; e o padre procurador noticia-lhe que o confessor de rei já partira. Então confessa tudo ao procurador e pede-lhe que o faça saber ao padre Cotton, para elle prevenir o rei. O procurador ouviu-a, prometteu fazer o que ella pedia, deu-lhe a bençam e mandou-a em paz, advertindo-a, porém, «que era prudente não se envolver em coisas d'aquellas; visto que podia tambem ser accusada de cumplicidade.» Poucos dias depois a Escoman era presa.

O leitor imparcial que diga se este procedimento dos jesuitas denota ou não a sua cumplicidade no crime.

Na manhã de 14 de maio de 1610 Ravaillac dirigiu-se á egreja de S. Severino, confessou-se ao jesuita d'Aubigny—a quem anteriormente confessara as visões que tivera [1], recebeu d'elle a communhão e ha até quem afiance — o que não era para admirar — que no acto d'esta o sacerdote aben-

[1] *Le Grain*, liv. 10. pag. 500, diz: «que havia dois annos que Ravaillac seguia tenazmente a corte para matar o rei. Devia ser á custa de alguem; e esse alguem não é difficil dizer quem fosse.

[2] E' o castello de Malesherbes, residencia então de Henriqueta d'Entragues.

[1] Parece que Ravaillac não disse tudo quanto confessara ao jesuita, porque este, chamado a depor declarou não ter nunca visto Ravaillac; o que era mentira. É curioso ver um assassino dizer a verdade, e poupar os seus instigadores e um padre negal-a impudentemente.

çoara o punhal, que horas depois devia atravessar o peito de Henrique de Navarra.

Pelas quatro horas da tarde, o rei saiu do paço, para ir inspecionar os trabalhos decorativos para a entrada da rainha, que na vespera tinha sido sagrada em S. Diniz. Passara um dia afflicto, tantos eram os prognosticos de morte que se succediam de momento a momento. O proprio passeio fora suggerido pela sua roda de cortezãos, na intenção de o distrairem.

Ravaillac, sentado n'uma pedra á porta do Louvre, vigiava todos os movimentos.

Henrique desceu e entrou para um coche de nova invenção, aberto por todos os lados, e do qual elle occupava o assento do fundo, tendo á sua direita o duque d'Epernon, e em frente o marquez de Mirabeau e Duplessis de Liancourt. Nos dois vãos das portinholas, aonde então se accommodavam assentos, os marechaes de Lavardin e de Roquelaure, á direita, o duque de Montbayon e o marquez de la Force, á esquerda. O rei, a fim de estar mais livre, e menos observado, tinha dispensado os piquetes.

O coche havia chegado á rua de la Ferronnerie, e ahi um embaraço de carroças [1] obrigou-o a parar. Aproveitando-se da circumstancia, Ravaillac, que o tinha seguido desde que elle saira do Louvre, approximou-se, como quem quer ver o rei mais de perto. N'este momento Henrique, que se inclinara para falar a Lavardin, dá repentinamente um grito abafado e cae nos braços do duque d'Epernon, que no mesmo instante se vê coberto de sangue, que em golfadas sae do peito e da bocca do rei. Ninguem vira o assassino, que tivera tempo de descarregar por duas vezes o punhal no peito da sua victima! O primeiro golpe resvalára d'encontro a uma costella, mas o segundo foi direito ao coração, segundo Péréfixe e l'Estoile, e á veia cava, segundo Rigaut e o *Mercure Français*, e matou Henrique quasi instantaneamente!

Vendo cair o rei, vendo-o banhado em sangue que saia a jorros, os fidalgos que o accompanhavam levantaram-se aterrados, gritando como loucos. Emquanto uns sustêem o ferido, outros saltam do coche, e gritam que prendam o assassino. Este, porém, nem sequer pensava em fugir. Commettido o crime, tinha ficado ao lado do coche, com o punhal ensanguentado na mão; portanto foi logo preso sem lucta, conduzido, por ordem d'Epernon, — que se constituiu em governador do reino, como se já esperasse o tragico acontecimento, — primeiramente ao palacio de Retz e depois ao Louvre, emquanto não foi entregue ao grande preboste. O coche voltou para o paço, levando o corpo inanimado do rei.

Não entra no plano d'este trabalho a narrativa dos acontecimentos politicos que se seguiram em França a este crime. Ravaillac, preso e sugeito á tortura, nada confessou, e teimou sempre em declarar que não tivera cumplices; mas não deve deixar de mencionar-se um facto symptomatico. Entre as pessoas, que nos primeiros dias foram ver o prisioneiro, contou-se o jesuita Cotton, confessor do rei defunto, que não se cançou de recommendar a Ravaillac que «por modo algum accusasse innocentes.»

Não seremos nós, mas um historiador já citado [1] que apreciará as palavras de Cotton e d'ellas tirará as suas legitimas consequencias. «O que é que aproveitou aquelle que, indo visitar Ravaillac á prisão, o admoestou que não accusasse os innocentes, senão fazer lembrar ao criminoso a principal maxima d'essa damnada doutrina que consiste em não revelar os cumplices, se se quer ganhar o paraiso, e dar ao acto a sua perfeição!»

Já acima alludimos á confissão que Ravaillac fez ao jesuita d'Aubigni; no correr do processo este, confrontado com o criminoso, negou conhecel-o; o que foi um indicio a mais da cumplicidade, pelo menos tacita, dos jesuitas.

Durante a instrucção do processo, era voz publica que o attentado, se não fora devido directamente á instigação dos jesuitas, era resultante das suas doutrinas, discutidas nas escolas, publicadas em livros e prégadas no pulpito.

A 27 de maio, Francisco Ravaillac foi con-

---

[1] Ha quem affiance que este embaraço não foi fortuito.

[1] Le Grain.

demnado ao supplicio dos parricidas. Seus paes foram banidos do reino, e todos os parentes que usavam o appellido de Ravaillac foram intimados a adopatrem outro. Depois de ter soffrido por varias vezes a tortura, teve a mão regicida queimada com enxofre inflammado, atanazaram-lhe os seios, os braços, as coxas das pernas; e nas horriveis chagas lançaram enxofre, pez e cera a arder!

Terminaram este horrivel supplicio, que Ravaillac supportou com uma coragem inacreditavel, fazendo-o esquartejar por quatro cavallos, a cujas caudas lhes amarraram os braços e as pernas. O seu cadaver devia ser queimado, como fora o de João Chatel, e as cinzas lançadas ao vento; mas a raiva popular não o consentiu. Repellindo os guardas e os algozes, a multidão precipitou-se sobre os restos do cadaver, arrastou-os ao longo das ruas, e queimou-os quando bem lhe aprouve, no meio das pragas de toda a ordem, grande numero das quaes iam direitas ao jesuitas... que n'este momento eram graciosamente recebidos pela rainha que, *emfim*, se via governando a França, em nome de seu filho Luiz XIII, e logo chamava para seu confessor o padre Cotton!

E, comtudo, todas as ordens religiosas assistiram ás exequias do defunto monarcha, menos os jesuitas!

Supplicio de Ravaillac

# XXV

## Os apologistas do regicidio

Quando teremos bastantes pennas, bastantes linguas, e sufficiente animo para publicar e escrever para a posteridade, exprimir emfim a immensidade do seu amor e dos seus beneficios para a nossa pobre companhia, a sua humildissima, e a mais que todos affectuosa e obediente serva...»

O maravilhoso discurso de que citamos aqui alguns fragmentos foi pronunciado pelo padre Binet em *La Fleche,* quando foi trasladado o coração de Henrique IV [1] para o collegio dos jesuitas... Depois das acções e das doutrinas dos santos homens, é curioso e até conveniente dar alguns exemplos da sua eloquencia.

«Foi elle que nos trouxe para onde estamos, continúa o orador falando sempre de Henrique IV, foi elle que nos tornou a trazer, e nos firmou onde sempre estivemos. Deus eterno! Que testemunho do seu amor foi esse de nos dar o seu coração, o mais rico diamante do universo, o thesoiro da natureza, o doce recinto de todos os favores do ceu, o coração mais capaz de todo o mundo, mais precioso de que o firmamento, coração emfim de todos os nossos corações, a vida das nossas vidas, a origem da nossa felicidade junto de Deus, o queridissimo penhor do amor de Deus para com a França! Ceus! Terra! Que mimo este de nos legar o seu coração! E que mais poderia elle fazer? Sire, por este coração eu vos offereço cem mil... e visto que falo a V. Magestade, peço-lhe que veja n'este bello espelho da face de Deus, se existe um jesuita no mundo *que não traga gravado este coração no caroço do seu coração*... Ah! barbaro! Ah! o mais desnaturado dos homens! Ah! o mais cruel de todos os tartaros, serás tu jesuita se deixares de consagrar o teu coração, e a parte mais terna do teu coração, ao serviço e á doce recordação d'este grande rei, o qual, dando-nos o seu coração, mais nos deu do que todos os potentados do mundo. Era agora que nós queriamos ter um peito de cristal, para que atravez d'elle se visse esta preciosa reliquia bem, mesmo no meio de nossos corações.

«*Diz-se, que quando uma amendoa, aberta por acaso, deixa cair o caroço, se o tomarmos e n'elle gravarmos uma palavra, ou algum lemma importante... se depois o fe-*

[1] O padre Cotton, tinha obtido do seu real penitente, que, quando morresse, consentisse que o seu coração fosse levado para a casa dos jesuitas de La Fleche. Assim que o rei morreu o jesuita reclamou o cumprimento da promessa. Viram o chegar ao Louvre, com uma comitiva dos seus padres, e tomarem posse do coração, que o principe de Condé lhes entregou. E foi no proprio coche em que o rei fôra assassinado, que o dignitario jesuita foi transportado a sua casa de S. Luiz. Alguns dias depois, o provincial em pessoa, e os principaes padres da companhia levaram o coração do rei para La Fléche, onde o depuzeram na crypta da egreja. Notou-se que o padre Arnaud, o provincial, fizera esta viagem de carroagem, embora uma das condições de Henrique IV, fosse que o coração devia ser levado a pé. Mas para que se havia de incommodar sua reverencia, quando já nada havia que temer d'aquelle que tão generoso fôra com elles, e que por fim lhes viera morrer ás mãos!

*charmos na casca e plantarmos, tendo-o coberto de sebo, papeis podres e ultrages da natureza, ella bem depressa germinará, lançará haste, fará tronco, povoar-se-ha de ramos, abotoará em flôr, expandir-se-ha e facilmente dará o seu fructo. Se se quebrar a casca, ver-se-ha lá no mais fundo do caroço de todas as amendoas, tudo o que se tinha riscado no caroço da primeiro.* Assim este poderosissimo monarcha tinha gravado em seu coração um amor paternal para com a nossa companhia, tinha ordenado que depois da sua morte o seu coração caisse em nossas mãos, e nós o plantassemos em nossos corações. E não foi por falta de papeis podres, de estrume, de sebo, de libellos diffamatorios, de calumnias, de mentiras que tem procurado apodrecer a nossa innocencia, e com que fomos cobertos nos meses passados! Tudo isto serviu para aquecer os nossos corações, e n'elles fazer germinar e produzir mil ramos, folhas, flores d'alma, de lingua e d'affeição etc., etc., etc.»

Apesar d'esta eloquente prédica do padre Binet, apesar da engenhosa comparação do *caroço do coração de Henrique IV* com *o caroço d'uma amendoa* o clamor publico, que de toda a parte se levantou, em seguida ao attentado de 14 de maio de 1610, não pôde ser abafado, e a França em peso continuou a tornal-os responsaveis d'este cruel acontecimento. O sr. de Lemonie, em pleno conselho, dirigiu a tal respeito sangrentas censuras ao padre Cotton; Sully, retirando-se para sempre da côrte, onde não tornaria a rever o seu rei e o seu amigo, não hesitou em formular a mesma accusação com todo o desassombro; Fouques de Lavarenne, embora partidario da companhia, fez-lhe, a este respeito, as mais asperas censuras; emfim, os mais indifferentes tiveram a convicção, que os reverendos tinham sido directa ou indirectamente os auctores d'este horrivel attentado. Não se contentaram em o dizer, escreveram-o, denunciaram-o; denunciaram ao rei, ao parlamento, á indignação de toda a França, certos livros dos jesuitas, e entre outros, o de João Mariana: *De rege et regis institutione.* (Do rei e a instituição do rei). N'esta obra, de que já falamos, Jacques Clement foi collocado em o numero dos santos; foi appellidado *a eterna gloria da França;* e cada linha d'este execravel livro era um outro incitamento ao assassinio e ao regicidio.

Vamos citar algumas passagens ao acaso da leitura:

Depois de ter consagrado o direito da revolução contra o chefe do Estado, declara que o Estado para sua defesa pode matar o principe.

«A mesma coisa, continúa, é permittida a todo e qualquer particular que, sem esperança alguma de impunidade, e com desprezo da vida, quizer ajudar a republica.»

«Deve-se ter a mesma opinião, se a republica opprimida pela tyrannia d'um principe e não tendo os cidadãos a liberdade de se queixarem, têem vontade de exterminarem a tyrannia, e de punirem os crimes publicos do principe como intoleraveis; d'esta sorte tenho para mim que não faz mal aquelle que, para agradar ao publico, tentar matal-o.»

«Não damos esta permissão a qualquer nem a muitos, salvo se isto não fôr reclamado pela voz publica. Antes do acto deve-se ouvir o conselho de pessoas instruidas e experimentadas.»

Quer isto dizer que os reverendos padres reservam para si a direcção exclusiva tanto dos punhaes como das consciencias; é louvavel matar um rei, mas ha de ser com auctorisação dos jesuitas.

«E' um salutar pensamento fazer convencer os principes, que se elles opprimem a republica, se elles se tornam insupportaveis pelos seus vicios e infamias, as suas vidas não estão muito seguras, e que não sómente se usa de um direito matando-os, mas até se faz uma honra da acção digna de louvor.»

«Allegar-se-ha que os padres do concilio de Constança, na sua sessão decima quinta, condemnaram este principio: — que um tyranno póde ser morto por um dos seus subditos; mas este decreto do concilio não foi approvado nem pelo papa Martinho V, nem por sua santidade Eugenio IV, nem pelos seus successores, cujo consentimento é indispensavel para tornar infalliveis os decretos dos concilios ecclesiasticos.»

Aqui temos a S. J. a sustentar a infallibilidade do papa, mesmo contra os concilios.

«Ninguem pode matar um rei por seu proprio alvitre... mas isso é permittido depois que a sentença da deposição do principe seja dada pelo superior.»

Sempre as mesmas doutrinas! sempre a companhia tomando a si o privilegio e o monopolio da vida dos reis; só ella tem o direito de marcar as victimas que entende deverem ser immoladas.

Foi geral o clamor, assim que este livro appareceu; os proprios affeiçoados dos jesuitas tiveram que ceder á opinião publica. João Mariana, muito bem socegado na sua diocese de Toledo, não pôde ser pessoalmente perseguido: por isso, como se nada pudesse fazer-se contra o auctor, contentaram-se em accusar e condemnar a sua obra; e o parlamento, em 8 de junho de 1610, tres semanas depois da morte de Henrique IV, publicou a seguinte sentença:

«Visto pelo tribunal, o livro de João Mariana intitulado: *De rege et regis institutione*, impresso tanto em Mayence como em outros logares, contendo muitas blasphemias execraveis contra o defunto rei Henrique III, de felicissima memoria, as pessoas e estados dos reis e principes soberanos, etc., etc.

«Ouvidas as conclusões do procurador geral, e posta a materia em deliberação;

«Ordena que o dito livro de Mariana seja queimado pelo executor da alta justiça na presença da egreja de Paris;

«E fez e faz inhibição e prohibição a todas as pessoas de qualquer estado, qualidade e condição que sejam, sob pena de crime de lesa-majestade de escrever ou fazer imprimir algum livro ou tratado em contravenção com o dito decreto e disposições d'elle.

«Ordena que as copias, conferidas pelos originaes do presente decreto, serão enviadas ás baliagens, e aos magistrados do seu districto, para ahi serem lidas e publicadas da fórma e maneira costumadas, e nas estações das missas parochiaes das cidades e arrabaldes, no primeiro domingo de junho;

«Manda aos bailios e senescaes proceder á dita publicação, e aos substitutos do procurador geral do rei de prestar todo o apoio á execução, e de informar o tribunal ácerca das suas diligencias, durante o correr do mez.

«Feito no parlamento, em 8 de junho de 1610.

«Assignado *Voysin*.»

O decreto foi executado no mesmo dia, e o livro queimado pelo algoz.

A colera publica serenou um momento com esta satisfação que lhe foi dada; mas é excusado dizer que a execução d'um semelhante decreto, acolhido com applauso pela multidão, produziu um effeito insignificante n'aquelles contra quem era dirigido. Mariana continuou a ser considerado pela companhia como um dos luminares do seu seculo, viveu feliz, tranquillo e respeitado em Talavera até á edade de oitenta e sete annos, e os irmãos de França nunca perdoaram o ultraje publico, que fôra feito a um dos seus, senão quando obtiveram de Maria de Medicis, ou por outra do duque d'Epernon, que foi durante estes primeiros meses o verdadeiro senhor da França, novos favores e novas concessões. A 20 d'agosto seguinte, obtiveram cartas-patentes pelas quaes lhes era permittido dar licções publicas na sua casa noviça do bairro de S. Jacques, collegio de Clermont, e não só em theologia, mas *ainda em todas as outras sciencias e outros exercicios de sua profissão*... São estes os termos das cartas-patentes.

Sete dias depois, os jesuitas mandaram esta ordenança, eminentemente attentatoria dos direitos da universidade, á mesma universidade para tomar d'ella conhecimento; e eis travada nova lucta.

A universidade, por intermedio de La Martelière, que escolheu para seu advogado, recusou formalmente registrar as cartas-patentes. O sr. de Montholon defendeu os jesuitas visto que em todas as epochas os filhos de Loyola têem sempre encontrado outros sufficientemente venaes para os defenderem[1]. A discussão durou perto de quinze

[1] Para que isto não pareça uma asserção gratuita darei, entre outros, um exemplo, hoje celebre, e que mostra como os jesuitas arranjam defensores entre os seculares. Um dos homens que, mais sem brio nem dignidade de qualquer especie que fosse, se atreveu a escrever uma historia geral dos jesuitas, que é um

dias, e a 20 de dezembro de 1611, o celebre advogado geral Servin, depois d'um longo discurso que ficou celebre nos annaes do parlamento, no qual relata todas as desordens, excessos e crimes dos jesuitas desde a sua fundação, até áquelle anno, formulou as seguintes conclusões:

«Por estas razões, concluindo como devemos, em nome do rei, tanto para segurança da sua pessoa, como pelo bem da Egreja, do Estado e da tranquillidade publica, assim como pela honra e manutenção das lettras e sciencias, declaramos adherir á opposição da universidade; e no caso em que o tribunal fizer subir a causa ao conselho, para ver e examinar os livros e escriptos de que ouviu a narrativa, requeremos que sejam prohibidos os requerentes de fazerem licções publicas, ou funcções ecclesiasticas, para a instrucção das creanças ou de outras quaesquer pessoas, n'esta cidade de Paris, até que o contrario seja ordenado pelo tribunal, sob as penas que este determinar.»

Todavia, Servin, na primeira parte do seu discurso, propunha, como meio de conciliação, que os jesuitas se compromettessem por juramento a submetter-se aos seguintes quatro artigos, cuja leitura fez:

1.º Em caso algum, e sob qualquer pretexto, mesmo por causa de moral ou religião, se deve attentar ou fazer attentar contra a vida dos reis, cuja pessoa é sagrada e inviolavel.

2.º As coisas temporaes devem ser sempre consideradas independentes do poder ecclesiastico.

O livro do jesuita Mariana queimado no patibulo

3.º Os ecclesiasticos são, assim como os seculares, sujeitos como cidadãos ao poder temporal.

---

tecido de falsidades para os fazer santos a elles, e de calumnias para infamar os contrarios, é Crétineau-Joly, de quem o seu biographo e amigo, o padre Maynard, não se envergonhou de nol-o representar como habilidoso de primeira agua para falsificar, suppor, e em ultimo caso *roubar* um documento, e praticar a arte da *chantage*. Um tal homem seria mais apto para escrever *os bastidores do jesuitismo*, do que a *Historia da companhia*; mas taes historiados tal historiador. Quando os jesuitas encontractaram Crétineau, em 1840, andavam a cata d'um escriptor francês, que não estivesse ligado a elles por nenhum laço apparente, e que, fingindo fazer uma obra imparcial e perfeitamente independente, consentisse em escrever o que elles lhe dictassem. Crétineau-Joly era o homem nas condições, e o negocio foi tratado e concluido mediante uma somma paga ao pretendido historiador, e cujo algarismo, o padre Maynard não precisa ao certo, mas que reconhece ter sido constituido, — pelo menos em parte, — em acções da Opera. Crétineau foi morar para a casa professa de Roma, e ahi ia dando

O quarto artigo era um reconhecimento absoluto das liberdades da Egreja gallicana.

O advogado geral declarou que, na falta de se não submetterem inteiramente a estas doutrinas, e de provarem que o faziam com toda a sinceridade, os obrigariam de qualquer maneira a restringirem-se ás clausulas e condições do seu estabelecimento em França.

Depois de grande polemica ácerca d'estes quatro artigos, o sr. de Montholon prometteu que os reverendos, de quem tinha advogado a causa, fariam tudo o que lhes pediam, e, a 22 de dezembro de 1611, o parlamento, pelo voto unanime de trinta e seis juizes, no numero dos quaes se contava o principe de Condé, proferiu a sentença solenne, no sentido das conclusões do advogado geral.

A 22 de fevereiro de 1612, os jesuitas, sob a direcção do padre Balthasar, seu provincial, foram ao parlamento fazer a sua submissão, nos seguintes termos:

«Tendo assistido á audiencia do tribunal, sobre a qual interviu o accordam de 22 de dezembro ultimo, dado contra os padres jesuitas do collegio de Clermont, d'esta cidade de Paris, requerendo o registo das cartas patentes do rei, de 22 d'agosto de 1610 d'uma parte; e os reitores, deãos, syndicos e procuradores da universidade, que a isso se oppunham, da outra; os quaes, obedecendo ao dito accordam, declaram que se conformam com a doutrina da Sorbonne, *mesmo* no que se refere á pessoa sagrada dos reis, manutenção da sua auctoridade real, e liberdades da Egreja gallicana, desde sempre guardadas e observadas no reino, do que requereram e assignaram auto.»

Os reverendos, dando adhesão aos quatro artigos propostos pelo advogado geral, não deixaram de fazer, como de costume, um bom numero de restricções mentaes, que os deviam dispensar de cumprir a palavra jurada, visto que fraude e perjurio lhes andaram sempre na massa do sangue e na essencia da instituição.

N'estas diversas narrativas é difficil, ou por assim dizer quasi impossivel, seguir exactamente a ordem das datas. As conspirações dos santos homens, ou as discussões que ellas suscitam, duram annos e annos, e antes que cheguem a seu termo, outras conspirações são formadas por elles, outras discussões começam, novos attentados entram em via de execução. Precisamos pois voltar a traz, e fitarmos os olhos por uma ultima vez sobre o fim d'este fatal anno (1610), tornado celebre pelo crime de Ravaillac.

Em 16 de novembro, acceitando as conclusões de Servin, o parlamento tinha condemnado um livro do jesuita Sebastião Heissius, livro d'uma grande analogia com o de Mariana, e intitulado: *Tratado do poder do papa nas coisas temporaes.* Os jesuitas puzeram em campo, para impedirem a execução da sentença principalmente n'este assumpto, o nuncio do papa, Ubaldini, que tinha um grande imperio no espirito da rainha mãe, e Maria de Medicis impoz silencio ao parlamento.

Houve, porém, um homem que se atreveu a affrontar a rainha, o legado do papa e os jesuitas, foi Edmundo Richer, syndico da faculdade de theologia da Sorbonne, e um dos homens mais illustrados e corajosos do seu seculo. Reuniu a faculdade, e n'um discurso energico, lhe prescreveu de secundar as intenções dos magistrados e de os sustentar, se assim fosse necessario, contra a propria fraqueza. Alem d'isso, publicou uma refutação do livro de Heissius, com o titulo: *Do poder ecclesiastico e politico.* Juraram vingar-se os jesuitas e conseguiram-n'o. O seu espirito engenhoso inventou contra o sabio doutor perseguições e calumnias. Declararam-o heretico, e publicaram que o seu odio contra a S. J. provinha da sua immoderada amisade aos huguenotes, que, por esta maneira, queriam fazer paralysar os serviços que a companhia podia prestar á religião catholica.

---

fórma ao que uma legião de jesuitas, verdadeiramente encarregados do trabalho, lhe iam fornecendo e de que elle tomava depois a responsabilidade perante o publico. E' por isso que os jesuitas recommendam aos seus amigos a leitura d'esta obra, que, confessemol o, com bastante repugnancia temos folheado durante annos, sabendo, como não é segredo, qual a ausencia de senso moral do seu escriba.

Os ultramontanos, que então estavam em maioria na Sorbonne, uniram-se aos jesuitas para desconsiderarem o syndico e a sua doutrina, e nunca lhe perdoaram nem a sua energia nem a sua eloquencia; e vinte annos depois, Richer pagou com a vida a refutação que tinha ousado fazer do pamphleto jesuitico. A conspiração de que foi victima (1630) foi executada no proprio palacio do cardeal de Richelieu, ao tempo ministro.

O papa Urbano VIII acabava de derogar a bulla lançada por Sixto V em 1585, para impedir que não podessem ser elevados dois irmãos ao cardinalato. Esta dispensa fora feita pelo pontifice em proveito de Richelieu, e ao mesmo tempo soube se que o chapeu tinha sido dado ao irmão d'este ministro, Affonso du Plessis, que, de frade cartuxo, passava a arcebispo d'Aix, e depois de Lyon. O papa, porém, — visto que em Roma nada se faz *pro Deo*, — pôz como condição a este favor extraordinario que o cardeal de Richelieu obrigaria Richer a escrever uma retractação do seu livro: *Do poder ecclesiastico*, etc. Richelieu mandou fazer algumas tentativas n'este sentido junto do sabio doutor; mas achou-o irreductivel. O cardeal, dissimulando a colera, convidou Richer a vir jantar com elle. Quando se levantaram da mesa, o padre José, capuchinho, o seide e o braço direito de Richelieu, fingindo querer conversar com Richer, n'um quarto proximo, alli propoz-lhe muitas perguntas sobre a auctoridade do papa. O doutor ia expondo a sua opinião sincera, mas de fórma moderada, quando o padre José, elevando repentinamente a voz, a fim de dar signal aos sequazes preparados para a execução do crime, disse, appresentando uma retractação já escripta a Richer :

—E' hoje que vos haveis de retractar ou morrer!

Mal disse estas palavras, logo a porta do quarto se abriu, dois jesuitas armados entraram, e lançando-se sobre o veneravel doutor, apontando-lhe os punhaes ao peito, obrigam-n'o a assignar um papel, que nem lhe deram tempo para ler!

Edmundo Richer morreu algumas semanas depois de magua e desespero.

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

Comtudo as fraquezas e as concessões de Luiz XIII só com grande custo conseguiram desarmar os sicarios da companhia, e, durante a primeira metade do seu reinado, teve que temer os mesmos punhaes que tinham sido afiados contra seu pae. A seguinte carta, escripta a um amigo por uma das personagens mais eminentes da epocha, é d'isso testemunho :

«Senhor e amigo.

«Não ignora por certo que a raça dos Chatel e dos Ravaillac não está inteiramente destruida, nem se extinguiu com o fogo que os reduziu a cinzas. E' uma hydra de sete cabeças, que, ou moribunda, ou mesmo morta que seja, sabe resuscitar, crescer e até rejuvenescer; de sorte que se uma das cabeças cae, logo nasce outra para o logar d'ella.

«Ha já alguns dias (a carta é escripta em 11 de fevereiro de 1675) um padre chamado Francisco Martel, accusado e convencido de muitos crimes capitaes, e entre outros, de ter querido tentar contra a vida do rei *por conselho e a instigação de dois outros jesuitas*, foi condemnado pelo parlamento de Ruão a ser rodado, e depois queimado conjunctamente com um seu criado, condemnado este a ser primeiramente enforcado, e as cinzas de ambos lançadas ao vento.

«Este mau e desgraçado Francisco Martel, padre da parochia d'Etréan, proximo de Dieppe, tinha anteriormente exercido durante dez annos as funcções d'advogado n'aquella mesma cidade de Dieppe, com o nome de Nicolau, e consta que fora alli casado. Por morte de sua mulher, ordenou-se de missa com o nome de Francisco, e á força d'intrigas e de artificios conseguiu obter o curato de Etréan.»

A carta conta depois a historia d'uma conspiração inventada por Martel e o seu criado Galeran; conspiração que elles queriam revelar ao rei e que era tramada por um soldado hispanhol.

Por esta proesa foram os dois presos, enviados para Ruão e ahi processados. Os juizes instauraram o processo, e ao fim de oito dias, dizia o respectivo libello :

«1.º Que Martel, sendo ainda cura de Etréan, tinha recebido por emprestimo do seu vigario quarenta libras, e que, chegada que foi a epocha do pagamento, negou a divida [illegible]

vezes na presença do juiz de paz, do seu escrivão e do deão;

«2.º Que Martel, no mez d'agosto ultimo, fôra acusado de sodomia; cujo crime confessou com Jacques Quinet e Nicolau Galeran, seus criados, e que o tinha ainda tentado com um terceiro;

«3.º Que tendo em sua casa feito subir a um banco um rapaz, a fim de lhe alcançar qualquer coisa, que se achava em sitio elevado, lhe tinha atirado um laço de corda ao pescoço, deitado a baixo, e que por certo o estrangularia se lhe não accudissem; e que se livrou do processo por desistencia da parte com quem se compoz;

«4.º Que o dito padre tinha um vizinho chamado Christovam Auvray, de quem era inimigo, e que querendo-o fazer assassinar pelo seu criado Galeran, este o feriu gravemente com um tiro de pistola, fugindo depois para Paris onde viveu á custa de Martel;

«5.º Martel confessou mais que tendo ido ao encontro de Galeran a Paris, partiu com elle para Ruão, onde os dois compraram a mecha e a polvora com que lançaram fogo e reduziram a cinzas a casa de Christovam Auvray; que depois d'isto os dois partiram para Dieppe em companhia de Ambrosio Guyot, jesuita...

«Emfim, para cumulo d'estes crimes, dos quaes um arrasta ao outro, o processo provava que Martel, estando em Ruão, tinha ido a casa do primeiro presidente, e lhe fizera a declaração da conspiração; e ahi confessou que o seu designio era ser admittido á presença do rei para o matar, e que *dois jesuitas, Ambrosio Guyot e Chapuis, tinham sido seus conselheiros e seus instigadores.*

«A' vista d'esta confissão foi revistado e encontraram-lhe no cós uma navalha semelhante á de Ravaillac.

«O jesuita Chapuis, recebeu ordem para ficar preso em casa do seu reitor, e diz-se que bem depressa será julgado; Ambrosio Guyot foi levado para a cadeia.

«Galeran declarou que não tivera conhecimento do plano regicida de seu amo; mas que sabia que Martel e Ambrosio Guyot tinham amiudadas conferencias, e que o jesuita tinha trazido dois soldados hispanhoes de Flandres, que moraram muito tempo em companhia de Martel, e a quem este fizera varias promessas.

«Mais confessou Martel, que o jesuita A. Guyot lhe tinha effectivamente enviado os dois soldados; que elle lhes tinha falado mal do rei e do seu governo, para os sondar, e que A. Guyot o tinha conduzido, a elle Martel, ao refeitorio dos jesuitas de Dieppe.

«Acabam de ser encontrados, em casa d'um parente de Martel, cartas datadas de maio ultimo, na qual Martel manda cumprimentos para Ambrosio Guyot, e ordena que lhe diga que peça a Deus e á Virgem Maria de apressar e proteger o exito do plano que ambos tinham feito antes da partida.»

A instrucção do processo continuou activamente, e quando os elementos esmagadores para os jesuitas começavam a ser irrefutaveis, eis que uma ordem regia ordena que se archive o processo!

O parlamento de Ruão não se atreveu a resistir a tal ordem mas lavrou um termo no qual declarava que todos e cada um dos seus membros era extranho a esta incrivel absolvição, que a innocencia se defendia por outros meios, e que repugnava á honra empregar os expedientes postos em acção para conseguir a impunidade.

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

O devoto rei dia a dia mais conciliava as sympathias dos reverendos padres. Por conselho do seu confessor, o padre Caussin, e com a permissão do cardeal ministro, a quem as macaquices religiosas não desagradavam, pôz o reino sob a protecção da Virgem. Os jesuitas foram pouco e pouco açambarcando o ensino da mocidade, e nunca a companhia se viu tão poderosa e rica em França. Mas a sua ambição ainda não estava saciada, e coisa alguma conseguia apaziguar o seu espirito de turbulencia e invasão; não cessava de renovar queixas e libellos, e sempre, constantemente tratando a questão do *poder dos papas sobre os reis e sobre os povos.*

Santarelli, jesuita italiano, publicou esta doutrina em um novo livro dedicado ao cardeal de Saboia, e approvado por Vitelleschi, geral da ordem. Jamais qualquer auctor tinha tratado esta doutrina de maneira mais revoltante! Portanto, a 13 de março de 1626, o li-

vro foi queimado em Paris pelo algoz, como já fora o de Mariana. Mas taes execuções não tinham influencia alguma sobre o espirito dos jesuitas, e o parlamento agitou de novo a questão da sua expulsão, e citou para comparecerem á sua barra o provincial, tres reitores e tres professores da companhia. Elles compareceram, atravessando, por entre os clamores de maldicção, as alas do povo que tinha concorrido para os ver passar.

Foi o padre Cotton, provincial, o primeiro a ser interrogado.

«Acredita, perguntou lhe o presidente, que o papa possa excommungar e depor o rei de França?

—O rei é o filho mais velho da Egreja, e nada fará que obrigue o papa a essa extremidade.

—Mas partilha ou não a opinião do seu geral, que dá este poder ao pontifice?

—O nosso geral segue a opinião de Roma, onde está, e nós seguimos a de França, onde vivemos.

—E se estivessem em Roma?

—Seriamos romanos.»

Continuava o processo, mas as pressões á roda do rei foram taes, que elle deu ordens terminantes para que fosse archivado.

Em meados de 1631, novo requerimento foi feito ao rei pela universidade contra os jesuitas, e o rei estava a ponto de ceder aos jesuitas obcecado pelo seu confessor, Caussin, quando Richelieu, que não se lhe dava de proteger a companhia, comtanto que ella não pretendesse ser um estado no Estado, um poder que fizesse sombra ao seu poder, se pronunciou a favor da universidade, que entrou na posse dos seus privilegios, por um decreto de 8 de junho de 1631.

Os jesuitas curvaram a cabeça perante a mão de ferro do cardeal, que reconheciam tão velhaco, e mais resoluto que todos os da sua ordem juntos, e, a datar d'então, e emquanto este ministro governou o reino, mal deram signal de si.

Desforram-se depois!

# XXVI

## Os jesuitas nas ilhas britannicas

Larguemos os jesuitas de França no apogeu do seu dominio, gosando o fructo da sua tenacidade, dos seus expedientes ora cavilosos ora habilidosos e até dos seus crimes, e vejamos o seu trabalho sinistro na Inglaterra, apparelhando esse cadafalso onde tantos deixaram a vida e a que por fim os veremos subir, em desaggravo da justiça, convencidos, mas não arrependidos.

Quando no meio da grande tempestade religiosa que revolveu o mundo, a companhia de Jesus elevou pela primeira vez a sua bandeira, a Inglaterra acabava de se libertar da auctoridade de Roma. Sabe-se como foi operada esta separação. Henrique VIII, esse real e terrivel *Barba-Azul* da historia, queria obter do papa que este auctorisasse o divorcio com Catharina d'Aragão, sua primeira mulher, que pretendia substituir por Anna de Boleyn. O pedido do monarcha inglês era injusto em si, e ia d'encontro ás leis da Egreja romana. Infelizmente os chefes d'esta Egreja já tinham annuido a outros pedidos semelhantes, e legitimado uniões tão illegitimas como a que Henrique VIII contractou com Anna de Boleyn, antes mesmo que o papa se pronunciasse, o que o principe inglês se não esqueceu de objectar. O pontifice estava portanto embaràçadissimo. Se no solo britannico ainda n'aquelle momento se mantinha a religião catholica, era porque a sustentava o sceptro e principalmente a espada real, que Henrique VIII tinha posto á sua disposição. Por outro lado, a mulher repudiada pelo monarcha inglês era tia do imperador Carlos-Quinto, cujo soccorro e protecção tinham uma importancia incalculavel no continente para a Egreja romana. Carlos Quinto venceu. Clemente excommungou Henrique VIII, que se vingou proscrevendo o catholicismo dos seus estados, e declarando-se chefe da egreja anglicana.

Estas grandes coisas já estavam consummadas antes da creação da companhia de Jesus. Por isso, nas doze provincias formadas por Ignacio de Loyola não figura a Inglaterra. Os jesuitas consideravam a grande ilha como um país inimigo, e não tiveram alli senão missões.

Assim, pois, que a guerra foi formalmente declarada entre o papa e Henrique VIII, logo alli correram os membros da negra cohorte, que apenas tinha meses de existencia. Era uma rica provincia catholica que escapava ao chefe da Egreja de Roma, e que se tratava de reconquistar em proveito do geral dos jesuitas. N'aquelle tempo, eram avaliados em perto de 8:000 contos da nossa moeda os rendimentos das ordens religiosas de que Henrique VIII se apoderou. Os escritores catholicos clamam em altas vozes mostrando estes algarismos, que para outros, ao contrario, representam a condemnação da ordem de coisas de que os primeiros lamentam a perda. O facto é que os ingleses acharam que tal somma tinha melhor destino servindo a nação, do que sendo gosada por um corpo religioso, fosse elle catholico ou anglicano.

E' facil d'adivinhar como estas riquezas de que Roma acabava de ser despojada animavam os jesuitas a intentarem para si a conquista da Inglaterra. Pasquier Brouet e Salmeron foram, como já dissemos, os primeiros padres expedidos de Roma em soccorro do catholicismo agonisante na Grã-Bretanha, não só sob o pé de Henrique VIII, mas tambem ao peso da reprovação do povo inglês. Os dois missionarios impelliram á revolta os irlandeses, que se tinham conser vado catholicos, e que ainda o são, apesar das perseguições, ou talvez por causa d'ellas, e principalmente porque a religião proscripta foi e será para elles um laço duradoiro e fortissimo. Os dois jesuitas nada conseguiram na Irlanda, senão juntarem, com as suas intrigalhadas, mais algumas ondas de sangue, ás ondas de sangue que então se alastravam n'aquelle desgraçado país. Depois d'uma curtissima missão na Irlanda, procuraram ver se podiam penetrar na Inglaterra; mas o terror que inspirava o terrivel Henrique VIII, fez-lhes voltar os passos para a Escossia, onde John Knox, discipulo de Calvino e chefe da reforma n'aquelle país, levantava então a sua voz potentissima, ao som da qual se desmoronavam os conventos e as egrejas catholicas. Retomaram, pois, com sombria e concentrada cólera, o caminho da Italia. Ainda depois, por diversas vezes, outros discipulos de Loyola atiçaram o fogo que sempre mais ou menos ardeu na Irlanda.

Durante todo o reinado de Henrique VIII, os jesuitas mal punham pé em Inglaterra, logo os expulsava a inexoravel e vigilante severidade do despota tão poderoso como cruel. A sua influencia parece, porém, querer fazer-se sentir no que os historiadores ingleses chamam *a romaria da graça*, e que foi uma revolta bastante séria realisada em favor do catholicismo. O exercito de romeiros, com mandado por um fidalgo de certo condado do norte, era guiado por padres paramentados com as vestes sacerdotaes; as suas bandeiras eram pendões d'egreja, nos quaes estavam representadas as chagas de Christo. Além d'isso os peregrinos traziam na manga do braço direito bordado o nome de *Jesus*. A verdade, porém, é que n'esse tempo ainda Ignacio de Loyola andava em instancias junto do papa para instituir a sua ordem. Esta revolta rebentou em seguida ao ultimo acto de Henrique VIII, pelo qual elle acabou de quebrar o laço espiritual, que por tão longo tempo tinha ligado a Inglaterra á côrte pontificia.

Depois que fez morrer Anna de Boleyn no cadafalso, Henrique VIII, a fim de mostrar a todo o mundo que estava, então mais do que nunca, resolvido a marchar no caminho que o afastava de Roma, e pôr, pelo terror, um termo aos esforços tentados pelos partidarios da curia, fez publicar um edito que punia com a pena de prisão e de confiscação de bens todo o individuo que sustentasse a auctoridade do *bispo de Roma*, e com a morte aquelle que ousasse tentar restabelecel-a em Inglaterra. Este diploma obrigava, além d'isso, a toda e qualquer pessoa provida em um emprego ecclesiastico ou civil, ou que possuisse qualquer dom, carta ou privilegio da coroa, a renunciar ao papa por meio de juramento, sob pena de ser declarada culpada de alta traição!... Qualquer que fosse a cólera da Santa-Sé, em presença de taes medidas, teve que se resignar a vãs ameaças; e foi só no reinado de Maria Tudor, a filha cruel de Henrique VIII, que essas ameaças se realisaram. Então surgem triumphantes os jesuitas na terra inglesa, e dirigem as vinganças religiosas de que Maria Tudor se fará executora. Depois do reinado ephémero d'uma creança, Eduardo VI, filho de Henrique e irmão de Maria, esta subiu ao throno.

A rainha Maria, filha de Catharina d'Aragão, era catholica como sua mãe, e, pouco depois de ter sido investida no soberano poder, escolheu para seu marido o filho de Carlos-Quinto, aquelle que devia ser chamado Filippe II. Esta escolha era significativa, e fôra feita contra a vontade do parlamento, e o voto geral da nação. Maria tinha-se decidido a fazel-o pelos conselhos que recebia de Roma. Parece que taes conselhos eram tão violentos, que o proprio Carlos-Quinto, catholico e protector do catholicismo, julgou do seu dever attenuar-lhes o effeito por meio de prudentes admoestações, chegando até a prender um certo cardeal Pole, legado do papa, inglês filho d'uma grande familia, que

outr'ora tinha conspirado contra Henrique VIII, apesar d'este ter sido seu amigo e bemfeitor. A rainha fez saber um dia á Inglaterra que quanto antes tinha de volver á religião que seu pae havia proscripto. No dia seguinte levantaram-se os cadafalsos e accenderam-se as fogueiras para os recalcitrantes. Cadafalsos e fogueiras taes foram gioso. Sabe se que a infeliz Joanna Gray foi uma das suas victimas.

Por morte de Eduardo VI, sem energia para reagir, a pobre mulher deixou-se acclamar rainha d'Inglaterra por um partido poderoso. Vencida e feita prisioneira da sua rival, obteve primeiramente o perdão da vida; mas Maria Tudor, sacrificou-a logo ao seu zelo

Os jesuitas obrigam o dr. Richer a retractar o seu livro

os argumentos de que Maria se serviu em primeira linha, emquanto reinou, para destruir o protestantismo na Inglaterra!

Mas na cinza das fogueiras, e no sangue que escorria dos patibulos, o protestantismo, como acontece a todas as crenças perseguidas, encontrava uma nova e potente seiva, que bem depressa o mostrara frondoso e forte cobrindo toda a Inglaterra.

Durante o seu reinado, a sanguinaria Maria, como á historia chama á filha mais velha de Henrique VIII, nunca cessou de sacrificar assim nos altares do fanatismo reli pelo catholicismo, cujos adversarios tinham tentado um esforço em nome de Joanna Gray, que foi condemnada á morte. Não deixa de ser necessario recordar, que, quando Maria Tudor teve que luctar contra Joanna Gray, para se assegurar dos seus partidarios da religião reformada, lhes jurou que nada mudaria ás leis de Eduardo. Dar-se-ha caso que os jesuitas já lhe tivessem ensinado as subtilezas da sua odiosa theologia?

Seja como for, os jesuitas alcançaram em Inglaterra, durante este reinado, uma importancia que deviam perder no reinado [illegible]

te, para nunca mais a readquirirem; e é esta influencia que tem feito recair sobre elles uma parte do odioso que as execuções dos protestantes fizeram pesar sobre a memoria de Maria. Algumas d'essas execuções tiveram pormenores terriveis e capazes de fazer detestar a quem quer que seja o fanatismo religioso, os crimes que elle provoca e os ministros de que se serve! Eis porque esboçaremos aqui, a traço rapido, o supplicio d'algumas das victimas de Maria Tudor.

Em 1555, Hooper, bispo de Glocester, já em avançada edade, foi condemnado á morte por não ter querido abjurar a crença de que tinha sido mestre durante longos annos. Por um requinte de crueldade, fizeram-n'o soffrer o ultimo supplicio no meio do rebanho de que fôra pastor. Hooper era, mesmo na opinião dos escriptores catholicos, um homem notabilissimo e um bom padre, como a sua morte provou. Ligado ao poste da fogueira, onde devia morrer queimado, em volta da qual os soldados contêem a multidão, elle dirige meigos sorrisos, affectuosas e consoladoras palavras á turba, a quem o terror faz silenciosa e immovel. A fogueira está accesa, já as chammas envolvem a victima, e ainda ella sorri para consolar os que a vêem morrer! Por certo, por um calculo inquisitorial dos algozes, a lenha da fogueira era verde e ardia lentamente de fórma que a parte inferior do corpo da victima estava quasi toda consummida e ainda a morte lhe não tinha dado o descanço eterno. Durante tres quartos d'hora, emquanto as carnes assim se iam torrando vagarosamente, o bispo de Glocester soffreu este horrivel martyrio com uma constancia que só teve como egual a dos primitivos martyres do christianismo. Já uma das suas mãos tinha caido reduzida a carvão, e ainda a outra se extendia para abençoar o povo pela derradeira vez.

A um outro padre anglicano nem sequer lhe consentiram esta ultima consolação de rezar em alta voz. Como elle recitasse um psalmo em inglês, segundo o uso dos reformados, ordenaram-lhe que se calasse ou rezasse em latim. Como não obedecesse, mataram-n'o espetando-lhe as alabardas no corpo.

Um tal Bonner, ministro das carnificinas de Maria Tudor, tinha uma alegria selvagem em martyrisar os christãos, que recusavam ser papistas, e nem ás mulheres poupava os tormentos.

Uma d'estas condemnada a morrer queimada, pediu que a não executassem emquanto não désse á luz o filho que trazia no ventre, e que não devia ser condemnado pela religião da mãe.

—Ah! a loba heretica está prenhe! exclamou elle com alegria feroz, pois tanto melhor; isso evitará de gastar lenha n'outra fogueira para queimar o lobinho!...

A pobre mulher foi levada á fogueira, e quando as labaredas começavam a queimar-lhe as carnes, foram taes as dores da desgraçada, que deu á luz, caindo a creança no meio das chammas. Um dos guardas, soldado grosseiro, saiu da forma e precipitou-se para retirar a innocente victima do brazeiro, mas o tigre que presidia ao supplicio impediu-lhe que levasse a cabo a sua obra d'humanidade!

Custa recordar taes horrores; e comtudo os jesuitas associavam-se a todos elles, procurando depois justifical-os! Os seus historiadores não se cançam de elogiar a sanguinaria Maria, e por pouco que não convertem no de *santa*, aquelle epitheto com que a historia marcou a rainha cruel.

Assim que sobre esta furia coroada caiu a campa da sepultura, o protestantismo inglês ergueu-se de novo, mais forte, mais firme depois da tempestade, do que tinha sido durante a calmaria que lhe proporcionára Henrique VIII. Deve-se notar que tendo Maria Tudor, para obedecer ao papa, dado á egreja catholica todos os bens confiscados por seu pae em proveito da coroa, sobrecarregou o seu povo de impostos para satisfazer os gastos que fazia seu marido, Filippe II, occupado em secundar Carlos-Quinto, no continente, e que muito pouco se importava, se a rainha, por suas extorsões, acabava por se alienar completamente o espirito dos seus subditos. Filippe apenas vivera cinco meses com sua mulher, a qual, apaixonada e ciumenta, passava os dias a escrever-lhe cartas que inundava de lagrimas, ella que tinha os olhos seccos na presença das maiores crueldades que fazia executar!

Emfim, Isabel subiu ao throno d'Inglaterra. Todos sabem que esta mulher celebre, d'animo viril quiz ser e foi verdadeiramente *rei*. Convencida que os jesuitas eram seus inimigos e da terra de que era soberana, declarou-lhes francamente a guerra sem treguas. Baniu-os para sempre, e pronunciou sentença de morte contra os que d'entre elles afrontassem as suas ordens ou contra aquelles dos seus subditos que lhes déssem guarida. Os filhos de Loyola, porém, dizem que o que lhes atraiu a colera da rainha d'Inglaterra, foi ella ver n'elles a mais temivel das milicias que guerreava em favor do papa e do catholicismo, de quem Isabel se declarara a adversaria.

Mesmo sob este ponto de vista, o mais favoravel para o jesuitismo d'Inglaterra, as medidas de severidade tomadas por Isabel contra elle podem ser justificadas.

Quando por morte de sua irmã ella assumiu o governo fez acto de submissão á Santa-Sé, notificando ao papa a sua elevação ao throno. Recebeu até considerações lisonjeiras dos bispos catholicos que foram felicital-a! O historiador Hume diz que ella não fez, a este respeito, senão uma unica excepção, que recaiu n'esse abominavel bispo de Londres, n'esse Bonner que tinha sido o chefe dos algozes de Maria Tudor. E' mais que provavel que este procedimento de Isabel lhe fosse dictado por uma politica de tino. Chamada a governar um país revolvido por tantas tempestades, e sentindo ainda vacillar-lhe o throno aos embates dos passados vendavaes, Isabel julgou prudente conciliar todos os partidos. Foi n'esta intenção que perdoou até aquelles que, para agradarem á rainha Maria, ou para executarem suas ordens, a tinham privado da liberdade, e chegado a pôr-lhe a vida em perigo. Não é tambem menos presumivel que, se a côrte de Roma tivesse aproveitado prudentemente, discreta e habilmente os primeiros passos dados por Isabel, o catholicismo ter-se ia salvo, não por completo em Inglaterra, mas o seu naufragio não teria sido total e irremediavel. O papa Paulo IV respondeu a Isabel com um desatino tão pouco prudente como injurioso. Pretendia que a Inglaterra era um feudo da Santa-Sé e que, por consequencia, Isabel não podia ser soberana sem o consentimento d'elle papa, e que alem d'isso as sentenças pronunciadas pelos seus predecessores, Clemente VII e Paulo III, contra o casamento de Henrique VIII com Anna de Boleyn, mãe de Isabel, não tendo sido annuladas, esta ultima era bastarda e, portanto, inhabil para succeder no throno. «Comtudo, ajuntava ironicamente o pontifice, estamos dispostos a mostrarmo-nos indulgentes, comtanto que a filha illegitima do tyranno Henrique renuncie as suas pretenções a uma corôa que não lhe pertence, e se submetta a tudo que nos aprouver ordenar lhe.» Isabel sentiu-se profundamente magoada com a injuria que lhe dirigiu o altivo Paulo IV, e quasi toda a nação inglesa se mostrou indignada com tão extranhas pretenções do papa. Isabel soube conservar habilmente o fogo que a mão imprudente do pontifice acabava de reaccender, e que bem depressa devia consumir os destroços do catholicismo. O povo inglês julgou ver no procedimento do summo pontifice uma intenção de restabelecer na Inglaterra o *tributo de S. Pedro*, e os mil outros élos da humilhante cadeia do despotismo romano. Alem d'isso, Maria Tudor tinha tornado o catholicismo odioso. Isabel, que era o idolo do seu povo, depois de prudentes demoras, lançou mão d'uma occasião favoravel, e, sem grandes amarguras, applaudida pela maioria dos seus subditos, separou completamente a Inglaterra de Roma.

Cremos que os jesuitas não foram ouvidos nem achados no procedimento impolitico de Paulo IV para com a Inglaterra. Este papa mostrou-se sempre pouco favoravel á companhia, que d'elle se vingou, como já dissemos, sobre seus sobrinhos, assim que elle morreu. Laynez, então, geral da ordem, era bastante habil para não perceber que, em tal conjunctura, os raios pontificios não podiam deixar de reanimar o incendio ateado por Henrique VIII; além d'isso, o rei de Hispanha, Filippe II, esse alliado dos jesuitas, procurava então casar com Isabel, que durante muito tempo o embalou com promessas, até que se julgou bastante forte para romper abertamente com Roma.

Paulo IV procurou, debalde, trazer Isabel

ao seio da Egreja romana por meio da brandura. Pio V tentou chegar ao mesmo resultado pelo terror. Filippe II, que já não esperava poder ser marido de Isabel, uniu as armas d'Hispanha, aos raios pontificios; mas tudo foi perdido. As blandicias de Paulo IV, as excommunhões de Pio V, a famosa *armada* de Filippe II, tudo veiu naufragar contra a tenacidade inglesa. Então, como ultimo recurso, os papas acularam os jesuitas contra Isabel, e desde logo começamos a encontral-os nas ilhas britannicas envolvidos em todas as intrigas, que tiveram como objecto o desthronamento e, quiçá, a morte da rainha.

Na Irlanda, suscitaram por diversas vezes revoltas que apenas deram como resultado fazer correr rios de sangue n'aquelle desgraçado país. Ao mesmo tempo, organisavam conspirações na Inglaterra, taes como a dos Pole, membros da familia real, aos quaes Isabel perdoou a morte. O duque de Norfolk foi menos feliz. Tendo sido descobertas as suas machinações, foi condemnado a morte e executado em 1571. O centro de todas as intrigas, mais ou menos criminosas contra a rainha Isabel, era a casa d'um tal Rodolphi, mercador italiano estabelecido em Londres e zeloso catholico. Era alli, que sob diversos disfarces, os jesuitas vinham pôr em acção os planos concebidos em Roma ou em Hispanha.

Em 1581, descubriu-se uma nova conspiração formada contra a rainha d'Inglaterra pelos jesuitas. Segundo De Thou, Isabel, tendo suspeitas de que alguma coisa se machinava contra ella, enviou a França alguns moços que se introduziram, como pertencendo a familias catholicas inglesas, no seminario de Reims, vasto viveiro de piedosos conspiradores, instituido pelos Guises. Por meio d'estes confidentes, que estavam ao corrente de tudo que se tramava no seminario, soube que tres jesuitas ingleses tinham partido para Inglaterra a fim de darem novo alento aos tramas formados contra ella. Foram presos todos os tres, mal chegaram a terra inglesa. Edmundo Campien, um d'elles, e seus dois companheiros negaram constantemente que tivessem tenção de pôr em pratica qualquer projecto contra a vida da rainha. Comtudo, forçoso era que fosse grande o motivo que os levava a afrontar a lei que bania com a pena de morte os jesuitas de Inglaterra. Houve, porém, testemunhas insuspeitas que juraram serem os tres jesuitas chefes d'uma conspiração que devia privar a rainha do throno e da vida. Os espiões do seminario de Reims fizeram saber que os jesuitas contavam com o auxilio d'um partido enorme, á testa do qual, tão depressa rebentasse a revolta, se collocaria uma personagem importante da Inglaterra. Os tres jesuitas foram enforcados em dezembro de 1581, com outros padres catholicos seus cumplices. A estas execuções seguiram-se severos editos contra os jesuitas, e contra aquelles que mantivessem relações com elles. Foi egualmente prohibido a todo e qualquer subdito inglês ir ao continente estudar ou morar nos collegios, seminarios e outras casas da companhia. As perturbações, que então rebentaram com toda a violencia na Irlanda, obrigaram Isabel a lançar mão d'esta severidade contra os principaes auctores d'ellas.

Conjura de William Parry

# XXVII

## William Parry

Mas, de todas as conspirações tramadas pelos jesuitas contra a pessoa de Isabel a melhor provada é a de 1584. N'aquelle anno, no mez de janeiro, desembarcou em Inglaterra um certo William Parry [1], inglês de nascimento, mas que desde muito habitava o continente. Parry tinha em tempo servido na casa da rainha; mas fôra obrigado a sair de Inglaterra depois d'uma tentativa de assassinio, que lhe teria custado a vida sem a indulgencia regia. Segundo Hume, Parry era catholico. De Thou diz que era protestante, mas que se convertêra em França ao catholicismo. Como quer que fosse, este homem foi tomado, primeiramente n'este ultimo país, como espião de Isabel, e por isso repudiado pelos outros ingleses refugiados. De Paris seguiu para Lyon e d'aqui passou á Italia, onde se ligou com os jesuitas, e entre outros com um certo padre Palmio, que por tal sorte soube atear n'elle o zelo catholico, que fez com que partisse para Inglaterra firmemente resolvido a trazer o seu país á sua antiga religião, por todos os meios possiveis. O historiador De Thou, provando assim a sua imparcialidade, conta que um jesuita chamado Wiat, ou Wast, fizera tudo quanto estava em seu poder para tirar da cabeça de Parry a idéa do crime; porque parece provado que William estava decidido a recorrer ao assassinio, se não encontrasse outro meio de derribar do throno a heretica Isabel. Mas, admittindo que tivesse havido um jesuita homem de bem, bastante ousado para se oppôr aos funestos designios da sua companhia, os seus esforços ficaram sem valor. Outros jesuitas convenceram Parry que tudo quanto elle projectava era bom e licito. Um nuncio do papa deu-lhe préviamente a absolvição, de tudo o que podesse fazer, um outro prometteu-lhe cartas de Roma que lhe dariam completa approvação dos seus piedosos projectos. Parry escreveu ao pontifice pedindo-lhe esta approvação, sem a qual não queria voltar á Inglaterra, e foi um jesuita, o padre Codret, que se encarregou de enviar a carta ao papa, promettendo que elle proprio faria apoiar vivamente pelos seus o pedido de Parry. Devemos dizer, em abono da verdade, que Parry nunca recebeu a approvação pontificia que solicitára; apesar d'isso conseguiram resolvel-o a tentar a empresa. Uma vez em Inglaterra, e como ainda hesitasse, entregaram-lhe uma carta urgente do cardeal de Como, com data de Roma em 31 de janeiro, na qual, diz De Thou, este principe da Egreja, depois de lhe ter dado a benção em nome do santo-padre, instava vivamente com Parry para que perseverasse *n'um tão louvavel intento.*

William Parry, assim excitado, não hesitou, e julgou do seu dever cumprir tudo quanto tinha promettido. A fim de melhor realisar os seus projectos, procurou ligar-se com alguns fidalgos ingleses, e conseguir

[1] Já de passagem nos referimos a este facto que, agora aqui tem maior desenvolvimento, pela sua importancia para o conhecimento da moral e intenções da S. J.

uma audiencia da rainha Isabel, a quem supplicou que lhe perdoasse tudo. Segundo Hume, Parry teria então renunciado, pelo menos temporariamente, ao seu projecto de assassinar a rainha; tentou por varias vezes persuadil-a a que revogasse os seus decretos contra o catholicismo, e, para obter este resultado, chegou a declarar-lhe que a vida d'ella rainha corria perigo, se o não fizesse. Parece que, apoiado por altas personagens, inimigas secretas da Reforma, conseguira fazer-se nomear membro da Camara dos Communs, d'onde não tardou a ser expulso por um discurso atrevido, no qual censurou alta e severamente as medidas de rigor tomadas contra o catholicismo.

Furioso por esta desconsideração, e mais ainda pela prisão que se lhe seguiu, instado muito de perto pelos jesuitas, e por alguns padres catholicos taes como Allen, clerigo inglês, que, alguns annos annos depois, foi nomeado cardeal, Parry voltou ao seu antigo projecto de assassinar a rainha, destruindo com ella o protestantismo na Inglaterra. O crime foi assim premeditado. Isabel seria assassinada quando fosse passear ao jardim, como era seu costume, e o que fazia quasi sempre sem comitiva. Um barco esperaria o assassino no Tamisa, para fugir á ira popular, que por certo se desencadearia á noticia do attentado. Mas, julgando ter necessidade d'um cumplice para que a tentativa não falhasse, associou-se um outro inglês chamado Nevil, e seu parente. Nevil, segundo alguns historiadores, não attendeu ás idéas homicidas de Parry senão para as fazer abortar; segundo Hume, elle era de boa fé cumplice d'aquelle agente dos jesuitas. Mas, emquanto Parry procurava uma occasião favoravel para assassinar a rainha, emquanto os jesuitas preparavam surdamente o movimento revolucionario que devia aproveitar-se do crime, o conde de Westmoreland, fidalgo inglês, morre no exilio, e Nevil, ao tempo pobre, mas que era proximo parente do conde, começa a calcular que, fazendo-se denunciante da conspiração tramada contra a vida da rainha, poderia obter o titulo, os bens e as honras do defunto conde. Sem nada dizer a Parry, foi procurar o conde de Leicester, camarista da rainha, e Walsingham, um dos seus ministros, a quem descobriu a conspiração. Immediatamente Parry foi preso. Interrogado acêrca do crime que meditava, começou por negar, e sómente confessou que tentava o restabelecimento da religião catholica romana. Mas, acareado com Nevil, acabou por confessar tudo, somente lançou para sobre o seu denunciante todo o odioso do projecto e a auctoria de tentar contra a vida da soberana. Pediu aos juises a graça de o tratarem «não como Caïm que desespera da sua salvação, mas como o publicano que ingenuamente confessa as suas faltas.»

Escreveu tambem á rainha pedindo-lhe o seu perdão, representando que seria mais proveitoso para ella perdoar-lhe do que envial-o ao supplicio. Reiterou as suas declarações por muitas vezes, e, para attenuar o seu crime, fez valer a circumstancia de lh'o terem elogiado como uma boa acção. Estas declarações comprometteram os padres catholicos em geral, mais particularmente o nuncio do papa, e principalmente os jesuitas. Um membro da companhia foi por essa occasião preso em Inglaterra, onde se tinha introduzido disfarçado, sem duvida para ser testemunha do que se ia passar, e para que a sua ordem obtivesse larga parte na victoria que se preparava, á custa d'um cobarde assassinio, para a Egreja romana. Este jesuita, chamado Creigthon, começou por negar que tivesse conhecimento do projecto formado por William Parry, e acabou por confessar que este lhe dera parte d'elle; mas sustentou até o fim que não lhe tinha dado nenhum conselho que o animasse ao assassinio da rainha, e que, pelo contrario, se não cançara de lhe repetir que esta maxima: *é bom salvar muitas pessoas por causa de uma,* era má, a menos que, para seguil-a, se não tivesse recebido ordem expressa de Deus, ou uma inspiração divina.

William Parry convencido do crime de alta traição, foi condemnado ao ultimo supplicio e executado a 2 de março de 1584. Atado a um alto poste, e antes que a vida o abandonasse, abriram-lhe o peito e tiraram-lhe as entranhas, que foram alli mesmo queimadas; por fim esquartejaram o cadaver e cada boccado d'elle foi envia-

do a cada uma das quatro portas de Londres!

Pouco tempo depois d'esta execução, um fidalgo do condado de Warwick, exaltado pelas prégações fanaticas, veiu a Londres resolvido a assassinar a rainha. Preso, suicidou-se na prisão. Muitos outros individuos foram tambem accusados de terem formado o mesmo projecto. Comprehendem-se, pois, os rigores que Isabel usou com os catholicos em geral e sobretudo com os jesuitas. Era um direito de legitima defesa, e ella matava para que a não matassem. Alem d'isso, a ordem de coisas religiosas que Isabel representava tinha por si a maioria da nação ingleza. Rainha illegitima, excommungada, bastarda para Roma e para os partidarios de Roma, Isabel foi para o seu povo, que elevou a um grau de prosperidade até então desconhecido, uma grande rainha, uma soberana bem amada; e isto põe ponto na questão.

# XXVIII

## Maria Stuart

Foi por aquella mesma epocha, isto é, em 1587, que se terminou pelo cutello do algoz a grande contenda que por tão longo tempo existiu entre a rainha d'Inglaterra e a rainha d'Escossia, essa celebre e desgraçada Maria Stuart. Parece-nos necessario dar alguns pormenores sobre esta contenda, tanto mais que os jesuitas tiveram um papel importante, e que a maioria das conspirações, que se tramaram contra Isabel, foram em nome e no interesse de Maria Stuart.

Esta princeza, depois de ter brilhado algum tempo na côrte de França e sobre o throno d'um rei ephemero, Francisco III, voltou, em 1561, a reinar na Escossia, seu pais natal. Alem d'isso tinha direitos á corôa d'Inglaterra, admittindo que Isabel fosse, como pretendiam os catholicos, filha illegitima de Henrique VIII. Estes direitos, Maria Stuart, se dispoz a revindical-os. Logo após a morte da sanguinaria Maria Tudor, Maria Stuart, então mulher do delphim, filho de Henrique II, quarteou as armas d'Inglaterra, e tomou o titulo de rainha d'este pais. Quasi todos os catholicos ingleses se mostraram dispostos a sustentar as suas pretenções, pretenções sérias que não deixavam de assustar Isabel, que temia que as armas de França se unissem aos raios do Vaticano para as fazerem triumphar. Fe-

Mallogro da conspiração da polvora

lizmente para Isabel, Francisco II não tardou em seguir seu pae ao tumulo, e Maria Stuart, abandonando, lacrimosa, a sua bella França, que tanto amava, foi reinar na selvagem Escossia.

Este ultimo país estava então agitado pelas primeiras convulsões da Reforma. Do alto das cumiadas caledonianas, a voz formidavel de John Knox tinha respondido ás vozes de Luthero e de Calvino.

A rainha regente, Maria de Guise, viuva do ultimo rei, e mãe de Maria Stuart, luctava a custo para se não deixar arrastar pela torrente que engrossava de dia para dia, e ameaçava destruir até os ultimos vestigios da antiga religião.

Isabel aproveitou-se d'estas circumstancias. A agitação religiosa vinha em seu auxilio, e elle soube alimental-a. Fez mais: impelliu á revolta um irmão natural de Maria Stuart, o conde de Murray, que acabou, mercê do oiro inglês, do concurso dos adversarios da Egreja romana, e principalmente das imprudencias da rainha d'Escossia, por prival-a da auctoridade e da liberdade. Esta pobre mulher, que pagou com a morte as suas e as alheias faltas, parecia apostada em dar rasão aos seus accusadores. Assim se não foi cumplice na morte de Darnley, seu segundo marido, pareceu que o tinha sido, casando-se, alguns dia depois, apesar das representações dos seus fieis amigos, com o odioso Bothwell, que toda a gente apontava como sendo o assassino do infeliz Darnley.

Entre os detestaveis conselheiros que contribuiram para desvairar a imprudente rainha da Escossia, é de justiça não esquecer os jesuitas. Estes tinham invadido o reino e assestado as suas baterias contra Isabel, esperando que em breve d'alli partiriam á conquista da Inglaterra. Maria, catholica zelosa, rival de Isabel como mulher e como rainha, deixou-se seduzir pela esperança de restabelecer na terra inglesa os derribados altares. Esta pretenção, que nem se quer procurava disfarçar, quando teria sido mostra de tino renunciar a ella, foi a principal causa da sua perda.

N'um dia do anno de 1568, Maria mal e a custo escapada das mãos do seus subditos revoltados, desembarcou em Wirkington, no territorio inglês, e veiu entregar-se ao poder de Isabel. Mas a infeliz fugitiva tinha contado demais com a generosidade da sua rival, que não viu nella senão uma inimiga, e a constituiu logo sua prisioneira.

Foi durante a longa detenção de Maria que rebentaram diversas conspirações contra Isabel. Estas conspirações tinham todas por fim ou por pretexto dar a liberdade a Maria Stuart, que os conspiradores queriam fazer acclamar rainha d'Inglaterra. O duque de Norfolk, que pagou, como já dissemos, a sua empresa com a cabeça, tinha tomado as armas na esperança de casar com a prisioneira. A belleza incomparavel d'esta, belleza cuja recordação vive aínda na memoria dos povos, serviu, não menos que o zelo religioso, de incitamento ás conspirações contra Isabel. Em todas estas conspirações figuram os jesuitas, e por consequencia foram elles que contribuiram para a morte de Maria Stuart. Em fins de 1586, o jesuita John Ballard peitou um novo conspirador, um rapaz de Dothic, condado de Dervy, chamado Antony Bakington, pertencente a uma boa familia, e d'um grande zelo pela religião catholica. Por esta causa tinha passado secretamente em França, onde encontrou o jesuita Ballard. Bem depressa, Bakington dotado d'uma imaginação viva, exaltado, mal lhe mostraram um retrato de Maria Stuart, ficou logo apaixonado por ella, e jurou consagrar a vida á liberdade da real prisioneira, restituil-a ao throno de que tinha sido despojada, e a sental-a n'aquelle a que tinha direito, segundo a decisão do papa.

Este cavalleiro errante foi posto em relações com um fanatico de feição mais sinistra, chamado John Savage, sobre o qual os jesuitas tinham uma grande preponderancia, tendo-lhe incutido uns principios conducentes ao fim a que o destinavam. Estes dois homens associaram-se para assassinar Isabel, cuja morte devia ao mesmo tempo causar a liberdade da rainha da Escossia, e o triumpho completo da fé romana.

Diz-se que o embaixador hispanhol se envolveu na conspiração, e que Maria Stuart livre e duas vezes rainha, devia desherdar seu filho heretico e adoptar Fi-

lippe II, que poria uma esquadra ás suas ordens.

Assegura-se mais, que o jesuita Ballard fôra quem excitara Bakington a assassinar Isabel, figurando-lhe o acto como dos mais meritorios perante Deus. Esta conspiração, que devia rebentar em a noite de S. Bartholomeu, data bem escolhida, foi descoberta, e enviados ao cadafalso Bakington, Savage e doze dos seus cumplices, seis dos quaes fizeram as mais completas confissões do trama.

As consequencias d'este conluio não recairam unicamente sobre a cabeça d'aquelles que o tinham concebido ou foram seus instrumentos. Maria Stuart achou-se gravemente compromettida. Isabel, que á maneira que envelhecia se ia lembrando cada vez mais que era filha de Henrique VIII, resolveu desembaraçar-se de todo em todo da sua viva prisioneira. Maria Stuart, pois, ao fim de um captiveiro de dezoito annos, compareceu perante o tribunal e foi condemnada á morte. Tinha então quarenta e seis annos.

Não temos por missão justificar a rainha d'Inglaterra d'este acto cruel, de que ella propria quiz fazer parecer que se envergonhava, negando que o tivesse ordenado, e lançando todas as culpas sobre os seus mais que zelosos servidores. Chegou até a ordenar que Davidson, que expedira a ordem para a execução da rainha da Escossia, fosse processado. Este homem d'estado, infeliz bode expiatorio, teve que pagar uma multa enormissima e que o arruinou esteve preso durante uns poucos d'annos. Mas esta demonstração não illudiu ninguem, e ficou firmado na opinião publica que Isabel, fazendo morrer Maria Stuart, se quizera vingar d'uma rival que a tinha humilhado, e desembaraçar-se d'uma inimiga que servia de bandeira a todos os descontentes do seu reino, e de pretexto aos seus adversarios do continente.

O que é certo, e, até certo ponto, pode justificar a cruel resolução de Isabel, é que o povo inglês celebrou com espontaneas manifestações de regosijo esta morte, que elle considerava como devendo pôr termo provavel ás perturbações que quasi sem descanço agitavam a Inglatarra.

E, comtudo, a morte de Maria Stuart, foi o signal para novas tentativas contra a vida de Isabel. O papa e os jesuitas procuraram impellir o rei da Escossia, filho de Maria Stuart, a vingar a morte de sua mãe; mas este, que se tinha feito protestante para ficar rei, entendeu que o melhor era continuar nas boas graças de Isabel, de quem esperava ser herdeiro e successor.

Então os jesuitas dirigiram-se aos irlandeses, sempre dispostos a tomar armas em nome da sua crença proscripta. Diversas revoltas rebentaram n'este desgraçado país, que se não submetteu senão pelo esgotamento de forças e de sangue, e só nos ultimos annos do reinado de Isabel.

Em 1601, os hispanhoes, que os jesuitas, tinham introdusido na Irlanda, foram por fim expulsos, por occasião da revolta do conde de Tryone.

Pelo mesmo tempo, o papa fulminou uma nova excommunhão contra Isabel. O rei de Hispanha, Filippe II, furioso por ter sido ludibriado por ella, fez partir para a Inglaterra a *grande armada;* os principes de Lorena suscitaram-lhe outros embaraços no continente, e no seio do proprio reino se urdia uma conspiração que tinha por chefe o conde d'Essex, favorito da rainha. A machinação do conde enviou o seu auctor ao patibulo; a esquadra hispanhola naufragou contra os rochedos da Inglaterra; os raios do papa recochetaram na affeição dos ingleses pela sua rainha: visto que o amor dos povos foi sempre o melhor escudo dos reis.

Isabel morreu em 1603; e a sua morte reanimou os jesuitas, de quem ella foi sempre a implacavel inimiga.

A ascensão ao throno d'Inglaterra e da Irlanda de James, rei da Escossia, reuniu emfim as tres partes do reino britannico.

Como este principe era filho de Maria Stuart os catholicos viram-o chegar a Inglaterra cheios de esperanças, embora elle tivesse abraçado a Reforma; mas isto não passava, diziam, d'uma vã mascara, que elle se vira forçado a afivelar, para os seus interesses, mas que lançaria fora na primeira occasião favoravel. O filho de Maria Stuart, muito embora não fosse catholico como sua mãe, não podia deixar de se mostrar propicio áquelles que tinham sido

partidarios d'esta e seus amigos, áquelles que ainda pranteavam a sua morte cruel, que tantas vezes tentaram vingar!... Immediatamente se reatam os fios de mil intrigas. Do seminario dos jesuitas em Roma, do de Reims [1], partem ordens e agentes. O superior geral da missão d'Inglaterra, Henrique Garnet, cujo nome vae bem depressa conquistar uma terrivel celebridade, recebia as ordens de Roma, e transmittia-as aos seus subordinados.

As contendas que tinham rebentado entre os padres catholicos ingleses, e cujo espirito de dominação os jesuitas podiam em grande parte revindicar, estavam apaziguadas. Estas contendas eram o resultado das pretenções dos jesuitas ao governo dictatorial da Egreja catholica na Inglaterra, pretenções que, sustentadas por Garnet, Watson e seus acolytos, admittidas por Blackwell, arcipreste da egreja perseguida, tinham sido repellidas pelos padres catholicos ingleses que não pertenciam á companhia de Jesus. Mas o interesse commum faz emmudecer por momentos os interesses oppostos e reune-os num só feixe, embora mais tarde venham a dividir-se. Emfim, tudo se agita e prepara para um triumpho por tanto tempo desejado e esperado. Comprehende-se qual fosse a raiva dos filhos de Loyola, quando viram que o de Maria Stuart illudira as suas esperanças, e adoptara seguir invariavelmente a linha de governo que Isabel tinha, com tanta energia, traçado contra elles!

James era um monarcha indolente, que sempre se deixou governar pelos que o cercavam; mas, embora essencialmente egoista, não era distituido de espirito d'observação, e estava convencido de que não reinaria em paz senão deixando que a Inglaterra e a Escossia caminhassem livremente na via da Reforma. James, cuja mãe morrêra ás mãos do algoz, e de quem o filho devia egualmente subir ao patibulo, tinha jurado reinar com socego e morrer em paz. Longe, portanto, de se mostrar favoravel aos jesuitas, renovou contra elles as ordenanças de Isabel, e manteve-lhes a severa execução. A fim de provar aos seus subditos a sinceridade do seu protestantismo, viram-o, quer fosse por manha politica, quer por zelo e convicção, escrever a favor dos dogmas da egreja anglicana.

Mas, como para os jesuitas não ha socego nem tranquillidade emquanto têem vivo um inimigo, juraram vingar-se, e lançaram de novo mão dos meios até alli empregados, na esperança de que tendo falhado tanta vez a jogada, era possivel que d'esta o golpe fosse certeiro e efficaz.

---

[1] O seminario de Reims tinha succedido ao de Douai, que o rei d'Hispanha havia dado aos jesuitas para n'elle serem educados os rapazes catholicos da Inglaterra, e que a colera e vingança popular tinham destruido. O seminario de Reims era creação do cardeal de Lorena

# XXIX

## A conjura Raleigh

Tendo jurado vingar-se, os jesuitas agruparam em redor de si todos os descontentamentos politicos e religiosos, e procuraram renovar contra James I os attentados que tantas vezes tinham ameaçado a vida e a coroa de Isabel. Começaram por contestar a legitimidade do rei que os não consentia nos seus estados, apezar de ser James, á falta de representantes da linha masculina, o herdeiro legitimo do throno d'Inglaterra, como bisneto da princeza Margarida, filha mais velha de Henrique VII, mulher de James IV, rei da Escossia. Mas os jesuitas objectavam que o testamento de Henrique VIII excluia da herança regia os membros da linha da Escossia. Comtudo, tal acto da vontade pessoal do rei, podia constituir lei? Os inglezes não foram d'essa opi-

M.me Judith Tresham obriga seu marido a uma retractação na hora da morte

ção, e eram elles, os verdadeiros juizes da causa, que sentenciaram em favor de James, recebendo-o e acclamando-o como rei, no meio da alegria geral.

Mas os jesuitas pouco se importavam com o fundo da questão, e para elles era-lhes perfeitamente sem importancia a legitimidade ou illegitimidade de James Stuart; o que elles queriam era aquelle rotulo especioso para poderem atar ao facho da sedição, que tentavam lançar no foco amortecido, mas não extincto, dos incendios politicos.

N'essas intenções trataram de procurar alguem que oppozessem a James; e encontraram Arabella Stuart, filha do conde de Lennoy, proxima parente do rei e descendente, como elle, de Henrique VII. Alguns descontentes, com a mira de satisfazerem os seus interesses, declararam-se em favor dos de Arabella. Certos fidalgos e cortesãos, que tinham queixas do rei, entraram tambem na conspiração, que assim se viu formada pelos mais contradictorios elementos. Entre elles figuravam, com as personagens politicas desfavorecidas por James I, pela parte que tinham tomado na morte de sua mãe, taes como Raleigh e Cobham, os puritanos como lord Grey, os catholicos como Clarke, atheos e libertarios como Broke e Copley, emfim individuos como sir Griffin Markham, que não eram nada n'este mundo.

O jesuita Watson era o eixo d'este trama, e quem conseguira dar cohesão a estas diversas partes constituintes.

De Thou é d'opinião, e não nos parece fóra de proposito, que, sendo os jesuitas os instigadores da conspiração, os conjurados estivessem em relações com Filippe II e esperassem ser soccorridos por elle.

A sua intenção era casar Arabella Stuart, com o duque de Saboia.

Segundo o historiador, que acabamos de citar, o que fez descobrir a conjura foi que Raleigh, no momento em que ella ia rebentar, como partisse para ir collocar-se á testa dos conspiradores, dissesse com ar sombrio e agitado a sua irmã, a quem muito amava:

—Pede a Deus que eu volte do logar para onde vou!

A irmã de Raleigh communicou o caso extranho a algumas pessoas, julgando que tão singular despedida se relacionasse com algum d'esses duellos muito vulgares n'aquella epocha.

Mas, os que conheciam Raleigh diziam que não eram as consequencias d'um duello, que podiam tel-o lançado n'aquelle estado de espirito. O rumor de tudo isto chegou á corte, donde Raleigh estava, por assim dizer banido, e onde o seu caracter emprehendedor e firme nas resoluções o faziam temer; e sem mais provas, foi ordenada a sua prisão. Os outros conjurados foram tambem immediatamente presos, e o processo instaurado com rapidez. A maioria dos prisioneiros confessou os preparatorios da conjura; mas só lord Cobham fez confissão completa.

A conspiração fora descoberta em junho de 1603, e no mez de novembro seguinte, depois dos debates que foram animadissimos, foi pronunciada a sentença contra Clarke, Watson, Broke, irmão de lord Cobham, contra este revelador, bem como contra lord Grey e Griffin Markham. Raleigh obteve ser condemnado a prisão perpetua.

O jesuita Watson e Clarke foram executados a 29 de novembro, Broke a 5 de dezembro, Cobham, Grey e Markham levados ao cadafalso, dois dias depois, no castello de Winchester, onde então residia a corte, fugida de Londres por causa d'uma epidemia.

No momento em que Markham, que devia ser o primeiro degolado, já tinha o pescoço sobre o cepo e no ar brilhava o machado do algoz, o *scheriff* de Hampshire suspendeu-lhe o braço, em cumprimento d'uma ordem do rei, trazida por um correio do palacio. O mesmo se repetiu com os outros dois condemnados; e tendo passado por este transe terrivel, o *scheriff* annunciou-lhes que o rei lhes perdoava.

Diz-se que esta conjura, que custou a vida a tres pessoas, tinha sido forjada por Cécil, ministro do rei, que se queria tornar cada vez mais imprescindivel, e que desejava, alem d'isso, desfazer-se dos seus amigos, taes como Raleigh, n'aquelle momento seus mortaes inimigos. Comtudo, parece averiguado que Raleigh, homem dos mais notaveis d'então, furioso por se ver caido na inimisade de James, a quem ajudára a sentar-se no throno d'Inglaterra, procurára todos os meios

de se vingar; e Sully, que era n'aquella epocha embaixador de Henrique IV junto de James I, com o titulo de marquez de Rosny, diz-nos em suas *Memorias* que Raleigh lhe tinha secretamente offerecido os seus serviços e Cobham accusou-o formalmente. Ajuntemos mais, que um historiador inglês, David Hume, não parece convencido da cumplicidade de Raleigh, e lança todo o odioso da conspiração sobre os jesuitas.

Estes ultimos não se demoraram em ensaiar nova desforra d'esta recente derrota, e tal, que poucas vezes se encontra na historia trama mais infame, como o leitor vae ver.

# XXX

## A conspiração da polvora

Nos ultimos dias d'outubro de 1605, ao cair da noite, um homem completamente envolvido n'um manto, e que parecia caminhar com precaução ao longo das ruas de Londres, evitando com cuidado as mais frequentadas, e escolhendo as mais escusas, foi bater á porta d'uma casa situada proximo do palacio de Westminter. Esta casa bastante grande, mas muito arruinada, parecia não ser habitada. Nenhum ruido, nenhuma luz passava atravez das janellas cautelosamente fechadas. Silenciosa e negra, esta casa formava um contraste sensivel com Westminter, onde os preparativos para a proxima abertura do parlamento enchiam todo o edificio de bulha e movimento. Comtudo, mal o individuo que indicamos fez um signal particular sobre o postigo da porta, que este se abriu, e um ultimo reflexo do dia, perdido na atmosphera luminosa de Londres, fez brilhar no fundo d'esta abertura estreita os olhos desconfiados d'um homem e o cano ameaçador d'uma pistola. Algumas palavras foram trocadas em voz baixa atravez do postigo, que logo se fechou, e a porta abriu-se sem ruido, apenas tanto quanto foi necessario para dar passagem ao recemchegado; depois a casa ficou de novo silenciosa e fechada como um tumulo.

O individuo em questão seguiu o seu introductor e deu com elle entrada n'uma sala baixa e humida onde se achavam em discussão acalorada onze individuos; embora todos fallassem em voz baixa. A' chegada do homem, que acabava de ser introduzido por um d'elles, todos se levantaram com grande desconfiança, e alguns levaram as mãos ás armas, de que estavam largamente providos. Mas todos estes symptomas ameaçadores se dissiparam quando reconheceram o recemchegado.

— O padre Oswald Tesmund! exclamaram todos com alegria, cercando-o immediatamente.

— Em carne e osso, meus irmãos! O pobre e perseguido filho da Egreja catholica, o religioso aborrecido da companhia de Jesus! Ou, se preferem, o digno *master* Greenwill, episcopal moderado, e quando é preciso, puritano feroz! Que Deus faça expiar aos inimigos do seu santo nome, todas as mentiras de que elles me obrigam a servir!

— Sêde bemvindo! meu padre; disse adiantando-se para elle um dos circumstantes, e duas vezes bemvindo, se nos trazeis boas noticias.

— Infelizmente, não! Os nossos irmãos de França nada pódem fazer em nosso favor; os de Italia não se atrevem. Quanto a S. majestade catholica, o rei de Hispanha e das Indias, declarou francamente que nada faria por nós! A desgraçada Egreja catholica d'Inglaterra não póde contar senão com o zelo dos seus proprios filhos.

— Por certo! e o mundo inteiro o testemunhará. Mas esteve com o reverendo padre Garnet? Nós esperavamol-o esta noite.

— O nosso superior geral julgou que se-

ria mais prudente não sair n'este momento do seu retiro; muitos e gravissimos interesses estão nas suas mãos, para que exponha a sua pessoa sem necessidade absoluta. Delegou-me em seu logar, visto que o padre Gerardo tem que partir esta noite em missão do nosso superior-geral, para o continente.

No tom com que estas palavras foram pronunciadas havia como que uma ironia te-

aquelle a quem tinham chamado o padre Oswald Tesmund, a hora actual é apropriada para a celebração dos santos mysterios, de que não pódem gosar senão clandestinamente, a preço de mil perigos, tal qual como os primitivos christãos nas catacumbas de Roma. Unam-se a mim pelo espirito e com a intenção para que o santo sacrificio seja agradavel ao Altissimo, como outr'ora foi o

Supplicio do jesuita Garnet

nue, que aquelles a quem eram dirigidas, não deixaram de não perceber.

— Não lhes tinha eu dito, murmurou ao ouvido d'aquelle dos presentes que parecia presidir á reunião um homem d'ar feroz, longo bigode grisalho, cara cortada de cicatrizes, que todos estes frades se parecem uns com os outros!

— Cala-te, meu caro Fawkes! E ao ouvido: — Os bons padres saltarão o fosso comnosco, ou cairão dentro. Confia em mim. Tenho tudo previnido.

— Assim seja!...

— Assim, pois, meus filhos, continuou

de Abel, chame o sorriso dos anjos e a benção do ceu sobre nós, e ao mesmo tempo os raios celestiaes e a maldição eterna sobre os nossos perseguidores, esses Cains sequiosos de sangue!...

Immediatamente o individuo que introduzira o jesuita preparou um altar, no qual o padre celebrou missa, e tendo consagrado doze particulas, depois que elle commungou, voltou-se com ellas na patena, e logo o que parecia mais graduado de todos se levantou e approximou do sacerdote.

— O que quereis? perguntou este.

— O corpo e o sangue d'Aquelle que sem

se queixar, se deixou extender e pregar n'uma cruz infame para salvar o mundo.

— E estaes prompto a soffrer por Elle, como Elle soffreu por nós?

— Estou!

— A soffrer e a morrer em silencio?

— Juro!

— Sem dizer, se tiverdes que soffrer o supplicio, em vez do triumpho: Meu Deus porque me abandonaes?

— Nem isso! Juro!

— Recebei, então, o corpo e o sangue d'Aquelle que morreu sem se queixar, porque tal era a vontade de seu Pae

E o padre deu a hostia ao individuo que de novo se ajoelhou para a receber. Aos onze outros foram feitas as mesmas perguntas e deram as mesmas respostas, e commungaram por sua vez. Um d'estes, respondendo ao padre, foi agitado d'um rapido tremor e ficou pallido como um cadaver. O homem a que tinham dado o nome de Fawkes fez notar esta circumstancia ao que parecia ser o chefe da reunião; este apenas se contentou em encolher os hombros. Foi o unico symptoma que daria a perceber, a um observador attento, que aquella reunião tinha por fim outra coisa que não a simples celebração d'um rito proscripto. As palavras do padre estavam calculadas de modo a fazer suppôr que se dirigiam ao zelo dos que o cercavam nos limites reconhecidos da religião; as respostas formuladas com o mesmo cuidado.

Assim que acabou a missa, o padre retomou os seus vestidos seculares e retirou-se apressadamente. Este padre, como já vimos, vivia occulto em Londres como o nome de Greenwil, e fazia-se passar umas vezes por um patrão escossês, outras por um antigo soldado das guerras dos Paises Baixos; mas o seu verdadeiro nome era Oswald Tesmund, jesuita inglês, logar tenente, o *socius*, o espião de Garnet superior geral da missão d'Inglaterra.

— Deus nos ajude! disseram todos os conjurados com voz sombria mas firme, levando a mão aos punhos das espadas.

Estes doze homens eram Roberto Catesby, fidalgo de boa familia, e muito considerado, a quem o zelo exaltado pela religião tinha levado a conceber o plano da conspiração; Thomaz Piercy, da familia do conde de Northumberland; Thomaz Winter, que já tinha soffrido pela sua crença; Guy Fawkes, soldado feroz, antigo official ao serviço de Hispanha; Francis Tresham, Ambrosio Rookwood, rapaz levado a entrar na conspiração pelo ascendente que sobre elle exercia Catesby, o chefe dos conspiradores, Roberto Winter, irmão de Thomaz; o cavalleiro Everard Digby, homem de muita distincção que tinha gosado particular confiança de Isabel; Roberto Keies, Christovam Wright, John Grant, e por fim Tom-Bates, criado de Catesby.

Catesby d'accordo com os jesuitas tinha procurado levar o rei d'Hispanha a fazer nova intervenção em Inglaterra, uma como desforra do desastre da *grande armada*. Como Filippe se recuzasse a isso, e até mandasse um embaixador ao successor de Isabel, os jesuitas quizeram ficar por alli, continuando, sem perigo, no seu trabalho de sapa; mas Catesby, que já se achava muito comprommettido para recuar, pensou e planeou fazer voar por meio d'uma explosão de polvora o parlamento, no dia da sua abertura, durante a sessão real, matando assim o rei, e todos que com elle estivessem!

A casa em que os conjurados se reuniam era contigua ao palacio de Westminter, e fôra alugada por um dos conjurados, que, na sua qualidade de gentil-homem da guarda, devia morar proximo da côrte. Na extremidade do jardim, que dependia d'esta casa, existia um velho casarão encostado ás paredes da camara do parlamento. Foi alli que começaram a abrir uma mina, consagrando dezeseis horas ao trabalho e oito ao descanso; repartido o serviço por tal forma que nunca era interrompido, e que dois d'entre elles estavam sempre trabalhando. De dia cavavam a mina, e á noite enterravam os entulhos no jardim. Mas obstaculos imprevistos vieram suspender o andamento da excavação. A presença da agua a uma certa altura tornava impossivel continuar a mina até os alicerces; e furar uma parede de tres metros de largura, composta de pedras de carrada, não era coisa facil para homens

sem practica de taes trabalhos. Comtudo. animados constantemente por Catesby, continuavam com uma perseverança e energia dignas de melhor causa. Fizeram esforços inauditos para furarem a muralha, mas os dias passavam sem que o trabalho avançasse, quando certa manhã ouviram um ruido extranho sobre suas cabeças. Fawkes informou-se e soube que era um subterraneo abobadado, por debaixo da camara dos lords, que estava convertido em armazem de carvão, donde n'aquelle momento era retirado pelo comprador; e que assim que este o tivesse transportado todo, o subterraneo ficaria vasio. Desde esse momento, pararam os trabalhos, e o subterraneo foi alugado pelos conjurados. De noite transportaram trinta e seis barris de polvora, por cima dos quaes foram collocadas barras de ferro e grandes pedregulhos, para tornar a explosão mais terrivel, e depois tudo cuidadosamente coberto com feixes de madeira, matto secco, e, para não provocarem suspeitas, deixaram as portas abertas, podendo-se alli entrar como d'antes. Emquanto não chegava o momento terrivel, cada qual tratou d'outros meios conducentes a assegurar o bom exito da conspiração.

Guy Fawkes pediu com ardor e obteve a honra de lançar fogo ao rastilho. Um navio fretado por Tresham [1] estacionaria no Tamisa, prestes a transportal-o immediatamente a Flandres, onde devia publicar um manifesto ou apologia do feito, e enviar circulares implorando a assistencia de todos os reis catholicos.

Lord Piercy, que se não tinha ainda completamente desligado da côrte, e que podia entrar em palacio sem despertar suspeitas, ficou encarregado de se apoderar da princezinha Isabel, e conduzil-a a Dunchurch, logar marcado para o encontro geral dos conspiradores.

Alli, Catesby devia proclamal-a rainha de Inglaterra; depois partindo para Warwickshire com todos os seus, conquistaria, dizia elle, todo o povo para a sua causa, publicando em nome d'um governo provisorio uma declaração abolindo certas medidas vexatorias.

Finalmente ficou tratado que um protector, cujo nome foi sempre um mysterio, seria nomeado para governar a Inglaterra em nome da rainha menor, até que esta chegasse á edade de tomar as redeas do Estado.

Assim tudo combinado, separaram-se e assentaram que não se escreveriam uns a outros nem trocariam mensagem de especie alguma; devendo, porém, reunir-se ainda uma ultima vez em casa de Piercy, na vespera da sessão real do parlamento.

Ahi foram os Jesuitas Gerardo e Tesmund, disseram duas missas, e de novo fizeram jurar aos conjurados resolução e segredo, findo o que entoaram todos em voz baixa, como quem repete uma senha de reconhecimento, o hymno latino:

*Gentem auferte perfidam*
*Credentium de finibus,*
*Ut Christo laudes debitas*
*Persolvamus alacriter.*[1]

Estava tudo preparado, quando no sabbado, 28 do outubro á noite, um dos membros do parlamento, lord Monteagle, recebeu uma carta sem assignatura [2], que um desconhecido entregou ao seu criado, e se retirou sem esperar a resposta.

Eis a carta:

---

[1] Tresham era casado com Judith Tresham, absolutamente dominada pelo jesuita Garnet, que além de confessor passava por seu amante. Tresham era louco pela mulher; mas a este amor a devota, por ordem do confessor, oppunha de ha muito uma severidade glacial. No dia em que o dinheiro de Tresham foi necessario aos conspiradores, Garnet sacrificou-se, e aconselhou Judith a que correspondesse ás caricias de seu marido, comtanto que elle auxiliasse a conspiração. O pobre homem, que pela mulher venderia a alma ao diabo, esteve por tudo, e a sua primeira contribuição foi da bagatella de duas mil libras sterlinas. Caro amor!

[1] Traducção litteral: *Fazei desapparecer a gente perfida das fronteiras dos fieis, para que alegremente rendamos a Christo os louvores que lhe são devidos.*

[2] Ha quem ligue um romance d'amor a esta traição. Uma filha de Piercy teria surprehendido a ultima reunião dos conjurados, e como em tempo tivesse amado Monteagle, embora este houvesse recentemente casado com outra, mandou-lhe o aviso que salvou o rei e os membros do parlamento e fez cair a cabeça de seu pae.

«Milord.

«A amisade que consagro a alguns dos «seus amigos faz-me pensar na sua conser«vação. Aconselho-lhe, se quer viver, a pro«curar um pretexto qualquer que o dispen«se de assistir á abertura do parlamento... «Não despreze este aviso: retire-se para as «suas propriedades, onde poderá esperar «sem perigo um grande acontecimento... «Embora não haja apparencia alguma de «qualquer movimento, acredite que se pre«para uma catastrophe terrivel, sem que «aquelles que hão de ser as victimas saibam «donde ella partiu. Não faça pouco caso «d'este aviso; siga-o porque lhe será util, «sem em nada o prejudicar, porque o peri«go passará durante o tempo preciso para «queimar esta carta. Espero que d'ella fará «bom uso, e peço a Deus que o proteja com «a sua santa protecção.»[1]

Lord Monteagle não fez caso do aviso, mas o seu mordomo que estava presente quando elle o recebeu, e que observara a perturbação que lhe causára a leitura, apanhou o papel, assim que Monteagle partiu, leu-o, e, ligando-lhe mais importancia que seu amo, correu apressadamente ao paço, e entregou-o a um dos camaristas do rei.

Ordem foi dada immediatamente para se fazerem as mais minuciosas investigações em todo o edificio do parlamento e nas casas visinhas[2]. Os subterraneos não foram esquecidos, e o conde de Suffolk, seguido d'uma grande escolta, penetrou no deposito onde Guy Fawkes, vigiava os barris, tendo em mão o murrão, e esperando o signal para largar fogo ao rastilho. Vendo-se descoberto, o velho aventureiro quiz largar fogo immediatamente, mas lançaram-se sobre elle, e assim evitaram que se commettesse o crime.

A abertura da sessão foi addiada, e á tarde, ás quatro horas, o rei e o seu conselho fizeram ao prisioneiro um primeiro interrogatorio; mas sem resultado.

Entretanto um filiado da S. J. correu a prevenir Catesby do que acontecia, o qual reuniu immediatamente os conjurados que estavam em Londres, montaram a cavallo e fugiram para os condados de Warwick e de Worcester, nos quaes Digby tinha já começado as hostilidades, e onde uma explosão de polvora, que elles tinham a seccar, os queimou horrivelmente. A lucta tornava-se, pois, impossivel, e as tropas reaes facilmente se apoderaram do castello em que elles se tinham intrincheirado. Os dois Wright morreram no ataque; Grant, Digby, Roockwood, e Bates ficaram prisioneiros; Robert Winter, Tresham, Littleton e alguns outros conseguiram escapar, mas quasi todos foram capturados pouco depois. Catesby seguido de Piercy de Thomas Winter fugiu para uma torre, onde se fortificou, e onde lhe deram batalha, morrendo os dois primeiros e sendo Winter feito prisioneiro e conduzido á Torre de Londres, com outros conjurados ainda vivos.

No meio de toda esta tragedia, na qual os jesuitas excitaram as paixões em vez de prégarem a paz, uma outra tragedia mais intima, mas não menos horrivel, se passava n'uma das masmorras da Torre de Londres.

Tresham, a quem o amor pela mulher levára a toma parte na conspiração, achava-se moribundo em consequencia das feridas recebidas. Vendo chegar a morte pediu que o deixassem ainda uma ultima vez vêr a esposa. Por seu lado esta sollicitava egual favor, mas por motivos muito differentes, porque, dominada pelo jesuita, não tinha pena nem remorsos do que praticara. O que a fazia tremer era que o seu confessor podesse ser envolvido na conspiração por alguma imprudencia de palavra de seu marido; e servindo-se da sua influencia sobre o espirito do moribundo, foi impôr-lhe a retractação de tudo quanto dissera até alli! Como este não podia escrever dictou ao seu criado uma declaração, na qual pedia que não dessem credito ás suas anteriores accusações. Momentos depois expirava e mistress

[1] David Hume, *Historia de casa de Stuart, reinado de James I* e J. A De Thou, *Historia universal.* Devemos notar que De Thou concorda com o auctor inglês em afirmar que os jesuitas foram cumplices de Catesby.

[2] Foi o rei que, se não era valente, era em compensação de intelligencia fina e penetrante, que lendo a carta disse: que o acontecimento annunciado não podia ser outro senão a explosão d'uma mina.

Os solipses

Judith Tresham, saia satisfeita por ter obtido, á custa d'um prejurio á hora extrema, a salvação do jesuita [1].

Dois meses depois, os conspiradores foram julgados, separando-se, porém, do processo d'estes, o do padre Garnet, que não conseguira evadir-se como tinham logrado os seus dois sicarios, os jesuitas Oswald Tesmund e Gerard.

Todos foram condemnados á morte e sir Everard Digby, Robert Winter, John Grant e Bates foram executados a 30 de janeiro de 1606, junto da egreja de S. Paulo. No dia seguinte foram enforcados no velho pateo do palacio de Westminster, não longe do sitio escolhido para a explosão, Thomaz Winter, Rookwood, Robert Keys e Fawkes.

Consummadas as execuções a justiça tratou do processo do padre Garnet, que tinha sido separado dos outros conspiradores, como dissémos, attendendo á qualidade do accusado.

De 13 de fevereiro a 26 de março, Henrique Garnet foi interrogado vinte e seis veses. O celebre jurisconsulto inglês, Coke, procurador regio, pediu a condemnação do criminoso. Garnet foi convencido de reu de alta traição, e a sentença executada em 5 de maio. Um criado de Garnet, suicidou-se na prisão; e um outro jesuita, preso n'essa conjunctura, o padre Oldcorne, foi tambem enforcado. Segundo o padre Rapin, este ultimo jesuita, que fôra deixado em liberdade, foi preso, julgado e executado por ter dito publicamente: «Que o mau resultado da conspiração nem por isso tornava as intenções menos justas.»

Quatro annos depois da execução do padre Garnet, um jesuita, chamado André Endaimon, publicou, com a approvação de Aquaviva, uma *Apologia* do superior da missão d'Inglaterra, onde se exforçou por estabelecer a innocencia do seu consocio. Mas o que achou de melhor para o justificar, foi dizer que o padre Garnet só soubera da conspiração no confissionario, e que o ceu estava tão contente com o procedimento do suppliciado, que tinha feito um milagre expressamente para o provar. O panegyrista relata grave e longamente esse prodigio que resumiremos em poucas palavras.

Um catholico, testemunha da execução do padre Garnet, tendo querido alcançar reliquias d'este martyr, guardou uma espiga de trigo, sobre a qual tinham caído algumas gottas de sangue d'este novo santo, porque, nos termos da sentença, o carrasco, depois de ter enforcado o jesuita, e emquanto ainda vivesse, lhe abriria o peito, e lhe tiraria o coração, para ser queimado. «Ora, assegura o auctor da *Apologia*, aconteceu que a mulher d'este piedoso catholico tendo precisamente guardado esta espiga em um vaso de cristal, viu que o sangue caído sobre ella reproduzia admiravelmente as feições do bemaventurado Henrique Garnet!» Os jesuitas fizeram grande bulha com o milagre, que lhes foi contestado por uns, e de que outros pretenderam dar a seguinte explicação, dizendo: «que o retrato d'um jesuita, que tanto sangue fizera derramar, não podia ser desenhado senão com sangue».

A companhia de Jesus foi de novo e mais severamente expulsa da Inglaterra. Alguns que se atreveram a afrontar o decreto d'expulsão, foram condemnados ao ultimo supplicio.

[1] Esta mulher, depois de ter em vão procurado salvar o padre Garnet, saiu d'Inglaterra e foi refugiar-se na Italia, onde, mercê da alta protecção de Aquaviva, geral dos jesuitas, conseguiu entrar n'um convento, onde chegou a ser abbadessa. O que seriam as subditas de tal superiora? Diz a chronica que morreu muito velha, e notavel pelas suas virtudes. Geralmente certas creaturas costumam dar a Deus o que o diabo ja não quer.

# XXXI

## Ultimas tentativas na Inglaterra

A companhia de Jesus não tentou estabelecer-se de novo no reino britannico senão no reinado de Carlos I, filho e successor de James Stuart. Este principe tinha casado com uma catholica, e parece ter querido approximar-se de Roma. O famoso Lawd, bispo de Londres, ao qual Carlos deu uma grande parte na direcção dos negocios ecclesiasticos, fez tudo quanto pôde para dar corpo áquellas suspeitas, principalmente modificando a liturgia da egreja anglicana e approximando-a do cerimonial romano. Ha até quem affirme que os jesuitas quizeram pôr este prelado em relações com Roma, chegando-lhe a offerecer secretamente, diz-se, o chapeu de cardeal, da parte do papa. Mas Lawd recusou; ainda não julgava o momento opportuno, e, provavelmente tambem queria obter da Santa-Sé concessões que lhe facilitassem a reunião das duas egrejas. Um tal Prynne, tendo-se atrevido a assignalar as tendencias da côrte e os projectos de Lawd, teve as duas orelhas cortadas, os seus bens confiscados, e condemnado ainda em cima a prisão perpetua. Mas as medidas extremas longe de prevenirem o perigo, não fazem, na maioria dos casos, senão com que elle chegue mais depressa. A Inglaterra fez ouvir um surdo murmurio de descontentamento, que não tardou em se transformar n'um formidavel clamor. Carlos respondeu a esta agitação elevando a arcebispo de Cantobéry, isto é, á mais alta dignidade do reino, esse mesmo Lawd, que passava por preparar o caminho pelo qual o *papismo,* como diziam os ingleses, devia de entrar triumphante na Grã-Bretanha. O rei, dotado d'um caracter impetuoso, inclinava-se, no seu intimo, para o dogma catholico, que concede aos reis privilegios imprescriptiveis, e lhes ensina que elles possuem a corôa, não pelo voto da nação, mas pela vontade de Deus. Não tardou pois, que ao fermento das discordias politicas se viessem juntar as questões religiosas. Em 1641, manifesta-se a grande revolta de Rogerio More e de Phèlim O'Neale, na qual os catholicos irlandeses commetteram um grande numero d'atrocidades.

Sabe-se que Carlos I morreu no cadafalso, e os jesuitas têem sido accusados d'esta morte pelas suas intrigas; e taes accusações não são sem fundamento. Effectivamente os jesuitas impelliram tanto quanto poderam o infeliz monarcha no caminho fatal que lhe custou vida e throno; mas que, se o tem percorrido até o fim, lhe teria permittido erguer sobre a Grã-Bretanha um sceptro despotico e de direito divino, ao abrigo do qual o catholicismo podia esperar o seu restabelecimento e os jesuitas o seu triumpho; porque effectivamente já estava chegada a epocha em que o catholicismo se tinha cristalisado na formula jesuitica. No meio do ruido das armas, que n'este momento se ouve simultaneamente nas tres partes do imperio britannico, por mais d'uma vez clamou a voz elevada dos reverendos padres animando os combatentes. Alguns d'entre elles pagaram com a vida ás mãos do carrasco a

sua intervenção, e bem depressa a ordem toda inteira ia ser obrigada a achatar-se sob a mão potente e brutal de Cromwell.

Durante todo o tempo do protectorado, os jesuitas, com excepção d'algumas tentativas isoladas e sem importancia, estiveram reduzidos a um estado de impotencia extrema em toda a Inglaterra. Com a restauração de Carlos II, julgaram que tudo ia mudar; mas enganaram-se. Carlos II, que tinha a escola do exemplo paterno, longe de favorecer os jesuitas, perseguiu-os de novo, annuindo assim á supplica do parlamento, que fizera da sua expulsão uma condição da abrogação das leis feitas contra os catholicos.

Illudida nas súas esperanças, a companhia imaginou preparar um reinado mais favoravel aos seus interesses. Carlos II não tinha filhos; o herdeiro presumptivo da corôa era seu irmão o duque de York. Os jesuitas tal rede extenderam ao redor do principe herdeiro, que d'elle fazem a sua victima. O duque convertera-se ao catholicismo, e os jesuitas conseguiram que se dirigisse ao papa, e trataram de o fazer acclamar rei, mesmo ainda em vida de seu irmão. Diversas conspirações foram descobertas nos ultimos annos do reinado de Carlos II e, mais ou menos, sempre se encontram os jesuitas envolvidos n'ellas.

Dissemos que o duque se fizera catholico, mas guardava todas as apparencias de protestante — o que está na moral jesuitica —; os jesuitas, porém, quando julgaram o momento propicio para a lucta aberta, determinaram-o a fazer profissão publica da fé romana. O padre Simons, seu confessor, e um outro jesuita, que dirigia a consciencia da rainha [1], levaram o duque a este passo, cujos resultados já veremos. O duque quasi que nem se chegou a sentar no throno. No momento em que os jesuitas, guiados pelo padre Peters, seu chefe, a quem James, emfim rei, confiou uma parte da administração dos negocios publicos, esperavam dominar na Grã-Bretanha, uma rovolução medonha lança o rei fóra do throno, e o impelle para o exilio com os seus funestos instigadores e conselheiros.

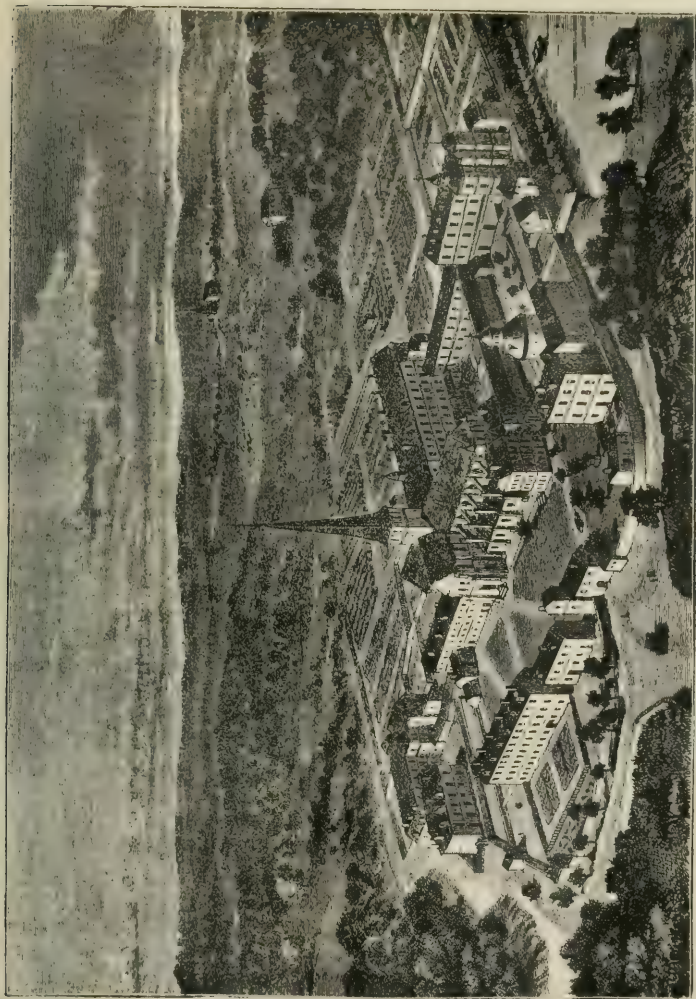
James II foi morrer no desterro, perto de Paris. Os jesuitas, que ainda se não confessaram vencidos, tentaram por outras vezes reentrar em Inglaterra, em seguida ao cavalheiro de S. Jorge, como foi chamado o filho de James II, a quem elles fizeram casar com a filha do rei reinante da Polonia, neta do famoso Sobieske; bem como com o celebre e romanesco pretendente, o principe Carlos-Eduardo, filho do cavalheiro de S. Jorge, ou James III do nome em Inglaterra e Irlanda, e VIII em Escossia, segundo os seus partidarios.

O principe Carlos-Eduardo era talvez, dos descendentes da casa Stuart, o que menos mereceu a sua desgraça. Parece, porém, que sob a direcção dos jesuitas tinha feito uma d'essas philosophias especiaes para uso dos reis, e que nada permittem de bom aos povos amantes da sua liberdade. Carlos-Eduardo foi morrer á Italia, algum tempo depois da destruição da companhia. Seu irmão, Henrique-Benedicto, duque de York e cardeal, morreu nos primeiros annos da revolução franceza, pensionista de Jorge III da Inglaterra, que se sentava no throno, que elle cardeal tinha direito de occupar, segundo as doutrinas em que fôra educado.

Cremos ter esboçado rapidamente a historia do jesuitismo na Inglaterra. A partir, porém, de James II, quasi que mal se divisa, atravez do progresso do povo inglês, a roupeta negra, fatal, sinistra do jesuita. Se o catholicismo é ainda hoje proscripto da Inglaterra, só pode e deve accusar os jesuitas do facto.

E comtudo, um bom observador dos ultimos tempos, já pode hoje alli sentir a mão dos mysteriosos obreiros de todas as vergonhas nacionaes.

---

[1] Esta rainha era portuguesa, filha de D. João IV, e quando foi para Inglaterra levou comsigo nada menos de sete frades para uso da sua consciencia.

Vista de Port Royal

# XXXII

## Os jesuitas no pelourinho

Em meados do seculo XVII appareceu á luz um libello anti-jesuitico intitulado: *Les Jesuites mis sur l'Echafaud, pour plusieurs crimes capitaux par eux commis dans la province de Guyenne, par le sieur Pierre Jarrigue, ci-devant jésuita, profès du quatrième vœu, et predicateur.*

Este livro, dividido em doze capitulos ou discursos, foi um dos primeiros e mais documentados gritos de guerra contra os jesuitas, e, comquanto seja muito restricto o espaço de que dispomos, não podemos deixar de nos referir a elle, embora de maneira rapida.

O capitulo 1.º, que pouco mais é do que uma introducção, é destinado a demonstrar que os jesuitas teem por uso atacar sempre aquelles de quem possam desconfiar, que venham a descobrir os seus crimes.

No capitulo 2.º relatam-se os *crimes de lesa-magestade commettidos pelos jesuitas.* Entre varios factos curiosos em apoio do enunciado cita-se o seguinte: Tendo o exercito de Luiz XIII soffrido uma derrota nas fronteiras da Picardia, emquanto o resto da França lamentava o desastre das tropas nacionaes só os jesuitas folgaram com elle. «No collegio de Bordeaux, onde eu me achava, diz Jarrigue, foi tal a alegria, que uma duzia de jesuitas, tendo transportado secretamente e sem ruido as vassouras dos seus quartos e alguns molhos de lenha para a torre da egreja, ahi fizeram uma fogueira, e cantaram um *Te-Deum* em acção de graças pelas victorias do imperador e do hispanhol, e leram poesias que tinham composto em louvor dos dois. Tendo-se espalhado o boato do que se passára na casa, e a que excessos d'insolencia a alegria tinha levado alguns d'elles, o reitor, que o soube, tractou de dissimular o caso, e o provincial, que teve noticia d'elle, pediu ao bom francês que o informára, de não fazer mais publico este negocio. Ora quem cala consente.» O provincial Pitard fez suprimir da collecta da missa a supplica pelo rei.

No capitulo 3.º são contadas as *usurpações e antidatas* (falsificações) *commettidas pelos jesuitas.* Segundo o escriptor que resumimos, os crimes d'este genero, de que elle tem conhecimento, são numerosissimos. Citaremos o seguinte caso contado por Jarrigue.

Os jesuitas do collegio de Bordeaux tinham-se apoderado com titulos falsos da propriedade de Tillac, que pertencia a um fidalgo bordelense, o qual foi esbulhado d'ella, graças ás habilidades dos padres Malescot e Sabbatheri, o primeiro superior, e o segundo procurador da provincia. Um velho jesuita, o padre Dubois, tendo conhecimento do caso, foi contal-o ao provincial. Este attendeu-o de tal maneira, que quiz recorrer a vias de facto para o obrigar a calar-se. Dubois, porém, e não fôra jesuita, desconfiando das intenções do seu superior, quiz repartir o fardo que lhe pesava nas costas, ou preparar armas para sua defesa. Para isso, certo dia, occultou no seu quarto tres padres dos mais considerados, e pediu a um tal Rivière, ao tempo escolar do collegio dos jesuitas, e de-

pois cura no arcebispado de Bordeaux, que lhe viesse falar, e depois que lhe repetisse o que sabia das manobras fraudulentas do provincial e do procurador. Este Revière, julgando-se sósinho com um homem em quem tinha inteira confiança, contou tudo. Entretanto, pediu ao padre Dubois que não disesse nada, «com medo, de que algum de nós seja enforcado!» Forte com esta confissão testemunhada, o padre Dubois oppoz aos maus tratamentos do seu provincial, uma denuncia ao geral, que era então Mucio Vitelleschi. «Comprehende-se que os chefes da ordem trataram immediatamente de abafar o escandalo, ajunta Jarrigue. O padre Dubois foi nomeado procurador da casa de Bordeaux, e Mallescot saiu da provincia. Mas para ir onde? pergunta o accusador ao jesuita, á roda ou ao cadafalso? Nunca! mas simplesmente para a reitoria de Tournon!»

O capitulo 4.º tem por summario esta accusação: «*Assassinios de creanças engeitadas, commettidos pelos jesuitas.* E' tão monstruosa a accusação que precisava de provas absolutamente irrefutaveis, e Jarrigue não apresenta senão indicios vagos. Conta elle que administrando os jesuitas o riquissimo asylo dos engeitados, para se livrarem de despezas, entregavam as creanças a prostitutas que as deixavam morrer de fome, ou de desastres que propositalmente não evitavam. Ao contrario, todas as creanças cujos paes concorriam secretamente, com uma mezada eram fortes e bem tratadas.

Os capitulos v, vi, vii, viii, ix e x são consagrados por Jarrigue a formular accusações d'impudicicia contra os jesuitas: *impudicicias nas suas classes; impudicicias nas suas visitas; vilanias commettidas nas suas egrejas; impudicicias nas suas casas; impudicicias nas suas viagens e nas casas de campo; emfim, impudicicias dos jesuitas nos conventos de freiras.*

Não podemos nem devemos revolver aqui essa lama infame, na qual o auctor dos *Jesuitas no Pelourinho* arrasta longamente, cruelmente os seus antigos socios, que elle accusa de não terem respeitado, nos seus desregramentos, nem a edade, nem o sexo das suas victimas! Nos seis capitulos, cujos summarios acabamos de transcrever, Jarrigue cita numerosos factos, nomes proprios, e testemunhos de muitas pessoas ainda vivas. Parece comprazer-se na descripção minuciosissima das torpezas a que se entregavam os seus confrades, da provincia. Sómente ha expressões taes que elle reserva para o latim, o que lhe dá um sabor torpe ainda mais aspero.

O capitulo xi accusa os jesuitas *de fazerem moeda falsa.* Os accusados são alguns membros isolados da ordem cujos nomes declara.

O capitulo xii trata das *vinganças* e *ingratidões* dos jesuitas. A relação das que o padre conta e nós sabemos encheriam um volume, e por mais d'uma vez os nossos leitores encontrarão nas paginas d'este livro.

Calcule-se que escandalo produziu semelhante publicação, que o jesuita Beaufés procurou refutar, e a que Jarrigue replicou de maneira triumphante.

Diz-se que Jarrigue por fim se tornou a recolher aos jesuitas, congraçado com os seus irmãos, e que publicou uma retractação.

Essa retractação,—que tem todo o caracter d'um documento, se não em todo apocripho, pelo menos indeciso e violentado,—o mais que consegue é attenuar algumas das accusações, sem diminuir o valor geral do libello.

# XXXIII

## Os solipses

Outro livro que, em seguida ao que acabamos de descrever, caiu a fundo sobre os filhos de Loyola foi o que tem por titulo: *A Monarchia dos Solipses*. Esta palavra *solipses*, conjugada com a de monarchia, significa «homens que querem ser os unicos a reinar», e parece que este titulo convinha por tal fórma aos jesuitas, que logo toda a gente lh'o applicou, tão depressa a palavra foi creada. Este livro curioso é, sob o veu da allegoria, a mais completa revelação que até nós tem chegado ácerca da mysteriosa S. J.

Daremos d'elle uma rapida descripção, baseada, quanto aos nomes e coisas, na *chave* ou explicação que vem junta á edição publicada em Irlanda, em 1648[1].

Depois de ter dado uma idéa geral da *Monarchia dos Solipses*, ou da companhia de Jesus, depois de ter dito que o poder do chefe d'esta monarchia extranha é tão grande, tão absoluto, que, qualquer coisa que elle faça ou mande fazer, por muito oppostas que as suas ordens sejam á rasão, á justiça, ou ás leis divinas e humanas, os seus *subditos* devem-lhe obedecer cegamente e sem reflectirem, o auctor nos introduz com elle na capital do imperio dos *solipses* e nos industria nos meios empregados pelos jesuitas para attrairem ás suas fileiras os recrutas pertencentes ás familias ricas ou poderosas e para os conservarem comsigo. Devemos notar aqui que, ao contrario do que tantas vezes se tem repetido, o auctor do livro attesta que o poder tyrannico de que o geral está revestido é a origem de continuas e violentas agitações no seio d'esta sociedade.

Depois de descrever a magnificencia das casas, ou antes dos palacios que os jesuitas possuem em Roma e na campina romana, e o esplendor verdadeiramente real de que se cercava o despotico Aquaviva, esse *Avidius Cluvius*, que foi o primeiro que, á imitação dos papas e dos soberanos, deu a mão a beijar a seus ministros e dignitarios, diz-nos que os jesuitas—e isso já nós o sabiamos—quando os seus interesses o exigem sacrificam em todos os altares, sustentando em Roma o que negam em Paris, condemnando hoje o que defendem ámanhã. Prova depois que não acreditam em coisa alguma... senão em si!

Passando aos collegios dos jesuitas, o auctor da *Monarchia* traça um quadro d'elles pouco lisonjeiro, e que daria um desmentido completo ás pretenções dos panegyristas da companhia que affirmam a excellencia dos seus methodos e dos seus professores[1].

---

[1] Quem desejar conhecer este libello a fundo, acompanhado da respectiva chave, póde vêl-o na Bibliotheca Nacional de Lisboa, n'uma traducção hispanhola, largamente annotada. Madrid—1770. Na mesma bibliotheca se encontra o texto latino.

[1] Quanto aos methodos são todos baseados no desenvolvimento da memoria, e unicamente applicados áquelles dos discipulos cujos paes tenham um nome ou uma situação em evidencia, para que sirvam de annuncio e de recommendação á exploração industrial entre os idiotas que desejam ter os filhos edu-

«Querem saber, diz elle no capitulo VI, quaes as principaes questões que os *solipses* tratam nos seus cursos de philosophia? Eis o fiel resumo:

Em theologia, por exemplo, as questões são mais sérias; discute-se ahi qual é a *còr dos espiritos*, ou prova-se que as intelligencias celestes se comprazem com o

Revogação do edito de Nantes

*As manchas que se vêem na lua são ou não produzidas pelo ladrar dos cães?*

rufar dos tambores. Não é admiravel?...»

O auctor assignala que os solipses não fazem caso senão d'aquelles de quem precisam, de quem são verdadeiros sabujos no momento em que elles se lhes tornam necessarios, para depois os não conhecerem.

cados nos jesuitas, porque lá foi ou é educado o filho de Fulano e de Sicrano com excellente resultado; mal suppondo que o rapaz vae ser um simples contribuinte.

«A veneração que os outros christãos têem pelo papa, lê-se no capitulo VII, em nada se parece com a que os jesuitas professam pelo seu geral. Basta um pronunciar-lhe o nome para todos os outros baterem com os pés. Mal o vêem, logo se rojam por terra. Atropellam-se, pisam-se, esmagam-se para se approximarem d'elle, para o servirem em tudo que elle quizer...»

O auctor da *Monarchia dos Solipses*, passando á fórma singular do governo dos jesuitas e aos seus dignitarios, attesta que n'uns não ha nem justiça nem moralidade, e nos outros nem moralidade nem justiça! «Os principaes cargos, diz elle, são de ordinario desempenhados pelos mais ineptos, ou dados em recompensa dos grandes crimes... Entre os dignitarios, deve-se contar o numero extremamente grande dos denunciantes. Este *cargo* é o melhor caminho para a elevação aos mais altos empregos da ordem...»

N'este livro os jesuitas estão divididos em cinco classes que são: os professos de quatro votos, os coadjutores espirituaes, os escolares, os professos simples, os coadjutores temporaes ou jesuitas leigos, e por fim os noviços. Diz-nos mais, que estes jesuitas leigos, extremamente numerosos, tinham adquirido tal poder, eram tão turbulentos e intrigantes, que os professos de quatro votos se viam forçados a conquistar-lhes a amisade, e a submetterem-se-lhes, na alternativa de se verem perseguidos por elles e afastados das dignidades. Para obviarem a este estado de coisas resolveram, durante um interregno, reduzil-os á sua primitiva humildade. Mucio Vitelleschi, que foi então nomeado geral, prometteu, jurou até que faria isso. Mas os coadjutores temporaes por tal fórma trabalharam contra os projectos dos seus adversarios, e assustaram de tal maneira o seu novo geral, que este teve de ceder e curvar-se perante o vendaval que elles tinham desencadeado, e que ameaçava a completa destruição de tudo. O auctor conta o caso d'um jesuita da Sicilia condemnado á forca por uma série de crimes, que os jesuitas livraram da corda e depois fizeram reitor d'um collegio, allegando: «que sendo evidentes as provas da infamia era preciso destruil-as não só por meio d'uma absolvição, mas ainda pelos favores concedidos ao culpado, que assim ficaria completamente justificado aos olhos do mundo.» O auctor conclue: «Achei tão singular esta jurisprudencia, que dei logo a demissão do cargo que exercia.»

O capitulo X da *Monarchia de Solipses* é particularmente digno de attenção. E' n'elle que estão explicadas, embora n'uma forma sempre allegorica, mas perfeitamente comprehensivel, as leis que regem a S. J. «O numero d'essas leis é immenso; diz elle, chegam a encher quinhentos volumes. São compostas de uma infinidade de regulamentos, para tudo quanto se refere á sociedade em geral, e com as declarações particulares dos geraes da ordem, visitas e estatutos que descem ás mais pequenas minucias tanto em relação aos cargos como ás pessoas, e em geral sobre tudo que diz respeito á companhia. Alem d'isso cada provincia tem as suas leis, cada collegio e cada casa os seus privilegios particulares. O que se nota em todas estas leis, é principalmente a submissão dos jesuitas ao seu chefe, e os seus continuos esforços para lhe submetterem o universo, por todos os meios possiveis, sejam ou não legitimos.» Eis um resumo d'essa extranha legislação, que nem toda a cohorte dos roupetas conhece:

1.º Quem quer que seja que uma vez se alistou sob as bandeiras de Ignacio, por qualquer fórma que fosse, por escolha ou ao acaso, por vontade ou impellido, deve renunciar a qualquer outro soberano, e subtrair-se a outra qualquer lei, mesmo á da natureza.

2.º Não respeitará quem quer que seja senão por ordem do seu chefe supremo, que venerará acima de tudo e de todos.

3.º Todas as palavras d'este chefe supremo, todas as suas acções serão para os seus subditos outras tantas coisas sagradas... E, embora pareçam más, contrarias á natureza é obrigado a elogial-as e a apoial-as com boas e solidas rasões.

4.º Os inimigos do geral serão os de todos os membros da ordem, inimigos que se deverão magoar e tratar de perder por todos os meios.

Devemos fazer ainda outra menção ao artigo X, que, traducção fiel do sentido intimo das *constituições*, ordena a todos os jesuitas «de se não importarem com a sua reputação nem com a dos outros, quando denunciarem alguem com justiça ou sem ella! A reputação dos membros da ordem não é particular, desde o momento em que se entrou para ella.» Estas leis, diz o jesuita revelador, são sanccionadas por asperos castigos, que esperam aquelles que ousarem infringil-as. Mas para animar á obediencia, lê-se no fim esta sentença, que é como a alma de taes leis: «Quem quer que seja que estiver sob o dominio do chefe da companhia deve não considerar-se como homem mas como uma besta selvagem domada e domesticada.» Salvo seja!

As revelações contidas no artigo XII são verdadeiramente terriveis. O auctor deixa-nos entrever os abysmos de iniquidades que existem no fundo da S. J. e nos quaes os fracos e os innocentes são absorvidos e desapparecem, emquanto que os criminosos audazes e poderosos vivem em plena tranquillidade, insultando ainda por cima as suas victimas. Vê-se ahi que a morte, mas a morte verdadeira e violenta era um dos castigos em uso entre os jesuitas; revelação que o proprio Mariana não hesita em fazer.

O auctor da *Monarchia de Solipses* nos faz em seguida conhecer os meios empregados pelos jesuitas para extenderem por toda a parte o seu poder e o seu dominio. Egualmente nos edifica a respeito de numerosas obras devidas a pennas da S. J. e que são mais principalmente destinadas a deslumbrar do que a esclarecer, sem exceptuar as suas *Historias* e *Relações* piedosas, que não passam de verdadeiros romances, na maioria dos casos.

Dois capitulos são depois destinados a estudar á luz da verdade os trabalhos dos jesuitas na China, aliás bem pouco apostolicos, como a seu tempo veremos.

O capitulo XVIII, que tem por titulo: Os *Casamentos dos solipses e a educação de seus filhos*, nos inicia nas velhacarias de que se servem os filhos de Ignacio de Loyola, para se assenhorearem do espirito das mulheres, e principalmente das viuvas ricas, e para levarem os filhos familias a lançarem-se por si proprios n'esse fundo e negro abysmo que se chama:—companhia de Jesus.

O auctor ainda nos fala das enormes riquezas dos jesuitas, de que em parte indica as origens pouco limpas [1].

O ultimo capitulo do singular livro deixa entrever as guerras intestinas que muitas vezes se travam no seio da S. J., e que são tanto mais terriveis, quanto mais se passam no segredo das suas casas, e cujo triumpho vale tanto como a derrota.

E' considerado como auctor d'este tremendo e de todo o ponto, virgula por virgula, verdadeiro libello o jesuita Julio Clemente Scotti, que se escondeu sob o pseudonimo de Lucius Cornelius Europæus [2]. Quem quer, porém, que seja o seu auctor, o livro, como o de Jarrigue, pregou os jesuitas n'um eterno pelourinho de vergonha e infamia de que até hoje se não conseguiram desamarrar. Outros escriptores completaram o supplicio á franca luz do dia e sem receio da perfida gente. Na mesma epocha, Pasquier publicava o seu *Cathecismo dos jesuitas*, ataque cheio de finura e de malicia, Nicolau Perrault e Antonio Arnauld, o grande jansenista, edificaram o mundo descobrindo os arcanos da moral relaxada dos filhos de Loyola; o primeiro por meio de extractos dos escriptores, casuidicos e doutores loyolenses; e o segundo com os proprios actos d'esta gente. Emfim, o celebre Pascal, entrando por sua vez na lucta, acabou de derrotar a negra cohorte, que de então até hoje só tem tido quem a defenda aquelles que como os jesuitas enfermam da mesma perversão d'espirito ou tentam occultar alguma manna de caracter ou darem largas á mais complicada imbecilidade, e isto com raras excepções.

---

[1] Ainda hoje se a auctoridade policial chamasse os jesuitas a declararem-lhe a procedencia dos bens que possuem em Portugal, por certo não arrancaria resposta clara e definitiva. O capitulo *Esmola dos fieis*, seria a fonte inexgotavel onde a policia não encontraria uma unica indicação com que podesse apreciar o que seria util e moralisador que se soubesse.

[2] *A Monarchia dos Solipses* foi escripta em latim, e impressa pela primeira vez, em Veneza, em 1645, com o titulo de: *Lucius Cornelius Europaei Monarchia Solipsorum*. A primeira tradução franceza é de Restant, Amsterdam, 1754, in 12.

# XXXIV

## Port-Royal

Continuavam os jesuitas triumphantes e dominadores, urdindo e tecendo a teia, em que iam involvendo toda a França, quando uma d'essas questiunculas theologicas, que se afiguram *uns nadas,* por tal fórma avolumou e cresceu, que em breve se converteu em tufão violento, derribando para sempre, no conceito dos homens illustrados e da gente séria, a seita jesuitica. D'esse retiro de estudo, santidade, sciencia pura e austera moralidade, chamado e conhecido pelo nome de *Port-Royal* [1] sairam dois homens, principalmente, que se pódem considerar como gloria do seu seculo e honra da humanidade, que romperam contra a seita perigosa, que ia levando a perversão aos costumes, santificando as ruins paixões, desculpando todas as perversidades, comtanto que fossem respeitadas umas certas apparencias, e satisfeitas em numerario contribuições proporcionadas á falta e aos meios do peccador.

Esses dois homens, a que acabamos de alludir, foram Antonio Arnauld, a quem depois nos referiremos, e Blaise Pascal, de

---

[1] *Port-Royal-des Champs* era um mosteiro fundado em 1204, perto de Chevreuse a seis leguas de Paris, destinado a cistercienses, cujo comportamento não foi dos mais edificantes. Em 1602, Angelica Arnauld reformou-as, e o mosteiro tornou-se exemplo de virtude e santidade. Alguns annos depois, sendo já o edificio pequeno para a communidade, a madre Angelica comprou uma casa em Paris, a fim de transferir para alli parte das suas religiosas. Esta casa, situada na extremidade do arrabalde de S. Jacques, no local onde hoje se acha o hospital da Maternidade, ficou-se chamando *Port-Royal* de Paris, para se distinguir da casa mãe, que continuava a ser *Port-Royal-des-Champs.* O mosteiro de Paris adquiriu logo grande popularidade. As marquezas d'Aumont, de Sablé, a princeza de Guémené, Madame de Sevigné, Isabel Choiseul-Praslin, e um grande numero de senhoras de elevado nascimento, algumas das quaes se fizeram religiosas assim que enviuvaram, concederam grandes dons a esta casa, ou lhe legaram todos os seus bens. Em rasão da sua importancia, a casa de Paris subordinou a do campo, e toda a communidade ficou sujeita ao arcebispo de Paris.

Em 1636, o edificio dos Campos serviu d'asylo aos sabios que apostolisavam o jansenismo e que, para fazerem concorrencia aos jesuitas, então senhores do ensino da mocidade, estabeleceram pequenas escolas em varias localidades. Foi das necessidades d'esse ensino que sairam os compendios, que vieram até nossos dias, e que os da minha geração ainda conheceram e n'elles alguma coisa aprenderam, taes como: *Tratado de logica, Jardim das raizes gregas, Methodo de latim, Methodo grego, Ensaios de moral* e a *Biblia,* chamada de *Sacy.* Entretanto trava-se a guerra com os jesuitas; o papa e o rei tomam o partido d'esta gente; e em agosto de 1664 o arcebispo de Paris, com um grande apparato militar, como se fosse tomar uma fortaleza de guerra, invadiu *Port-Royal de Paris*; prendeu dezeseis religiosas, que distribuiu pelos diversos mosteiros da cidade, e mandou as outras para *Port-Royal des Champs,* onde estabeleceu uma guarnição encarregada de as privar de qualquer communicação com a sociedade exterior, inclusivé de descerem ao jardim. Foi-lhes igualmente prohibido receberem noviças.

No mosteiro de Paris ficaram as religiosas que se submetteram á doutrina dos jesuitas e á sua moral relaxada. Estas, filiadas ao jesuitismo, declararam-se contra as suas irmãs honestas e christãs, e em 1707 intentaram-lhes um processo, para as obrigarem á partilha dos bens, a que não tinham direito algum. Comtudo, as religiosas de *Port-Royal* tendo persis-

quem passamos já a occupar-nos e cuja penna fez peior e mais funda chaga na S. J. do que todos os decretos de expulsão de reis e papas. D'estes sempre se riram os jesuitas; da sentença de Pascal nunca mais houve appellação nem aggravo.

Raros dos grandes nomes da humanidade terão gosado mais inviolavel gloria do que o de este ultimo. Depois de ter excitado a admiração d'um seculo fundamentalmente devoto e geralmente esclarecido, elle tem vindo atravessando todos os tempos que se lhe seguiram sem que o seu nome tenha perdido coisa alguma do primitivo brilho. embora n'esses tempos ria Voltaire, duvidem os encyclopedistas, ou destruam os atheus da revolução. A nossa epocha, toda de critica e analyse, demolidora systematica de passadas glorias não tem conseguido derrubar do pedestal esta grande figura, sempre grande por qualquer lado que se examine. Outros, e dos maiores, celebraram os prodigios precoces da sua intelligencia, essa vida tão curta, e comtudo amplamente cheia pelo trabalho, sempre corôado de exito, as suas virtudes, os seus soffrimentos, o seu estylo nobre, vivo, penetrante, nervoso, sublime, unico; a graça e jovialidade do seu espirito, a severa e altiva gravidade do seu pensamento; aqui, só trataremos de esboçar a lucta por elle travada contra a S. J. e victoria que deixou para sempre a sua contendora mal ferida.

Retrato de Pascal

tido nas suas crenças, os jesuitas obrigaram o rei a destruir a communidade.

Em 11 de junho, o cardeal de Noailles, arcebispo de Paris, publicou contra estas um decreto de suppressão. A 29 d'outubro, o chefe de policia d'Argenson, escoltado por numerosa tropa, foi intimar as religiosas que tinham de sair da abbadia; e concedeu-lhes um quarto d'hora para fazerem os devidos pre-

*Hæret lateri lethalis arundo*[1] diremos: como o poeta: dardo implacavel que os jesuitas nunca mais puderam arrancar da ferida e que ha quasi duzentos e cincoenta annos está sangrando, enfraquecendo-os dia a dia.

Foi na *moral* que Pascal os feriu, foi, em honra da moral christã, que elle os amarrou no pelourinho, d'onde não ha forças humanas que os arranquem[2].

A edade media tinha assistido ao triumpho completo, e ao mesmo tempo á completa desvirtuação do christianismo. Quebrando a antiga instituição politica, e assumindo por sua vez o poder dos cesares, a Egreja não se deteve senão quando se considerou senhora absoluta do homem. Essa primitiva religião, toda espiritual na sua essencia, viu-se obrigada a converter-se em material para se apoderar da sociedade, dissolvel-a dominando-a, e submetter completamente o homem. Da bainha tira a espada, faz correr rios de sangue para comprimir os povos, e mantel-os sob o seu jugo. O Estado passa para a Egreja; a Egreja aspira a passar toda inteira para os conventos; os meios de salvar as almas confundem-se com os de as governar. O culto perde a sua antiga e celeste simplicidade; desnatura-se nas cerimonias e nas devoções, ou antes idolatrias dos santos, das reliquias, das imagens, e n'uma multidão d'observancias qual d'ellas mais tresloucada ou mais estupida. Depravam-se os costumes; a ignorancia e a violacão dos deveres tornam-se universaes. Nunca se falou tanto de pureza, e nunca, talvez, a vida foi menos pura.

Longe de a regularisar, a religião pervertida ainda mais a perverteu. Os mais temiveis e os mais augustos mysterios, brinquedos de consciencias degradadas, são um chamariz publico á prevaricação. Algumas vezes a communhão precede o crime, e a confissão segue-se a este. No sanctuario assiste o vicio e a voluptuosidade de companhia com a cubiça insaciavel, que audaciosamente trafica com todas as funcções as mais sagradas. A faculdade de peccar vende-se e compra-se com o negocio das indulgencias[1], o ceu é posto em almoeda e quaesquer liberalidades, ou praticas cultuaes ridiculas, alcançam o perdão das mais abominaveis acções. A *casuistica*, triste filha da escholastica, acaba por transtornar as idéas moraes com as suas subtilezas e distincções, que transformam os vicios em virtudes. A corrupção trasborda, «e os christãos, como bem nota Fleury, quasi que não differem dos pagãos, senão por vãs cerimonias, que não melhoram os homens.»

Mas no meio de toda esta desordem da Egreja, na sociedade sentia-se a influencia do christianismo, o seu espirito renovador enche o homem sem obstaculos, e o leva insensivelmente para o seio de Deus. E emquanto por fóra o opprimem, elle vae-se libertando por dentro, elevando-se a uma communhão immediata com a rasão soberana, principio primeiro da sua força. Então uma resurreição geral se opera nos espiritos, que se dirigem para o Creador; e essa resurreição, que vem com a das antigas lettras, e dos antigos conhecimentos, tornam indispensaveis uma reforma. Os seus proprios filhos pedem á Egreja de seguir o impulso reformador, mas desde muito que os pontifices tinham succumbido á corrupção geral, de que alguns pareciam ser modelos escolhidos. E como teimassem em repelir a re-

---

parativos. Depois mandaram-n'as com ordem de prisão para diversos mosteiros do reino.

O edificio foi arrasado; e os bens roubados pela auctoridade concedidos ás matronas pouco dignas do *Port-Royal-de-Paris.*

A raiva dos jesuitas nem sequer respeitou o repouso dos sepulchros. As campas foram levantadas, os tumulos violados, e os ossos, confundidos e depois divididos em porções, dispersos por varios cemiterios. Bastava este uuico facto na vida dos jesuitas para a sua eterna condemnação.

[1] *O dardo mortal fica preso no seu flanco.* Virgilio. *Eneida*, liv. IV. v. 73.

[2] O leitor encontrará este assumpto claramente exposto no *Elogio de Pascal*, por M. Bordas Demoulin, premiado pela Academia Franceza, em 30 de junho de 1842, de que este capitulo é um resumo.

[1] A curia romana tinha uma tabella do preço das absolvições para cada peccado desde o mais horrivel á falta mais simples; tal qual como hoje os jornaes artisticos da Italia têem para os adjectivos dos cantores e cantoras desde *assombroso genio* até ao mais insignificante *distincto.* Negociata a mesma, applicação diversa.

forma voluntaria, provocaram a erupção da reforma violenta.

A sociedade é abalada nos seus fundamentos, tudo é analysado e criticado; tudo cae por terra, em presença d'uma logica cega que vae ás ultimas consequencias sem regulador nem attenções; e nada a Egreja comprehende, nada quer ouvir; e pretende só deter a avalanche destruidora e revolucionaria perseverando nos mesmos males e vicios que tinham desencadeado a tempestade. D'esta cegueira do interesse proprio nasceu a *companhia de Jesus*, como já vimos, que fez tremer os reis e que agora vamos vel-a tremer por sua vez na presença de Pascal.

Pelos esforços d'esta milicia numerosa, habil, dedicada até o crime, quando os seus interesses estavam d'accordo com os de Roma, ou ella os sabia torcer a esse ponto, que tanto se insinuava entre os illustrados como entre os ignorantes, entre os ricos como entre os pobres, nas côrtes, nos thronos, nas multidões, que governava todas as consciencias, conseguiu-se por vezes fazer parar o protestantismo mas nunca se lhe fez moça.

A Egreja tinha sido arrastada pelos jesuitas a uma lucta deploravel contra o espirito novo que, no fim de contas, era o glorioso filho d'essa mesma Egreja.

Com o poder crescente dos jesuitas parecia esvair-se a esperança d'uma reforma pacifica na Egreja. A reforma fóra da Egreja privada de orientação e d'apoio, conduzia pouco a pouco á inteira destruição do christianismo. Os abusos d'um lado e os excessos do outro, aqui o odio ao poder, lá uma obediencia submissa e o medo da rasão; e em parte alguma a alliança fecunda, a alliança indispensavel tanto á Egreja como ao Estado da ordem e da liberdade!

Tal era a feição dos negocios christãos, quando *Port-Royal* saiu á arena armado com o genio de Pascal.

Um humilde ermo, consagrado ao silencio e á oração, tinha-se tornado, por um maravilhoso concurso de circumstancias em fóco de luz e no derradeiro refugio da liberdade religiosa. Lá reinava a amabilidade simples de Jansenius[1] e a philosophia de Descartes, essa immortal declaração dos direitos de pensamento; lá floresciam os costumes da Egreja primitiva, e o conhecimento da antiguidade sagrada e profana; lá tinham guarida as provas solidas da fé, se esclareciam os principios da rasão, e as regras da linguagem. Recordando a simplicidade dos patriarchas, dos apostolos e dos primitivos romanos, os seus entretenimentos eram a agricultura e os officios. As almas ávidas de perfeição evangelica, os escriptores ciosos

[1] Jansenius fora um bispo de Ypres, que, quando morreu, deixou um livro intititulado *Augustinus*, no qual fazia reviver a doutrina de Santo Agostinho sobre a *Graça*. Despresando profundamente os escholasticos admirava os sectarios da predestinação. Declaráva pelagiana—heresia que exaggera a energia do homem para a virtude, negando o enfraquecimento original da vontade, e a necessidade da graça—a doutrina sustentada pelo jesuita Molina, e recusava reconhecer com os dominicanos alem da graça *efficaz*, uma outra graça chamada *sufficiente*, que podia tambem, por vezes, não ser *bastante*. Os seus principios e o odio aos jesuitas, que altamente manifestou emquanto viveu, não lhe tinha feito perder a amisade dos dominicanos. O seu livro levantou todas as paixões contra a sua memoria. Assim que appareceu foi logo atacado pelos jesuitas de Lovaina; os partidarios da doutrina que elle explana, vieram á liça e defenderam-n'o com ardor, e a Inquisição interveiu para prohibir o ataque e a defesa. Urbano VIII confirma o decreto do Santo-Officio, e nota o *Augustinus* como contendo proposições hereticas. Os jansenistas não fazem caso da bulla de Urbano VII. Alguns annos depois, o syndico da faculdade de Paris, extraiu do *Augustinus* cinco proposições a fim de as submetter ao exame da Santa-Sé. O papa condemna as taes proposições; os jansenistas replicam que elle fez muito bem em as condemnar, sómente taes proposições não existem no livro de Jansenius, e ao mesmo tempo conseguem que a inquisição d'Hispanha condemne nada menos de vinte e duas extraidas de livros jesuitas. Vinte e oito bispos franceses affirmam que effectivamente as taes proposições se encontram no livro de Jansenius. Os jansenistas declaram que a condemnação não lhes faz móça, porque são simplesmente discipulos de Santo Agostinho, de quem o bispo de Ypres não fez mais do que explicar a doutrina. Aqui entra na batalha o mais temivel adversario dos jesuitas, o grande Arnauld. Este doutor, que tinha sido expulso da universidade de Paris, subjugada então pelos jesuitas, por causa dos seus principios jansenistas, voltava a travar combate, mas os jesuitas obrigam-n'o a refugiar-se na Belgica, onde o fazem perseguir pelos seus sicarios. Mas esta victoria foi sol de pouca dura para os loyolenses, porque veiu perturbal-a a publicação das *Cartas Provinciaes*.

de se comprehenderem a si proprios e de bem dizerem, iam alli procurar conselhos com os exemplos. Emquanto Racine ahi formava o seu gosto incipiente, a duqueza de Longueville ahi dava largas á ternura do seu coração, nos suspiros da penitencia, e imprimia a este ermo qualquer coisa da majestade da sua real procedencia. Lá revolteavam os instinctos d'independencia, que attrairam mais de um nobre destroço da *Fronde;* lá respirava o odio aos jesuitas n'essa familia dos Arnauld, que justamente tem sido comparada a uma d'essas rijas gentes da antiga Roma. Com os seus estoicos amigos — de Nicole, Maistre, Sacy, Renaudod, Hermant, Tillemont — Arnauld, que um grande seculo chamou o grande Arnauld, era a columna d'este portico christão.

Port Royal resolveu combater os jesuitas e os protestantes, escoimar os costumes sem alterar os dogmas, destruir a theocracia sem quebrar a unidade catholica, empresa tão nobre como vasta e difficil, e da qual, alguns erros nunca poderão embaciar a gloria. Port-Royal é a rasão reclamando na Egreja o seu logar natural, sob a protecção da sciencia e da virtude; é a lucta do espirito genuinamente christão contra um christianismo flexivel, ambicioso, mundano; é a santa insurreição contra a mais insupportavel das tyrannias, aquella que ataca as consciencias!

E tal é a força das idéas, que foi preciso as forças reunidas de Roma e de Luis XIV para abafarem a voz livre d'alguns solitarios.

Foi, pois um bello triumpho para Pascal, quando tantas almas santas confiaram do seu zèlo a salvação da sua causa, quando todos esses homens, a quem não faltavam nem os conhecimentos nem o talento lhe entregaram a penna como ao mais digno.

# XXXV

## As Provinciaes

É geralmente sabido que foi o processo de Arnauld [1] perante a Sorbonne, que provocou as *Provinciaes* e a guerra regular e os jesuitas por tal fórma tinham intrigado, movido em seu favor as mais altas, e até as mais peccaminosas influencias, que alto e

Auto-de fé de uma calvinista

e encarniçada entre jesuitas e jansenistas. Vencer Arnauld, seria anniquilar Port-Royal bom som annunciavam a condemnação de Arnauld. O clero secular sustentava este,

[1] Antonio Arnauld nasceu em Paris em 1612 e morreu em Bruxellas em 1694. Era filho d'aquelle outro Antonio Arnauld que já vimos em 1594 advogar os privilegios da universidade de Paris contra os jesuitas. Antonio Arnauld doutorou-se em theologia em 1641, quando já convertido ás doutrinas de Jansenius. Dois annos depois publicou o seu livro *Da frequente communhão*, onde havia laivos de critica á mo-

contra as ordens religiosas unidas então aos jesuitas.

Perante este golpe imminente surgem as *Provinciaes* como um protesto antecipado.

As *Provinciaes*, que são em numero de desoito, appareceram primeiramente por folhas separadas de oito paginas in 4.º, á excepção das tres ultimas, ás quaes o auctor deu maior desenvolvimento. A sua primitiva publicação foi anonyma, e só mais tarde é que sairam á luz com o nome de *Luis de Montalte*. Chamavam-se então as *Petites Lettres*; «mas o livreiro, ou os amigos, diz Sainte-Beuve [1], mandando as provas tinham posto o titulo de *Carta escripta a um provincial por um dos seus amigos*. O publico, para abreviar chamou-lhe *Provincial*, consagrando por esta locução impropria a popularidade da peça.»

As *Provinciaes* diz-se que foram impressas pela maior parte n'um dos moinhos que então existiam em Paris entre a Ponte Nova e a *Pont-au-Change*. Pedro Lepetit, celebre livreiro e impressor do rei, tinha-se encarregado da publicação, para o que se servia d'uma especie de tinta cujo segredo possuia. Esta tinta adheria ao papel sem que fosse preciso molhal-o, e seccava logo, de fórma que permittia imprimir as cartas de noite e distribuil-as no dia seguinte. «Nunca, diz o padre Daniel, nunca o correio fez maior negocio. Foram enviados exemplares para todas as cidades do reino; e embora eu fosse pouco conhecido dos srs. de Port-Royal, d'elles recebi, n'uma cidade da Bretanha aonde me achava, um grande maço d'ellas, com o porte pago.»

A apparição do admiravel pamphleto de Pascal [1] poz em alvoroço os jesuitas, os devotos e apaniguados d'estes e deu o alerta ao bando sempre prompto dos seus sicarios. Fizeram-se desde logo activissimas pesquizas para descobrir o impressor. Por ordem do rei, foi preso e interrogado Carlos Savraix, um dos livreiros de Port-Royal, e tanto elle como sua mulher e seus caixeiros tiveram que responder perante o juiz do crime; mas todas as perguntas ficaram sem resposta. Fizeram-se outras buscas domiciliarias, inclusivamente em casa do livreiro Lepetit; mas, no momento em que alli chegavam os agentes da auctoridade, a mulher do impressor subiu á officina, agarrou nas formas, e, encobrindo-as com o avental, foi escondel-as em casa d'um visinho, onde n'essa noite se tiraram trezentos exemplares da segunda carta, e no dia seguinte mil e duzentos.

Esta publicação custava muito cara aos jansenistas; até que se lembraram e adopta-

---

ral dos jesuitas. As disputas suscitadas pelas doutrinas de Jansenius estavam então no seu auge. Arnauld, tendo escripto duas cartas ácerca d'uma absolvição negada por um padre de S. Sulpicio, os seus inimigos extrairam d'ella duas proposições que foram condemnadas pela Sorbonne, e elle expulso da faculdade de theologia (1656). Voltou então a recolher-se ao retiro de Port-Royal, e não saiu d'alli senão ao fim de doze annos, por occasião da paz de Clemente IX (1668). Onze annos depois, tendo recomeçado a guerra contra os jesuitas, estes por tal fórma o calumniaram junto do rei, que elle julgou prudente retirar-se para a Belgica. O seu espirito foi um dos mais philosophicos do seculo XVII, e um dos mais vastos, e o seu temperamento impetuoso não tinha descanço. Um dia que Nicole, mais brando e contemporisador, lhe objectava que era tempo de descançar: — Descançar! clamou elle, não terás por ventura tempo para isso durante a eternidade?!»

[1] Sobre o assumpto póde consultar-se com grande proveito para o conhecimento geral da epocha e particular da questão, a obra capital de Sainte-Beuve, *Port-Royal*.

[1] Na impossibilidade de incluir no texto d'este livro a traducção das *Provinciaes* ou d'algumas d'ellas, damos os respectivos resumos, taes quaes se acham publicados nas edições deffinitivas.

1.ª—Das questões da Sorbonne, e da invenção do poder proximo, de que os molinistas se serviram para obterem a censura contra M. Arnauld.

2.ª—Da graça sufficiente.

3.ª—Para servir de resposta á precedente. — Injustiça, absurdo e nullidade da censura contra M. Arnauld.

4.ª—Da graça actual sempre presente, e dos peccadores d'ignorancia.

5.ª—Designios dos jesuitas estabelecendo uma moral nova. — Duas sortes de casuisticos entre elles: muitos relaxados, alguns severos; rasão d'esta differença. — Explicação da doutrina da probabilidade. — Multidão d'auctores modernos e desconhecidos substituidos aos Santos Padres.

6.ª—Differentes artificios dos jesuitas para se frustrarem á auctoridade do Evangelho, dos concilios e dos papas — Algumas consequencias que se seguem das suas doutrinas sobre a probabilidade. — Relaxamento

ram a seguinte combinação para a collocação das cartas 8.ª, 9.ª e 10.ª. «Em vez de dar estas cartas, expunha o sr. de Saint-Gilles, aos nossos livreiros Savraux e Desprez, para as venderem e depois prestar-nos contas, fazemos tirar de cada uma doze resmas, que prefazem seis mil exemplares, guardamos tres mil para dar, e os outros tres vendemol-os aos mencionados livreiros, mil e quinhentos a cada um a um soldo o exemplar. Elles depois vendem-os a dois soldos e seis dinheiros o exemplar; d'esta maneira recebemos cincoenta escudos, com que pagamos a edição á farta, ficamos com tres mil exemplares de graça, e ninguem perde no negocio.»

As *Petites Lettres*, ao mesmo tempo que exasperavam os jesuitas, e despertavam a curiosidade publica sobre quem seria o seu auctor, collocavam um marco milliario na historia da lingua francesa, onde até então nada tinha apparecido que lhes parecesse, e depois nada ainda appareceu que as excedesse.

A fórma era absolutamente nova; o plano, simultaneamente simples e rigoroso, não é previamente indicado; mas, á maneira de Platão, vae saindo de si proprio, segundo o curso das idéas, o que sustem sem cessar a curiosidade e prepara para as surpresas.

As tres primeiras cartas referem-se ao processo de Arnauld; as questões relativas á *graça*, ahi são tratadas levemente; o seu principal fim é attrair o interesse para o lado dos jansenistas, e a animadversão sobre os seus inimigos. E' como um preludio que desperta a attenção do publico.

A quarta serve de transição ás seis que se seguem, e onde são expostos e flagelados, com uma *verve* que não se exgota, os inacreditaveis paradoxos dos casuisticos. Nas oito restantes, tornam a ser tratadas as grandes questões da obra; a moral dos jesuitas e a contraversia da *graça,* mas com a dialectica e a impetuosidade d'uma eloquencia esmagadora. De principio a fim são uma lucta sem tregoas, onde a mudança d'armas só tem por fim ferir com mais força.

Estas tres partes bem distinctas das *Provinciaes* tem cada qual o seu estylo, e a sua exposição peculiar. Primeiramente é uma narrativa animada, viva, das intrigas e dos surdos tramas que se praticam á sombra dos claustros; narrativa que traz successivamente para o palco os jacobinos, os molinistas, os jesuitas e põe a claro a conspiração contra *Port-Royal*. Na segunda parte tudo se passa entre dois actores. O casuistico, agarrado de frente, toma a nossos olhos todas as transformações, mas mostrando-se sempre falso, sempre ridiculo, muitas vezes horri-

---

em favor dos beneficiados, dos padres, dos religiosos e dos serviçaes. — Historia de João d'Alba. (Este João d'Alba, accusado pelos jesuitas de lhes ter roubado certos objectos, defendeu se com a doutrina dos amos, allegando que não *roubara*, mas que como não estava satisfeito com o ordenado, tinha junto o que julgara conveniente e justo que lhe fosse dado. O processo não teve sentença.)

7.ª—Do methodo de dirigir a intenção segundo os casuisticos —Da permissão que elles dão de matar em defeza da honra e dos bens, e que elles extendem até os frades e padres. — Questão curiosa, proposta por Caramuel, para se saber se é licito aos jesuitas assassinarem os jansenistas.

8.ª—Maximas corrompidas dos casuisticos acerca dos juises, dos usurarios; o contracto Mohatra, os fallidos fraudulentos, as restituições, etc. — Diversas extravagancias dos mesmos casuisticos.

9.ª—Da falsa devoção á Santa Virgem introdusida pelos jesuitas. — Diversas facilidades que elles inventaram para qualquer se salvar sem trabalho no meio das doçuras e dos commodos da vida. (A primeira edição de *La dévotion aisée* do padre Le Moyne da S. J. é de 1657) — Suas maximas sobre a ambição, a inveja, a gula, os equivocos, as restricções mentaes, as liberdades que são permittidas ás raparigas. (O padre Bauny affirma que as donzellas são senhoras da sua virgindade, como são do seu corpo, e que podem fazer d'elle o que bem lhes aprouver, com excepção da morte ou corte de membro! Por isto julgue-se do resto). Vestidos das mulheres, o jogo, e o preceito d'ouvir missa.

10.ª—Mitigação que os jesuitas deram ao sacramento da penitencia, pelas suas maximas relativas á confissão, á absolvição, ás occasiões proximas de peccar, á contricção e ao amor de Deus.

11.ª—Escripta aos reverendos padres jesuitas.— Que se pódem refutar com zombarias os erros ridiculos.— Precauções com que se devem empregar, e que foram observadas por Montalte, mas que o não foram pelos jesuitas. — Chacotas impias do padre Le Moyne, e do padre Garasse.

12.ª—Refutação das chicanas dos jesuitas ácerca da esmola e da simonia.

13.ª—Que a doutrina de Lessius sobre o homicidio é a mesma que a de Victoria. — Como é facil passar

vel e abominavel. Emfim, a partir da undecima carta, Pascal arreda de todo em todo o artificio, dirige-se directamente á ordem inteira dos jesuitas, ou ao confessor do rei, a quem chama pelo seu nome, e deixa-se levar pela impetuosa liberdade do seu temperamento.

Da collecção, as primeiras *Provinciaes* são as que ficaram mais populares, graças á elegancia dos pormenores, ao movimento dramatico e a uma singular audacia de critica.

Mas quando Pascal, depois de se ter entretido na sua brilhante introducção, avança para combater os desertores da moral christã, quando os vae perseguir no antro das suas subtilezas, quando, á luz do dia, expõe ao desprezo do mundo o espantoso lixo das suas impudentes maximas; então, sustentado pela verdade, elle assume uma força invencivel e provoca o applauso universal das almas rectas, dos homens de bem. Dignamente vingou o christianismo e consolou a moral o escriptor que imprimiu uma eterna infamia n'essa doutrina da probabilidade a qual, disfarçando todos os crimes, ao sabor de qualquer casuistico, santifica as almas deixando-as a chafurdar na mesma corrupção; que profligou esse methodo commodo de dirigir a intenção, concedendo o privilegio do vicio, em troca d'alguns vãos pensamentos d'amor a Deus; que condemnou esse delirio taxativo da vida humana, quando declara gravemente que se pode matar um homem que nos tirou seis ou sete ducados, um escudo, ou até uma maçã; emfim que votou ao despreso e á irrisão todas as inconcebiveis apologias da mentira, da avareza, da simonia, da libertinagem, do roubo e do assassinio.

Como um orador que, depois de ter medido as suas forças, sente sob a mão um auditorio docil, se entrega a todos os enthusiasmos da sua alma, assim Pascal, senhor emfim do publico a que subjugou, irrompe impetuoso nas ultimas *Provinciaes*. Corre direito aos seus inimigos, e mostra-lhes a physionomia d'um juiz inexoravel e terrivel. Accusa, acabrunha, triumpha. Já não é o advogado do jansenismo, é o mestre que ensina. Sente-se n'elle a força secreta d'um partido todo inteiro. A colera, a indignação, a vingança respiram nas suas palavras; é o vigor, o nervo, a vehemencia concentrada de Demosthenes. Com que arte elle sabe produzir esses novos e poderosissimos accentos! A verdade é que as *Provinciaes*, no seu conjuncto, são um grande discurso, conduzido com uma admiravel ordenação. Quando durante tanto tempo o vimos a sangue frio expor as torpezas dos casuisticos, inhibindo-se de as censurar, por uma precaução cruel, sentimo-nos consolados depois quando deixa que o sentimento moral ulcerado desabafe e reclame uma satisfação prompta. E' então que Pascal, pondo de parte o sarcasmo, se torna eloquente, e o leitor sente-se alliviado na sua indignação. O que fica de gracejo, não é senão disfarçada amargura, e todos os golpes vão fundos e despedaçam. Ao dom inflexivel de deduzir que caracterisa Pascal, se junta não só a paixão, mas uma profunda sensibilidade e um mei-

---

da especulação á pratica. — Porque é que os jesuitas se tem servido d'esta villã distincção, e quanto é inutil para os justificar.

14.ª—Refutam-se, com o auxilio dos Santos Padres, as maximas dos jesuitas sobre o homicidio. — Responde-se de passagem a algumas das calumnias d'elles, e compara-se a sua doutrina com o formulario que se observa nos julgamentos criminaes.

15.ª—Que os jesuitas eliminam a calumnia do rol dos crimes, e que não teem escrupulo em se servirem d'ella contra os seus inimigos.

16.ª—Calumnias horriveis dos jesuitas contra piedosos ecclesiasticos e santas religiosas.

17.ª—Escripta ao reverendo padre Annat (confessor do rei). —Faz ver, esclarecendo o equivoco do sentido de Jansenius, que não ha heresia alguma na Egreja. — Mostra-se, pelo consenso unanime de todos os theologos, e principalmente dos jesuitas, que a auctoridade dos papas e dos concilios não é infallivel nas questões de facto.

18.ª—Escripta ao reverendo padre Annat, jesuita. — Faz-se ver ainda mais invencivelmente, pela propria resposta do padre Annat, que não ha nenhuma heresia na Egreja, que todo o mundo condemna a doutrina que os jesuitas attribuem ao sentido de Jansenius, e que todos os fieis permanecem nos mesmos sentimentos sob a materia das cinco proposições. — Nota-se a differença que ha entre as questões de direito e as de facto; e prova-se que, nas questões de facto, se deve ter mais em conta o que se vê do que o que nos é contado por qualquer auctoridade humana que seja.

go amor dos homens. A ultima carta, onde é desenvolvida a doutrina da graça, é repassada de enternecedora uncção.

Como fosse difficil responder a um tal livro, os jesuitas conseguem que o parlamento dos jesuitas estava minado pela base, a casuidica arruinada e por tal forma que, apesar da amisade de Luis XIV pelos jesuitas, apesar da protecção com que os protegia, Bossuet pôde fazel-a condemnar

Catholicos roubando creanças

de Provença o condemne, e fazem-n'o queimar pelo algoz. De todas as refutações era a que menos valia, e a mais desastrada. Não se repara o que é irreparavel. O dominio solennemente pela assembléa do clero de 1700, que deu esta tardia, mas gloriosa homenagem ao vencedor dos abusos e da mentira.

# XXXVI

## Revogação do edito de Nantes

Se houve acto glorioso d'um rei foi sem contestação o edito de Nantes; se houve acto que jesuitas e clericaes nunca perdoaram foi este, que trouxe a paz á França, a liberdade ás conscieneias, e, com ella, o reconhecimento da dignidade humana.

Em materia religiosa o homem pode e deve pensar como quizer; quem quer que trabalhe para lhe impor uma crença, devia ser banido da communidade como prejudicial e perigoso.

As religiões d'Estado foram e continuam a ser origem de incalculaveis males sociaes. Uma nação só entra verdadeiramente no caminho do progresso intellectual no dia em que, sem entraves, ou protecções officiaes cada qual segue a religião que lhe apraz.

Quando, no seu logar, alludimos ao edito de Nantes, não desenvolvemos propositalmente o assumpto, para o ligar com o da sua revogação, e assim poupamos ao leitor o ter que rememorar factos, que intimamente se ligam com os que vamos relatar, e que durante mais d'um seculo fizeram correr rios de sangue em França, graças á ambição e intolerancia da tres vezes diabolica sociedade.

Os protestantes do reino queixavam-se de terem sido abandonados pelo rei, e, mais de uma vez, tinham reclamado d'elle com instancia algumas garantias contra os seus inimigos. Henrique IV, apesar da sua abjuração, cujo motivo, como já vimos, se encerra n'esta phrase: *Paris vale bem uma missa,* tinha ficado huguenote d'alma. Comtudo não quiz afrontar a crença da maioria dos seus subditos, nem sacrificar a religião da sua infancia áquella que os seus interesses politicos, e ao mesmo tempo, justiça é dizel-o, a salvação da França, lhe tinham feito abraçar. Resolveu, pois, pôr d'accordo tanto quanto possivel os dois ramos do christianismo, e fazer com que aquelles, que por tanto tempo o tiveram por chefe, com quem tinha ganhado batalhas, e que por elle tinham prodigamente derramado o seu sangue, pudessem, ao menos, viver tranquillos nos seus estados e gosarem da prosperidade publica. O edito de Nantes, publicado pelo rei em 30 d'abril de 1598, realisava estes seus intentos. Foi acolhido com enthusiasmo pelos huguenotes; a parte mais sã dos catholicos acceitou-o sem murmurar, considerando-o, como na realidade era, uma medida justa e conciliadora; mas os reverendos padres, sairam logo a campo, pondo em acção todas as influencias de que dispunham, para lhe obterem a revogação quasi immediata. O parlamento, que contava no seu seio um grande numero de filiados secretamente á companhia, recusou, durante alguns mezes, registar o edito real. Henrique não cedeu, e, em resposta ás observações que lhe foram dirigidas a este respeito, pronunciou, no começo de 1599, um dos mais admiraveis discursos que da bocca de rei tem saido.

«Recebi, meus srs., as supplicas e observações da minha corte do parlamento, que me foram apresentadas pelo presidente, o

sr. Seguier. E receberei todas as que me forem dirigidas de boa parte, como de pessoas affectas ao meu serviço, ou que devem sel-o. Quero crer que haja quem tenha offensas dos huguenotes, mas todos sabeis que a religião catholica não se póde manter senão pela paz, e a paz do Estado é a paz da Egreja. Se portanto amaes a paz, e se me amaes a mim, é preciso que o mostreis, o que não tendes feito duvidando de mim; porque fazeis exactamente o que os extranjeiros e os nossos inimigos não tem querido fazer... e não é isto grave? Todos os principes da christandade me consideram como o filho mais velho da Egreja, como rei christianissimo, o papa tem-me por catholico .. e vós que sois o meu parlamento, me pondes em desconfiança com os meus subditos, e quereis que elles duvidem da minha crença.

«*Sou catholico, rei catholico, catholico romano, e não catholico jesuita.* Conheço bem os catholicos jesuitas; e não vou com essa gente nem com os seus semelhantes que considero *fazedores de matadores* de reis. Quero ser como o pastor que prefere arrebanhar as ovelhas com doçura e não com crueldade... Porque vos não fiaes nas palavras que já vos disse? O papa e o rei d'Hispanha, fiaram-se na minha palavra, e vós outros não quereis ter confiança n'ella! A minha intenção é de conservar ó estado que adquiri; e não o posso fazer senão por meio da paz. Bem sei que o meu reino senão póde salvar senão conservando a religião catholica; mas nem a religião nem o Estado se podem salvar sem mim, e comtudo ha espiritos fracos, indecisos por superstição, e mais ainda illudidos por gente da Egreja em infinitas coisas que não são o que lhes dizem, a ponto tal que já houve quem me viesse perguntar se se fariam duas egrejas em Paris, uma catholica e outra de huguenotes, e que seria extranho ver que os huguenotes teriam egrejas em Paris para alli pregarem.

«Tenho por timbre seguir a opinião d'aquelles que me servem; quando me dão bons conselhos adopto-os logo, e se vejo que a sua opinião é melhor que a minha, mudo esta immediatamente. Não ha entre vós um unico que venha ter comigo e me diga: Senhor, vós fazeis tal coisa que é injusta contra a rasão, que eu o não ouça de boa vontade.

«Actualmente trata-se de fazer cessar todos os falsos boatos; de fazer com que não haja distincção entre catholicos e huguenotes; de trabalhar para que todos sejam bons franceses, e que os catholicos convertam os huguenotes pelo exemplo da vida; mas não se deve dar occasião aos ruins boatos que correm por todo o reino, e vós sois a causa d'isso por não terdes promptamente verificado o edito.

«Eu tenho recebido de Deus mais graças e beneficios que nenhum de vós outros; e por isso desejo não lhe ser ingrato. Eu proprio não sou por meu natural propenso á ingratidão; embora o não pudesse ser para com Deus; mas espero que Elle, pelo menos, me faça a graça das boas intenções. Sou catholico, e não quero que ninguem no meu reino affecte ser mais catholico do que eu.

«Ser catholico por interesse nada vale... Diz-se que eu quero favorecer os huguenotes, e d'ahi suscitaram a desconfiança contra mim.

«Se eu pensasse em arruinar a religião catholica, conduzir-me-hia de outra maneira. Faria vir vinte mil homens, expulsaria todos aquelles que eu entendesse, e quando mandasse a alguem que saisse, saberia fazer-me obedecer. Diria: — Senhores juizes é preciso registar o edito, ou os faço morrer; n'esse caso, porém, eu seria um tyranno. E eu não quero conquistar este reino pela tyrannia, mas sim pela lei natural e pelo meu trabalho..........................................

...................................................

«As vossas demoras e as vossas difficuldades dão azo e assumpto a desinquietações nas cidades; e até em Tours, já se fizeram procissões contra o edito; e era alli exactamente onde menos que em outra qualquer localidade, se não deviam fazer visto que fui eu que elegi o seu arcebispo. Repetiram-se as mesmas coisas em Mans, para inspirar aos juizes a rejeição do edito; e isto só se pratica por uma ruim inspiração.

«Impedi que taes coisas se repitam; peço-vos que facaes de modo que eu não tenha que me occupar outra vez d'este assumpto.

e que seja esta a ultima. Façam-o; assim lh'o mando e assim lh'o peço.»

Os jesuitas do parlamento tiveram que curvar-se perante a firmeza do rei, e o edito foi verificado e registado.

Eis as suas principaes disposições:

Qualquer senhor de feudo, com direito de alta justiça podia ter em seu castello exercicio pleno da religião reformada; todo o senhor sem alta justiça, podia admittir até trinta pessoas ás cerimonias do seu culto. O inteiro exercicio d'esta religião ficava auctorisado em todas as localidades que estivessem sob a jurisdição immediata d'um parlamento. Os calvinistas podiam fazer imprimir, sem licença superior, todos os livros, nas cidades onde a sua religião fosse permittida. Ficavam declarados aptos para todos os empregos e dignidades do estado. Em vista d'isto Henrique IV fez duques e pares os senhores de La Trémouille e de Rosny.

Para este effeito foi expressamente creada uma camara no parlamento de Paris, composta de um presidente e de quinze conselheiros, a qual julgaria todos os processos dos reformados, não só do districto de Paris, como da Normandia e Borgonha. E' verdade que nunca, um unico calvinista foi admittido de direito entre os conselheiros d'esta jurisdicção, comtudo os catholicos, quasi sempre, tiveram como timbre applicar boa justiça aos huguenotes, cumprindo assim imparcialmente a sua missão. Estes privilegios ligaram os calvinistas ao resto da nação; e as discordias religiosas não recomeçaram senão uns dez annos depois da morte de Henrique IV. Em 1621, os reformados, que começavam a ser opprimidos e ultrajados, levantaram a cabeça e declararam guerra ao rei de França, que assim faltava á fé jurada.

A guerra civil continuou com successos varios, até que os huguenotes, tendo por ultimo ponto fortificado a Rochella, ahi foram vencidos por Richelieu, e obrigados a submetterem-se.

As hostilidades ficaram suspensas por algum tempo, e reduzidas a altercações e discussões. De parte a parte imprimiram-se grossos livros, que provavelmente nem todos foram lidos, e que depois ninguem pensou em lêr. Os jesuitas procuravam converter os huguenotes, e estes empregavam todos os meios de attrairem os catholicos. Mas, a não ser isto, o país esteve tranquillo em materia de religião até o fim do reinado de Luiz XIII e menoridade de Luiz XIV. Nas perturbações da *Fronde*, viram-se figurar padres e bispos; mas não eram questões religiosas que se dirimiam com o sangue. Catholicos e huguenotes deram treguas á mutua execração, e os jesuitas, a quem Richelieu tinha a redea curta, mantiveram-se socegados, como a fera que tem á sua beira farta presa para se saciar.

Uma das suas virtudes, se tal palavra se póde applicar a taes individuos, é de saberem esperar com impaciencia, de desapparecerem quando isso se lhes torna necessario, de fórma que quasi se chega a esquecer a sua existencia, para se mostrarem de cabeça erguida no momento favoravel para o triumpho.

Assim amadornados durante uma grande parte do seculo XVII, deviam ter um despertar terrivel e horroroso para a humanidade, antes do começo do seculo XVIII; obtendo por fim a revogação do edito de Nantes, que fez correr rios de sangue nas *Cevennes*, entregar ás torturas e ao cadafalso milhares de christãos, e terminar esta nova série de longas carnificinas pelo regicidio perpretado por Damiens.

Por morte do cardeal de Mazarin, Luiz XIV, fingindo sentir muito a morte do seu ministro, quiz ser o unico senhor no seu reino. Alcançou-o? Quasi. Em França apenas houve quatro pessoas que conseguiram por vezes dominar o grande rei, e até reinarem em seu nome: as suas duas amantes Montespan e Maintenon, e os seus confessores Le Chaise e Le Tellier. Estas diversas influencias concorreram alternativamente para renovarem em França as dissenções religiosas e as perseguições dos calvinistas. Luiz XIV detestava naturalmente os huguenotes, e tratou sempre de ir minando o edificio da religião d'elles. Por sua determinação, foi-lhes prohibido casarem com mulheres catholicas, — o rei preferia casal-as com os seus subditos catholicos e fazer d'ellas suas amantes; — foram excluidos tanto quanto possivel das

confrarias das artes e officios, e por ultimo, compradas as abjurações dos mais tibios por meio de dinheiro. Em 1681, o conselho do rei publicou uma declaração pela qual os filhos tinham o direito de renunciarem a religião de seus paes quando tivessem **sete annos** de edade! Fortes com esta declaração, os catholicos começaram nas provincias roubando as creanças para as fazerem abjurar, e aboletando soldados em casa dos paes para os terem submissos. Os mestres d'escola calvinistas foram prohibidos de receberem pensionistas; e os reformados ficaram inhibidos de serem notarios, advogados e até procuradores.

Em 1682, os huguenotes ousavam desobedecer em alguns districtos. No Delphinado e no Vivarais, duzentos ou trezentos infelizes, que tinham tomado as armas para defenderem a sua religião infamemente perseguida, foram batidos e dispersados em menos de meia hora. Os supplicios seguiram-se á derrota, e o intendente do Delphinado fez rodar o neto do pastor Chamier, que tinha concorrido para a redacção do edito de Nantes. Crueis e fataes medidas que davam poucos proselytos ao catholicismo! Quanto mais os homens soffrem pela sua religião, tanto mais se ligam a ella. Se os catholicos soubessem a historia das perseguições feitas aos christãos, nos primeiros seculos da Egreja, tratariam d'outra fórma homens, seus irmãos em Christo.

O jesuita Du Chaila justiçado pelo povo

Assim pois o protestantismo não foi abalado, e mais do que nunca se firmou em França, embora se escondesse á approximação dos soldados e dos carrascos; mas de vez em quando os chefes levantavam a cabeça, excitando primeiramente por meio de prégações incendiarias o fanatismo da gente do povo, e depois revoltando-se á face do ceu, e defendendo a sua causa com as armas na

mão. Foi principalmente no Languedoc. e nas regiões visinhas que as sedições rebentaram.

Appareceram, como sempre em phases de exaltação religiosa, prophetas, prégadores e chefes de movimentos, uns sinceros, outros exploradores d'aguas turvas. Inspirados que recebiam o espirito divino, possessos que horrorisavam, convenciam e excitavam; e até creanças recebiam o dom prophetico, «que se não era bastante, segundo as palavras d'um chefe, para fazer mover as montanhas, era sufficiente para praticar milagres.»

A execução leal e honrada do edito de Nantes restabeleceria a paz, apagaria as fogueiras, inutilisaria os cadafalsos. Os jesuitas incitaram ainda mais as perseguições, que foram desencadeadas com uma selvageria propria de cannibaes. O delirio religioso dos reformados, e o odio sanguinario dos catholicos tocaram o seu auge. Em todas as *Cevennes* se organisou a rebellião. O grito de guerra dos insurgentes era: *Fóra os impostos e viva a liberdade de consciencia!* Esta divisa em toda a parte seduzia a populaça.

Não entra no plano d'este livro, onde a materia abunda, qualquer que seja o ponto do mundo para onde lancemos as vistas, já cançadas de ver tanto sangue derramado, mal um jesuita põe pé em qualquer região, enumerar todos os horrores, todos os excessos que n'esta epocha deshonraram as duas seitas em guerra; de um e outro lado ha que censurar e lamentar; mas os primeiros auctores de todo o mal foram os reverendos padres da S. J. que provocaram a revogação do edito de Henrique IV.

O rei resolveu por fim acabar d'uma vez com os herejes, e mandou contra elles um exercito commandado pelo marechal de Montrevel, besta sanguinaria que fez uma campanha feroz e cruel. Por sua ordem os prisioneiros eram queimados e rodados. Então, vendo assim desconhecidas as leis de guerra, os huguenotes entraram no caminho das represalias e trataram de exceder a gente do rei, se isso era possivel, em barbaridade

A guerra assumiu então uma feição horrorosa. As tropas reaes eram insufficientes de dia para dia para suffocarem a revolta; os huguenotes vencidos e parecendo anniquilados aqui, logo os viam resurgir n'outro sitio mais intrepidos e mais numerosos. Era então difficil seguil-os e surprehendel-os nas cavernas e nos rochedos inaccessiveis onde se refugiavam; e ai! dos soldados catholicos que se encontrassem na sua passagem. Faziam-nos em postas, depois de lhes terem infligido as maiores torturas. Christo disse: «que não fizessemos aos outros o que não queriamos que os outros nos fizessem...» Os huguenotes das *Cévennes* diziam aos seus captivos: «o que tu fizeste aos outros, vae agora ser-te feito a ti.»

Muitas vezes nas refregas levavam vantagem aos seus inimigos, e até n'um combate regular derrotaram as tropas do «porco[1] que reinava em Versailles.»

Ao marechal de Montrevel succedeu, em 1704, o marechal de Villars. Como lhe era difficil travar lucta com os rebeldes propoz-lhes uma amnistia...

Alguns recusaram categoricamente; outros entraram em combinações. Os huguenotes luctaram ainda longo tempo antes de acceitarem as capitulações que lhes eram offerecidas, quasi que em nome do rei. As mulheres tinham jurado uma guerra d'exterminio; e souberam fazer comprehender aos homens quanta cobardia haveria na traição aos juramentos dados.

Então o furor redobrou dos dois lados; os protestantes resolvem-se, mais do que nunca, a vingar os irmãos immolados; os catholicos, á testa dos quaes encontramos os jesuitas, declaram aos hereticos uma guerra d'exterminio.

O rei, porém, ao mesmo tempo que enviava tropas sobre tropas para reduzir os rebeldes, não desprezava, para a execução completa dos seus projectos, o concurso dos membros da S. J. Um d'elles, e dos mais influentes, notavel pela sua immoralidade, que corria parelhas com a sua intolerancia em materia de religião [2], o abbade du Chai-

---

[1] Pode chamar-se porco a Luis XIV sem offensa para a sua pessoa, visto que no decurso de toda a sua longa vida, apenas tomou um unico banho; facto que a historia do seu reinado archivou como notavel.

[2] Não pareçam irreconciliaveis estas duas coisas tão contradictorias no mesmo individuo. O papa Alexandre VI, o Borgia, cujas infamissimas immoralidades.

la, foi enviado a Nimes como inspector das missões.

Ao poder espiritual que o reverendo devia de exercer, o rei, por favor especial, deu-lhe poderes extraordinarios em materia temporal, e que deviam ser apoiados por uma companhia d'archeiros. Du Chaila bem depressa se converteu n'uma especie de regulo. Supprime, fere e mata ao sabor da sua phantasia. Manda reabrir as prisões que enche de huguenotes, agglomerando-os em pilha. A impunidade anima-o, e a sua arrogancia não conhece limites. Nenhum excesso lhe repugna, nenhum deixa de commetter. Elle, que vem prégar uma religião tão nobremente inaugurada pela simplicidade e pobreza dos apostolos, tem um palacio, e n'elle sumptuosos quartos; lança impostos, e atira o oiro ás mãos cheias para satisfazer os seus desejos, as suas mais vergonhosas paixões. O seu nome basta para fazer tremer todas as familias; ao aspecto das suas guardas todos fogem; e qualquer homem vestido de preto, e de cabeção e volta, é temido como um espião de Du Chaila. Emfim, durante algum tempo, a população de Nimes curvou a cabeça á força d'aquelle despotismo; mas bastou uma faisca, para fazer rebentar o incendio, que já se julgava extincto.

Nas instrucções que lhe deram de Paris, vinha a auctorisação para fazer entrar n'um convento duas filhas d'um fidalgo, recentemente convertido á fé protestante. As duas meninas agradaram ao abbade, que, em vez de as encerrar no claustro, as mandou levar para o seu palacio, onde as pobres senhoras foram immoladas á sua lubricidade. Mas o povo que tinha perdoado o seu despotismo, a quem elle tinha pretendido assassinar os ministros da sua religião, não lhe perdoou a seducção das duas meninas, e correndo ao palacio solta as duas victimas, e os outros prisioneiros, deita a mão ao seductor, que sem perder a audacia, chama os seus guardas.

—Estão muito longe para te ouvirem, lhe responde um dos da turba.

—O que me querem?

—O que tu querias de nós, ha poucas horas ainda; o que exiges dos nossos parentes e amigos, ameaçando-os com o supplicio e a tortura... uma abjuração.

—Nunca!

—Renuncia essa religião que tantos crimes e infamias te tem feito commetter!

—Quem te mandou matar meu irmão? grita um.

—Quem te fez prender meu filho? pergunta um velho.

—Abjura! abjura! clamam todos.

—Nunca!

—Então morre. E no mesmo instante caiu trespassado de dezenas de golpes.

Continuam as carnificinas e as crueldades de parte a parte; formulam-se accordos que uns acceitam, outros regeitam ou traem: ha quem se venda, quem, esmorecido da lucta, caia no desanimo, mas a pacificação não chega, e Villars é substituido pelo duque de Berwick. Assim foram precisos succederem-se tres marechaes de França, ao mando do rei e dos seus confessores jesuitas, para anniquilar os insurrectos, e assegurar a execução do edito que tinha revogado o de Nantes!

Berwick, mais feliz que os dois marechaes seus collegas que o tinham precedido n'esta sanguinaria empresa, conseguiu abafar a revolta, e o calvinismo depoz as armas, depois do marechal ter feito assassinar mais de duzentas pessoas nos supplicios! Os que escapavam, ou já tinham fugido, refugiaram-se em Hollanda e na Allemanha, para onde levaram muitas artes, muita intelligencia, muita actividade, muita fonte de receita e de riqueza publica e o melhor do seu mais generoso sangue.

Quando os exilados chegavam ao logar do exilio, os povos iam-lhes ao encontro cantando psalmos, e juncando-lhes o caminho com palmas e ramos verdes.

---

incluindo os incestos, são bem conhecidas, era devoto de Nossa Senhora, e severo em materia de religião. Os salteadores da Calabria, accendem luzes e fazem promessas á *Madona*; para que lhes proporcione um passageiro rico a quem assassinem e roubem; e é vulgarissimo encontrar nas casas das desgraçadas que vendem o corpo ao primeiro que passa, a lamparina accesa em frente d'uma imagem da *Senhora das Dores* ou do *Senhor dos Passos da Graça*, para lhes darem *boa sorte* n'aquelle dia.

# XXXVII

## Vinganças e peccadilhos

Antes de ir mais além convem que retrogrademos alguns annos, e nos demoremos uns instantes contando um crime particular da santa companhia, que teve de novo a velleidade de cair no seu peccado favorito: —o regicidio.

Em 1673, epocha em que Luis XIV, ainda resistia ao imperio que os seus confessores jesuitas queriam tomar sobre elle, e hesitava em ordenar as perseguições que acabamos de narrar, os reverendos começaram a duvidar d'elle, e a detestal-o como haviam feito a Henrique IV e por instigação jesuitica, organisou-se um trama contra os seus dias. O delphim devia ser sacrificado com seu pae, porque era preciso cortar o *tronco* e os *ramos*.

Era esta a expressão de que se serviam os conjurados, em numero de tres, que deviam levar a effeito o crime, com a cumplicidade da gente do paço que se approximava do rei. O crime devia ser commettido *por meio de cheiros e de perfumes*. Os tres auctores d'esta empresa, julgando que todo o clero estaria d'accordo com os jesuitas, tiveram a imprudencia de deixar escapar algumas palavras a tal respeito, na presença d'um respeitavel ecclesiastico, o abbade Blache, parocho de Rueil. Este, aterrado com o terrivel segredo, correu immediatamente ao noviciado dos jesuitas e pediu que informassem o padre Ferrier, confessor do rei, do que tinha sabido.

«Consultei, diz o abbade Blache nas suas *Memorias*, o padre Guillosé, o padre Seigne e o reitor, mas fiquei surprehendido de os ver, cada qual de per si e sem conhecimento uns dos outros, quererem-me afastar de fazer o que estava em meu poder para impedir a realisação da conjura, dizendo-me que o conselho que me davam era conforme a vontade de Deus, que não permitte estes grandes acontecimentos, tal como aquelle que tanto me parecia assustar, senão para grandes designios que a sua Providencia occulta aos homens. Que era opinião d'elles que não só o padre Ferrier confessòr do rei, como outro jesuita a quem me tinha dirigido, estavam firmemente resolvidos a não se entremetterem para fazerem suspender o curso d'uma tal empresa; e os tres reverendos recusaram terminantemente occupar-se do negocio, deixando a Deus o cuidado de fazer as coisas como entendesse; dando-me a comprehender que muitas vezes a *intenção podia justificar a mais condemnavel acção*, e que era possivel que o ceu, no seu alto de juizo, tivesse determinado que este projecto seguisse o seu curso.

«O meu terror augmentou ao ouvir estas extranhas palavras. Fui logo consultar o padre Texier (benedictino) prior da abbadia de *Saint-Germain-des-Prés*, que me aconselhou de maneira differente, levando-me e animando-me a fazer todo o possivel para evitar tão funesto golpe.

«Depois, não me dando ainda por satisfeito, fui ouvir o padre Pouffé, parocho de S. Sulpicio, e meu confessor, que se encarregou de avisar o rei; e para melhor o con-

A formosa Cadière exorcismada

seguir, fomos ambos perguntar á duqueza d'Aiguillon, o que deviamos fazer. A sua opinião foi que se escrevesse uma carta ao sr. Le Tellier, secretario d'Estado, avisando-o do que se tramava; e como o crime se devia levar a effeito por meio de perfumes, que o rei apreciava muito n'essa epocha, a carta notaria que se devia acabar com o gabinete de perfumes...»

Assim, pois, a duqueza d'Aiguillon, temendo os homens poderosos, que se achavam á testa d'esta conjura, não se atreveu a aconselhar uma accusação directa e quiz que se contentassem de prevenir o rei, por meio d'uma carta anonyma. O seu effeito foi a suppressão do quarto dos perfumes; mas não se fez busca alguma dos conjurados.

As *Memorias* de Blache contêem a narrativa das perseguições de toda a especie de que foi victima, por causa da revelação que fizera. Os tres conjurados, que elle reviu ainda depois, cinco vezes tentaram contra a sua vida; teve muitas entrevistas com o padre La Chaise, que lhe censurou não ter seguido o conselho dos tres jesuitas do noviciado: são pessoas de tino, dizia o jesuita, e muito experimentadas em todos os casos de consciencia por mais intrincados que sejam, e cujas opiniões se devem seguir com toda a segurança, como sendo de auctores graves... e além d'isso *ninguem deve metter a mão onde Deus poz o dedo.*»

Foi ainda a revogação do edito de Nantes, e a ordem de reduzir a França a ruinas, e de derramar tanto sangue innocente, justo e santo, que poz fim ás tentativas criminosas dos jesuitas contra Luis XIV. D'alli para o futuro, o grande rei era, d'elles jesuitas, pouco mais do que uma chancella submissa á vontade d'elles; um poder escravisado a outro poder mais elevado: o dos jesuitas. O padre La Chaise, seu confessor, responsabilisava-se para com os socios pela docilidade do real penitente, docilidade absoluta, cega, idiota em materia de religião. O pobre abbade Blache, foi obrigado a calar-se até á morte do padre La Chaise.

Alguns dias depois (fevereiro de 1709), escreveu á ex-amante do rei, a Maintenon, contando-lhe tudo, accusando os jesuitas e pedindo justiça.

A resposta da matrona foi fazer com que o abbade fosse encerrado na Bastilha, onde morreu com oitenta e dois annos de edade, na mais negra miseria!

Justo castigo de quem se atreve a accusar gente tão santa como os jesuitas!

Pouco mais ou menos pela mesma epocha, uma outra victima, uma creança, foi expiar n'um carcere o crime grande de ter faltado ao respeito á S. J.

Um dia que Luiz XIV foi assistir no collegio jesuitico de Clermont a um espectaculo theatral, cheio de baixas e insipidas lisonjas para o rei, este despedindo-se do reitor disse:

—Não me admiro do que vejo, se é o meu collegio.

—Effectivamente é o collegio de V. Majestade, disse o reitor; e tomamos nota de taes palavras.

E assim que o rei partiu foram chamados canteiros que passaram a noite a fazer desapparecer a antiga inscripção, que datava de Guilherme Duprat, fundador d'esta casa e bispo de Clermont, *Collegium Claromontanum Societatis Jesu* (collegio de Clermont da sociedade de Jesus), para o substituirem por uma lapide de marmore preto, onde gravaram em grandes lettras d'oiro, *Collegium Ludovici Magni* (collegio de Luiz o Grande).

Um dos estudantes, envergonhado com tão baixa lisonja, e ao mesmo tempo ingrato repudio do nome do homem que lhes dera entrada em França, compoz o seguinte distico latino, que passou de mão em mão dos seus camaradas, e chegou até á côrte, obtendo um exito colossal.

Eil-o:

*Sustulit hinc Jesum posuit que insignia regis*
*Impia gens: alium nescit habere deum* [1]

Estes versos foram para a desgraçada creança uma sentença de morte lenta e cruel. Foi lançada na Bastilha, e d'alli transferida para a ilha de Santa Margarida, onde mor-

[1] Traducção litteral: *Impia raça! ella tira d'alli a Jesus, e lhe substitue as armas do rei; ella não sabe ter outro deus.*

reu aos quarenta e sete annos de edade! Tinha espiado com trinta e um annos de masmorra o crime commettido no collegio!

A ira dos jesuitas foi implacavel; e elles que tudo podiam, nunca imploraram o perdão d'um peccadilho de rapaz, que tão facil lhes seria obter.

Se nos primeiros annos do reinado de Luiz XIV, os jesuitas tiveram que luctar para conservarem as posições que tinham conquistado em França, no fim já não luctavam, dominavam e opprimiam. Luiz XIV, velho, favoreceu os jesuitas, que já não o apoquentavam sobre os peccados da mocidade, e que tiveram todo o cuidado de o levarem a casar com a Maintenon, que com o padre Le Tellier governavam, ou antes, tyrannisavam o reino, e a quem se devem as atrocidades da *Revogação do edito de Nantes*, como já vimos.

Não seria Luiz XIV velho, dominado pelo capricho da amante, que consentiria na representação do *Tartufo,* essa terrivel e immorredoura satyra, representada em 1607. Ainda hoje se pasma da audacia de Moliére expondo á irrisão publica um poder tão terrivel como o que se atacava. Nada iguala tal audacia, senão o talento do auctor d'esta comedia immortal. Mas os jesuitas vingaram-se d'elle, condemnando-o no pulpito das suas egrejas ao fogo eterno, e fazendo com que, depois de morto, lhe fosse negada a sepultura ecclesiastica, o que ainda mais nobilitou a gloria do grande commediante e do profundo philosopho. Chegou a ser necessario uma ordem regia para que os restos mortaes d'esse homem, que dá hoje mais gloria á França, do que qualquer dos seus grandes reis, tivesse um canto de terra onde lhe abriram uma cova!

Nada diremos do *Quietismo*[1] cuja historia se pode ler nas historias geraes do tempo. Notaremos apenas que os jesuitas fizeram primeiramente acreditar ao bom Fenelon, que acolhia esta doutrina, que o sustentariam, mas assim que viram que o rei se pronunciava contra ella, mudaram logo de opinião, e descobriram quarenta erros no livro das *Maximas dos Santos* motivo da disputa na qual Bossuet se mostrou o mais forte argumentador, e Fenelon o melhor christão.

Pouco tempo antes da morte de Luiz XIV os jesuitas sopraram as cinzas quasi extinctas do jansenismo, e d'ellas fizeram sair ainda a questão do abbade Quesnel e a bulla *Unigenitus*[1], duas coisas que reanimaram o ardor dos combates religiosos em França.

Saint-Simon escreveu que a gente séria queria que o auctor fosse intimado a rectificar as proposições mal soantes do seu livro. «Mas não era esse o interesse do padre Le Tellier, continua o duque de Saint-Simon, este queria estrangular este negocio pela auctoridade, e convertel-o em pretexto para uma perseguição de longos annos, a fim de estabelecer em dogma a fé profanada pela escola jesuitica, a muito custo até então, tolerada pela egreja de França. Elle queria, portanto, uma condemnação em globo, que caisse sobre tudo, e que se salvasse por uma forma vaga que podesse servir conforme as necessidades do momento.

Para attingir este resultado, a companhia desejava envolver na questão o papa e o rei de França, a fim que, amparada igualmente por estes dois poderes, a sua escola deslumbrasse a ignorancia ou a fraqueza de certos bispos, atraisse outros pela ambição, obrigasse todos os theologos a serem publicamente pró ou contra, engrossasse infinitamente o partido jesuitico, e lhe permittisse anniquilar o outro d'uma vez para sempre, por meio d'uma perseguição aberta e uma inquisição contra aquelles, egualmente sob as vistas da auctoridade de Roma ou do rei, e por este modo acostumar todas as cabeças a vergarem-se ao jugo, e de grau em

[1] O *Quietismo* foi a doutrina d'alguns mysticos, cujo principal fundamento é que é necessario o anniquilamento de si proprio para se conseguir a união com Deus; que a perfeição do amor a Deus consiste em cada qual se conservar n'um estado de contemplação passiva, sem fazer reflexão alguma, nem uso algum das faculdades da alma, e a olhar como indifferente tudo que possa acontecer em tal estado.

[1] Quesnel, da escola jansenista, tinha publicado uma traducção do Novo Testamento, com breves reflexões moraes, que é um dos livros mais profundamente christãos da Egreja, e por isso condemnado pela curia romana.

grau erigil-o em artigo de fé... E é infelizmente o que vemos hoje...»

D'Aubenton e Fabroni, dois ardentes jesuitas, assediaram o papa no seu gabinete, e como que o tiveram em carcere privado, para lhe arrancarem a bulla, conhecida pela *Unigenitus*[1] que lhes dava rasão e condemnaria o padre Quesnel. O papa objectou em vão que a esse respeito tinha contraido um comprimisso solenne com o Sacro-collegio e o cardeal de La Tremouille.

«Fabroni, continua o duque de Saint-Simon, encolerisou-se e tratou o papa de creançola; sustentou a bulla tal qual a tinha redigido, tal qual como elle a queria, e disse-lhe, que, se tinha feito a tolice de dar tal palavra, era conveniente que a não aggravasse sustentando-a...»

O duque de Saint-Simon conta tambem que o padre Le Tellier o consultou sobre o effeito que produziria esta bulla na corte e na cidade. Nada mais curioso do que a narrativa d'esta entrevista entre o jesuita e o fidalgo.

«... Então, diz Saint-Simon, o padre zangou-se, porque eu tinha posto o dedo na ferida, apesar das suas astucias e cavillações. Não sendo senhor de si, desatou a dizer-me coisas de que, estou bem certo, compraria por alto preço o silencio; tantas e taes me disse sobre o fundo, e sobre as violencias para fazer acceitar a bulla, por tal fórma enormes, atrozes e terriveis, que eu caí n'uma verdadeira syncope. Ainda o vejo cara a cara, entre duas velas, não havendo entre ambos mais que a largura da mesa, transtornado repentinamente pela vista e pelo ouvido, e *comprehendi*, emquanto elle falava, *o que vinha a ser um jesuita!*»

Para se ajuizar das restricções com que esta gente obedecia ao successor de S. Pedro, baste que se saiba que, quando Luiz XIV humilhava o pontifice, os jesuitas punham-se sempre do lado do poder temporal!

O clero de França d'então não via com grande prazer o dominio da nação pelos filhos de Ignacio de Loyola. Em 1668, o bispo de Pamiers excommungou tres jesuitas da sua diocese, e o de Arras censurou a obra do padre Gobat, e toda a companhia que elle representava «como um viveiro onde se creava gente destinada a devastar a vinha do Senhor.» Emfim, em 1701, a assembléa geral do clero pronunciou-se contra a moral dos jesuitas.

Antes de largarmos o reinado de Luiz XIV, não esqueçamos uma historia que demonstrará como os confessores do rei usavam do poder que elle lhes concedia. Em 1680, o padre La Chaise quiz apoderar-se do mosteiro de Charonne, situado n'um dos arrabaldes de Paris. Parece que os jesuitas teriam querido entrar no convento, e como tal lhes não fosse permittido, *inde iræ!* Além d'isso o padre La Chaise cubiçava a cêrca do mosteiro. Então persuadiu o rei e o arcebispo que devia alli collocar uma certa abbadessa para reformar aquella casa, e introduzir nova disciplina. Escusado será dizer que a abbadessa indicada era creatura dos jesuitas. Como as constituições de Cister não permittiam o que La Chaise queria, as monjas oppuzeram-se á entrada da jesuita no mosteiro. Consultado o papa deu-lhes rasão. Mas o padre La Chaise por tal fórma intrigou que alcançou do parlamento uma sentença em que o convento era declarado extincto, as religiosas expulsas á mão armada, e lançadas na rua, onde muitas, para viver, se viram obrigadas a mendigar.

Na impossibilidade de registar todas as infamias dos jesuitas n'este reinado, citaremos mais dois ou tres factos, que levariam qualquer ás galés, mas que, á vista d'outros feitos dos jesuitas, pódem ser considerados como simples peccadilhos.

[1] A nossa universidade de Coimbra tem esta nodoa na sua historia, a de ter acceitado e jurado esta bulla o que era, na phrase do sr. dr. Theophilo Braga, na sua *Historia da Universidade* «a abdicação da liberdade scientifica» «... Era tambem um attentado contra as consciencias, contra o qual reagiram o cardeal de Noailles, arcebispo de Paris e mais sete prelados». Comprehendiamos que a jurasse a faculdade de theologia; mas que o fizesse todo o corpo docente, só prova que os lentes nada mais viam nem sabiam, e isso Deus sabe como, do que as sebentas que impingiam aos alumnos. O sr. dr. Theophilo Braga, continuando a referir-se ao assumpto escreve: «os interesses da universidade não consistiam no desenvolvimento do ensino, mas em assumptos asceticos.»

Vimos como se apoderaram d'um mosteiro á força; vamos agora vêr como empregam outros meios para os mesmos fins.

Havia na Alsacia, provincia que então pertencia á casa d'Austria, um rico priorado, chamado de S. Morand, que convinha sobremaneira aos reverendos jesuitas, tanto mais que tinha bons rendimentos, o que era um incentivo á cubiça de suas reverencias. Infelizmente o priorado achava-se na posse dos monjes benedictinos, desde tempos esquecidos, e parece que os filhos de S. Bento estavam pouco dispostos a cedel-o aos socios de Ignacio de Loyola.

Os jesuitas começaram por obter do archiduque, soberano da Alsacia, o consentimento para que dois padres da S. J. se podessem estabelecer nas terras de S. Morand, sob pretexto de que os monges de S. Bento eram pouco zelosos no cumprimento dos seus deveres, como pastores d'almas. Feito isto, e com titulos falsos, conseguem uma bulla que lhes transfere todos os bens do priorado, e expulsam *in continenti* os benedictinos, importando-se pouco com as suas reclamações.

Despertado assim o apettite, lançaram as vistas a dois outros priorados, o de Santo Ulrich, e o d'Ellemberg, proximos d'alli, e que elles disseram fazer parte do de S. Morand. Deitado o olho á presa, eis como lhes veiu ás mãos. Um dia convidaram o archiduque para assistir a uma representação theatral, no fim da qual, á maneira d'epilogo, S. Agostinho, (os dois priorados em vista pertenciam á regra d'este santo), apparecia em scena, e exprobava com vehemencia o relaxamento dos seus religiosos, e offerecia os dois priorados a Ignacio de Loyola, que surgia n'esta occasião e acceitava com todo o gosto o presente, declarando que não havia gente mais digna de possuir, não só aquelles priorados como todos os outros do mundo, do que seus filhos.

Uma das visões de Cadière

Applaudiu o archiduque a comedia, e os jesuitas expulsaram os legitimos proprieta-

nos, e tomaram posse da dadiva de S. Agostinho!

Quando a Alsacia passou para o dominio da França, os benedictinos atacaram os larapios perante os tribunaes, e S. Morand foi dado em beneficio a um religioso da ordem de Cluny, que partiu immediatamente com a communidade para tomar posse do edificio. Mas não tinha contado com os jesuitas, ou não os conhecia taes quaes eram e sempre foram. Primeiramente tentaram oppôr-se á viva força á execução da sentença, para o que requisitaram o auxilio dos soldados allemães; mas vendo-se obrigados a saír, pediram aos seus rivaes que os deixassem ainda tranquillos durante quatro dias no mosteiro, que depois sairiam de boa vontade. Vamos já vêr como aproveitaram o favor que lhes foi concedido.

Quando o novo prior e os seus monges de Cluny se apresentaram, passados quatro dias, na abbadia, não tiveram difficuldade nenhuma em entrarem porque o edificio não tinha uma unica porta nem janella! Penetraram nos dormitorios e no refeitorio e nem um unico movel; nas adegas e nos celleiros nada, no cartorio e na egreja, a mesma limpeza. Tudo tinha sido roubado pelos jesuitas, que nem sequer deixaram os santos nos altares, e que, para completarem o saque, arrancaram e levaram as lapides de marmore e as pedras das campas!

Em 1661, o parlamento de Metz teve que julgar um processo promovido contra os jesuitas de Lorena pelas ursulinas de Mâcon. Eis, em resumo, esse caso tão singular como instructivo, extraído da sentença do parlamento.

Em começos de 1649 o reitor dos jesuitas de Metz soube que as ursulinas de Mâcon desejavam ir estabelecer n'aquella cidade uma communidade da sua ordem. Justamente os reverendos padres possuiam então alli uma casa que não lhes servia para nada, e que traziam alugada pela modica somma de cento e sessenta libras tornezas approximadamente. Tal casa, acanhada e em mau estado, de modo algum podia convir ás ursulinas; mas os jesuitas, que viram um bom negocio, não o largaram mais. Assim o reitor, o padre Forget, imaginou um plano para fazer com que as ursulinas comprassem a casa e a pagassem caro. Um jesuita traçou uma planta, alçado e cortes da magnifica propriedade á venda, nos quaes se via o edificio em excellente estado, e graciosamente decorado no meio d'uma cêrca fresca, florida e cheia de sombra; a egreja com o seu campanario, terminado em flexa, e no alto girando ao vento um bello gallo doirado; e os interiores com largos dormitorios, refeitorio, cozinhas, casas de capitulo, e todas as mais dependencias que convinham a uma casa religiosa. A verdade, porém, é que a casa estava a cair, quasi que nem tinha cerca, e achava-se condemnada hygienicamente pela sua situação sobre um ribeiro que juntava todas as immundicies, na proximidade das latrinas publicas, e na qual não havia peça habitavel.

O digno reitor, com a sua planta e mais desenhos, apresentou-se á superiora das ursulinas de Mâcon, que, seduzida pelas habilidades do desenhador, e fiando-se na palavra do reverendo padre, comprou por oitenta mil bellos francos, dinheiro de Metz, ou approximadamente trinta mil libras tornezas de França, uma barraca que nem valia a metade, e absolutamente impropria para uma casa religiosa. Feito o contracto, as ursulinas chegam a Metz para tomarem posse da bella casa, e encontram uma pocilga. Reclamam do reitor a rescisão do contracto, feito por elle de má fé; mas o jesuita faz ouvidos de mercador, até que, cançadas do ludibrio, as ursulinas lhe instauram um processo.

Em 10 de maio de 1601, o parlamento de Metz annulou a venda, levantou os embargos feitos pelos jesuitas nos bens das freiras, e declara a sentença dada contra o reitor extensiva ao provincial. E, note-se que esta burla não é feita por um individuo isolado, mas sim como quem trata em nome de toda a ordem, e por isso, á falta do geral, foi declarado responsavel o provincial.

Não é edificante esta historia? Não é mil vezes peor do que a do taberneiro que vende gato por lebre?

Nos ultimos annos do reinado de Luiz XIV, conta o auctor da *Historia geral da origem*

*e progressos da companhia de Jesus* (publicada em 1741) via-se nas ruas de París uma pobre mendiga, que contava, aos que lhe davam esmola, a sua triste historia, na qual os jesuitas figuravam, como tristemente tem figurado em tantas outras. Esta desgraçada tinha sido aia d'uma dama que tinha por confessor o jesuita De La Rue, a qual, tendo caido doente de perigo, entregou ao confessor uma somma de dez mil libras, para elle, depois da sua morte, dar á criada; isto para evitar a esta questões e embaraços com os seus herdeiros. O jesuita guardou o dinheiro, mas tão bem que quando a senhora morreu, e a criada veiu reclamar os dez mil francos ao reverendo, este negou que os tivesse. A infeliz foi se queixar ás auctoridades, e os jesuitas, graças ao valimento que tinham junto de Luiz XIV, fizeram-n'a encarcerar na Bastilha, d'onde não saiu senão por morte d'este rei. Ainda nos primeiros annos da Regencia era vista esmolando nas ruas de París, de porta em porta, e contando a todos a sua desgraça.

Em 7 de março de 1718, o procurador regio de Rennes, auctorisado pelo chanceler d'Aguesseau, foi denunciar ao parlamento um novo crime dos jesuitas.

«Um homem chamado Ambrosio Ghuys, natural de Marselha, depois de ter commerciado durante trinta ou quarenta annos no Brasil, formou o projecto de voltar a França. Effectivamente, no mez d'agosto de 1701, desembarcou em Brest, mas doente e na avançada idade de oitenta e sete annos.

«Mas os jesuitas d'esta localidade, sabendo pelos seus confrades do novo mundo, que este individuo trazia comsigo lettras no valor de dois a tres milhões de francos, foram immediatamente, depois do desembarque, á hospedaria onde o velho se alojára, e d'accordo com o estalajadeiro, fizeram que fosse dado um quarto afastado ao doente, com o pretexto que em caso de morte, como elle era extranjeiro, o arrematante das contribuições se poderia assenhorear dos seus bens.

«Entretanto, Ambrosio Ghuys, querendo fazer o seu testamento, pediu aos jesuitas que mandassem vir um tabellião, e quatro ou cinco pessoas para servirem de testemunhas.

«Mas os jesuitas, espertos como são, temendo que a coisa se tornasse notoria, disfarçaram o seu jardineiro em tabellião, e quatro ou cinco jesuitas em burguezes da cidade, emquanto que um outro membro da S. J., o padre Chauvel, se conservava á cabeceira do doente, desempenhando o papel de confessor. Assim, Ambrosio Ghuys julgou ter feito um testamento que não fez, e os jesuitas conseguiram occultar a toda a gente a situação d'este homem, as suas riquezas e o seu proximo fim.

«Fizeram mais, e levaram a precaução ao extremo. De medo que Ambrosio descobrisse tudo aos padres da parochia, evitaram, d'accordo com o estalajadeiro, que elles viessem á estalagem, não chamaram medico, e deixaram-o ir morrendo sem soccorro d'especie alguma.

«Tal era a triste extremidade d'um homem desgraçado por ser rico, quando os os jesuitas determinaram levar a cabo o seu projecto, o de se assenhorearem de tudo que possuia o moribundo. Para isso trataram de se apoderar d'elle e transportal o para a casa jesuitica, o que foi executado por intermedio do padre Chauvel, que se apresentou n'uma chalupa na costa *des Recouvrances,* e levou, com ajuda da sua gente, todos os bens de Ghuys, e o proprio Ghuys.

«Este doente por tal fórma tratado, gemendo com mil dôres, não tardou a morrer. Assim que constou a sua morte logo começaram a correr os mais infamantes boatos contra os jesuitas. O padre Roigham, reitor da freguezia de S. Luiz, tomado d'horror e possuido da justa indignação que merece este excesso de inhumanidade, intimou os jesuitas que lhe entregassem o cadaver. Estes padres, depois d'uma vã resistencia ás imposições que lhes eram dirigidas, viram-se obrigados a exporem á sua parte o despojo mortal da sua victima. Alli o foram buscar o parocho com a sua collegiada e lhe fizeram os officios funebres.

«Este negocio provocou um grande escandalo. Os jesuitas de Brest começaram desde logo a fazer acquisições importantes, e tantas joias se viram em suas mãos, que se

tornou necessario denuncial-os á justiça.»

O parlamento da Bretanha tomou a peito o libello do seu procurador geral, e quiz fazer seguir vigorosamente o processo; mas os jesuitas conseguiram subornar as testemunhas, impediram o seu andamento e a companhia de Jesus, protegida e amplamente patrocinada pelo rei e seu ministro, n'aquelle momento omnipotente, foi bastante poderosa, apesar da evidencia de um tal crime, para triumphar contra as leis e contra a justiça.

Quando Luis XIV morreu, legou o seu coração aos jesuitas; quanto á alma já de ha muito estava em poder do diabo, se Deus se não amerceiou do facinora que tinha revogado o edito de Nantes... o que seria para duvidar da sua justiça!

Ha crimes para os quaes não ha arrependimento nem punição sufficientes!

O padre Girard surprehendido em colloquio com a formosa Cadiere

# XXXVIII

## A formosa Cadière

Em 10 d'outubro de 1751, uma enorme multidão se achava, desde manhã cedo, agglomerada em frente do palacio de justiça da cidade de Aix.

Ao examinal-a, dir-se-ia que todo o sul da França tinha enviado representantes a este congresso ao ar livre, embora entre a turba se vissem outras e muitas physionomias por onde se podia julgar que das cidades do norte, quem sabe se da propria capital, tambem tinha concorrido gente áquella reunião.

E não era só gente do povo que esperava com anciedade a hora de entrar no palacio. Tão depressa este abriu as portas, que se precipitou um grande numero de pessoas gradas da região, senhoras das primeiras familias, e prelados d'alta jurisdicção. Estes individuos privilegiados obtiveram, já se sabe, os melhores logares no tribunal, não sem alguma difficuldade, e por vezes foi preciso recorrer aos coutos das alabardas dos archeiros da cidade, e ás coronhas dos mosquetes do regimento da Picardia, alli de guarnição, para manter a ordem e evitar os atropellamentos.

Tal azafama explicava-se pela novidade da causa, que o parlamento d'esta cidade ia julgar. Era o processo do jesuita Girard e da formosa Cadière.

Vamos resumir o mais breve que nos for possivel este processo, de uma grande voga na sua epocha, porque, até certo ponto, teve grande influencia nos destinos do jesuitismo em França. Ao mesmo tempo procuraremos passar ao lado do que n'elle ha de escabroso, e só diremos quanto baste, para que as mães que nos lerem livrem suas filhas da influencia do jesuita, começando por afastal-as dos collegios onde os reverendos padres possam ter entrada.

Em 1728, os jesuitas tiveram o credito necessario para fazerem nomear reitor do real seminario da marinha, em Toulon um dos seus, o padre João Baptista Girard. Pertencia elle na S. J. á classe dos prégadores, e durante dez annos occupou o pulpito de Aix com grande fama, que o precedeu em Toulon. Bem depressa aqui não se falava d'outra coisa entre a gente devota, senão do padre Girard, que começou a ser o *Sant'Antoninho onde te porei* do beaterio. Mas foram principalmente as mulheres, que professaram por sua reverencia o maior enthusiasmo... e talvez tivessem rasões especiaes para isso!

O padre Girard tinha grande instrucção, maneiras unctuosas d'exposição, um orgam vocal magnifico, que realçava o valor da sua palavra. A sua dicção era agradavel, e o gesto largo. Sem ser bella, a sua physionomia tinha o quer que fosse de simultaneamente estactica e expressiva. Os olhos pequenos e vivos brilhavam atravez de longas sobrancelhas pretas, e a fronte larga, e em ligeira fuga para traz, fazia suppôr um enthusiasta. O padre Girard tinha então quarenta e oito annos.

N'aquelle tempo não se falava d'outra coisa em Toulon senão de Catharina Cadière,

conhecida pela formosa Cadière, que uns diziam doida, outros consideravam santa. Aos quinze annos, Catharina lia livros asceticos; aos dezeseis já tinha devorado todas essas elocubrações, cheias d'uma falsa espiritualidade, que não são, na maioria dos casos, senão o echo dos devaneios d'uma imaginação desequilibrada, do delirio d'uma febre interior e occulta ou peor ainda. Aos dezesete a formosa Cadière passava a vida nas egrejas, nos logares de devoção, ou n'um oratorio que lhe arranjaram em casa. Tinha visões em que lhe appareciam umas vezes Christo outras santa Theresa e mais santas. Resava e jejuava; confessava-se todos os dias e commungava aos domingos; applicava em si fortes disciplinas que chegavam a rasgar a fina e assetinada pelle. Porque, a verdade é que Catharina Cadière merecia a antonomasia de *formosa*, com que o povo a distinguira. Mas ou porque ignorasse que era bella, ou porque quizesse offerecer essa belleza a Deus, Catharina passava sempre vagarosa, recolhida e resando, atravez das alas que os rapazes da cidade, os mais ricos e considerados, lhe faziam, assim que ella apparecia na rua; e os seus olhares ardentes, como flechas de fogo iam d'encontro aquella formosa e invencivel belleza, como se dessem n'uma estatua gelada.

No interesse da sua ordem, e, sem falar d'outro sentimento, provavelmente por um impulso d'amor proprio pessoal, o jesuita não descançou emquanto a não teve por confessada.

Por seu lado Catharina, é de crêr que se sentisse lisonjeada pelos desejos do reverendo Girard, cuja reputação já se achava firmada em Toulon. Girard, em vez de acalmar as perturbações d'esta alma, perturbações que não seriam, talvez, senão a contrapancada do impeto dos sentidos, os echos mal interpretados da voz da natureza, animou-a a novas loucuras. O jesuita, em vez de prohibir á sua linda penitente certos livros, foi elle, pelo contrario quem lhe forneceu os mais prejudiciaes. Entre outros poz-lhe nas mãos um do jesuita hispanhol Luiz Henriquez, que tem por titulo: *Occupações dos santos no ceu*, e no qual o auctor, que mais parece um crente de Mafoma, do que um discipulo de Christo, nos descreve os bemaventurados gosando largamente, e com toda a energia das aspirações celestes, os praseres mais vivos que offerece a terra [1].

O padre Girard parecia ter-se dedicado inteiramente á sua nova, bella e santa penitente. Não se passava um dia sem que os dois se encontrassem, e ou o padre ia procurar a penitente no oratorio d'esta, ou era esta que ia ao confissionario da capella do Seminario. As coisas chegaram a tal ponto que outros sacerdotes, menos santos, por certo, menos moços, e talvez com menos dotes physicos já começavam a extranhar tanta assiduidade. Comtudo tal era a confiança quasi unanime na santidade de Catharina e na virtude do padre, que nada de offensivo para qualquer dos dois se formulava aberta

---

[1] O livro do padre Luiz Henriquez, de que estamos longe de exagerar as divagações beatamente eroticas, foi publicado em 1631, com a approvação do provincial jesuita de Castella,

Prova, no capitulo XXIV, que cada santo tem casa propria no ceu, e que Jesu-Christo, habita um palacio magnifico; que alli ha ruas muito largas, grandes praças, casas fortes, e muralhas de defesa.

Diz no capitulo XXIV que sera um soberano praser beijar e abraçar os corpos dos bemaventurados; que estes tomarão banhos á vista uns dos outros, que para isso haverá lagos agradabilissimos, onde todos nadarão como peixes; e que cantarão tão agradavelmente como se fossem calhandras e rouxinoes.

Affiança no capitulo LVIII que os anjos se vestirão de mulheres, e que se mostrarão aos santos com vestuarios de damas, cabellos frisados, saias com anquinhas, e roupa branca da mais rica.

Conta no capitulo XLVII que os homens e mulheres se divertirão com mascaradas, banquetes e bailes.

No capitulo XXVII descreve as ruas do Paraiso ornadas de tapetes e de ricas colgaduras e tapeçarias; e que todas as historias do mundo estão gravadas nas muralhas.

Diz no capitulo LX, que os anjos não terão casa particular, isto para mais facilmente puderem ir d'um para outro lado, e alegrarem a paisagem.

O capitulo LXV é destinado a dizer-nos que as mulheres cantarão melhor que os homens, a fim de que o praser seja maior.

Capitulo LXXIII: as mulheres resuscitarão com os cabellos mais compridos, penteados com fitas, taes quaes como se estivessem n'este mundo.

No capitulo LXXIII, que as pessoas casadas cohabitarão como se estivessem n'esta vida, e terão filhos que serão mesmo uns anjinhos,!

e publicamente; sómente, por sobre esta intimidade espiritual um observador perspicaz poderia ver formar-se a nuvem da maledicencia, que d'um momento para o outro engrossará. Repentinamente a nuvem descarregou, e terrivel foi a tempestade que d'ella saiu.

Mas, chegados a este ponto, nada mais nos resta do que transcrever, pura e simplesmente, embora com o recato que exige a decencia, a queixa que, em nome de Catharina Cadière, foi levada ao parlamento, *por encantamentos, rapto, incesto espiritual, aborto e suborno de testemunhas;*

contra o *padre João Baptista Girard, jesuita, reitor do Seminario real da marinha, em Toulon.*

Catharina Cadière expõe assim a sua petição:

«Nasci em Toulon. Perdi meu pae ainda creança; minha mãe ficou viuva, com alguns meios de vida, que ordinariamente procurava no commercio. Nunca tive inclinação para o casamento; o meu desejo era fazer-me religiosa. Attraida pela fama do padre Girard, escolhi-o para director da minha consciencia.

«O primeiro anno passou-se sem nada de extraordinario; mas um dia o padre Girard *assoprou* sobre mim e produziu em todo o meu ser uma mudança que não me pareceu natural. Deixei de poder resar, e a minha saude alterou-se. O padre Girard vinha ver-me *todos os dias.* Nas syncopes que eu soffria, o padre Girard não chamava ninguem. Voltando em mim, muitas vezes o via em attitudes indecentes [1].

«Um dia, ao sair d'uma longa syncope, estava estendida no chão. O padre Girard estava... (seguem-se pormenores que nos obrigariam a entrar no terreno da pornographia; por tal forma são revoltantes.)

«O padre Girard, temendo as consequencias do seu amor, fez-me tomar uma bebida que me occasionou uma grande perda de sangue. N'essa occasião examinava cuidadosamente as minhas dejecções.

«Foi por essa epocha que elle me fez raptar, aconselhando-me em não falar nisso á minha familia, e conduziu-me ao convento de Ollioule, a uma legua de Toulon. A communidade recebeu me como se eu fôra uma santa. Obteve a permissão de me ver sem testemunhas. As scenas da cella de Ollioule, não differem em coisa alguma das do meu quarto em Toulon. Quaesquer que fossem as precauções tomadas pelo padre Girard, um dia foi surprehendido dando-me um beijo atravez das grades do locutorio. Escrevia-me a miudo, sem que essas cartas nunca fossem abertas pela superiora. Recebi d'elle mais de oitocentas. A menina Gravier, confessada do santo-homem, veiu em seu nome pedir-m'as; entreguei-lh'as e só uma foi produzida no processo. Na sua correspondencia brinca sempre com certo ar devoto [1].

---

[1] Dizem alguns commentadores d'este caso que o jesuita se servira do magnetismo sobre a sua penitente, evidentemente hysterica, para abusar da sua innocencia.

[1] Como amostra d'essa correspondencia erotica daremos apenas alguns trechos:

*Do padre Girard a Maria Cadière:* «É preciso que M. Cadière desappareça e se abstraia de si, para que só exista o seu esposo e seja elle quem obre, que fale e que se mostre.»

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

«Não pense nunca o que se passa em si nem á sua beira, mesmo em relação aos males que lhe são enviados, senão o preciso para me dar conta de tudo.»

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

«*Entregue-se com uma cega confiança á direcção de Deus*; abstenha-se de qualquer pergunta, de qualquer raciocinio e *principalmente*, não rejeite seja o que fôr.»

«*Não raciocine jamais comsigo*; *emfim*, esqueça-se e deixe fazer... *Estas* duas palavras encerram a mais sublime disposição.»

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

«Que prazer que me dá, querida filha... se é verdade que Nosso Senhor lhe concede graça de se esquecer de si propria, como vae ter plena liberdade d'acção!»

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

«Tenho uma fome immensa de a tornar a ver e de *ver tudo.* Sabe de mais que não peço senão o meu bem... Hei-de fatigal-a... E que tem isso; não fico eu tambem extenuado? É justo que estas coisas vão de meias. Adeus, minha filha, rese por seu pae, por seu irmão, por seu amigo, por seu filho, pelo seu servo. Eis qualidades bastantes para interessar um bom coração...»

«Trago sempre comigo aquella a quem escrevo; ella está sempre comigo, embora fale e trate com outras pessoas.»

*De Maria Cadière ao padre Girard:* «É eu tam-

«O padre Girard deu-me uma formula de confissão, na qual pretendia que a impureza não era crime.

«Do convento de Ollioule fui levada para a casa de campo de minha mãe. O bispo de Toulon tinha alli tambem uma vivenda e eu fui admittida a falar-lhe e exorcismou-me. No dia seguinte ao d'esta entrevista, o bispo teve outra com o prior dos carmelitas, acêrca de tudo quanto se tinha passado entre mim e o padre Girard.

«Apesar do segredo que tinham pedido, o procedimento do jesuita foi sabido: as suas confessadas abandonaram-o, o prior dos carmelitas, que me tinha dado a absolvição, foi suspenso. O bispo estava feito com os jesuitas. O padre Girard chegou de Marselha a 16 de novembro. Assim que o vi, caí com uma convulsão. A 18, a justiça veiu a casa de minha mãe; chamaram-me e obrigaram-me a jurar. Meu irmão interveiu, e, tendo-se ouvido um advogado, ficou decidido entre nós que eu levaria queixa aos tribunaes, na jurisdicção de Toulon, para me livrar da que me era contraria. O presidente de Brest mandou-me presa para as ursulinas. Uma ordem de prisão confirmou a medida que fôra tomada contra mim. As religiosas, para fazerem a côrte aos jesuitas que dirigiam esta casa, acabrunharam-me com maus tractos. Debalde minha mãe solicitou a graça de me poder servir; em seu logar puzeram junto de mim a irmã d'um jesuita, que é uma verdadeira furia.

Uma visão de Rosa Botharel

«A meu pedido mandaram-me dois padres para me confessar, os quaes, a primeira coisa

bem, tambem eu o trago sempre comigo, tão querido me é. Abençôo o Senhor pela coragem que lhe deu em me exhortar cada vez mais á perseverança. As victorias, pelo que vejo, dão-lhe prazer e aviventam o seu zelo; mas pode ser que o combate o amedronte... Quanto ao mais, cumprirei á risca as suas ordens.»

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

«O meu maior desejo é submetter-me, como uma creança, ás ordens de meu pae. Sinto, por um effeito sensivel da misericordia divina, que devo abandonar-me inteiramente á vontade do ceu. Espero o com impaciencia para que mate a fome que tem de me ver. Não tema pelo seu bem. Elle é-lhe absolutamente dedicado. Venha o mais depressa possivel satisfazer a sua curiosidade; mas com uma condição, que a minha submissão o indemnisará uma vez para sempre de todas as suas penas, e que não contará mais tão exactamente comigo para o futuro. Faça me a justiça de acreditar que lhe sou intima-

que fizeram foi pedir que me retractasse, no que eu não consenti.

«O padre Girard, cujo amor se tinha transformado em odio, vinha incitar as religiosas contra mim. Os jesuitas intrigavam, e eu não conseguia obter um advogado. O rei reenviou o processo á camara grande do parlamento, para ahi ser julgado em ultima instancia. Esta camara nomeou por commissarios os srs. Fanton e o abbade de Charleval. O sr. d'Argent, procurador geral, chegou a Toulon a 11 de fevereiro e os commissarios a 13 do mesmo mez. As perseguições diminuiram. Comtudo, a 23 de fevereiro, um mandado de captura foi expedido contra mim e contra o meu confessor, o prior dos carmelitas; mas o padre Girard ficou livre. Tendo recebido uma simples assignação, soffreu, como eu, um interrogatorio, no qual eu persisti na minha primeira declaração. A sr.ª Guerin fez-me então beber um copo de vinho, que ella tinha sem duvida composto, e que me produziu um effeito terrivel.

«O abbade Charleval, interessado na gloria da sua becca, quiz intimidar-me. E foi ao cabo de onze horas d'interrogatorio que eu fui confrontada com o padre Girard.

«Este sabe perfeitamente por que meios se póde perturbar um espirito e não é noviço em composições de beberagens.

«O sr. Aubin, procurador no parlamento, tomou a minha defesa, d'accordo com mestre Chandon, syndico dos advogados. Reunidos os commissarios a 10 de março foram acareadas as duas devotas do padre Girard, as meninas Botharel e Lallemand. Eu fui levada, como prisioneira d'Estado, ao convento de Ollioule, para ser confrontada com as religiosas. O sr. Aubin e minha mãe, tinham-se offerecido para responderem por mim; mas isso foi-lhes negado. Quando alli cheguei, tudo me recusaram, inclusivé uma enxerga para me deitar.

«Fui depois levada para Aix. O official de diligencias era provavelmente portador d'uma ordem para me fazer encarcerar no segundo convento da Visitação, d'esta cidade. As religiosas puzeram duvidas em me receberem, e durante tres horas fiquei exposta á curiosidade publica. Os jesuitas tinham alliciado gente para me insultar. Emfim, as portas abriram-se, e lá dentro fui maltractada, recusaram-me criada que me servisse, e quando me davam os ataques que me deixavam como morta, era chamado um padre para me exorcismar, como se estivese endemoninhada.

«Antes e depois da minha chegada, debalde pedi que me acareassem, e que me deixassem ouvir a leitura das minhas cartas. Foram alliciadas testemunhas em todos os conventos, onde se urdiu uma verdadeira intriga de claustro.

«Em vão espalhavam que tudo isto era uma conspiração de familia, uma intriga do prior dos carmelitas para compromettter o padre Girard. Verdade é, que foi este prior quem me abriu os olhos, e me fez ver quanto eu estava longe da perfeição a que aspirava; mas sinto-me animada pela justiça; nem eu nem minha familia ignoramos a influencia dos jesuitas; só tenho que oppor-lhes a minha innocencia, o meu sexo, a minha condição, a minha edade; tendes deante de vós uma rapariga de vinte annos, cujo coração ainda está puro. O padre Girard, não podendo explorar-me como santa, procura perder e enxovalhar aquelle que me desenganou, o prior dos carmelitas.

«Ser-me-ha mais difficil desculpar a minha credulidade; mas figure-se uma rapariga de desoito annos, entre as mãos d'um homem d'este caracter, e facilmente me perdoarão. A sua moral seduziu-me; e abandonei-me sem pensar. Minha mãe, tão simples como eu, estava longe de suppor o crime. Qualquer outra teria desconfiado do padre Girard; mas quando ella o ouviu louvar a minha santidade, teve a simplicidade de o acreditar. Espero do tribunal uma sentença que vingará a religião ultrajada, offendida na pes

---

mente unida no sagrado coração de Jesus, meu querido padre.»

Se o leitor quizer saber como sob estas apparenrencias d'amor mystico se disfarçava, e mal, a mais torpe sensualidade leia o que foi o *molinismo*, procure nos autos da inquisição, archivados na Torre do Tombo, e nelles encontrará um grande numero de frades, padres, jesuitas e freiras condemnadas por essa devassidão sob formas mysticas. Veja tambem o que ha escripto sobre *solicitantes* e *sygilistas*.

soa d'uma rapariga seduzida pelos meios mais indignos e os mais criminosos.»

O padre Girard defendeu-se com muita habilidade; mas não convenceu da sua innocencia senão aquelles que estavam subornados para o absolverem.

«Imputam-me, disse elle, os crimes de sortilegio, de incesto espiritual, de provocação de aborto e de suborno de testemunhas.

«A magia fórma o principal capitulo d'accusação; foi por este meio diabolico que eu abusei da minha penitente; foi pelo prestigio, pelos encantamentos que satisfiz a minha paixão.

«Que credito pode dar o tribunal ás palavras d'uma rapariga que, depois de me ter feito passar por um santo, me apresenta hoje como um debochado, que leva a sua paixão aos extremos requintes?

«A Cadière dizia-me todos os dias que ia morrer; que tinha grandes hemorrhagias; e eu consenti em examinar as suas dejecções: fingiu ter sede, e nada mais natural do que dar-lhe agua! Envenenam esta bebida, e publica-se que este veneno destruira o fructo que trazia em seu seio. Se eu fora feiticeiro empregaria outros meios.

«Eu compuz essa bebida em casa da Cadière, mas se eu fosse magico, não a teria manipulado em minha casa? Esta bebida foi seguida d'uma grande perda de sangue; deve-se attribuir isto a um effeito natural ou ás manhas da Cadière?

«Não subornei testemunhas.»

(Aqui passamos sem transcrever as obscenidades de que está cheia a defesa do padre Girard.)

E terminou o seu discurso dizendo: «Não duvido do bom exito da minha causa, da confusão dos meus accusadores e do restabelecimento da minha honra, fortemente compromettida pelas accusações feitas contra mim.»

O procurador geral apresentou as suas conclusões a 11 de setembro de 1731. Comprado pelos jesuitas, elle pedia que a Cadière fosse condemnada a abjurar, em frente da porta da egreja de S. Salvador, e depois enforcada e estrangulada. Mas o tribunal julgou d'outra maneira. Posta a questão a votos, encontraram-se doze que condemnavam o padre Girard a ser queimado, sete que o absolviam, um que provocava a sua interdicção, e um outro que o mandava responder no foro ecclesiastico.

Quanto á Cadière, doze votos foram para que fosse entregue a sua mãe; tres pela prisão perpetua; tres pela prisão sem determinação de tempo, e seis pela entrada n'um convento.

Em vista d'isto foi entregue a sua mãe. O povo, que, como vimos, se agglomerava em frente do palacio da justiça, levou em triumpho o advogado Maliverny que tinha tomado a sua defesa. Os juizes vendidos aos jesuitas foram apupados.

O parlamento tendo accordado em que o padre Girard devia ser julgado no fôro ecclesiastico, preparou assim a absolvição de este. Quiz elle escapar se por uma porta travessa, mas o povo, assim que o reconheceu, por pouco que o não mata.

A Cadière, seus irmãos e o prior dos carmelitas foram acompanhados a suas casas por uma multidão de gente de todas as gerarchias sociaes.

Dissémos acima que muitos se venderam aos jesuitas; cumpre tambem dizer que outros o não fizeram, e que pelo contrario lograram a santa gente.

Os jesuitas contavam tão pouco com a absolvição de Girard, que nas vesperas do julgamento foram procurar um magistrado que devia julgar na causa, e pondo-lhe sobre a mesa uma bolsa com uma grande somma declaram-lhe ser uma restituição que estão encarregados de lhe fazer. O magistrado declarou que ninguem lhe devia nada, e mesmo que os seus modicos meios de vida nunca lhe teriam permittido perder tal quantia. Insistiram os jesuitas, e iam deixando a bolsa sobre a carteira. O magistrado percebendo que, a titulo de restituição, lhe queriam comprar o voto, tomou o dinheiro e foi immediatamente distribuil-o pelos hospitaes. Chega o dia do julgamento, e o nosso juiz, convencido da culpabilidade do padre Girard, opina, e vigorosamente, pela sua condemnação.

Os jesuitas, informados do que acontecera, voltam a casa do conselheiro e dizem-lhe:

Que sim! que effectivamente se tinham enganado e que a restituição não lhe dizia respeito. E visto que o tinham confundido com outra pessoa, lhe vinham pedir o dinheiro.

— Meus srs., respondeu o magistrado, quando eu recusava esse dinheiro os srs. insistiram para que eu o acceitasse; e como julguei que o seu desejo era que eu distribuisse essa quantia pelos pobres, foi o que fiz, e para prova aqui têem os recibos dos estabelecimentos de caridade que foram contemplados.

Durante alguns annos, tanto a Cadiere como sua familia, e as pessoas que por ella se interessaram soffreram toda a sorte de perseguição; e a pobre victima deveu a vida ao retiro para onde foi viver, sempre ignorado dos jesuitas.

Este processo teve um enorme echo; e o escandalo que d'elle resultou fez um grande mal á S. J.; e assim devia ser. A absolvição d'um jesuita, dignitario da sua ordem, vivamente protegido por ella com toda a vehemencia, e publicamente defendido, por um voto de maioria, equivalia a uma condemnação, sobretudo se levarmos em linha de conta os meios de captação, d'intimidação dos socios do padre Girard; se pensarmos no espirito d'intriga d'esses jesuitas, e da enorme influencia de que ainda então dispunham; porque a companhia de Jesus estava longe de ter decrescido nos começos do seculo XVIII.

Em 1710, segundo os calculos do padre Jouvenci, existiam 1390 estabelecimentos jesuiticos e 20:000 jesuitas.

E tanta terra no mundo por arrotear!

Ligado a este drama, anda um episodio de somenos importancia, mas egualmente typico, e que vem em apoio dos que afirmam que, no seculo XVII, muitos jesuitas já se contavam entre os mais dissolutos d'aquella epocha.

Este episodio é o conhecido na historia das libertinagens dos jesuitas pelo da «Fuga de Rosa Botharel.»

Esta rapariga, filha d'um maritimo de Toulon, começou por ser uma visionaria como a Cadiere.

Certa manhã, por volta das seis horas, estando bem acordada, viu a Jesu-Christo, vestido com uma tunica branca, as mãos descobertas até o começo dos braços, os pés nús, com modo majestoso e resplandecente. D'outra vez, viu ainda Jesu-Christo, tendo n'uma das mãos o coração do padre Girard, e com a outra lhe tirava o d'ella, unindo depois os dois e encorporando um no outro. Escusado será dizer como o jesuita interpretou esta visão, e do proveito que d'ella soube tirar.

Quando, depois d'absolvida, Catharina Cadière desappareceu da cidade, para fugir á perseguição dos jesuitas e seus apaniguados, uns e outros empregaram todos os meios ao seu alcance para saberem do seu paradeiro. Mas se os jesuitas tinham assalariados, a sua victima tinha protectores, e o sitio onde ella se achava continuou sendo um segredo.

Soube-se, algum tempo depois, que Rosa Botharel, igualmente victima da lubricidade do padre Girard, e que fora amiga intima de Catharina, tinha estado ultimamente com esta, a fim de a accompanhar e tratar n'uma grave doença que se seguira ao processo.

Por ordem do primeiro presidente do tribunal foi presa e encarcerada no hospicio de Toulon. Durante um anno os emissarios tanto do bispo como dos jesuitas, senhores d'esta casa de correcção, interrogaram a prisioneira, pediram, ameaçaram para que ella declarasse onde se tinha homisiado Catharina Cadière, e nem uma palavra conseguiram que tal denunciasse.

Como nada obtivesssem, resolveram fazel-a morrer lentamente pela fome, e para isso lançaram-n'a n'uma das masmorras da casa.

E vem um jesuita e salvou-a!

Um jesuita, sim, o rev. padre Courtez!

Mandado pela companhia para administrar os ultimos sacramentos áquella que tinha sido condemnada a morrer de tão horrivel morte, deu-lhe a vida e a liberdade.

Mas não vão julgar que no coração de Courtez brotou um sentimento de desinteresseira piedade. Rosa era realmente formosa...

*«Et pour être devot, on n'en est pas moins homme!*

Havia muito tempo que o padre Courtez cubiçava aquella que já tinha sido amante do padre Girard; e Deus é que sabe por que preço a pobre Rosa Botharel pagou a sua liberdade.

O paraiso de Fr. Luiz Henriquez

O padre Courtez arranjou fazel-a evadir da prisão por meio d'uma escada de corda: tal qual como n'um dos bellos romances da epocha, e... fugiu com ella.

As auctoridades correram em perseguição dos fugitivos, mas perderam-lhes a pista; e nunca mais se ouviu falar d'elles.

# XXXIX

## Os Convulsionarios

Morto Luiz XIV assumiu a regencia de França o duque d'Orleans, durante a menoridade de Luiz XV; e durante este periodo d'extrema degradação moral a S. J. continuou a progredir. Era aquelle o seu verdadeiro meio d'acção; aquella a constituição social que mais convinha ao desenvolvimento dos seus interesses. Um dos maiores amigos d'então da companhia foi o famoso cardeal Dubois, ministro favorito do Regente. O cardeal possuia todas as qualidades de caracter que o tornavam digno d'aquella amisade.

Todos sabem que este ministro, tão celebre pelos seus vicios infames como pelo seu real talento, foi creado cardeal em 1720, quando já era arcebispo de Cambrai. Foi Massillon quem teve a fraqueza, para não nos servirmos d'outra palavra, de o sagrar. Conta-se que antes da cerimonia, Dubois tendo pedido previa e successivamente ao celebre prégador as ordens de presbytero, diacono, sub-diacono e ordens menores, indispensaveis para poder ser bispo, Massillon, impacientado, exclamava: «Se lhe parece peça-me tambem o baptismo». Mais se diz, que o cardeal era casado!

Morreu em 1725, pouco tempo antes do seu patrão, o duque d'Orleans, deixando uma fortuna consideravel e uma memoria justamente condemnada. Ora foram os jesuitas que trabalharam junto do papa, para o demoverem a conceder a este homem o chapeu de cardeal [1]. Dubois estabelecera novos impostos e acabara por exgotar os recursos da França. Morreu sem ter recebido o viatico. Quanto a seu patrão, o duque d'Orleans, esse morreu nos braços da amante; o que fez dizer «que o duque d'Orleans tinha morrido nos braços do seu confessor ordinario.»

No reinado de Luiz XV, o cardeal de Fleury, que de simples preceptor d'este principe, depois da morte do duque d'Orleans, foi elevado a primeiro ministro e governou a França, mostrou-se ainda mais favoravel aos jesuitas, com os quaes se achava ligado, ao que então corria, por um laço secreto [2].

O rei tinha desposado Maria Lckzinscka, filha de Estanislau de Polonia, princeza virtuosa, mas de temperamento frio, um tanto ou quanto beata, e mais velha do que Luiz XV, que era então pouco mais do que um adolescente. Luiz gostava de sua mulher, era-lhe

---

[1] Quando o cardeal morreu foi publicado o seguinte epitaphio do homem que a França viu *santificando* dia a dia as orgias do Regente:

> *Rome rougit d'avoir rougi*
> *Le maquereau qui git ici.*

[2] Tem-se confundido o cardeal Fleury com o abbade Fleury, auctor d'uma *Historia ecclesiastica.* Este ultimo, sacerdote virtuoso, illustrado e sem ambições, foi confessor de Luiz XV, cujo cargo lhe foi tirado pelo cardeal a fim de dar ao jesuita Linières, e no texto veremos para quê.

fiel, apesar das seducções que o cercavam. Um dia a princeza de Carignan fez comprehender ao cardeal Fleury, que o rei cedo ou tarde havia de ter amantes, e que portanto mais valia tel-as desde já, comtanto que lhe fossem dadas por mãos amigas e experimentadas.

Estando o cardeal d'accordo, por ver no expediente mais um élo que o prendesse á confiança do monarcha, escolheram a sr.ª de Mailly para supplantar a rainha no coração do rei. Mas o trama não surtiu effeito, e o rei continuava com uma assiduidade rara a dar provas da sua fidelidade conjugal.

Foi então que se lançou mão d'outro meio. Como a rainha já era confessada d'um jesuita, tratou-se de escolher outro socio para o rei. Então o confessor da rainha, pondo ao serviço d'uma causa ignobil a voz do ceu, fez saber á real confessada, «que tendo cumprido a missão do seu estado, dando um herdeiro ao throno, faria uma coisa edificantissima para o mundo e muito agradavel a Deus, cohibindo-se tanto quanto possivel das voluptuosidades da carne, dedicando-se á mais excellente virtude da mulher christã: – a castidade.»

Beata, e principalmente fria por temperamento, fatigada tambem por successivos partos, a rainha entrou de boa mente no caminho que o jesuita lhe indicava. Por um lado, Luiz, que começava a dar ouvidos aos seus perfidos conselheiros, tendo-se embriagado uma noite, foi ao quarto da rainha, que lhe repelliu as caricias avinhadas, com accentuado nojo; então o rei, ferido no seu amor proprio, jurou que não receberia duas veses a mesma affronta, e saiu do quarto de sua mulher para nunca mais lá voltar.

Desde este momento, e sob a influencia dos conselheiros corruptores que o cercavam, Luiz XV entregou-se á effervescencia das suas paixões. A condessa de Mailly foi a sua primeira amante, á qual o rei não tardou em associar sua irmã, a sr.ª de Vintimille. Sabe-se como é longa a lista das cortezãs tituladas que se desdobra desde a Mailly até Joanne Vauhermier, conhecida pela condessa Dubarry. Emquanto Luiz XV nos seus *petits appartements*, passava a vida á mesa e nas voluptuosidades, o cardeal de Fleury governava a França, e governava-a mal. Protegidos pelo cardeal-ministro, os jesuitas julgavam que se abria para elles uma nova era de brilhante prosperidade. Mas já, no horizonte do mundo apparecia a nuvem d'onde sairá o raio que vae ferir e destruir por algum tempo o edificio do jesuitismo. Já se tinham ouvido os primeiros ruidos por occasião do processo da formosa Cadière; o attentado de Damiens, immediatamente seguido da fallencia do padre La Valette, ia desencadear a tempestade com toda a sua violencia.

Em 1743 morreu o cardeal de Fleury, e ministros menos bem dispostos a favor da S. J. tinham succedido no poder a este protector dos filhos d'Ignacio de Loyola. O incendio das discussões religiosas estava abafado, quasi extincto; os jansenistas haviam esquecido a famosa bulla *Unigenitus*, começava-se mesmo a ninguem se preoccupar com os jesuitas, a não ser talvez o papado, que depois de Innocencio XIII [1] mostrava velleidades de recomeçar a estudar os projectos de reforma da famosa seita catholica, tantas vezes iniciados e outras tantas postos de parte. O successor d'este ultimo pontifice, descontente com os jesuitas, tinha já dado o signal das primeiras hostilidades. A companhia de Jesus, pois, precisava d'uma nova e sufficientemente forte diversão. e tractou de aproveitar a primeira occasião que se apresentasse, e, em ultimo caso, creal-a.

O jansenismo moribundo procurava então volver á vida por meio dos milagres do cemiterio de S. Medard, do diacono Paris e dos convulsionarios. Os jesuitas aproveitaram esta circumstancia, e trataram de a explorar habilmente.

O diacono Paris, irmão d'um conselheiro do parlamento, tinha morrido pronunciando um ultimo anathema contra a bulla *Unigenitus*, o que lhe creou tantos amigos como inimigos. O diacono foi inhumado no claustro de S. Medard, e alli começou sem demora a fazer milagres. Os devotos iam

---

[1] Innocencio XIII, tendo-se atrevido a dizer que ia tratar de reformar a S. J., morreu, no dia seguinte, de repente!

resar *em francez*, sobre a sua campa, porque então, aos olhos dos jansenistas era um crime resar em latim. Ora o principal milagre que o diacono fazia era que todos que se approximavam da sua sepultura entravam em convulsões. As mulheres sobretudo, dotadas d'um systema nervoso vibratil e de facil excitação, entregavam-se ás mais extranhas contorsões, e ás vezes a atrozes soffrimentos, graças á incrivel protecção do novo santo, á hysteria excitada e tambem á cumplicidade burlona de certos compadres. Estes ultimos eram chamados *soccorristas*, e os seus soccorros, solicitados ardentemente pelas fanaticas convulsionarias, consistiam n'uma especie de serviços d'algozes.

«Os *soccorristas*, diz Dulaure, na sua excellente *Historia de Paris*, rapazes vigorosos, davam formidaveis murros nas costas das mulheres, no peito, nos hombros. Estas desgraçadas, não satisfeitas, pediam aos seus carrascos que as maltratassem mais cruelmente. Os *soccorristas* punham-se-lhes sobre o corpo com os pés, pizando-lhes as coxas, o ventre, o seio, espezinhando-as até ficarem extenuados. Estas pobres mulheres achavam tudo isto ainda muito brando; insaciaveis de soffrimentos, faziam com que lhes desancassem as costas com achas de lenha, e que igualmente lh'as applicassem no peito e na barriga. Joanna Mouler, uma convulsionaria de vinte e tres annos apenas, além d'isso formosissima, fazia que lhe batessem cem vezes de seguida com um ferro de suster a lenha nos fogões. E emquanto era assim tratada, animava-se-lhe o rosto e exclamava: Como é bom! Como isto me faz bem! Ande, meu irmão, bata com mais força se pode! Algumas outras enguliam carvões ardentes, outras faziam com que lhes dessem espadeiradas; mas a obra mais meritoria era a crucificação. Uma rapariga, extendida numa cruz, deixava que n'ella a pregassem de pés e mãos. Devo dizel-o, porque tenho d'isso a maxima certeza, que em mysteriosas assembléas, reunidas em algumas cidades da França, se repetiam muitas vezes estas horriveis scenas, e ainda numa epocha muito proxima da nossa [1].»

[1] Dulaure publicou os seus trabalhos historicos de 1823 a 1827.

Imprimiu-se uma *Vida de S. Paris*, os jesuitas trataram de fazer anathematisar este livro, Roma pronunciou excommunhão maior contra quem lêsse esta *Vida*, e condemnou o livro a ser queimado (29 d'agosto de 1731) [1].

Comtudo a França, sem ter fé absoluta nos milagres dos convulsionarios, continuava a ser mais pelos jansenistas contra os bispos do partido romano e dos jesuitas. Estes exigiam dos moribundos que acceitassem a bulla sob pena de serem privados de sepultura christã, e recusavam o viatico e a extrema uncção a quem quer que não apresentasse um bilhete de confissão no qual se declarasse partidario da bulla. O arcebispo de Paris poz-se á frente de todas estas perseguições, que foram mais favoraveis do que prejudiciaes á causa do jansenismo. O cura de Santo Estevam do Monte tendo, como tantos outros ecclesiasticos, recusado o viatico a alguem que não estava munido d'aquelle bilhete, foi citado perante o parlamento.

Não compareceu, e o rei convidou os magistrados a não continuarem a importarem-se com o que faziam os padres. O papa veiu intrometter-se na questão, e escrevinhou uma bulla a este respeito; o parlamento não fez dignamente caso d'ella, e continuou a chamar á sua beira o arcebispo de Paris e os seus sequazes. Luiz XV, cujo coração se inclinava para os jesuitas, mas que se não sentia com coragem de luctar por elles contra a França em peso, publicou um edito que dizia em substancia:

«Que a bulla devia ser recebida com sub-

[1] Para este effeito levantou-se um grande cadafalso na praça do convento da Misericordia em Roma e a trinta passos uma fogueira. Os cardeaes subiram ao estrado, e o livro ligado todo com pequenas correntes de ferro, foi apresentado ao cardeal-deão. Este entregou-o ao inquisidor-mór, que o passou ao official de justiça. Este por sua vez deu-o ao preboste, este a um archeiro, este por fim ao carrasco. O executor das altas justiças ergueu o braço com o livreco, voltou-se gravemente para os quatro pontos cardeaes depois desamarrou o volume, rasgou-lhe as folhas uma a uma, molhando cada uma d'ellas em pez derretido e atirando com tudo á fogueira; emquanto a canalha, incitada pelos jesuitas, gritava: «Morram os jansenistas!»

Fuga de Rosa Botharel

missão, ainda que, no fim de contas, não fosse um artigo de fé;

«Que os bispos podiam dizer tudo quanto quizessem, com tanto que fosse caritativamente:

«Que a recusa de sacramentos seria julgada pelos tribunaes ecclesiasticos e não pelos civis, salvo em caso d'appellação por abuso:

«Que tudo que até alli se tinha feito sobre a questão seria sepultado no esquecimento.»

Este edito insignificante não satisfez nem os jansenistas, nem o parlamento e muito menos a companhia de Jesus. Ella murmurou altamente contra o rei; os nomes mais odiosos lhe foram chamados por ella; organisou uma nova e santa liga, que, na intenção, não devia ser menos terrivel do que a primeira, e prégou por toda a parte, principalmente nos seus collegios, o odio contra o tyranno que queria derribar a santa egreja.

E' d'estas perseguições que muitos querem ver a origem da tentativa d'assassinio contra o rei, de que nos vamos occupar no capitulo seguinte.

# XL

## Damiens

Em 5 de janeiro de 1757, vespera de *Reis,* das seis para as sete horas da noite a companhia dos guardas de serviço no palacio de Versailles recebera ordem d'accompanhar o coche que ia conduzir a Trianon o rei e o delphim. Luis XV tinha formado tenção de ir cear e dormir a Trianon. O duque d'Ayen, capitão de dia, tinha já tomado logar á direita do coche, e logo o rei se encaminhou para o corredor da entrada, accompanhado do delphim, e seguido por uma turba de cortezãos pressurosos, á frente dos quaes se achavam o marechal de Richelieu, o chanceler de Lamoignon e o ministro da justiça, Machault. Os cem suissos apresentaram armas ao soberano, que se encaminhou apressadamente para o coche, porque fazia um frio excessivo.

Dissemos que era perto de sete horas, e por conseguinte já noite escura, e o local mal illuminado por algumas luzes que traziam os criados; portanto ninguem viu passar um homem por entre os guardas, e misturar-se com os cortezãos que cercavam o rei. Este ultimo fez um movimento para subir para o coche, quando o viram voltar-se repentinamente, emquanto que procurava introduzir uma das mãos por debaixo do casaco que o abafava, como quem procura saber donde lhe sae uma gota de sangue que lhe vem ao collete.

O tumulto é indescriptivel. O duque d'Ayen tira a espada e corre para o rei, que ampara o pequeno principe; os guardas agitam-se e brandem as armas; todos gritam contra o assassino, e todos os olhares procuram na multidão, que enche o pateo de Momrare, o assassino.

— Foi este homem que me feriu; disse Luiz XV, designando com a mão um individuo, que, por um movimento quasi inapercebido no meio do movimento geral, se tinha misturado com os cortezãos, sómente, como todos estes, tinha-se esquecido de tirar o chapeu.

O duque d'Ayen arremessa-se ao desgraçado cujo olhar desvairado parecia effectivamente indicar como auctor da tentativa d'assassinio e que foi preso sem que tentasse fugir ou reclamar.

Emquanto o arrastam para o vestibulo do palacio, apenas pronuncia estas palavras:

—Tomem cautella com o Delphim e que não saia durante o dia!...»

Estas palavras augmentaram ainda mais o terror de que já estavam tomados os assistentes, e que as ouviram.

O homem foi arrastado para uma casa do rez-do-chão, chamada a sala dos guardas. Ahi, revistaram-no, e encontraram-lhe um canivete de duas folhas. Como se suppoz que não fora com tal arma que elle tentara matar o rei, continuaram a revistal-o até que o puzeram nu, sem nada mais lhe encontrarem que o mencionado canivete.

O assassino chamava-se Roberto Francisco Damiens. Nascera a 9 de janeiro de 1715 em Tienloy, pequena cidade de Artois. Seu pai, que fora rendeiro, morrera arruinado depois de ter fallido. Damiens, vendo-se sem

recursos pelo lado da familia, [illegible] se successivamente lacaio, soldado, serralheiro, cozinheiro, etc. Era homem de pouco valor intellectual e moral, espirito sombrio, descontente, e um pouco desequilibrado. Tinha já estado preso na Bastilha por injurias contra o governo, e d'alli saira mais descontente, mais violento, com o coração ulcerado e nas disposições de qualquer tentativa contra quem quer que fosse.

Foram os jesuitas que o impelliram a tentar contra o rei! Assim se disse então, assim o clamaram todos; e se não foram elles que secretamente o impelliram ao crime, foram elles os designados pela opinião publica como cumplices e excitadores do criminoso.

Ha um facto, occorrido durante o julgamento, que deu muito que pensar então, e que até hoje ainda não foi sufficientemente esclarecido. Quando o parlamento tomou conhecimento da causa, Luiz XV evitou que uns poucos de juizes tomassem assento no tribunal, conservando os presos em suas casas, com guardas á porta. Isto deu pretexto a que se julgasse que a camara plena, para obedecer a ordens vindas de cima, não tinha querido fazer cair a responsabilidade do crime de Damiens sobre cumplices que se desejava poupar, justamente por serem inimigos do parlamento.

A 26 de março, preparado já o processo Damiens, compareceu este perante a camara-plena; não sendo permittido assistir aos debates senão os magistrados, os principes de sangue, os pares, os fidalgos da casa real, os officiaes do tribunal, e alguns raros protegidos.

Damiens mostrou, diz-se, durante a audiencia uma coragem extraordinaria e uma alegria quasi insolente. Sustentou sempre que fora a religião que o levara a ferir o rei, que nunca tivera tenção de o matar. Uma das testemunhas declarou que ouvira dizer ao reu, quando preso: «*que se tivesse já cortado o pescoço a quatro ou cinco impios, elle não teria tentado contra o rei.*»

Nos soffrimentos horriveis das torturas ordinarias e extraordinarias, quando as cunhas de ferro lhe tinham já esmagado os ossos dos joelhos, confessou que tinha ouvido dizer a um tal Ferrieres, criado d'um irmão d'um conselheiro do parlamento, na presença de seu amo, «que não se acabaria de vez com as questões religiosas da epocha, emquanto o rei vivesse, e que seria uma obra meritoria matal-o».

Foi condemnado aos supplicios que já relatamos por mais d'uma vez, mas que n'esta occasião assumiram um caracter mais selvagem do que das outras vezes, o que demonstrou que um seculo andado na vida da humanidade em nada tinha influido na forma da penalidade.

Vamos descrever esses supplicios, para com essa descripção evidenciarmos que Voltaire melhor teria feito em se calar, quando criticou o supplicio dos Tavoras. A nação que supplicia Damiens, não pode accusar quem quer que seja de selvagem.

Damiens foi posto a nu. Os ajudantes do carrasco ligaram-o fortemente a um poste por meio de correntes e argolas de ferro. Besuntaram-lhe a mão direita com enxofre e outras materias inflammaveis, e depois fizeram-lhe extender esta mão, que segurava uma faca, sobre um brazeiro ardente. O enxofre e o pez incendiaram-se logo, e ouviu-se o tisnar das carnes do desgraçado. Damiens não soltou um grito; e quando a mão ficou queimada até o punho, olhou com uma especie de curiosidade para o coto negro avermelhado, que lhe terminava o braço. Era este o primeiro acto da tragedia.

A um signal do carrasco, os seus ajudantes agarraram em grandes tenazes em braza e com ellas começaram a arrancar pedaços de carne de todo o corpo do infeliz, que se conservava calado, sem dar um gemido. Mas quando o carrasco, avançando por sua vez, com uma colher de ferro na mão, na qual levava chumbo e resina derretidos, e lh'os lançou nas chagas vivas e sangrando, ouviram-se por fim urros terriveis, que parecia fazerem sorrir os carrascos, a quem a impassibilidade do paciente tinha exasperado, e magoado no seu orgulho de feras.

Desamarraram Damiens, e deixaram-n'o descançar, ou respirar, segundo a expressão do algoz. Entretanto approximaram-se quatro cavallos, montados por quatro palafreneiros, e aos arreios de cada um ligaram

cada um dos braços e pernas do criminoso. Os cavalleiros fustigaram os cavallos, chegaram-lhe com força as esporas, e os animaes arrancaram com impeto, cada um para seu lado. Deslocavam-se as articulações, extendiam-se os musculos, os ossos estalavam horrivelmente, mas os membros não se separavam do corpo, e ao fim de tres quartos d'hora d'este supplicio, os cavallos achavam-se extenuados, e Damiens vivo! Então o algoz desceu e cortou os principaes musculos, os cavallos esporeados fizeram um esforço desesperado, e tres d'elles partiram a galope doido arrastando um um braço, e cada um dos outros uma perna. Um dos ajudantes do carrasco, cortando a outra perna do desgraçado permittiu que o ultimo cavallo, arrastando-o, fosse ao encontro dos seus companheiros!

Então, juntos os membros dispersos do cadaver foram lançados e consumidos n'um fogueira.

E a multidão applaudia com delirio o supplicio, e no momento em que os carrascos se serviam do bisturi para terminarem aquella horrivel lucta entre os cavallos e o paciente, uma bella dama, de pé, na varanda d'uma janella que dominava a praça, e donde podia gosar o espectaculo á sua vontade, deixou escapar, com um grito de dó e de terror, esta memoravel phrase:

Caricatura ácerca da bulla «Unigenitus»

*(Publicação da epocha)*

«*Pobres cavallos!... como elles devem ter soffrido.*»

Com certeza era confessada dos jesuitas.

Disse-se n'essa occasião, que Damiens tinha feito declarações, mas que por ordem do rei foram supprimidas ou truncadas. O certo é que, n'essa epocha, cinco jesuitas de Paris,

saíram furtivamente do seu collegio, dirigiram-se a toda a pressa para a barreira do Throno, onde os esperava uma berlinda puxada por excellentes cavallos de posta, na qual ganharam a fronteira de França mais proxima emquanto que um d'elles dava entrada na Bastilha!

Mais se verificou que Damiens fora durante muito tempo pensionista dos jesuitas em Bethune, que tinha servido como criado no collegio de Paris, e que, contradictoriamente com as suas declarações, o padre La Tour, jesuita, era o seu confessor; e o padre Delaunay, jesuita tambem, lhe tinha prestado varios auxilios, por vezes.

Convem dizer que, quando o despiram, lhe encontraram uma importante somma de luizes em oiro.

Esperava Luiz XV melhor occasião e ensejo para se declarar abertamente contra a S. J.?

Se assim foi, ella se apressou em lh'a dar, com a famosa fallencia do padre Lavalette.

# XLI

## A bancarrota do P.e Lavalette

Lavalette, destinado a dar o golpe de misericordia na S. J. em França, no seculo XVIII, foi o Francisco Xavier do negocio e das especulações gigantescas. Em 1743 fôra enviado para as missões da Martinica, como parocho da freguezia de Corbet[1], pequena parochia a tres leguas da cidade de S. Pedro. Era um homem emprehendedor, intelligente, bastante illustrado, activo e sobretudo ambicioso de reputação. Em 1748 foi nomeado superior, da casa que a companhia tinha na ilha, e pouco tempo depois procurador geral das missões das ilhas do Vento. Progresso extraordinario, incrivel, mas natural. Lavalette tinha estabelecido na Martinica uma casa commercial e bancaria, que havia conseguido atraír a si todos os capitaes da colonia, tornando-se o centro exclusivo de todos os negocios e de todos os productos indigenas[2]. Os seus navios sulcavam o Oceano em todos os sentidos, e os mais solidos bancos da Europa se punham, por impulso proprio, ás ordens do feliz especulador. O seu commercio avaliava-se em milhões de francos. Com os beneficios realisados tinha conseguido comprar grandes terrenos na bahia de S. Domingos, que mediam perto de vinte kilometros d'extensão por cinco de fundo; e para cultivar as suas propriedades ruraes tinha comprado em varios mercados quinhentos negros escravos. Lavalette era pois um precioso banqueiro, cujo zelo era de justiça que fosse largamente recompensado; e as honras com que a S. J. o tinha distinguido não eram mais do que um legitimo pagamento.

Comtudo, esta prosperidade devia desfazer-se por si propria e a queda seria tanto mais pesada quanto maior era a altura de que elle ia despenhar-se.

---

[1] Antonio Lavalette ou La Valette, que de ambas as fórmas corre na historia, estava então no vigor da edade, porque tinha nascido em 1707.

[2] As operações bancarias e commerciaes do padre Lavalette eram geralmente assim. O dinheiro das colonias francesas era o que chamamos moeda fraca isto é valia um terço menos em relação á moeda da metropole. Um negociante da Martinica levava ao reverendo banqueiro, por exemplo, 10:000 francos que queria mandar para Marselha, e pelos quaes o padre Lavalette lhe dava uma lettra de igual quantia, sacada sobre os irmãos Lionci, seus correspondentes, a dois e até a dois annos e meio de praso. Por este meio o colono não perdia senão 1:000 francos, na supposição de ter o dinheiro a juro de 5 o|o; muitas vezes, porém, não perdia nada, porque a letra era recebida como dinheiro corrente, emquanto que mandando o dinheiro directamente para França perdia 3:000 francos. O padre Lavalette, porém, em vez de enviar o dinheiro para Marselha, ficava com elle comprava generos coloniaes, como assucar, café, etc. que expedia para Amsterdam, Lisboa ou Marselha. Vendidos estes, entrava-lhe nos cofres a somma integral de 10:000 francos. Então faria comprar peças d'ouro em Portugal, a preço de 42 francos, que vendia na Martinica a 66; realisando logo um beneficio de 3:000 francos. Ora, como bastavam cinco mezes para uma operação d'este genero, podia recomeçal-a quatro ou cinco vezes, pelo menos, até á data do vencimento. Portanto todas as vezes que o padre Lavalette passava, por conta alheia 10:000 francos para a Europa, realisava com a operação nada menos de 12:000 de lucros. Confessemos que era um lindo desconto.

Lavalette tinha dois correspondentes especiaes em Marselha, armadores e banqueiros, os irmãos Lionci. Estes consignavam a Lavalette navios carregados de mercadorias europeas, e o jesuita reenviava-lh'os com generos coloniaes. Especulação ordinaria; beneficios espantosos.

Cego pela sua prosperidade milagrosa, o jesuita não via no horizonte um ponto negro que ia engrossando: a França e a Inglaterra começavam a desentenderem-se e repentinamente rebentou a guerra, depois conhecida pela dos *sete annos*. Os corsarios ingleses encontraram nas suas correrias os navios de Lavalette, os quaes em vez de chegarem a Marselha, subiam o Tamisa a reboque dos seus captores.

Os irmãos Lionci, em face da fallencia, visto que se achavam a descoberto de perto de dois milhões de francos, foram ter com o padre Sacy, correspondente de Lavalette em Paris, para obterem um á conta immediato de 500:000 francos, a fim de fazerem face aos compromissos mais urgentes. No fim de dilações e evasivas sem conto, o jesuita acabou por declarar que a S. J. não podia fazer nada.

— Mas n'esse caso não somos nós sós os perdidos, é a multidão dos correspondentes, que estão ligados comnosco que ficarão egualmente desgraçados!

— Pois que se desgracem, respondeu o jesuita; nós nada podemos fazer!

A' vista de tal resposta, os Lionci entregaram-se ao tribunal.

O seu banco tinha uma enormidade de lettras sacadas ou acceites por Lavalette, e os consules de Marselha, pronunciando a fallencia, condemnavam este.

Naturalmente o jesuita tinha desapparecido.

Os credores furiosos recorreram ao geral, evidentemente responsavel das consequencias dos actos, que um membro da companhia não podia levar a effeito sem a sua auctorisação e fiscalisação. O padre Ricci embrulhou-se hypocritamente na capa de Job, e, como Pilatos, lavou as mãos de todo aquelle negocio.

O processo foi levado ao parlamento de Paris; e d'esta vez assumia uma alta gravidade, pela propria gravidade do tribunal. O parlamento imitou os juizes de Marselha, e declarou a S. J. solidaria das dividas de Lavalette. A alegria foi enorme e geral em toda a França. Os jesuitas eram devedores de tres milhões de francos [1].

«A sentença, diz Voltaire, foi recebida com applausos e palmas interminaveis pelo publico. Alguns jesuitas, que tinham tido o atrevimento ou a simplicidade d'assistirem á audiencia, foram apupados pela multidão. A alegria foi tão universal como o odio...»

A ordem tinha perdido a cabeça — não admira, roubavam-lhe a alma — o seu oiro, — e no meio dos debates tinha-se defendido com as suas *Constituições*.

«Se as vossas constituições vos defendem respondera o presidente, apresentai-as!

Falta imperdoavel! E essas famosas constituições foram então, pela primeira vez em França, entregues á grande luz da publicidade, e aterraram toda a gente pelo espirito absolutamente subversivo em que eram concebidas. A S. J. tinha dado armas contra si. O relatorio do abbade Chamelin, membro do parlamento, documento que continha um quadro completo do jesuitismo, decidiu o tribunal pronunciar uma sentença provisoria, em 18 d'abril de 1761, pela qual supprimia oitenta collegios da companhia de Jesus, e a dar a sentença definitiva em agosto de 1762, cujos principaes topicos são os seguintes:

«Declara os ditos chamados jesuitas inadmissiveis, mesmo a titulo de sociedade e collegio; feito isto, ordena que com o dito instituto a dita sociedade e collegio serão e ficarão banidas de França irrevogavelmente, e que nunca poderãoser readmittidos *seja qual for o pretexto, denominação ou fórma*... O mesmo tribunal determina muito expressamente que ninguem possa *propor, solicitar ou pedir em tempo algum ou em qualquer occasião o chamamento dos ditos*

[1] Quando esta sentença foi pronunciada, as famosas constituições da S. J. acabavam de ser publicadas em Praga; e foi com ellas em mão que os advogados dos credores do padre Lavalette provaram a solidariedade que existia entre todas as casas jesuiticas; e que sendo a sociedade um todo indivisivel só o seu chefe era apto a possuir em nome da ordem toda.

Os Convulsionarios do cemiterio de S. Medard, em Paris

*instituto e sociedade*, sob pena para aquelles que tiverem feito as ditas propostas, ou que a ellas tenham assistido ou adherido, de serem considerados como coniventes no estabelecimento d'uma auctoridade opposta á do rei, e até como favorecendo a doutrina do regicidio constante e perseverantemente sustentado na dita sociedade...»

A sentença do parlamento de Paris completava a sua obra, prohibindo aos subditos do rei de frequentarem os collegios, seminarios, retiros, casas, congregações, pensões, escolas da sociedade; intimava aos jesuitas a ordem de despejarem todas as casas, collegios, seminarios, noviciados, residencias, casas professas ou de exercicios e geralmente todos os estabelecimentos, qualquer que fosse a sua denominação, permittindo-lhes, porém, que se pudessem retirar para qualquer localidade do reino que lhes aprouvesse, e ahi residirem sob a auctoridade dos ordinarios, sem que lhes fosse permittido viver em commum, reconhecer a auctoridade do seu geral, e usarem a roupeta da S. J. Era egualmente prohibido aos jesuitas poderem possuir qualquer beneficio, canonicamente, cadeira ou outro qualquer emprego a cargo d'almas ou municipal, salvo se se prestassem a fazer um juramento, cuja formula seria redigida por uma sentença do parlamento, que concedia aos jesuitas, se elles a requeressem, uma pensão alimenticia strictamente necessaria.

Em novembro de 1764, o duque de Choiseul fez com que o rei assignasse um edito pelo qual a sociedade de Jesus deixava de existir em França[1].

---

[1] Quando tratarmos da extincção dos jesuitas em Portugal, nos occuparemos largamente do modo e maneira como tal extincção foi conseguida d'um dos mais dignos entre os dignos pontifices da Egreja romana, o papa Clemente XIV.

# XLII

## Os jesuitas na Suecia

Já n'um outro capitulo [1] tivemos occasião, por incidente, de nos referirmos aos jesuitas na Suecia. Completaremos, agora, embora o mais rapidamente que nos seja possivel, a historia d'esta gente n'aquellas regiões, onde eram pouco de molde as tendencias, aspirações e influencia jesuiticas.

Foi instigado por sua mulher, ardente catholica, que João III da Suecia [2] encetou negociações com Roma para reatar as relações religiosas do seu povo com a Santa Sé. O jesuita Stanislau Warcewicz chegou clandestinamente a Stockholm em 1574, e conquistou completamente o rei. Depois da sua partida, João III introdusiu uma lithurgia catholico-romana, e tomou outras medidas conforme o seu plano. Dois mezes depois, chegaram o jesuita Lourenço Nicolaï, norueguês de nascimento, e um padre secular, Feyt, belga. O primeiro foi nomeado pelo rei professor d'uma faculdade de theologia, novamente fundada em Stockholm, e os pastores protestantes da capital e os estudantes de theologia sem excepção foram obrigados a assistirem aos cursos do jesuita. Nicolaï não declarou o segredo da confissão a que pertencia, mas tratou de refutar os reformadores com as suas proprias obras. O rei sustentou este jogo e estas intrigas, e por meio d'ellas conseguiu algumas conversões. A fim de formar collaboradores, Nicolaï enviou seis dos seus discipulos mais distinctos a Roma, onde se deviam formar no collegio allemão d'aquella cidade. A mascara caiu então, e não foi já facil domar a opposição que começou a manifestar-se entre os theologos protestantes. O rei João fez submetter á Santa Sé uma serie de *desiderata,* que precisavam ser attendidas, para que a obra da conversão da Suecia podesse ser um facto consumado. Os mais importantes d'estes desejos eram: a supressão do celi-

[1] Vide *Cresce a onda.*

[2] A Reforma foi conhecida na Suecia desde 1519 graças a Olaus Petri (1552), discipulo de Luthero e fervente admirador das suas idéas. Mas foi preciso o curso de duas gerações para que ficasse consolidada. Gustavo Wasa serviu-se d'ella como um dos mais poderosos instrumentos para a sua obra de reconstrucção politica, e depois da dieta de Vesteras, os bens da Egreja, o seu poder politico e a sua suprema auctoridade passaram ás mãos do rei, de tal sorte que por pouco a Egreja quasi foi uma instituição do Estado. Entretanto, graças á traducção da Biblia em Sueco, o Evangelho penetrou no povo e operou a sua influencia sobre as consciencias. Sobreveiu depois uma reacção em favor do catholicismo no reinado do semi-catholico João III, e no do catholico puro Sigismundo; mas esta reacção só deu como resultado o triumpho completo do protestantismo, sob o impulso do duque Carlos (o Carlos IX da historia). Pelo synodo d'Upsala (1593) o clero e o povo da Suecia adheriram como um só homem ao lutheranismo. D'estas luctas, o povo sueco saiu com um ardor e um enthusiasmo juvenis pelo Evangelho de Jesus, e foi esta fé ardente que lhe deu, apesar da sua fraqueza numerica e da sua pobreza, a força de vencer, sob Gustavo-Adolpho, a potente liga da reacção catholica, de defender a obra de Luthero na propria patria de Luthero, e de salvar o mais precioso bem da humanidade; empresa esta que pode egualar-se aos mais altos feitos das mais celebres historias. *(La Suêde, son Peuple et son Industrie. Stockholm,* 1900).

otes, a communhão sob as duas especies, e a celebração do culto em lingua nacional.

Em 1577, o papa mandou o jesuita Antonio Possevino e dois outros membros da ordem a Stockholm, para desfazerem os ultimos escrupulos do rei. Possevino impressionou este profundamente, ameaçando-o com a condemnação eterna, e obrigou-o a declarar-se alto e bom som, na sua presença, membro da Egreja catholica, e a confiar a educação e a instrução de seu filho, herdeiro da corôa, aos jesuitas. Só então, o manhoso jesuita é que lhe confessou que o papa nunca poderia consentir n'um certo numero de coisas pedidas pelo rei; mas, compromettia-se a voltar immediatamente para Roma, a fim de fazer tudo que fosse possivel e que contribuisse para a salvação do rei e do Estado.

As historias de Possevino tinham produzido o desejado effeito no animo do rei; e tanto, que este ficou crente que seu pae tinha sido condemnado eternamente. Assim, logo que o jesuita se despediu d'elle, João chorou abundantes lagrimas e exclamou por entre soluços: «De boa vontade desejaria cortar os dedos dos pés, só para alliviar meu pae dos tormentos que está soffrendo no inferno.» Dois outros jesuitas substituiram Possevino na corte, e ahi continuaram a obra das trevas e do dominio das consciencias. O papa repelliu os pedidos do rei. Possevino, voltou em grande pompa, na qualidade de vigario apostolico para a Scandinavia, e paises visinhos, sem comtudo confessar ao rei a decisão do papa, contentando-se em o fortificar nas suas convicções catholicas. Alguns mezes, depois da partida do jesuita para a Polonia, João conheceu a recusa do papa. Tal recusa tão profundamente o abalou que declarou não querer dar mais um passo pela conversão do reino.

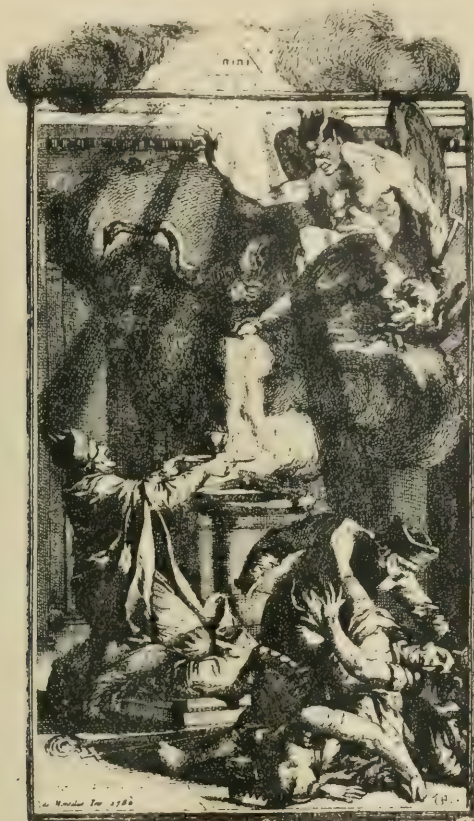
Possevino foi de novo encarregado de endireitar o negocio «pelos seus talentos e com a sua habilidade,» e de fazer acceitar ao rei a resposta de Roma. O jesuita encarregou-se d'esta difficil missão. Começou por enviar ao rei uma carta de Filippe II, recheada de lisonjas e elogios acêrca da sua conversão á Egreja romana, incitando-o a restaurar o catholicismo na Suecia, para o que lhe offerecia um soccorro immediato de 200:000 *zéchinos*. Taes demonstrações apaziguaram o rei, que recebeu o jesuita com distincção; mas este não conseguiu dar-lhe uma impressão duradoira. A recusa de Roma magoava profundamente o monarcha, que temia que a empresa lhe fizesse perder a coroa; e tendo dito ao jesuita, que se o papa conhecesse a situação do país, lhe teria concedido o que elle pedia, Possevino lhe respondeu: «O Espirito Santo que dirige a Egreja e inspira a alma do papa, sabe disso mais que nós todos.» Finalmente recorreu á pressão moral, e ameaçou o rei com os castigos do céu. O rei ficou firme, continou a favorecer os catholicos, sem comtudo renunciar aos seus projectos, mas foi recuando a pouco e pouco em presença da opposição protestante sustentada por seu irmão Carlos, duque de Sudermanland. Apoz um levantamento contra os jesuitas de Stockholm, o rei prohibiu ao padre Nicolaï o exercicio das suas funcções, e substituiu-o por um lutherano animado de disposições conciliadoras para com o catholicismo. Nicolaï deixou a Suecia com a maior parte dos seus discipulos; dois somente d'entre elles ficaram a pedido do rei, com o encargo de celebrarem o culto na capella real, e de dirigirem a educação catholica dos seus filhos.

Em 1582, por morte da rainha Joanna, o rei desposou uma princeza lutherana. Um dos jesuitas retirou-se d'Stockholm; e o rei entregou a faculdade de theologia aos protestantes.

Em 1587, o herdeiro do throno, Sigismundo, tinha sido eleito rei da Polonia. Por morte do rei João, acontecida em 1592, o duque Carlos ficou encarregado da regencia. Então reuniu em Upsala um concilio nacional que afastou a lithurgia de seu irmão e tomou a peito repôr no antigo vigor a confissão d'Augsburgo. Quando Sigismundo veiu para occupar o throno com um accompanhamento de jesuitas, os Estados do reino puseram-lhe condições que representavam a extirpação do catholicismo. Sigismundo cedeu com alguma hesitação. Seu tio, depois de lhe ter infligido uma derrota militar em Stangebro, fez com que o Reischstag o obrigasse a sair da Egreja catholica e a gover-

nar os seus estados em pessoa, ou de mandar seu filho para a Suecia, no praso de cinco mezes, e a fazel-o educar na religião nacional.

Sigismundo, absolutamente dominado pelos jesuitas, repelliu esta intimação, e o throno passou a mãos mais dignas na pessoa de seu tio Carlos IX.

No reinado de Christina, que, para socegar as suas duvidas philosophicas, se refugiou sob a auctoridade da Egreja romana, os jesuitas voltaram de novo, mas, felizmente para a Suecia, por pouco tempo.

Os jesuitas sacrificando ao diabo

*(D'uma estampa do seculo* XVIII)

Na Dinamarca e Noruega naufragaram por completo os trabalhos dos jesuitas, provando assim estes dois povos quanto presavam a dignidade nacional e a honra das suas mulheres e filhas.

# XLIII

## Pobre Polonia!

E' a exclamação que geralmente se ouve quando se trata d'esta infeliz nação; e comtudo ella tem a sorte que merece pela acquiescencia que sempre mostrou aos jesuitas, sem querer ver que foram elles a causa de todas as suas desgraças.

A Polonia tinha sentido a influencia da Reforma; o espirito evangelico ia lavrando no país, a liberdade de consciencia accentuava-se. Era preciso destruir complectamente esta bella obra e o cardeal Hoius encarregou-se d'isso chamando os jesuitas, dando-lhes um collegio em Braunsberg e enchendo-os de favores. Comtudo, aqui como em toda a parte, sentiram a repulsão geral, que provoca sempre a vista d'um reptil, e só muitos annos depois é que conseguiram dominar como triumphadores, graças aos collegios nos quaes, educando os filhos das primeiras familias, n'elles torciam e deformavam os espiritos, privando-os de todos os sentimentos d'altivez e independencia.

Estevam Bathory de Siebenburgen, dominado pelos jesuitas, sustentou-os por todos os meios ao seu alcance. Fundou para elles a sua principal fortaleza, a universidade de Wilna, no meio d'uma população pertencente á fé protestante ou á egreja grega; deu-lhes collegios nos paises protestantes da Livonia, em Riga e em Dorpat, a despeito da aversão que tal gente ahi suscitava, e que por varias veses se manifestou, nas primeiras cidades, por ataques dirigidos contra as suas pessoas. Estevam Bathory levou seu irmão Christovam, principe reinante de Siebenburgen a admittir os jesuitas nos seus estados.

Ahi, mal chegados, emprehenderam uma propaganda coroada de bons resultados; mas em 1588, a requerimento dos povos, que se queixavam das suas intrigas, das desordens, perigos e inquietações que os santos homens causavam, foram obrigados a sair de Siebenburgen.

Sigismundo, que succedeu a Estevam, foi um fantoche nas mãos dos filhos de Loyola. Afastaram do seu conselho todos os patriotas, fizeram com que os assumptos clericaes tomassem o passo aos negocios publicos, e dominaram o país durante quarenta e cinco annos que tantos durou o seu infausto reinado. O empenho dos jesuitas era fazer com que os cossacos, que seguiam a religião grega, passassem para o ritual romano, e assim alheavam da corôa as sympathias d'essas hordas que, no anterior reinado, tinham fornecido um grande exercito á Polonia. A maior parte das receitas publicas eram dadas aos padres, faltando para as mais urgentes necessidades da nação; em 1585 as coisas tinham chegado a tal estado que não foi possivel organisar uma expedição para trazer a Moldavia e a Valachia á dependencia da Polonia! As fronteiras do reino ficaram abertas aos ataques dos tartaros e d'outros povos. Em compensação, o clero contava 40:000 membros e possuia 160:000 propriedades; os jesuitas espalhados no país eram já em numero de 2:000, e dirigiam cincoenta magnificos collegios. Em 1627, a

ordem tinha na Polonia um rendimento annual de 400:000 florins, somma enorme para aquella epocha. A sua rapacidade era tal, que o rei João Sobieschi se viu na necessidade de fazer, em 1679, serias representações n'esse sentido ao geral da companhia.

Entretanto um espinho existia cravado no coração dos jesuitas: a universidade de Cracovia recusava recebel-os no seu seio e, composta de homens de bem, nem sequer desejava ter com elles relações pessoaes.

Por meio de mil astucias, e com a completa ausencia de escrupulos, já tinham conseguido fundar na capital uma casa professa, um noviciado e um collegio. Como a universidade se recusava a acolhel-os sob qualquer pretexto, resolveram impor-se pelos conhecidos meios theatraes. Eternos comediantes sem crenças religiosas, sem noção alguma da probidade social, imaginaram forçar a mão aos universitarios com uma parodia d'actos publicos de philosophia e theologia, realisados no seu collegio por occasião da festa de Ignacio de Loyola. Para esta comedia, que se devia seguir a um jantar succolento e bem regado com os capitosos vinhos da Hungria, foram convidadas as notabilidades da cidade e o corpo docente da universidade. Este, porém, em vez de se deixar cair na rede, protestou contra a comedia, e reclamou contra ella perante o rei e o pontifice. Mas não foi só a universidade que recusou o convite. Todas as ordens religiosas, á excepção dos franciscanos, o regeitaram, e para que a regeição geral tivesse um caracter de protesto, tempos depois, festejando os carmelitas descalços a canonização de Santa Thereza de Jesus, todos que tinham deixado de assistir ás festas jesuiticas concorreram a esta officialmente.

Os jesuitas, porém, alcançaram do rei, apesar d'uma revolta da população, um rescripto que lhes permittia abrirem escolas. Para o conseguirem tinham feito crer ao principe que a universidade era rebelde ás suas ordens; emquanto, por outro lado, tratavam de affirmar aos Estados, que elles jesuitas estavam do melhor accordo com a universidade.

O rei, persuadido por esta gente de que a academia da capital estava revoltada, tinha feito marchar a tropa contra ella, ás ordens dos jesuitas. Estes padres *fizeram correr por mais d'uma vez o sangue dos innocentes. Na cidade correu elle a jorros. E emquanto que estes religiosos não estavam saciados da carnificina, o braço dos barbaros, que tinham chamado para exercerem estas crueldades, já cançavam, e os proprios soldados, compadecidos das victimas, acabaram por se recusarem a matar mais gente*[1].

A' vista de tanta infamia, de tantas vidas sacrificadas ao capricho d'uma seita, que não se recommendava por qualidade alguma moral ou social n'aquella nação, um grito de horror se elevou em toda a Polonia, e nos Estados que se reuniram em Varsovia, a 4 de março de 1626, foi decretado que os jesuitas fechassem as suas escolas de Cracovia, e que cessassem de aggredir a universidade. Mas o appoio do rei fez com que os jesuitas dilatassem o seu acto d'obediencia aos Estados até 1634.

Ainda no reinado de Sigismundo, os jesuitas, apoiados pela curia romana, fizeram com que este rei reconhecesse o falso Dmitri[2] por principe legitimo da Russia e a sustentar taes pretenções á mão armada. Os jesuitas esperavam, com o auxilio d'este aventureiro, estabelecer-se definitivamente na Russia, e não conseguiram senão estimular as hostilidades entre as duas nações e fazerem derramar mais sangue.

As mesmas influencias determinaram o rei a pôr-se ao serviço da Austria, e a defender os interesses d'esta nação contra os da Polonia. Contra os bohemios enviou os

---

[1] Cf, *Litterae Academiae Cracovie sis ad Academiam Lovaniensiem* 29 *julii* 1627. Esta carta encontra-se no *Mercure Jésuitique*, T. 2, p. 318 e seguintes. Merece ser lida de principio a fim. D'ella apenas damos o resumo e os principaes topicos.

[2] Aventureiros que se faziam passar pelo filho de Ivan IV, o *Terrivel* mandado assassinar, aos sete annos, por Boris Godunof usurpador do throno da Russia. O Dmitri dos jesuitas parece ter sido um d'esses membros da pequena nobreza da Russia de Oeste (*szlacta*) reduzida a servir nas grandes casas. Nunca se soube o seu verdadeiro nome. Ainda ultimamente os jesuitas publicaram uma obra em 3 vol. na qual pretendem, com documentos, que elles dizem authenticos, provar os serviços que, por occasião d'esta enorme burla, fizeram á Russia.

cossacos em auxilio do imperador austriaco: mandou egualmente reforços á Hungria, e arrastou assim o pais a uma guerra desastrosa contra o sultão.

Na politica interior foi egualmente inspirado pelos jesuitas, e Muzkowski, historiador contemporaneo, diz, com razão: «Tudo o que n'estes ultimos annos se tem feito de mal em a nossa patria, deve ser imputado aos jesuitas.»

Quando Sigismundo morreu (1633) o pais, cuja cultura e a sciencia, o commercio e a industria, tinham sido florescentes, estava arruinado.

A Livonia, achava se perdida para sempre; uma parte da Polonia prussiana encontrava-se em poder da Suecia; o thesouro exhausto; a litteratura em decadencia.

Os jesuitas tinham introduzido o gosto do panegyrico, da lizonja servil, as expressões da lingua nacional foram lardeadas de macarronismos, e pouco a pouco, sob a sua influencia a bella lingua de Kochanowski e de Skarg se foi alterando para dar logar a um mixtiforio bizarro.

A Sigismundo succedeu Ladislau (1631-1648) que, indignado com a interferencia dos jesuitas nos negocios politicos, os afastou da côrte, e procurou tirar-lhes a educação da mocidade, mas não conseguiu anniquilar-lhes o poderio. Seu irmão, João Cazimiro, que lhe succedeu no throno, era jesuita e cardeal. O poder que os loyolenses tinham conservado na Polonia, mostrou-se, quando em 1724 a população atacou o seu collegio de Thorn, e elles fizeram abafar a desordem em ondas de sangue derramado ás suas ordens.

O jesuita Possevino, que já vimos manobrando traiçoeira e velhacamente na Suecia, aqui o encontramos representando um grande papel. Por seus exforços, uma parte do ritual e da orthodoxia grega da Lithuania passaram a ser romanos. Os jesuitas para isso fundaram collegios, traduziram os livros liturgicos em lingua nacional, edificaram conventos, e fizeram tantos milagres, que no correr do seculo XVII foram canonizados tantos santos na Lithuania, como não tinham sido em todos os seculos anteriores!

Comtudo o baixo clero e o povo ficaram fieis á religião grega, e portanto sentiram logo a força d'attracção da Russia, onde dominava a egreja a que elles pertenciam. Foi, pois, para a Russia que os partidarios da egreja grega voltaram os seus olhos, e a Russia não tardou em intervir nos negocios polacos, na intenção de proteger os seus correligionarios. Os dissidentes do reino excluidos, em 1733, das funcções publicas e do Reichstag, lançaram-se nos braços do poderoso imperio vizinho, para, com o seu auxilio, adquirirem os seus direitos. Em troca a nação começou a odial os. Para obterem a paz, começaram a desejar a dissolução da Polonia, e saudaram-a com alegria em 1772.

Os jesuitas viam o complemento da sua obra!

*Finis Poloniæ!*

Tentativa de assassinio contra Luiz XV

# XLIV

## Theocratas e autocratas

Quando rebentou a guerra entre Estevam Bathory e Ivan IV o *Terrivel*, o jesuita Possevino foi encarregado por aquelle de negociar a paz. O russo manhoso fez crer ao jesuita que tinha tenção de se submetter á egreja de Roma, e n'esse sentido Possevino concluiu, em 1583, um tratado que deteve a marcha triumphante dos polacos. Mas Ivan, em vez de se submetter, apenas concedeu alguns favores aos catholicos romanos do seu imperio.

Como o czar não consentisse jesuitas na Russia, foi na Lithuania que elles estabeleceram o seu ponto estrategico, afim de entrarem e conquistarem influencia na Russia. O seu primeiro cuidado foi de educarem missionarios russos, e de lhes designarem a sua patria como campo d'acção. E assim penetraram na Urkania, na Podolia, em Volhyna e na Russia Branca [1].

Em 1684, disfarçados, entraram na Russia, na comitiva do embaixador austriaco Girovsky. Sob a protecção d'esta embaixada celebraram o culto romano em Moscou, e conseguiram formar uma pequena colonia jesuitica n'esta cidade. Abriram uma escola para rapazes russos, espalharam registos de santinhos, escriptos catholicos-romanos em lingua russa, e não occultavam a sua intenção de romanisarem a Russia. Os numerosos adherentes que obtiveram em Moscou fizeram-lhes crer que a empresa seria facil. O seu maior empenho era a conversão das mulheres, e era voz publica que as suas relações com ellas, estavam muito pouco d'accordo com a devoção de que faziam gala.

Os cubiculos onde se recolhiam com ellas passavam simplesmente por logares infames. Ao mesmo tempo eram accusados de servirem d'agentes e de espiões á Austria, assim como a outras potencias catholicas.

O patriarcha Joaquim, que tinha reconhecido o perigo que ameaçava a egreja grega, a moral da familia, e o progresso da sociedade moscovita, trabalhou quanto pôde para obter a expulsão dos intrusos em 1688.

O imperador Leopoldo de Austria debalde pediu que lhes permittissem voltar a Moscou; mas o governo russo objectou, que tal gente se intromettia nos negocios publicos, e recusou.

Os jesuitas não se deixaram vencer pela expulsão. Voltaram mascarados de padres seculares ou de religiosos d'outras ordens. Mas assim que perceberam que o governo tolerava a sua presença, lançaram a mascara, estabeleceram ás descancaras um collegio em Moscou e fizeram numerosos proselytos. Por contemplação para com a corte de Vienna o governo tolerou estes attentados. Mas quando rebentaram as dissenções entre as duas cortes, Pedro o *Grande* expulsou os jesuitas em 1719.

---

[1] Dava-se o nome de Russia Branca a uma parte da Lithuania que comprehendia os palatinatos de Novogrodech, de Minski, de Minsk, de Mscislaw, de Witepesck e de Polotsk. Passaram para o poder da Russia em 1773 e 1793, excepto o primeiro.

Durante trinta annos os jesuitas tinham-se estabelecido na Russia, e por duas veses tinham sido expulsos.

Pedro o *Grande*, tendo concedido liberdade de culto aos catholicos, os franciscanos e os dominicanos preencheram o logar dos jesuitas [1]. Pela annexação da Russia Branca, em 1772, os jesuitas recairam sob a dominação russa. Catharina II fez mais do que toleral-os, favoreceu-os, mesmo depois da suppressão da ordem. Convinha lhe ter em casa esses despeitados de todos os governos, outros tantos instrumentos insidiosos para auxiliarem a sua politica. Alem de que, sob o ponto de vista religioso, a protecção dada pela mesma soberana aos encyclopedistas e a Voltaire, não devia lisonjear muito os homens de Loyola. Mas, para estes, a religião em si, era coisa de pouca valia. O que elles pretendem é a pratica exterior do culto e os proventos que d'aqui resultam.

A Russia Branca converteu-se no seu quartel general. Ahi estabeleceram um noviciado com setenta alumnos, uma rica bibliotheca e adquiriram propriedades habitadas por 13:500 servos.

No reinado do imperador Paulo, e ministerio de Galitzin, chegaram os jesuitas ao seu apogeu.

Entregaram-lhes a egreja catholica de S. Petersburgo, e elles abriram nesta cidade uma escola e um seminario, augmentaram, com o consentimento do czar, os seus estabelecimentos, e acabaram por se apoderarem dos destinos da Egreja catholica na Russia, fazendo nomear metropolitano uma creatura d'elles. Reclamaram a intervenção da sua ordem nos outros países, como, por exemplo na Hispanha. Paulo protege-os, não só no seu imperio, mas ainda fora, quer fosse junto do grão-turco, como do summo-pontifice. Obteve para elles a auctorisação de se reunirem na Russia e de abrirem escolas em nome da Sociedade de Jesus. Foi graças a esta protecção do governo russo que o numero de membros da ordem se achou tão consideravel, quando a Santa Sé consentiu na sua restauração, como era quando ella fôra supprimida!

O que admira, no fim de tantos beneficios prestados por Paulo aos jesuitas, é que estes o não fizessem assassinar!

No reinado d'Alexandre, os jesuitas espalharam-se por toda a Russia indo até á Siberia e ao Caucaso.

A sua propaganda, que se dirigia principalmente ás pessoas de alta posição, começou a inquietar vivamente o clero russo. Alexandre não gostava dos jesuitas, mas tolerava-os, e tratou de limitar as suas conversões e a sua propaganda a certos pontos. Quando os jesuitas lhe offereceram os seus serviços na China, com a condição que lhes seria permittido inaugurar as suas missões junto dos pagãos e dos mahometanos das provincias russas, o czar agradeceu, mas não acceitou tantos *favores*. Por fim, os receios que inspirava a *habilidade* das suas conversões acabou por decidir da sorte dos jesuitas na Russia.

Em 1815 foram banidos de S. Petersburgo e de Moscou, e em 1820 de toda a Russia!

«Não é uma exageração dizer, com Huber [1], que a S. J. tem tentado dirigir e tem dirigido effectivamente, durante dois seculos, os destinos do mundo.

Nenhuma ordem da Egreja catholica exerceu maior influencia sobre toda a vida publica. Assim, nas tormentas politicas, o povo, que poupa os outros religiosos, volta o seu furor contra os jesuitas, porque vê n'elles os esteios dos maus governos. A S. J. tem desenvolvido toda a sua energia, todo o seu poder para a restauração da theocracia da edade-media, para o restabelecimento d'uma monarchia catholica universal, instrumento ao mesmo tempo poderoso e passivo do soberano pontifice de Roma. Foi n'esse sentido que os jesuitas sustentaram ora a politica de Filippe II, ora a de Fernando II, ora a de Luiz XIV. Nenhum esforço, nenhum sacrificio lhes pareceu aspero para attingirem o seu fim.»

[1] Este facto vem mais uma vez em apoio de que a guerra aos jesuitas nada tem de contrario á religião, de que elles foram e são os mais perigosos inimigos.

[1] São d'este auctor muitas das paginas em que se contam bastantes factos da historia dos jesuitas, narrados n'este livro, e principalmente as que se referem aos jesuitas na Suecia, Polonia e Russia.

«A verdade, a moral, a consciencia e o dever foram sacrificadas no altar d'este idolo.»

«A boa nova d'um reinado de liberdade e de amor, tal como Christo o annunciara, mudou-se, na bocca dos missionarios da S. J., na prégação do poder temporal do papa, d'um reino fundado sobre a escravidão espiritual, sobre o odio intolerante e sanguinario. Um tal reino não se funda nem subsiste durante um certo tempo senão pela força material, e a deliquescencia intellectual e moral dos povos. Mas o espirito, se póde ser detido no seu desenvolvimento, não se consegue nunca abafal-o. Por isso certos exitos brilhantes dos jesuitas foram de pouca duração. O plano jesuitico papal só se poderia realisar se viesse a extinguir-se a vida physica e moral das nações. A S. J. não poderá triumphar senão sobre o cadaver dos povos.»

# XLV

## Uma falsa reliquia

Já agora não deixaremos estas regiões frias do norte, sem contar um outro expediente jesuitico, que vem mostrar que elles não recuam ante qualquer meio, por mais sacrilego que seja, para se introduzirem n'uma região appetecida.

Gregorio, monge e exarcha patriarchal, recebeu communicação particular e pessoal do facto que vamos narrar, e que elle, por sua vez, levou ao conhecimento de Sophorne, protosynello do patriarcha de Constantinopla, em data de Trebizonda, a 16 de maio de 1626.

Em 1614, Schab-Abbas, sophi ou rei da Persia, fez uma irrupção nos dominios de Teimuraz, rei da Georgia; donde levou um grande numero de captivos, e com estes a princeza Coraban, mãe de Teimuraz, christã como o principe seu filho e os seus subditos. Schab-Abbas tratou ao principio a princeza com toda a consideração, para leval-a a abraçar o mahometismo.

Maria Leckzinska, mulher de Luiz XV

N'um dia, em que elle procurava convencel-a a abjurar, ella por tal fórma se exaltou e com tal vehemencia defendeu a sua crença, que, vituperando a Mahomet de falso propheta e de impostor, levou Schab-Abbas

a mandal-a deitar n'uma caldeira d'agua a ferver, e que o seu cadaver fosse lançado ao monturo.

As suas terriveis ordens foram executadas.

Coraban tinha tido como aia uma mulher chamada Moacla, que, tendo ido na sua companhia, fôra vendida a um persa, a quem persuadiu a tirar o cadaver da martyr rainha da montureira, para o enviar ao rei da Georgia, que não deixaria de lhe pagar por todo o preço os restos de sua mãe. O persa, para não perder o negocio, foi á noite buscar o cadaver, e deu-o a guardar a Moacla, depois de embalsamado, e posto n'um caixão.

Existiam então na Persia dois jesuitas missionarios, que resolveram apoderar-se do cadaver, para egualmente o levarem ao rei da Georgia, esperando por este meio acreditarem-se junto d'elle e introduzirem a S. J. nos seus estados. Mas quando, chegada a noite, foram á procura do cadaver, já não o encontraram.

Não desanimaram com tão pouco. Tinham concebido um projecto lucrativo e haviam de realisal-o; faltava-lhes o cadaver da martyr, elles teriam artes para encontrarem outro, e á falta d'este, desde que fossem os primeiros a dar noticia ao filho da santa morte da mãe, estavam convencidos de que seriam bem agasalhados. N'estas intenções puzeram-se a caminho da Georgia.

A certa altura da jornada encontraram o corpo d'um mancebo que acabava de ser assassinado. Immediatamente trataram de tirar partido do encontro. Desceram dos cavallos, cortaram a cabeça ao cadaver, e, mettendo-a n'uma caixa, tornaram a seguir viagem, com grande espanto dos seus companheiros de caravana, que não podiam imaginar para que serviria aos jesuitas aquella cabeça.

Quando chegaram a Georgia, mandaram contar ao rei o martyrio de sua mãe, acrescentando que se davam por muito felizes de terem podido apoderar-se da cabeça do cadaver, a fim de a conservarem como santa reliquia, destinada, por certo, á veneração a que tinha direito.

Teimuraz, transportado de alegria por tal noticia, foi ao encontro dos jesuitas e da pretendida reliquia, com todo o clero e a sua corte. Recebendo-a devotamente, fel-a levar para a egreja do mosteiro de S. Jorge Alberdale, um dos mais ricos e considerados do seu país. E, para testemunhar aos jesuitas o seu reconhecimento, quiz dar-lhes grandes presentes, e conceder-lhes uma grande e bella casa na sua cidade capital.

Os jesuitas recusaram com grandes manifestações de humildade os presentes e a casa: «Somos, diziam elles ao principe, uns pobres religiosos d'um instituto apostolico, unicamente dedicados á maior gloria de Deus e á salvação das almas. O unico favor que pedimos, é que nos seja permittido ficar morando no mosteiro de S. Jorge, a fim de sermos os unicos guardas da santa reliquia de vossa mãe.»

Teimuraz concedeu-lhes o que elles pediam. Era tão pouco...

Não tardou muito em que não começasse a correr noticia de grandes milagres feitos por intermedio da santa, e por virtude da sua pretendida reliquia. Taes boatos atrairam logo grandes multidões de peregrinos e ricas offerendas; e, pela ordem natural das coisas, os jesuitas foram sendo successivamente os senhores da egreja, do convento e dos monges. As offertas serviam-lhes para fazerem presentes ás pessoas gradas, e assim irem conquistando fama e credito. Os milagres augmentavam de dia para dia, e a confiança de Teimuraz n'elles tornou-se illimitada.

O negocio progredia maravilhosamente, quando Teimuraz recebeu uma carta de Moacla, que lhe enviava a verdadeira relação da morte de Coraban, e ao mesmo tempo lhe dizia que tinha tido a felicidade de salvar o cadaver da santa martyr.

Esta noticia causou grande alvoroço. Ao mesmo tempo o rei da Georgia fez pazes com o da Persia, que a pedido d'aquelle lhe restituiu Moacla e o corpo de Coraban. Assim que este chegou á Georgia, todos, que tinham conhecido a rainha em vida, reconheceram o cadaver como sendo o d'ella!

Os jesuitas, vendo descoberto o seu sacrilego ardil, fugiram e homisiaram-se em casa dos seus protectores, que até então tinham comprado com valiosos presentes.

O rei queria punil-os, mas os seus dedicados apaziguaram a sua justa colera allegando que os jesuitas podiam ter sido enganados, mas que andaram em tudo aquillo de boa fé, e que eram tão santos que por suas supplicas a cabeça fizera milagres. O rei perdoou, com tanto que os jesuitas saissem dos seus estados.

Ainda bem não tinham saido da Georgia que alli chegaram os mercadores que tinham assistido á degolação do cadaver, e contaram publicamente e por miudo a scena repugnante e extranha que tinham presenceado, sem comtudo lhe perceberem a intenção.

A narrativa chegou aos ouvidos do rei, que quiz que os mercadores lh'a fossem contar. Então, transportado da mais justa colera, sentiu um grande pezar em ter deixado sair os jesuitas, jurando que, se os tivesse á mão lhes faria o mesmo que elles tinham feito ao cadaver; mandou retirar do altar a reliquia jesuitica, e depois de ter feito com que os bispos canonizassem sua mãe, decretou para o seu cadaver as honras de martyr da fé.

# XLVI

## Carnificinas na Italia

Na Italia, os jesuitas espalharam-se nas cidades, campos e aldeias, onde secundaram o poder secular e a inquisição nos seus esforços para domarem a liberdade de pensar. Encontraram facil acolhimento nas classes elevadas, para quem o embrutecimento da massa geral era e é um elemento da existencia e exploração; e mais de uma princeza se submetteu aos famosos exercicios espirituaes. Tomaram parte, como já dissémos, na perseguição sanguinaria dos valdenses ao norte e ao sul da Italia.

O duque Manuel Felisberto de Saboia, querendo reconduzir os seus subditos hereticos ao catholicismo, tinha pensado que o conseguiria por meio d'uma discussão pacifica, e para ella pediu licença ao papa. Este declarou que herejes nunca se levavam por bem, e que o melhor meio de conversão era a justiça para com os infieis, e, em caso de insuccesso, a violencia e a força.

Em que mãos estava a religião que Roma apregoa como sendo de paz!

Laynez enviou o já nosso conhecido Possevino á corte do duque, e parece que foi sob a influencia d'este jesuita que o principe, que se estava inclinando para o protestantismo, se decidiu a usar de violencias com os seus subditos, que não pensassem pela cartilha do jesuita. Possevino percorreu os valles de Piemonte e da Saboia, onde residiam os valdenses, e fez um relatorio ao duque ácerca das crenças d'esta gente.

Em vista do que Felisberto encarregou o governador Pignerol de destruir este refugio da liberdade de crença, e de expulsar os prégadores hereticos. Ferrier executou esta ordem com o maior zelo, e, para dar um exemplo terrivel, fez queimar os herejes mais recalcitrantes, e assim espalhou o terror entre os outros. O duque ficou então convencido de que sómente a força devia ser empregada para operar as desejadas conversões, e fez marchar contra os herejes um exercito de dois mil homens. Possevino acompanhou a tropa e inflammava a toda a hora a crueldade da soldadesca, e por onde passava era um inquisidor feroz. E' elle proprio que conta, que effectivamente o duque exhortou os bispos a não se contentarem com os meios persuasivos, mas a tratarem os rebeldes d'accordo com os inquisidores, segundo todas as exigencias do direito, e a castigar principalmente os prégadores recalcitrantes, porque «a exemplo dos archotes, elles não se cancem de incendiar os valles dos Alpes e o resto da Italia.»—«Este expediente, ajunta Possevino, nunca foi em occasião alguma despresado desde o tempo dos apostolos, em conformidade com os editos da Egreja, dos imperadores e d'um antigo uso.» «Portanto executaram-se uns dois ou tres prégadores vindos de fóra.» Isto aconteceu em 1561. Mais tarde, Possevino procurou impellir o rei de França a fazer uma carnificina nos valdenses, e declarou em presença do governador de Turim, que se não se atalhassem a tempo os progressos d'esta seita, ella se tornaria por tal fórma terrivel que nem todo o poder do rei bastaria para a exterminar.

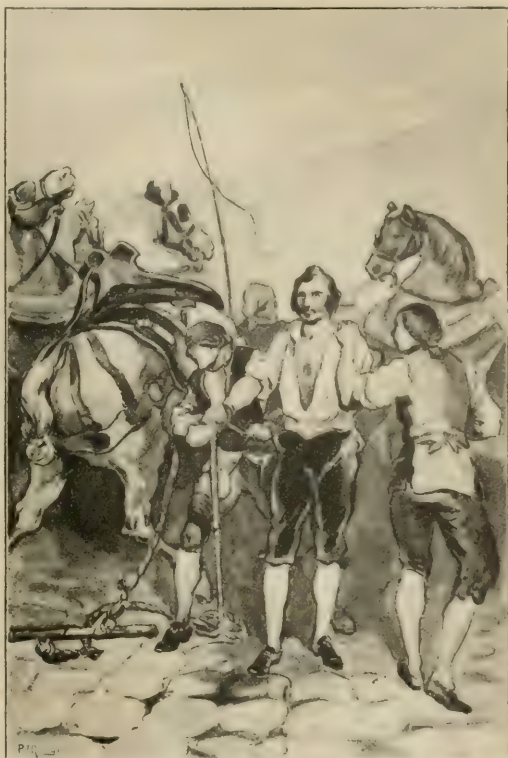
No mesmo tempo os jesuitas acularam a perseguição contra os valdenses de Casal di San Sisto, e de Guardia Fiscalda na Calabria. Mais de mil e quatrocentas pessoas de Guardia foram lançadas na prisão de Montalti; as suas casas foram incendiadas, os vinhedos arrasados e os bens destruidos. A aldeia de San Sisto foi reduzida a cinzas e sessenta dos seus habitantes enforcados.

Eis como a justiça jesuitica era feita.

Muitos d'aquelles desgraçados estavam encurralados n'uma casa. O algoz chegava, agarrava um após outro, tapava lhes os olhos e conduzia-os a uma larga praça, não muito distante da casa. Depois obrigava-os a ajoelhar, cortava-lhes a cabeça com uma faca, e deixava-os no sitio em que tinha commettido o assassinio em nome do papa. Em seguida tirava a venda dos olhos da cabeça decepada, e punha-a em outra victima, a quem degolava com a mesma faca escorrendo sangue. O auctor d'esta narrativa viu assim assassinar oitenta e oito victimas. «Os velhos, diz elle, iam alegremente para a morte, os moços tremendo.» O mesmo auctor viu serem conduzidas cem mulheres á tortura e depois á morte; emfim, no espaço de onze dias, foram executados dois mil homens, condemnados a prisão mil e seiscentos e mais de cem suppliciados nos campos. O papa que assim representava a Christo na terra chamava-se Pio IV.

Os jesuitas foram a alma de todas estas carnificinas.

A influencia dos jesuitas na Toscana não foi grande; havia alli como que um capricho em os contrariar, e por isso estiveram sempre em lucta constante com os dominicanos. No Piemonte, na côrte dos Farnesios de Parma, foram omnipotentes, na sua qualidade de confessores do principe. Já vimos, nos primeiros capitulos, como foram mal succedidos em Veneza, e d'ahi lhes veiu uma tal ou qual prudencia com que se foram introduzindo em muitas das côrtes italianas.

Quando rebentou o conflicto entre Urbano VIII e o duque Eduardo de Parma, e

Execução de Lamiens

que este ultimo e os seus estados foram excommungados, os jesuitas, que tinham adquirido riquezas enormes, pesando d'um lado os raios pontificios e do outro as suas riquezas, decidiram-se por estas, e ligaram-se ao duque. Em 1551 tinham tido em Napoles um bom accolhimento e conquistado as boas graças da nobreza, que os encheu de dadivas e doações. Giannone assegura que em menos de um seculo souberam adquirir bens immensos na cidade e em todo o reino de

Napoles. No começo do seculo XVIII eram apenas vinte e um, mas possuiam duzentos e noventa e tres collegios d'uma grandeza consideravel. «Ajunte-se, diz Giannone, os outros collegios que tèem construido até hoje, e ficaremos convencidos de que ordem alguma jámais adquiriu tantas terras e accumulou tantas riquezas em seculo e meio como a S. J.» Em 1712, os jesuitas foram obrigados a abandonar pela primeira vez o reino das Duas Sicilias, e os seus bens foram sequestrados, porque tinham tomado partido pelo rei na sua questão com o papa.

Em 1727, o rei Victor Amadeu da Sardenha prohibiu aos membros das confrarias de terem escolas publicas, medida esta que feriu os jesuitas no coração.

# XLVII

## O Emporio jesuita

Depois da Italia, onde os jesuitas accudiram com maior vehemencia foi á Allemanha, a fim de tomarem o passo á Reforma que ahi caminhava triumphante, a reconquistar as posições perdidas para o catholicismo, e ao mesmo tempo enriquecer a ordem com os despojos dos vencidos, e com os bens das ordens religiosas que mais conta lhes faziam.

Em 1551, Loyola tinha fundado em Roma o primeiro collegio da sua ordem; no anno seguinte erigiu o *collegium germanicum,* destinado ao ensino de allemães que se quizessem consagrar á conversão dos protestantes da sua patria. Logo no primeiro anno o collegio allemão contou vinte e dois alumnos, no segundo vinte e cinco, e foi-lhe annexado um pensionado para rapazes fidalgos. Depois, fundou-se em Roma um estabelecimento destinado ao ensino de alumnos hungaros, e o collegio ficou desde então chamando-se: *collegium germanico-hungaricum.*

Em 1540, o jesuita Lefèbre visitou as margens do Rheno allemão e no anno seguinte, como já dissémos, Bobadilha e Le Fay seguiram-o a Allemanha. Os dois ultimos ganharam rapidamente as sympathias do duque Guilherme IV da Baviera e do imperador Fernando I, e Guilherme chamou em 1549 os membros da ordem a professar theologia na universidade de Ingosltadt; o seu successor Alberto V fundou em 1557 um collegio de jesuitas na mesma cidade, e dois annos depois um outro em Munich. Os recemchegados obtiveram em 1558 a introducção da inquisição na Baviera para torturarem os protestantes, sendo expulsos aquelles que recusavam abjurar, e condemnados ás mais severas penalidades os magistrados que os tivessem tolerado. Alberto pensou em restabelecer o catholicismo no ducado de Bade, e executou os seus designios em 1570 e 1571.

Fernando acolheu os jesuitas em Vienna em 1551, e fez-lhes consideraveis doações, abrindo um vasto campo á sua actividade, e todos os seus cofres á sua ainda maior cubiça. Em 1558 foram auctorisados a ensinar e a prégar em todos os paises hereditarios do imperio, e obtiveram a concessão perpetua de duas cadeiras de theologia na universidade. Em 1559, estavam em condições de installarem uma typographia, e em 1562, já eram oitenta em Vienna.

O protestantismo tinha tido um grande desenvolvimento na Austria; quando os jesuitas aqui chegaram apenas uma vigesima ou uma trigesima parte da população pertencia á religião romana. Os frades eram objecto do escarneo publico, e no espaço de vinte annos nem um só padre tinha saido da alta escola de Vienna, e mais de tresentas parochias estavam sem parocho.

Fernando, inspirado por Pedro Canisius, erigiu um collegio jesuita em Praga, e alguns annos depois dotou o Tyrol e a Hungria com a mesma instituição. A ordem não tardou em se formar no bispado de Augsburg, e o cardeal bispo Othon Truchess de Walouryg transmittiu-lhes, em 1563, a universidade novamente fundada em Dilligen bem como o

seminario e fundou um collegio de jesuitas, que recheou de doações. Em [illegible], os jesuitas penetraram na cidade de Augsburg e alli fundaram um collegio e um gymnasio (lyceu). O bispo de Warzburg chamou-os em 1564, o arcebispo de Mayence em 1565, o bispo de Tréves em 1570 e o abbade de Fulda em [illegible]. Em 1581 estabeleceram-se em Colonia, em Coblence, em Spira; em 1589, fundaram collegio em Regensburg, e em Munster; em 1595 em Hildesheim, em [illegible] em Paderborn, em 1604 em Constancia, em 1612 em Bomberg, em 1613 em Passau, em 1616 em Eichstædet. Os seus centros estrategicos eram Vienna, Colonia, Ingolstadt; de Vienna irradiavam para todo o imperio austriaco; de Colonia sobre todo o baixo Rheno; de Ingolstadt sobre toda a Allemanha do sul. E era elles chegarem e logo se acabava a tolerancia religiosa e começavam as perseguições.

Em 1554, Pedro Canisius publicou a sua *Summa da Doutrina Christã*. Esta obra foi traduzida em muitas linguas e teve um tal exito, que cento e trinta annos depois da primeira edição já se contavam outras quatrocentas. D'este livro extraiu-se um catecismo, para uso dos catholicos allemães, onde se avivava a polemica contra os protestantes. Em 1573, os jesuitas emprehendem a lucta contra a Reforma nos dominios do abbade de Fulda; no anno seguinte extendem-o Eichsfeld, por ordem do arcebispo de Mayence.

O arcebispo de Trèves, e o bispo de Worms vão em seu auxilio. Depois da queda do arcebispo Gebhard de Colonia, o partido romano do Rheno e da Westphalia levantou a cabeça e em breve tempo poz em derrota os partidarios da nova doutrina. Em 1586, o bispo Julio de Wurzburg, com o auxilio dos jesuitas, converte sessenta mil herejes. Escusado será dizer que a força militar concorreu na maior parte para esta victoria.

Maximiliano II da Austria inclinava-se intimamente para a Reforma, e não concedeu favores particulares aos jesuitas. Preservou-os, por espirito de tolerancia, de serem expulsos, mas durante o seu reinado não conseguiram fundar collegio algum. Foram mais felizes no governo de Rodolpho II. Este principe fora educado na côrte de Filippe II, e ahi tinha adquirido o odio contra os protestantes, e portanto, alma acanhada e espirito pequeno, encheu os jesuitas de favores, e deu-lhes accesso em todas as cidades da monarchia. Em 1581, fundaram elles um collegio em Brunn e penetraram na Silesia; em 1585 o imperador auctorisa-os a entrarem na Hungria, donde seu pae os tinha expulsado. Em 1570, o archiduque Carlos da Styria dirigiu um chamamento á S. J. e transmittiu-lhe, em 1573 um collegio em Graetz, que depois elevou a universidade, em 1585. Sob o reinado do archiduque Fernando os jesuitas adquiriram uma influencia sem limites, isto porque tinham sido seus mestres e elle proprio se confessava jesuita. N'uma romaria que fizera ao Loretto, pronunciara em presença da imagem d'aquella egreja «a sua generalissima», como elle lhe chamava, o voto de fazer uma guerra d'exterminio ao protestantismo; e tão depressa chegou ao poder, como logo cumpriu a palavra.

Durante cinco annos os jesuitas e os inquisidores percorreram a Styria para limparem a região, por meio da morte e da expulsão dos protestantes, pelo arrasamento dos seus templos, e destruição de suas escolas. Fernando, como discipulo reconhecido dos loyolenses, continuando a confessar-se a elles, nada lhes recusava, e a sua unica preoccupação como principe era engrandecel-os. Assim augmentou-lhes o collegio de Graetz, preparou um estabelecimento para a Ordem em Laybach, e conferiu-lhes o rico senhorio de Mullstad, com isenção dos direitos d'alfandega e deu-lhes os mais extensos direitos de soberania; fundou collegios em Klagenfurt e em Léoben, e fez construir um magnifico edificio para a universidade de Graetz.

Tão depressa cingiu a coroa imperial, Fernando não poz limites á sua munificencia. Entregou a universidade de Vienna nas mãos dos jesuitas, reunindo-a ao collegio que elles já possuiam n'aquella cidade, e auctorisou-os, segundo bem lhes parecesse, a proverem as cadeiras das faculdades de philosophia e de theologia; e deu-lhes uns sobre outros bens na Bohemia, na Moravia e na Silesia. Ha quem affiance que por este meio se tinham tornado senhores de um terço dos rendimentos da Bohemia.

O imperador fez mais ainda. Provocou a erecção dos collegios de Clonütz, de Brunn e em outras cidades da Moravia. Reuniu a universidade de Praga ao collegio dos jesuitas d'esta cidade; ordenou que o reitor do collegio fosse sempre reitor da universidade e director supremo do ensino na Bohemia. Comtudo, no meio d'esta degradação moral apparece um homem, o arcebispo de Praga, sufficientemente honrado e energico para resistir a esta invasão, e impede a S. J. de cantar victoria... effectiva.

As riquezas da companhia eram accumuladas á custa das outras ordens religiosas, principalmente da dos benedictinos.

Em seguida ao edito de restituição, todos os bens catholicos, que tinham sido dados aos protestantes, deviam reverter aos seus primitivos possuidores. Mas a cubiça insaciavel dos jesuitas fez com que a maior parte d'elles lhes viessem ás mãos; e assim conseguiram açambarcar consideraveis possessões, principalmente na Bohemia. As ordens religiosas despojadas intentaram acções contra os jesuitas, cuja controversia não foi em favor d'estes, nem em sua honra. Os tres bispos-eleitores da Allemanha e Maximiliano da Baviera intervieram em favor das antigas ordens religiosas, e dirigiram uma carta collectiva ao papa. pedindo-lhe que defendesse o direito de propriedade contra as intrigas dos jesuitas. A questão durou um quarto de seculo; a paz de Westphalia pôz termo ao escandalo, dando aos protestantes a maioria dos bens em litigio.

Conta-se que até os proprios jesuitas se admiravam da prodigalidade de Fernando. «Guardae, guardae sempre, exclamava o imperador, porque nunca mais tereis um protector como eu...»

As insinuações dos jesuitas e o exemplo do archiduque Fernando determinaram o imperador Rodolpho II a emprehender uma vasta contra-reforma na Austria, na Bohemia e na Hungria. Em Salzburg o arcebispo tinha, segundo as indicações dos jesuitas, expulsado os protestantes, em 1588; mas na Hungria, a empresa encontrou fortes resistencias. Manifestou-se uma revolta por tal forma ameaçadora que Rodolpho, para salvar a corôa, teve que sacrificar os jesuitas, concedendo a liberdade de consciencia. Comtudo, como os bens na Hungria os sedusiam, os jesuitas, e principalmente o famigerado

Conde de Choiseul

João de Mellen, encontraram um expediente para illudir a liberdade conquistada e concedida. O imperador não estava em condições d'exterminar os inimigos dos jesuitas, devia, com certas reservas mentaes, abster-se de empregar a violencia, e tolerar a reforma até que as suas forças lhe permittissem recorrer ás armas.

A attitude cheia de duplicidade de Rodolpho teria provocado uma nova revolta, se seu irmão Mathias não se tivesse encarregado do governo da Hungria, da Austria e da Bohemia, assegurando a plena liberdade de consciencia. O proprio Rodolpho, para prevenir novas defecções, teve por carta regia de 1609, de prometter aos protestantes

da Bohemia o livre exercicio do seu culto e uma serie d'outras concessões anti-jesuiticas; mas a desconfiança geral estava por tal forma radicada no espirito dos povos, que foi obrigado a ceder a seu irmão Mathias o resto dos seus estados.

Maximiliano I da Baviera tinha sido educado ao mesmo tempo que o archiduque Fernando, sob a direcção dos jesuitas de Ingolstadt, e foi uma verdadeira machina de perseguição manobrada pelos seus preceptores. Adolpho II encarregou se de castigar a cidade de Donauwerth, que tinha perturbado uma procissão catholica; e n'isso mostrou o seu zelo selvagem.

Por essa epocha, a linguagem dos jesuitas em relação aos protestantes, tornava-se mais atrevida de dia para dia. Windeck propunha simplesmente que fossem assassinados todos os lutheranos e os outros herejes. Ao mesmo tempo, a S. J. declarava que a paz de Nuremberg era prejudicial para a Egreja, que não obrigava senão aquelles que a tinham assignado; e ameaçava o imperador Fernando I com a condemnação eterna por a ter tratado. Entrementes, o duque Wolfgang de Neuburg tinha-se convertido ao catholicismo, e abria aos jesuitas um vasto ambito á sua actividade nos seus dominios, e sob a direcção dos sanguinarios roupetas começou a perseguir os seus subditos.

Como se vê, tudo estava provocando a guerra, conhecida pela dos *Trinta annos*, e pode-se affimar que foram os jesuitas que incendiaram o rastilho.

«Os principes que n'esta lucta terrivel defenderam a causa de Roma, representaram, diz Gfrœrer, o papel que os jesuitas lhes distribuiram.»

# XLVIII

## A Guerra dos Trinta annos

Se o imperador Mathias se decidiu finalmente, apesar d'um sentimento de repulsão, a designar o archiduque Fernando da Styria para seu successor, esse acto foi ainda obra dos jesuitas. A Bohemia e a Hungria escolheram Fernando para seu rei; mas não lhe foi possivel obter a coroa da Allemanha. Fernando tinha jurado conformar-se com a carta-majestatica de Rodolpho, mas antes d'isso tinha feito voto solenne de nunca fazer qualquer concessão aos protestantes em prejuiso da Egreja catholica.

Os constantes ataques dirigidos pelos jesuitas contra a carta majestatica contribuiram poderosamente para despertarem as suspeitas dos bohemios; e assim, a sua revolta que rebentara em todos os estados de Fernando, foi o signal da expulsão geral da companhia de Jesus. Mas a victoria da Montanha-Branca determinou para o desdobramento d'um drama de sangue na Bohemia. Os jesuitas impelliram Fernando a castigar os rebeldes com as penas mais terriveis; o protestantismo foi perseguido pelos meios mais crueis; nenhuma das regiões assoladas pela guerra dos *Trinta annos* padeceu abalos mais violentos, mais profundos do que a Bohemia. No fim da guerra, a ruina material do país era completa.

Milhares de povoações estavam redusidas a cinzas, e um grande numero d'ellas nunca mais se reedificou, ficando apenas a lembrança do logar em que existiram. As cidades eram montões de ruinas, e longo tempo apresentaram vestigios da destruição. A povoação achava-se dizimada, e os que tinham sido poupados pelo ferro ou pelo fogo haviam morrido de fome ou da peste. Antes da guerra, havia na Bohemia tres milhões de habitantes ricos e remediados, depois não se encontrava senão mendigos. A industria e o commercio arruinados; os habitantes mais emprehendedores expulsos, e com elles os capitaes. As florestas tinham invadido os campos; os aldeãos não possuiam alfaias agricolas, nem sementes, nem animaes de trabalho, e tanto que em muitos logares se via o trabalhador atrelado á charrua, e os jesuitas banqueteando-se, com os seus celleiros e adegas bem fornecidas, e lamentando nos seus festins que não houvesse mais povos a perseguir, mais terras a devastar!

O jesuita Balbinus, historiador da Bohemia, admira-se de que ainda se encontrasse gente n'aquella região! Mas a ruina moral foi mais terrivel ainda do que a ruina material. A florescente cultura, que se tinha desenvolvido na nobreza e na burguezia, uma litteratura nacional riquissima, e que não podia ser substituida, tudo isto tinha desapparecido, a propria nacionalidade fora supprimida!

A Bohemia estava aberta á actividade dos jesuitas, que queimavam em massa todas as obras da litteratura tchèque; fizeram empallidecer e extinguir-se na memoria dos povos o nome do grande santo da nação, João Huss, e substituiram á sua memoria o do vigario geral do arcebispo de Praga, que o rei Wenceslau tinha feito lançar ao Moldau por causa d'uma questiuncula de hierarchia.

e não por se ter recusado a trair o segredo do confissionario. «O apogeu do poder dos jesuitas na Bohemia, diz Tomek, marca para a Bohemia a epocha da decadencia a mais profunda da sua cultura nacional: e á influencia da S. J. que se deve o atraso de mais de um seculo, que soffreu o despertar d'este infeliz pais.»

Em todos os outros estados hereditarios, á excepção da Hungria, Fernando procedeu com crueldade para ser agradavel aos jesuitas. A liberdade de consciencia, que nos tempos do infortunio elle tinha concedido á Baixa Austria, foi annullada, sob pretexto de que ella tinha sido concedida aos partidarios da confissão d'Augsburg, e não aos outros partidos ecclesiasticos.

Na sua opinião, os protestantes da Baixa-Austria não eram lutheramos. Na Siberia os jesuitas accompanhavam os dragões de Lichtenstein para converterem a população protestante. Luiz XIV não foi, como vimos, senão um imitador de Fernando II.

Os jesuitas foram os auctores principaes do edito de *Restituição,* que fez entrar a guerra n'uma nova phase. Elles invadiram á frente das tropas imperiaes os países protestantes, e levavam as soldadescas brutaes aos mais crueis exterminios. *Estote ferventes,* escrevia o jesuita Forer de Dillingen ás tropas encarregadas da execução do edito na Suabia. «Se encontrardes resistencia, accendei um fogo tal, que os anjos sintam as labaredas queimarem-lhes os pés, e vejam derreterem-se as estrellas.»

Tão feroz como estupido!

Depois vieram as tentativas d'assassinio na pessoa de Gustavo Adolpho, tramadas pelos jesuitas.

Em Erfurt, lançaram-se aos pés do rei e imploraram a sua graça. «Bem vos conheço, lhes disse elle, e a Deus dareis contas do sangue que tendes feito derramar. Conheço-vos melhor do que imaginaes; bem sei que sois os auctores de todas as desgraças da Allemanha, as vossas intenções são perversas, as vossas doutrinas perigosas, o vosso procedimento criminoso. Accreditem o que lhes digo, sigam o exemplo dos outros clerigos, e não se importem com os negocios do estado.»

Fernando III foi obrigado, em 1645, a confirmar a liberdade religiosa na Hungria e a dar aos protestantes noventa egrejas, que lhes tinham sido roubadas pela força ou pela astucia.

Quando se tratou de terminar a guerra e de concluir a paz, os jesuitas esforçaram-se para que continuassem as hostilidades e a lucta. Foi, porém, debalde. A paz concluiu-se; mas ainda assim levaram Fernando III a continuar a perseguição nos seus estados.

Leopoldo I, discipulo dos jesuitas, foi levado pelos seus conselheiros espirituaes e os seus confessores, a ferir gravemente a constituição da Hungria, para perseguir os protestantes. Os meios de que lançou mão lembram os horrores commettidos na Bohemia. Escoltados pelos dragões imperiaes, os jesuitas emprehenderam a obra da commissão em 1671. Os hungaros revoltaram-se e rebentou uma guerra que occupou quasi que uma geração.

Em 1683, quando os turcos victoriosos avançaram até ás muralhas de Vienna, e que Leopoldo se viu obrigado a fugir, manifestou-se na capital uma explosão de colera contra os jesuitas. Elles foram declarados responsaveis d'essa politica que não acarretava senão desgraças.

Sob a direcção de Francisco Rakoczy a insurreição hungara cantou victoria. O vencedor quiz expulsar os jesuitas; mas os protectores da ordem fizeram addiar esta medida. A expulsão só se realisou em 1707.

A Austria e a Baviera colheram em medida de cogulo os fructos da dominação dos jesuitas: isto é, a compressão de todas as tendencias progressivas, e a bestealisação systematica do povo.

A miseria profunda que se seguiu á guerra de religião, a impotencia politica, a decadencia intellectual, a corrupção moral, uma diminuição espantosa da povoação, o empobrecimento de toda a Allemanha, tal foi em grande parte a obra da S. J.

# XLIX

## Os jesuitas em Hispanha

ANTES de passarmos ao Extremo-Oriente, onde os jesuitas nos preparam surprezas inacreditaveis, convem que lancemos um rapido olhar sobre a sua situação em Hispanha, e logo encontraremos em nosso caminho milhares de factos a provar-nos que basta estudar a historia dos jesuitas n'uma nação para a vermos reproduzida n'outra. E o caso não é para admirar. Na moral jesuita não existe virtude nem vicio; a consciencia individual, que examina e julga, está subordinada cegamente pela obediencia á vontade alheia, e como quem manda só se importa com o que imagina o bem da **Ordem** e **sem olhar aos meios**, d'ahi resulta a uniformidade geral de proceder dos sectarios de Ignacio de Loyola. Já vimos que Carlos-Quinto se mostrou pouco enthusiasta pelo novo instituto, e que Pilippe II — embora se servisse d'elles nos Paises-Baixos, em França, e depois veremos como se aproveitou dos seus serviços em Portugal — não sentiu nenhuma predilecção por elles. Parece até que chegava a confessar que a S. J. era a unica instituição ecclesiastica que elle era incapaz de comprehender, tanto que quando, em 1588, insistiu junto de Sixto V para que este reformasse as ordens religiosas, tinha quasi que exclusivamente em vista os jesuitas. E' possivel que esta aversão lhe fosse inspirada pelos domi nicanos, que receavam ver-se supplantados pelos jesuitas nos direitos e prerogativas da

Retrato de Estevam Bathory

sua ordem. O celebre theologo dominico Miguel Cano chegou a chamar aos discipulos de Loyola os precursores do Antechristo[1]. Mas qualquer que fossem os obstaculos, nada impediu que a companhia florescesse, adquirisse casas, collegios, e se apoderasse da educação da mocidade.

Já vimos como Francisco de Borja lhes entregou a universidade de Gandia, que tinha instituido, e como, tornado jesuita, empenhou toda a sua influencia para augmentar o poder dos seus socios na patria que elle renegara, vestindo a roupeta. O jesuita póde ficar falando — e isso nem sempre — a lingua da terra em que nasceu; mas o seu sentimento patrio perdeu-se no momento em que fez o primeiro voto. Pode querer usar, e por vezes invoca, o seu direito de cidadão, quando isso faz conta á ordem, mas não tem pela sua patria nem amor, nem affeição, e não cumpre nenhum dos deveres que ella impõe aos outros cidadãos. Parasita no solo nacional, é um inimigo tanto mais para temer quanto mais se mascara d'amigo.

Quando Filippe II projectou fundar uma monarchia autocratica universal, na qual só seria tolerada a Egreja romana, os jesuitas foram os seus melhores apoios. Elles ajudaram-o a apoderar-se de Portugal, fazendo-o casar com uma infanta portuguesa; serviram os projectos que elle nutria a respeito da França durante as guerras da Liga; auxiliaram-o na lucta contra a Inglaterra, e procuraram manter o seu poder, bem como o catholicismo, nos Paises-Baixos.

Em 1556 alcançam de Filippe auctorisação para se estabelecerem nestas ultimas provincias, com a condição, de que não poderiam adquirir bens immoveis nestes estados. Como já vimos, os Estados de Flandres protestaram; mas os jesuitas, protegidos por Margarida d'Austria, fundaram collegios em Lovaina e em Anvers. Os leitores lembram-se de como elles ahi flagellavam as damas da alta sociedade uma vez por semana, o que foi um escandalo publico. Expulsos por varias vezes, só se firmaram no tempo de Alexandre Farnèse.

O leitor já está informado dos varios attentados contra Guilherme de Nassau; convém que lhe digamos agora que em 1598 Pedro Pame foi preso em Leyde, no momento em que se dispunha a assassinar o filho de Guilherme, Mauricio de Nassau, confessando que tinham sido os jesuitas quem para tal o seduziram e corromperam.

Para manter o seu poder em Hispanha, os jesuitas tiveram que sustentar uma lucta continuada com os dominicanos, cuja ordem fornecia os confessores para os reis.

Por morte de Filippe IV, Maria d'Austria, sua viuva, confiou o posto de primeiro ministro e a dignidade de inquisidor-mór, ao seu confessor o jesuita Nithard. Vejamos coelle se houve com os cargos.

Filippe IV d'Hispanha, e terceiro de Portugal, desceu á cova em 1665, vinte e cinco annos depois de ter perdido a corôa portugueza. No mundo deixava um filho de tres annos de idade, doente, enfesado, entregue á tutoria da mãe, a rainha D. Marianna d'Austria «mais caprichosa e obstinada do que discreta e prudente, mais ambiciosa do mando do que habil para o governo, mais orgulhosa do que docil aos conselhos das pessoas entendidas; e o peor ainda, mais amante dos austriacos de que dos hespanhoes, mais affecta á côrte de Vienna do que á de Madrid».

A seu lado tinha D. Marianna, como confessor e director, o jesuita Nithard; contra si o filho bastardo de seu marido, D. João d'Austria, havido da comica Calderon, e tendo, portanto, um fundo muito pronunciado de cabotino. Em roda da regente e do jesuita agrupavam-se os fidalgos por elles protegidos; em volta de D. João todos os descontentes da côrte, animados pelo odio que o povo consagrava ao confessor.

D. João fizera-se conhecido por alguns feitos militares, mas ultimamente não tinha soffrido senão revezes, dos quaes accusava a felonia de D. Marianna, impedindo que lhe fossem enviados os soccorros de que tinha urgencia nas occasiões opportunas. D. João,

---

[1] Melchior Cano tinha visto Ignacio de Loyola em Roma e assistido aos primeiros passos da nova companhia; conhecia as suas constituições, o que os jesuitas faziam onde quer que chegavam, e tudo isto o levou a oppor-se á sua introducção na Hispanha.

como depois se verificou, além do espirito mesquinho e ingrato, não possuia nenhuma qualidade de homem de estado, fazendo consistir toda a sua sciencia de governar n'um desdobramento espectaculoso de etiquetas palacianas, em favorecer os seus amigos, justificando tambem o velho rifão português, e talvez hispanhol: «se queres conhecer o vilão, mette-lhe o governo na mão».

Mal o rei expirou, o primeiro cuidado da viuva foi nomear o jesuita para substituir, no conselho da regencia, instituido por D. Filippe antes de morrer, ao cardeal Sandoval, arcebispo de Toledo, então fallecido.

Apesar dos grandes serem n'aquella epocha o que tinham sido antes e continuaram a ser depois, um acervo d'intrigantes, d'egoistas sem dignidade, d'espinhas curvas ao poder, e o povo viver n'um embrutecimento quasi a resvalar na abjecção, esta escolha levantou murmurio na côrte e gritaria e motins no povo. O écho d'este estado de coisas chegou a Portugal e obrigou o auctor do diario *Monstruosidades do Tempo e da Fortuna* a escrever:

«Na côrte de Madrid não deixava de haver tumultos, insoffridos os grandes de que governasse tudo o confessor da rainha, padre da companhia, dando escandalosos motivos o seu valimento com a rainha.»

Os clamores foram de tal ordem que a nomeação do jesuita foi considerada como um ultraje publico ao thalamo viuvo.

De lonje, D. João aviventava as desordens, preparando-se para pescar, nas aguas turvas, a regencia do reino.

A rainha luctou quanto pôde para defender e conservar o valido. Mas, ameaçada por D. João d'Austria, que se approximava de Madrid com gente armada, vendo engrossar na côrte o numero dos descontentes, chegando-lhe aos ouvidos as ameaças populares, resolveu ceder, tanto mais que o pontifice interviu na contenda; assim o diz, nas seguintes palavras, o author que acabei de citar:

«Em Madrid não andavam menos turvas as aguas, que em Portugal. Com a demasia do confessor da rainha, cresceu o escandalo da côrte, como crescia a opinião da malicia; não defino se bem ou mal fundada, mas sem duvida persuadida de motivos mais nascidos da liberdade que da cautela, porque, sem esta, e com aquella estava o dito confessor muitas horas fechado com a rainha; e uma occasião procurada, de ordinario é uma culpa convencida. A titulo de confissão era o retiro, e para esta basta o dos ouvidos e não o dos olhos. Chegou ao pontifice a noticia, e seria encarecida com as hiperboles de que se vale a inveja. Mandou sua santidade chamar a Roma o dito confessor, que ou devia obedecer, ou perigar na repugnancia, e de uma e outra sorte o havia de atormentar o medo, porque de ambos se via ameaçado do castigo, e não devia ceder o divino ao humano, principalmente quando o odio tem occasião para se apadrinhar do zêlo.»

A resolução do abandono do confessor foi tomada no meio de lagrimas e suspiros, procurando a rainha agrupar um certo numero d'apparencias favoraveis ao jesuita. Assim annunciou-se que este se retirava a seu pedido e instancias, conservando-se-lhe todas as honras e proventos, e concedendo-lhe o titulo de embaixador em Roma ou na Allemanha, a fim de que podesse residir ou no seu país ou na Italia, a seu bel-prazer.

No dia 25 de fevereiro de 1669, tinha-se já D. João approximado de Madrid na vespera e enviado um *ultimatum* á rainha para que expulsasse o confessor. O padre Nithard saiu de Madrid. Levava-o em seu coche o cardeal d'Aragão, cuja companhia e soccorro o livraram de ser trucidado pelo povo; mas não dos insultos, arremessos de pedras e de immundicies que então, o populacho de Madrid, só tinha que abaixar-se para apanhar nas tortuosas e porcas ruas, por onde ia passando o pesado carroção, em caminho de Fuencarral. Mo dia seguinte, o jesuita, acompanhado por um secretario e alguns criados, dirigiu se para Biscaia, a fim de visitar, antes de saír para sempre de Hispanha, o convento de Santo Ignacio de Loyola.

Quando Nithard saia de Madrid, no meio dos improperios da multidão, ia sorrindo e dizendo: *A Dios, hijos, yo me voy* [1].

---

[1] Segundo Lafuente, n'um manuscripto da Real Academia d'Historia, escripto por um jesuita, encontra se a seguinte noticia da sahida de Nithard: «Ef-

Estava a côrte livre do valido, bem como os grandes d'Hispanha, que por bocca de um d'elles, que mais arrogante se dirigira ao jesuita d'elle tivera a seguinte resposta: «Ouça lá, o sr. é que me deve respeitar, porque tenho todos os dias o seu Deus nas minhas mãos e a sua rainha a meus pés.» D. Marianna não se deixou vencer de todo e, comprando a D. João, com o logar de vice-rei de Aragão, para onde elle partiu, deixou a opposição sem chefe, e censurando um procedimento que se parecia muito com uma deslealdade.

Mas, para não perder a orientação, a rainha confiou a sua consciencia ao padre Moia. Moia escreveu, com o pseudonimo de Amadeu Guimenius, um resumo de casuistica contendo pormenores por tal fórma obscenos que a Sorbonne, que submetteu o livro á censura, não se atreveu a citar as passagens mais escabrosas. Com o duque d'Anjou, Filippe V, os jesuitas apoderaram-se da consciencia do rei de Hispanha. Luiz XIV dera-lhe por confessor o padre Daubenton [1], com ordem de lhe mandar um relatorio secreto de tudo que se passasse na côrte de Hispanha. Mas taes foram as intrigas d'este espião de sotaina que chegou a ser preciso afastal-o da côrte. Outro jesuita, inculcado por Luiz XIV, o substituiu. A consciencia de Filippe V e a de seu filho, foram assim mantidas em tutella, até que Carlos III d'ella se libertou, e á Hispanha dos jesuitas.

---

fectivamente o padre confessor por mais d'uma vez, e até de joelhos, solicitou que a rainha consentisse na sua retirada, e que ella sempre lhe rogara com lagrimas que desistisse de tal intento. Os superiores dos jesuitas foram a casa d'elle persuadil-o da conveniencia da sua saida. (Repare o leitor como estas duas coisas se contradizem: o jesuita *quer* retirar-se, e os superiores — *vão convencel-o da necessidade de se retirar).* Nithard recebeu a ordem com firmeza e serenidade christã; não acceitou as grossas sommas que alguns magnates seus amigos lhe queriam dar para a viagem, nem levar comsigo outra bagagem que não fosse o seu habito e o seu breviario; accrescentando: que depois da sua partida se foi revistar sua casa e se lhe encontraram os cilicios com que se mortificava todos os dias.»

O auctor da noticia extendeu-se! Quiz provar demais, e não reparou que, se alguem pode acreditar no uso dos cilicios que se não veem, ninguem se illude com a comedia de cilicios *esquecidos*. Que bem observado é o *Tartufo* de Molière.

[1] Este jesuita era de tal ordem que o famoso cardeal Dubois, o *amigo* do regente, como já vimos, o tinha escolhido para ser o confessor de Luiz XV. Já se vê que era homem de *confiança*

Expulsão dos jesuitas em Paris

## L

# Sempre os mesmos

Quando o geral Lourenço Ricci, respondeu ao papa, que lhe expunha a necessidade de reformar a S. J. «Que ella seria o que era ou deixaria de existir», disse uma grande verdade.

Em qualquer parte do mundo, onde entrem os jesuitas, reproduzem-se as mesmas intrigas, as mesmas capitações, e os mesmos crimes para o predominio da ordem, para a drenagem da riqueza publica e particular para os seus thesoiros, sempre insaciaveis.

A Hispanha não se esquivou á lei geral. Alguns exemplos bastarão para prova evidente.

Já em 1571 Bento Ayres Montano, presbytero hispanhol, escrevia a Filippe II, com data de 18 de fevereiro de Anvers, para o exhortar a que ordenasse ao governador, que mandava aos Paises-Baixos, que não tivesse communicação com os jesuitas, nem tomasse algum para seu prégador ou confessor. E as rasões eram : — Que elles abalavam o ceu e a terra para chegar aos seus designios; — que têem espias em toda a parte ; — que são vingativos, cheios de odio e de rancor ; — que são soberbos, arrogantes ; jactam-se de ser os unicos sabios e os unicos dignos de ser companheiros de Jesu-Christo;—que são profundamente mysteriosos.

Filippe II sabia-o por demais. Serviu-se d'elles, como de muitos outros instrumentos egualmente vis, mas nunca os estimou.

O veneravel Jeronymo Baptista de Lanuza, provincial dos dominicanos de Hispanha, e depois bispo de Albarazem e de Balbastro, um dos mais santos e mais sabios theologos e prelados da Egreja, na sua supplica, apresentada em 22 d'agosto de 1597 ao mesmo Filippe II, contra as prohibições anti christãs, que, por solicitação dos jesuitas, tinham sido feitas a todos os dominicanos de Hispanha pelo nuncio, e pelo inquisidor geral da parte do papa, para de nenhum modo falarem sobre os *auxilios da graça de Deus* nos seus tractados e licções de theologia, nas suas conclusões, nos seus sermões, e até nas suas conversações particulares, o que era, diz Lanuza, mandar-lhes da parte do papa renegar formalmente d'esta divina graça, e da fé christã que é inseparavel d'ella. Eis o que o sabio e santo bispo chama aos jesuitas : — inimigos mortaes da graça de Deus ; — espiões vigilantissimos e denunciantes infatigaveis ; — novadores ; — conjurados para destruir a Egreja ; — desobedientes ás mesmas ordens do pontifice ; — verdadeiros comediantes ; — semelhantes aos soldados que por escarneo saudaram a Christo ; — perigosos e perniciosos enganadores ; — não reconhecem o juizo da Egreja, como regra suprema da sua fé, porque preferem a doutrina da sua companhia e as decisões dos seus doutores ; — inventores dos erros da maior consequencia ; — inimigos da doutrina sã ; — fanaticos partidarios de Molina ; — dominadores dos reis ; — inimigos de visita e de reforma;—crueis e vingativos. E todas estas allegações eram copiosamente provadas.

Mas não são os extranhos que no periodo

de *santidade* da companhia clamam contra ella. O padre Fernando de Mendonça, jesuita hispanhol, enviou ao papa Clemente VIII, e á congregação geral da sua companhia um memorial expondo quanto se tornava necessario tratar d'uma reforma da S. J.

«Os geraes da nossa companhia, escrevia elle, vendo-se perpetuos, e sem obrigação de dar contas, tornam-se insolentes e tyrannos, absolutos e intractaveis, commettendo mil injustiças e aggravos, sem que ninguem os possa impedir.»

Depois expõe que, tanto os visitadores como os procuradores que vão a Roma, são todos creaturas do geral por interesse ou medo, e, á espera sempre de novos cargos, fazem tudo quanto o geral quer.

«Não se buscam entre nós senão invenções para ter dinheiro por meio de enganos, e outros processos injustos, vexando e carregando as almas dos penitentes com mil sortes, e modos de tirar dinheiro, o que envilece e profana os sacramentos, que os *nossos* assim vendem.»

Descreve-lhes a ambição excessiva, a cubiça de se introduzirem em toda a parte, o amor da vagabundagem e o empenho de se entremetterem em todos os negocios, e termina accusando-os de *violadores do sigillo da confissão!*

Depois é a universidade de Salamanca que, em 6 de março, escreve uma carta a todas as universidades da Hispanha, a respeito dos deputados que ella mandou á universidade de Lovaina, contra as violencias que lhes fizeram os jesuitas em 1624. Mas, quem lhes deu em Hispanha o verdadeiro golpe mortal, embora depois ficassem ainda estrebuchando e nos nossos dias pretendam alli levantar a cabeça, e recomeçar a morder nas heranças, protegidos por uma soberana da casa d'Austria, foi o veneravel D. João de Palafox, bispo da Povoa dos Anjos na America [1].

Da chamada *primeira* carta do santo bispo ao papa Innocencio X transcrevemos alguns dos principaes trechos [1].

«Ha mais de quatro annos, santissimo padre, que estou em duvida se daria aviso a vossa santidade do que aquelles, que n'estas provincias estam encarregados da defensa da jurisdicção ecclesiastica, da direcção das almas, e da conservação dos direitos dos bispos, tem que soffrer aos religiosos da com-

---

[1] João de Palafox y Mendoza nasceu em 1600 em Fitero, na Navarra, e morreu em 1 d'oûtubro de 1650 em Osma. Era filho de Jayme de Palafox, marquez d'Ariza, e estudou nas universidades de Huesca, Alcalá e Salamanca. Doutorou-se em direito, e nas côrtes que Filippe IV reuniu em Mouzon, em novembro de 1626, foi nomeado fiscal do conselho de guerra, Em 25 d'outubro de 1629 foi feito fiscal das Indias sendo já sacerdote, thesoureiro e conego da cathedral de Tarazona, cargo que possuiu desde 1624 a 1630. Em 1629 acompanha a imperatriz D. Maria á Allemanha, na qualidade de confessor e capellão-mór, com ordem expressa de tomar nota e estudar os principes, reinos e provincias por onde passasse. Esta viagem d'estudo e observação durou dois annos. Tendo, em 1639, vagado a mitra de Puebla de los Angeles, em a Nova Granada, e sendo alli preciso um homem de bem e fundamentalmente christão que dirigisse aquella christandade e cohibisse muitos abusos, foi D. João escolhido para bispo. Quiz recusar a honra, mas a consciencia obrigou-o a curvar-se ao peso dos encargos. Partiu, pois, para o seu destino e seu verdadeiro martyrio em vida. Em 1642, foi nomeado vice-rei, presidente, governador e capitão general da Nova Hispanha, emquanto não ia exercer esses cargos o duque de Escalona, e no curto espaço de seis mezes que teve o governo, encontrando exhausto o thesouro real, poz n'elle 600 mil pesos e soccorreu Habana, que se achava a braços com grandes necessidades, por lhe ter o inimigo bloqueado a entrada do porto, mandando-lhe um navio que a libertou do aperto em que se achava. Organisou as milicias de defesa colonial, limpou a terra de salteadores e executou outras medidas de utilidade publica. Regeitou o arcebispado do Mexico, contentando-se com a sua mitra de bispo, gastando todos os rendimentos d'ella e muitos dos seus proprios na edificação da cathedral, fundação de tres seminarios, d'um collegio para donzellas, esmolas e dezenas de coisas que mostravam que á caridade do seu coração se alliava um grande bom senso pratico das necessidades dos povos confiados ao seu baculo. Em 1650, volveu a Hispanha, e tres annos depois era apresentado na sé de Osma, onde morreu; declarando que não queria ser embalsamado, mas sim que lhe abrissem o peito, e dentro lhe puzessem um papel em que estivessem escriptos estes tres nomes: Jesus, Maria, José. O que se cumpriu.

[1] Esta carta é longa, e temos pena de a não poder dar na integra, como um dos elementos mais sérios e mais esmagadores contra os sectarios de Ignacio de Loyola. Comparada com a da edição que possuimos occuparia approximadamente 13 das paginas do texto d'esta Historia. A segunda carta occupar-nos-ia umas 28 paginas. De ambas aconselhamos a leitura.

panhia de Jesus, que se oppõem a todas estas coisas, por causa da sua grande auctoridade, da abundancia de suas riquezas, do imperio que attribuem a si, e da liberdade que tomam... Contentaram-se ao principio de nos roubar por via do seu poder, e das suas riquezas muito superiores ás nossas, (como a inundação de uma torrente impetuosa) o esplendor do culto divino, o nosso amparo, e das cathedraes, despojando-nos dos dizimos, que nós possuiamos. Mas ao presente esforçam-se por nos arrancar das mãos a nossa jurisdicção, e o nosso bago. Passam depois ao que ha de mais santo, e mais proprio dos bispos, que é a administração dos sacramentos, na qual pretendem elevar as suas izenções, e os seus direitos acima das bullas dos papas, dos concilios geraes, das declarações da séde apostolica; de sorte, que a companhia tem por uma sanguinolenta affronta a resistencia de um bispo, que defende constantemente os decretos da Egreja.

.....................................

«Assim é necessario, santissimo padre, ou arriscar a vida para conservar a jurisdicção da egreja, ou abandonar esta para conservar a vida...

«Achei, santissimo padre, nas mãos dos jesuitas quasi todas as riquezas, todos os cabedaes, e toda a opulencia d'estas provincias da America Septemtrional... Dois dos seus collegios possuem ao presente 3:000 carneiros, além dos rebanhos de gado grosso; e ao mesmo tempo, que todas as cathedraes, e todas as ordens religiosas apenas tem tres engenhos de assucar, só a companhia possue seis dos maiores. Um d'estes engenhos vale ordinariamente meio milhão de pezos, e talvez mais, alguns chegam a um milhão: e tendo esta casta de bens, que lhe rendem todos os annos cem mil pezos, esta unica provincia da companhia, onde não ha mais, que dez collegios, possue seis engenhos, como eu já disse. Além de tudo isto, tem herdades de tão prodigiosa extensão, que, ainda que estejam apartadas uma da outra 4 e 6 leguas, com tudo as terras de umas e outras veem tocar-se entre si. Tambem tem riquissimas minas de prata, e augmentam tão desmedidamente suas riquezas, que, se continuarem a marchar n'este passo andando o tempo, serão os ecclesiasticos obrigados a ser mendigos da companhia, os seculares seus cazeiros, e os religiosos ir-lhes pedir esmola ás portas.

.....................................

«Devemos ajuntar a opulencia dos seus bens, que é excessiva, uma industria maravilhosa em os fazer valer, e os augmentar todos os dias e tambem á do seu commercio. Tem armazens publicos, praças de bestas, açougues, lojas para negociações as mais vis, e mais indignas da sua profissão.

.....................................

«A resolução que tomou a minha egreja em um cabido, a que eu assisti, como bispo, de fazer intimar aos seculares que nas vendas, que fizessem ás pessoas isentas, reservassem os dizimos, porque não os pódem alienar com prejuizo das cathedraes... foi a origem de todo o odio, perseguição, e furor, com que estes religiosos se levantaram contra mim, e ao mesmo tempo contra a minha dignidade: porque, vendo elles que d'aquelle modo se punham limites a esta impetuosidade, com que amontoavam riquezas tão grandes, e em todos os tribunaes onde nos obrigam a ir com as suas demandas, pela razão, e justiça da nossa causa; converteram os processos da justiça em injurias atrozes, as petições de direito em libellos difamatorios, escrevendo, e obrando contra mim, porque eu me tinha opposto á companhia para defender a minha egreja, e os pobres: e o fizeram com tanto atrevimento, e soberba, como se a dignidade episcopal fosse inteiramente inferior á sua profissão, prégando escandalosamente contra mim nos pulpitos... tratando das profissões santas, e catholicas, como se fossem suspeitas... inquietando os poderes seculares, aconselhando-lhes que me lançassem fóra d'este reino, e animando os ministros d'el-rei a tão grandes sacrilegios. Teem passado a outra pretensão violenta, e ainda mais prejudicial, tocante á jurisdicção, e administração dos sacramentos... que elles administram a grande numero de pessoas seculares, que teem nas suas terras, sem para isto terem algum poder, nem jurisdicção: e (o que muito para extranhar) elles os casam, e as-

sim os obrigam a matrimonios nullos e invalidos...

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

«Aproveitando-se os padres da companhia da minha auzencia, em quanto eu estava occupado na visita do meu bispado, e os tribunaes d'esta provincia, com a qualida de de verificador geral, que sou, começaram a não pedir já licença de prégar, e confessar; e ainda que mandassem vir outros de novo, elles os faziam confessar e prégar sem licença minha, nem do meu vigario geral... Prohibiram-lhes, conforme o concilio de Trento, confessar, e prégar os seculares, até que tivessem alcançado licença de mim, ou do meu vigario geral... Responderam extra-judicialmente que tinham privilegios para confessar sem approvação nem licença. E como se lhes pedisse que mostrassem os seus privilegios para confessar sem aprovação nem licença, responderam que tambem tinham privilegios para os não mostrar.

«Fez-se-lhes instancia por ver ao menos este ultimo: responderam que não eram obrigados... e continuaram a prégar e confessar, ainda que se lhes tivesse prohibido. O meu vigario geral os declarou excommungados. Logo estes intrusos juizes conservadores declararam, com uma extranha temeridade, que o meu provisor, e eu tinhamos incorrido em censuras. Foi a sua temeridade tanto adeante, que publicamente me declararam excommungado! Os jesuitas, que têem grande credito no palacio do vice-rei do Mexico, e no do arcebispo D. João de Manosca, o obrigaram a mandar prender João Baptista de Herrera, meu promotor... O arcebispo o declarou publicamente excommungado, mandou o metter no aljube, pôl-o aos ferros, e alli está ainda... como poderia estar em Inglaterra.

«Nos documentos que remetto, verá vossa santidade, como os Jesuitas concitam os fieis para que se levantem contra seu bispo, lhe recusem a obediencia, que lhe devem, quebram o vinculo espiritual da sujeição, levantam altar contra altar, e formam um scisma abrindo assim porta a um sem numero de peccados, e escandalos, em que caem

Estatua de Clans Petri (Jesuita)

os fieis: e tudo isto, porque os jesuitas se não querem sujeitar ao sagrado concilio de Trento!

Que podem fazer os jesuitas ao grande monte e sommas immensas de dinheiro que accumulam, senão servirem-se d'elle para se fazer senhores nos negocios embaraçados, combater a verdade, levar ávante as suas pretensões, levantar-se acima dos canones, perseguir os que se lhes oppõem, abusando dos seus privilegios e atormentando os bispos, os outros religiosos, e os seculares, que todos clamam contra as acquisições, e grande credito d'estes padres?...

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

«No tempo em que eu fui obrigado a prohibir aos jesuitas de confessar, succedeu que uma viuva rica do Mexico, chamada D. Beatriz de Manilha, morreu, e lhes deixou 7:000 pezos em dinheiro, e rendas, ainda que no bispado tinha grande numero de parentes pobres, orfãos, e desamparados. Esta deixa deu tal confiança aos jesuitas, que de repente viram tão grande somma de dinheiro entre as suas mãos, que começaram a fazer uma cruel guerra, porque tinham abundantemente que gastar em demandas... Todo o mundo sabe que o padre Diogo de Monroy, reitor do collegio da Povoa dos Anjos, disse estas palavras, que fazem conhecer a verdade do que eu tenho dito: *leve o diabo a companhia; Pois de que serviriam estes 7:000 pesos (cento e cinco mil cruzados portuguezes), se não servissem para ganhar esta demanda?*»

Os jesuitas tinham conseguido erigir em universidade o seu collegio de Madrid, com dez mil escudos d'oiro de renda, apesar da opposição de todas as universidades da Hispanha, ás quaes por certo ninguem attribuirá a pecha de não catholicas. Assumindo esta importancia academica, os jesuitas fizeram doutor um dos seus, chamado Roza, e elegeram-no para interprete da Escriptura Sagrada. Mas as doutrinas que este doutor de contrabando expunha eram tão contrarias ao dogma da Egreja, que as universidades, depois de a estudarem a fundo, as extractaram, e as denunciaram á inquisição de Madrid, reduzidas a forma de symbolo[1].

Um escripto d'este jesuita tinha já sido condemnado em Roma em 1628. Longe de se submetter a esta censura, Roza publicou

---

[1] *Novo symbolo da fé, a maneira jesuitica.*

I

Creio que ha dois deuses, um dos quaes, no sentido figurado e segundo a geração eterna, é ao mesmo tempo *Pae e Mãe* do Filho; e o outro, no mesmo sentido figurado, e segundo a geração temporal é a *Mãe e o Pae*, donde se segue que o nome de *Matri-Pater* convem tanto a Deus Pae, como á bemaventurada Virgem Maria, como se um e outro fosse hermaphrodita e um e outro tivesse dois sexos.

II

Creio em Jesu-Christo, Filho unico d'um e outro, no sentido figurado e segundo as gerações eterna e temporal.

III

Creio que Jesu-Christo, como homem, foi concebido e nascera da Virgem Maria, como de pae e mãe, no sentido figurado, e pela virtude paterna e materna

IV

Creio que Jesu-Christo, não soffreu, e que não morreu verdadeira e realmente, porque não podia morrer.

V

Creio que foi sepultado, mas que não morreu verdadeira e realmente.

VI

Creio que a sua alma desceu aos infernos no sentido figurado, pois que não foi separada do seu corpo.

VII

Creio que resuscitou dos mortos no mesmo sentido em que morreu.

VIII

Creio que subiu aos ceus, que está sentado á direita de Deus Padre, e que de lá virá a julgar os vivos e todos os que tem morrido até hoje.

IX

Creio no Espirito Santo, que falou pela bocca dos prophetas, embora estes se enganassem muitas vezes.

X

Creio que a Egreja é santa, *na sua maior parte*, creio tambem na communhão dos santos.

XI

Creio na remissão dos peccados que se hade operar por uma chegada subita do Espirito Santo sobre os impios.

XII

Creio na ressurreição da carne, *na sua maior parte*; creio tambem na vida eterna, mas tenho as minhas duvidas que isto não seja bem assim!

varias *Apologias* ainda mais revoltantes. Soube-o a congregação do *Index* e condemnou, pelo seu decreto de 9 de setembro de 1632, todas as obras e todos os libellos apologeticos que Roza e seus socios tinham publicado. Os jesuitas tomaram a defesa do seu heretico companheiro, e tiveram empenhos e artes para impedirem que a inquisição de Madrid recebesse o decreto de Roma.

A' vista de tão clamoroso escandalo, Francisco Roales, doutor de Salamanca, capellão de Flippe IV, propoz-se perseguir abertamente os jesuitas e publicou contra elles um documento, que é uma completa e irrespondivel accusação.

«Eu ataco toda a S. J., porque muitas das obras de Roza foram compostas, distribuidas e vendidas publicamente em Madrid em nome da *sociedade* e para defesa da *sociedade*. Farei ver, que Roza se vangloria de estar ligado á Egreja, e que o papa não a póde nem citar, nem obrigar a comparecer no seu tribunal. Estabelecerei que, segundo os argumentos d'este jesuita, as decisões da Santa Sé, bem como a dos concilios geraes em casos de doutrina, e quanto ás pessoas, tem sido por vezes nullas e perniciosas, e que ainda o podem ser; que é permittido a cada qual innovar em materia de religião, contra o unanime sentimento dos padres e doutores da Egreja.

«Provarei que Roza espalha e préga em publico, em linguagem vulgar, os seus pestiferos dogmas, e que por vezes os faz imprimir clandestinamente; que seduziu e arrastou aos seus erros, por diabolicos artificios, muitos grandes de Hispanha, bastantes bispos, alguns doutores e certas mulhersinhas. Demonstrarei que o regimen da sociedade, que se diz de Jesus, favorece, auctorisa, approva e preconiza o cruzeiro de Roza...»

Roales continuava os seus P. P. que são uma verdadeira carga a fundo nas doutrinas religiosas dos pseudo-catholicos, que se chamam jesuitas, e terminava pedindo que, «segundo as formalidades do direito e da justiça, os jesuitas em geral e cada um em particular fossem considerados como *suspeitos e perigosos na fé, condemnados a abjurarem publicamente, e a purgarem-se de todos os erros e de todas as heresias de que elle os accusara.*»

Os jesuitas tiveram bastantes empenhos na côrte de Filippe IV para afastarem a tempestade e isto animou-os a lançarem-se sem receio no caminho do crime.

# LI

## Crimes provados de direito commum

A provincia jesuitica de Sevilha, nos fins da primeira metade do seculo XVII, era uma das mais consideradas da S. J. Tinha trinta e duas casas differentes e setecentos a oitocentos jesuitas. Só na cidade de Sevilha existiam seis estabelecimentos dedicados a Ignacio de Loyola. Um d'esses estabelecimentos, o collegio de Santa Hermenegilda, tinha por procurador ou administrador temporal um tal irmão André de Villar. Este homem, querendo augmentar a riqueza, e portanto a importancia do collegio que administrava, concebeu o projecto de commerciar por conta do mesmo collegio. E como para muitos os negocios «são o dinheiro dos outros», Villar tratou de pedir dinheiro emprestado a toda a gente; mas dirigia-se de preferencia, para o que elle chamava uma obra pia, ás almas devotas e ás consciencias timoratas, ás quaes promettia, além d'outros juros, os das recompensas celestes e perdão divino. Dentro em pouco, e com a ajuda dos seus socios, que empregavam todos os meios para indirectamente o auxiliarem na colheita, tinha conseguido alcançar emprestimos na importancia, enorme para aquella epocha, de quarenta e cinco mil ducados.

Com este dinheiro o jesuita fez-se simultaneamente agronomo, mercador, constructor, armador, industrial de toda a especie; construiu casas, comprou propriedades, gados, pannos, ferro, açafrão, canella, baunilha; depois revendia tudo, comprava de novo, fazia construir navios, carregava-os de mercadorias, enviava-os ás colonias hispanholas, d'onde os seus agentes e caixeiros lhe mandavam productos coloniaes que elle vendia na Europa, e tudo isto com o consentimento dos superiores e *ad majorem Dei gloriam*. No começo a casa Villar & Loyola realisou enormes beneficios; depois, ou por inhabilidade, desastre, ou por que Deus quizesse provar ao mundo que os jesuitas abusavam do seu nome, o jesuita, em vez de reembolsar os credores que lhe pediam o seu dinheiro, respondeu-lhes que «não tinha um chavo em caixa, e nem sabia como havia de pagar-lhes[1]!»

Comprehende-se qual o clamor que tal noticia levantou contra os jesuitas! Duzentas ou trezentas familias se acharam logo redu-

[1] Já dissémos n'um outro capitulo que foi tal o abuso dos jesuitas em Hispanha, sugando enormes sommas de dinheiro e enviando-as para o seu thesoiro em Roma, que Filippe II se viu obrigado a prohibir-lhes, por um decreto do seu real conselho, que angariassem dinheiro nos seus reinos, e que por fórma alguma, ou por qualquer pretexto que fosse o fizessem sair dos seus estados. A maior parte d'estas sommas, principalmente no seculo XVII e seguinte eram empregadas na sustentação d'um luxo muito pouco catholico. Se se arguiram os frades de gulotões, os jesuitas so, n'estes dois seculos, se differençaram d'elles na finura dos manjares, e na especialidade dos mais finos vinhos; na delicadeza das suas roupas brancas, feitas do linho mais cuidadosamente fiado e propositalmente tecido para elles. Como não eram obrigados a côro em commum, occupavam o tempo que deviam dar a Deus na combinação das intrigas e nos gosos da vida, que, no fim de contas, tanto para os jesuitas como para os outros mortaes, «são dois dias!»

zidas á miseria, pela bancarrota imminente. Foi então que o provincial interveiu e, a 8 de março de 1646, n'uma reunião de credores, que se realisou na casa professa de Sevilha, propoz-lhes reembolsal-os com 50 % dos seus creditos. Os credores recusaram terminantemente, pretendendo, e com razão, que não era ao irmão Villar, mas á propria companhia a quem tinham emprestado o seu dinheiro, e que, se a caixa do procurador estava vasia, a da companhia estava sufficientemente recheada para os reembolsar integralmente. E assim se dissolveu a reunião. Dois dias depois, os credores souberam que um d'entre elles tinha acceitado as propostas do provincial, e que se tratava de fazer com que, pelos meios judiciaes, todos elles adherissem ao arranjo[1]. Os jesuitas fizeram immediatamente nomear um liquidante da fallencia, homem de sua confiança, que fazia os pagamentos em conformidade com as indicações dos jesuitas e na qual o maior numero de credores eram ficticios. Os credores verdadeiros clamaram indignados; formularam uma queixa vehemente, e bem apoiados de provas dirigiram-se a Filippe IV. Os jesuitas responderam mandando prender Villar, que *então, e só então,* accusaram de ter, sem auctorisação dos seus superiores, emprehendido um negocio extranho á companhia e contrario ás regras do seu instituto.

André Villar, porém, foi posto em liberdade, tão depressa apresentou duas cartas dos seus chefes provando que estes, se não tinham approvado os seus negocios, sabiam e consentiam a sua casa de commercio.

O que, sobretudo, suscitou a indignação geral contra os jesuitas, foi uma carta do padre provincial, junta ao processo, e na qual este dignitario da companhia, respondendo ao irmão André Villar, que lhe aconselhava que se compozesse com os credores, lhe respondia em substancia: «Nós devemos muito para que possamos pagar. O nosso credito está perdido; portanto nada mais temos a fazer do que salvar o nosso dinheiro da melhor fórma que nos for possivel! etc.»

Sigesmundo III, rei da Polonia e da Suecia

Não nos é possivel narrar todas as phases d'este processo, que durou muito tempo e causou um grande ruido. Limitar-nos-hemos a dizer que os jesuitas acharam meio de evitar, pelo menos em parte, a execução das sentenças que os credores a custo alcançaram da justiça do rei. Mas de que elles se não livraram foi da infamia de fallidos fraudulentos com que a posteridade os marcou, embora elles se ficassem rindo.

Quanto ao irmão André Villar, como bom jesuita, conhecendo de que laia eram os seus

[1] As memorias do tempo asseguram que este crédor recebeu o seu credito por inteiro, para se prestar a esta comedia.

socios, disse-lhes adeus, fez lhes presente dos votos, que por mais d'uma vez tinha jurado, e casou-se!

Este processo poz a claro outra infamia dos jesuitas.

A requerimento dos credores da fallencia, o conselho real de Castella encarregou um dos seus membros de examinar todos os livros de contas do collegio de Santa Hermenegilda, bem como a caixa do procurador.

Entre os livros existia um que tinha por titulo: *Livro das obras pias*. Lendo-o com attenção, encontrou-se n'elle a prova de que os bons filhos de Ignacio de Loyola estavam indevidamente de posse d'uma somma de 85:000 ducados, pertencente a um fidalgo de Sevilha, chamado D. Rodrigo Barba Cabeça de Vacca, a qual somma havia sido confiado, trinta annos antes, por um tio d'este fidalgo aos jesuitas d'este collegio.

Tinha elle querido subtrair este dinheiro ás contingencias d'um processo, que lhe intentava uma mulher que pretendia ser sua filha, e a quem elle recusava reconhecer semelhante qualidade.

João de Monsalva, o auctor do deposito, tinha pedido aos depositarios que conservassem esta somma para seu sobrinho e da qual elles levantariam todos os annos, dos juros respectivos, oitocentos ducados para obras de caridade. Ora, parece que os bons padres, assim que D. João morreu, entenderam que o melhor era ficarem com o capital e os juros. Mas levaram a generosidade a darem todos os annos, a titulo de esmola, ao sobrinho de D. João, tão descaradamente espoliado, uma pequena quantia, com que elles cumpriam o legado de oitocentos ducados, deixados por Monsalva!

O delegado do conselho regio obrigou os jesuitas a restituirem o que tinham roubado, e D. Rodrigo entrou, não sem custo, na posse dos seus 85:000 ducados.

E' pela mesma epocha que succedeu a conhecida historia do ferrador de Madrid; o qual pretendendo os jesuitas burlal-o, foi elle que se divertiu á custa dos reverendos padres, e pelo ridiculo os obrigou a entregarem o que lhe queriam extorquir.

Um ferrador de Madrid, não sabendo que fazer d'um filho que tinha, na intenção de lhe assegurar o futuro, fel-o entrar na companhia de Jesus, onde o rapaz foi perfeitamente recebido, graças a uns dois mil ducados que o noviço levava de piso.

Mas o rapazote era tão fundamentalmente estupido, que os jesuitas, não sabendo que fazer d'elle, mandaram-no de presente ao pae.

— Pois muito bem, meu filho, diz o pae olhando para o rapaz, que vinha dos jesuitas mais idiota do que para lá fôra; não vale a pena a gente desconsolar-se por tão pouco. Não podes ser jesuita, pois serás ferrador. Se tens que ser torrado no inferno, vaes-te já accostumando com a forja!

Depois, pensou nos seus mil ducados que os jesuitas se tinham esquecido mandar com o rapaz; e foi pedir-lh'os.

Os bons padres responderam a esta reclamação com uma enorme conta de alimentos, educação, edificação, santificação, o diabo... prodigalisadas ao rapaz; e conseguiram encontrar um juiz que deu por boas taes contas.

Ora o ferrador, vendo que dois mil ducados era dinheiro de mais para uma roupeta de jesuita, jurou que havia de tirar lhes os juros, e fazendo envergal-a ao filho, mandou-o para a officina, assim vestido, aprender o officio.

E Madrid em peso corria para ver o jesuita a dar ao folle, com a gravidade d'um padre mestre!

Os jesuitas, para fazerem cessar o escandalo, entregaram os dois mil ducados ao ferrador, o qual, recebendo parabens pelo estratagema, respondia sempre, alludindo aos clientes a que *calçava!*

— Commigo não levavam a melhor; já estou de ha muito acostumado a lidar com *elles*.

N'esta capital vivia uma mulher rica que tinha por confessor um jesuita; caindo doente, mandou chamar este, e tal artes o bom padre empregou que a resolveu a fazer um testamento pelo qual deixava todos os seus bens á companhia, com manifesto e criminoso prejuiso de todos os seus parentes. O confessor voltou satisfeitissimo para casa, e

ao recreio, em tom de brincadeira, pediu a recompensa do serviço que tinha prestado.

Mas, por um d'estes acasos verdadeiramente raros, aconteceu viver n'aquella casa um outro jesuita, filho d'uma casa illustre, e cujo sangue nobre se revoltou contra este crime, que desde logo pensou na maneira de desfazer o que o seu camarada tinha feito, e de que se louvava como de uma acção heroica.

Saiu, foi a casa da doente, n'uma occasião em que sabia que se não achava lá o confessor, e, mercê da roupeta, abriram-lhe a porta; porque é uma das maximas dos jesuitas de não deixarem approximar quem quer que seja das victimas, que já têem apparelhadas.

Este jesuita, homem de bem, levou comsigo um tabellião, e, depois de convencer santa e honradamente a enferma de que ella devia deixar os seus bens aos seus legitimos herdeiros, fez com que ella fizesse novo testamento n'esse sentido.

Horas depois morreu a mulher, e, aberto o testamento, viu-se que deixava como herdeiros universaes os jesuitas, e já o confessor começava a mandar pôr na rua os sobrinhos da defunta, seus legitimos herdeiros, quando um d'estes lhe apresentou o codicilio e expulsou, por sua vez, os larapios.

Os jesuitas indagaram e souberam donde partira o golpe, e expulsaram o padre honesto da companhia, onde evidentemente não podia viver um homem de bem.

Felizmente o rei tomou-o sob a sua protecção, e assim escapou de morrer ás mãos dos seus antigos companheiros, soffrendo a mesma sorte do padre Ximenes, a quem os jesuitas assassinaram, em 1633, por não ter aconselhado uma de suas confessadas, que fizesse testamento em favor d'elles.

Uma chronica de 1734 conta o seguinte edificante caso:

O collegio jesuitico de Granada possuia uma propriedade rustica nas proximidades da cidade, chamada Capasacena. A administração d'esta vivenda foi dada ao padre Balthasar, que se enamorou d'uma mulher d'aquelles sitios, casada, e cujo marido o jesuita empregou nos trabalhos do campo, com salario avultado, para o ter longe e seguro emquanto lhe seduzia a mulher.

O marido, porém, começou a desconfiar do padre, achou felicidade de mais o augmento da jorna, e vigiou de perto.

Um dia Balthasar, suppondo o marido longe, veio de Granada e entregou-se sem precauções ao amor; mais eis que surge o paciente apanha-o no leito, e faz verificar o adulterio.

Seguia o processo seus tramites, quando o reitor de Granada resolveu salvar a honra do convento, e fez com que fossem ouvidas novas testemunhas que provaram: — que a mulher era já edosa, apesar de contar apenas vinte e oito annos; e que o assassinado era um santo. Ninguem sabia porquê, mas todos juraram que jámais o tinham visto sem ser com umas contas na mão!

As testemunhas d'accusação foram regeitadas, e o processo foi conduzido de fórma tal que o pobre marido foi condemnado a morrer na forca!

O reverendo padre Balthasar, morto em flagrante crime d'adulterio, foi canonizado pelos Loyolenses, collocado o seu nome entre o de outros santos martyres, taes como o padre Girard, cujos peccadilhos já n'outro logar contámos.

O padre Mena, compatriota e contemporaneo do padre Balthasar, foi homem de grandes talentos exteriores. Fazia bellas prédicas, falava a toda a hora de Deus e da eternidade; era magro, pallido, olhos encovados, e sempre de roupeta usada e as inevitaveis contas na mão.

Este jesuita, que vivia em Salamanca, era confessor d'uma menina extremamente simples. Um dia disse-lhe que Deus tinha determinado que *elle vivesse com ella em união conjugal;* mas que era preciso para isso guardar inviolavel segredo. Pareceu isto extranho áquella sincera devota, e foi consultar sobre o caso os doutores da universidade. O padre Mena, porém, como habil e experimentado n'outras empresas do mesmo genero, foi advertir aquelles doutores, que tendo-se encarregado da direcção espiritual d'uma devota toda cheia de escrupulos, ella por certo os iria enfastiar com bagatellas, e

que desde já os prevenia que era tempo perdido aquelle em que a estivessem ouvindo; que o melhor que tinham a fazer era dizer-lhe que seguisse ás cegas as ordens do seu confessor. A fama de santo de que gosava o bom padre afastou do espirito dos doutores qualquer idéa de velhacaria, e, sem mais pensarem no caso conformaram-se com as indicações que o jesuita lhes deu.

A devota foi ter com elles e veiu persuadida de que tudo quanto o padre Mena mandava, era como se fosse mandado directamente pelo ceu, e passou a viver com o seu confessor, e a dar filhos a Hispanha, que tanto então precisava de homens. O padre não interrompeu o curso das suas funcções e continuou a ser o mesmo santo varão que Salamanca venerava.

A inquisição que, como se sabe nunca vira com bons olhos a S. J., informada do que se passava resolveu dar um castigo exemplar, na pessoa do jesuita, e apoderando-se d'elle, lançou-o nos carceres do Santo-Officio de Valladolid. A sociedade correu logo em auxilio de Mena, e luctou com todo o seu poder contra a inquisição, e conseguiu que certos medicos attestassem que o encarcerado se achava gravemente enfermo, e assim obtiveram que elle fosse transferido para a enfermaria do collegio jesuitico, sob a guarda dos officiaes do Santo-Officio. Mas como não era possivel fazer abafar aquelle negocio, tão escandaloso e notorio fôra, como tinham sido tantos outros, recorreram a uma d'essas situações theatraes tanto da essencia da S. J. desde até o seu fundador.

Declararam que o padre Mena tinha morrido; arranjaram um boneco com uma mascara de cera que se lhe assemelhava, fecharam-no no caixão, e pediram aos officiaes do Santo-Officio que tivessem a caridade de lh'o ajudarem a levar para a egreja.

E emquanto os sinos tocavam a finados, e os socios engrolavam os piedosos psalmos á beira da éça, o veneravel Mena galopava n'uma bella mula, dizendo adeus á inquisição [1]!

---

[1] Por esta occasião um outro jesuita, o padre Salas ensinou a seguinte doutrina: que um religioso de uma ordem approvado, que tivesse a verdadeira probabilidade d'uma revelação divina de que Deus o dispensava do seu voto de castidade para se casar, podia usar d'esta dispensa provavel, embora duvidosa. Parece que tal opinião era algo arriscada, porque o auctor, ou advertido ou convertido, fel-a retirar do resto da edição do seu livro, muito embora a deixasse correr mundo nas folhas já impressas.

Estou em crer que este expediente demonstra mais uma velhacaria do que o arrependimento d'um erro.

Alem d'isto antes do livro impresso o original com a famosa opinião foi lido e approvado pelos superiores da S. J, sem cuja approvação não saia livro algum á luz, das mãos de qualquer jesuita que fosse.

# LII

## Burlões

O auctor do *Theatro jesuitico* [1] conta a seguinte historia, que é mais uma prova da completa ausencia de sentimento patrio nos jesuitas, e ao mesmo tempo um documento da falta de seriedade com que tractavam os negocios mais importantes.

O rei d'Hispanha, em guerra com o da França e falto de dinheiro, pediu um auxilio ás casas religiosas. Este pedido representava uma verdadeira contribuição de guerra.

Os encarregados de receber as diversas quotas dirigiram-se em primeiro logar aos jesuitas, não duvidando que em tal crise elles déssem uma grande somma para ajudar

Horrores da guerra dos Trinta annos

a tirar o rei dos apuros em que se via, tanto mais que eram lavradores, creadores de ga-

[1] O auctor d'este livro, hoje extremamente raro, tem uma historia curiosa que convém narrar para que possamos avaliar da auctoridade das suas affirmações.

Sua mãe, irmã do marquez de Mortara, governador de Milão, era dama d'honor da rainha Isabel de França, mulher de Filippe IV d'Hispanha. Este, tendo-a seduzido e sabendo-a no seu estado interessante, tratou de a casar com o Marquez de Quintana, um dos mais ricos fidalgos da sua côrte. O marquez por tal forma se apaixonou por sua mulher e tantas provas de estima lhe deu, que ella julgou de seu dever descobrir-lhe o segredo, e confessar que antes de casar com elle já vinha pejada do rei. Mas quaesquer que fossem os protestos de fidelidade e d'amor depois do seu casamento, que ella lhe deu, tal noticia foi como um golpe mortal no coração de seu marido, o qual sem uma palavra de censura, sem uma unica demonstração de menos respeito, começou a definhar-se e dois mezes apoz a terrivel revelação era cadaver.

A marqueza, assim que deu á luz, recolheu-se a um

dos agiotas, banqueiros, fabricantes de moeda, cambistas, advogados, proprietarios de empresas de viação, mandarins na China, herdeiros e testamenteiros, emfim senhores e possuidores de todas as actividades sociaes que rendem grossos dinheiros.

Estes padres responderam aos cobradores que fossem pedir ás outras casas religiosas, porque elles jesuitas dariam tanto como aquella que mais tivesse dado, e até tanto como todas as outras juntas.

Com esta resposta dos jesuitas, os encarregados da contribuição foram ter com os outros religiosos, e fizeram com que muitos déssem o que não podiam, só para que a quota dos jesuitas fosse tanto mais avultada.

Feita a lista voltaram com ella aos jesuitas, e reclamaram o cumprimento da promessa feita e da palavra dada.

Os reverendos sacerdotes responderam que dinheiro não tinham, mas que dariam tres conselhos que, se S. Majestade os quizesse seguir, produziriam mais de doze milhões. Contado isto ao conde-duque d'Olivares, foi grande a alegria d'este, e já sentia os ducados em ouro a cairem-lhe em chuva dentro dos cofres, sem se lembrar que tractava com jesuitas. Mandou pois chamar o provincial e disse-lhe que se explicasse.

Veiu o santo homem, e, com um sorriso muito d'escarninho e de devoto, expoz o seu plano.

O primeiro conselho, era dar o rei todas as cadeiras de lentes das universidades de Hispanha aos jesuitas, que elles se obrigavam a regel-as sem estipendio de especie alguma, e que assim S. M. podia lançar mão dos ordenados dos professores, o que montava a mais de 400:000 mil ducados por anno; representados por um fundo de mais de 8 milhões.

Era o segundo conselho, obter o rei do papa que este reduzisse a reza do breviario a um terço do que está determinado pelos canones; que, obtido isto, o rei faria imprimir breviarios e diurnos com a nova reza; e que os que d'elles se quizessem servir, em compensação da massada de que ficavam alliviados, pagariam 10 ducados por cada breviario e 5 por cada diurno. Este expediente daria tanto ou mais do que o primeiro.

O terceiro consistia em o rei lhes mandar, a elles jesuitas dizer todas as missas que constituiam os legados das outras ordens religiosas, tanto da Hispanha como das suas colonias, missas que elles diriam de graça, e das quaes o rei receberia a paga!

E' facil de vêr a burla, servindo os interesses da ordem e o odio que ella votava ás outras congregações religiosas.

Mas, o que é mais para admirar, é que o ministro de Filippe IV tomou os conselhos a sério e quiz tentar pôl-os em execução.

Começou pelo primeiro, por aquelle que os jesuitas até pagariam a dinheiro contado, pelo ensino; mas o pessoal universitario oppoz-se generosamente a que tal protervia se realisasse; e o padre mestre Basilio Ponce de Leon, professor de vespera na universidade de Salamanca, escreveu uma memoria doutissima, que eu vi, diz o auctor do *Theatro Jesuitico*, nas mãos do doutor D. Miguel João de Vimbodi, secretario do eminentissi-

---

convento, d'onde velou cuidadosamente pela educação de seu filho. Tempos depois professou e ahi morreu. Antes, porém, narrou toda a sua historia a seu filho que, em vez de entrar no mundo com o titulo brilhante de marquez de Quintana, fez-se frade e professou na ordem de S. Domingos.

Foi com o nome de Ildefonso de S. Thomaz, que elle compoz este livro, destinado a defender as varias congregações religiosas das calumnias inventadas contra ellas pelos jesuitas. Declara elle que não narra um unico facto que não seja de toda a S. J. ou d'algum dos seus membros, de quem a communidade não tenha tomado a defesa e protecção, e portanto assumido a responsabilidade. Acrescenta mais, que, se nas outras ordens religiosas, um dos seus membros prevarica, é logo castigado ou expulso, e que nos jesuitas não são, por assim dizer, os individuos que peccam, mas que o relaxamento é geral. E justifica isto com as palavras dos jesuitas Azevedo e Villa Santa, que tendo renovado a seita dos ***Illuminados***, e presos por isso e perguntados pelos actos abominaveis que praticavam, responderam: — «que se era por isso que os tinham prendido, podiam tambem ir prender toda a sociedade.»

O rei d'Hispanha reconheceu o auctor do ***Theatro jesuitico*** como seu filho e fel-o bispo de Placencia, um dos melhores e mais importantes bispados d'Hispanha, depois do de Toledo.

O livro, impresso em Coimbra 1654, é offerecido ao papa Innocencio X.

mo cardeal Espinola, ao tempo arcebispo de Granada.

N'essa memoria, absolutamente irrefutavel, elle convencia os jesuitas de toda a sorte de heresias, e concluia que a intenção d'elles era de se apossarem de todas as cadeiras d'ensino, afastar d'ellas os outros religiosos, e depois estabelecerem sem contradicção o ensino das suas perniciosas doutrinas.

O papa, como era bem de prever, não quiz concordar com o segundo e terceiro expedientes. Respondeu que, pelos tempos desgraçados que iam correndo, havia mais necessidade de augmentar que de diminuir as orações; e pelo que se referia ás esmolas das missas, que ellas eram um meio de sustentar muitos padres e muitos frades que não dispunham das riquezas da companhia de Jesus.

E assim foi que os jesuitas nem sequer deram um *perro chico* para as necessidades do Estado; e ainda em cima se ficaram rindo da ingenuidade do ministro que os tinha tomado a sério.

Este pobre conde-duque estava destinado a ser ludibriado a toda a hora pelos jesuitas.

Souberam elles que nas serras de Granada existiam umas pastagens foreiras á coroa, mas das quaes havia mais de cincoenta annos se não recebiam os fóros, ou por difficuldade de cobrança, em serras invias, ou talvez, e é o mais provavel, porque a coroa tinha difficuldade em estabelecer os seus direitos. Os jesuitas, allegando a extrema penuria em que viviam, e a inutilidade de taes terrenos para o rei, pediram que lhes fossem concedidos; e o conde-duque logo lhes deferiu a pretenção. Immediatamente vão os jesuitas a Granada, intentam acções judiciaes, fazem penhoras, esbulham uns e outros exigindo a todos o pagamento de dividas já montando a sessenta annos de existencia, de forma que os netos se acharam por este processo onerados com os debitos dos avós.

Como doutrina christã de pobres missionarios, confessemos que merecia pouco menos do que a forca. Granada esteve a ponto de os correr á pedra, e elles de largarem fogo a Granada.

E assim pagaram os santos homens áquella cidade, uma das que mui generosamente os accolhera, os serviços que ella lhes fizera.

Não sairemos de Granada sem contar mais uma historia intima das innumeraveis gentilezas dos bons homens.

Fernando e Isabel tinham auctorisado os primitivos habitantes da cidade de Santa-Fé, a desviarem do rio Genil um canal que levasse agua a regar as suas terras, com a clausula de que ninguem se poderia servir d'ella sem o consentimento dos habitantes e seus successores. Havia muitos annos que os jesuitas appeteciam a posse de tal agua, e para isso empregaram mil artificios e artimanhas, mas encontraram sempre a opposição irreductivel dos moradores da cidade, proprietarios do canal. Lembraram-se de comprar uma pequena courella de terreno nas proximidades do canal, com o fim de se apoderarem da agua, de forma que os habitantes de Santa-Fé, se quizessem beber, teriam que vir-lhes pedir pelo amor de Deus.

Era então reitor do collegio o padre Fonseca, e que mandou a um outro jesuita architecto que fizesse um moinho de madeira, e construido de tal forma, que podesse ser montado e posto a moer no espaço d'uma hora.

O padre architecto cumpriu as ordens do seu superior; e quando tudo esteve prompto, foi o moinho conduzido em carros para a já mencionada courella, e n'uma noite as peças foram collocadas no seu logar, e, com ajuda dos creados e mais pessoal que mandaram vir d'outras propriedades ruraes, abriram uma valla e conduziram para a courella toda a agua do canal.

Os trabalhos foram dirigidos de tal maneira, que antes da meia noite já as mós giravam e moiam trigo! Depois veiu um notario, a quem a gente do collegio declarou que tinham visto o moinho trabalhar na courella sem opposição de pessoa alguma.

Julgavam os jesuitas que, estando assim de posse e tendo juizes peitados, ninguem seria capaz de os expulsar d'alli, nem de

rehaver a agua. Mas apenas nasceu o dia e que os defraudados souberam o que se passava, reuniram-se, dirigiram-se ao moinho arrazaram-o, encheram a valla de terra e pedras e reconduziram as aguas para o primitivo canal.

Os jesuitas, tal vendo, reclamaram dos tribunaes perdas e damnos, a reconstrucção do moinho e a posse absoluta da agua.

A demanda correu seus termos e por vezes os jesuitas estiveram a ponto de sairem triumphantes, até que por fim venceu a justiça e os gatunos ficaram sem moinho e tiveram que pagar as custas do processo.

O jesuita Nithard expulso de Madrid

# LIII

## As cifras de Aquaviva

Como nem todos os negocios dos jesuitas se relacionavam com a salvação eterna sua e d'aquelles a quem elles exploravam, a titulo de lhes encaminharem a vida para a gloria do Paraiso, os geraes tinham inventado umas cifras, por meio das quaes se communicavam com os seus subordinados, sem que extranhos podessem saber do que se tratava, caso a correspondencia lhes viesse ás mãos.

D'essas cifras, encontramos duas, n'um codice outr'ora archivado no cartorio do collegio de Santo Antão de Lisboa dos jesuitas, e pertencente á collecção dos *Registos*.

O codice a que nos referimos, tem por titulo na primeira pagina

*Obediencias do N. P.e Geral Claudio Aquaviva, do<br>añ d'81.*,

é, senão em tudo egual, pelo menos semelhante a um do mesmo titulo que existe no cartorio da universidade de Coimbra e de que em outro livro já publicámos importantes extractos [1].

No verso da pagina do ante rosto abre com a cifra que em seguida reproduzimos, e que n'outra disposição e menos completa se acha repetida na fol. 34 ç com o titulo:

*Alfabeto embiado a los Pro.les de España a los 23 de Março de 87.*

[1] *O Catholicismo da Côrte ao Sertão* por T. Lino d'Assumpção.

A que vamos copiar intitula-se:

*Cifra do padre Claudio Aquaviva 1581.*

| a | b | c | d | e | f | g | h | i | k |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| ∠ | ls | Δ | ⊔ | ʎ | V | ɔ | c | ə | f |
| 9 | | 4 | | 8 | | 3 | | 7 | |
| l | m | n | o | p | q | r | s | t | u |
| ɷ | ç | ⅄ | ∇ | ω | ⊓ | ⦣ | Ω | □ | ⊙ |
| 1 | | | 6 | | | 2 | | | 5 |
| x | y | z | | | | | | | |
| 4 | ŀ | F | | | | | | | |
| | | / | a 9 | e 8 | i 7 | o 6 | u 5 | | |

A este exemplar estão juntas as seguintes observações:

*Van duplicadas algas cifras con numeros pa q se puedan variar specialmète las vocales cõ q se haze mas dificil el descifrar.*

*Nullas seran quales quieres otras cifras y de las sobredichas las q huvieren un punto en syma o debaxo.*

A outra cifra é a seguinte, á qual vem junta a seguinte observação:

*Puedese tambien usar de los numeros de los lados para q aya diuersidad y para mayor breuedad.*

CIFRA DEL P. G. CLAUDIO AQUA VIUA

| | |
|---|---|
| 1 Papa | 1 Cathedratico de prima |
| 2 Rey | 2 Graduado |
| 3 Reina | 3 La Señora |
| 4 Emperador | 4 Presidente de las disputas |
| 5 Cardenal | 5 Substituto de prima |
| 6 Nuncio aplcõ | 6 Adelantado |
| 7 Arçobispo o Bispo | 7 Letrado |
| 8 Consejo | 8 Ayuntamiento |
| 9 Inquisicion | 9 Emendacion de la estampa |
| 10 Inquisidor | 10 Corrector de la estampa |
| 11 Sospechoso de la fee | 11 Doto en controversias |
| 12 Notado a la inquisicion | 12 Ayudante de la corre-ction |
| 13 Apostata de algª Religion | 13 Ruin estampador |
| 14 Tener opin.oes exor. dinrias ê phiã | 14 Buen lector ou phiã |
| 15 Tener opiões exordinrias en theolª | 15 Buen lector en theologia |
| 16 Heresia | 16 Erudicion |
| 17 ViRey corregidor o governdor | 17 Salariado |
| 18 Duque | 18 El librero |
| 19 Marques | 19 Imprimidor |
| 20 Conde | 20 Bibliopola |
| 21 Provisor | 21 Mercador de libros |
| 22 Dineros | 22 Moldes |
| 23 General | 23 Sobrestante de la impression |
| 24 Roma | 24 Basilea |
| 25 Los q estan cõ el grãl | 25 Capitulares |
| 26 Compañia | 26 Bibliotheca comum |
| 27 España | 27 Anveres |
| 28 Italia | 28 Leon de françia |
| 29 Indias | 29 Canarias |
| 30 Germania | 30 Veneçia |
| 31 Francia | 31 Calçidonia |
| 32 Collegio | 32 Casa de emprenta |
| 33 Fundador | 33 Grangeador |
| 34 Professo de 4. (y 3 votos | 34 Doctor en theologia (Maestro ê artes |
| 35 Hazer profession | 35 Hazer actos para doctorarse |
| 36 Profession | 36 El grado del doctorado |
| 37 Coadiutor Spual | 37 Bachiller |
| 38 Votos de la Compª | 38 Los instrumẽtos de la iprêta |
| 39 Visitador | 39 Provisor de libros |
| 40 Provincial | 40 Auctor aprovado |
| 41 Consultores | 41 Correspondientes |
| 42 Reytor | 41 Rhetorico |
| 43 Ministro | 43 Humanista |
| 44 Procurador de la Compª | 44 Grãmatico |
| 45 Predicador | 45 Scriptuario |
| 46 Confessor | 46 Lector |
| 47 Confessionario | 47 Catedra |
| 48 Penitente o hija de confession | 48 Oyentes |
| 49 Absolver de casos reservdos teniẽdo licencia | 49 Leer libros apocrifos |
| 50 Lector | 50 Orador |
| 51 Escolar | 51 Lacayo |
| 52 Sobervio | 52 Licençiado in utroque |
| 53 Arrogante | 53 Doctor in utroque |
| 54 Colerico iracundo | 54 Competidor |
| 55 Lascivo | 55 Professor de artes |
| 56 Amistad de mochachos | 56 Erros de estampa |
| 57 Murmurador | 57 Autor reprovado |
| 58 Cizanador | 58 Autor apocrifo |
| 59 Parcial | 59 Autor sospechoso |
| 60 Inobediente | 60 Autor escorrecto |
| 61 Pegado a la hazienda | 61 Inclinado a leer muchos libros |
| 62 Fingido | 62 Autor escabroso |
| 63 Apassionado | 63 Humorista |
| 64 Falto de ingenio | 64 Corto de vista |
| 65 Indiscreto, imprudête | 65 Libro mal incadernado |
| 66 Falta de buena y sana doctna | 66 Poco visto en auctores |
| 67 Apostata de la Compª | 67 Deudor de la biblioteca |
| 68 Tentado de la vocacion | 68 Defectuoso en su offiçio |
| 69 Pegado apariêtes desordenadmte | 69 Muy amigo de nuevas opiniones |
| 70 Platicas desonestas | 70 Tratados morales |
| 71 Jocamientos desonestos | 71 Conclusiones mathematicas |
| 72 Lascivia | 72 Disputa |
| 73 Actual pecado carnal | 73 Relection complida |
| 74 Peligroso en la cõversaciõ | 74 Mal argumentador |
| 75 Muger | 75 Grãmatica |
| 76 Solicitar | 76 Leer |
| 77 Muger casada | 77 Grãmatica de Nebrissa |
| 78 Marido | 78 Antonio de Nebrissa |
| 79 Habito indecête | 79 Estãpa peregrina |
| 80 Penitencia | 80 Privilegio real |
| 81 Probaçion | 81 Aprobaciõ del ordinario |
| 82 Aver encubierto impidimto essêcial quãdo entro en la compª | 82 No vio el catologo de los libros prohibidos |
| 83 No ser fiel a la compañia | 83 No es buen pagador |
| 84 Tratar con dineros | 84 Trata en moldes |
| 85 Tener dineros aparte | 85 Tiene differêçia de moldes |
| 86 Confessarse fuera de la cõpª | 86 Oppositor forastero |
| 87 Cruzada | 87 Licençeadura |
| 88 Hechar de la compañia | 88 Privar de la lectura |
| | 89 Quitar la obligaciõ de leer |
| 89 Absolver de los votos | 90 Dexo la lectura |
| 90 Saliose de la compañia | 91 Leer de catedra |
| 91 Soliçitar en confession | 92 Ingenioso |
| 92 Escandaloso | 93 Autor moderno |
| 93 Confesso | |

Como os leitores vêem, esta cifra era destinada a fazer capacitar quem quer que lesse carta escripta por este processo, que se tratava apenas e innocentemente d'assumptos litterarios ou de livraria. Alem d'isso é curioso reparar nas equivalencias, no fundo das quaes se nota uma ironia, nem sempre do melhor gosto, taes como chamar aos *actos deshonestos*, tratados de moral, e ao crime de solicitar para elles as penitentes no confissionario, *ler de cadeira!*

N'este mesmo codice se encontra outra cifra, na qual as lettras do alphabeto são representadas por algarismos, com a nota de que os que figurarem cortados não têem valor e são alli collocados unicamente para embaraçar qualquer extranho que queira decifrar o escripto.

Quando tratarmos dos jesuitas em Portugal daremos outro exemplo de cifra.

Encheriamos dezenas de grossos volumes se quizessemos contar a historia completa dos jesuitas na Europa. As paginas que deixamos escriptas já por si são sufficientes para demonstrar o que foram e o que valeram, e, como sempre, a **Historia** continuará a ser a mestra da vida.

Quem não aproveitar dos exemplos que ella nos offerece, é porque a demencia lhe transtorna a verdadeira visão das coisas, ou porque inconfessaveis interesses obrigam a fechar os olhos á evidencia dos factos.

Por algumas dezenas de homens de bem, perdidos no meio d'aquelle mysterioso e pervertido acêrvo, quantos milhares de instigadores e de instrumentos de todos os crimes e de todos os vicios?

Vamos seguil-os no Extremo Oriente e ahi veremos que a modificação foi apenas no requinte da perversidade.

Se na Europa eram maus sob apparencias christãs, na Asia nem estas respeitaram, e vel-os hemos trocar a roupeta de Ignacio pelas tunicas de mandarin, e a doutrina de Christo pela philosophia de Confucio, praticando os cultos gentilicos, e levantando a espada das perseguições sobre as christandades que não renegarem como elles.

Vingança d'um ferrador

# LIV

## Os bonzos da Europa

Durante o periodo que é de uso chamar-se a *Edade-media*, quando as nações morriam, nasciam, e se transformavam, no meio d'essa immensa e tumultuosa procissão de povos que, como avalanche, se precipitavam sobre a Europa, a Asia ia-se pouco e pouco fechando ás vistas do velho mundo, como se fôra um livro escripto n'uma linguagem que ninguem já comprehendesse, de que apenas se tinham idéas vagas, mercê d'algumas citações mais ou menos correctas, mais ou menos obscuras, dispersas em outros livros. Quando esta mysteriosa trepidação terminou, quando as vagas d'este monstruoso fluxo humano se apaziguaram e volveram ao seu equilibrio, na epocha em que as cruzadas fizeram nascer uma especie de refluxo da Europa para a Asia, esta attrahiu de novo a attenção d'aquella. Depois, Marco-Polo, rasgando uma parte do mysterioso veu, mostrou aos seus contemporaneos admirados os esplendores d'essa terra tão rica, e á qual o afastamento dava extranho prestigio. Desde então, todas as cubiças sobrexcitadas da Europa, não viram em seus sonhos senão um deslumbramento e uma perpetua miragem d'essas grandes florestas asiaticas, povoadas de aves desconhecidas com magnificas plumagens, de feras com ricas pelles, onde não havia arvore que não exhalasse perfumes penetrantes e não distillasse essencias divinas; onde os mares, como as trevas, se entreabriam, para que n'um momento se podessem vêr os thesoiros que continham; onde emfim, no seio de populações hospitaleiras, se elevavam os thronos maravilhosos e constellados de diamantes do Grão-Mogol, do Grão-Khan!...

Foi Veneza que reatou as relações da Europa e da Asia. Até o fim do seculo XV esta poderosa republica, soberana no Mediterraneo, e que, graças ás suas immensas galeras, era senhora da unica passagem até então conhecida que conduzia á Asia meridional, a passagem pelo isthmo de Suez e mar Vermelho, viu os seus mercadores patricios arrogarem-se o monopolio do commercio asiatico. Depois, um dia, Genova, não tendo querido luctar com a sua rival, o rei de Hispanha concedeu a Christovam Colombo os navios com os quaes elle, caminhando para o oeste, lhe encontrasse um novo caminho para a Asia. Sabe-se como o celebre genovez descobriu a America imaginando ter chegado á Asia.

A Hispanha tinha assim a sua parte, e uma rica parte; e Portugal, rival da Hispanha, quiz tambem ter a sua, e Vasco da Gama encontrou-lhe o tão desejado caminho da India, dobrando o cabo da Boa Esperança, que Bartholomeu Dias tinha descoberto. A espada d'Albuquerque acabou de estabelecer os direitos dos portuguezes na Asia meridional, cuja exploração effectivamente lhes pertenceu durante muito tempo, á excepção da China e do Japão, que lhes ficaram fechados, muito embora lá podessem commerciar. Bem depressa o nosso commercio deslumbrou a Europa, e Lisboa tornou-se o emporio de todos os productos orientaes

tres como os finissimos tecidos de cachemira, as ricas especiarias das Molucas, o precioso chá, as magnificas porcelanas, a seda, os perfumes, o coral do mar das Indias, as perolas dos golphos Arabico e Persico, os diamantes de Golconda, etc.

Manifestou-se, então, o enthusiasmo pelas viagens de descobrimento e pelas conquistas de colonias longiquas. D'esta grande carniça, cada potencia tratou logo de pedir a sua parte; e os jesuitas, potencia de pouco tempo, não pediram nada, mas entraram logo a tomar posse do que lhes viesse ás mãos.

Foi nas *Missões* [1] que a companhia de Jesus encontrou os elementos da influencia occulta ou invisivel, mas sempre real e terrivel, de que tinha gosado na Europa.

Já vimos n'um dos primeiros capitulos d'este livro como Francisco Xavier, durante a sua missão de dez annos, lhes soube preparar os caminhos, salvo na China onde a morte o impediu de entrar. O Japão, rebelde aos esforços do missionario, devia de excitar ardentemente a cubiça dos jesuitas.

Francisco Xavier nada ou quasi nada conseguira d'elles; e quando lhes prégava que renunciassem os prazeres, que desprezassem os bens e os gozos terrenos, o proprio padre Charlevoix confessa que os japoneses o consideravam doido. Os successores de Francisco Xavier na missão do Japão foram mais habeis do que elle; e pondo em pratica a devoção facil, a moral accommodaticia, conseguiram não ir d'encontro ás idéas, quaesquer que ellas fossem, dos povos que elles queriam explorar, ou se preferem: — christianizar á sua maneira. Nem sequer pensaram em tomar a praça d'assalto; pelo contrario, foram entrando com pés de lã,

[1] A sociedade de Jesus tem seis especies d'estabelecimentos, que são: 1.º os *collegios*; 2.º as *casas de noviciado*; 3.º os *seminarios*; 4.º as *residencias*; 5.º as *missões*; 6.º as *casas professas*. Só os tres ultimos pódem ser considerados como verdadeiros conventos d'esta ordem muito pouco religiosa. As *missões*, como o seu nome indica, são estabelecimentos fundados nos paises onde os jesuitas mandam alguns dos seus implantar a sua influencia, de preferencia a fazer conhecer o nome de Christo. Já vimos um exemplo d'estes quando tratámos dos jesuitas na Inglaterra. As *residencias* são casas professas quasi, por assim dizer embrionarias.

pelas viellas tortuosas, prestando-se sempre a todos os arranjos com os que se decidiam a seguir uma coisa, que os jesuitas alcunhavam de religião de Christo. Quanto estavam estabelecidos os termos da capitulação, os bons padres eram o mais condescendentes possivel.

— D'hoje em deante, diziam os japoneses vencidos e convencidos, queremos ser filhos de Christo e não de *Daï-Both* [1]. Já não tememos a *Jemma-O,* rei dos infernos, mas a Satanaz, o diabo dos christãos. Não ouviremos senão os bonzos negros da Europa, que não tingem de vermelhão uma metade do seu craneo rapado, como fazem os nossos *nègos* e os nossos *jemmabos*. Depois d'isto, quaes são as regras que elles querem impôr aos filhos do Japão?

— Muito poucas, responderam os jesuitas, em tom insinuante. Em primeiro logar observareis o descanço dos domingos e dias santos.

— Mas os bonzos da Europa não sabem que isso não é possivel? Todo o dia é um dia de trabalho para o japonês, qualquer que seja a sua situação.

— Pois sim; n'esse caso guardareis aquelles que puder ser.

— Mas já vos dissemos que isso é absolutamente impossivel!

— N'esse caso jejuareis, meus filhos; isto é essencial.

— Mas como pode isso ser, se estamos acostumados a comer tres vezes ao dia?

— Ah! se estaes acostumados... o caso é outro. Mas o que não fareis é ir aos pagodes adorar esses monstruosos idolos a que chamaes deuses... Sim?

— Isso faremos; salvo se o principe ou o imperador não mandar, como acontece muitas vezes, que vamos aos *tiras*, para agradecer ou implorar os grandes *sins* (deuses).

— N'esse caso, quando uma tal ordem vos obrigar, prostrar-vos-eis na frente dos idolos, mas rezareis a Jesu-Christo, e lhe offe-

[1] *Dai-Both* ou *Dai-Buth*, significa litteralmente o Grande Deus. Alguns auctores pensam que este Dai-Both é o mesmo que *Amida*, a quem já nos referimos n'uma nota anterior; outros confundem-o com Xaca ou Budhu, cujo nome ficou para designar a seita do budhismo.

recereis a homenagem que exteriormente prestaes a *Jebisu* ou a *Dai Koku*, a *Fatziman* ou a *Fottei*[1].

— Os bonzos da Europa são engenhosos e grandes doutores; faremos o que elles dizem, visto que queremos ser seus irmãos.

— O baptismo vos fará tal qual nós somos. Vinde, pois, com vossas mulheres e filhos receber essa agua salutar e regeneradora.

Os japoneses assim catechizados deixavam-se alegremente baptisar; mas raros eram os que levavam os filhos, e nunca levaram nem as mulheres nem as filhas.

Segundo a maioria das noticias que temos d'estas regiões, os japoneses creavam seus filhos com meiguice nunca ralhavam com elles, e se os viam manifestar repugnancia por qualquer coisa, não teimavam, deixando ao tempo e á persuasão a execução do que tinham projectado. Quanto ás mulheres, os japoneses como os chineses, extremamente ciumentos, não as expunham, senão o mais raramente possivel, ás vistas de extranhos. Comprehende-se, assim, a sua repugnancia em levarem as mulheres e filhas aos benzos da Europa, deante dos quaes seriam obrigadas a descobrirem a cabeça para receberem o baptismo. E era tal a força d'este uso, que os jesuitas, temendo uma derrota, preferiram conceder ás japonesas o nome de christãs, sob palavra, e sem nenhuma das cerimonias impostas pela Egreja. Os proprios missionarios da S. J. confessaram que nunca administram o baptismo e a extrema-uncção a mulheres.

D'esta maneira velhaca, qualquer é missionario.

Em 1633 e 1636 tres religiosos, os padres Antonio de Santa Maria, Francisco d'Almada e João Baptista Moraes, accusavam solennemente os jesuitas de misturarem as crenças christãs com os ritos pagãos; de desnaturarem a doutrina da Egreja apropriando-lhe crenças gentilicas. As queixas subiram á cadeira pontificia, e um breve de 1645, renovando outro de Paulo III, ordenava a observação do ritual e a pureza do ensino. Os jesuitas reagiram contra o breve, e accusaram os seus accusadores das faltas que elles commettiam, e desculpavam-se da má observancia do ritual pela falta de padres; mas no momento em que outros de outras ordens religiosas se promptificavam a ensinar e a administrar os sacramentos, não o consentiam, e preferiam que os novos convertidos morressem sem confissão a serem confessados por um franciscano ou dominicano. O mesmo fizeram quando, em 1619 rebentou no Japão uma perseguição contra os catholicos[1]. Os jesuitas, querendo a todo o transe conservar a sua fatal influencia, impediram os missionarios dominicanos de confessarem os desgraçados que as torturas dizimavam sem cessar, e de lhes administrarem os sacramentos, isto sob pretexto, de que as parochias onde os seus rivaes queriam exercer o mister de sacerdotes de Christo lhes pertenciam a elles jesuitas... que o não exerciam.

Na doutrina dos bons reverendos, a perda das almas é nada em comparação com a perda do predominio!

E como se tudo isto fosse pouco para a congregação de Loyola, os seus membros inventaram uma vida de Christo para uso dos asiaticos; como, dois seculos depois, um outro inventará uma historia de França para uso dos seus discipulos.

N'esta historia de Jesu-Christo, elle não nasce n'uma mangedoura, mas nas purpuras d'um leito real, vive no meio das honras, morre gloriosamente, e nunca sobe o infamante patibulo da cruz! O *Memorial* do dominicano Diogo Collado faz a accusação em fórma e terrivel. Para lhe destruirem o effeito, os jesuitas da Europa annunciaram que tinham em seu poder documentos que desfaziam por completo as accusações de Collado. Collado desafiou os a que os publicas-

[1] Jebisu é o Neptuno japonês; Dai-Koku o seu Plutão; Fatziman, o seu deus Marte; Fottei é a divindade que preside aos prazeres. Tossitoku é a Fortuna japonesa; Jakuti é simultaneamente Apollo e Esculapio. Darma inventou o chá, quinhentos annos antes de J. C., segundo a lenda de *Sin*.

[1] Leia-se — *Sumario de varias cosas ácerca de lo religiosos de Santo Domingo y de la companía*. N'esta obra encontra-se uma carta em mau latim do jesuita o P.e Zola, que confirma plenamente a accusação.

sem, mas a santa gente houve por melhor não se defender!

Mas como haviam de elles ter tempo para os officios de missionarios, se todas as suas horas eram occupadas com o movimento dos seus armazens, e na expedição das mercadorias que n'elles amontoavam!

Esta transformação de missionarios em traficantes, — n'isto os imitam os missionarios protestantes dos nossos dias, — causa reparo mas explica-se, quando attendermos a que os jesuitas tiveram sempre por fim principal, se não unico, angariar elementos de força para luctarem na Europa. As missões lhes offereciam occasião de ganharem a gloria que fascina e cega, a riqueza que suborna e corrompe; e eis porque tão diligentes se mostravam n'ellas. E eis porque procuravam obter por assim dizer a sua adjudicação dos reis e papas, mas adjudicação com o exclusivo. Ainda hoje é esse o seu processo; e a obra simultaneamente missionaria e mercantil da *Propaganda fide* no oriente asiatico, não é mais do que a continuação das antigas *missões*.

O jesuita Mena seduz a confessada

Os jesuitas desculpavam aos japoneses todas as faltas em materia religiosa, menos que faltassem com as offerendas ás suas egrejas, entre as quaes preferiam as barrinhas de ouro e prata, as pedras preciosas e as sedas.

Accusados d'este mercantilismo tão contrario á doutrina christã, os reverendos negociantes começaram por negar o facto. Como este fosse claramente provado, abaixaram o tom, e o jesuita Cevicos confessou que apenas tinham exportado *alguns* fardos de sedas. Quaesquer que fossem os euphemismos empregados para disfarçarem as negociatas, nunca enganaram ninguem, e até um dos geraes, Thyrsis Gonzales, para dar uma especie de satisfação publica, ordenou que os jesuitas se desfizessem dos **seus navios**. Escusado será dizer que não fizeram mais que mudar temporariamente de bandeira e o jesuita Mendoza confessa «que a S. J. possue enormes rendimentos, e que nenhum homem, por muito avido e ambicioso que seja, possuiu nunca tantas riquezas».

É caso para repetir com o nosso povo:

«Quem cabritos vende e cabras não tem,
d'algures lhe vem!»

Em 1614, foi publicado,—para que dos negocios mercantis dos reverendos padres não ficassem duvidas—o contracto feito entre os armadores de Dieppe e o superior da *missão* da Nova França e Ennemont Massé da companhia de Jesus, para o carregamento do navio a *Graça de Deus*. Os padres Biard e Massé, como representantes da S. J., tinham direito a metade de todas e cada uma das mercadorias, vitualhas, abonos, e geralmente da totalidade da carga do mencionado navio.

# LV

## Lobos contra cordeircs

Allegando que Francisco Xavier tinha estado a prégar o Evangelho no Japão, os jesuitas pretendiam ter adquirido n'estas vastas regiões um direito exclusivo de propriedade; e, por surpreza, alcançaram de Gregorio XIII uma bulla que muitos dos seus successores foram obrigados a revogar, e que determinava: «Que nenhum padre ou religioso, excepto os da companhia de Jesus, fosse ao Japão, sem auctorisação expressa da Santa-Sé, quer para prégar o Evangelho, ou para ensinar a doutrina christã, para administrar os sacramentos ou para exercer quaesquer funcções ecclesiasticas, e isto sob pena d'excommunhão maior.» Este papa mandava mais: que esta bulla fosse lida onde quer que os padres da companhia o julgassem necessario.

Os missionarios apostolicos desejam e não temem a concorrencia e a cooperação; mas os negociantes esfaimados querem privilegios exclusivos. Os jesuitas não pódem negar que o papa, publicando esta bulla, cedeu ás suas insistentes solicitações, e o jesuita Colin, de quem se dizem maravilhas nos catalogos dos escriptores da ordem, confessa ingenuamente o facto. Reconhece mais, que a S. J. o solicitou para impedir que os religiosos d'outras ordens fossem ao Japão; e pretende que foi um grande acto da companhia tel-o alcançado. «Praza a Deus, diz este jesuita, que isso sirva de exemplo para a China, para a Tartaria, para o Mogol e outras nações da Asia.»

Em virtude d'este privilegio, os jesuitas governaram por muito tempo e sem bispo o vasto imperio do Japão, que então contava sessenta e seis reinos e mais de duzentas provincias. Tinham um dos seus que haviam feito sagrar bispo; mas que obrigavam a estar em Macau, sem lhe consentirem que puzesse pé no Japão; e ai do religioso de qualquer outra ordem que se atrevesse a querer trabalhar na vinha do Senhor, em terrenos que os jesuitas julgavam ser sua propriedade exclusiva, que começava por ser excommungado, e depois banido por todos os meios, se antes d'isso não concitavam contra elle uma sedição. De fórma que os religiosos d'outras ordens, principalmente os dominicanos e franciscanos, que se iam introduzindo no Japão, a maior lucta que tinham a sustentar era com os reverendos padres, aos quaes muitos d'aquelles tiveram a audacia imperdoavel de quererem sujeitar ás practicas orthodoxas. Caro o pagaram; bem como as queixas que faziam d'elles aos pontifices.

O exemplo mais frisante da perseguição dos jesuitas aos missionarios e padres d'outras ordens, é a que elles promoveram contra D. Luiz de Sotelo, um missionario verdadeiramente segundo o espirito do Evangelho, nomeado bispo de Oxus pelo papa Paulo V.

Pois foram taes as perseguições dos jesuitas, irritados por esta nomeação, vendo n'elle principalmente um homem que procuraria impedir os seus abusos, e muito principalmente o seu mercantilismo, que empregaram todos os meios de o demorar longo tempo nas

Filippinas. Por fim Sotelo, tendo encontrado modo de illudir a vigilancia dos agentes dos loyolas, teve occasiões de se embarcar n'um junco chinês que se fazia de vella para o Japão. Ora durante a sua ausencia, severas ordens tinham sido dadas pelo rei da ilha de Yeso, onde era a diocese de Sotelo, para que os christãos fossem perseguidos, e condemnado á morte quem quer que lhes desse guarida. Por certo os negociantes chineses, que tinham recebido Sotelo a seu bordo, temeram expor-se ás consequencias da presença do bispo de Oxus entre elles. Mas ha quem affiance, provas na mão, e entre outros o padre Diogo Collado, que os jesuitas impelliram os chineses a entregar o prelado aos seus perseguidores. O veneravel bispo, entregue aos commissarios imperiaes em Nanganaki, na ilha de Kinbiu, foi lançado n'uma prisão, e por fim conduzido ao derradeiro supplicio, ao martyrio, na cidade de Ormura.

Os jesuitas estavam vingados da carta de accusação, que o veneravel apostolo tinha escripto contra elles, e enviado ao pontifice, na qual se leem periodos como este que citamos para amostra, embora seja um dos mais benignos:

«Que direi eu, Santo Padre, do escandalo, do vexame, e da perturbação, que este procedimento (o dos jesuitas) causa entre os fieis? Não ha palavras para o narrar! A maneira de obrar dos jesuitas é a causa de que muitos esfriem na devoção, e o que ha de peor ainda, é que a maior parte perde a fé. Segue-se d'ahi que os infieis vendo este motivo d'escandalo, fazem da nossa lei o assumpto das suas mofas. Alguns ha que imaginam que ha dois deuses em a nossa religião: um que é rico e poderoso, e o outro humilde e pobre que é desprezado pelo rico...»

Fizeram mais e peor, e a historia registou o facto de elles terem feito prender por soldados armados, junto ao altar onde se achava com o sacramento nas mãos, revestido dos paramentos episcopaes, cercado do seu clero, o arcebispo de Manilla, que levaram amarrado, deitaram-n'o n'uma barca, e o foram desembarcar n'uma ilha deserta [1].

Querem os leitores saber o crime d'este *malvado*, que obrigou os *santos* jesuitas a um desacato sacrilego? Este prelado, que se chamava Hernando Guerrero, tinha recusado aos jesuitas de Manilla um terreno que separava o arcebispado da casa dos reverendos padres, que era da maior conveniencia para estes, e que além d'isso tinha censurado em publico a vida escandalosa dos jesuitas, e queixado d'elles para Roma!

Nas desculpas que tentam dar d'esta perseguição, o mais que podem dizer em seu favor, é que não levantaram a mão sobre o prelado, senão quando elle, um octogenario, vencido pela fadiga, deixou cair o sacramento de sua mão enfraquecida e tremula! Preciosa distincção, digna dos discipulos d'Escobar.

[1] Ver sobre o assumpto, para que se não julgue uma invenção de libello, na *Defensa canonica* a carta escripta ao rei d'Hispanha, por Mg.rs Palafox, outro prelado perseguido pelos filhos d'Ignacio.

Carlos III

# LVI

## Perseguidores e perseguidos

As intrigas incessantes dos jesuitas, a sua intervenção nas questões politicas do imperio, foram as causas primeiras de muitas perseguições de que os christãos foram victimas, e por vezes tambem os proprios jesuitas.

Assim foram elles que persuadiram a um rei de Arima, que se fizera christão á moda jesuita, que reclamasse certas provincias que o cubo [1] lhe tinha tirado. Este rei julgava ter poder sufficiente para se medir com o seu suzerano, e, se ficasse vencedor que magnifico porvir para os jesuitas que lhe haviam aconselhado a lucta! Os bons padres tinham tido a cautella de fazer desherdar o filho mais velho do monarcha, que se não queria fazer christão [2], em proveito do seu segundo filho, baptisado pelos missionarios jesuitas, e que era inteiramente governado por elles. Parece que um tal Daïfaqui, secretario de certo ministro imperial, que lhes servia de intermediario e d'espião, vendo que o que não devia passar d'uma intriga de côrte se ia convertendo em rebellião, denunciou o trama ao imperador. O rei d'Arima foi decapitado; e o padre Morejon, jesuita, que tinha delineado o negocio, só a muito custo escapou... mas sempre escapou.

Quasi pelo mesmo tempo, outro jesuita representou um papel differente junto do rei de Oruma. Este principe, que reinava n'uma parte da ilha de Kiusiu, tinha recebido o baptismo, e tratava favoravelmente os jesuitas. Mas, além de ser o seu país um dos menos ricos do Japão, os bons padres desejavam, á custa d'este rei, serem agradaveis ao cubo. Convidaram o imperador a mandar uma armada ao porto de Nangasaki, capital do reino de Oruma, promettendo, por meio dos seus neophytos, de lhe entregarem o rei e a cidade. O imperador aproveitou-se d'esta traição; e recompensou dignamente os seus auctores. Tão depressa se viu senhor de Nangasaki, que d'alli expulsou os jesuitas e todos os seus adherentes, proclamando que não podia ter confiança nos homens que tinham vendido o seu bemfeitor.

Expulsos d'um logar, os jesuitas iam refugiar-se em outro, e continuavam publica ou clandestinamente a recrutar neophytos, e a colher conversões, ou, em bom português, a arrebanharem contribuintes, fim quasi unico das suas missões, e motivo por que elles as queriam fechadas aos outros missionarios.

N'uma revolta contra Nobunanga, antepenultimo cubo da raça imperial, ha sérias presumpções de que os jesuitas se não estavam d'accordo com Aquéki, o general revoltado, foram elles que impediram outro general, Ucondono, de correr a defender o cubo, fazendo com que presenciasse a lucta desesperada do imperador sósinho contra os revoltosos, e por fim o incendio do seu palacio. Ucondono era baptisado.

Com a subida ao throno do filho de No-

[1] *Cubo* é o chefe temporal de todo o governo; *Dairc* o espiritual. Até 1585 os dois poderes estiveram juntos no mesmo individuo.

[2] Ha mesmo quem affirme que os jesuitas insinuaram, que, no interesse da religião que tinha abraçado, devia tirar, a este filho idolatra, uma vida, que elle não queria consagrar a Deus.

bunanga nós assistimos ao predominio dos jesuitas no imperio.

Não é aqui o logar, e com bem magoa o dizemos, de fazer a historia do Japão, e das traições politicas em que os jesuitas se acharam sempre envolvidos. Outras paragens nos esperam, e onde, como aqui, encontraremos estes sectarios mais entregues á politica e aos negocios do que á sua missão evangelica.

Se o dictado diz que: «quem semeia ventos colhe tempestades», nunca foi elle tão certo como no Japão, onde as intrigas politicas dos jesuitas desencadeavam o vendaval perseguidor, que muitas vezes os envolvia; e que se muitos o affrontaram com coragem de martyres, outros deram o miseravel exemplo da tergiversação, da fuga, e até da apostasia!

A idéa primitiva das missões baseada na fé como guia, e no amor como meio, foi grande e boa, bella e santa. Havia n'ella um forte laço que podia um dia reunir gloriosamente os fragmentos dispersos pelo mundo da grande cadeia humana. Estará o christianismo privado para sempre d'essa immensa gloria?

Não o sabemos; mas se assim fôr queixe-se dos seus ministros desastrados, cupidos, brutaes, sanguinarios e infieis ao seu mandato, e principalmente dos jesuitas.

O cubo Xogun-Sama, depois de ter solemnemente fechado o seu imperio aos jesuitas e ao credo que elles ensinavam, tinha permittido, parece que n'um interesse commercial, que residissem em Nangasaki, cidade quasi toda christã, e onde o exercicio do culto era publico. Os jesuitas, julgando a tempestade desfeita, começam a espalhar-se em catechese pela archipelago; então uma horde de algozes cae sobre o christianismo japonês. Todos aquelles dos seus membros que não quizeram abjurar as suas crenças são condemnados a horriveis tormentos, que só a morte, mas uma morte demorada e lenta, termina. Os carrascos queimam, decapitam, vasam metaes derretidos nas feridas que abrem nas carnes, esfacelam estas a chicote, e violentam as mulheres, antes de as matarem. Pareciam em barbaridade quererem imitar o que na mesma epocha a santa Inquisição andava commettendo em nome de Christo!

Os christãos japoneses deram milhares de victimas á perseguição; e entre elles, houve rasgos de verdadeiro heroismo. Tal houve que a si proprio se foi denunciar!

Entre essa multidão de martyres figura um mulher portuguesa, condemnada a morrer queimada, com seu filho, uma creança de quatro annos! Já as chammas lhe lambiam as carnes, quando a creança, n'um desespero que se não descreve, pedia á mãe que a salvasse. A pobre mulher, a quem os gritos do filhinho tinham despedaçado o coração de mãe, pediu aos algozes que apagassem as chammas, que ella estava por tudo quanto elles quizessem, comtanto que lhe salvassem o filho. Mas no momento em que o amor materno assim se revelava, e que tudo sacrificava á conservação do filho, passava um jesuita, arrastado pelos executores das sentenças imperiaes, e impoz á mãe o sacrificio do filho. Ella então apertou-o com delirio ao peito, e para não ouvir os seus gritos dilacerantes, começou a cantar a *Salve Rainha*. A creança, suffocada tanto pelo abraço materno, como pelo fumo, apenas gemeu por alguns instantes. A mãe ainda cantou por algum tempo o seu hymno entre as chammas, até que a morte a emmudeceu.

Estes miseraveis, que impõem sacrificios d'estes a uma mãe, por certo nunca tiveram filhos; e quando os haviam, lançavam-os aos cães.

Em quanto as mulheres assim morriam em confissão da sua crença, quatro jesuitas, Christovam Ferreira, João Morales, João Baptista Porro e Diogo Mourai apostatavam, renegavam o seu Deus e a sua religião; e um d'elles, o Ferreira, chegou a presidir ás torturas infligidas aos seus antigos neophytos. Quem sabe mesmo se elle não apostatou por ordem superior, para ser um commandatario nos negocios e um protector junto do Xagun.

Em 1635 já quasi não havia christãos no Japão, e desde muito que os jesuitas tinham retirado para irem estabelecer as suas casas commerciaes em paragens mais seguras e mais lucrativas.

# LVII

## Os jesuitas mandarins

A fama das conquistas levadas a effeito pelos europeus na India, tinha augmentado a desconfiança nata dos chineses para com os extranjeiros, que elles confundiam como sendo todos d'uma mesma nação. Foi em vão que, em 1581 e 1582, os padres Miguel Ruggieri e Pazzio, da S. J. tentaram estabelecer-se na China. Os dominicanos, maltractados no Japão pelos seus rivaes, tinham egualmente tentado entrar no imperio, mas sem resultado. Entretanto a companhia não desanimava e ia educando um adepto do noviciado de Roma, Matheus Ricci, para realisar os seus intentos no reino dos celestes.

Matheus Ricci é, depois de Francisco Xavier, aquelle dos missionarios que se tornou mais celebre, e de quem os seus socios mais teem exaltado a gloria. Se ainda o não canonizaram, só se pode attribuir o facto á proverbial ingratidão dos reverendos padres.

Matheus Ricci foi para Roma em 1568, ahi estudou tres annos de direito, findos os quaes entrou, na edade de desoito annos, como noviço para a S. J.

Ricci, de começo preparado para a missão da China aprendeu mathematica, astronomia e chimica, adquiriu noções de artes mechanicas, principalmente de relojoaria, desconhecida dos celestes, e a fundo a lingua d'estes, porque tinha pouca confiança de conquistar adeptos pelos meios mimicos de Xavier.

Quando se julgou bem sabedor da lingua, embarcou para Cantão, que era, ao tempo, o local onde se fazia o commercio com a China; mas n'essa occasião já os jesuitas tinham sido assignalados como perigosos intrusos. A fama das victorias e conquistas portuguesas haviam amedrontado o imperador da China, e Ricci julgou, no momento mais acertado, ir para Macau.

Nos começos de setembro de 1583, por ordem dos seus superiores, embarcou para a China, e em dez dias chegou a Tchan-Tchen, mas disfarçando a sua qualidade de jesuita, pela de mestre em astronomia e chimica, trajando á maneira dos *lettrados*, e procurando fazer conversões por meio de insinuações e como quem trata de religião por mero passatempo intellectual.

Existiam na China tres seitas principaes: a de Fô, a de Lauzu ou Li-Laokun, e a de Confucio. Os sectarios de Fô são uma especie de atheus pyrrhonicos, que professam que tudo na terra é illusão, que só real é o nada, que faz, pela sua simplicidade, a perfeição de todos os seres, e com o qual todos se devem confundir por uma soberana quietação da alma, um adormecimento completo do espirito. Os partidarios d'esta seita existem principalmente nas classes baixas da sociedade chinesa. A religião de Li-Laokun é uma especie de epicurismo misturado com stoicismo. O estado perfeito n'esta seita é o bem-estar, a que elles chamavam apathia. E' a religião dos ricos. A terceira seita, mais elevada, e na qual as crenças são mais puras e os adeptos mais intelligentes, a seita dos *lettrados e dos philosophos*, considera

Confuico com o seu Deus, e professa uma moral que por tal fórma se approxima da de Christo «que, segundo o padre Martini, dir-se-ia que Confucio teve uma inspiração divina que lhe correu o veu dos nossos santos mysterios.» O padre La Comte, missionario jesuita, ajunta «que quasi se julgagaria que Confucio não foi um puro philosopho, formado pela rasão, mas um homem

Os jesuitas negociantes

inspirado por Deus para a reforma d'este novo mundo.»

Os mandarins e geralmente toda a côrte imperial, eram uma subdivisão d'esta seita porque a doutrina de Confucio tem soffrido muitas interpretações.

Pelo que se vê, todas estas seitas têem uma idéa pouco distincta de Deus; e tanto que na lingua não existe palavra para expres-

sa o que nós entendemos como Deus. As suas differentes divindades são concebidas um pouco á maneira do euhemerismo, isto é, homens que depois de uma passagem mais ou menos longa, foram habitar o céu. O céu é o proprio Deus para os chinesês, isto é, uma intelligencia suprema que se estende sobre a terra e o resto dos mundos que os faz nascer, conserva ou destroe, para os fazer renascer de novo, porque os chineses creem geralmente na metempsycose.

Vê-se já a grande difficuldade de fazer comprehender o grande mysterio da Trindade a povos que não teem uma idéa precisa de Deus, e nem sequer palavra para a exprimir. Ricci, no dizer do seu biographo e socio o padre d'Orleans, ladeou a difficuldade da seguinte maneira. Compoz para uso dos chineses um pequeno catecismo onde quasi que não incluiu senão os pontos *conformes á luz natural*, isto é, os que humanamente se comprehendiam; não dizendo, pois, uma unica palavra nem da Trindade, nem do nascimento de Christo, nem da Redempção, nem de nenhum dos mysterios do christianismo! O que fez dizer a um critico, aliás moderado, Moreri, no seu diccionario, que o systema adoptado pelo padre Ricci «nunca seria capaz de instruir esses pobres infieis na verdade dos nossos mysterios.» Prova isto, mais uma vez, que em toda a parte os jesuitas se não serviram do christianismo senão como um excellente pretexto, que com arte, sabiam adaptar ás circumstancias, e que punham de parte, como bandeira esfarrapada, desligada da sua haste d'oiro.

Apesar de tudo isto, apesar das precauções de que usava o padre Ricci, apesar da sua deferencia pelas idéas dos discipulos de Confucio, apesar dos serviços que prestava aos lettrados a sciencia que lhes communicava, apesar dos presentes que fazia aos mandarins, e a astucia com que procurava tel-os propicios, a sua missão pouco ou nada augmentava. Os mandarins e os lettrados acolhiam bem o missionario, mas o povo não o podia soffrer, e cada vez lhe manifestava maior hostilidade. Em vão, para se popularisar, Ricci se mostrava vestido á chinesa como os lettrados, sectarios de Confucio, e assim fazia vestir os seus companheiros. Apesar d'isso a populaça amotinada por alguns *hochans*, padres de Fô, aggrediu os dois companheiros de Ricci, que, menos prudentes do que elle, quizeram por ventura, prégar em publico. Expulso de Cantão, passou ao vizinho reino de Kian-Sy; depois vae a Nankin, e em 1495 chega a Pekin, capital do imperio chinês. Não se sabe grande coisa d'esta longa peregrinação, mas é de suppor que fosse mais uma excursão d'homem de sciencia acommodaticia, do que de ferveroso apostolo. A sua entrada na capital dos celestes foi assim contada:

«Por este tempo a Corêa tinha sido invadida pelos japoneses, e esta diversão no norte parece ter sido aproveitada pelos jesuitas no sul. Ricci accumulava as suas funcções de medico com as de mechanico, relojoeiro, astronomo e astrologo.

«Os seus confrades contam que um mandarim do mais alto grau, que o imperador Van-Lié chamara das provincias do sul para oppor á invasão japonesa, tendo um filho doente e á morte, foi consultar o missionario, que prometteu restituir a saude ao enfermo, com a condição que o pae o levaria, a elle missionario, a Pekin. Ricci fez a cura e o mandarim cumpriu a palavra, e nunca deixou de proteger o *lettrado* da Europa».

Entrado emfim na capital do celeste imperio, o mandarim, seu protector, para o introduzir na côrte, fez presente ao imperador, entre outros mimos enviados pelo jesuita, *d'uma sineta que tocava por si*.

Esta *sineta* era um relogio, então desconhecido na China, e que fez o espanto do rei, das suas mulheres e da imperatriz mãe, que passava horas esquecidas a admirar aquella engrenagem. Mas tanto lhe mexeram que o relogio parou, e Ricci foi chamado a toda a pressa. Introduzido á presença do imperador, este disse-lhe lastimosamente:

— Está morto!

— Mas resuscitará, filho do ceu, respondeu o missionario, accrescentando, como bom cortezão, se assim o desejaes.

E Ricci, dando corda ao *bicho* fez de novo ouvir o seu tic-tac regular aos ouvidos da ingenua majestade.

E foi assim que o padre Matheus Ricci conquistou as boas graças do imperador Van-

Lié, e se lhe tornou necessario, não só para lhe dar corda e manter em andamento a quantidade enorme de relogios com que lhe encheu o palacio, como por quaesquer outros meios. O certo é que foi debalde que o tribunal *Ci-pu*, esse guarda da orthodoxia dos dogmas de Confucio, solicitou do imperador que expulsasse o extranjeiro. Assim protegido, o missionario poz mãos á obra, e tratou logo de edificar uma egreja e de abrir um collegio jesuita.

Ricci morreu em 1610, deixando os negocios da companhia a bom caminho; o seu protector Van-Lié não tardou em o seguir ao tumulo. Mas a este tempo já os jesuitas, que accudiram ao chamado de Matheus Ricci, tinham manobrado tão habilmente, que eram tidos em grande conta na côrte imperial. E depois só elles sabiam concertar as famigeradas *sinetas* que faziam as delicias dos imperantes, bem como afinarem uma espinheta que Ricci tinha dado de presente ao imperador. No reinado do successor de Van-Lié, os jesuitas estabeleceram uma academia em Pekin, onde recebiam como membros os lettrados e mandarins.

A fim de assegurarem a influencia crescente de que gosavam na China, os missionarios jesuitas, tentaram ver se podiam introduzir no povo o respeito pela cruz, cuja significação tinham tido o cuidado de occultar até alli. Por muitas vezes se viram apparecer da noite para o dia signaes de cruzes, abertas nas pedras. Uma chamma brilhante que tremulava acima da terra, indicava quasi sempre d'antemão a presença do symbolo christão aos neophitos e aos seus habeis directores, que logo se davam pressa de correr em grande pompa processional para extrairem o emblema sagrado, de que assim faziam objecto d'uma devota escamoteação.

Em 1696, fizeram mais e melhor, fizeram a *invenção*, (é esta a palavra) d'uma lapide de marmore na qual se lia, «em caracteres chins e egypcios ou cophtas, que no anno 636 de Jesu-Christo, certos padres tinham ido áquellas paragens annunciar um Deus *trino* em pessoa, a segunda pessoa da Trindade feita homem, a Virgem Maria, etc. e que quatro imperadores chineses tinham adoptado esta crença.»

O fim da *invenção* era mostrar aos chinas, o mais immovel dos povos do universo, e o que menos gosta que o sacudam na sua immobilidade, que tem, por isso, o mais profundo horror pelas novidades, que a religião christã não era coisa nova, nem mesmo na China.

Passaremos em claro a serie de agitações politicas, invasões e revoluções que alteravam a paz, as dynastias e o governo na China, durante estas epochas, e nas quaes, como em toda a parte, mais ou menos encontramos os jesuitas envolvidos, o que os sujeita a inttermitencias do mando ou de perseguições, nas quaes sempre padece a multidão christã, alheia ás intrigas dos seus irrequietos e intromettidos missionarios.

E' no meio d'esta indescriptivel confusão. que se extende por todo o imperio, que aporta á China o jesuita André Xavier Cofier, e é recebido pelo neto d'aquelle Van-Lié, tão protector dos homens dos relogios.

Este principe que se mantinha na provincia de Chan-Ly, acolheu graciosamente o jesuita, o qual lhe prometteu maravilhas, se elle se fizesse christão, ou, pelo menos, amigo dos jesuitas. Cofier, esperando concessões importantes d'este pretendente, se elle subisse ao throno, impellia-o a proclamar altamente as suas pretensões, e a mostrar-se disposto a sustental-as com vigor. O moço principe, tanto desejo tinha de ser imperador, quanto medo das consequencias que um desastre podia acarretar sobre elle, como tinha acontecido aos seus competidores. Cofier presagia-lhe mil victorias, e um reinado pacifico sobre o throno imperial, se elle consentisse em se baptisar, ou pelo menos em deixar baptisar suas mulheres e seus filhos. Tum-Lié consentiu n'esta ultima combinação, comtanto que os baptismos fossem clandestinos. Ora não era isso o que os jesuitas queriam, que só tinham empenho nas conversões imperiaes, para por meio d'ellas ligarem a si o imperador na presença dos seus subditos. N'esta occasião, uma das mulheres legitimas de Tum-Lié deu á luz uma creança do sexo masculino, que foi immediatamente atacada d'um mal subito. Aproveitando-se da occasião Cofier declara alto e bom

sem que a creança morrera se não for baptisada, e assim se conseguiu o baptismo do recemnascido.

Uma outra mulher do imperador resolveu-se a acceitar o baptismo, levada a isso por uma das muitas comedias inventadas pelos jesuitas para conseguirem os seus fins, e do genero de uma que já vimos ter surtido tão bom effeito com Francisco de Borja. Os jesuitas haviam-lhe feito presente d'um quadro representando o *Menino Jesus*. N'uma occasião em que ella passava na frente da imagem, uma voz, que parecia sair da tela, disse-lhe : «Se não seguires a minha lei, faço-te morrer!»

Apesar d'estes e outros milagres, as princezas, fieis ao gyneceu imperial, não queriam ser baptisadas pelo jesuita, mas pelo *Grande-Colao,* chanceler ou primeiro ministro do imperador.

A habilidade do jesuita corria risco de naufragar contra o immutavel rochedo da etiqueta chinesa. Que fazer? Uma noticia falsa, parece que feita de encommenda, caiu como um raio sobre o palacio. Dizia-se que o exercito imperial tinha sido batido pelo usurpador, que vinha a marchas forçadas acabar de destruir os restos da familia Tamingiana. Cofier corre, apresenta o baptismo como o unico meio de conjurar a desgraça imminente, e por tal fórma actúa no espirito assustadiço das mulheres, que no mesmo dia baptiza a mãe do imperador a quem chama Maria, e as suas duas esposas legitimas, uma das quaes recebe o nome de Helena, outra o de Anna.

Desmentida a noticia da derrota, o jesuita convence o rei que o baptismo das suas mulheres a tinha convertido em triumpho. Não se sabe ao certo se o imperador se baptisou ou não; o que não offerece duvidas é que, querendo conhecer o horoscopo do filho baptisado, o padre Cofier se encarregou d'isso, como o faria qualquer astrologo chinês e prognosticou gravemente «que a creança seria feliz por ter nascido á meia noite, á mesma hora que o Filho de Deus, e que estando o sol conjugado com o signo do Dragão, seria como um sol que daria brilho a toda a China, evidentemente representada pelo dragão. Tum-Lié, encantado com a prophecia, mandou presentes riquissimos ao collegio dos jesuitas em Macau, e encheu de bens e honrarias o padre André Cofier e os seus companheiros.

Mas ao mesmo tempo que o jesuita assim prognosticava um feliz destino ao filho de Tum-Lié, representante dos imperadores legitimos do celeste imperio, um seu confrade representava o mesmo papel junto de Chun-Tchi, filho de Vsan-Quei, o usurpador, e promettia-lhe, na sua qualidade de astrologo, para elle e sua descendencia, a posse gloriosa e bem depressa tranquilla do throno imperial. Este socio, o padre Adão Schall, foi egualmente abarrotado de honrarias e presentes por Chun Tchi, como o padre André Cofier o fôra por Tum-Lié.

Mas como a victoria dos dois era impossivel, os jesuitas trataram de viver bem com ambos, prognosticando a um e a outro victorias sobre victorias, até o momento em que o usurpador Vsan-Quei cáe com todos os seus tartaros sobre as provincias que ainda reconheciam a auctoridade de Tum-Lié, conquista-as, derrota as tropas imperiaes, e aprisiona o infeliz principe com toda a sua familia. Immediatamente faz degolar o descendente de Van-Lié, e seu filho, aquelle a quem Cofier tinha promettido um brilhante destino. Mas como o padre Schall tinha predicto a victoria a Chun-Tchi, e como o padre Schall era superior de Cofier, e Chun-Tchi, mais poderoso que Tum-Lié, a profecia de Adão Schall é que foi considerada como verdadeira.

O prestigio dos jesuitas era devido ás nigromancias astrologicas de Schall, sobre o espirito do tartaro conquistador. Quando este morreu, em 1661, pouco mais de cincoenta annos depois da chegada á China do padre Ricci, os jesuitas já alli contavam trinta e oito residencias e cento e cincoenta egrejas.

Foi durante a vida de Chun-Tchi, que o padre Adão Schall obteve as honras e o titulo de mandarim de primeira classe.

[1] Este episodio é textualmente copiado da *Briefve Relation* do muito reverendo padre Boym. Eis pois os nossos amigos jesuitas transformados em astrologos e adivinhos; officios que na Europa, e até alli mais perto, em Góa, tinham levado muita gente á fogueira em nome de Deus.

O que diria Francisco Xavier, se resuscitasse e visse o seu successor de palanquim, carregado por quatro homens, protegido do sol, avançando entre as zumbaias do povo, elle, apostolo, que sempre andou descalso, a pé, sem comitiva e carregando os pouco fornidos alforges?!

Exequias de Lourenço Ricci (*Estampa caricata do seculo* XVII)

Esta situação permitte aos jesuitas derivarem, para os seus thesoiros em Roma, rios de dinheiro alcançado, Deus sabe por que meios, na China.

Infelizmente Chun-Tchi morreu moço ainda, deixando por herdeiro uma creança. Tal era a influencia que o padre Adão soubera conservar até o ultimo momento sobre o espirito do monarcha chinês, que este, ao expirar, lhe confiou a educação e a tutella de seu filho e successor. Os jesuitas tratam logo de aproveitar esta menoridade, que lhes entrega, com a pessoa do soberano, as rédeas frouxas do seu immenso imperio. Entre Roma e Pekin trocam-se ambiciosas palavras. Sobre toda a superficie do imperio chinês, formam-se e disciplinam-se batalhões de neophytos jesuitas [1] ás ordens dos reve-

[1] Propositalmente descrevemos *jesuitas* em vez de *christãos*, visto que pouco ou nada havia de commum entre jesuitismo e christianismo.

rendos padres. A Europa escuta admirada os ruidos mysteriosos que lhe vêem d'essas longiquas regiões da Asia, e vê que sobre elles se extende a negra capa do jesuita, prestes a empolgar a China, e todo o extremo oriente, constituindo alli um reino organisado á feição bestial do que já tinham no Paraguay.

De repente, sabe-se que o christianismo foi proscripto na China, que os jesuitas foram banidos, e que o padre Adão Schall fôra precipitado do mais elevado degrau do throno, n'uma masmorra, para d'alli caminhar ao supplicio. Tal noticia era verdadeira. As perpetuas intrigas, a desmedida ambição, a incessante e insaciavel avidez dos filhos de Ignacio, as suas eternas questões com os missionarios de outras ordens, acabaram de suscitar no celeste Imperio uma nova convulsão, que se resolvera na expulsão dos reverendos padres. Os regentes do reino, nomeados por Chun-Tchi, segundo as indicações de Schall, e que lhe eram inteiramente devotados, tinham tentado luctar contra a tempestade que acabou por se desencadear contra os jesuitas, e tiveram que os abandonar, para não serem arrastados com elles. Comtudo o padre Schall teve ainda amigos e influencias que conseguiram livral-o da morte. Parece que, passados os primeiros terrores d'esta reacção, os jesuitas não tiveram que soffrer grandes violencias, as quaes findaram de todo, alguns annos depois, quando o filho de Chun-Tchi chegou á maioridade.

Foi então, que elles obtiveram uma especie de rehabilitação do padre Schall, a quem erigiram um magnifico mausoleu. Para mais uma vez accentuarem que o jesuitismo na China é coisa fundamentalmente alheia ao christianismo e differente da lithurgia catholica, a trasladação dos restos mortaes do padre Schall assumiu todo o desenvolvimento d'uma cerimonia pagã.

O prestito era formado por um pelotão de gente, abrindo a marcha e levando, á maneira chinesa, pendões representando figuras d'homens, de mulheres e de diversos animaes. Seguiam-se depois os sacerdotes de Confucio recitando louvores em honra do defunto; na frente do caixão, coberto de ricos pannos, sob um palio a cujas varas seguravam lettrados, ia uma duzia de creanças com defumadores de cobre á cabeça, perfumando o caminho. Apoz do caixão vinham os missionarios jesuitas, nenhum dos quaes trajava a negra roupeta, mas vestidos de sedas e galas á chinesa, ostentando muitos d'elles as insignias das altas dignidades com que o imperador os tinha amerciado. O successor do padre Schall, o jesuita Verbiest, vestido de grande mandarim, caminhava na frente d'esta mascarada, d'estes sacerdotes de Christo transformados em bonzos, d'estes modestos missionarios convertidos em soberbos dignitarios do celeste-imperio. Não esqueçamos — particularidade notavel d'esta trasladação d'um sacerdote catholico — que, segundo o costume invariavel dos chineses, os bonzos, levando as imagens de Confucio e d'outros santos da lenda china, se tinham incorporado no cortejo, do qual faziam tambem parte toda a especie de jograes, charlatães, saltimbancos, uns a largos passos sobre altas andas, outros montando cavallos rapidos ou aos saltos e cambalhotas pelas ruas, e tudo isto ao som dos gongs e dos tans-tans chineses, que constituia, com o estalar dos foguetes, o esfuziar das bixas de fogo, e o rebentar dos trac-tracs, o mais infernal de todos os ruidos!... [1]

Além de directores d'uma fundição de peças d'artilheria, — o que não parece ser a mais propria das missões d'um sacerdote, — foram os jesuitas encarregados da delimitação dos confins entre a Russia e a China, e com tal arte se souberam haver, que ambas as partes se deram por satisfeitas com o resultado diplomatico.

Parece-nos ter dito, não por certo tudo, mas o sufficiente para que o leitor possa fazer idéa do que foi o mandarinato jesuitico na China. Precisamos agora encarar esta gente sob outro ponto de vista; o unico que os devia ter levado á China, desde que se attreveram a desfraldar, como sua protectora, a bandeira do christianismo.

---

[1] Cf. ácerca d'estas honras funebres, Dapper, *Recueil d'Ambassades*, etc.

# LVIII

## Como elles missionavam na China

Para se estabelecerem na China, os jesuitas tinham lançado mão dos meios já empregados no Japão. O padre Ricci, o apostolo da China, não tinha organisado o seu catecismo, como elle proprio o confessa [1], senão com aquelles pontos da doutrina christã, á primeira vista comprehensiveis á rasão humana. Os successores d'este padre fizeram ainda melhor. Percebendo que os lettrados não gostavam de ver Confucio considerado em o numero dos condemnados, imaginaram presentear o grande philosopho chinês com uma especie de revelação, d'intuição da crença e dos dogmas da egreja catholica, e por consequencia d'um logar no ceu dos christãos [2].

Por outro lado, para não suscitarem nem desprezo nem perigos aos seus catecumenos, os jesuitas permittiam-lhes que escondessem as cruzes, que, segundo elles, não era o symbolo da redempção do mundo, pelo sangue de Deus! Directores indulgentes, consentiam aos seus neophytos a maior parte das suas antigas superstições. Assim, pois, elles podiam tomar parte na festa das *Lanternas*, na das *Almas*, nas de *Phelo*, o inventor do sal; que honrassem com um culto particular os idolos domesticos; que recitassem as suas *na-mo-o-mi-to fo* (rezas das contas chinesas) conjunctamente com o rosario catholico; que se munissem do *lu-in* (especie de passaporte para o outro mundo), comtanto que recorressem á Extrema-Uncção! Mais ainda, sob condição que se resgatariam por meio de dadivas mais ou menos avultadas, conforme as posses de cada um, feitos aos seus directores, podiam-se ter uma infinidade de esposas e de concubinas; tomar mulher entre as suas mais proximas parentas, e até entre as irmãs [1].

O que completa este retrato dos missionarios chineses, é que, como os chineses não teem idéa do Deus supremo, nem mesmo palavra para a exprimir, os jesuitas, para mais commodamente angariarem proselytos, contentaram-se em annunciar o Deus dos christãos á China com o nome de *Tien*, que significa o ceu e até o ceu material, segundo o padre Rhodes, jesuita, que faz esta ultima

[1] Cf. *Memorias* do padre Matheus Ricci, da S. J.

[2] Ver sobre o assumpto as *Memorias do padre Le Comte*, missionario jesuita na China, T. 1.º, *Historia da China*, do padre Martini, outro jesuita, livro IV; e ainda a *Moral de Confucio*, livro publicado em 1688, no qual Confucio se nos apresenta com doze apostolos como Christo, um discipulo bem amado, etc., emfim, segundo os missionarios jesuitas, Confucio teria sido um primeiro *typo* de Jesu-Christo. O abbade Renandot bem claramente revelou esta expressão e esta idéa, na sua *Dissertação sobre as sciencias dos chineses*.

[1] Navarrete (T. I.º) diz formalmente e como coisa que os missionarios jesuitas não negavam, que estes auctorisavam muitas vezes os chineses a casarem com suas irmãs. Segundo o mesmo historiador, a 16 de fevereiro de 17 1, Pedro de Moraes, jesuita, lhe disséra, em presença de testemunhas, que um missionario da companhia tinha dado dispensa a um irmão para casar com uma irmã, e que tendo esta morrido, este singular christão alcançára dispensa para casar com outra irmã.

e importante accusação aos seus socios. n'um diccionario d'este missionario, que foi impresso pela sagrada congregação...

A' vista d'isto, o que mais nos admira é que os resultados obtidos pelos jesuitas não fossem ainda maiores. E' verdade que o preço secreto que os bons padres punham ás suas commodas indulgencias, ás suas tão benignas dispensas, devia impedir que muitos neophytos passassem do limiar da egreja. Além d'isto os chineses eram talvez desconfiados de mais para não verem que uma religião tão facil, e tão cheia d'accommodações, não passava d'um pretexto para enriquecer os que a prégavam. Mas o peor, para os jesuitas, foi a entrada na China de missionarios d'outras ordens religiosas. Os franciscanos e os dominicanos tendo conseguido penetrar n'esta missão, — apesar de todos os exforços dos jesuitas, que chegaram a usar da violencia para com dois d'elles, fr. João Baptista Moraes e fr. Antonio Antonio de Santa Maria — levaram ao conhecimento do papa o que era no fundo o missionario jesuita na China.

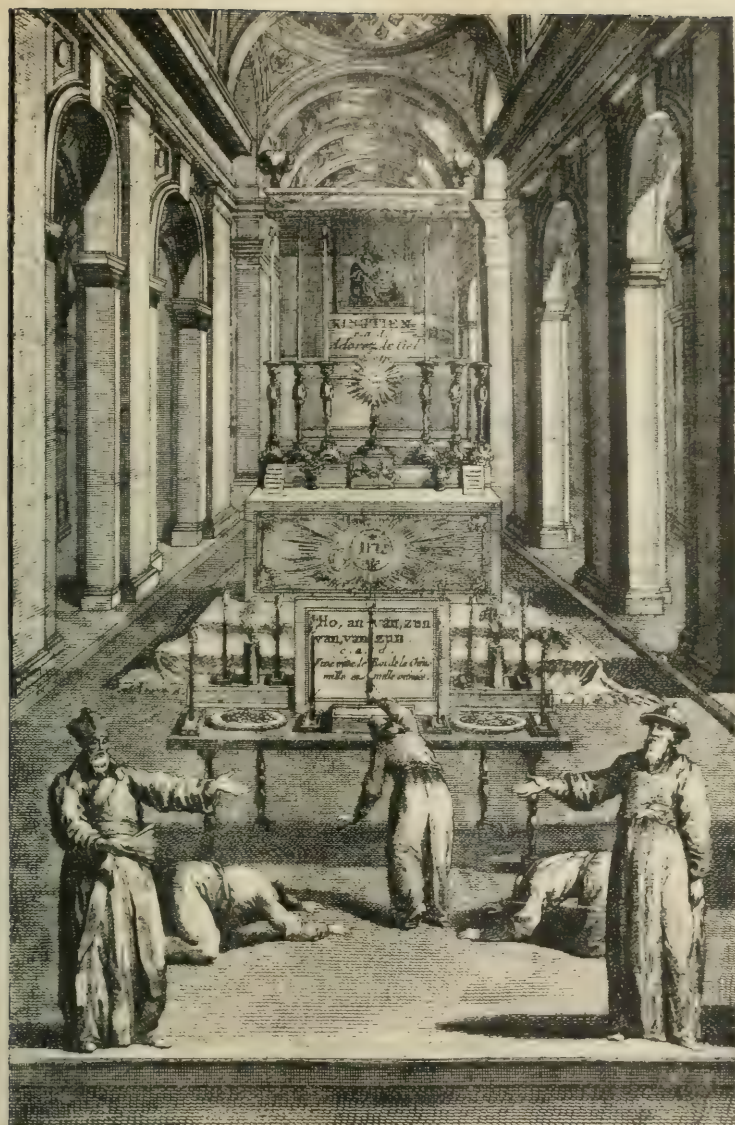
Em 1645. Innocencio X publicou um decreto, confirmando outro expedido no anno anterior pelo Santo-Officio, e depois de solenne deliberação dos cardeaes, pelo qual se determinava a todos os missionarios das Indias, e particularmente aos da S. J., que, de futuro, prégariam aos idolatras os dogmas da egreja catholica em toda a sua integri dade, e que não tolerariam resto algum de surperstição nos cathecumenos, quaesquer que elles fossem. O padre Morales, tendo voltado á China com este decreto, o deu a conhecer aos jesuitas em 1649, que fingiram recebel-o com a maxima humildade, mas não fizeram caso algum d'elle. O superior da companhia nas Indias escreveu ao padre Morales que elle e seus irmãos obedeceriam ao papa em tudo *que fosse possivel.* Não nos parece que se compromettessem demasiadamente com esta promessa. Os jesuitas da Europa fizeram attenuar por Alexandre VII o que incommodava os seus missionarios, e as coisas continuaram como até alli. Como se não via emenda nos jesuitas, os dominicanos mandam a Roma o padre Navarette, que foi depois arcebispo de São Domingos. A fim de se esclarecer sobre o assumpto, a Santa-Sé enviou á Asia tres vigarios apostolicos, escolhidos na congregação das missões, não tendo ligações algumas nem com os jesuitas nem com os dominicanos, e que pareciam dever ser fieis informadores. A fim de lhes dar um caracter mais sagrado, o papa revestiu-os da dignidade episcopal. Pois, querem saber como os jesuitas da China acolheram estes tres delegados do soberano pontifice?

Eis o que diz a esse respeito o secretario da Propaganda, relatando o respectivo processo:

«Os jesuitas começaram por difamar estes vigarios apostolicos nas reuniões publicas e até nas egrejas, e, dando origem a um condemnado schisma, fizeram crer ao povo que elles eram bispos hereticos, e que todos os sacramentos administrados por elles ou pelos outros padres eram nullos e sacrilegos, que mais valia morrer sem elles que administrados por taes mãos... Fizeram os transportar para Gôa, e serviram-se dos principes idolatras para expulsar os outros, chegando mesmo, para isto, a servirem-se de malfeitores e de apostatas.»

Peor ainda foi o que fizeram a um legado do papa, o cardeal de Tournon, enviado em 1706 para aplanar algumas difficuldades das missões asiaticas. Os jesuitas por tal fórma o perseguiram que se constituiram seus carcereiros, depois de obterem do imperador que o expulsasse da China, obrigando o a recolher-se a Macau. O cardeal, morreu n'esta cidade, onde, á hora da morte, conseguiu escrever uma carta para o bispo de Conon, que é uma das mais terriveis accusacões contra a S. J. «Saber-se-ha com horror, lê-se n'essa carta, que aquelles que deviam naturalmente ajudar os pastores da egreja são esses que os tem provocado e arrastado aos tribunaes dos idolatras, depois de terem tido o cuidado d'excitar contra elles o odio no coração dos pagãos, e levado esses pagãos a armarem-lhes laços e a opprimil-os com maus tractos; com despreso da dignidade episcopal e da santidade da religião.[1]»

---

[1] Estas cartas correm impressas; e pódem-se tam-

Interior de uma egreja jesuitica na China

Em outra carta, dirigida ao bispo de Auren, diz o prelado que os jesuitas foram mais barbaros com elle de que os gentios.

Aos jesuitas chama «homens que sacudiram inteiramente o jugo da obediencia e do temor de Deus».

D'estas cartas colhe-se como certo que os loyolas, dispondo do animo do imperador, iam até obter sentenças de morte contra aquelles que na vida de missionarios queriam seguir a doutrina apostolica, sem se importarem de conquistar a dignidade de mandarins.

Um papa, amigo dos jesuitas, Clemente XI, não pôde, porém, tolerar o seu intolerante e cruel procedimento, e solennemente o condemnou por uma bulla de 1715. Mas os reverendos padres das missões recebiam as bullas como os pachás temidos dos sultões recebiam os *firmans* do glorioso padischah. Por veses até, se o conteudo era desfavoravel aos seus interesses, nem sequer simulavam que respeitavam o *firman*, e atiravam simplesmente com elle á cara do portador; que por muito feliz se devia julgar, se lhe não acontecesse o mesmo que ao cardeal de Tournon, e outros taes como o sr. Paln, bispo de Hiepolis, e os srs. Maigrot, Leblanc, etc., etc.

Segundo o seu perfido costume, os jesuitas trataram de attribuir ás suas victimas, as perversidades que elles praticavam, e de desvirtuarem na Europa as intenções e os actos, depois de lhes haverem compromettido na Asia a liberdade e a vida. Assim, para se justificarem perante o papa e a christandade européa dos maus e infames tractos que tinham feito soffrer ao cardeal de Tournon, e das accusações que tinham determinado a ida d'este legado á China, conseguiram obter um certo numero d'attestados, que os declaravam innocentes em todos os pontos. Todos sabemos como taes graciosos attestados se conseguem. Uns são filhos da amisade pessoal, outros dos empenhos, muitos e muitos dos interesses e até das ameaças.

Infelizmente muitos dos signatarios tão depressa souberam a que fins taes favores eram destinados vieram declarar em publico que as suas firmas lhes tinham sido extorquidas pelo engano ou pelo terror. Para dar um exemplo, citaremos uma *Declaração* do padre Miguel Fernandes, frade franciscano, antigo missionario na China [1], na qual este religioso declara «livremente e sem que lh'o peçam, mas unicamente para prestar testemunho á verdade, e para descargo de consciencia, que reconhece *ter-se afastado do caminho direito*, *e que andou mal*, dando aos jesuitas certos attestados, etc.» O padre Fernandes, no fim da sua declaração, confessou que o que o levou a dar taes attestados, foi, alêm do medo dos maus tractos por parte do imperador e dos seus mandarins jesuitas, a crença em que estes o tinham induzido de que o cardeal de Tournon fôra em missão para destruir todos os missionarios que não pertencessem ao clero secular. Ajunta que um jesuita, o padre Franqui, lhe mostrou a copia d'um tratado com as assignaturas de religiosos de varias ordens, no qual os signatarios se compromettiam a sustentarem se mutuamente. Mais diz o franciscano, que depois que dera o attestado aos jesuitas vivia atormentado de remorsos e inquietação. Escreve que no momento em que dera o attestado dissera: «Queira Deus que esta declaração não me seja pendurada ao pescoço no dia do juizo final!...»

---

bem ler no: *Ecrit de M. M. des Missions etrangères sur l'affaire de Chine.* Esta obra está cheia de provas esmagadoras contra os jesuitas, dos quaes descobre o procedimento barbaro para com o legado, as extranhas transacções com as superstições chinesas, as intrigas e até os crimes.

[1] Esta *Declaração* fulminante encontra-se no *Ecrit de 1710 de M. M. des missions étrangéres*, paginas 204 e seg.

# LIX

## Um imperador de contrabando

Emquanto viveu Kang-Hi, o discipulo dos jesuitas, conservaram estes o seu poder, e as suas riquezas no celeste imperio; mas, desde logo, e isto resulta claramente d'uma carta do padre Gaubil da S. J., só havia a canalha que se deixasse alcunhar pelos missionarios loyolenses, com o titulo de christã. Foi, por certo, para dar um desmentido a esta verdade, e para fazer subir alguns furos á gloria em declinio dos jesuitas, que os bons padres, em 1652, imaginaram mandar um dos seus á Europa, como embaixador extraordinario do imperador da China junto da Santa-Sé.

Foi este embaixador, verdadeiramente extraordinario, que entregou ao papa Alexandre VII, e ao geral dos jesuitas Alexandre Gottofridi, uma certa carta escripta n'um pedaço de seda amarella, que tanto maravilhou a Crétineau-Joly. Mas o que o auctor da *Historia religiosa, politica e litteraria*, da companhia de Jesus teve o cuidado de não dizer nem divulgar, embora não fosse a scena menos curiosa d'esta comedia, foi que o risivel embaixador, para dar maior brilho e realce, credito e importancia á sua embaixada, apresentou ao papa um pequeno, que elle dizia ser chinês, filho e herdeiro do imperador Tum-Lié, e que lhe fôra confiado, a elle jesuita como penhor da obediencia que seu pae jurara ao summo pontifice, e de reconhecimento á companhia de Jesus.

Para que esta farça fosse tomada a serio, o pretendido principe foi pomposamente installado na casa professa dos reverendissimos padres de Roma, e todos os dias uma multidão de curiosos ia ver o herdeiro do celeste imperio, sentado no alto do throno, n'uma sala decorada á chinesa, recebendo os salamaleques de meia duzia de mandarins e de dignitarios imperiaes, que o tinham accompanhado á Europa, mas que, apesar da exactidão do vestuario e do comprimento dos bigodes, cheiravam terrivelmente a mascarados carnavalescos.

Infelizmente para o embaixador extraordinario e para o seu principe de contrabando, vieram entretanto cartas da China, pelas quaes se soube que Tum-Lié e seu filho unico tinham sido assassinados pouco tempo depois da partida do jesuita Boym, o embaixador!

Alem d'isso, um frade de S. Domingos reconheceu, no intitulado filho do imperador chinês, um rapazito de humilde origem, educado e creado por caridade n'uma casa da ordem dominicana, donde tinha saido para entrar, como creado, ao serviço do reverendo padre Boym.

Descoberta a fraude, os jesuitas, como os comediantes de feira, desarmaram a barraca, e nunca mais falaram no seu imperador.

Felizmente para os jesuitas, n'aquelle tempo ainda não havia telegrapho para a China, nem potencias alliadas, nem jornaes, e por isso os celestes ignoraram sempre o milagre d'ubiquidade d'um dos seus, realisado pelos jesuitas.

Ainda assim, com o successor de Kang-Hi

vencedor de Tam Lie, as coisas não correram absolutamente de feição para a santa gente, apesar dos seus esforços que por vezes degeneraram em verdadeiras perseguições, os franciscanos, dominicanos, capuchinhos e lazaristas conseguiram penetrar na China. Rivaes ciosos do exito dos jesuitas, como estes dizem, ou testemunhas indignadas das intrigas e abominações dos filhos de Loyola, como aquelles pretendem, os outros missionarios denunciaram os jesuitas ao papa e á christandade. Desde logo, tanto na China como no Japão, começou a haver questões, conflictos, luctas, batalhas entre os jesuitas d'uma parte, e as religiões das differentes ordens de outra, o que escandalisou todo o mundo christão, e suscitou a attenção dos chins.

Os adversarios dos jesuitas obtiveram, por varias vezes bullas pontificias que condemnavam estes; mas tendo o imperador Yong-Tching, successor de Kang-Hi, publicado um decreto pelo qual obrigou todos os missionarios a jurarem, d'alli em deante, para que podessem ficar nos seus estados, a conformarem-se com os usos do celeste imperio, todos os missionarios á excepção dos jesuitas, se negaram terminantemente a tal sacrilegio, alto e bom som declararam que para ser christão era absolutamente necessario escolher entre Jesus e Confucio. Então a perseguição e a morte começou a ser a paga dos seus trabalhos apostolicos, emquanto os jesuitas continuavam na China e na côrte encontrando meios de accommodarem Christo e Confucio.

Mas, se os jesuitas não podem reclamar para si a gloria da conversão da China ao christianismo, e antes a elles se deve o aniquillamento de muitos trabalhos apostolicos, verdadeiramente desinteressados d'outras ordens religiosas, têem, porém, a haver n'este balanço de actividades, os seus trabalhos litterarios e scientificos. Os padres Gaubil, Martini, Bouchet, Le Comte e muitos outros nos fizeram conhecer uma parte da Asia, até então quasi ou completamente desconhecida na Europa; deram-nos conhecimento das diversas religiões, dos usos e extranhos costumes d'estas singulares paragens, da sua geographia, da sua historia, da sua zoologia, da sua flora, etc., etc.; embora muitos erros, allusões e crendices de que estão cheios os seus trabalhos n'este genero [1].

Para serem os unicos a explorarem a vasta missão da China, os jesuitas, como já dissemos, puzeram tudo em acção, até para destruirem o effeito das bullas de muitos papas que prohibiam severamente qualquer alliança das superstições chinesas com os dogmas catholicos, excitarem o imperador a publicar um edito, que bania da China todos os bonzos da Europa que não seguissem o culto de Confucio!

Nenhum missionario se sujeitou á apostasia, excepto os jesuitas que encontram na applicação das restricções mentaes modos e maneiras de tudo fazerem e de tudo desculparem.

Innocencio XIII, irritado com a continua desobediencia e com os escandalos crescentes que elles suscitavam, prohibiu-lhes que recebessem mais noviços em qualquer parte do mundo. Este pontifice tomava medidas para libertar a egreja e a humanidade do negro flagello, quando uma morte repentina livrou a companhia d'este seu inimigo.

Benedicto XIV e Clemente XIII ouzam levantar a mão contra esta arca terrivel, da qual a humanidade já tinha visto saír tantos males. Uma vez entrada n'este caminho, a Santa Sé não se atreveu a recuar, impellida pelo universal clamor que a ella se erguia tanto dos reis como dos povos.

---

[1] São os proprios jesuitas que confessam que os seus socios nos hospitaes se serviam d'um dente de cavallo marinho para fazerem estancar o sangue das sangrias; o que quer dizer que em vez de destruirem as superstições dos seus cathecumenos, se deixavam eivar d'ellas. O padre Boym, que nos conservou este facto, ajunta gravemente «que a experiencia tem demonstrado que a virtude d'este dente para fazer parar fluxos de sangue depende, em parte, da epocha em que foi tirado ao animal.» Acêrca das maravilhas de taes dentes conta mais o bom padre: «Um dia um capitão malabar foi encontrado morto na tolda do navio, no meio da sua equipagem egualmente morta e apunhalada como elle. Mas emquanto os outros cadaveres jaziam em poças de sangue, o capitão, lardeado de golpes não tinha vertido uma gotta sequer. Mas assim que lhe tiraram do pescoço um pequenino dente de cavallo marinho que trazia pendurado, o sangue saiu logo a jorro por todas as feridas.»

Apesar d'isso os jesuitas conseguiram ainda algum tempo na China, á força de astucia e de habilidade, conservar a sua influencia e a sua riqueza. O chefe do celeste imperio

Bonzos japonezes em oração

mandou aos missionarios que seguissem o culto de Confucio, e os jesuitas obedeceram.

Os bonzos e os grandes excitam o fanatismo ignorante do populacho, e os jesuitas abandonam a sua missão apostolica, e ficam na China como mecanicos, pintores, gravadores, musicos, relojoeiros, astronomos, e assim conservam durante algum tempo ainda a dignidade de mandarim.

Quanto aos jesuitas missionarios, já de ha muito que não havia noticias d'elles.

# LX

## O Christianismo na India

Quando no capitulo VII d'este livro acompanhámos Francisco Xavier á India, tivemos occasião de dizer que, quando os portuguezes alli entraram já lá encontraram estabelecido o christianismo, e considerando-se esses christãos como discipulos directos de S. Thomé[1].

O povo conservava esta lenda, na fórma em que a conta Abdias Babylonio.

Uma noite, diz a lenda, certo brahmane muito respeitado, entrando n'um dos mais santos pagodes, viu que os deuses da triade indu se levantaram no momento em que, segundo o costume, elle os ungia com oleo perfumado. Os tres deuses, desde longos seculos, immoveis sobre os seus pedestaes, tendo-se erguido, desceram do altar e sairam vagarosamente do pagode. O brahmane ficou por tal fórma surprehendido com o espectaculo, que, sem pensar na inconveniencia do que fazia, dirigiu a palavra ás divindades, e perguntou-lhes porque assim abandonavam um templo onde eram por tal fórma honradas?

Foi *Visnu* quem lhe respondeu, com estas palavras:

— Elle chegou!

O brahmane comprehendeu logo o que o deus queria dizer, e sem se oppôr á saída dos tres fugitivos, foi com toda a gente da cidade até á borda do mar, sobre o qual a noite começava a espalhar a escuridão. Repentinamente viram, no meio das trevas, brilhar uma luz scintillante, que depois coheceram não ser astro do firmamento, nem

---

[1] O nosso Gouvêa conta assim a lenda. Na repartição que se fez de todas as partes do mundo entre os apostolos, couberam as Indias a S. Thomé, que depois de ter introduzido o christianismo na Arabia Feliz e na ilha Dioscorida, hoje conhecida por Socotora, chegou a Cranganor, onde ao tempo residia o principal rei da costa de Malabar. Foi alli que se realisaram todas as aventuras que se pódem ler na *Vida* d'este apostolo, escripta pelo pretendido Abdias Babylonio. O apostolo, tendo estabelecido muitas egrejas em Cranganor, foi á cidade de Cantão, e passando ao lado opposto, hoje conhecido pela costa de Coromandel, deteve-se em Meliapor, onde converteu o rei e todo o seu povo; d'ahi seguiu para a China, d'onde voltou a Meliapor. Taes e tantas foram as conversões que aqui effectuou, que a inveja e o odio por ellas suscitados em dois brahmanes, fizeram revoltar o povo que, junto a elles, apedrejou o apostolo. E como um dos brahmanes notasse ainda alguns signaes de vida no corpo do santo, quando já derribado por terra, acabou de o matar atravessando-o com uma lançada. Por muito antiga que seja esta tradição não ha auctoridade alguma que a confirme, parecendo ter a sua origem nas fabulas dos manicheos, que inventaram diversos *Actos* sob o nome dos apostolos, e entre outros os de S. Thomé e da sua evangelisação das Indias. Jacques Tolluis, suppõe que este Thomé, pretendido apostolo da India, é um discipulo do heresiarcha Manés, e isto fundado no testemunho de Theodoreto. Os jesuitas Magalhães e Comte fazem menção da ida de S. Thomé á China; mas monsenhor Maigrot, bispo e vigario apostolico na China, demonstra que estes missionarios tomaram pelo apostolo S. Thomé a um tal *Tamo*, um dos mais insignes trampolineiros (são as suas proprias palavras) que teem entrado na China, e que se constituiu chefe da seita de Foé, chamada a *seita dos contemplativos*, e que entrou na China em 582.

facho da terra, mas que se achava exactamente collocada na linha em que as aguas se confundem com o azul do espaço.

Pouco a pouco a luz augmentou, cresceu, e em breve se converteu n'um sol deslumbrante, que illuminou mar e terra. O povo foge aterrado á vista de tal prodigio, e eis que uma voz meiga se eleva e diz:

— Paz aos homens de boa vontade!

Os indios viram então no meio d'elles um desconhecido, vestido com trajos extranhos, e cuja phisionomia imponente quasi que occultava uma longa barba prateada.

Era o apostolo S. Thomé, que desde logo começou a sua missão evangelica, seguido immediatamente d'um numero consideravel de discipulos.

Esta lenda, que recordamos, não nos serve senão para affirmar que o conhecimento do christianismo deve ser antiquissimo n'aquellas partes do Oriente, tanto mais que nas assignaturas do concilio de Nicéa, já apparece a d'um prelado que se dá o titulo de bispo da Persia e das Indias, e que além d'isso, um antigo escriptor, citado por Suidas, diz que os habitantes da India interior[1] os iberianos e armenios foram baptisados no tempo de Constantino o Grande.

Os principes infieis concederam grandes privilegios aos christãos da costa, entre outros Cerão Perumal, imperador de toda a costa do Malabar, e fundador da cidade de Calecut. Em virtude das concessões d'este principe os christãos indus gosavam de todos os direitos da nobreza do país, tomavam a direita aos naïres, e quasi que não dependiam senão do seu bispo tanto no temporal como no espiritual.

Estes privilegios, juntos a outros que o rei de Cranganor concedeu depois a um armenio alli estabelecido, chamado Thomaz Cana ou Mar Thomaz, estavam gravados em laminas de cobre, na lingua do país, e foram conservados até á chegada dos portuguezes á India[2].

[1] Esta India interior não póde ser senão a Ethiopia.

[2] Conta-se que estas laminas se perderam da seguinte maneira. Um bispo, que as tinha em seu poder, receiando perdel-as, confiou-as á guarda d'um commerciante português, que se estabelecera em Cochim. Este pouco ou nenhum caso fez do deposito, que poz a um canto do armazem, e tempo depois nem elle nem ninguem já sabia do destino das taes laminas.

Todos os christãos do Malabar se dizem descendentes d'este Mar[1] Thomaz, o que não está d'accordo com a alta antiguidade a que remontam a sua religião.

E' difficil dizer em que tempo Mar Thomaz se estabeleceu na India. Gouvêa fal-o contemporaneo de Cerão Perumal. E' comtudo presumivel que vivesse ainda antes do seculo VI, pois que Cosmas[2], que escreveu por 547, diz ter encontrado egrejas christãs estabelecidas n'estas paragens, muitos annos antes que elle publicasse a sua *Topograghia christã*.

Alguns annos depois da fundação da cidade de Coulão, com a qual começa a era commum do Malabar, isto, é 822 de J. C.[3] dois padres syriacos foram de Babylonia para a India: chamava-se um d'elles, segundo Gouvêa, Mar Xabro e o outro Mar Proel[4]

Chegados a Coulão, e vendo o rei que elles eram mui venerados dos christãos, pro-

[1] *Mar* é uma palavra syriaca que corresponde ao nosso *Dom*.

[2] Cosmas, appellidado *Indicopleuste*, isto é «viajante cosmographo na India» mercador e viajante do seculo VI depois de J. C., nasceu em Alexandria. Commerciou muito tempo na Ethiopia e n'uma parte da Asia, abraçou depois a vida religiosa, e escreveu diversas obras geographicas ou theologicas, das quaes a mais importante era uma *Descripção da terra*, hoje perdida. Ha d'elle sómente uma curiosa *Topographia christã do Universo* (em grego) que não fornece, no fim de contas, pormenor algum sobre as viagens do auctor. Cosmas pretende provar que a terra é um quadrilongo, limitado por muralhas sobre as quaes assenta a abobada celeste! O seu systema sideral participa da mesma orientação scientifica. A *Topographia* foi publicada pela primeira vez em 1700, pelo padre Montfaucon, na sua *Collecção de padres e escriptores gregos*, copiada d'um manuscripto da bibliotheca de Florença. O editor, D. Bernardo de Montfaucon, um dos homens mais sabios do seu seculo, teria sem duvida descoberto o nestorianismo d'este escriptor, se os dogmas d'esta seita se parecessem um pouco menos com os da religião orthodoxa.

[3] Segundo Gouvêa o anno de 1602 corresponde ao de 680 da fundação de Coulão, era esta que differe da de Calecut.

[4] Ha quem pretenda que se deva antes ler: Mar Sapor e Mar Peroses.

digalisou-lhes muitos favores, e concedeu-lhes, entre outros privilegios, o de edificarem egrejas onde lhes aprouvesse, e de converterem ao christianismo quem quizesse seguil-o.

Os christãos indus fizeram conhecer ao arcebispo de Gôa, D. Aleixo de Menezes, taes privilegios escriptos em chapas de cobre nas linguas e caracteres malabares, canarins, bisnagas e tamulos, que eram as linguas em curso n'aquella costa. Os christãos da região contavam estes nomes em o numero dos santos [1], faziam menção d'elles na sua lithurgia, e tinham muitas egrejas sob a sua invocação.

O arcebispo Menezes, creatura, ou antes verdadeira chancella dos jesuitas que o acompanhavam, e até faziam milagres [2] para lhe glorificarem o poder de que elles usaram e abusaram como veremos, considerou taes santos como nestorianos, porque os não encontrava no martyrologio romano, riscou-lhes os nomes dos livros lithurgicos, e mudou a invocação das egrejas.

Tal serie de prosperidades tornou os christãos indios tão poderosos que sacudiram o jugo dos principes infieis, e elegeram um rei da sua nação. O primeiro eleito chamou-se Beliarte, e condecorou-se com o titulo de rei dos christãos de S. Thomé. Durante algum tempo conservaram a sua independencia sob os seus reis naturaes, até que um d'elles, que, segundo o costume estabelecido na India, tinha adoptado por filho o rei de Diamper, morreu sem descendentes, e este rei pagão lhe succedeu, com todos os seus direitos sobre os christãos da India. Passaram depois, por meio d'uma outra adopção, para a jurisdicção do rei de Cochim, á qual estavam submettidos pela maior parte, no momento em que nós, os portuguezes, chegámos á India.

Quando, á volta do descobrimento do Brasil, Pedr'Alvares Cabral alli foi, dois christãos de Cranganor se embarcaram com elle, na intenção de irem a Roma, e virem depois por Mossul, onde residia o seu patriarcha. José e Mathias, que assim se chamavam os dois christãos, chegaram a Portugal, onde Mathias morreu. José seguiu para Roma e d'alli para Veneza. O resto da sua viagem é desconhecido [1].

Em 1502, quando Vasco da Gama chegava a Cochim, os christãos enviaram-lhe uma deputação pela qual lhe representavam: que visto vinha conquistando a India, como vassallo d'um rei christão, elles lhe pediam que os honrasse com a sua protecção, e a do seu rei, do qual, desde logo, se declaravam subditos. Estes deputados apresentaram a Vasco da Gama um bastão de madeira vermelha, em cujas extremidades encastoadas em prata, pendiam tres campainhas. Era, diziam elles, o sceptro dos reis que tinham tido n'outros tempos, e dos quaes o ultimo havia morrido pouco antes da chegada dos portuguezes. O Gama recebeu-os com muita amisade, fez-lhes boas promessas, unica coisa que n'aquelle momento lhes podia dar.

Mal sabia esta pobre gente que males lhe viria da religião que ella tinha como egual á sua; mal sabia que abusos e violencias a religião romano-jesuitica havia de fazer á religião do Evangelho.

---

[1] Chamavam-lhes, segundo diz Gouvêa, *Gadejagal* que parece ser uma corrupção do syriaco *Cadishé*.

[2] A fim de actuarem sobre o espirito singello dos indios, os jesuitas, n'uma occasião em que, á porta da egreja, o arcebispo dava a bençam com o Santissimo fizeram incidir sobre elle a reflexão dos raios do sol, por meio d'um espelho que um d'elles collocava para isso em foco, e assim dar ao povo a impressão d'uma aureola divina cercando a fronte do prelado. Este estratagema, tão simples como efficaz, era o mesmo empregado pela freira da Annunciada para se fazer passar por santa.

[1] Sob seu nome corre uma noticia, impressa em muitas collecções de viagens, com o titulo de *Navegação de José Indio*.

# LXI

## Os jesuitas no Industão

Já vimos como Francisco Xavier, não tendo podido convencer os christãos da India a adoptarem o credo romano, houve por bem levar a luz do Evangelho a outros mais cegos, e continuou na sua peregrinação apostolica. Os que se lhe succederam não lhe seguiram o exemplo.

O cardeal de Tournon envenenado pelos jesuitas

Aferrados ás suas antiquissimas tradições, os christãos da India rejeitavam com indignação tudo o que em contrario lhes quizessem ensinar. Embora não tivessem senão um unico bispo, ordinariamente syriaco de nação, que o patriarcha de Mossul lhes enviava, tinham, porém, muitos *caçanares*,

padres que lhes explicavam os seus livros escriptos em syriaco, a sua lingua lithurgica. Além dos *caçanares* muitos outros christãos se tinham dedicado ao estudo e liam esses livros.

Os primeiros missionarios que trabalharam pela conversão dos malabares foram os franciscanos, que partiram, sob a direcção de Fr. Henrique de Coimbra, na armada de Pedro Alvares Cabral, e desde logo os encontramos na Angediva, e em Calecut, onde tres foram victimas dos moiros, recolhendo o resto á armada.

Seguiram para Cochim onde esperaram novos companheiros, com os quaes se espalham por toda a costa e suas ilhas, fundando collegios e edificando egrejas. Vão a Diu, Damão e Cabul, com Affonso d'Albuquerque entram em Gôa, e ahi dedicam ao seu patriarcha S. Francisco a mesquita maior dos moiros. Em 1566, encontramos Fr. Vicente de Lagos em Cranganor. Este missionario, a quem faltava o auxilio do braço secular, por causa do afastamento em que estava de Gôa, percebendo que sómente por meio de sermões nada faria, recorreu ao vice-rei pedindo-lhe que estabelecesse alli um collegio, onde os filhos dos indios fossem instruidos nas lettras e nos ritos da Egreja romana, para que de futuro fossem ordenados sacerdotes, e prégassem aos da sua nação, empresa esta em que não foi bem succedido [1].

Foi então que os jesuitas, vendo que esta empresa não tinha o exito desejado, mas que a missão seria lucrativa, lembraram-se de começar a ensinar a lingua syriaca ás creanças da região; e, depois de ordenados, viram que era tão funda a tradição nos espiritos indigenas, que não só não ousavam prégar contra os seus antigos prelados, mas que nos seus proprios collegios os jesuitas tinham o desgosto de as ouvirem sustentar suas antigas opiniões e fazerem mensão do patriarcha de Babylonia na sua lithurgia.

Foi, porém, do estudo do syriaco, a que os jesuitas se dedicaram muito em especial para os seus negocios, que elles vieram a conhecer quantos *erros* havia na religião dos antigos christãos, e abrirem assim uma nova era de perseguições em nome de Christo.

O arcebispo D. Aleixo de Menezes foi o mais tenaz perseguidor d'esta pobre gente, animado e instigado pelos seus sequazes da negra roupeta [1]. E' durante a administração d'este prelado que os jesuitas reinam sem rivaes na India, prejudicando e perseguindo os missionarios das outras ordens religiosas, senhores absolutos de certas regiões, tanto ao norte como a leste da peninsula industanica, e em parte na região immediatamente ao redor de Gôa, onde tinham que partilhar a influencia com os dominicanos, em cujas mãos se achava a inquisição.

D'essa influencia gosaram até á sublevação universal d'estes christãos, cançados da sua avareza, e da sua tyrannia, sublevação que, fazendo perder á companhia de Jesus um posto tão lucrativo, não contribuiu pouco para as conquistas que alli fizeram os hollandeses.

Emquanto nós os portugueses fomos senhores no Industão, as missões jesuitas flo-

[1] O insuccesso podia muito bem ter vindo da maneira como o ensino era ministrado. Nas entrelinhas d'um caso, que Fr. Fernando da Soledade nos dá como milagroso, nós podemos ler o systema pedagogico de Fr. Vicente. Desconhecia elle o respeito que os indios teem pela propria dignidade e castigou um dos seus alumnos; não nos diz como o chronista, mas é de suppôr que fosse por meio de inevitavel palmatoria ou das não menos inevitaveis disciplinas. Deu-se o pae do discipulo por offendido, e dirigiu-se com os outros paes ao collegio para tomarem satisfação ao franciscano, este formou os discipulos em ordem de batalha, e fez com que elles corressem os paes á pedra!

[1] Foi por instigação dos jesuitas que este prelado reuniu um synodo em Diamper, destinado a impôr o dogma romano aos christãos da India. N'este synodo os representantes das antigas crenças ou eram individualidades affectas ao arcebispo, por elle compradas com promessas ou presentes, ou então pouco argutos crentes, só lidos nos Evangelhos, e incapazes de resistirem ás subtilesas discutidoras dos jesuitas Francisco Roz e Antonio Toscano. O synodo, que reuniu a 20 de junho de 1599, fechou as suas sessões a 26 do mesmo mez, tendo approvado tudo quanto os jesuitas quizeram. Teve sete sessões e discutiu n'ellas mais de 150 decretos, muitos dos quaes levantaram opposição da parte dos raros que alli estavam sem subserviencia aos jesuitas e firmes na crença tradicional!

resceram e os seus negocios prosperaram.

Se o padre Criminal, que d'aqui foi do collegio de Coimbra com outro italiano e um gallego, foi morto pela intemperança de lingua e falta de tino com que offendia a religião indu, irreverencia proposital com que affrontava os pagodes indigenas e suas divindades, os que se lhe succederam foram mais accommodaticios e seguiram as pisadas dos seus companheiros da China e do Japão. A fim de plantarem commodamente a bandeira de Loyola, velaram mais ou menos habilmente, aviltaram com maior ou menor vergonha a cruz de Christo.

Daremos ainda algumas mostras da sua maneira de proceder, recommendando ao leitor, que deseje ter mais amplas informações, as memorias publicadas a este respeito por Navarette, Collado, etc., as accusações feitas contra os reverendos padres pelos franciscanos, dominicanos, capuchinhos, e principalmente as bullas publicadas pelos papas sobre a prostituição do christianismo operada pelos jesuitas, em proveito dos interesses da sua ordem, em toda a parte onde se elevava uma das suas residencias, verdadeiros bazares industriaes [1].

Um dos principaes trabalhos dos jesuitas era impedirem a entrada de missionarios d'outras ordens nos territorios por elles explorados, e perseguirem com uma violencia muito pouco christã os audazes que ousassem ir-lhes no encalço. Mas quando Portugal passou ao dominio dos Filippes, os frades de S. Domingos, melhormente amparados, começaram a fazer-lhes uma concorrencia muito séria; depois veiu a França, e os missionarios de differentes ordens correram a conquistar a sua parte na colheita evangelica.

Como era de prever, os jesuitas acolheram muito mal estes intrusos. As questões e os debates escandalosos eram incessantes, e trataram de empregar contra os missionarios das outras ordens as forças e as energias que nunca empregaram na difusão do christianismo [1].

Foi então que a christandade ficou perfeitamente edificada ácerca dos meios empregados pelos missionarios jesuitas para fundarem egrejas da sua seita na Asia. As accusações cáem de toda a parte, e os jesuitas não conseguem defender-se da principal d'ellas, isto é, que sob apparencias d'ensino religioso elles quasi não tratam senão dos seus interesses commerciaes. O padre Tellier publicou um livro, no qual pretendia defender os seus socios, livro que Arnaud refutou triumphantemente, provando á evidencia que não passava d'uma reles apologia das superstições que os reverendos padres permittiam aos seus neophitos, com um fim exclusivamente mercantil. O papa Innocencio X deu rasão ao doutor jansenista, e condemnou a obra do jesuita.

Mas, facto curioso, que demonstra quanto é alheia a obra do christianismo á S. J., é ver que, sendo os seus missionarios tão faceis de contentar no dogma que ensinam ás gentilidades, compondo para estas uma doutrina vaga que não escandalise as religiões pagãs; emquanto fazem isto, perseguem com encarniçamento verdadeiramente sanguinario as christandades de S. Thomé; e só por que aquellas submettem-se aos jesuitas, e estas, independentes e fortes na velha crença, nem sempre os attendem. Então a inquisição vem em auxilio dos jesuitas e organisam-se essas carnificinas em que tanto os que assassinam como os que morrem martyres, invocam o nome de Christo.

---

[1] Áquelles que acharem que estas expressões são por demais fortes, diremos simplesmente que são extraidas dos adversarios religiosos dos jesuitas, bispos e legados, e que alem disso, podem-nos ser permittidas quando tres papas (Urbano VIII em 1633, Clemente IX em 1669, Clemente X, em 1673) as applicaram aos filhos de Loyola, velando-as mais ou menos com a uncção epistolar especial da curia.

«Os jesuitas commerciantes! exclama em 1750 o auctor das *Memorias acerca do estabelecimento dos jesuitas na India*, mas isso é um facto publico e notorio! Apesar de todas as prohibições, os jesuitas estão de posse d'um rico commercio. A sociedade nasceu commerciante e commerciante ha-de morrer!»

[1] Ainda hoje na India, a chamada *Propaganda Fide* do que menos trata é de religião, do que mais se occupa é da cobrança das rendas, esmolas e donativos com que enriquece os thesoiros do Vaticano.

E' triste dizel-o, se não fosse o apoio que alli temos das auctoridades inglesas já de ha muito esta succursal jesuitica teria escorraçado da India, e ate de Góa, todos os bispos portugueses!

Dos destroços d'estas egrejas aproveitou-se a conquista hollandesa. Depois veiu a França e reclamou tambem o seu quinhão na carniça indu sobre a qual já estavam devorando com sofreguidão aquelles e os inglezes. A Dinamarca chegou e quiz tambem a sua parte; e os argumentos decisivos para a partilha eram o mosquete e a artilheria. E nós, portugueses, tornados odiosos, bem como os hispanhoes, pelas atrocidades que tinhamos commettido em nome da religião, eramos expulsos com ignominia pelos invasores, com alegria pelos indigenas!

No meio do conflicto, os principes indus iam levantando aqui e alli os derribados thronos; e o famoso Mogol, Aureng-Zeyb, depois de ter conquistado Bengala, os reinos de Visapur, de Golconda e todo o norte do Industão, assentava em Delhi a sua nova capital, e tomava o titulo faustoso de *Rei do Mundo*. Os jesuitas, em parte expulsos do sul da peninsula, foram bem tratados pelo conquistador Mogol, que parecia não ser absolutamente fanatico, apesar de musulmano [1]. Em attenção aos serviços que lhe fizeram os jesuitas, súspendeu os editos de perseguição contra a religião christã, que foi tolerada até o fim do seu reinado em todos os seus estados.

Comtudo os jesuitas continuavam a luctar para reconquistar o seu antigo poderio no Industão. No Maduré, um principe indu tinha constituido uma especie de soberania. Os jesuitas conseguiram introduzir-se ahi e foram tolerados. Em Pondichery, possessão francesa, os seus estabelecimentos floresceram, apesar da grande lucta com os capuchinhos, que a final foram vencidos, mercê da intervenção de Luis XIV, já nos ultimos annos da sua vida, e dominado pelos confessores que trocavam absolvições de peccados da mocidade por favores á S. J. Mas, onde a bandeira de Loyola nāo podia hastear-se á sombra d'um pavilhão de monarcha europeu, os jesuitas procuravam firmal-a aos pés do throno de qualquer rajah indu, ou no meio do seu povo. O seu padre Constantino Beschi, que tinha cuidadosamente estudado as linguas que se falavam na India, a começar pelo sanscrito, a lingua ecclesiastica da India, para estabelecer a sua influencia d'uma maneira incontestavel, mascarou-se de brahmane e fez-se passar como tal. Depois, compoz em linguagem indigena poesias populares e o seu nome tornou-se assim conhecido. Emfim, á força d'acrobatices, fez-se passar por santo, á maneira da terra, e obteve uma tal auctoridade entre o povo d'esta parte do Industão que o soberano o fez seu primeiro ministro. Desde então, o reverendo padre, que, no dizer dos seus confrades, tinha renunciado aos ritos europeus, nunca mais appareceu em publico senão magnificamente vestido, montado n'um cavallo de preço, ou estirado n'um rico palanquim, e sempre acompanhado por uma escolta de cavalleiros indios, dos quaes uns desfraldavam bandeiras, e outros tangiam os ruidosos instrumentos de que se compõe a musica indiana.

«O padre Beschi, confessa Crétineau-Joly, não era jesuita se não o menos possivel.» Não o era por fóra, mas por dentro era tanto ou mais do que qualquer outro.

Até o fim do seculo XVII a S. J. pôde, graças aos seus missionarios, explorar a maior parte da Asia meridional. No tempo de Luiz XV, o almirante Duquesne dizia que depois dos hollandeses, eram os jesuitas os que faziam maior commercio na India. «E quem soffre com isto, lamentava o celebre marinheiro, são os negociantes franceses; tanto mais que ha jesuitas desfarçados que mandam as mercadorias a outros jesuitas egualmente desfarçados, por conta da companhia.»

Não esqueçamos registar que uma das fontes de receita dos jesuitas no Oriente era emprestar dinheiro a juros a 25 e mesmo a 30 o|o.

Para almas devotas e amigas do proximo era um lindo sacrificio!

---

[1] Conta-se d'este dominador, que um dia, cançado com as continuas apoquentações dos fakires, ordenou que os agarrassem a todos, lhes despissem os farrapos em que faziam gala, os vestissem com roupas novas, e que as velhas fossem queimadas. Quizeram oppôr-se os fakires, mas a ordem foi cumprida, e Mogol, depois dos farrapos redusidos a cinzas, fez procurar n'estas e guardou os pesos d'oiro que os fingidos pobres traziam escondidos. Fez uma obra de aceio e uma operação financeira

# LXII

## As perolas de Cochim

Os missionarios da S. J. tinham de começo dado pouca importancia a Cochim, e á região que lhe era dependente. Comprehende-se. A não ser a pimenta, abundante em toda a India, pouco mais produzia a terra, em que se pudesse negociar. Quanto ás almas, podiam viver na idolatria nativa. O bispo tratava de as catechisar branda e suavemente.

Mas, eis que os jesuitas são informados que no seu porto se pescavam as mais bellas perolas da costa, e esta noticia por tal sorte lhes foi ao fundo d'alma, que logo se sentiram dominados por um entranhavel amor aos povos d'aquella cidade. Os habitantes de Cochim eram em grande parte idolatras, convinha partir para lá e ajudar o diocesano a convertel-os!

Chegam, propõem ao bispo a obra evangelica que este acceita, cheio de alegria, na esperança de ver augmentar o seu rebanho; e eis os reverendos padres installados.

A pesca das perolas era quasi que a unica industria dos indios da localidade. Prégando em nome dos interesses da religião e do bispo, os jesuitas pensavam na maneira de assegurarem os interesses d'elles, e eis o plano que delinearam e que seguiram, depois, á risca.

O primeiro passo foi fazerem comprehender brandamente, mas insistentemente aos seus catechumenos que, visto que tantô elles jesuitas padeciam e sofriam para os ensinar e preparar-lhes um bom logar no ceu, era justo que em compensacão tivessem parte nos lucros da industria de que elles viviam. Para isso, sem os quererem prejudicar em coisa alguma, propuzeram-lhes que lhes vendessem as

O Christianismo na India (*Estampa allegorica*)

perolas pescadas, pelo mesmo preço que costumavam vendel-as aos negociantes portuguezes que iam buscal-as. Armaram os pes-

cadores, e quando chegou a epocha do anno em que era de uso os portuguezes irem á procura de mercadorias, tiveram que retirar-se sem perolas, visto que estavam todas nas mãos dos jesuitas.

No anno seguinte, o mesmo expediente, repetido e seguidamente até que os mercadores deixaram de alli ir.

Foi então que os jesuitas declararam aos pescadores que, visto já lá não irem compradores, elles não podiam pagar-lhes as perolas pelo preço por que até alli tinham combinado; e que por isso ficou muito menor.

Mas, não contentes com isto, suas reverencias, cuja cubiça nada satisfaz, reduziram os pescadores a trabalharem unicamente por conta da S. J. e aos dias.

N'este negocio souberam interessar o governador, que se fez *socio* dos jesuitas na exploração dos desgraçados, concedendo áquelles o privilegio da pesca.

O bispo de Cochim, vendo então que qualidade de gente tinha admittido na sua diocese, despediu os jesuitas, ordenando lhes que se retirassem, ordem esta a que elles fizeram ouvidos de mercador. Desconfiando de que os podessem banir á força, tanto a consciencia lhes bradava que o que estavam praticando era uma infamia, trataram de se retirar para uma ilhota no meio da bahia da pescaria, ahi se fortificaram em pé de guerra, e, considerando-se como outros senhores feudaes, sem suzerano, redobraram de rigor com os pescadores, a quem obrigavam a estar tanto tempo debaixo d'agua, que muitos lá deixaram a vida.

O bispo de Cochim denunciou a usurpação ao papa e ao rei d'Hispanha, e obteve bullas d'um e decretos do outro contra os jesuitas, que deram como resposta ás intimações de despejo as mais sonoras e irritantes das suas gargalhadas!

Então o prelado congrega e arma os pescadores, já de ha muito exasperados, e vae á sua frente atacar a fortaleza que cáe em poder dos atacantes depois d'uma encarniçada defesa.

Comtudo, protegidos pelo governador, e pelo privilegio que este lhes tinha concedido, os jesuitas nem foram enforcados, como bem o mereciam, e em altos brados reclamavam os pescadores, nem expulsos da diocese, como o bispo desejava ardentemente. Este ultimo contentou-se em se dirigir com todo o seu clero ao local da pescaria, amaldiçoal-o em nome de Deus, e cital-o a nunca mais produzir perolas, emquanto os jesuitas fossem os arrematantes e concessionarios. «E as aguas obedeceram, escreve o ingenuo auctor de quem extraimos este episodio; mas assim que os jesuitas se foram, continuaram a produzir perolas, e mais bellas e em maior quantidade do que d'antes.»

Os jesuitas, na India, sempre se mostraram hostis aos bispos. E tanto quanto puderam impediram que elles se estabelecessem; e comtudo esta gente ainda se atreve a glorificar os seus missionarios na India!

Innocencio XIII, em 1723, não temeu declarar que os jesuitas se tinham feito os *espiões, os beleguins, os carcereiros e os algozes* dos outros missionarios, dos prelados das Indias, dos vigarios apostolicos e dos legados da Santa-Sé.

O cardeal de Tournon tinha já dito dos filhos de Ignacio de Loyola: «Quando os demonios tivessem saido do inferno para virem a Pekin, não teriam feito peior á religião e á Santa-Sé do que o que fazem os jesuitas.»

Dissémos já n'outro logar que um missionario jesuita tinha permittido a um chinês casar com duas de suas irmãs. Um outro, segundo affirma o padre Ibanes de Echeverny, ainda fez mais, porque permittiu a uma portuguesa, que tinha envenenado seu marido de concerto com o amante, que se casasse com este, e celebrasse estas terriveis bodas um mez apoz de commettido o crime. O padre Ibanes, admirado do caso, perguntou a este singular director d'almas, que se chamava Pedro Canavari, «como tinha elle podido dar tal dispensa?» Ao que o jesuita respondera «que nem tinha pensado n'isso.»

Não acabariamos mais se quizessemos dar conta de *tudo* quanto os jesuitas toleraram, auctorisaram e até perpetraram nas diversas missões asiaticas.

Na Conchinchina, no Tonkim, no reino de Sião e do Pegu os filhos de Loyola tiveram

o mesmo procedimento do que na India. China e Japão.

Por um martyr. um dedicado. um missionarios verdadeiramente apostolico, quantos ganhadores, quantos egoistas, quantos anaticos e perseguidores!

Alli tambem procuraram tornar-se dominantes, ou fazerem-se tolerar, afeiçoando tanto quanto possivel o christianismo ás superstições d'aquellas diversas regiões, fazendo-se acceitar dos reis, ou, se estes os repelliam, caíndo sobre os povos; mas sempre lisonjeando os vicios d'uns e outros, e explorando uns e outros em seu proveito. Alli tambem, como em todas as outras partes, a sua presença levou a sangrentas revoluções. No momento em que Carlos I, para cuja morte concorreram em parte as intrigas jesuitas, morria, em Inglaterra, no cadafalso que para elle erguera o povo em revolta, um rei de Sião era egualmente executado por uma sentença popular á redacção da qual não foram extranhos os jesuitas. Alli tambem, os outros obreiros do Evangelho, os delegados da Santa-Sé se viram perseguidos pelos filhos de Ignacio.

Nas suas *Memorias Historicas*[1] o padre Norberto diz, que os missionarios jesuitas commetteram tantos crimes na Conchinchina e no Tonkim que por cinco veses os vigarios apostolicos, em nome do pontifice, os intimaram a saír d'alli. Os jesuitas resistiram emquanto poderam, e por todos os meios que lhes foram possiveis, chegando até a excitarem os seus catechumenos a renunciarem a nova religião de preferencia aos seus directores.

Tendo chegado os missionarios franceses á Conchinchina, e parecendo que iam sendo bem recebidos, os filhos de Loyola, para os expulsar começaram por usar e até abusar da calumnia e da traição; depois empregaram a manha, e, para chamarem a si a multidão, que continuava a concorrer á egreja francêsa, transformaram as egrejas jesuitas em verdadeiros bazares, onde faziam correr loterias. Como este meio era bastante oneroso, inventaram representar comedias nas mesmas egrejas, ou antes farças que despertavam a gargalhada dos conchinchineses, sem lhes suscitarem sentimento algum de religião. Por fim, vendo que todos estes meios eram improficuos, recorreram á força: expulsaram os missionarios da sua egreja, na qual se introduziram por meio da escalada e do arrombamento, como se fosse uma cidadella inimiga.

Enojado com tudo isto, e confundindo todos os missionarios no mesmo desprezo, o rei da Conchinchina publicou, em 1690, um edito contra o christianismo. Era o que os jesuitas queriam. Desembaraçados dos seus inimigos, ficaram n'aquellas paragens longinquas, onde podiam continuar as suas negociatas, sem medo das censuras d'outros missionarios mais apostolicos e menos negociantes.

Os breves de Innocencio XI, em 1680, e de Clemente XIII, em 1762, «condemnaram os usos idolatras dos missionarios jesuitas no Tonkim e na Conchinchina, o commercio que ahi faziam e os males que causavam aos outros missionarios.»

[1] Tom. V. ediç. *in* 4.º.

# LXIII

## Lalli-Tollendal

Não nos apartaremos d'estas regiões industanicas sem relatarmos mais um d'esses crimes em que os jesuitas se acham envolvidos.

Lalli Tollendal era descendente d'uma antiga familia irlandesa, cujos avós tinham vindo para França, seguindo a fortuna dos Stuarts. Moço ainda, tomou armas em serviço de Luiz XV, e não tardou em se distinguir entre os mais valentes officiaes seus camaradas. Em Fontenoy, disse aos soldados do seu regimento: «Marchae contra os inimigos da França, e não atireis senão quando a ponta das baionetas estiverem no peito dos seus soldados.»

Luiz XV, testemunha de tanta valentia, nomeou-o brigadeiro no campo da batalha. Pela mesma epoca, Carlos-Eduardo, neto de James II, tentou uma empreza desesperada, que occultou ao proprio rei de França. Atravessou o canal de S. Jorge, com o designio de sublevar a Escossia com a sua presença, e de fazer uma nova revolução na Grã-Bretanha. O conde de Lalli foi o primeiro que imaginou fazer enviar em seu soccorro um exercito de dez mil homens. Esta expedição (1746) que os rigores do tempo transtornaram, iniciou se com inacreditaveis victorias, e, desde então, Lalli foi considerado capaz de executar as mais arriscadas empresas. Em 1757, recebe a grã-cruz de S. Luiz, é nomeado tenente-general do exercito e enviado como govêrnador militar a Pondichéry, com plenos poderes para fiscalisar e punir todos os abusos que, cedo ou tarde, deviam determinar a fallencia da companhia francesa das Indias e a perda d'aquellas colonias para a França.

Muita gente de má nota, trapaceiros e gatunos, á frente dos quaes se achava o reverendo padre Lavaur da companhia de Jesus, tinha interesse em continuar aquelle miseravel estado de coisas para se ir enriquecendo, embora arruinando e deshonrando a França.

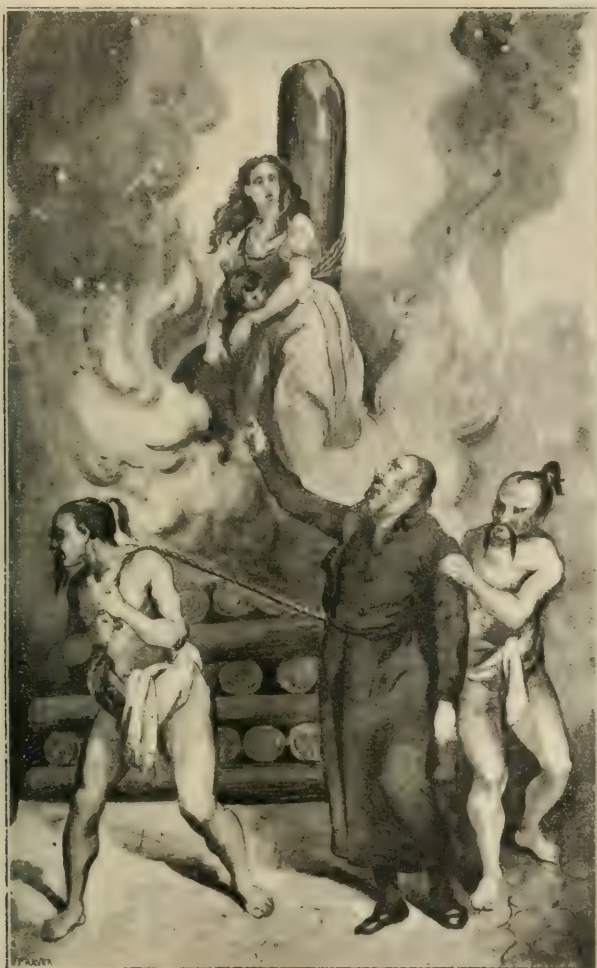
Foi n'estas circumstancias que Lalli, depois de se ter demorado por algum tempo na ilha Bourbon, entrou no porto de Pondichéry, a 28 de abril de 1758. O navio, chamado *Comte-de-Provence*, que o transportava foi recebido a tiros de peça... com bala, que lhe avariaram o costado. Este singular engano, ou esta malvadez d'alguns subalternos, foi de mau agoiro para os marinheiros, sempre supersticiosos, e até para Lalli, que o era um pouco, embora pretendesse apparentar o contrario.

Os principaes do governo, com o padre Lavaur, discutiam a chegada do novo govêrnador, bem como a extensão dos poderes de que vinha revestido para reformar a administração, quando Lalli, seguido dos seus officiaes entrou na sala das sessões. Vinha colerico pelo acolhimento que lhe tinha sido feito, e tomou logo aquella gente que o esperava como outros tantos inimigos a combater, culpados a punir.

— A acção d'esse official de marinha, dizia elle, é infame... Carregar de metralha

as peças que deviam salvar a minha chegada! A vella grande ficou depedaçada, e o que é peior, um marinheiro gravemente ferido. Vou ser inexoravel com os culpados.

—Quem sabe se isso não foi resultado d'uma imprudencia, objectou um dos officiaes.

—Não foi, esse homem tem cumplices e é preciso que eu os conheça. Sei que qualidade de inimigos me esperam: sei com que quantidade de trampolineiros tenho que me haver.

Supplicio d'uma portugueza no Japão

Um murmurio geral de protesto se elevou.

—Sei, continuou Lalli, com voz forte; sei, já disse. Não conheço a arte de mascarar as palavras, e chamando as coisas pelo seu nome, chamo trampolineiros áquelles que

se enriquecem á custa do seu paiz, e ao que preparam uma fallencia infame de que sairão milionarios. Espero que me entreguem quanto antes os seus respectivos relatorios, sobre os negocios de que cada um está encarregado; preciso examinal-os. E dirigindo-se ao jesuita:

— É o senhor o padre Lavaur, reitor da companhia de Jesus?

Sou eu, general.

— Pois desde hoje ha de restringir-se unicamente ás funcções do seu ministerio. O senhor está aqui para evangelisar e não para governar. Não o esqueça.

– Não o esquecerei, general.

—Muito bem. E, agora senhores officiaes tratae de restabelecer a disciplina entre as nossas tropas, afim de que, d'um instante para outro, estejam promptas a combater. Uma esquadra inglesa vinha crescendo a bombordo da minha; os ingleses conhecem-me, odeiam-me e temem-me; eu odeio-os mas não os temo. Guerra, pois aos ingleses, mas guerra tambem á indisciplina, á desobediencia e á ladroeira.

E a recepção acabou ao elle pronunciar estas palavras, de que ninguem se esqueceria, e o jesuita, menos que ninguem.

Cercado de inimigos e de traidores Lalli teve que combater só, e desamparado dos magnates da colonia, contra os ingleses, ao mesmo tempo que reformava a administração, exigia severas contas do emprego dos dinheiros publicos, e prohibia o padre Lavaur de tornar a entrar no edificio do conselho.

Evitou um desembarque dos ingleses; retomou a importante praça de S. David, que o seu antecessor no governo, Dupleix, tinha deixado cair em poder dos ingleses, que expulsou de todos os pontos aos arredores de Pondichery.

Na tentativa de reconquistar Madrasta foi menos feliz, mas não menos arrojado e valente. Mas em todas estas empresas, em que gastava o que era seu, e raras vezes conseguia que alheios lhe prestassem os meios necessarios, teve de luctar mais com os inimigos de casa do que com os extranhos, que não deixavam de o perseguir e calumniar.

Vendo que eram infructiferos os seus esforços para a reconquista que tentara, voltou a Pondichery, resolvido a administrar e conservar, esperando melhor occasião para então reconquistar. Os seus inimigos, com o padre Lavaur á frente, romperam ás claras contra elle. O jesuita subia ao pulpito para lhe imputar todos os males que se estavam soffrendo, e que no fim de contas só deviam ser attribuidos ás traições d'elle jesuita e dos seus amigos. Todos aquelles a quem a violencia e severidade do general tinha molestado fizeram causa commum com o reverendo padre, repetiam as calumnias que elle inventava, e procuravam alienar-lhe o povo e o exercito. De todas as partes se desencadeavam odios, opprimiam-n'o com censuras, com cartas anonymas, e satyras. Todos estes desgostos aggravaram-lhe a saude e as febres acabaram por prostral-o. O padre Lavaur subiu ao pulpito, declarou que o general estava doido, e mandou afixar cartazes convidando o povo á revolta e a abrir a porta aos ingleses.

— A bençam de Deus, dizia o jesuita, será para todos os que se abrigarem á sombra do pavilhão inglês, que vem trazer-nos a paz e o libertamento.

O povo amotinou-se e atacou o palacio do general; mas á vista d'este, só e desarmado, recuou e não se atreveu a aggredil-o como o jesuita instigava.

Foi então que o homem que diziam louco, aproveitou a occasião para levantar os espiritos d'uma parte dos habitantes, e, n'um rasgo de eloquencia viril, fez jurar, aos que o queriam assassinar, que antes se deixariam trucidar do que entregar a cidade aos ingleses, como os aconselhava o jesuita.

Mas, ao mesmo tempo que o general, aproveitando este momento de enthusiasmo, organisava novos meios de defesa, o reverendo padre Lavaur, seguido de Duval de Lerit, governador civil, e d'um grande numuro de officiaes da guarnição, abria a porta aos atacantes, a 15 de janeiro de 1761.

Depois d'uma resistencia desesperada, o conde Lalli-Tollendal, exgotado de forças, coberto de feridas, caiu em poder dos soldados inimigos; mas o almirantado inglês concedeu-lhe a permissão de voltar a Fran-

ca. sob palavra: mas aqui esperavam-n'o novas desgraças mais crueis do que todas as que tinha soffrido até alli; o odio dos seus inimigos perseguia-o até á beira da sepultura.

Alguns mezes depois, Lalli, que viera lealmente apresentar-se ao rei para se justificar, foi enviado para a Bastilha, afim de esperar alli o julgamento do processo que lhe foi instaurado.

Conta a tradição, que aquella cellula fôra a mesma em que Voltaire estivera preso quando moço, e onde annos depois foi visitar o prisioneiro, por quem se interessava, conhecendo a injustiça das accusações, chegando a propor-lhe a fuga, o que Lalli-Tollendal, conscio da sua innocencia, repelliu com altivez.

Voltaire, então, prometteu-lhe interessar-se por elle: mas todos os seus esforços foram baldados, e Lalli-Tollendal não conseguiu a reparação a que tinha direito senão depois da sua morte.

Um dos inimigos mais terriveis que Voltaire assignalára a Lalli era o jesuita Lavaur, que tinha seguido o general a Paris e que empregava todos os meios para o perder. O santo homem, queixando-se da miseria em que o tinham lançado os acontecimentos de Pondichery, solicitava do governo uma modica pensão de quatrocentos francos, para ir passar o resto dos seus dias no fundo do Périgord, entregue á oração. Pois quando morreu, pouco depois, encontraram-lhe no espolio 1:250.000 francos em oiro, diamantes e lettras de cambio. Na mesma caixa foram-lhe achadas duas memorias, uma em favor de Lalli-Tollendal, para o caso d'este sair triumphante, a outra que o accusava dos crimes mais horriveis.

Qualquer que seja o desprezo com que a justiça devia tratar as memorias d'este miseravel, fez uso da segunda contra o general, e ao fim de dois annos, a *becca*, gloriosa por poder abater a *farda*, satisfez a vingança posthuma do padre Lavaur, e a 6 de maio de 1760, Lalli foi obrigado a ouvir de joelhos a sentença que o declarava culpado e convencido de ter traido os interesses do rei, do Estado, da companhia das Indias, d'abuso d'auctoridade, vexames e exacções, e portanto condemnado a ser decapitado.

Depois de ouvir lêr esta sentença Lalli levantou se, e tirando um compasso escondido n'uma das mangas da veste, feriu-se com elle no coração; mas a ferida, que lhe impediram de repetir, não foi mortal, e o algoz apoderou-se d'elle.

Para maior martyrio do condemnado, e sob motivos puramente especiosos, decidiram que lhe seria applicada uma mordaça de ferro, e com ella o fizeram subir para a carreta destinada a conduzil-o á praça de Greve.

Chegando ao cadafalso, espalhou a vista sobre o povo, como quem quer falar; mas a mordaça não lhe permittia fazel'o. Subiu a escada fatal com firmeza heroica, poz-se de joelhos e extendeu o pescoço sobre o cepo. O ajudante do algoz vibrou o golpe, que lhe levou o craneo sem o matar, e foi preciso que o algoz terminasse a operação, fazendo cair a cabeça com um outro golpe. Os juizes por este bom serviço receberam uma gratificação de sessenta mil francos, e uma pensão de seis mil foi concedida ao conselheiro relator e ao mesmo tempo inventor da mordaça de ferro.

No mesmo dia em que Lalli expirava no patibulo, seu filho, uma creança de treze para quatorze annos (que foi depois o conde Gerard de Lalli-Tollendal, par de França, morto em 1830) era informado do mysterio do seu nascimento, e da morte ignominiosa de seu pae, que elle jurou vingar, e não ter um momento de descanço emquanto não justificasse a sua memoria.

Esta justificação reparadora, pedida com perseverança, foi obtida em 26 de maio de 1778.

Havia dias que Voltaire agonisava, quando recebeu do filho de Lalli uma carta em que lhe participava a decisão que annulava a sentença do parlamento que tinha condemnado seu pae. Voltaire reanimou-se para escrever o seguinte bilhete:

*«O moribundo resuscita, sabendo a grande nova; abraça ternamente o sr. de Lalli; e vê que o rei ainda é o defensor da justiça... Morre pois satisfeito.»*

Estas linhas foram as ultimas que Voltaire escreveu.

# LXIV

## Jesuitas, abexins e cophtas

A Ethiopia de sob-lo-Egypto dos antigos, a que corresponde a Abyssinia d'hoje, foi convertida ao christianismo no reinado de Constantino, pelo apostolo Frumentius, enviado, segundo se diz, pela imperatriz Helena. Dois seculos depois, no tempo do imperador Justiniano, uns missionarios vindos do Egypto alli introduziram as doutrinas de Eutychio[1] no grosso da nação, que ficou monophisista, sem nunca entrar de todo no catholicismo.

Dando credito ao nosso Fr. João dos Santos, no que elle escreveu na sua *Ethiopia Oriental*, firmando-se na auctoridade dos chronistas da ordem de S. Domingos, teriam sido os frades dominicanos os primeiros que, antes d'outras ordens religiosas, foram á Abyssinia procurar converter os seus habitantes ao credo romano.

Foi isto no pontificado do papa João XII, no anno de 1316, e oito os missionarios que partiram de Roma e uma freira «do terceiro habito da mesma ordem, matrona veneravel e de grande respeito, assim por sua edade como por sua muita virtude, a qual se chamava Clara, e na lingua dos abexins Imata.» Os missionarios foram bem recebidos «e ganharam tanto as vontades dos reis e senhores d'aquellas terras, que em breve tempo lhes edificaram conventos.» O principal d'estes foi o de Blurimanos[1].

Pela alliança concluida por D. Manuel com a rainha Helena em 1514, Portugal entrou em relações com os abexins, e no tempo de D. João III o *negus Onandïnguel* mandou o patriarcha D. João Bermudes a Lisboa, pedir auxilio contra os musulmanos que ameaçavam invadir a Abyssinia. D. João III ordenou a D. Estevam da Gama, governador da India, que enviasse o soccorro pedido, e D. João Bermudes acompanhou

---

[1] Eutychio, foi, no seculo V, abbade d'um grande mosteiro, e chefe dos monges que habitavam em communidade ao redor de Constantinopla. A aversão de Eutychio contra o nestorianismo precipitou-o no excesso opposto. Da unidade de pessoa, concluiu a unidade da natureza de J. Christo, no qual a natureza humana «seria absorvida como uma gotta de chuva de leste pelo Oceano, confundida como o cobre e o estanho nos sinos das nossas egrejas.» Esta opinião destruia o mysterio da redempção dos homens, e fazia o seu auctor recair na heresia de Cerintho e dos gnosticos.

[1] «Os religiosos d'este convento, diz Fr. João dos Santos, teem tres maneiras de vida religiosa, a saber: activa, contemplativa e mixta, que participa de ambas. Dentro da cêrca, que é muito grande, está um hospital, de que tem cuidado certos religiosos, agasalhando n'elle peregrinos e pobres com muita caridade; aqui residem os que a obediencia manda exercitar na vida activa. Em outra parte da mesma cêrca, estão umas cellas muito pequenas, distantes umas das outras, mettidas entre arvores silvestres, brenhas e furnas, onde residem outros religiosos em muita oração e contemplação, guardando continuo silencio. Alguns comem sómente ervas; outros trazem cingidas cintas de ferro sobre a carne nua; alguns jejuam muitos dias a pão e agua; e outros continuamente, fazendo vida solitaria como antigamente faziam os monges do Egypto e Thebas. Os mais religiosos estão no convento occupados no côro, estudo, confissões, prégações, e no mais que a santa obediencia lhes manda.»

Um Imperador de contrabando

a expedição. A *Onandinguel* succedeu o negus Claudio, que por tal sorte se viu ameaçado pelos selvagens gallas d'um lado, e pelos moiros do outro, que perderia os seus estados, se lhe não fosse em auxilio, em 1561, um pequeno exercito português commandado por D. Christovam da Gama, irmão de D. Estevam, que em duas batalhas derrotou os inimigos, mas foi derrotado e morto na terceira que feriu. Por fim, ao commando, primeiramente de Affonso Caldeira e depois do de Ayres Dias, os nossos tiveram de novo a victoria por si, derrotaram completamente a moirama, e conservaram assim a independencia do negus.

Com os portugueses, que á custa do seu sangue mantiveram então a autonomia dos abexins, entraram os jesuitas, na Abissinia e

desde logo assumiram uma importancia e preponderancia tal que os tornaram verdadeiros senhores do país.

O sr. Pinheiro Chagas escreveu a respeito d'elles: «Mas alli como em toda a parte a ambição desvairou-os e perdeu-os. Tornaram-se pesados, tornaram-se importunos e despotas, a ponto que um monarcha mais energico expulsou-os no seculo XVII.»

No meio dos seus interesses mercantis, o que mais preoccupava os jesuitas em materia de religião era o jejum dos abexins. Tinham alli os christãos, por costume, jejuarem de sol a sol. Os jesuitas, tão faceis em materias de religião muito mais importantes, viram n'este uso um peccado gravissimo contra Deus, que era necessario extirpar, impondo o preceito de se jejuar, nos dias de obrigação, sómente até o meio dia. Por seu lado os abexins teimavam em jejuar até á noite [1].

Os jesuitas impelliram os reis a submetter os recalcitrantes pela força a um jejum, por assim dizer de moeda fraca, como era a religião que elles pregavam. Um d'estes reis, Zela-Christo, creatura dos reverendos padres, obteve a conversão de muitos dos seus subditos á paulada e á espadeirada, quando os argumentos e a oratoria jesuitica pareciam não produzir effeito. Conta-se que em seguida a uma victoria sobre os seus rivaes, Zela-Christo, tendo-se apoderado d'alguns padres schismaticos, que não queriam transigir com a questão do jejum, fez enforcar a todos que preferissem a forca ao jejum mitigado. E os jesuitas cantaram um *Te-Deum* em louvor d'esta victoria:

*Ad majorem Dei gloriam!*

Ao mesmo tempo que procuravam estabelecer-se na Ethiopia, os jesuitas ensaiavam firmar-se mais abaixo, nas margens do Nilo egypcio. Existiam n'aquellas paragens, uma ordem de christãos conhecidos pelo nome de cophtas [1] que os pontifices, por mais de uma vez tinham querido chamar ao seio do catholicismo; mas em vão.

Comtudo em 1561, acreditou-se na possibilidade d'essa fusão. Um cophta, que se achava em Roma sem dinheiro, lembrou-se, para encher a bolsa e poder voltar para a sua terra, de falsificar cartas assignadas pelo patriarcha d'Alexandria, nas quaes a egreja cophta, por orgam dos seus dignitarios, expunha o seu desejo de se ligar emfim á de Roma. Foi incalculavel o alvoroço e a alegria no Vaticano; e o cophta cheio de caricias e de presentes. Quando partiu, fizeram-n'o acompanhar por jesuitas, que receberam como missão concluir a grande obra da reunião espiritual do oriente com o occidente.

Chegados que foram a Alexandria, os missionarios viram-se abandonados pelo cophta, que desappareceu, provavelmente rindo do logro que tinha pregado a gente tão esperta, como tem por fama os reverendos padres. Estes foram, sem introductor, procurar o patriarcha cophta, que esteve longo tempo sem perceber do que se tratava, e como os jesuitas se excedessem na linguagem estiveram quasi quasi a pagar com o corpo os ultrajes que dirigiam á egreja dos cophtas e aos seus fieis.

Em 1677 tentaram nova missão de união; mas como dava poucos resultados e nenhuns interesses, abandonaram para sempre a terra dos pharaós.

---

[1] Cf. *Histoire de ce qui s'est passé au royaume d'Etiopie pendant les années* 1624, 25 *et* 26, *etc*. Paris, 1629, Chez Cramoisy.

[1] Os cophtas são, como os abexins dos tempos de Justiniano, eutychianos, unico erro de dogma que os separa da Egreja romana. O seu clero está sob a dependencia d'um patriarcha eleito pelos bispos e pelos principaes leigos que seguem aquella forma do christianismo. Os padres são ordinariamente simples operarios; e embora tenham ampla liberdade para se casarem, poucos se aproveitam d'ella, observando a continencia, e sendo muito respeitados pelo povo. Estes teem sob a sua jurisdicção os diaconos, possuem conventos de ambos os sexos, onde se professam os tres votos.

# LXV

## No sertão africano

N'um livro publicado em 1891 [1] — do qual extrahiremos aqui algumas paginas, como temos feito de tantos outros —, referindo-nos a uma busca que fizemos nos manuscriptos da bibliotheca d'Evora, que se relacionam com missões no interior africano, escreviamos:

«... mas na febre actual de descobertas em Africa, na serie de estudos encetados para o cabal conhecimento d'aquella nossa possessão, se são de grandissimo interesse e maxima vantagem os trabalhos scientificos de Ivens e Capello, as digressões arriscadas e pittorescas de Serpa Pinto, e as dissertações juridicas e historicas de Corvo e Luciano Cordeiro, tambem se não devem desprezar, como factor de estudo, as missões dos capuchinhos ou carmelitas, a catechese dos jesuitas ou as visitas de um ou outro bispo que se tivesse atrevido a penetrar pelo sertão.

«Como o amor da religião da maioria do nosso clero só o leva a fazer catechese na secretaria dos negocios da justiça junto dos ministros, á procura das freguezias rendosas, dos pingues bispados, ou das conezias riquissimas, louvemos os bispos que têem a coragem de abandonar a metropole.

«Fóra, porém, da utilidade geral de publicações d'esta ordem, além do interesse que ha em passar a letra redonda tudo quanto existe inédito na bibliotheca de Evora, ha tambem n'esta publicação como que um interesse singular, e vem a ser: fazer bem evidente o valor quasi insignificante da catechese religiosa.

«Em these, esta precisa invariavelmente, para avançar, do auxilio do braço civil. Na historia das missões ha grandes inverdades que convem tirar a limpo. Da leitura dos relatorios dos missionarios vê-se que o negociante ia sempre na vanguarda do sacerdote, e onde aquelle não se estabelecia, este não podia ficar. Era commum o frade arrabido ou o jesuita encontrar pelo sertão fóra negociantes ou mercadores; a inversa era rarissima; mas o negociante, e então o negociante da Africa, não era escriptor, e os monges tinham chronicas e annaes.

«As expedições de descoberta ou conquista levavam sempre uns frades, poucos, que diziam a primeira missa aos pés da cruz erguida junto ao padrão das quinas, e quasi sempre ficavam, se ficavam, no aldeamento primitivo.

«As levas de ecclesiasticos, maiores ou menores, seguiam-se depois, e nem sempre a Africa foi a melhor quinhoada em homens de sciencia e tacto. Os jesuitas, que possuiam em alto grau a habilidade de saber adaptar os seus missionarios, punham todos os cuidados na escolha dos que deviam seguir para India, China ou Japão, onde eram precisos homens habeis, sabios, intelligentes, imaginosos e energicos, para travarem lucta com essas civilisações já com as suas leis codifi-

[1] *O Catholicismo da Côrte ao Sertão.* 1 vol. in-12.° — Paris — Guillard, Aillaud & C.ª — 1891.

cadas, suas religiões defendidas por um sacerdocio constituido, e suas philosophias organisadas. Alli, onde a tradição escripta conservava os usos, e a poesia nacional sustentava as crenças, era preciso mais alguma coisa do que ensinar a fazer o signal da cruz, e a repelir a doutrina [1]; mas na Africa?

«Geralmente nas missões a parte moral, aquella que eleva o individuo, e poderia fazer do bugre um homem civilisado, era completamente desprezada em beneficio de um formulario devoto.

«O missionario, tendo subido os rios perigosos e doentios, atravessado os mattos inhospitos, com os linguas e as recommendações para o gentio amigo, se conseguia chegar a casa do principal, e se este estava de accordo em se converter e deixar converter a sua gente, dava começo então á catechese.

«Tratava-se em primeiro logar de ensinar a fazer o signal da cruz. Reunida a população no terreiro do aldeamento, principiava o missionario a persignar-se e a fazer com que os negros o imitassem. O que primeiro de que qualquer outro conseguia benzer-se por si, recebia um premio, e passava a ensinar outros menos habilidosos no traçado das quatro cruses symbolicas.

«Depois, seguia-se o ensino do *Padre Nosso*, *Ave Maria* e poucas orações mais, e do catechismo especialmente a parte metaphysica e mysteriosa. Entretanto destruiam-se os amuletos e idolos, perseguiam se os *feiticeiros* ou sacerdotes sertanejos; apartavam-se umas duzias de casaes para se celebrarem outros tantos matrimonios, erguia-se a cruz no terreiro ou no logar anteriormente occupado pelo cepo informe da *china* [1], e o padre, na intima convicção de que tinha *convertido* o gentio, passava, na companhia do *xalona* [2], a prolongar a conversão.

«Acontecia que na volta encontrava, quasi sempre a doutrina esquecida, o *manipanso* no logar da cruz, e algumas momices mais ajuntadas ao tradicional rito gentilico. E os santos varões (porque alguns o eram) escreviam cheios de contentamento quantos milhares de *conversões* faziam n'aquellas viagens arriscadas e incommodas de tres ou quatro mezes. E, sem nem de longe suspeitarem o que era o *homem*, elles tratavam de ensinar quem era Deus! Tão ingenuos que acreditavam, e acreditam, que com quinze dias ou tres semanas de catechismo se fazem esquecer crenças e praticas seculares!

«Nem sempre o padre catholico, capuchinho ou jesuita, monge ou secular, comprehende todas as exigencias da civilisação. Será um explorador economico, quando muito. Ahi estão as historias das missões a attestarem que, intransigentes e fanaticos, sinceros de crenças e ignorantes da natureza, da indole, caracter e condições de vida do gentio, apenas se contentavam de lhes ensinarem umas exterioridades devotas, sem alcance moral, cuja resultante era um prestigio, quasi sempre passageiro, para o missionario.

«Emquanto a cruz não era protegida pela bandeira desfraldada no angulo do bastião do presidio, triste era o resultado da missão.

«Hoje, para mim, o verdadeiro missionario é o engenheiro. Em logar de egrejas, caminhos de ferro, e de quando em quando, em vez de ladainhas, unisonos de Chassepots ou Remingtons.»

O padre Pedro Tavares da companhia de Jesus fez uma missão nos principios do segundo quartel do seculo XVII, cujo relatorio

---

[1] A' imitação de S. Paulo que, explorando uma crença pagã, disse aos athenienses: IGNOTO DEO *Quod ergo ignorantes colitis et hoc ego annuntio vobis*: assim os jesuitas encontraram no *Chu-King* («especie de codigo de moral e da governação, fundado sobre as revoluções passadas, sobre os exemplos dos bons reis, e discursos dos seus sabios conselheiros») doutrina para affiançarem ao imperador Khang-hi «que sua majestade não devia encarar a religião christã como uma religião extranjeira, pois que nos seus principios e pontos fundamentaes, era a mesma que a antiga religião de que os sabios e primeiros imperadores da China fizeram profissão, adorando o mesmo Deus que os christãos, reconhecendo-o, como elles reconheciam, como Senhor do céu e da terra».

Entre estes jesuitas *habeis* e os intransigentes que iam á Africa derribar os idolos, parece-nos que ha grande vantagem para estes ultimos, *sob o ponto de vista catholico.*

[1] Idolo.

[2] Interprete.

escreveu, existindo o original em Evora[1].

O missionario tinha escripto com a preoccupação da publicidade, pondo-se, talvez mais do que é licito á humildade e modestia evangelica, em evidencia. Mas na companhia entenderam que era exagero o que elle por vezes dizia de si; e o traço inquisitorial riscou muitas phrases. E' por isso que com um tal ou qual despeito elle escreve na pag. 34 do seu manuscripto:

«O que vae riscado n'este volume foi por opinião do padre Bento do Valle, sendo que cuidava eu que tudo se podia ler, que a verdade não necessita de enfeites de palavras, que talvez a tornam escurecida. Fez o sebredito padre d'esta carta, outra que conats de dezeseis folhas pouco mais ou menos.»

A lenda de S. Thomé

[1] Cod $\frac{2-4}{CXVI}$

Ficou, pois, na parte que foi mandada officialmente aos outros collegios da S. J. a carta reduzida a metade. Felizmente Evora possue o original.

Este padre jesuita era crente, teimoso e de intelligencia acanhada. Gostava, porém, de observar e de annotar as observações.

A sua carta tem o seguinte frontispicio:

«*Para o padre provincial da provincia de Portugal.*

«*Carta e verdadeira Relação dos successos do padre Pedro Tavares da companhia de Jesus nas suas missões dos reinos de Angola e do Congo, tudo tambem composto pelo mesmo padre, emquanto a saude lhe deu logar, porquanto depois, por razão de gravissimas doenças, occasionadas do grande trabalho das missões, foi mandado pela santa obediencia e ordem dos medicos a se curar a Portugal.*»

Não daremos a carta na integra, e passaremos a fazer pequenos extractos de tudo quanto encontrarmos referente ao assumpto que vimos tratando.

Aprendemos da lição d'esta carta a singular maneira usada pelos jesuitas de fazer catechese; elles, por motivos de religião, não se limitavam a trazer o gentio aos seus collegios «em grilhões, e todos presos em correntes» mas queimavam lhes as casas «e a do principal, ajunta Pedro Tavares, depois de queimada a salguei».

Quer dizer que tratavam o gentio, pouco mais ou menos, como um seculo depois haviam de ser tratados pelo marquez de Pombal.

Quando lhes não davam carregadores, fingiam primeiro que lhes queriam queimar as casas (aos indigenas) e depois «tanto que se assoprava já o fogo, me foram á mão disendo: Ta, ta, não queimes, não queimes, logo te darei carregadores».

Este bom missionario foi victima das artimanhas de um feiticeiro.

Parece me, porém, que o jesuita não tinha motivo bastante para querer mal ao feiticeiro, a não ser por inveja. O que fazia o tal africano? O mesmo padre nol-o diz: «chupava as feridas dos molestos e quasi que as curava; enchia, sem que ninguem desse por isso, de azeite e vinho as vasilhas das casas por onde passava», era, emfim, uma especie de demonio familiar, bom, auxiliador e modesto.

O padre jurou-lhe guerra de morte. Sem possuir, como seu irmão Anchieta, o dom dos milagres, achava desleal a concorrencia do negro. Organisou pois uma montaria contra elle. Chamou em seu auxilio a inquisição, armou-se com os raios excommungatorios e, com algumas ordens do governador para sobas amigos, partiu á caça do feiticeiro. Este, mal o presentiu, fugiu. O padre segue-o resolvido a não dar descanço nem quartel a este Anti-Christo, e Simão Mago, como elle, no auge da indignação, lhe chamava. O feiticeiro, na sua qualidade de adivinho, sabia todos os passos do jesuita e evitava-o constantemente. Uma noite prometteram a este trazer-lhe o feiticeiro vivo ou morto. N'esta doce esperança Tavares fechou a porta da choça, encommendou-se a Deus e adormeceu! Alta noite, porém, os espiritos malignos, mesmo com a porta fechada, entram na cabana, e moem o pobre missionario de pancada. Pela manhã, vendo de que qualidade era o folar que o esperava n'aquella paschoa, volveu atraz sem o concorrente, e com os ossos n'um feixe.

Em 1632 tanto Pedro Tavares como os padres Domingos Lourenço, João de Paiva e Estevam Rodrigues julgam impossivel catechisar o gentio do *Dongo* e propõem que se abandone a missão.

«Estão tão fóra os gentios de virem ouvir os padres, escreve Domingos Lourenço, que os christãos e os mais principaes se ausentam da terra de tal modo que nem á força querem tornar.

«E porque a materia da sustentação é coisa de peso e de muita consideração e custa aquella missão a este collegio muito mais do que custava em outra parte: assim por ser muito longe, como porque o rei não corresponde com as caridades que havia de fazer aos padres que alli o servem.»

Quer isto dizer que, desde o momento em que o estado não paga, os jesuitas não se

julgam obrigados a trabalhar. Continuemos, porém, a leitura do manuscripto que tem um topico curiosissimo e que dá a conhecer que qualidade de papel elles representavam para com o tal rei que não pagava.

«De mais de que d'elles faz muito pouco caso, nem cuido os tivera alli, senão fôra vêr o muito que o *ajudam* e defendem em suas trapaças com o governador, capitães e outros particulares. Assim que entendo que não quer padres senão por razão de estado e porque vê que ninguem lhe guarda fidelidade nem o serve sem interesse senão elles.»

Que rei, que funccionarios e que jesuitas!

Mas vejamos em que consistia uma entrada de jesuitas pelo sertão. E' ainda o nosso padre Tavares quem nos vae contar como as coisas se passavam:

O jesuita (em Dongo) encontra-se «n'um terreiro, onde estava um idolo de pau, do tamanho de um homem, untado com muitas ervas, a bocca cheia de farinha de pau e vinho de palma, posto sobre uma alta pyramide, junto da qual estava afincada no chão uma trave muito grossa, e ôca, cevada por dentro de muitas feiticerias, despedindo de si um cheiro infernal, e junto á trave havia uma casa de palha esteirada novamente por todas as partes, na qual falavam com o diabo; tinham junto dos idolos o seu cemiterio a que chamam inibielas, com muitas casinhas feitas de lages, e uns buracos a modo de lousas, onde mettiam o comer aos defuntos alli enterrados, segundo muitas vezes em outras partes vi. O padre [1] ficou admirado, porque ainda que esteve em outras partes, nunca viu o que aqui achamos. Ao outro dia pela manhã, antes da nossa partida, chamámos todos os principaes gentios, e fomos vêr os seus deuses: já tinhamos fogo apparelhado dissimuladamente, e um cavallo que nos mandara el-rei de *Dongo* para ir um de nós n'elle, e estando todos no terreiro, o padre com grandissimo espirito e quasi chorando começou a prégar áquelles pobres contra sua cegueira e idolatria; eu então fiz o officio de Martha, pondo fogo por minha mão a todos estes idolos com muita alegria e confiança [1]; não se queria o idolo grande acabar de queimar pelas pernas; vendo isto, e que tinhamos largo e comprido caminho que andar, saltei por cima das labaredas no idolo (aqui o irascivel missionario começa a calumniar Martha), e trepando sobre a pyramide o abalancei para dar com elle no chão: por esta vez desisti de o abalançar mais, e de pulo saltei no chão, respeito de as labaredas me irem já chamuscando; o que, visto pelos gentios, deram grandes risadas, cuidando que o idolo zombava de mim. Tornei a elle a segunda vez com dobrado impeto e fervor, e não o podendo abalar, me desci por causa do fogo, com maiores risadas dos gentios; até que finalmente da terceira vez arremetti com elle e já com as pernas queimadas o estirei no chão; de que os indios pasmaram, por eu não morrer, tendo-lhe derrubado e queimado ao seu Deus, chorando elles muitas lagrimas. O padre ainda ia continuando com a pregação, e eu tornei ao idolo e lhe atei uma corda ao pescoço, e esta á cauda do cavallo, dando-lhe muitos coices e cuspindo-o dizendo:—Olhae cá vosso idolo queimado e arrastado. Tomei conseguintemente o cavallo pelo cabresto, e corri o terreiro á roda, indo o padre com os principaes gentios, açoitando com bordões e cuspindo no idolo, gritando todos em altas vozes: Diabo, fóra, sujo, maldito.»

Descancemos e admiremos a mansidão dos negros e do cavallo, que não se atreveu a fazer ao derrubado deus o que lhe fizera o padre, aliás homem d'uma coragem verdadeiramente para admirar.

«Concluido este negro cadafalso, subi a uma arvore (que ainda que tinhamos aqui alguns negros nossos, nenhum se atreveu a subir por terem medo aos gentios) e cortei

---

[1] João de Paiva, que era então o seu companheiro; porque, como se sabe, os jesuitas andavam sempre aos dois e dois.

[1] A primitiva redacção do original era: «com muita jucosidade e alegria», que o revisor mudou para a que no texto se lê.

dois paus de que fiz uma cruz; logo fiz seis vassouras, tomando o padre uma e eu outra e cada um dos principaes a sua: Varremos a cinza do terreiro, e a deitámos entre os mattos espalhada, e n'elle puzemos e arvorámos a cruz, estando todos de joelhos e immediatamente lhes explicou o padre o que significava.»

Francamente, de que lado estava o fanatismo iracundo e a selvageria grotesca?

No fim do manuscripto, vem uma nova descripção d'aquella façanha, mas com modificações de pouca importancia, mais coice menos coice do pobre fanatico.

Termina a narrativa dizendo-nos:

«O que feito nos partimos para o *Dongo* tendo gasto no caminho de *Massango* até o mesmo *Dongo* oito dias.»

Não fica, porém, aqui a historia do idolo escoiceado. Como na maioria dos casos, partido o missionario, o idolo voltava ao seu logar. Na segunda missão, um anno depois (1631), o padre Pedro Franco escreve o seguinte:

«Chegado que fui ao soba Calungo (no Bengo) que seria meia hora antes da noite, vi o idolo de que já tratei na summaria carta brevemente, e agora direi largamente o que com elle me succedeu. D'outras vezes que aqui tinha vindo a ensinar, lh'o não tomei, porque como esperava com a ajuda divina de pôr em bom estado tantos milhares de almas, como tem este soba, juntas com as de outras fazendas de portugueses visinhos, não quiz logo entrar de novo com a espada arrancada, e sabemos que nas republicas se soffrem peccados para escusar outros maiores, como diz S. Gregorio, que acaba com estas palavras: *Permittimus ergo fieri mala, ne fiant deteriora.* Mas agora o fui buscar pelas razões acima ditas. Estava o idolo á entrada do logar, e como se fôra cruz, ao sair e ao entrar no logar lhe faziam reverencia. Distando d'elle um tiro de pedra, e aqui me puz de joelhos com as costas viradas para elle. Logo fiz actos de contricção e de fé, desejando dar a vida por Nosso Senhor se me matassem *in contumeliam Christi,* do que eu por meus peccados não sou digno; que nem esses selvagens de cá teem essa distincção de matarem pela fé. Acabados os santos actos me cheguei ao idolo e o cuspi dando-lhe muitos coices, arquei com elle e nunca do chão o pude arrancar, e vendo que estava tão afincado (encommendando em meu coração a Deus o bom fim d'esta victoria) pedi uma faca grande a um dos meus moços e fiz d'ella enxada com que cavei ao redor do idolo. Arrancado já, virei o rosto para o logar e vi estar por cima dos muros muitos gentios admirados e colericos contra mim, com muitos arcos e frechas. Fiz-lhes pelo lingua uma pratica, que eu era seu mestre e ia em logar do sr. bispo e governador; e assim que se algum me atirava com alguma frecha, lhe haviam os portugueses de dar guerra. Tomei então uma corda e atei-a ao pescoço do idolo, e a prendi ao jumento, disse a um dos meus linguas que pelo cabresto o levasse á roda do terreiro. Já n'este comenos tudo estava cheio de gentios armados, e ao idolo que se levava arrastado, ia eu açoitando com um bordão e fazendo outros vituperios, dizendo em alta voz pelo lingua que era excellente: Não vedes vosso Deus açoitado, arrastado, escoiceado? Choravam n'este passo muitos d'elles, lastimados de vêr as perrarias que eu lhe fazia, outros se infamavam de colera contra mim, e eu entre estes lobos (mas sem dentes... pobres lobos). Sendo já alta noite, supposto que fazia mui claro luar, mandei ao lingua que lhes fizesse outra pratica, extranhando-lhes quão grande peccado era ser idolatras para virem a adorar um pau. Estando já senhor d'esta diabolica presa, me veiu vêr o soba com todos os principaes, sem trazerem armas e muito humildes; porém nem ainda assim me fiava d'elles, receoso que n'aquelle exterior de mansas ovelhas escondessem alguma traição de leões famintos; comtudo logo entendi que por então vinham com o coração sincero. No comenos dos cumprimentos, que de nada serviram, me deu a entender com claras mostras e signaes, que se lhe dava o idolo me daria uma grossa cadeia d'ouro que ao pescoço trazia, e negros de estima e preço.

Ao que animosamente respondi que entre elles o não deixava, nem queria riquezas, senão uma geral extirpação de suas idolatrias: e assim lhe não dei o idolo, por mais alpendre dentro do logar, indo já o idolo em cima do jumento fortemente amarrado com uma corda, e entre mim e os meus linguas. Chegado que fui ao alpendre, com certeza

Os jesuitas mandarins

que chorava, dizendo que era o seu medico e o auxilio de suas necessidades, sol, chuva, e nem lh'o dera ainda que me matassem como eu mesmo lhe disse muitas veses. D'aqui me levou o soba a aposentar em um cuidei que me matassem, por me vêr cercado todo de tantos gentios armados; mas Deus me livrou d'estas e das outras vezes por sua infinita misericordia. Disfarcei o pavor que tinha segundo melhor pude, dizen-

do-lhes que fossem cear e que ao depois fariamos doutrina, podendo succeder fazer-se tudo que elles desejavam, e que tambem queria cear. Idos elles, amortalhei o idolo entre a minha cama, que era uma esteira, sem que d'isso alguem desse fé. Faltando-me agua para a ceia lh'a mandei pedir, e foi tão cruel que nem esta nem outra coisa ou de graça ou por dinheiro quiz dar. Assim que só com farinha passei esta noite, com a minha gente, estando tão fraco e cançado, como facilmente se verá do muito que de dia tinha andado e trabalhado em jejum. Comtudo, seja Deus bemdito, não me apaixonei por isso contra elle, antes sahi da casa a lhes fazer uma breve doutrina por mais não poder, tendo sempre á vista o idolo amortalhado. Acabada a doutrina os despedi para irem dormir, e eu o não fiz em toda a noite, velando não me tomassem o idolo ás escondidas, ou como estão pelo sertão dentro me não matassem. O que muito me admirou foi que com serem os meus dois linguas criados no collegio desde meninos, nunca, por mais que lhes roguei me ajudassem a arrancar o idolo do chão o quizeram fazer, cuidando que se lhe pegassem com a mão haviam de morrer, e não fiz pouco com o lingua mais valente em o convencer ás razões e peitas para m'o trazer embrulhado na esteira.»

Pobre padre! não podia comprehender que quem nasce gentio, seja embora educado n'um seminario, jámais esquece as superstições da infancia!

Deixemos o padre Pedro Tavares a caminho do seu collegio, com o jumento carregando o escoiceado deus e vejamos, como elles, desprezando a auctoridade civil, se revoltaram contra o governador d'Angola, D. João Manuel de Noronha, Marquez de Tancos, que redigiu um manifesto, que seria a eterna condemnação dos jesuitas em Africa, e um rebate aos governos para alli os não consentirem. Infelizmente permitte-se alli a propaganda deleteria tanto dos que se dizem nacionaes, e que só o são para mais facilmente desprestigiarem a influencia portuguesa, como dos extranjeiros.

No preambulo do *Project de loi relatif à l'enseignement supérieur*, mr. Jules Ferry, então ministro da instrucção publica da Republica Franceza, denunciou os jesuitas como «uma ordem *essencialmente extranjeira* pelo caracter de sua doutrina; pela natureza e fins de seus estatutos; pela residencia e auctoridade dos seus chefes». Egual denuncia podem fazer os ministros de todos os paises. A sociedade de Jesus é cosmopolita; defende os direitos e privilegios da Santa Sé, o credo tridentino, e acima de tudo, apesar da profissão do quarto voto, a supremacia e interesse da companhia. A defesa d'estes interesses, ou dos interesses dos seus filiados levava-a, grande numero de vezes, a imprudencias injustificaveis. O manifesto de D. João Manuel de Noronha é fertil em documentos comprovativos d'esta asserção.

«Mandando o governador proceder contra um empregado falsificador e desleal, o administrador dos contractos dos escravos, padre Machado, este se homiziou no dito collegio, tendo n'esse dia ido a sua casa dois religiosos da companhia, atraz dos quaes se recolheu logo o dito administrador para o collegio; sendo publico que o foram persuadir a isso os taes religiosos, dando occasião a tumultos e alterações: homiziando-se tambem com esse exemplo d'ahi a poucos dias no convento do Carmo Manuel Pinto da Costa.»

Era porém tal o receio que a Companhia inspirava, e o respeito pela casa de Deus, que o governador não se atreveu a ir alli buscar o homiziado. O processo veiu á metropole acompanhado das queixas do governador, e da côrte foi expedido, em 4 de março de 1713, um alvará que mandava entregar os presos, a quem estava concedida pousada e moradia honrosa.

Os jesuitas negaram-se a obedecer ao alvará, a fim de provarem ao povo quanto estavam independentes da alçada do poder civil.

O governador, porém, resolveu ir buscar o administrador á força. Mal os padres tiveram noticia de tal decisão, vestiram o homiziado de batina e sobrepeliz, expuzeram o Santissimo, abriram de par em par as portas da egreja e prostraram-se em preces e orações ao som do dobre dos sinos e das plangencias do orgão.

O official, encarregado da captura, ao entrar na egreja teve um momeuto de hesitação, ajoelhou, fez uma curta prece, e encaminhando-se resolutamente para o falso clerigo agarrou-o por um hombro, trouxe-o para a rua, despiu-lhe a batina e entregou-o á escolta.

Os padres tentaram então sublevar o povo. Abandonaram a egreja, e de cruz alçada, em preces a Deus e excitações á multidão, seguiram a escolta. Quando chegaram ao convento fecharam as portas e deixaram crescer as barbas.

No mesmo manifesto se narra um outro facto acontecido com os mesmos jesuitas e que vem provar quanto nociva foi a sua missão na Africa.

Reproduzo a pagina do manuscripto com as annotações com que existe no codice $\frac{CVXI}{2-14}$ da bibliotheca de Evora.

Sendo eleito provedor da misericordia d'aquella cidade, cuja occupação não duvidava acceitar, antes com notavel despesa da sua fazenda continuou n'ella todo o tempo do seu governo por ser aquella casa pobre, sem renda alguma, mais que a preferencia que sua majestade foi servido conceder-lhe de 500 cabeças em cada anno, (em que estado esvam os espiritos n'aquella epocha, que para ajudar uns á misericordia se vendiam outros!), que chega para sustentação do hospital, por ser grande o numero de gente que a elle concorre a curar-se, assim de soldados como de outras pessoas, e muita despeza não ha quem queira acceitar o ser procurador; e achando que de uma matta que pertencia ao santo hospital e casa da misericordia, estavam senhores os padres da companhia, sem mais direito que a permissão que a mesma casa uma vez lhes concedera para córte, como consta dos autos, utilisando-se de sua madeira e vendendo-a a todo aquelle povo, e assim mais que havendo-se deixado de legado duas moradas de casas ao mesmo hospital, sendo os padres da companhia testamenteiros legatarios, ha mais de 40 annos o não cumpriram, mandou com effeito pôr-lhes demanda para a restituição do sobredito.

«E procurando já em outro tempo a mesa da misericordia haver os sobreditos bens, fazendo-se citar o provedor do collegio para ante o vigario geral que então era, vieram os ditos padres dizendo que não podiam ser demandados senão perante a Sé Apostolica, a quem só pertencia o conhecimento de suas causas.»

beatus qui possedit

o que é poremlhe o pé ou chegarem-lhe com a mão que de outro direito não necessitam.

ubi est conscª in legato hoc.

Esta foi toda a causa e pedra do escandalo para os padres preromperem em tantos alaridos.

tirar-me hão a capa, morrerei de frio, tomar-me-hão o que tenho, acabarei de fome e se me quizer cobrir, ou comer, mandarei a Roma.

Confessemos que estas scenas não eram adredes a chamar os povos á communhão catholica.

E agora subamos até o Zaire, onde encontraremos outra fórma de missão mal succedida e vencida por... mulheres.

# LXVI

## No Congo

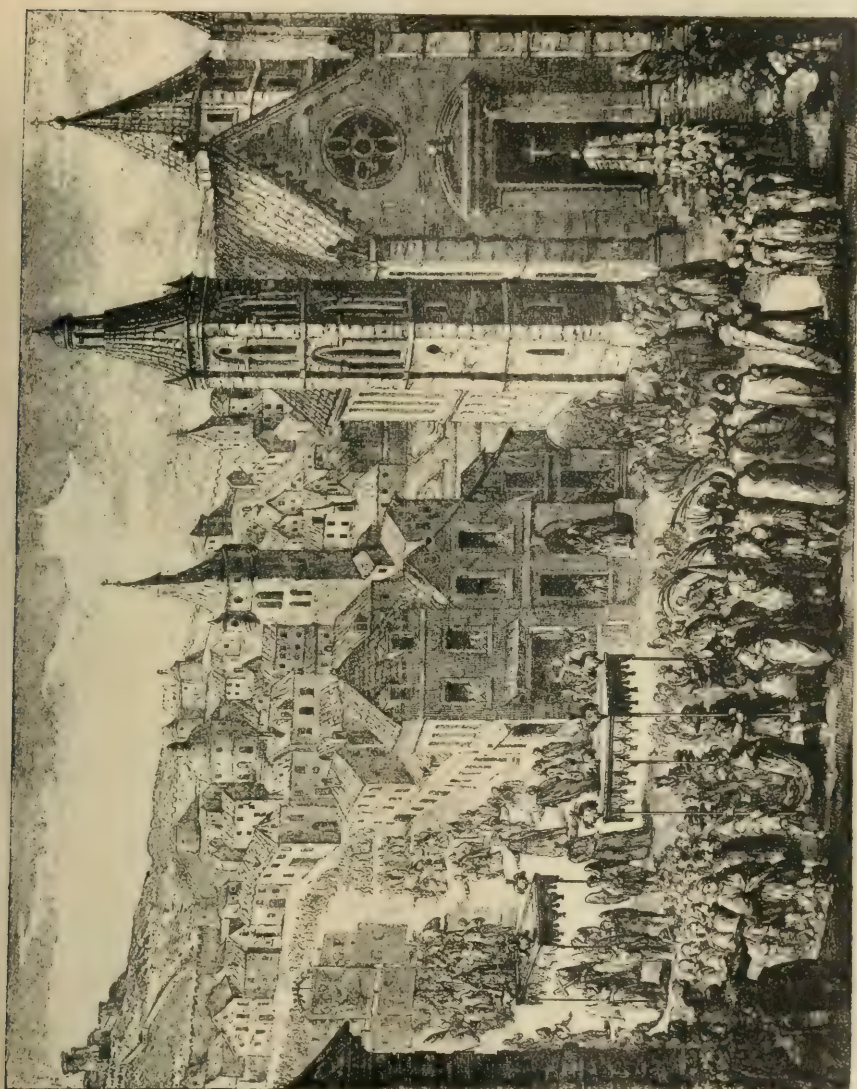
Depois de por todas as alcavalas e accusações calumniosas, os jesuitas conseguirem expulsar do Congo os primeiros missionarios que alli penetraram, os dominicanos, seus eternos inimigos, estabeleceram-se elles, com todas as exterioridades de gente santa e devota. Como já vimos, o pessoal jesuitico na Africa tinha mais de estupido que de intelligente, e d'ahi dado e aferrado a certas intransigencias que, como tambem largamente vimos na Asia, não eram nem da essencia nem da estrategia da S. J.

Em 1555, os seus estabelecimentos floresciam no Congo; e tinham até conseguido o baptismo d'um rei preto. O jesuita que se tinha encarregado da conversão da negra majestade, declarou ao seu real proselyto que não lhe podia conferir o titulo de christão, se elle não despedisse do seu harem todas as esposas que alli tinha. Aquelle e alguns outros regulos da região possuem centenas de negras, não só para os seus prazeres, mas para outros serviços de sua pessoa real. São ellas que formam a sua guarda de honra, e que executam ou fazem executar as suas ordens, perante as quaes não ha resistencia possivel.

O missionario jesuita conseguiu o que exigia; o seu proselyto repudiou o mulherio, e recebeu o baptismo. Mas querendo tomar uma auctoridade absoluta sobre o seu convertido, o jesuita exigiu que elle se separasse da unica mulher com que tinha ficado; a mais formosa d'ellas, aquella de quem elle mais gostava, mas na qual o jesuita tinha descoberto um grau de parentesco qualquer que entrava no numero d'aquelles que Roma considera como impedimento matrimonial, salvo se se paga a dispensa de tal impedimento em bom dinheiro.

O soberano procurou enternecer o austero director por todos os meios imaginaveis. Offereceu-lhe novas concessões de terras, escravos, ouro em pó; o reverendo padre foi acceitando tudo, como piedosas offertas do novo christão, mas teimava em que elle despedisse a real negrinha. Então o monarcha africano, levantando a grimpa, encolerisou-se, e jurou que não se sujeitaria nunca ao da roupeta, renegou da religião a que o tinham convertido, e deu ordens terminantes para que os jesuitas saissem não só da sua cubata, mas como da povoação, e até das suas terras.

Os reverendos padres ouviram, não recalcitraram e foram ficando. Então este pequeno canto do continente africano presenceou um singular espectaculo.

Imagine-se um grande aldeamento, de palhoças baixas, cobertas de colmo, situado na margem do Zaire, que com suas aguas vivifica uma vegetação luxuriante, que faz como que moldura ao grupo de cabanas para além das quaes começam e se prolongam os campos cultivados, promettendo colheitas de milho, inhama, painço, mandioca e de alguns legumes intertropicaes, que crescem á sombra das bananeiras, goyabeiras, tamarinheiras e limoeiros. Depois, á medida que a vista

Procissão burlesca contra o bispo Palafox

se extende e se afasta do rio, que dá frescura e humidade, vê-se a vegetação diminuir, estiolar-se, amesquinhar-se. Os loureiros e açofeifeiras ainda, pequenos no porte, se vão espalhando, para desapparecerem substituidos por arbustos rasteiros ou moitas de plantas de folhas avermelhadas. No anil do ceu ainda se recortam a miude as folhas das palmeiras, por cujos troncos se enleiam como serpentes grossas parasitas; depois mais nada, senão o vasto e mudo deserto, o deserto africano, com o horisonte inflammado, ameaçando com um circulo de fogo a natureza viva que queira forçar aquella barreira.

No meio do aldeamento vê-se uma cabana mais vasta que as outras; é o palacio do negro monarcha. Ao lado eleva-se outra moradia menos vasta, mas que n'aquelle meio não desmereceria o nome de palacio. E' uma casa ampla e construida com cuidado e gosto, que faz lembrar uma casa européa. Cercam-a bellos e frescos jardins. E' a residencia dos reverendos padres jesuitas. Ao redor d'esta vivenda, cujas portas estão fechadas, agglomera-se uma multidão de indigenas inquietos, e olhando attentamente ora para esta casa, ora para uma especie d'alameda que conduz ao palacio real. De repente opera-se na multidão um grande movimento, uma centena de mulheres, armadas de zagaias, alegres e risonhas, embora se queiram mostrar graves e severas, passam em boa ordem, e vão bater á porta principal da vivenda jesuitica, que se abre vagarosamente. Um homem apparece «O grande sotaina negro» dizem os da turba, que se cala e fica silenciosa. Era o superior da missão. Adeanta-se seguido dos seus companheiros, todos vestidos como elle, e, seguidos pelos neophytos africanos, alguns dos quaes balanceam thuribulos onde arde incenso. O superior levanta nas mãos uma custodia, cravejada de pedraria, e todos vão cantando um hymno do ritual. A multidão fica vivamente impressionada, á vista d'este apparato processional, e abre alas para o deixar passar. As guardas reaes femininas parecem indecisas, quasi assustadas por este espectaculo imprevisto, com o qual os missionarios contavam para vencer a teimosia do rei.

E' sabido que todos os utensilios do catholicismo eram considerados pelos negros congolenses como outros tantos feitiços, capazes de dar morte fulminante áquelle que sobre elles se atrevesse a levantar mão audaciosa. Era de crêr que os padres não lhes destruissem estes abusões, e antes os afervorassem n'essa crença.

Os jesuitas, portanto, puderam chegar ás portas do palacio real, sem que as mulheres do rei, executoras das suas ordens, tivessem ousado pôr a mão nos temiveis roupetas. E quem sabe se o proprio monarcha ia sentir os mesmos terrores, que tão victoriosamente actuavam sobre os seus subditos.

Infelizmente, ao querer transpôr o limiar da porta, o superior da missão escorregou n'um obstaculo qualquer, cambaleou e caiu por terra, deixando escapar a custodia das mãos.

Immediatamente sôa um alegre grito de triumpho, vendo que o «homem preto» largava o feitiço, e logo as mulheres se lançam sobre os jesuitas e os agarram. Apesar das supplicas d'estes, das suas ameaças, apesar das palavras latinas, bem ou mal applicadas, que elles balbuciam, e que até então tinham causado um grande medo aos pretos, que as consideravam como conjurações terriveis, cada um dos jesuitas se vê agarrado por duas amazonas d'ebano lustroso, que o empurram, arrastam e, n'alguns casos, carregam, acabando por lançal-os a todos n'um barco que os esperava na praia, e que os leva a embarcar n'um navio europeu, que se balouçava na foz do rio.

O rei do Congo, emquanto despachava os padres, aproveitava a occasião para expulsar todos os brancos dos seus estados, na duvida de não saber os que seriam ou não jesuitas; e, para desforra do tempo em que fôra obrigado a ter uma unica mulher e essa mesmo contestada, duplicou o numero das suas concubinas, e declarou que não queria nunca mais ouvir falar em jesuitas nem na religião que elles prégavam.

A moralidade que ha a tirar d'este conto é que os cafres do seculo XVI tinham mais juizo do que os portugueses do seculo XX.

Hoje deixamos que os jesuitas, com apparencias de santos e processos de sabios, vão

invadindo as nossas possessões ultramarinas, e ahi lançando o germen da desnacionalisação.

Primeiramente chegam, todos elles vindos de paises extranjeiros e estabelecem uma escola de negrinhos á beira d'uma egreja primitiva, coberta de colmo, simples e humilde como a religião que deviam ensinar. A' roda fazem plantações; estudam os usos e linguagem do gentio; insinuam-se pela apparencia christã, devota e illustrada no espirito das nossas auctoridades, e pelo desdobramento do ritual e das cerimonias do culto no animo dos indigenas e seus regulos. E, não vem longe o dia em que Portugal os encontrará, como já os encontrou no Paraguay, fomentando as revoluções, animando todas as revoltas, e luctando como potencia contra potencia, lançada fóra a mascara hypocrita com que até alli tinham parecido santos homens, desbravando nas selvas o caminho da civilisação, para d'elle fazerem o caminho do ceu.

Fiem-se n'elles e verão o que nos acontece!

Os filhos de Ignacio de Loyola quizeram entrar e estabelecer se em diversos pontos da Africa. Em 1560 encontramol-os em Moçambique, e até entre os hottentotes do Cabo da Boa Esperança. São vistos egualmente na Guiné e no Senegal e até nas margens do Niger! Cremos que ha memoria de um d'elles enforcado em Monomotapa. Mas a Africa ainda não era exploravel, tanto mais havendo a riquissima e uberrima America que os suscitava, e onde vamos encontral-os.

# LXVII

## Nas duas Americas

A Florida foi a primeira região da America septentrional onde os jesuitas entraram. Alli se foram estabelecer com os hispanhoes conquistadores, no generalato de Francisco de Borja, havia pouco eleito, em 1566. Mas, por mais que fizessem, nunca conseguiram lançar fundas raizes n'aquelle paiz, visto que os indigenas sempre se mostraram hostis aos seus missionarios Quasi que aconteceu o mesmo em toda a parte meridional da America do Norte, á excepção do Mexico.

Esta rica região, conquistada pelo ferro e fogo dos hispanhoes, ficou á mercê dos filhos de Loyola, que não tinham já que temer os indigenas; mas, em compensação, eram os hispanhoes quem tinham de temer dos jesuitas. Na sua inveterada inveja, mostraram-se pouco dispostos a auxiliar n'aquella magnifica e riquissima colonia, os dominicanos, que já lá encontraram, quando chegaram, que se tinham estabelecido solidamente, e que estavam, por seu lado, pouco dispostos a receberem como irmãos aquelles que os tinham expulsado como intrusos das Indias orientaes.

Mas a região era rica, encerrava no seio riquezas minerias de primeira ordem, con vinha transigir para não perder tudo d'uma vez. Assim lançaram mão de todos os expedientes para açambarcarem as missões n'aquellas terras dos filhos do sol, e puzeram-se do lado dos conquistadores, ajudando-os a dominarem a grande nação vencida por Fernando Cortez. Ao mesmo tempo empenharam se em se conservarem amigos dos vice-reis e dos governadores particulares do Mexico.

Eis alguns exemplos, entre mil, d'essa edificante reciprocidade, d'este ternissimo accordo.

Em 1633 suscitou-se uma questão vivissima entre o arcebispo de Santa-Fé de Bogota, D. Bernardino d'Almaza, e o presidente d'aquella audiencia, D. Sancho Giron. O prelado, injuriado pelo administrador, excommungou-o; mas os jesuitas intervieram e declararam que tinham poderes especiaes para levantarem todas as excommunhões, e absolveram d'esta D. Sancho. O governador, ao abrigo dos raios ecclesiasticos, pôde fazer sentir ao arcebispo, assim desarmado, todo o peso da sua auctoridade civil e militar.

Já nos referimos particularmente ao que aconteceu com elles e com D. João Palafox, bispo de Angelopolis, que teve de soffrer dos jesuitas uma aspera perseguição, aos quaes sempre se negou a ceder os seus direitos. Aqui só diremos que os loyolenses, sustentados pelo vice-rei, fizeram ao virtuoso e digno prelado uma guerra simultaneamente ridicula e odiosa. Prégaram contra elle do pulpito; lançaram-lhe epigrammas, publicaram satyras tão estupidas como vis. Um d'elles, o padre Miguel, percorreu as ruas da capital, precedido d'uma banda de corneteiros, annunciando que D. João de Palafox era um miseravel indigno de ser bispo. Assim gritando em vozeria descomposta, dava um exemplo frisante do que eram os jesuitas.

No dia em que celebravam a festa em honra do seu patrono, organisaram uma mascarada ignobil, em que tomaram parte elles, os seus alumnos, criados e apaniguados, e saiu a publico pelas ruas, cantando trovas obscenas contra o prelado. Uma das mascaras montava um cavallo, que levava atado á cauda um baculo episcopal!

D. João de Palafox tinha excommungado os jesuitas, estes não só se não humilharam, mas por sua vez excommungaram o prelado, declararam *sede vacante*, e ordenaram ao povo que não lhe obedecesse. D. João, não podendo encontrar protecção no viso-rei, nem justiça sequer, foi obrigado a refugiar se nas montanhas, como um bandido que foge dos alguasis, quando os verdadeiros bandidos eram os que o perseguiam, e n'aquella hora angustiosa para aquelle homem de bem se entregavam tanto aos gosos da mesa como aos da carne. Já, n'outro capitulo, vimos quaes as queixas do prelado, que por fim alcançou justiça, tanto do rei como do papa.

Lalli Tolendal amordaçado pelos carrascos

Graças ás suas allianças com os governadores, que com elles partilhavam os lucros das alcavalas, extorsões e roubos, os jesuitas hauriram sommas enormes do Mexico. O commercio estava todo em suas mãos; tinham casas bancarias, mas nem por isso desprezavam os pequenos negocios. Em Cartagena, no Quito, eram emprezarios de transportes, e tinham monopolisado todos aquelles que se faziam por via humida. Uma noite, o povo, exasperado, revoltou-se e queimou a maioria das carros e dos barcos da companhia. Tempos depois, o conselho de Castella prohibiu aos jesuitas que se entregassem a este genero de industria, e mandou-lhes fechar os armazens. Para conseguirem os braços necessarios para tal exploração, pelo menos singular da parte de missionarios e sacerdotes, cujos fins sociaes são outros, os reverendos padres mandavam os seus navios comprar escravos á costa d'Angola! E cobriam-se das despezas da viagem vendendo parte da sua carregação humana aos fazendeiros, e ficavam com o resto para os seus serviços.

Para darmos uma idéa das immensas riquezas que os jesuitas tiraram do Mexico e da America meridional, baste que digamos que pediram ao rei de Hispanha, Filippe III, e obtiveram, o direito de cunhar moeda com as barras d'ouro e prata que possuiam. Este privilegio foi limitado até á somma de um milhão de maravedis; mas, honrados como sempre, alargaram por auctoridade propria a concessão e cunharam tres milhões. Escusado será dizer que encontraram meios de ganhar na operação, cerceando o tamanho do maravedi real.

Este caso deu origem a um proverbio hispanhol. Quando um devedor não pagava ao seu credor senão metade do que lhe devia, o povo dizia: «que tinha liquidado com maravedis dos jesuitas.»

Os jesuitas sairam do Mexico quando a companhia foi extincta; mas já a esse tempo os reis de Hispanha começavam a temer-se do poder e da influencia dos reverendos padres, que, insaciaveis, e não lhes bastando já as extorsões que faziam aos naturaes, começavam a entrar pelo patrimonio da coròa, e por meio das habituaes artimanhas e falsidades tratavam de se apoderar de vastos territorios e de ricas concessões.

Depois do Mexico e das outras colonias hispanholas, quer ao norte da America meridional, quer para além dos Andes, ao longo da costa do Pacifico, sem falarmos por emquanto do imperio jesuitico no Paraguay [1], a missão mais importantes dos jesuitas foi a do Canadá na America do Norte. A maioria dos missionarios que invadiram esta região, eram franceses; e, protegidos pela monarchia, foram bem recebidos. Nos primeiros annos do seculo XVIII, as missões jesuiticas eram alli florescentes, e dia a dia mais avançavam nos territorios habitados pelas tribus dos *pelles-vermelhas*. Parece que os jesuitas tinham em grande parte açambarcado o commercio que se fazia entre a Europa e esta região. Queixavam se amiudadas vezes os commerciantes franceses dos prejuizos que soffriam d'um concorrente privilegiado; mas como em geral os governos de todos os paises vão feitos com os negocios dos reverendos padres, as queixas dos negociantes não foram attendidas, e os navios franceses desappareceram a pouco e pouco do caminho de Canadá.

Passados tempos, a colonia caia em poder dos ingleses, e foi só então que em França se começou a perceber o mal que tinha havido em, para não incommodar traficantes, que negoceavam em nome de Christo, se tinham perdido relações commerciaes e predominio politico.

Nos indigenas que viviam no Canadá, nas margens dos grandes lagos, distinguiam-se dois povos mais importantes, os algonquinos e os hurões; estas nações tinham ficado amigas da França por odio aos iroqueses alliados da Inglaterra.

Os indigenas do Canadá mostraram-se doceis ás exhortações dos missionarios jesuitas, e acceitaram com enthusiasmo o titulo de christãos que lhes offereceram, e que devia ligal-os por um laço mais aos *caras-pallidas*, que assim chamavam aos seus bons amigos franceses.

[1] A historia d'esta missão será largamente narrada quando tratarmos dos jesuitas em Portugal.

Estes desgraçados, que os jesuitas exploravam, e que os franceses — por quem elles combateram durante um seculo — abandonaram, mostraram se inabalaveis na sua crença religiosa e no seu amor pela França, dois sentimentos que se identificaram n'elles, não fazendo senão um e unico.

Os jesuitas, firmemente convencidos de que, se a Inglaterra viesse alguma vez a ser senhora do Canadá, elles seriam d'alli expulsos, fizeram tudo quanto lhes foi possivel para conservarem esta colonia para a França.

Mas, a maneira de tratarem os indios do Canadá, foi a mesma que sempre tiveram para com todos os seus proselytos da America e da Asia. Applicavam-se a fazer-lhes conhecer muito menos as grandes idéas do christianismo do que as ninharias do ritual romano. Mas, e primeiro que tudo, o seu principal intento era tirarem o maior proveito possivel d'esta egreja canadense. Em despeito das bullas dos papas, os jesuitas do Canadá foram essencialmente negociantes.

E, como se fosse destino d'elles levar a desgraça áquelles mesmos que desejam servir, o Canadá, longo tempo envolvido em luctas sangrentas, acabou por ser arrebatado ao dominio da França, e, pelo que se vê, não está arrependido d'isso. Os jesuitas foram irremediavelmente expulsos d'alli, como previam, mal a bandeira das flores de lis foi substituida pela inglesa. Sabe-se que foi o ministro Choiseul quem, em 1763, assignou o tratado de abandono das colonias francesas do Canadá. Os indios, alliados da França, foram quasi todos exterminados, e as suas confederações quebradas.

Algumas d'estas tribus, instigadas pelos jesuitas, procuraram ainda durante algum tempo sustentar uma lucta absolutamente impossivel contra os ingleses e os seus selvagens alliados, os iroqueses. Os padres nutriam uma tal ou qual esperança, que os ingleses, para que elles fizessem depôr as armas a essas tribus, os deixariam ficar no Canadá, e, conseguido isto, elles saberiam readquirir a antiga influencia. Mas a tentativa falhou, e só deu em resultado o completo esmagamento dos desgraçados restos da grande familia huron.

Uma tribu d'esta nação indigena deu um d'esses grandes exemplos de heroismo empolgante, feroz, e ao mesmo tempo admiravel e raro, que se pode comparar sem exaggeração a tudo o que a antiguidade, n'este genero, nos legou de mais gabado, como rapidamente se verá.

# LXVIII

## A morte de um povo

Os francezes evacuaram o Canadá. Os missionarios da companhia de Jesus, tendo, em vão, procurado obter dos ingleses victoriosos uma salvaguarda, que lhes per mittisse ficar na região conquistada, viram ser tempo de pensar na sua segurança. Era, porém, tarde. Suas reverencias tinham-se fiado por demais no seu talento para a intriga. Os iroqueses estavam a pouca distancia, e os ingleses não só não consentiam que os jesuitas ficassem no Canadá, como nem pensavam em fazer sustar em seu favor a raiva sanguinaria dos seus ferozes alliados.

Aquelles dos missionarios jesuitas que se achavam ao tempo no ponto ameaçado, tiveram que recorrer á fidelidade e dedicação dos hurões, dedicação e fidelidade que nunca lhes faltaram. Mas, temendo que o perigo, que se approximava terrivel e ameaçador, fizesse enfraquecer uma e outra, trataram de persuadir aos hurões quanto convinha á tribu protegel os, a elles jesuitas, na fuga.

— Se conseguirmos escapar, diziam elles aos seus ingenuos catechumenos, vamos procurar o chefe das tropas francesas que preside á evacuação, e obteremos, por meio d'elle, que os ingleses se opponham á avançada dos nossos inimigos. Portanto, resistam tanto quanto lhes seja possivel, e contem com a nossa promessa.

Os desgraçados indios contaram com a promessa dos jesuitas, e foram collocar-se n'uma garganta da serra, especie de desfiladeiro, por onde os iroqueses necessariamente tinham de passar. Os velhos, as mulheres e as creanças receberam ordem para acompanharem os padres; mas todos recusaram, dizendo que queriam viver ou morrer com os seus guerreiros. Apesar da desegualdade do numero, os hurões fizeram frente aos ataques furiosos e incessantes dos iroqueses durante oito dias. No ultimo combate, estes valentes e desgraçados guerreiros, reduzidos aos tres quartos do seu numero primitivo, ainda olharam uma vez para traz, para vêr se viam chegar os seus amigos jesuitas, conforme lhes tinham promettido, trazendo comsigo as tropas francesas. Nada viram, e continuaram a combater com a morte no coração. No oitavo dia, de mais de oitocentos guerreiros, os hurões apenas contavam cento e cincoenta combatentes válidos. E os jesuitas não appareciam. A' noite, d'este ultimo dia, os guerreiros hurões souberam por um dos seus que os missionarios, por cuja salvação se tinham sacrificado, já tinham atravessado o lago Michigan, e se haviam refugiado na Luisiana, esquecendo as suas promessas e os infelizes que tinham confiado n'ellas.

A tal e tão terrivel noticia, os guerreiros hurões reuniram-se, tristes, sombrios, mas não desanimados, a fim de deliberarem o que lhes convinha fazer. Assim que se extinguiu a fogueira do conselho, chamaram para junto de si as creanças, as mulheres e os velhos, e communicaram-lhes o que haviam resolvido. Os velhos, creanças e mulheres deviam, naquella mesma noite, pôr-se

a caminho com o que houvesse ainda de mantimentos, e, seguindo a pista dos jesuitas, procurarem refugiar-se na Luisiana, ainda em poder dos franceses.

—Muito bem, respondeu depois d'alguns momentos de silencio um dos velhos da tribu, já que o *Grande-Manitu* dos christãos inspirou essa ideia aos guerreiros, devemos executal-a. Que alguns d'entre elles se colloquem á nossa frente para nos mostrarem o bom caminho e dirigirem a marcha; em quanto que os outros, ficando atraz, farão crer a esses cães dos iroqueses que os heroes não pensam em fugir. Depois, quando existir um grande espaço entre nós e os inimigos, os da rectaguarda virão ter comnosco.

Prepararam-se as coisas para a partida; as mulheres tomaram as creanças pela mão ou ao collo, e iam pôr-se a caminho, sem nem sequer trocar um olhar com os maridos, os mais velhos e os mais robustos dos rapazitos collocaram-se na frente e na rectaguarda como escoltas, tendo entre si os velhos que os deviam guiar, e de quem elles deviam ajudar os passos vacilantes.

Repentinamente, do amago d'uma nuvem negra, sob a qual havia uma hora que o sol se tinha escondido, brilhou um relampago que illuminou com a sua livida claridade a desolada caravana, e logo ribombou um enorme trovão, cujos echos longamente e por muito tempo foram repercutidos nas profundezas do valle.

Este trovão foi tido pelos chefes da tribu como a voz irritada do seu deus nacional, despresado ou trocado pelo Deus dos *caras-pallidas;* e o velho chefe, elevando a voz outra vez, declarou que nunca iria ter com aquelles que o tinham abandonado.

—Que as mulheres e as creanças fujam. Nós outros velhos ficaremos com os guerreiros, disse e ordenou o chefe da tribu.

Assim dizendo, o velho indio, encaminhou-se a passos lentos para o aldeamento, onde foram ter com elle todos os outros velhos.

Quando todos desappareceram na escuridão, os guerreiros, por sua vez, cada um d'elles, marido ou pae, foi buscar pela mão a mulher ou os filhos que conduziram a um semedeiro cavado na penedia meridional da

Voltaire na prisão de Lalli-Tolendal

montanha e por onde era possivel a fuga, dizendo:

— «Mulher, faze um guerreiro de meu filho.»

— Ao filho: — «Lembra-te que precisas vingar teu pae!»

Depois os intrepidos guerreiros voltaram a pôr-se de face para os seus inimigos. Durante o resto da noite nenhum ruido se ouviu no desfiladeiro e seus arredores, mais que o uivar dos lobos, attraidos pelo fetido dos cadaveres, e na esperança d'um longo festim.

No dia seguinte, ao sol nascente, os iroqueses, que tinham recebido reforços, fizeram um novo e vigoroso ataque para abrirem passagem. Os hurões, apesar do seu cançasso, e da inferioridade do numero ainda não cederam. Foi ao descer da tarde, ao fim de vinte e quatro horas sem tomarem o mais ligeiro alimento, e de doze de continuo batalhar, que se contaram e viram que apenas eram sessenta, e que nem um deixava de estar ferido.

Segundo as ideas dos indigenas da America do Norte, a resistencia deixa de ser honrosa logo que não offereça probabilidades de exito, e uma fria resignação deve então succeder-lhe. Por isso, assim que foi noite, os guerreiros hurões retiraram-se um a um, e, atravessando o valle, voltaram para o aldeamento, onde não esperavam ver senão os velhos, e onde encontraram as mulheres e os filhos, que se recusaram fugir sem os paes nem os maridos, e que heroicamente tinham voltado para viverem ou morrerem com elles.

Os guerreiros hurões não mostraram surpreza nem descontentamento; o seu chefe depôz as armas, tirou o cinturão, arrancou as pennas d'aguia dos cabellos, e todos, a quem feridas mortaes permittiam os precisos movimentos o imitaram. Aos primeiros alvores da madrugada, quando os iroqueses, avançando lentamente, e quasi aterrados pelo silencio que pesava á roda d'elles, chegaram ao aldeamento huron, não viram mais do que sete guerreiros á roda do seu chefe. Os velhos achavam-se a uma certa distancia, sentados em attitude severa, ouvindo contar por um d'elles, com voz tremula pela edade, as guerras hurões, as victorias que as suas tribus tinham alcançado sobre as dos iroqueses antes da chegada dos *caras pallidas,* e o poderio que tinham gosado antes que entre elles apparecessem os homens da roupeta negra, que lhes ensinaram a desprezar o *Manitu* dos pelles-vermelhas. As mulheres, apertando os filhos ao peito, atravessavam com um grito lugubre este cantico de morte.

Os iroqueses deteem-se um momento, dominados pelo espectaculo que não esperavam. Depois, o seu odio hereditario irrompeu, e recomeçaram a obra da destruição. Largaram fogo ás habitações, arrancaram as pelles dos craneos de todos os inimigos, segundo o seu costume. Guerreiros, velhos, mulheres e creanças soffreram esta espantosa tortura; findo o que, com o vagar de tigre que saborea a carne palpitante da sua preza antes de a matar, degolaram um a um todos os hurões, começando pelas mulheres e creanças, e acabando nos guerreiros. E emquanto n'elles existiu um sopro de vida o chefe entoava o cantico de morte.

E, ao abandonal-o a sua ultima palavra foi uma maldição aos jesuitas, que com o seu eterno e irreductivel egoismo, tinham preparado a morte de todo um povo.

Entretanto os jesuitas bem agasalhados pelos franceses da Luisiania riam-se do estratagema, que contavam em carta para o seu geral, que por certo louvou a Deus que permittiu que, á custa de tantas vidas de indios, se salvassem meia dusia de padres, que o menos que mereciam era a forca.

# LXIX

## Os dezoito geraes

Ao findar a segunda parte do nosso trabalho — que fomos obrigados a traçar nas suas linhas geraes, com exemplos que tornassem clara e evidente qual a influencia nefasta da S. J. no mundo, — não queremos fazer a recapitulação dos factos, sem darmos, em poucas linhas, o rol dos geraes da companhia, até o momento em que um papa honesto, bem avisado e santo, segundo o espirito de Deus, determinou que a companhia deixasse de existir, para tranquillidade dos povos, restauração da moral christã, e honra e gloria da propria Egreja.

Esse rol comprehende dezoito geraes, que se seguiram assim:

| | |
|---|---|
| 1.º Ignacio de Loyola, hispanhol | 1541 |
| 2.º Jacques Laynez, hispanhol | 1558 |
| 3.º Francisco de Borja, hispanhol | 1565 |
| 4.º Everard Mercuriano, belga | 1573 |
| 5.º Claudio Aquaviva, italiano | 1581 |
| 6.º Mucio Vitelleschi, italiano | 1615 |
| 7.º Vicente Caraffa, italiano | 1646 |
| 8.º Francisco Piccolomini, italiano | 1649 |
| 9.º Alexandre Gottifredi, italiano | 1652 |
| 10.º Goswin Nickel, allemão | 1652 |
| 11.º João Paulo Oliva, italiano | 1661-1664 |
| 12.º Carlos de Noyelle, belga | 1682 |
| 13.º Thyrso Gonzales, hispanhol | 1687 |
| 14.º M.ª Angelo Tamburini, italiano | 1706 |
| 15.º Francisco Retz, bohemio | 1730 |
| 16.º Ignacio Visconti, italiano | 1750 |
| 17.º Luiz Centurioni, italiano | 1755 |
| 18.º Lourenço Ricci, italiano | 1758 |

A primeira coisa que salta á vista n'esta relação, é a quantidade de italianos, onze em dezoito, que têem governado a companhia, o que é symptomatico, e lhe imprime caracter, e a ausencia de franceses e de portugueses. Os franceses tiram gloria d'este ostracismo, nós devemos felicitar-nos por isso. Tem havido, e ha, para magua nossa, portugueses que vestiram a sotaina [1], mas a companhia, apesar da superioridade intellectual de muitos d'elles, ainda não encontrou um sufficientemente privado de senso moral e capaz de *tudo*, para o eleger como chefe. Esperemos em Deus que nunca tenhamos em a nossa historia a mancha d'um nome português, no catalogo dos geraes da companhia de Jesus.

Em capitulos distinctos nos occupámos já, e fizemos conhecer da vida e obras dos tres primeiros geraes: Ignacio, o fundador, Laynez, o organisador, e Borja, geral de occasião, de quem foi preciso, para consolidação da companhia, aproveitar o grande nome, a situação e a actividade passiva, que fazia d'elle, como é sua expressão, o *burro de carga* da sociedade.

Por morte de Francisco de Borja, qua-

[1] O marquez de Pombal já dizia que em Portugal havia homens para *tudo*.

-enta e sete professos se reuniram em Roma, para elegerem o novo geral. Polanco, que ficara vigario geral no interregno, Salmeron e os mais antigos da ordem foram, segundo o costume, solicitar do Santo Padre a bençam apostolica. Gregorio XIII [1] concedeu-lh'a, e, depois de lhes ter feito muitas perguntas sobre o modo da eleição, sobre o numero de votos que constituiam maioria, ajuntou: «Quantos votos contam os hispanhoes? quantos geraes tem havido até hoje d'esta nação?» Os jesuitas responderam: «A companhia ainda não teve senão tres chefes, e todos tres foram hispanhoes.» «Muito bem, continuou o papa, n'esse caso parece-me justo que agora se escolha geral n'outra nação [2]».

Os jesuitas quizeram reagir, objectaram que se reuniam em Roma para terem a maxima liberdade na eleição, que ninguem soffria exclusão, obrigando-se todos por juramento a escolherem o melhor. Mas o papa teimou e logo indicou o nome do belga

## Éverard Mercuriano

que foi eleito depois de uma eleicão que foi muito disputada. O elemento hispanhol preponderava; mas, graças ao systema das restricções mentaes, Mercuriano pôde ser geral, porque, sendo belga de nascimento, e estando a Belgica sujeita ao dominio de Filippe II, podia ser considerado *politicamente* hispanhol. E assim se fez a vontade ao papa, e ao mesmo tempo se lavrou acto de que os professos mantinham illeza a liberdade e o seu amor á geração politica do fundador.

Além de que, Mercuriano era o homem que convinha na crise por que a companhia ia passando; crise de tendencias separatistas e nacionalistas, que não podiam, como nos tempos primitivos, ser vencidas pela força e auctoridade, mas pouco e pouco dominadas pelos accordos e condescendencias. Pode dizer-se que Everard Mercuriano nunca governou directa e pessoalmente, confiando os cuidados do governo, ora a um, ora a outro dos seus validos. Nos seus ultimos annos pouco mais foi do que um executor das insinuações de Aquaviva, que vae succeder-lhe. Morreu em 1 d'agosto de 1580. Ha d'elle publicado um resumo do *Instituto,* que veiu á luz com o titulo de *Summario das Constituições,* e poz em ordem as *Regras communs,* e as *Regras dos differentes empregos,* onde começa a affirmar-se o espirito da ordenação da ninharia, que o seu successor levará ao extremo. A' sua morte, a S. J. contava mais de cinco mil religiosos, cento e dez casas e vinte e uma provincias.

## Claudio Aquaviva

As ambições e as intrigas irromperam com a morte de Mercuriano. A primeira reunião dos votantes para a eleição do novo geral, foi aspera, trocaram-se aggressões pessoaes, e fizeram-se denuncias de parte a parte. O vigario geral eleito, Olivier Menara, foi injuriado, e o tumulto assumiu graves proporções. Depois, o papa insistiu em não querer mais geraes hispanhoes, e assim foi preciso eleger um que o não fosse, e a 19 de fevereiro de 1581 foi eleito geral Claudio Aquaviva, filho do principe João Antonio Aquaviva, duque de Atri, e de Izabel Spinelli. Nascera em outubro de 1543, tendo portanto apenas trinta e sete annos. Dotado d'um caracter impetuoso, tivera a força de vontade de o mascarar sob apparencias agradaveis de mansidão e afabilidade. Os escriptores da ordem desenham-o assim: «Os seus olhos brilhantes, a sua palavra animada, a sua

[1] Gregorio XIII (Hugo Buoncompagno) era papa com quem se não brincava. Foi energico, activo, e simultaneamente politico e intolerante. Approvou a carnificina da S. Barthélemy, e foi nuncio em Hispanha.

[2] Ha quem attribua a causa d'esta novidade ao ciume das outras nações, que viam o cargo na mão dos hispanhoes, entrando tambem n'esta guerra feita á eleição de Polanco o odio ao sangue judeu, pois que elle ou era christão novo, ou protegera aquella nação perseguida. O cardeal D. Henrique tinha um horror profundo a tal gente, e como amigo da S. J. lastimava-se que houvesse judeus na companhia. Elle portanto, D. Sebastião e Filippe II de Hispanha escreveram ao papa, instando para que não consentisse um geral infamado com esse labéu, e foi isso o que instigou o papa a tomar parte tão directa e imprevista n'esta eleição. Para que as suas ordens fossem cumpridas, Gregorio XIII enviou um cardeal assistir á eleição, com ordem de não consentir na eleição do hispanhol

meiga gravidade davam ao conjuncto d'esta physionomia um poderoso encanto: era uma das mais majestosas imagens da calma na força, e da auctoridade temperada com a benevolencia. Havia em Aquaviva essa mistura de qualidades contrarias, que muitas vezes se paralysam na acção, mas que de tempos a tempos melhor fazem accentuar as naturezas privilegiadas. Energico e conciliador, brando e severo, habil e franco, humilde e altivo, o padre Claudio reunia todos os contrastes, e sabia equilibral-os, convertendo-os em vantagens pessoaes.» Foi elle que trouxe á ordem a organisação da minucia; que fez regulamentos para tudo, desde a methodisação dos estudos. á maneira de viajar; desde a forma da correspondencia ao costumeiro da cozinha, e que collocou no mesmo grau de importancia a escolha do tempo em que se deviam pôr as gallinhas no choco, como aquella em que deviam embarcar missionarios. Firmou o processo das restricções mentaes, que empregou em muitos dos actos do seu governo; alargou o systema da correspondencia por meio de cifra, e consolidou de maneira inabalavel a doutrina, já até elle seguida, mas só então codificada: «de que os fins justificam os meios». Com elle as tendencias religiosas da companhia acabam por desapparecer completamente, e fica só uma forte aggremiação politica, explorando o mundo em nome de Christo, e em proveito proprio. Aquaviva não censura nenhuma vileza, não desapprova coisa alguma por baixa e mesquinha que seja, se d'esta vier proveito para a companhia. Do conjuncto d'estas qualidades, do conhecimento do seu caracter, resultou a possibilidade de se acreditar que elle pudesse ter sido o auctor das *Monita*. Não foi; porque tal libello tem todos os caracteres d'uma satyra contra os jesuitas; mas podia tel-o sido, se isso não fosse um disparate, e ao menos uma inutilidade. Convem ensinar, como ensina, porque meios se deve escolher o panno para as roupetas, mas como se conquistam viuvas é sciencia que se encontra na communhão das idéas e

Feiticeiro africano

dos sentimentos. E durante o seu generalato que os jesuitas commettem os grandes crimes, que não recuam ante o punhal e a morte para se libertarem dos seus inimigos, e desbravarem o caminho, por onde avança impetuosa, cega e avassaladora a companhia de Jesus. Nada os detem, nem as expulsões, nem os cadafalsos, nem os supplicios infamantes, — tudo afrontam, comtanto que a companhia caminhe! Intromettem-se ousada-

mente na politica e nos negocios internos das nações, lançam povos contra povos, e principes contra principes; envolvem a Europa nas malhas das suas intrigas e por toda a parte suscitam a perturbação, as desordens e a guerra.

A 31 de janeiro de 1615, Aquaviva desce á cova, mas o seu espirito fica vivo e inalteravel entre os seus socios, succedendo-se de geração em geração; a sua obra fica para sempre caracterisada como sendo a identificação da mais flagrante e absoluta ausencia de senso moral. Crétineau Joly chama ao seu generalato «a edade de ferro da companhia»; podia tambem chamar lhe a edade do crime, nas suas mais hediondas manifestações. Em Aquaviva fundiam-se em partes eguaes, o politico, o *condottiére* e o *bravo;* com taes qualidades e trinta e quatro annos de governo absoluto, não admira que, á sua morte, a companhia contasse no mundo treze mil jesuitas, e possuisse quinhentas e cincoenta casas, divididas em trinta e tres provincias.

## Mucio Vitelleschi

Se a companhia tinha progredido, o governo de Aquaviva havia por tal forma pesado sobre ella, que os professos, reunidos para a eleição do novo geral, se dividiram em dois grupos quasi eguaes, querendo um eleger o vigario geral, o padre Fernando Albenez, assistente da Allemanha, e indirectamente indicado, com esta escolha, por Aquaviva, para seu successor; outros impondo o nome de Mucio Vitelleschi, tambem italiano, capaz de seguir o traçado caminho, mas mais maleavel e brando no tracto. Venceu este grupo, por trinta e nove votos contra trinta e seis, e a 15 de novembro de 1615 Vitelleschi assumiu o generalato. Como vimos, a sua eleição foi muito disputada, e á roda d'ella tramaram-se tantas intrigas, procuraram-se e combateram-se tantas influencias extranhas, como se se tratasse da eleição d'um papa. Effectivamente, a absorpção do papado pelo jesuita estava virtualmente consummada, e a qualquer principe convinha ter por si o geral. Um ou outro papa procurará ainda reagir, restaurar o prestigio da cadeira de Pedro; mas o *papa negro* estará sempre vigilante, e saberá impor a sua vontade ao pontifice [1], e quem tiver o jesuita no jogo terá o melhor dos trunfos. Com Mucio

[1] O sr. dr. Theophilo Braga, referindo-se a esta subserviencia do Vaticano á casa *Gesu*, escreveu: «A imprensa europêa foi surprehendida com a bulla de Leão XIII, reintegrando a companhia de Jesus em todos os privilegios adquiridos desde Paulo III até á epocha da sua extincção; os liberaes viram n'este acto um repto lançado contra a sociedade civil, que tende á mais completa secularisação; os catholicos sinceros lamentam esse acto de caducidade do pontifice, illaqueado pela absorpção da nefasta corporação politica e religiosa. Esta bulla tem a mais alta importancia historica, porque é a consequencia d'uma crise latente que soffreu a Egreja, e no momento actual significa que essa crise, tornada patente aos olhos da Europa, é nada menos que a transformação fundamental do *catholicismo*, reconhecida e confirmada por aquelles que dizem manter a sua immortalidade. Convem archivar as palavras de Leão XIII, como o documento authentico da transformação operada na Egreja, e de que o proprio papa não teve plena consciencia, obedecendo automaticamente á logica da corrente historica. Diz Leão XIII na bulla de rehabilitação dos jesuitas:

«Mas para mais claramente mostrarmos a nossa affeição á companhia de Jesus, confirmamos por nossa auctoridade apostolica todas as letras presentes e passadas dos nossos antecessores, desde Paulo III, de saudosissima memoria, até os nossos dias, em favor da companhia, quer sejam bullas ou breves.

«Confirmamos e restabelecemos tudo o que em taes letras se contém, como privilegios, immunidades, isenções, indulgencias, tudo o que á companhia tem sido concedido e que a não prejudique, ou não esteja revogado pelo concilio de Trento e outras constituições da Santa-Sé.

«Decretamos tambem que estas letras tenham força e efficacia, não só actualmente como para o futuro. (Salvo se ainda houver outro Ganganelli.)

«Quanto ao breve *Dominus ac Redemptor*, do papa Clemente XIV, de 21 de junho de 1773, e outros documentos, havemos por bem revogal-os.

«Este breve é uma demonstração do nosso affecto á gloriosa companhia, a unica que no meio de tantas perseguições não cessou de trabalhar jámais na obra do Senhor.»

O primeiro pensamento, continúa o sabio professor, que occorreu a todos que leram essa bulla, é que se tratava de um documento apocrypho, de uma simulação habilidosa dos proprios jesuitas, para apagarem a sua antinomia com o clero catholico dos varios estados. Depois repetiu-se que a bulla era authentica, mas ninguem discutiu o sentido historico e social do facto. Encaramol-o sob este aspecto, o

Vitelleschi não pára nem o desenvolvimento da S. J. nem o das intrigas e dos crimes. O espirito que anima o novo geral é o mesmo, sómente a personalidade tem menor importancia, menos envergadura. E' a epocha da grande actividade commercial e exploradora dos jesuitas no oriente asiatico, a que já nos referimos; dos apostatas como Ferreira, dos habeis como Ricci e Schall, e da continuação dos odios contra as outras ordens religiosas. O seu predominio em França é enorme; na Europa central promove a desolação e a guerra d'exterminio. No seu generalato vem a lume uma serie de publicações, umas, d'elles jesuitas, que são condemnadas pela Egreja, outras, dos seus contrarios, que trazem á luz a vida intima da sociedade. O Paraguay é dominado e o Brasil tem que reagir contra elles. A Europa inteira levanta-se contra as suas extorsões, contra a sua moral, contra a sordidez da sua cubiça. Vitelleschi, astuto, sagaz e caviloso, esconde-se no fundo do seu gabinete de trabalho, mantendo e dirigindo os fios da instituição, na forma que lhe imprimiu Aquaviva, mostrando ao mundo como um *Anjo* [1] podia ser em moral e em politica um apuro da raça dos Machiavel.

Crétineau Joly accentúa a feição exterior que a companhia tomou com o generalato de Mucio Vitelleschi. São d'elle as seguintes palavras: «O generalato de Vitelleschi foi para a ordem de Jesus uma éra de prosperidade; mas, por uma extranha coincidencia d'acontecimentos, é em Vitelleschi que termina o poder exterior do geral. Até então, Ignacio de Loyola, Laynez, Francisco de Borja e Aquaviva eram o centro onde tudo convergia; ostensivamente dirigiram o instituto pela sua santidade, pelas suas virtudes, pelos seus talentos, pela sua inflexibilidade. A partir de Vitelleschi, os chefes da ordem de Jesus apagam-se; governam ainda com o mesmo prestigio da auctoridade que tinham os seus predecessores, encontram por toda a parte obediencias activas, corações cuja alegria consiste em ir á procura do jugo, intelligencias superiores submettendo-se a elle sem murmurarem. Estas intelligencias, que avultavam em todos os hemispherios, que realisaram coisas maravilhosas nas lettras, nas sciencias ou na civilisação, são destinadas a viver além do tumulo: o nome do chefe que as preparou para o combate e para a gloria não será conhecido senão dos jesuitas. Os geraes da companhia desapparecem, parecendo reservar-se um papel passivo na historia, no momento em que a sociedade de Jesus, no seu apogeo, enche os annaes do mundo com a multiplicidade dos seus trabalhos.»

Crétineau-Joly escreveu todo este trecho, para desculpar a companhia da penuria de grandes homens, de nomes verdadeiramente notaveis no generalato. Excesso de zelo de advogado, que queria para a S. J. uma ordem de coisas differente das outras instituições humanas. Emfim, era para isto que lhe pagavam, e o homem ganhava o seu dinheiro conforme podia.

Vitelleschi morreu a 9 de fevereiro de 1645; a 21 de novembro reuniu a congregação, a que assistiram oitenta e oito professos, e a 7 de janeiro do anno seguinte por cincoenta e dois votos foi eleito

## Vicente Caraffa

Esta demora na eleição, a escolha de um velho de sessenta annos denotam grandes divergencias no seio da companhia, e como que um interregno para os partidos se prepararem para nova lucta, sob a apparente chefatura de Caraffa, cuja familia os jesuitas captavam, a fim de fazerem totalmente esquecer a perseguição que tinham movido contra dois dos seus principaes membros. Além d'isso, o papa trata de pôr limites ao dominio absoluto do geral, obrigando os jesuitas a reunirem-se em congregação geral todos os nove annos.

Vicente Caraffa pouco tempo presidiu aos destinos da companhia; tres annos depois, a 8 de junho de 1649, expirou; e a 21 de dezembro, n'uma segunda eleição, foi eleito

---

unico que interessa á marcha da civilisação, e que nos pode esclarecer na reacção politica.

Cf. *Historia da Universidade de Coimbra.* — Nota. Pag. 27 e 28. Tomo II.

[1] Os chronistas dizem que o papa Urbano VIII appellidava Vitelleschi de *Anjo*.

## Francisco Piccolomini

que tinha sido candidato com Montmorency, vigario da escolha de Caraffa, que não obteve maioria.

Piccolomini, não fez mais do que preencher um logar, sem nada que o tornasse sequer merecedor d'um elogio de Crétineau; e a 17 de junho de 1651 morreu; sendo substituido, a 27 de janeiro de 1652, por

## Alexandre Gottifredi

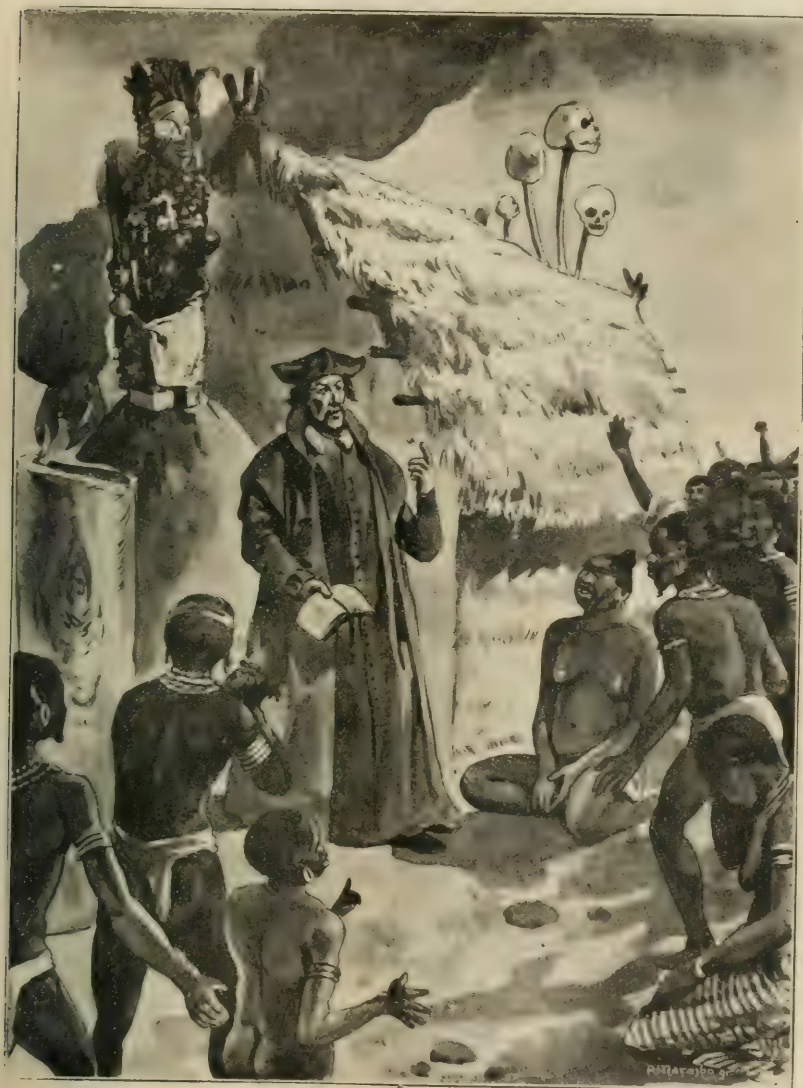
Ainda porém a congregação geral se não tinha dissolvido, já o novo chefe desapparecia do numero dos vivos, e a 17 de março era eleito geral, por cincoenta e cinco votos contra vinte e dois

## Groswin Nickel

Emquanto em Roma os padres faziam quasi que successivamente reuniões, exequias e eleições, a companhia seguia seu caminho, deixando nos cadafalsos d'Inglaterra alguns dos seus membros menos habeis, ou mais compromettidos, como já vimos. Foi n'esta epocha que os jesuitas collocaram nos altares, antes que fosse canonizado, o seu socio Francisco de Regis. Foi elle dos poucos jesuitas que deu ampla expansão ao sentimento do amor ao proximo, e que conseguiu, com Vicente de Paula, e outros que não foram jesuitas, alliar o dogma aos impulsos do coração. Se na companhia de Jesus pode haver santos, segundo o espirito do evangelho, Regis foi talvez um d'elles, se é que é verdade tudo quanto d'elle contam os seus confrades. A companhia está constituida e considerada como uma verdadeira potencia; é um factor social com que é preciso contar, e se outr'ora os paes faziam frades os filhos segundos, que não serviam para mais nada, agora todos os ambiciosos procuram o instituto jesuitico, por saberem que da influencia d'este depende em quasi toda a Europa a maior ou menor generosidade dos cofres reaes. Rara, pois, foi a familia de nomeada que não sacrificou um filho á S. J. para ter um protector efficaz. O engano de muitos não poz fim á illusão da maioria, e os chronistas citam hoje com vaidade paginas e paginas de nomes nobres, extraidos dos registos das suas matriculas. Apesar, porém, d'estas apparencias de poderio, d'estes canticos de triumpho que elles entoam, na citação dos nomes illustres, como strophes sonoras, ainda hoje são, em grande parte, verdadeiras as seguintes palavras de Guizot, pondo em parallelo a *Reforma* e o *Jesuitismo* [1].

«Ninguem ignora que a principal potencia instituida para luctar contra ella (a Reforma) foi a ordem dos jesuitas. Lançae a vista sobre a sua historia e vereis que naufragaram em toda a parte; e que onde quer que interviessem ahi levavam a desgraça á causa cujo partido abraçavam. Em Inglaterra perderam os reis; em Hispanha os povos. O curso geral dos acontecimentos, o desenvolvimento da civilisação moderna, a liberdade do espirito humano, todas as forças contra que os jesuitas foram chamados a combater, se ergueram contra elles e os venceram. E não sómente naufragaram, mas lembrai-vos de que meios foram obrigados a servir-se; nada de luminoso, nada de grande; não produziram brilhantes acontecimentos, não puzeram em movimento potentes massas humanas; trabalharam sempre por sapas subterraneas, obscuras, subalternas, por vias muito pouco adequadas a ferirem a imaginação, e a conciliar-lhes esse interesse publico, que se liga ás grandes coisas, qualquer que seja o principio e o fim. O partido contra que luctavam, ao contrario, não sómente venceu, mas venceu com esplendor. Fez grandes coisas, e por meios grandiosos; sublevou os povos, e semeou a Europa de grandes homens; mudou, á face do sol, a sorte e a forma dos estados; tudo, n'uma palavra, foi contra os jesuitas, tanto o exito como as apparencias. Nem o bom senso, que pede o successo, nem a imaginação que necessita de deslumbramento, ficaram satisfeitos com o destino d'elles. E comtudo, é evidente que elles tiveram grandeza; uma grande idéa anda ligada ao seu nome, á sua influencia,

---

[1] Cf. *Histoire générale de la civilisation en Europe*, par M. Guizot. Pag. 363 e seg.

A missão de Pedro Tavares

á sua historia; e isto porque elles souberam o que faziam, o que queriam; tiveram pleno conhecimento dos principios, em virtude dos quaes trabalhavam, do fim para que se dirigiam: quer dizer que tiveram a grandeza do pensamento, a grandeza da vontade, e foi isto que os salvou do ridiculo que suscitam os reveses obstinados e os meios miseraveis. Onde, porém, os factos foram maiores que o pensamento, onde parecia faltar o conhecimento dos primeiros principios e os ultimos resultados da acção, ficou o quer que fosse de incompleto, d'inconsequente, de mesquinho, que collocou os proprios vencedores n'uma especie d'inferioridade racional, philosophica, cuja influencia se fez por vezes sentir nos acontecimentos.»

Mas a medida das iniquidades trasbordava e a guerra contra os jesuitas, rebentando de todas as partes, vem perturbar a satisfação do goso. A publicação das *Provinciaes* e da *Moral pratica*, acabam de os desconsiderar no conceito publico. Pretendem luctar; mas como os seus combatentes são de fraca envergadura contra os Pascal e os Arnaud, ficam vencidos, sendo obrigados a recorrerem á força para amordaçarem os contrarios.

Foi no maior auge d'esta contenda, que a 8 de maio de 1661 se reuniu a congregação geral da S. J. e começou por depôr o geral Groswin Nickel. Esta deposição revestiu as apparencias d'um assentimento ao pedido de demissão de Nickel, que allegou a edade e as doenças, como impossibilidade para o exercicio do seu cargo. A verdade é que Nickel não estava á altura da situação, bastante difficil no momento. Foi então eleito um vigario geral com direito de successão, e a maioria de quarenta e nove votos dados a João Paulo Oliva, contra uma opposição de quarenta e dois, mostra bem que luctas intestinas minavam a companhia, na segunda metade do seculo XVII.

### João Paulo Oliva

Oliva exerceu as funcções de vigario geral durante tres annos, e depois a de geral durante dezesete. Por seus avós descendia d'uma familia ducal de Genova, onde alguns dos seus membros exerceram a magistratura de doges. Era, ao tempo, um dos membros mais illustrsdos da ordem, um theologo sabedor, um orador de renome, e, além d'isso, dotado das qualidades habeis que tão apreciadas eram no governo da companhia; entre outras a de ter sabido conquistar a amisade de algumas personagens importantes, principalmente a de Innocencio X [1], a cujos ultimos momentos assistiu.

«Pedro Oliva, diz Crétineau, deu o ultimo suspiro no mais acceso das questões suscitadas em França pelo *direito regal* [2]. «N'esta lucta, os jesuitas viram-se sériamente compromettidos, não querendo desobedecer ao

---

[1] Para se fazer uma idéa do que era este amigo dos jesuitas, que elles dizem: ter morrido santamente nos braços de Oliva, não faremos mais do que copiar, sem alteração d'uma virgula, o que d'elle escreveu o padre catholico D. Joaquim d'Azevedo, abbade resertario de Sedavim, arcipre te, commissario do Santo Officio, e fidalgo capellão da casa real, na *Chronologia dos Pontifices romanos*, etc , etc : «Innocencio X, papa romano, chamado João Baptista Panfilo, advogado consistorial, auditor da rota, nuncio a Napoles, cardeal, eleito a 15 de setembro de 1644. Condemnou as cinco famosas proposições attribuidas a Jansenio, fazendo por extinguir o jansenismo. Celebrou o jubileu do anno santo em 1650. Contra vontade do duque de Parma nomeou bispo de Castro: pediu o duque nomeasse outro: o eleito se excusou, e constrangido a acceitar, disse ao papa que ia morrer; foi no caminho acommettido á traição e morto; não se pôde verificar o homicida: o papa excommungou o duque: fez arrazar Castro, em cujo sitio se levantou pyramide com letreiro: *Aqui foi Castro*. Seguiram-se guerras; mas Castro ficou da Se apostolica. Perseguiu os parentes de Urbano VIII, notoria ingratidão do muito que devia a seu predecessor. Por meio de França se reconciliou com os barbarinos. Murmurou se na parte que tinha no governo Olympia com titulo de parentesco do papa; que por evitar reparos a despediu da corte Em seu logar ficou a princeza Rossana, sobrinha do papa, por meio d'estas senhoras se compravam em Roma os beneficios e dignidades. Morreu Innocencio a 7 de janeiro de 1655, com dez annos, tres meses e vinte e dois dias de pontificado.» Um tal papa, perseguidor, incendiario e consentidor de simonia, não podia entrar no ceu senão com a chave falsa d'um jesuita.

[2] Era um direito da corôa, em virtude do qual o rei se substituia de certa maneira aos bispos fallecidos, ou demissionarios, para receber as rendas das suas diocezes, durante a vacatura da sé (regalia *temporal*), e para fazer as nomeações de todos os bene-

papa, não lhes convindo afrontar o poder auctoritario de Luiz XIV, cujos confessores são. Pombal accusou-os, n'estas circumstancias, de serem pelo rei contra o papa.

«Morreu, diz Crétineau, a 26 de novembro de 1681, depois de ter governado o instituto durante dezesete annos. Era um homem d'uma devoção e d'uma *habilidade* consumada, e que, pela sua correspondencia com os reis e os principes, se viu envolvido em todos os acontecimentos da sua epocha.

Como na sua correspondencia havia paginas comprometedoras, elle tratou de a publicar em vida, com uma redacção *definitiva*.

A congregação que se reuniu por sua morte, a 5 de junho de 1682, elegeu por unanimidade o vigario geral, por elle indicado,

## Carlos de Noyelle

Carlos de Noyelle era belga, nascera em 1615, tinha portanto sessenta e sete annos. Era o homem que convinha para figurar á testa da companhia, *pouco tempo*, e em quanto se liquidava a pendencia entre o papa e o rei de França. «Este jesuita, diz o chronista francês, não tinha as brilhantes qualidades dos seus predecessores, mas era modesto e prudente.» «O seu generalato, que não durou senão quatro annos e meio, teve que atravessar diversas provas difficeis; e, apesar seu, se viu envolvido nas questões do papa com a França (porque não seguiram o exemplo das outras ordens religiosas?); embora obrigado a obedecer ás ordens de Innocencio XI, soube tão bem trabalhar os animos e deixar aos jesuitas a sua liberdade d'acção (esta redacção é um primor de velhacaria), que a companhia passou sem naufragar por entre estes dois escolhos.»

Em 12 de dezembro de 1685 morreu, deixando a companhia ferida na sua unidade, dividida depois da morte de Noyelle; interregno e demora verdadeiramente symptomaticos, d'um estado anormal.

## Thyrso Gonzalez

A ordem, na sua feição hispanhola, parecia querer assumir o mando. A's subtilezas e habilidades dos italianos, substituiu a violencia d'um hispanhol, doutor em Salamanca, com o quer que seja de irreductivel em materia theologica, a ponto de ter andado em discussão com os theologos da propria companhia, por causa do *probabilismo*, doutrina acceita pela maioria, e por intrigas intimas, perdendo o antigo prestigio, e vivendo mais da força adquirida, que da assimilação de novos elementos vitaes.

A eleição em que Thyrso Gonzales teve a maioria, sómente ao fim de tres escrutinios, é bastante para indicar que desintelligencias lavravam no seio da S. J.

Gonzales só foi eleito a 6 de julho de 1687, por quarenta e oito votos contra trinta e oito, depois de quasi quinze dias de trabalhos eleitoraes, e quasi sete mezes de interregno e de ataques de muitos dos seus socios. Teimoso, venceu todos os obstaculos que a ordem oppoz á publicação dos seus trabalhos; mas venceu os, não sem que um grande residuo de inimisade ficasse existindo no animo dos *irmãos-contrarios*. Havia, porém, um facto que os recommendava aos irmãos affectos especialmente a Roma, era ter escripto um livro contra á *Declaração da Egreja Gallicana*, no qual condemnava as quatro proposições do clero francês, de 1682. Mas o theologo irascivel cedeu o logar ao geral astuto, mas não tão previdente e talentoso que fosse capaz de deter a companhia no plano inclinado em que já começava a resvalar.

Foi no seu generalato que os jesuitas da Bohemia publicaram á sua custa as *Constituições do Instituto*, imprudencia de que, como já vimos, por mais d'uma vez tiveram d'arrepender-se.

## Miguel Angelo Tamburini

Gonzales morreu a 27 d'outubro de 1705, e a 30 de janeiro de 1706 foi-lhe dado como successor, em concorrencia com o famigerado Daubenton, a quem já nos referimos pouco lisonjeiramente, no segundo escrutinio, Miguel Angelo Tamburini, nascido em

---

ficios de que o bispo tinha a collação, na sua qualidade de prelado (regalia *espiritual*). D'esta lucta nasceu a celebre *Declaração da Egreja Gallicana* em 1682, redigida por Bossuet.

Modena a 27 de setembro de 1648. Era um homem, pois, a entrar nos sessenta annos. Era o que se costuma chamar um funccionario de carreira. Por muito favor, os jesuitas dizem-n'o virtuoso, moderado e sabio. Não era o homem energico e superior, necessario para deter a companhia na sua queda para o occaso. Os meios de que se servia eram dubios, e destituidos d'aquella direitura de caracter tão necessaria para os homens de bem, na collisão de dois deveres. Quando narrarmos, em Portugal, a questão dos *quindemios*, veremos os jesuitas, para defenderem os seus dinheiros, revoltaram-se contra o papa, mas pondo na frente o rei, que então fez do manto aquella celebre capa, tão falada em a nossa politica moderna.

Este geral governou vinte e seis annos; se é que ainda se pode governar sem caducidade aos oitenta e quatro annos! Seria devido a este estado que elle não nomeou vigario geral que o substituisse no momento da morte.

### Francisco Retz

Tendo fallecido Tamburini a 28 de fevereiro de 1730, a 7 de março os professos reuniram-se e nomearam para aquelle logar, por unanimidade, a Francisco Retz, bohemio. Os rumores de tempestade approximam-se, e a companhia é obrigada, para satisfazer a opinião, a prohibir que os seus socios sejam negociantes, e julga ter, com um decreto, acabado com um mal que era fundamental, e quasi que a rasão de ser do instituto. Ainda hoje os seus collegios não passam d'uma exploração industrial [1]; ao mesmo tempo recommendava-se aos escriptores da companhia que, nas suas polemicas, nunca respondessem com violencia aos ataques dos seus adversarios.

Ainda no tempo de Retz se fundam novos collegios da companhia. Este geral finou-se a 19 de novembro de 1750; tendo designado para vigario geral a Ignacio Visconti, que os professos em congregação, na sessão de 4 de julho do mesmo anno, confirmaram no cargo de geral.

### Ignacio Visconti

Pouco resam d'elle as chronicas; mas é facto que os acontecimentos continuavam a assoberbar os chefes, sem talentos nem auctoridade para os vencerem. Estamos no segundo quartel do seculo XVIII, os espiritos ja sentem, já manifestam as grandes tendencias revolucionarias, que vão irromper medonhas e imponentes em 83; e os jesuitas já de ha muito estão eivados dos mesmos vicios das outras ordens religiosas, e convertidos, como disse Voltaire, em frades menos bezuntões.

### Luis Centurioni

foi eleito em novembro de 1755; doente e sem forças, estiolou se na cadeira de geral, morrendo dois annos depois, deixando como legado ao seu successor o entoar as exequias da ordem de Jesus.

### Lourenço Ricci

Já rugia a tempestade quando em 21 de maio de 1758, sete mezes depois da morte de Centurioni, Lourenço Ricci foi chamado a dirigir a barca batida de todos os lados por um vento d'exterminio.

Ricci nascera em Florença a 2 d'agosto de 1703. Segundo os historiadores da ordem, elle não possuia nenhuma das qualidades precisas, para fazer face á crise que ameaçava a companhia. No momento em que se precisava d'um homem no vigor da vida, a S. J. encontra-se á sua frente, não com um velho, mas com um homem gasto, e tendo de ha muito dobrado o cabo dos cincoenta.

A congregação pretendeu conjurar os males imminentes, chamando os jesuitas á pratica das virtudes religiosas, que elles até então tinham abandonado. Era tarde, e o remedio inefficaz. A consciencia humana re-

---

[1] A educação n'um collegio jesuitico custa hoje tres vezes do que n'outro qualquer estabelecimento. A mensalidade é relativamente menor, mas os extraordinarios são por tal forma exorbitantes, que fazem elevar os encargos a uma quantia enormissima. Lembro-me que, ha annos, estando em Braga, os alumnos de certo collegio jesuitico foram dar um passeio de recreio em grandes *char-á bancs*, que custava cada um 3$000 réis, pagando cada alumno a insignificancia de meia libra!

adquire os seus foros e os jesuitas são expulsos, com a ignominia que merecia a serie dos seus attentados, das suas expoliações, das suas offensas a Deus, á religião e á so

Não havia que luctar contra este orgulho injustificavel; e o breve *Dominus ac Redemptor* fulminou a extincção da companhia.

Um anno depois, quasi dia por dia, o papa

Expulsão dos jesuitas do Congo

ciedade, de Portugal, França, Hispanha, Napoles, Parma. O papa quer ainda salval-os; propõe-lhes que se reformem, mas Ricci, responde-lhe:

«Que ou serão assim como são, ou deixarão de existir!»

Clemente XIV, que tinha feito esta salutar obra de limpeza moral e religiosa, morria envenenado, realisando-se assim as suas aprehensões; pois que, quando assignara o breve da extincção, dissera:

«*Questa suppressione mi dara la morte!*»

# LXX

## Recapitulemos

Longa e aflictiva tem sido esta nossa peregrinação atravez dos actos e feitos da companhia de Jesus no antigo e novo mundo, nas côrtes da mais requintada civilisação, nos sertões invios! Atravessamos por meio dos acervos das suas victimas, e, dos sete romeiros, quasi sem eira nem beira, que vimos partir de Montmartre, dedicados, como apregoavam, ao serviço exclusivo de Deus, deixamos agora uma multidão de obreiros, ávidos, riquissimos, contando os bens por milhares de milhões e tratando unica e exclusivamente de sacrificarem ao *Bezerro de oiro*. Vimol-os, insensiveis ás dores alheias, apparentarem de caritativos e pisarem a humanidade a pés; vimol-os passar simulando a humildade, e, prodigalisando a absolvição e a animação a todos os vicios, vimol-os prégarem a pratica das virtudes!

Tel-os-hiamos simplesmente odiado em o nosso fôro intimo, desprezado como entidade social, se elles não se dissessem apostolos da religião, e discipulos de Christo. Commanditarios de empresas industriaes, socios de commerciantes ser-nos-hiam por certo indifferentes, como tantas outras firmas commerciaes; com a taboleta de christãos e de catholicos é que os não comprehendemos, e por isso os guerreamos, não como elles nos fazem, calumniando, mas sim expondo factos, entre os quaes não ha um unico que não fosse sobejamente provado nos mais altos e respeitados tribunaes, e que não possa continuar a sel-o com o testemunho da historia.

Vamos agora vel-os manobrar em Portugal, com a já sua conhecida audacia, umas vezes hypocritas outras impudentes, e isso nos servirá de licção, para nos afastarmos de quem desde os primeiros passos da sua existencia tão profundamente tem odiado a humanidade, vexado os povos, degradado os individuos, e ultrajado o nome sagrado de Jesus, inscrevendo-o no farrapo immundo e degradante da sua bandeira [1].

Concebido nos asperos e asceticos devaneios d'um cerebro sem equilibrio, ainda

---

[1] Ignacio de Loyola escolhera para a sua congregação o titulo de *Companheiros de Jesus*. Era já uma designação pouco modesta, visto que os proprios apostolos se tinham contentado com a de ***servos de Jesus***. Pouco e pouco os ***companheiros*** se ficaram chamando simplesmente ***jesuitas;*** designação transformada hoje em todas as linguas cultas n'uma das maiores injurias que se possa dirigir a qualquer.

Sabe se que *Jesus* é o nome proprio de Deus-Filho, e que Christo, não é por assim dizer, senão um nome commum, um qualificativo que significa ***ungido do Senhor***, ***escolhido***, ***consagrado pelo Senhor***. Assim os discipulos de Jesus não ousando tocar no primeiro nome, se chamaram simplemente ***christãos***; ou, melhor ainda e com mais verdade, acceitaram esta alcunha que lhes começou a ser dada em Antiochia, como injuria e não como glorificação. Entre os primitivos christãos nenhum se atreveu a chamar-se Jesus. Os jesuitas, arrogando-se este titulo sem o menor escrupulo, quizeram crear para si, e por este meio, alem d'outros, uma supremacia na Egreja, e fazerem accreditar que elles mais do que ninguem se achavam reunidos á Segunda Pessoa da Trindade.

Em França foram primitivamente alcunhados de *jesuistas*.

cheio de sonhos doirados e de ambição mundana, acalentado sob as azas ambiciosas dos primeiros socios de Ignacio de Loyola, accolhido no seio da Egreja, que julgou ver n'elle o germen, cujo desenvolvimento podia crear um apoio ao catholicismo abalado pela Reforma [1], o jesuitismo tem hoje perto de quatro seculos de existencia. Logo aos primeiros passos, como vimos, invadiu a Europa e quasi toda a America, uma grande parte da Asia, e muitas regiões da Africa. Tanto quanto nos foi possivel, esboçámos as principaes phases d'essa extranha, agitada e complexa existencia. Démos mais logar ao mal do que ao bem, porque o bem que se sabe dos jesuitas é todo contado por elles, ou pelos seus apaniguados, e ainda assim na mesma desproporção com o mal, verificado por milhares de testemunhos e de documentos insuspeitos, que temos conservado em a narrativa, um tanto apressada e febril, com que procuramos elucidar o leitor. Mostrámol-o, a elle jesuitismo, em toda a parte, chegando com apparencia humilde e modesta, estabelecendo-se logo com rapidez e intelligencia, invadindo todas as posições importantes e lucrativas; em seguida dominando com orgulho, e dando largas á irreductivel avareza e crueldade; depois, e quasi logo, conhecido e repellido, mantendo-se pela manha ou pela força, sacrificando unica e exclusivamente nos altares do oiro e do poder, e acabando por ser expulso pelo odio e pelo desprezo; para depois, como ainda veremos, tornar a apparecer, como o escalracho que não foi absolutamente reduzido a cinzas, e que por mais fundo que o enterrem, vem a reverdecer e a alastrar.

Sómente na Europa, os jesuitas foram expulsos mais de trinta veses de diversas regiões, o que nunca aconteceu a ordem alguma religiosa, nem mesmo aquella que tinha o seu cargo especial fornecer o alimento humano ás fogueiras da inquisição.

O seu plano, a que todos os introductores obedeciam cegamente, era introduzirem-se nas cortes, junto dos reis e dos principes, açambarcarem os confessionarios dos grandes e a direcção das consciencias das mulheres, como seus directores espirituaes, e, *ad majorem Dei gloriam*, absolverem de todos os peccados os grandes senhores que não passavam de grandes scelerados, e aparelharem um suave caminho para o ceu a essas grandes damas, que não tinham a recommendal-as senão a grandeza dos vicios.

Foi para se manterem n'essas situações, nem sempre de facil conquista ao primeiro attaque, que inventaram uma religião attenuada, complacente com as fraquezas humanas, que não só apagáva por completo todos os peccados dos seus penitentes, mas permittia que elles continuassem a viver livremente, sem escandalo e em toda a liberdade e paz da consciencia.

Do seu confessionario ninguem se levantava sem absolvição, e as penitencias eram tão suaves de cumprir, os proprios confessores achavam taes desculpas e até rasões ao peccado, que era um gosto peccar só para ter o prazer de o confessar a um jesuita e ser absolvido por elle! Eram verdadeiramente bons para os peccadores os santos padres! Tudo lhes perdoavam; para tudo achavam desculpa, e sabiam semear de rosas e prazer o que até alli tinha sido o difficil caminho do Paraiso.

No antigo e novo mundo a presença do jesuitismo acompanhou sempre as grandes calamidades publicas. Se é o acaso que lhes tem proporcionado esta condição da sua existencia, os jesuitas tem deveras que se queixar d'elle; se é Deus, como nós cremos, é um aviso salutar que os povos não tem querido reconhecer. Mas, na sinceridade da nossa alma, dizemos que a presença d'este fatal genio devia e deve ser sempre funesta em toda a parte.

O jesuita é um iman infernal que atrae a desgraça e a ruina.

---

[1] Não seria difficil provar, se isso entrasse no plano do nosso trabalho, que a S. J. fez peor á religião do que o protestantismo; e que sem aquella este não teria tomado o incremento que tomou, embora na apparencia pareça o contrario. Esta these é sufficientemente tratada e discutida n'uma obra em dois volumes, cuja leitura recommendamos aos nossos leitores, e que se intitula: — *Problême Historique, Qui, des Jésuites, ou de Luther et Calvin, ont le plus nui a l'Eglise Chrétienne:* 2.º vol. 3.ª edic. augmt. Utrech. M.DCC.LXIII.

A explicação já a vimos nos factos: e é que a desgraça alheia bem como a ruina publica são, para elle, a melhor condição de existencia: é que os jesuitas não têem familia nem patria; é que cada um d'elles é um elemento inconsciente mas terrivel, nas mãos de quem o governa, que o colloca e desloca, põe á direita ou á esquerda conforme melhor lhe apraz. E' que, emfim, o jesuita pertence de corpo e alma a uma corporação que não está ligada por laço algum, visto que pode quebrar todos; por nenhum dever que entenda ser obrigado a respeitar; uma corporação que não trata senão de si, que não pensa senão em si, e que deixaria destruir o mundo, se, nos destroços, pudesse edificar por si um asylo, maldito de Deus e dos homens!

Todos os poderes fundados na força têem passado e todos hão de passar. Porque, como se lhes conhece a organisação, conhecem-se tambem os relativos meios de combate. Empregam-se contra elles com exito, segundo os tempos, ora todos os recursos da diplomacia, ora a força das colligações, ora as innovações da arte da estrategia. Mas com os jesuitas? Quem conhece os seus recursos? Quem sabe o numero dos soldados d'este tenebroso exercito? Quem se pode lisonjear de poder surprehender a sua senha, ou o segredo das suas operações? E, ha quasi quatro seculos que elles travaram o seu grande combate contra a nossa sociedade civil, que historiador poderia marcar exactamente as datas das suas victorias ou a das suas derrotas?

Invisiveis e presentes, estão em toda a parte e em parte alguma. Vestem-se de todas as maneiras, têem todos os officios, iniciam-se em todas as classes sociaes sob todos os titulos e a coberto de todos os desfarces.

«Não ha nada como os jesuitas» disse Pascal, e a phrase é grande, certa e profunda. Nada como elles existe effectivamente. Porque qualquer que seja a comparação empregada para dar a conhecer a subtileza dos filhos de Ignacio e a variedade das suas metamorphoses seria insufficiente. O mar é menos ondulante, o arco-iris menos cambiante e a serpente menos agil.

Vimol-os simultaneamente apostolos e banqueiros, martyres e traficantes, professores e soldados, missionarios e conquistadores, confessores e espiões, casuidicos e pamphletarios, cortezãos e regicidas. Vimol-os tratar a religião e os dogmas como os acrobatas os jogos malabares, e mudarem de linguagem e de caracter segundo a latitude. Indios com os indus, chins com os chineses, pagãos ou semi-pagãos com os selvagens, politicos na Italia, filiados da Liga em França, conspiradores na Hollanda e na Inglaterra, fanaticos na Hispanha e na Italia, dirigentes politicos na Suecia, Austria e Bohemia, habeis e insinuantes em toda a parte, homens de tino nos seus designios, perseverantes na execução, humildes e hypocritas na má fortuna, altivos e ameaçadores quando os ventos lhes sopram propicios, e sempre dispostos a tudo sacrificarem aos interesses de sua seita, tanto a paz dos estados, como o repoiso das familias, e até o seu proprio repoiso e a propria existencia.

As ilhas britannicas foram bastante ditosas, porque nunca viram tremular triumphante a bandeira de Loyola, salvo em raros momentos, e sómente em alguns pontos. A sanguinaria Maria na Inglaterra, e Maria Stuart na Escossia, debalde procuraram sustentar os jesuitas á sombra dos seus thronos; a desconfiança e o horror dos povos tornaram inuteis todo o apoio do poder. Na Irlanda, os jesuitas tiveram sempre uma certa preponderancia; mas não tanta quanto n'outros paises. Este povo, julgando combater pela sua liberdade e pela sua crença, verteu rios de sangue pela causa de Ignacio de Loyola. O auxilio que Filippe III de Hispanha concedeu ao conde de Tyrone e aos irlandeses revoltados foi, como não duvidamos, em resultado das intrigas dos jesuitas, e d'elle não resultou para a martyrisada Irlanda senão novos desastres, novos cadafalsos, e novos rios de sangue derramado.

A Grã-Bretanha tem conservado até hoje o horror ao jesuitismo, a esse jesuitismo que, mais que os reformadores e melhor talvez que Henrique VIII, contribuiu para fazer banir d'estas regiões a crença catholica.

Na discussão da emancipação dos catholi-

cos ingleses, um bispo britannico, o de Chester, disse:

«Não são as doutrinas theologicas do catholicismo que me repugnam, mas sim as dou-

A morte d'um povo

trinas moraes de alguns dos seus religiosos, e principalmente as suas doutrinas politicas sobre o poder ecclesiastico que me assustam.»

«Um par leigo, o conde de Liverpool, ajuntava:

«Quanto a mim, não é contra as doutrinas da transubstanciação e do purgatorio que me revolto, mas unicamente contra a influencia dos padres catholicos sobre todas as relações da vida particular.» E' evidente que o nobre par, pronunciando estas notabilissimas palavras, tinha em vista os jesuitas.

Para o provar recordaremos um facto quasi dos nossos dias.

Em 11 de fevereiro de 1846, a camara dos

communs d'Inglaterra tratava de votar em segunda leitura o *bill de allivio* dos catholicos romanos. Esta lei tinha por fim fazer cessar as penalidades e incapacidades que pesavam ainda, na Grã-Bretanha, sobre os catholicos, não em rasão de certos actos, mas pelo simples facto de crença religiosa.

Ninguem, ao que se diz, pensava no recinto legislativo em regeitar o projecto, se elle não parecesse destinado, pelos termos vagos em que estava concebido, a fazer desapparecer a prohibição existente nas leis contra a companhia de Jesus, «contra essa ordem fatal», disse então um deputado «que tem por fim supprimir o espirito de discussão, a vontade individual, o livre arbitrio, e tudo isto para dominar os homens, aos quaes não só quer tomar a liberdade do corpo, mas ainda tambem a da alma, que ella amassa com a lama do servilismo.»

«Persigamos sempre e sem descanço o jesuitismo,» disse lord Morpeth, resumindo a questão, «mas não opprimamos os jesuitas!»

Eis o que desejariamos ouvir dizer em Portugal; mas Quelhas, Campolide e S. Fiel que respondam! Hoje o jesuitismo triumphante em qualquer d'estas suas cidadellas, verdadeiramente inexpugnaveis, grita alto e bom som, nos jornaes que vivem á custa d'elle:

— «Estamos aqui porque assim o queremos; e desafiamos qualquer que seja o governo que nos expulse. N'esse momento saberemos arvorar uma bandeira extranjeira, e as contas serão com a nação que em nós se julgar offendida.»

Viram, desenvolvidamente os nossos leitores, que effeitos produziram em França as diversas entradas das cohortes de Ignacio de Loyola, e como a sua bandeira, umas veses por terra, outras tremulando triumphante com o auxilio do poder real, foi sempre temida, sempre despresada, sempre odiada pelos povos!

Caso indiscutivel: um jesuita pode chegar a ser admirado, ou pela sua sciencia, ou pela sua habilidade; o que nenhum consegue é ser estimado. A estima é um sentimento que se consagra aos bons, áquelles que põem nas obras da sua vida o que ha de affectivo em seu coração; o jesuita, machina arida, trabalhando por inconfessaveis interesses, tem sobre si a eterna condemnação de não saber amar, e a de nunca ser amado!

E quando toda a Europa culta os expulsava; quando o chefe da christandade mandava que se dissolvesse a sua congregação, os homens que se declaravam filhos submissos da Egreja, desobedecem á voz do chefe supremo, vão refugiar-se em país schismatico, e acolhem-se á Russia, não para a civilisarem, nem para a converterem ao catholicismo, mas porque na selvageria do governo czarino, elles esperam encontrar um auxiliar para o seu fim — o embrutecimento da massa popular. E o czar e o *geral* entendem se; as tendencias dos dois são as mesmas, isto é, dominar pelo envilecimento dos dominados.

Sómente o czar d'então não viu que a contra pancada do *jesuitismo* seria, um seculo depois, o *nihilismo!*

Quer invadam os paises frios da Europa, quer se espalhem de norte a sul na formosa Italia, elles são sempre os mesmos. Intrigantes, absorventes, cupidos e sanguinarios, promovendo guerras d'exterminio, accumulando riquezas incalculaveis, surprehendendo a boa fé e sinceridade dos principes que os recolhem, abusando da imbecilidade dos outros, procuram estabelecer uma especie de monarchia, em que, sob as apparencias do dominio papalino, sejam elles os unicos a reinar e a gosar; porque, poucos annos apoz a fundação, já os vemos trocar as asperezas da vida, pelos commodos dos grandes palacios; a sobriedade pelos longos festins; e a jurada castidade em honra da Virgem, pela seducção das confessadas, pelo adulterio e por todas as formas do prazer carnal [1].

---

[1] Quando, nos fins do seculo XVII, o molinismo, — doutrina que convertia o mysticismo em actos da mais bestial sensualidade —, irradiando da Italia, entrou em Portugal, a Inquisição tratou de tolher essa depravação, e procurou, por todos os meios, extirpar o mal.

Da leitura dos processos inquisitoriaes averigua-se que, por essa epocha, e principalmente nos primeiros annos do seculo XVIII, começava a avultar o numero dos *solicitantes*, isto é, padres, tanto do clero ordina-

A Italia, principalmente, deve accusar o jesuitismo d'uma grande parte da sua longa agonia. Os bons padres conseguiram fazer-se temidos dos papas, auxiliares valiosos de todos os confiscos. Podendo dirigir para onde lhes aprazia, lá da sua cella no *Gesu*, os raios pontificios, sabiam aproveitar os restos quasi extinctos do fogo que elles ainda dardejavam. E é hoje d'alli, mercê da influencia dos jesuitas, que se obriga o papa á penivel situação em que se acha, que se mantem na Italia o mal estar entre a sociedade politica e a religiosa, que de ha muito teria terminado, se entre o papado e a sociedade civil não existisse, afastando-os com violencia, a sombra negra do jesuita. De ha muito que, tanto no Vaticano, como no *Gesu*, é lettra morta a grandiosa phrase do *Gloria:*

*Et in terra pax hominibus!*

Na Austria e Allemanha foram temiveis e insaciaveis de sangue e oiro. A Allemanha, que os baniu de vez, conseguiu a hegemonia na Europa; a Austria arrasta uma vida cheia de tribulações e desgostos.

Nos cantões da Suissa, de que não nos occupamos especialmente, para evitarmos a repetição dos mesmos factos, contados em outras regiões da Europa central, tambem elles puzeram o seu cunho retrogrado nas regiões que os admittiram e ouviram, evidentemente inferiores em progresso e iniciativa áquellas que desde logo adoptaram e depois conservaram a Reforma.

E se alguma das suas povoações, depois de terem abraçado o calvinismo, renegaram e volveram ao gremio do catholicismo romano, deve-se isso, quasi que exclusivamente, á incessante, christã e conciliadora missão de S. Francisco de Salles.

E' triste dizel-o: mas na Suissa existe o mesmo receio que na Inglaterra, e é que, com o catholicismo, que não assusta ninguem com a sua doutrina, se introduzam os jesuitas, cujas doutrinas e moral causam tanto horror como o proprio nome.

A Hollanda soube subtrahir-se á influencia da negra congregação; e os seus adeantamentos, em comparação com a Belgica, que lhe ficou sujeita, são evidentes.

Em Hispanha, os jesuitas foram sempre e incessantemente peados no vôo, pelo ciume dos dominicanos, muito antes estabelecidos na peninsula, filhos de hispanhol, mas de hispanhol em toda a accepção da palavra. Os jesuitas, por mais d'uma vez, fizeram bem publico o odio que consagravam aos filhos de S. Domingos; a sua historia no Extremo Oriente, não é no fundo senão a das suas perseguições aos missionarios das outras ordens religiosas em geral, mas aos de S. Domingos em particular.

Quando narrámos o que se passou com elles na Asia, já vimos que as perseguições de que os christãos alli foram victimas, e de que tambem soffriam os jesuitas, foram em geral atiçadas por estes em odio ás outras congregações religiosas, as quaes, prégando um christianismo mais puro, menos accommodaticio, os embaraçavam no seu caminho de traficantes e de dominadores. Tendo atravessado a Asia em todas as direcções, os jesuitas, se não fôra Francisco Xavier, não teriam deixado um unico vestigio da religião christã nas almas d'aquelles povos.

Na Africa, foram fanaticos sem intelligencia, d'onde resultou tornarem-se grotescos e ridiculos, e em todo o caso inuteis. O vasto sertão ficou até nossos dias completamente fechado á doutrina evangelica. Alli, o mais que faziam, como prolixamente nos contou o padre Pedro Tavares, era escoicearem manipanços, e andarem ás turras com os pobres feiticeiros, a quem tomavam a serio como delegados do diabo na terra! Verdade é que o pessoal que a companhia de Jesus destacava para as missões da Africa central

---

rio, como das ordens religiosas, que se aproveitavam do confessionario para alliciarem as suas penitentes e satisfazerem os seus desejos lubricos. Entre os devassos que ella perseguiu, um dos primeiros que deu entrada nos seus carceres foi o padre jesuita Carlos Salzedo, professo do quarto voto, morador no collegio de S. Lourenço, no Porto, condemnado como solicitante, em 1718.

Assim, pois, os jesuitas caminhavam, com as outras ordens religiosas, no mesmo caminho escorregadio do vicio e da concupiscencia.

e oriental, era o que lhe não servia para outra coisa. Eram desbravadores talvez de muita e cega fé, mas é de crer que nos seus collegios e opulentas casas professas, nem sequer servissem para superintender na cozinha ou no refeitorio.

Ao norte, vimos como se fizeram expulsar da Abyssinia, e como não hesitaram em levar um negus, cujo espirito dominavam, a exterminar, pela morte infamante, os christãos dos seus dominios, que, em vez de jejuarem só doze horas, teimavam em jejuar vinte e quatro. Aqui a crueldade anda de par com a imbecilidade.

No Congo, onde se lhes abria vasto e propicio campo á sementeira evangelica, prejudicaram tudo, pela ignorancia que os tornava irreductiveis em pontos de disciplina, adredes inventados pela curia, para terem n'elles uma inexgotavel fonte de receita.

Sempre ambiciosos, sempre absorventes, invasores das alheias attribuições e cupidos, obrigaram os governos de Angola a procederem severamente contra elles, em nome do socego dos povos, e do sentimento de justiça, que os obrigava a irem reclamar ás casas jesuiticas os bens alheios, de que indevidamente se tinham apoderado.

O seu dominio no Mexico foi uma coisa monstruosa.

Allegando privilegios especiaes do papa, quizeram banir d'aquellas regiões tudo quanto fosse auctoridade ecclesiastica, que não estivesse filiada á companhia de Jesus. As suas perseguições ao santo bispo de Angelopolis, ainda hoje clamam justiça nas paginas da Historia. Se na Asia accommodavam a doutrina da Egreja e o seu ritual ás doutrinas e praticas das varias religiões pagãs, no Mexico caricaturisaram as cerimonias do catholicismo, para lançarem o grotesco e o ridiculo sobre um bispo da egreja romana.

Na America do Norte, onde muitas tribus os acceitaram, converteram-se em negociantes, ávidos de todos os exclusivismos, e, para salvarem meia duzia dos seus, não se importaram de sacrificar um povo, que n'elles tinha confiado, e por elles combateu até ao exterminio do ultimo guerreiro.

A perseguição a Lalli-Tolendal dá testemunho de como n'elles é fundo o odio e implacavel a vingança. Não contentes em o perseguirem nas colonias, e n'elle a patria franceza, ainda o acompanharam á Europa, onde as suas intrigas souberam levantar o patibulo, em que o intrepido general e o perseguidor de todos os concussionarios e bancarroteiros expiou o crime de ter desprezado os jesuitas.

Vamos agora ver os seus trabalhos em Portugal e na America do Sul, n'esse Paraguay, que apregoam como um dos seus melhores titulos ao reconhecimento da humanidade, e que é uma das maiores vergonhas da historia da mesma humanidade; e depois voltaremos a registar os seus esforços, no seculo findo, para de novo se assenhorearem da alma dos povos, por todos os meios... ao lado do codigo penal.

Fac-simile da portada da Chronica dos Jesuitas em Portugal

# LXXI

## Entrada dos jesuitas em Portugal

Ha cento e trinta e cinco annos que a historia dos jesuitas em Portugal foi escripta de maneira irrefutavel[1] n'um documento destinado a correr claramente á luz do dia, a ser enviado a todas as chancelarias da Europa, aos reis, principes e magistrados, e que tem cada uma das suas accusações authenticadas por documentos, em que os mais meticulosos em pontos de diplomatica ou verdade historia, de boa fé, nunca encontraram falsidade ou erro, escripta por penna essencialmente catholica apostolica romana, e que portanto não póde ser considerada nem como ataque á Egreja, nem como libello-difamatorio contra alguns dos seus membros[1]

Será esse livro, verdadeiramente um monumento de erudição, e um exemplo de honrada coragem, que nos servirá de guia nas paginas que vão seguir-se. O nosso desejo, e com elle um grande serviço feito ao povo português, seria a reproducção na integra d'essa obra magistral, mas nem o espaço de que dispomos, nem o plano que tractamos o permittem. Por isso extractaremos

---

[1] Cof. *Deducção Chronologica, e Analytica — Na qual se manifestão pela successiva série de cada hum dos Reynados da Monarchia Portugueza, que decorrerão desde o Governo do Senhor Rey D. Ioão III ate o presente, os horrorosos estragos, que a* Companhia *denominada de* Jesus *fez em Portugal, e todos seus Dominios por um Plano, e Systema por Ella inalteravelmente seguido desde que entrou n'este Reyno, ate que foi d'elle proscripta, e expulsa pela justa sabia e providente Ley de* 3 *de setembro de* 1759.

Dada a luz
Pelo Doutor
IOSEPH DE SEABRA DA SYLVA,
*Desembargador da Casa da Supplicação e Procurador da Corôa*
DE SUA MAGESTADE

Para servir de Instrucção, e fazer parte do recurso, que o mesmo Ministro interpoz, e se acha pendente na REAL PRESENÇA do dito SENHOR, sobre a indispensavel necessidade, que insta pela urgente Reparação de algumas das mais attendiveis entre as Ruinas, cuja existencia se acha deturpando a Auctoridade Regia, e opprimindo o Publico socego

EM LISBOA
Anno MDCCLXVII
Na officina de Manuel Manescal da Costa
POR ORDEM DE SUA MAGESTADE

[1] Crétineau-Joly, o venalissimo campeão da S. J., que, como já provámos, só escrevia o que os jesuitas lhe dictavam, não se atrevendo a refutar a *Deducção* limita-se a injuriar e calumniar o Marquez de Pombal, que elle vê dirigindo a penna de Seabra da Silva. Accusa-o de «querer introduzir o protestantismo em Portugal e de fazer passar a corôa da cabeça de D. José a um principe inglês». Como phantasia grotesca é para admirar. Se o leitor quizer vencer o nojo que causa pisar um reptil, e ao mesmo tempo ficar sabendo o que é um miseravel fazendo profissão de historiador, leia a *Historia* que este homem compoz da companhia de Jesus, e por ella aquilatará o que valem os que lhe pagaram para serem elogiados. Quanto a ser o Marquez de Pombal o auctor d'este memoravel livro, são d'essa opinião João Lisboa, Innocencio F. da Silva e Latino Coelho. Sendo assim é verdadeiramente para admirar como tal homem teve tempo para trabalho de tão longa e laboriosa investigação. O mais provavel é que elle fiscalisasse de perto a escolha e ordenação dos documentos e a redacção, a que talvez não fosse extranha a sua penna, na leitura sujeita ao seu exame.

d'elle tudo quanto fôr essencial e ponha bem em evidencia o que foram os jesuitas em Portugal, e o que são ainda hoje.

*Cesteiro que faz um cesto!...*

Reinava em Portugal D. João III, o filho mais velho de D. Manuel, a quem os chronistas «que escreveram debaixo da influencia dos immediatos successores d'este principe, tendo deante dos olhos o latego da censura, pintam como dotado de alta intelligencia e de qualidades dignas d'um rei;» escreve Alexandre Herculano [1], para em seguida continuar traçando o seguinte, tão fie como pouco lisonjeiro, retrato do principe, a quem Portugal deveu a INQUISIÇÃO e os JESUITAS. «Durante a vida de seu pae, muitos havia que o conceituavam como intellectualmente imbecil, ou pelo menos o diziam. O proprio D. Manuel mostrara receios do predominio que, em tenra edade, exerciam no seu espirito homens indignos.»

«O que é certo é que, ou por distracção ou por incapacidade, nunca pôde aprender os rudimentos das sciencias, e, nem sequer, os da lingua latina. Durante o seu reinado, as questões fradescas figuraram sempre entre os mais graves negocios do estado, e, apenas ao saír da infancia, o seu primeiro enlevo foi a edificação d'um convento de dominicanos. Eram, digamos assim, presagios que annunciavam um rei inquisidor. Fosse resultado do curto engenho e da ignorancia, fosse vicio da educação, D. João III era um fanatico.»

Algumas paginas mais adeante, Herculano [2] diz: «Sem acreditarmos que D. João III fosse idiota, suppomol-o uma intelligencia abaixo da mediocridade.»

Eis o homem a quem D. Pedro de Mascarenhas [3], embaixador de Portugal junto do Santo Padre Paulo III, escreve, e pede para admittir a companhia de Jesus em Portugal.

D. Pedro de Mascarenhas era um diplomata da escola machiavelica da intriga, da compra, e do suborno, a quem D. João III tinha encarregado de negociar com o papa o estabelecimento da inquisição em Portugal. Alexandre Herculano diz que elle era «de indole, segundo parece, recta e desinteressada, tinha a qualidade de alguns estadistas, que, collocados em logares eminentes, no meio d'uma sociedade e d'uma epocha pervertidas, se aproveitam da corrupção para realisarem os seus intuitos, sem se corromperem a si proprios; estadistas cuja suprema crença deve ser um profundo despreso do genero humano.»

Com estas qualidades, que especie de intuitos, ou que somma de despreso o levaram a propôr a D. João III a admissão em Portugal dos então denominados *companheiros do mestre Ignacio?* Seriam as apparencias de virtude dos primitivos jesuitas, no meio da corrupção da curia pontificia? Deixar-se-hia vencer por essa tal ou qual fascinação que o olhar de Loyola, como o de todos os degenerados superiores, exercia sobre elle, ou não leu senão virtudes no que não era senão refinada hypocrisia em Simão Rodrigues?

Não temos elementos para formular uma resposta, por tal sorte escasseam os elementos para a historia da entrada dos jesuitas em Portugal, e os poucos que possuimos são-nos fornecidos pelos chronistas da ordem, nos quaes, como é sabido, não pode haver confiança.

O facto é que Mascarenhas, e aquelle celebre Gouvêa, que quiz expulsar Loyola do collegio em Paris, escreveram a D. João III, para que admittisse em Portugal os *companheiros do mestre Ignacio,* a fim de mandal-os como missionarios para a India Oriental.

Effectivamente, a India, com o seu cami-

---

[1] *Historia da Origem e estabelecimento da Inquisição em Portugal.* Tom. I. — pag. 181 e seg, 3.ª edição. Coimbra, MDCCCLXXIX.

[2] Cada uma das affirmações do nosso grande historiador é authenticada em nota com o chronista ou indicação do respectivo documento.

[3] Este Mascarenhas foi um dos ascendentes do duque d'Aveiro, cuja morte afrontosa no patibulo, elle mal previra, introduzindo os jesuitas em Portugal. Como veremos, foi com o concurso dos jesuitas que se organisou a conspiração contra D. José I. Um Mascarenhas, pois os introduziu em Portugal, outro concorre para a sua expulsão em 1757. Mas depois teem-se succedido os Mascarenhas, com uma insistencia digna de melhor emprego.

nho maritimo aberto por Vasco da Gama e as armas e o braço português conquistando os pontos principaes da costa, devia de attrair as vistas ávidas de Ignacio de Loyola; e o novo mundo do Brasil estimular a sua insaciavel cubiça de predominio.

D. João III, provavelmente influenciado pelos dominicanos, parece que não acceitou a proposta com esse regosijo que dão como certo muitos dos nossos historiadores, que successivamente se copiam. E tanto assim que, mais de um anno, deixou andar o mestre Simão Rodrigues na côrte, sem lhe dar com que fundasse collegios, base das operações da companhia de Jesus. Ha um outro symptoma do pouco agrado com que foram vistos os primitivos jesuitas, por parte do rei, e são as opiniões de muitos palacianos para que elles não ficassem no reino.

Estava então D. João III em Almeirim, e quando em conselho se discutiu se deviam ou não partir para a India os jesuitas que frequentavam o paço «D. Henrique (o que foi depois cardeal) escreve o sr. Rebello da Silva, servindo-se das expressões benevolas com que a sua dissimulação d'ordinario encobria a má vontade, decidiu-se pela prompta saida dos padres, invocando a caridade christã para que se accudisse á parte mais fraca e á necessidade mais evidente, e ajuntando que no reino havia muitas ordens religiosas e infinitos prégadores, e que os gentios careciam de quem os ensinasse». Quer isto dizer que os padres eram bons... mas longe! Outros, porem, foram d'opinião que elles deviam permanecer em Portugal, sendo o principal instigador do rei n'esse sentido, D. Pedro de Mascarenhas, agente secreto de Ignacio de Loyola em Portugal.

Balthazar Telles, um jesuita português que escreveu a chronica da sua ordem, em Portugal, declara que a primeira doação que o rei D. João III fez a Simão Rodrigues foi do mosteiro de Carquere, a duas leguas de Lamego.

Esta historia é propositalmente contada pelo chronista de maneira tão confusa, que parece só ter por fim esconder a verdade dos factos, e mais uma vez provar que quem quizer escrever ácerca dos jesuitas, com verdade e consciencia, deve ler o que elles de si escreveram com um cuidado immenso, e destrinçar, nas entrelinhas, a verdade historica. Diz o jesuita: «*Vagou* n'este comenos (1541) o mosteiro de Nossa Senhora de Carquere, que *antigamente* foi de conegos regrantes de Santo Agostinho; e como el-rei não esperasse mais que ter rendas, com que acudir ao novo collegio, que nos traçava (Coimbra) tanto que houve esta vacatura a deu logo ao P. M. Simão, para principio de dote, e fundação do dito seminario; o qual S. Alteza com parecer do seu conselho, e do padre M. Simão, quiz fundar na cidade de Coimbra, para onde pouco antes tinha passado as escolas geraes, que estavam em Lisboa, instituindo n'aquella cidade, como no coração do reino, uma insigne universidade, florentissima, em todo o genero de lettras e sciencias da qual têem saido doutores famosos, prelados dignissimos, varões mui esclarecidos em religião e santidade, que foram e são a luz d'estes reinos.»

O chronista D. Nicolau de Santa Maria conta porém a historia com mais pormenores e d'outra maneira: «Governou o prior D. Antonio Nogueira o seu mosteiro com grande satisfação dos conegos até ao anno de 1560, em que falleceu a 14 de setembro, e tanto que se soube no mosteiro de Santa Cruz de Coimbra da sua morte, foi logo o prior geral D. Basilio a tomar posse do dito mosteiro de Carquere para o unir á nossa congregação, *como em sua vida o tinha ordenado el-rei D. João III,* porém achou em Carquere ordem em contrario do infante cardeal D. Henrique, que governou o reino pelo principe D. Sebastião, com o que d'alli se partiu o dito prior geral á côrte a requerer se cumprisse o que el-rei D. João III tinha ordenado e mandado por seu *alvará, que apresentou* ao cardeal, que lh'o não quiz guardar nem lhe quiz deferir, por mais que allegou dizendo, que aquelle mosteiro fôra doado para sempre aos conegos regrantes pelo conde D. Henrique seu fundador, e que não era bem que outro principe do mesmo nome, como era elle cardeal, lho tirasse, e que el-rei D. João III o dera ao conego D. Antonio Nogueira com tal condição, que, por sua morte, se unisse á congregação de Santa Cruz de Coimbra. Porém todos estes requerimen

tos aproveitavam pouco com o cardeal D. Henrique, porque queria annexar o dito mosteiro ao collegio dos padres da companhia de Coimbra, como fez no anno de 1561, por breve do papa Pio IV, que annexou só as rendas da mesa prioral, com condição que se não diminuisse o numero de conegos para celebrarem os officios divinos no dito mosteiro. Mas depois o papa Gregorio XIII, sendo mal informado pelos padres da companhia do procedimento dos conegos, os mandou extinguir e applicar tambem as rendas da mesa conventual ao mesmo collegio da companhia no anno de 1576 [1].

Alongamo-nos nas citações para que o leitor podesse por si ajuizar da má fé com que Balthazar Telles escreveu a chronica da companhia; má fé que é facil de verificar por outro facto authentico que vem em reforço do chronista dos regrantes, e vem a ser a *Visitação do padre Francisco Quaresma, bispo eleito de Ceuta,* ao mosteiro de Carquere, começada em 8 de dezembro de 1554 e terminada a 22 do mesmo mez e anno; repetida em 1559, e sentenciada a 20 de julho de 1560 [2].

Se a má fé nos levasse sómente a não dar credito ao que Balthazar Telles escreve, pouco seria, em comparação com o que já temos visto praticar a esta gente; mas para nós tem o valor d'um symptoma, e mais uma prova dos meios de que em toda a parte os jesuitas lançaram mão para se apoderarem do alheio.

Pelo processo de trocas, pequenas concessões de favor, como aconteceu com a ermida de S. Roque, favores, que elles depois convertiam em titulo de posse absorvente conseguiram fundar o collegio de Santo Antão, e a casa professa em Lisboa, donde sairam a ruina da nação e com ella a perda da independencia.

D. João III

[1] *Chronica da Ordem dos conegos regrantes do patriarcha Santo Agostinho*, pelo Padre D. Nicolau de Santa Maria. Lisboa 1667, e Lino d'Assumpção: *Frades e Freiras*. Lisboa 1893.

[2] O original d'esta *Visitação*, de que os leitores podem ler curiosos e extraordinarios extractos no meu livro *Frades e Freiras*, existe no cartorio da Universidade de Coimbra.

# LXII

## O mestre Simão

A figura preponderante da entrada dos jesuitas em Portugal é a do padre mestre Simão Rodrigues d'Azevedo. Beirão, natural de Vouzella, no concelho de Lafões, parece ser a contradicção flagrante das qualidades geraes dos filhos d'essa Beira agreste, mas formosa e simples, os quaes se, na sua maioria, não teem as grandes aspirações dos povos maritimos, em cuja frente se abre o oceano a solicital-os, e a impregnal-os da sua grandeza, são sinceros, sobrios e trabalhadores. Com pouco vivem nas suas serras, e contentes, quando á noite podem repartir um boccado de boroa. Francos e leaes, são na sua essencia fatalistas, o que lhes dá uma terna resignação para as adversidades da vida.

O jesuita Simão Rodrigues foi sempre um ambicioso, um insaciavel de bens e riquezas para a companhia, de que, por vergonha nacional, foi um dos fundadores; sem escrupulos de qualquer ordem que fossem para conseguir os seus fins, como bom discipulo de famigerado mestre, era essencialmente ingrato e desleal, não lhe repugnando ser perfido contra aquelles que alguma vez lhe tivessem dispensado auxilio e protecção. Era sordido, fazendo gala da porcaria, que proclamava e ostentava como virtude, sem se lembrar, na sua esperteza de jesuita, que um exterior enxovalhado e porco como mostras de santidade era expediente d'alma ignobil. No sentido elevado da palavra, não tinha religião, embora trouxesse sempre nos labios o nome de Christo, sendo sim, um fanatico da seita jesuitica, que n'elle conseguira abafar todos os bons sentimentos que por acaso o solo natal lhe tivesse dado. Humilhava-se até á sabujice, quando com isso podia apoderar-se do espirito, pessoa e bens de qualquer grande da côrte; mas, segura que via a presa, não hesitava em fazel-a rojar a seus pés, vingando-se assim da passada humilhação. Aspero, colerico, invasor e intrigante era o homem que convinha a Ignacio de Loyola para introductor e propagador da sua obra, mas não junto de si. E nisto se conhece a perspicacia do fundador da companhia de Jesus. Perto, Simão Rodrigues seria sempre um elemento de discordia, um *segundo* irreductivel, sem ter sequer a apparente submissão d'um Laynez, nem a meiguice de Lefébre, nem a brutalidade cega de Bobadilha, tão cego para matar e ferir, como para obedecer e curvar-se á menor palavra do mestre. Longe é que Simão estava bem, em relação a Ignacio; em qualquer região em que elle se podesse julgar senhor, onde sem peias e em beneficio dos socios désse largas ao seu temperamento despotico, mascarado de humilde santidade. Ahi, sim! seria um excellente campeão, um trabalhador incansavel, servido por um espirito manhoso, fertil em expedientes, graças a uma illustração com certo desenvolvimento, e bastante experiencia adquirida no correr das viagens e digressões atravez da Europa, e nas cidades mais civilisadas de então. Havia um perigo, e era o de querer algum dia tornar-se independente de Ignacio,

e formar uma scisão em seu proprio proveito. Ignacio não viu talvez esta face da questão, que annos depois se manifestou como veremos, ou se a viu julgou ter em si o poder, como teve, de a remediar, com essa energia e ao mesmo tempo manha, que nunca lhe faltaram nos casos graves.

Era este o homem que o fundador do jesuitismo, — prevenido por Mascarenhas da quasi imbecilidade de D. João III, da insignificancia do infante D. Henrique, e da futilidade da gente da côrte —, julgou conveniente ordenar que ficasse em Portugal, a fim de tomar posse d'este infeliz reino, como de roça a explorar em proveito da S. J.; verificando-se mais uma vez o anathema que pesa sobre a companhia, de coincidir a sua entrada em todos os paizes, com a desgraça d'elles.

Simão Rodrigues era filho de Gil Gonçalves e de Catharina d'Azevedo, ambos da gente principal, e mais nobre da terra, e parentes, segundo a tradição commum, do bemaventurado S. Fr. Gil Rodrigues. Como não podia deixar de ser, inventaram-se factos que tornaram o seu nascimento predestinado [1]. Depois é D. João III quem lhe dá uma pensão, bem como a seu irmão, «para irem a Paris estudar» e tendo, Simão, «já bastantes annos [2]!»

Foi n'esta capital que, como já dissémos, Simão Rodrigues se associou a Ignacio de Loyola, subindo com elle ao alto de Montmartre a fazer esses votos, que para sempre ligaram os sete companheiros.

A narrativa da viagem de Simão ao encontro de Ignacio em Roma é toda ella enfeitada por Balthasar Telles com acontecimentos milagrosos, taes como: — ter um inchaço no hombro que mettia medo a quem o via, e sentir-se curado da noite para o dia, sem saber como; — encontrar na Allemanha um anjo que lhe serviu de guia; — dormir n'um hospital com um leproso, que era Christo em pessoa, pegar-lhe este a lepra, e logo o livrar d'ella; e por fim apparecer-lhe de novo Christo... mas deixemos a palavra a B. Telles: «Chegaram á cidade de Tolentino [1] já mui de noite, chovendo como dizem, a cantaros, sem ter quem os guiasse, nem aonde se agasalhassem; e o peor era, que com irem os tres peregrinos tão molhados, ia a pobre bolsa tão secca, que nem um real havia para comprar algum soccorro, do qual particularmente necessitava o P. M. Simão, que ia quasi desfalecendo: n'este comenos lhes sáe ao encontro um homem, ao parecer bem apessoado, o qual entra pela agua, chega-se ao cançado peregrino, toma-lhe a mão, mette-lhe n'ella dinheiro, torna-lh'a a fechar, e desvia-se sem lhe dizer palavra: quiz o padre conhecer quem era o seu bemfeitor a tal tempo, e em tal occasião; mas o homem, além de ser noite, vinha com o rosto embuçado, parece que para o não conhecerem, seguindo o conselho de Christo, que no dar da esmola se ha de abrir a mão e encobrir o rosto: o certo é que as moedas eram de prata, que bastavam para bom soccorro dos pobres peregrinos; e o homem desappareceu tão de repente, que nos deixou occasião de suspeitar, que era o mesmo que tomou a figura d'aquelle leproso do hospital... [2]

Que idéa faria o padre Telles dos seus leitores e muito mais de Christo?

Em 1537, disse missa nova em Ferrara: vae no anno seguinte a Roma, e aqui tem de se vêr a contas com o diabo em pessoa, que começava já a andar com a pedra no sapato, como se costuma dizer, com as perrices que o jesuita lhe fazia.

Deixemos ainda o nosso divertido padre Balthasar contar um dos taes casos. Os leitores por certo hão de agradecer a transcripção, pelo travo especial que lhes vão encontrar.

«...Estando em Roma offereceram aos

---

[1] O que Balthasar Telles escreve ácerca de Simão Rodrigues não é uma historia, mas sim, um arranjo de factos vistos e dipostos com o fim de uma canonização, que a curia romana nunca despachou. Mas até ver não é tarde.

[2] Esta nota faz-me crêr que o mestre Simão já devia ter quarenta annos feitos quando chegou a Lisboa. Não era pois homem para illusões nem enthusiasmos.

[1] Simão Rodrigues viajava a pé com mais dois companheiros.

[2] Cf. Chr. da C. de Jesus em Portugal. T. I — cap. VI — 9.

padres umas casas para sua morada, as quaes estavam deshabitadas, e como depois souberam, por se dizer que as infectava o espirito maligno, que n'ellas habitava [1]. Coube ao padre mestre Simão ir lá dormir só a primeira noite para guardar as pobres alfaias que já n'ellas tinham. Fechou as portas da casa, rezou o officio divino, encommendou-se a Deus, e fez suas costumadas orações: não parece que ficou nada contente com tal hospede o inimigo da nossa paz; em o padre começando a repoisar o espertou de repente com um horrendo estrondo, e espantoso trovão, não parou aqui este inquieto espirito, muitas veses corria pela casa, como um féro javali acossado dos monteiros, a quem as lanças dos caçadores tem cercado, e porque não póde romper ávante, corre por uma e outra parte furioso, atroando os ares com roncos espantosos, e ameaçando os monteiros com dentes agudos. Espertou o padre com o terrivel estrondo do trovão, e adverdiu nas voltas do porco montez dentro em casa, e áquellas horas; e usando da sua grande prudencia, e conformidade com a divina vontade, alcançou o que podia ser, e estando certo que o não podia morder aquelle infernal cerbero, sem licença particular do Senhor (em cujas mãos paternaes elle estava entregue como filho muito amado) lembrando-se do grande Antonio no deserto da Thebaida, se poz a rir d'aquelles phantasticos estrondos e diabolicas matinadas, que no restante da noite continuaram, dormindo o padre melhor a este som, como se fosse de uma branda corrente d'agua, que com seu tremulo susurro faz adormecer ao caminhante cançado...»

Outra vez, é a hospedeira que se agrada d'elle e á noite o quer seduzir; ou então uma confessada, dama de distincta roda, que se toma d'amores por elle e a quem elle resiste... sem comtudo a assassinar.

O padre mestre Simão continua por algum tempo a fazer milagres e principalmente a tirar diabos, mas nós é que não temos animo nem tempo de o acompanhar n'essas alambicadas columnas do padre Telles, nem nas outras mais rapidas, mas não menos patetinhas do padre Franco; nem o leitor ganharia muito em saber por miudo as obras milagrosas do mestre Simão; baste que vá saber a que ponto elle se insinuou no animo do monarcha para conseguir ser quasi tanto ou mais do que rei e introduzir os seus socios em Portugal. E depois, fique dito d'uma vez para sempre: todo o jesuita pelo simples facto de o ser se considera logo senhor na terra e santo no ceu.

O imperio que o jesuita teve sobre D. João III foi tal que cremos igual, senão superior ao que teve o Marquez de Pombal sobre D. José; com a differença que o grande Marquez guardou constante respeito á pessoa real, e que durante o seu longo governo foi sempre inspirado por uma grande e generosa idéa: o engrandecimento da sua patria. O filho de D. Manuel obedecia ao agente de Ignacio de Loyola, como um escravo a seu senhor; e não contente com o fazer mestre de seu filho, depauperava o reino para enriquecer a companhia. O atrevimento chegou a tal ponto, que Simão levava-lhe feitas as provisões e alvarás de concessões, redigidas por elle e escriptas pelos seus jesuitas, em que se lhes concedia tudo quanto elle tinha por bem de appetecer, e o rei sem ler, mesmo de pé, sem ouvir conselho algum, sem inquirir da legalidade ou justiça do acto, logo assignava o diploma, onde quer que o padre lh'o apresentasse.

Comprehende-se que tal situação degradante para um monarcha e vexatoria para uma nação, provocasse reclamações e censuras, que sairam a publico impressas ou em manuscriptos, que corriam de mão em mão em fórma de satyras, que eram outros tantos libellos.

Mestre Simão, de seu natural vingativo e colerico, bradando-lhe a consciencia que todas as accusações que lhe faziam eram fundadas, sem caridade para perdoar, nem humildade christã para soffrer, se não reclamou, insinuou e consentiu que o rei ordenasse severo castigo contra os que se atreviam a desauctorisar a sua pessoa, que elle já considerava tanto ou mais sagrada como a do proprio monarcha.

---

[1] Pode se comprehender que o diabo va a uma casa tentar as almas christãs; mas morar lá sósinho, costuma ser caso da alçada da policia.

Balthasar Telles, referindo-se a este facto tem a impudencia de escrever: «E porque esta perseguição não só tocava á companhia, mas tambem pretendia desauctorizar a pessoa do mestre Simão, mandou (o rei) tirar devassas, e fazer apertadas diligencias, e descobertos os aggressores, pronunciou sentenças contra elles com graves penas, e que para sempre fossem desterrados de todos os seus reinos; como se não quizesse conhecer por vassallos seus os que estavam julgados por inimigos nossos, etc.[1]»

Para os jesuitas e para o seu rei a qualidade de português dependia da sabujice com que qualquer se curvava perante a roupeta, propositalmente porca do mestre Simão.

Os flagelantes em Coimbra

[1] As principaes accusações que se faziam então contra a companhia era de que a maioria dos privilegios e isenções que allegava eram falsos; que não

Em presença de tal valimento, a fidalguia, que já vinha em grande parte corrompida e decadente dos anteriores reinados, e cujo maior empenho era andar nas boas graças do rei, começou a fazer a corte aos *Apostolos,* a tomal os por confessores, a entregar-lhes os filhos, acabando assim com o que de nobre, generoso e elevado pudesse existir ainda no fundo das almas.

A propria D. Catharina e so infantes se lançaram aos pés de confessores saidos das fileiras de Ignacio de Loyola.

Mas não eram só confessores que elles queriam ser dos reis e principes; aspiravam a ter no seu seio representantes das casas mais nobres do país e o acontecido com o principe D. Theotonio de Bragança, a que nos referiremos adiante, é typico e symptomatico.

---

tinha leis nem regras por onde se dirigisse e governasse, mas que o arbitrio do mestre Simão Rodrigues «que era um homem extravagante, que com suas invenções trazia enganados os melhores sujeitos da universidade de Coimbra, e que só tinha por si o favor de alguns e a ignorancia de muitos.»

# LXXIII

## Estratagemas do mestre Simão

Convem não demorar a collaboração de Seabra da Silva, que, senhor e critico de abundantes documentos, melhor do que nós pode completar o retrato de mestre Simão.

«Entrou, mostrando que despresava o grandioso agazalho que o mesmo monarcha lhe mandou preparar, mendicando de porta em porta, habitando nos hospitaes, prégando ao povo de Lisboa, ensinando-lhe a doutrina, visitando as cadeias, e exercitando em publico outras semelhantes obras de misericordia, tão meritorias, quando teem por objecto a Deus N. Senhor, como reprehensiveis e sediciosas, quando são feitas com o fim de enganar o mundo, como então o praticou Simão Rodrigues, na côrte de Lisboa.

«As mesmas obras de misericordia e penitencias publicas foram logo praticar em 1542 e 1543, na Universidade de Coimbra. Passaram a praticar o mesmo na cidade do Porto, mandando alli o irmão Nuno Ferraz fazer fundação, debaixo do pretexto de mudança d'ares.

«E já no anno de 1547 se achavam tão numerosos n'este reino, que espalharam penitentes publicos como missionarios, por todas as provincias[1] para n'ellas introduzirem o mesmo espirito entre aquelles povos menos illuminados.

«Reforçou finalmente o mesmo Simão Rodrigues as ditas penitencias publicas com estratagemas taes, como foram, por exemplo: um, mandar disfarçado o seu socio Manuel Godinho, em habito de estudante, para melhor illudir os mancebos, que n'aquelle tempo andavam nos estudos da Universidade; outro, mandar introduzir entre os gallegos, ou *moços*, chamados da *ceirinha*, e a infima plebe de Lisboa, o seu outro socio Affonso Barreto, tambem disfarçado em moço de ganhar, vestindo-se como os taes moços se vestem, e vivendo entre os d'este officio, para que, não o desconhecendo como a extranho, lhe tomassem seus conselhos, como de amigo; outro, mandar ir ao paço os noviços, apresentando-os ao senhor rei D. João III, em trajes abjectos e ridiculos, de sorte, diz o seu chronista, que o mesmo senhor rei se edificava de os vêr vestidos em pellotes, com os manteos curtos, com uma canna por bordão, e com um alforge pendurado de um tiracollo de ourelos, por signal, que, entrando n'esta postura, deante d'el-rei e da rainha, o irmão de D. Rodrigo de Menezes, chorou mil lagrimas uma senhora, que era dama da rainha, e irmã de D. Rodrigo; outro, mandar pôr o reitor do collegio de Coimbra em oração toda a communidade d'elle, sahir pelas ruas da cidade, tomando uma disciplina publica, á cara descoberta, para remover o povo, ajoelhando em doze logares da mesma cidade, e sair depois na mesma publica penitencia toda aquella communidade, exclamando, para illudir ao mesmo povo a favor de uma demanda, na qual haviam feito aos

[1] Já descrevemos uma d'essas mascaradas, nas quaes o burlesco se juntava ao sacrilego.

religiosos de Santa Cruz uma escandalosa violencia [1], em que os mesmos padres, chamados jesuitas, se sustentaram por meio d'aquella penitencia, e d'aquelles clamores, até o dia em que sairam d'este reino, e outros semelhantes estratagemas, de que estão cheias as suas chronicas e historias, publicadas com exames e approvações de todos os seus superiores, para não poderem negar o conteudo d'ellas.

«Ao mesmo passo, foi o dito Simão Rodrigues, com os seus socios, que tinha mandado vir de Hispanha, França e Italia, aggregando á sua sociedade muitos noviços, e pondo especial cuidado em attrair para ella os mancebos da primeira nobreza d'este reino, e aquelles sujeitos das outras ordens, que na Universidade mostravam mais engenho, para, com as suas pessoas, com as allianças das suas familias, e, com os seus talentos naturaes e adquiridos, fizesse aquella nova sociedade, mais respeitada e mais numerosa na côrte e no reino.»

Apesar, porem, de todos os estratagemas ditados pela astucia e executados com habilidade hypocrita que conquistavam os povos, os que pensavam e viam mais do que o vulgo, no fundo das coisas, protestavam e clamavam contra a invasão crescente e avassaladora da S. J.

O primeiro clamor foi o da propria côrte nos paços reaes, «murmurando, são palavras formaes do mesmo Balthasar Telles, altamente contra a mesma pessoa real, dizendo: que todas as suas riquezas gastava com frades e com *apostolos;* que só d'isto se lembrava, esquecendo-se de accudir aos logares fronteiros de Africa, que os reis seus antepassados tinham ganhado com tanto sangue de seus vassallos; que o que perdia em nos dar a nós, que estavamos ociosos, podia aproveitar, gastando-se em tenças e commendas para satisfazer a muitos cavalleiros, que andavam em Portugal pretendendo e em Africa pelejando...»

O padre Telles commenta, chamando judas aos que murmuravam e *Christo* aos jesuitas!

Aos clamores da côrte seguiram-se os dos paes e familias a quem eram arrebatados os filhos e os parentes, sobresaindo entre todos o duque de Bragança.

Com enganos e clandestinamente Simão arrebata o moço principe D. Theotonio, uma creança quasi sem descernimento, e muito menos sem capacidade juridica para dispôr da sua pessoa. O duque D. Theodosio reclama ao rei que os jesuitas lhe entreguem o sobrinho. O rei annue ao justo pedido e dá ordem a Simão que restitua a creança. Este reage, e diz que não, e com palavras insolentes, com que o escalracho parodía de Innocencio III, diz que só pela força lhe arrebatariam a presa. E para que isto não acontecesse amedrontou-o, declarando-lhe que, se a tal se atrevesse, a companhia de Jesus iria «servir a Deus em outra parte; porque não era bem que ficasse em Portugal, onde tão grande força e tal affronta lhe faziam.»

Admira-se e enoja-se por certo o leitor, de que em a historia da sua patria haja logar para linhas de tal dislate; pois mais admirado ficará com as seguintes com que B. Telles, conclue o periodo que acabamos de transcrever:

«Dizendo isto se despediu o padre da presença do rei, e com o mesmo valor escreveu em continente ao padre Luiz de Grãm, reitor de Coimbra, *que em primeiro logar mandasse logo D. Theotonio aonde não pudesse ser molestado por ministros reaes, nem perguntado por religiosos extranhos*», e que depois se partisse para Salamanca, entregando as chaves ás auctoridades». João III, amedrontado com esta ameaça, cedeu; e deixou que o sobrinho ficasse, contra vontade, sete annos, em poder dos jesuitas [1].

Não se calou a Universidade de Coimbra, principal mira da cubiça jesuitica admiran-

[1] Para se vêr até que ponto era vil o espirito da companhia, baste que se diga, que Simão Rodrigues e seus companheiros, a primeira e fidalga hospedagem que tiveram em Coimbra foi a que lhes deram os cruzios (conegos regrantes de Santo Agostinho), e que lh'a pagaram apossando-se de parte dos terrenos que eram propriedade dos conegos; e como o povo, conhecido o roubo e a má fé dos jesuitas, começasse a murmurar contra elles, imaginaram a mascarada da procissão de penitencia, para concitarem as sympathias que se desviavam d'elles.

[1] O principe saiu por fim da companhia *despedido,* pelo geral Loyola.

do se de que o rei admitisse taes idiotas, conhecidos pelos *franchinotes*, cuja sciencia era incerta e os costumes suspeitos.

Mas quem mostrou mais energia e hombridade, mais valor e tenacidade contra a invasão dos discipulos de Loyola foi a cidade do Porto.

Seabra da Silva expressa-se por estas palavras:

«Vendo os moradores d'ella (Porto) instruidos, prudentes e sabios que entre elles se estava levantando uma clandestina associação, pretextada com objectos de religião, introduzida com os desfarces e estratagemas acima referidos, e já tão numeroso, que desde a chegada do padre Vasco Ferraz, e de Francisco de Estrada e Gonçalo de Gouvea, que o seguiram até ao anno de 1546, excedia já o numero de duzentas pessoas.

A propina d'um capello jesuita

«Conhecendo pois aquelles doutos e sa-

bios cidadãos, que as consequencias ordinarias de semelhantes associações clandestinas e protestadas com fins espirituaes, são: primeira, seguir-se d'ellas um fanatismo; segundo seguir-se ao dito fanatismo uma sedição; terceira, seguirem se á sedição os funestos estragos que as historias referem com horror. E sendo os mesmos cidadãos bem avisados pelo que estava passando na côrte de Lisboa e na universidade de Coimbra com o padre Simão Rodrigues, e seus socios, não sómente lhes não deram entrada, mas os excluiram e ridicularisaram tanto quanto refere o mesmo seu chronista Balthazar Telles [1].

«De sorte, que só vieram a conseguir n'aquella cidade fundação no anno de 1553, quando tiveram da sua parte toda a força da côrte, e a presença da grande auctoridade de S. Francisco de Borja em pessoa n'aquella cidade, da qual ainda assim se não obteve a dita fundação, senão debaixo das condições de que seria sómente de uma pequena casa, na qual dois ou tres padres pudessem recolher-se.»

Antecipando, diremos que foram taes os escandalos dos jesuitas no Porto, por tal fórma faltaram ás condições que acceitaram para alli serem tolerados, que a cidade fez lançar nos seus livros o seguinte termo:

«Aos vinte e dois dias do mez de novembro de 1630 annos n'esta cidade do Porto, e casa da camara, onde estavam presentes juiz, vereadores, e procurador da cidade, e dois do povo, com os quarenta e oito, e pelos procuradores do povo, foi posto o nome dos fidalgos e cidadãos, e povo d'esta cidade, que presentes estavam, dizendo que lhes constava, e sabiam de certa sciencia que os padres da companhia, contra as provisões de sua majestade, tratavam de fazer classes; e tanto, que rogavam, e buscavam valias, para que alguns naturaes d'esta cidade, e moradores d'ella, mandassem seus filhos aprender ao dito collegio a latim. E que ainda que eram poucos os que lá mandavam seus filhos, induzidos, e não respeitando ao bem publico da cidade, que era, por este modo, quererem levantar classes. E por evitar grande escandalo, que d'ahi nascia, e a não irem contra as provisões de sua majestade, que n'esta materia havia; para cumprimento d'ellas requeriam elles procuradores do povo que estavam presentes, que qualquer cidadão, de qualquer qualidade que seja, ou morador n'esta cidade e seus arrabaldes, e termo, que mandar seu filho, ou parente, a estudar latim aos ditos padres da companhia, se tratasse de que sendo nobre, se riscasse dos livros de cidadãos, e sendo official, ou não official, se trataria de ser lançado d'esta cidade com as penas, que parecer; e outro-sim, os que tivessem ordenados da cidade, os perderiam logo; e para maior firmeza se pediria approvação a sua majestade: O qual termo de requerimento, elles, juiz, vereadores e procurador da cidade mandaram se escrevesse n'este livro dos accordãos; e approvaram ser em proveito da dita cidade, e que do effeito d'elle se trataria logo. = Fernão Ribeiro Soares o escrevi, e com effeito serão riscados. Sobredito o escrevi. E é o que consta do referido termo assignado pelos da nobreza, e povo, que todos assignaram, que foram mais de oitenta em firmeza. E por esta me ser mandada passar, a passei na verdade, e da mesma sorte que se acha escripto o dito acordão, por fé do qual o escrevi, e assignei no Porto aos 4 dias do mez de maio de 1759 annos, que por todo me reporto ao dito, para constar senhores, que a presente virem. E eu José Antonio da Madureira Cirne de Sousa a escrevi; e assignei.

José Antonio de Madeira Cirne de Sousa.»

Pela cidade d'Evora clamou contra elles o seu metropolita, e até o inquisidor mór os via com maus olhos, porque a doutrina que tal gente prégava lhe era suspeita de heresia. Esta suspeição era tão geral que o proprio Ignacio de Loyola, quando se resolveu

[1] O primeiro jesuita que pretendeu introduzir a companhia no Porto foi o famigerado Francisco Estrada, que poz em acção as momices do costume, e procurava fazer-se passar por santo, pelo simples facto de andar porco, viver á custa alheia, e alliciar gente rica para a ordem. O genio trabalhador do Porto reagiu contra o hypocrita, e cruelmente lh'o fazia sentir com os ditos e algazarras com que era recebido Estrada fazia-se seguir d'um bando de penitentes ou idiotas ou fracos d'espirito, de que ainda vemos alli muitos exemplares em nossos dias.

escrever a D. João III. julgou que um, senão o principal dos seus deveres, para com um rei que assim abdicava em suas mãos o poder real, era desculpar se das accusações d'heresia, e o fez nos seguintes termos:

«Y en todos estos ocho procesos por sola gracia y misericordia divina nunca fuy reprobado de una sola proposicion, ni de syllaba alguna, ni dinde arriba, ni fuy penitenciado, ni desterrado. Y se V. A. quisiere ser enformado, porque era tanta la indignacion y inquisicion sobre my, sepa que no por cosa alguna de cismaticos, de lutheranos, ni di alunbrados que a estos nunca los conversé ni los conoci. Mas porq̃ yo no tiendo letras maiormente en España, se maravillavã q̃ yo hablasse y conversasse tan largo en cosas espirituales.» [1]

«Estava porem determinado, diz Seabra da Silva, na inescrutavel ordem da Providencia, que não bastassem todos os referidos clamores para tirar estes reinos do flagello, que a elles trouxeram Simão Rodrigues e seus astutos companheiros.»

---

[1] A. Bib d'Evora. C $\frac{CXIII}{2-1}$ pag. 34

# LXXIV

## Primeiros triumphos

Havendo tantas povoações e cidades no reino sem aulas superiores nem instrucção sequer do segundo grau, Simão Rodrigues não elegeu nenhuma d'ellas para sede do primeiro collegio jesuitico em Portugal. Instituir ensino que podesse rivalisar com o da universidade não lhe convinha; mas sim, estabelecer-se junto d'esta, e depois, por meio de successivas concessões, arrancar ao rei o esbulho dos privilegios, e da instrucção da antiga *alma mater*, e tomar posse pacifica do terreno desbravado, da terra arroteada.

Era este, como já vimos, o plano adoptado e seguido pela companhia no resto da Europa. Nas universidades começavam a entrar as primeiras brisas vivificadoras da renascença; os espiritos iam se desnublando e procurando libertar-se das subtilezas tão inuteis como insignificantes, mas ao mesmo tempo absorventes da escholastica; as linguas, já formadas, começavam a querer emancipar-se do latim; as consciencias aspiravam á sua liberdade, e tudo annunciava na vida litteraria um rejuvenescimento precursor de futuros progressos. Convinha barrar o caminho a esta corrente, desnortear a derrota dos espiritos, falsificar o rumo e embrutecer e bestealisar os que aspiravam á conquista plena de si proprios [1].

A posse do ensino era um dos meios proprios e efficazes para esse trabalho de trevas, a cargo dos filhos de Loyola.

Mas esse trabalho tinha que ser executado commoda e facilmente, por meio de rendas importantes, em edificios sumptuosos, e com a alçada regia em seu favor, protegendo todos os caprichos, ordenando as mais ferozes perseguições dos contrarios.

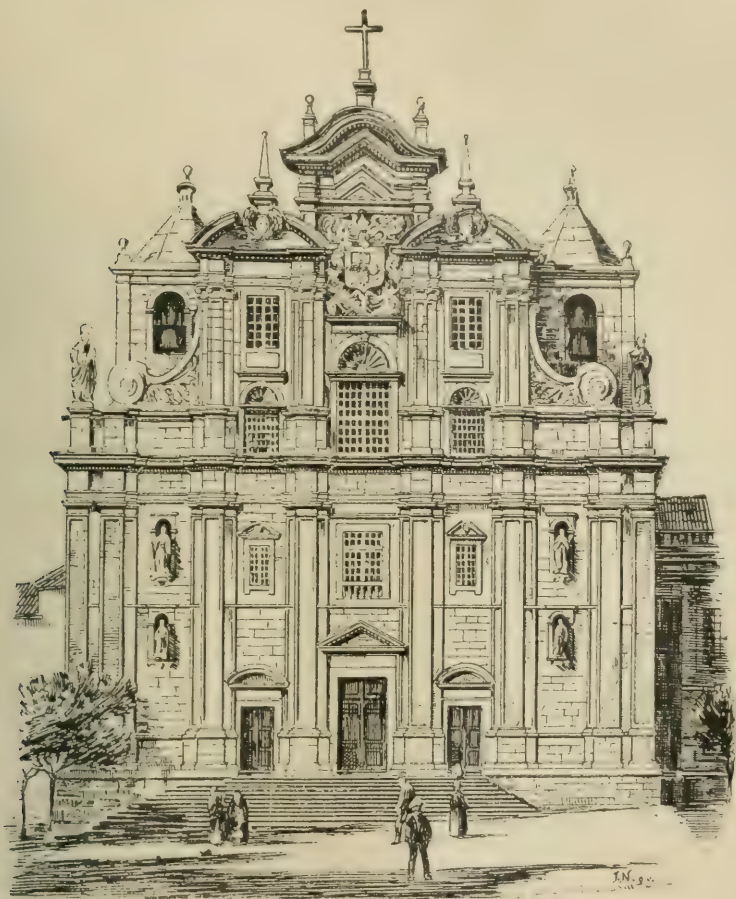
Em 9 de junho de 1542, Simão Rodrigues e onze companheiros chegaram a Coimbra, escusando-se de irem d'esta vez morar no hospital; e, munidos de cartas regias, foram hospedar-se no mosteiro dos conegos regrantes de Santa Cruz; a quem pagaram mais tarde a principesca hospedagem com perseguições, demandas e esbulhos de propriedades.

Para edificação do novo collegio não lhes servia qualquer sitio; os que lhes deram á escolha na cidade tinham o inconveniente de offerecerem limitado campo á sua cobiça, e facil fiscalisação aos seus actos. O local que aprouve a Simão Rodrigues foi um dos mais elevados, mais lavado d'ares da cidade e donde a vista, para todos os lados para onde se extendesse, só encontrava encantadoras paisagens. Havia alli umas casas que D. João III tinha comprado com destino para a universidade, mas como o jesuita as

---

[1] **Rank accentuou o prejuiso que vinha da direcção educativa dos jesuitas quando escreveu: «Os jesuitas podiam ser sabios e piedosos a seu modo; mas ninguem dirá que a sua sciencia assentava sobre uma livre manifestação do espirito, que a sua piedade provinha do imo d'um coração simples e ingenuo. Eram bastante instruidos para terem celebridade, para attrairem a confiança, para formarem e conservarem discipulos; mas eis tudo».**

cubiçou, logo o rei lh'as deu, e para lá se mudou Simão e os seus companheiros.

Accentuam-se desde então as tendencias desnacionalisadoras da companhia. N'uma epocha em que se firmavam as idéas nacionaes, em que a nocão de patria adquiria a amplitude synthetica que ainda hoje conserva, Simão tratou de encher o sêu collegio com extranjeiros, individuos mais apropriados do que portugueses aos fins da companhia. D'elles eram: um valenciano, dois franceses, dois castelhanos, dois italianos, e apenas tres portugueses, e todos ás ordens de um valenciano, Diogo Miram, que nem sacerdote ainda era, e que foi nomeado reitor do collegio, a que Simão deu o nome de *Collegio de Jesus*.

Egreja do collegio dos jesuitas em Coimbra (Hoje: SÉ NOVA

Entretanto, e mal no começo das obras de construcção do novo edificio, chegava a Portugal o mestre André de Gouvêa com parte do corpo docente, para o novo *Collegio real*, annexo á Universidade, e seu preparatorio, organisado segundo o modelo do de *Santa Barbara* de Paris e *Guyenne*, de

Bordeus, que tinham uma extraordinaria fama entre os humanistas na Europa.

Os jesuitas, que não viram com bons olhos esta fundação, ricamente dotada e provida de lentes de grande saber e auctoridade moral, não descançaram emquanto, por meio da intriga se não apoderaram d'ella, convertendo a, como diz o sr. dr. Theophilo Braga, «no cavallo de Troya com que se introduziram na fortaleza da Universidade [1].»

Estabelecidos os jesuitas em Coimbra, procuraram logo captar a amisade e estima do corpo universitario, e a veneração e o respeito do povo e dos academicos, por meio d'um grande apparato de virtude e santidade, que se busca nas manifestações exteriores, quando a alma é erma d ellas Mas essas manifestações publicas eram tão grosseiras, por tal fórma artificiosas e sobreposse, trescalando a tanta hypocrisia, tão claramente ensaiadas em casa, para se exhibirem nas ruas, que nem o povo nem a Academia as tomou a serio. Foi então, como já tivemos occasião de dizer, que os jesuitas se lembraram de alliciarem Manuel Godinho para principal actor da grande comedia. Umas veses, o mandavam despido da cintura para cima, prégar ao povo, fustigando-se para ver se as chicotadas seriam mais efficazes que as palavras; outras ia vestido de estudante ao meio d'estes, angariar alumnos para o novo collegio. O seu fim era suscitar discussões nas quaes tratava de glorificar as virtudes e a sciencia d'aquelles *franchinotess* O discurso que elle de ordinario declamava, vem, por extenso, na chronica da companhia.

E' um arrasoado apologetico, ordenado com bastante astucia e habilidade e no qual se pretendiam desfazer todas as accusações que então pesavam sobre os intrusos, accentuando que: «el-rei D. João, nosso senhor, os traz a elles nos olhos, e deseja de os recolher na sua alma; e se os não presava como filhos, não nol-os mandara por vizinhos, pois tanto estima a sua universidade.»

Inutil será insistir no que esta rasão tem de capciosa, e ao mesmo tempo de ameaçadora, para a universidade. Equivalia a dizerem: «cuidado comnosco, aliás as justiças do rei virão em nosso auxilio». E assim foi, como veremos. Entretanto vão preparando os seus, fazendo-os tomar graus na universidade e doutorando-os, para terem na praça quem lh'a entregue por traição. O primeiro a ser doutorado, mas que já entrou formado para a companhia, chamava-se Manuel Nunes Barreto, e vamos narrar o facto, porque elle foi um novo estratagema de Simão Rodrigues para attrair as vistas rebeldes sobre a sua gente

Era costume, na imposição solenne dos graus de doutor, ir todo o corpo docente accompanhar o novo doutorado, em procissão até á sua morada.

Simão tinha preparado pois nova scena theatral. Elle, que diziam ser a humildade em pessoa, deu ordens expressas para que Barreto,—note-se bem, que se fez jesuita depois de bacharelado,—tomasse o grau com toda a pompa, e que não se dispensasse o prestito academico, tangendo charamellas e atravessando majestoso por entre as alas de povo. Era preciso que a universidade fosse em corpo ensinar onde era a casa dos *franchinotes*. E para gosar o triumpho não hesitou em fazer a viagem de Lisboa a Coimbra.

Fale agora o panegyrista Telles: «Tanto que entrou no collegio (o graduado) lhe ordenou o padre mestre Simão, que tomasse ás costas um carneiro, que já alli estava esfolado, e o levasse, indo em corpo, pelo meio da cidade, a offerecer como propina a D. Marcos Remeo, cathedratico de theologia, muito conhecido n'este reino e mestre, que tinha sido, do infante D. Duarte, arcebispo eleito de Braga, o qual tinha sido padrinho no grau. Obedeceu o humilde doutor, e foi pela cidade de Coimbra, n'aquella postura a cumprir a sua obediencia.»

N'este acto, como se vê, não havia nem humildade, nem dignidade, mas sim uma farça grotesca, destinada a ridicularisar o capello, e a fazer mais uma d'essas experiencias d'obediencia em que era veseiro mestre

[1] Sobre as relações dos jesuitas com a Universidade, consultar, com o maximo proveito, o tomo II da *Historia da Universidade de Coimbra* do dr. Theophylo Braga, ao qual largamente nos soccorrer ema no correr d'este assumpto.

Ignacio, e que o seu discipulo imitava, preparando e dispondo os elementos para uma futura sublevação.

E' d'este genero d'experiencias, que tornam abjectos os pacientes, e provam a desorientação intellectual e moral de quem as ordena, o seguinte caso que o padre Telles nos conta, como coisa de grande monta.

Dois jesuitas vinham de viagem. Eram elles Luiz Gonçalves da Camara, o futuro mestre de D. Sebastião, e o irmão Manuel Alvares. Passando por Vizeu, a caminho de Coimbra, Luiz da Camara appeteceu-lhe comer sardinhas assadas; mas como estavam meio seccas, julgou o petisco mais saboroso se o temperasse com azeite, e ordenou ao *irmão* (lea-se criado) que fosse comprar dois réis d'elle a uma tenda. Repugnou o serviço a Manuel Alvares, e recusou fazel o, por achar ridicula ou desnecessaria a compra.

Não diz a chronica se Camara teve menos melindres que o seu socio, ou se comeu as sardinhas sem azeite. Mas isso pouco importa. Dois simples mortaes teriam esquecido o caso aos primeiros passos da nova caminhada, e seguiriam viagem como amigos. Luiz Gonçalves da Camara levava as sardinhas atravessadas nas guelas, e assim que chegou a Coimbra tratou, como bom jesuita, de denunciar o companheiro a Simão Rodrigues.

Este, em vez de punir o denunciante, chamou Alvares, e entregando lhe uma almotolia de barro e dois réis, ordenou-lhe que immediatamente seguisse para Vizeu, fosse á tenda indicada por Camara comprar o azeite, e voltasse com elle a Coimbra.

E' de crer que Manuel Alvares julgasse que Simão tinha perdido o juizo; mas como no seu espirito já estava feita a prega da obediencia, saiu, imaginando que aos primeiros passos receberia contra-ordem e, andando e olhando para traz, caminhou as treze leguas de más estradas, esperando sempre que um raio de bom senso entrasse na cabeça de Simão Rodrigues. Assim chegou a Vizeu, comprou o azeite, pediu a um padre da cidade que lhe passasse um attestado de como alli estivera, e voltou para o collegio, cinco dias andados depois da partida.

Para nós a denuncia de Luiz Gonçalves da Camara é simplesmente degradante, e por ahi se pode aferir que lições de elevação moral elle daria de futuro ao seu discipulo; a ordem de Simão Rodrigues uma coisa selvagem; e a obediencia de Manuel Alvares uma idiotice estupida. Agora digamnos, se homens com o espirito assim deformado, com a vontade reduzida a nada, não são aptos para executarem os mais nefandos attentados? D'ahi vem não nos admirarmos do caso acontecido, pela mesma epocha, com Antonio Moniz.

Entrou este para a companhia, mas enojado do que lá via e christão d'alma, fugiu, andando em peregrinação pelos grandes santuarios. Mas o infeliz ignorava que quem uma vez se sujeitou aos exercicios espirituaes e caiu sob o dominio de taes mestres nunca mais lhes escapa, visto que o espirito fica profundamente transtornado.

Chegando a Roma, ou porque os jesuitas que ia encontrando por esse mundo actuassem sobre elle com violencia e o intimidassem, ou porque desejasse que o absolvessem da fuga, foi procurar os antigos socios e pediu para falar a Ignacio de Loyola. Este, orgulhoso como qualquer monarcha oriental, não se dignou recebel-o, e os seus antigos socios a taes tormentos o submetteram, que o desgraçado, em pouco, definhado, ferido por todo o corpo, baixou á cova. Era conveniente um exemplo que ensinasse que não se abandona a roupeta uma vez despida. E' verdade que antes dos anarchistas o dizerem, já entre os jesuitas tinha curso a distincção que: *matar* não é *assassinar!*

Balthasar Telles solicita-nos a contar outra historia, que vamos d'elle copiar, para que o leitor vêja como se aniquilam os sentimentos da propria dignidade e o que seria uma sociedade organisada pelo criterio jesuitico.

«Havia no collegio de Coimbra um noviço naturalmente altivo, e *mais do que convinha brioso* [1].

«Mandou-o chamar diante de si, diz-lhe que

---

[1] Se alguem duvidar que estas palavras sublinhadas estejam estampadas, veja a pag. 232 da *Chron. da Comp. de Jesus em Portugal*, columna esquerda

se vá vestir em um pobre pelote, e que fosse como moço de recados a casa d'um calceteiro, e lhe desse umas meias a concertar. Obedeceu o noviço, cobre-se com o pelote, toma as meias nas mãos, vae-se a casa do calceteiro, que morava na praça de Coimbra, bem distante do collegio, dá-lhe as meias a concertar, e volta para casa mui contente por cuidar que já tinha satisfeito com aquella mortificação; porém (ou fosse, que ia divertido com alguma boa consideração, ou que á vista dos muitos que punham n'elle os olhos, não advertiu nas meias que trazia nas mãos), o certo é que elle chegou ao collegio sem uma d'ellas, não com pouco sentimento, quando caiu em seu descuido; mas o P. M. Simão, que n'esta *meia* perdida achava *meio* para continuar no que entendia ser proveito do irmão, desejando, que com a obediencia ajuntasse a humildade, o tornou a mandar buscar a meia, perguntando por todo o caminho, quem lh'a achara. Assim o cumpriu o noviço, padecendo na busca risos e zombarias...»

Entretanto o papa acaba com o limite de numero dos professos, e D. João III declara a Simão Rodrigues: «Padre não ponhaes termo algum ao Espirito Santo, recebei na companhia quantos quizerdes, que eu darei sustentação para todos.» «Com esta paternal benevolencia do rei, diz ainda Balthazar Telles, de tal maneira cresceu o collegio de Coimbra em religiosos, que chegámos por vezes a estar n'elle duzentos e cincoenta religiosos.»

E as praças d'Africa abandonadas; os soldados da India sem paga, as fortalezas sem munições, e D. João de Castro obrigado a empenhar as proprias barbas, porque todo o dinheiro do rei era para jesuitas, inquisidores e cardeaes!

Ha reis cujo nome devia de ser banido das historias com infamia.

Por este tempo levantaram-se as divergencias entre D. João III e o seu ministro principal, escrivão da puridade, o bispo de Vizeu D. Miguel da Silva. Era homem altivo e pouco de molde a sujeitar-se como tantos outros aos jesuitas, e portanto não via com bons olhos a preponderancia que elles iam tomando na côrte e no animo do rei. Estes começaram a intrigal-o, por tal fórma que o rei o afastou da sua presença, e, d'accordo com os jesuitas, fez com que a vaga de cardeal, por morte do infante D. Affonso, fosse provida no infante D. Henrique, em vez de o ser em Miguel da Silva, como este esperava e tudo parecia disposto para tal.

Miguel da Silva, despeitado saíu da côrte e dirigiu-se para Roma. Foi grande a cólera do rei, que o degradou de todos os bens e dignidades, ao que o papa respondeu conferindo o chapeu de cardeal ao perseguido. João III dá-se por afrontado e um rompimento estava imminente, quando os jesuitas a quem isso não convinha, interveem no assumpto, e Ignacio de Loyola escreve a Simão Rodrigues uma carta, que é mais uma prova d'astucia hypocrita.

Não a copiamos na integra, porque se póde lêr na chronica de B. Telles; mas alludimos a ella, porque, parecendo ser particularmente dirigida a Simão, é evidentemente escripta para este a mostrar ao rei, e fazer que o pobre homem ainda mais escancare o cofre das graças e o dos *portuguezes d'ouro*. N'ella, Loyola historía a entrada da companhia em Portugal, as suas fundações e acquisições, como se Simão o não soubesse melhor do que elle, até que chega á parte principal e exclusiva da missiva concebida e redigida no tom theatral que já conhecemos: «Falando devagar sobre esta materia, com o cardeal de Burgos (que em todas as nossas coisas é mui especial senhor e advogado) me disse, em confirmação do que eu sentia, umas palavras, que não causaram em minha alma pequena consolação. Falando me um (diz o cardeal) veio a dizer, parece, senhor, que el-rei de Portugal quer saír da obediencia do papa. Eu lhe não pude sofrer, e com grande indignação lhe respondi: Quem ousa dizer tal? Ainda que o papa pisasse aos pés a elrei de Portugal, não chegaria a desobedecer ao vigario de Christo. E vós cuidaes que a gente em Portugal é como a de cá? Ou que esse rei é como o de Inglaterra, que já de antes que se declarasse contra a Egreja, estava meio fóra de elle? Não vos venha tal pensamento de prin-

D. Catharina, mulher de D. João III

cipe de tantas christandades, e de tão boa consciencia.»

Paulo III e João III chegaram a um accordo, e delle querem os jesuitas ter a gloria; mas isso será tão verdadeiro como a protecção de Ignacio de Loyola junto do papa, para a introducção da inquisição em Portugal.

E como estas *verdades*, são a grande maioria das que se referem a virtudes e santidades dos mesmos jesuitas.

Mas voltemos a Coimbra, onde Simão se apodera do *Collegio das Artes* [1] como primeiro etape para a posse da universidade; onde denuncia á inquisição os mestres do

[1] O sr. dr. Theophilo Braga, na obra citada, referindo-se a esta usurpação escreve: «A entrega do *Collegio real*, á companhia de Jesus, ordenada por D. João III em carta de 10 de setembro de 1555, teve uma influencia desastrosa sobre o regimen interno e economico da universidade. Os ordenados dos mestres do *Collegio real* não eram pagos pelas rendas da Universidade de Coimbra; sahiam da fazenda real. Portanto D. João III, forçado a economias na administração publica, facilmente foi illudido de que cessava essa despeza, entregando o *Collegio real* aos jesuitas. Era um acto de boa gerencia financeira; porém estes, passados seis mezes depois da morte de D. João III, e dispondo do animo da timorata rainha regente D. Catharina, trataram de obter d'esta a mesma doação de 1:400$000 réis, que se dava ao *Collegio real*, não da Fazenda real, mas dos rendimentos proprios da universidade.»

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

«N'esta iniqua expoliação das rendas da universidade pelos jesuitas, a universidade apresentava uma forma plausivel para submetter-se á imposição da rainha regente, lembrando a incorporação do *Collegio das artes*. Os jesuitas, já desde o tempo de D. João III, tinham reagido contra esta dependencia, antagonismo de que fala o padre Balthasar Telles: «por parte da universidade se levava muito a mal havermos de ser isentos da jurisdição do reitor da universidade e de seus reformadores» Contra a proposta d'esta incorporação fortaleceu-se a companhia ainda nesse anno de 1557, vivendo então D. João III, com a seguinte provisão: «Que não obstante a repugnancia da universidade, elle queria e mandava, que o collegio das Escolas menores tivesse total isenção das maiores e de seu reitor e mais officiaes.» Vê-se pois que a universidade nada conse-

universal saber, taes como Buchanam, visto que não podiam os seus *franchinotes* hombrear com elles em sciencia, e acaba por constituir no ensino um estado no Estado, donde provem a quasi imbecilidade de cinco ou seis gerações, que ficaram sob o regimen exclusivo do ensino jesuitico [1].

Ignacio de Loyola comprehendeu, e comprehendeu bem, que havia varios meios efficazes para dominar a humanidade, mas que, entre elles, os melhores eram: — as momices espectaculosas, em que ao grotesco se alliasse o terror, com as quaes facil era o dominio sobre multidões ignorantes e impressionaveis; — assenhoreando-se do ensino tanto elementar, como secundario e superior, segura ficava a sujeição dos que lhe soffressem a influencia; — monopolisando a direcção das consciencias dos grandes e dos nobres, por meio do confessionario, collocava-se o fecho da abobada d'este edificio dominador.

Assim, vimos Simão Rodrigues espalhar logo os seus socios pelo país, promovendo procissões de penitencia, que Christo já tinha condemnado quando profligou o pharaisaismo, e depois estabelecer collegios em Coimbra, Lisboa e mais tarde em Evora, invadindo e apossando-se do ensino official; actuando no animo timorato e assustadiço de D. João III, sempre a tremer com medo do inferno, levar este a entregar-lhe a educação de seu filho, o herdeiro do throno.

Simão tinha entrado em Portugal em 1540, tres annos depois era «o arbitro dispotico do espirito d'aquelle surprehendido monarcha, e armado em campo com toda a força do real poder, para aterrorisar e opprimir a todos os que se atrevessem a fazer qualquer opposição ás suas imposturas cobertas com

---

guiria contra uma tão recente e imperativa provisão; foi forçada a pagar annualmente um conto e duzentos mil réis, que os jesuitas exigiam para o *ensino gratuito* do collegio das artes. Porém a pratica revelou á avidez jesuitica que para obter os privilegios e immunidades da universidade o caminho mais rapido era o incorporar nella o Collegio das Artes, o que obtiveram por carta de 5 de setembro de 1561.»

[1] Na carta remessa do *Compendio historico do estado da Universidade de Coimbra, no tempo da invasão dos denominados jesuitas, e dos estragos feitos nas sciencias*, etc., etc., e que é assignada pelos membros da junta encarregada d'aquelle estudo e que são entre outros: o cardeal da Cunha, o bispo de Beja, marquez de Pombal, José de Seabra da Silva, etc., lê se: «Na segunda parte, do mesmo *Compendio historico* substanciou a junta especificamente os outros estragos, que os mesmos regulares (jesuitas) fizeram em cada uma das quatro sciencias maiores no seu particular; e os impedimentos, que lhes oppuzeram para mais não poderem resuscitar da ignorancia em que as haviam sepultado.» Depois mostra a Junta que os jesuitas, na faculdade de theologia, acabaram com o estudo da Historia Sagrada, da tradição, dos concilios, dos Santos Padres e da Escriptura; — no direito canonico e civil, desprezaram o estudo do direito civil romano e patrio, do direito canonico universal e particular destes reinos; puzeram de parte a historia das respectivas nações, sociedades e povos, para os quaes foram promulgadas as leis que compõem os referidos direitos da historia litteraria geral e particular de um e outro direito. E continua: «Já emfim relaxando e fazendo inuteis os estudos, estragando os costumes dos estudantes com ferias prolongadas, com postilas cançadas (sebentas) e importunas, com matriculas perfunctorias, com liberdades licenciosas no modo de viverem, e com privilegios e isenções prejudiciaes, com exame e autos na maior parte de mera e apparente formalidade, com a falta de exercicios litterarios nas aulas, que estimulassem e desembaraçassem pela frequencia os mesmos estudantes...» «Para a destruição da medecina, escreve a Junta, que acharam florescente, com professores instruidos nas linguas grega e latina, na poetica, na rhetorica, na geometria, na arithmetica, na astronomia, na historia e outras disciplinas recommendadas por Hippocrates, e pelos melhores professores da sua unica escola verdadeira. Sepultaram todas estas prenoções no cahos do mais profundo esquecimento, debaixo do pretexto de que não eram precisamente necessarias. Em logar dellas plantaram na Universidade de Coimbra a venenosa raiz da physica escholastica, que depois dos novos estatutos jesuiticos só tem brotado as discordias dos sãos e as mortes dos enfermos. Sepultaram na ignorancia a verdadeira physica, a chimica philosophica e pharmaceutica, a botanica e a anatomia, que já Galeno no seu tempo chamava: *olho direito da medicina*. Confundiram o estudo pratico com o theorico; fazendo assim especulativas as enfermidades materiaes do corpo humano. Deixaram no silencio o estudo da experiencia, ou o solido estudo da natureza, que Hipocrates tanto cultivou, e deixou recommendado á posteridade nos seus admiraveis escriptos. E assentaram emfim contra as demonstrações dos experimentos os argumentos da rançosa philosophia peripatetica, as argucias, as subtilezas, as invectivas, as calumnias, e até a auctoridade e poder dos gabinetes, onde tiveram artes para introduzir a obrepção, e subrepção das suas maliciosas suggestões.»

o sagrado véo da religião, (que os factos demonstram, que não havia no mesmo Simão Rodrigues, mas sim uma cobiça hidropicamente insaciavel) são faceis de comprehender os effeitos que deviam seguir-se (como infelizmente se seguiram) d'aquellas fortes, fortissimas e invenciveis causas.»

Finalmente, á vista do exemplo regio, a rainha D. Catharina tomou para seu confessor o jesuita Miguel de Torres, D. João III o padre Luiz Gonçalves, tambem jesuita, bem como para mestre e director de D. Sebastião, que depois foi rei, e em toda a côrte, quem mais cortezão queria ser, maior amigo se mostrava dos jesuitas, mais honras e respeitos lhes tributava em publico, e quanto mais degradantes fossem as exterioridades em veneração aos loyolenses mais seguro estava o regio agradecimento.

N'esta situação comprehende-se que fosse grande o despreso de Simão pela côrte que o rodeava, pelo povo que o consentia, e que para elle este pais se convertesse n'um vasto campo d'exploração em proveito dos seus socios.

# LXXV

## Milagreiros

Foram os primitivos jesuitas de Portugal uns bandidos? Não, por certo; muito embora caissem sobre elles as accusações de malfeitores, que levaram um á cadeia, e as de jogadores e de commerciantes com as absolvições no confessionario, que os obrigou a justificarem-se, por negativa, nas suas chronicas. A maioria, embora fanatisada, estava alli de boa fé, e contava muitos sinceros illudidos ou captados por Simão, e pelas exterioridades hypocritas dos seus companheiros extranjeiros, que bastava não serem portugueses para actuarem sobre nós. Havia tambem alguns repellidos das outras ordens religiosas, e até não pequeno numero de ambiciosos, que viam em a nova instituição um viveiro uberrimo para os altos cargos da côrte, para o confessionario das casas importantes, para as missões diplomaticas.

Mas, se acreditarmos os chronistas, parece que o ceu se despovoava de anjos, para os mandar á terra noviciarem-se e professarem na companhia de Jesus. Segundo a letra dos chronistas não houve um unico jesuita que não fosse santo [1]; que não fosse, no peor dos casos, um modelo de virtudes; e que não tivesse a seu dispôr a vontade de Deus, sempre prompta a alterar a ordem natural das coisas, para fazer milagres em seu favor. E se os santos se contam por centenas, os martyres são aos milheiros, e emquanto não têem os da China, Japão, Brasil e Africa, vão-os inventando em Portugal. Tal é o caso, primeiramente de Simão Rodrigues, corrido a pau em Coimbra, e depois e mais particularmente o de Manuel Fernandes, que merece nos demoremos algumas linhas com elle, para ficarmos conhecendo o jesuita n'uma das feições que mais imitadores teve em Portugal.

Manuel Fernandes era um marroquino fanatico, que Simão Rodrigues admittira e professara na companhia, e que depois mandou missionar na provincia do Alemtejo, em vez de o mandar para Marrocos, onde necessariamente teria mais que trabalhar em favor do christianismo. Manuel Fernandes, embora sem dotes oratorios, sem palavra facil, nem grandes conhecimentos, era um prégador incansavel. Prégava na Sé, nas praças publicas, ao canto das ruas, mais e especialmente, nos seus aposentos da rua da Freiria, e depois no paço real, para onde foi alojado, e «acabada a fervorosa prégação, se assentava logo no confessionario, para empolgar na caça, que como bom caçador tinha levantado.» Assim o diz Balthazar Telles.

Um dos seus auxiliares nas conversões era o sapateiro Simão Gomes, com o qual começa a geração prophetica dos Bandarras, de que os jesuitas se servirão como instru-

[1] Como meio de negocio, os jesuitas, em epocas posteriores espalharam a crença de que quem quer que se fizesse amortalhar depois de morto na roupeta de Ignacio, ia direitinho para o ceu, quaesquer que fossem crimes, peccados, ou faltas que tivesse commettido em vida.

mento de multiplas applicações inclusive para os seus fins politicos, como veremos mais adeante.

«Era Simão Gomes, diz ainda Telles, o se tanto da virtude de tal mestre, que sendo humilde sapateiro, chegou a ser um prodigioso exemplo de virtudes e santidades, com que edificou Portugal, e espantou o mundo.»

O padre Manuel Fernandes aggredido na estrada d'Evora

*corretor* d'esta santa mercancia das almas, elle lembrava as praticas, fazia o auditorio, rogava a seus conhecidos que viessem ouvir e tratar com o padre Manuel Fernandes, como elle Simão Gomes fez, aproveitando-

Não nos dizem as chronicas, se os serviços eram correlativos entre o jesuita e o sapateiro; e se em troca da freguezia que este levava á beira do padre, este lhe mandava botas a deitar meias solas. Mas, mercê dos

jesuitas, se o mundo não tem noticias de mais um sapateiro celebre, na lista dos Isaias abriu-se nova série de nomes. Depois dos grandes prophetas de Israel, os da imbecilidade jesuitica. Manuel Fernandes trazia para o publico, embora não claramente, mas sufficientemente indicada a vida e costumes dos habitantes das terras em que prégava, e que Simão Gomes ia colher ao soalheiro das maledicencias. Diz a chronica que d'este processo resultaram muitas emendas de vida, muitos arrependimentos publicos, mas tambem dissabores, e por fim a morte do missionario, que trazia para o publico os escandalos ou as faltas da vida intima.

Chegando a Elvas, Manuel Fernandes, entregou-se logo aos seus excessos de palavras, e a tornar publicas as miserias familiares. Irritou isto muitas pessoas, que o censuraram, e accendeu n'outras por tal forma o odio, que ao retirar-se elle da cidade, e a caminho de Evora, foi atacado por um grupo de gente mascarada, que o moeu com saccos d'areia, declarando-lhe que assim o castigavam pelas demasias com que se entretinha no pulpito.

Manuel Fernandes ainda pôde continuar viagem, indo morrer a Evora.

Não louvamos de forma alguma a violencia de que foi victima Manuel Fernandes; mas não diremos que elle não concorreu para ella, pelo processo sufficientemente censuravel de fazer do pulpito o porta voz das alcovitices dos soalheiros, qualquer que fosse a intenção com que o fizesse [1].

Por este exemplo se vê que todos os meios serviam a Simão Rodrigues para augmentar as suas fileiras, que a rede estava lançada por todo o país, e que por suas miudas malhas nada escapava. Elle, Simão, continuava a ser humilde no gesto, mas orgulhoso na alma, — e d'esse orgulho, como adiante veremos lhe provirá a desgraça; pobre na sotaina suja, mas insaciavel de riquezas para o thesoiro commum, que elle defenderá até contra o proprio Ignacio de Loyola.

A sua habilidade em enriquecer a sua provincia era eximia; e o seu alto valimento junto de D. João III, tornava-lhe extremamente facil a captação e drenagem do oiro para os seus cofres. Contemos um d'esses meios, como exemplo.

Simão abordou um dia D. João III e começou a lastimar que, havendo cem jesuitas no collegio de Coimbra, não tivesse alfaias para todos, e por isso e para isso ia pedir uma esmola a S. Altesa.

O rei, como quem dá do que lhe não custou a ganhar, offereceu-lhe immediatamente cem mil cruzados, isto é, mil cruzados para cada um dos humildes collegiaes se paramentarem! Simão, além de preparar o salto para maiores quantias, disse que lhe bastavam n'aquelle momento apenas dezoito mil crusados, o que para a epocha era uma somma importante [1], e absolutamente perdida, se considerarmos no emprego a que era destinada. Recebeu o jesuita o dinheiro, e logo rompeu a murmuração geral contra o esbanjamento. O rei não pagava a quem devia, mas mandava dar dinheiro a quem o não merecia, tanto mais que faltava para tudo, inclusive para abastecer de gente, armas, viveres e munições a praça de Ceuta, ameaçada n'aquelle momento pelos moiros. Simão ouviu, sondou os animos, e tirou partido da situação, offerecendo os dezoito mil cruzados para as despesas da guerra. Rasgo grande seria este de magnanima generosidade, que as chronicas celebram, se as mesmas chronicas, ao relatarem-o, não concluissem: «Fez el-rei a devida estimação de tão desinteressada offerta de tão leal vassallo, que cortava pelo proveito proprio, para acudir ao bem commum. Acceitou o serviço, e usando da sua real magnificencia, accrescentou depois as mercês que com larga mão fez ao padre, ordenando-lhe, que tratasse logo de dar principio á fundação e fabrica do colle-

---

[1] Manuel Fernandes, segundo Balthazar Telles, foi o primeiro de entre os jesuitas, que começou «a acompanhar os padecentes, que morriam por justiça, assistindo-lhes primeiro de dia, e de noite nos carceres, consolando-os, e excitando-os á confissão; e depois de chegados ao logar d'onde padeciam, subia ao mais alto da escada, e com grande fervor e zelo, e não menos abalado auditorio, pregava áquelles ouvintes, que ordinariamente costumam ser muitos.»

[1] Pode fazer-se a equivalencia de então para hoje de 2$500 réis por cada cruzado.

gio, *dando todo o dinheiro necessario para correrem as obras, e para se sustentarem os religiosos...»* Caros lhe ficaram os juros. E' a eterna historia da —bilha de leite por bilha d'azeite.

E com o dinheiro, iam ao sacco da companhia os mosteiros alheios com seus bens, coitos e regalias. Hoje era o de S. Fins de Friestas, depois o de Santo Antão da Benespeira, o de S. João de Longavares, emfim um pilha-pilha sem exemplo até então na historia, a não ser o de D. Jorge, cardeal d'Alpedrinha, que por todos os modos e meios tratou de sugar este pais em proveito seu e de Roma.

Simão era infatigavel em mandar missões a todas as principaes povoações do reino onde sentisse riqueza. Uma d'essas povoações foi a Covilhã, que ainda hoje soffre os stygmas vilissimos da influencia jesuitica. O encarregado d'essa obra d'embrutecimento intellectual foi o famoso padre Manuel da Nobrega, intolerante, profundamente alheio a uma alta e verdadeira idéa religiosa, como vamos exemplificar.

Passando por uma egreja, em occasião de romaria, encontrou o povo entregue a esses descantes, danças e folias que constituem, no fundo, uma parte grande da indole do nosso povo, e por certo mais do agrado de Deus, do que os famigerados *Exercicios espirituaes,* a que já por mais d'uma vez nos referimos.

Ora, como na alma negra do jesuita não pode entrar sol alegre que a aqueça, como Nobrega nunca tinha tido a vida do maior e verdadeiro santo do mundo, segundo Christo, S. Francisco, indignou-se com a folgança dos romeiros, e começou de vituperal-os, apostrophando-os com insolencia, o que foi mal visto de todos. A's invectivas de Nobrega respondiam os dichotes do povo; ás imprecações as gargalhadas, até que, ameaçando os ares uma trovoada, a romaria dispersou, e Nobrega ajoelhou, pedindo ao ceu um castigo para aquella gente.

Convem desde já notar que é rara a pagina de Balthazar Telles em que Deus não é incommodado para que se importe com as demasias dos jesuitas, e evitar ou obviar as represalias que elles suscitavam. Evidentemente Deus era para os jesuitas uma especie de cardeal protector, facilmente propicio por meio d'esportulas [1].

A tempestade desencadeia-se e um dos da romaria, que se retirava a cavallo, é ferido por um raio. Escusado será dizer que o padre explorou o incidente em beneficio da causa; e que o chronista, ainda um seculo depois, veiu babar o fel do odio sobre o infeliz escrevendo: «começando com as penas do inferno, ainda estando vivo na terra, para que entendam os atrevidos em dizer blasfemias, que não hão de faltar raios do ceu para os castigar.»

O caso do principe D. Theotonio, a que já nos referimos, faz com que Simão Rodrigues ameace o rei com a sua ida ao Brasil; mas ameaças que, como as de fazer ir a companhia para Hispanha, nunca chegaram a realisar-se. As missões continuam a espalhar-se e com ellas a influencia jesuitica, e Portugal podia então ser contado como a maior e mais importante provincia do jesuitismo no mundo.

---

[1] Para o catholicismo medievo, donde procediam os jesuitas e ao qual pretendiam fazer regressar a christandade, a religião era um fetichismo grosseiro, expresso n'uma terminologia christã, que ainda hoje se conserva. Para muita gente a devoção consiste em viver em regra com um rei mais poderoso que os outros, mas tambem mais severo e caprichoso, que se chama Deus. Prova-se-lhe o nosso lealismo, da mesma sorte que aos outros soberanos, collocando a sua imagem em quasi toda a parte, e pagando em dia as contribuições exigidas pelos seus ministros. Se discutimos, ou defraudamos arriscamo-nos a ser altamente castigados. E' para evitar essa contingencia que o rei se cerca de cortezãos que intercedem por nós, e nos fazem alguns servicinhos. Mediante uma rasoavel gorgeta, elles sabem aproveitar o momento favoravel para conseguirem, com certa arte, a commutação de uma sentença condemnatoria, ou até para impetrarem do principe uma revogação completa da sentença, alcançada n'um d'esses momentos de bom humor em que elle assigna sem ler. Porque, n'esta religião, Deus está sempre possesso de colera e d'ira contra os homens, como qualquer tyranno inconsciente e sanguinario. E não percebe esta gente que hoje, como no tempo de Jesus, não se trata de ir adorar ao cimo do monte Morijak ou do Sion; mas sim de adorar em espirito a verdade!

# LXXVI

## Desgraça e morte de Simão Rodrigues

O progresso e o desenvolvimento do jesuitismo era evidente, claro e incontestavel em Portugal. Simão Rodrigues revia-se na obra que considerava *sua*, muito *sua*. Dispondo da vontade do rei, e do predominio na côrte, é de crer que se fosse esquecendo que era subordinado d'um homem que existia em Roma, que tinha a peito mandar e ser obedecido como senhor absoluto, e que nunca permittiria que a ordem fosse, como as outras ordens religiosas, uma confederação de nacionalidades. A primeira condição exigida era exactamente o fazer desapparecer do espirito a ideia de patria. O jesuita póde ser português para o goso de direitos, é simplesmente discipulo de Ignacio de Loyola para o cumprimento dos deveres.

Simão, pois, organisava, punha e dispunha como coisa sua dos jesuitas em Portugal.

Todos os portugueses filiados na companhia viam n'elle o chefe prestigioso, e grande numero o amigo, que depois de os affeiçoar á linha geral da companhia e á obediencia cega, sabia conquistal-os por um *quid* de benevolencia e de bondade. A perspicacia de Simão Rodrigues, ou talvez o conceito que faria da solidez da sua situação, não fizeram com que visse que o elemento extranjeiro, que admittira e com elle formára o jesuitismo em Portugal, estava alerta, que o espirito de denuncia era fundamental na S. J., e que Ignacio, informado de como elle Simão se ia tornando preponderante, e como em Portugal se aspirava constituir um jesuitismo português, havia de usar de toda a sua auctoridade para impedir esse desastre, que seria a morte da instituição.

Além d'isto, Simão Rodrigues tinha idéas proprias acerca do governo da companhia, e em 1551, indo a Roma para ouvir lêr as *constituições,* que Loyola ia publicar, assentiu em tudo, menos na faculdade que ellas davam ao geral de poder transferir para os collegios necessitados os rendimentos dos outros. Simão impugnou o projecto com uma energia que Ignacio não estava habituado a encontrar nos seus companheiros, e teve que soccorrer-se a um expediente para convencer, ou por outra vencer Simão, declarando-lhe que deixava a derogação d'aquella faculdade ao arbitrio do rei e da boa vontade dos socios.

Simão Rodrigues ficou desde logo condemnado na mente auctoritaria de Ignacio de Loyola. Em 1552 publicavam se as *constituições* em Portugal, e Ignacio entendeu que lhe devia tirar o governo. Pediu venia a D. João III, nomeou o valenciano Diogo Miram para o substituir, e mandou que Simão se recolhesse á residencia de S. Fins.

Mal Miram se encontrou com o governo, nomeou Manuel Godinho para reitor do collegio de Coimbra, e começaram os dois a impor uma disciplina auctoritaria, aspera e cruel. A feição portuguesa, que Simão sonhára para a companhia, estava vencida, e á testa da ordem achava-se um hispanhol obedecendo a outro hispanhol!

O resultado foi o que se devia esperar de um systema intempestivo de rigores quasi

ferozes. A presença de Simão Rodrigues, que passava por Coimbra, a caminho do seu desterro, foi como o fogo que se chegasse ao rastilho preparado. Os padres odiavam os novos governantes, e levantaram-se declarando que queriam a Simão Rodrigues para seu reitor. Simão, se não ateou tambem não apagou o incendio, e contentou-se em seguir para o seu destino. Os novos superiores, incapazes de subjugar aquella tormenta, escreveram para Roma que era impossivel restabelecer a paz, emquanto Simão Rodrigues, residisse em Portugal.

Veiu pois ao reino, com a pressa que o negocio requeria, Miguel Torres, a quem Ignacio de Loyola encarregára já por duas veses a reparação de outras desordens do mesmo genero. Torres apresenta se ao rei a quem vence á maneira jesuitica, rendendo-lhe infinitas graças pelos beneficios que derramava sobre a sociedade, e acaba supplicando-lhe que puzesse o fecho a tantos favores, consentindo na saída do padre Simão do reino, que era o mais que podia fazer para a tranquilidade da companhia. Annuíu a isso o rei. Torres, que trazia cartas em branco, e com a assignatura de Loyola, encheu logo uma dando ordem a Simão que partisse immediatamente para governar, como provincial, os jesuitas de Aragão. Na incerteza de qual fosse a vontade do rei, Simão dirige-se a Lisboa, lembrado de que em outros tempos Loyola já tinha cedido a D. João III. Em Thomar, porém, entregam-lhe as cartas regias de 23 de julho, em que lhe diziam que a pedido de Loyola, que allegava como bom e justo, lhe mandava a carta do seu geral para que se transportasse a Valença, e d'ahi á provincia de Aragão, do que elle rei se daria por bem servido. Simão, faltando-lhe o unico apoio com que contava, obedece, e parte para Valença, com Miguel Gomes por companheiro.

No entanto, nem por isso melhoraram as coisas no collegio de Coimbra, e *muitos o abandonavam*, porque ainda os reverendos padres não tinham o diploma pontificio contra os *apostatas*, essa arma poderosa, que só vieram a obter em 1565, no pontificado de Pio V, e por intervenção de D. Sebastião.

O padre Simão Rodrigues

Pouco tempo regeu Simão a nova provincia; allegando a falta de saude volta a Portugal. Ignacio assusta-se, e pretende degredal-o para o Brasil; mas Simão oppõe a todos os offerecimentos a sua saude deteriorada e dirige-se á casa de Santo Antão. O caso estava, porém, prevenido pelo superior que ordenou ao porteiro não lhe permitisse a entrada, por não trazer carta patente, e saber-se que não tinha licença para voltar ao reino.

A perseguição era manifesta, e a vilania flagrante; Simão começava a pagar cruel-

mente o presente de gregos que fizera á sua patria.

E, ou determinações da Providencia, ou justiça emanente, a punição era merecida.

Simão louva o porteiro pela sua obediencia para com os superiores, e volve a procurar guarida no hospital, pondo-se ao serviço d'aquella casa. Soube-o D. João de Lencastre, duque d'Aveiro, e seu amigo, que foi buscal-o e o installou no seu palacio. A 12 de junho de 1553, chegou carta de Ignacio de Loyola, toda unctuosa, chamando-o a Roma, facultando-lhe que fizesse a viagem por mar ou por terra, como mais commodo lhe fosse e a saude lh'o permitisse; mas que em todo o caso partisse dentro em oito dias depois da carta recebida, e isto sob preceito de obediencia.

Simão não obedeceu logo, e só no fim do anno partiu, levando por companheiro Melchior Carneiro, primeiro reitor do collegio e depois bispo de Evora.

Apenas chegado a Roma, Simão Rodrigues recebeu de Affonso de Lencastre, embaixador de Portugal, um diploma pontificio que o isentava da jurisdição de Loyola, e lhe permittia voltar a Portugal, e aqui viver onde melhor lhe approuvesse.

Devia ter sido uma grande scena dramatica o encontro d'estes dois homens. Ignacio auctoritario, colerico e violento exprobando, Simão Rodrigues, mais intelligente, conscio da grandeza da *sua* obra, respondendo com uma ironica humildade ás objurgatorias do seu antigo companheiro que só tinha para elle palavras asperas. Nem n'um nem n'outro nada d'essa affectuosa emoção de dois velhos, antigos amigos da mocidade, que depois d'uma longa ausencia se encontram a dois passos da cova. Nada de sentimento religioso, nem de amor de Deus! Unicamente uma discussão arida sobre a *unidade* da ordem! Mas, á maneira que os argumentos vão faltando a Ignacio, este incapaz de lucta intellectual com Simão Rodrigues, apenas fica um teimoso insistindo n'uma idéa fixa. Simão, porém, vae-se elevando nos conceitos do que elle entende ser a obra da companhia isto é: uma grande confederação de nações, ligadas pelo mesmo espirito, pelas mesmas tendencias, pela mesma finalidade. As palavras sahem-lhe em torrentes, a eloquencia da paixão anima-o, transforma-o, eleva-. Acabrunha o chefe ao peso da simples enunciação de tudo quanto fizera pela companhia, e acaba por humilhal-o, no movimento de soberano despreso com que rasga o breve que lhe dava plena liberdade d'acção!

Effectivamente, Simão Rodrigues tinha n'aquelle momento a unidade da companhia nas suas mãos, deixando o seu chefe engolfado nas intrigas de gabinete. Bastava-lhe correr a Portugal, e aqui seria acclamado como unico chefe, ou faria uma scisão importante. Tendo dó de Ignacio, teve ao mesmo tempo a intuição do futuro da ordem, e sacrificou-lhe o orgulho proprio, abatendo a vaidade alheia.

Loyola pretende louval-o e desculpal-o perante os outros jesuitas; mas estes é que não acceitaram as desculpas e sempre o consideraram como auctor das desordens de Portugal.

Ignacio, para evitar occasião de novos disturbios, deliberou mandal-o fundar um collegio em Jerusalem. Mas Simão Rodrigues estava alquebrado de forças, e o animo, depois da scena com o seu geral, tinha entrado em uma especie de apathia contemplativa. Não objectava, nem luctava; dizia que sim, fazia um simulacro de obediencia dando começo ás coisas mandadas, mas não empregava n'ellas nem esforço, nem vontade.

Partiu para Veneza, mas alli, novamente a pretexto de enfermidades, demorou se até 1564, donde passou a Hispanha, onde ficou até 1573.

N'este anno os padres de Portugal que tinham ido á eleição do geral Everardo Mercuriano, conseguiram auctorisação para elle voltar á patria.

Voltou, porém, velho e alquebrado, vindo a morrer em 1579 em Lisboa, «vendo a sua fundação triumphante, mas extincta a nacionalidade portuguesa».

# LXXVII

## Perseguição á regente D. Catharina

Em 1556, dezesete annos depois de introduzida a companhia em Portugal, morre D. João III [1], mas os jesuitas estavam por tal forma enraisados no país, que pouco se lhes dava que o velho fanatico, meio imbecilisado, descesse á cova, quando lhes deixava em mãos a educação e a consciencia d'um rei em tenra edade, absolutamente dominado por elles.

O plano estava de ha muito feito, e nada indicava, no momento, que fosse preciso modifical-o. Se até alli o rei poderia ouvir um ou outro conselheiro, agora havia uma regente que elles tinham em mão, e que saberiam arredar do seu caminho, se, lembrando-se que era filha de Carlos V, quizesse embaraçar ou impedir que elles dominassem completamente o monarcha.

Quando D. Sebastião completou seis annos, a regente quiz dar-lhe por mestre a Fr. Luiz de Granada [1] dominicano, ou então Fr. Luiz de Montoya, religioso eremita de Santo Agostinho. Outros votos, e entre elles o de D. Aleixo de Menezes, queriam que o mestre fosse secular. Na justificação do seu voto, D. Aleixo, que via como os jesuitas iam conquistando os animos na côrte, e como até já tinham convertido em creatura sua o cardeal infante, que de começo se lhes mostrara adverso, foi absolutamente contrario a que estes fossem os mestres. As razões com que se justificou tral-as Diogo Barbosa Machado, nas *Memorias de D. Sebastião* [2] e são dignas de mais uma vez ficarem registadas por isso a transcrevemos n'estas paginas.

«Que a elle (pelo que conhecia da natureza, e condição de el-rei, em quem se imprimia com facilidade tudo aquillo, que com

[1] Não houve recanto do reino onde este monarcha não fundasse egrejas com largas dotações. Creou os bispados de Leiria, Portalegre e Miranda, nomeou o primeiro arcebispo d'Evora, o primeiro bispo de Cabo Verde, o patriarcha da Ethiopia, e, para o que pudesse acontecer, os bispos da China (*cosmense*) e de Malaca, e mais o bispo da Bahia. Causa vertigens pensar nas sommas de oiro que foi para Roma, em troca d'estas mitras! Além das casas da companhia de Jesus, com que gastou rios de dinheiro, mandou construir ou augmentar grandemente as fundações dos monges de S. Jeronymo, dos religiosos da ordem de Christo, dos carmelitas, o mosteiro de S. Gonçalo d'Amarante e coroou a sua obra introduzindo a Inquisição em Portugal. Não satisfeito em enriquecer a curia romana empobrecendo o país, mandava avultadas esmolas á Galliza e á Hispanha. Quanto aos jesuitas, como vimos no texto, favorecia-os em toda a parte e por todos os modos; porque Loyola lhe mettera na cabeça que era elle o segundo pae da ordem, o que o determinava a mandar lavrar provisões de especiarias das Indias e do Brasil, ás casas e collegios de Hispanha, França, Italia e Allemanha. «*Jubebat dari aromatibus Indicis et Brasilicis condimentis ampla subsidia*», diz o jesuita A. Franco. Em vida era elle o primeiro a aconselhar a todos que tomassem confessor jesuita, porque era esse o caminho do ceu mais do seu agrado. Só o não era do agrado de Deus!

[1] Fr. Luiz de Granada foi um sabio a maneira fradesca. Era, porém, homem de virtude, e sobretudo crendeiro, e de simplicidade de caracter. Foi elle um dos illudidos pela freira da Annunciada, que teve a habilidade de lhe fazer vêr como reaes umas chagas que ella tinha pintado nas mãos e nos pés.

[2] Part. I. Liv. I Cap. XV.

capa de virtude se lhe apresentava) lhe parecia que o mestre d'el-rei não fosse religioso, nem secular, mas sim que se buscasse um sacerdote douto, e virtuoso, que juntamente fosse fidalgo, e de nobres e honrados costumes, que sem os dizer em palavras os mostrasse em sua vida; e que lhe não parecia religioso; porque como o mando e obediencia entre elles era tão grande extremo e fóra de mediana politica, com que os reis mandam, e os vassallos obedecem, e n'elles por serem obrigados com votos, era tudo excesso, mandando ou obedecendo, que apoderando-se, a doutrina d'el-rei, tiraram um principe imperioso e intoleravel em mandar, e por outra parte na execução das coisas sujeito, e captivo ao gosto, e conselho dos seus privados, porque não podiam acertar n'estas duas causas aquelles, que mandando e obedecendo, chegavam sempre aos extremos. Que como el-rei tinha o animo tão facil a se lhe imprimir tudo aquillo, que com a capa da relegião se lhe persuadisse, nenhuma coisa querериam, assim do governo publico, como do particular da pessoa d'el-rei, que a não conseguissem por esta via, e que assim como seria perigoso na inclinação de el-rei haver quem lhe distrahisse o animo e o inclinasse á incontinencia, assim poderia haver prejuizo em ter quem com demazia lhe tirasse o brio juvenil, e inclinado ao que dentro nos limites da nobreza, e christandade se permittia aos principes; porque a inclinação de el-rei entendia, que se a madureza de quem o guiasse, não soubesse ter meio, elle sempre se inclinaria a um dos extremos, pela efficacia com que apprehendia as coisas. Que convinha entre aquellas primeiras lettras ir-lhe lembrando exemplos de guerra e governo, tirados dos successos dos livros, e historias que lhe lessem, para nenhuma das quaes lhe parecia acommodado religioso, porque o modo da sua creação, e governo ia fundado em seus termos tão differentes do que importava para uma republica, que nunca seu voto podia ser mui importante no estado do reino; e nas coisas de guerra, como tão alheias da sua profissão, ou as ignoravam de todo, ou lhes conheciam só os defeitos de vencer, ou ser vencido, sem medirem as causas e meios por que se vinha a estes fins; e tinha a experiencia mostrado de poucos annos a esta parte do reino da Hungria, e na Transilvania, como trataram dois religiosos materia de guerra, ou aconselharam os reis n'ella, metter aquelle reino na sujeição do Turco, porque guiados de um bom zelo de exaltação de fé, e por ventura cuidando que só esta piedade basta, medem mal os meios humanos, e a força e estado do principe a quem aconselham. Advertia que dado uma vez o mestre e começando a ter conhecimento da natureza de el-rei, e apoderado uma vez do seu animo, não seria possivel apartarem-o d'elle, por mais diligencias que fizessem, porque em amar e aborrecer não sabia ter meio, e que sendo um fidalgo de virtude, lettras, madureza e conhecimento das coisas do mundo, tinha tudo o que um rei havia mister para seu mestre, e cessavam as coisas, que faltavam no religioso, e que as satisfações d'este cargo, quando mais, paravam em um bispado, que esta pessoa por suas lettras, e capacidade merecia sem esta occupação, o que tambem militava no religioso, e nas continuas pretenções para a sua ordem, que podiam vir a ser de grande consideração no Estado, e fazenda de tão pequeno reino.

E concluia: Que qualquer que o mestre fosse, se tivesse advertencia em não ter mão com el-rei mais, que nas coisas tocante a seu cargo, porque algumas vezes ouvira dizer ao imperador, que os principes instruidos nas artes do governo e guerra tinham sciencia bastante em rezar por umas horas.

Continua o dito memorista Diogo Barbosa Machado:

«Esteve por muitos dias indecisa a sua resolução, até que o cardeal D. Henrique, que publica e secretamente negociava para que o mestre fosse da companhia de Jesus, vendo ser-lhe preciso, para conseguir o seu intento, que a rainha cedesse, pois era o unico obstaculo que lhe impedia a execução do seu intento, se valeu da authoridade do padre *Miguel Torres*, religioso da mesma companhia, e confessor da rainha, e da intervenção de D. Joanna de Sá sua camareira-mór a quem era muito affecta, para que lhe persuadissem concordar com elle no mestre, que havia de ser eleito para el-rei... De

que resultou ser nomeado para mestre o padre *Luiz Gonçalves da Camara.*»

Demos agora a palavra á *Deducção chronologica*: «Declarado pois o dito *Luiz Gonçalves da Camara* mestre d'aquelle monarcha, ao mesmo tempo que *Miguel de Torres* era confessor da senhora rainha D. Catharina, e o *padre Leão Henriques* do senhor cardeal D. Henrique, e erigidos todos em arbitros d'aquellas reaes consciencias, não tardaram em se unirem para se vingarem da opposição, que a dita senhora rainha D. Catharina havia feito contra a nomeação de confessor d'el-rei, que fosse *padre da companhia,* para apartarem, e alienarem a mesma senhora de el-rei seu neto: para este, contra todo o regio décoro, e contra o direito natural e divino, a desgostar e affligir; e para que finalmente não pudessem os conselhos de longa experiencia da mesma senhora suspender as ruinas, que necessariamente se deviam seguir á sujeição d'aquella tenra majestade aos dictames, e interesses d'aquelles seus infaustos directores.

«Tão rapidamente obrou n'elles aquelle seu espirito de vingança e de cubiça, que já em o anno de 1560 se achava a dita senhora tão fatigada pelos referidos directores, que escreveu aos tres estados, e prelados maiores do reino para largar a regencia d'elle, e se recolher ao convento da Esperança. E posto que esta resolução foi por então suspensa, por effeito das sabias e concluentes representações com que o arcebispo de Braga D. fr. Bartholomeu dos Martyres, o bispo do Porto D. Rodrigo Pinheiro, o bispo de Leiria D. fr. Gaspar do Cazal, e o senado da camara de Lisboa responderam á dita senhora no seguinte anno 1561: aquella suspensão foi comtudo interina, e sómente serviu para fazer cada dia maiores aggravos, e as indecencias contra a mesma senhora até excederam todos os limites da sua virtuosissima tolerancia.

«E isto em tal fórma, que logo no mez de julho do outro anno proximo seguinte, de 1562, convocou a dita senhora rainha D. Catharina os tres estados do reino, para renunciar, como effectivamente renunciou, no senhor infante cardeal D. Henrique, a administração da monarchia, sendo taes e tão urgentes os motivos d'esta abdicação, que prevaleceram não só contra a real e ultima vontade do senhor rei D. João III, o qual havia deixado estabelecido no seu testamento que sua augustissima esposa não largasse as rédeas do governo emquanto seu neto não houvesse cumprido vinte annos de edade; mas tambem prevaleceram até contra o claro conhecimento, em que a mesma senhora obediente se achava, de que entregar o governo do reino ao dito senhor infante cardeal seu cunhado, era o mesmo que abandonal-o nas mãos dos referidos *jesuitas,* e perder-se a monarchia, como desgraçadamente veio a succeder.»

O padre Luiz da Camara

D. Catharina deixou o campo livre aos jesuitas, mas não sem escrever ao geral a seguinte carta que é uma tremenda accusação...

«*Reverendo padre em Christo.*

«Por uma carta, que vos escrevi a 19 de março, e de que aqui ajunto uma copia, comecei a vos avizar do estado em que me acho, e dos negocios d'este reino: tambem vos mostrava a perda da reputação da vossa companhia, e do bem espiritual das almas. Todo o mundo sabe que os males, com que este reino está afflicto, tem por auctores os vossos padres, que tiveram a maldade de aconselhar a el-rei meu neto, que me fizesse levar e tirar fóra dos meus estados. Eu vos mandei já dizer estas molestas noticias com o mesmo affecto que tive sempre á companhia. Não deixei nunca de lhe dar provas do meu amor nos favores e graças, que em geral, e particular tem recebido sempre de mim. Ainda estou com animo de fazer conhecer aos vossos padres a minha bondade, mais que nunca, se houvesse meio de fazer cair em si alguns d'esta provincia á vista do perigo, em que teem posto el-rei, o reino, e a mim mesma, e a honra de uma ordem cujo instituto é tão santo.

«O padre Luiz Gonçalves é o principal auctor de todos os males de que eu me queixo. Eu o havia escolhido para mestre d'el-rei meu neto, que é toda a esperança d'este reino e a minha propria em necessidade, que tinha, de consolação, depois de todos os desgostos que tenho tido, e de todos os males que tenho supportado. Mas este jesuita, abuzando do logar de que me é devedor, se tem portado (por effeito do seu genio, e da sua imaginação, ou por imprudencia do seu zelo) a respeito d'el-rei de tal sorte, que este principe se tem feito muito differente do que se devia esperar do seu natural bom, casto, amigo da virtude. Este religioso o tem precipitado em costumes tão pouco ajustados, que elle tem apartado de si o coração de seus vassalos, tanto quanto se apartou do amor, que me deve. As suas acções o provam assaz, e o seu procedimento para comigo, bem apartado d'aquelles affectos, que a lei de Deus ordena que se tenham para com os parentes. Imaginou o padre Luiz Gonçalves, como temos bastantes provas, que a auctoridade d'el-rei cresceria á proporção do desprezo que elle fizesse da minha. Tem-lhe feito crêr, como coisa mui sublime, que seria tanto mais estimado, quanto a sua estimação fosse menos para comigo.

«Em consequencia d'isto me mostra este principe um grande desprezo: não tem respeito nenhum ás minhas reprehensões, nem nenhuma confiança nos meus conselhos: não me mostra attenção alguma, antes grande aversão a todas as pessoas affeiçoadas ao meu serviço. Escapam-me uma infinidade de outras coisas, de que todo este reino vos póde ser testemunha, se vos não deixares levar dos discursos do pequeno numero de pessoas, que approvam as imaginações do padre Luiz Gonçalves, e querem dissimular os males, que os seus conselhos, ou ao menos, a sua tolerancia tem causado por não falar das boas qualidades, que Deus deu a el-rei, ou das coisas, que se fazem com alguma apparencia de bem.

«Ninguem julgará juizo temerario o que aqui escrevo; porque, convindo no que se vos pode dizer das boas inclinações d'el-rei, do seu bom animo, muito capaz de admittir razão, não se poderá negar que elle obedece em tudo ao padre Luiz Gonçalves, como seu mestre e seu confessor, e ainda mais do que se elle fosse seu superior.

«Da mesma sorte são obrigados a confessar que elle nem sabe as suas obrigações de rei, nem o que me deve a mim mesma, e á sua propria pessoa e dignidade. Todas estas faltas não as pudemos imputar, senão a este padre, porque por mais que possa dizer, é certo que não mostra nunca a mais leve pena de me vêr maltratada por el-rei.

«Embaraça-se tambem pouco com o descontentamento que dá a todo o reino, e o procedimento que el-rei tem, o que faz vêr que os seus conselhos, ou a sua condescendencia são a causa unica de tudo o que el-rei faz contra a razão, contra mim, contra seus vassallos e contra si mesmo; porque do modo que vive, com a approvação d'este padre, é a sua saude muito mais fraca do que o devia ser, e corre o risco de não viver muito tempo.

«Mas deixemol-o fazer o que faz, para que o padre Luiz Gonçalves e seu irmão Martim Gonçalves, a que deu o mais importante logar do reino, sejam senhores absolutos do

estado e do rei; o que faz grande desconsolação a todos os estados, enche o reino de desordens. Tudo isto faz dizer grandes horrores da companhia.

«E' culpa de alguns dos seus membros, porque ninguem pode soffrer que com pretexto de santidade e devoção, se tenham apoderado tão dispoticamente do rei e de todo o reino. Chegaram até a impedir que el-rei casasse, o que é contrario á vontade do papa, de todos os principes christãos, aos interesses do reino, e ao desejo de todos os seus vassallos.

«E' tambem muito notorio, dentro e fóra do reino, com grande escandalo de todo o mundo, que tendo el-rei meu neto, o cardeal meu irmão, e eu, todos tres confessores da companhia, perfeita e intimamente unidos entre si, comtudo não nos pudemos unir todos tres, el-rei, o cardeal meu irmão e eu. Faz isto suspeitar a todo o mundo que os nossos confessores se entendem de tal modo entre si, pelas intrigas do padre Luiz Gonçalves, que entreteem expressamente a desunião que ha entre nós.

«Por uma parte inspirava este poder a el-rei, que se conduzisse no governo do reino, e a meu respeito segundo a sua fantazia: por outra o padre Torres, meu confessor, me obrigava a soffrer tudo com paciencia, para que o padre Luiz Gonçalves estivesse pacificamente na posse da auctoridade soberana, e despotismo com que se tinha feito senhor do rei e do Estado. Assim me fazia tratar, como elle o julgava a proposito para seus interesses, sem que ninguem se atrevesse a contradizel-o.

«Todo o reino se queixava de mim, porque se julgava que eu approvava o despotismo d'este padre. Viam-me ir confessar com o seu melhor amigo; concluiam d'isto que eu approvava tudo o que elle faz, ainda que eu esteja muito longe de tal. Emfim, para socegar a minha consciencia e a dos outros, ordenei ao padre Torres que não fosse meu confessor. Eu quero crer que elle se compadecia do modo porque eu era tratada; tambem eu me affligi de ser obrigada a separar-me d'elle, depois de ter sido meu padre espiritual muitos annos. Mas apesar de tudo isto, o padre Luiz Gonçalves tem perseverado de tal sorte prezo ás suas idéas, tão longe está de se corrigir, que antes não fez mais que augmentar o seu poder absoluto. Quanto mais elle vê que eu ponho em conselho o sair do reino, tanto mais insolentemente mostra o imperio que tem usurpado sobre o Estado e sobre o rei. Confia se no cardeal, fazendo lhe crêr que por seu meio e credito de seu irmão fará senhor do governo.

«A gloria e o serviço de Nosso Senhor pedem por ventura que este padre e seu irmão tenham el rei n'esta escuridão, e sejam senhores do reino? E' o espirito da companhia quem inspira este ardor pelo governo, e dá tanta ambição de ter credito n'este mundo? E' necessario a seus interesses escandalizar os habitadores de todo um reino, e lançar uma infinidade de desordens no governo? E' necessario sacrificar a tanta ambição a honra da companhia, o fructo que ella poderia produzir nas almas, e a consolação que pareciam merecer os meus annos e as minhas afflicções? Pede o bem d'esta companhia que eu deixe um reino, em que fui rainha, com o risco de vêr nascer os maiores males? Emfim é o interesse da vossa companhia quem me aparta da sepultura d'el-rei meu senhor e meus filhos, que estão na gloria, e quem me separa d'el-rei, meu neto, a quem tanto ama o meu coração?

«Applicae tambem attenção aos discursos a que o padre Luiz Gonçalves dá logar, a respeito de mim, no mundo, quando quer fazer que se considere como vantagem e interesse d'el rei o não ter comigo nem sociedade, nem communicação, nem amizade: não é isto obrigar o mundo a dizer que se teme que este principe corrompa o espirito, e o coração, conservando o trato comigo e a veneração? Teria devido este padre respeitar mais as grandes misericordias que Deus me tem feito, quando, preservando-me de tudo o que teria sido capaz de offender a minha honra, me fez a graça de ser o que sou, e dar-me qualidades capazes de merecer algum respeito, e algum amor. Não o fará nunca. E será este religioso culpado de ter feito dizer que a companhia, tão cheia de favores de Deus, julgou que eu não mereço alguma consideração: que por esta razão me apartam do pé do unico neto que me resta,

de todos os descendentes que Deus me tinha dado: que me lançam inconsolavel fóra d'este reino, o qual deixo todo coberto de lagrimas, exposto aos maiores perigos, e aos maiores males, que me fazem arriscar a morrer de pena, obrigando-me a sair, na edade em que estou, de um reino, que eu considerava como meu pais natural.

«Se vós julgaes o credito, e o poder do padre Luiz Gonçalves, e seus adherentes, mais digno de vos interessares por elle, do que pela gloria d'el-rei, e salvação do reino, não tenho mais nada, que vos dizer. Não me restará outra coisa, que eu faça, senão humilhar-me á grandeza de Deus.

«Se pelo contrario o vosso caracter, e o vosso animo é tal, como eu julgo, se amais o bem publico, se desejaes tirar os escandalos, peço-vos instantemente pelo amor de Nosso Senhor Jesu Christo, que ordeneis, já que o podeis fazer, que este homem se aparte d'el-rei, do modo que vós julgares mais honorifico para com elle, e o menos capaz de mortificar el-rei e desacreditar a companhia. Peço-vos com as mesmas instancias que mandeis sair da côrte os outros vossos religiosos, a que tem cegos de ambição, e que com todos os males, que têem feito á companhia, a el-rei e a mim, têem occasionado tão grande numero de peccados com toda a boa intenção que queriamos suppor. E' sobre tudo necessario n'isto promptidão, e segredo, que para ninguem saiba que eu tive parte em tal. N'isto encarrego a vossa consciencia. A minha desencarreguei-a fazendo-vos saber o pouco caso que deveis fazer das cartas e memorias nas quaes, ainda que tudo vá de mal para peor, sempre se vos manda dizer que tudo está em bom estado. Deus applique o remedio necessario a tantos males para bem geral, e salvação de todas. Enxabregas, 8 de junho de 1571.

P. S. — (Da propria mão da Rainha)

*Eu estou reduzida a tão triste estado, que tenho a infinita necessidade das vossas orações. Este reino está perdido pelas razões, que vos tenho dito. Se a vossa saude vol-o permitisse, seria grandemente util para o serviço de Deus, que aqui viesseis fazer uma visita: vereis por vós mesmo a verdade do que vos digo, e poderieis dar remedio. Deus me dê a mim o soccorro de que sabe a minha alma tem necessidade no meio d'estas afflicções.*

Eu a Rainha

Simão Rodrigues e Ignacio de Loyola

# LXXVIII

## O Cardeal jesuita

O cardeal D. Henrique tinha-se deixado constituir em chefe apparente das intrigas, que no paço urdiam os jesuitas, e que alcançaram duas importantes victorias. A primeira, quando se tratou da escolha de mestre para D. Sebastião, sendo preferido um jesuita; a segunda levando a rainha regente a dar a sua demissão. D. Catharina era catholica na mais completa expressão do catholicismo no seculo XVI, tinha um respeito quasi, senão absolutamente supersticioso pelo sacerdocio; mas o seu caracter, a consciencia das responsabilidades da sua situação impediam que fosse subserviente ás ordens dos jesuitas, que se tinham tornado os verdadeiros senhores na côrte. Por isso a perseguição d'estes a não abandonou senão quando a viram completamente alheada de seu neto, e recolhida a uma casa religiosa. Ficavam, pois triumphantes, tendo sob o seu jugo, como chancella inconsciente, esse cardeal, que a Providencia consentiu que nascesse nos degraus d'um throno, para flagello de Portugal. De 1562 pois, anno em que D. Catharina abdicou o seu cargo de regente, até 1568, em que D. Sebastião se declarou maior, os jesuitas governaram este país como senhores despoticos. Seabra e Silva pôde portanto escrever, com as mãos cheias de provas:

«E não digo que o senhor infante cardeal *ficou governando*, mas sim que *ficou entendendo que governava*, porque na realidade ficou debaixo da inteira administração dos sobreditos confessores e dos seus parentes e adherentes, governando estes dispoticamente na realidade, e o dito sr. infante cardeal precariamente e só na apparencia; e constituindo o seu apparente governo um verdadeiro, declarado e indecentissimo interregno, manifestado por muitos escandalosos factos, dos quaes apontarei aqui sómente os necessarios, para darem uma idéa clara de que assim se passou effectiva e indubitavelmente.»

O primeiro facto citado, consta da maneira como os jesuitas, para fazerem acreditar ao cardeal na alta influencia d'elles em Roma, lhe fizeram crer que a bulla que o papa lhe concedera de *legado a latere*, continha privilegios extraordinarios, quando n'ella não havia mais poderes do que os que o papa concedia a qualquer dos seus nuncios ordinarios; e isto mais quando a curia sabia «que os mesmos poderes não podiam ser em Portugal de outro uso, que não fosse o de servirem de pretextos para se arruinar a soberania temporal d'esta corôa ao livre arbitrio dos *jesuitas*, despoticos directores do espirito do mesmo surprehendido e enganado principe».

O segundo facto é mais grave; no primeiro tratava se de captar a influencia d'um vaidoso; no segundo vae envolvida a dignidade da nação e a honra do rei. A pretexto de estarem exhaustos os thesoiros regios, — nos quaes elles tinham mettido as mãos sem consciencia nem escrupulos — supplicaram ao

papa Pio IV um subsidio ecclesiastico, que lhes foi concedido por uma bulla, cujas clausulas convém citar, para se vêr como os jesuitas arrastavam o nome português nas lamas do descredito e da subserviencia. O papa concedia para ajuda da armada, que o reino queria armar contra os moiros, dusentos e cincoenta mil cruzados, cada anno cincoenta mil, com as seguintes clausulas:

«A primeira, que este dinheiro seja para manter uma armada de galés, naus ou caravelas, a qual armada se ha de chamar ecclesiastica. A segunda, que esta armada ha de ser mantida d'este dinheiro, e além d'ella ha S. A. de ter outra armada, que agora tem á sua conta e despeza. A terceira, que esta armada ecclesiastica ha de tambem servir contra os infieis, herejes e scismaticos, e contra quaesquer pessoas que o papa quizer que sirva em sua ajuda e favor. A quarta, que as bandeiras d'esta armada hão de ter as armas reaes d'el-rei nosso senhor a uma parte, e as do papa e sé apostolica igualmente á outra. A quinta, que d'este dinheiro ha de haver tres lançadores, um que S. A. escolha, outro o cardeal infante, outro a cleresia, e que sejam todos tres pessoas ecclesiasticas. A sexta, que estes tres hão de ordenar um recebedor, ou uma arca, ou logar seguro onde esteja este dinheiro para se dispensar n'este uso sómente. A setima, que se um anno sobejar alguma cousa, se guarde para o anno seguinte, e que estes lançadores postos por S. A. cardeal e cleresia, que são tres, e os mais thesoureiros e arrecadadores, serão obrigados cada anno a darem conta a uma pessoa, que sua santidade e sé apostolica mandar aqui estar para lh'a tomar. A oitava, que a pessoa que houver de tomar estas contas, terá jurisdicção para constrager os tres e aos outros a fazer aquillo que ordenar n'este negocio. A nona, que todas as vezes que o santo padre ou seus successores pedirem a el-rei nosso senhor, que lhes manda esta armada para defensa das terras da Egreja, ou para contra infieis, herejes ou scismaticos, S. A. será obrigado a lh'a mandar de graça livremente, sem sua santidade dispender n'ella coisa alguma. A decima, que alem d'esta armada ecclesiastica seja el-rei obrigado a mandar com ella outra armada tamanha, e tão boa como ella, em conserva para se lá servirem de ambas e á sua custa de el-rei e do reino.»

A consciencia dos que tiveram conhecimento d'este diploma revoltou-se por tal forma, taes coisas se disseram ao caduco cardeal, que este julgou preciso escudar-se com a opinião d'um sabio, então muito conceituado no reino, o padre João de Beja [1] e solicitou d'elle uma consulta; mas com a intenção reservada de que ella fosse u na defesa da obra jesuitica.

Enganaram-se, porém. O theologo arguto, o palaciano que recebera da corôa largas prebendas esqueceu tudo para se lembrar que era português, e a sua consulta foi um monumento de sensatez, pundonor, brio e revolta. O sopro quente da honra de Portugal, vivifica cada linha d'essa memoria, que ao mesmo tempo respira um nobre enthusiasmo. Examinando por ordem cada uma d'essas engenhosas clausulas, que só jesuitas, sem a mais leve noção de pundonor proprio e nacional podiam acceitar, escreve:

«Eu, senhor, sempre ouvi dizer que as rendas do mestrado de Christo, Sant'Iago e Aviz, com suas commendas e beneficios, eram applicadas para a guerra dos moiros,

---

[1] O citado Barbosa diz d'este theologo o seguinte: «Era n'este tempo celebre a fama do doutor João Affonso de Beja, illustre por nascimento, e muito mais por lettras, pelas quaes mereceu ser lente de vespera de canones, quando a Universidade estava em Torres Vedras, antes de se transferir para Coimbra, e ser desembargador da Casa da Supplicação; foi irmão de Fr Antonio de Padua, religioso franciscano que assistiu ao concilio de Trento, como theologo de el-rei D. João III. Governou o bispado do Algarve, na ausencia do bispo D Fernando Coutinho, que foi regedor das justiças, e depois o arcebispado de Braga pelo arcebispo D. Manuel de Souza, irmão do conde do Prado, onde foi conego, e serviu muito com a sua grande sciencia dos sagrados canones no provincial celebrado na mesma cidade em 1556 pelo veneravel D. Fr. Bartholomeu dos Martyres. Sendo estes logares pequeno premio ao seu merecimento, foi capellão fidalgo d'el-rei D. João III, deão do Algarve, arcediago e conego doutoral em Lagos, depois prior de Macedo, abbade de S. Pedro de Gandara, e S. Bartholomeu de Campello.

e para os offender e nos defenderem d'elles os que os comessem, e tambem ouvi dizer que era uma boa quantidade de dinheiro o que estes fructos rendiam; pois se esta renda é d'este uso e para estas armadas de galés, naus e caravelas e não se pode dispender em outro nenhum, como é logo possivel não ter o rei nem o reino dinheiro para esta mesma coisa, pois a renda é de cada anno e se paga e arrecada? E se disser que se gasta nos *collegios de Coimbra*, ou *com os padres da companhia*, que culpa tem Samora para deixarem de o dizer assim ao papa?

«Agora, senhor, quero tratar das condições. A primeira é que esta armada se ha de chamar ecclesiastica. O dinheiro de que se ha de pagar ha de ser português, e quem o ha de pagar portugueses, e os que n'ella hão de andar por capitães, soldados, mestres e marinheiros portugueses, e a armada se ha de chamar ecclesiastica, para que el-rei, como em coisa ecclesiastica, não tenha n'ella poder sem sacrilegio; hei medo que se acolham a ella malfeitores tambem, e que não possa entender com elles Francisco Dias do Amaral, como dizia Caaxem Xaroto; digo que o entenderei mal, se é coisa de lettras; mas se a armada se houvera de chamar ecclesiastica, parecia que sua santidade a havia de mandar pagar do patrimonio da Egreja universal, e não da particular. Esta condição se pudera bem escusar, sequer por se guardar o decóro a el-rei, em cujo nome se pediu.

«A segunda condição, que esta armada não escuse a el-rei outra, que agora tem das galés, que traz na costa, e assim lhe concedem esta com condição, que tenham est'outra, e são duas armadas, pois se a costa se defendeu até agora com a que S. A. tem, e todos os annos tomamos galés e navios do reino aos turcos e moiros, esta outra armada de que ha de servir, mais que estar prestes para o papa, com a gente, mantimentos, artilharia e munições! E se nós não pudemos bem armar, ou não queremos uma armada, como armamos duas! Se esta desalliviára o reino da outra, ainda tinha algum cheiro de saude, mas a condição com que ella se acceitou não diz.

«A terceira condição é que esta armada ha de servir aos papas contra quaesquer pessoas que elles quizerem que lhes sirva: assim que o papa tiver guerra com os franceses sobre o Avinhão, que agora chamam hereges, ou com os castelhanos sobre Napoles, ou com os venezianos e genoveses sobre suas paixões e ligas, quizer tomar Marselha dos portos do mar d'aquelles com que a tiver, mandará ir a armada dos portugueses de Portugal, á custa da egreja portuguesa a fazer guerra a nossos amigos e visinhos e a morrerem n'ella, ou matarem aos outros; e d'isto não se faz algum caso, nem conta; e dir-me-hão estes senhores officiaes: *Isto nunca ha de acontecer, e quando fôr, mentiremos e não faremos nada d'isso.* Pois para que era logo acceitado? e se se não havia de cumprir, para que era pedido? E mais temo eu que com a consideração que se acceitar, com ella mesmo nos mandarão morrer de muito boa vontade.

«A quarta é, que as bandeiras d'esta armada hão de ter as armas d'el rei nosso senhor de uma parte, e as do papa e sé apostolica da outra. Igualmente para esta conclusão quizera eu vivo meu amigo Francisco Pereira Pestana, honra dos fidalgos, e cavalleiros portugueses, para que tirara d'aqui algumas conclusões das suas, pudera ser esta uma. Todo aquelle português que pediu, ou acceitou a bulla do subsidio com a condição que nas bandeiras reaes d'armada estivessem as armas do papa de uma banda, e as d'el-rei da outra, egualmente commette traição de lesa magestade. Todo o que offender, e injuriar a honra, e estado do seu rei, commette traição; e aquelle que consente, approva, ou favorece, que na bandeira, guião ou estandarte real, onde estão as armas d'el-rei, se ponham outras de outra pessoa, offende e injuria a pessoa e citado do rei pelo que se segue, que commette traição. O que fôr consentidor, ou auctor que na bandeira, onde estiverem as armas reaes, se ponham autras eguaes da outra parte, faz em Portugal outro senhor superior dos portugueses egual a el-rei, pelo que commette traição.

«As armas direitas do reino sem mistura não as póde em Portugal ninguem trazer, nem levantar, senão sómente a pessoa de

A peste em Lisboa

rei; nem o principe herdeiro as pode trazer sem differença, ou signal, que o rei é superior e singular e que não tem companheiro nem egual: e quem fizer o contrario, offende a majestade do rei, que n'isso consiste; segue-se que conceder e acceitar, em nome do rei, que em seu reino na bandeira de suas armas, e na armada de seus portuguezes se outras armas ponham eguaes, que se offende a majestade real e é traição.

«D'estes corollarios se poderão tirar muitos, mas por incurtar, digo sómente, que me espantou muito, como n'este negocio não lembrou, que não faltou nos tempos antigos quem dissesse, deixasse escripto, que Portugal era feudo da Egreja; e nos agora queremos introduzir uma especie de vassalagem para parecer verdade o que não é; pois aos compositores da bulla não lhes faltou n'isto ardil, porque sempre vão n'ella servir ao papa e seus successores: Napoles paga uma faca branca, e Portugal livre, isento, e franco, pagará uma armada, e será ella portuguesa, e nas bandeiras reaes virão com as d'el-rei as armas extranjeiras, que é uma gentil condição.

«A quinta condição é dos tres lançadores clerigos, um d'el-rei nosso senhor, outro do cardeal infante, outro da cleresia; agora menos inconveniente fôra, porque o cardeal porá dois, um por V. A., outro por si, posto que se não cumpra a forma da bulla; mas se o tempo se mudar, tanto monta pôr el-rei um como nenhum; pois de tres, dois hão de fazer o que quizerem; e ainda n'isto se pedir e acceitar assim houve tão notavel descredito, além dos descreditos, além das desconfianças, que se contém na sexta condição, em que manda fazer um recebedor, e uma arca, como de captivos, e orphãos, e dá ordens, que o dinheiro que lhe ficar de um anno, lhe fique para o outro, com tanta sujeição e acanhamento nosso, como se fôra dentro em Roma, e as rendas foram dos direitos do Tibre, e se contratára com algum mercador de pouco ou nenhum credito; e isto parece aos officiaes de S. A. que está muito em seu logar.

«A oitava condição, põe ainda esta brida na metade do rostro das barbas; porque diz, que estas tres pessoas escolhidas por el-rei nosso senhor, pelo cardeal, e pela cleresia, sejam obrigadas a dar conta a um italiano, que S. Santidade mandará estar aqui para isso: de maneira, que um arcebispo de Lisboa, e outras pessoas d'esta conta a que parece que o negocio se deve commetter, serão de tão pequeno resgate, e tão pobre credito, que virá um flaminio ou um canobio a tomar-lhes conta, e pôr-lhes o dado na testa, e emprazal-os ainda, se cumprir da parte do fisco, que appareça em Roma pessoalmente e assim m'o diz a nona conclusão, e que dá esta sobrerolada da jurisdição sobre elles para as poder constranger á sua vontade. Eu não sei quem elles hão de ser; mas os que forem, se tal acceitarem, não poderão escapar á infamia de os terem por vilissimos homens.

«A nona condição é a mesma que a terceira, senão, que declara melhor, que S. A. seja obrigado a mandar esta armada de graça aos papas, quando o houverem mister para defenderem o patrimonio da Egreja; de sorte, que se o imperador, ou el-rei de França, ou de Castella, sobre as razões que cada um pretende ter, tiverem contenda com o papa, madrugarão os portuguezes, e a armada da egreja de Portugal a offender os principes christãos, e tomar o reino brigas com quem elles desejam muito de as ter, maiormente dando-lhes nós tão grande occasião. Quem me dera saber para falar com estes padres, e perguntar-lhes, se havemos de ir quando nos chamarem; e se formos, que será de nós depois de declarados inimigos de nossos amigos; e se não fôrmos, se faltarão ao papa os frades, que tinha o papa Julio, quando procedeu contra el-rei de Navarra, por não dar passagem a el-rei D. Fernando? E por aquelle processo mau, ou bom, serve agora el-rei de Navarra em França, e seu reino. Ainda cá d'est'outra banda do rio não nos podemos ver desempeçados de molucos, nem de represalias de França nem de armada de Inglaterra, e armam estes senhores outras armadilhas novas: perguntem-lhes se nos mandarão ir contra Inglaterra, que agora teem por scismaticos ou hereges, se havemos lá de ir conforme a bulla; e d'alli se pode comprehender quão boa condição é esta, e a terceira.

«A ultima condição creio, que dirão os officiaes d'el-rei nosso senhor, que pouco vae n'ella, se a não determinavam de cumprir, como parece, não vejo eu como um rei, e tão pobre como elles o fazem, ha de dar aos papas cada vez que lhe pedirem a armada ecclesiastica, e mais outra tamanha armada como ella de galés, náus, ou caravelas á custa do reino, e assim são duas armadas para o papa, e com outra que el-rei é obrigado a ter, são tres armadas, que hão de ter mais mantimentos, mais homens, mais artilharia, e mais capitães, do que ha em toda a Hispanha; porque tudo isto pode concorrer junto em um verão: ora se nós somos tão ricos, tão francos, que offerecemos á custa d'estes reinos, duas armadas aos papas para cada vez que elles quizerem, que disparate é pedir-lhes subsidio para uma só?

O terceiro acto em que os jesuitas envolveram o cardeal, e cujas consequencias ainda hoje as sentimos, e que por mais d'uma vez tem perturbado o rumo das nossas relações com Roma, e provocado conflictos de consciencia foi a acceitação do concilio de Trento. «E isto, diz Seabra da Silva, não porque algumas das cortes catholicas romanas duvidasse receber as decisões do mesmo concilio pelo que pertencia á espiritualidade, que só podia e pode fazer objecto das decisões da Egreja; mas sim, e tão sómente porque em algumas sessões do mesmo concilio se introduziram diversos pontos de secularidade, similhantes aos que haviam feito os assumptos dos protestos dos embaixadores do sr. rei D. João I no antecedente concilio de Constancia [1]; pontos nos quaes se intentou cortar pela soberania e independente temporalidade das monarchias e estados livres, que desde a creação do mundo até então tinham conservado a independencia e distinção com que foram creados em beneficio da mesma Egreja e do socego publico».

Assim, pois, mal que a bulla da conclusão do concilio chegou a Lisboa, logo foram expedidas as mais terminantes ordens para que todos os decretos do dito concilio fossem executados sem restricção alguma.

Com o animo do rei sujeito á sua vontade, armados com as decisões do concilio, considerando que o cardeal já lhes não servia para nada, e que lhes era mais proficuo abusarem d'um menor de quatorze annos, fizeram com que D. Sebastião, que já tinha oito annos de ensino jesuitico, tomasse as redeas do governo.

Desde esse momento foram elles, os jesuitas, os reis de Portugal de facto; havendo quem affiance que nos seus sonhos d'ambicioso poderio, chegaram a pensar em serem reis de direito.

---

[1] O protesto de Egydio Martins e Pedro Velasco, embaixadores de D. João I ao concilio de Constancia acha-se incorporado na sessão XXII do mesmo concilio e é assim concebido:

«Porque ambos os ditos poderes (isto é, espiritual e temporal) foram constituidos por Deus creador de todas e cada uma das coisas, um para presidir espiritualmente ás coisas espirituaes, o outro para governar temporalmente as coisas corporaes; por isso se conhecem distinctas todas as coisas que estão debaixo da jurisdição dos reis e reinos, pela disposição de Deus supremo arbitro de todo o universo, o qual commetteu a cada rei a espada da execução para castigar os maus e proteger os bons; entre os quaes se comprehende a protecção dos catholicos e da santa Egreja de Deus. Por isso escreveu o Apostolo, que se deve obedecer ao rei, como preexcellente e mandado por Deus; por cuja razão devem os reis ser reverenciados por todo o universo, devendo-se-lhes esta reverencia pela sagrada auctoridade que diz: *Dae a Cesar o que é de Cesar.*»

Continua o mesmo protesto, dizendo:

«O qual rei de Portugal tem seus reinos, terras e dominios livremente e livres, *sem reconhecerem superior algum vivente na terra*, mas *sómente Deus*, principalmente nas materias temporaes.»

E conclue:

«Protestamos tambem por este escripto uma e muitas veses, instante e instantissimamente, que tudo o que for ordenado, disposto e coodernado depois de este protesto por quaesquer votos contra direito e justiça, seja nullo, irrito e vão; e tambem que tudo o que for determinado pelos taes votos, ou quaesquer outros do presente concilio, ou de quaesquer outros prelados de qualquer condição, estado, dignidade ou proeminencia, seja da mesma sorte nullo e não possa fazer algum damno, detrimento, ou prejuiso do serenissimo rei nosso senhor, nem aos seus reinos, nem aos prelados beneficiados, e terras sujeitas ao dito rei nosso amo, *e que não tenham nem devam ter alguma execução, nem obediencia nos seus reinos, terras, e dominios, senão em quanto e n'aquellas coisas nas quaes o mesmo rei nosso amo depois de informado e certificado pelo presente protesto, quizer, lhe parecer e agradar prestar o seu consentimento*»

# LXXIX

## Os jesuitas e D. Sebastião

Um medico celebre entre nós, que foi ao mesmo tempo um professor distinctissimo e um escriptor vernaculo, incisivo e com idéas, n'um livro que se tornou notavel pela orientação nova e scientifica com que ahi são tratados certos problemas do ensino e da historia patria[1], quando se refere a D. Sebastião, procura, para corroborar a sua these da epilepsia impulsiva d'este infeliz rapaz, limpar de toda a culpa o jesuita Luiz Gonçalves da Camara, seu confessor. Qualquer que seja o respeito perfumado d'amisade que sempre tivemos pelo mestre, bem como o que devemos á sua memoria, não impedirá isso de notarmos que o amor da these o fez um tanto parcial em favor do jesuita, que nos apresentou como «um crente, um santo, um mystico!»

Mas, se o padre Camara foi tudo isto, e se o sabemos, é por intermedio dos jesuitas, seus socios, e portanto fontes suspeitas — se D. Sebastião foi um impulsivo, isto é, victima do seu temperamento, a não admittirmos a theoria das idéas innatas, quem incutiu no espirito de D. Sebastião aquellas a que elle depois imprimiu a força irreductivel da sua epilepsia, foi o seu mestre. Além d'isso este mestre era jesuita, tinha como primeiro dever obedecer cegamente, e mesmo sendo santo, como se quer que fosse, cumpria as ordens recebidas, sem pensar, sem reflectir, obrando por imposição alheia, como o discipulo obraria por impulso proprio.

No correr da vida de D. Sebastião, encontramos os Menezes e outros que se atrevem a combater-lhe a insensatez dos projectos guerreiros; mas não sabemos que nunca o seu confessor, um dos raros de quem elle era amigo, por quem chorou quando fallecido, que teria n'elle uma indiscutivel auctoridade, se atrevesse a fazel-o. Luiz da Camara estava junto do rei, no posto de confiança onde o tinha collocado a companhia, tinha ao lado seu irmão Martim da Camara, possuidor dos sellos regios, e um e outro não fizeram senão animar e lisonjear as tendencias do rei, para conservarem sempre aberto e inexgotavel, em favor da S. J., o cofre das graças, dos privilegios e das concessões.

Quando o bispo de Vizeu se dirige ao papa, para pôr cobro ás doidices do rei, os jesuitas não apoiam as pretenções do clero português, porque, no meio do esbanjamento geral, nos exgotamentos da nação, são elles os unicos sempre a aproveitar e a haurir.

O casamento do rei podia trazer ao paço uma mulher que não fosse de feição jesuita, e elles sabiam já que trabalhos lhes dava a rainha avó, e por isso Luiz da Camara procurou animar no rei esse desejo que elle tinha de ser *sempre casto*. Qualquer que fosse o resultado da aventurosa ida a Africa, elles saberiam tirar d'ella o maximo proveito. *Victorioso*, eram as licções do mestre citando

[1] Manuel Bento de Sousa — *O Doutor Minerva*. Lisboa 1894.

O jesuita Alexandre de Mattos na batalha de Alcacer Kibir

as façanhas de D. João I em Africa, que tinham preparado a victoria, era Portugal, e portanto os jesuitas, dictando a lei do norte ao sul da Africa, dominando a entrada do Mediterraneo; e, quem sabe se não, (o sonho era grandioso) aproveitando-se dos embaraços que de todos os lados ameaçavam a Hispanha, elle não conseguiria obter para si a hegemonia na Europa.

*Vencido*, é porque os serviços a Deus feitos por elle não eram completos, e convinha encher mais a bolsa da companhia para que ella, a filha dilecta de Jesus, desviasse para longe a corrente nefasta.

*Morto*, lá estava o cardeal para lhe succeder, e esse era mais do que amigo, era um subserviente incondicional.

Quaesquer, pois, que fossem as consequencias das expedições africanas, elles sempre lucrariam; mas, á cautella, foram obtendo tudo quanto appeteciam.

E o que elles appeteceram e conseguiram do pobre rapaz a quem governavam estonteia! Citaremos em resumo as mais importantes concessões:

Auctorisação para que o reitor jesuita do collegio de Coimbra possa mandar comprar, tirar e levar para esta e quaesquer outras cidades, villas e logares do reino, todo o trigo e cevada, centeio, milho, e quaesquer outros mantimentos, bem como no que diz respeito a gado e carnes de que o dito reitor tivesse necessidade. «E que o dito reitor, diz o alvará, não tenha razão de se agravar; e qualquer que assim o não cumprir, ou contra isto fôr, incorrerá em pena de vinte cruzados...»

Começavam a vida em Portugal preludiando com estes monopolios, as grandes negociatas em que a companhia se ia tornar famosa.

Em 15 d'agosto de 1559, redigem e fazem assignar um alvará para que os gados que lhes pertencem possam pastar nas vizinhanças da cidade de Coimbra, sem alguem os poder impedir.

E com isto ficaram senhores das pastagens publicas, e os seus pastores isentos das posturas da camara.

O alvará de 2 de janeiro de 1560 determina que os religiosos jesuitas, que fossem examinados no dito collegio de Coimbra, fossem admittidos a tomar grau na Universidade *gratis*, sem obrigação de juramento, e se a Universidade os não admitisse, assim mesmo fossem havidos por graduados.

«E d'aqui, diz Seabra da Silva, ficou a desgraçada Universidade cheia d'idiotas extranhos, e os filhos desanimados para os estudos, vendo que para ser doutor bastava que se vestisse uma roupeta da companhia.»

Outro alvará veiu confirmar e ampliar este, ordenando que todos os religiosos da S. J., que fossem graduados fóra da Universidade, fossem tidos e havidos como graduados em Coimbra.

E depois d'isto não haviam de ser preferidos os collegios jesuiticos!

Mas não ficaram aqui os privilegios. O alvará de 13 d'agosto de 1561 impunha que nenhum estudante se pudesse matricular na faculdade de canones ou na de direito sem levar certidão do *Collegio das Artes*, o que tanto valia como impôr á Universidade sómente estudantes jesuitas.

Depois o *Collegio das Artes* foi incorporado na Universidade; «e que o conservador da Universidade o fosse tambem d'aquelle collegio; que se não pagasse ao conservador nem ao meirinho da Universidade sem certidão dos jesuitas, em como aquelles tinham cumprido as ordens d'estes.»

O alvará de 31 de março de 1578 foi passado, para que os despedidos e saidos da companhia não pudessem ser elegidos para examinadores dos bachareis ou licenceados, que se examinassem no *Collegio das Artes*, e que nenhum d'elles disputasse nem se assentasse no logar dos mestres em todos os actos publicos.

A 27 d'abril de 1569, estando o rei em Salvaterra, os jesuitas determinam em seu nome: que o collegio das Artes não pague propinas nem emolumentos d'especie alguma; — que ao syndico do collegio, sendo doutor da Universidade, se dê seu logar nas audiencias e exames privados dos jesuitas, como tem o syndico da Universidade e gose de todos os mais privilegios de que elle gosar; — que aos empregados do collegio se dê carne e peixe pelo almotacé da Universi-

dade, como se fossem membros da mesma Universidade; — que os estudantes jesuiticos tenham os mesmos privilegios que os da Universidade; — e os que contra isto forem paguem vinte cruzados.

Mas não pára aqui a caudal dos privilegios, para a pouco e pouco se ir desapossando a Universidade dos seus lentes e professores proprios e se introduzirem os jesuitas na posse tanto das cadeiras como dos bens e privilegios universitarios.

Em 10 de maio de 1571 é expedido novo alvará, para que se apregoasse em Coimbra que nenhuma pessoa pudesse ser recebida a dar porção fóra do Collegio das Artes, ou para ser recebida por pensão em casas particulares, ou em differentes collegios. Era um novo monopolio, como nunca mais estalajadeiro algum depois d'elles se lembrou de pedir.

Outro alvará mandava punir os estudantes que fizessem descortezias aos mestres e caloiros do collegio das Artes.

Martim Gonçalves da Camara, o chanceller, irmão do confessor Luiz Gonçalves da Camara, alcançou em 1569 um alvará que determinava como os portuguezes deviam comer, beber, vestir e gastar. Era a paralysação de todo o desenvolvimento industrial e commercial.

O conhecido escriptor Jeronymo Conestaggio [1], quando fala d'estas leis e do caso que d'ellas se fazia, escreve:

«Promulgaram leis tão severas (aliás estupidas), e antes de tudo sobre ós comestiveis, que apenas no tempo antigo da velha Esparta poderiam ser n'ella recebidas. Exprimiam as leis pelos seus nomes os generos dos mantimentos que prohibiam ou permittiam; tambem exprimiam as coisas com que deviam ser compradas, e o modo por que a cada um podia ser licito gastar o seu dinheiro. Vedavam geralmente o uso de todas as mercadorias extranjeiras, que se introduzem para o regalo e commodidade dos homens.

«Porém estes violentos remedios não só foram inuteis e ridiculos, mas confirmaram a opinião dos que estabelecem que os ecclesiasticos não são mais aptos para a administração da republica, do que os magistrados civis, para tratarem as coisas ecclesiasticas, etc.»

Com razão escreve Seabra da Silva: que os jesuitas que foram incumbidos da educação de D. Sebastião não cuidaram de fazer d'elle um homem, que tinha para dever governar uma nação, mas «muito pelo contrario, tomaram por empresa crearem um noviço sem actividade para mandar, inteiramente sujeito para obedecer-lhes, e desarmado de toda a defesa para lhes resistir, elegendo por meio proprio para estes seus fins uma direcção inteiramente abstracta e reduzida a obras espirituaes d'incessantes devoções, tão proprias e santas na profissão d'um religioso, como mal entendidas para fazerem a continua applicação d'um monarcha, o qual deve de justiça ao seu reino e aos seus vassalos o tempo que aquelle distraido monarcha foi costumado a consumir com discursos mysticos e com obras de superrogação.»

Orientando a educação do moço principe n'esta ordem d'idéas, não lhes convinha que D. Sebastião casasse, ou, se o fizesse, que só fosse com mulher em quem elles dominassem. São bem conhecidas as complicadas intrigas que elles urdiram não só para evitar os casamentos que se projectavam para o rei, como as que teceram para que fossem julgados alheios ás embaixadas e combinações que se fizeram tanto em França como na Austria, para que Margarida de Valois e depois a archiduqueza d'Austria D. Isabel viesse ser rainha de Portugal.

Prevendo todos os casos, trataram d'espalhar, por meio dos seus socios, que D. Sebastião era inhabil para o matrimonio, afim de assim prejudicarem quaesquer trabalhos que pudessem ser feitos sem elles serem ouvidos, ou que a razão d'estado tivesse mais imperio do que a vontade d'elles. Foi para verificar tal boato que D. Filippe II enviou a Portugal Christovam de Moura e com elle disfarçado um medico, ao mesmo tempo que Pedro de Alcaçova partia para Madrid a tra-

[1] *De Portugaliæ conjunctione cum Regno Castella.*

ta do casamento [1] com a archiduqueza.

Mas todos os seus estratagemas ficaram a descoberto pela carta que o provincial da Austria, Lourenço Maggio, escreveu n'aquelle tempo ao seu geral, Francisco de Borgia, lamentando-se dos escandalos que estava dando n'este reino o governo jesuitico, e dizendo em summa, *que era publico que elrei de Portugal fazia muitas coisas com escandalo e opressão do reino, que os nossos que o governavam eram d'isso auctores, que o queriam fazer jesuita* [2], *e que lhe impediam o casamento com a irmã de el-rei de França.*»

Este testemunho irrefutavel corre impresso n'uma carta que se pode ler na *Historia da companhia*, por Francisco Sacchini [1].

Para que sem embaraços dispuzessem do animo de D. Sebastião, obrigaram-o como já vimos, primeiramente a desfeitear sua avó D. Catharina, para que ella se afastasse da côrte e lhes deixasse o terreno livre, e finalmente por tal sorte intrigaram o rei com o cardeal, que este, apesar de creatura d'elles, tambem se afastou da côrte.

Foi durante o periodo de que nos occupamos n'este capitulo, que irrompeu e lavrou em Portugal com uma intensidade aterradora a chamada peste grande.

Barbosa Machado, referindo-se a este triste acontecimento, escreve:

«E passava de quarenta annos que a metropole d'este reino gosava d'uma corrente de tempos benignos e salutiferos, quando no principio d'este anno de 1569, precedendo uma inundação d'agua, que se fez mais nociva com nevoas copiosas e espessas, se começaram a descobrir erysipelas e carbunculos de tão maligna qualidade, que, instantaneamente communicados de uns a outros, e augmentados em temores com pintas, privavam com tanta acceleração da vida, que logo se inferia ser o achaque epidemico...»

O que fazem os jesuitas? Obrigam o rei e a côrte a abandonar a capital, e o mesmo determinam que façam os professos de S. Roque e os collegiaes de Santo Antão; ficando apenas em Lisboa uma parte relativamente pequena dos seus, e em geral aquelles cujo prestimo era tido em pouco pelos dirigentes da companhia, outras tantas victimas destinadas á consagração do martyrio [2].

---

[1] Isto mesmo se deduz d'uma carta que em 20 de março de 1576 o conde de Portalegre, embaixador de Filippe II em Lisboa, escreveu a seu amo e da qual baste que copiemos o seguinte trecho:

«Cosa es averiguada nõ haver hecho elrey prueva de si, ni intentadol-a jamas. Muestra de mas desto tanto aborrecimento a las mugeres que aparta los ojos dellas; y se una dama le dá copa, busca como tomar-la, sin tocarle las manos. Juega un dia entero a las cañas, y nõ levanta la cabeça a las ventanas Por outra parte el aspecto es de hombre muy sano, y antes fuerte, que defectuoso. Dizem todavia, que tiene en las piernas una frialdad muy grande, y assi los abriga mucho; pero muy buena fuerça deve tener en ellas; porque haze grandes exercicios a la gineta. Criaronle los de la compañia, affeando-le tanto el trato con las mugeres, como um pecado de herezia, y bevio aquella doctrina de manera que no haze diferença de lo que es virtud y gentilesa, a lo que es ofensa de Dios: y assi suspecho, que podia ser nõ aver en el este defecto, que se teme....»

[2] Pasquier, no seu *Catecismo dos jesuitas*, escreveu: «Os jesuitas astutos e previdentes viram logo que este territorio (Portugal) era o mais adequado possivel para o plantio da sua vinha. Para aqui adquirirem mais credito, assim que chegaram, em vez de se chamarem *jesuitas*, deram-se o titulo de *apostolos*, como quem segue a Jesu-Christo. Quando o reino passou ás mãos de D. Sebastião, estes bons apostolos pensaram na maneira de fazerem cair a successão da corôa em familia sua, e por muitas vezes solicitaram que d'alli para o futuro ninguem pudesse ser rei de Portugal sem ser jesuita, e escolhido pela ordem, assim como em Roma o papa é escolhido pelo collegio dos cardeaes. E porque este rei (supersticioso como a propria superstição) não podia, ou para melhor dizer, não se atrevia a condescender, os jesuitas lhe fizeram saber que era essa a ordem de Deus, fazendo-lhe ouvir uma voz que vinha do ceu, junto do mar; de maneira que este pobre principe, por tal forma tratado, foi ao local indicado, mas uma serie de circumstancias impediram que a comedia desse resultado.»

---

[1] Esta carta acha-se reproduzida, em latim, nas *Provas da Deducção Chronologica*, etc., com o n.º XVI.

[2] E' isto o que claramente affirma um manuscripto, que pertenceu ao cubiculo do preposito da casa professa de S. Roque, e que tem por titulo: *Historia da Fundaçam e progressos da Casa de S. Roque*, etc., e que existe na B. Nacional de Lisboa, Fundo antigo, n.º 4491. Escreve elle:

Leiam agora os que estão de boa fé o que escreveu o chronista B. Telles, e digam-nos se não ha n'este o firme proposito d'uma redacção ambigua para occultar o facto da saida: «...Foi tal o fervor dos padres e irmãos d'esta casa de S. Roque e do collegio de Santo Antão, que, ordenando os superiores a alguns que saissem para fora da cidade, todos pediam que os deixassem ficar para ajudar os seus proximos em tão lastimoso naufragio.»

Os que ficaram, se acudiram, com os religiosos das outras ordens, aos enfermos, começaram por attribuir o flagello aos peccados dos outros, isentando se a si, e assim espalharam o terror e o desanimo na população, obrigando o povo a penitencias e mortificações e estabeleceram por meios dolosos «o geral fanatismo, com que precipitaram os mesmos afflictos povos (que deviam consolar e ajudar) no miseravel estado de ficarem alienados da razão e de si mesmos, sem terem a menor resistencia, a executar tudo quanto depois lhes quizeram introduzir os mesmos directores, debaixo de pretextos de religião e piedade; fanatismo que do povo subiu logo ao palacio real e que dentro n'elle subiu ainda até o mesmo throno da majestade...»

Para se fazer idéa do exagero, chamemos-lhe assim, com que os jesuitas contam as suas façanhas humanitarias, baste que se diga que o padre Cypriano Soares, em carta remettida para Coimbra ao provincial Leão Henriques, diz-lhe «que á sua conta e dos seus companheiros tinha DEZ MIL enfermos!»

Desculpemos-lhe o exagero em nome dos quinze mortos que deixaram na lucta; mas

O cardeal D. Henrique.

recordemos que em troca, quando o flagello terminou e a miseria era geral, elles estavam mais ricos do que nunca tinham sido!

«...e depois de ordenar por este intento sacrificios e orações continuas, se mandaram para fóra da cidade aos collegios e outros logares desempedidos, os padres e irmãos que pareceram por então escusados, ficando sómente os que não se podiam escusar..»

# LXXX

## Alcacer-Quibir

Um dos nossos escriptores mais respeitados da geração que está prestes a passar [1], referindo-se á batalha d'Alcacer Quibir, escreveu um capitulo d'historia que tem todo o cabimento n'estas paginas, ás quaes veem dar uma auctoridade incontestavel.

D. Sebastião, segundo o honrado guarda mór da Torre do Tombo, «amava os exercicios marciaes, as empresas arriscadas, a relação dos feitos heroicos. Fomentavam-lhe *seus mestres* esta propensão natural com os livros por onde lhe ensinavam, e os exemplos da historia que iam insinuando na alma docil do real pupilo. Falaram-lhe d'Africa e na terra inimiga do povo christão por antipathia de crenças; e do nome português por antagonismo de raças e resentimento de armas. Ouvia de continuo accusações estudadas contra seu avô, por ter largado aos moiros as praças de Arzila, Zafim, Azamor e Alcacer [2]. Traçavam industriosamente na sua presença o parallelo entre D. João III que abandonara (ao que inculcavam sem necessidade) aquelles pontos tão importantes e D. Duarte, que nem Ceuta unica se atrevera a entregar em resgate de D. Fernando: homenagem se pode dizer inspirada em honra d'aquella praça, que tinha de ser a primeira aurora de novos descobrimentos no Oriente. E o principe, seduzido d'estas praticas, e de seu proprio coração, ensaiava-se (como então lh'o consentiam a edade e as circumstancias) para empresas mais serias: — correndo toiros, monteando porcos, jogando cannas, fazendo justas e torneios: — destrissimo em todas as lides. Com taes disposições conformavam a robustez de constituição e forças naturaes d'el-rei. Conta se, que cortava d'um golpe duas tochas de quatro pavios, e que nas teas meneava as lanças com ligeireza, como se fossem varas delgadas. Se um javali perseguido, se voltava contra elle na carreira, passava-o d'uma só lançada. Ao cavallo mais possante opprimia por modo entre os joelhos que o animal sossobrava. Assim entretido nas coitadas de Salvaterra e Almeirim, de verão; de inverno, na serra de Cintra, passava a maior parte do tempo, desamparados os negocios. Afoito e temerario na terra, não o era menos no mar, onde por divertimento

---

[1] Sr. A. d'Oliveira Marreca, no *O Panorama*, vol. I. Se. 2.ª — 1842 — Pag. 302.

[2] Simão Rodrigues tinha chegado a persuadir D. João III que elle estava excommungado por aquella cedencia, e obrigou-o a impetrar do papa dispensa da excommunhão; o que fr. Manuel dos Santos, na sua Historia Sebastica, relata assim:

«Que el-rei seu avô, com erradissimo e detestavel conselho havia largado aos moiros as ditas praças; que necessariamente se fez aborrecida a memoria do dito senhor rei D. João III; que atropellava os respeitos do culto divino e da honra portuguesa; e que emfim dera signaes de se arrepender do erro, mas tarde; porque pediu ao papa Paulo III o mandasse absolver das censuras em que incorreu.»

E conclue: «Estas ou outras equivalentes foram as praticas que ouviu el-rei D. Sebastião aos seus familiares, e tambem aos seus mestres os padres Luiz Gonçalves e Amadeu Rebello...»

amava perigos e afrontava tempestades, por maiores que fossem.

«Governava ainda o reino a virtuosa rainha D. Catharina; mas não tinha forças para arredar o rei d'um modo de vida, tão arriscado como pouco conveniente, ao decoro do monarcha e aos interesses da monarchia. Quem era o mestre, o valido, o mentor do principe? O jesuita Luiz Gonçalves, depois seu confessor. Este, com outros da sua manga, fabricaram em volta d'el-rei como uma muralha, a que não pudessem chegar os avisos dos homens cordatos. Aconselhavam-lhe o exercicio da caça pelo mais proprio para fortalecer o corpo á guerra [1]; trazendo-o assim por entre brenhas e mattos e ausente da côrte, para elles mandarem á sua vontade. Prégavam-lhe umas maximas hypocritas de castidade, com que o afastassem do matrimonio, com que o mantivesse n'um celibato, talvez, concertado para fins politicos, com que a elles lhes durasse mais o valimento e o poderio. Tão encantado e sujeito tinham a el-rei, que nem queria comer com a rainha, só porque a serviam as damas á mesa!

«A rainha maguada do mau caminho por onde levavam o neto e iam levando o Estado, e das intrigas que perfidos cortezãos tinham semeado entre ella e o monarcha — largou as redeas do governo ao cardeal infante D. Henrique (1562), velho inhabil, tão sequioso como incapaz de dominar! Aos jesuitas que já privavam com el-rei, appensou um outro — o jesuita Martim Gonçalves, irmão de Luiz Gonçalves — e com o cargo d'escrivão da puridade e suprema jurisdicção nos negocios da justiça!

«A corôa estava assim entregue aos dois irmãos: o principe entregue aos seus pensamentos d'Africa, pensamentos inquietos que o agitavam a cada hora, que lhe devoravam o repoiso, a reflexão e a mocidade, paixões que fermentavam terrivelmente no tempestuoso coração do mancebo, ás quaes a educação, acanhada por ignorancia e por maldade, não tinha deixado aberta senão uma porta unica — e essa porta, por onde saiam impetuosas e precipitadas, franqueando precipicios, conduzia á ruina do Estado. A educação physica do principe fôra encarecida; a educação moral viciada: a intellectual comprimida.

«Sendo tantos os estimulos e nenhum o correctivo, como havia de resistir ao impeto da edade? Parte a Africa (1574). Ir e recolher-se quasi foi acto continuo. Deu alvoroço esteril aos fronteiros, rebate aos inimigos e denuncia da nossa fraqueza. Voltou sem gloria, mas ao menos sem desastre.

«Voltou a prevenir-se para partir de novo, mais determinado, mais enthusiasta, mais ardente do que tinha ido.

«Manda Pedro de Alcaçova a Castella a tratar da guerra e do casamento com a filha d'el-rei Filippe. Parte elle mesmo a vêr-se com o monarcha, seu tio, em Guadelupe (1576). Alli praticam sobre os dois pontos. O astuto Filippe finge, a principio, querer dissuadil-o de fazer a guerra por sua pessoa. Contava com a pertinacia do sobrinho. Cedeu facilmente a ella, rematando por elogiar-lhe o intento. Prometteu-lhe emfim a filha por esposa, e ajudal-o na jornada d'Africa, com cincoenta galés e cinco mil homens. Promessas que não haviam de ter cumprimento — promessas de Filippe de Castella a Sebastião de Portugal — do velho ambicioso, que cubiçava uma nova corôa, ao mancebo sem conselho, que havia de perdel-a com a vida! Quiz a Providencia que a esta entrevista dos dois reis, para tornal-a mais ironica, não faltasse o duque d'Alva, e que Sebastião offerecesse o commando supremo das tropas d'Alcacer-Quibir ao guerreiro, cuja espada havia de metter no senhorio de Hispanha o sceptro religioso do finado d'Africa! [1]

---

[1] E tambem porque vindo dos exercicios violentos um grande esgotamento nervoso, mais facil lhes era conservarem o pupilo avesso á idéa do casamento.

[1] «Finado d'Africa, ou fallecido em prisão d'Estado na Europa? E' ponto de duvida para alguns, e entre esses, para os que no mausoleu do convento de Belem lhe puzeram o epitaphio:

«*Hic jacet in tumulo (si vera est fama) Sebastus. Quem dicunt Lybicis occubuisse plages.*

«Se as inscripções funerarias se hão de tomar por oraculos de verdade, e crer como as derradeiras palavras do moribundo, são incertos o logar, o modo e o tempo d'esta morte.»

Desenganado, pouco depois (1578) do auxilio offerecido por seu tio, voltou-se para outros recursos; impetra de Gregorio XIII a bulla da cruzada (a que já nos referimos em capitulo anterior); depois as terças das egrejas e emphyteuses, sobre as quaes se compõe em lhe dar voluntariamente a Egreja 150 mil cruzados. Levanta, por um como emprestimo forçado dos judeus, dos prelados e seculares ricos, sommas consideraveis. Cobra pedidos lançados pelos povos e mercadores. Toma para a fazenda o trato do sal. Arrecada com diligencia as rendas e contractos nacionaes. Augmenta (achaque economico d'aquellas eras) o valor da moeda. Recruta tres mil tudescos em Allemanha, dois mil soldados em Castella, em Portugal nove mil. Ordena uma bandeira d'aventureiros em que se alistaram mil soldados, uns fidalgos da primeira linhagem, outros cavalleiros honrados, e todos veteranos na milicia e provados no esforço. Ajunta entre homens de cavallo e gastadores, tres mil. Toma ao serviço como auxiliar a gente de uma esquadrilha italiana, que o temporal trouxera ao porto de Lisboa. Ao todo reuniu mais de 25:000 homens de peleja [1], mas bisonhos e mal armados a maior parte, raros de arcabuzaria, os capitães pouco experimentados, os aprestos e machinas de guerra nenhuns ou quasi nenhuns.

Mas levava na armada quinze jesuitas, dez padres e cinco irmãos, sete dos quaes desembarcaram com as tropas, e oito ficaram em os navios [2].

«Era contraste notavel o afinco com que os cortezãos, instrumentos do cardeal, o cardeal creatura de Filippe, e Filippe escravo da sua politica tortuosa e sagaz, estorvavam o casamento do monarcha — e a previdencia com que o braço popular dos tres estados, já nas côrtes de 1562 dava á rainha, então governadora, o seguinte apontamento: «Que case el-rei, posto que não tenha edade, e seja em França, e a mulher se traga e se crie n'este reino...»

«Embarca para onde o guiavam seus fados, o principe desventurado. Sinistros presagios o acompanham n'esta viagem. Ancóra em Lagos, e quando ao surgir manda levantar a ancora, apenas os forçados começam de vogar, apparece-lhes um homem morto, atravessado no esporão da galé! Domingos Madeira, seu musico, canta-lhe pelo mar o romance melancolico:

*Ayer fueste rey d'España;*
*hoy no tienes un castillo!*

Era por fins de junho de 1578.

.....................................

«Aos 4 d'agosto do mesmo anno el-rei D. Sebastião estava apagado da lista dos vivos, e o exercito português dispersava-se, completamente roto e desbaratado, nas ardentes planicies d'Africa. A educação e o ensino de Luiz Gonçalves da Camara tinha produzido os seus funestos effeitos. Portugal ia perder a sua liberdade e independencia. Parece que o ceu quiz amaldiçoar até o fim a obra dos jesuitas, porque foi um d'elles, Alexandre de Mattos, quem, ao começar a batalha, arvorou o Santo Crucifixo!

.....................................

A crença de que foram elles os causadores da morte do rei e da desgraça da nação, estava tão arreigada no espirito publico, que já em 1587 se precisavam defender da accusação escrevendo:

«Apoz esta infeliz jornada da Africa, a qual os nossos trabalharam com el-rei D. Sebastião todo o possivel por impedir...»

O povo sabia bem que a jornada d'Africa era a curva fatal d'um movimento dado e adquirido.

---

[1] Assim o affirma fr. Bernardino da Cruz, capellão-mór da expedição; mas Pedro Mariz, escriptor tambem contemporaneo, diz, nos *Dialogos de varia historia*, que os combatentes não chegavam a 12:000.

[2] Dos sete, morreu um na peleja e seis ficaram captivos, sendo depois todos resgatados. Faltaria o dinheiro para resgate dos soldados, mas nem um real para o dos jesuitas.

Jorge Serrão insinua a sua vontade ao cardeal-rei

# LXXXI

## Pescadores d'aguas turvas

A' indignação publica, que os accusava como causadores da desgraça e perda do rei e da nação, precisavam elles arremessar victimas que chamassem sobre si a vingança, desviando-a d'elles. Mas para isso urgia entrarem de novo nas boas graças do cardeal, que, por conselhos ou insinuações d'elles, não tinha sido escolhido por D. Sebastião para fazer parte do conselho do governo, durante a sua ausencia; e que, despeitado, se retirara da côrte, residindo ao tempo, em Alcobaça.

Assim, pois, o seu primeiro cuidado foi mandarem um dos seus, Jorge Serrão, a Alcobaça communicar a triste nova ao cardeal, prestar-lhe homenagens reaes em nome da companhia, e não o largar mais, conduzindo-o a Lisboa. Serrão cumpriu a missão á risca, chegando á capital em companhia do novo rei, a 16 d'agosto de 1578.

A sua principal incumbencia era insinuar no animo do caduco Henrique que elles estavam isentos de culpa e macula na jornada d'Africa, mas que era preciso castigar, para satisfação publica, aquelles que tinham consentido n'ella, taes como Pedro de Alcaçova Carneiro, que substituira no governo Martim Gonçalves, Luiz da Silva, embaixador de Portugal na côrte de Madrid, e até D. Antonio, prior do Crato, que tinha acompanhado o rei á Africa verdadeiramente constrangido, e D. João duque de Bragança, que egualmente o fôra, e que com D. Antonio acabava de ser resgatado do captiveiro.

Mas como taes meios, além de demorados, não eram efficazes, tendo pouca influencia em a massa popular e tinham o inconveniente de descontentar a nobreza, começaram a espalhar que D. Sebastião não morrera na guerra, servindo-se para isso do que dizia Miguel Leitão, soldado do terço de D. Christovam de Moura, que affirmava ter visto o rei vivo depois da batalha, de varias publicações n'esse sentido, e por ultimo publicando uma serie de prophecias d'aquelle Simão Gomes, sapateiro de Evora, a que já nos referimos, e que elles em tempo tinham mandado vir para Lisboa, hospedando-o em S. Roque, onde morreu a 18 d'outubro de 1576 «accompanhado de luzes e resplendores celestiaes», como conta B. Telles.

Pelo que tocava ás suas relações com D. Sebastião, diz o mesmo chronista:

«Era sua vida tão santa, a oração tão continua, a modestia tão rara, tão admiravel o exemplo, que com razão lhe deram em Portugal o nome de *sapateiro santo*. Suas respostas pareciam de um oraculo divino. El-rei D. Sebastião o mandava chamar muitas vezes, e praticava com elle mui devagar; e para o não cançar de joelhos, o fazia assentar em uma cadeirinha raza, e talvez o mandasse chamar ao conselho d'Estado, e lhe ouviam e seguiam o seu voto, ainda que poucas vezes!»

Depois, por todos os meios ao seu alcance, fizeram correr mundo as prophecias do sapateiro, na intenção de trazerem os espiritos inquietos, o proprio cardeal-rei sobresaltado, e o animo popular nas condições de poder

acceitar, n'um momento dado, qualquer direcção que lhes aprouvesse, a elles jesuitas, imprimir-lhe. Convem desde já dizer que as chamadas prophecias de Simão Gomes não passavam de meras invenções dos padres de S. Roque, de quem o nome do sapateiro era um simples editor irresponsavel.

Além dos fins indicados, como elles temessem, pela animosidade geral que contra elles lavrava em todo o reino, que d'aqui os expulsassem, queriam firmar-se invocando a fé dos oraculos, e por isso, na vida que publicaram de Simão Gomes, estamparam:

«Um só dito seu (com licença dos nossos e extranhos) quero que se saiba, e é, que quiz Deus remediar este reino pela companhia, fazendo-a acceita aos que governavam e querendo-o castigar, a mandou afastar, e pôr muito longe.»

«Palavras, diz Seabra da Silva, e com razão, as quaes por si sómente bastariam para desmascararem o estratagema da referida vida de Simão Gomes, e das suas chamadas prophecias.»

Depois, procuraram por todos os meios ao seu alcance isolar o cardeal-rei de todas as côrtes extranjeiras, ainda por meio das patranhas attribuidas ao sapateiro, como se do contacto com qualquer extranjeiro que fosse viesse logo inoculação de heresia a Portugal.

Como se dois prophetas fossem pouco para a segurança dos reverendos padres, inventaram outro, mas esse mesmo da propria casa, na pessoa do irmão leigo Pedro de Basto, cuja vida compoz ao modo d'aquella sociedade o jesuita Fernam de Queiroz, introduzindo n'ella: que tambem este tinha prophetisado a derrota d'Africa, e a supervivencia e vinda milagrosa do mesmo rei D. Sebastião.

E não lhes bastavam estas burlas. Das vidas dos santos extraiam phrases que mais ou menos torcidas applicavam aos seus fins, especies de centões perfidos que mantinham os espiritos inquietos e sobresaltados, e chamavam para os que tinham perdido o rei uma certa sympathia, por serem elles agora aquelles que mais porfiavam em prophetisar a sua vinda.

Mas se por um lado de novo se assenhoreavam do espirito fraco e indeciso do cardeal rei, por outro anteviam que o proximo rei seria Filippe de Castella, e com uma dualidade de sentimentos, talvez habil como jesuitas, mas criminosa como portuguezes (se é que os jesuitas tem patria, o que negamos) começaram a machinar para o terem por si em occasião opportuna.

Já vimos, no começo d'este livro, que Carlos V encarregara Francisco de Borja de tratar com a regente D. Catharina a passagem da corôa portuguesa para a cabeça d'um rei castelhano, dada a hypothese de morrer D. Sebastião sem descendencia, e que a regente, conhecendo o animo da nação, se negou a entrar em negociações a tal respeito. Era chegada a occasião de se reatarem as negociações, quanto mais não fosse para predispôr o rei em seu favor, caso elle viesse a ser senhor de Portugal, como tudo se preparava para isso. O caminho a seguir era não se declararem leal e francamente por um dos outros pretendentes; mas ás occultas insinuarem no espirito do imbecil e vingativo cardeal-rei o odio a D. Antonio, prior do Crato, e fazerem valer ao raciocinio, menos que infantil de D. Henrique, os inconvenientes de nomear sua sobrinha, a duqueza de Bragança, para sua successora na corôa, como elle queria.

Apparentemente, como dissemos, fazem gala da neutralidade, e Créteneau Joly é o proprio a accentuar essa situação dubia quando escreve:

«O cardeal D. Henrique, subindo ao throno, conservou-lhes a estima que tinha testemunhado á ordem desde a sua fundação. (Não é bem verdade, mas adeante.) No meio dos herdeiros que, ainda em sua vida, aspiravam á sua successão, os jesuitas não appareciam *ostensivamente* [1] alistados sob bandeira alguma. Portugueses a *maior parte d'elles*, deviam ter uma repulsão natural contra tudo que fosse hispanhol. Poderiam elles apoiar Filippe II, que, no fim de contas, não lhes era favoravel senão de má vontade? Por outro lado tambem se não atreviam a ampararem o duque de Bragança, que não mostrava nem a coragem d'um fundador de dynastia, nem a audacia d'um conquistador. O duque de Bragança ia de seu motu proprio

[1] O gripho é nosso.

para o rei de Hispanha, e quer fosse timidez, quer indolencia, elle não disputava esta corôa senão por descargo de consciencia.

«Effectivamente, diz de Thou [1], este duque que confessa a sua fraqueza, começava a capacitar-se que lhe era mais vantajoso conseguir a protecção d'um principe tão poderoso como Filippe, do que obstinar-se a sustentar os seus direitos, visto que não estava certo de resultado favoravel [2]».

«Nada seria então mais facil aos jesuitas do que fazerem-se declarar ao cardeal por seus successores, visto que elle só via pelos seus olhos, não se determinava senão ouvindo-os. Elles tinham avaliado o duque de Bragança dos pés á cabeça; tinham-o julgado tal qual o pinta o historiador de Thou, isto é, ambicioso e pusilanime, e não era permittido a homem de tino contar com um pretendente que não fazia valer os seus direitos senão com meticulosas precauções. Então deixaram correr as coisas, conservando-se na neutralidade.

«Esta neutralidade foi por tal fórma conhecida, que em Madrid e no Escurial accusavam-os de favorecerem com os franceses a D. Antonio do Crato, competidor de Filippe, e em Lisboa e em Coimbra eram perseguidos como partidarios do rei de Hispanha.»

Depois de tão categorica affirmação do historiador official da ordem, não pode haver duvidas de que os jesuitas foram n'este triste periodo da nossa historia, além de intrigantes, verdadeiros pescadores n'aguas turvas.

Mas esta mesma apparencia de neutralidade a desmente Conestaggio, quando diz que foram elles, que levaram o moribundo rei a nomear por seu successor a D. Filippe, em prejuiso do reino e da duqueza de Bragança; mas ainda mais do que os factos contados, os factos realisados; e entre elles um capital, isto é, ter sido a maioria dos cinco governadores do reino nomeados por D. Henrique da parcialidade dos jesuitas; taes como Diogo Lopes de Sousa, D. João de Mascarenhas, o mesmo que avisára Filippe de Castella das tenções do cardeal de nomear successor na sua sobrinha, e Francisco de Sá, tres individuos da cabala jesuitica. Os outros dois eram o arcebispo D. Jorge d'Almeida, e D. João Telles de Menezes, victimas destinadas a serem vencidas e ao mesmo tempo bandeiras que indicassem que o governo do reino não era todo de renegados.

Outro facto, foi a missão de Jorge Ferrão a Villa Viçosa a fim de conseguir de D. Catharina que desistisse do seu direito, atemorisando-a com as tropas e forças do rei de Hispanha.

D. Henrique morre a 31 de Janeiro de 1580, deixando ordenado em seu testamento que o reino se entregasse a quem tivesse mais justiça; e a justiça foi a entrada armada e triumphante do castelhano em Portugal! Por isso bem avisado andou o povo quando, por unica oração funebre, cantava á beira do caixão do ultimo filho de D. Manuel, syntethisando as maldições da nação, a seguinte trova:

> Viva el-rei D. Henrique
> Nos infernos muitos annos,
> Pois deixou em testamento
> Portugal aos castelhanos.

[1] Créteneau Joly, a quem n'este logar serve o testemunho do auctor francês para injuriar o duque de Bragança (pag. 71 do vol. II da *Historia da Companhia*), algumas paginas antes do mesmo volume (pag. 60) comparando-o com Conestaggio, diz elle: «Cada pagina de Conestaggio é assim desfigurada por de Thou. Elle segue a ordem dos acontecimentos, tal qual a apresenta o auctor genovez, mas assim que se trata de jesuitas, aos quaes parece que Conestaggio não é absolutamente indifferente, de Thou altera completamente o pensamento e a narração do seu guia. Elle accusa os jesuitas, quando Conestaggio os não mette em scena ou os absolve das accusações pela narrativa dos proprios factos.»

[2] Pena é que tão honesto e imparcial escrevinhador que, quando lhe convem, saiba citar De Thou e que não encontrasse na obra d'este as seguintes palavras: «Assim que o duque (d'Ossuna) chegou a Lisboa com Guardiola, (então fiscal do concelho de Castella) conheceu logo que Henrique favorecia o partido do duque de Bragança, o qual havia casado com Catharina filha de Duarte, porque cria a sua justiça mais bem fundada. Para lhe fazer mudar de parecer, se serviu o mesmo duque dos jesuitas. Estes padres, que tinham grande poder no espirito d'este principe, lhe mostraram por muitas razões, que o direito d'el-rei de Hispanha se achava inquestionavelmente melhor estabelecido.» Accrescentavam que se perderia em pouco tempo o fructo de tantos annos de trabalhos e despezas, quantos se tinham empregado por tantos annos em estabelecer a religião nas Indias. Estas razões fizeram impressão sobre o espirito d'este principe, naturalmente timido, e o fizeram esfriar muito no seu primeiro intento...»

Egreja de S Roque

# LXXXII

## A casa de S. Roque e o collegio de Santo Antão

Antes de seguirmos a acção dos jesuitas nos acontecimentos politicos da nossa historia, digamos primeiramente, com dois exemplos, como elles conseguiram duas das mais importantes fundações, o que tanto vale como dizer por que meios se realisaram as restantes do país, e depois relataremos como eram constituidos os seus collegios e de que maneira n'elles se vivia [1].

Não se contentaram os jesuitas com o collegio e casa que tinham em Santo Antão. Pequena como era, não correspondia á magnificencia e grandiosidade de que queriam dar mostras, e por isso conseguiram resolver D. João III a intrometter-se na acquisição que queriam fazer da ermida de S. Roque [2].

«O sitio que aos padres mais contentava, escreve B. Telles, e para onde parece que uma inclinação occulta e inspiração fatal os chamava, era o da ermida de S. Roque. Ajudava-os a este tacito impulso parecer-lhes que, como estava a ermida em um campo despovoado, seria mais facil a compra para o templo e para a casa. Além d'isto os convidava muito a boa sombra das oliveiras o logar descoberto ao norte, os ares sadios, e o sitio todo accommodado para se fazer um grande edificio.»

Que de coisas perfidas em tão poucas palavras! Se o sitio era despovoado não havia necessidade de desalojar a irmandade da sua ermida, e fazerem a projectada construcção mais ao norte. Mas a concorrencia dos devotos era grande a S. Roque, as esmolas pingues, e convinha-lhes umas e outras.

Oppuzeram-se os membros da confraria á compra que os jesuitas lhe queriam fazer, e só a imposição do monarcha os levou a cederem, o que fizeram com algumas clausulas pesadas, sendo uma d'ellas fazerem-lhe na egreja nova uma capella de S. Roque, administrada exclusivamente pela sua antiga

---

[1] Em 1591 já o cardeal D. Henrique tinha construido em Evora um edificio para seminario, que depois entregou nas mãos dos jesuitas, e elevou a universidade por bullas, que só alcançou em 1558.

D. Fr. Bartholomeu dos Martyres fundou-lhes, em 1650, o collegio de S. Paulo, em Braga.

Em 1603 começaram a construcção d'uma casa para noviciado, no alto da Cotovia, em Lisboa, que se concluiu em 1629. O marquez de Pombal transformou-a, depois de expulsal-os, no *Collegio dos Nobres*.

O incendio de 22 d'abril de 1843 reduziu-a a cinzas, edificando-se depois, em seu logar, a actual *Escola Polytechnica*.

Em 7 de maio de 1621 entraram em Santarem, e depois de andarem morando por varios sitios da cidade, alcançaram de D. João IV os paços reaes, e começaram a construcção do collegio e egreja, que concluiram em 1679.

[2] Por occasião da peste de Lisboa, no reinado de D. Manuel, mandou este pedir á Senhoria de Veneza, onde está o corpo de S. Roque, alguma reliquia d'este santo advogado do terrivel mal. Obtida a reliquia, mandou, em 1506, construir uma ermida, para a collocar á veneração publica, n'um olival que estava fóra dos muros de Lisboa. Foi logo instituida uma irmandade, que tomou a seu cargo a administração das esmolas, que alli concorriam em abundancia e para á manutenção do culto.

irmandade. Quizeram mais os jesuitas com o tempo mudar a invocação da egreja, mas o rei não lh'o consentiu. Estava escripto que não teriam em Portugal egreja alguma com a invocação do seu patrono.

A companhia tomou posse da ermida no primeiro domingo de 1553, com uma grande festa a que assistiu a familia real, prégou Francisco de Borja, e fizeram profissão do quarto voto Gonçalo de Oliveira, Gonçalo Vaz de Mello e Antonio de Quadros, que foram os primeiros professos em Portugal. Realisaram se mais profissões de coadjuctores espirituaes e temporaes. Logo concertaram umas casas terreas que alli existiam e para ellas se passou o provincial Mirão com treze ou quatorze socios, copiemos agora o manuscripto já citado:

«Começaram logo os padres a prégar domingos e dias santos e fazer doutrina do pulpito aos domingos á tarde, e acudia grande auditorio de gente principal e do povo, e com isso havia frequencia dos sacramentos da confissão e communhão todos os dias, com tanto augmento, que pela semana parecia ser dia de festa. A gente que acudia aos sermões da tarde foi por vezes tanta, que a egreja ficava muito mais pelo campo, e para que conforme a sua devoção se lhe desse parte da doutrina, saía outro padre ao campo, e prégava-lhe debaixo das oliveiras.»

Em 1554 D. João III mandou comprar terreno para o edificio de casa e horta, e logo construiram mais um corredor com oito cubiculos pelo alto e algumas casas por baixo.

A este tempo já eram trinta os padres que alli habitavam; e como a egreja fosse pequena para a muita gente que a frequentava, determinou-se que os oitenta palmos de vão, que a ermida tinha em comprimento, ficassem de largura, e se lhe accrescentasse em comprido oitenta palmos, ficando assim a egreja velha como cruzeiro.

Abriram-se os alicerces para esta obra em 1555 e diz o manuscripto citado que: «começou-se a obra com cincoenta cruzados, que se pediram emprestados a uma pessoa, e no outro dia deram trinta de esmola.»

As obras continuaram vagarosamente, porque se a nobreza tinha muita devoção aos jesuitas, alargava pouco os cordões á bolsa e por isso «assim se continuou muito devagar; segundo havia esmolas por alguns annos, até que se levantaram as paredes d'aquelles oitenta palmos em comprido, que ficavam em corpo da egreja, na altura que haviam de ter. Depois cobriram o vão com telhado e assim ficou servindo por muito tempo».

Tendo morrido Ignacio de Loyola em Roma, os jesuitas obtiveram 500 cruzados de D. João III para irem á Italia assistir á eleição do novo geral[1]; mas como não foram, o rei disse-lhes que applicassem o dinheiro ás obras de S. Roque «dizendo que quando tornassem a ir daria outro.» Com este dinheiro e outro de esmolas fizeram novo dormitorio com desoito cubiculos em cima e outros tantos em baixo.

A colmeia vae se alargando e tanto que «n'este tempo seriam já os moradores d'esta casa quarenta ou mais, e por ser o refeitorio pequeno para tantos se fez mais uma cozinha e junto d'ella uma casa grande de sessenta palmos em comprido e trinta e quatro de largo, que serve *interina*[2] de refeitorio com tres casas que além d'ella ha, que servem de despejos, sobre o qual refeitorio se fez uma casa grande, e outras tres pequenas em que poisavam os noviços[3], com capella para ouvir missa, posto que o primeiro intento foi que a dita casa grande e as tres pequenas de cima, servissem d'enfermaria, emquanto se não fizessem as officinas proprias que hão de ser.»

Com 2:000 cruzados concedidos pela regente, e que vieram da India em 1561, se começou no anno seguinte a portaria, e uma pequena castra junto d'ella, e outras depen-

[1] A concessão d'este subsidio, aliás importantissimo para a epocha, desmente as affirmações de que os primitivos jesuitas viajavam pedindo esmola e dormindo nos hospitaes, 500 cruzados de então devem andar muito proximo de 1:200$000 réis da nossa moeda actual.

[2] Em 1587, ultima data do ms. que vimos extractando.

[3] Por occasião da peste de 1579, os noviços foram mandados para Evora e Coimbra, e nunca mais houve noviços n'aquella casa.

dencias e maiores accommodações, duas cisternas, cerca com dois pomares, horta com laranjeiras e dois tanques para lavagens.

Accommodados bem, os padres voltam em 1566 a pôr mão na egreja. Mas agora estão fartos de dinheiro e resolvem que ella seja de tres naves e a capella mór d'abobada, «e com este intento se começaram os alicerces e pilares para columnas, mas d'ahi a um anno se deu a ultima resolução que fosse de uma nave, e desfazendo-se o que estava feito, se proseguiu a obra algum tanto de vagar, segundo se haviam as esmolas, nem se abriu mão da obra no tempo da peste que se seguiu...» Em 1571 as obras continuaram com mais intensidade; em outubro de 1573 arma-se o andaime para o forro do tecto, cujas asnas são feitas com madeira vinda especialmente da Prussia, e as linhas teem mais de vinte metros de comprimento. Continuaram os augmentos da casa, de fórma que em 1577 havia já alli setenta padres e tinham-se gasto 75:000 cruzados, «da qual somma a mór parte se tirou dos alvitres que a rainha D. Catharina, governando o reino, e depois D. Sebastião concederam para a fabrica da egreja e casa, no que tambem se deve muito á memoria d'el-rei D. Henrique, por concorrer n'isto, assim no tempo que governou com a rainha, como quando succedeu no reino a el rei D. Sebastião.»

A dominação castelhana perturbou, no seu começo, as obras de S. Roque, e até o governo economico da companhia. Nem o duque d'Alba, nem os seus soldados viam os jesuitas com bons olhos, e os de Lisboa tiveram que soffrer vexames da soldadesca e desacatos de pessoas. Mas dentro em pouco souberam conquistar as boas graças de Filippe II, que não só mandou dar do dinheiro da India 1:000 cruzados para as obras, e acabar o tecto, mas deu ordem ao seu architecto para projectar as respectivas asnas [1].

[1] Os jesuitas, que tanto encarecem nas suas chronicas a obra d'este tecto, não dizem nunca o nome do architecto.

Por certas indicações sabemos que foi elle Filippe Terso, architecto italiano, que viera com o rei a Portugal, e que, além d'este projecto, fez o risco para a egreja de S. Vicente e para a sala dos paços da Ribeira.

Por fim, em 1568, estava quasi concluida a egreja, faltando apenas terminar a pintura do tecto, o que se fez, tendo-se dispendido, além do que já indicamos, a somma de 5:000 cruzados.

Um quarto de seculo levaram os jesuitas a levantar um edificio, grande e commodo sim, mas absolutamente banal, considerado como manifestação de arte [1]; e não teriam

[1] O frio e correcto Pignola, construindo a egreja *del Gesu*, em Roma, fixou o typo das construcções jesuiticas que se lhe seguiram, e de que demos um dos seus mais accentuados exemplares na estampa que representa a actual sé nova de Coimbra.

No meu livro *Em Hespanha — Arte e paizagem*, já tive occasião de escrever, referindo me á egreja do collegio dos jesuitas em Salamanca:

«Muitos negam a existencia de uma architectura jesuitica. E' uma teimosia que nada ha que justifique. A grande instituição a tudo impoz e imprimiu o seu caracter. Quem vê esta egreja d'um pseudo classicismo grego, pejado, cheio de concordancias curvas, de grandes columnas, de complicados e ricos ornatos, e conhece S. Roque de Lisboa, por maior que seja a differença entre uma e outra, aquella rica, esta pobre, aquella complexa, esta simples, não pode, comtudo, deixar de verificar que, se são differentes os lapis que traçaram uma e outra, se são diversas as decorações, é o mesmo o espirito que as anima, embora cada uma d'ellas seja filha de uma epocha differente.

S. Roque pertence ao periodo primitivo da catechese, da lucta, da organisação; era preciso impôr simultaneamente pela amplidão do espaço, para conter todo o mundo, e por uma pobreza apparente que suscitasse o amor e a veneração. Em Salamanca já são outros os tempos; a companhia está organisada, jé tem lançado os seus tentaculos por todo o mundo; o tempo dos santos como Ignacio e Francisco Xavier passára, e Aquaviva governava os jesuitas, a cujos pés ajoelhavam os reis como penitentes. O espaço para o povo na egreja é relativamente mais limitado, emquanto se alargam e desenvolvem as accommodações para trezentos missionarios com todas as dependencias d'uma grande universidade.

«Mas se as physionomias são differentes, os traços de familia são flagrantes, como acontece em Coimbra, em Braga, em Santarem, em Evora e em tantas outras cidades em que a companhia se estabeleceu. Em geral as fachadas não teem relação com o interior; são corpos formando um todo hybrido que não correspondem a outras tantas divisões internas. Na Se nova de Coimbra o contrasenso d'esta architectura chega a ponto de vir a curva da abobada da egreja cortar pelo meio as janellas d'um dos corpos da fachada, parte das quaes abrem para... o telhado.

levado a effeito a construcção, se os cofres reaes não concorressem com importancias avultadissimas, roubadas ás legitimas e urgentes necessidades da nação. Por fim os reis tambem cançaram, e foi preciso lançar a rede de arrastar ao povo. Foi então que elles espalharam prégadores por toda a cidade, prégando em favor da companhia; e se á concorrencia á casa de S. Roque, resultante das prédicas, escreveu: «...mas cresceu tanto, que bastando d'antes um porteiro, agora são necessarios dois que se ordenaram, e com muito trabalho satisfazem o seu officio.»

Apezar, porém, da difficuldade dos tempos, n'esses vinte e cinco annos que durou a

Egreja de Santo Antão

o estratagema produziu taes resultados, que o manuscripto que temos á vista, referindo- construcção, apezar dos grandes gastos que esta determinava, ainda os jesuitas encontra-

«O typo adoptado pela companhia é o da cruz latina, com uma só nave; capellas lateraes fundas, que equivalem a outros tantos gigantes disfarçados, e capellas móres com ricos retabulos. Exhibem grandes riquezas d'ornamentação e de materiaes preciosos, mas não existe uma unica em que se admire o sopro vivificador e inspirado d'um grande talento, animando, já não digo o conjuncto, mas um simples trecho. São todas ellas obras de sciencia na projecção e execução; joias de paciencia na ornamentação. A India influiu poderosamente n'esta, pelo emprego dos metaes, do marfim, e de materias de varios tons em embutidos; o Brasil enviou-lhes as madeiras sombrias, pesadas e resistentes, que elles tornearam e marchetaram, raras vezes com gosto, sempre com riqueza e perfeição. Fizeram sempre grande em proporções, nunca conseguiram o grandioso. Aqui estou em frente do retabulo da capella-mór do *Collegio*, enorme, sobrecarregado de ornatos, brilhante d'oiro, d'onde irradiam mil reflexos, adornado com quatro imagens collossaes dos Evangelistas, com as tunicas em movimentos desordenados, mas que nos deixa frios, insensiveis, e apenas fazem com que corramos a admirar de novo a *Casa das Conchas*, que mais formosa nos parece então na sua simplicidade.

ram meios, quando nas ruas se morria de fome e peste, de mandarem fabricar «muitas peças ricas para a sacristia, como foram calices de prata dourada, e alguns d'elles grandes, uma cruz de prata para enterramentos e alguns officios da egreja, que peza oito marcos e o pé sete. Uma custodia muito grande e formosa, que tem vinte e dois marcos de prata bem lavrada, um relicario grande de prata dourada que peza mais de vinte marcos. Fizeram-se alguns ornamentos, parte de peças que se davam, parte de novo e particularmente tres ricos frontaes de tella d'oiro e prata para os tres altares da capella-mór e collateraes, com uma vestimenta do mesmo.»

De 1583 a 1588 «fizeram-se tres ornamentos ricos e uma cruz de prata para o Santo Lenho, que o mesmo padre Claudio Aquaviva mandou a esta casa, *todo de outra despeza differente da que se gastara nas obras;* um dos ornamentos é de velludo verde e tela d'oiro, outro da mesma tela e velludo roxo, ambos inteiros de tres frontaes e tres vestimentas, para o altar-mór e as duas capellas collateraes, e o terceiro de velludo carmezim com tela. Depois se acabou de pintar o tecto.»

O poderio dos jesuitas tocava o seu auge, quando elles quizeram abandonar o seu antigo collegio de Santo Antão, á Mouraria, para edificarem uma egreja e uma casa senhoril nas vizinhanças do Campo de Sant'Anna, que ficasse sendo perpetuamente cabeça da ordem em Portugal. D. Sebastião queria auxilial-os com os fundos necessarios para as grandiosas construcções; mas o estado do país não o consentia, e a opinião tão clara e fortemente clamou contra o projectado desperdicio, que elles tiveram que addiar o intento, e esperarem melhor ensejo para de novo sugarem os dinheiros da nação.

O desastre d'Alcacer Quibir, permittindo a elevação ao throno do cardeal D. Henrique, fez que este, sem se importar com as desgraças do reino, nem com a miseria publica, auxiliasse os jesuitas na sua obra.

«Lançou-se a primeira pedra, conta o sr. Vilhena Barbosa [1], do novo collegio, sem apparato, e quasi ás escondidas, para evitar contrariedades, no dia 11 de maio de 1579. Porém, assim que isto constou, acudiu ao sitio muita gente do bairro, e ás pedradas obrigou os operarios a fugirem da obra. Desde então travou-se uma lucta porfiosa e tenaz, que, aggravando se cada vez mais, fez por muitas vezes do local das obras um campo de batalha.

«Por fim já não era só uma querella de vizinhos, era questão em que se empenhava toda a cidade, que não podia vêr traçado um edificio tão vasto, em que se iam consumir tão improductivamente immensos capitaes, estando o país n'uma situação a todos os respeitos tão precaria e afflictiva. A insistencia dos padres e a opposição do clero chegou a ponto de ir o Senado de Lisboa em corporacão a el-rei, pedir que mandasse parar com as obras, expondo-lhe as justas queixas dos habitantes. Os trabalhos pararam com effeito, porém pouco depois falleceu o cardeal rei, os exercitos de Castella invadiram o país, Portugal curvou-se ao jugo de Filippe II, e os portugueses, com a perda da independencia, cairam em completo desalento. E assim tiveram os jesuitas occasião favoravel para recomeçarem a obra com ardor.

«Entretanto, posto que não lhes faltou diligencia nem dinheiro, a grandeza do edificio era tal, que só se concluiu em 1652, dizendo-se a primeira missa na sua egreja, que foi dedicada a Santo Ignacio, em 31 de julho d'este anno. Porém, como os padres que foram occupar este collegio viviam no de Santo Antão, proximo da Mouraria, que depois venderam aos frades da Graça, por onze mil cruzados, sempre o povo ficou chamando áquelle Santo-Antão-o-Novo [2].»

---

[1] Vide *Archivo Pittoresco*. Tomo v. 1862, pag. 369.

[2] O terremoto de 1755 abateu a cupula e a abobada do cruzeiro da egreja e uma das torres da frontaria, e damnificou muito o edificio do collegio.

Quando os jesuitas foram expulsos, em 1750, foi o edificio destinado para receber os enfermos do hospital de Todos os Santos, destruido por aquelle cataclismo, recebendo então o nome de hospital de S José, que ainda hoje conserva. Escapou do terremoto a sacristia, que é notavel pela profusão e disposição dos marmores com que são forradas as paredes, e feito o pavimento.

# LXXXIII

## Um collegio jesuitico

Para conhecer a vida interna d'um collegio da companhia, não hesitamos em transcrever as seguintes paginas d'um antigo trabalho nosso, a fim de preencher essa lacuna [1].

A compilação de documentos sobre que fizemos o presente estudo abrange um periodo de cento e dezenove annos, visto que o livro manuscripto que os contém vae de 1569 a 1688, embora na sua maioria elles pertençam ao ultimo quartel do seculo XVI. Em todos se torna evidente a solução precisa e pratica das questões, segundo uma determinante utilitaria que foi, e continua a ser, o fundo das instituicões da Sociedade de Jesus, e uma das suas principaes forças, atravez dos mil escolhos mundanos por entre os quaes, ora com derrota tormentosa ora facil, tem navegado — n'essa infinda viagem — a fortissima companhia.

Quando se lêem esses pesados *in-folio*, que faziam vergar, nas suas encadernações de grosso pergaminho, reforçadas com salientes pregos de bronze, as prateleiras das estantes das antigas bibliothecas conventuaes, e nos quaes se acham explanadas, desenvolvidas e commentadas as regras das ordens monasticas, n'uma linguagem tão mystica como arrevezada e retumbante, ordenadas com profunda ignorancia do coração humano, e se percorrem as *Constitutiones societatis Jesu,* pequenas de formato, de edição nitida, concisas de redacção, claras nas observações, humanas nas imposições, sente-se immediatamente a superioridade social dos jesuitas, e comprehende-se, sem grandes dispendios de transcendencias sociologicas, como, com uma tal organisação, elles conseguiram transformar o catholicismo, e substituirem-se á Egreja romana, cuja norma actual são essas mesmas instituíções.

Os mil casos particulares, que no correr da vida se apresentam no governo dos collegios e das casas professas, eram resolvidos pelos geraes ou visitadores logo em seguida á consulta, e as suas resoluções passavam a ser lei, como acontece hoje com ss accordãos dos tribunaes superiores. Essas resoluções, porém, tinham um caracter particular e de decisão transitoria, ou por outra, não se impunham a toda a Ordem e constituiam uma especie de direito consuetudinario, de costumeiro adoptado em tal e tal país, foral especial d'este ou d'aquelle collegio; porque os jesuitas tinham o bom senso de não admittir regras absolutas na direcção e educação da humanidade; e, fóra dos pontos constitucionaes, fundamentos da sua organisação, usavam, seguiam, ou accommodavam se aos costumes das sociedades, povos e civilisações em cujo meio viviam.

---

[1] Cf. *O Catholicismo da Côrte ao Sertão*. Guillard, Aillaud & Compagnie. Paris, 1884. Com esta transcripção preenchemos, como acima dizemos, uma lacuna n'este livro, e indirectamente respondemos áquelles que, quando ainda não tinham sido publicadas as primeiras paginas da *Historia Geral dos Jesuitas*, já aggrediam o auctor, como se só de agora elle se dedicasse a assumptos de historia religiosa.

Ao contrario das bacterias que precisam de meio apropriado para se desenvolverem e pullularem, elles desenvolvem-se e pullulam em qualquer meio pela facilidade d'assimilação que os distingue das outras aggremiações religiosas.

Exemplo:

Em 1584 o geral Aquaviva, o grande organisador da companhia em detalhe, o homem da minucia, o esquadrinhador do coração e da intelligencia alheia, chamou a Roma seis theologos jesuitas das diversas nações da Europa e encarregou-os de comporem um tratado sobre a escolha de opiniões doutrinaes (*Tractatus de opinione delectu*), no qual se dizia «que quando as opiniões d'um auctor fossem mal recebidas em qualquer pais, não se sustentavam ahi, embora se ensinassem n'outro». Isto podia não ser coherente, mas era muito pratico.

E' esse espirito eminentemente utilitario que o leitor vae encontrar nas paginas que se seguem, e que são outros tantos extractos das cartas ou lembranças dos superiores sobre casos particulares e que podem ser conhecidos na integra por quem ler o livro das *Obediencias dos geraes*, existente no cartorio da secretaria da universidade de Coimbra [1].

[1] E' o famoso livro um codice formado de papel almasso, amarellado e encadernado em pergaminho, tendo na lombada a indicação: $\frac{204}{B}$

Na capa tem escripto:

*Obediencia dos p. p. geraes*
*Antigo*
*Das obediencias.*
*Dos R. R. P. P. G. G.*
*An. 1599.*
*N.º 170*

***Livro do collegio de S. Paulo de Braga, que principiou a servir no anno de mil e quinhentos, setenta e um, em que se registarão as cartas dos geraes.***

Houve tempo em que as traças encetaram a sua obra destruidora nas paginas do centro, anniquilando principalmente as que continham as cifras dos geraes, hoje, porém, o livro existe acondicionado e só desapparecerá se, por um descuido qualquer, fôr parar a mãos d'algum jesuita. E' de esperar que tal não aconteça, e se assim fôr, na bibliotheca publica de Lisboa existe outro, que pode ser visto e consultado, e a que já nos referimos.

Para dar ao trabalho uma tal ou qual ordem, juntamos em capitulos, sob designações especiaes, apontamentos dispersos no livro e que n'elle não observam senão a ordem chronologica, porque, á feição que o caso apparecia, a consulta ia sendo lavrada.

## Disposições caseiras

As grandes divisões do dia podem vêr-se do seguinte

*Horario do Provincial* (Manuel Rodrigues):

«De março a setembro tangia se o levante ás 4 da manhã; o jantar ás 10, a ceia ás 6 3/4, o exame ás 8 1/2, deitar 8 3/4.

«De novembro a janeiro era o levante ás 5 1/4, jantar ás 11, ceia ás 8, o exame ás 9 3/4, deitar ás 10.

Nas epochas intermedias as differenças dos quartos d'hora.»

D'uma carta do padre Francisco de Borja, datada de 31 d'outubro de 1569, se colligem as seguintes sensatas observações:

«Não convem haver dois ministros em Coimbra, nem em parte alguma deve haver dois superiores de egual poder, porque em vez de se ajudarem mutuamente *mutuo se impediunt*.

«...Ha dias que cheguei á conclusão e resolução que não convem que a companhia se sirva d'escravos. A. V. R. recommendo que trate de suavemente se desfazerem dos que tem em Portugal.

«...Obrigar todos a varrer, ainda que tenham outras occupações, deve moderar-se na conformidade da regra, e attender-se ás occupações de maior importancia.

«...Por mais que escriban siempre se guarda la oreja derecha para oyr al superior.»

Esta ultima observação é preciosissima.

Em agosto de 1578 foi o collegio inspeccionado pelo visitador Miguel de Sousa. Este tomou nota minuciosa de quanto viu, e quando se retirou deixou umas *disposições* destinadas a regulamentar o serviço interno.

São curiosas muitas d'essas disposições, a que por mais d'uma vez teremos de nos referir no seu respectivo logar, aproveitando, por agora, as que se relacionam com o serviço domestico ou caseiro.

Pelo que alli se lê, parece que os jesuitas davam hospedagem principesca aos frades e

«12.º De noite não vão os moços buscar ovos.

13.º Deem á mesa bom vinho (talvez por que lhe tivessem servido de má qualidade).

31.º Tirar pouco a pouco o falar na crasta.

43.º Façam azorragues para botar os cães da egreja.»

Claudio Aquaviva

forasteiros, provavelmente para não serem menos considerados do que os seus opulentos rivaes das ordens monasticas; Miguel de Sousa, jesuita da primitiva camada, e portanto do grupo dos apostolicos, recommenda:

«5.º Que não haja excesso em agazalhar frades e hospedes.»

Como homem d'ordem e poupado determina:

Suppõe-se egualmente que a segurança era pouca nas ruas de Braga, ou então que os padres não traziam a consciencia muito tranquilla, porque pediram para andar armados, conforme reza a disposição

«49.ª Peça-se ao arcebispo provisão para tomar adagas e canivetes.»

A rapaziada tinha menos respeito pelos seus mestres quando entrava nas aulas e fi-

cava coberta, pois diz a seguinte disposição:

«65.ª Que os discipulos todos tirem o barrete.»

Era costume não entrar nenhum padre no collegio, nem se lhe abrir a porta, sem licença, esta ordem foi modificada da seguinte maneira:

«Quando algum recolher de noite, abra-se a porta, e depois vão pedir licença, porque se notaria o ficar muito tempo á porta da casa sem lhe abrir.»

Sempre o espirito pratico, até nas mais insignificantes coisas.

Em carta de 23 de janeiro de 1568, o geral determinava:

«Que pouco a pouco se vá tirando o costume de tanger tres vezes por dia as *Ave-Marias.*»

E mais adeante:

«Que se conformem em certas coisas aos usos communs dos clerigos e pessoas virtuosas das terras onde estiverem as casas e os collegios.»

Como os noviços eram obrigados a fazer os serviços grosseiros, na carta acima citada lê-se:

«Tambem me avisam de Coimbra que os noviços, embora no mais vão bem, são obrigados a estar um mez de cozinha, sem fazer outro exercicio, nem frequentarem as exhortações do noviciado; isto não é conveniente».

O preposito geral, em 1567, determinava que:

«Os padres não teem obrigação de se *tractar* por *elle*, ou por *vós;* que se adopte toda a lhaneza e simplicidade possivel.

«Na quaresma os estudantes podem sair a recrear-se ao campo algumas vezes; que vão por diversas ruas, não todos juntos, mas em grupos separados.»

Hoje, esta determinação não é seguida em parte alguma pelos jesuitas, que usam, como uma especie de reclame pomposo e barato, sairem em procissão com os seus alumnos, afim de chamarem por esta fórma, outr'ora condemnada, a attenção do publico.

## Enfermos

As obras de misericordia, principalmente aquella que manda cuidar dos enfermos e encarcerados, tinham pouco echo no coração jesuitico, fechado a todos os sentimentos humanos. No fundo moral d'aquelles homens, preparados para as grandes luctas sociaes, é quasi averiguado não ter ardido com maxima intensidade o amor do proximo, e os doentes, n'aquella sociedade de fortes e ousados despresadores da morte, parece que provocavam compaixões pouco expansivas. Se não havia para com elles o requinte de crueldade que os gregos bellos mostravam contra as creanças rachiticas e feias, tambem não abundavam os cuidados dignos d'um homem para com outro homem. O livro das *Obediencias dos geraes* é terminante, e ao mesmo tempo contristador.

*Instrucções acêrca dos enfermos*

«Que se use de caridade, assim nos remedios como nos alimentos, *mas bien es que el medico sea advertido que en quanto compadesse la disposicion del enfermo antes ordene cosas no caras que las de mayor precio, en manera que donde pudiesse bastar carnero no se ordenem aves, si estas fueren necessarias no se dejen porque en tal manera nos acordemos de la polreza y la exercitemos.*»

*Aviso do geral Éverard Mercuriano*

«Pelos muitos inconvenientes que accrescem pelos nossos enfermos irem para casa de seus parentes, desejo que isto só raramente se faça, e por coisas muito urgentes e vejam se será possivel dar-lhe companheiro.»

O geral, em carta de 23 de janeiro de 1568, determinou:

«Que nos collegios grandes haja prefeito de saude.»

## Saidas e visitas

Tanto em Portugal como em Hispanha se notaram, nas casas jesuiticas, desde seu começo, umas taes ou quaes veleidades de independencia, que até chegaram a ter principio de execução, violentamente abafada, aqui, pelo provincial Simão Rodrigues. Repugnava ao nosso caracter meridional a espionagem continua, e por isso os padres entravam e saíam sós, visitavam quem bem lhes parecia, seguindo n'isto o exemplo das outras ordens religiosas.

Os superiores não approvaram esse modo de proceder, e as restricções, prohibições e admoestações que em seguida transcrevemos, servem de per si para recomporem um primitivo systema de vida que deixou de existir.

*Extracto d'uma carta de 9 de janeiro de 1567*

«Avisem sobre os irmãos que saem sósinhos, bom é que haja uniformidade em toda a parte: o que usamos aqui (em Roma) é que nenhum irmão ou padre saia sósinho, a não serem dois ou quatro irmãos mui approvados, antigos e mui conhecidos em todo o genero de segurança;—que não vão fazer compras e outras coisas ordinarias, e só estes podem sair sósinhos.»

*Da carta do geral Everard Mercuriano de abril de 1575*

«Alguns dos nossos veem visitar os parentes... os superiores por benevolencia os deixam andar, e estar entre os seus, sós, e dormir fóra dos collegios... n'isto não ha inconvenientes, não se consinta para o futuro; a qualquer n'este caso deem-lhe companheiro, que sempre estará com elle, ainda que não haja collegio; e se não puder ir algum irmão, que vá pessoa de edificação e confiança, que possa dar conta aos superiores do que se fez, de maneira que taes visitas não façam detrimento á disciplina religiosa.»

*Da carta do geral de 6 de novembro de 1584*

«Deseo mucho y se lo encomiendo con la fuerza que mas puedo que los superiores de la caza y collegios a los quales dara este aviso, procediendo con exemplo de sus personas adonde no avra mui real y evidente necessidad o esperanças de algun fruto no permitan, por ningum modo, hacer visitas a mujeres, pues los inconvenientes destas visitas, quando de otra manera se hazen, son mui grandes, como V. R. bien entiende.»

Esta ultima advertencia é um tanto ou *quanto* compromettedora.

## Residencias perigosas

O documento que se segue quer por força dizer muito, visto que pouco percebemos do seu conteudo.

Fala-se n'elle n'uns certos *desastres* que, se a nossa peccaminosa perspicacia não erra, não seriam quedas provocadas pelos caminhos asperos, cheios de covas e precipicios, faltos de pontes, sem commodos nem segurança.

Suspeitamos até que é muito possivel que certas fazendas ou vivendas se convertessem em *paraizos terreaes,* e que as proximidades das Evas tricanas, animando a solidão, despertando a suggestão genesica no meio da paisagem verdejante e perfumada da beira-rio, fizesse morder com delicias condemnaveis a maçã do amoroso peccado a algum Adão de roupeta, menos resistente do que Santo Antão de suina memoria, ou Santo Antonio d'angelica fortaleza. Nos matagaes e salgueiraes do Mondego, não cresciam por certo para elles as silvas lancinantes que serviam de mortificação ao seraphico Francisco d'Assis, quando o demonio da carne se lhe apoderava do corpo enfraquecido pelo jejum e retalhado pelo cilicio.

Tudo leva a crer que os estudantes dos jesuitas oravam pouco, e por isso entravam frequentes vezes em tentação, d'outra sorte não teriam provocado as seguintes observações:

*Carta do geral Ererard Mercuriano ao padre risitador Miguel de Sousa. Julho de 1578.*

«Tenho visto como nas residencias que temos se repetem os *desastres*, V. R. empenhe-se em que os nossos não corram perigos, e muito folgarei que, quanto possivel, os nossos venham dormir em casa; não se entende isto nas ferias quando muitos estão em Villa Franca [1], e outras semelhantes residencias de muitos irmãos, porque então não parece que haja este perigo.»

## Negocios e demandas

*Demandista* e *jesuita* podiam servir naturalmente de synonimos, sem que se forçasse em coisa alguma a realidade dos factos.

Onde se estabelecia o primeiro jesuita, certo e sabido era que apparecia apoz elle uma demanda. Lançada que fosse a primeira pedra d'um collegio começavam logo as duvidas sobre o direito de propriedades até então incontestavel.

Aproveitando-se de todos os meios para adquirirem bens para a Ordem, não recuavam fosse na presença do que fosse; e da captação á extorsão violenta, e por vezes á mão armada, desde a acquisição por meio da insinuação confessional ao embestamento proposital e methodico das missões do Paraguay, punham em practica os mais condemnaveis processos, apezar das admoestações superiores.

Leia-se e medite se o trecho seguinte d'uma carta do padre Polanco ao padre Miram (1564). Tem apenas a companhia vinte annos de existencia, e digam-nos depois se um inimigo cruel lhe poderia fazer peor accusação:

«Que existem demandas e escandalos... que as terras ou herdades alienadas, illicitamente e dadas pelos abbades passados e presentes, ou de outra maneira, ou as que andam sonegadas a egrejas e mosteiros, ora unidas á companhia se deixem estar, e dissimulem com os possuidores, sem fazer demanda, se d'isso houver escandalo. E alcançando-se d'este papa licença para se isto poder fazer sem escrupulo e sem incorrer em censura e penas que por direito positivo estão postas... e não se faça demanda sem avisarem ao provincial se haverá escandalo ou não pela qualidade das pessoas.

«O N. P. geral Éverard ordena tambem que se façam sempre diligencias para se cortarem demandas, fazendo se concertos; e quer que em todos os collegios haja um livro para se escreverem as resoluções das casas e outras coisas semelhantes que se mandam de Roma.»

Mas o abuso continuava e os geraes contentavam-se em lamental-o, como se vê da carta de 23 de janeiro de 1568:

«...Segundo dizem, ha notavel desedificação e escandalo pelos muitos pleitos que especialmente com os religiosos se sustentam n'essa provincia, e por isto se murmura, não se colhendo fruto algum, a não ser com os rapazes de Coimbra, e isto me dá muito pena e cuidado. E' preciso remediar isto, buscar os meios possiveis de concordia, ainda que se perca algo do nosso direito.»

Estas palavras eram a confirmação do que um mez antes tinha escripto Francisco de Borja:

«Que evitem as demandas: – «No le puedo, padre, declarar quanto siento los muchos pleitos que en esse reyno se traen, de los quales tantas vezes de alla soy avisado, y yo lo he escrito a V. R. y siempre me parece que ay que cercenar, deseo en grande manera, que aya concierto y que con alguna perdida de nuestro derecho sacassemos la ganancia que de la paz y edificacion se espera. Verdad es que el padre Pero da Fonseca me escribe que estavan en termos de concertar se con los frayles de Santa Cruz e de Christo.»

Os negocios eram comtudo bem recommendados.

[1] Quinta dos jesuitas, proximo de Coimbra, á beira do Mondego, quasi fronteira á quinta das Cannas.

Idylio amoroso

*Da carta do geral de 20 de março de 1571:*

«...Faça V. R. com que os superiores d'essa provincia attendam com toda a diligencia aos negocios e bom progresso dos collegios, despresando outros alheios

«Não se edifique coisa alguma de custo consideravel em casa, ou collegio, ou egreja, nossa sem traço ou desenho, e seja de modo que se tenha em vista a perpetuidade como o recommenda um decreto da primeira congregação, porque isto sae mais barato, ainda que mais custe que o que se faz para durar pouco e sem plano.

«As cartas annuaes, podendo ser, vão por pessoas que se demorem pouco no caminho, e não se pague tanto como nos correios.

«Alguns duvidam se a regra que prohibe aos irmãos o pôr as mãos sobre os vestidos uns dos outros se entendem tambem com as pessoas de fora. Sem duvida que sim e com mais razão.

«Assim como se tem conta em fazer seminario (escola) para ministros, prégadores e confessores; assim razão é que tenham em vista a formação de pessoas de governo para o que servirá ter mais communicação nas coisas da companhia e do governo, com as pessoas mais feitas, de maior confiança e que mostram para isto mais talento de bom juizo, e podem ir-se provando nos cargos menores ás ordens de outros, e assim se descobrirá esse dom, e onde o houver se exercitará.

«Ainda que me parece bem a caridade com que alguns colhem esmolas para soccorrer os parentes de nossos irmãos que vivem em necessidade, será bom pensar que não pode a companhia ficar por isto em obrigagação.»

N'esta carta, que segue, nem o proprio papa é poupado:

*Ao padre Simão Pinto, da companhia de Jesus. Coimbra.—Carta do R. P. Patricio Bello (padre Belloy), de Roma em 5 de junho de 1688.*

«Estimarei que as demandas tenham lá bom successo no tribunal do nuncio, porque ordinariamente não servem mais que de fazer gastos, e dar molestias, e de cá tem fraco medio, porque a Dataria dá logo custas pelo interesse que n'isso tem, e remette as controversias aos papas, os quaes tambem como interessados levam a agua ao seu moinho, se não intervier favor real, por razão do seu padroado, sempre teremos grandes difficuldades. Aos santos sacrificios de V. R. muito me encommendo.

«Roma, etc., humilde servo.»

Quem disser pois que a maior parte do tempo dos jesuitas era consumido em demandas, processos e questiunculas nada christãs não se engana, e a seguinte observação, que não é do livro das obrigações, mas de outro documento que pertenceu ao collegio de S. Fins de Braga, e que egualmente se acha no archivo da universidade de Coimbra e «que deixou o provincial Francisco de Gouveia visitando esta residencia, em outubro de 1574» mostra como o espirito do negocio tinha invadido a companhia:

«6.° No tempo de repoiso não tratem os nossos dos negocios da fazenda. Já que todo o resto do dia n'isso gastam, mas tratem de coisas que os ajudem em Xpo, conforme a ordem da companhia.»

Nem quando deviam descançar, aquellas cabeças deixavam de pensar em negocio!

E' dos jesuitas que devem ter saido os syndicateiros da actualidade.

## Os segredos

Havia-os? Por certo, e não escasseiam as recommendações para serem guardados com rigor.

O visitador Miguel de Souza recommenda:

«69.ª Não é necessario que o reitor mostre aos consultores todas as cartas que lhe escreve o padre provincial.»

Da carta do geral, 16 de julho de 1594, ao padre provincial Francisco de Gouveia, extracto a seguinte ordem:

«De nenhum modo se mostrem d'aqui por diante, nem se communiquem a pessoa de fóra os annaes da companhia e o padre provincial não tenha poder para dar esta licença.»

Mais ordena o geral:

«Que se não communiquem compendios dos privilegios a nenhuma pessoa de fóra sem licença do superior, com grande cautella, nem se imprima sem seu consentimento os de usos d'elle, dos superiores e consultores. Se se mudarem de um collegio para outro os não levem comsigo.»

No livro das cartas, existente na bibliotheca de Evora, sob o titulo:

*primeiro*
*tomo*
*das cartas que*
*os padres e irmãos da companhia e outras*
*pessoas escreverão de diversas par-*
*tes de Europa que dão no-*
*ticia de seu bom principio e felice sucesso*
*vem a*

«carta que o padre M. Simão, provincial da provincia, escreveu ao padre Luiz de Graam, reitor que foi d'este collegio de Coimbra, no anno de 1550.»

A' margem tem escripto:

*Esta carta não se*
*leia em publico*

E mais abaixo, voltando para a pag. 163, o seguinte:

«Esta carta não foi escripta no anno de 50 nem ao padre Luiz da Graam, senão na era de 47 ao padre Luiz Gonçalves, que então era reitor, como consta de mesmo livro antigo de Santo Antão, assignado pelo padre mestre Simão, onde estão juntas oito cartas suas, de letra de Christovão Leitão. D'estes erros, no que toca á era, ha outros n'este volume.»

«A graça e amor de Jesus seja sempre em nossas almas Amen. Diz Nosso Senhor que os que com elle não colligem dispargem: não colligem aquelles que debaixo de sua bandeira militam e não seguem a insignia d'ella, os que havemos de estar debaixo d'esta bandeira de Jesu onde todos somos chamados e ajuntados hão de colligir um espirito e um coração e um mesmo sentir. E Nosso Senhor sabe quanto cá sinto não se sentir isto entre nós. E porque temos em pouco este despargir os animos da vontade dos superiores, justo juizo de Deus é os taes de nos terem despargidos. Digo que a mim me veiu á mão uma carta, ou duas, ou tres de um irmão nas quaes escrevia secretamente, sem as lá mostrar, que cá mas não mostrassem e em uma d'ellas vem assignada outra como lá vereis pela mesma carta e outra de Ribeiro *(está riscado o nome e escripto por cima João).* E pois assim é podel-as mostrar aos irmãos para satisfação do que diz ácerca dos homens, que para Deus não cuido errar n'este negocio, e dizer-lhes que se vão muito embora fóra da companhia: que em casa não temos necessidade de pessoas que dos superiores se recatem, porque havendo-se de aproveitar d'elles, levam caminho para nunca o fazerem, e quem tem em pouca conta as instituições da casa é razão que a mesma essa casa tenha pouca conta com elles, a foice está posta á raiz da arvore, quem quizer seguir a X° *abneget* semtipsum etc. E assim manifestar a todos que toda a pessoa que eu souber que escreve, não comprindo a regra que ácerca d'isso está posta, que se disponha para ir fóra da companhia: porque nós não havemos de agradar a Deus em multidão de gente nem em forças de homens, nem em engenhos que querem saber mais do que lhes convem; quem entre nós não determinar de levar a cruz de Jhu X°, e aproveitasse muito não é para nós nem nós para elle. E se vos parecer qualquer leve coisa, dou grande castigo, assim o sei fazer quando os defeitos impedem o bem pouco, e dão aso a se fazerem corruptellas das leis; porque d'aqui pode nascer todo o mal. Peço por Deus Nosso Senhor que representeis a todos os irmãos quanto nos convem sermos bons; e certo que se os que agora estamos taes não houvessemos de ser, por menos trabalho

teria tornar de novo a Coimbra e plantar o collegio, de novo desenganar a todos da minha parte, e ponho a Jesu-Christo crucificado, e condemnado entre mim e elles. E os desenganos que este é o que havemos de servir sem nenhuma outra interpretação. E elles me desenganem se são contentes de se desposar com Elle, vivendo debaixo das instituições da companhia, donde mui inteiramente hão de dar e ter lealdade a Jesu-Christo e a seus superiores, guardando o que para sua salvação ordena a companhia».

A carta continua longamente n'este tom altaneiro e despeitado, recheada de textos latinos e mandando que seja despedido o portador das cartas. «Ainda que elle o fez por ignorancia eu lh'o perguntei e mandei perguntar e elle m'o negou.»

O padre mestre julga tão grave o estado d'aquelle collegio que diz:

«E que agora se cumpria uma certa prophecia que dizia: haver esta companhia de dar uma grande queda»..................
.......................................

«Eu escrevo o que não propuz escrever, mas pois assim Nosso Senhor m'o dá a entender, e pois se faz pouca conta da caridade e mansidão de que até agora tenho usado, e pois tão pouco isto approveita *Heu usq. ad purum escognam, scoriam tuam*, onde estão os escrupulos santos? Onde foram os ferventes desejos de guardar as instituiçees da companhia? Onde as lagrimas? Onde a cega obediencia? Onde a simplicidade? Onde o cuidar em seus defeitos e não dos superiores?»

Era tal a perturbação do padre Simão que termina a carta da seguinte maneira:

«Perdoai-me que me veiu gente impedir e não posso mais escrever, nem tornar a ler esta carta, nem sei o que escrevi.
Pobre de Virtudes. Mestre Simão [1]»

Balthasar Telles na sua chronica da companhia T. I, L. 2.º, cap. XXIII, p. 333 (Ed. 1645), diz:

«Muita parte d'esta carta me veiu ás mãos, que quero aqui pôr, para que vejamos o espirito d'este grande servo de Deus; e para que a ouçamos agora com mais adevertencia, porque as muitas lagrimas, do que então a lia, a não deixáram bem perceber de alguns dos presentes.»

Ora o padre mestre falta simplesmente á verdade. Elle tinha a carta na integra no livro d'onde copeamos os extractos acima, se é que não tinha no archivo, á sua disposição, o proprio original.

Esta *piedosa* mentira é empregada para absolver o padre mestre Simão d'um movimento de colera, despeito, e inqualificavel rigor improprio d'um provincial, que ainda um dia poderia vir a ser santo.

O padre Telles não se contentou só em corrigir o estylo e a grammatica de Simão; compoz-lhe a physionomia, e da ira viva da carta apenas deixou transparecer uma indignação calculada ao effeito. Fez mal o padre Telles. Simão não foi elevado a santo, e elle ficou canonizado... como mentiroso.

## A correspondencia

A correspondencia, o modo e tempo das informacões tinha, como tudo da companhia, claros e minuciosos regulamentos.

Tomaremos um dos primeiros decretos *circa rationem scribendi*.

Trata primeiro das cartas dos reitores e prepositos locaes aos seus provinciaes: mandando que os provinciaes da Europa escrevam uma vez por mez ao padre geral; reitores e prepositos locaes de tres em tres meses; provinciaes da India e Brasil quando houver commodidade, encarregados de alguma missão todas as semanas *(missi autem ad fructificandum in agro Domini)*. O preposito geral escreva aos provinciaes de dois em dois meses; aos reitores e prepositos

---

[1] B. Evora Cod. $\frac{CXIII}{2-1}$ Pag.^s 161 a 165.

Este documento é uma das provas mais fortes das tendencias de autonomia dos jesuitas portugueses, a que já anteriormente nos referimos.

locaes no sexto mez. Os reitores dos collegios devem mandar catalogos dos padres e irmãos, etc. Outra parte do regimento mostra uma classificação das regiões; as cartas de certas provincias pódem fazer-se no idioma proprio, *patrio sermone,* de outras iriam em latim. Em Portugal e Hespanha usava-se quasi sempre do castelhano.

A terceira parte trata do que se deve informar, tanto no temporal como no espiritual, das relações e do bom conceito da sociedade (*de bono odore societatis*), do estado das pessoas e dos collegios; nada que diga respeito a principes e magistrados, muita cautella n'isto «*propter quod si in eorumdem manus inciderent literæ offendi possunt.*»

A Imposição de um grau

A quarta parte refere-se ao modo de escrever; considere-se a quem se escreve; quando se tratar de negocios que dependam

de Roma ponham no exterior da carta um P.; escrevendo sempre modestamente, e procurando *Dei gloriam et non propriam, et diligenter cavendum nequid scribat quod secretam tenere debeat*. Nada de longos proémios, de opulencias de palavras, de inuteis amplificações, mas só *et semper gustus religiones ac espiritus. Dictio sit pura* e a calligraphia facil, distincta e correcta. Cartas de maior importancia *(literæ majoris momenti)* em duplicado, por differentes vias, tendo o cuidado de deixar summario.

Além das cartas ordinarias dos trimestres deviam os provinciaes escrever cartas geraes, ou, como diriamos hoje, relatorios annuaes, para o que havia epochas marcadas, para melhor methodo dos trabalhos:

das provincias de Portugal, Betica, Toledo, Castella e Aragão no primeiro trimestre:

da Aquitania, França e Germania inferior no segundo trimestre;

do Rheno, Germania superior e Austria no terceiro trimestre;

da Lombardia, Toscana, Roma (e Sardenha), Napoles, Sicilia no quarto trimestre.

Quando se tratar de virtudes ou defeitos usem de cifras especiaes, numericas, tratando ao mesmo tempo de outras coisas, evitando os nomes, *ut si literæ in aliorum manus inciderent nec eas intelligant nec etiam aliquid suspicientur*.

Da instrucção do padre geral, de 6 de junho de 1566, tira-se a seguinte advertencia:

«Sendo enorme a correspondencia que se recebia em Roma, manda que se não encarreguem de cartas pessoas alheias á companhia, e que os provinciaes não mandem cartas dos reitores, ou de pessoas particulares, pois não sendo coisas de grande importancia basta enviar os resumos.

«Pela ordem recebida em 23 de janeiro de 1567, mandaram-se a Roma noticias da origem, principio e progresso de cada collegio e casa, obrigação e encargos, rendimentos, quantos padres tem e quantos podem manter, copias das fundações e dos contractos mais importantes, e nota das bullas.»

Por uma carta de 9 de janeiro de 1567 se determina:

«Que os collegios se escrevam entre si uma vez por mez para sua consolação e maior união na mutua caridade *in Domino*.»

Alguns capitulos de uma carta do padre geral, de Roma de 20 de março de 1571:

«... Tanto os confessores como os outros padres que podem ser consultados em casos de consciencia não dêem por escripto resolução alguma ou parecer seu, sem conferir primeiro com o reitor... e oralmente não digam seu parecer sem saber muito bem o que dizem. As cartas annuaes se escrevam em latim, e boa letra, de modo que qualquer possa ler facilmente, e no exterior se indique a provincia. Por ex. *Annua del Collegio de Padua en la provincia de Lombardia*. Não é preciso mandar a Roma a *annua* em lingua vulgar. Cartas de importancia levem sello.»

Do geral ao padre Jorge Serrão

Outubro 1573:

«Tambem procure V. R. que dessa provincia se escreva em latim ou em castelhano para que estes padres possam entender as cartas de Portugal.»

Pergunta o padre Francisco de Gouveia, reitor d'Evora, que deve fazer o superior quando veem algumas cartas de forasteiros para seus subditos com titulo, ou que se dêem em mão propria, dizendo ser coisa de confissão, ao que se lhe respondeu:

«... Que quando se não vir que tal carta contém coisa de confissão pode o superior e ordinariamente deve abril-a, quando se diz que é coisa de confissão não a deve abrir, porem veja primeiro de quem vem e para quem, porque segundo a qualidade, virtude e opinião que se tem das pessoas se haverá de guiar, e se não forem das mais approvadas poderá reenviar a carta, porém se fôr de pessoa conhecidamente virtuosa e peni-

tente de casa, diga-lhe que avise a tal pessoa para que não escreva coisas de confissão em carta, nem é seguro nem conforme ao modo da companhia.»

De carta do geral ao padre visitador Pero da Fonseca, junho de 1590:

«Dê V. R. ordem aos que andam em missões para que não escrevam a mulheres, nem as confessem em suas casas, sem os companheiros estarem presentes, como diz a regra.»

As *monita de ratione scribendi* ao padre geral, indicam minuciosamente o que mais insta saber em Roma, sobre os padres e noviços, escolas, governo das casas, observancia da disciplina domestica, dos votos, regras, estudos litterarios «nossos e externos», do fructo das missões e confissões, do governo dos superiores (que segundo parece se distinguia em *spirituali*, *suavi*, *exacta et contra)*, das coisas temporaes, receitas e despezas, termina finalmente: se houve algum escandalo ou offensa, e de que remedio se lançou mão, de que modo, ou antes em que estado se conserva a paz e benevolencia com os estranhos, principalmente, porém, com os prelados e pessoas principaes *(præsertim vero prælatis et principibus viris pax et benevolentia conservetur)*.

Para os casos secretos havia cifra; aqui dou exemplares de duas. No primeiro que segue as lacunas foram feitas pelas traças que roeram a folha do livro em que ella se acha:

Bernardo de Angelis, secretario do geral, em carta de 12 d'outubro de 1501, mandou a João Correia, provincial da Lusitania, a seguinte cifra:

| 41 | 42 | 43 | 44 | 45 | 46 | 47 | 48 | 49 | 51 | 52 | 53 | 54 | 55 | 56 | 57 | 58 | 59 | 61 | 62 |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| m | n | o | p | q | r | s | t | u | z | a | b | c | d | e | f | g | h | y | l |
| u | z | a | b | c | d | e | f | g | h | i | l | m | n | o | p | q | r | s | t |
| i | l | m | n | o | p | q | r | s | t | u | z | a | b | c | d | e | f | g | h |
| t | u | z | a | b | c | d | e | f | g | h | i | l | m | n | o | p | q | r | s |
| o | p | q | r | s | t | u | z | a | b | c | d | e | f | g | h | i | l | m | n |

Diz elle que esta cifra se recommenda agora a todos os provinciaes, é muito facil de usar, de entender e impossivel de decifrar ao insciente; que se exercite n'ella o provincial e se sirva d'ella até que lhe enviem outra nova. «A cifra, diz elle, usa-se da seguinte maneira:

«1.º Os numeros servirão de letras.

«2.º Começa-se a escrever do primeiro alphabeto, tomando em vez de letra o numero que estiver sobre a letra, que se ha de escrever; a segunda a letra do segundo alphabeto, a terceira do terceiro alphabeto, e assim successivamente até o ultimo, recomeçando logo; não tomando nunca duas letras continuas do mesmo alphabeto, nem saltando nenhum d'elles, e isto com o maior cuidado, porque um só erro basta para fazer a cifra mui difficil.

«3.º Não se usem letras mudas, nem se usem pontos nem virgulas.»

## O ensino

Não fazemos aqui a historia dos methodos de ensino e processos educativos da S. J., mas sim recompomos, sobre uns certos e determinados documentos authenticos, a vida d'um collegio jesuitico. Especialmente destinados ao ensino, os jesuitas empregaram n'essa missão o melhor das suas forças, e tanto assim que já nas suas constituições a parte *escholastica* é uma das que maior espaço occupa, sendo por si só o assumpto da quarta das dez partes de que constam as mesmas constituições.

Vejamos, por ordem chronologica, o que a tal respeito ia sendo escripto no livro das *Obediencias geraes:*

Da carta do padre Polanco ao padre Miram:

«Na era em que estamos, por toda a parte se tem muito em conta a erudição nas coisas de humanidades, tanto que sem ellas a doutrina melhor e mais solida parece que luz muito menos.

«Por isto ao padre geral pareceu conveniente que se escrevesse ás provincias que tenham conta com estas letras humanas, e façam estudar bem quem mostrar habilidade, pelo menos o latim e a rhetorica, e que não passem ás artes, ou pelo menos á theologia, sem se exercitarem bem n'estas letras.

«Que se tenha conta na escolha de mestres, que não causem tedio, nem se demorem muito, que os discipulos de ordinario amam os mais aptos para ensinar.

«Para remediar o inconveniente de opiniões extraordinarias e paradoxaes... que nenhum mestre de theologia nem das artes tenha opinião nova e fóra do commum.

*Algumas determinações do preposito geral, em 1567:*

«...Que ós meninos tenham meia hora de exercicio corporal, um quarto antes do jantar, e outro antes da ceia...

«...A experiencia tem mostrado que ler tres horas continuas pela manhã e outras tres á tarde nas escolas da companhia fatiga muito a saude dos mestres e até tem debilitado a de muitos discipulos; que as escolas durem só duas horas e meia de manhã e outro tanto de tarde.

«...Nos descanços (en las quietas) pode falar-se a lingua vulgar... Que se guarde um dia inteiro de sueto.

Da carta do padre geral, 20 d'agosto de 1569:

«...Tambem se avisa que alguns ineptos para o curso de artes só o conseguem porfiando muito em ouvil-o, perdendo-se tempo e dinheiro; aos que não são para maiores estudos bastará ouvir casos de consciencia, para se fazerem sufficientes confessores.

*Do geral ao padre Jorge Serrão:*

«Emquanto aos que se tentam pelos estudos guarde-se a constituição, e mostre-se com caridade, quando se falar com os taes, que se devem contentar com o officio de Martha. Espero que, entendendo-se que se não condescende facilmente com isto, «*a muchos se quitara la gana de studiar.*»

«A cargo dos provinciaes está a concessão dos livros; elles devem julgar das suas conveniencias, attendendo aos logares e a outras circumstancias. Os livros prohibidos são de varias classes, alguns ha que podem ser lidos e estudados, em cujo estudo ha até conveniencia para se conhecerem os males e combater as heresias. Insta porém ter em vista a quem se concede uma tal dispanes.

«Citam-se primeiro os escriptos de Erasmo e de Ludovicus Umis *(cum autem constet quo loco habita sint a patre nostro Ignatio sanctæ memoria scriptæ Erasmi).*

«O uso dos obscenos não se permitta, taes como Catulo, Propercio, alguns escriptos de Ovidio, Plauto, Terencio, Horatio, Marcial e Ausonio, não ser a pessoas *maduras* que sem perigo possam aproveitar da leitura para o estudo das humanidades; para a escola a prohibição é completa; nas escolas mesmo devem eliminar-se certas passagens de auctores aliás correntes «Virgilii *vero priapea et alia epigrammata, aboleatur prorsus.*»

«A ninguem se consinta o uso de livros em qualquer idioma em prosa ou em verso, *carmine sive soluta oratione quœ amatoria et impura continent.*

«Entre os escriptores de livros espirituaes alguns ha pios sem duvida, mas pouco em harmonia com o instituto da sociedade; não se usem, não se encontrem sem licença superior; citam-se alguns auctores. Zanterius, Vusbrochius, Resetum, Henrique Herpense, a Arte de servir a Deus, Raymundo Lulo, Henriq. Suso, Gertrudis et Mectildis.

«Estes livros se não conservem nos collegios sem auctorisação do provincial a quem compete vêr a quem se dá a licença, e marcar os logares onde se guardem; e o uso de taes livros só se permittirá no praso indicado como necessario.»

«Esta instrucção é uma glosa, senão uma traducção das constituições.

O anno de 1578 offerece-nos grande copia de documentos acêrca do ensino.

da companhia, e por terem escolas geraes, havemos por bem dar licença ao provincial...

«...e aos superiores dos collegios e casas

Briga em S. Roque de jesuitas com os pedreiros do conde da Vidigueira

Comecemos pela:

*Provisão do cardeal Infante inquisidor geral*

«...pela confiança que temos dos padres

de S. Roque... possam rever, examinar e censurar todos os livros, tractados e opusculos escriptos, ou papeis de mão, ainda que não tenham nome de auctor, que ao presente tiverem, ou pelo tempo adeante comprarem...,

damos licença ao provincial e superiores para que elles e as pessoas a que elles communicarem possam ter e usar de todos os livros, papeis, impressos e escriptos de mão... de qualquer maneira defesos por nós ou pelos inquisidores, ou pelo catalogo do papa ou do concilio tridentino, comtanto que não sejam de primeira classe.

«Em Evora, 3 de fevereiro de 1578.»

Respiguemos agora por entre as disposições do visitador Miguel de Sousa:

«4.ª Que façam orações ou declamações e que deem premios se quizerem.

«51.ª Não se admitta no estudo quem não saiba ler.

52.ª Na 1.ª classe podem andar até 100 estudantes e o reitor pode admittir mais 2.

«53.ª Na 2.ª classe até 110 e o reitor mais 2.

«54.ª » 3.ª » » 115 » » 5.

«55.ª » 5.ª • » 200 ou 190 de ordinarios e 10 por dispensação do reitor.

«61.ª Os mestres não se ponham a fazer prégações e colloquios alta voz.

«63.ª Haja premios e dialogos; os premios podem dal-os os discipulos para suas classes.

«64.ª Não haja figuras nas declamações.

«71.ª Os mestres não podem fazer festa na classe, nem armar a classe sem licença do reitor.»

N'este tempo, o do generalato de Francisco de Borja, ainda as representações theatraes não tinham tomado na pedagogia jesuitica a importancia que tiveram mais tarde. E' d'elle a seguinte admoestação:

«Devem hazer-se raras vezes tragedias e comedias y entonces non con la costa que nos avisan que se higo uno em Coimbra, que custó el apparato al collegio mas de cien ducados.»

Aqui temos o caso em que a determinação de Francisco de Borja não assumiu o caracter d'uma disposição geral; porque em França o theatro teve uma grande importancia no ensino jesuitico. E comprehende-se: a côrte do grande rei era doida por theatro [1], os collegios dos jesuitas eram frequentados pelos filhos da primeira nobreza, convinha, pois, lisongear-lhes o gosto e mostrar que tambem na companhia houvera, primeiramente, Corneille e depois Racine e Molière.

Sobre o assumpto ha um livro publicado em Paris, sob o titulo de *Le Théâtre des Jesuites*, por *Ernest Boysse*, que deve ler-se com proveito; tanto mais que é, como o seu auctor diz: «un livre d'histoire littéraire, tout à fait étranger aux discussions qui se sont élevées récemment à propos de la célèbre compagnie.»

A edição é de 1880.

N'este volume vem publicado todo o repertorio do theatro do collegio de *Louis-le-Grand*, desde 1635 a 1761 [2], mas já antes d'aquella primeira data se representava nos collegios franceses jesuiticos, e dá d'isso testemunho o *recueil* do padre Cellot, publicado em 1630, em Paris, contendo tres tragedias: S. Adrianus Martyr, *Sapor admonitus* e Chosroes.

Mas voltemos ao seculo XVI e aos divertimentos dos collegios portugueses.

*Da carta do geral Claudio Aquaviva a Sebastião de Moraes, de 20 de junho de 1583:*

«Entende-se que de dos anos a esta parte los maestros de humanidades se alargan demasiadamente en los enigmas, haziendo los

---

[1] Luis XIV tinha publicado *lettres-patentes* auctorisando fidalgos e fidalgas a poderem apparecer no palco da Academia «sans que pour cela ils derogent au titre de noblesse ni a leurs privilèges, charges, droits, immunités, etc.»

[2] A ultima tragedia representada pelos jesuitas em Paris foi *Catilina*, em 2 d'agosto de 1761. No dia 6 de agosto de 1762 eram elles expulsos de França; mas mezes antes já nas ruas de Paris circulava o seguinte pasquim-programma, que copiamos, por ter umas allusões a Portugal: «La troupe de Saint Ignace donnera mercredi prochain, 31 mars 1762, pour dernière représentation, *Arlequin jesuite*, comédie en 5 actes, du Père Duplessis, suivie des *Faux bruits de Loyola*, par le Père Lainez, petite comédie en un acte. Pour divertissement, le *Ballet portugais*, en attendant le *Triomphe de Thémis.*» O bailado português era a execução do padre Malagrida!

de mucho precio e de materias bajas y rediculas, deviendo ser las nuestras graves y pias: no falta quien esto note polo que convien que V. R. dê orden com que se torne a la costumbra antiga, es a saber: que para cada enigma no se dê mas de tres ducados y aun menos si ser pudier; dar premios com ellos no es conveniente, pois que los estudiantes no tienen tanto que puede suplir a estas magnificencias; no entiendo pero que se algun h^os particarles quisiese dar premios, como en otro tempo se hazia, no se aceiten y quando se uviesen de dar, no aviendo otro que dar los pudiesse, que escolares mejor seria que el mismo collegio los disse que no dan occasion a murmuraciones. Seria bien que antes de se pintar los enigmas se mostrasen al prefecto de los estudios y a alguns otros intelligentes en la materia e que el rector dê su parecer se conviene o no ponerse tal ou tal enigma, o que se mude tal o tal cosa y no solo esto es necessario, mas aun conviene mucho a la gravedad religiosa que se mire como se explican los enigmas en la aula, porque, segun entendiemos, ha alla acaecido quedar los nuestros mortificados del modo con que alguns los explicavan.»

*Da carta do geral Claudio Aquaviva ao provincial Sebastião de Moraes, de 26 de julho de 1584:*

«...Ponderadas bien las razones que V. R. nos ha embiado para dexar de trazer los enigmas me parecio in Domino ser contra la gravedad de nuestras escuelas lexar llevar adelante cosa cuio fruto es venido a no ser mas que desenbultura, por lo que juzgamos que de todo se quite este exercicio en essa provincia y se consente en algun otro, como seria composicion de premios.»

*Instrucções de 15 d'abril de 1584*

Tratam dos estudos, do ensino das doutrinas estabelecidas, das cautelas necessarias ao professor, opiniões novas e livros prohibidos.

3. Expedit etiam ubi nullum fidei et pietatis periculum suspitionem vitare studii res moliendi novas aut novæ condendæ doctrinæ, quare nemo opinionem ullam defendat, quæ contra recepta philosophorum aut theologorum axiomata contra communem scholorum theologicarum sensum, aplerisque viris doctis a judicetur.

«4. Quæ opiniones, cujuscumque autores sint in aliqua provincia aut civitate multas aut nostrorum aut externorum catholicos et non indoctos, offendere scientior eas, ibi nemo doceat aut defendat quamvis alibi sive offensionem doceantur.

«5. In questionibus ab allis ante tractatus nemo nova sequatur opiniones, nemo introdusam novas questões sem consultar professor e reitor.

«...Nada de precipitações superbo ingenio et novarum rerum cupido... e os que se não conformarem á mente da sociedade se removam das cathedras e se occupem em outros ministerios.»

Nas instrucções enviadas ao provincial de Toledo, com applicação a toda a provincia, chegam a minucias extremas, como sobre o modo de datar, fechar e sobrescriptar as cartas, etc. Entre outras coisas: «Procure ter ganado los secretarios del rey... e tambien del corridor y de sus officiales.»

*Do provincial aos reitores*

«Um lente em certa parte ensinou como provavel uma doutrina perniciosissima: «de tactibus et osculi impuris qui non sunt mortalia» ou semelhante doutrina que se pareça com esta, a qual ainda que não é tão clara é porém seminaria da outra, a qual opinião na congregação de Santo Officio de Roma foi condemnada de sua santidade e ordenado ao mestre que se retractasse, e privado da lição, pelo que avise todos os lentes d'esse collegio, etc... e isto não menos na pratica que na especulação, antes mais, e assim entendam todos que souberem d'algum que claramente affirme tal opinião, são obrigados a denunciar do tal á Santa Inquisição, mas se fôr coisa tocante a maus costumes e doutrina suspeita que vizinhe a sobredita já condemnada, devem avisar aos superiores para que elles a remedeiem, e aclarando a

coisa, castiguem ao tal, se não exceder sua faculdade e poder, ou o façam denunciar ao Santo Officio se o caso lhe pertencer.»

Parece que os filhos de Loyola não eram insensiveis ás vaidades seculares, e que mais de um se ornava com os graus academicos, ou consentia que o vulgo lisonjeiro lh'os decretasse.

Tal abuso chegou aos ouvidos do geral Everard Mercuriano, que tratou de o verberar, escrevendo, em 25 de junho de 1575, ao provincial Manuel Rodrigues:

«Entrou o abuso na companhia de se tratarem por doutor, mestre, licenciado, etc.; na companhia não existem taes graus, só para ajudar o bem commum, nem servirão de titulo ou preeminencia.»

Terminaremos este capitulo com a formula para dar o grau de mestre em artes, usada nos collegios da Sociedade de Jesus:

«Ego N... in præclara artium facultate magister, et in sacro santa theologia doutor et hujus scalabitani collegii Rector, authoritate Apostolica creo, constituo et declaro te magistrum in eadem præclara artium facultate; et concedo tibi omnes facultates, functiones, et immunitates, quæ iis, qui ad hunc gradum promoventur, concedi solent, in nomine Patris, et Filii, et Spiritus Sancti.

«In hujus autem tam præclara dignitatis signum, his quoque, externis ornamentis condecorandus es, quæ in præsentiarum adhiberi solent.

«Imprimis Pileum cœruleo diademate ornatum capiti impono. Deinde trado tibi Philosophæ Librum clausum, et apertum, ut illa publice profiteri, et interpretari possis. Tandem infero digito tuo ænnulum scientiæ splendoris signum. Postremo accedat etiam osculum pacis.»

## Pregações, confissões, jubileus e casos de consciencia

Começava-se cedo a ser prégador na companhia de Jesus. Fundamente practicos, os jesuitas acostumavam, desde os seus primeiros annos de estudo, o alumno a affrontar o publico, a dirigir-lhe a palavra, a olhar de alto a multidão, adquirindo assim essa afoiteza, de que tantas provas davam depois; ou na côrte prégando a reis e a principes, ou nas praças publicas incitando *ligueurs* ás guerras de religião, afoiteza que tão insensiveis os fez, quer á beira dos supplicios, exhortando calvinistas e lutheranos, quer nos sertões invios, catechisando selvagens boquiabertos ou aggressivos.

Esse uso tinha, porém, seus perigos; e o padre geral punha o dedo na ferida, na sua instrucção de 4 de julho de 1566:

«...como exercicio, os escolares faziam conferencias ás sextas feiras e frequentes prédicas, houve porém abusos, chegaram a abandonar os estudos regulares; que não deixem faltar os que o pretenderem por mera vaidade. Todos os da companhia podem prégar, ainda que não sejam sacerdotes, nem tenham terminado os estudos de theologia, mas a decencia requer que os prégadores sejam, pelo menos, diaconos. Quando se não tenha certeza da doutrina do prégador, seja obrigado a mostrar seu escripto e mande-se alguem para ouvir e informar o superior.

O padre Jeronymo Rebello, vice-reitor que foi do collegio de S. Paulo de Braga, deixou escriptas por sua letra e seu signal estas palavras que seguem:

«Em o anno de 1576 disse o arcebispo D. frei Bartholomeu dos Martyres que bastava por prégação em Vimeiro fazerem a doutrina aos lavradores, e para isto bastaria o cozinheiro. Em esta egreja, diz o cura, que não se préga domingo de Ramos, nem dia de Paschoa.»

Como frei Bartholomeu conhecia os lavradores do seu seculo, e como elle os reconheceria taes quaes eram, se volvesse da campa!

O geral, no 1.º de dezembro de 1586, aconselha aos padres prégadores mais modestia do que a que, parece, elles tinham:

«Convém de todos os modos se tire o abuso

Decapitação de Lucena

de alguns nossos prégadores de entrar a cavallo nas cidades, ou onde vão prégar, só se concede a algum mui fraco, e devem escolher pessoas *serias y de tal desposition*, que no solo con la palabra mas tambien con la moderada cura de sus personas den edificacion, y quanto al mudar de las camisas alla en alguna casa despues de acabar el sermon, tan poquo se permitta sy no a quien claramiente se viere tener dello necessidad y sean advertidos de hazer lo en lugar decente y con aquel misamiento que a religiosos conviene».

«Nos dois jubileus concedidos nos annos de 1572 e 1574, o papa, depois de uma forte controversia com monsenhor Frumenta, provocada pelos jesuitas, declarou que a incidencia nas penas anteriores, suspensas por occasião do jubileu, só tinha logar para os excommungados no foro exterior.

«Quem fosse sómente excommungado no foro interno, passado o jubileu, ficava limpo e puro, o outro, embora tivesse ganhado o jubileu, de nada lhe aproveitava, porque volvia ao anterior estado para todos os effeitos.»

Isto mandou dizer de Roma Pero da Fonseca ao padre visitador Miguel de Sousa, em 10 de fevereiro de 1579.

Na carta já citada do padre geral, de 23 de janeiro de 1568, se recommenda que:

«Sua santidade tomou a peito tão deveras a observancia da bulla *In cœna Domini*, que mandou ao cardeal Sancho, seu vigario, que, juntas as religiões em seu nome, lhes enviasse a bulla, por todas as provincias e mosteiros, e a fizesse observar com muito cuidado, e os confessores se exercitem n'ella, sendo examinados depois; que se avisem logo os provinciaes e estes os reitores.

«O superior pode ouvir os noviços por si ou por outro em confissão, e ainda que o mestre de noviços os confesse, pode o superior informar-se d'elles.»

*Alguns avisos espirituaes do geral Everard Mercuriano*

«Não se consintam paradoxos e opiniões extravagantes, que além de serem contrarios ao espirito da sociedade, são n'este tempo de grande perigo, mórmente n'essa religião, tendo a companhia émulas, assim os que ensinam e prégam sigam sempre a doutrina commum e sã.

«Que os nossos attendam sempre devéras á verdadeira abnegação de si mesmos, e á mortificação, o *desapropriacion de sus affectos no permittiendo singularidades.*

«Para confessores de mulheres poucos e escolhidos, que falem pouco e não se demorem com certa gente, principalmente de tarde, ou estando a egreja sem gente, nem confessem sem testemunhas *nullum locum dantes aut suspicioni aut diabolo* «y en suma no pierdan tiempo con este trato, que es de poca ganancia e puede ser de mucha perdida».

«En la institucion desta gente, quando se dan a cosas spirituales se an de prevenir las illusiones. *Ducuntur hæ varis desideris et implicantur multis erroribus et muliœ conversœ sunt retro post Satan:* «y por esto medio el demonio suele triumphar de muchos siervos de Dios». É preciso tirar-lhes os desvanecimentos da cabeça, que tratem das obrigações e que tratem antes de mortificar-se que de fazer revelações.»

*Propositiones missæ a Lusitania et censuræ padre geral C. Aquaviva*

«3. Nunquam liceti pænitenti declarare in confessione circumstanciam ut cognosci possit a confessorio persona participes peccati.

«Non est docenda.

«4. Fæmina posse abortum facere ante animationem fœtus ut inconsulat fame, vel domus vel monasterii, probabile est.

«Errorem sapit nullo m° est permittendo.

«11. Contumelia secreta quæ sit verbo contra proximum nos est obnoxia—est.

«14. Adulterium secretum nullum infert damnum matrito adultero, si non illa concipiat ei pariat filium adulterinum ideoque talis adultero ad nullam!

«Est omnem tenetur!

O padre João Correia, procurador da Lusitania, em 1600, fez um enorme memorial

com muitas subtilezas e distincções, das quaes algumas vieram de Roma com asperas censuras; mencionarei duas, pela singularidade:

«Si quis unus ex nostris petit ab aliquo consilium in materia confessionis ut ab eo habeat lumen et directionem in ordine ad ordine confessionem: num pater a quo hujus modi consilium petitur teneatur sigillo confessionis; an vero rem ipsam possit superiore aperire; videtur enim prosus teneri sigillo confessionis ut doctores graves affirmant.»

Este *videtur* do padre procurador é notavel.

«*Caso n.º 14.* «Si est casus reservatus morosa delectatio cum carnis titillatione absque pollutione: videtur enim non esse quia non datur hic opus externum voluntarium: et quid si qui ita debetatur loquit cum alio verba humana, et prorsus politicæ amicitæ, item verba parum honesta nunc tunc illa delectatio morosa sit casus reservatus.»

Parece que o geral ficou um tanto admirado do caso, da finura sensualista d'este *moroso prazer* de que parece duvidar.

«Si res est certa, diz o geral, et exit in actum exteriorem, qui in se sit prima materia, casus est reservatus, quod vero attinet ad verba examinet confessarius circumstantias et ex eis colliget an sint prima materia.»

*Do quadrimestre do collegio de Coimbra escrito a 31 d'agosto de 1560.*

Narrando o principal Miguel de Sousa que muitos irmãos, em numero de quarenta, foram em peregrinação a Santiago de Compostella, por occasião das férias, que duravam um mez, diz:

«E porque os annos atraz, posto que iam desconhecidos em os vestidos, como se conhecem pelo calçado, quiz o padre reitor tirar este inconveniente com mandar fazer sapatos ao modo dos de fóra. Os vestidos eram de borel e outros pellotes pretos, de modo que, se pela muita conversação alguns estudantes os não conhecessem, d'outra maneira era impossivel.

«Ainda assim, encontrados a dormir nas eiras ou nos palheiros, eram presos ou perseguidos [1].»

O padre mestre Simão deu a seguinte instrucção ao padre D. Gonçalo e mestre João e outros, para observarem no caminho que faziam para Roma.

«1. Obedecerão a D. Gonçalo em tudo e por tudo como ao padre mestre Ignacio; todavia todos os dois por si terão jurisdicção sobre elle, para que não faça penitencia alguma particular.

«2. Além dos exames terão pelo menos duas horas de meditação, as quaes meditarão a hora por legua. As horas de meditação serão saindo pela manhã dos logares onde dormiram. E outra antes de rezarem vespera, ou quando a D. Gonçalo lhe parecer, conformando-se com o tempo e occasiões, de maneira que o tempo e occasiões ensinarão o que se deve fazer.

«3. Não farão nenhumas penitencias em comer nem em dormir, nem em outra coisa por não enfraquecerem no caminho, e se impedir o effeito da jornada. E se algum adoecer, e a doença fôr breve, todos esperarão por elle, e sendo longa, ficará um irmão com o doente, qual D. Gonçalo disser, e se puder leval-o aonde estão padres da companhia e os outros irão sua jornada avante, e sarando o doente, ir-se-hão ambos até Roma.

«Levarão as regras dos peregrinos e usarão d'ellas nas coisas que não repugnarem ao que aqui vae escripto, ou D. Gonçalo disser. Farão seus exames antes de entrarem no logar onde hão de repoisar por espaço de meia hora, assim á tarde como pela manhã e trabalharão á noite por rezar matinas, e o mais da noite repousarão com algum bom pensamento, para tomar forças e poderem outro dia exercitar suas meditações.

«Levarão avisos espirituaes e trabalharão

[1] Evora Cod. CVII / 2 — 2

muito por os exercitar, e os domingos e festas prégarão onde se acharem, havendo para isso commodidade e disposição, assim da parte de quem ha de prégar, e terão lembrança d'edificar todas as pessoas com que falarem e tratarem.

«Quatro coisas terão lembrança de encommendarem intimamente a Nosso Senhor, a primeira a reformação da Egreja catholica, a segunda a conversão dos infieis; a terceira especial augmento e conservação da companhia, e que Nosso Senhor a livre de peccados; a quarta, el-rei, rainha e principe e este reino e terras a elle sujeitas, e a quinta, ainda que vá fóra do numero, pelos defuntos da companhia.

«Esta informação, assignada por mim, se fôr necessario, mostrarão aos padres e irmãos que acharem da companhia, e as mais pessoas que fôr necessario, para que saibam serdes vós da companhia de Jesus e irdes por meu mandado [1].»

*Uma carta do geral — 1608.*

«Temos visto por experiencia que as peregrinações instituidas com devoção e piedade, e de N. P. S. Ignacio postas entre as suas experiencias, por inadvertencia d'alguns subditos, teem muito degenerado do fim do nosso instituto, indo-se muitas vezes a cavallo com despeza e sobeja commodidade e não pouca distracção, perda d'espirito, curiosidade e desedificação a cidades principaes e logares curiosos, pelo que, querendo nós atalhar a esses e outros inconvenientes, depois de o encommendarmos a Deus Nosso Senhor, julgamos necessario ordenar estreitamente a V. R., como tambem o faremos aos mais provinciaes, que em nenhuma maneira conceda a ninguem essas saidas, ainda com pretexto de devoção e romaria, andando a cavallo, ou com esmola havida ou pedida de parentes ou de quaesquer outras pessoas, e fóra das peregrinações que se fazem cumprimento de nossas experiencias, no modo prescripto nas constituições, poderá V. R. sómente conceder as que lhe parecer conveniente; e quando pela provincia ou fóra d'ella, por ordem superior, forem os nossos que vão seu caminho direito, com modestia e edificação que convém, e não saiam d'elle a fim de vêr terras ou logares curiosos e saber novas, ainda que fossem de coisas da companhia.»

*Da carta do geral*

(15 de janeiro de 1571):

«Devem ter cuidado que as peregrinações não prejudiquem a saude corporal dos nossos.»

Para completar este capitulo e collocar o leitor em situação d'apreciar até que ponto ia a minucia e o methodo na administração d'um collegio jesuitico, transcrevemos algumas paginas do

COSTUMEIRO DO COLLEGIO DA COMPANHIA DE JESVS DE COIMBRA, DAS COISAS QUE SÃO DE COMER, E DAS QUE O NÃO SÃO.
*Feito no anno de 1675* [1].

TITULO 2.º, DO QUE SE DÁ COMMUMMENTE A TODOS, TODOS OS DIAS, AO ALMOÇO, JANTAR, CEIA E MERENDA, QUANDO A HA.

## Ao almoço

Nos dias d'almoço, aos que forem almoçar, se darão os pedaços de pão, que cresceram do jantar, começando pelos noviços, até onde chegarem, e não havendo se dará do pão inteiro o que fôr necessario, e alguma fructa, conforme os tempos, a saber: maçãs, peras, ameixas, cerejas, uvas, passas, figos, nozes, etc.; e em falta d'estas coisas, queijo ou laranjas.

Ao almoço, geralmente falando, não se dará vinho senão aos padres theologos, mestres e irmãos coadjuctores, com esta distincção: que aos mestres se dará um jarro, e aos demais um copo particular, e aos mestres em mesa separada.

---

[1] B. Evora Cod — CVIII / 2 — 1

[1] O original existe na Bibliotheca Nacional de Lisboa, secção dos manuscriptos, Fund. antg., 4483.

### Sopa de carne ao jantar da cozinha

Nos dias de carne ao jantar se darão da cozinha a todos, sopas de vacca, com suas couves ou repolho, ou abobora ou nabos, segundo os tempos; e cada semana alternadamente se darão uma vez sopas seccas, e outra semana penitella [1], e no verão se faça com tempo diligencia por cevada, para se dar farro [2] amiudadamente; e pode-se guardar alguma cevada boa da velha, para se começar a dar o farro mais cedo, antes de esperar pela nova.

A porção do jantar para todos será de nove onças, para os irmãos, de vacca toda, e para os padres: demediada, a metade de vacca e a metade de carneiro, e em todas as porções se dará uma talhada de toucinho, que não entrará no peso das nove onças. A alguns irmãos coadjuctores se dará porção misturada .de vacca e carneiro quando a pedirem.

### A ceia da cozinha

A' ceia se dará um antepasto de hervas, a saber: de alface, chicoria, abobora, borragens, nabos ou feijões que chamam fradinhos, ou caldo esforçado, e na falta d'estas coisas se poderá dar do refeitorio coisa que seja equivalente, e que pode ser no verão em que ha muita fructa, e tambem uma sallada ou alface crua, no verão, em dias de muita calma, e no inverno uma chicoria alporcada.

A porção da ceia será de sete onças de carneiro para todos, e se dará com variedade, a saber: ao domingo de môlho, á segunda feira cozido, á terça feira de môlho, á quarta feira cozido e á quinta picado. Tambem se darão as cabeças dos carneiros, uma com sua lingua, por porção.

Os bofes dos carneiros se darão de môlho particularmente nos dias em que o houver; e quando se der môlho ou picado se farão algumas porções áparte do carneiro cozido para os que não quizerem o môlho ou picado. Tambem se darão os pés do carneiro, quatro por porção, ou dois de mistura com carneiro.

Padre Antonio Vieira

Quando houver vitella, ou lombo de porco brando, se poderão dar em talhadinhas de môlho á ceia, ou de mistura com o mesmo picado de carneiro.

TITULO DO QUE SE DÁ DO REFEITORIO, PÃO, VINHO, POSPASTO, ETC.

A cada um se dará um pão inteiro, excepto se ha pão partido, que cresceu das me-

---

[1] Procurei debalde em grande numero dos melhores diccionarios a significação d'esta palavra, e não a encontrei.

Os jesuitas teem muitas palavras de uso proprio, que em geral não transpunham as portas das suas casas. Acontecia o mesmo em quasi todas as casas religiosas.

[2] Cevada pilada que se dá para refrescar. — *Bluteau*.

sas; ao jantar e á ceia se dará até onde chegar, começando dos noviços até os cursistas inclusivè. E no meio da mesa se proverão as mesas de pão, pondo um para dois. E se terá cuidado que o pão não seja muito duro.

A cada dois se dará um jarro de agua, que no verão se porá de noite a esfriar, e se porá em quartas de barro pelo refeitorio, junto ao vir para a mesa, para se lançar nos jarros da mesa ao entrar n'ella, e os jarros serão de barro branco com sua asa com Jesus pintado, e da forma que agora se usam.

Tambem se dará a cada dois um jarro de vinho bom sem agua; o jarro será d'estanho e da grandeza dos que agora ha e hoje se usam, e nos dias ordinarios se dará quasi cheio. E assim os jarros de agua como os de vinho se porão juntos, sobre uma pasta de estanho, cobertos com duas taboinhas.

Dos irmãos cursistas inclusivè para baixo até os noviços (salvo se forem sacerdotes), se não dará vinho em jarros, senão em copos, aos que para elle tiverem licença.

A cada um se dará um pospasto em uma salleira ou prato de estanho, segundo fôr a quantidade do pospasto, o qual ordinariamente será de fructa, segundo a variedade dos tempos: no inverno maçãs e peras de tarde, passas, figos, nozes e azeitonas; e acabada a fructa se dará queijo fresco, depois cerejas, peras, ameixas, uvas, melão, etc. Além d'isto uma laranja por fora a cada um a seu tempo, e se forem da China se porão na salleira do pospasto, como tambem limas e limões doces.

A cada um se porá uma salceirinha (?) com mostarda sendo dia de carne, isto ao jantar, e se fôr dia de peixe, assim ao jantar como á ceia, se porá a mesma salceirinha vasia para o uso do azeite e vinagre.

Em cada mesa se porão saleiras com sal e pimenta, com tal disposição, que cada uma possa servir para tres, como hoje se usa.

Nos dias em que se der sallada ou coisa que necessite de azeite e vinagre, ou sendo dia de peixe, se porão, junto a cada saleira, umas galhetas com azeite e vinagre. Em seu logar servem limões azedos, que se porão assim n'estes dias como em outros, ainda que não sejam de peixe; o que se entende havendo-os.

Sómente aos padres visitador, provincial e reitor se porão galhetas e saleiro particulares.

A cada um se porá seu copo, dois em cada pasta em que estão os jarros, e detraz d'elles. Pôr-se-ha mais uma colher junto do saleiro, defronte da porção, quando houver caldo, ou coisa que necessite d'ella.

A cada um se porá sua faca e seu garfo, entre o pão e a salceira do pospasto, e se cobrirá tudo com um guardanapo limpo, e para isso se renovarão tres vezes na semana, a saber: ao domingo, á terça e á sexta feira.

Na correspondencia dos jarros, da banda de fóra, se porá uma almofia [1] para limpeza da mesa.

A cada um se porá um pau de dentes, que será de arueira ou de vime.

Na picola [2] se põe pão inteiro e tudo mais que se põe nas outras mesas e do melhor. Não se põe jarros de vinho, salvo se vão a ella padres ou jesuitas de cursistas para cima.

Todas as semanas se porão toalhas lavadas nas mesas, e no meio da semana se virem, alimparão as pastas e lavarão os jarros, e todos os dias se varrerá o refeitorio. As toalhas que se põe nos dias de festa serão maiores que as ordinarias.

## Dias de peixe

Primeiramente far-se-ha toda a boa diligencia para que o peixe seja sempre fresco, são, bom e vário, particularmente nos dias de jejum.

## Ao jantar da cozinha

Nas sextas feiras, ao jantar, se dará um caldo de peixe, ou de grãos com selgas, favas e alface a seus tempos.

De porção se darão 9 onças de peixe, sendo fresco, e 6 sendo secco.

---

1 Vaso grande vídrado ou de estanho.

2 Pequena mesa onde, entre os jesuitas, se comia em separado.

A quem pedir ovos se lhe darão 3 de porção, assim ao jantar, como á ceia, e assim n'este dia, como nos mais de peixe, que não forem de jejum, porque nos de jejum se darão 4 de porção ou cozidos ou assados ou escaifados, como os pedirem.

Nos sabbados se darão sopas de feijões e quando não succederem d'este lote se farão grãos áparte para alguns, como as lentilhas ou ervilhas, ou de outra coisa equivalente. De porção se dará o mesmo que na sexta feira fica dito. O mesmo se dará em uma proporção em as ladainhas de maio.

### A ceia da cozinha

Nas sextas feiras que não forem d'abstinencia, como não são as das semanas em que ha dia de jejum, e as que veem da Paschoa até dia d'Ascensão, se dará um antepasto de hervas, ou d'abobora, etc., segundo os tempos.

A porção de peixe será de 7 onças, sendo o peixe fresco, e de 4 sendo secco.

A porção de peixe se dará como na sexta feira, ainda que na sexta feira e sabbado ordinariamente se dão ovos.

Nas ceias dos sabbados se dará antepasto de hervas, como fica dito na sexta feira.

### Do refeitorio

No tocante ao pão, vinho, pospastos e almoços nos dias de peixe se dará o mesmo que nos dias de carne. Só nos pospastos se poderão ajuntar fructas quentes, como são passas, nozes, figos, etc., etc.

Nas abstinencias das sextas-feiras se darão tres coisas, duas do refeitorio, como queijo e fructas, segundo os tempos, e outra de cozinha, como hervas, castanhas, etc.; e um rabão em seu tempo, que não porá em o numero das tres coisas, o qual se dará tambem nos outros dias, fóra do pospasto, á ceia.

A' vista do exposto, não se pode dizer que os reverendos padres fossem victimas de austeras abstinencias.

E ainda ha quem fale dos monges d'Alcobaça!

# LXXXIV

## No tempo dos Filippes

EMQUANTO durou o jugo de Castella, os jesuitas procuraram accommodar-se com a situação, e obterem as boas graças dos conquistadores. O seu plano de vida foi, como sempre, de evidente duplicidade. Se, por um lado, procuravam captar a benevolencia e o favor regio por meio dos seus socios de Hispanha, por outro mantinham em Portugal, no espirito do povo, com o auxilio de varios seus prégadores portugueses, a esperança na vinda de D. Sebastião.

O presidente d'Harlay, do parlamento de Paris, quando, em França, se dirigiu a Henrique IV, para impugnar a reentrada, n'aquelle reino, dos jesuitas, entre outros motivos que levavam o parlamento, que elle representava, áquelle passo, figurava, disse elle, o seguinte:

«Quando el-rei de Hispanha interprendeu a usurpação d'aquelle reino (Portugal), todas as ordens religiosas se sustentaram firmes na fidelidade que deviam ao seu rei. Elles sós (os jesuitas) dezertaram da mesma fidelidade, para extenderem os dominios de Hispanha, e foram causa da morte de dois mil religiosos e outros ecclesiasticos, de cujos homicidios se pediu bulla d'absolvição [1].»

[1] Nos primeiros tempos da dominação, os castelhanos mandavam clandestinamente afogar na barra do Tejo todos os religiosos e padres que falavam contra elles. Figuram na lista d'esses martyres da patria nomes dos mais notaveis sacerdotes da epocha, mas nem um unico de jesuita. Não será isto symptomatico?

Um dos prégadores da companhia, que mais prégava a vinda de D. Sebastião, era o padre Luiz Alvares; mas o que elle dizia pouco incommodava a D. Filippe, que sabia o sobrinho morto e bem morto; comtudo, os jesuitas, apezar d'isso, procuravam attenuar o effeito que taes prédicas poderiam fazer na côrte, por meio de publicações que as contradictavam; e n'aquelle tempo a massa popular não lia.

Com esta duplicidade moral, caminhava do par a depravação dos costumes entre os jesuitas, e a tal ponto, que dois d'elles, Gaspar Coelho e Luiz de Carvalho, não hesitaram em escrever ao papa, em nome d'aquelles dos seus socios que lamentavam o descalabro da companhia, onde, segundo elles, as constituições eram lettra morta. Entre outras queixas, allegam os dois padres:

«Posto que isto assim seja, padre beatissimo, comtudo a iniquidade de pessoas (isto é, dos professos, nos quaes entre nós está todo o supremo poder), de tal sorte caminha em todas as materias, pervertendo as leis de Ignacio, que as suas constituições, vindas do céu, se tem por elles em tão grande desprezo, como se fossem a ficção d'uma pequena nuvem, que no ar se formou e n'elle se perdeu, porque os ditos professos que governam determinam tudo ao seu livre arbitrio, contra a justiça e contra a equidade. A qual perversidade de obras e costumes se acha de tal sorte radicada e confirmada pelas leis particulares dos referidos homens, e pelos

costumes por elles introduzidos, contra os que o mesmo Ignacio estabeleceu, e contra o fim da instituição da mesma sociedade, que alguns varões, graves, doutos, e dos mais antigos da nossa sociedade muitas vezes teem chegado a duvidar se esta congerie e confusa turba de homens seja a mesma religião approvada pela sé apostolica, ou seja uma synagoga de gentes, que vivem sem lei arbitrariamente. . »

A carta concluia denunciando que todos os que falavam contra os que não observavam as constituições, ficavam desde logo ameaçados pelos professos dos maiores castigos e sujeitos ao ultimo supplicio.

Foi este estado escandaloso do viver jesuitico que levou Fillipe II a pedir, em 1588, a reforma das ordens regulares, para n'ella comprehender a companhia, e depois representar a Xisto V, que Claudio Aquaviva impedia que a sociedade fosse reformada, ao mesmo tempo que ella, nas Hispanhas, necessitava de remedios mais fortes que as outras ordens religiosas.

Mais ainda: No fim da approvação da chronica de Balthazar Telles, o padre mestre André Gomes da S. J. assim se expressa:

«Parece-me esta obra de grande confusão para alguns dos que vivemos, e vemos quão longe estamos d'aquelle primeiro e fervoroso espirito em que nossa santa companhia se fundou.»

Por aqui se pode avaliar, com taes e insuspeitos testemunhos, a que grau de desconceito e desmoralisação tinham chegado os jesuitas, apenas com meio seculo da existencia, ainda não cumprido.

No periodo a que se refere este capitnlo, por mais d'uma vez iremos encontrar os jesuitas sempre promptos a desconhecerem as justiças e os tribunaes da nação, a atacarem as prerogativas da corôa, renegando sempre que podem a qualidade de portuguezes, para envergarem com uma audacia inconcebivel a libré do Vaticano.

Já vimos que, por meio da força, e diremos mais, com a violencia e mão armada, e

Francisco Soares

por fim. com o peso da auctoridade arbitraria de D. João III e contra vontade dos seus legitimos possuidores, elles se tinham apoderado da ermida de S. Roque. Esta victoria encheu-os de vaidade, e deu-lhes audacia para pretenderem apoderar-se d'uns terrenos que pertenciam ao conde da Vidigueira, D. Francisco da Gama, e que este possuia junto ao postigo chamado de S. Roque, e isto na occasião em que o conde procurava vedal-os por meio d'um muro. Foi o caso le-

vado aos tribunaes do reino, e todos deram sentença favoravel ao conde. Em vez de se conformarem com o que acabavam de julgar as successivas instancias, os reverendos padres levam a causa para Roma, contra todas as leis do reino, e onde os seus socios punham e dispunham das decisões [1].

Para evitar os successivos embargos com que a gente de S. Roque o vexava, o conde mandou certa noite os seus pedreiros acabarem a obra do muro. Foi então que os santos varões sairam da portaria em chusma turbulenta e ameaçadora, acompanhados dos seus criados e familiares, e procuraram impedir os pedreiros de trabalhar. Estes reagiram, do que resultou travar-se uma verdadeira peleja de qual de baixo qual de cima, e d'onde a dignidade sacerdotal saiu vergonhosamente enlameada!

Devem ter notado os leitores que não houve no mundo uma unica terra onde entrassem os jesuitas pobres, miseraveis, pedintes, e que, onde, ao fim de pouco tempo, não estivessem envolvidos em querellas, brigas e demandas, com o fim de se apropriarem de terras, bens e propriedades que lhes não pertenciam! Se o facto fosse isolado, podia talvez dar-se-lhes razão; mas tão constante e repetido, leva á evidencia que o latrocinio era o principal lemma escripto na bandeira da S. J.

Contemos outro facto, mas este mais serio e mais grave. N'elle os jesuitas, em vez de empregarem a sua influencia em Roma para evitarem um interdicto ao reino, e as suas desagradaveis consequencias, n'uma epocha em que havia ainda quem tremesse só de ouvir falar em excommunhão, se puzeram logo ao serviço da curia contra nós, servindo-se para essa felonia de toda a arguicia e subtilezas de chicana d'um dos seus professores, o padre Francisco Soares [2].

Eis o caso na sua simplicidade, quando muito apenas digno d'um outro *Hyssope*, e que, perturbando profundamente a consciencia dos portuguezes de então, mais uma vez veiu provar quantas iniquidades se praticavam e ainda se praticam sob o pretexto de religião.

O auditor da legacia apostolica em Lisboa, que era exercida pelo colleitor Accorambone, bispo de Tossombrone, havia sido citado a comparecer perante o juizo dos feitos da corôa, por causa d'uma questão havida contra um livreiro. O auditor, não reconhecendo a competencia do tribunal para fazer tal citação, não compareceu. Foi dada sentença contra elle, e passado mandado de captura contra qualquer dos seus criados ou familiares. Este mandado tinha a assignatura do juiz da corôa dr. Belchior Pimenta, e foi encarregado de lhe dar execução o aguasil Antonio d'Oliveira Pinto, servindo de meirinho das cadeias.

O aguasil, encontrando na rua a Miguel Leitão Vieira, familiar do auditor, prendeu-o. O homem gritou, reclamou que tinha corôa aberta, e que, portanto, estava fóra da acção das leis civis; mas, apesar de recalcitrar, foi levado, como era de justiça, para a cadeia.

D'aqui resultou uma grave contenda, baseando-se o colleitor n'uma bulla, que não tinha legalidade em Portugal, e acabando por excommungar os doutores Carlos Brandão Pereira, juiz dos feitos da corôa, Thomé Pinheiro da Veiga e Martim Leitão, des-

[1] O arcebispo de Lisboa, sentenciando n'este pleito, diz: «...que o senhor conde, por si, e por seus antecessores, está em posse pacifica de mais de cincoenta annos a esta parte dos ditos chãos, e ser senhor d'elles, por titulo legitimo que d'elles tem...»

[2] A faculdade de theologia da Universidade de Coimbra, para celebrar em 1887 o tricentenario da incorporação d'este jesuita no corpo docente da mesma faculdade, encarregou o doutor Antonio Garcia Ribeiro de Vasconcellos de fazer uma publicação commemorativa d'este acontecimento academico. O resultado foi um colossal trabalho de erudição e investigação, levado a cabo com mão de mestre, e que eu, respeitando-o, lamento, porque Francisco Soares nada diz ao nosso coração de homem e de português.

E' possivel que fosse um sabio, á maneira jesuitica, mas nem a sciencia em geral, nem a theologia em particular lhe devem nenhumas d'essas descobertas lapidares, exposições claras e brilhantes que fazem epocha e firmam um marco limiar no caminho do saber humano. Do magistral trabalho do dr. Antonio de Vasconcellos tira-se apenas uma illação, e é que, se a theologia de hoje em Coimbra é a sciencia que professava o padre Soares, bom é que ninguem a aprenda... para não perder tempo.

embargadores da casa da supplicação, e lançar interdicto local em todas as egrejas, mosteiros e ermidas da cidade de Lisboa e seus arrabaldes. E' então que os jesuitas, por intermedio do seu Francisco Soares, interveem na questão, tomando voz e feito contra a nação, e ainda n'esse momento se não encontrou o marquez de Pombal, que desse a todos os exploradores do oiro português a paga que elles mereciam. Mas, se não perderam por esperar, estão hoje de novo readquirindo o capital, augmentado com juros accumulados de onzenarios.

Depois, para acabarem com os restos de espirito scientifico, que poderia existir no país, quanto mais não fosse nas escolas e nos gabinetes dos estudiosos, introduzem, sem beneplacito regio, e contra os usos nacionaes o *Indice expurgatorio romano*, onde só não tinham inscripção prohibitiva as sandices fradescas, as metaphisicas dos Soares, ou as *Summas* e Concordancias de varios padres mestres aposentados.

Para levarem a effeito esta introducção, e firmarem de todo o seu dominio fazem com que o papa, em 1616, expeça de Roma uma bulla nomeando o bispo do Algarve, D. Fernando Martins Mascarenhas (mais jesuita que os mesmos jesuitas), inquisidor geral em Portugal e seus dominios; e portanto entregando nas suas mãos a inspecção dos livros que se podiam ou não ler. D'ahi vieram as devassas, as buscas domiciliarias, as perseguições, e as penas e torturas inquisitoriaes, pelo simples facto de se possuir qualquer livro que não agradasse á gente de Roma; a essa sábia gente que condemnava Galilleu por elle demonstrar o movimento da terra, contra a ignorancia do livro biblico de Josué.

Para que o leitor avalie que dominio de verdadeira escravidão se exercia nos espiritos, leia o seguinte edital do mencionado inquisidor Mascarenhas:

«A todos os que esta nossa carta virem fazemos saber, que agora de novo por ordem nossa tem saido á luz o catalogo dos livros, assim os que no Indice universal romano [1] estão prohibidos accrescentando-lhe os que por novos editos da Sagrada Congregação do mesmo Indice nos foram enviados [1]... Pelo que mandamos a todos, e a cada uma das pessoas ecclesiasticas, regulares ou seculares, como leigas, de qualquer estado, condição ou dignidade que sejam, que tiverem livros dos que se prohibem no dito catalogo ou regras d'elle, que dentro em trinta dias da publicação d'esta os entreguem... E se taes livros forem defezos, *não pelos ditos respeitos de heresia, mas por algum outro differente,* quem os tiver sem os querer entregar ou manifestar seus nomes e titulos ao Santo Officio [2] e o impressor que os imprimir, e a pessoa que os vender, ou fizer trazer além de incorrer em peccado mortal [3], será a nosso arbitrio e dos inquisidores severamente castigado... E todos os livreiros, impressores ou quaesquer outras pessoas que tratam em livros, desde a publicação d'esta a um mez, terão este catalogo sob pena de vinte cruzados [4] para o gasto do Santo-Officio... E encomendamos ás mais pessoas que teem livrarias, especialmente da sagrada theologia e canones, que tambem o tenham para uns e outros se saberem resguardar como convem n'esta materia de livros... E para mais certa execução da emenda dos livros a que ella for necessaria, determinamos aos que as taes livra-

---

[1] Este indice não podia ter execução em Portugal sem o beneplacito regio, e não o tinha.

[1] Estes editos estavam no mesmo caso, e as expressões, com que foram significados, provam demonstrativamente, que este prelado entendia que o reino de Portugal se achava reduzido a uma colonia da curia romana, á qual não havia mais que mandar a mesma curia as suas ordens, para que logo fossem executadas.

[2] «N'estas palavras, nota Seabra da Silva, está descuberto todo o plano dos jesuitas, qual era por uma parte não lhes escapar livro algum de boa instrucção, que não soubessem onde estava, e que não extinguissem com a auctoridade do dito bispo inquisidor geral.»

[3] Este peccado mortal é invenção dos jesuitas.

[4] Aqui o asno lança a orelha de fóra. Primeiramente mostra no fundo da obrigação o empenho de impingir o calhamaço, depois prova que quem redigir o edital ignorava os principios de direito que não permittia, nota Seabra da Silva, estabelecer penas pecuniarias com a jurisdição espiritual, quando estas penas só podiam ser estabelecidas pela legislatura temporal.

rias teem, tempo preciso e competente para ver se ha nellas algum livro ou livros comprehendidos neste catalogo, para com effeito pelo expurgatorio delle os condemnarem, sendo assim obrigados por nosso preceito, e penas que nos parecer...»

Ora, emquanto assim procediam em Portugal, legislando por intermedio do manequim apparatoso, que tinham feito nomear para inquisidor, em Hispanha, para serem agradaveis ao rei, imprimiam e deixavam correr a obra do seu socio Rosa, a que noutro logar já nos referimos, intitulada *Opusculum de gesta circa doctrinas, et libros á temporibus Ezechiæ Regis usque ad annum 1632*, que havia sido condemnada pela Santa Sé! Esta duplicidade de procedimento tinha por fim agradar ao rei em Madrid, e querer fazer capacitar em Lisboa que eram alheios ao edital do seu homem de palha.

Quando em 1604 a Camara de Lisboa necessitou augmentar o imposto do real d'agua sobre a carne e o vinho, para occorrer ás obras publicas da cidade, e particularmente para o caes desde o Forte até á Alfandega, os jesuitas, já opulentissimos com os esbulhos feitos, negaram-se a contribuir, com uma audacia revoltante, allegando entre outras rasões perfeitamente jesuiticas: «que não devem nem podem ecclesiasticos contribuir para semelhantes obras publicas, ainda quando são mui uteis e necessarias, bastando para isso a contribuição dos leigos.»

O preposito Francisco Ferreira, que tal resposta assigna, era um digno discipulo de Francisco Soares.

Encontramol-os depois, na pessoa do padre Nuno da Cunha, pondo os maiores embaraços á fiscalisação que a corôa queria exercer na acquisição dos bens pelas ordens religiosas, e bem assim na verificação dos titulos das propriedades. Tratava-se de pôr cobro á accumulação dos bens de mão morta, e os sacrificadores do *Bezerro d'Oiro* sairam a campo a defenderem os seus cofres, as suas propriedades e as capellas e rendas das casas que não oravam a Deus, senão pagando-se-lhes.

Como pela virtude se não recommendassem, e pela intriga começassem a ser odiados, lançaram mão de todos os meios para conservarem a protecção dos grandes e foi para isso que, em 1627, organisaram grandes festas de caracter theatral no seu collegio de Braga, para receberem a visita do faustoso arcebispo D. Rodrigo da Cunha[1].

E já que aos bicos da penna me accudiu a palavra theatral, recorda-me ella um facto acontecido logo no começo do dominio dos Filippes, e que passo a narrar como fêcho digno d'um capitulo da vida d'estes eternos e incorrigiveis farçantes.

Os jesuitas, como se adivinhassem que um comico os havia de expôr durante seculos á irrisão publica, nessa primorosa comedia que se chama *Le Tartuffe*[2], instaram com o cardeal Alberto, para que os comediantes fossem condemnados a degredo, como peste e corrupção dos bons costumes; o que conseguiram em 1586. Os comicos offereceram dotes a cinco donzellas orphãs e resgates para cinco captivos, comtanto que os deixassem exercer a sua profissão. Os jesuitas mofaram d'esta liberalidade e os comicos foram expulsos de Lisboa. Não desesperaram, no emtanto, de tão mofina sorte, e voltaram á carga em 1588, promettendo d'esta feita dar oitenta comedias e mil dinheiros reaes (cruzados?) á Santa Casa por cada um d'elles; mas os jesuitas não cederam e fizeram com que se recusasse o pedido.

Bem certo é o ditado «que o teu inimigo é o official do teu officio». E, no fundo, os jesuitas eram grandes comediantes, com a differença de o serem ao divino!!

---

[1] O leitor que quizer conhecer o que foi toda esta intrusa comedia e ao mesmo tempo apparatosa e opulenta, leia a sua descripção no *O Panorama*. Vol. 4.º—1860 Pag. 51 e 52.

[2] Uma das armas do marquez de Pombal contra elles, foi proteger o theatro e fazer representar uma traducção d'esta comedia de Molière. Para que não houvesse duvidas na allusão, o actor que desempenhou o papel de *Tartufo*, apparecia em scena vestido com a roupeta de Jesuita.

O padre Antonio Vieira ouve ler a sua sentença

# LXXXV

## Outra vez no throno

Comquanto não haja documentos por onde se possa provar que os jesuitas viram com maus olhos a revolução do 1.º de dezembro de 1640, é notorio que foram elles quem impediram o cardeal D. Henrique de legar a corôa á casa de Bragança. E' facto que, em 1635, indo o duque a uma festa religiosa a Evora, o jesuita que pregava o sermão, voltando-se para elle, concluiu: «*Aduc princeps, cernam in tuo capite coronam...*» e fazendo uma pausa continuou «*gloriae, ad quam Deus nos perducat*»; e isto fez com que, em 1637, por occasião dos tumultos d'Evora, elle e Gaspar Corrêa, fossem chamados a Hispanha, por suppôr-se alli perigosa a sua presença em Portugal. Este facto pode ser apreciado por duas formas; ou como necessidade de situação, no coração d'uma provincia absolutamente dedicada á casa de Bragança, ou como meio indirecto de comprometter o principe. Seja como fôr o facto deu-se, mas isolado; e tanto era conhecido o pouco amor dos jesuitas á casa de Braganca, que na conjura, de que resultou a restauração, nenhum d'elles figurou, e vê-se que procurando os conjurados elementos de combate em todas as classes sociaes, tendo apellado para o clero nas pessoas do arcebispo de Lisboa e dos honrados padres Nicoleu da Maia, Estevam da Cunha e Bernardo da Costa, não admittiram em seu seio nenhum jesuita, muito embora alguns os tivessem como confessores, e a companhia fosse uma força, por certo com medo que qualquer d'elles os denunciasse a Castella, como haviam feito quando D. Henrique estava na intenção de nomear sua sobrinha D. Catharina de Bragança herdeira do throno.

Encolhidos e anonymos durante os dias do perigo, saem do covil quando volta a segurança e o seu Nuno da Cunha, ainda a respeito da questão da capella, suscitada no anterior reinado continua a representar um duplo papel, minutando simultaneamente tanto os protestos do rei de Portugal, como as respostas que a elles teria de dar o nuncio de Roma.

Depois suscitam um novo propheta, lançado ao mundo pela mão do padre Antonio Vieira, que é a quem são attribuidas em grande parte as trovas de Gonsalianes Bandarra, destinadas a gerarem a crença de que elles jesuitas, que assim davam a publico prophecias d'aquella ordem, por certo eram dos mais interessados na causa portugueza [1].

---

[1] A historia do Bandarra e das suas profecias está assim resumida, e até certo ponto criticada no *Diccionario Popular*, dirigido por Pinheiro Chagas. Vol. III. Pag. 62 e 63.

«Bandarra é na tradição o typo de propheta popular, o sapateiro inspirado que vae puxando o fio e cantando as predicções dos mais importantes acontecimentos politicos de sua patria E' uma individualidade profundamente portuguesa, que resume toda a credulidade do nosso povo e d'aquella epocha.

.................................................

«Se effectivamente Bandarra não dava uma intenção prophetica ás suas trovas, e existiu com o simples caracter de um sapateiro improvisador, a argucia politica torceu a seu modo o sentido das trovas, para fazer acreditar o povo na intervenção de acontecimentos sobre os quaes ella queria chamar a attenção

E conseguiram o seu fim, por que o paço real abriu-lhes as portas, e o povo fanatisou-se pelas trovas do propheta. E como não devia de assim ser, se ellas eram d'uma exactidão espantosa. Como exemplo daremos as 156, 157 e 158:

156
Já o tempo desejado
É chegado,
Segundo o firmal assenta:
Já se chegam os quarenta
Que se augmentam
Por um doutor já passado.

157
O rei novo é levantado;
Já dá brado;
Já toma sua bandeira
Contra a grifa parideira
Lagomeira
Que taes pastos tem gostado.

158
Saia, saia esse infante
Bem andante:
O seu nome é D. João.
Tire, leve o pendão,
E o guião,
Victorioso mui triumphante.

Deu-se, porem, um incidente que ia compromettendo o valor da prophecia, se não fosse a audacia e habilidade com que Antonio Vieira se poz em guarda. D. João IV adoeceu, e os medico desesperavam que elle se salvasse; se morrese, pois, lá ficavam as prophecias annuladas. E' então que Vieira publicamente affirma: «que ou não havia de morrer d'aquella doença, ou se morresse, havia de resuscitar para dar cumprimento á prophecia, e maravilhas ainda não succedidas, mas escriptas pelo Bandarra ao dito respeito.»

Se o facto não estivesse autenticado no § 6.º da sentença do Santo-Officio da inquisição de Coimbra proferida contra o mesmo Antonio Vieira, publicada na sua presença em 23 de dezembro de 1667, não o acreditariamos, tanto elle rebaixa o caracter d'um homem que, no fim de contas, é uma das nossas glorias litterarias, e que conseguiu ser *alguem* numa epocha bem apoucada em homens.

Se no povo, com a ajuda das trovas, iam ganhando certa popularidade, na côrte encontravam uma barreira que os separava em absoluto do rei. Era o secretario d'estado Francisco de Lucena [1]. «E não ignora-

---

e a confiança do povo, despertando-lhe a curiosidade.

«Segundo a lenda, Gonçalo Annes Bandarra era um sapateiro da villa de Trancoso, que vivia no tempo de D. João III.

Minha obra é mui segura
Porque a mais é de correia;
Se a alguem parecer feia,
Não entende de costura.

«Esta cantiga do sapateiro de Trancoso podia ser feita unicamente por desenfado, alludindo á sua humilde condição, como geralmente aconteceu em todos os poetas, illustrados ou populares, sem exclusão de Tolentino, que não perdia occasião de se queixar de ser mestre de meninos.

«Mas os inventores de Bandarra ou os seus falsificadores deram á trova o sentido que lhes convinha, tornando a *minha obra é mui segura* pela convicção que o poeta tinha nas suas predicções, e fazendo *calembourg* com o *a mais é de correia.*

«Segundo um documento official, o edital da Mesa censoria de 10 de junho de 1768, publicado com o intuito de pôr cobro ás *prophecias* politicas feitas de proposito para alludir desfavoravelmente ao governo, Bandarra é uma creação destinada simplesmente a servir fins politicos.

«Diz o edital: «... a dolorosa simulação, com que Antonio Vieira da companhia denominada de Jesus, e seus socios machinaram (entre outras supersticiosas profecias) as que introduziram debaixo do nome de Gonçalo Antunes Bandarra, persuadindo-as compostas no reinado do senhor rei D. João III, quando na verdade tinham sido machinadas depois da acclamação do senhor rei D. João IV, para com ellas lisonjearem a côrte e adquirirem sequito nella e no reino, que illudiram...»

«O livro a que se faz allusão no edital da Mesa Censoria é a *Carta apologetica* do Padre Antonio Vieira ao Padre Jacome Iquazasigo, provincial da provincia da Andaluzia, da companhia de Jesus.

«O padre Antonio Vieira affirmava a existencia de Bandarra n'essa carta apologetica, attribuindo ao sapateiro de Trancoso as trovas que elle proprio compozera, dando lhes um caracter prophetico E o caso era que nenhuma dessas profecias mentia. Podéra! Se ellas tinham sido escriptas pelo padre Antonio Vieira, que tambem versejava, depois de realisados os acontecimentos.»

[1] O conde da Ericeira, D. Luiz de Menezes, refere-se a Lucena nestas formaes palavras: «Deu-lhe (o rei) posse do exercicio, em que o achou, e satisfez-se de sorte do seu talento, que se accommodava ao seu

vam, emfim, diz Seabra da Silva, que um ministro tão provecto e tão experimentado, o qual em Madrid e em Lisboa tinha visto por dentro todas as machinações, com que a companhia chamada de Jesus havia perturbado os dois reinados proximos precedentes, de nenhũma sorte era util á mesma companhia, que assistisse com tão grande credito ao lado do senhor rei D. João IV.» Ora ao lado d'este rei já se se tinha introduzido o padre Antonio Vieira, que anciava por collocar no logar de Lucena o seu amigo Pedro Vieira da Silva [1], e ao mesmo tempo vingar, o que os jesuitas julgavam ter sido uma affronta de Francisco de Lucena, a um dos seus, o padre João Paschasio Cosmander. Este jesuita era um engenheiro flamengo que, apesar de padre, quiz que D. João lhe mandasse passar patente de coronel, com soldo maior do que outro qualquer engenheiro, ao que Lucena se oppoz.

Quando D. João subiu ao throno, foi-lhe indigitado Lucena para secretario do Estado. Se em tempo não fôra abertamente por Castella, fizera parte da administração extranjeira, e fôra secretario do conselho de Portugal em Madrid, passando para Lisboa como secretario das mercês. Era conhecedor das molas da administração, pratico nos negocios, e estava por conseguinte mais habilitado do que outro qualquer a dirigir o país. Francisco de Lucena, porém, acceitára constrangido; já era pouco ambicioso, homem de juiso fino e pouco accessivel a exaltações, não confiava muito no futuro da revolução, e sobretudo, sendo pae extremoso, e tendo seu filho em Madrid, receava que a sua elevação chamasse sobre este a colera do governo de Filippe IV. Comtudo, desde o momento em que acceitou o alto cargo que lhe offereciam, Francisco de Lucena dedicou-se todo ás suas occupações, e cumpriu os seus deveres com incontestavel zelo e lealdade [2].

parecer em todas as materias as mais importantes. Este favor incitou a inveja e provocou a calumnia, e foi a causa da ruina de Francisco de Lucena».

[1] Este Pedro Vieira da Silva tinha-se distinguido, pela crueldade com que na revolta de 1637, no Algarve, havia perseguido os portuguezes.

[2] Ler, para conhecimento completo d'este episodio da nossa historia, a Historia de Portugal de Pinheiro Chagas, ora em publicação pela *Empreza da Historia de Portugal*, á qual, entre outras, pedimos a estampa que illustra o triste desenlace d'esta intriga jesuitico-palaciana.

Mas nada lhe valeu. Tres vezes accusado, em duas provou a sua innocencia, mas da terceira, condemnado sem provas, foi condemnado a 22 d'abril de 1643 e degolado a 28 do mesmo mez e anno.

O conde da Ericeira, que tomára o partido dos nobres contra elle, não pôde deixar de não escrever: «ficou no juiso dos que o não sentenciaram á morte muito duvidosa a sua culpa.»

Falamos atraz do jesuita Cosmander, pois foi este o escolhido para mestre do principe herdeiro D. Theodosio, quando ainda não tinha feito nove annos.

Tal jesuita era homem de tão depravados costumes, que exercitando ao mesmo tempo o ministerio de engenheiro, e havendo conseguido a patente de engenheiro mór do reino, depois que se achou senhor dos segredos do gabinete, e das praças deste reino, se deixou ganhar pelos inimigos que então eram d'esta corôa [1], e ficou servindo contra esta, até que no anno de 1648 foi morto por um paisano portugues, defronte da praça d'Olivense, que vinha atacar [2].

Felizmente, para a sorte do reino, o principe morreu victima do ascetismo em que o educaram; porque depois do Cosmander, foi seu mestre outro jesuita, o padre André Fernandes, que levou o espirito do discipulo a tal grau d'abjecção, que o padre Antonio Franco disse d'elle: que teve tanto amor aos jesuitas «que se pode dizer, que para ser padre da companhia só lhe faltava a roupeta».

A orientação da companhia, na educação d'este principe, era fazer d'elle um desgraçado, como havia feito a D. Sebastião. Contemos um unico facto, e esse mesmo extraido da vida do mesmo principe, por João Baptista Domingues.

«A estimação que fazia d'esta (companhia

[1] Vide *Portugal Restaurado*. Tom. I, Liv. X, pag. 620.

[2] Vide *Portugal Restaurado*. Tom I, liv. X, pag. 755.

D. Maria Francisca de Saboya

de Jesus, mostrou em Alcantara, quando depois de que, com os fidalgos que lhe assistiam, executou varios jogos de cavallaria, em que era destrissimo, concordaram entre si que cada um d'elles desse a ultima carreira em obsequio da senhora a cujas bodas aspirava, com obrigação de dizer em pouco o seu nome.

Acceitou o principe a condição: e correndo ultimo de todos, virando-se para os seus, e apontando para um padre da companhia, que estava presente, disse: «*A minha esposa é a companhia, á qual só quero dedicar-me perpetuamente*. Muitas vezes affirmou não lhe agradar aquelle a quem desagradasse a companhia.»

Bem fez a morte em o levar d'este mundo; mesmo ficando para o substituir o futuro Affonso VI.

Com a morte do principe, o jesuita André Fernandes passou a ser confessor do rei, e se já antes este o consultava em todos os negocios, depois do seu arbitrio dependiam todas as decisões, sua auctoridade era summa e incrivel.»

Foi nos seus braços que D. João IV morreu, deixando «o reino entregue á *companhia*, denominada de *Jesus*».

# LXXXVI

## O padre Antonio Vieira

Se D. João IV desceu ao tumulo sem deixar de todo assegurada a independencia nacional, em compensação deixava inabalavel e firme o poder dos jesuitas, e a côrte e o país em suas mãos.

Ao lado da regente, D. Luiza, tutora de seu filho D. Affonso VI, viviam em parceria dominadora e communhão de interesses o seu guia espiritual, o dominicano irlandês fr. Domingos do Rosario, e o jesuita João Nunes, santarrão insinuante, fanatico, e que, por ser excessivamente porco, era considerado como extraordinariamente santo.

Fóra das intrigas politicas, o principal fim de João Nunes era converter a côrte n'uma especie de claustro ascetico, onde só houvesse rezas, via-sacras, procissões, oração mental, noviciados, profissões, e muitas esmolas para a santa casa de S. Roque. As nobres damas tinham por suprema honra ajoelharem quando elle passava, e beijarem-lhe a fimbria imporcalhada da sua roupeta parda[1].

Ao lado de João Nunes, trabalhava d'accordo com elle o jesuita André Fernandes. Para se conhecer da importancia de André Fernandes e de como elle explorava este país em beneficio da companhia de Jesus, baste que cite as seguintes linhas do annalista Antonio Franco:

«Do procurador se informava em que altura tinha os seus negocios. E elle descobria os caminhos por onde haviam de ter os desejados effeitos. Offerecia a sua protecção deante dos reis e dos ministros; e muitas vezes, sem ser rogado, dava os pontos que via serem necessarios, segundo as conjuncções e circumstancias, para que a companhia tivesse despachos favoraveis.»

As importantes missões do Maranhão foram entregues pela regente ao jesuita Manuel Luiz, especie de mandão da côrte, que empregou todo o seu poder e auctoridade em acrisolar o antigo trabalho dos seus socios em o novo mundo, de converterem em simples colonias da S. J., todos os dominios portuguezes do Brasil.

O celebre Nuno da Cunha, o mais acabado e completo typo da duplicidade do caracter, continuava na casa de S. Roque tendo em mão todos os fios da teia em que tinha envolvido Portugal e Roma, como já dissémos, sempre prompto a fingir-se patriota e a defender a corôa, emquanto que surrateiramente se ia mancamunando com os nuncios, e trabalhando em favor exclusivo da curia.

Jesuita, e dos de peor indole, descendente de jesuita traidor, era Ignacio de Mascarenhas, oraculo ouvido e acatado na côrte.

Mas a figura predominante, não só entre os seus sectarios, mas na côrte, e n'aquella epocha em evidencia na Europa, era por

[1] João Nunes tinha tomado como seu modelo ao padre Simão Rodrigues; e como este ia muitas vezes ao paço com uma roupeta parda, João Nunes adoptou o mesmo trajo; que supponho seria um vestuario caseiro qualquer usado nos serviços humildes ou simplesmente destinado a poupar a roupeta preta.

sem duvida o padre Antonio Vieira. A sua individualidade, que se accentuava com varios aspectos, destacava-se por tal fórma no meio da decadencia geral, que, zombando dos tempos, chegou até nós conservando muito da grandeza que n'ella admiraram os contemporaneos. Sem nunca deixar de ser jesuita, trilhando, principalmente nas missões diplomaticas, viellas tortuosas, nem sempre conducentes á gloria do seu país, teve certas qualidades que nenhum dos seus socios possuiu, e que fizeram com que dos milhares de jesuitas que nasceram em Portugal, quasi que só o seu nome viesse até nós. E' isto que nos leva a darmos-lhe a mesma importancia que démos a Francisco Xavier e a Simão Rodrigues, traçando, o mais brevemente possivel, o seu perfil.

Nasceu Antonio Vieira a 8 de fevereiro de 1608, na rua dos Conegos, como diz André de Barros, e a 15 foi baptisado na Sé metropolitana, tendo por padrinho a D. Fernão Telles de Menezes, conde de Unhão. Affirmam os seus biographos que seus paes, Christovam Vieira Ravasco e D. Maria d'Azevedo, eram de nobre estirpe. Ainda não contava oito annos passou com seus paes á Bahia, onde foi accommettido de doença grave que mais fez recear morte prematura do que o suspeitar a longa velhice a que chegou. Entrado nos estudos no collegio da companhia de Jesus, mostrou tal rudeza de engenho, que mais parecia destinado para os labores mechanicos do que para attingir as culminancias a que apenas sobem os dilectos da intelligencia. Manifesta-se, porém, uma crise, que os seus panegyristas attribuem a milagre, e o estudante bronco converte-se no mais lucido discipulo das classes. Ou por impulso proprio ou por seducção dos jesuitas, n'uma noite, a 5 de maio de 1623, foje de casa para o collegio dos reverendos padres, que alegres o receberam «como quem já previa no aspecto das estrellas a prodigiosa luz a que n'aquelle alumno todos se haviam de curvar.» A 6 de maio de 1625, terminado o noviciado, professou, continuando nos estudos, sendo encarregado de escrever as cartas annuaes em latim, que era de costume enviar a Roma. Aos dezoitos anno passou a ensinar rhetorica no collegio de Olinda, fazendo voto de se consagrar ao officio de missionario sertanejo, para o que se habilitou, estudando as linguas gentilicas do Brasil e de Angola.

Proseguindo nos estudos é ordenado sacerdote em dia de Santa Luzia de 1635, a 27 de fevereiro de 1641 embarcou para Portugal em companhia do padre Simão de Vasconcellos, por indicação do marquez de Montalvão, vice-rei de Pernambuco. No abbreviado diario de viagem de Vieira, lê-se:

«Aos 28 de 641 chegámos a Peniche, onde quizeram matar ao marechal. Aos 29 de 641 me quizeram matar e me prenderam, e parti para Lisboa aos 30 de 641, cheguei a Lisboa e vi a S. Magestade.»

Começa aqui a vida politica de Vieira. D. João IV affeiçoa-se-lhe, ouve o, consulta-o, nomeia o prégador régio, e parece até que entre os dois se concertou qualquer reforma da companhia, uma como nacionalisação dos jesuitas, já no começo da companhia sonhada pelos jesuitas portuguezes e que tão grandes desgostos acarretou a Simão Rodrigues. Não convinha, por certo, á casa de Bragança o cosmopolitismo da companhia, então preponderantissima em Hispanha, e por isso não nos admira que fosse uma tentativa de scisão a ameaça de expulsão feita a Vieira e o offerecimento que D. João lhe fez de uma mitra.

Ao redor do padre caiam as satyras; ferviam as intrigas dos seus e dos alheios a que respondia com a humildade, que encobria uma grande perspicacia, e a consciencia da força que lhe dava a roupeta de Loyola.

Data de então a celebre e heroica resposta ao rei: «Que não tinha a Magestade tantas mitras em toda a sua monarchia, pelas quaes elle houvesse de trocar a pobre roupeta da companhia de Jesus; e que, se chegasse a ser tão grande a sua desgraça que a companhia o despedisse, da parte de fóra de suas portas se não apartaria jámais, perseverando em pedir para ser outra vez admittido n'ella, senão para religioso, ao menos para servo dos que o eram.» E como achasse ainda pouco, concluiu; «que, se nem para servo o quizessem admittir, attestaria, sem mais alimento que o seu pranto, até acabar a vida junto d'aquellas amadas

D. Maria Francisca de Saboya no convento da Esperança

portas, dentro das quaes lhe tinha ficado a alma toda.»

Convalescido de doença grave que o atacou, entrega-se de corpo e alma á politica, trabalhando n'esta com afinco, mas sem nunca deixar de ser jesuita, qualidade que lhe imprimiu caracter, e que annulou muitas das grandes qualidades natas.

Em 1647, esteve em França e na Hollanda com a missão de vigiar [1] o procedimento dos conspiradores, e ao mesmo tempo de contratar um casamento com M.elle de Montpensier para o principe D. Theodosio, ou com a filha do duque de Longueville. Esta missão, que offendia a dignidade do marquez de Niza, alli mesmo embaixador, obrigou este a deixar a França.

Em 1650, foi enviado por D. João IV a Roma para tratar com os emigrados napolitanos nova sublevação que incommodasse a Hispanha. Mas Vieira, dizem que tão levianamente tractou o negocio, que os napolitanos julgaram não poderem fiar-se nas suas promessas. Mas tudo leva a crer que o jesuita dominou outra vez em Vieira, e que este foi *propositadamente* leviano. Elle ainda não confiava no exito da revolução e não se lhe daria não estar de tudo mal com a Hispanha; e tanto que, pouco depois, entrou em combinações com os jesuitas hispanhoes, nessa occasião em Roma, para fundarem a união iberica. As condições para essa solução politica, tractada entre D. João IV e Vieira, era o casamento de D. Theodosio com a infanta de Hispanha. Com esse casamento, dizia elle, a Hispanha resolveria num só dia, e sem derramar uma gotta de sangue, o que num dia só perdera, e que o cobraria melhor ainda do que o tivera antes de 1 de dezembro de 1640, pois que, por meio d'este casamento, Portugal se fundiria completamente com a Hispanha.

Quem se opoz a este formoso projecto de grandeza do principe e do jesuita foi o embaixador hispanhol, que esteve a ponto de matar Vieira, obrigando-o por este facto a fugir de Roma.

N'este momento estavam vingadas as cinzas de Lucena. No rol dos traidores á patria acabavam de ser inscriptos os nomes de D. João IV e do padre Antonio Vieira.

E' ainda Vieira quem aconselha a D. João IV que acceite o casamento de sua filha D. Catharina com o bastardo d'Hispanha D. João d'Austria, e que fosse reinar para o Brasil.

De volta a Lisboa, sáe á villa de Torres a missionar com o padre João de Sotto Mayor, e resolve partir definitivamente para a America, a cumprir o seu voto de creança. Estava então em toda a força da vida, e, por uma d'essas contradicções que formavam a base do seu caracter, despresa os triumphos cortezãos, que tanto o lisongeavam, e embarca para o Brazil, e a 22 de novembro de 1652 seguia para as missões do Maranhão. Parece averiguado que Vieira não queria partir, e, que, tendo embarcado a primeira vez em setembro, e tendo recebido ordem d'el-rei para não seguir viagem, tentára segunda vez a mesma scena, e fôra mal succedido. Chegado ao Maranhão, teve que luctar contra a má vontade de todas as auctoridades e dos colonos fazendeiros. Tractava se da escravidão dos indios, que todos queriam explorar, e que só tinham por si a corôa portuguesa, promulgando leis em seu favor, que eram lettra morta no Novo Mundo.

Vieira partiu para o reino em 1657, a fim de tratar da resolução d'este problema social e economico. Voltou ao Maranhão e alli os seus actos e os dos seus companheiros suscitam uma sublevação geral, como a seu tempo mais largamente descreveremos.

Preso no Pará, onde então se achava, foi remettido para o Maranhão, embarcado n'uma caravela com os outros jesuitas expulsos, e mandados para Lisboa, vergando elle e seus companheiros ao peso das maiores accusações [1].

Assim que os padres chegam a Lisboa, Vieira é acolhido com favor pela rainha regente D. Luiza, que logo o encarrega de prégar na capella real, o que fez na Epiphania de 1662, aproveitando o ensejo para

[1] O euphemismo, é do Sr. Pinheiro Chagas, autor da *Historia de Portugal*.

[1] O menos de que A. Vieira era accusado era de desflorador de indias!

contar as coisas acontecidas no Maranhão, com aquella energia e colorido que o caracterizavam.

Ha n'este sermão o seguinte trecho d'um grande arrojo: «Não se envergonha já a barra de Argel de que entrem por ella os sacerdotes de Christo captivos e presos; pois o mesmo se viu em nossos dias na barra de Lisboa.»

Estavam então os animos divididos na côrte, uns acompanhavam Affonso VI nos seus desvarios, associavam se ás suas loucuras e d'ellas tiravam partido; outros approximavam-se do infante a quem fatalmente devia vir a pertencer a corôa.

Vieira não se bandeou claramente para o partido do infante, e procurou crear uma situação preponderante no animo do rei, com o auxilio da rainha mãe a quem aconselhava em todos os actos. Não o consentiu Castello-Melhor, que o degredou logo para o Porto e depois para Coimbra. Do Porto escreveu com altivez:

«Irei para onde me mandarem, seja Africa ou America, que em toda a parte ha terra para o corpo e Deus para a alma; e lá nos acharemos todos deante d'aquelle tribunal, onde só testemunha a verdade, sentencía a justiça, e nunca é condemnada a innocencia» [1].

Em Coimbra adoece, e a inquisição instaura-lhe um processo, prendem-no, em principios d'outubro de 1665, nos carceres do Santo-officio, e dois annos e tres meses depois é condemnado. Tem então perto de 60 annos e é accusado de ter escripto o livro do «Quinto Imperio» e a «Clavis Prophetorum» livros de visionario, de sebastianista, que hoje nos fariam apenas sorrir, e lastimar que, por uma triste aberração, tão grande espirito os tivesse meditado e escripto [2].

N'essa sentença é elle accusado de sebastianista, visionario e falso propheta, e condemnado a ser privado para sempre da voz activa e passiva, de poder prégar, a ser recluso no collegio, ou casa de sua ordem que o Santo-officio designar, e a não tratar mais das proposições de que foi arguido na causa. A sentença tem a data de 23 de dezembro de 1667.

Durou a leitura da causa duas horas e um quarto e durante todo esse tempo Vieira de pé, immovel, com os olhos fixos no crucifixo, não fez o minimo gesto, o minimo movimento. Aquella vontade de ferro que sempre o animou paralysou-lhe os membros e reduziu-o a uma estatua!

Os effeitos d'esta sentença duraram em quanto durou o reinado de Affonso VI. D. Pedro commutou-lhe a pena em seis mezes de prizão, e logo depois foi completamente perdoado.

Não encontrando no regente o apoio a que se julgava com direito, partiu para Roma, onde aos 60 annos aprende o italiano, a ponto de prégar tão bem n'aquella como na sua lingua. Christina, rainha da Suecia, quiz que elle fosse seu confessor, ao que elle se recusou.

Procurava ser encarregado, como no reinado de D. João IV, de alguma missão di-

[1] Vieira depois declarou-se formalmente a favor do infante contra o rei. N'uma carta em que elle se queixa do desfavor de D. Pedro para com elle, claramente declara a parte que teve «em procurar que el-rei que Deus guarde, fosse preferido, como era justo, a seu irmão.»

[2] As proposições pelas quaes Vieira foi condemnado pela Inquisição de Coimbra, umas são d'um espirito transtornado, outras demonstram, aliás, um profundo bom senso. Assim entre as primeiras podemos assignalar como mais singulares as seguintes:

— que Bandarra era verdadeiro propheta;

— que um rei de Portugal já defunto havia de resuscitar muitos annos antes do juiso final para ser imperador do mundo;

— que se podia ser verdadeiro propheta e ao mesmo tempo professar doutrina heretica;

— que depois do mundo ser reduzido á fé no tempo do tal imperador, hade o mesmo mundo durar mil annos antes da vinda do Anti-Christo, tendo Deus para isso preso o diabo, para que não tente os homens.

As de bom senso são, entre outras:

— que ainda a Egreja catholica hade ter novo estado muito differente do que agora tem;

— que no tempo d'esse novo estado lhe hade dar Deus prelados mais reformados e santos do que os de agora, e que hão de ser eguaes aos da primitiva Egreja;

— que para conservação d'este reino convinha admittir n'elle judeus publicos, e assignar-lhes alguns logares em que residissem;

— que assim como o rei permittira em seus reinos algumas pessoas que esperavam por el-rei D. Sebastião, assim poderia permittir as que esperassem pelo Messias.

plomatica, mas nada conseguiu, embora a côrte lhe tivesse aproveitado a ida, incumbindo-o de tratar em Florença o casamento do herdeiro do grão-ducado de Toscana com a princeza herdeira de Portugal, o que não conseguiu.

O clima de Roma torna-se-lhe intoleravel. Em fevereiro de 1673 foi tal o abaixamento da temperatura que quasi o prostrou. O estomago não lhe consentia os alimentos, e as insomnias eram continuas. Em abril, dá uma queda que lhe ia sendo mortal. Vae, por conselho dos medicos para Albano, onde não melhora, volta a Roma, onde as insomnias o não largam; mas assim mesmo vigia as intrigas dos diplomatas contra Portugal, e d'ellas dá aviso para o reino.

Datam d'esta epoca os seus celebres cinco discursos das «Cinco Pedras de David». Prégando em italiano, e curtindo males physicos, foi passando a vida em Roma, onde os applausos unanimes dos que o ouviam, é de crer, lhe faziam por momentos esquecer as dôres.

Em 1675, regressou a Portugal onde se demorou cinco annos, conservando e ampliando a sua reputação de orador sagrado; mas, tendo abandonado de vez a politica, partiu em 1681 para missionar no Brasil, tendo tenazmente recusado voltar a Roma.

Novos desgostos alli o esperam: seu irmão Bernardo Ravasco, secretario do governo da Bahia, é envolvido n'um processo que o magôa e desconsola; elle proprio, tendo pedido votos aos seus consocios para ser eleito deputado a Roma, é desfeitiado pela congregação jesuitica, e o superior do collegio não hesita em o reprehender na presença de todos; a elle, a um velho de perto de noventa annos, que era então no mundo a verdadeira gloria da companhia de Jesus. Apellou para Roma, e, quando a satisfação lhe vinha, só encontrou um cadaver. O venerando velho tinha fallecido a 18 de julho de 1697, ás primeiras horas da manhã.

A 2 de novembro chegou a Lisboa a noticia da morte, e a 17 do mez seguinte o conde da Ericeira, D. Francisco Xavier de Menezes, fez-lhe celebrar sumptuosas exequias na egreja de S. Roque, nas quaes prégou o padre D. Manuel Caetano de Sousa. A morte tinha apagado todas as manchas do homem para só celebrar as glorias do missionario, do orador e do politico.

Terminando este rapido esboço, diremos: Portugal não é tão rico de glorias litterarias que possa repellir esta, embora envolta na roupeta de jesuita. Diremos mais: se tal homem não tivesse envergado tal sotaina, seria um dos maiores do seu tempo.

D. Affonso VI em Cintra

# LXXXVII

## D. Maria Francisca de Saboya

É incontestavel que muitas foram as miserias moraes e phisiologicas de Affonso VI, mas tanto umas como outras teem sido avolumadas pelo espirito de partido. E foi o partido de seu irmão, que lhe era adverso, o primeiro a propalal-as e a estabelecer factos com que se começou a escrever a historia. A' testa d'esse partido achavam-se os jesuitas; e se a historia geral parece não lhes ligar importancia, dando a chefia das intrigas e a auctoria das perseguições contra o rei a outros, não se póde julgar isso senão como uma lacuna que é necessario preencher.

Quando Maria Francisca Isabel de Saboya veiu para Portugal, afim de ser mulher de D. Affonso, trouxe comsigo, como personagem indispensavel junto d'ella e seu confessor, o jesuita Francisco Deville que procedia directamente da escola d'aquelles, que em França não tinham hesitado, para conseguirem os seus fins, em commetterem a série de crimes e de assassinatos, que já deixamos narrados e descriptos. Alludindo a este confessor, Soares da Silva escreveu: «que elle tinha vindo para Portugal, para accrescentar mais um flagello ao senhor rei D. Affonso, e ao socego publico d'este reino.»

D'este desventurado monarcha, disse o sr. Pinheiro Chagas, na *Historia de Portugal*, parece-nos que não era tão ruim, como os historiadores o pintam. «Era um pobre louco, totalmente desfavorecido da fortuna, nervoso, epileptico mesmo, mas talvez melhor de caracter mesmo que seu irmão D. Pedro, que, mais são de corpo e de espirito do que elle, tinha coração mau e indole dissimulada.»

Mas o seu peor defeito era não ter a seu lado nem mestre nem confessor jesuita, e foi isso uma das causas principaes da sua perda. Se a roupeta negra lhe dirigisse a vontade, e em nome d'elle governasse, como aconteceu nos tempos de D. João III, D. Sebastião, Cardeal e outros, então ella teria artes de converter, quem sabe, em virtudes dignas de canonização, o que propalou e vituperou como acções ignobeis e vicios e crimes inconfessaveis. Mas a roupeta estava do lado do infante D. Pedro, e veiu de França com a rainha Maria de Saboya, que era, ao chegar ao thalamo real, o que hoje chamariamos uma *demi-vierge*. Tinha assistido, se é que não tomára parte, a esses amores escandalosamente quasi publicos da côrte de Versailles, e quem sabe se o proprio Lauzan não obteve primicias que não fruiu o rei de Portugal [1]. D. Affonso VI não era o homem que ella appetecia, nem o rei que se deixasse dominar a ponto de poder fazer em Portugal a politica do rei de França [2].»

---

[1] Tomando como verdadeiros os depoimentos das testemunhas, que figuraram no vergonhoso processo que a rainha intentou a seu marido, para obter a nullidade do matrimonio, o que se apura é que ella, quando chegou a Portugal, até já tinha perdido a qualidade de *demi-vierge*.

[2] Quanto á conhecida accusação de impossibilidade de Affonso VI para o matrimonio, é facto contradita-

Desde o primeiro dia que viu seu cunhado, logo a sua sensualidade o ambicionou, e nesse sentimento foi correspondida, servindo de intermediario d'estes amores incestuosos o seu confessor, o jesuita Deville, d'accordo com o jesuita confessor de D. Pedro. E' sabido que a rainha tinha como valídos, vindos de França, a Verjus e S. Romain, cujos conselhos ouvia exclusivamente com os de Deville. Portugal, pois, mercê dos jesuitas, era uma verdadeira roupa de franceses.

O embaixador inglês diz: «que os dois jesuitas Verjus e o confessor da rainha eram dois declarados traidores, que se não deviam soffrer n'estes reinos.» Pois quando morreu Deville, a rainha mandou logo vir outro jesuita, de França, o padre Pedro Pomereau, para seu confessor.

Foi, pois, por conselho dos jesuitas que a rodeavam, que a rainha se retirou para o convento da Esperança, para d'ahi dar começo ao processo da annullação do matrimonio.

Razão teve Voltaire para dizer: «Portugal apresentava por aquelle tempo um espectaculo extraordinarario á Europa. A mulher do rei, enamorada do cunhado, ousou conceber o projecto de desthronar seu marido, e de casar com seu amante. Tivera aquelle notoriamente d'uma mulher mal procedida um filho, ao qual reconhecera. Tinha dormido muito tempo com a rainha; mas, apesar de tudo isto, ella accusou-o d'impotencia e fel-o prender. Obteve dentro em pouco de Roma uma bulla para casar com seu cunhado. Não é para admirar que Roma concedesse a bulla, mas sim, que pessoas omnipotentes hajam necessidade d'ella. O que Julio II não concedeu a Henrique VIII, d'Inglaterra, Clemente XI o concedeu ao rei de Portugal. A mais pequena intriga faz, n'uma occasião, o que as maiores deligencias não podem conseguir.»

———

do pela mesma rainha, pois que n'uma carta a M. de Montpensier, ella escreveu: «que tinha grandes motivos para estar contente, pois havia casado com o mais honrado dos homens de todo o mundo, e que coisa alguma faltára á sua felicidade, quando possuisse um filho, o qual esperava ter dentro em pouco!»

Quem então apreciou justa e imparcialmente este acto foi Roberto Southwel, o embaixador que já citamos por mais d'uma vez, quando escreveu, participando-o, para a sua côrte, em 28 de novembro de 1667:

«Esta acção da rainha se retirar inopinadamente para um convento, dá materia a muitos discursos; não porque se tivesse grande duvida em que aquelle caso succederia assim, como succedeu, mas porque se tinham imaginado outros meios bem diversos; porque se assentou que, depois que se houvesse debatido nas côrtes, que se iam ajuntar, primeiramente o ponto da privação de el-rei, pelo que pertencia ao governo, se iria mais longe, e se excogitariam os meios mais plausiveis para cohonestar a sua deposição; meios, os quaes pudessem ao mesmo tempo deitar abaixo as objecções que se podiam fazer; dizendo-se, por uma parte, que um pae demente podia ter um filho de prudente juizo; e que para este effeito (de se testemunharem as mesmas objecções) recorriam em segundo logar sobre o ponto da impotencia, a que, ainda quando ella houvesse sido evidentemente demonstrada, isso não bastaria para o deporem, se elle (o rei) tinha bastante capacidade para reinar. A convocação das côrtes era, pois, para que ellas tomassem conhecimento deste segundo ponto, depois de se haver debatido o primeiro, e para se obrigar a rainha a que dissesse as clarezas necessarias em uma materia que era de tão grande importancia para o reino. Nestes termos é que se dizia, que ella se devia retirar logo para um convento no qual, sendo requerida pelas ditas instancias e solicitações publicas, poderia então confessar a impotencia de el-rei com todo o decoro, que faz indispensavel a modestia. Talhara o caminho, que se havia resoluto seguir neste negocio... Somente se sabe que o *seu confessor* (habil jesuita) *é aquelle, que tem a seu cargo* todo o peso d'este negocio; e que esse diz, da mesma sorte que a rainha, que a consciencia não permitte por mais dilatado tempo um consorcio tão illegitimo. Este jesuita disse em confidencia, a um dos seus amigos, que se a rainha esperasse mais para se retirar depois da desgraça d'el-rei, e que ella houvesse então allegado o pretexto

da sua consciencia, se haveria zombado d'elle, como de uma coisa, que se fazia mais por necessidade do que por escrupulo».

Os nossos auctores dramaticos não enredam melhor um drama, nem lhe preparam melhor as situações do que os reverendos padres. Se elles nasceram comediantes!

Mas eis que surge um incidente que nem os reverendos jesuitas nem os da sua cabala contra o rei esperavam. Tendo a rainha requerido ao cabido de Lisboa para julgar nullo o seu casamento, pelos motivos que dissemos, os juizes responderam: que não bastava no caso sujeito a declaração da rainha, e que era necessario que ella sujeitasse a sua pretendida virgindade a prova cirurgica.

A rainha, conscia de que não podia fornecer tal prova [1], julgou vencer a difficuldade respondendo «que isso era contra as regras da decencia da sua real pessoa, e contra a dignidade de uma rainha.»

Insistiam os juizes, e então foi preciso recorrer a jesuita mais habil e sabido de que o confessor, e entrou em scena o nosso já conhecido Nuno da Cunha. A grande intervenção d'este foi em formular votos favoraveis á causa da rainha, que depois haviam de ser dados no «pleito por differentes conselheiros e pessoas de primeira distincção.» Existem ainda hoje as minutas d'esses votos, bem como as das razões que a rainha devia allegar, tudo escripto com a letra do amanuense de Nuno da Cunha, e emendadas e corrigidas pela mão d'este. Mais ainda. O proprio depoimento da rainha foi minutado e redigido por elle [2].

O caso é que o tribunal prescindiu da unica prova que provava: sentenciando, «o que tudo se prova superabundantemente pelos meios approvados por direito, com os quaes o dito impedimento fica em termos de *certeza ao menos moral*, nos quaes termos se não requer inspecção, nem experiencia triennal, ou de outro termo ordinario: O que tudo visto com o mais dos autos, e disposição de direito, julgam o dito matrimonio contraído entre os serenissimos senhores de facto e não de direito e o declaram nullo...»

O jesuitismo triumphava encerrando o rei primeiro na Terceira e depois em Cintra e roubando-lhe a mulher; e o velho Nuno da Cunha acabava por se emporcalhar abjectamente, concorrendo com as suas habeis *restricções mentaes* para o bom exito da ambição satisfeita, e da prostituição no throno.

Razão, e de sobejo, teve o sr. Pinheiro Chagas para escrever:

«Mas D. Pedro II e D. Maria Francisca Isabel de Saboya, foram cruelmente punidos. A posteridade estygmatisou acremente o proceder de D. Pedro II, e fez de D. Maria Francisca Isabel de Saboya, o typo, em Portugal, da impudicicia no throno. E D. Affonso VI, que pensaria talvez na historia, escondido na sombra do seu primeiro ministro, subiu ao primeiro plano, com todos os seus erros e fraquezas, mas plenamente resgatadas com as agruras com que o laceravam. Arrastando desapiedadamente seu

---

[1] Já vimos que ella declarou á Montpensier, tempos após o seu casamento, que se achava no seu estado interessante.

[2] A minuta do voto era assim concebida:

«Na duvida que os theologos chamam facto, que é o mesmo que duvidar, se em materia grave, em que pode haver ou intervir peccado mortal, é obrigada uma pessoa a declarar se fez, prometteu, disse ou ouviu alguma coisa? Propondo a razão de duvidar a dois ou tres theologos doutos, timoratos e prudentes, que considerem tudo bem, é obrigada a dita pessoa a seguir e fazer o que os ditos theologos lhe aconselharem; e fica segura na consciencia, ainda que antes tivesse duvida. E esta resolução é commum na materia de consciencia»

O que falta depois é saber escolher os theologos que façam conta para o caso, e d'isso se incumbiam os jesuitas, tanto mais que doutos, na accepção jesuitica, são todos aquelles que seguem as doutrinas da S. J., entre as quaes, uma d'ellas, é a que «um theologo pode, e muitas vezes deve aconselhar o contrario do que julga que é verdadeiro, ainda que é falso o mesmo que aconselha.» Isto diz Layman, no seu tratado da *Consciencia* e outros, e Sanches de Castro completa, ensinando: «E que um doutor, quando julga que uma opinião é falsa, pode remetter o aconselhado a outro doutor que a tenha por verdadeira.»

A formula do depoimento para a rainha era:

«Supposto que el-rei meu senhor quer, e é servido, que eu debaixo de juramento dos Santos Evangelhos declare e deponha a razão por que peço se julgue, e declare por nullo o matrimonio, que S. Majestade comigo celebrou; debaixo do dito juramento declaro... etc.»

O Marquez de Cascaes com barrete

irmão pelos tremedaes do escandalo, descoroando-o, e infligindo-lhe o desprezador encerramento em que os *maires du palais* retinham os reis da dynastia merovingia, D. Pedro II julgou talvez infamal-o perante a posteridade, e a posteridade pelo contrario enflorou-lhe o vulto com a piedosa lenda do infortunio [1].

Quanto ao desgraçado monarcha, os jesuitas acabaram por se vingar d'elle declarando pela penna do seu Nuno da Cunha «que por uma parte as côrtes tinham toda a auctoridade para julgarem D. Affonso como tyranno, e depois para o depôrem com aquelle pretexto, comtanto que lhe conservassem o despido, nu, e phantastico nome, chamando-se-lhe rei!

Porém este rei tão infamado pela mulher e pelo irmão, mal soou a hora da desgraça, apparece-nos na historia verdadeira illuminado a uma luz sympathica, e o seu vulto assume uma certa grandeza. N'um livro publicado em 1888 (copia d'um manuscripto existente no bibliotheca do palacio d'Ajuda [2]) com a despretenção e a veracidade de quem toma apontamentos para trabalho de maior folego, ha duas ou tres paginas, entre outras, d'amargura que convém transcrever, tanto ellas esclarecem incidentes quasi que absolutamente calados na maioria das historias.

Primeiramente noticiam-nos que o padre Antonio Vieira se envolveu na intriga que fez nomear o conde da Torre, junto de D. Pedro, para o mesmo cargo de escrivão da puridade, que tinha tido o conde de Castello Melhor junto de Affonso VI [3]. Vieira foi acremente atacado por esta intervenção e claramente se lhe disseram coisas desagradaveis, e tantas que o infante, apesar de dever o throno á cabala jesuitica, teve que se mostrar esquivo no valimento.

Depois, eis como alli se conta a partida do rei de Lisboa e o seu embarque em Paço d'Arcos para a ilha Terceira; sempre acompanhado pela figura sinistra d'um jesuita.

Foi a 24 de maio de 1669, pelas nove horas da noite, que «se ordenou ao padre confessor Manuel Fernandes [1] (e havia de ser padre da companhia o executor d'esta resolução, ou porque professam dissimulação, ou porque os fez nossa desgraça fatal ruina de nossos principes).

«Entrou este no aposento d'el-rei e com voz branda, semblante alegre e razões estudadas, lhe disse que já era chegado o tempo á liberdade de S. M., que S. A. lhe mandava perguntar se queria ir para Almeirim, donde estaria á sua vontade, e alliviaria a molestia com o intretenimento da caça. Facil é de persuadir o que se deseja. Alegrou-se el-rei, e perguntou quando; respondeu-lhe que havia de ser quando S. M. levasse em gosto; tornou el-rei: Pois seja logo.—Seja logo, disse o padre confessor, e prepare-se V. M. Eu não tenho que preparar, senão é alguma roupa e vestidos; e passando das palavras ás obras, o padre confessor com dois criados do serviço d'el-rei lhe concertaram o que elle ordenou em dois cofres, ou bahus, cingindo elle a sua espada, que o padre lhe queria estorvar (temeria o instrumento do castigo porque se conhecia culpado); disse el-rei ao reverendo padre confessor:—Como me não avisastes mais cedo, para não sairmos tão tarde? respondeu: Senhor, porque esta é a melhor hora, que está este povo barbaro recolhido, e tem tal odio a V. M. que se entender que sae d'aqui, commettera algum insulto contra sua vida e pessoa. A mentira vestida de zelo tem muita semelhança com a verdade, porém quando o zelo é falso nada differe da aleivosia; bem sei que ha razões para a desculpar, mas nenhuma para excusar a hypocrisia.

«Saiu el-rei com aquella pouca companhia, trazendo-a toda no padre confessor, que lhe affirmava que tudo estava preparado, e na sua antecamara encontrou um titular (de

---

[1] Vid. *Historia de Portugal*, vol. IV, cap. XXV.

[2] Vid. *Monstruosidades do Tempo e da Fortuna* — Diario de factos mais interessantes que succederam no reino de 1662 a 1680, até hoje attribuido infundadamente ao benedictino fr. Alexandre da Paixão — Divulgado por J. A da Graça Barreto — Lisboa, 1888.

[3] O padre Antonio Vieira, juntamente com seu socio Nuno da Cunha, fez parte da Junta da nobreza para depôr o rei.

[1] Foi este mesmo Manuel Fernandes, o encarregado de ir dizer coisas ao rei, quando a camarilha o mandou prender.

proposito calarei o nome de todos os que cooperaram nesta facção, ou porque pela minha relação o não percam, porque se a obediencia os justifica em sua opinião, ha casos em que o desobedecer é virtude, e Christo aconselhou retiro áquelle que, para padecer pela fé, lhe faltar o animo).

«Veiu el-rei a este titular, e conhecendo-o lhe disse: Conheceis-me a mim por vosso rei? Nada lhe respondeu. Repetiu el-rei a pergunta, e continuou o respeito em lhe não dar resposta, se bem que com a submissão do gesto confessava o que não dizia. Ao que el-rei lhe disse:—Bem vos entendo, mas lembro-vos que assististes ao acto em que todos me juraram por rei d'estes reinos. A tudo isto, dizem que estava presente o principe, em parte donde via e ouvia, sem ser visto, acompanhado de alguns senhores, que a adulação vestia das côres do agrado. Andando mais outro salão, e vendo que ninguem alli assistia, disse ao padre confessor S. M., que se queria despedir de S. A. excusou-lhe a piedosa deligencia com lhe dizerem, que S. A. estava já recolhido. Entrou nos claustros da capella, e viu S. M. muita gente armada, e com alguma turbação disse para o padre confessor: —Que é isto, querem-me matar? —Não, senhor, lhe respondeu; antes esta gente é para acompanhar e assegurar a pessoa de V. M.; e logo todos o foram acompanhando, chegando se a sua pessoa áquelles que o haviam de levar á parte destinada, chegou a baixo, e na capella se metteram em uma carroça, para este fim disposta, e marchando a todo o correr, guiaram para a fortaleza de S. Gião; e vendo que era muito differente a jornada perguntou: — Aonde me levam? Este caminho vae para Belem e não para Almeirim! Senhor, lhe disseram: se V. M. não vae para Almeirim, irá para a ilha Terceira, donde estará em liberdade, e seguro da sua vida e pessoa, por o ter assim pedido a S. A. o rei de Inglaterra, e a rainha irmã de V. M.; o que el-rei ouviu com animo tão generoso, que só respondeu: já que assim o querem, assim seja; seja Deus louvado! Chegou á fortaleza de S. Gião, e mettido n'ella, entregue ao cabo d'ella o deixaram e voltaram a Lisboa. Amanheceu o dia 25 de maio, e sabendo el-rei que se havia de embarcar nas fragatas que estavam na enseada de Paço d'Arcos, pediu que se queria confessar; entrou em uma falua, e de caminho foi ao mosteiro de S. José dos Arrabidos, donde os religiosos o receberam com lagrimas, e compaixão, e elle os animava, e os persuadia a se ajustarem com a vontade de Deus. Alli achou confessor differente, porque era muito differente a companhia, commungou, e se embarcou na falua, que o levou á nau, donde o conde do Prado desceu a recebel-o, e a entregar-se da sua pessoa real. Beijou-lhe a mão, e offereceu-lhe o braço para o ajudar a subir, o que o rei com magestade extranhou, dizendo-lhe: —Andae, que os reis não necessitam de arrimo, e quem tem o de Deus nada lhe falta. Quiz o Prado persuadir-lhe que se desembaraçasse da espada, não o consentiu el-rei, e com ligeireza subiu á nau, que aquelle grilhão que com a liberdade coartou as demasias, lhe augmentou a saude, tanto que parecia que em a falta da fortuna se desmentiam as da natureza».

Quando embarcou, estava revolto o mar com a nortada forte, e ao largo se ateou fogo na fragata, então o rei desembainhando a espada, fez com que todos trabalhassem para o apagar dizendo:

—«Ah, traidores, quereis-me abrazar! não sabeis que é Deus o que me guarda a vida e que elle sabe os porquês!! E dirigindo-se ao conde do Prado, disse-lhe: — «A vida dos reis está na mão de Deus, e não no poder dos homens, e contra o que elle dispõe importa pouco o que os homens ordenam!»

Terminaremos este capitulo com mais o seguinte trecho do livro que vimos copiando, e que é mais um acto de felonia praticado pelos jesuitas.

«Estava nomeado para cabo das fragatas Francisco de Brito Freire, (fidalgo até aqui bem conhecido por suas obras, e d'aqui por deante muito mais pelo exemplo do valor, e da fidelidade), e tanto que el-rei foi entregue em S. Gião, se mandou chamar a palacio, e lhe deram uma ordem do que havia de fazer. Leu, e achou que lhe davam o governo da ilha Terceira perpetuo, e o titulo de visconde, ordenando-lhe S. A. que n'ella havia

de ficar com el-rei, e o havia de ter preso na fortaleza, com outras circumstancias que até agora não descobriu o segredo, ainda que as deu a entender o excesso; porém eram taes que vendo n'ellas Francisco de Brito perigar sua fidalguia, fidelidade e honra, desenganado do que vem a ser tudo neste mundo, sem dizer palavra, se foi direito ao mosteiro dos padres da companhia, da Cotovia, com resolução de se amparar do padre confessor contra os golpes de castigo, que lhe havia de fulminar a desobediencia, e pedir o habito mais accommodado á defesa, que ao desengano. E' Francisco de Brito rico e solteiro; facilmente o recolheu a conveniencia, sem reparar no mal ou bem, que o poderia tomar o principe, a quem satisfariam com entregar sem repugnancia, e allegariam o serviço de que como recebimento asseguravam a entrega. Foram logo dar-lhe conta, que nunca erram as da commodidade. Mandaram-se-lhe ao Brito sujeitos que o pudessem reduzir do seu proposito, nenhum o chegou a torcer de sua resolução; o que visto *lhe despiram os padres a roupeta* e o entregaram aos ministros da justiça, que por ordem do principe o levaram á Torre de Belem, e o metteram em o mais aspero aposento d'ella, como ao maior criminoso, ouvindo-se-lhe repetir muitas vezes, que quem temia a Deus não sabia ter medo aos homens».

# LXXXVIII

## Na regencia e reinado de D. Pedro II

Emquanto D. Pedro governou o reino, quer como regente, quer como soberano, os jesuitas, clara ou dissimuladamente, dirigiram os negocios do Estado, intrometteram-se nas intrigas diplomaticas, mandaram como senhores absolutos nas missões ultramarinas, e sempre e em toda a parte de má fé, sem lealdade para com o rei nem amor á patria, dirigindo todos os seus esforços, trabalhos, habilidades e estratagemas em beneficio e interesse da sua ordem.

A prisão do padre Antonio Vieira nos carceres da inquisição determinára a escolha do jesuita Manuel Fernandes para o cargo de confessor de D. Pedro, e por seu lado D. Maria Francisca de Saboya tinha a sua consciencia, se bem que de pouco fundo moral, mas em compensação muito supersticiosa e fanatica, nas mãos do francês Deville, e tanto o confessor do rei e da rainha recebendo santo e senha de Nuno da Cunha, o oraculo-mór da casa professa de S. Roque.

Se até aqui os jesuitas tinham tido a cautella de não exercerem cargos publicos, julgaram chegada então a hora de assaltarem claramente as funcções officiaes do governo da nação, e com pasmo e geral nojo, Manuel Fernandes fez se nomear membro da *Junta dos tres estados* [1].

E, ou porque na junta fez o que queria e deu alli o impulso desejado, ou porque os clamores contra elle eram de tal quilate que

D. João V

podiam acarretar mais odios e dissabores á companhia, o geral João Pedro Oliva deu-

---

[1] Esta *Junta*, em que entravam representantes do *clero*, da *nobreza* e do *povo*, tinha a seu cargo tudo o

lhe ordem para que abandonasse o cargo, tanto mais que era *bastante* ser confessor do rei, e de menos responsabilidades.

A sentença proferida pela inquisição contra o padre Antonio Vieira foi uma audacia que a companhia não esperava e nunca perdoou. Para se vingar do temivel e terrivel tribunal de sangue, constituiu-se defensora dos christãos novos. O desacato de Odivellas, em a noite de 10 para 11 de maio de 1671, tinha suscitado uma nova erupção de odio contra a gente de nação, e logo se obteve um decreto do rei banindo-a do reino, decreto que felizmente não chegou a ter execução. Entretanto, os jesuitas trabalhavam em Roma para que os processos de julgamento da inquisição fossem reformados, e chegaram até a conseguir uma primeira sentença, para serem archivados os processos dos réus já presos, e limitada a arbitrariedade escandalosa com que eram feitas as perseguições. No começo, os christãos novos tinham por si o odio dos jesuitas, e mais que tudo o dinheiro que mandavam para Roma; mas ainda d'esta vez o fanatismo teve ganho de causa, e o governo fanatico de D. Pedro, aproveitando os tumultos de Lisboa contra os christãos novos, obteve do pontifice a conservação das regalias e privilegios do Santo-officio.

E era tal a fatalidade que perseguia o jesuitismo, que, conseguindo tudo quanto queria em seu favor, deixa exactamente de conseguir o que era em prol da humanidade!

Mas o seu plano era mais vasto, e vendo que a inquisição ficava de pé com o seu grande poder, mudaram de tactica e começaram intrigando para que um dos seus fosse nomeado inquisidor-mór, o que estiveram a ponto de conseguir.

Foi por esta epocha, que a curia romana, por meio da *Propaganda Fide,* começou a querer-nos despojar do padroado real no Oriente. Por este tempo, os escandalos dos jesuitas nas missões da India, da China e do Japão eram taes, por tal forma tinham convertido a religião em negocio e a Egreja em bolsa de traficancias, que Roma resolveu pôr cobro a um estado de coisas censurado por toda a christandade, e para isso determinou o envio de legados apostolicos ao Oriente. Era um golpe mortal nos jesuitas, e, por contra-pancada, uma invasão dos direitos do padroado português. Convinha aos jesuitas collocarem-se ao lado de Portugal, e se primeiramente assim o fizeram, procurando que d'aqui lhes fosse a força para luctarem contra os invasores, e ao mesmo tempo conseguirem do papa certos privilegios e favores n'aquellas mesmas paragens, onde a curia até alli julgava necessario que elles fossem fiscalisados e reprimidos nos seus desmandos de moral e de doutrina.

Seabra da Silva claramente o manifesta quando escreve que ao tempo que em Portugal se examinava o processo que devia ser mandado a Roma para defesa dos seus direitos «estavam os mesmos regulares voltados contradictoriamente para Roma, e estavam sacrificando em Roma o padroado, e o decoro da corôa de Portugal ás suas conveniencias (que eram as que faziam todos os seus objectos), tanto quanto se manifestou pela carta original, que, da sua propria mão, dirigiu em 18 do mesmo mez de novembro de 1685, o douto, sabio, circumspecto e penetrante ministro Domingos Leitão, ao religioso Fr. Manuel Pereira, que se tinha feito bispo e secretario do Estado, verosimilmente para conduzir estes negocios; carta, digo, na qual se contém o paragrafo, cujo theor é o seguinte:

«O geral dos jesuitas teve audiencia de S. Santidade, em que esteve mais de duas horas. Não devia ter grandes contrastes; porque quarta feira, 14, lhe mandou o papa um prato grande de ortelões. E' verdade que S. Santidade faz estimação d'elle, assim pelo logar que occupa, como tambem porque é um homem muito exemplar; mas tambem me persuado, que se lhe tivesse resistido, o não havia de regalar, salvo se lhe passasse a colera. Oiço, que ha uns dias fala S. Santidade com mais brandura nas coisas dos jesuitas, deve ser por lhe constar dos juramentos, que teem dado na India.»

---

que pertencia á arrecadação dos impostos destinados ao pagamento das tropas, e aos fornecimentos das munições de bocca e de guerra do exercito.

Effectivamente assim era. Os jesuitas acabavam de atraiçoar a corôa portuguesa, sendo os primeiros a jurarem na India, nas mãos dos delegados da *Propaganda Fide*, sujeição absoluta ao papa, em completa rebellião contra os direitos de Portugal.

Referindo-se aos termos do juramento, Seabra da Silva diz:

«Palavras, com as quaes intentou aquella *Congregação de Propaganda* conquistar sem polvora, sem bala, sem despezas de fundações ou dotações não menos do que todas as conquistas que a corôa de Portugal possuia naquellas partes: dando lhe para isso animo a debelidade em que os ditos chamados *jesuitas* haviam posto esta côrte desde que nella entraram e até a reduzirem aos ultimos estragos, que neste apparente reinado tenho feito notorios. De sorte que a dita *congregação* estava segura, e firme na certeza de que não contendia com uma côrte soberana; mas sim com a sociedade dos jesuitas, a qual sabía claramente, que era a que estava dominando em Portugal e em todas as suas vastissimas colonias ultramarinas».

Manuel Fernandes governou despoticamente D. Pedro durante vinte e seis annos que decorreram desde 1667, em que foi declarado confessor, até 10 de junho de 1693 em que falleceu, succedendo-lhe no logar um seu socio, o jesuita Sebastião de Magalhães.

Este foi logo nomeado conselheiro d'estado, logar que exerceu sem que o geral se importasse com isso, e que deixou ao seu successor, o jesuita Francisco Botelho, ao tempo confessor do principe, que depois foi D. João V.

Sebastião de Magalhães governou como senhor no conselho d'Estado; era o dictador de tudo o que se consultava, e o director irresistivel do monarcha. E' o proprio jesuita Antonio Franco que o confessa, escrevendo: «El-rei não teve a seu lado algum ministro, do qual fizesse egual confiança á que fez de Sebastião de Magalhães.»

Não temos dados sufficientes para demonstrar quanto elles andaram envolvidos nessas luctas diplomaticas, nas quaes a França tanto se empenhou para que entre Portugal e a Hispanha rebentasse de novo a guerra; mas não é arriscado suppôr, que por intermedio do jesuita francês Deville, confessor e arbitro absoluto da rainha D. Maria de Saboya, elles teriam favorecido as intrigas de Luiz XIV, que tantas perturbações causaram em Portugal.

A mesma reserva nos leva a não os envolver no mallogro do casamento projectado pela mesma rainha para sua filha D. Isabel com o duque de Saboya, patrocinado pela França e contrariado pela Hispanha. Ajustadas as condições do casamento em 23 de maio de 1682, saiu de Lisboa uma esquadra de oito navios para levar o noivo; dando-se o inverso do que succedeu na *Grã-Duqueza*. A todas as instancias do embaixador, o duque de Cadaval, para que lhe entregassem o noivo, a côrte de Saboya, respondia:

*Ainda não! P'ro mez que vem!*

«D. Pedro, narra o sr. Pinheiro Chagas na *Historia de Portugal,* devorou a affronta em silencio, mas sua altiva esposa é que desde então nunca mais teve saude.» Veiu a morrer em 27 de dezembro de 1683, tres mezes depois de se ter finado, na prisão de Cintra, seu primeiro marido D. Affonso VI.

Os jesuitas, para que ninguem puzesse em duvida a sua influencia sobre ella, escreveram-lhe a vida, como uma bemaventurada, e pensaram em a canonizarem como santa. Roma, porém, não annuiu a esta phantasia de mau gosto, e a idéa não teve andamento. Seria curioso que nos altares do catholicismo, mercê dos jesuitas, houvesse uma santa advogada dos adulterios incestuosos!

Seabra da Silva, fechando o capitulo que se refere á influencia, mando e obras dos jesuitas no tempo de D. Pedro II, escreve, com verdade e razão:

«Finalmente a ultima consequencia de todas as consequencias acima referidas, foi em summa reduzir-se este reino, por todos os estragos que nelle haviam feito os ditos regulares, por uma parte á depravação de costumes, que fica manifesta, e pela outra

parte a uma tal extenuação de forças, e a uma tal e tão manifesta falta de meios necessarios para a sua conservação, que sendo empenhado no anno de 1703 na liga sobre a successão de Hispanha, se vê pelo tractado celebrado com as potencias alliadas, em 4 de maio do mesmo anno, que para pôr em campo o insignificante exercito que se estipulou, foi preciso receber subsidios dos mesmos alliados, não só em dinheiro para o pagamento das tropas, mas ainda em munições de guerra; ficando sem embargo disso este reino por muitos annos empenhado, e arruinado com aquelle tal ou qual exercito, como é bem notorio.»

A 9 de dezembro de 1706, morria Pedro II, o famulo dos jesuitas.

Desembarque de Nobrega

# LXXXIX

## Os primeiros golpes mortaes

Ou os jesuitas eram uns imbecis inhabeis, cuja acção se não fazia sentir nos seus discipulos e confessados, ou então tinham as qualidades contrarias e sabiam afeiçoar ao seu molde aquelles que eram entregues á sua direcção intellectual e moral. Admittir a primeira ponta do dilemma seria da nossa parte confissão d'imbecilidade, que não fazemos, por maior que seja a nossa modestia. A segunda é a certa, e como exemplo baste que citemos os reis de Portugal que elles dirigiram, confessaram, educaram, e sobre quem tiveram a mais completa e absoluta influencia, D. João III, D. Sebastião, D. Henrique e D. Pedro II, que foram os monarchas mais auctoritarios, absolutos e fanaticos que se teem sentado no throno português.

D'elles procede moral e politicamente, mercê dos mesmos mestres, esse D. João V a quem as historias officiaes dão a antonomasia de *Magnanimo,* e a historia verdadeira alcunhou de *Sultão* do Occidente.

De ha muito que o absolutismo vinha ganhando terreno; estava na indole dos que governavam e na indifferença dos que se deixavam governar. Mas foi preciso que um jesuita, o padre Antonio Vieira, o justificasse, e assim désse o seu assentimento á doutrina que elles, seus socios, haviam de muitos annos atraz incutido no espirito dos seus discipulos.

Quando em 1674 o regente resolveu convocar as côrtes, cinco foram as questões que ellas eram chamadas a resolver: juramento da princeza D. Isabel, como herdeira presumptiva do throno, resolução da paz com Hispanha, contribuições dos povos, remedio do commercio, e determinação do pleito dos christãos novos.

Vieira a proposito escreveu: a Duarte Ribeiro de Macedo, de Roma, a 26 de janeiro de 1674: «A incoherencia d'esta ultima é mais digna do parlamento d'Inglaterra que de côrtes de Portugal; e sem embargo que lá se fará o que quizerem as partes contrarias, hoje mais que nunca poderosas, o negocio, segundo oiço, está n'esta curia muito differentemente recebido, e ainda que por vontade ou por força se lhe fará remedio. Nos demais pontos, tirando o primeiro, que devia ser junto com a coroação do pae, acho quasi a mesma incoherencia, havendo de se tratar em publico o que os reis só devem resolver, e ter em summo secreto, pedir aos subditos os remedios e arbitrios, que a elles pertence obedecer e não determinar; emfim tudo acho encaminhado ao que vossa senhoria antevê, e eu não tenho outro allivio, senão appellar para a ordem superior que só nos pode valer.»

«Como se vê, Antonio Vieira era um façanhudo absolutista» escreveu o sr. Pinheiro Chagas. Assim era, e o discipulo seguiu-lhe as theorias, porque aquellas côrtes, que elle dissolveu como tumultuarias, foram as ultimas que tiveram um resto de prestigio.

Seu filho, e discipulo dos mesmos mestres, acrisolou o systema, e reinou como absoluto, sem peias nem entraves, arrruinando

a nação com as loucas prodigalidades do seu fanatismo, e drenando, por intermedio de Portugal, todo o oiro que lhe vinha do Brasil, para a curia romana, em troca de canonizações, auctorisação para haver em Lisboa duas sés patriarchaes, e direito para que os prebendados de cada uma das patriarchaes vestissem de certa maneira.

Mas taes systemas, passando de geração em geração, adquirem a força indomavel de uma segunda natureza, e, muitas vezes, os que os preconisaram vão arrastados em o numero das victimas.

Foi o que aconteceu com os jesuitas, que receberam de D. João V os primeiros golpes graves que soffreram em Portugal. O rei pôde avaliar a duplicidade do seu procedimento na questão dos quindennios, e perdeu n'elles a confiança, que um rei absoluto precisa ter em todos que o cercam.

Esta questão dos quindennios, que tanto se prolongou, e na qual se sentiam as unhas d'harpia da curia, reduzia-se ao seguinte:

Todos os beneficios perpetuamente unidos aos collegios, mosteiros e cabidos estavam sugeitos a pagar a contribuição da *annota* (renda de um anno) á camara ecclesiastica do papa, de cinco em cinco annos *(quindennios)*. Ora no reinado de D. Pedro II, a curia quiz obrigar os jesuitas a pagarem esta contribuição das differentes egrejas, na maior parte de padroado regio, e na menor de padroado ecclesiastico, unidas ás casas e collegios da S. J.

Como se tractava de pagar, os jesuitas declararam que nada dariam das egrejas de padroado regio; tendo, para isso, suggerido a D. Pedro II, que era contra a auctoridade regia, tal pagamento.

Governava então o reino, na ausencia de Pedro II, que tinha partido para a guerra, sua irmã Catharina, que voltara d'Inglaterra, e como o nuncio quizesse obrigar os jesuitas ao pagamento, a regente julgou-se desrespeitada pela exigencia, prohibiu o nuncio de entrar no paço, e renovou o decreto de se não pagarem os quindennios. Mas em 1709, como em Roma fossem apertados para pagar, e como n'aquelle momento precisassem do papa por causa dos seus negocios no Oriente, sem nada dizerem a D. João V, o provincial, Manuel Dias, fez pagar em Roma tudo quanto a curia dizia que elles lhe deviam.

D. João V julgou-se offendido no seu decoro com este procedimento e, como diz o historiador jesuita A. Franco, entendendo que isto era contra a sua honra, se irou em grande maneira contra o provincial e contra o geral; contra aquelle porque tinha pago com desobediencia dos seus mandados; e contra este, porque tinha apertado pelo pagamento. Por isso exterminou o provincial, e mandou ao padre Francisco Tavares, a quem na sua partida constituiu vigario provincial o exterminado, que não executasse ordem alguma do novo padre geral, nem permittisse que elle exercitasse alguma jurisdicção nos padres portuguezes e que lhe eram sujeitos.»

Acconteceu que um jesuita português, o padre João Ribeiro, defendeu os direitos da corôa portuguêsa, e tanto bastou para que os jesuitas, para serem agradaveis ao papa, sem outra forma de processo, arrancassem a roupeta a João Ribeiro, e durante a noite o expulsassem da casa de S. Roque! D. João V premiou-o, fazendo-o deputado do Tribunal da mesa da consciencia e ordens [1].

Estava pois D. João V descontente com o procedimento da companhia, quando aconteceu morrer o seu confessor o jesuita Simão dos Santos, e logo escolheu para o substituir e aos outros jesuitas, um padre da congregação de S. Filippe Nery, outro da de Cister, e um clerigo do habito de S. Pedro.

O golpe era fundo e symptomatico.

Mas ainda outro lhes foi vibrado ao coração do systema. Como já dissemos, havia duzentos annos que a companhia se achava na posse exclusiva do ensino; D. João V mandou construir a casa das Necessidades, em beneficio da congregação de S. Filippe Nery com aulas, para nellas se ensinar tudo o que pertencia ás escolas menores, ás artes, não pelo methodo jesuitico, mas por outro

---

[1] Seabra da Silva suppõe, com bons fundamentos, que a expulsão foi uma comedia de jesuitas, com que agradaram a Roma, e conseguiram um auxiliar, disfarçado em inimigo, junto da corôa, e principalmente no tribunal por onde corriam numerosos pleitos da companhia.

cujos beneficios foram incalculaveis, e que foi um passo andado no caminho progressivo da instrucção.

Por fim libertou-se da tutella jesuitica na nomeação dos bispos para o ultramar e colonias, em virtude d'uma bulla de Benedicto XIV, que é um dos mais crueis libellos que se tem publicado contra os jesuitas e resultados das suas missões, principalmente no Brasil.

Mas a hora fatal de ha muito prevista ia bater. O Marquez de Pombal já tinha nascido; estava pois fundida a balla que os havia de derrubar.

Antes, porém, de narrarmos as peripecias d'essa tragedia que espantou a Europa, devemos primeiro ir estudar o que até então tinham feito os jesuitas do Amazonas ao Prata.

Uma bandeira

# XC

## Entrada dos jesuitas no Brazil

Havia perto de cincoenta annos que o Brasil tinha sido descoberto, quando os jesuitas alli entraram. A grande colonia começava a preoccupar os politicos da metropole.

Orellana tinha descido o Amazonas, e Ayolas fundara Buenos-Ayres. Mas a Hispanha não se contentava em invadir as nossas possessões pelo norte e barrar-lhe a expansão pelo sul, por todos os lados por onde era facil uma entrada, por ahi penetravam, com vistas ambiciosas, os nossos visinhos do continente [1].

A's entradas por terra correspondiam muitas vezes desembarques individuaes em varios pontos da costa, mas principalmente nos portos da Bahia, Rio de Janeiro e Santos. Outros ambiciosos espreitavam o Brasil como presa opima; os franceses, desde os primeiros dias do descobrimento que pensaram na posse d'aquellas vastissimas regiões, e empregaram todos os meios para se apoderarem d'ellas ou de parte d'ellas, onde ainda não fosse um facto seguro o dominio português.

«Para obviar os damnos occorrentes da posse hispanhola, ou do estabelecimento de uma colonia francesa, Portugal dividira o Brasil em capitanias, mais por ciume de guardar a conquista, do que por convencido da sua futura importancia.

«O systema para isso adoptado, e que se julgou o mais economico e proveitoso, falava por si, visto ter já sido anteriormente levado á practica na colonisação da ilha da Madeira: porém os seus maus resultados, n'aquella vastidão de terreno, foram tão rapidos como fataes.

«As capitanias demasiadamente extensas para serem povoadas pelos esforços dos particulares, estavam muito afastadas da metropole e umas das outras para serem soccorridas; de maneira que assim se viram impossibilitadas de mutuarem-se auxilio, incapazes de resistir aos indigenas e expostas ao mesmo tempo ás tentativas dos aventureiros extranhos, que alli se quizeram estabelecer ainda com meios, por sua mesquinhez, mui desproporcionados á empresa.

«Outro mal, e de maior monta, provinha dos mesmos colonos, que de ordinario iam para o Brasil. Para acudir aos seus vastos planos de conquista, Portugal viu-se obrigado a trasladar para as suas colonias homens que a vindicta publica stygmatisava por crimes graves, sendo a penalidade dos mais enormes o desterro temporario ou perpetuo para o Brasil ou para a costa d'Africa...»

Robert Southey consubstancia n'estas palavras o effeito d'esta politica:

---

[1] N'este capitulo, e em outros que se refiram a acontecimentos jesuiticos no Brasil, soccorremo-nos fartamente dos *Apontamentos para a Historia dos jesuitas no Brasil*, pelo dr. Antonio Henriques Leal. — Os outros auxiliares d'este estudo foram os chronistas da ordem Balthazar Telles e Simão de Vasconcellos, as cartas dos jesuitas, e codices existentes nas bibliothecas nacional de Lisboa e publica de Evora.

«Suas relações com os selvagens só produziram males, tornando-se todos peores do que d'antes eram; os antrhopophagos adquiriam novos meios de destruição, e os europeus novas practicas barbaras. Perderam estes esse terror que sentiam pelos banquetes sanguinarios, apesar da perversidade d'elles, e aquelles o respeito e veneração d'uma raça guerreira, no emtanto que taes sentimentos poderiam ser aproveitados em beneficio de todos.»

Mas então, como depois e sempre, o governo da metropole procurava obstar a taes desregramentos. No regimento de Thomé de Sousa já se prohibia, sob grandes penas, a communicação dos portugueses com os indigenas, a construcção de bergantins com que iam salteal os para os prear e vender, e isto em tamanho excesso, que Solorzano cita o facto de irem os portugueses do Brasil ás Indias de Castella, para venderem alli escravos.

Por toda a parte se tinham rebellado os indigenas, reduzindo a maior parte das capitanias a ruinas e os seus donatarios á extrema miseria. Accrescia que os extranjeiros fomentavam por todos os meios ao seu alcance estas rebelliões. Para obviar e remediar tão grave crise, o Brasil foi elevado á categoria de governo, e com o seu primeiro governador entraram os primeiros jesuitas nas terras de Santa Cruz.

A 2 de fevereiro de 1549 partiu esse primeiro governador, Thomé de Sousa, de Lisboa, levando em sua companhia os padres João Navarro Azpilcueta, Antonio Peres, Leonardo Nunes, e os irmãos Vicente Rodrigues e Diogo Jacome. Não seguiu com elles o que devia ser o primeiro superior jesuita no Brasil, o padre Manuel da Nobrega, a quem a doença não permittiu o embarque n'aquella occasião, mas que embarcou dias depois e seguiu viagem no navio que conduzia o provedor da fazenda, André Cardoso de Barros. No mar alto encontrou a nau do governador, e para ella se passou.

Nobrega, despeitado por não ter sido o primeiro classificado n'um concurso para a cadeira de canones na universidade de Coimbra, vestira a roupeta de Ignacio de Loyola, cujos discipulos «não eram extranhos ao acontecido, empregando, como é sabido, estes e outros meios tortuosos e occultos para chamarem ao aprisco pastores d'aquelle conceito». Porque Nobrega era uma acquisição de primeira ordem, na sua qualidade de filho d'um desembargador, sobrinho do chanceller privado do monarcha, e além d'isso formado em duas universidades, na de Salamanca e na de Coimbra.

Simão Rodrigues julgou-o digno de ir estabelecer o jesuitismo no Brasil, e elle, obedecendo, partira.

Para exaltarem esta personalidade verdadeiramente notavel, os jesuitas não se esqueceram de recorrer a narrativas maravilhosas. Citarei uma, entre centenas d'outras, qual d'ellas menos verosimil.

Seguia a nau viagem com vento prospero, e Nobrega, que era recebido á mesa do governador, notou que este, em honra e devoção a S. João Baptista, não comia nunca a cabeça de qualquer animal que lhe fosse servida, quer fosse da terra, quer do mar. Reprehendeu-lhe Nobrega este costume superscticioso, aconselhando-o a cuidar d'outras devoções, e, para melhor o convencer, fez lançar ao mar uma linha com anzol, vindo in continenti, e com geral espanto, uma cabeça de peixe sem o resto do corpo, que, segundo os chronistas, «tinham os anjos cortado e apparelhado para este milagre!»

Devem notar que este milagre só foi contado pelos chronistas meio seculo depois de acontecido, e quando já ninguem o podia contradizer. Se, porém, Nobrega pescou effectivamente uma cabeça de peixe por milagre, é porque n'esse tempo a ordem geral das coisas era derogada por meras futilidades.

A frota de Thomé de Sousa singrou na Bahia a 29 de março de 1549, saindo Nobrega da nau com uma grande cruz ás costas, e a levou até que a arvorou no logar onde se abrigaram todos com o governador.

Escolhido o sitio para a edificação da nova cidade capital, deu-se principio ás edificações com a missa votiva do Espirito Santo, celebrada em altar portatil pelo padre Nobrega.

Emquanto se edificava a cidade, os jesuitas erguiam a egreja de *Nossa Senhora*

*d'Ajuda*, e ahi começavam o seu officio de confessores e pregadores, até que, chegando frades d'outras ordens, tomaram estes conta do serviço parochial, e elles foram arranjar um hospicio no cume do monte chamado do *Calvario*, cujas faldas eram então habitadas por gentios domesticados.

Indicavam assim que o seu fim era tratarem quasi que exclusivamente do bem espiritual dos indigenas, e dedicarem-se ao cuidado da conversão e civilisação dos selvagens.

«Importa por derradeiro, diz o sr. Henriques Leal, não louvar só as excellencias do systema de catechese e de aldeamento dos jesuitas, escurecendo o que ha n'elle de pernicioso e incompleto. Se se proclamavam extrenuos defensores da liberdade dos indios, se lastimavam as crueldades de que estes eram victimas, não foi por amor e dó dos infelizes indigenas, senão como meio d'opposição ás outras ordens religiosas e aos colonos, seus competidores no commercio e lavoira, bem como de contrariar os governadores, bispos e todos quantos não pactuavam com a companhia. Houve, é certo, conversões pela prédica, pelos meios brandos; a mór parte d'ellas, porém, pela coacção e viva força, de que foram conselheiros e instigadores até os primeiros missionarios e mais santos e apostolicos membros da sociedade. O padre Nobrega, escrevendo ao primeiro governador do Brazil, Thomé de Sousa, expressava-se a este respeito do seguinte modo: «em mentes o gentio não fôr senhoreado por *guerra e sujeito como o fazem os castelhanos* nas suas terras que conquistam, não se faz nada com elle.» O padre José d'Anchieta insistia por sua parte: «sobre estes indios já temos sabido que *por temor se hão de converter mais que por amor.*» Notava tambem, depois d'elle, o padre Ruy Pereira: «ajudou grandemente a esta conversão (dos indigenas) caír o governador na conta e assentar que *sem temor não póde haver fruto.*» Vamos agora ao padre Antonio Vieira, que tanto se exforçava a favor dos indios, e que, todavia, aconselhava a força para os domesticar, comparando-os á murta que, para d'ella affeiçoarem nos jardins estatuas e outros ornatos, cumpre *talhal-a á thesoira!* Em vez de conversos e attraidos ao gremio da civilisação e do christianismo, moviam-lhes os padres crúa guerra, organisando *bandeiras* ou *descidas*, verdadeiros corpos militares, feitos a fim de os caçar como feras, preal-os e conduzil-os manietados para as missões, onde, reduzidos ao mais duro captiveiro, eram empregados em todo o genero de misteres braçaes e castigados rigorosamente quando se esquivavam ao trabalho. Em vez de os civilisar, coando-lhes nos entenebrecidos e verdes espiritos a luz purissima e suave do Evangelho, substituiam-se os jesuitas aos *pages* ou feiticeiros, á *tupan*, á *anhangô*, aos *manitôs* e a esse esboço de religião idolatra um Deus vingativo e cruel, e as mais extravagantes práticas de uma grosseira e infantil superstição. Quanto á leitura e á doutrina limitavam-se a ensinar-lhes orações; e no tendente a artes e officios, áquelles de que se utilisavam na agricultura. Fazendeiros e senhores d'engenho, só cubiçavam os jesuitas os lucros enormes que provinham do monopolio na permuta dos generos, com detrimento das populações e das rendas do Estado.»

Todas estas affirmações do sr. Henriques Leal, não são gratuitas. Alguns exemplos bastarão para as justificarem.

O espirito medievo que dominára toda a orientação dos jesuitas determinava tambem os mais atrozes actos. Assim, nos tempos em que a sociedade admittia o servo como instituição social, a fuga d'este a seu senhor, era crime para que a Egreja, que todos os outros protegia, não tinha protecção, tanto que, sendo, como era, ciosa dos seus privilegios, consentia que o servo fosse arrancado do templo á mão armada, sem que incorressem nas penas de excommunhão os que assim praticavam.

Os jesuitas, no Brasil, excommungavam egualmente tanto aquelle que acolhia algum indio dos escravisados por elles, como o senhor que fosse reclamar o fugido que se acolhesse a casa ou aldeamento jesuitico.

Quanto a superstições baste-nos como testemunho os seguintes trechos d'uma carta do padre Martins da Rocha [1].

---

[1] Vid. na Bibliotheca Nacional de Lisboa, fundo

.......................................

«Tem os Indios de costume nas aldeias primeiramente que peçam alguma coisa ao padre, fazer primeiro oração em a egreja, porque tem para si que depois que fizeram oração não lhes poderá o padre negar o que pedem, e assim allegam ao padre que já falaram com Deus.

.......................................

«Uma creança que nasceu antes do tempo era tão pequena que se duvidava se tinha já alma. Indo lá o padre e attentando, viu que bulia e a baptisou; esse foi gosar de seu Creador.

.......................................

Quanto aos effeitos da catechese, leamos o seguinte trecho d'um manuscripto [1]:

«A'cerca de se dar o Santissimo Sacramento a indios e indias, parece, salvo melhor juizo, que se não havia de dar: o 1.º por que não são capazes de fazerem differença de aquelle comer divino e espiritual do comer corporal, porque ainda que o saibam, tambem o saberá o papagaio se matinarem muito com elle, mas parece que não o alcançam nem entendem; — o 2.º parece que o tomam mais para novidade que por devoção nem reverencia que a isso tenham; — o 3.º porque são inconstantissimos, e mais se *regem por temor que amor*, e acabado de os largar perdem tudo, e tornam a seus costumes ferinos; — o 4.º porque todos, ou quasi todos os homens se escandalisam d'isso, e dizem que os padres os não conhecem, e que se enganam com elles; — o 5.º porque os de Guiné são de melhor juizo, e entendimento, e os prelados não lh'o dão por ser gente que se embebeda e andam amancebados.»

Martyrio do padre José de Azevedo

---

antigo, P. 6. 43 a *Parte de huã que o padre Martim da Rocha, escreveu aos Irmãos de Portugal em chegando ao Brasil, feita em setembro (na Bahia) de 572.*

[1] *Algumas duvidas que se offerécem nas missões.* Bibliotheca d'Evora, c. $\frac{\text{CXVI}}{1-13}$.

# XCI

## Manuel da Nobrega

Os primeiros jesuitas que foram para o Brasil já iam destinados a edificarem alli o poder da companhia e a conseguirem a absorpção de todos os elementos de predominio, riqueza e influencia.

Se todos os meios lhes serviam, não desprezavam comtudo o da virtude e dedicações pessoaes. Fanaticos em extremo, trabalhavam sem se queixarem, com um zelo inexcedivel no cumprimento das ordens que levavam, na obediencia do santo e senha que receberam de Simão Rodrigues, á partida de Lisboa. Entre elles foi um homem infatigavel o padre Manuel da Nobrega, a que já temos alludido, e a este seguiu se o padre José d'Anchieta, dois nomes que ainda perduram no Brasil e que lograram passar ás paginas da Historia geral mais aureolados de gloria, do que a quasi totalidade dos seus socios em Loyola.

Traçaremos d'estes, e dos primitivos companheiros do primeiro, um rapido esboço, que será mais uma das muitas faces do jesuita, e que ao mesmo tempo demonstrará como, conhecendo se um, se conhece o fundo de todos.

Manuel de Nobrega era o genuino jesuita da escola de Loyola e Simão Rodrigues. O seu principal cuidado era abaixar e humilhar até á abjecção o espirito d'aquelles a quem tinha por cargo dirigir. Havendo necessidade de dinheiro na nova residencia, o padre Manuel de Paiva, um dos seus companheiros, lembrou a Nobrega que o podiam vender, e com o producto remediar as faltas. Agradeceu-lhe Nobrega a boa vontade e entregou-o a um corretor d'escravos [1], que o trouxe muitos dias pelas ruas e praças com este pregão: — «quem quer comprar este homem, que é já sacerdote e pode servir para muitos usos?»

O governador Thomé de Sousa propoz o caso ao ouvidor Pero Borges, accrescentando: «Eu nunca vi vender sacerdote de missa, mas como vejo que os padres o fazem, não ouso condemnal-os.»

Já havia quem promettesse cem cruzados, e os moradores de Villa Velha subiam no lanço, porque o queriam para capellão. Nobrega então declarou que não vendia o companheiro, mas que o tinha querido experimentar com aquella humilhação.

Parece que tal prova devia de ser concludente; mas ainda lhe impoz outra, que foi, mandar que se deitasse do alto d'um monte ingreme abaixo, e o padre Paiva já o ia fazendo, sem detença, quando Nobrega o susteve!

Ao padre Vicente Rodrigues ordenou que fosse trabalhar como aprendiz para casa d'um tecelão, e que morasse lá até saber o officio com perfeição.

Ao padre João de Azpilcueta Navarro, que era confessor do governador, «mandou que se fosse disciplinando pelas ruas até

---

[1] E' esta a versão de Balthazar Telles; Simão de Vasconcellos, porém, diz que o pregoeiro era outro jesuita, o padre Vicente Rodrigues.

chegar á praça do governador, que folgaria de ver penitente tão destro.

Segundo o chronista Simão de Vasconcellos, eram recebidos mestiços nas casas dos jesuitas, e d'entre elles aproveitados para a companhia ou para linguas aquelles que mostravam aptidão. Entre estes se achou um culpado, não diz de que crime. Nobrega o condemnou a *ser enterrado vivo*. Confessou-o, deu-lhe a communhão, dobraram os sinos, celebrou-se o officio de defuntos, disse o padre Manuel de Paiva missa de corpo presente, amortalhado o desgraçado. Deitam-o na cova, lançam-lhe terra por cima, e n'este passo os padres se ajoelham, intervém, e Nobrega despede-o então da companhia!

Contentemo-nos com a simples noticia d'estes factos, evitando, por desnecessario, repetir as considerações que fizemos quando narramos outros analogos.

E comtudo Nobrega foi um trabalhador incançavel, um infatigavel obreiro do edificio jesuitico. Um dos meios que elle empregava para seducção dos indios, e dizemos seducção porque raras vezes havia conversão, era a musica. Simão de Vasconcellos escreveu: «Nenhuma coisa satisfaz tanto esta gente como a doçura do canto: n'ella põe a felicidade humana.» Chegou a ser opinião de Nobrega, que a doce harmonia do canto era um dos meios por que podia converter-se a gentilidade do Brasil, e levado d'este intento «ordenou que se puzessem em solfa as orações e documentos mais necessarios á nossa fé; porque á volta da suavidade do canto entrasse em suas almas a intelligencia das coisas do céu.»

Na sua afanosa existencia de trinta annos de missionario, percorreu toda a costa do Brasil de Pernambuco a S. Vicente. Fundou o collegio da Bahia, começou o de Piratininga, e o do Rio de Janeiro. Fez a casa de S. Vicente e a de Porto Seguro com a sua ermida de *Nossa Senhora d'Ajuda*.

Nas suas entradas pelo sertão a fazer catechese, por vezes foi intermediario de pazes entre os selvagens inimigos, ou entre estes e os portugueses, pendendo sempre, e por vezes com razão, para o lado dos indigenas, que os nossos tratavam e exploravam com extrema aspereza e crueldade. Mas os seus maiores cuidados no sertão consistiam em combater a preponderancia e auctoridade que alli gosavam os feiticeiros. Um dia tentou contra um dos mais celebrados e respeitados uma lucta decisiva de que saiu vencedor, segundo rezam as chronicas.

Teve modo de fazer com que o famoso feiticeiro viesse á sua presença, fazendo que este fosse a um grande terreiro, no meio do infinito povo, que tinha concorrido e descido d'aquellas montanhas, «uns para buscarem remedio de suas enfermidades n'este seu Esculapio, outros para verem o successo do desafio que havia de ter com o padre Manuel da Nobrega.»

«A este, pois, saiu o padre ao encontro, e por principio de desafio lhe pergunta com grande imperio e liberdade em virtude de quem fazia as obras, que d'elle se contavam, se em nome de Deus, Creador do ceu e da terra, se em nome do demonio, inimigo da geração humana. Respondeu o barbaro com mais diabolica soberba que se podia esperar de nenhum ministro de Satanaz — que elle era o mesmo Deus, e filho do que reinava no ceu, do qual era muito amado, e que muitas vezes se lhe tinha mostrado nas nuvens resplandecentes e entre temerosos trovões.»

Nobrega troveja-lhe como se o ceu estivesse para desabar, e o selvagem, diz a chronica, cae de joelhos e pede o baptismo.

Que pena que os feiticeiros tambem não escrevessem chronicas!

Não nos repugna acreditar que o teor de vida de Nobrega fosse o que nas seguintes linhas descreve B. Telles:

«Visitava o bom padre todas as aldeias, andando sempre a pé, e ainda depois de velho e mui doente, e talvez com os pés cheios de chagas, accudia a todas as partes com um bordão na mão, subindo pouco a pouco pelas ladeiras ingremes d'aquellas montanhas, e ainda que o espirito o animava, comtudo a fraqueza do corpo o retardava de tal maneira que talvez parava sem poder dar passo adeante, necessitando da ajuda do companheiro, que umas vezes o sustentava, e outras ia diante d'elle tirando-o pelo bordão.

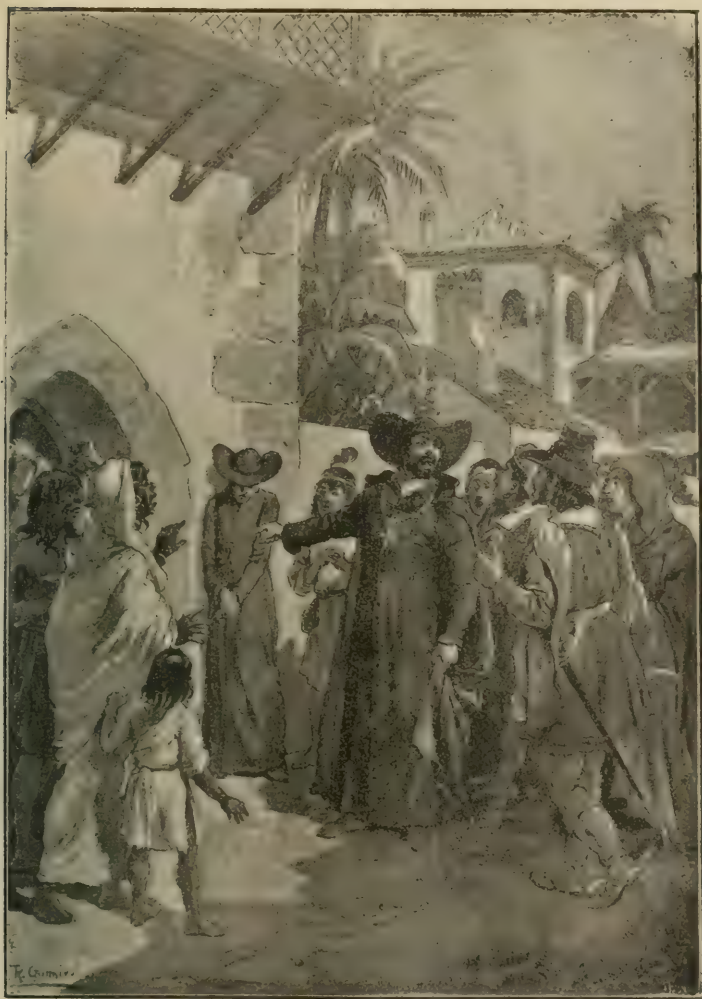
«Não vestia nunca coisa nova, nem usava de mantos, andando sempre em corpo, como os mais irmãos, por causa da muita pobreza em que viviam, e por andarem mais desimpedidos nas grandes caminhadas que faziam: nenhum perigo, nem trabalho recusou nunca pelo bem e salvação dos naturaes da terra, por cuja liberdade se punha em campo contra a avareza dos portuguezes, que os queriam captivar, soffrendo com notavel longanimidade os grandes odios e perseguições que por essa causa se lhe originaram.»

Em toda a historia dos jesuitas na America do sul os encontramos desde os primeiros dias sendo alvo dos odios dos portuguezes por causa da escravidão dos indios. Assim é. Mas a verdade é que o verdadeiro intento dos reverendos padres era substituirem uma escravidão a outra. Os seus aldeamentos eram genuinas fazendas agricolas, onde elles exploravam o braço indigena, onde suscitavam e mantinham guerras de tribus contra tribus, e nas quaes, em vez de levantarem o moral das terras escravisadas, apenas substituiam umas praticas supersticiosas ás exterioridades do culto catholico. Erguiam uma egreja, faziam procissões com toda a solennidade liturgica, chegaram mesmo a estabelecer um orgam no interior das selvas para acompanhamento dos canticos; mas tudo isto tinha um fim industrial, uma conquista de corpos e d'almas em favor da companhia. Evidentemente este systema de escravidão era mais suave do que a senzala, a corrente e o chicote portuguezes; mas nem por isso era diverso nos fins nem nas intenções. Mas se um indio d'um aldeamento fugia para de novo gosar a liberdade do mato elles tambem os sabiam perseguir; tambem sabiam acompanhar as *bandeiras* escravisadoras e tomarem a sua parte na preza, e quer seja sob o dominio cruel do fazendeiro portuguêz, quer sob a vigilancia inquisitorial do jesuita, o pobre indio trabalhava constantemente, para outros gosarem o fruto das suas fadigas. Era mais intenso o trabalho na roça e nos engenhos dos conquistadores, mais methodico e regular nos dos missionarios, mas uns e outros tiravam do braço indio tudo quanto podiam. Tinham uns o chicote como estimulo ao trabalho, ameaçavam outros com as penas eternas do inferno, e se o indio da senzala podia aspirar á morte, como sendo para elle o eterno descanço, o dos aldeamentos ainda depois d'esta tinha que temer a eterna atrocidade das penas do inferno, se a vontade do jesuita para ellas o arremeçasse por uma falta ou delicto de que o não quizesse absolver na hora extrema.

Entre as duas escravidões os desgraçados, ainda assim, escolhiam a do jesuita, na apparencia menos cruel, senão menos interesseira.

Aos portuguezes agradava a incontinencia dos indios, e elles proprios se não cohibiam de usarem e abusarem das suas escravas, e todos os fructos d'estas uniões, eram outros tantos braços destinados ao trabalho. Os jesuitas procuraram, e até certo ponto conseguiram, estabelecer o matrimonio catholico; mas não se livraram das accusações de terem tracto carnal com as indias, e até o proprio padre Antonio Vieira foi mais tarde accusado d'esse peccadinho muito humano e facil de comprehender.

Contra o que os primitivos jesuitas luctaram foi contra a anthropophagia, mas por mais que prégassem, as suas censuras pouco effeito produziam quanto á gulodice da carne humana.

Um dia, em que os indios da baixa do monte *Calvario* sacrificavam um prisioneiro, ouvem os padres, que como dissemos, se tinham estabelecido no alto d'aquelle cerro, os gritos e alaridos das cerimonias para semelhante acto; acodem e acham a victima já estirada por terra; reprehendem-os das suas infames iguarias e tiram o cadaver das garras dos carniceiros. Os homens, attonitos, consentem; mas as mulheres, e principalmente as velhas, vendo-se frustradas, soltam gritos espantosos, amotinam os mais gentios afim de virem exigir a preza dos padres, que já a tinham enterrada. Vindo aquelles revolvem a terra, tiram o cadaver e cortam-lhe um braço. Os padres voltam a traz, instam com elles e pedem que se aquietem. As velhas, porém, vendo-os chegar sem o cadaver improperam-lhes a cobardia. Arrependidos dos seus feitos, volvem então armados; porem já ahi não encontraram os padres, que,

Leilão de um jesuita

avisados, se recolheram á cidade, por mandado do governador.

Os indios perseguem-os até os muros da capital, e foi preciso que a tropa corressse ás armas, os contivesse e depois afastasse com descargas d'arcabuzaria.

Este incidente, que podia ter tido maiores consequencias, ainda mais excitou a animadversão de que os jesuitas já eram alvo, principalmente pela insistencia com que esquadrinhavam os que viviam amancebados, ou tinham tracto illicito com mulheres, e os iam, depois, reprehender e exprobrar directamente no pulpito, esquecendo-se do que diz S. Matheus: Ai d'aquelles por quem o escandalo vem ao mundo!

Um dos motivos que mais concorreu nas tribus anthropophagas para os indios fugirem dos padres e recusarem o baptismo, foi a crença em que estavam de que a carne humana perdia muito do sabor nos individuos baptizados.

B. Telles diz: «que os padres iam a estas festas como folgando de assistir a ellas, viam e ouviam tudo, e quando os tinham descuidados, um se chegava ao padecente, instruia-o na fé e dava-lhe o baptismo com a agua d'um lenço.»

Chama-se a isto «aguar um petisco.»

E como temos que nos resumir, diremos desde já, e por este facto o leitor viu quão deficiente era a tal instrucção religiosa que se dava em alguns minutos a um desgraçado amarrado a uma arvore e não pensando senão nos meios de fugir, e tomado de raiva impotente contra os seus vencedores! Não admira que, por este processo e rapidez de catechese Simão de Vasconcellos nos diga que em 1562, o padre Luiz da Gama administrasse os seguintes baptismos, na capitania da Bahia:

| | |
|---|---|
| Em S. Jorge | 120 |
| Em S. João | 550 |
| Em S. Antonio | 450 |
| Em S. Pedro | 1150 |
| Em Itaparica | 108 |
| Em S. Miguel | 897 |
| Em N. S.ª d'Assumpção | 1090 |
| Em Ubreus (em uma aldeia) | 170 |
| Em S. Thiago | 153 |
| Em Santo Antonio | 202 |
| Em S. Paulo | 212 |
| Aô todo | 5:052 |

Voltando a Nobrega, cumpre noticiar que numa guerra entre portugueses e os tamoyos da capitania de S. Vicente, aquelles debandaram perseguidos pelo numero, e que foi Nobrega o medianeiro da paz, ficando com o companheiro em refens dos indios, que foram ajustar as condições com os colonos.

N'esta capitania a introducção dos jesuitas teve muitas contrariedades como depois veremos.

Em Porto Seguro, qual novo Moyzés que fez brotar agua d'um rochedo, elle fel-a correr a jorro do tronco d'uma arvore.

Os tres ultimos annos da sua vida passou-os no collegio do Rio de Janeiro, onde expirou no dia 18 d'outubro de 1570. A sua obra estava feita. Do norte ao sul do Brasil a roupeta do jesuita passeava a sua mancha negra, tanto nas areias alvas ou vermelhas da costa, como na verdura intensa das virgens florestas.

Depois do descobrimento, estava fixada uma nova força escravisadora. O resto da historia dos jesuitas do Brasil será a dupla lucta para a conquista do indio, e para roubarem ao colonisador o escravo appetecido.

# XCII

## Os companheiros de Nobrega

Aspilcueta, navarro de nação, parece ser o mais qualificado dos primitivos companheiros de Nobrega. Dizem as chronicas que Simão Rodrigues o escolhera por ser pessoa de grande exemplo e conhecido fervor. Um dos factos que se aponta d'elle, para dar a medida da sua piedade, é o de se ter disciplinado até fazer sangue, na presença d'um malfeitor moribundo que se não queria confessar, e obrigal-o por esta forma a receber os ultimos sacramentos. Foi o primeiro que se aprompteou com o conhecimento da lingua indigena, a fim de poder prégar nella, e de escrever algumas orações e dialogos religiosos. O seu principal empenho, como em geral dos primitivos jesuitas no Brasil, na parte moral, era impedirem que os indios comessem carne humana, tivessem muitas mulheres, se conservassem em continuo estado de guerra, fossem credulos nos feiticeiros, e amigos, ao excesso, de todas as bebidas que embriagavam.

«Contava um padre da nossa companhia, escreve Simão de Vasconcellos, que penetrando uma vez no sertão, chegando a certa aldeia, que achou uma india velhissima no ultimo da vida; catechisou-a n'aquelle extremo, ensinou-lhe as coisas da fé, e fez cumpridamente seu officio. Depois de haver-se cançado em coisas de tanta importancia, attendendo á sua fraqueza e fastio, lhe disse, falando á moda da terra: «Minha avó (assim chamam as que são muito velhas) se eu vos dera agora um pequeno torrão d'assucar ou outro bocado de conforto de lá de nossas partes do mar não o comerieis?» Respondeu a velha já catechisada: «Meu neto, nenhuma coisa da vida desejo, tudo já me aborreceu; só uma coisa me podéra agora abrir o fastio. Se eu tivera uma mãozinha de um rapaz tapuio de pouca edade, tenrinho, lhe chupava aquelles ossinhos, e então me parece tomava algum alento; porém, eu, coitada de mim, não tenho quem me vá frechar um d'estes.»

E aqui temos, como tantos trabalhos de catecheze davam por verdadeiro resultado *un mot de la fin!*

O principal meio de conversão dos indios de que usava Aspilcueta era ir «esperal-os sobre a tarde, a tempo que vinham carregados com suas caças, dava-lhes as boas vindas, e aos que tinham tido a dita os parabens do successo. Dizia-lhes que descançassem e ceassem, muito embora com suas familias; e quando já estavam descançados e satisfeitos começava elle, quando já era noite fechada, a despregar a torrente da sua eloquencia, levantando a voz e prégando-lhes os mysterios da fé, andando em roda d'elles, batendo o pé, espalmando as mãos, fazendo as mesmas pausas, quebros, esgares e espanto costumados entre os seus prégadores para mais os agradar e persuadir!»

Ensinou aos indios que rezassem o Padre Nosso, quando algum adoecesse e que com isto sarariam «e muitos curaram».

Aspilcueta, que entrara para a companhia em 1544, veiu a morrer no anno de 1554, em viagem pelo sertão.

O padre Leonardo Nunes foi, assim que Nobrega chegou ao Brasil, «mandado por elle á capitania de S. Vicente, na qual havia alguns cinco logares de portugueses que necessitavam muito da boa doutrina de tal missionario, porque os maus costumes e escandalosos peccados destes colonos, em parte peores que os mesmos *brasis*[1], não tinham quasi mais que o nome de christãos.» A conversão d'estes portugueses ficou sempre tão duvidosa como a dos *brasis*.

Foi, como o seu socio Antonio Peres, um incansavel edificador de egrejas; mas emquanto este as trabalhava por suas mãos, Leonardo Nunes tinha arte de convencer os que o ouviam a trabalhar e até a acarretarem dos matos as madeiras necessarias para ellas. A sua velocidade no andar era tal, que os indios o alcunharam de *Padre Voador*.

Consagrou-se mais especialmente a resolver os indios a entregarem-lhe os filhos, a fim de os educar em S. Vicente. Aqui formou um seminario com alguns orphãos, idos de Portugal, com mestiços da terra, e com estes indios a quem ensinou o português, e a alguns mais habeis d'elles o latim. Como na sua passagem na capitania do Espirito Santo, tinha obtido que se alistasse como irmão o ferreiro Matheus Nogueira, encarregou-o de fabricar anzoes, facas e outras ferramentas de grande apreço entre os indios. Mas o seu intento de reformar os costumes, de privar os portugueses das mulheres com que viviam, a guerra declarada a João Ramalho, homem importante na região, e de poucos escrupulos, a tendencia de acaparar os indios em serviço da companhia, suscitou-lhe grandes contrariedades, violencias e malquerenças, e ao mesmo tempo contra a companhia.

Antonio Peres, o outro dos companheiros de Nobrega, foi um grande edificador de egrejas, trabalhando elle proprio pelo officio de pedreiro, em que era habil. E' a elle a quem se deve o começo do collegio de Pernambuco.

Os dois irmãos, Vicente Rodrigues e Diogo Jacome, companheiros da primeira missão, acompanharam os padres na obra da catechese. Jacome occupava parte do seu tempo em tornear contas para os indios. Foi elle, com Antonio Peres, o iniciador de saberem os jesuitas um officio mechanico, de que tiraram grande proveito nos seus aldeamentos, ensinando-o por sua vez aos indios sob o seu dominio.

Depois dos primitivos jesuitas, os que maior nome deixaram nessas eras, em que a lucta industrial e commercial da ordem era ainda temperada pelo zelo religioso de alguns, foram os padres Ignacio d'Azevedo e José Anchieta.

Azevedo foi nomeado pelo geral Francisco de Borja para ir como visitador ao Brasil, e o seu primeiro cuidado foi percorrer todas as casas, collegios e residencias dos seus socios, levando a cada um d'elles o viatico consolador das noticias das coisas que se passavam na Europa em geral, e no seio da Ordem em particular. Grande numero das instrucções que levou de Borja deviam de ser de caracter mystico e politico, mas ao lado d'este já havia ós assistentes de indole diversa, e é de crer que estes tambem ordenassem a Azevedo o que convinha fazer para o augmento da S. J. As coisas que viu e de que tomou conhecimento determinaram que voltasse a Portugal, com o fim de levar mais jesuitas para o Brasil.

Mal chegou a Lisboa, partiu para Almeirim a procurar D. Sebastião e logo obteve d'elle o dinheiro e as facilidades de que necessitava para transportar mais gente sua para o Novo Mundo, e entre esta bom foi o numero de hispanhoes e italianos que recebeu na sua passagem em Roma. A obra de desnacionalisação começada em Portugal convinha que se continuasse no Brasil.

Alli os indios ouviriam outras linguas que não a portuguesa, e assim o seu espirito teria de menor esse élo a prendel-o a nós.

Por occasião da peste de 1570, achava-se em Lisboa, e foi dos que se retirou, indo com muitos dos seus companheiros do collegio de Santo Antão para a quinta de Valle-de-Rosal, em Almada. Depois d'uma demora, aqui, de cinco meses, embarcou em a nau Santyago, que foi atacada pelo corsario francez Jacques Soria, e por este aprisionada.

---

[1] Denominação que davam os chronistas e colonos aos [illegible]

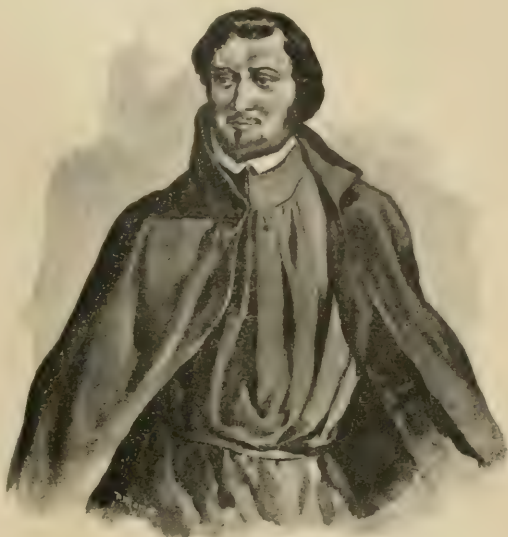
As orações de Azevedo nada puderam contra a força do pirata, que, senhor da nau, deu morte a todos os jesuitas de missa que nella encontrou, sendo um dos martyres o padre Azevedo.

A vida de José d'Anchieta foi mais longa e mais cheia de trabalhos. Nascera na ilha de Tenerife e cursou os estudos em Coimbra. Da sua mocidade conta-se, como feito de maior virtude, o «ajudar a oito missas por dia, e todas de joelhos.» Em 1553, aconselhando-lhe os medicos mudança d'ares, partiu para o Brasil, contando então vinte annos de edade, e já tres de recebido na Companhia.

Anchieta tinha aptidão especial para as linguas. Era um latinista consummado, e em seis meses aprendeu a lingua geral dos *brasis*, sendo o melhor interprete do padre Manuel da Nobrega[1]. Quando este ficou em refens dos tamoyos, caso a que já alludimos, Anchieta foi seu companheiro de detenção, e os tres meses que ella durou empregou-os elle em escrever o seu poema. Anchieta póde dizer-se que era um asceta de temperamento litterario. O seu cubiculo era nu de moveis, tendo apenas uma tarima para descançar o corpo. O seu vestuario velho, roto e enxovalhado. Quando partia para as suas longas missões sertanejas quasi sempre ia descalço, por mortificação, jejuando e orando.

Um tal varão não podia passar á historia senão aureolado pela gloria de thaumaturgo, e assim é que os seus socios illustram com infinitos milagres a historia da sua vida.

De Balthasar Telles tiramos nota dos seguintes:

«Da villa de S. Vicente para o sul corre uma costa bravia e praia muito aspera e esteril, por espaço de nove leguas, a que Anchieta chamava o seu *Peró*, pelos muitos portugueses que alli accudiam com suas familias e indios de serviço, todos necessitados de soccorro espiritual. Um dia entrou sem destino pelo mato, onde encontrou um indio muito velho, que estava sentado na terra e encostado a uma arvore, o qual, assim que viu o padre começou em grandes

Padre José Anchieta

brados: — Vinde depressa, que muito tempo ha que vos espero aqui!»

O padre, pelos signaes que lhe deu o homem, ficou entendendo que não pertencia a nenhuma d'aquellas terras que estão sujeitas aos portugueses, «e que era d'alguma outra mais remontada, pertencente porém ao Brasil (porque a lingua era brasilica), e que por braço superior fôra alli trazido da outra banda da costa do Brasil da parte do oeste».

Baptizou-o, poz-lhe o nome de Adão, servindo-se para a cerimonia da agua da chuva, «que até o ceu quiz concorrer para este milagre.»

---

[1] Anchieta compoz um poema latino, em cinco mil e seiscentos versos em honra de *Nossa Senhora*; verteu o catecismo em lingua brasilica e organisou uma grammatica da mesma lingua.

Morreu na villa dos Santos um *brasil* por nome Diogo. Amortalharam-o e abriram-lhe a sepultura. Tratando-se de o levar a enterrar, advertiu a dona da casa, chamada Gracia Rodrigues, que o defunto visivelmente se movia, e com animo varonil chegou a vêr se se enganava; porém o indio, pouco antes cadaver frio, distinctamente falou, pedindo que o tirassem d'aquella mortalha, e lhe chamassem o padre José. Attonitos ficaram os presentes com tão extranho successo; e dizendo-lhe que o padre se tinha ido a S. Vicente, que é d'ahi duas leguas, replicou o resuscitado que já o padre era vindo, e que ambos vieram juntos até um riacho, que corre proximo ao logar e que d'alli o tinha o padre mandado adiante a que se tornasse a vestir de seu corpo. Foram logo chamar o padre, e tanto que chegou-lhe perguntou o indio pelo relicario, que no caminho lhe mostrara; tirou-o o padre do peito, e o indio com sua vista muito se alegrou; e logo o padre lhe disse que lhe contasse e aos circumstantes o caso da sua morte e da sua nova vida. Elle o fez, dizendo que em saíndo d'esta vida se encontrara com quem lhe disséra que não caminhava pela estrada real para o ceu, porque não estava baptizado, e elle confessou que assim fôra, e que nunca havia caido n'aquelle erro, contentando se com o nome de Diogo, cuidando que bastava ter o nome d'um santo. Baptizou-o então o padre e elle expirou.

Se é o mesmo indio do milagre antecedente, segue-se que o baptizou duas vezes. Em todo o caso, façamos justiça a Anchieta, que era incapaz de ter escripto sandices d'esta ordem, muito embora, como bom jesuita, houvesse aproveitado certas circumstancias para se impôr aos indios como homem de poder sobrenatural. Era um meio d'acção.

Mas, além d'estes milagres de simples nigromancia, ainda lhe attribuem outros mais sérios, levados a effeito pelo dom da obiquidade, e multiplicação dos objectos.

Uma vez appareceu a um irmão que estava muito triste n'um sitio isolado, e depois de o consolar sumiu-se.

D'outra «caminhava elle uma vez de S. Vicente a Piratininga, acompanhado de seu ordinario companheiro, o padre Vicente Rodrigues, e de outros sacerdotes, e depois de andarem sete leguas chegaram a uma ermida para dizerem missa; porém, o trabalho foi que faltava o missal, posto que havia todo o mais apparelho. A desconsolação dos padres era grande, porque além de terem subido algumas serras para chegarem á ermida, era o dia de guarda e sentiam muito ficar sem missa. Tomou o padre José á sua conta fazer vir o missal da casa de S. Vicente, acceitaram os padres a offerta, uns porque o tinham já por milagroso, outros porque queriam experimentar se o era.

«A resolução do caso foi que, dentro em meia hora, chegou o padre Anchieta, trazendo debaixo do braço o missal, que sendo o mesmo da casa de S. Vicente, nem o padre José lá appareceu, nem o missal de lá desapparecera.»

Prophetiza a derrota de Alcacer-Kibir; que o rei não morreria na batalha, e quanto á sua apparição, reservava isso para Deus.

E como se tudo isto fosse pouco para a glorificação na terra d'um humilde jesuita, estando elle em oração na praia, e enchendo a maré, as ondas, para o não distraírem, formavam ao redor d'elle um alto muro, deixando-lhe livre o caminho para terra!

Ao mesmo tempo que umas têem para elle estes cuidados, outras destroem-lhe a canôa em que elle ia, e obrigam-o a andar meia hora a nado, o que lhe aggravou sobremodo antigos padecimentos. Em 1585, largou o cargo de provincial, e, a 9 de junho de 1597, morreu com sessenta e quatro annos de edade e quarenta e sete de jesuita.

O fim, porém, de todos estes trabalhos, alguns d'elles verdadeiramente apostolicos, triste é dizel-o, era uma systematica sujeição aos jesuitas, a annullação completa de todas as vontades. Assim o confessava ingenuamente a annual do padre Oliveira, por commissão do reitor Brás Lourenço [1], quando escreve: «...finalmente n'esta terra (S. Vicente) não se sabem mover sem os nossos.»

---

[1] *Annual do collegio de S. Sebastião do Rio de Janeiro e das residencias do anno de 1573* — Bibliotheca Nacional de Lisboa. Fundo antigo P. C. 43.

Na mesma carta ha outra confissão digna de registrar-se e que mais uma vez vem demonstrar o odio dos jesuitas aos outros regulares e cleros. Referindo-se Anchieta a Piratininga, diz:

«Aqui ha grande consolação em morar, porque como aquella gente não *reconhece outros clerigos por curas e padres de suas almas*...»

Que differença entre estes espiritos absolutos e exclusivistas e o do geral de S. Francisco, que, em 18 de abril de 1551, escreveu uma carta aos seus frades da observancia, para que em tudo e por tudo favorecessem os padres da companhia de Jesus!

O indio começava já a ser para os jesuitas um simples instrumento de trabalho que produzia e rezava!

# XCIII

## Uma creatura dos jesuitas

A chegada de Mem de Sá, em 1588, ao Brasil, como governador, foi um grande auxilio para os jesuitas. Mem de Sá era jesuita d'alma e d'acções.

Assim que poz pé em terra, a primeira coisa que fez foi metter-se n'um dos cubiculos d'aquelles religiosos, e alli passar oito dias em exercicios espirituaes, ouvindo missa diariamente, assistindo aos officios divinos, ás prégações e commungando aos sabbados.

Quando d'alli saíu vinha transformado em chancella dos reverendos padres.

O primeiro bando que lançou foi ordenando que os indios confederados dos portuguezes não comessem carne humana; que não fizessem guerras entre si sem que elle as approvasse, que se juntassem em grandes povoações e que todos edificassem casas aos padres, para residirem com elles.

Estas duas ultimas ordens eram o inicio— appoiado pela auctoridade — do systema de escravidão que veremos realisado na sua maxima expansão nas *Reducções* do Paraguay.

Os portuguezes ficam descontentes com as determinações do governador, porque lhes prejudicavam os interesses, concorrendo poderosamente para auxiliarem os dos seus rivaes os jesuitas; e dos indios uns não obedecem, outros reunem-se e formam quatro poderosas aldeias, a de *S. Paulo*, a de *Sant' Iago*, a de *S. João* e a do *Espirito Santo*.

Um dos principaes, porém, por nome o *Cururupèba* (sapo bufador) resolveu não obedecer em coisa alguma ao edito.

Mem de Sá determinou submettel-o, mas fel-o de maneira pouco airosa para um soldado que deve ser leal. Mas tal soldado era discipulo dos jesuitas.

Pela calada da noite, fez marchar a tropa para as aldeias d'aquelle principal. Esta, composta de soldados aguerridos, dá de subito sobre os indios adormecidos, que tomados de surpreza pelo estrondo das armas e do fogo são facilmente desbaratados e mortos. D'entre os que se puderam escapar, graças ás trevas da noite, achou-se o *Cururupèba* só e desamparado. Descoberto por gente da tropa é tomado, algemado, acorrentado, assim trazido á cidade e ahi mettido em dura prisão, «para que a fama do castigo servisse de exemplo e terror aos outros.»

A pretexto de que havia aldeias onde ainda eram comidos os inimigos de guerra, Mem de Sá, acompanhado do jesuita Antonio Rodrigues, levou a devastação, o incendio e a morte aos aldeamentos do sertão, augmentando assim esse justo fermento de odio e aversão que já se manifestava nos indigenas contra nós outros os portuguezes.

A destruição foi medonha. Simão de Vasconcellos diz que acharam mais de duzentas aldeias nos cabeços dos altos montes, até onde os nossos subiam trepando de pés e mãos, servindo os que iam adiante de ponto d'apoio e segurança aos immediatos, e de dar entrada a todos. Cáem sobre os indios que estavam verdadeiramente aterrados, e foi grande a carnificina feita n'elles, afian-

Um banquete de anthropophagos interrompido

çando o chronista que no terreiro havia tantos mortos que impediam a marcha aos vivos. Os que escaparam d'este assalto valem-se das brenhas, «com tão grande terror que se affirma matava o pae ao filho pequeno, porque não fosse descobridor, com seu choro, da vereda por onde se escondia. Foi tão grande a mortandade que não podiam contar-se os mortos.»

Quando Mem de Sá voltou á cidade manchado com o sangue aleivosamente derramado, os jesuitas receberam-o como triumphador e entoaram solenne *Te Deum* em acção de graças!

Ora, emquanto Mem de Sá perseguia os indios no sertão, para os obrigar a aceitarem jesuitas e a fazer-lhes casa e trabalharem para elles, os franceses, ao commando de Villegagnon, iam-se cada vez mais fortalecendo e intrincheirando no Rio de Janeiro, onde já se achavam desde 1556.

Para que Mem de Sá se resolvesse a atacal-os foi preciso que D. Catharina, regente na menoridade de D. Sebastião, mandasse uma armada ao Brasil e ordem terminante ao governador jesuita para que por «todos os modos lançasse fóra aquella ignominia do nome português.»

Aconteceu por estes tempos com os franceses um facto que vem provar quanto as missões dos jesuitas ainda em seu começo, no Brasil, já tinham segredos, e taes que precisavam sepultar-se nas ondas do mar, para sua honra ou proveito.

Lê-se o caso n'uma carta de Fernão Cardim, datada da Bahia em 1 de maio de 1590, e que se refere ao aprisionamento, por piratas franceses, de uma nau portuguesa, partida de Pernambuco a 28 de junho de 1575 e tomada, sem combate, nas alturas de Portugal, por um *brechote* em 6 de setembro do mesmo anno, e que levava a seu bordo o padre provincial Marçal Belliarte e o padre Francisco Soares.

D'esse documento extraímos o seguinte:

«Lançou o padre Francisco Soares uns papeis do padre (provincial) pelo batoque de uma pipa de agua salgada, para que lh'os não vissem os franceses e lhe tornassem a dar outras poucas de pancadas. Eis que o capitão manda vazar a pipa. Os padres estavam temerosos, temendo que em saíndo os papeis rotos, os franceses se indignassem contra elles, e os matassem. Estando já para saír os papeis, subitamente o capitão e mais franceses se levantaram e foram para a tolda de cima deixando a pipa que se vazasse d'agua, e assim ficaram livres.»

Da mesma carta se prova que os jesuitas traziam sempre comsigo uma patente por onde se reconheciam mutuamente, o que é indicio de que nem sempre usavam a roupeta da ordem.

Outros papeis, são tambem causa de mais dissabores, porque a carta contém o seguinte periodo:

«... mas não passou a furia dos franceses, que vendo ir pela agua uns papeis, *que, por serem de segredo,* o padre os mandou lançar ao mar, e como elles são desconfiados, que ia alguma traição ou cartas para elrei e que por isso as lançaram ao mar, saltou a furia nelles» e deram uma sova mestra nos jesuitas.

Mas voltemos ao Brasil, e a Villegagnon, chefe dos franceses, fortificados numa ilha da bahia do Rio de Janeiro, que ainda conserva o seu nome.

Quiz elle, que era catholico zeloso[1] castigar quatro soldados calvinistas que fugiram e foram recebidos em S. Vicente. Achava-se entre estes João de Bolés, homem versado nas linguas latina, grega e hebrea e grande sabedor d'escripturas. Naturalmente começou a falar com pouco respeito de bullas, indulgencias e jesuitas, e censurou a Luiz de Graam, o provincial de então, de preferir ir prégar para o mato, em vez de o fazer aos portugueses, contra o preceito de S. Paulo que manda começar pelos proprios.

Depois, desafiou o jesuita a uma controversia publica, mas este preferiu mandal-o prender e remetter para a Bahia a soffrer as contingencias d'uma discussão, em que de antemão se confessou vencido, não a acceitando.

[1] E' esta a opinião de Simão de Vasconcellos, em contrario da que corre nas historias officiaes, que o dão como calvinista. Um trabalho recente do Dr. A. Zepherino Candido corrobora com bons argumentos e methodico apuramento de factos, a opinião do chronista jesuita

Loyola ou Xavier teriam acceitado o desafio.

Os portugueses conseguem desalojar os franceses depois de porfiada lucta e a primeira missa que se celebrou no ilhote do forte de Villegagnon foi em acção de graças pela victoria e celebrada por um jesuita.

São ainda os jesuitas que incitam Mem de Sá contra os *aymorés* dos ilheos de Porto Seguro, contra os quaes o governador usa do mesmo estratagema de os atacar de noite quando dormiam, e com suas tropas «os degolam, ferem, pondo por terra todo o vivente, homens, mulheres e meninos!»

Quando o governador voltou á Bahia levava os louros de *tresentas aldeias* destruidas.

O terror d'estas carnificinas permittiu aos bons padres estabelecerem-se pelo sertão e formarem aldeamentos *seus* com os restos mutilados dos indigenas perseguidos. Só numa aldeia conseguiram reunir quatro centas creanças!

Mas, alli como em toda a parte, o ensino d'estas creanças eram orações, os mysterios do catecismo, e todos quantos abusões havia que explorar naquellas almas simples e virgens de quaesquer noções religiosas. O terror do inferno era a principal arma de sujeição para creanças e adultos, e a descripção d'um Deus sempre irado contra a humanidade, tão vingativo ou mais, tão sanguinario e reveso como o governador Mem de Sá. Assim, tendo passado entre os gentios uma epidemia caracterisada por uma dysenteria de sangue, logo os jesuitas se apoderaram do caso para o attribuirem a castigo divino.

A pouco e pouco vão entrando e estabelecendo-se de forma tal que, em 1564, havia já na Bahia dez padres e quinze irmãos, em S. Vicente e Piratininga dezoito ao todo, no Espirito Santo dois, dois em Porto-Seguro, dois em Pernambuco, e tres nos Ilheus, ao todo cincoenta e dois. Entretanto em Portugal já vivia o dobro, para converterem a Loyola os *selvagens gentios* do occidente!

Data do tempo d'Elrei D. Sebastião uma congrua a favor do collegio jesuitico da Bahia, que chegasse para o sustento de nada menos de sessenta jesuitas.

Para o collegio do Rio de Janeiro, deu o governador o terreno aos padres, e mais a renda necessaria para «sustento até de cincoenta religiosos.»

Os bons homens, que chegaram sem roupa para mudar, que começaram por se alojarem em cabanas de palha cobertas de colmo, já são os oraculos do governo, os iniciadores e instigadores de companhias; já edificam casas grandiosas para viverem, e já exigem e alcançam avultadas rendas para seu sustento!

Continuava a construcção do collegio com a edificação da cidade do Rio de Janeiro, quando alli appareceu aquelle francês João Bolés, que tanto tinha dado que fazer, em S. Vicente, ao jesuita Lüiz da Graam. Vinha remettido da Bahia; e como só prosperam as cidades cimentadas com o sangue dos martyres, Bolés foi condemnado á morte, e não sendo o algoz perito no seu officio e fizesse soffrer o paciente, o padre Anchieta, que com uma palavra, uma ordem até podia salvar aquella vida, preferiu ir ensinar ao carrasco como se executava um homem!

Tanto pode o fanatismo catholico; tanto é irreductivel o odio jesuita.

# XCIV

## O que foram as missões

Ainda não tinha findado o seculo XVI, não havia ainda cincoenta annos que a companhia de Jesus entrara no Brasil, e já não era facil encontrar logar algum habitado pelos colonos, ou aldeamento onde vivessem indios domesticados, por onde não tivesse deixado vestigios a passagem do jesuita. A missão religiosa encobria ou disfarçava a missão de exploração agricola e commercial, e predispunha os espiritos para um proximo predominio e uma lenta absorpção.

A' maneira que os vemos avançar e multiplicar-se, vemos egualmente modificar-se o estado geral dos espiritos nas raças conquistadas e nas agremiações dos conquistadores, e estabelecerem-se duas rivalidades, penetrando-se cada vez mais fundo, e jurando mutua guerra d'exterminio.

A questão foi posta com a maxima clareza logo nos primeiros tempos: ou os jesuitas tomariam absoluta posse moral, politica e social da America do Sul ou esta os exterminaria. O interesse d'este grande drama da historia do Brasil estava em saber qual seria o exterminado.

Antes de chegar á narrativa d'este desenlace, citaremos alguns periodos d'um escriptor português que estudou seria e profundamente o assumpto, e que nos servirão de insuspeito testemunho do que temos avançado [1].

.....................................

«Se as tendencias sempre invasoras da Sociedade de Jesus, como ella mesma se chamava, tão audazmente chegou a manifestar-se na Europa ante os olhos dos poderes supremos, claro é que mais desafogadas e soltas se desenvolveriam em colonias apartadas, fora d'esta poderosa e já desconfiada vigilancia, tendo apenas por fiscal uma auctoridade delegada e incompleta, que diversas influencias facilmente podiam submetter ou abrogar.

«Assim, effectivamente, succedeu.

«Podemos severamente julgar a politica nefasta da companhia sem recusar o merecido tributo de admiração ao espirito, ao valor, á perseverança e abnegação de não poucos dos seus missionarios. Se a cubiça desmarcada se tornou o movel d'aquella, o desprendimento de todo o pessoalismo era a virtude ordinaria d'estes e a consequencia da sua disciplina.

«Foram, pois, as missões dos jesuitas util catechese, esforço heroico, desbravamento fecundo: com o tempo degeneraram muitas d'ellas em meros centros commerciaes, de que a Sociedade auferia o melhor nos lucros e sobre as quaes exercia pleno dominio e soberania a bem dizer independente, com enorme damno das outras populações, e usurpação dos direitos nacionaes.

---

[1] Vide. *Os Bandeirantes*, por José da Silva Mendes Leal. Vol. II. Cap. IV. A auctoridade do sr. conselheiro Mendes Leal, um conservador em politica e um catholico praticante em religião, cremos que não pode ser posta em duvida, nem tão pouco a sua boa fé.

Concorrencia dos jesuitas com os feiticeiros

«Entre as missões jesuiticas da America, as de Hispanha e Portugal tinham caracteres differentes. Conheciam bem os padres a indole diversa dos dois povos e segundo o seu costume por esta se moldavam.

«Nas provincias brasilicas davam-se por defensores da liberdade dos indios, como incansaveis apostolos de benevolencia e misericordia; e tanto de si o repetiram e apregoaram, que homens doutos e sinceros, com excessiva ingenuidade, o vieram depois a reproduzir. A ostentosa mansidão, que tem contra si provas irrespondiveis, occultava uma especulação rendosa. Os tumultos do Pará, do Maranhão e outras provincias, contra os padres exprimiam o descontentamento dos concorrentes á exploração colonial, por elles essencialmente lesados.

«Lesados eram com effeito os colonos e povoadores, porque, apropriando-se os padres dos indios, eram os fazendeiros obrigados com muito maior dispendio a importar braços de Africa para cultivar as terras, o que naturalmente lhes encarecia os productos, de modo que não havia poderem competir com os dos estabelecimentos dos jesuitas.

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

«As exhortações e apparatos em favor dos indios começaram só quando os aldeamentos interiores entraram a fructificar, e os padres, cerceando as rendas ao Estado, como os governadores ulteriormente representaram, se fizeram administradores de engenhos e monopolios. N'estas provincias do sul, onde era mais rara ou mais difficilmente chegava a escravatura africana, o odio á companhia crescia naturalmente em violencia. Os resolutos paulistas, costumados a decidirem por si suas contendas, varias vezes forçaram as casas dos jesuitas a condescendencias e pactos que bem claro manifestavam o antagonismo de interesses entre elles e os povos. Nestas extremidades os padres, tirando partido ainda dos seus privilegios, consentiam n'uma como sublocação dos indios, e quando, apezar de tudo, a actividade dos seculares os affrontava, induziam estes os gentios a faltarem aos contratos effectuados, promptos a acudir por elles em nome da humanidade, sempre que os locatarios irritados tentavam compellir os fraudadores a satisfazer ás clausulas pactuadas.

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

«Os fazendeiros ponderavam: para que hemos de procurar braços caros, ou sujeitarmos aos inconvenientes dos contratos, que taes como são muitas vezes se não conseguem sem lucta, quando á mão pudemos haver esses braços comparativamente de graça? Esta a origem do barbaro uso dos *descimentos* e *amarrações*, que não eram senão numerosas expedições ou bandeiras, feitas em commum, para ir caçar e escravizar indios bravos aos sertões, aonde não chegava a jurisdição das missões ou dos collegios.

«As rixas, as invejas, as ruins paixões que muitas veses tornavam impossivel o exercicio da auctoridade, e por toda a parte campeavam sem freio e sem tino, tinham sido tambem em grande parte semente lançada á terra pelos padres com a sua frequente e ousada intervenção no tocante ao poder temporal, e com os enredos e motins que armavam para expugnar qualquer auctoridade que lhes quizesse pôr cobro aos desregramentos. Muitas e muitas informações officiaes plenamente o attestam [1].

«A apregoada liberdade dos indios nos aldeiamentos dos jesuitas pareceria irrisão a homens cujo espirito sinceramente se houvesse illuminado. Por isso não convinha á tradicional precaução dos padres esclarecer os conversos. Que a mais zelosa catechese exercida sobre homens tomados no estado selvagem não conseguisse d'elles senão amansal-os, podia ter explicação e desculpas. Mas que os filhos, os netos, os descendentes dos primeiros neophitos, nascidos, creados e educados sob a tutela dos padres, e com elles os proprios mestiços, que muita vez participavam do sangue europeu, conservassem tanto de boçaes e nunca passassem d'aquella meia barbarie essencialmente favoravel á sujeição passiva, singularidade é que bem demonstra um plano e premeditação.

[1] Entre infinidade de outras: a carta de D. Diogo de Menezes, governador da Bahia ao rei Felippe de Castella.

«Sobre facto, de si tão concludente, passa de leve o minucioso Southey com haver-se obstinadamente empenhado em defender os jesuitas, preoccupado provavelmente com a idéa de que se o contrario fizesse o dariam de suspeito por ser protestante, não advertindo que o dever do historiador é não se mover de nenhum cuidado de si, mas unicamente escutar o que lhe dicta a consciencia ante o que os documentos lhe authenticam.

«Esta, porém, é com effeito uma das mais graves provas contra o preconisado systema. Por artes mechanicas ensinavam os padres aos indios, aos *seus* indios, como elles com muita propriedade lhes chamavam, tudo o que aos estabelecimentos da companhia era necessario, e não só das artes mechanicas senão tambem de mais altos misteres. Conseguiram assim fazer d'elles tecelões, pedreiros, canteiros, marceneiros, carpinteiros, oleiros, alfaiates e até esculptores e pintores [1]. Não faltava, portanto a estes cathecumenos intelligencia susceptivel de todos os desenvolvimentos. Por que seria, pois, que em tudo o que n'outras espheras lhes podia allumiar a razão os deixavam como em perpetua infancia? Ainda mais: porque lhes não generalizavam a lingua portuguesa ou hispanhola, segundo o país a que nominalmente pertenciam, antes preferiam aprender elles os dialectos barbaros, não já para as primeiras conversões, o que seria indispensavel, mas para uso permanente e commum, o que muito menos se explica? E não era tambem incapacidade dos indios para fala rem idioma diverso do seu, pois que, além do *tupy*, ou lingua geral, vulgar por todo o sertão, as diversas tribus e nações facilmente se familiarizavam com os termos que ouviam ou precisavam empregar, quando se achavam em contacto com gente civilizada.

«N'aquella constante pratica transluzia evidentemente o proposito de segregar os seus tutelados de quaesquer relações que pudessem communicar-lhes idéas diversas das que exclusivamente lhes incutiam. Escravidão em verdade era esta, a maior de todas, e a mais profunda e completa, porque em trevas encarcerava o entendimento, e até os impulsos da vontade supprimia.»

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

«...ao fim de tantos annos de absoluta e exclusiva sujeição á companhia os seus aldeamentos só apresentavam uma população que trocára a fereza selvatica pelo embrutecimento de incommunicabilidade, e a energia nativa pelos pavores pueris, população sem faculdade de iniciativa, sem sentimentos de fraternidade, sem idéa de patria, vendada pelo erro, derrancada pela ignorancia, comprimida pelo artificio, enfastiada da uniformidade, e por isso mais saudosa de licença, incapaz em summa de viver por si, e por isso inhabil para dar futuros cidadãos.

«Por este methodo obtêem-se com effeito instrumentos de trabalho, mas não se fazem christãos nem homens!

«Os indios da companhia serviam para ella e para mais ninguem, porque mais ninguem podia empregar semelhantes meios de os submetter. Dês que lhes abrissem a estufa em que os creava e recatava esta ciosa vigilancia, ou se dispersavam ás primeiras auras bravias ou succumbiam á inopinada mudança de regimens. Não podia deixar de ser. Bem o previam seguramente os attilados padres, e duplicado era o beneficio que d'ahi lhes provinha: não deixavam forças vivas que outros utilizassem, e preparavam poderoso argumento em seu favor com a infallivel e inevitavel ruina das missões que tinham feito florescer.

«O systema da companhia seria, pois, excellente para os seus interesses: para os da religião e das nações a quem dizia servir, affoitamente se póde asseverar que não. Pesada escravidão era tambem, e escravidão que só aos seus augmentos aproveitava. Condemnava-a a humanidade, sem que alguma commum utilidade a desculpasse. Era uma absorpção egoista, que sophismas não pódem absolver, pois que a especiosa allegação de desenvolverem assim os padres o commercio, proporcionando a todos vantagens que sem elles não gosariam, é insustentavel perante a mais perfunctoria analyse. Em vez de desenvolverem o commercio, oppunham-lhe monopolios que o suffocavam, e á sombra de exorbitantes privilegios preju-

[1] Podiam ainda acrescentar: organistas e armadores de egrejas.

dicavam o Estado, privando-o a um tempo de rendas copiosas e dos mais necessarios elementos de actividade.

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

«Posto que o curato de almas, exclusivamente exercido pelos jesuitas nos seus aldeamentos, fosse contrario á regra expressa do seu proprio instituto:—*interdicimur etiam suscipere curas parochiales animarum,* os padres da companhia, com damno e descredito do clero regular, bem como das demais ordens a quem sempre hostilizaram, relutaram quanto puderam em entregar as parochias a outros ecclesiasticos, e quando já não tiveram mais recurso empenharam os muitos meios que para isso ainda lhes sobravam, em semear a desunião e a sizania entre aquelles mal domesticados rebanhos e os seus novos pastores.

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

«Nos designios da companhia devoção espiritual e jurisdição temporal haviam-se feito synonimos: por isso não admira que empregasse eguaes esforços em favor de uma e outra, e a miude as confundisse.»

Esta lucta que sempre existiu quando os governadores não eram jesuitas como Mem de Sá, veremos rebentar clara e violenta quando for publicada a provisão de 12 de setembro de 1663, que muito positivamente retirou aos padres jesuitas a jurisdição temporal, apezar das diligencias e do prestigio do padre Antonio Vieira, que tanto por ellas se empenhou.

Carnificina no sertão

# XCV

## Jesuitas e hollandezes

D. Felippe III de Hispanha seguiu a politica de dominio universal de seu pae, e continuou as guerras que elle alimentava, entre outras a da Hollanda. A lucta sanguinaria, mas esteril em resultados aproveitaveis para a Hispanha, promettia eternizar-se inutilmente, e Felippe assignou com aquelle estado, que já se achava constituido sob a denominação de — Republica das Provincias Unidas — uma tregua de doze annos.

Quando em 1621, esta suspensão de hostilidades estava prestes a findar, a Hollanda tratou de preparar-se para a guerra.

Para isso organizou uma companhia com elevado capital e largas concessões do governo, e por este protegida, com o duplo fim de se apoderar dos transportes que levavam á Hispanha as riquezas auferidas das suas possessões no continente americano, e de apossar-se d'alguma região pertencente ao dominio hispanhol. Esta companhia, organizada á maneira das que exploravam as possessões asiaticas da Hispanha, como conquista e como pirataria, chamou-se a *Companhia das Indias Occidentaes*, e os seus directores determinaram a invasão do Brasil, especialmente a conquista da cidade de S. Salvador da Bahia, e para isso fizeram preparar uma esquadra que se fez ao mar.

Não entra em nosso plano historiar as differentes phases d'esta guerra, que se manteve e prolongou com exitos diversos, até que pela força das armas, dedicação e brio dos brasileiros os hollandeses foram completamente expulsos de toda a costa de que se tinham apoderado aqui á viva força, lá pela surpreza. O nosso fim é dizer qual foi a attitude dos jesuitas n'essa longa tragedia.

A sua situação era difficil, ligados á terra, como já estavam, por uma cadeia fortissima de interesses commerciaes e agricolas. O hollandez representava o protestantismo, o inimigo tradicional, mas tambem podia vir a ser o senhor, e portanto o dispensador das forças e dos privilegios, portanto, se em geral o seu procedimento foi contra elles, vezes houve em que os auxiliaram como já veremos.

Quando os hollandeses tomaram a Bahia, concederam a liberdade do culto, com excepção dos jesuitas, cujo collegio converteram em armazem de vinhos.

Dizem os *Annales litterarii* que: «em quanto alli estiveram os hereticos, a casa ficou mal assombrada, e não dormiam com o barulho os sacrilegos que a habitavam, que suppondo ser riquezas enterradas assim escavaram tudo.» Os hollandeses tomavam no mar os jesuitas que mandavam para a Hollanda, para servirem de troca de prisioneiros.

Quando foi da restauração da Bahia achavam-se nos arraiaes portugueses vinte e dois jesuitas, que com outros religiosos d'outras ordens, animavam os nossos.

Parece que em Pernambuco os jesuitas preferiram empregar essa duplicidade de procedimento, que já mais d'uma vez e em differentes circumstancias temos visto desenvolver. Na representação que em 1641 os paulistas dirigiram a D. João IV, justifican-

do-se de terem expulsado da capitania os jesuitas, entre outras accusações que fazem a estes, temos as seguintes, nas quaes se concretisam factos:

«Seja primeiro o que em nosso tempo fizeram nas miseraveis praças de Pernambuco, que o inimigo e rebelde hollandez, de doze annos a esta parte tem occupadas, pois chegou a tanto o seu desaforo, que de todas as aldeias que n'aquelle contorno havia, não ficou indio ou gentio que com o inimigo se não mettesse, e com elles o padre Manoel Moraes, seu doutrinante, que os induziu e persuadiu a commetterem tal insulto, aleivosia e traição, fazendo-se o maior hereje e apostata que tem hoje a Egreja de Deus; sendo com isso causa e origem de se matar muito milhão de homens, mulheres e meninos, comendo-os e esforçando donzellas, mulheres casadas, principaes exemplos de virtude e castidade, e as que pela guardarem e observarem, por traças escaparam de suas mãos, não escaparam da fome de que morreram e pereceram nas incognitas mattas, causando tantas destruições e males que são mais, catholico rei e senhor, para se sentirem chorando, que para apresentar a V. Majestade, e que obrigam a tanta lastima e compaixão, que até os mesmos inimigos (se n'elles se póde dizer que ha) a tiveram, e se desculparam da ruim guerra com que estes ferozes alarves trataram os pobres e miseraveis christãos; tanto assim, que muitos que escaparam de suas mãos, se valeram do amparo do proprio inimigo hollandez.

«Sirva tambem de maior exemplo o que ha quatro annos fizeram os indios e gentios, doutrinados pelos ditos reverendos padres, na cidade da Bahia, quando a ella foi o rebelde hollandez, porque levando em suas náus quantidade do dito gentio, e saindo em terra por todo o reconcavo d'aquella cidade, correu e poz a fogo e sangue toda a gente que pôde alcançar, sem perdoar aos homens e mulheres de toda a edade, arrazando e queimando casas e fazendas com tão notaveis estragos, que fazendo-se queixa ao cónde de Nassau da ruim guerra, desculpando-se em dizer que *era o barbaro gentio doutrinado pelos reverendos padres*, e, tendo lastima de tal destruição, mandou enforcar alguns.»

Emquanto os pernambucanos combatiam com heroicidade rara para expulsarem os hollandeses do territorio da capitania, e para isso sacrificavam haveres, socego, liberdade e vida, D. João IV, d'accordo com o padre Antonio Vieira, para conveniencias de sua pessoa, e conservação da corôa, tramava a maneira de ceder Pernambuco aos invasores. Não era essa a opinião geral, e a *Mesa da consciencia e ordens* expoz argumentos contrarios ás intenções do monarcha, reduzidos a casos de consciencia.

Não gostou o rei da decisão, e encarregou o padre Antonio Vieira de desfazer os exemplos dos seus consultores, e o padre saiu-se do apuro com uma habilidade verdadeiramente escholastico-jesuitica.

O parecer da *Mesa* era nobre e patriotico. «Se os hollandeses se não quizerem render, mais convem a guerra do que a paz». Era isto um resto de linguagem antiga, que vae cair em frente da rabulice.

Não podemos, como era nosso desejo, dar esse parecer, que todos podem ler em qualquer collecção das obras completas do padre Antonio Vieira; mas, para mostrar a indole e a intenção com que está redigido, apenas transcreveremos a refutação do primeiro inconveniente do primeiro ponto.

«O primeiro inconveniente em que se repara, escreve Vieira, é o da religião, o qual se prova por quatro razões:

«A primeira, porque V. M. entrega vassallos catholicos a hereges hollandeses. Responde-se que V. Magestade *não entrega, antes capitula por elles* que se poderão *sair livremente* com seus bens se quizerem, e que se lhes hade dar o tempo e a commodidade e passagem, para que o possam fazer sem nenhum risco, antes com grandes conveniencias, não só para o espiritual como para o temporal...»

Poupamos ao leitor a analyse d'esta perfidia, que outra coisa se não póde chamar a tal razão.

Este parecer, é mais uma prova de quanto «Deus escreve direito por linhas tortas»; porque encerra toda a doutrina com que, um seculo depois, se podem refutar as queixas dos jesuitas na questão das missões do Paraguay.

# XCVI

## Perseguidos e expulsos

Nas margens do rio da Prata e nas matas do Paraná dominavam os jesuitas os indios, e concentravam-os em grandes colonias agricolas, de que auferiam os proventos. Escasseavam, pois, os braços nas terras dos outros fazendeiros e isto ainda mais animou as caçadas ao homem, feitas pelos bandeirantes, e que acabaram por não respeitarem os aldeamentos dos padres, que destruiam, arrazavam, e levavam comsigo os indios mais domesticados. Os auctores d'estes attentados eram em geral os mamelucos[1] e hispanhoes do Paraguay, e os jesuitas não dispondo ainda de bastantes meios de guerra para os combaterem, enviaram dois dos seus padres, Tanho e Montoya á Europa narrar o acontecido e alcançar providencias.

Montoya obteve em Madrid a auctorisação de armar e disciplinar os indios dos aldeamentos do Paraguay, e em Roma uma bulla de excommunhão contra os senhores dos indios, e os que tentassem escravisal-os, onde quer que fosse.

Voltando ambos ao Brasil arribaram ao Rio de Janeiro, e começaram logo por proclamar solemnemente na egreja d'elles aquella bulla, datada de março de 1638.

Este primeiro acto deu causa a que o povo se amotinasse contra os jesuitas, não só por se vêr privado de braços de trabalho como por saber de sciencia cérta que os jesuitas procediam sob aquella capa de humanidade para irem depois usofruir, sem encargos, esses braços de que privavam os outros.

Se não fossem os esforços e o prestigio do governador Salvador Corrêa de Sá, os jesuitas teriam sido victimas da ira popular, que só se amainou com a promessa de que o governo solicitaria da curia romana a revogação do anathema lançado pela bulla contra os possuidores dos escravos.

Em Santos maiores foram as explosões do odio popular.

Quando o parocho leu na egreja a bulla, o povo lançou-se sobre elle e maltratou-o. O superior dos jesuitas apresentou-se para tranquilisar os animos exaltados, mas nada conseguiu, e com medo das consequencias funestas que podiam resultar d'aquella agitação dos espiritos, declarou que a sancção penal da bulla não era extensiva ao povo de Santos, pois que os seus habitantes tinham incontestavelmente direito sobre os indios escravos.

N'esse caso, occorre perguntar: Para que serviu lêr a bulla? E onde estava o caracter d'esses jesuitas que, acabando de pedir uma providencia ao chefe da christandade, a renegavam quando viam as costas em perigo?

Em S. Paulo de Piratininga, logo que se divulgou a noticia de que ia ser publicada a bulla, restaurando a liberdade dos individuos o povo, no dia 13 de junho de 1640, levan-

[1] Dizem uns que assim se chamavam os hybridos filhos de india e de branco, outros affirmam que era o nome geral dos soldados das bandeiras, sempre sob o commando de brancos.

Da parte do povo

tou-se contra os jesuitas, invadiu a sua residencia e expulsou nove padres que alli estavam, que fugiram para Buenos-Ayres, e os demais, que se achavam na capitania, a abandonaram.

As desintelligencias com os jesuitas já existiam aqui desde 1611 e 1612. N'estes dois annos o povo não cessou de pedir ao conselho da villa providencias que obstassem á intervenção dos padres nas relações mantidas entre colonos e indios.

No ultimo anno, já depois de desattendidas as reclamações, instou o povo a fim que o conselho extremasse o poder temporal do espiritual, que os jesuitas exerciam cumulativamente. Nada mais justo do que semelhantes pretenções.

Queriam os paulistas que os padres se limitassem ás suas funcções ecclesiasticas.

Ainda d'esta vez não foram attendidos. Resignados viveram largos annos, até que em 1640, como se de proposito se desejasse provocal-os, appareceu a bulla de 1638, e, como vimos, d'ella se fez a leitura nas egrejas.

Evidentemente os jesuitas contavam com decidido apoio da curia romana; faziam d'isso alarde, e assim pretendiam fortificar a sua influencia e intervenção em assumptos, que não eram da competencia do poder espiritual. Os paulistas, que não contavam com os meios legaes, e com os auxilios do governo para contel-os, resolveram, confiados em seus proprios recursos, manter os seus direitos e impedir a invasão jesuitica, nas relações de natureza inteiramente temporal, e fizeram o 13 de julho[1].

Depois d'este acontecimento a camara de Piratininga dirigiu ao rei uma representação, fazendo graves queixas aos jesuitas, entre outras, que na capitania de Porto Seguro e povoação de Santa Cruz incitaram os indios e gentios por tal fórma «que mataram a maior parte dos moradores que na dita capitania havia, e a que lhes escapou foi necessario despovoal-a, largar fazendas e engenhos e ir buscar logar onde vivessem sem perigo e risco de suas vidas, para não tornarem a ver e experimentarem em si proprios o espectaculo de seus feitos, irmãos, parentes e vizinhos, moças donzellas, que as mais d'ellas quizeram antes, mettendo-se pelas mattas, entregar-se á furia dos animaes e morrerem martyrisadas, do que largarem a castidade em que se conservavam.

«Do levantamento que fizeram nesta villa de S. Paulo, continua o mesmo documento, por ordem de um indio a quem obedeciam e tinham por santo, depois de matarem toda a gente que puderam, foram á egreja da aldeia dos Pinheiros, onde o dito indio se creou, e quebrando a cabeça á imagem de Nossa Senhora se poz a si mesmo o nome de Mãe de Deus, e tal como este veem a ser todos os doutrinados pelos reverendos padres da companhia.»

Accusa-os de mancommunados com herejes e piratas para fazerem carregamentos clandestinos, e não pagarem os devidos direitos; e termina pedindo que os jesuitas não voltem á capitania; que havendo alli grande quantidade e variedade de riquezas minerias pediam ao rei que mandasse «homens praticos, que saibam fazer os ensinos e fundições dos ditos metaes, como tambem fidalgo de sangue christão e desinteressado e verdadeiro no serviço de Vossa Majestade, que nos governe e assista sem mover odio nem paixão e amisade como a que tem muito particular o governador Salvador Corrêa de Sá e Benevides com os padres, e inimisade com os moradores d'esta capitania, em razão de patrocinar e zelar tanto esta como a dos ditos padres, que por todos os meios lhes tem promettido e empenhado palavras de os metter outra vez nesta capitania...»

O governo da metropole expediu o alvará de 3 d'outubro de 1643 rehabilitando os jesuitas nos direitos espirituaes em suas egrejas e nos de administrar as aldeias dos indios. Entretanto os jesuitas, só depois de dez annos, em 1653, regressaram á capitania, mediante a protecção de alguns paulistas influentes e geralmente respeitados que lhes prometteram favoravel acolhimento, e desistindo os jesuitas de todo o direito e acção,

[1] Cof. Americo Brasiliense. *Licções de Historia Patria.*

que poderiam ter como ensina a referida bulla [1].

Os jesuitas acceitaram as propostas e as condições que lhes impuzeram — e nós sabemos a facilidade com que elles juravam e promettiam tudo — e d'isso se lavrou uma escriptura, chamada *de transacção e amigavel composição,* que foi assignada aos 14 de maio de 1653.

Emquanto estas coisas se passavam no sul, o procedimento dos jesuitas provocava outras perturbações em o norte.

O padre Antonio Vieira, que não cuidava somente dos negocios da companhia no Maranhão, mas, como infelizmente para a sua memoria, nunca perdeu o sestro de espião e delator, que lhe vinha da sua profissão de jesuita,— tinha escripto a D. João IV cartas que compromettiam não só os cleros e religiosos de varias ordens monasticas do Maranhão, como muitos seculares, na sua generalidade adversos á companhia.

A nau, em que taes cartas seguiam, foi aprisionada por uns corsarios gallegos, e a correspondencia compromettedora conhecida na capital da capitania. O effeito foi terrivel para os jesuitas; os odios accumulados irromperam, as queixas vagas contra os padres tomaram fórma, e a população em peso, sem que o governador D. Pedro de Mello conseguisse atalhar o movimento de revolta, recorreu á camara e ahi lavrou uma queixa em forma contra aquelles religiosos. Os articulados eram differentes, mas os principaes convergiam todos para as perturbações economicas provenientes do governo temporal dos jesuitas sobre os indios, e dos entraves que experimentava o commercio, vendo os productos sertanejos, o oiro, o ambar, acaparados logo nos aldeamentos jesuiticos.

Chamado o padre Ricardo Corrêa pelo governador para largar de mão o poder temporal dos jesuitas, como medida immediata de ordem publica, o jesuita recusou-se a isso. Então o povo, já exaltado, mais se encolerisou com a resposta, investiu com a casa de Nossa Senhora da Luz «mandando [1] todos que n'ella entravam e saíam para fora. Estava então n'ella, além do padre superior Ricardo Corrêa, o padre José Soares, o padre Antonio Soares, o irmão João Fernandes, o irmão João d'Almeida com um secular Manuel da Silva, que estava para se admittir ao noviciado. Sairam todos, depois de ter dado o superior da casa suas rasões, tirado o irmão João d'Almeida, francês de nação, ao qual um certo Arnaud pequeno abraçou como um menino, e o pôz da portaria para fóra; aos religiosos todos mandaram para casa de um morador da banda de Santo Antonio, chamado Gonçallo Alvares, ao secular Manuel da Silva, mandaram despir uma lôba que trazia desde Portugal, e vestir-se como os mais seculares. Feito isto chegou um procurador das fazendas da casa dos padres, que entregaram em suas mãos, para a todo o tempo dar contas d'ellas.

«Presos os padres da casa mandaram vir de S. José o padre Antonio Ribeiro e o puzeram com os mais. Todas estas violencias sacrilegas fizeram sem o governador D. Pedro de Mello se oppor a coisa alguma, antes pegando em uma imagem de S. José se foi para Santo Antonio, deixando o bravo povo com seu juiz, todo á sua vontade; nem podia ser menos, sendo elle e seus criados grande parte d'aquelle motim.

---

[1] As condições de permissão de entrada constam d'um *assento* tomado na camara da villa de S. Vicente, a 3 de junho de 1652 e são em numero de 10: — que os jesuitas desistiam de todas as queixas que tinham dado contra os moradores, *do que faziam escripturas mui seguras para ambas as partes*;— que os jesuitas nada reclamariam de perdas, damnos, gastos nem despezas algumas feitas até então por cada expulsão;— que não haviam de ter nas aldeias dos indios superior ou religioso algum que tenha superioridade no governo e administração das aldeias, e que esses superiores ou administradores seriam de nomeação de quem de direito *não sendo pessoa dos ditos religiosos*; — que não recolheriam, nem ampararíam os indios que tivessem fugido aos moradores, nem os consentiriam em seus mosteiros ou fazendas; — que os contractos ou escripturas que sob a materia se fizessem seriam de forma que no presente e no futuro ficassem os superiores por elles responsaveis. E terminava com promessas que faziam os moradores de os bem tratarem e auxiliarem! conforme pudessem ou quizessem.

[1] As citações d'este capitulo são todas do manuscripto do jesuita Batendorff, testemunha dos acontecimentos, e que existe na Bibliotheca Nacional de Lisboa.

A noticia correu com a rapidez com que arde um rastilho, e em poucos dias nas outras capitanias do norte os jesuitas são presos, inclusivé o padre Antonio Vieira [1].

Outros jesuitas, sabendo do levantamento geral, emquanto tiveram tempo, fugiram internando-se pelo sertão.

Os que não se escaparam foram levados para uma casa, donde, em certa noite, fugiram para a capitania de Gurupá. N'esta occasião Antonio Vieira foi mandado numa canôa para o Maranhão, onde os seus companheiros se achavam embarcados numa nau e reenviado para Lisboa.

Os que se homiziaram no sertão do Pará, foram perseguidos, presos e levados para o conventinho de Nossa Senhora do Carmo, no Gurupá, visto que o capitão-mór se tinha declarado abertamente pelos padres, prendendo o procurador do povo, e os brancos que o acompanhavam [2].

O povo, passado tempo, e vendo que o capitão-mór continuava a proteger os padres, embarcou-os e remetteu os para o Maranhão, donde seguiram para o reino.

Mas o odio era tal aos jesuitas, que o mesmo Batendorff escreve pesarozo: «Passamos pelos engenhos do Munju, e não houve christão que se atrevesse a falar-nos, e muito menos nos dar algum refresco.» Foram estes levados presos para varios navios, ahi estiveram durante a quaresma, mas na semana santa o povo consentiu que elles viessem a terra assistir aos officios divinos.

Até que, chegando um novo governador do reino, tirou os padres das prisões do mar e os teve em terra, donde depois os embarcou para Lisboa.

Protegidos pela regente D. Luiza de Gusmão, os jesuitas voltam para o norte do Brasil, depois de se sujeitarem a varias clausulas que lhes foram impostas, a que elles annuiram, como annuem a tudo o que se lhes impõe nas situações criticas, livres de fazerem o contrario do que juraram, quando tal lhes convier e ao abrigo do systema das restricções mentaes.

Escusado será dizer, que começaram logo tramando a perda e ruina dos que mais se lhes oppuzeram, e que o minimo incidente ou contrariedade de vida dos que lhes foram contrarios passou desapiedadamente para as suas chronicas como outros tantos castigos do ceu.

No folhear dessas paginas encontram se ás vezes perolas d'um valor como esta:

Aconselha Batendorff, jesuita dos mais com pletos, que sendo qualquer dos seus chamado a dar o seu voto em questões de governo ou de guerras, o melhor que tem a fazer é... auzentar-se para se não comprometter.

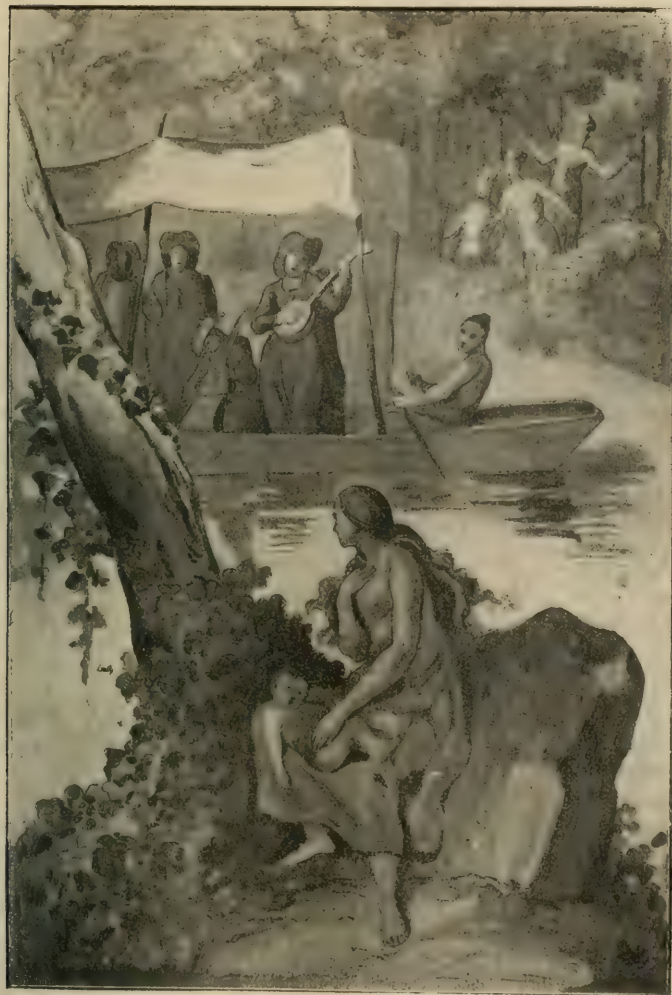
Está nos livros... d'elles.

A chegada do primeiro bispo ao Maranhão, D. Gregorio dos Anjos, frade loyo, em 1680, foi mal vista pelos jesuitas. Assim que a nau que o conduzia lançou ferro, os frades de Santo Antonio foram n'uma canôa cumprimental-o e elle desceu com elles e recolheu-se ao seu convento. Quando depois os jesuitas o foram buscar, extranhoulhes a auzencia a bordo, e elles desculparam-se allegando que se tinham reservado ir na canôa das auctoridades. Era um symptoma de parte a parte. Do lado dos jesuitas quererem mostrar ao bispo que estavam com os grandes da terra, do lado do bispo, que era homem para perceber as coisas. Convinha, pois, aos jesuitas emendarem a mão, e logo no dia seguinte começaram a enviar-lhe presentes; mandaram vir das suas propriedades na roça um bello cavallo para elle montar, e no dia da sua entrada solenne, levantaram, junto do seu collegio, um bello arco d'honra por onde elle passaria [1].

---

[1] A prisão de Antonio Vieira, no Pará, foi feita pelo povo, que no meio de vaias e de insultos o levou para a ermida de S. João Baptista, gritando-lhe entre outros ditos «O' padre onde estão agora as tuas lettras ?»

[2] Este convento era dos padres carmelitas, a quem Batendorff trata desrespeitosamente, como convém a jesuita referindo-se a outros religiosos, e a quem asperamente censura por conversarem, comerem e beberem com o povo, e até lhe diserem missa, «*sem nenhum escrupulo*, porque uns e outros eram do mes mo parecer.»

[1] «No dia da sua entrada o bispo foi paramentar-se de pontifical á egreja de *Nossa Senhora do Desterro*, e alli, e de mitra na cabeça, montou a cavallo, servindo-lhe o jesuita Manuel Rodrigues de moço da es-

Os jesuitas no Paraguay

Apenas são passados vinte annos e de novo os povos do Maranhão se levantam contra os jesuitas. Estes padres, encarregados do governo temporal dos indios, retinham todos estes nas suas roças e fazendas, de forma que lavrava grande miseria por falta de braços, tanto nas fazendas alheias aos padres, como na cidade; aproveitando-se os jesuitas da crise que elles proprios creavam para se enriquecerem. Tinham conseguido a maior das monstruosidades economicas: — o monopolio do trabalho. D'esta vez a revolta foi geral contra elles. Foi a nobreza e o povo, o clero secular e as ordens religiosas, os ricos e os pobres, os homens válidos e até os rapazes das escolas. Começaram por apparecer pasquins anonymos; depois todos os cleros aproveitaram-se do pulpito para censurarem o procedimento ganancioso dos jesuitas, até que numa quinta feira da quaresma de 1684, finda a procissão do Senhor dos Passos do Carmo para a Misericordia «para o acabarem de crucificar», diz o jesuita Batendorff com uma ponta de graça, rebentou o motim; e no dia seguinte o povo dirigiu-se aos jesuitas para lhes intimar que saissem da capitania.

Quem falou, como procurador do povo, foi Manuel Beckman, intimando-os, na pessoa do reitor, não só a abandonarem o governo temporal dos indios, do qual governo resultavam as vexações que alteravam a paz publica, mas a sairem do Maranhão; «que para cumprirem esta ordem puzessem cobro em seus bens e fazendas, para deixal-as nas mãos de seus procuradores» e que estivessem apparelhados para a todo o tempo e hora se embarcarem para Pernambuco, nas embarcações que para esse effeito lhes seriam destinadas.»

Quizeram os jesuitas desculpar-se, ganhar tempo com evasivas e subtilezas, mas os maranhenses estavam resolvidos a um acto extremo, e nomearam logo uma commissão de resistencia e vigilancia para levar a cabo a expulsão.

Os padres protestam contra perdas e damnos, elles que um seculo antes vimos entrar apenas com a roupeta suja e um breviario sebento; acham pequenas as canôas em que os querem embarcar, com medo dos mares das costas, elles que tanto se apregôam como dispostos ao martyrio; não são alheios á idéa de se mandar assassinar Manuel Beckman; multiplicam as petições e os requerimentos em favor da sua conservação; mas todos estes estratagemas se despedaçavam contra a vontade de ferro dos maranhenses, que tinham jurado solennemente expulsar de vez para sempre os jesuitas[1].

Em fim, a 26 de março de 1684, domingo de Ramos, dobrando o sino grande da Sé, apinhadas de povo as ruas, misturando-se com este os indios armados com os seus arcos e frechas, abriu-se a porta da egreja de *Nossa Senhora da Luz*, e sairam processionalmente vinte e seis jesuitas, levando nas mãos as palmas verdes, com que tinham celebrado o officio liturgico d'aquelle dia.

Contavam elles que este symbolo de martyrio lhes concitaria a compaixão e um reviramento nos animos. Mas o povo viu-os embarcar, e dar á vella no meio de estrepitosas manifestações d'alegria.

---

tribeira. Assim foi caminhando pelas ruas, todas enramadas, e parando nas boccas d'ellas e encruzilhadas em que se erguiam arcos triumphaes «junto dos quaes os recebiam os moradores com suas musicas, dos religiosos da Nossa Senhora das Mercês, e uma pratica dita por um dos magnates da maior habilidade, com bizarria e graça acompanhada de vivas e applausos de todo o povo. Foi continuando d'esta sorte o seu caminho até chegar ao arco do collegio de *Nossa Senhora da Luz*, á vista do qual ficou todo pasmado e deteve-se para ouvir uma comediasinha, que se lhe ia representando; porém como vinha choviscando sobre os paramentos pontificaes, foram á matriz, e lá se representou com agrado de todos. No cabo de tudo deu a bençam, e se retirou para as casas de Manuel Valdez, onde teve varias representações de encamizadas a cavallo, danças e outros generos de demonstrações de festa e alegria uns oito e mais dias»

---

[1] O jesuita Batendorff conta o seguinte acêrca d'este juramento:

«... guardaram umas folhas de papel entre si, descrevendo nellas um grande circulo Em o meio d'este escreveram o seu levantamento com as causas d'elle, obrigando-se a si e a seus filhos, com pena de maldição de Deus, de nunca mais admittir os padres da Companhia de Jesus, e ao redor do circulo, que continha este seu damnado proposito, fizeram subscrever-se todos, de sorte que, postos os nomes ao redor d'elle se não pudesse nunca vir em conhecimento, quem era cabeça d'este motim.»

Mas a teta era uberrima e os jesuitas juraram voltar na primeira occasião opportuna, quando tivessem por si a força das armas. Foi o que aconteceu quando voltaram, amparados pelas tropas do governador Salvador Corrêa de Sá.

Apenas elles chegaram, o povo do Maranhão levantou-se contra elles. Mas d'esta vez, não haveria turba armada que lhes pudesse arrombar, a machado, as portas das casas em que se tivessem refugiado, como já lhes acontecera, ao grito de «*Da parte do povo!*»; porque teriam para responder a polvora e a bala «da parte do rei».

E triumphantes proseguiram e continuaram durante um seculo sem entraves nem obstaculos, a ponto que, quando Pombal tomou a si a administração do reino e suas colonias a corôa portuguesa achava-se n'esta colisão: ou havia de perder todas as suas colonias da America, vendo-as passar para o dominio directo e absoluto dos jesuitas, ou havia de exterminal-os.

A verdade é esta, em que pesa aos defensores ou apaniguados da S. J.

Outro qualquer teria hesitado, teria tido medo dos sinistros personagens; o marquez de Pombal encarou o problema de face e resolveu-o como patriota e como português.

Quiz ainda evitar uma medida violenta, procurando combater a seita dominadora no campo economico, e para isso decretou a liberdade dos indios, e instituiu as grandes companhias. Mas taes e tantos obstaculos lhe crearam os jesuitas, que foi preciso desfechar-lhes um primeiro golpe violento, publicando a carta regia de 7 de junho de 1757, que mandava expulsar do Grão Pará os religiosos rebeldes e desobedientes; mas como isso lhes exacerbasse os odios, pretenderam ainda reagir, embora já feridos mortalmente, até que o decreto de 3 de setembro de 1759, os expulsa de Portugal e seus dominios.

As phases d'esta ultima lucta conjugam-se com as das luctas no Paraguay; e para não nos repetirmos ahi trataremos d'ellas.

# XCVII

## Os jesuitas no Paraguay

O Paraguay foi descoberto em 1516 por um aventureiro hispanhol que foi devorado pelos selvagens. Quando os conquistadores alli chegaram esta região era habitada por numerosas tribus indigenas, entre as quaes a grande familia *tupy* se fazia notar pela sua coragem, ferocidade, e pelo seu indomavel amor da liberdade. Estas tribus esmagadas pelos europeus foram a pouco e pouco retirando perseguidas pela conquista, ou desappareceram sob a sua acção devastadora. Os tupinambas, depois de terem corajosamente luctado, deixaram os rios que foram o berço da sua raça, e, encaminharam-se para as grandes florestas do norte, indo estabelecer as suas aldeias na região do Amazonas. Apenas ficaram no Paraguay os guaranis, nação pouco bellicosa e sem energia, sem reacção moral, e de quem os conquistadores se serviram como de bestas de carga. Foi no meio d'estas tribus que os jesuitas constituiram o seu singular imperio, fundando o seu primeiro estabelecimento em 1586.

N'esta epocha os missionarios da S. J. estavam espalhados pelo Tucuman, Brasil, Chili, Peru, emfim por toda a America meridional. Já vimos como se introdusiram no Brasil e a rapidez com que fundaram collegios, adquiriram bens, e de missionarios se converteram em fazendeiros. Secundados pelos hispanhoes, que tinham succedido aos portugueses no dominio politico, os jesuitas aproximaram-se d'aquelles que julgaram ter nelles uns collaboradores para firmarem o seu dominio, e em tudo os auxiliaram; mas, bem depressa os padres viram que não precisavam dos hispanhoes, e tanto no Brasil como no Rio da Prata trataram de trabalhar por sua conta. Então começaram as disputas entre hispanhoes e jesuitas; e foi no mais acceso d'essas luctas que o geral Aquaviva, ordenou aos jesuitas disseminados, que se reunissem e concentrassem os seus exforços para se tornarem mais poderosos. Em obediencia a tal ordem dirigem-se para as margens do Uruguay e do Paraná a fim de fundarem o imperio guarani.

E assim o fizeram, pondo em pratica tudo quanto podesse attraír e seduzir os sentidos do indio.

Um dos meios que lhes foram mais proficuos, consistiu em serenatas que faziam ouvir, deslisando em barcos nas aguas dos rios, e encantando com as suas musicas os guaranis que corriam enlevados e que desde logo perdiam o receio que elles lhes podessem inspirar e os ficavam considerando como uns anjos bons.

A primeira *reducção* jesuitica que se estabeleceu foi a do Loretto. Desde esse momento o Paraguay, que até então tinha estado annexado á provincia jesuitica do Brasil, foi elevado á categoria de Provincia. Alguns annos depois, isto é, de 1608 a 1620, o numero das reducções era de mais de vinte, encerrando uma numerosissima população, tão bem disciplinada pelos jesuitas reis, a ponto que o governador hispanhol d'esta parte da America, querendo introduzir tro-

Saque da cidade d'Assumpção

pas nas missões, foi obrigado a bater em retirada perante a attitude hostil dos guaranis, secretamente incitados pelos seus *bemditos-padres*.

Foi aproximadamente por esta epocha que o primeiro provincial do Paraguay, o padre Torres, obteve d'um visitador regio, uma especie de privilegio de invenção e de aperfeiçoamento, como hoje se diria, pelo qual concedia exclusivamente á companhia de Jesus, o direito de catechisar os indios da região, guaranis e guaycurús. Era o mesmo que fechar as reducções aos missionarios das outras ordens, e consagrar a soberania que os reverendos padres se iam mansamente arrogar n'aquella parte da America. Este primeiro provincial do Paraguay soube habilmente sustentar a lucta contra o clero regular da região, que começava a adivinhar as vistas audaciosas dos jesuitas, e contra a inquisição de Buenos Ayres, que o accusava de profanar o sacramento do baptismo, administrando-o por grosso a verdadeiras manadas de indios, que o reclamavam porque o jesuita lhes tinha feito crer, que, com elle, adquiriam immediatamente a liberdade. O padre Charlevoix confessa o facto, e diz que uma povoação de perto de mil fogos, situada na margem oriental do Paraguay, se fez christã n'esta esperança; mas que não podendo o padre Torres cumprir a sua palavra, a respeito da promettida liberdade, os indios volveram ás suas antigas crendices. Os jesuitas do Paraguay foram tambem accusados de mancebia com as indias e d'outros crimes mais ou menos provados.

A companhia, para dar uma tal ou qual satisfação ás queixas que se faziam contra o provincial Torres, substituiu-o por outro, que continuou a fazer o mesmo que o seu antecessor, mas com mais tino.

O começo da organisação regular do seu novo reino começou em 1618. Neste mesmo anno, uma das reducções foi quasi completamente despovoada por uma doença contagiosa!

Os jesuitas tornaram-a a povoar com indios que fizeram transportar d'outra região, e trataram de se aproveitarem e servirem do negro, escravisado em Africa pelos hispanhoes, e muitas vezes o constituiram em guarda do indio, que preferia a existencia precaria, mas livre das florestas, ao bem estar que os jesuitas lhe proporcionavam nas reducções, pagas com a escravidão.

O historiador jesuita do imperio Guarani, o padre Charlevoix dá-nos a entender que umas vezes por outras os indios tentaram revoltar-se, e que alguns enforcados a tempo serviram de correctivo ou de preservativo a novas tentativas de rebelião.

Um dos meios de que os *bemditos padres* se serviram varias vezes, para arrancar um por um á corôa d'Hispanha os privilegios cuja totalidade acabou por constituir em seu favor uma verdadeira carta de concessão do Paraguay, foi o seguinte, e sempre com bem resultado.

Uma tribu de indios irrompia n'uma porção de territorio que convinha aos jesuitas. O governador do Paraguay pelo rei d'Hispanha, altamente assustado, tratava de reunir forças, quando um dos jesuitas das reducções vinha ter com elle e lhe offerecia a submissão dos selvagens, submissão que elle já antes da revolta tinha tratado com elles, e que effectivamente obtinha, com a condição — e aqui estava a maxima habilidade dos jesuitas, em serem os indios que impunham a condição que a auctoridade hispanhola não podia recusar — com condição expressa, diziamos, que só os jesuitas seriam os directores religiosos d'estes indios. Os jesuitas tinham mais o cuidado de especificar que taes indios nunca poderiam ser escravos dos hispanhoes, ou, como então se dizia, *dados em commenda*.

Quando os governadores do Paraguay pelo rei d'Hispanha chegaram a perceber que uma boa parte da provincia se tinha subrepticiamente subtraido á sua auctoridade, tentaram por mais de uma vez restituir ao seu governo toda a sua integridade, toda a sua importancia, mas os jesuitas fizeram, ou pela astucia ou pela força, naufragar todas essas tentativas. Assim, em 1626, o governador hispanhol enviou corregedores para algumas reducções; mas os indios sublevaram-se, e quando estavam senhores das auctoridades e prestes a trucidal-as, os jesuitas apparecem como mediadores, e ainda em ci-

ma recebem agradecimentos d'aquelles contra quem provocavam as sedições.

Entretanto um cacique uruguayno revoltou-se contra os jesuitas, em 1628, degolou alguns d'elles, e arrazou uma parte das reducções. Os jesuitas vingaram-se por meio de crueis represalias. Tendo formado um exercito, marcharam contra os rebeldes, que foram derrotados e quasi completamente exterminados, o seu chefe morto, ou pelo menos desapparecido para sempre. Uma segunda victoria fez entrar os indios em completo jugo.

Em 1642, este reino compunha-se de vinte e nove provincias, á testa de cada uma das quaes estavam dois jesuitas, gosando d'um poder quasi absoluto sobre os seus administrados[1]. O imperio guarani estava então no auge do seu desenvolvimento, e os jesuitas eram os mais ricos fazendeiros e exportadores agricolas. do sul da America. O padre Charlevoix assegura que só em *mate*[2] exportavam elles para o Peru a bagatella de 700:000 francos por anno.

De concessão em concessão foram-se eximindo tanto da jurisdição politica como da espiritual, a ponto de não admittirem que os fiscalisassem no seu governo nem governadores nem bispos. Ficaram dolorosamente impressas nas paginas da historia ecclesiastica da America do Sul as perseguições que elles fizeram ao santo bispo D. Bernardino de Cardenas, por elle querer ter jurisdicção espiritual nas missões.

Por suas intrigas fizeram rebentar a guerra entre o bispo e o governo e dividir-se a cidade de Assumpção em dois partidos; um do governador com elles contra o bispo, outro do bispo com os franciscanos contra elles.

Depois de muitas excommunhões o bispo foi obrigado a fugir; mas os habitantes da Assumpção declaram-se abertamente a favor do prelado perseguido, chamam-o para a sua sé, e revoltam-se contra os jesuitas a quem D. Bernardino excommunga e expulsa.

Os jesuitas correm ás reducções, armam os indios e marcham com elles contra a cidade, vindo elles commandando-os a cavallo, de sabre e pistola na mão. Entram na povoação, põem-a a saque, commettem muitos crimes e atrocidades derramando sangue e incendiando durante muitos dias.

D. Bernardino tinha-se homiziado numa egreja, onde o foram arrancar para o lançarem numa masmorra, com muitos dos seus partidarios ecclesiasticos e leigos, conduzindo-o depois brutalmente aos limites da sua diocese, com intimação expressa de nunca mais tornar a ella sob pena de morte!

Depois d'esta expedição, os jesuitas trataram de pacificar a cidade, recorrendo a um systema combinado de força, torturas e supplicios.

Entretanto Portugal tinha-se libertado do jugo de Hispanha, e procurava rehaver as suas colonias. O Paraguay foi atacado pelas armas portuguesas, que encontraram a repellil-as as tropas hispanholas, reforçadas com os indios, ás ordens dos jesuitas. Por varias vezes as reducções forneceram aos governadores hispanhoes exercitos de cinco a seis mil indios, perfeitamente armados e disciplinados, commandados por officiaes jesuitas.

Mas um dia chegou em que, contra vontade dos jesuitas, as côrtes de Portugal e de Hispanha se entenderam e accordaram na maneira de terminar a guerra. N'esse accordo os jesuitas deixaram de ser considerados como soberanos, e as suas reducções foram partilhadas conforme convinha para a marcação dos limites. Foi então que elles se puzeram em campo para evitarem o que consideravam como um verdadeiro desmembramento do seu imperio.

Na Europa travaram uma lucta diplomatica contra esse desmembramento, ao mesmo tempo que se preparavam na America para combaterem á mão armada.

Infelizmente para os *bemditos padres*, Portugal tinha então á testa dos seus destinos um homem que havia jurado exterminal-os. Esse homem era o marquez de Pombal.

---

[1] Só alguns annos depois é que as reducções foram erigidas em parochias, com um cura ou vigario á testa de cada uma.

[2] Arbusto cujas folhas se tomam depois de seccas em infusão como o chá.

# XCVIII

## O Eden paraguyano

Era uma coisa formosissima uma reducção jesuitica!

Figure-se uma encantadora cidade em miniatura, ruas largas e alinhadas convergindo a grandes praças rectangulares, ao centro de cada uma das quaes se elevava um edificio de apparencia monumental. Na maior d'estas praças, um dos lados era occupado por uma magnifica egreja. O sol vem nascendo e um sino bate as *Ave Marias* matinaes. Mal ainda se teem extincto as ultimas vibrações que cada uma das portas da povoação se abre como se a mesma mola actuasse todas ellas, e os habitantes, homens e mulheres, velhos e creanças saem e se dirigem para a egreja.

Esta egreja deslumbra pela profusão das riquezas, pelo brilho, que cega, dos ornatos e paramentos de oiro. A maior parte das imagens dos santos são de metaes preciosos o sacrario é de oiro puro e resplandecente de pedraria multicolor.

O padre recitava uma curta oração em lingua guarani, lançava a bençam á assembléa, que saía da egreja dividindo-se em pequenos grupos, que iam pôr em movimento os engenhos d'assucar, os moinhos de fubá, e os machinismos d'outros estabelecimentos industriaes, ou se dirigiam para os trabalhos agricolas das roças. A' frente de cada um d'esses grupos seguiam um ou varios musicos, cantando e tocando.

Emquanto trabalhavam, os musicos executavam modinhas alegres e cadenciadas, que animavam e estimulavam os trabalhadores. Ao meio dia, os trabalhos cessavam, e á sombra das grandes arvores todos se refrescavam com fartas tarraçadas de leite alli mesmo mugido de nedias e luzidias vaccas. Ao pôr do sol, o sino tocava a largar o trabalho, todos os homens e mulheres, com os musicos na frente, se dirigiam para a egreja, e, depois d'uma oração, tão breve como a da manhã, entravam cantando nas suas pacificas moradías, onde dentro em pouco se fortificavam com uma ceia abundante. Depois, á luz da lua, ou á de mil lanternas penduradas nas arvores, entregavam-se, até uma hora avançada, a uma diversidade de danças e divertimentos. O sino, por fim, tocava de novo, apagavam se as luzes, calavam-se as vozes, extinguiam-se os mais ligeiros ruidos todos se resolviam ao somno, e o silencio da noite era apenas quebrado pelo ramalhar das arvores, pelo coaxar dos sapos ou gritos das aves nocturnas.

E no dia seguinte a mesma coisa; a mesma coisa no outro dia, e assim sem alteração alguma durante annos e annos, com a diversão das grandes festas de egreja aos domingos, onde a harmonia dos cantos, o resplendor dos paramentos, o brilho das luzes, a intensidade dos perfumes estabeleciam, formavam um meio proprio ás suggestões d'um prégador tão habil como capcioso.

Vejamos agora o reverso d'esta seductora medalha.

No meio d'aquella rica região a que a arte tinha levado todos os seus embellezamentos,

o guarani passava como um automato insensivel, que anda e age como um homem, mas que não é um homem, muito embora fosse cem vezes mais dotado da forma humana, ou mesmo provido de voz. E' que os jesuitas não tinham civilizado o indio pelo indio, mas em proveito da companhia e para uso d'ella. Em vez de o educarem para a propria regeneração, tratavam de o converter num ente que precisava ser protegido e que éra obrigado a obedecer. No selvagem não quizeram ver um irmão, mas sim um escravo, um escravo sobre o qual impozeram um jugo mil vezes mais pesado que o que impõe a espada do conquistador, ou o chicote d'um despota. Esse jugo foi o da degradação moral.

Incitação á guerra

O padre D. Bruno de Valençuela, monge cartuxo, formulou contra os jesuitas a accusação de que elles ensinavam aos indios, que estes não eram da mesma natureza que os seus *bemditos padres*, que havia dois deuses: o dos pobres e o dos ricos, e que o segundo, divindade muito mais poderosa, era o deus dos jesuitas, emquanto que o outro era o dos indios. Os jesuitas souberam impôr aos guaranis uma disciplina verdadeiramente monastica, tão degradante e bestialisadora quanto possivel, e tiveram o maximo cuidado em nunca largarem a redea odiosa com que os mantinham numa apathia de selvagem, que julga não ter ao seu alcance nenhum meio de resistencia. Os guaranis eram creanças grandes, e os padres procuraram todos os meios de os não fazerem homens. Pois se nem christãos os fizeram! Os jesuitas reis ensinavam a seus subditos a não amarem a Deus, mas a temerem-o!

Para isso enchiam as suas egrejas de santos de estatura colossal, de feições terriveis, gesto ameaçador, com os olhos e os

membros moveis para aterrarem os pobres indios. Dois viajantes do começo d'este seculo[1] falando da decoração e da distribuição das egrejas das missões, dizem «que lhes fizeram o effeito d'uma arrecadação de theatro!» Comprehende-se como taes fantasmagorias deviam actuar vivamente sobre o simples, ignorante e supersticioso selvagem. Mas se os não ensinavam a amar a Deus, em compensação não pouparam coisa alguma que podesse concorrer para inspirar respeito aos ministros d'esse Deus. Assim, quando um d'elles apparecia em publico, todos os paraguayanos, homens e mulheres, eram obrigados a prostrar-se por terra, e a não se erguerem sem que o santo homem passasse. Uma infracção a esta regra era punida severamente com uma duzia d'açoites puxados com força. Era egualmente a chicote que eram castigados outros delictos e faltas. O chicote era o grande argumento e a unica razão dos jesuitas.

O açoite era quasi que o castigo exclusivo, de preferencia á prisão; porque esta significava uma certa quantidade de trabalho perdido. A pena de morte era tambem substituida pelos açoites, porque assim se conservava mais um animal na manada de que elles eram os maioraes.

Exploradores intelligentes, tinham todo o empenho em não fazerem trabalhar a sua gente em excesso. Aproveitavam o maximo do esforço, sem o exgotarem. Mais ainda, eram elles quem cuidavam da reproducção dos paraguayos, vigiando e escolhendo os pares reproductores.

Quando os seus subditos tinham convenientemente trabalhado, era justo que se divertissem. Prazer e trabalho eram egualmente obrigatorios para o guarani. Quando as badaladas do sino davam signal para o trabalho ou para o descanço, para a missa ou para o recolher, necessario era que todos obedecessem, aliás lá estava o azorrague do *mandador* para fazer entrar na ordem o rebelde.

Uma nova povoação era sempre fundada com um nucleo de gente tomada numa das antigas e disciplinadas, e que se desenvolvia lentamente, de forma que quando a nova aggremiação estava completa, a engrenagem do seu regimen interno estava de ha muito em perfeita actividade. Este regimen, porém, nunca foi sufficientemente conhecido. Os jesuitas oppunham-se tanto quanto podiam a que entrasse nas missões qualquer individuo que não fosse dos seus. Mais ainda, prohibiam qualquer communicação entre duas povoações; e como muitos d'estes agrupamentos não produzissem tudo o que em todos era necessario, quando algum d'elles tinha excesso de producção, os padres estabeleciam para a troca certos e determinados logares nos limites das reducções. Bem entendido que este rigor aggravado se extendia aos negociantes que iam comprar-lhes os productos. Mas, depois os jesuitas prescindiram d'estes intermediarios, e, graças aos rios dos seus estados, desciam com os generos até á embocadura do Prata, e lá carregavam-os em navios que seguiam para o seu destino.

As exportações do Paraguay deviam de ser consideraveis, principalmente em pelles e coiros. Uma só reducção jesuitica, a de Santa Rosa, possuia perto de cem mil cabeças de gado.

Tambem nos é insufficientemente conhecida a administração deste singular imperio. Só sabemos que era muito simples e summaria.

A' testa de cada reducção havia um jesuita que tinha o titulo de cura, a quem os indios chamavam o *bemdito-padre*, e que era o chefe supremo da sua provincia tanto no temporal como no espiritual. Este governador tinha a seu lado um assistente ou vigario, no qual por vezes se tem querido ver o poder executivo de cada reducção; mas que, provavelmente, era o *socius*, o espião, digamos a palavra, collocado junto do superior, em conformidade com a politica da companhia, para lhe vigiar as acções, fazer conhecer os actos e verificar a cega obediencia. A' testa de todas as provincias ou reducções do imperio guarani havia um superior geral investido da mais completa auctoridade monarchica, pelo menos na apparencia; porque, por certo, os consultores d'este

[1] Os srs Regger e Longchamp. *Essais sur le Paraguay*, Paris, 1827, in 8.

despota pouco mais seriam do que chancellas das suas vontades.

Depois de termos estabelecido as linhas geraes do assumpto, julgamos poder affirmar que ainda no Paraguay, como em toda a parte, a presença do jesuita foi fatal.

Por sua intervenção a civilisação alli recuou tanto quanto possivel, e o povo que elles dominaram ficou sendo sempre o mais selvagem da America.

Os jesuitas souberam fazer viver com cuidado o corpo dos seus vassallos, quanto ás almas não fizeram mais que matal-as.

Os guaranis foram invisivelmente envolvidos numa teia horrivel, donde não podiam libertar-se, como certas aves presas para engordarem. Mediante um trabalho moderado, foram, é certo domiciliados, vestidos, alimentados convenientemente. Mas sómente as necessidades physicas foram satisfeitas, as da alma ficaram abandonadas, ou, peor ainda, comprimidas, esmagadas, e tanto quanto possivel anniquiladas.

Os jesuitas evitaram, com mil cuidados, de esclarecer o espirito, de suscitar a actividade d'estas ingenuas intelligencias.

Nas faixas espirituaes, em que elles envolveram a alma do selvagem, coseram algumas fitas enxovalhadas com um simples monogramma de Christo nas pontas. Eis todo o alimento moral e religioso que os jesuitas deram aos seus escravos do Paraguay. Em vez de os limparem das velhas superstições não fizeram senão transformal-as; e, segundo o dicto do dictador França, na occasião em que um jesuita lhe mostrava uma velha amarrada com um longo rosario, por ser uma terrivel feiticeira: «estes homens servem de preferencia para que se acredite mais no diabo do que em Deus».

Foram principalmente os terrores do catholicismo que os jesuitas das reducções trabalharam por incutir n'aquelles infelizes; e para chegarem a esse resultado, encheram as suas egrejas de fantasmagorias verdadeiramente infernaes, como já dissemos. Os santos dos altares reviravam os olhos de maneira horrivel, este brandia uma lança, aquelle uma espada, outro a palma do martyrio, e quem sabe se dos seus labios não sairiam palavras echoando medonhamente na amplidão dos templos.

Ainda em nossos dias os filhos de Loyola não renunciaram a esses effeitos theatraes; mas como o meio é outro, a orientação tambem é differente. As suas egrejas são amaveis e luxuosos toucadores, os seus santos teem gestos amaneirados, e as suas santas... Deus sabe o que parecem. Emfim a casa de Deus converteu-se por elles e para elles num recinto onde tudo é *mignon* gracioso, elegante, *chic*, rico, e voluptuoso. Os reverendos padres, gente que evoluciona com o seculo, abandonaram a tragedia antiga pelo moderno vaudeville. Habeis comediantes, teem sempre aberta a porta travessa das suas casas, por onde entram e saem a chusma das suas penitentes, que preferem isso a entrarem e sairem pela grande porta da egreja, nem sempre aberta. Os reverendos padres, ainda como directores de theatro, concedem aos seus intimos entradas no palco e nos camarins; e não nos admiraremos se um dia soubermos que em qualquer das suas casas o officio vespertino foi substituido por um elegante e mystico *five ó clock*.

# XCIX

## Rebeldes á mão armada

As côrtes de Lisboa e de Madrid celebraram em 16 de janeiro de 1750 um trátado de limites entre o Brasil e Paraguay, e convieram em enviar ao terreno os seus delegados para estabelecerem as devidas demarcações.

Em 1752, as tropas de Portugal e de Hispanha estavam em termos de marchar para se fazerem as mutuas entregas das aldeias da margem oriental do rio Uraguay e da colonia do Sacramento, quando os jesuitas, vendo que tal seria o anniquilamento completo do seu poder, tiveram artes para conseguirem nas duas côrtes uma suspensão dos trabalhos e das marchas, necessaria para que os indios, que d'umas aldeias tinham de passar para outras, colhessem os fructos pendentes. Os dois reis consentiram, sem se aperceberem que os padres o que queriam era ganhar tempo, para melhor se prepararem para a lucta á mão armada, e sublevarem os indios.

Fala agora, d'aqui em deante, um documento official[1] que transcreveremos quasi palavra por palavra, aligeirando-o da sobre carga dos epithetos e outras redundancias d'estylo proprias da epocha em que foi redigido. Este documento é a obra d'um homem d'estado fundamentalmente catholico, que respeita e venera a supremacia do soberano pontifice, e que julga do seu dever relatar-lhe os factos pelos quaes se viu obrigado a uma medida violenta contra os jesuitas na America do Sul.

Quando taes pretextos já se não podiam prolongar, as tropas tentaram avançar para fazerem as referidas entregas, mas encontraram taes opposições que o general Gomes Freire d'Andrade, escreveu, a 24 de março de 1753, uma carta ao marquez de Valdelirios, no qual se encontram estas palavras:

«V. Excellencia com as cartas, que recebe, e com os avisos, ou chegada do padre Altamirano, entendo acabará de persuadir-se que os padres da companhia são os sublevados. Se lhes não tirarem das aldeias os seus *santos padres* (como elles os denominam) não experimentaremos mais do que rebeliões, insolencias, e desprezos .. Isto que nos fazia horror, depois da experiencia da campanha o temos já por indubitavel.»

«Ao tempo que Gomes Freire escrevia n'este sentido se achava a rebelião já formalmente declarada desde o mez de fevereiro, de sorte que, havendo chegado alguns officiaes militares ao posto de *Santa Tecla* para fazerem as demarcações na consideração de que estivesse tudo de paz, acharam os indios que lhes impediam a passagem, e

---

[1] *Relação abreviada da republica que os religiosos jesuitas das provincias de Portugal e Hispanha estabeleceram nos dominios ultramarinos das duas monarchias e da guerra, que nellas tem movido e sustentado contra os exercitos hispanhoes e portugueses. Formada pelos registos das secretarias dos dous respectivos principes commissarios e plenipotenciarios; e por outros documentos authenticos.*

Chacina de soldados

tendo ameaçado com a indignação do soberano, responderam:

«Que el-rei estava muito longe, e que elles só conheciam o seu *bemdito padre*, obrigando emfim os destacamentos, que seguiam os ditos commissarios, a se retirarem á Colonia, e a Montevideu.

«A' vista d'aquelle desengano deliberaram nos meses de setembro, outubro e nos mais que decorreram até o fim d'aquelle anno de 1753 e principios do seguinte, nas conferencias de Castillos, e de Martim Garcia os dois principaes commissarios, Gomes Freire de Andrade, e o marquez de Valdelirios, marcharem com dois exercitos a evacuar aquelle territorio pela força das armas, como effectivamente executaram pouco tempo depois.

«Ora, emquanto os ditos exercitos se preparavam para marchar, foram os indios em grande numero atacar duas vezes a fortaleza, que os portugueses teem sobre o Rio Pardo; levando quatro peças de artilheria para baterem a dita fortaleza. Sendo porém, rechaçados, e desfeitos pela guarnição, fazendo esta cincoenta prisioneiros; avisaram o commandante da mesma fortaleza, e Gomes Freire de Andrade, nas datas de 20 de abril e de 21 de junho de 1754, que quando foram perguntados os mesmos indios sobre os motivos das crueldades, que tinham praticado, assim n'aquelles ataques como depois de se acharem feitos prisioneiros, responderam estas formaes palavras:

«Os indios prisioneiros declaram, que os padres vieram em sua companhia até o Rio Pardo, e que n'elle ficaram da outra banda. Dizem que são das quatro aldeias de S. Luiz, S. Miguel, S. Lourenço, e S. João. Um d'elles diz, que na aldeia de S. Miguel ainda ha quinze peças.

«Perguntando-se-lhes a razão com que em matando algum português lhe cortam logo a cabeça, disseram, que os seus beatos padres lhe seguravam, que os portugueses, posto se lhe dessem muitas feridas, muitos d'elles resuscitavam, e que o mais seguro era cortar-lhes a cabeça.»

«O general português saindo do Rio Grande de S. Pedro em 28 de julho d'aquelle anno, e chegando no dia 30 de julho á fortaleza do Rio Pardo, logo que passou se lhe começaram a apresentar os indios rebeldes em um grande numero, para o incommodarem na marcha. N'ella foi, porém, continuando sempre com o inimigo á vista, e as armas na mão até que escreveu o mesmo general por palavras formaes:

«No dia 7 (de setembro) chegando ao principal posto, que o dito Jacuhy tem, e que não dá vau, os encontrei n'elle fortificados com duas trincheiras:... mandei-lhes falar, e me declararam o que consta do termo n.º 1, etc.»

«Sendo em substancia:

«Responderam que alli se achava o seu mestre de campo chamado Andres, o qual tinha ordem dos seus superiores para não consentirem, que sem licença sua podessem os portugueses passar adeante.

«Assim se passou em guerra viva até o dia 16 de novembro do mesmo anno de 1754, em que o dito general foi forçado a convir com os indios de uma tregua até nova determinação de sua Majestade Catholica; sendo emtretanto prohibido ao general português adeantar-se no terreno, e aos indios infestarem o que o mesmo general havia occupado, passando-se actos n'esta conformidade.

«O exercito hispanhol, que marchava ao mesmo tempo pela outra parte de *Santa Tecla*, foi igualmente obrigado a retirar se para as margens do Rio da Prata, em razão de achar tambem por aquella parte sublevadas as povoações dos indios com forças muito superiores ás suas, e de haverem os mesmos indios esterelizado a campanha de tudo o necessario para a subsistencia das tropas; com disciplina militar, que certamente não cabia na sua ignorancia.

«Chegando as informações d'estes factos ás respectivas côrtes, se pediram pela de Madrid ao Marquez de Valdelirios as ordens que elle referiu a Gomes Freire de Andrade, em carta de 9 de fevereiro de 1756, nas palavras seguintes:

«En la carta de officio, que escribo a V. Excellencia, verá que Su Magestad ha descubierto, y asseguradose de que los jesuitas de esta Provincia son la causa total de la rebeldia de los indios. y a mas de las providencias, que digo en ella haber tomado, dispidiendo a su confessor, y mandando que se embiem mil hombres; me ha escripto una carta (propria de un soberano) para que yó exhorte al Provincial hechandole en cara el delicto de infedelidad, y diciendo-le, que si luego luego nó entrega los pueblos pacificamente sin que se derrame una gota de sangre, tendrá Su Magestad esta prueba mas relevante; procederá contra el y los de mas padres por todas las leyes de los derechos, canonico y civil; los tratará como reos de leza-magestad; y los hará responsables a Dios de todas las vidas innocentes, que se sacrificassen etc.

«A côrte de Lisboa mandou instruir na mesma conformidade a Gomes Freire de Andrade, ordenando-lhe que na conformidade do que se havia estipulado no tractado de limites, auxiliasse com todo o vigor possivel o general hispanhol para reduzir os rebeldes.

«Quando chegaram as referidas ordens já tinham concordado novamente os dois generaes, juntarem se os seus exercitos de Santo Antonio o Velho para entrarem por Santa Tecla a sujeitar os rebelados. E com effeito se havia feito a juncção dos ditos dois exercitos no dia 16 de janeiro do anno proximo passado de 1756.

«Saindo daquelle porto de Santo Antonio continuaram os dois generaes a sua marcha no primeiro de fevereiro proximo seguinte, a tempo em que se notou, que faltava uma partida de dezeseis soldados castelhanos, que se haviam avançado a descobrir o campo. Cuidando-se que havia desertado, se soube porém logo, que havendo topado outra partida mais numerosa de indios, que pareceram de paz, e convidando-os estes com bandeira branca para os refrescarem, apenas os viram apeados quando os assassinaram cruelmente despojando-os depois de mortos, de tudo o que levavam.

«Proseguindo os mesmos dois exercitos unidos a referida marcha sempre incommodados pelos rebeldes, até o dia dez daquelle mez de fevereiro, os foram nelle achar intrincheirados, e fortificados em uma colina, que lhes dava vantagem. Nella foram porém atacados e desfeitos depois de um renhido combate, deixando no campo da batalha mil e duzentos mortos, differentes peças de artilharia, e outros despojos de armas, e bandeiras.

«Aquelle grande estrago fez com que os indios se não atrevessem a tentar outra batalha até ao dia 22 de março, em que os exercitos camparam na entrada de uma altissima montanha quasi inaccessivel.

«Logo, porém, que pretenderam montal-a para passarem aos povos, que estavam visinhos, acharam outra trincheira formada com regularidade para defender aquelle passo, guarnecida com algumas peças de artilheria, e com grande numero de indios armados.

«Sendo estes porém batidos nos seus intrincheiramentos pela artilharia de campanha dos dois exercitos, e logo atacados nos flancos pelas tropas regulares com todo o vigor, foram desalojados, e postos em fuga, deixando livre o referido monte. N'elle foi com tudo necessario que os exercitos fizessem alto, para abrirem caminho, até o dia 3 de maio do referido anno.

«Logo que o exercito tornou a continuar a sua marcha, descubriu sobre ella outro grosso de mais de tres mil indios, que travâram differentes escaramuças com as guardas, e corpos avançados, perdendo sempre gente, até o dia 10 do sobredito mez.

«N'elle se avançaram os exercitos para passar o Rio Churieby, quando tornaram a encontrar na passagem fortificados os rebeldes. Sendo porém atacados com o mesmo vigor, foram outra vez derrotados com perda, concluindo o general Gomes Freire a relação do successo d'este dia nas palavras seguintes:

«A planta bem dá a vêr a defensa como estava propria. E se ella é feita por indios, devemos persuadir-nos, que em logar da doutrina, se lhes tem ensinado a architectura militar.»

«Chegando emfim ao povo de S. Miguel os dois exercitos, no dia 16 do referido mez de

maio, acharam n'elle (com horror da religião, e da humanidade) o que Gomes Freire referiu á côrte de Lisboa em carta de 26 de junho do mesmo anno de 1756, nas palavras seguintes:

«Os dias 13 e 14, estiveram muito mais chuvosos; mas não foi bastante a apagar o fogo, em que já viamos arder aquelle povo: No dia 16, que a elle chegámos, se mandou a mestrança acudir ao incendio, que tendo já devorado as casas estimaveis, prendia com força na sacristia; conseguiu-se livrar o templo, que certo é magnifico; mas não se pôde indultar dos desacatos que os rebeldes já n'elle haviam feito, tanto a algumas imagens, como na barbaridade, com que reduziram a pequenas partes o mesmo sacrario, do qual soubemos, os padres haviam já retirado os sagrados vasos; e sendo o templo tão magnifico, como mostrará a planta de que agora vae o plano e o prospecto, se não podia entrar nelle sem enternecer-se o coração, pasmado os olhos nos insultos, que viam.

«Nesta noite, determinou o general fosse subprender se o povo de São Lourenço, que está distante duas leguas. Commandou esta acção o governador de Montevideu, e o destacamento de quatro peças de artilheria, e oitocentos homens, seissentos castelhanos, e duzentos portuguezes, e destes, commandante o tenente-coronel de dragões Joseph Ignacio de Almeida; felizmente ao raiar do dia entraram o povo sem serem sentidos, donde encontraram ainda bastantes familias, e tres padres, o cura que é o padre Francisco Xavier Lamp, e o coadjuctor o celebre padre Tedêo (certo espirito muito activo), e um leigo. Tudo cedeu logo, e os dois primeiros padres foram remettidos ao exercito, donde o general mandou para o povo o primeiro, e me pediu quizesse hospedar na minha tenda o segundo, onde se conservou até chegarmos ao povo de São João, e nelle o deixei na companhia do general, que depois de alguns dias, me seguram, lhe permittira passar a outra parte do Uruguay, e é certo, que o governador de Montevideu achou no seu cubiculo papeis, que davam a vêr muito esta revolução. O padre Lourenço Balda, que se diz era uma das cabeças mais tenazes, e que mais animava os indios á defensa, se havia retirado para os Montes com os de São Miguel de que era cura.

«Os padres hoje como no primeiro dia sentem perder, e os indios vivem a estes em uma obediencia tão cega, que ao presente em este povo estou vendo mandar o padre cura aos indios, que se lancem por terra, e sem mais prisão, que o respeito, levam vinte e cinco açoites, e levantando-se vão dar-lhe as graças, e beijar-lhe a mão. Estas pobrissimas familias vivem na mais rigida obediencia, e em maior escravidão, que os negros dos mineiros.»

Estabelecendo o mesmo general português o seu quartel no dito povo de S. Miguel, e o hispanhol no outro povo de S. João, alli encontraram tres documentos dados pelos jesuitas aos cabecilhas indios, e que consistiam em uma instrucção, que os chefes das aldeias sublevadas deram aos seus respectivos capitães quando os mandaram incorporar no exercito da rebelião; e em duas cartas para elle escriptas no mez de fevereiro do mesmo anno de 1756, pelos referidos chefes da sedição, radicando nos corações dos indios os enganos com que os haviam educado, e o odio implacavel contra todos os portuguezes, e hispanhoes, sem se reparar nos meios, e nos modos, com tanto que se conseguissem tão detestaveis fins.

«Depois, que os dois respectivos generaes entraram nas sete aldeias da margem oriental do Uraguay pela força das armas, não podendo os padres, que n'ellas dominavam, negar-lhes a força da obediencia a que os constrangeram, acharam ainda assim outros meios e modos de a invalidar com dolo temerario.

«Quando se devia esperar, que vendo-se rendidos se lembrassem de que desde os principios haviam representado, que o tempo da demora que pediram, fôra com os declarados motivos, de transmigrarem os indios para os sertões da parte occidental do rio Uraguay, e de lhes fazerem n'elles os seus novos estabelecimentos, para se desculparem, ao menos fingindo, que o haviam feito, e praticaram, muito pelo contrario do que em taes circumstancias se podia crêr.»

Vencidos e derrotados ainda acharam meios de continuar uma especie de guerra de guerrilhas e de surprezas, que durante muito tempo, incommodou as forças das duas nações.

«Na outra parte do norte da America portuguesa e hispanhola, ou dos rios Negro e da Madeira, não foram os referidos padres ao dito respeito nada mais moderados emquanto as suas forças lhe permittiram, que podessem exceder as leis ecclesiasticas e regias.

«Achando-se a côrte de Lisboa apartada pelas simulações dos mesmos padres, de toda a informação d'aquelles vastos projectos da conquista, que elles por tantos annos paleáram com o sagrando veu do zelo da propagação do Evangelho, e à dilatação da fé catholica; lhe não foi difficil obterem d'ella differentes privilegios, e conseguirem o que intentavam.»

Por despachos de 30 d'abril de 1753 foi encarregado o capitão-general das capitanias do Maranhão e Grão-Pará, na qualidade de principal commissario e plenipotenciario, para proceder ás demarcações dos limites na fronteira do *Rio Negro*.

Era preciso tratar dos alojamentos e alimentação dos commissarios, e bem assim de provêr a commissão dos indios necessarios para os differentes trabalhos, para isso escreveu-se em nome do rei ao vice-provincial da companhia de Jesus do Grão-Pará e do Maranhão, para que, pela sua parte, contribuisse com todos os indios de serviço, e com o mais que n'elle estivesse, para o facil transporte das commissões ao logar das conferencias.

«As execuções, que áquellas ordens deram os ditos religiosos, foram: uma, sublevarem os indios das visinhanças d'aquelle logar destinado para as conferencias, fazendo-os desertar d'elle pelas inducções dos padres, *Antonio Joseph*, português, e *Roque Hunderfund*, allemão, que antecipadamente haviam com o dito máo fim feito estabelecer n'aquellas partes: outra ir, outro padre da companhia por nome *Manuel dos Santos*, sobrinho do vice-provincial, estabelecer-se na margem do rio Javarı, e declarar nella a guerra aos religiosos de Nossa Senhora do Carmo, que exemplarmente estavam regendo as missões d'aquella parte, para n'ella fazer

El-rei D. José I

geral perturbação, que arruinasse todo o pais e o fizesse inhabitavel: outra sublevarem os indios na mesma capital do Grão Pará, de sorte que desertassem das obras do serviço de sua majestade, que se estavam fazendo para a expedição do Rio Negro: outra, insulterem por todo o interior dos estado os ministros e officiaes de sua majestade fidelissima, ameaçando-os com o poder da religião da companhia no reino, e com sublevações n'aquelle estado para não observarem as leis e ordens de que eram executores, e allegando, para assim o persuadirem, que n'aquelle estado o haviam assim praticado

sempre os seus antecessores: e a outra em fim de despovoarem as aldeias do caminho do Rio Negro, e extinguirem o pão, e mantimentos d'ellas, e de muitas outras, para que na falta de remeiros, e de viveres perecessem as tropas que deviam passar ao logar das conferencias, e d'elles ás fronteiras onde se deviam fazer as demarcações dos limites dos dominios dos dois monarchas contractantes.

«A certeza destes extranhos factos, confirmados uniformemente pelas cartas do bispo, do governador, e dos ministros, e officiaes d'aquelle estado, e pelos actos e papeis authenticos, que as acompanharam, era digna de muito mais severas demonstrações. El rei, esperando ainda na emenda dos ditos religiosos, mandou advertir seriamente o vice-provincial do Grão Pará sobre os referidos absurdos para os cohibir; e mandou sair d'aquelle estado, em 3 de março de 1755, os padres Antonio Joseph, Roque Hunderfund, Theodoro da Cruz, e Manuel Gonzaga, que nelle tinham dado os maiores escandalos; e bem assim restituir os religiosos de Nossa Senhora do Monte do Carmo á inteira administração das aldeias do rio Javari, da qual o sobrinho do vice-provincial da companhia os tinha pertendido expulsar pela força das armas.

«Emquanto isto passava, em Lisboa, havendo o dito principal commissario superado as difficuldades e as dilações, que fizeram necessarias as desordens, que se lhe oppozeram para o embaraçarem, veiu com tudo a sair da capital do Grão Pará para o *Rio Negro* no dia 2 de outubro de 1754.

«No discurso da viagem achou sempre da parte dos dois religiosos as mesmas machinações, e outros maiores absurdos, que constam do diario authentico da mesma viagem[1].

«Emfim por este modo, diz o mesmo diario, que fizeram desertar d'aquella expedição até o numero de cento e sessenta e cinco indios; de modo que aquelle principal commissario, referindo o que na sua viagem havia passado ao dito respeito, concluiu em carta de 6 de julho de 1755, tratando de uma das aldeias desertas, em que achara a gente fugida para o matto, nestas formaes palavras:

«Desta aldeia passei a Aroucará, que será pouco mais de tres leguas de distancia; e achei com pouca differença, quasi na mesma fórma. E esta é uma regra geral de todas as aldeias, por não o estar repetindo.»

«E pelo que pertence aos mantimentos, que el-rei havia ordenado, bastará para dar uma idéa do que passou ao dito respeito, transcrever da carta que o bispo de Grão Pará dirigiu á côrte de Lisboa, em 24 de julho do mesmo anno de 1755, (governando aquella capital na ausencia de general) as palavras seguintes:

«Chegou nelles (missionarios) a tanto excesso a falta de obediencia e caridade nesta materia, que em todas as aldeias do rio Tapajós, só ellas sufficientes para provêr todo o arrayal do rio Negro, houve recommendação expressa dos padres missionarios para que não fabricassem roças de farinha, nem de outro qualquer legume, dizendo claramente aos indios, que na occasião da maior necessidade lhes dariam licença para irem buscar o seu sustento pelos matos.

«Este mesmo excesso de caridade praticaram os ditos missionarios quasi em todas as suas aldeias; já empregando os indios nas suas conveniencias particulares, de que necessariamente havia de resultar o não fabricarem farinhas, já ordenando-lhes positivamente que as não vendessem aos brancos, como succedeu na aldeia de Arucará da administração da companhia. Achavam-se nesta aldeia alguns soldados da guarnição do Macapá com a diligencia de comprarem farinhas, e assistindo á missa em dia do Espirito Santo presenciaram que o missionario della, chamado o padre Manuel Ribeiro, assentado naquelle logar, em que se costumam explicar os sagrados dogmas da fé, e se deve persuadir a pratica das virtudes, ordenava aos seus indios (falando-lhes na sua lingua) que de nenhum modo vendessem fari-

---

[1] Este e outros documentos podem ser consultados facilmente na «Collecção dos Negocios de Roma», no reinado de el-rei D. José, ministerio do marquez de Pombal e pontificados de Benedito XVI e Clemente XIII.—Lisboa 1874.

nha aos ditos soldados, nem soccorressem a villa do Macapá, com comminação de que obrando o contrario lhes dariam um exemplar castigo.»

«Ao mesmo tempo se descubriu que os sobreditos religiosos não só se tinham arrogado a auctoridade de fazerem tractados com as nações barbaras daquelles sertões dos dominios da corôa de Portugal, sem intervenção do capitão-general e ministros, de estipularem por condições dos mesmos tractados o dominio supremo e serviço dos indios, exclusivos da corôa, e dos vassalos de sua majestade; a repugnancia, e odio á communicação e sujeição dos brancos seculares; e o desprezo das ordens do governador, e das pessoas dos moradores do estado; como evidentemente constou do tratado, que o padre David Fay, missionario da aldeia de S. Francisco Xavier de Acamá, havia feito no mez de agosto do mesmo anno de 1755 com os indios amanajós.»

Chegadas as coisas a tal extremidade o rei «mandou avisar por uma parte ao bispo do Grão Pará, D. fr. Miguel de Bulhões, que sem perder mais tempo em tão meritoria obra publicasse logo a bulla pontificia, de 20 de dezembro de 1741, que havia declarado livres todos os referidos indios, e condemnado com pena de excommunhão *Latæ Sententiæ* os que praticassem, defendessem, ensinassem, ou prégassem o contrario. Estabeleceu juntamente por outra parte as duas santas leis promulgadas nos dias 6 e 7 de junho, no anno de 1756, excitando a favor da mesma liberdade e do bem commum dos indios, todas as leis, e ordens de seus augustos predecessores. E pela outra parte, emfim, determinou ao mesmo tempo ao governador e capitão general d'aquelle estado que tudo fizesse executar tão efficaz e tão exactamente como sua santidade, e sua majestade em causa commum haviam ordenado.

«Achando aquellas ordens regias, o dito capitão general ausente da cidade do Grão Pará, no logar destinado para as conferencias, teve o bispo, que governava a mesma capital, por necessario suspender ainda a execução d'ellas até á chegada do governador proprietario; em razão de que os referidos padres, desde que viram superadas as difficuldades da expedição do Rio Negro, que antes tinham por superiores a toda a previdencia, haviam passado a servir-se de outros meios violentos, que o dito prelado achou que faziam aquella sua circumspecção precisa.

«O primeiro dos referidos meios foi o de procurar incitar os officiaes d'aquellas tropas para se sublevarem contra o seu general, como elle tinha avisado em 7 de julho de 1755.

«O segundo meio foi o de haverem já passado os mesmos religiosos jesuitas das machinações artificiosas ao uso das armas, procurando sustentar n'aquelles sertões pela via da força, de accordo com os seus religiosos hispanhoes, que se acham estabelecidos n'aquella fronteira do norte, de modo que indo fundar-se no mez de janeiro de 1756, a villa de Borba a Nova, na aldeia antes chamada do Trocano, se achou n'ella o padre *Anselmo Eckart*, allemão, que havia chegado poucos mezes antes como missionario, armado com duas peças de artilheria, e unido com outro padre tambem allemão, chamado *Antonio Meisterburgo*. Ambos praticaram n'aquelle territorio desordens e absolutas, que necessitam de uma diffusa relação para se referirem, e que fizeram verosimil a suspeita de que em vez de religiosos poderiam ser dois disfarçados engenheiros.

«N'estas urgentes circumstancias, e na necessidade, em que o governador e capitão general d'aquelle estado se achou de vir á capital buscar o remedio de algumas queixas que padecia, desceu á cidade do Pará para n'ella animar com a sua presença a publicação da pastoral do bispo, para a execução da bulla pontificia de 20 de dezembro de 1741, e das duas leis regias, de 6 e 7 de junho do anno proximo passado de 1756.

«Ambas as referidas publicações se fizeram effectivamente com as costumadas solennidades, nos dias 28 de janeiro, 28 e 29 de maio d'este presente anno de 1757, com grande contentamento dos moradores da referida capital, que pelas providencias pontificias e regias, viram cessar n'aquelles tres

dias as calamidades, que por tantos annos haviam affligido todo aquelle estado.

«Não cessaram porém, comtudo, ainda, os effeitos das machinações sediciosas, que deixo acima referidas. Não podendo estas obrar na honra e na fidelidade dos officiaes das tropas, obraram comtudo de sorte nos soldados de menos obrigações, e de reprovado procedimento, que logo que o governador e capitão general se apartou do arrayal do Rio Negro, desertaram d'elle não menos que cento e vinte dos referidos soldados, roubando os armazens reaes, não só de munições de guerra, mas de muitos dos generos, que n'elles havia, saqueando ao mesmo tempo algumas casas de particulares, e passando com todos estes roubos para as missões dos dominios de el-rei catholico na capitania de Omaguás.»

A medida das atrocidades e dos escandalos trasbordava. Os jesuitas, obrigados a sair das aldeias, tudo procuram levar comsigo, imagens, paramentos e utensilios das egrejas, alfaias agricolas, «e até os productos da terra que os indios haviam colhido [1]» como acinte; bem proprio de taes vendilhões da palavra divina, que entraram no Brasil arvorando a bandeira da liberdade dos indios e saíam por quererem conserval-os em escravidão, nas suas casas e fazendas.

Terminaremos este capitulo sem mudar uma virgula ás palavras que escreveu e publicou o sr. J. Lucio d'Azevedo:

«Alguns destruiam e queimavam o que não podiam conduzir.

«Assim fez o padre Lourenço Kaulen na villa de Pombal; assim fizeram outros animando-se reciprocamente pelo exemplo, instigados por insinuações superiores.

«Illudia-se d'esta vez a prespicacia dos jesuitas, que ainda contavam com o apoio do paço, quando alli predominava já a mesma vontade energica, que por intermedio de um governo forte, se fazia sentir na colonia.

«Portanto, ao envez do que até qui succedera, foi-lhes a resistencia fatal.

«As supplicas e queixas dos padres respondeu o monarcha firmando a carta regia de 4 de agosto de 1755, que mandava excluir do Estado os religiosos rebeldes ou desobedientes.»

---

1 Assim o confessa e defende um publicista moderno amigo intimo dos *santos* padres, o sr. J. Lucio d'Azevedo no seu livro *Estudos da historia paraense*.

# C

## O Marquez de Pombal contra elles

Vimos já que um grande clamor se ergueu em toda a Europa quando nella se soube da bancarrota do padre Lavallete, seguida da tentativa de Damiens. Esse clamor ia-se esvaindo, os jesuitas recomeçavam a adquirir a tranquillidade para novas e arriscadas emprezas, quando o estampido dos tiros disparados contra D. José, nas terras escuras e quasi desertas de Ajuda, correu em toda a Europa, chamando de novo as attenções contra a negra seita.

Foi a 13 de janeiro de 1759, que a *Gaseta de França,* fez saber ao mundo que tinha sido tramada uma conspiração contra o rei de Portugal, que por isso tinham sido presos dezoito personagens da mais elevada sociedade; que as casas dos jesuitas haviam sido desfeitiadas, e que grande numero de pessoas jaziam nas masmorras, como cumplices do attentado.

Nas côrtes, em geral, só se deu amplo credito á noticia, quando chegaram as cartas dos embaixadores, e as communicações officiaes do governo português.

Era então ministro de D. José I, como é bem sabido, o Marquez de Pombal, homem a quem, por muitos titulos, a Historia já condecorou com a antonomasia de o *Richelieu português.* Sebastião José de Carvalho e Mello foi o mais rude adversario que o jesuitismo encontrou na sua frente, por isso mesmo que foi um dos mais ferventes amigos do seu rei e da sua patria que tem existido no mundo. E' a elle a quem o seculo

Marquez de Pombal

XVIII deve o ter visto desabar a terrivel potencia jesuitica, ao peso d'uma condemnação universal, sanccionada pela auctoridade pontifical e abençoada pela mão d'um dos mais venerandos successores de S. Pedro[1].

Pombal nasceu em Lisboa, a 13 de maio de 1699, na freguezia das Mercês, onde foi baptisado. Diz-se que em Coimbra frequentou a universidade, na intenção, de sua familia, de seguir a carreira da magistratura. Mas este destino pareceu-lhe demasiadamente calmo, acanhado, e pouco apto para o desenvolvimento do seu espirito fogoso e emprehendedor. Julgou que a carreira das armas lhe podia offerecer meio de realisar os seus sonhos de gloria; mas em pouco se apercebeu que a falta de titulos de nobreza o impedia de ir longe. As qualidades pessoaes de Sebastião José de Carvalho e Mello tinham-lhe conquistado o amor de D. Thereza Noronha d'Almada; e como a familia se oppozesse ao seu casamento, por não ser Pombal *bastante fidalgo*, D. Thereza deixou-se raptar pelo amante, com quem se casou, indo os dois viver para uma quinta, propriedade do marido. Algum tempo depois d'este casamento, Paulo de Carvalho arcypreste da cathedral e favorito do cardial Motta, personagem extremamente grata á côrte, conseguiu obter para seu sobrinho o cargo de enviado extraordinario em Inglaterra, onde soffreu o desgosto de perder sua mulher. Abre aqui a sua enorme folha de serviços ao seu país. Começou por conseguir do governo inglês para os negociantes portuguêses em Londres muitas das isenções que tinham em Lisboa os negociantes inglêses, e obteve depois o reconhecimento do direito, que tinham as auctoridades portuguêsas, de punir os excessos praticados pelos capitães de navios ingleses em terras e costas de Portugal.

Em 1745, foi enviado a Vienna d'Austria encarregado de promover o arranjo das desintelligencias que tinham surgido entre o papa e a celebre imperatriz Maria Thereza. Baste este unico facto para demonstrar o seu tino e habilidade diplomatica.

Foi durante esta embaixada que elle se desposou com a condessa de Daun, sobrinha do feld-marechal austriaco d'este nome, celebre nas guerras d'Allemanha d'aquella epocha, e que tinha batido o grande Frederico da Prussia na batalha de Hotkish.

Pouco tempo se demorou em Vienna d'Austria, onde o clima lhe era desfavoravel, e voltou a Lisboa, onde passou esquecido os ultimos annos do reinado e vida de D. João V.

Foi por morte d'este, que a rainha mãe, amiga da mulher de Sebastião de Carvalho, instou com D. José para que nomeasse o antigo embaixador secretario de Estado dos negocios da guerra e extranjeiros. Havia poucos dias que estava em exercicio, quando rebentou o incendio no Hospital de Todos os Santos, a 10 de agosto de 1750, e deu ensejo para que o futuro marquez de Pombal mostrasse quanto valia a sua tempera energica e as suas decisões atinadas e opportunas.

Desde esse momento Portugal tinha encontrado o homem de governo de que necessitava na crise por que ia passando; e tanto esse homem correspondeu ao que era necessario executar e emprehender, que ainda hoje, volvido mais de um seculo, modificados os costumes, desviado para outro polo a orientação da nossa politica, ainda, nos momentos angustiosos em que as mais pequenas contrariedades assoberbam e fazem vergar os *grandes* homens do presente, um desejo se formula em todas as classes sociaes: — Quem nos dera um marquez de Pombal!

Bem depressa eil-o omnipotente em Portugal, mais do que nunca Richelieu conseguira ser em França. Foi successivamente creado conde de Oeiras, e elevado a marquez de Pombal; e sua familia partilhou em grande escala tanto dos favores que o rei lhe dispensava como dos que o marquez lhe prodigalisou.

Portugal estava muito longe de ser, como no tempo de D. Manuel, uma das primeiras nações da Europa. Expozemos já no cor-

---

[1] Para pleno conhecimento d'este pontifice e da sua epocha, e bem assim dos tramas jesuiticos recommendamos a «*Historia do Pontificado de Clemente XIV, segundo os documentos ineditos do Vaticano, por Augustinho Theiner, padre do Oratorio,* e tradusida do allemão para o francês pelo missionario apostolico Paul de Geslin.

rer das paginas que deixamos escriptas, que parte tiveram os jesuitas n'esse triste abatimento. A desordem e a desorganisação excederam todos os limites nos ultimos annos do reinado de D. João V. A justiça quasi que só se servia das balanças, com que a antiguidade a symbolizou, para pesar o dinheiro que as partes alli lançavam; o que restava das antigas colonias, principalmente na America, outr'ora tão ricas e numerosas, poucas ou raras relações tinham com a mãe-patria. O commercio externo quasi que se achava nas mãos dos inglezes; a maioria dos rendimentos publicos era devorada pelo clero tanto secular como regular, que ainda então partilhava com a nobreza a propriedade da terra; e acima de todos os corvos pairavam outros abutres maiores e mais vorazes, nas pessoas dos padres jesuitas.

Pombal tem que luctar simultaneamente contra a Inglaterra, contra os jesuitas, contra o clero e contra a nobreza! A sua voz, o rigor entra nos diversos ramos da administração, a justiça equilibra as suas balanças ao peso exclusivo das acções, reanima-se o commercio, floresce a agricultura desprezada, protege-se a industria, restabelece-se a ordem, e Portugal reassume o seu logar no concerto das nações.

Accusa-se Pombal de que muitas das medidas por elle postas em vigor, estão hoje condemnadas em economia politica. E' possivel; mas como em economia politica as escholas divergem nos seus principios, a sentença de condemnação está sempre sujeita a revisão. Os Estados Unidos da America do Norte, ainda ha bem poucos annos, defendiam o bimetalismo, o livre cambio, e condemnavam os *trusts;* hoje a industria e o commercio organiza-se em *trusts*, as pautas da alfandega são prohibitivamente protecionistas, e o oiro é o unico estalão monetario, e isto sem que a eschola contraria tenha recolhido a arraiaes, e não se prepare para em occasião opportuna fazer triumphar as suas idéas.

No tempo do marquez, os inglezes levavam annualmente enormes sommas de oiro de Portugal; Pombal prohibiu-lhes a extracção, assim como prohibiu que padres e frades fossem commerciantes. Faz voltar para o Estado os rendimentos que andavam desviados, favorecendo com muitos d'elles a industria. Obriga os piratas argelinos a respeitarem o pavilhão português, que de novo fluctua glorioso aos ventos de todos os mares, regula definitivamente com a Hispanha as partilhas das colonias americanas, e funda o magnifico commercio do Brasil. Ao mesmo tempo, estabelece uma policia severa, que vae buscar o criminoso até ás mais altas classes sociaes, o que faz com que a nobreza comece a clamar contra o que ella chamava o ataque aos seus privilegios. Além de que, esta tão orgulhosa como na sua maioria estupida nobreza, tinha visto, com maus olhos e baixo despeito, elevar-se por tal fórma um homem que não tinha tanto sangue azul, como qualquer d'entre ella, e fez tudo, quanto estava ao seu alcance, para derribar o primeiro ministro, sem nada conseguir, porque Pombal estava amparado pelo rei, pelas classes conservadoras, e até pelo povo.

Mas os mais formidaveis inimigos de Pombal foram sempre os jesuitas. Os escriptores da companhia de Jesus estamparam «que este homem d'Estado notabilissimo tinha jurado perder os jesuitas desde o primeiro momento em que assumiu o poder.»

Já vimos que Pombal encontrou o Brasil prestes a ser um imperio jesuitico; que todo o commercio, toda a industria, a maioria da terra cultivada, e os seus homens estava tudo na posse da S. J., não admira que jurasse exterminar um poder immoral e illegitimo que se erguia face a face a querer combater o poder legitimo e a esbulhar Portugal do que de direito era seu.

A primeira declaração de guerra aberta entre o ministro e os reverendos padres foi determinada pela questão do Paraguay, que o leitor já seguiu nas suas linhas geraes. E, convem dizer que o tractado de troca do Paraguay pela colonia do Sacramento, que prejudicava os jesuitas não foi obra sua, visto que em 1750 não era ministro; e o que se lhe póde attribuir é a convenção de 1753, que regulava definitivamente a troca entre as duas corôas [1]. Vimos como os jesuitas re-

[1] Este tractado tem sido criticado, principalmente

sistiram, e que só pela força das armas se conseguiu expulsal-os do Paraguay.

A lucta em Portugal travada por elles não foi menos vigorosa. De tudo fizeram armas: das suas riquezas, que lhes davam um poderoso meio d'acção num país reduzido á penuria, da ignorancia e do fanatismo que mantinham e desenvolviam, e das surdas ambições que souberam suscitar.

Procuraram até aproveitar-se das grandes catastrophes que então cairam sobre o país. O terremoto de 1755, que ficou como data terrivel na memoria dos povos, reduziu Lisboa a um montão de ruinas; o incendio, a fome e as epidemias acabaram a obra dos abalos subterraneos. Todo o reino se encontrou na mais espantosa miseria. Aproveitando-se da tristeza e desolação d'estes dias, os nobres atrevem-se, e mais altamente, a investir contra o primeiro ministro. Os jesuitas, e os capuchinhos seus alliados, vão, atravez das ruinas, dos incendios, dos desgraçados em fuga e mortos de fome, atravez dos campos gretados em abysmos, desolados, cheios de infelizes tranzidos de medo, prégar: «E' Deus que nos fere, meus irmãos; Deus, a quem cada vez mais irrita esse homem impio que a nossa fraqueza deixa reinar, sob nome do seu fraco e illudido soberano; Deus que não se compadecerá de nós outros, emquanto nós proprios não trabalharmos para que elle nos ajude!...»

Estas palavras retiniam todos os dias, altas em som, tanto nas praças publicas, como nos pulpitos das egrejas. A populaça, sempre disposta a culpar quem quer que seja dos males que soffre, amaldiçoava o homem que ainda hontem abençoava, e pedia a destituição e a morte do grande ministro.

Este, porém, não curvou a cabeça ao impeto do vendaval, e encontrou nos proprios desastres da patria, um meio de dar novas provas da sua actividade, do seu genio e do seu talento d'administração.

Os cortezãos queriam, logo após o terremoto, levar D. José para longe de Lisboa: —«O logar do rei é no meio do seu povo!» exclamou Pombal.

—Mas o que havemos de fazer, perguntava o monarcha atterrado e perplexo:

—Enterrar os mortos e cuidar dos vivos; responde o ministro.

Lembraremos de passagem a creação da companhia dos vinhos do Alto Douro, e o motim que a sua fundação suscitou no Porto, que foi castigado cruelmente, como um crime de lesa-majestade, e no qual se encontra a suggestão jesuitica, provocando a desordem, chegando os padres da companhia a declararem do pulpito: «que com os vinhos da nova companhia se não podia celebrar o sacrificio da missa!»

Emquanto fazia construir uma cidade nova, alimentava os famintos, levantava o moral dos desgraçados, enviava Francisco Xavier Furtado de Mendonça, como governador ao Maranhão, encarregado de pôr ordem nas questões dos jesuitas; e na volta encarregou-o de ir a Roma, queixar-se da mesma companhia ao summo pontifice, e pedir-lhe providencias contra os crimes de rebeldia, felonia e desmoralisação quasi bestial dos reverendos padres[1].

---

na sua feição moral, por obrigar a deslocar uns indios d'umas povoações para outra. D'accordo. Mas quem nunca poderia ter voz no assumpto eram os jesuitas e seus defensores, porque, como já narrámos, quando as epidemias dizimavam algumas das suas aldeias, nunca hesitaram em fazer transitar para ella o rebanho humano, que faziam deslocar de outro aldeamento. Foram, pois, elles os primeiros a não respeitarem o homem-indio.

[1] Das instrucções, então enviadas ao embaixador, damos os principaes topicos da de 8 de outubro de 1757, que encerram o mais importante d'ellas:

«Chegou emfim a tão lastimosos e deploraveis termos, a extrema corrupção e a infelicidade dos filhos d'esta santa religião no reino de Portugal, muito mais nos seus dominios ultramarinos, que nelles são poucos os jesuitas, que não pareçam antes ou mercadores, ou soldados, ou regulos, mais que religiosos.

«E como toda a demora que houvesse em obviar a tão grandes desordens teria a consequencia de as fazer irremediaveis, foi sua majestade necessitado a occorrer a este perigo dos seus vassallos e dominios, e á total ruina das mesmas provincias religiosas, com o que podia caber no governo temporal do mesmo senhor, antes que de todo se perdessem por falta de remedio.

«E sendo os mais fortes apoios da ousadia, que os mesmos padres têem manifestado assim na Europa, como na America, os confessionarios d'esta côrte,

Attentado de, 3 de Setembro de 1758

O dardo estava lançado, e a companhia de Jesus positivamente condemnada.

O papa attendeu as queixas do rei. Ante o seu throno subiam diariamente as informações e os pedidos de reforma dos jesuitas, feitas pelas tres mais catholicas nações do mundo. O rei christianissimo, o fidelissimo e o catholico impetravam insistentemente pela reforma da companhia, absolutamente odiosa, naquelle momento, a dezenas de milhões de christãos. O papa não pôde fechar os ouvidos, e, accedendo ao pedido do rei, mandou redigir o breve de 1 d'abril de 1758, expedido ao cardeal Saldanha, pelo qual o «constituiu e deputou visitador apostolico e reformador dos ditos clerigos seculares da

---

e a entrada dos ditos religiosos n'este paço; mandou el-rei nosso senhor por uma parte recolher ás respectivas casas das suas filiações todos os confessores das pessoas reaes, que eram jesuitas, nomeando sua majestade para seu confessor o provincial actual dos capuchos de Santa Maria da Arrabida, fr. Antonio de Santa Anna; conservando-se no confessionario da rainha nossa senhora o ex-vigario geral dos religiosos agostinhos descalços, fr. Antonio da Annunciação, que já tinha exercicio n'elle, e promovendo para o da princeza nossa senhora, e das senhoras infantes, ao provincial tambem actual da religião dos carmelitas calçados, fr. Joseph Pereira de Santa Anna. O serenissimo senhor infante D. Pedro escolheu o mesmo confessor de el-rei nosso senhor. O serenissimo senhor infante D. Antonio a fr. Antonio de Santa Maria dos Anjos Melgaço, ex-provincial dos religiosos franciscanos da provincia de Portugal O serenissimo senhor infante D. Manuel, a fr. Valerio do Sacramento, religioso capucho da provincia de Santo Antonio.

«Mandou o mesmo senhor por outra parte prohibir ao provincial da companhia, e mais religiosos da sua filiação, o ingresso no paço até segunda ordem de sua majestade, ou até constar ao dito senhor, que os taes religiosos vivem como são obrigados pelo seu santo instituto. E tem sua majestade ordenado por outra parte, que para este justo e necessario fim se appliquem todos os meios que cabem no seu real poder, e na protecção com que deve concorrer para fazer observar, como inviolaveis, nos seus reinos e dominios, os sagrados canones, e as constituições apostolicas, que defendem aos regulares, e muito mais aos religiosos da companhia e aos missionarios a ingerencia nos negocios seculares, o manejo do commercio, e a usura dos cambios mercantis; fundando se tambem nas concordatas com a Sé apostolica, que se acham estabelecidas como leis consuetudinarias d'este reino.

«Porém, como tudo isto se reduzia á temporalidade, e não cabia no poder de sua majestade o remedio das ruinas espirituaes, que deixo referidas, necessitando estas do prompto, e efficaz remedio, que só podia emanar do summo pontifice vigario de Christo Senhor Nosso na terra, fazendo V. senhoria presente ao santissimo padre, assim a fiel narração, que deixo referida, como o conteúdo n'esta carta, supplicará no mesmo tempo a sua santidade, que se sirva de dar sobre esta importante materia, taes, e tão efficazes providencias, que os abusos, e excessos transgressões, que se têem feito, e continuam nas referidas provincias, cessem de uma vez, ficando ambas reduzidas á sua santa e primitiva observancia, e fazendo sua santidade renascer n'ellas os exemplos dignos de louvor e de imitação, que ha tantos annos se acham sepultados debaixo dos horrores de tão grandes, tão geraes, e tão publicos escandalos.

«Os que mais haviam ferido os habitantes dos dominios de sua majestade, na America, se espera que venham a cessar em grande parte pela execução da bulla pontificia de 20 de dezembro de 1741, inserta na pastoral do bispo do Grão-Pará, que vae incluida n'esta carta debaixo de n.º II, e das duas leis de sua majestade, que tambem vão debaixo do n.º III e IV, as quaes o mesmo senhor tem mandado publicar em todo o Brasil por modo effectivo, abolindo assim de uma vez o abuso de se não executarem n'aquelle continente decisões pontificias, ou resoluções regias, de que os mesmos religiosos recebessem desprazer; e o que mais é, sem que houvesse quem se atrevesse a informar de um tão prejudicial, e indecente abuso. E isto porque no mesmo continente prevaleceram sempre para o sustentar as ameaças, que os taes religiosos espalhavam industriosamente, para fazerem recear o poder da sua religião, e dos seus padres, que andavam no paço, os quaes verdadeiramente se descobriu n'estes ultimos tempos, que com sinistros artificios arruinaram infelizmente diversos governadores e ministros zelosos do serviço de Deus e de sua majestade, sem outra culpa, que não fosse a de haverem representado verdades, que aos mesmos padres não serviam, e que fazendo-se incriveis ao tempo que se representaram, vieram depois da guerra do Paraguay, e das desordens e sublevações do Maranhão, a demostrar-se por factos manifestos, e taes, como os que constam da sobredita relação, que leva o n.º I.

«Sobre o que tudo ordena sua majestade que V. senhoria pedindo, e obtendo do santissimo padre uma audiencia particular e secretissima, o informe plenamente de tudo o que deixo referido. E o mesmo senhor espera que na paternal, e apostolica providencia de sua santidade não falte a menor parte do que fazem preciso, tão notorias urgencias, para que uma religião, que tem feito tantos serviços á Egreja de Deus, não acabe n'estes reinos, e seus dominios pela corrupção dos costumes dos seus religiosos, e pelo geral escandalo que elles têem causado com tão successivos, e extranhos absurdos.»

companhia de Jesus existentes assim nos ditos reinos como nos dominios e provincias das duas Indias sujeitas ao subdito rei: commettendo á vossa circumspecção todas as subreditas provincias, para que com a assistencia de uma ou mais pessoas, constituidos em dignidade ecclesiastica, ou sejam clerigos seculares ou sejam religiosos de qualquer instituto, ou ordem approvada pela Sé Apostolica, (que para o mesmo effeito serão por vós, ao vosso arbitrio eleitas, com as qualidades de boa vida, e instrucção dos estatutos, e costumes regulares) visiteis, e reformeis por uma vez, e por auctoridade nossa a provincia, ou provincias da sobredita companhia de Jesus existentes nos reinos, dominios, e regiões das sobreditas Indias do mesmo rei, com as egrejas, casas professas, e de noviciado, collegios, hospicios, missões, e quaesquer outros logares, debaixo de qualquer nome que sejam conhecidos, com tanto que sejam dependentes da sobredita companhia, e que a ella toquem, e isto ainda que sejam izentos, ou munidos com qualquer privilegio, e indulto; como tambem os superiores, reitores, administradores, religiosos, e todas as mais pessoas existentes nos sobreditos logares de qualquer dignidade, superioridade, estado, e condição, que sejam inquirindo solicitamente d'elles *tam in capite, quam in membris* assim junta, como separadamente, sobre o estado das mesmas pessoas, e da sua vida, costumes, ritos, disciplina, e modo de viver, e sobre a observancia das doutrinas evangelicas e dos santos padres, concilios geraes, decretos dos sagrados canones, instituto regular da dita companhia, e determinação das constituições apostolicas, principalmente da de Urbano VIII, de feliz recordação, nosso predecessor, expedida a vinte e dois de fevereiro de mil seiscentos trinta e tres, que principia *Ex debito pastoralis officii* e das nossas lettras expedidas em semelhante fórma de breve a vinte de dezembro de mil setecentos quarenta e um, principiando *Immensa pastorum principis*, que assim como o pedirem a occasião, a qualidade dos negocios, e a necessidade da observancia das constituições da dita companhia, emendeis, renoveis, e revogueis, conforme a prudencia de que o Senhor vos dotou, tudo o que achareis, que necessita de mudança, correcção, emenda, renovação, revogação, e inteiro estabelecimento; que de novo ordeneis o que julgareis justo, e confirmeis o que houverdes assim ordenado, sendo confórme aos sagrados canones, e decretos do Concilio tridentino, removendo todos e quaesquer abusos, actas, estatutos, restituindo, e reintegrando por modos legitimos e confórmes ás constituições da dita sociedade a disciplina ecclesiastica e regular; e com preferencia o culto divino, a obediencia a esta santa séde, e a observancia das sobreditas constituições apostolicas no que achardes, que serão excedidas. Se achardes que quaesquer dos sobreditos tem delinquido em alguma coisa, os cohibireis, e castigareis confórme as disposições canonicas, e os reduzireis, não obstante a sua izenção, ao devido e honesto modo de vida e estado, que são conformes aos sagrados canones e disposições do concilio; fazendo observar tudo o que estabelecerdes, e ordenardes ao dito respeito, sem dilação ou appelação, que de alguma sorte possam impedir a execução do que houverdes determinado. Julgando confórme a prudencia, que o Senhor vos repartiu, que é necessario remover quaesquer reitores, e prelados dos collegios, e casas, ou quaesquer outros superiores, dos seus respectivos officios, os movereis logo; e depois de amovidos, podereis mudar assim estes, como quaesquer outros religiosos da dita sociedade de uns para outros conventos, e de uns para outros collegios; constrangendo, e compellindo os desobedientes e rebeldes, com censuras e penas ecclesiasticas, suspensão *à divinis*, e todos os mais remedios de feito, e de direito, que vos parecerem opportunos.

Assim que este diploma chegou a Lisboa o cardeal Saldanha começou os seus trabalhos e fez publicar e affixar em todos as egrejas do patriarchado o edital de que damos as mais substanciaes ordenações:

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

«E por quanto fomos com certeza informados, não sem gravissima dôr do nosso coração, de que nos collegios, noviciados, casas, residencias, e outros logares das provincias, e vice-provincias da religião da companhia de Jesus n'estes reinos, e seus domi-

nios, a nós commettidas para as reformarmos, e reduzirmos á devida observancia das suas obrigações, em tudo, o que couber nas nossas debeis forças, se acham ainda alguns religiosos tão esquecidos das sobreditas disposições divinas e constituições apostolicas, e tão obstinadamente endurecidos na transgressão d'ellas, que sem temor de Deus, e sem pejo do mundo, em grave prejuiso de suas almas, e com geral escandalo dos fieis, uns imitando os nummularios e negociantes, que Christo Senhor Nosso lançou fóra do templo reprehendidos e flagellados, estão dentro nas proprias casas das suas habitações religiosas, e como taes dedicadas a Deus, não só acceitando e expedindo lettras de dinheiro a cambio, como se pratica nos bancos e casas de commercio, mas tambem vendendo mercadorias, transfretadas da Asia, da America e Africa, para negociarem n'ellas, como se os ditos collegios, casas, noviciados, residencias, e mais logares fossem armazens de negocio, e as habitações d'elles, lojas de mercadores: outros, imitando tambem os negociantes ecclesiasticos, de quem os sagrados canones e os santos padres, mandam fugir como de peste, quando passam de pobres a fazerem-se ricos, e de humildes, arrogantes com os cabedaes, que pelo commercio accumulam, se teem visto estabelecidos em armazens, situados nos logares maritimos das cidades d'estes reinos e seus dominios, onde a maior visinhança dos portos faz mais frequente o commercio, vendendo nos mesmos armazens generos e fazendas ao povo, como quaesquer dos mercadores publicos, habitantes nos referidos logares, e emfim (obrando sem exemplo) nos dominios ultramarinos d'estes reinos chegam á mais deploravel corrupção de mandarem buscar drogas aos sertões, para depois as fazerem vender; de mandarem salgar carnes e peixes, para o mesmo fim; de mandarem tambem salgar, e accumular coiros para negociarem; e até a terem dentro nas proprias casas das suas residencias tendas de generos molhados ou de fazendas comestiveis, açougues e outras officinas sordidissimas, ainda a respeito dos mesmos seculares da classe dos plebeus.

«Em consideração de tudo o referido, pela auctoridade apostolica a nós commettida, unindo-nos ás ditas disposições divinas e canonicas, e bullas pontificias, e muito especialmente á commissão, que temos de Sua Santidade, mandamos em virtude de santa obediencia, e debaixo da comminação de declararmos a excommunhão maior *ipso facto*, e as mais que se acham expressas em todas e cada uma das bullas acima trasladadas, aos reverendos provinciaes, vice-provinciaes, prepositos, reitores, e mais prelados locaes, e seus respectivos subditos da dita religião da companhia de Jesus n'estes reinos e seus dominios, a todos os sobreditos em geral, e a cada um d'elles no seu particular, que na mesma hora, em que esta lhes fôr apresentada, ou seja manuscripta ou impressa, indo por nós assignada, subscripta pelo nosso illustrissimo e reverendissimo secretario e adjuncto, e sellada com o sello grande das nossas armas, lendo-a em plena communidade, convocada a som de campa, e fazendo registar nos livros das respectivas casas, onde fôr dirigida, logo em seu cumprimento façam cessar as sobreditas transgressões e escandalos, com todas e todos os que forem a ellas e a elles semelhantes, sem que para as palliarem, negociando de qualquer modo que seja, se possam valer de qualquer pretexto, titulo, côr, intelligencia, causa, occasião, ou modo, nem ainda por uma vez sómente; e posto que alguns dos ditos pretextos sejam, ou o da necessidade das respectivas egrejas, ou o de negociaram por interpostas pessoas, ou de interpretarem as referidas constituições apostolicas em sentido diverso do que se contém na sua litteral disposição, ou o de que necessitam de tempo para concluirem os negocios, em que se acham actualmente implicadas, porque todos os referidos effugios estão já reprovados pelas mesmas constituições apostolicas, acima indicadas, para sortirem o seu devido effeito, e se darem por nós á sua plenária execução, pelo que pertence aos ditos reverendos prelados, e religiosos da companhia de Jesus nossos subditos.

«Aos quaes declaramos pelas presentes lettras, que todas e cada uma das sobreditas negociações, posto que sejam licitas aos seculares, são torpes e illicitas a respeito

Embarque dos jesuitas no Alfeite

dos ecclesiasticos, porque a prohibição, que estes teem para commerciar, comprehende todas as negociações, que não sejam a compra das coisas necessarias, e a venda das superfluas, extendendo se ainda a dita prohibição até ás mesmas negociações, que provém das obras das proprias mãos, quando não são muito decentes aos religiosos [1]: Sendo ainda muito mais illicitas e mais torpes as ditas negociações, a respeito dos religiosos missionarios, que como taes missionarios, são ligados pelas disposições divinas, e constituições apostolicas, com os mais fortes vinculos, que por isso adstringem tambem indispensavelmente a nossa consciencia na commissão de que nos achamos encarregados, para não permittirmos a menor relaxação aos ditos respeitos.

«Pelo que tudo: mandamos outrosim, em virtude da santa obediencia, e debaixo da mesma comminação de declararmos todas, e cada uma das penas estabelecidas pelas mesmas constituições apostolicas acima substanciadas, que no termo peremptorio, e preciso dos primeiros tres dias, que contínua e repartidamente se seguirem na fórma de direito canonico á intimação, que d'esta lhes fôr feita, façam e venham declarar perante nós n'esta cidade de Lisboa, e fóra d'ella perante os nossos competentes subdelegados, as negociações de cambios de dinheiro, de transfretamentos de mercadorias, ou sejam seccas, das que servem ao uso e ornato das pessoas, das mesas, e das casas, ou sejam molhadas, das que servem para o alimento e sustentação da vida humana, em que presentemente se acham interessados, os cabedaes, effeitos e mercadorias, que, em razão das mesmas negociações, tem actualmente em ser, e as acções, que pelos titulos d'ellas pertencem a cada uma das respectivas casas religiosas, assim n'estes reinos, e seus dominios, como fóra d'elles, exhibindo ao mesmo tempo na nossa presença, e na dos nossos ditos subdelegados, todos os livros, cadernos e papeis, pertencentes ás mesmas negociações, que se acharem na jurisdicção, e no poder de todos e cada um dos sobreditos prelados, e de todos e cada um dos seus respectivos subditos. E declarando onde param aquelles dos sobreditos livros, cadernos e papeis, que se não acharem no poder, ou jurisdicção dos sobreditos prelados e seus subditos; e a razão, que houve para passarem para as mãos, onde se acharem aquelles que não couber na possibilidade, que sejam exhibidos, para que plenamente instruidos de tudo o referido possamos dar sobre as ditas negociações, cabedaes e effeitos d'ellas provenientes, as providencias do serviço de Deus, que forem mais confórmes ás determinações da santa sede apostolica, e ao bem espiritual da reforma a nós commettida por sua santidade.

«Dada na nossa residencia da Junqueira aos 15 de maio de 1758.»

E antes de um mez foram taes e tantas as provas juridicas accumuladas contra os jesuitas, que o mesmo cardeal se viu na necessidade de fazer publicar o seguinte edital:

JOSEPH CARDINALIS

PATRIARCHA I. LISBONENSIS.

«Por justos motivos, que nos são presentes, e muito do serviço de Deus, e do publico havemos por suspensos do exercicio de confessar e prégar em todo o nosso patriarchado aos padres da companhia de Jesus, por ora emquanto não ordenamos o contrario. E para que chegue á noticia de todos, mandámos passar o presente edital, que será fixado nas partes publicas desta cidade, e patriarchado. Dado no palacio de nossa residencia, sob nosso signal e sêllo, aos 7 de junho de 1758.

«*J. Cardial Patriarcha de Lisboa.*

«De mandado de S. Eminencia.—*Christovão da Rocha Cardoso.*»

Os jesuitas sentem-se irremediavelmente perdidos. Recorrem a valer-se do papa, e enviam-lhe, na esperança de puderem fazer suspender a syndicancia, — não se recordando do velho adagio português «que quem

[1] Esta é a uniforme tradição dos direitos, que refere Gonzal. *Telles ad Text. in dict. cap. secundum Instiuta, VI. Ne Clerici, vel Monachi, Num. 6 e 7.*

não deve não teme» —o seguinte memorial, d'uma importancia capital n'esta historia, e por isso o damos na integra:

«*Memorial presentado pelo padre geral da companhia de Jesus, a sua santidade em 31 de julho de 1578, tradusido do idioma italiano no portuguès.*

«Beatiss.^mo Padre.

«O geral da companhia de Jesus prostrado aos pés de v. santidade representa mui humildemente a extrema dor e sentimento que experimenta a sua religião pelas vozes espalhadas em Portugal, pois attribuindo delictos gravissimos aos religiosos, que vivem nos dominios de sua majestade fidelissima, se obteve um breve de Benedicto XIV de santa memoria, pelo qual nomeou reformador, e visitador com amplissimas faculdades o senhor cardial Saldanha, o qual breve não só se publicou pela impressão em Portugal, mas tambem na Italia. Em virtude do mesmo breve o eminentissimo visitador publicou um edito, pelo qual declarava universalmente aquelles religiosos reus de negociação. Além disto o senhor patriarcha, não obstante a constituição: *Superna*, *etc.* de Clemente X, que impede aos bispos a faculdade de prohibir a toda uma communidade religiosa, sem consulta da santa séde, a faculdade de confessar, suspender de prégar, e confessar a todos os religiosos da companhia existentes não só na cidade de Lisboa, mas em todo o patriarchado, não lhes intimando a elles mesmos a dita suspensão, mas fazendo affixar improvisamente o edito nas egrejas de Lisboa; do que tudo tem o geral em seu poder authenticos documentos.

«Os religiosos de Portugal soffrem estas execuções, que lhes são muito molestas, com a humildade e submissão que devem. Elles estão persuadidos da recta intenção de sua majestade fiidelissima, de seus ministros, e daquelles eminentissimos cardiaes, mas com tudo isto temem, que estes estejam artificiosamente preoccupados por pessoas malevolas; porque se não persuadem, que sejam reus de tão atrozes delictos, especialmente não tendo sido reconvindos em juizo, nem tido logar de produzirem as suas defesas, e desculpas.

«E quando finalmente sejam reus dos suppostos atrozes delictos, esperam que um crime tão grave não seja commum a todos, nem á maior parte, ainda que todos se vejam camprehendidos em uma mesma pena. E ultimamente quando fossem culpados desde o primeiro até o ultimo todos os religiosos assistentes nos estados de S. Majestade Fidelissima, (o que se não póde suppor) supplicam serem attendidos benignamente, com especialidade aquelles, que em todas as outras partes do mundo empenham suas fadigas, conforme a sua tenue possibilidade, em promover a honra de Deus, e a salvação dos proximos.

«A toda a religião se extende o descredito, e o damno: Ella aborrece os delictos, que se attribuem aos PP. de Portugal; e singularmente tudo aquillo, que possa offender os superiores, tanto ecclesiasticos, como seculares. E assim deseja e procura, quanto lhe é possivel, vêr-se livre daquellas faltas, a que está sujeita a condição humana, e especialmente a multidão.

«Certamente os superiores da religião, como consta dos registos das cartas escriptas e recebidas, sempre teem assistido sobre a mais exacta e regular observancia, assim de todas as outras provincias, como da de Portugal, e havendo tido noticia de outros defeitos, não tem chegado a saber os delictos, que se imputam áquelles religiosos. E assim não tem sido previamente admoestados, e requeridos para que lhes puzessem remedio.

«E depois que tiveram noticia de que aquelles padres tinham incorrido em offensa de sua majestade fidelissima, tem experimentado uma extrema dôr, tem supplicado se lhes dê uma noticia particular, assim dos delictos, como dos reus, offerecendo a sua majestade, que dariam a estes as penas merecidas, e que tambem enviariam, ainda que fosse de países extranjeiros, as mais aptas, e acreditadas pessoas da religião por visitadores, para tirarem os abusos, que se tivessem introduzido. Porém as humildes supplicas e offerecimentos dos superiores não teem sido dignos de serem attendidos.

«De mais accresce um grande temor de

que esta visita, em vez de ser util para a reforma, occasione disturbios inuteis; o que especialmente se teme nos países ultramarinos, para os quaes o eminentissimo senhor Saldanha está obrigado, e tem faculdade de delegar. Tem-se tomado a confiança em tudo o que o dito eminentissimo obra por si; mas parece, que se póde com razão temer, que nas delegações se encontrem pessoas pouco inteiradas dos institutos regulares, ou não bem intencionadas, das quaes se poderá occasionar um grande damno.

«Por tanto o geral da companhia de Jesus por si, e em nome de toda a religião, com humildes e efficazes supplicas implora a auctoridade de vossa santidade, a fim de que se digne dar providencia com aquelles meios, que o seu alto entendimento lhe suggerir para a indemnidade d'aquelles que estão innocentes, para que possam justificar suas acções, e para a justa e util emenda daquelles, que forem reus, e principalmente para o credito de toda a religião, para que esta não fique inutil a promover o serviço de Deus e a salvação das almas, a servir a Santa Séde; e imitar o santo zelo de vossa santidade, por quem assim o geral, como toda a religião pedirão a Deus o encha de todas as bençãos celestiaes por uma larga serie de annos, para adiantamento e prosperidade da Egreja universal».

«A este memorial respondeu a curia com o seguinte:

«*Parecer, que deu a congregação, sobre o conteúdo no memorial antecedente, tendo-lhe sido remettido por sua santidade, para que o examinasse.*

«Para tratar com fundamento o negocio respectivo aos padres jesuitas, que vivem nos dominios de el-rei de Portugal, é necessario pôr em claro a verdade dos factos. Os jesuitas foram accusados por muitos principios a esta Santa Sé pelas queixas de el-rei de Portugal. O Papa Benedicto XIV, admittiu a denuncia, e não podendo por si mesmo intender nesta causa, a commetteu ao eminentissimo cardial Saldanha, pessoa douta, e maior de toda a excepção, assim por sua dignidade a mais proxima ao papa, como pela maior facilidade para averiguar as materias e informar-se d'ellas, pela sua imparcialidade, achando-se desapaixonado e sem empenho por alguma das partes, como por ser este eminentissimo homem summamente exacto, cheio de verdadeiro zelo ecclesiastico, de devida submissão á cabeça da Egreja catholica, como se lê no informe do senhor nuncio.

«O referido senhor cardial, logo que recebeu o breve, que o declarava visitador da companhia de Jesus, elegeu por secretario da visita ao monsenhor Magalhães, um dos prelados d'aquella egreja patriarchal, pessoa de credito e litteratura, legista e canonista, como escreve o mesmo senhor nuncio.

«Foi intimado o breve juridicamente aos padres jesuitas, e se formou auto d'esta intimação. O provincial, e se crê tambem que o procurador da India, passaram a ver o senhor cardial, e o reconheceram por visitador. Depois de algum tempo o senhor cardial publicou o edito, em que declarou os padres da companhia reus de negociação e mercancia, o que se individúa com toda a especificação.

«Contra este edito se dirige o memorial, que se deve examinar ao presente e contém duas partes: uma de desculpa, e outra de supplica. A's desculpas se lhes deve dar aquella fé, e peso, que se dá a semelhantes memoriaes de reus, sabendo-se muito bem a grande difficuldade que padecem os homens em se confessarem delinquentes, e mais não se desculpando no fôro da consciencia, principalmente quando as desculpas, que se allegam, são a um soberano, que não tem formado processo, nem este se acha em alguma parte instruido. Se um delinquente condemnado no governo de Roma recorre ao papa, ainda que se trate de um delicto commettido á sua vista, não obstante isso o remette ao seu juiz. E não se póde, nem se deve proceder de outro modo, sem se inverter o curso da justiça, e desairar ao juiz, fazendo-o parecer ignorante ou pouco fiel. O mesmo pontualmente se deve dizer no presente caso, quando n'elle se quizesse metter a mão, antes de estar terminado o juizo, e dar ouvidos a desculpas do memo-

Malagrida prégando

rial, que se examina. E ainda urge mais esta razão, porque no citado memorial não são reus os que falam, senão os seus superiores, que confessam que ignoram o facto.

«Pôr as mãos ao presente tempo n'esta vizita (dado apenas o primeiro passo n'ella) seria uma grande injuria ao cardial vizitador; e se converteria em discredito, desdoiro da Santa séde, que lhe deu a faculdade executiva dos seus decretos; e isto *absque dilatione, quæ executionem quoquo modo impediat*. Se isto succedera, não se acharia quem quizesse executar semelhantes commissões.

«Vindo á segunda parte do memorial, que contém as supplicas, pede primeiro, que não sejam castigados os innocentes, o segundo, que se attenda á util e justa emenda dos delinquentes, o terceiro, que se salve o credito de toda a religião. Aos dois primeiros pontos, isto é, á impunidade dos innocentes, e á emenda dos culpados, está provido *ipso jure*, e com o juiz incorrupto, e illustrado, a quem esta causa se acha commettida. O que se podia duvidar é, se o juiz querendo observar o rigor das leis canonicas e civis, ás quaes se obriga, poderá contentar-se com a util emenda, sem ficar obrigado a proceder contra os delinquentes, applicando-lhes a util, justa e devida pena? Quanto ao terceiro ponto de se attender pelo credito da companhia, isto ficará nas mãos dos ditos religiosos, e especialmente dos prelados, os quaes se concorrem com toda a sinceridade a esta refórma, recuperarão o credito, que n'este tempo tem perdido entre os judiciosos, como se observa de tantos centos de livros; porém, se absolutamente o impedem ou retardam, será possivel enganar alguns poucos, porém, não ao publico, e assim se desacreditará mais que nunca, a religião da companhia.

«Pelo que respeita ao edito, que suspende a faculdade de prégar e confessar aos jesuitas, ignorando-se os motivos d'esta suspensão, pede toda a prudencia que se perguntem ao senhor nuncio e ao novo patriarcha, que averiguarão com novas diligencias a verdade, ou verosemilidade. E se entretanto se quizer conjecturar a verdadeira causa, se poderá dizer, que havendo-se pelo decreto do cardial visitador publicado authenticamente o universal, e certo commercio, que exercitavam aquelles padres, com o que manifestavam não fazer caso dos preceitos divinos, nem das doutrinas dos santos padres, dos canones, concilios, das bullas pontificias, julgaria o senhor patriarcha não poder fiar as almas dos fieis, de quem *non consulebat animæ suæ*, e de quem se podia dizer: *Medice, cura te ipsum*.

«Finalmente o parecer mais são seria remetter esta causa e os supplicantes com o seu memorial ao cardial visitador, para não inverter o curso da justiça, e não desairar um cardial tão digno, depois do primeiro decreto. Além de que não ha fundamento algum para dar um passo tão irregular, e tão pouco decoroso á Santa séde.

«Estes são os motivos de consciencia, conveniencia e justiça, deixando os politicos, que podiam empenhar esta côrte com a de Portugal, a qual não se sabe, se pacificamente permittiria transportar-se para cá um juizo começado no seu reino com auctoridade pontificia, e com acordo, e instancia sua.

«Omitte-se a instancia, que o citado memorial faz, para serem ouvidos, porque, tendo o cardial visitador procedido tão regularmente, parece impossivel se não tenham ouvido aquelles padres, porém se querem dizer outra coisa, é preciso que a produzam para ante quem se ache informado com as noticias do facto.

«Tambem é vão o temor de que o cardial visitador delegue em pessoas não bem intencionadas, ou ignorantes dos estatutos regulares; porque isso se chama pôr excepção ao juiz, e testemunhas antes de se saber quem elles sejam.»

Vendo-se os jesuitas seriamente atacados, recorreram ao seu meio decisivo, já tantas vezes empregado, isto é: — sentença de morte contra os seus inimigos. Cumpria exterminar o rei ou o ministro. A morte de qualquer d'estes seria um allivio para a companhia. A 3 de setembro de 1758, cinco meses quasi dia por dia que fôra expedida a bulla da reforma, o rei é ferido por uma bala, que se o não matou não foi por culpa dos jesuitas, nem dos que com elles conjuraram para isso.

# CI

## Expulsão dos jesuitas de Portugal

E' por demais conhecida a historia do attentado contra D. José.

Em a noite de 3 de setembro, o rei voltava, dizem, d'uma excursão amorosa de casa da marqueza de Tavora, quando, proximo já da Ajuda, e passando a seje que o conduzia pela extremidade norte das casas da Quinta do Meio, o boleeiro viu flammejar a escorva d'um bacamarte que errou fogo. Sem nada dizer ao rei e sem perder o sangue frio, o boleeiro metteu os cavallos a galope, e assim embaraçou os conspiradores, que em numero de onze se achavam escalonados em embuscada, de modo que o rei não pudesse escapar. Mas ao chegar a seje a uma outra embuscada, os conspiradores correram a galope, em seu alcance e como não poderam fazer pontaria, atiraram para a frente, indo parte das balas ferir o rei gravemente no braço direito, e outras desde o hombro ao cotovello.

D. José, sentindo-se ferido, para não perder mais sangue, mandou bater para casa do seu cirurgião-mór, que morava na Junqueira, livrando-se assim do fogo de outras embuscadas.

«O cocheiro, narra o sr. Pinheiro Chagas na sua *Historia de Portugal*, deu volta á carruagem, e partiu a toda a brida caminho da Junqueira. Morava neste sitio, n'uma casa que em outro tempo fôra um forte, o marquez d'Angeja, D. Pedro José de Noronha. Foi para ahi que D. José quiz ir. O marquez, accordado áquella hora adiantadissima da noite, recebeu com surpreza e temor o seu soberano ferido, fel o deitar na sua propria cama, e ahi se lhe fez o curativo. Reconheceu-se que as feridas, as cavidades, as dilacerações eram muitas, que da carga dos bacamartes muitas balas tinham penetrado no corpo d'el-rei, sendo seis de grossa munição. Terminado o curativo recolheu el-rei ao palacio d'Ajuda.»

Sebastião José de Carvalho, prevenido logo, fez fechar as portas do paço, e espalhar a noticia que o rei tinha dado uma queda que o impossibilitava de apparecer em publico. Mas, em segredo de justiça, mandou proceder a uma severa devassa, e mais de tres mezes depois do attentado, a 13 de dezembro de 1758, «foram cercados por tropas de infantaria e cavallaria as casas do marquez de Tavora, D. Francisco d'Assis, do conde d'Athouguia, D. Jeronymo de Athaide, do conde de Villa Nova, Manuel de Tavora, do marquez d'Alorna, D. João d'Almeida Porgual, do conde d'Obidos, D. Manuel d'Assis Mascarenhas, de D. Manuel de Sousa Calhariz, do desembargador Antonio da Costa Freire, e de muitas outras pessoas accusadas. Da mesma fórma tambem foram cercadas todas as casas conventuaes dos jesuitas.»

O processo continuou, e do depoimento de muitas testemunhas ficou indubitavel a intervenção dos jesuitas no attentado, e tanto que entre os muitos e bem deduzidos considerandos da sentença, que condemnou os conspiradores, além de outros que põe em evidencia a cumplicidade dos jesuitas, ha este

que por si só era mais do que sufficiente para a condemnação dos reverendos padres.

«Mostra-se mais ainda, em maior confirmação das provas, que n'estes autos se acham contra os ditos religiosos, e das que tambem contra elles resultam das presumpções de direito acima ponderadas, que todas as referidas provas se fazem de força invencivel, quando se considera, que ao mesmo passo, em que El-Rei nosso senhor foi desconcertando e desarmando aquellas machinações dos ditos religiosos, despedindo os confessores regios d'aquella profissão, e prohibindo a todos os outros religiosos d'ella o ingresso no Paço, se viu por uma parte, que quando, á vista de tantos desenganos, deviam humilhar-se, o fizeram tanto pelo contrario, que publica e descobertamente foram crescendo em arrogancia e soberba, jactando-se publicamente de que quanto mais o paço os desviava, mais a nobreza se lhes unia; ameaçando com egual publicidade castigos de Deus contra o mesmo paço; suggerindo por si, e pelos seus sequazes, até os fins do mez de agosto proximo passado, que a preciosissima vida de S. Majestade, havia de ser breve; avisando-o assim em repetidos correios a differentes paises da Europa; chegando a explicar, que o mez de setembro proximo passado havia de ser o termo da mesma augustissima, e preciosissima vida, e escrevendo Gabriel Malagrida a differentes pessoas d'esta corte os ditos funestissimos prognosticos em tom de profecia; e se viu pela outra parte contradictoria e repentinamente, que sendo prezos os réos d'esta horrivel conjuração na madrugada do dia treze de dezembro proximo precedente, logo no correio immediatamente seguinte de dezenove do referido mez de dezembro, escrevendo para Roma o provincial João Henriques, e outros dos seus religiosos, os quaes antes só escreviam as ditas arrogancias, soberbas, e profecias de castigos e mortes, uzaram no dito correio de dezenove de dezembro dos termos mais submissos, e mais humiliantes para avisarem: que se tinham prezo os marquezes de Tavora, e de Alorna, o conde de Atouguia, Manuel de Tavora, o duque de Aveiro, e outros pelo insulto de tres de setembro proximo passado; que tinham guardas militares as casas da sua religião; que os padres de Roma os encommendassem a Deus, como muito necessitavam; que não podiam contrastar o que temiam; que toda a communidade ficava muito afflicta, recorrendo aos exercicios do padre Malagrida; que o mundo os implicava no referido insulto de tres de setembro, e os sentenciava a prizões, exterminios, e total expulsão da côrte, e do reino; que ficavam nas maiores angustias, e na ultima calamidade, cheios de sustos e receios, sem algum alivio, nem esperanças n'elle, etc. Resultando da combinação d'estes dois contradictorios termos, de escrever assim na substancia, como no modo antes do referido insulto, e depois d'elle, não menos do que uma clara demonstração para se concluir: que antes do mesmo insulto se fiavam na conjuração, que abortou aquelle horrendo attentado, e na esperança de que elle produzisse o seu perniciosissimo effeito, para falarem e escreverem com tanta soberba temporal, e com tanta arrogancia espiritual, em tom de profecias funestas e sacrilegas; e que depois das prizões de treze de dezembro proximo passado, vendo-se descobertos, os que com elles se tinham conjurado, perdidos, e em termos de serem castigados, caira necessariamente toda aquella chimerica machina de soberba e de arrogancia no necessario desfalecimento, que traz comsigo a convicção da culpa, e a falta de meios para encobrir, e para sustentar o fingimento, com que é commettida.»

Emquanto os outros reus eram condemnados ás penas infamantes do cadafalso, Sebastião José de Carvalho, já conde de Oeiras, limitava-se a prender os padres Malagrida, Mattos e Alexandre, não porque não houvesse provas de sobejo contra elles, mas porque queria proceder em processo separado e de maiores consequencias.

Encarcerados aquelles tres padres no forte da Junqueira, Pombal fez prender muitos outros na quinta do duque d'Aveiro em Azeitão, onde ficaram incommunicaveis.

Ao mesmo tempo eram enviadas cartas regias aos chancelleres das relações de Lisboa e Porto, para pôrem em sequestro todos os bens moveis, e de raiz dos jesuitas, abonando-se-lhes por conta d'esses bens uma

quantia de dinheiro sufficiente para que não perdesse com o sequestro o culto divino, e outra para o sustento dos reverendos padres.

«Estas cartas regias foram communicadas egualmente aos prelados diocesanos, a quem se deu uma relação dos crimes dos jesuitas, para que preservassem as suas ovelhas do funesto contagio de taes erros, prohibindo-

auctorisação pedida, ao mesmo tempo que escrevia ao rei, implorando a sua clemencia com os criminosos, e que lhes concedesse a vida. Alem d'estes dois documentos o mesmo correio trouxe mais dois despachos do pontifice, um d'elles era uma carta em que o papa supplicava o rei que não expulsasse a S. J. dos seus estados, e se limitasse à mandar proseguir na visita e na reforma

Procissão do auto de fé do padre Malagrida

lhes a communicação com os ditos padres, que foram mandados evacuar das casas, dando-se plena liberdade de vida e de acção aos que não estavam sob a alçada da justiça.

Não querendo desrespeitar o soberano pontifice mandou-lhe pedir venia para desauctorar os padres Alexandre de Mattos e Malagrida, para serem entregues ao braço secular, a fim de serem punidos, segundo o crime que se lhes imputava. O papa, que ao tempo já era Clemente XIII, creatura dos jesuitas, concedeu pelo breve *Dilecti filii* a

ordenadas por Benedicto XIV; e o outro, um protesto antecipado de qualquer medida tomada alem ou em contrario das auctorisações da bulla *Dilecti filii*.

Mas, Pombal não esperou por estas auctorisações para seguir o plano que tinha traçado, tanto mais que elle estava informado de que o papa, dominado pelos jesuitas, nada de serio faria contra elles, e que todas as medidas que por acaso promulgasse não seriam no fundo senão pretextos para ganhar tempo. Enganava-se. Sebastião José de Carva-

lho não era homem para se deixar ludibriar por ninguem, muito menos por um jesuita, embora disfarçado com a tiara. E assim, em 28 de junho de 1759, promulgava um alvará pelo qual declarava funestos e perniciosos os membros da companhia de Jesus, pelas maximas que inoculavam no animo da mocidade e pela educação que lhe davam, terminando por prohibir o uso dos livros que até então eram lidos e por onde se estudava nas aulas.

E' nestas alturas que chega a Lisboa o breve *Dilecti filii*. Pombal mal o lê sente-se ferido no seu brio de português, e como ministro do rei repudia-o com violencia, e em resposta e desafio á curia lavra o decreto de expulsão dos jesuitas, que promulga a 3 de setembro de 1759, anniversario do attentado em que os jesuitas foram cumplices, como instigadores.

Eis esse famoso decreto na integra:

«Dom José por graça de Deus Rei de Portugal e dos Algarves, d'aquém e além mar, em Africa, senhor da Guiné e da conquista, navegação e commercio da Ethiopia, Arabia, Persia e da India, etc. Faço saber que havendo sido infatigaveis a constantissima benignidade e a religiosissima clemencia, com que desde o tempo em que as operações que se praticaram para a execução do tratado de limites das conquistas, sobre as informações, e provas mais puras e authenticas, e sobre a evidencia dos factos mais notaveis, não menos do que a tres exercitos, procurei applicar todos quantos meios a prudencia e a moderação podiam suggerir, para que o governo dos regulares da companhia denominada de *Jesus*, das provincias d'estes reinos e seus dominios, se apartasse do temerario e façanhoso projecto com que havia intentado e clandestinamente proseguido a usurpação de todo o estado do Brasil, com um tão artificioso e tão violento progresso, que, não sendo prompta e efficazmente atalhada, se faria dentro no espaço de menos dez annos inaccessivel e insuperavel a todas as forças da Europa unidas; havendo (em ordem a um fim de tão indispensavel necessidade) exhaurido todos os meios que podiam caber na união das supremas jurisdições, pontificia e regia, por uma parte reduzindo os sobreditos regulares á observancia do seu santo instituto por um proprio e natural effeito da reforma á minha instancia ordenada pelo santo padre Benedicto XIV, de feliz recordação, e pela outra parte apartando-os da ingerencia nos negocios temporaes, como eram a administração secular das aldeias e o dominio das pessoas, bens e commercio dos indios d'aquelle continente, por outro egualmente proprio e natural effeito das saudaveis leis, que estabeleci e excitei a estes urgentissimos respeitos. Havendo por todos estes modos procurado que os sobreditos regulares, livres da contagiosa corrupção com que os tinha contaminado a hydropica sede dos governos profanos, das acquisições de terra e estados, e dos interesses mercantis, servissem a Deus e aproveitassem ao proximo, como bons e verdadeiros religiosos e ministros da Egreja de Deus, antes que pela total depravação dos seus costumes viesse a acabar necessariamente nos mesmos reinos e seus dominios uma sociedade, que n'elles entrara dando exemplos, e que havia sido tão distinctamente protegida pelos senhores reis, meus gloriosissimos predecessores, e pela minha real e successiva piedade; e havendo todas as minhas sobreditas diligencias ordenadas á conservação da mesma sociedade sido por ella contestadas e invalidados os seus pios e naturaes effeitos por tantos, tão extranhos e tão inauditos attentados, como foram por exemplo, o com que, á vista e face de todo o universo, declararam e proseguiram contra mim nos meus mesmos dominios ultramarinos, a dura e aleivosa guerra, que tem causado um tão geral escandalo, e com que dentro no meu mesmo reino suscitaram tambem contra mim as sedições intestinas, com que armaram para a ultima ruina da minha real pessoa os meus mesmos vassallos, em quem acharam disposições para os corromperem, até os precipitarem no horroroso insulto perpetrado na noite de 3 de setembro do anno proximo precedente, com abominação nunca imaginada entre os portugueses, e o com que, depois que erraram o fim d'aquelle execrando golpe contra a minha real vida, que a divina providencia preservou

com tantos e tão decisivos milagres, passaram a attentar contra a minha fama a cara descoberta, machinando e diffundindo por toda a Europa, em causa commum com os seus socios das outras religiões, os infames aggregados de disformes e manifestas imposturas, que contra os mesmos regulares tem retorquido a universal e prudente indignação da mesma Europa. N'esta urgente e indispensavel necessidade de sustentar a minha real reputação, em que consiste a alma vivificante de toda a monarchia, que a Divina Providencia me devolveu, para conservar indemne e illeza a auctoridade, que é inseparavel da sua independente soberania, de manter a paz publica dos meus reinos e dominios, e de conservar a tranquillidade e interesses dos meus fieis e louvaveis vassallos, fazendo cessar n'elles tantos e tão extraordinarios escandalos, protegendo os e defendendo-os contra as intoleraveis lezões de todos os sobreditos insultos e de todas as funestas consequencias que a impunidade d'elles não poderia deixar de trazer após de si; depois de ter ouvido os pareceres de muitos ministros doutos, religiosos e cheios de zelo da honra de Deus, do meu real serviço e decoro, e do bem commum dos meus reinos e vassallos, que houve por bem consultar, e com os quaes fui servido conformar-me; declaro os sobreditos regulares na referida forma corrompidos, deploravelmente alienados do seu santo instituto e manifestamente indispostos com tantos, tão abominaveis, tão inveterados e tão incorrigiveis vicios para voltarem á observancia d'elle, por notorios rebeldes, traidores, adversarios e aggressores, que teem sido, e são actualmente, contra a minha real pessoa e estados, contra a paz publica dos meus reinos e dominios, e contra o bem commum dos meus fieis vassalos; ordenando, que como taes sejam tidos, havidos, e reputados; e os hei desde logo em effeito d'esta presente lei por desnaturalisados, proscriptos, e exterminados; mandando que effectivamente *sejam expulsos de todos os meus reinos, e dominios, para n'elles mais não poderem entrar:* e estabelecendo debaixo de pena de morte natural e irremissivel, e de confiscação de todos os bens para o meu fisco, e camara real que nenhuma pessoa de qualquer estado, e condição que seja dê nos mesmos reinos e dominios entrada aos sobreditos regulares ou qualquer d'elles, ou que com elles, junta ou separadamente, tenha qualquer correspondencia verbal ou por escripto, ainda que hajam saido da referida sociedade, e que sejam recebidos, ou professos em quaesquer outras provincias, de fóra dos meus reinos e dominios, a menos que as pessoas que os admittirem ou praticarem não tenham para isso immediata e especial licença minha. Attendendo porém a que aquella deploravel corrupção dos ditos regulares (com differença de todas as outras ordens religiosas, cujos communs se conservaram sempre em louvavel e exemplar observancia) se acha infelizmente no corpo, que constitue o governo e o commum da dita sociedade, e havendo respeito a ser muito verosimil que n'ella possa haver alguns particulares individuos, d'aquelles que ainda não haviam sido admittidos á profissão solenne, os quaes sejam innocentes, por não terem ainda feito as provas necessarias para se lhes confiarem os horriveis segredos de tão abominaveis conjurações, e infames delictos; n'esta consideração, não obstante os direitos communs da guerra e da represalia, universalmente recebidos, e quotidianamente observados na praxe de todas as nações civilizadas, segundo os quaes direitos, todos os individuos da sobredita sociedade, sem excepção de alguns d'elles, se acham sujeitos aos mesmos procedimentos, pelos insultos contra mim, e contra os meus reinos e vassalos, commettidos pelo seu prevertido governo; comtudo reflectindo a minha benegnissima clemencia na grande afflicção, que hão de sentir aquelles referidos *particulares*, que, havendo ignorado as machinações dos seus superiores, se virem proscriptos e expulsos, como partes d'aquelle corpo infecto e corrupto, permitto que todos aquelles dos ditos *particulares* que houverem nascido n'estes reinos e seus dominios, ainda não solennemente professos, os quaes apresentarem demissorias do cardial patriarcha visitador e reformador geral da mesma sociedade, porque lhes relaxe os votos simplices que n'ella houverem feito, possam ficar conservados

nos mesmos reinos, e seus dominios, como vassallos d'elles, não tendo aliás culpa pessoal provada que os inhabilite. E para que esta minha lei tenha toda a sua cumprida e inviolavel observancia, e se não possa nunca relaxar pelo lapso do tempo, em commum prejuizo uma tão memoravel e necessaria disposição, estabeleço que as transgressões d'ella fiquem sendo casos de devassa para d'ellas inquirirem presentemente todos os ministros civis e criminaes, nas suas diversas jurisdições, conservando sempre abertas as mesmas devassas, a que agora procederem, sem limitação de tempo e sem determinado numero de testemunhas, perguntando depois de seis em seis mezes pelo menos o numero de dez testemunhas, e dando conta, se assim o houverem observado, e do que resultar das suas inquisições, ao ministro juiz da inconfidencia, sem que aos sobreditos magistrados se possam dar por correntes as suas residencias, emquanto não apresentarem certidão do referido juiz da inconfidencia.

«E esta se cumprirá como contém. Pelo que mando á mesa do desembargo do paço, regedor da casa da supplicação, ou quem seu cargo servir, conselheiros da minha real fazenda e dos meus dominios ultramarinos, mesa da consciencia e ordens, senado da camara, junta do commercio d'estes reinos e seus dominios, junta do deposito publico, capitães generaes, governadores, desembargadores, corregedores, juizes e mais officiaes de justiça e guerra, a quem o conhecimento d'esta pertencer, que a cumpram e guardem, e façam cumprir e guardar tão inteiramente, como n'ella se contem, sem duvida ou embargo algum, e não obstantes quaesquer leis, regimentos, alvarás, disposições, ou estylos contrarios, que todos, e todos hei por derrogados, como se d'elles fizesse individual e expressa menção, para este effeito sómente, ficando aliás sempre em seu vigor. E ao doutor Manuel Gomes de Carvalho, desembargador do paço, do meu conselho e chanceller-mór d'estes meus reinos, mando que a faça publicar na chancellaria, e que d'ella se remettam copias a todos os tribunaes, cabeças de comarcas e villas d'estes reinos, registando-se em todos os logares, onde se costumam registar semelhantes leis, e mandando-se o original para a Torre do Tombo.

«Dada no palacio de Nossa Senhora d'Ajuda, aos 3 de setembro de 1759.

REI.

Depois d'este decreto comprehende-se que haja ainda jesuitas em Portugal?

Não se comprehende em face da nação e da legalidade; mas o que é infelizmente certo é que existem, multiplicando-se de dia para dia.

Em a noite de 16 para 17 de setembro, os cento e trinta e tres jesuitas encarcerrados na quinta de Azeitão, foram conduzidos em seges, no meio d'uma forte escolta de cavallaria, á margem do Tejo e ahi embarcados no brigue *S. Nicolau*, que se dirigiu para Civita-Vecchia. Pouco tempo depois houve nova remessa. Cento e vinte jesuitas entraram para bordo do brigue *S. Boaventura* que se fez de vella para Genova. Um temporal obrigou o navio a arribar a Livorno, onde o governador não consentiu que os padres desembarcassem. Depois veremos como as auctoridades pontificias receberam os padres expulsos de Hispanha.

O sr. Pinheiro Chagas, referindo-se a esta medida de Pombal escreveu: «Esta medida foi altamente justa, altamente sensata, altamente proveitosa para o pais, e, sem negarmos que podia ter havido menos aspereza na execução, nem por isso podemos deixar de confessar que esta resolução do conde de Oeiras foi uma das que mais o honraram, tanto que a Europa toda seguiu o seu exemplo.»

Portugal estava limpo d'aquella lepra.

O papa Clemente XIII, porém, não gostou da limpeza moral e religiosa feita pelo grande homem, e, ao primeiro pretexto, as relações diplomaticas romperam-se entre Lisboa e Roma, mas o nuncio é expulso de Portugal.

E mais uma vez ficou provado que a vida nacional pode perfeitamente continuar sem entraves, sem ter relações com a curia romana.

Chegada dos jesuitas hispanhoes a Civita Vecchia

# CII

## Malagrida

Como cumplice dos conspiradores que tentaram contra a vida de D. José I, já dissemos que fôra preso o jesuita italiano, Gabriel Malagrida. Este padre era por muitos considerado como santo, pelas suas exterioridades mysticas. Quando estivera missionando no Brasil o seu maior empenho fôra a fundação de conventos para mulheres, cujas pobres cabeças transtornava com practicas d'um mysticismo, que por mais d'uma vez se tornou suspeito, e que mereceu ser condemnado e perseguido pelas auctoridades civis. No povo tinha grande dominio, não só pelo caracter inflammado e colorido da sua eloquencia, como pela fama que fizera correr do seu thaumaturgismo. Os seus milagres foram numerosos tanto no velho como em o novo mundo. N'este, entre outros de mór nomeada, deu fala a um mudo; na Europa, ao chegar a Lisboa, e marchando sem leme e sem rumo o navio que o conduzia encalhou e elle, ao seu mando, o fez desencalhar e ir submisso e certeiro fundear na sua amarração!!

Os seus principaes trabalhos foram na America do Sul, principalmente entre o Amazonas e o rio S. Francisco. Em 1611 partiu para o Maranhão onde esteve até 1721. Em 1724 e 1726, encontramol-o entre os selvagens tabojaras, caicases, e guamaris; depois entre os barbados. De 1727 a 1728 lecciona litteratura no collegio de S. Luiz do Maranhão, faz nova excursão aos sertões; volta a professar simultaneamente litteratura e theologia. Passa á Bahia, vae a Pernambuco, torna ao Maranhão, e vem á metropole, demorando-se em Lisboa de 1749 a 1751. Volta de novo á America e em 1754 chega a Lisboa.

Estava aqui havia um anno, insinuando-se nas casas da primeira nobreza, e procurando acirrar os animos contra Sebastião José de Carvalho, quando, em 1 de novembro de 1755, Lisboa foi destruida pelo memoravel terremoto. Foi então que todos o viram com um crucifixo em punho, por entre ruinas, a prégar que era a justa ira de Deus que tinha determinado o cataclismo, e, com uma eloquencia fulminante, levar o terror ás almas, que tanto necessitavam de conforto e animação. No meio d'aquelle medonho desastre o jesuita nada encontrou de melhor do que organisar uma procissão expiatoria! Ao ruido incessante das derrocadas e dos desmoronamentos elle continuava insistindo nas insidiosas prédicas «contra os flagellos que assolavam o reino; e que estavam sendo o castigo merecido dos escandalos e desordens publicas.» Evidentemente o ministro de D. José era visado, senão claramente designado n'estas e n'outras objurgatorias. Depois, na sua alma de jesuita e de italiano não havia mais que fazer do que entregar-se o povo aos *exercicios espirituaes*. A casa onde os jesuitas juntavam os que desejavam fazer taes exercicios, estava de pé, e para alli seguiam os fanaticos que Malagrida conseguia arrebanhar. E durante um anno o jesuita continuou n'este embrutecimento dos espiritos.

Para se ver o odio com que os jesuitas se

referem sempre que podem ao marquez de Pombal, basta escrevermos apenas as seguintes linhas d'um panegirista de Malagrida, o padre Paulo Mury:

«Durante um anno inteiro, deu-se Malagrida sem ferias áquelle fructifero ministerio; se o instavam a repoisar-se, respondia: «não posso perder um instante do pouco tempo que me resta!

«E, na verdade, d'ahi a pouco, o zelo do velho missionario foi impedido pelas iniquas providencias de Sebastião de Carvalho.

«Alvorotado com o exito do seu inimigo, o ministro ambicioso soffria impaciente os sermões que encerravam a tacita censura do seu proceder; mas o seu furor transpoz os limites, quando viu o rei, a ponto de seguir os exercicios, com a rainha sua esposa e toda a familia real, sob a direcção de Malagrida. Bem sabia elle que estava perdido se o facto se désse, e que o rei, avisado de suas infamias, se esquivaria irremediavelmente á funesta influencia d'elle. Era decisivo o momento. O ministro cruel lançou mão da sua arma predilecta, a perseguição, para salvar o poder. Malagrida morrerá e com elle toda a companhia de Jesus [1].»

Este trecho prova a imbecilidade historica do padre Mury, ao mesmo tempo claramente indica que, por intermedio de Malagrida, os jesuitas conspiravam no paço contra o ministro, e em casa dos Tavoras contra o rei.

Não foram as prédicas de Malagrida que determinaram a expulsão da companhia; que a apressassem ou déssem mais um elemento d'accusação, sim, como já escrevemos.

Malagrida, quando a cidade começava a resurgir do acervo das suas ruinas, e crescia dia a dia a auctoridade do ministro de D. José, lembrou-se de fazer sair á luz um violento libello intitulado: *Juiso da verdadeira causa do terremoto que padeceu a côrte Lisboa, no primeiro de novembro de 1755, pelo padre Gabriel Malagrida da companhia de Jesus, missionario apostolico. Lisboa 1756.*

Este livro era uma ousadia do jesuita, destinada a contradictar um folheto que Pombal mandára publicar e acertadamente espalhar pelo povo, ensinando que o terremoto era unicamente devido a causas phisicas naturaes, embora imprevistas.

O provincial conheceu que o acto podia ir mais longe do que imaginaram, e deu ordem a Malagrida para se retirar para Setubal [1].

Mallc grado o attentado contra o rei, e preso por isso Malagrida no forte da Junqueira, ahi escreveu um livro intitulado a *Vida da Gloriosa Sant'Anna,* um acervo de dislates, em que elle se queria fazer passar por santo, narrando visões e colloquios, com a mãe da Virgem.

Pombal, então largou mão d'elle como conspirador, e entregou-o á inquisição como hereje [2].

---

[1] Traducção de Camillo Castello Branco. Possuo o original francês por onde Camillo fez a traducção, e, a titulo de curiosidade citarei duas das suas notas a lapis na margem d'este livro. No passo em que o auctor declara que os jesuitas morriam martyres nas prisões, o traductor escreveu: «Logo que os algozes lhes antecipavam o paraizo aos martyres não ha razão de queixa.» E no fim do capitulo, escrevendo ironicamente a interjeição O' Fé!..., termina «A Fé é uma coisa boa que tem a vida — e é boa porque não é nada. Tudo que tem uma existencia fóra da metaphysica é mau.»

[1] As datas teem uma força de logica incontestavel. O sr. Camillo Castello Branco diz que este folheto enfureceu por tal maneira o rancor do omnipotente ministro, que todos os exemplares apprehendidos e voluntariamente entregues foram queimados pelo algoz na praça do Commercio. Ora esta execução fez-se simplesmente em 1771, dez annos andados que Malagrida fôra queimado. O furor do marquez era tardio e excusado. A queima foi um resultado de simples expediente da Mesa Censoria.

[2] As proposições tão disparatadas como extranhas das obras de Malagrida intituladas, uma: *Vida heroica e admiravel da gloriosa Sant'Anna, dictada por Jesus e sua Santa Mãe*, e a outra: *Tractado sobre a vida e reinado do Antichristo*, eram, entre outras, fazer dizer ao apostolo: que «Santa Anna tinha feito antes de nascer os tres votos de religião: e que, para contentar todas as pessoas da Santissima Trindade, fizera voto de pobreza ao *Padre*, de obediencia ao *Filho*, e de castidade ao *Espirito Santo*, etc.

«Que haveria tres antichristos, o padre, o filho, e o sobrinho; que este nasceria no anno de 2920 em Milão; que esposaria Prosepina...»

Os defensores dos jesuitas dizem que, quem taes sandices escreveu, devia, quando muito, ser recolhido a um hospicio de doidos; esquecendo se que por muito menos os jesuitas, provocando a revogação do

Aconteceu mais que tendo tido Malagrida um companheiro na prisão, este o accusou como dado á pratica de costumes infames, e os juises declararam-o convencido do crime de impudicicia.

O processo correu seus tramites, e «segundo os termos da sentença, Malagrida era reu de heresia, de blasphemias, de falsas prophecias e de impiedades horrorosas; reu de abusar da palavra de Deus; de ultrajar a majestade divina, ensinando moral infame e escandalosa; de seduzir os povos com a pertinacia de sustentar até ao seu ultimo momento pretendidas revelações e condemnaveis heresias; de ter envidado todas as industrias para derramar em Portugal, e nos estados seus subordinados, as suas abominaveis doutrinas, etc.» Por taes e como herisiarca obdurado, convicto, fito, falso, confitente, revogante, impenitente, pertinaz e profitente, condemnado a ser sem demora degradado das ordens sacerdotaes e relaxado ao braço secular.

---

edito de Nantes, fizeram derramar o sangue de milhares de innocentes. Além de que a theoria da irresponsabilidade intellectual perante os tribunaes, é por tal forma moderna, que ainda hoje se condemnam á guilhotina irresponsaveis perante a sciencia.

O tribunal civil julgou reaes e provados os crimes sentenciados pela inquisição e condemnou Gabriel Malagrida a ser garrotado pela mão do algoz, e queimado na praça publica de Lisboa.

Aos 21 de setembro de 1761, ao entardecer do dia, realisou-se o supplicio no Rocio.

O sinistro cortejo caminhou illuminado pelas luzes tremulas e vermelhas dos cirios. As tropas occuparam as avenidas das ruas, e na tribuna regia o monarcha, a côrte assistiram ao sinistro desfilar da lugubre procissão, e atraz a figura majestosa, severa, implacavel do primeiro ministro.

Malagrida saiu de sambenito e coroça, com as mãos atadas para as costas, um freio de pau na bocca, entre dois frades benedictinos, e duas pessoas destinadas, segundo o usual, a servirem-lhe de padrinhos na cerimonia do auto da-fé. «Depois d'elle caminhavam mais cincoenta e dois condemnados; mas foi elle o unico estrangulado, o unico a padecer, n'aquelle sevo dia, morte cruel e infamissima.»

Assim que o fogo lhe consumiu as carnes, o carrasco tomou as suas cinzas e foi lançal-as ao mar.

Ganganelli — Clemente XIV

# CIII

## Expulsos de toda a parte

Expulsos os jesuitas de Portugal, a França tratou logo de nos seguir o exemplo, a Hispanha, as Duas-Sicilias e toda a Italia se prepararam para caminharem no mesmo sentido; a Allemanha annuncia que approva este procedimento, fazendo condemnar juridicamente o theologo da companhia; a imperatriz tem até já publicado um edito pelo qual tira a educação da mocidade aos socios dos Gabat, Molina e Busembaum. O edificio do jesuitismo está abalado até os alicerçes, fenda-se, desaba, e já quasi não existe. quando a mão do chefe do mundo catholico sancciona a sua ruina e abençôa os demolidores.

Antes de passar á epocha em que Clemente XIV se decide a sanccionar a morte do jesuitismo agonisante, devemos dar alguns pormenores rapidos sobre a sua expulsão em Hispanha.

Reinava Carlos III. Este monarcha, que foi durante muito tempo favoravel aos jesuitas, resiste primeiramente ás intenções do seu primeiro ministro, o conde de Aranda, que quer seguir os exemplos de Pombal e de Choiseul. Os jesuitas tinham-se agarrado com toda a energia de que os sabemos capazes á terra hispanhola. Quando Carlos III parece mais accessivel ás idéas que o seu primeiro ministro claramente expõe, sempre um movimento sedicioso, uma complicação politica qualquer lhe vem desviar a attenção, inquietal-o e, por vezes, acrisolar a affeição, por medo ou por interesse, aos reverendos padres, que dispunham as coisas de maneira a representarem um papel sympatico, no qual davam mostras da sua grande influencia e utilidade.

E' quasi certo que foram elles que fomentaram a revolta de 1760, chamada *dos chapeus;* pelo menos assim o affirmam os despachos de Choiseul. Alguns annos se passam n'estas singulares fluctuações. Depois, um dia, em toda a extensão do territorio hispanhol, na Europa, na Asia, nas duas Americas, os governadores das provincias recebem um officio real, sellado com tres sellos e fechado em tres sobrescriptos. No primeiro apenas se lia o nome da auctoridade a quem a missiva era dirigida, no segundo achavam-se escriptas estas palavras: «Sob pena de morte não abra o terceiro sobrescripto senão ao findar da tarde do dia 2 de julho de 1767.»

N'este dia, á hora fixa, aberto o terceiro sobrescripto, deixou vêr ás vistas assombradas dos executores das vontades reaes, um decreto de Carlos III, rei de Hispanha e das Indias, pelo qual, diz aquelle diploma: «he venido en mandar extrañar de todos mis dominios de España é Indias, islas Filipinas y demas adyacentes a los regulares de la compañia, asi sacerdotes como coadjutores ó lejos que hayan hecho la primera profission, y a los novicios que quisieren siguirles, y que se ocupen todas las temporalidades de la compañia en mis dominios, y para su ejecution uniforme en todos ellos he dado plena y privativa comision y autoridad, por otro mi real decreto de 27 de febrero, al conde de Aranda, presidente del consejo,

com facultad de proceder desde luego á todas las providencias correspondientes.

«Al tiempo que el consejo haga notoria en todos estos reinos la citada mi real determinacion, manifestará á las demas ordenes religiosas la confianza, satisfaccion y aprecio que me merecen por su fidelidad y doctrina, observancia de vida monastica ejemplar, servicio de la Iglesia, y acreditada instruccion de sus estudios y suficiente número de individuos para ayudar á los bispos y parrocos, en el pasto espiritual de las almas, y por su abstraccion de negocios de gobierno como ajenos y distantes de la vida ascetica y monacal.»

Por compaixão, o rei não declarava quaes os motivos por que extinguia a sinistra companhia, e estabelecia o regimen economico a que os jesuitas ficavam sujeitos. Prohibia «por via de ley y regra general» que jámais entrasse em Hispanha e seus dominios jesuita isolado, ou em communidade, sendo os infractores castigados «como pertubadores del sosiego público.»

Prohibia mais, que qualquer dos actuaes jesuitas, secular ou clerigo, ou que tivesse entrado para outra ordem religiosa, volvesse ao reino, sem auctorisação do monarcha; mais os prohibia de ensinarem, pregarem e confessarem, e bem assim a qualquer subdito seu, de pedir carta de irmão ao geral da companhia ou a outrem em seu nome, «pena de que se le trate como á reo de estado...» Outras mais prohibições do decreto constituiam a perfeita morte civil d'aquella gente[1].

Executado este severo decreto, começaram a affluir aos portos d'Italia navios carregados com os filhos de Loyola, expulsos dos vastos dominios da corôa de Hispanha. E cabe aqui contar um episodio extranho. As auctoridades do papa impediram que os navios desembarcassem a sua carga jesuitica. Em Civita Vecchia, fizeram fogo sobre os naevios, que foram obrigados a levantar ferro s a seguirem para o mar largo. Confessemo· que se o procedimento de Carlos III era severo, o do papa, que ao tempo era Clemente XIII, foi mui pouco evangelico.

Varias têem sido as explicações d'este singular e monstruoso acontecimento, e, entre outras, muitos jesuitas tiveram como certo, que tal recepção fôra obra do seu proprio geral, que queria simplesmente desembaraçar-se d'aquelles seus socios, que vinham sem recursos, com o espirito azedo, e aos quaes era preciso alimentar e proteger á custa dos cofres da companhia. Ao fim de seis mezes de errante navegação d'um porto para outro, estes exilados foram, por fim, recebidos na Corsega, por ordem do duque de Choiseul seu adversario.

Mas o que determinou esta repentina mudança do espirito de Carlos III? Parece certo que o rei se acabou por convencer que os jesuitas eram os auctores das perturbações que se manifestavam no seu reino. Sismonde de Sismondi, entre outros, assegura que Carlos III se convenceu que os loyolenses conspiravam para o destrhonarem em proveito de seu irmão D. Luiz, e que chegou a ter em suas mãos cartas que o provavam. O que é mais para notar é que Carlos III foi um catholico fervente e um dos mais respeitosos para a Egreja.

Clemente XIII supplicou-lhe que revogasse o decreto d'expulsão mas o rei foi surdo, e seis mil jesuitas hispanhoes sairam do seu reino. Aos mais instantes e incessantes pedidos do pontifice elle respondia «que para poupar ao universo um grande escandalo, se abstinha de denunciar o abominavel trama, que tinha determinado tal rigor; mas que Sua Santidade devia acreditar na palavra que elle lhe dava.» «A segurança da minha vida, ajuntava o monarcha, exige de mim um profundo silencio sobre este assumpto[1]».

---

[1] Na *Historia de la compania de Jesus en la Nueva Granada*, por José Joaquim Bordo, encontro descripta a maneira como os jesuitas receberam o decreto: «O padre provincial tomou em suas mãos o decreto, levou-o aos labios, collocou-o sobre a corôa, e depois de manifestar que lhe obedeciam como fieis vassalos, o assignaram com o escrivão e as testemunhas.» Quem quizer, que acredite nesta fingida humildade.

[1] Do archivo de Simancas desappareceram todos os papeis que se relacionavam com a expulsão dos jesuitas de Hispanha, ao que se suppõe, e com bons fundamentos, roubados por elles em 1814, quando o seu partido de novo triumphou n'aquelle país. Como ironia deixaram apenas as capas dos maços, nas quaes

Clemente XIII, essa triste creatura dos jesuitas, mais jesuita que todos os jesuitas, surdo aos clamores da christandade, resistia a tudo, e continuava, com desprestigio da cadeira de S. Pedro, a intervir, protegendo a negra cohorte, já condemnada na opinião publica como preniciosa não só á sociedade em geral, como ao proprio catholicismo em particular.

Mas Venesa, Parma, Modena, o eleitor da Baviera adoptavam as medidas de que Portugal, a França, Hispanha, e as Duas-Sicilias já tinham lançado mão, importando-se pouco com as excommunhões do pontifice.

A imperatriz Maria Thereza, que finge proteger o papa, no fundo não pretende senão contraminar a influencia dos Bourbons e apoderar se de Plasencia.

Comtudo os jesuitas, acreditando ainda n'esta protecção, e fiando-se nas suas proprias forças, vendo mais que, todas as vezes que Choiseul declara aos seus alliados a intenção de acabar por completo com a S. J., estes hesitam, os jesuitas, dizemos, impellem Clemente[1] ás ultimas extremidades, em risco de humilhar, como aconteceu, a cadeira de Pedro.

se lê ainda a relação do que continham. Assim o conta em nota o conde de Saint-Priest na sua *Histoire de la Chute des Jésuites au XVIII siècle.*

[1] *Carta confidencial de Choiseul a Grimaldi*, 2 *de junho de* 1767. É provavel que Pombal e Aranda quizessem esperar pela morte de Clemente XIII, prevendo que o papa que lhe succedesse fosse mais favoravel á justa causa que defendiam.

Não se attrevendo a atacar de frente os reis de França, de Portugal ou de Napoles, Clemente XIII decide-se a fulminar o pequeno soberano de Parma, que tambem tinha expulsado os jesuitas. Não só o papa excommungou o ducado, mas, revindicando velhos direitos, proclamou por uma bulla, que podia ser assignada por um Hildebrando, a deposição do duque Fernando de Parma. Os Bourbons de França, Hispanha e de Napoles sentiram a bofetada afrontosa, e immediatamente responderam com as mais ameaçadoras medidas: a França apoderou-se do condado Venaisino a 11 de junho; Napoles tomou posse egualmente de Benevente e de Ponte-Corvo. Taes medidas precipitaram os acontecimentos para uma solução, que podia ainda ter se demorado.

Determinado a vencer a resistencia do papa, e depois de ter feito entrar nos seus planos os seus collegas de Portugal e de Napoles, Choiseul acábou por apresentar, em 10 de dezembro de 1768, pelo embaixador de França, em nome dos reis da casa de Bourbon, uma memoria na qual era formalmente exigida a secularisação e a abolição dos jesuitas.

Clemente XIII, velho octogenario, verga ao peso d'esta imposição, que não lhe dá campo para recuar, e que ao mesmo tempo lhe demonstra o perigo que ha em querer caminhar em frente, d'alli por diante. Tomado d'um grande defluxo, que se aggrava, morre com um ataque apopletico.

# CIV

## Ganganelli

Treze dias apoz a morte de Clemente XIII, reuniu-se o conclave para lhe dar successor na cadeira de S. Pedro. Os jesuitas apressavam a eleição, porque tinham a certeza de que lhes seria favoravel, visto que a maioria do conclave era composta de prelados italianos seus apaniguados. Mas d'Aubeterre, embaixador francês, que recebia as suas instrucções de Choiseul, percebeu a conjura, e, em nome da França, da Hispanha e de Napoles, declarou que não consentiria que o conclave nomeasse papa, antes da chegada dos cardiaes franceses e hispanhoes.

Fac-simile de uma medalha cunhada em Roma por occasião da extincção dos denominados jesuitas em MDCCLXXXIII

O conclave submetteu-se e durou tres mezes.

Fac-simile d'outra medalha cunhada na mesma occasião

Durante este tempo, Ricci, o geral dos jesuitas, não teve um momento de descanço; os seus enviados e coadjutores não se apar-

tavam do lado das familias das eminencias enclausuradas; mil intrigas se tramavam dentro e fora do conclave, e só verdadeiramente o Espirito-Santo seria capaz de escolher aquelles que devia de inspirar para a eleição.

Entrementes, chega sem ser esperado a Roma o imperador José II, acompanhado por seu irmão Leopoldo da Toscana. Immediatamente o partido dos *zelanti* [1] lhe fez a honra de o introduzir no conclave... «Esta gente, disse depois o imperador, quiz examinar-me curiosamente como se eu fosse um rhinoceronte.» José enganava-se, *aquella gente* queria conquistar-lhe a protecção ou fingir que a tinha. O imperador foi tambem visitar o *Gran-Gesu*, e o geral da companhia aproveitou o ensejo para se lhe lançar aos pés que perguntou negligentemente ao jesuita «quando deve mudar de vestido?»

Por seu lado, os adversarios da seita negra não perdiam meio algum de combate. O cardial de Bernis negociava habilmente dentro de conclave; cá fóra tramavam se mil intrigas. Roma assistia a um espectaculo curioso, como ainda não tinha visto depois dos seus imperadores.

O mundo christão esperava.

Emfim, soube-se que tinha sido escolhido um papa, e que se chamaria Clemente XIV. Era o pontifice que ia eternisar gloriosamente o seu nome, ao lado dos maiores dos vigarios de Christo na terra, abolindo a companhia de Jesus.

«A Egreja, escreve de Theiner, tinha necessidade d'um anjo de paz, para salvar aquelles que estavam em perigo de morrer, para sarar as chagas do mundo social, restabelecer a concordia e reconciliar a Egreja com os povos e com os reis. Deus lh'o enviou na pessoa de Lourenço Ganganelli — Clemente XIV.

O novo successor de S. Pedro chamava-se Lourenço Ganganelli, antes da sua exaltação. Como nascera em Santo-Archangelo, a 31 d'outubro de 1705, tinha, portanto, pouco mais de sessenta e tres annos quando foi eleito a 19 de maio de 1769. Gosava d'uma saude robusta, e parecia destinado a reinar na cadeira de S. Pedro tanto tempo como o apostolo de Christo. E, comtudo, cinco annos andados da sua exaltação, Clemente XIV morria, e morria porque tinha por fim assignado a destruição dos jesuitas, e porque um d'esses *acasos,* que tantas vezes registámos nas paginas d'este livro, se encarregava de vingar os sinistros discipulos de Ignacio de Loyola...

Lourenço Ganganelli era de familia ple-

[1] O conclave achava se dividido em varios partidos, sendo porém predominantes o dos *zelanti* e o dos cardiaes das côrtes. O padre Augustinho Theiner, na obra a que já alludimos, referindo-se a estas duas fracções cardinalicias, escreveu: «A attitude que os cardiaes do partido das côrtes tomaram no conclave foi nobre e digna. Elles nunca propuzeram, ou se o fizeram foi rarissimas vezes, os homens da sua opinião, na certeza de os verem desde logo afastados pela força reunida dos dois potentes partidos contrarios. Poucas vezes, e sem exito, tinham tentado propôr os dignos cardiaes Sersale, André Corsini, Negroni e Caraccioli, os quaes em capacidade e qualidades moraes não eram inferiores a nenhum dos candidatos do partido contrario. O partido dos *zelanti*, tão estreitamente unido nas suas *esquadras* ou fracções, Albani e Rezzonico, se mostrou e se manteve em firme e cerrado no campo eleitoral até o ultimo momento. Ora se os chefes d'estas duas divisões do mesmo partido se tivessem sinceramente entendido entre si, desde o começo da lucta, teriam, desde logo e com a maxima facilidade, assegurado o exito da eleição dos seus candidatos; mas as suas diversidades de vistas, *que eram menos fundadas sobre as suas convicções que sobre interesses e considerações humanas*, dividiu as suas forças e fez naufragar todas as tentativas, apesar das mais brilhantes esperanças, e dos favoraveis acasos. Não foi assim, porque a Providencia em seus designios tinha determinado o contrario. Os cardiaes das corôas, ao contrario, tiveram sempre, um modo de proceder passivo e negativo: passivo, nunca propondo, e negativo, rejeitando aquelles que eram propostos pelos seus adversarios, e impedindo as suas eleições pelo meio que lhes permittiu a sua posição sagrada; isto é, não lhes dando os seus votos. Os *zelanti* não procederam assim, e não hesitaram em se servirem dos meios velhacos, da astucia, nem tão pouco da baixeza, para abaterem os cardiaes das côrtes e roubar-lhes toda a esperança de successo, mal viam que estes tinham a mais pequena probabilidade de exito, e que, conservando-se sempre nos seus entrincheiramentos, não saiam d'elles senão para previnirem aggressões, e nunca para fraudulentamente conseguirem a victoria. Em todas as candidaturas que propuzeram ao conclave portaram-se sempre com uma tal circumspecção e uma tão grande moderação, que se pode dizer que quasi só as suggeriam, sem nunca insistirem.

bea, e entrara cedo para a ordem de S. Francisco. Diziam que era simultaneamente ingenuo e ambicioso; parece que até tivera tenção de tomar o nome de Sixto VI, por occasião da sua exaltação, em memoria de Sixto V, que por mais d'uma vez tomára como modelo. Ganganelli, eleito papa, mostrou-se digno da sua alta situação. Foi realmente um dos papas mais virtuosos que se tem sentado na cadeira de S. Pedro. «Educado nos principios d'uma sã philosophia, teria, se o não teem assassinado, reconciliado os povos com as doutrinas da Egreja romana, reconciliando esta com a rasão.» Foi elle que terminou com o costume que havia em Roma de se lêr na Quinta-feira Santa, a famosa bulla *in Coena Domini*, que proclamava a supremacia dos papas sobre os reis e chefes dos povos, acto que muito indignou os *zelanti*, e o seu cortejo de fanaticos.

Affirmam os historiadores que a suppressão d'esta bulla, insultante para as realezas, foi determinada por Ganganelli afim de dispôr os reis de Hispanha, de França e de Napoles a não apertarem muito com elle no negocio da destruição dos jesuitas, que tinha tomado uma feição que o atemorisava. Os reverendos padres como que eram senhores de Roma. Não havia casa nobre ou rica onde não tivessem entrada e predominio e ás vezes até condominio; sendo como eram mordomos do marido, confessores da mulher e mestres dos filhos! Faziam as honras da mesa, e davam ordens tanto na cozinha como na sacristia, tanto no theatro como nos tribunaes.

E', pois, facil de comprehender que o novo papa temia abertamente uma tão numerosa legião, cujos chefes não se escondiam para clamarem alto e bom som que não cairiam sem vingança. Choiseul ria dos medos do papa; Carlos III, que os tomava a serio, offereceu a Ganganelli fazer desembarcar um exercito em Civita-Vecchia. Além d'isso, Clemente XIV tinha a desgraça de ter sido protegido pelos jesuitas antes da sua exaltação. Parece que o seu desejo seria diferir, se não demorar indefinidamente, a abolição do Instituto. Julgou ter encontrado pretexto para isso, por occasião da queda de Choiseul, em fins de 1770; occasião em que, dizia-se, Luiz XV tinha resfriado muito na questão do jesuitismo. Uma nova amante, a famosa Joanna Vaubernier, chamada a condessa Dubarry, protegia os filhos de Loyola, cujas piedosas pennas empregavam os melhores dos seus aparos nos elogios á favorita. Affirma-se até que a queda de Choiseul e o favor da Dubarry causaram aos jesuitas uma alegria indescriptivel, e não só sonharam com o seu restabelecimento em França, como já traçavam um plano completo de vinganças e perseguições.

Em Roma, debatiam-se com uma violencia extrema contra o papa, e renovavam com uma amplitude notavel as phantasmagorias com que já tinham querido actuar tanto no seu animo como no do seu povo impressionavel e credulo... «Estampas insultantes, quadros hediondos, ameaças altamente formuladas, diz um escriptor catholico, annunciavam ao papa uma catastrophe proxima, sob a forma d'uma vingança providencial.» Ao mesmo tempo, mão anonyma impellia para o meio de Roma uma aldeã de Valentano, chamada Bernardina Beruzzi, que, elevada á categoria de prophetisa, do alto das sete colinas da cidade eterna, annunciava a proxima vacancia do throno pontificio.

Um dia, numa das columnas do palacio pontificio, a feiticeira, cercada por uma multidão impressionada, escreveu estas mysteriosas lettras:

P. S. S. V.

Todos perguntaram o que significavam, e Clemente XIV, diz-se, foi o primeiro a decifrar o enigma: «*Presto Sara Sede Vacante*. Bem depressa vagará o throno do papa!» disse elle com voz surda.

A cidade eterna vivia sob uma atmosphera de terror, preparada pelos jesuitas, e que cercava, mais intensa e pesada, a pessoa do papa; e tal foi, que este se viu obrigado a retirar para Castel-Gandolfo, com um amigo fiel da infancia, o frade franciscano Francisco, de cujas mãos recebia a comida com que se alimentava.

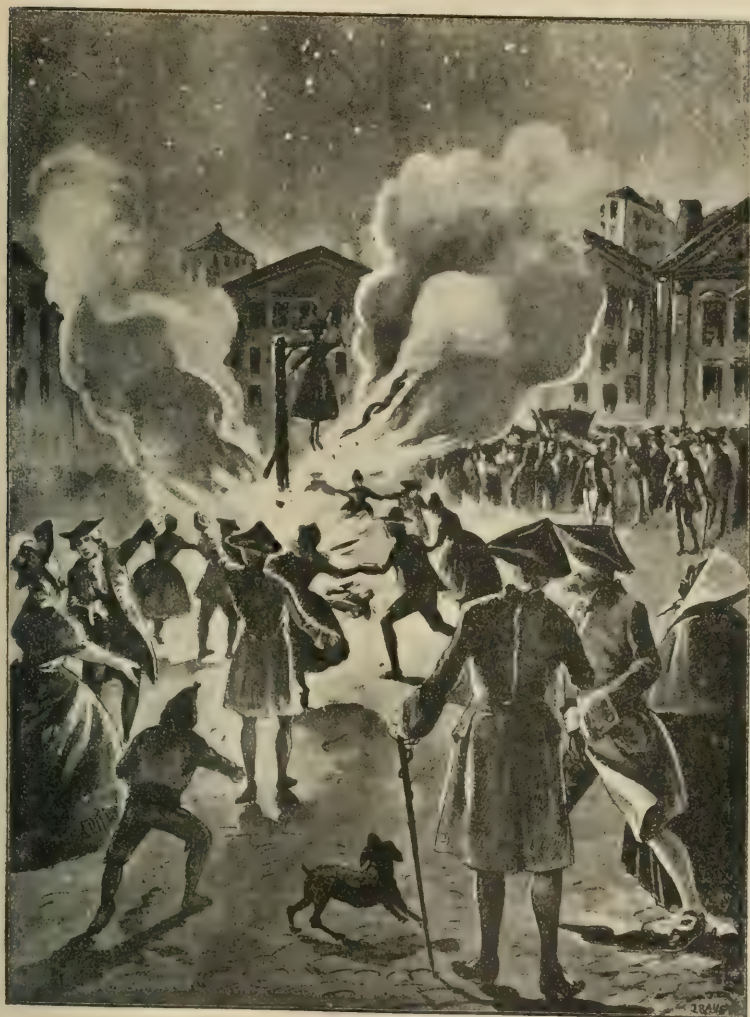
Comtudo o rei d'Hispanha continuava a exigir cada vez mais formalmente a destrui-

ção dos jesuitas. Em vão Ganganelli lhe communicava os seus receios, e lhe pedia que, ao menos, se esperasse pelo fallecimento do actual geral da ordem, o padre Ricci; mas o ministro hispanhol, em Roma, o conde de Florida Blanca, respondia friamente: «o unico remedio para acabar com a dôr d'um dente é arrancal-o pela raiz!» Ganganelli, cobrando animo, prometteu resolver o problema. Como balão d'ensaio, publicou um breve permittindo aos particulares transferirem para os tribunaes ordinarios todos os processos de ha muitos annos pendentes contra os jesuitas, e suspensos por ordens superiores. Porque, coisa ex tranha e monstruosa, os jesuitas, essa boa e piedosa gente, tinham conseguido não ser de modo algum sujeitos a qualquer lei! Um dos seus gabava-se de que a companhia não tinha perdido um unico processo em Roma. O que seria na realidade difficil, visto que ninguem podia pleitear contra elles!...

Assim que Clemente XVI sujeitou os jesuitas aos tribunaes ordinarios, quasi que Roma em peso se mostrou adversaria dos santos homens.

Milhares de processos se intentaram e puzeram a descoberto as dividas dos jesuitas; a sua maneira de as contractar e de as pagar ou antes de não pagar; os estragos e má administração nas suas casas e collegios, emfim, todas as desordens d'um instituto, que se esboroava por todos os lados.

Então o papa nomeou tres visitadores encarregados de examinar o famoso *Collegio Romano*. Foi aqui onde se verificou a mais completa desorganisação, e onde se encontraram as provas das extremas desordens da companhia. Os visitadores apostolicos confiscaram-lhe as propriedades, que foram hypothecadas aos credores, fizeram recolher os objectos preciosos ao Monte-Pio, e mandaram vender em leilão um enorme deposito de varias provisões que estam armasenadas. As mesmas providencias foram tomadas em relação aos estabelecimentos jesuiticos de Frascate e de Tivoli. Outros visitadores foram nomeados para as legações. O arcebispo de Bolonha, o cardial Malvezzi, foi o primeiro que se decidiu a proceder contra elles; fez-lhes fechar os collegios da sua diocese, mandou os alumnos para casa de suas familias, prohibiu-os do ensino publico, e mandou prender alguns que o mereciam.

Taes medidas, não tendo feito desencadear a tempestade que Ganganelli temia, apertado ainda mais pela Hispanha, socegado pela attitude da Italia, que viu com bons olhos estas primeiras medidas contra a seita negra, e levado principalmente pela crença intima, sincera e justa de que o jesuitismo tinha passado o seu tempo, e que começava a ser funestissimo á causa da Egreja e á dos povos, decidiu-se a vibrar o golpe tremendo, que os jesuitas imaginavam estar afastado d'elles por muito tempo ainda.

Fogueiras de regosijo em Lisboa pela extincção dos jesuitas

# CV

## A suppressão da companhia de Jesus

Na antevespera do Espirito Santo, a 28 de maio, o papa começou a preparar-se, pela oração, para o grande acto que ia realisar. No seu retiro de quinze dias, sómente assistiu ás cerimonias religiosas, e não concedeu audiencia a ministro algum das diversas côrtes, afim de poder, na calma e no recolhimento do seu coração, implorar mais efficazmente a assistencia de Deus. No mesmo sentido cortou toda a communicação com o mundo exterior; dois dias antes do dia de S. Pedro, recusou-se dar audiencia a quem quer que fosse, a não ser ao secretario d'Estado.

Este viver mysterioso do santo-padre causou geral admiração, e todos concluiram d'elle que a solução definitiva estava para breve. O papa trabalhava no maior segredo, com o cardial Zelada, na redacção do breve da sociedade de Jesus, breve cujo plano já tinha esboçado desde 22 de novembro do anno precedente, e que subscreveu a 21 de julho de 1773, sem comtudo o publicar desde logo [1].

A 4 d'agosto d'esse anno, isto é, quinze dias depois de sobrescripto o breve, nenhum embaixador suspeitava de tal, nem sabia palavra ácerca da desejada suppressão; e foi sómente a 17 que os embaixadores das côrtes da casa de Bourbon, tiveram a certeza que a suppressão da companhia de Jesus era facto consummado.

Pelas 9 horas da tarde, o papa fez dar communicação official do breve da suppressão ao geral da companhia de Jesus, na casa professa de Roma, e d'elle fez ouvir a leitura em presença de todos os padres que alli se achavam reunidos. O encarregado d'esta missão de limpeza moral e religiosa foi monsenhor Macedonio, secretario da congregação *Pro rebus extinctæ*, que se tinha feito acompanhar de soldados e agentes policiaes, que ficaram no exterior do edificio guardando as portas, e d'outros que entraram, para evitar as violencias com que os jesuitas ameaçavam o delegado do vigario de Christo.

A mesma hora, outros delegados pontificios intimavam o breve a todos os restantes collegios e casas que os jesuitas possuiam em Roma. Os archivos, sacristias e procuradorías foram fechados e sellados, e os jesuitas prohibidos, até nova ordem, de qualquer funcção ecclesiastica, taes como prédica e confissão, e interdictos de sairem das suas casas.

N'essa mesma noite o cardial Corvini, con-

---

[1] Conta-se, e já alludimos a isto, que o papa, tendo assignado o breve, elevara os olhos ao ceu e dissera: «Não me arrependo do que fiz; e, se fosse necessario de novo o faria. Mas esta supressão me dará a morte» Os jesuitas, e principalmente o famoso Cretineau-Joly, que ultimamente tem feito alguns discipulos em Portugal, famintos á babuje do que os de Loyola podem atirar-lhes, teem contado a historia da suppressão a seu modo, calumniando o papa e publicando quantas injurias, mentiras e perfidias lhes suggeriram os que os encarregaram do triste mister de defender uma ordem que, antes de ser condemnada por um papa, já o estava pela opinião.

duziu, no seu coche, o geral ao collegio inglês.

No dia seguinte, 18 d'agosto, as egrejas eram ministradas por clerigos seculares umas, e outras pelos frades capuchos de S. Francisco. Os cardiaes nomeados pelo papa tomaram posse das differentes casas jesuitas de Roma, e durante este acto, os membros da congregação *Pro rebus extinctæ*, reuniram-se no palacio Carafa, situado na vizinhança da casa professa dos jesuitas, para daram as providencias necessarias, para os proteger, caso o povo se manifestasse em desordem. Mas a população de Roma encarou o acontecimento com a mais completa indifferença.

O papa deu ordem immediata ao seu thesoureiro para que mandasse fazer, á custa da camara apostolica, vestuario de padres seculares para todos os jesuitas presentes em Roma; os quaes, assim que se vestissem como outro qualquer clero, deviam deixar as suas casas, á excepção dos velhos e dos doentes, que ahi puderam ficar, e foram tratados com a maxima caridade. O proprio papa vigiou tudo com um cuidado verdadeiramente paternal.

O breve não foi afixado pelo *cursor* pontificio nos logares do costume; teria sido inutil, ridiculo e cruel prehencher esta formalidade perante uma tão solenne intimação.

Na impossibilidade de transcrevermos esse importante diploma na integra, faremos d'elle um largo extracto.

Clemente XIV recorda em primeiro logar que Innocencio III, no quarto concilio geral de Latrão, prohibiu se augmentassem as ordens religiosas;

que Gregorio X confimou a prohibição de Innocencio III;

que Clemente V, Pio V, Urbano VIII, Innocencio X e Clemente IX tinham supprimido ordens religiosas.

Chegando aos jesuitas, constata o breve que muitos papas tentaram em vão, por varias vezes, corrigir os abusos e as desordens d'estes religiosos, bem como as perturbações que constantemente traziam ao culto, e o prejuiso social pela moral perniciosa que professavam.

E continuou:

«Tendo nós, pois, applicado tantos e tão necessarios meios, ajudados, como confiamos, da assistencia e inspiração do Espirito Santo, e obrigados da necessidade, em que nos pôz o nosso cargo, que é conciliar, fomentar e roborar com todas as nossas forças a paz e tranquillidade da republica christã, e de remover tudo o que lhe póde servir do mais leve detrimento, tendo tambem considerado, que a dita companhia de Jesus não só não poderá jámais produzir aquelles abundantes e copiosos fructos e proveitos, para que foi instituida e para que foi por nossos predecessores approvada com muitos privilegios; mas que antes persistindo ella salva e permanente, ou é muito difficultoso, ou é de todo impossivel que se restitua e se conserve por muito tempo na Egreja a verdadeira paz; por issso, movidos d'estas gravissimas causas, e compellidos de outras razões de egual peso, que tanto ás leis da prudencia, como o melhor governo da Egreja universal nos suggerem e que temos muito presentes impressas na memoria, seguindo os passos dos mesmos nossos predecessores e principalmente os do sobredito Gregorio X no concilio geral de Leão, (visto tratar-se agora tambem de uma ordem, qual é a da companhia, que tanto pelo seu instituto, como ainda pelos seus privilegios, pertence á classe das mendicantes), com maduro conselho e certa sciencia, e com a plenidão do poder apostolico, EXTINGUIMOS, SUPPRIMIMOS, a tantas vezes mencionada companhia. ABOLIMOS E ABROGAMOS todos e cada um de seus officios, ministerios e administradores, e casas, escolas, collegios, hospitaes, granjas e quaesquer logares existentes em qualquer provincia, reino e dominio, de qualquer modo que lhe pertençam, todos os seus estatutos, costumes, decretos, constituições, ainda que se achem roborados com juramento, confirmação apostolica, ou de outro qualquer modo; outro sim todos, e cada um de seus privilegios e indultos, geraes ou especiaes, cujos theores pelas presentes queremos que se dêm aqui por plena e sufficientemente expressas, como se n'ellas fossem insertos palavra por palavra, sejam quaesquer que forem as formulas, clausulas, irritantes e

quaesquer vinculos e decretos, em que estejam concebidos. Egualmente declaramos por cassada para sempre e por totalmente extincta toda e qualquer auctoridade do proposito geral, dos provinciaes, dos visitadores e de todos os outros quaesquer superiores da dita companhia, tanto no espiritual como no temporal, e transferimos para os ordinarios dos logares totalmente e de toda a sorte essa mesma jurisdição, auctoridade, pelo modo e circumstancias de casos e pessoas, e debaixo d'aquellas condições, que ao deante explicaremos, prohibindo como pelas presentes prohibimos, que jámais entre pessoa alguma na dita companhia, ou seja n'ella admittida á roupeta e noviciado, e que os que até agora n'ella entraram, de nenhum modo possam ser admittidos á profissão de votos simples, ou solennes, sob pena de nullidade da admissão e profissão, e debaixo de outras a nosso arbitrio. Mas antes pelo contrario queremos, ordenamos e mandamos, que os que agora e actualmente se acham no noviciado sejam logo immediatamente despedidos. E da mesma sorte prohibimos, que os que fizerem profissão de votos simples e não teem ainda recebido alguma das ordens sacras, possam ser promovidos a essas mesmas ordens maiores, com o pretexto, ou titulo, ou da profissão que já fizeram na companhia, ou dos privilegios, que contra os decretos do concilio de Trento lhes foram concedidos.

«E porque todos os nossos cuidados se encaminham a que assim como desejamos attender pelas utilidades da Egreja e tranquillidade dos povos, da mesma sorte procuremos dar algum genero de consolação e soccorro a cada um dos individuos, ou socios da mesma companhia, cujas pessoas em particular amamos paternalmente em o Senhor, porque livres de todas as contendas, discordias, e afflicções, de que até agora se viram vexados, possam cultivar mais proveitosamente a vinha do Senhor, e utilizar melhor as almas; por isso determinamos e mandamos que os socios professos sómente de votos simples, e que ainda se não acham com ordens sacras, dentro do espaço de tempo, que os ordinarios dos logares lhes devem assignar, e que fôr sufficiente para que entretanto acharem alguma occupação, ou officio, ou algum benevolo receptador, (o qual tempo todavia não exceda o de um anno começado a contar desde a data d'estas nossas presentes lettras) absolutos de todo o vinculo dos votos simples, devam impreterivelmente sair das casas, collegios da mesma companhia, para haverem de tomar aquelle modo de vida que julgarem que é mais conveniente á vocação, forças, e consciencia de cada um d'elles, pois que ainda, segundo os privilegios da companhia, podiam estes taes ser d'ella despedidos, sem mais outra causa, que os superiores tivessem por mais conforme á prudencia, e ás circumstancias, sem proceder citação, sem se fazer processo e sem se guardar ordem judicial alguma.

«A todos os socios, porém, promovidos já a ordens sacras damos licença e faculdade para saírem das mesmas casas e collegios, para que ou se recolham a alguma das religiões approvadas pela Sé Apostolica, onde devem cumprir com tempo de approvação, que prescreve o concilio de Trento, se tiverem feito na companhia profissão de votos simples; se porém a tiverem feito tambem de votos solennes, terão sómente seis mezes de noviciado, e para isso dispensamos com elles benignamente; ou para que fiquem no seculo, como presbyteros e clerigos seculares, debaixo da omnimoda e total obediencia e sujeitação aos ordinarios, em cuja diocese estabeleçam domicilio; determinando além d'isso, que os que d'este modo ficarem no seculo se lhes assigne para sustentação (em quanto de outro modo não forem providos) certo estipendio das rendas das casas ou collegios, onde houverem sido moradores, tendo-se com tudo respeito assim ás rendas d'ellas, como com os encargos, que lhes são annexos.

«Os prelados, porém, constituidos em ordens sacras, que levados do temor de não acharem de que honradamente se sustentem por falta de congrua, e os que ou porque não tem onde fixem o seu domicilio, ou por causa da velhice e enfermidade, ou por outra alguma causa justa, e grave, julgarem que lhes não será bom deixarem as casas ou collegios da companhia, estes taes poderão ficar n'ellas, debaixo da condição com-

Ultimos momentos de Clemente XIV

tudo, de não terem administração alguma das ditas casas ou collegios, de usarem sómente do habito de clerigos seculares, e de viverem inteiramente sujeitos ao ordinario dos respectivos logares. Prohibimos-lhes porém inteiramente, que em logar dos que forem faltando, substituam outros, que adquiram de novo alguma casa, ou algum logar, na fórma dos decretos do concilio de Leão; e além d'isso que possam alienar as casas, bens, e logares que agora tem. Mas antes se ajuntarão em uma só casa, ou em mais algumas, conforme o numero dos socios que ficarem, de sorte que as casas vacuadas se possam converter em usos pios, segundo o parecer que é mais conforme aos sagrados canones, á vontade dos fundadores, ao augmento do culto divino, á salvação das almas, e á utilidade publica, attendidas as circumstancias do logar e do tempo, e entretanto se determinará algum sujeito do clero secular, dotado de prudencia e bons costumes, que tenha á sua conta o governo das sobreditas casas, extincto e supprimido inteiramente o nome de companhia.

«Declaramos que aquelles individuos da dita companhia, que já se acham expulsos de quaesquer paises, a que pertencessem, ficam egualmente comprehendidos n'esta geral suppressão da mesma companhia. Por tanto queremos que os sobreditos expulsos, ainda quando se áchem promovidos ás ordens maiores, no caso de não passarem para outra ordem regular, sejam reduzidos *ipso facto* ao estado de clerigos, e presbyteros seculares, e vivam inteiramente sujeitos aos ordinarios dos logares.

«Os ditos ordinarios dos logares, se acharem nos que do regular instituto da companhia de Jesus tiverem passado, em virtude das presentes ao estado de presbyteros seculares, aquella virtude e inteireza de costumes que é necessaria, poderão a seu arbitrio conceder-lhes ou negar-lhes licença ou de ouvirem as confissões sacramentaes dos fieis christãos ou de lhes prégarem publicamente a palavra de Deus; sem a qual licença, dada por escripto, nenhum d'elles se atreverá a exercer estes ministerios. Esta mesma faculdade comtudo, pelo que toca ao exercicio d'ella para com os extranhos, nunca os mesmos bispos ou ordinarios dos logares poderão conceder áquelles que viverem nos collegios ou casas, que antes pertenciam á companhia, aos quaes absolutamente defendemos para sempre administrar aos de fóra o sacramento da penitencia, ou prégar-lhes, como tambem foi por semelhante modo prohibido por nosso predecessor Gregorio X, no citado concilio de Leão. E isto é que encarregamos muito ás consciencias dos mesmos bispos, os quaes desejamos que se lembrem d'aquella estreitissima conta que hão de dar a Deus das suas ovelhas, e tambem do rigorosissimo juizo, que o supremo Juiz de vivos e mortos ameaça aos que governam.

«Queremos, outrosim, que entre aquelles que professavam o instituto da companhia, e exercitarem o ministerio de ensinarem a mocidade, ou de mestre em algum collegio, ou escola, com tanto que sejam todos interiormente removidos do regimen, administração, e governo d'ellas, se deixem perseverar no magistrado somente aquelles, que do seu trabalho derem boas esperanças, e com tanto tambem que elles se mostrem e portem apartados d'aquellas disputas e pontos de doutrina, que pela sua relaxação, ou futilidade costumam produzir gravissimas contendas e incommodos; que em nenhum tempo sejam admittidos ao ministerio de ensinar, ou que se actualmente o estão exercitando, se não deixem neste particular ter algum influxo ou ingerencia aquelles, que com todas as forças não houverem de conservar a quietação das escolas, e a tranquillidade pública.

«Pelo que toca porém ás sagradas missões a respeito das quaes queremos tambem que se entenda tudo o que temos disposto da suppressão da companhia, reservamos a nós prover com aquelles meios, com que mais facilmente e com maior segurança se possa conseguir, tanto a conversão dos infieis, como a extincção das discordias.

«Cassados, porém, e totalmente abrogados como acima, todos os privilegios e estatutos da tantas vezes nomeada companhia, declaramos que os socios d'ella, tanto que sairem das suas casas e collegios, e forem reduzidos ao estado de clerigos seculares,

ficam habeis e idoneos para obterem na fórma dos sagrados canones, e constituições apostolicas quaesquer beneficios, tanto curados, como não curados, quaesquer officios, dignidades, prerogativas, e mais coisas deste genero; para todas as quaes, vivendo elles na companhia, lhes tinha de todo fechado a porta a feliz recordação do papa Gregorio XIII, pelo breve de 10 de setembro de 1584, que começa: *Satis superque*. Tambem lhes permittimos, que não obstante igualmente lhes era prohibido, que possam receber esmolas pela celebração das missas, e que possam gozar de todas as graças e favores de que, na qualidade de clerigos regulares da companhia de Jesus, careceriam para sempre. Derogamos egualmente todas e quaesquer faculdades, que, em virtude dos privilegios concedidos pelos summos pontifices, tiverem do preposito geral, e de outros superiores, a saber: o de lerem os livros hereticos, e outros condemnados pela Sé Apostolica; o de não guardarem os dias de jejum, ou de não usarem n'elles dos comeres quaresmaes; o de anteporem, e posporem a ordem das horas canonicas, e outros deste genero, dos quaes prohibimos severissimamente que possam uzar daqui em diante; porque a nossa tenção e animo é, que elles, como presbyteros seculares, conformem o seu modo de viver com que prefere o direito commum.

«Prohibimos, que promulgadas que forem e publicadas estas nossas presentes lettras, se atreva algum a suspender a execução d'ellas, ainda debaixo da côr, titulo, e pretexto de qualquer petição, appellação, recurso, declaração, ou consulta sobre duvidas, que talvez se podessem levantar, ou com outro qualquer pretexto previsto, ou não previsto; porque queremos que desde agora immediatamente surta a suppressão, e cassação de toda a sobredita companhia e de todos os officios d'ella, o seu effeito, na fórma e do modo que acima fica expresso, sob pena de excommunhão maior, em que se encorre *ipso facto*, reservada a nós e aos romanos pontifices nossos successores, que pelo tempo forem, contra todo aquelle que tiver a presumpção de pôr algum impedimento, objecção, ou mora, a que estas nossas lettras se cumpram.

«Ordenamos outro sim, e em virtude de santa obediencia mandamos a todas e quaesquer pessoas ecclesiasticas, tanto regulares como seculares, de qualquer grau, dignidade, qualidade, e condição que sejam; e assinaladamente aquellas, que até agora viveram alistadas na companhia, e tidas no numero de seus socios, que se não atrevam a defender, impugnar, escrever, ou ainda falar contra esta suppressão, causa e motivos d'ella; como tambem sobre o instituto, regras, fórma de governo da companhia, ou de outra qualquer coisa pertencente a este assumpto, sem expressa licença do romano pontifice. E do mesmo modo, sob pena de excommunhão a nós reservada e a nossos successores, prohibimos a todos, e a cada um dos fieis, que por accasião d'esta suppressão se não atrevam a molestar e provocar a alguem, e muito menos aos que foram socios da companhia, com injurias, dicterios, affrontas, ou com qualquer outro genero de desprezo; ou seja de palavra, ou por escripto, ou seja em particular, ou em publico.

«Exhortamos a todos os principes christãos a que, com aquella auctoridade, e poder que teem, e que receberam de Deus para defensão e protecção da santa Egreja de Roma, como tambem por aquelle obsequio e veneração que conservam a esta Séde Apostolica, concorram com o seu braço e auxilio, para que estas nossas lettras consigam plenissimamente o seu effeito; e a que de mais a mais, adherindo ao conteúdo nas mesmas lettras, façam e promulguem decretos semelhantes, em que por todos os modos mandem precaver, que em quanto se der execução a esta nossa vontade, se não levantem entre os fieis contendas, discordias, e dissensões algumas.

«Exhortamos finalmente a todos os christãos, e pedimos pelas entranhas de Nosso Senhor Jesus Christo, que se lembrem de que todos temos um mesmo Mestre, que está nos ceus, todos um mesmo Reparador, por quem fomos resgatados por grande preço, que todos fomos regenerados em um mesmo lavatorio de agua pela palavra de vida, todos constituidos filhos de Deus, e coherdeiros de Christo, todos alimentados com o

mesmo pão da doutrina catholica, e a palavra divina, que todos finalmente somos um só corpo em Christo, e cada um de nós parte integrante dos outros; e que por isso é absolutamente necessario que todos unidos juntamente pelo commum vinculo da caridade, tenham com todos os homens paz, e a ninguem devam a este respeito coisa alguma, senão for a obrigação de se amarem mutuamente, (porque no amor do proximo está todo o complemento da lei), aborrecendo com entranhavel odio as offensas, emulações, contendas, traições, e outras semelhantes coisas, que o inimigo do genero humano excogitou, inventou, e excitou para perturbar a Egreja de Deus, e para impedir a felicidade eterna dos fieis, e debaixo do enganosissimo titulo e pretexto das escolas, das opiniões, e ainda da perfeição christã. Todos finalmente forcejem com todo o empenho por alcançar para si a verdadeira e solida sabedoria, da qual está escripto na epistola canonica de S. Thiago: (cap. 3, v. 13).

«Quem é entre vós o sabio, e instruido? «Mostre pela boa conversação o seu modo «de obrar em mansidão de sabedoria. Po«rém, se vós tendes um zelo desabrido, e ha «contendas nos vossos corações, não vos «glorieis, e não queiraes ser mentirosos con«tra a verdade. Porque esta vossa sabedo«ria não é lá de cima, mas é terrena, ani«mal, diabolica; pois que onde ha emulação «e contenda, ha inconstancia e ha toda a «obra má. A sabedoria, porém, que vem lá «de cima, primeiramente é honesta, depois «pacifica, modesta, suasivel, amiga dos bons, «cheia de misericordia e de bons fructos, não «julga os outros, é sem emulação. O fructo, «porém da justiça semeia-se na paz para os «que obram com paz.»

«Queremos, porém, e mandamos, que em nenhum tempo possam as presentes lettras ser arguidas do vicio, de subrepção, nullidade, ou invalidade, ou por falta de intenção nossa, ou por qualquer outro defeito, ainda que grande, imprevisto e substancial, ou seja pelo titulo de que os superiores religiosos da tantas vezes nomeada companhia, e outros quaesquer dos que eram ou pretendiam ser interessados nas premissas d'estas mesmas lettras, não consentiram n'ellas, nem para ellas foram chamados, nem ouvidos, ou tambem pelo outro principio, de que as mesmas premissas, ou em algumas d'ellas, se não guardaram solennidades, e mais legalidades, que se deviam guardar. Ou por qualquer outro titulo fundado em direito ou costume, ainda dos que se conteem no corpo do direito, ou ainda que seja pelo de lesão enorme, enormissima e total, ou por qualquer outro pretexto, occasião, ou causa ainda justa, racional, privilegiada, e tal que para effeito da validade das mesmas premissas se devia necessariamente exprimir. Queremos, tambem, que por nenhum d'estes principios possam as presentes ser notadas, impugnadas, invalidadas, retratadas, chamadas a juizo, ou reduzidas aos termos de direito: que ninguem possa contra ellas usar ou ajudar-se em juizo, ou fóra d'elle, do remedio de restituição *in integrum, de aperitionis oris,* de reducção ás vias e termos de direito, ou impetrar outro algum remedio de direito, de facto, de graça ou de justiça, ou valer-se de algum modo do que já se tem concedido, ou impetrado. Mas antes queremos e mandamos, que as mesmas presentes lettras sejam sempre e perpetuamente validas, firmes e efficazes, e surtam plena, inteiramente os seus effeitos, e sejam para o futuro inviolavelmente observadas por todos, e cada um d'aquelles a quem pertence, ou de qualquer modo pertencer.

«E estas se observarão assim, e não de outra sorte, em tudo e por tudo, como n'ellas se contém, por quaesquer juizes ordinarios e delegados, ainda auditores das causas do palacio apostolico e cardiaes da santa egreja romana; ainda pelos legados á latere e nuncios da Sé Apostolica, e por quaesquer outros, que tenham ou hajam de ter qualquer auctoridade e poder em qualquer causa, instancia, aos quaes todos, e a cada um d'elles tiramos a faculdade e auctoridade de julgar ou interpretar de outra sorte, e determinamos que seja irrito e vão tudo o que contra estas, sciente ou ignorantemente e com qualquer auctoridade, for por alguem attentado.

«Não obstantes as constituições apostolicas, ainda que fossem publicadas em concilios

geraes, e quanto necessario fôr para este effeito a nossa regra, *de jure quæsito non solum,* e os estatutos, costumes da tantas vezes sobredita companhia e das suas casas, collegios e egrejas, ainda roborados com juramentos e confirmação apostolica, ou outra qualquer, não obstante tambem os privilegios, indultos, lettras apostolicas concedidas á mesma companhia, aos seus superiores, religiosos e pessoas, debaixo de quaesquer theores e fórma, e com quaesquer clausulas ainda derogatorias, de outras ainda decretos irritantes, ainda de semelhante *motu proprio,* ainda passados em consistorio, ou de outro qualquer modo concedidos, confirmados e innovados. Em todos os quaes e em cada um d'elles, e em todas as mais coisas contrarias, especial e expressamente derogamos para effeito das que fica determinado sómente, ainda quando para a sua sufficiente derogação fosse necessario fazer menção especial expressa, individual e palavra por palavra, e não por clausulas geraes, que importassem o mesmo, e como se aqui se exprimissem os theores de todos e de cada um por palavras formaes, sem omittir coisa alguma, e guardada a mesma fórma, que n'elles se contém.

«E, queremos, que aos transumptos, ainda impressos, das presentes lettras, sendo assignados com a firma de algum notario publico e munidos do sello de alguma pessoa constituida em dignidade ecclesiastica, se lhes dê em juizo, e fóra d'elle a mesma inteira fé, que se daria ás mesmas presentes, sendo exhibidas ou apresentadas.

«Dado em Roma em Santa Maria Maior debaixo do annel do Pescador, no dia 21 de julho do anno de 1773. Quinto do nosso pontificado.

A. Card. Nigroni.»

O geral Lourenço Ricci

Quem havia de dizer que na cadeira de S. Pedro se sentariam ainda homens, tão obcecados pelo espirito de seita, que haviam de revogar este breve, que por si só bastaria para honrar toda a historia do pontificado!

Mas Deus escreve direito por linhas tortas; e os factos que adiante narraremos virão mais uma vez justificar o acto de Clemente XIV.

# CVI

## Execução do breve «Dominus ac Redemptor»

Os franceses celebraram o breve da suppressão dos jesuitas com uma grande calma e acolheram-o com toda a veneração. Mal o duque d'Aguillon o recebeu, em 30 de agosto de 1773, logo se apressou a responder ao cardial-embaixador. «Por certo que já não póde haver duvida ácerca da suppressão total dos jesuitas. Todas as circumstancias que precederam este grande acontecimento, e as que o acompanharam, collocam, emfim, o publico em condições de apreciar os motivos que determinaram a resolução do papa. Estou intimamente persuadido que V. Eminencia não teve parte alguma na redacção do breve. S. Santidade tanto e tão constantemente conservou n'uma obscuridade mysteriosa as suas verdadeiras intenções, que entendeu dever guardar este segredo para um limitadissimo numero de pessoas merecedoras das suas confidencias.

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

«O exemplar que V. Eminencia me enviou do breve do papa não será revestido com as cartas-patentes do rei, registadas nos tribunaes do reino, porque a sociedade dos jesuitas já aqui não existia desde o edito de S. Majestade de 1764. Portanto a extincção d'esta companhia era totalmente independente no que se relaciona com a França. Comtudo o rei julgou a proposito escrever a todos os arcebispos e bispos dos seus estados, para lhes communicar o breve, a fim de que tivessem conhecimento d'elle, e que encaminhem, cada qual na sua diocese, o seu procedimento e a sua administração espiritual, em conformidade com os desejos do papa, para manterem a paz na Egreja e prevenirem todas as discussões capazes de a perturbarem e de renovar as disputas que S. Majestade sempre desejou fazer cessar na extensão dos seus estados.

«V. Eminencia fez muito bem em poupar ao rei a despeza d'um correio extraordinario para lhe annunciar uma noticia de que S. Majestade estava já sufficientemente informado.»

Luiz XV escreveu logo uma carta ao pontifice congratulando-se pela decisão tomada, e o duque d'Aguillon, no despacho com que enviou ao cardial Bernis a carta do rei, pedia que informasse este miudamente da maneira como o breve tinha sido recebido. «E' bem de esperar, escrevia elle, que um golpe tão extraordinario não reunirá todos os suffragios, e que por certo não será approvado pelos amigos e partidarios da extincta sociedade. A fórma empregada na execução das ordens do papa parecerá, principalmente muito singular, mas, por fim tudo vergará ao peso da auctoridade pontificia.»

O papa recebeu cartas congratulatorias dos reis de Napoles e de Hispanha, e em vez de acabrunhar os jesuitas publicando as correspondencias encontradas nas suas casas, como era vontade dos soberanos da familia Bourbon, fez tudo quanto possivel para afastar d'ahi as attenções.

O papa voltou a Roma a 28, e foi recebido no meio de geraes acclamações, *gosando*

*de perfeita saude e mostrando uma alegria mais pronunciada que de ordinario.*

Carlos III sentiu uma alegria indescriptivel, quando o auditor da nunciatura, em Madrid, lhe apresentou pela primeira vez, em 2 de setembro, o breve da abolição. Logo no mesmo dia o communicou ao grande conselho de Castella, para que fosse registado, e no dia seguinte, mandou imprimil-o em latim, com a traducção hispanhola ao lado. A 16 do mesmo mez, ordenou a sua publicação em todos os seus estados, publicação que se demorou alguns dias em virtude de carta circular, com que Clemente XIV tinha acompanhado o breve da suppressão. Immediatamente escreveu ao pontifice manifestando-lhe o seu profundo reconhecimento; e para tornar evidente quanto apreciava os serviços de Monino, seu embaixador n'este negocio, agraciou-o com o titulo de conde de Florida-Blanca, e deu lhe um dos principaes cargos no grande conselho de Castella.

Os bispos hispanhoes deram-se pressa em publicarem o breve nas suas dioceses, e o acompanharam de pastoraes em honra de Clemente XIV.

Mas em parte alguma a suppressão da companhia de Jesus foi recebida com maior enthusiasmo do que em Portugal.

O cardial-nuncio de Lisboa recebeu o breve da extincção em 6 de setembro, a 7 foi apresental-o ao rei, que logo manifestou a mais franca satisfação. Ordenou que em todas as egrejas se celebrassem solennes *Te-Deum*, para dar graças a Deus por aquelle acto de justiça. Lisboa appareceu como por encanto brilhantemente illuminada, e o povo expandia-se cantando e dançando ao redor de enormes fogueiras accesas em todas as praças.

A 5 de outubro de 1773, o cardial-nuncio enviou a todos os prelados do reino o breve acompanhado d'uma carta regia, no qual este acto pontificio era classificado como o mais glorioso monumento para a religião.

Não foi menor, como é facil de julgar, a alegria do rei das duas Sicilias; e, na sua carta de agradecimento, datada de 25 de agosto de 1773, affirmava ao pontifice que estava prompto a restituir immediatamente, para assignalar o seu reconhecimento, os ducados de Benevente e de Ponte-Corvo.

O piedoso rei da Sardenha fez desde logo pôr o decreto em execução, dando mostras da mais profunda veneração pelo santo padre, confiando ao bispo de Turim a execução do breve.

E até a imperatriz Maria Thereza deu nesta conjunctura um grande exemplo de submissão á santa Sé, e de veneração pelo pontifice, mandando executar immediatamente nos seus estados o breve *Dominus ac Redemptor*, da maneira a mais conforme ás intenções de Clemente XIV.

Nos outros logares do vasto imperio da Allemanha os jesuitas suscitaram innumeras difficuldades á execução do breve, servindo-se da fraqueza d'alguns principes, para os excitarem a resistirem á santa Sé.

O chefe da rebelião foi o jesuita Feller, homem de má nota, e bem digno do infame papel que então representou, enchendo o jornalismo da epocha com diatribes contra o papa, e espalhando com profusão as mais hediondas falsidades, que os seus collegas da França e da Italia lhes mandavam para elle dar curso.

Entre os soberanos da Allemanha um dos que mais protegeu os jesuitas foi o celebre Frederico II. Era este principe amigo dos filhos de Loyola? Por certo que não. O amigo de Voltaire era protestante, chefe d'um país protestante. Mas o grande capitão, o monarcha fundador pensou por certo que protegendo esta gente adquiriria uma força de que se poderia servir contra os reis catholicos. Mais se diz, que Frederico conservou os reverendos padres, mesmo depois da sua abolição pelo papa, pelas necessidades da instrucção. Eis como elle proprio explica o facto:

«Presentemente não tinhamos ninguem capaz de dirigir as classes; não tinhamos nem padres do oratorio, nem piaristas; o resto dos frades é d'uma ignorancia crassa. Era preciso, portanto, conservar os jesuitas ou fechar as escolas... Se a ordem tivesse sido supprimida, a universidade deixaria de existir, e teriamos tido necessidade de enviar os silesianos (novos subditos de Frederico) estudar á Bohemia (possessão austriaca), o que teria sido contrario aos principios fundamentaes do governo...

«Todas estas rasões attendiveis me constituiam em paladino d'esta ordem, e tanto trabalhei, que a sustentei, quasi com as mesmas modificações com que se acha ao presente, sem geral, sem terceiro voto, e vestida com um novo uniforme que o papa lhe conferiu [1].»

Esta carta é uma prova de que a protecção concedida por Frederico aos jesuitas obedeceu simplesmente a um pensamento politico, e na falta de melhor.

Mas esta protecção, que propositadamente registamos, prova que os adversarios da companhia de Jesus, não foram impellidos, como asseguram os coripheus dos *bons* padres, por odio contra a religião catholica, e que não foi, como repetem, e ainda em nossos dias o pretendem affirmar, por ser ella o ultimo baluarte collocado entre a impiedade e a cadeira de S. Pedro. Se assim fosse, como era que a Prussia e depois a Russia, paises de hereticos e de schismaticos, teriam acolhido os restos dispersos dos jesuitas?

Os maiores adversarios dos jesuitas foram, como temos visto, os principes catholicos, os filhos dilectos da Egreja. Choiseul, Pombal e Aranda, os tres, ministros de França, Portugal e Hispanha, eram catholicos como os reis seus amos, e nunca foram accusados nem de *philosophos* nem de *encyclopedistas*. E' até conveniente notar que o mais rude luctador contra os jesuitas, o marquez de Pombal, não teve nunca as mais pequenas relações com Voltaire, nem com d'Alembert, nem com algum outro qualquer dos chefes do grande movimento philosophico d'esta epocha [2].

Tudo isto prova com a maior evidencia que o odio contra a malefica sociedade era geral no catholicismo, e que os jesuitas, que, até certo ponto, tinham conservado uma tal ou qual estima pessoal, haviam caido na derradeira abjecção moral, e até perdido na maioria das missões, principalmente em Portugal e Hispanha, esse verniz de illustração e sciencia, com que por algum tempo illudiram os que nelles confiaram.

Vejamos o que, porém, se passava em Roma.

Contámos já que, assim que o breve foi promulgado, os cardiaes Macedonio e Alfano, dirigiram-se á casa professa de *Gesu*, e outros delegados do papa seguiram para as outras casas. A guarda pontificia ficou de prevenção, e os soldados corsos serviam de escolta aos prelados, e, ás suas ordens, apoderam-se dos estabelecimentos da companhia em nome de Clemente XIV. Os jesuitas juntos ouviram a leitura do breve, por intermedio d'um notario. Os archivos foram sellados, e a tropa ficou de guarda a elles. No dia seguinte foram fechadas as aulas e as suas egrejas entregues a padres regulares e aos franciscanos.

N'esse mesmo dia, o geral, Lourenço Ricci, foi levado, com boa escolta, da casa professa para o collegio dos ingleses, onde ficou guardado á vista, já vestido como simples padre, e deixaram-lhe um leigo para o servir. Logo se lhe instaurou o processo, e foi chamado a responder perante uma commissão que o intimou a confessar e a reconhecer as faltas suas e as da companhia, a revelar a existencia dos thesoiros, que teria subtrahido ao sequestro ordenado pela santa Sé. Ricci defendeu-se habitualmente; protestou sempre que tanto elle como a ordem estavam innocentes, e sómente confessou, que tinha mantido uma correspondencia secreta com o rei da Prussia. Negou formalmente que tivesse escondido ou collocado fora qualquer somma de dinheiro. O processo correu lentamente, talvez por vontade do papa. Comtudo, o padre Ricci foi encarcerado no castello de Sant'Angelo, e o papa teve a caridade grande de lhe poupar a vida, livrando-o da enevitavel forca, não consentindo que os encarregados do processo fornecessem as pro-

---

[1] Carta de Frederico a Voltaire, de 18 de novembro de 1777.

[2] Este movimento philosophico do ultimo quartel do seculo XVIII, que tão poderosamente havia de influir na marcha das sociedades cultas, pouca ou nenhuma influencia teve na abolição da companhia de Jesus. E' conveniente fazer notar que o mesmo ministro que, em França, tão activamente perseguiu o jesuitismo, fez rasgar e queimar pela mão do algoz de Paris a *pastoral* do arcebispo d'esta diocese, Christovam de Beaumont, que se tinha feito o campeão dos filhos de Loyola, juntamente com o *Emilio* de J. J. Rousseau e a *Encyclopedia*

vas de culpabilidade, que tinham adquirido contra Ricci.

Os jesuitas clamaram sempre contra esta prisão, mas a justiça d'ella está até indirectamente justificada pelo procedimento de Pio VI, que a manteve apezar o seu amor a S. J. Pio VII, denodado protector e defen-

A Imperatriz Catharina da Russia

sor dos jesuitas, a quem o ligavam contractos secretos, que auxiliaram a sua exaltação ao throno pontificio, ia talvez conceder a liberdade a Ricci, quando a morte o libertou dos trabalhos d'este mundo.

Os italianos, nem depois de morto perdoaram ao defunto geral e o seu nome e a sua memoria deram assumpto aos mais violentos pamphletos, satyras escabrosas e caricaturas bem pouco christãs.

Ganganelli poupava o seu inimigo, não tardava que lhe não morresse ás mãos. Obrando tão christã e generosamente, nada aproveitou; os jesuitas nunca recuaram em se desfazerem d'um inimigo, papa que elle fosse, e resolveram esclarecer o povo romano sobre a verdadeira interpretação das mysteriosas lettras:

P. S. S. V.

# CVII

## Doença e morte de Clemente XIV

Ganganelli, ao contrario do que affirmam os escriptores jesuitas, tendo assignado o breve com a consciencia de que cumpria o seu dever perante Deus e os homens, ficou esperando os acontecimentos. que suspeitara, sem terror. Sabia que o inimigo que tinha vencido era dos que não perdôam, e a historia estava cheia de exemplos em que elle recorrera ao assassinato, por qualquer forma que fosse, para realisar suas vinganças. Uma tranquillidade atterradora se seguira ao tumultuar da vespera. Uma pequena tentativa de motim, suscitado em Roma pelos jesuitas, foi promptamente debellada. A paz parecia segura. Napoles tinha entregue Benevente ao patrimonio de S. Pedro, e a França reintegrára Avinhão nos dominios pontificios. A medida tomada pelo papa não tinha levantado opposição séria, como dissemos já no capitulo anterior. Parecia a todos que o jesuitismo, longo tempo considerado como essas moles de granito, que só a polvora póde derrubar, abalando ao longe o solo, não era mais do que um edificio a desmoronar, que se tem de pé, graças a um equilibrio quasi milagroso, e ao qual fará ruir a falta da mais pequena pedra.

Ganganelli tranquillisado tinha readquirido a natural alegria; a sua saude parecia robusta; todos os dias ia visitar as egrejas, apparecendo em publico em todas as solennidades, ou recebendo os representantes das diversas potencias. «Um dia, conta o cardial de Bernis, Clemente XIV dirigiu-se para a egreja da Minerva, seguido do sacro-collegio e de todos os prelados. Repentinamente sobrevem uma batega d'agua, *proporati, monsignori,* guardas e todos os mais se dispersam á procura d'um abrigo; sómente o papa continuou seu caminho, rindo com gosto da fuga geral, no meio dos applausos do povo.» Mas, em a noite d'esse mesmo dia, aos clarões dos relampagos, que tinham assustado a sua commitiva, o papa pôde lêr, ao longo do caminho, as mysteriosas iniciaes, que annunciavam a sua morte proxima.

A bruxa de Valentano recomeçava com as predicções. O papa, que até alli havia passado bem, que não tinha senão sessenta e oito annos, só ouvia murmurar á sua beira, por boccas invisiveis: «*Presto será sede vacante!*»

O boato da proxima morte do papa acabou por encontrar credito nas massas populares, e tão forte, como a chegada das andorinhas dá proxima a chegada da primavera.

Comtudo oito mezes se passaram sem que Ganganelli tivesse sentido o menor incommodo, e a confiança renascia, quando n'um dos dias da Semana Santa de 1774, as portas da moradia pontificia se fecharam e recusaram abrir-se a todos, inclusivè aos ministros das grandes potencias. Inquieta-se Roma; surdos boatos correm em todos os sentidos, e no silencio das noites, ouvia-se por vezes, que uma voz sinistra clamava com sacrilega ironia: «Resai pelo papa que está á morte!» De novo, as fatidicas letras P. S. S. V. apparecem com persistencia,

chegando até, segundo se diz, a serem escriptas nas paredes do proprio quarto de dormir do papa.

Foi só cinco mezes depois, a 17 d'agosto que elle admittiu á sua presença o corpo diplomatico. Ao aspecto de Clemente XIV, cada um d'aquelles visitantes se sentiu atterrado, como se visse na sua frente um espectro. Ganganelli pouco mais era do que um hediondo esqueleto, no qual a vida apenas se manifestava pela animação extraordinaria dos olhos profundos, encovados nas orbitas.

O que tinha acontecido?

N'um dos dias d'aquella Semana Santa, o papa levantara-se da mesa depois d'uma refeição frugal, que comera com apetitte; repentinamente sentiu, na região do estomago, uma éxtranha perturbação, seguida d'um sentimento de frio extremamente pronunciado, e que se renovava com intermittencias depois de grandes accessos de calôr «Estou envenenado!» tal foi a primeira idéa do infeliz pontifice, recordando-se de que os jesuitas não perdôam a quem odeiam. O mal, porém, pareceu diminuir, e Clemente XIV attribuiu-o a uma digestão difficil. Mas bem depressa e rapidamente apparecem novos e terriveis symptomas morbidos; declaram-se vomitos violentos, as entranhas parece que se lhe dilaceram, e dores intoleraveis lhe martyrisam as regiões intestinaes. Clemente recorreu aos contra-venenos, e d'alli em deante não metteu mais nada na bocca que elle não preparasse pela sua propria mão. Mas era já tarde. A doença progredia com uma rapidez espantosa. A voz outr'ora sonora, se enfraquecia e tornava rouca; as pernas vergavam ao peso do corpo; os vomitos voltaram com a febre e as dores dilacerantes das entranhas; o somno até alli profundo, é agora agitado e sem cessar interrompido; o soffrimento torna-se intoleravel; não tem um instante de socego; a prostração é geral e absoluta, a gangrena manifesta-se, e em todo este descalabro phisiologico só fica intacta a razão [1].

[1] **Devemos banir, como calumnia inventada pelos jesuitas, as allucinações terroristas; os gritos de *perdão e misericordia*, com que os defensores dos assassinos pretenderam monoscabar os ultimos dias d'aquelle heroe verdadeiramente christão.**

Taes e tão horriveis torturas duram dez longos meses.

No dia 21, á noite, Clemente XIV recebeu a Extrema-Uncção em presença do grande numero de cardiaes, e de todos os geraes das ordens religiosas, e, pouco tempo depois que foram recitadas as orações da hora da morte, nas quaes tomou parte com uma devoção e uma piedade admiraveis, entrou numa tranquilla agonia.

No dia seguinte, 22 de setembro de 1774, Ganganelli, entre as sete e oito horas da manhã, adormecia suavemente no Senhor.

Clemente XIV morreu com sessenta e nove annos de edade, depois de ter, como Sixto V, governado a Egreja durante cinco annos, quatro mezes e tres dias.

Tem sido por mais d'uma vez e por muito tempo discutida esta questão: «Clemente XIV morreu envenenado?» Podemos responder que sim, d'accordo com um grande numero de bons e graves historiadores, entre os quaes se contam bastantes bons christãos e fieis e excellentes catholicos. Sim, Ganganelli foi victima do veneno. O cardial de Bernis, que viu o papa durante a doença, declara formalmente «que a morte do soberano pontifice não lhe pareceu natural.» Bernis fez d'esta morte uma narração que se perdeu ou que foi inutilizada. E' sabido que a doença do papa apresentou todos os symptomas do veneno. E' egualmente provado que o cadaver mostrou os mesmos caracteres, taes como nodoas arroxadas por todo o corpo, beiços negros, decomposição prematura, e tal, depois da morte, que, embora tivessem todo o cuidado de o embalsamar desde logo, ou antes encher de perfumes, as exhalações eram intoleraveis. O vaso, que continha as visceras, rebentou. O coração estava extremamente diminuido de volume; os musculos, na região lombar, completamente putrefactos. Emfim, os ossos do morto desfaziam-se, a pelle saía agarrada á roupa, as unhas caiam successivamente ao mais ligeiro contacto, e todos os cabellos ficaram agarrados á almofada de velludo sobre que tinha repoisado a cabeça.

Em Roma, todos a uma voz disseram alto e bom som, nas salas, nas ruas, em toda a

parte «que o papa tinha morrido envenenado pela *agua tofana*.»

O papa effectivamente morreu pelo veneno. Quem lh'o administrou? A esta pergunta, mil vezes formulada pela historia, milhares de vozes responderam: «A mesma mão que tantas vezes desembaraçou a negra seita d'um inimigo, d'um vencedor, d'um obstaculo.»

Tão depressa assignou a destruição dos jesuitas, logo foi sentenciado á morte por aquelles a quem dominava religiosamente, como collectividade, no seio do catholicismo. E' esta a nossa convicção, a da maioria dos historiadores, e era a opinião corrente n'aquella epocha. Só o que nos admira é que o veneno não fosse propinado mais cedo, antes de elle ter assignado o breve que fazia desapparecer a famigerada sociedade do gremio das ordens religiosas.

«As satyras infames, diz o conde de Saint-Priest, espalhadas pelos *inimigos* do papa, a sua indecente alegria, confirmaram a crença geral do envenenamento, que elles só muito mais tarde pensaram em desmentir.» Effectivamente, os jesuitas, os seus amigos, os seus alliados, negaram que o papa tivesse morrido envenenado, quando viram que a indignação geral lhes attribuia o crime. Um dos seus, o padre Georgel procura convencer-nos que Ganganelli se tinha tornado fraco, e idiota. Infelizmente para a hypothese que elle quer fazer admittir, o ex-jesuita, por uma inconcebivel distracção, faz, a paginas 160 do tomo primeiro das suas *Memorias*, esta confissão contradictoria, que «a forte constituição de Clemente XIV parecia prometter-lhe uma muito mais longa existencia...»

Os auctores jesuiticos teem escripto muito, e por signal que mal, para provarem que não foi o veneno que matou Clemente XIV, mas o medo do veneno; mas se o medo póde abater e perturbar um espirito, o que o medo não póde é fazer caír os cabellos e as unhas, cobrir o cadaver de nodoas negras, dilacerar a carne a pedaços por uma dissolução anticipada. Isto só o faz o veneno; e este só o podiam propinar os jesuitas. E' um facto historico indiscutivel, e se durante muito tempo foi um simples exemplo, hoje em nossos dias, em começos do seculo xx, começa a ser uma ameaça terrivel.

Se o receio dos tribunaes lhes suspende o braço criminoso, não lhes faz caír as pennas das mãos, com que, no jornalismo a seu soldo, atassalham as reputações, calumniam os mais desinteressados actos, e vertem o fel de sua raiva contra todos os que não são com elles, e mais ainda contra aquelles que honrada e corajosamente os combatem de frente.

O veneno continuam a derramal-o nas almas d'aquelles que se lhes entregam; nos ouvidos dos moribundos, cujas heranças apetecem, e no espirito de fracas mulheres capazes de roubarem o socego, honra, bem e tranquilidade dos maridos e filhos só para que o jesuita, a quem entregaram a direcção da consciencia, tenha n'este mundo os regalos deliciosos, gosos e prazeres que são para elle um ante goso do paraiso.

Ganganelli morreu pôdre do corpo, mas o seu espirito paira purificado na historia, como um dos bemfeitores da humanidade, emquanto os seus assassinos, e os que depois d'elles se seguiram, e hoje se vão introduzindo entre todos os povos catholicos, mercê de pontifices obsecados ou caducos, se vivem e morrem nedios e sãos de corpo, baixam á sepultura envilecidos d'alma e conspurcados de coração.

Chamar *jesuita* a um homem é atirar-lhe ás faces o mais infame labeu... sêl-o, é uma aberração moral de tal ordem que, esperamos em Deus, acabará por ser considerada, depois de muito reduzida como anomalia, com doença muito proxima do crime, e de que a humanidade generosa e caritativamente impedirá exporadicos desenvolvimentos epidemicos, recolhendo os que de tal molestia infermarem aos futuros lazaretos protectores da salubridade moral.

# CVIII

## Restauração da Ordem

Os jesuitas não se extinguiram com a dissolução da sua sociedade. Exilados do mundo catholico, procuraram e encontraram mil subterfugios para desobedecerem ao papa. Mudaram de nomes, esconderam-se, mas sempre promptos na sombra para fomentarem motins e seducções [1]. Alguns individuos soffreram uma deslocação de meio, mas a ordem continuou a existir. Condemnados,

O czar Alexandre I

[1] Existem as mais verosimeis indicações de que durante a revolução francesa, muitos d'elles se introduziram disfarçados nos clubs e ahi pregavam as

tanto pela razão como pela Egreja, repellidos pelos reis e pelos povos, mas sempre vivos, sempre unidos, mostraram-se resolvidos a recomeçarem nova lucta.

Assim que perceberam que não lhes seria possivel fazerem reconsiderar Ganganelli — e foi aos trabalhos d'esta tentativa de reconsideração, que o papa deveu os poucos mezes de saude que ainda logrou depois da extincção da ordem, — os jesuitas, salvo algumas excepções, e quando as primeiras effervescencias se acalmaram, procuraram mostrar-se humildemente resignados ao gol pe que os feria. Por uma tactica, que lhes é familiar, vendo que a obstinação publica mais concorreria para a sua perda, affastaram-se, desappareceram como o tigre que recua e se esconde na sombra para d'um salto e mais vigorosamente se lançar sobre a presa, quando esta menos o esperar [1].

Vimos já como se tinham estabelecido na Siberia e na Russia Branca, e a estes outros padres se foram ajuntar successivamente, e continuaram, a despeito do breve *Dominus ac Redemptor*, a chamarem-se jesuitas e a viverem como taes. Comprehende-se bem por que motivo os filhos de Loyola quizeram conservar este nucleo da ordem e este logar de refugio. Comtudo não se atreveram a pôr á testa d'esta representação da companhia um chefe investido com o titulo proscripto de geral, e contentaram-se com o titulo de vigario geral, que successivamente usaram tres d'elles que governaram a missão jesuitica da Russia. Ainda n'isto, vamos mais uma vez mostrar o espirito de dualidade da S. J.

Na casa de *Gésu*, em Roma, continuavam a viver jesuitas, que tinham fingido submetter-se ao breve de secularisação, e aos quaes o bom Clemente XIV se queixou da desobediencia dos padres da Russia. O papa recebeu em resposta a promessa de que os seus *humildes* e *obedientes* servos iam fazer tudo o possivel para que tal escandalo cessasse; mas, ao mesmo tempo, os jesuitas da Russia, que, no fim de contas, se viam repellidos pelos catholicos do imperio moscovita, mandaram dizer ao papa que iam cumprir as suas ordens, emquanto occultamente instavam junto da imperatriz Catharina, para que os prohibisse de obedecerem! Annuiu a imperatriz, e elles levavam a consulta ao papa, sobre o que deviam fazer, intimamente persuadidos que elle não se atreveria a resolver a difficuldade, para se não pôr mal com a czarina.

Entretanto o veneno propinado ao papa produzia os seus effeitos, Clemente XIV morria; e logo os jesuitas e seus amigos faziam com que lhe fosse nomeado um successor bem disposto para com a companhia de Jesus, e que até se dizia *promettera em conclave* restabelecer esta, tão depressa lhe fosse possivel. Pio VI, o novo eleito, porém, apezar da sua boa vontade, não ousou ir contra a resistencia, que encontrou em todas as côrtes que se tinham empenhado pela abolição da ordem, e que se mostravam determinadas a vigorosamente se opporem a que o novo papa desfizesse a obra do seu predecessor. Pio VI recorreu então a uma astucia verdadeiramente clerical e italiana. Não

---

doutrinas mais subversivas, com o fim de atrairem o odio contra a marcha das idéas liberaes, humanas e progressistas, que a custo iam abrindo caminho por entre os entraves de toda a especie.

A Revolução, secularisando as ordens religiosas englobou-os na perseguição, e mais uma vez, com um regimen diametralmente oppostos ao da monarchia absoluta, elles ficaram expressamente prohibidos de se organisarem em corporação.

D'ahi o seu odio á Revolução, e não ás idéas politicas d'esta, porque tão santos varões encontraram sempre meios de viverem com todos os regimens.

As resoluções da *Constituinte* foram as seguintes: Estabeleceu como principio que a lei não toleraria ou não admittiria mais as corporações religiosas nas quaes se fizessem votos perpetuos. Decretou a sua dissolução immediata no presente e no futuro; levou a injuncção a ponto de querer que todos os membros d'estas corporações deixassem as casas em que viviam; e, respeitando comtudo a fé sincera, os antigos costumes d'alguns d'elles, determinou que aquelles que quizessem continuar a viver em communidade se retirariam para casas designadas e sustentadas pelo Estado; mas estabeleceu cuidadosamente o principio da interdicção, para o presente e para o futuro, ás corporações seculares.

Durante todo o tempo da Revolução, os membros de todas as corporações, fugidos ou escondidos, não deram á legislação motivo para se occupar d'elles.

[1] Concorde-se este procedimento de manifesta desobediencia á Egreja, com a seguinte maxima de Ignacio de Loyola: «Os verdadeiros christãos devem de submetter-se ás decisões da Egreja com a simplicidade d'uma creança.»

se atrevendo a reaccender o foco do jesuitismo na Italia e no resto do mundo catholico, procurou, ao menos, alimentar a chama que brilhava ainda na Russia e na Prussia.

Com mil cuidados, contentou-se, por então, de reconhecer a existencia dos jesuitas na Silecia e na Russia Branca, por meio d'um breve, propositalmente cheio de ambiguidades, que logo foi aproveitado pela santa gente para abrir um noviciado, sob a protecção d'uma princeza heretica! O seu protector foi o celebre Petemkin, amante da imperatriz, o que não admira, porque em França, como já dissemos, tiveram por si a Dubarry, amante do rei; factos que abonam sufficientemente a elasticidade da moral jesuitica.

Com a protecção da czarina, organisam-se em corpo de ordem, zombando das sentenças pontificias, e restabelecem para seu governo as constituições que já nos são conhecidas.

Pio VI morreu sem ter cumprido completamente a palavra dada aos jesuitas. Pio VII, seu successor, desde logo se mostrou favoravel ao bando de Loyola. Mas a gigantesca corrente revolucionaria, que então ameaçava todos os thronos da Europa, e obrigava cada qual a concentrar os seus cuidados na propria conservação, impediu o papa de correr logo em favor dos seus amigos. Ainda assim, deu o primeiro passo em favor do jesuitismo renascente, confirmando uma nova phase da sua existencia, que se apresentava com o titulo de *Associação do Sagrado Coração.* Foram principalmente os padres e os religiosos franceses emigrados ou deportados, e, entre outros, o padre Broglie, filho do marechal d'este nome, membro d'uma familia sempre dedicada aos jesuitas, e elle proprio jesuita, que fundou esta associação em Hagenbrun, proximo de Vienna d'Austria, sob a protecção do cardial Migazzi. A irmã do imperador, a archiduqueza Anna, deu o capital preciso para a fundação d'esta verdadeira casa jesuitica, onde se faziam os votos da companhia, e observavam as suas constituições.

Em 1798, tentava-se em Italia uma nova restauração do jesuitismo.

Uma especie de aventureiro tyrolês, Paccarini, que de soldado se convertera em jesuita, desejoso de imitar Ignacio de Loyola, instituiu uma outra associação, cujos membros tomaram o nome de *Padres da Fé*, que obteve a approvação do papa, se fundiu em abril de 1799 com o *Sagrado Coração,* e que tratava de crescer e augmentar, a pouco e pouco afim de claramente se transformar na companhia de Jesus.

Infelizmente para os *Padres da Fé*, o exercito francês fazia victoriosamente tremular por toda a Allemanha e Italia a bandeira tricolor, e o desenvolvimento da associação foi paralisado, embora os seus dirigentes se mostrassem como enthusiastas amigos da liberdade.

Duas missões, porém ainda se conseguiram formar, uma enviada á Inglaterra, onde, apesar das promessas do padre Broglie de prejudicar a republica francesa, não conseguiu fazer caminho, e a outra destinada á França, a qual Napoleão veiu a dissolver, em 22 de junho de 1804, receoso dos progressos, mais politicos do que religiosos, que ia fazendo a tal associação.

O ministro dos cultos d'esse periodo, Portalis, no relatorio do decreto d'expulsão depois de ter exposto que «qualquer associação se não póde constituir sem o consentimento do poder publico, a quem unicamente pertence o direito de receber no Estado ou d'elle repellir qualquer ordem; que a acceitação suppõe necessariamente o exame das condições com as quaes tal ordem se liga ao Estado, e segundo as quaes o Estado as recebe e cobre com a sua protecção, bem como o conhecimento por parte do governo da fórma e constituição da ordem, conhecimento que dá garantias ao Estado; depois de ter, por fim, lembrado que em todos os estados catholicos a necessidade do consentimento da auctoridade civil está assente como principio incontestavel, Portalis, concluia que a nova associação se tinha formado em França sem o consentimento do publico poder, e que bastava isso para fazer decretar a sua dissolução.»

«No fim de contas, terminava o ministro, os *Padres da Fé* não são senão jesuitas disfarçados; seguem o instituto dos antigos jesuitas, professam as mesmas maximas, a

sua existencia, pois, é incompativel com os principios da egreja gallicana, bem como com o direito publico da nação .. Não se póde fazer reviver uma corporação, dissolvida em toda a christandade, senão por meio d'uma *ordenança* dos soberanos catholicos e por uma bulla do chefe da Egreja.»

Com a sua poderosa intuição, Napoleão comprehendeu que não podia restabelecer a tranquillidade em França, se deixasse os jesuitas firmarem-se no solo de que tantas vezes tinham sido banidos. Talvez, mesmo, que a morte tragica do imperador da Russia Paulo I[1], esse monarcha schismatico, que pretendeu restabelecer os cavalleiros de Malta, que abertamente protegia os jesuitas, e concorreu pela sua diplomacia para a eleição do papa Pio VII, por ser amigo da ex-companhia, quem sabe se a sua morte não foi um ensinamento para elle, Napoleão, do perigo que correm os reis e os povos de se acharem comprehendidos no raio d'acção do jesuitismo. O decreto[2] que expulsava de França os *Padres da Fé,* fez com que as suas casas e collegios fossem fechados, á excepção dos que elles possuiam na diocese de Lyon, onde se sustentaram ainda algum tempo, mercê da protecção que lhes concedeu o arcebispo d'esta cidade, o cardial Fesch, primaz das Gallias e tio de Napoleão.

Mas Pio VII tendo, em 1801, pouco depois da sua exaltação, confirmado de novo e mais abertamente os jesuitas da Russia, os *Padres da Fé*, abandonavam a França, a Inglaterra e a Allemanha, e reunidos aos seus confrades, os jesuitas antigos, declaravam não formarem senão uma e mesma aggremiação, de que o padre Gruber foi nomeado geral; — porque o breve de Pio VII, de 7 de março de 1801, que é conhecido pelas palavras *De Catholicæ Fides* reconstituia a companhia de Jesus. Dezeseis dias passados, Paulo I, que n'este negocio fôra o grande servidor dos jesuitas, morria victima d'uma conspiração.

Restabelecidos para o imperio moscovita, os jesuitas trataram logo de reapparecer em diversos outros pontos da Europa, onde previam que seriam bem recebidos. Assim, foram vistos publicamente na Suissa, na Austria, em Hispanha, em Portugal, onde se apresentaram como intrepidos batalhadores contra as idéas da revolução franceza. Foi esta ultima qualidade que os fez tolerar por algum tempo, apesar de serem em toda a parte recebidos com manifesta desconfiança e até, em muitos logares, com invencivel repugnancia. Mais ainda. Apesar dos pedidos do papa, o rei de Hispanha, Carlos IV, que os tinha tolerado no reino, emquanto se contentaram de viver como simples padres, expulsou-os logo que lhes percebeu os esforços para se reconstituirem em sociedade. Os jesuitas furiosos, para se vingarem, fomentaram as dissenções que já existiam na familia real, e que, mais tarde, deviam de entregar a Hispanha a Napoleão.

Não foram extranhos, tambem por um sentimento de vingança, aos males que acabrunharam, por esses tempos a França, sentindo pesar-lhe o jugo dos exercitos extranjeiros. Como na epocha da Liga, os jesuitas constituiram-se em *correios* da *Santa Alliança,* e puzeram a sua irrequieta actividade, e o seu espirito de intriga ao serviço dos reis do norte colligados contra Napoleão. O successor de Paulo I, o czar Alexandre, foi aquelle a cujo serviço mais dedicadamente se consagraram.

Assim que os extranjeiros se installaram em Paris, logo a S. J. foi restabelecida pelo papa em toda a terra.

A 7 d'agosto de 1814, o papa Pio VII, que acabava de retomar o seu logar entre os soberanos temporaes, apressou-se em publicar a bulla *Sollicitudo omnium ecclesiarum,* que destruia a de Clemente XIV e restabelecia a negra cohorte, ao fim de quarenta e um annos de dissolvida.

A promulgação d'esta bulla, fatal para a Egreja, realisou-se na egreja de *Gesu,* que

---

[1] Paulo I foi assassinado em virtude d'uma conspiração em que entravam elementos da aristocracia e de todos os grupos sociaes preponderantes no imperio.

[2] O decreto, assignado por Napoleão em 3 do *messidor* do anno XII (22 de junho de 1804), determina que as associações dos *Padres da Fé, Adoradores de Jesus* ou *Paccarinistas*, sejam dissolvidas e que os padres que as constituem se retirem no mais breve tempo possivel para as suas dioceses, para assim viverem em conformidade com as leis, e sob a jurisdição do ordinario.

foi immediatamente entregue aos filhos de Loyola.

Pio VII não submetteu o processo a novo exame, não procurou justificar os jesuitas dos crimes e faltas de que tinham sido accusados; rasgando o diploma de Clemente XIV, destruindo esta bella e santa obra, não demonstrou nem o erro, nem a fraqueza do seu predecessor. Determinou de *sciencia certa!*

Como sensatamente nota Tabaraud, no seu excellente *Ensaio e critica sobre o estado dos jesuitas em França,* toda a gente se admirou da precipitação do papa, a quem deviam solicitar cuidados mais serios e mais importantes. Comprehende-se perfeitamente que Pio VII se apressasse em nomear bispos e arcebispos, que, por sua vez, teriam empregado a sua solicitude em se cercarem de bons pastores, que trouxessem ao aprisco o rebanho, que tinha fugido pelas brechas que a revolução abrira nas muralhas santas; mas nunca restaurar os jesuitas, e demais a mais declarando «que os catholicos os reclamavam em altos gritos[1].»

Ora taes gritos deviam ser fraquissimos, e, quando muito, imprecações dos expulsos, visto que na historia não ficou, nem se encontra o mais leve vestigio d'elles.

Mais ainda; a asserção registada no documento apostolico pode e deve parecer apocripha, se se attender á attitude com que a maioria das nações catholicas acolheram tal diploma. Os cantões catholicos da Suissa, a Austria, bom numero de reinos da Allemanha não consentiram na execução do breve senão com certa repugnancia e uma lentidão

Pio VII

muito pouco conforme ao enthusiasmo de que dá conta o papa. O regente de Portugal fez significar a todas as côrtes da Europa um protesto contra o breve; e até em Italia, no seio do catholicismo, os jesuitas receberam do clero e de outras ordens religiosas uma recepção pouco amigavel. Só ou quasi só, o rei de Hispanha, esse Fernando VII, filho rebelde, rei prejuro e traficante de marca abriu apressadamente os seus estados aos filhos de Ignacio, tão depressa cingiu a corôa.

[1] Eis o trecho a que acima nos referimos; e por elle verá o leitor com que impudor se atrevia a dirigir-se á christandade aquelle que em nome de Christo tem de ser a verdade em pessoa: «Os votos unanimes de quasi todo o universo chistão, clamando pelo restabelecimento da mesma S. J., fazem chegar todos os dias até nós vivas e incessantes supplicas da parte de nossos veneraveis irmãos os arcebispos e bispos, e de pessoas as mais distinctas de todas as condições; principalmente depois que a fama publicou de todos os lados a abundancia dos fructos que esta sociedade tem produzido nas regiões que occupava, e a fecundidade da producção dos rebentões que promettem desenvolver-se e ornar por todas as partes o campo do Senhor!»

Palavras, palavras, e nem um unico facto que as justifique, nem ao acto iniquo.

E' o caso de applicarmos ao papa a palavra que elle applicou a Napoleão:

— *Commediante!*

# CIX

## Um czar reparador e um rei destruidor

Ainda não eram passados dois annos, depois que Pio VII tinha restabelecido os jesuitas em toda a terra, quando as suas intrigas lhes attraem novo raio que os vae fulminar, mesmo ao foco em que até então, desobedientemente, se tinham mantido e aos seus institutos.

No dia 1.º de janeiro de 1816, Alexandre I, imperador da Russia, dava aos seus subditos umas boas festas verdadeiramente regias, expulsando dos seus estados a companhia de Jesus. Firme no throno, arbitro dos destinos da Europa, reconheceu o erro dos seus antecessores e o seu proprio protegendo até então a S. J., e resolveu emendar-se. O ukase então publicado é completamente analogo aos editos de todos os reis de França e da Europa, a todas as sentenças dos parlamentos franceses, e ao breve de Clemente XIV; o que mais uma vez prova que Lourenço Ricci, o geral da expulsão, tinha rasão e conhecia os homens a quem governava, quando respondia ao papa: «Que os jesuitas ou hão de existir como são, ou então deixarão de ser.»

Eis esse ukase, que a historia deve conservar nas suas paginas doiradas:

«Voltando, depois d'uma feliz conclusão dos negocios externos, ao imperio que Deus nos confiou, fomos informados por um grande numero de relatorios e por numerosas queixas das circumstancias seguintes:

«A ordem dos jesuitas da Egreja catholica, apostolica, romana, tinha sido abolida por uma bulla do papa. Em resultado d'esta medida, os jesuitas foram expulsos não sómente dos estados da Egreja, mas de todos os outros países, e não puderam conservar-se em parte alguma. Sómente a Russia, constantemente guiada pelos sentimentos de humanidade e de tolerancia, os conservou nos seus dominios, lhes concedeu asylo, e lhes assegurou a tranquillidade, sob a sua potente protecção. Não poz qualquer obstaculo ao livre exercicio do seu culto, não os afastou d'esse culto nem pela força, nem pelas perseguições, nem mesmo pela seducção; mas, em compensação julgou poder esperar d'elles fidelidade, dedicação e prestimo. N'esta esperança consentiu que se consagrassem á educação e instrucção da mocidade. Paes e mães sem receio lhes confiaram seus filhos para lhes ensinarem as sciencias e formarem a moral.

«Comtudo acaba de ser provado que elles não teem cumprido os deveres que lhes impunham o reconhecimento, e essa humildade que tanto recommenda a religião christã, e que em vez de se conservarem habitantes pacificos d'um país extranjeiro, pretenderam perturbar a religião grega, que, desde os mais remotos tempos, é a religião dominante do nosso imperio, e sobre a qual, como sobre um rochedo inabalavel, assenta a tranquillidade e a felicidade dos povos submettidos ao nosso sceptro. Começaram primeiramente por abusarem da confiança que tinham alcançado; afastaram do nosso culto os mancebos que lhes tinham sido confiados, e algumas mulheres de espirito fraco,

de que abusavam para as attrairem á sua egreja. Levar um homem a abjurar a sua fé, a religião dos seus avós, extinguir n'elle o amor por aquelles que professam o mesmo culto, tornal-o extranho á sua patria, semear a sizania e a animosidade no seio das familias, desligar o filho do pae, e a filha de sua mãe, fazer nascer as divisões entre os filhos da mesma egreja, será isto cumprir a vontade de Deus e de seu divino Filho Jesu-Christo, nosso Salvador, que derramou por nós o seu sangue mais puro, a fim que vivessemos pacificos e tranquillos em todas as especies de devoções e de boas vidas?

«Depois de semelhantes acções, já nos não surprehende que a ordem d'estes religiosos tenha sido afastada de todos os paises, e que não seja tolerada em parte alguma. Qual é, effectivamente, o estado que poderia conservar em seu seio aquelles que espalham o odio e a perturbação? Constantemente preoccupado com o bem estar de nossos fieis subditos, e considerando como um sagrado dever sustar o mal na sua origem, a fim de que não possa amadurecer e produzir perniciosos fructos, resolvemos, por isso, ordenar:

«1.º Todos os membros dos jesuitas devem de ser immediatamente expulsos de S. Petersburgo.

«2.º A entrada das nossas duas capitaes fica-lhes desde hoje e para sempre prohibida.»

Como se vê, este diploma denota um alto senso politico, e uma vontade honrada de restabelecer a paz entre os filhos d'uma mesma patria os quaes os jesuitas, a titulo de religião, procuravam dividir, para os seus proprios e inconfessaveis interesses. E esses interesses nem sempre são os individuaes dos jesuitas que vestem a roupeta, mas de outros que vivem na sociedade, e que só são conhecidos quando alguma torpeza grande os leva ao banco dos reus, nos tribunaes.

Entretanto, os jesuitas, que se tinham introduzido em França com as bagagens dos extranjeiros, vinham confiados que Luiz XVIII revogaria sem mais demoras o edito de Luiz XV. Mas não aconteceu assim, apesar dos poderosos protectores que tinham na corte, entre outros o conde de Artois, irmão do rei, e que foi depois o famoso e de triste memoria Carlos X. Mas Luiz XVIII, principe dotado de excepcional finura, tendo sondado o terreno, temeu, que chamando os jesuitas, fizesse renascer as mesmas commoções politicas, que já uma vez tinham derribado o throno das flores de lis. Portanto, repelliu por longo tempo as instancias dos jesuitas e dos seus amigos; o que determinava que no pavilhão Marsan, foco do ultra-realismo, fosse chamado: *um discipulo d'esse infame Voltaire!...*

Furiosos por verem o rei legitimo recusar declarar-se abertamente em seu favor, os jesuitas *delegitimaram-o,* allegando que não tinha sido sagrado, e fomentaram contra elle uma guerra de todos os instantes. Luiz XVIII, que tinha jurado a si proprio morrer no throno, e de morte natural, julgou ser-lhe mais proveitoso deixar os jesuitas entrar em França, comtanto que mudassem de roupeta e de rotulo, e de novo surgiram os *Padres da Fé,* o que permittiu que o rei, usando das restricções mentaes dos seus agora protegidos, julgou fazer calar os receios que fazia nascer o novo e rapido ascendente que elles tomavam e que já se formulava aos pés do throno, respondendo: «Não existem jesuitas no meu reino.»

E os ministros de tal amo, tranquillisavam os que se assustavam no parlamento, dizendo-lhes por sua vez: «Não existem jesuitas em França!»

E assim esta perfida gente tomava de novo pé no país d'onde os seus crimes tantas vezes a tinha banido! Introduziam-se por toda a parte, estabeleciam-se em todas as dioceses, reformavam as suas provincias e procuradorias, insinuavam-se no ensino, apoderavam-se da direcção dos seminarios, fundavam outros para os seus alumnos, e encontravam de novo a riqueza e o poderio.

Por toda a parte missões e missionarios, procissões, elevações de cruzeiros, confrarias com insignias e estandartes de côres differentes, prédicas espantosas, conversões milagrosas e, por vezes, milagres como complemento; canticos com musica pimponante; as solemnidades religiosas embellesadas com a presença de virgens vestidas de branco, e realcadas pela presença das auctoridades de

grande gala e da gendarmeria de grande uniforme!

Foi principalmente no reinado de Carlos X que todas essas coisas chegaram ao apogeu. Viram-se então nas *via-sacras* presididas pelos *Padres da Fé*, as mulheres da primeira sociedade irem descalças pelas ruas, e a familia real dar o exemplo da devoção, juntando se ás procissões que se dirigiam para Montrouge, cantando devotas jaculatorias a que adequavam as musicas das canções revolucionarias, ou alegres estribilhos populares dos divertimentos, aliás bem pouco devotos.

Carlos X, que depois de velho se fizera devoto, provavelmente para expiar os peccados da mocidade, entregou se de corpo e alma á companhia. Durante o seu reinado, os jesuitas readquiriram coragem e entregaram-se, quasi que a descancaras, á realisação dos seus audaciosos projectos. Uma organisação regular ligou entre si os diversos estabelecimentos, que se correspondiam de maneira seguida e não occulta com o seu geral em Roma. A's portas de Paris instituiram Montrouge e Saint Acheul. Os seus seminarios treplicaram, e viu-se, por mais de uma vez, negarem obediencia aos prelados diocesanos. Já ninguem se occultava para receber a roupeta negra de Loyola, e as admissões ao noviciado eram publica e descaradamente assignadas pelo *Provincial da Sociedade de Jesus, na provincia das Gallias.* Emfim, em 1826, a existencia dos jesuitas de França foi confessada pelo ministro dos cultos, o sr. de Hermapolis, homem, como se dizia então, de um grande talento... ao bilhar.»

Na sessão da camara dos deputados de 29 de maio, o ministro da Instrucção publica declarou que, sem querer entrar numa discussão profunda das leis que tinham successivamente banido e readmittido os jesuitas, elle acceitava a sua existencia e a sua presença na terra francesa. A maioria ministerial applaudiu esta declaração, que abriu tão largo campo ás esperanças jesuiticas. N'um excellente discurso, o deputado Lainé protestou contra as singulares palavras do ministro. Provou que a carta não tinha, como este ultimo dissera, destruido as barreiras collocadas ao redor do Estado para o defender das approximações do jesuitismo. «Os accordãos dos parlamentos, os editos reaes, continuou o deputado, proscreveram os jesuitas como ordem, como corpo, como congregação. Para destruir tudo isto é preciso uma nova sentença, uma nova lei. Quem ousará dal-as?

A realeza preparava-se para responder a este desafio, quando a magistratura lhe foi á mão. Reunida em sessão plena, publicou uma declaração que deu um solenne desmentido ás palavras do ministro. Este memoravel accordam, que rememora todas as leis e accordãos que se publicaram contra a S. J., decide «que o estado da legislação se oppõe formalmente ao restabelecimento d'esta sociedade, qualquer que seja a denominação com que se apresente: que, pelos precitados accordãos, a existencia do dito instituto é declarada incompativel com a independencia de qualquer governo, e mais ainda com a Carta constitucional, que constitue, hoje, o direito publico dos franceses...»

Obstinava-se a realeza na sua cegueira protectora, quando a revolução de 1830 a varreu do throno.

E mais uma vez se provou, que aves são de mau agoiro os jesuitas para aquelles a quem se ligam.

Uma procissão dos Padres da Fé em 1830

# CX

## A campanha anti-jesuitica de Michelet, Quinet e Thiers

Como as epidemias cujos microbios não são absolutamente extinctos, e que, deixados em meio apropriado, se desenvolvem, crescem e de novo infectam, assim acontece com os jesuitas, cujo fermento amaldiçoado fica escondido e ignorado até o momento, que elles julgam propicio para nova invasão.

São passados doze annos e já das suas cadeiras de professores de historia, nas suas licções de 1842, Michelet e Edgar Quinet os expõe de novo á indignação publica, e são obrigados para salvarem a mocidade do seu tempo, cujo ensino elles iam açaparando, para protegerem o clero nacional, que elles impudentemente começavam a dominar, a refazer a historia das tendencias, invasões, escandalos e crimes da famigerada companhia.

Os jesuitas tinham a maxima ingerencia nos seminarios, onde ministravam, aos que se destinavam ao sacerdocio, uma instrucção menos que elementar, que tornava o clero secular intellectualmente inferior ao que elles preparavam nas suas casas especiaes. Assim o diz o grande historiador, na introducção ás notas das suas licções, quando escreve: «o que se faz n'estes seminarios, tão bem fechados em contrario das leis, quasi que só se conhece pela nullidade dos resultados; o que melhor se conhece d'elles são os seus livros d'ensino, livros atrazados, de rebutalho, abandonados em todas as aulas, e que infligem constantemente aos rapazes que se dedicam ao sacerdocio. Como pois admirar que estes saiam d'alli tão extranhos á sciencia como á sociedade? Ao primeiro passo dado na vida, sentem que não possuem nada do que precisam; os mais atilados calam-se, e assim que surge uma occasião propicia o jesuita ou seu mandatario apparece, apodera-se do pulpito, e o padre esconde-se.»

Na desorganisação da familia e da mocidade a obra dos jesuitas era auxiliada por uma «fraca mão á qual nada resiste, a mão da mulher». Os jesuitas empregavam o instrumento, de que fala S. Jeronymo: «pobres mulhersinhas, cheias de peccados.»

«Mostra-se, continúa Michelet, uma fructa a uma creança para a attrair! Pois bem, elles mostraram ás mulheres gentis pequeninas devoções femininas, santos brinquedos, inventados d'hontem; e arranjaram-lhes um pequenino meio idolatra. Que de signaes da cruz não faria S. Luiz, se voltasse ao mundo e visse o que por ahi vae?... Não ficaria aqui dois dias; preferiria voltar a ser captivo dos sarracenos.

«Estas novas modas eram necessarias para a conquista das mulheres. Quem quizer tel-as por si, precisa condescender com as suas pequeninas fraquezas, a pouco e pouco; e muitas vezes sacrificar ao gosto do falso. O que fez junto de muitas d'ellas o exito d'estes, principalmente no começo, foi justamente esta mentira obrigatoria e este mysterio; nomes falsos, moradas pouco conhecidas, visitas ás occultas, necessidade picante de mentir quando voltavam...

«Tal, que tem sentido muito, e que por fim acha o mundo uniforme e enjoativo, procura voluntariamente no acervo de idéas contrarias, não sei que acre sabor... Vi em Veneza um quadro, onde, sobre um rico tapete sombrio, uma rosa formosa murchava junto d'uma caveira, e sobre esta voava satisfeita uma vespa graciosa.

«Isto é a excepção. O meio simples e natural que geralmente dá resultado, é de agarrar os passaros selvagens, por meio de outros engaiolados. Falo das jesuitas[1] delicadas e meigas, manhosas e encantadoras, que, caminhando constantemente na vanguarda dos jesuitas, em tudo põem o oleo e o mel, que lhes preparam o caminho... Ellas sabem enthusiasmar as mulheres fazendo-se irmãs, amigas, o que quizerem, mães principalmente, vibrando o ponto sensivel, o pobre coração maternal...

«De boa amisade, consentiriam em tomar a filha; e a mãe que, d'outra sorte, nunca se teria separado d'ella, a entrega de boa mente em tão meigas mãos... Até mesmo se encontraria mais livre, porque, emfim, a querida testemunha sempre a embaraçava algo, principalmente, se, caminhando a edade, se visse desabrochar junto de si a querida, a adorada, mas a por de mais deslumbrante flôr.

«Tudo isto se faz perfeitamente, apressadamente, com um segredo e uma discreção admiraveis. Os jesuitas, por este meio, não estão longe de terem nas casas das suas filiadas as filhas de todas as familias influentes do país. Resultado enorme... Unicamente, era preciso saber esperar. Estas creanças, dentro em poucos annos, serão mulheres, mães... e quem tem por si as mulheres, com o andar do tempo, virá a ser senhor dos homens.

«Uma geração bastava. Estas mães teriam filhos. Os jesuitas, porém, não tiveram paciencia. Alguns exitos de pulpito e de salão atordoaram-os. Abandonaram os meios prudentes, que lhes tinham dado tão bons resultados. Os habeis mineiros, que tão bem iam por debaixo da terra, quizeram trabalhar a ceu aberto. A toupeira deixou o seu buraco para caminhar á luz do sol.

«Hoje é tão impossivel a qualquer isolar-se do seu tempo, que os que tinham mais de temer o ruido, foram os proprios que começaram a gritar:

«Ah! estaes lá... Obrigado, mil vezes obrigado por nos teres acordado!... Mas que quereis?

«—Como já temos as filhas, queremos os filhos; em nome da liberdade entregai-nos vossos filhos...»

«A liberdade! Elles tão carinhosamente a amam, que, no seu ardor por ella, pretendem estrangulal-a no ensino superior... Feliz presagio do que farão no ensino secundario!...[1] E assim, logo nos primeiros meses de 1842 elles enviavam os seus jovens santos ao collegio de França, para perturbarem os cursos.»

Mas nem Michelet nem Quinet se intimidaram com as algaradas dos jesuitas e seus mercenarios, e continuaram elevando a voz contra elles, do alto das suas cadeiras.

Os jesuitas juntavam mais uma joia á sua corôa de vilanias, na cobardia do numero atacando um homem de bem e uma gloria da França.

Quinet explica n'um eloquente prefacio o que o determinou a tratar dos jesuitas no seu curso de litteratura meridional, e a affrontar a berraria com que os amigos dos bons padres quizeram impedil-o de falar. São d'elle as seguintes linhas que vão lêr-se:

«Depois de se terem servido da violencia tanto quanto puderam, os adversarios do pensamento representam agora o papel de martyres; resam publicamente nas egrejas

---

[1] As irmãs do *Sagrado Coração* são, não só dirigidas e governadas pelos jesuitas, mas, desde 1823, teem as mesmas constituições. Os interesses pecuniarios d'estes dois ramos da ordem devem de ser communs até um certo ponto, visto que os jesuitas, de volta á França, depois da revolução de julho, foram auxiliados pelos cofres do *Sagrado Coração*. E' d'esta epocha que data a revogação da ordem de Ignacio de Loyola que prohibia os jesuitas de dirigirem apparentemente casas de mulheres.

[1] E' este ensino de que elles estão absolutamente de posse nos seus collegios em Portugal, e do primario por meio das escholas das Dorothéas e outras de differentes designações mas de fim identico —o embrutecimento da mocidade.

pelos jesuitas perseguados: e é esta uma mascara que não pudemos deixar de lhes arrancar. Porque não se contentaram em nos calumniar? Nunca, pela minha parte, teria pensado em lhes perturbar a tranquilidade; mas não lhes bastou isso, quizeram combater, e hoje, que o conseguiram, queixam-se de terem sido lesados. Durante alguns dias, foi nos dado vêr aos pés das nossas cadeiras, os nossos modernos *ligueurs* berrando, assobiando, vociferando, e o peor é que tudo isto se fazia em nome da liberdade; para maior vantagem da independencia das opiniões, começava-se por abafar o exame das opiniões.

«Fazia-se a pouco e pouco, do ensino e da sciencia uma praça bloqueada; esperâmos que o ultrage nos viesse assaltar para que ficasse exuberantemente demonstrado quanto era necessario levar o ataque ao meio dos assaltantes.

«No dia em que começamos a lucta, desde logo resolvemos acceital-a sob qualquer das formas com que se nos apresentasse.

«Uma coisa me tornou o encargo facil; foi que uma tal situação nada tinha de pessoal. Havia longo tempo que se via, effectivamente, um fanatismo artificial explorar as crenças sinceras; a liberdade religiosa denunciada como um *dogma impio;* o protestantismo levado ás ultimas extremidades por ultrages sem nome; os pastores da Alsacia obrigados de acalmarem, por uma declaração collectiva, as suas communas espantadas de tantas e tão selvagens provocações; um incrivel decreto, arrancado por surpreza, que tirava mais de metade das egrejas do campo aos seus legitimos possuidores; um padre que, assistido dos seus parochianos, lança ao vento os ossos dos reformados, e esta impiedade fica insolentemente impune; o busto de Luthero vergonhosamente arrancado d'uma cidade lutherana; a guerra latente organisada n'esta atilada provincia, e a tribuna que se cala em presença de tão extranhos factos; por outra parte os jesuitas duas vezes mais numerosos no tempo de revolução, que o não foram no da restauração, com elles as maximas da congregação que logo reapparecem, bem como indiziveis infamias, que o proprio Pascal não se teria sequer atrevido a citar para as combater, e que revindicam como alimento espiritual para todos os seminarios e todos os confessores de França; os bispos que se revoltam uns após outros contra a auctoridade que os elegeu e, apesar de tantas traições; uma facilidade singular em provocar outras; o baixo clero n'uma servidão absoluta, novo proletariado que começa a animar-se até já se queixar; e, no meio d'este concurso de coisas, quando se não devia pensar senão na defesa, um ardor doentio de provocação, uma febre de calumnia que se sanctifica pela cruz; eis qual era o estado da situação geral.

«O terreno estava, além d'isto, bem preparado; de ha muitos annos que se vinha trabalhando a sociedade d'alto a baixo, nas officinas, nas escholas, tanto pelo coração como pela intelligencia. A opinião parecia ceder constantemente. Acostumada a recuar porque não daria ella mais um passo para traz? Desde o primeiro momento o jesuitismo se achou d'accordo com o carlismo em um mesmo espirito de manha e de decrepitude pintalgada. O que Saint-Simon chama *esta escuma da nobreza,* não podia deixar de se misturar a este fermento. Quanto a uma parte da burguezia, applicada a macaquear um falso resto de aristocracia, estava preparada para considerar como nota de bom gosto, a imitação da caducidade religiosa, litteraria e social.»

A situação estava pois claramente definida. Em doze annos o jesuitismo tinha de novo invadido a França e era elle quem mandava, como mandava na Suissa, onde os cantões, á falta de quem os protegesse contra a medonha invasão, tiveram que armar-se e pelejarem em verdadeiras e mortiferas batalhas, contra os invasores e seus amigos.

Mas debalde clamavam as vozes dos professores. O jesuita tinha por si as mulheres com todas as suas abnegações, todas as suas condescendencias e até erros, faltas e vicios, e caminhava triumphante, impondo a tudo e a todos, como lei, as *constituições* da ordem.

E comtudo Quinet assim definia essas constituições: «A vida moral e espiritual é

morta em tal lei; folheae-a de boa fé, sem idéa reservada, perguntae a vós mesmos, se o quizerdes, a cada pagina, se é a palavra de Deus que serve de fundamento a este arcaboiço; para que assim fosse, era necessario que, ao menos, o nome de Deus fosse pronunciado, e affirmo que elle ahi rarissimas vezes apparece. A experiencia do homem de negocios, a engrenagem d'uma extrema complicação, um arranjo atilado das pessoas e das coisas, a regularidade antecipada do codigo de processo substitue a oração, a elevação que faz a substancia das outras regras. O fundador fia-se muito nas combinações industriosas, muito pouco nos recursos da alma; e n'esta regra da sociedade de Jesus, tudo se encontra, excepto a confiança na palavra e nome de Jesu-Christo.»

Folheando de novo estas paginas para recordar a feição e obras dos jesuitas, no segundo quartel do seculo XIX, solicitou-me a attenção o seguinte trecho da licção 5.ª, que tem por titulo: *Theorias politicas, ultramontanismo,* que julgamos de utilidade ser conhecido dos nossos leitores.

«Todo o espirito da companhia de Jesus está contido no principio de economia domestica, que passo a desvendar. A S. J. soube conciliar ao mesmo tempo, por um prodigio de habilidade, a pobreza e a riqueza. Pela pobreza vae ao encontro das almas piedosas; pela riqueza ao do poder. Mas como conciliar estas duas coisas em direito? Eis como.

«Segundo a sua regra, submettida ao concilio de Trento, elle compõe-se de estabelecimentos de natureza differente: de casas professas, que nada podem possuir de proprio (é a parte essencial), e de collegios, que podem adqurir, herdar, possuir (é a parte accidental); o que é o mesmo que dizer, que a sociedade está instituida de maneira a poder simultaneamente recusar e acceitar, viver segundo o Evangelho e viver conforme o mundo. Sejamos mais precisos. No fim do seculo XVI, vejo que ella possuia vinte e uma casas professas, duzentos noventa e tres collegios, isto é, vinte e uma mãos para recusar e duzentas e noventa e tres para receber e agarrar. Eis em duas palavras o segredo da sua economia interior.»

De todos os lados se erguiam queixas contra os jesuitas, e o proprio governo começava a comprehender que tinha confiado de mais na santa gente. Na sessão parlamentar de 1845, encontramos Thiers na tribuna da camara dos deputados discursando contra elles, com a auctoridade que lhe dava o seu nome, com a vehemencia que acalentava o

Thiers

seu coração de verdadeiro francês.

Cumpre notar que se o apoio aos jesuitas lhes viera principalmente dos emigrados, que tinham voltado armas contra a França, elles começavam já a influir na sociedade burgueza. O sentimento, que fizera subir o grande francês á tribuna, elle o exprime nas seguintes palavras do seu exordio: «Mas ao lado d'este sentimento (o religioso) existe um todo poderoso em meu coração, é o amor levado ao ciume dos direitos do Estado: e em a nossa forma de governo, o Estado, somos todos, é a nação, é a patria.»

Agora, com as palavras d'este notabilissi-

mo discurso, ligaremos a successão dos factos.

«Em 1830 existiam alguns (em França) em numero limitado: uns como individuos, outros como communidade. O governo conhecia esta existencia; era mesmo impossivel deixar de a conhecer. Mas então, comprehendo que em presença de duas considerações, primeiramente difficuldade de provar juridicamente a sua existencia, visto que não era confessada, segundo receio, receio respeitavel e sensato, de perturbar a paz que existia entre a Egreja e o Estado, comprehendo que em presença d'estas duas considerações, o governo tivesse hesitado em executar immediata e rigorosamente as leis. Mas d'alguns annos a esta parte a extensão da congregação dos jesuitas tem sido consideravel. E' difficil apresentar um documento completo a tal respeito, e só o governo póde obter esclarecimentos sufficientes; mas creio, comtudo, estar bem informado quando disser que hoje é por tal fórma poderosa, que precisou dividir-se em duas provincias, provincia de Lyon e provincia de França, que conta vinte e sete casas, um numero de professos quatro ou cinco vezes mais consideravel do que é confessado em publico, e que este numero tende a augmentar de dia para dia.

«Logo falarei das diversas influencias que esta sociedade póde adquirir no país, e que já mesmo adquiriu. Mas digo que o augmento do numero das casas jesuiticas é consideravel, que este numero póde já ser o triplo do que era, e que, em fim, em logar d'essa existencia latente, que podia ser contestada perante a justiça, e que teria juntado á difficuldade do andamento judicial a difficuldade da constatação, succedeu uma existencia confessada, juridicamente demonstrada, d'esta corporação prohibida pelas leis do nosso país.

«Bem sabeis, meus senhores, que n'esta existencia, se não obscura, como já não é, mas illegal, que os jesuitas se fizeram em França, elles se vêem obrigados a não possuirem valores immobiliarios, excepto aquelles que lhes são dados com nomes supostos. Mas os seus principaes valores são mobiliarios, o que os expõe ás infidelidades.

«Uma infidelidade d'este genero, levada aos tribunaes, deu a conhecer a existencia da sociedade[1]. Sabem, tão bem como eu do que se trata. A's perguntas da justiça, uns responderam que eram: *provincial da provincia de França,* outros *procurador, caixa, bibliothecario*, etc.

«Os livros vieram á audiencia. Qual é o valor dos bens mobiliarios da sociedade? E' impossivel dizel-o, mas o movimento de fundos attesta que é consideravel.

«Por fim, todos adquirimos a prova d'uma auctoridade extranjeira entre nós, da auctoridade do *geral,* visto que taes livros, segundo o que foi confessado, são destinados para fazer conhecer em Roma a contabilidade da sociedade.

---

[1] O processo a que Thiers se refere é o de João Affenaer.

Por começos de 1844, uma actriz d'um dos pequenos theatros do boulevard, em Paris, chamada Florentina, era amante d'um homem da alta roda, rico, generoso, e que lhe satisfazia todos os caprichos. Seria a mais feliz das mulheres se não tivesse querido saber quem era no fundo esse sr. Necker, seu amante, e o que todos os dias, a certas horas, elle fazia, que a deixava, sem nunca lhe querer dizer para que. Uma occasião, em que a curiosidade mais a remordeu, seguiu-o e viu o entrar para a casa n.º 18 da rua *des Postes*, e soube do cocheiro, em cujo trem seguira o amante, que era alli o convento dos jesuitas. Retirou-se sobresaltada, e lendo n'um jornal que n'aquella casa se recebiam esmolas para os pobres, foi lá no dia seguinte, sem saber bem para que, mas inquieta e febril, como quem vae ao encontro do desconhecido. Bateu, disse que ia levar uma esmola, e mandaram-a seguir para a thesouraria; e quando apresentava a offerta, o caixa levantou a cabeça para recebel-a, e ella reconheceu n'elle o Necker, seu rico protector!

Necker, que se chamava verdadeiramente João Affenaer, frequentava com um nome supposto os bastidores dos theatros e esbanjava com as actrizes os dinheiros que os ingenuos levavam aos jesuitas para soccorro dos neccessitados.

Tempos depois, Affenaer era accusado pelos jesuitas e levado aos tribunaes, por um desfalque importante na caixa. Florentina, dada como testemunha pelos reverendos padres, não pôde assistir ao julgamento do amante, porque já tinha morrido, victima d'um parto desgraçado.

O caixa infiel foi condemnado a cinco annos de prisão, e a dez de vigilancia; mas o mais importante do processo foi provar-se juridicamente a existencia illegal dos jesuitas em França, e que ao tempo eram poderosamente ricos e em correspondencia com toda a Europa para as suas especulações.

«Assim está feita a prova juridica da sua existencia.

«Pois bem, em presença de taes factos, não proceder, não é renunciar por tolerancia á execução immediata e rigorosa das leis: quereis saber o que é? E' revogal-as. Sim, depois de taes factos, depois das discussões que já se ouviram na outra camara, e das que vão realisar-se aqui, a lei fica muda, tereis feito mais que tolerar a sociedade de Jesus, tereis revogado as leis e os editos reaes que as precedem; tereis em 1845, decretado o chamamento dos jesuitas para França!»

O grande patriota, porém, estava convencido que os jesuitas tinham mudado, e dizia: «Não os accusarei de todos os vicios de que por tanto tempo foram accusados. Não, meus senhores, mas o que sustento, é que ella (companhia de Jesus) é o asylo no qual todas as almas inquietas, ardentes, vão procurar a força associativa, a influencia, talvez a dominação.»

Essa dominação que Thiers temia realisou-se. Os jesuitas conseguiram dominar o clero, e tornal-o, depois dos prussianos, o maior inimigo da França; assim o proclamou Gambetta no seu famoso grito d'alarme «*Le clericalisme! Voilá l'ennemi!*»

O governo, d'esta vez ouviu a palavra com que Thiers terminou o seu discurso, dizendo aos ministros: «Declaro em meu nome e no de meus amigos, que não é uma difficuldade com que queremos ver-vos a braços, mas sim uma difficuldade que queremos ajudar-vos a resolver, e o sr. Martim du Nort foi á camara dos pares annunciar que as leis existentes sobre as congregações religiosas iam ser strictamente executadas. Abriram-se negociações com Roma, e o papa deu ordem aos jesuitas para ainda uma vez saírem de França.

# CXI

## A ultima campanha em França

As velhas dynastias, ou aquellas que queriam reinar segundo os mesmos processos, comprehendendo que a ordem de Jesus é um agente incomparavel de restauração do absolutismo, e o mais proficuo dos meios para a extirpação das ideias de liberdade, que, com a revolução franceza, se expargiram pelo mundo, favoreceram e favorecem tanto quanto pódem a educação jesuitica.

Em França, o segundo imperio, que teve á sua cabeça esse Napoleão III de triste memoria, seguiu esse methodo durante quasi toda a sua nefasta existencia. Protegida, animada, repleta de privilegios e izenções, a actividade jesuitica tomou vôo altaneiro.

Uma das suas mais incessantes diligencias foi assenhorar-se do espirito da officialidade do exercito.

O estabelecimento de ensino de preparatorios para as escholas militares e para a Eschola polytechnica, por elles fundado em Paris, adquiriu tal nomeada, que em 1864 contava trezentos e trinta alumnos, tendo sido recusados cento e vinte e quatro por falta de espaço e d'accomodações; e isto ainda não são passados vinte annos depois que os grandes homens, a que nos referimos no capitulo anterior, tinham erguido a voz contra elles.

Mais ainda. Uma grande parte dos candidatos admittidos á Eschola de Saint-Cyr, eram preparados pelos jesuitas [1]. Estes citam taes factos em sua honra e gloria, mas a guerra de 1870–1871 foi uma prova tão dolorosa como terrivel de que a educação por elles dada aos officiaes franceses, não foi para invejar; e, annos depois, o processo Dreyfus, deixou assignalada a baixeza moral de certos officiaes a quem elles formaram o espirito.

Com o governo de Mac-Mahon o seu predominio foi grande em toda a França. Elles punham e dispunham do alto e baixo clero, dos prefeitos e subprefeitos, dos tribunaes

---

[1] Esta preparação, porém, era alcançada não por meio d'um sério trabalho de ensino, nem por um methodo mais efficaz do que os seguidos nas outras escholas, mas pelos meios que nada tinham com a sciencia da pedagogia, ou da illustração dos professores. Em 1 de julho de 1876 a ***Petite Republique française*** publicava o seguinte:

«Os alumnos dos jesuitas da rua des ***Postes***, que concorrem para a matricula na Eschola polythechnica, conheciam d'antemão o ponto do desenho Era a inserção d'uma hyperboloide e d'um cone tendo uma geratriz commum.

«Factos analogos se deram nos annos anteriores.

«Assim, em 28 de junho de 1876, um estudante que concorria á matricula da Sorbonne pôde fazer conhecer exactamente ao capitão de vigia o ponto da composição, antes da entrega das folhas ainda fechadas. Depois de abertas, o facto foi conhecido como exacto, e o desenho tal como elle o tinha indicado.»

O padre Du Lac, chamou o auctor da noticia aos tribunaes, então todos nas mãos dos jesuitas, e levou alli como seu advogado o seu particular amigo, aquelle famoso de Germiny, que, alguns dias depois d'esta audiencia, foi preso num dos urinoes de Paris, por factos degradantes para um homem e para a mora publica.

Pelo defensor se pódem conhecer os defendidos e a moral que ensinam e praticam.

em todas as suas instancias, com rarissimas excepções. A sua audacia chegou a ponto de irem contra as leis geraes, e, por suas insinuações, os prefeitos determinaram o seguinte ultraje que, em forma de circular, atiraram á consciencia publica:

A actriz e os jesuitas

«As pessoas enterradas civilmente serão enterradas de madrugada.

«Serão depostas n'uma parte do cemiterio reservada áquelles que não pertencem a nenhum culto [1].

«Prohibição aos professores de assistir aos enterros civis.»

[1] Particularmente ordenava-se que a cova se abrisse no *canto dos suicidas*.

Era o tempo em que elles, para vencerem a irresolução d'um chefe de familia ou d'um filho em seu favor, ordenavam no confessionario a todas as mulheres da casa, sob as mais terriveis penas do inferno por toda a eternidade, que nenhuma d'ellas dirigisse ao pae, filho ou irmão a mais leve palavra, nem a mais insignificante resposta, creando assim ao redor da victima um silencio aterrador e desesperante.

Era o tempo em que o famoso Veuillot alcunhava o casamento religioso de *desinfectante*.

Aquelle tempo em que se multiplicavam as apparições de santos e santas, em beneficio das bolsas dos exploradores da credu-

lidade humana; aquelle em que se fundava em Quimper, no Finisterra, uma associação que tinha por titulo: «*Sociedade das almas do purgatorio*, em cujos estatutos se lia esta coisa inqualificavel: «*Os defuntos que não eram associados são admittidos*, a joia para elles, é de cinco francos pagos em uma só prestação»; aquelle em que o governo consentia que se annunciasse por sobre certas portas: «*Venda de indulgencias, aberta das dez ás quatro da tarde. Cinco francos cada bilhete*»; aquelle tempo, emfim, em que se publicavam catecismos destinados exclusivamente a espalhar a desordem e a perturbação na sociedade politica.

De ousadia em ousadia levaram Mac-Mahon a dar o golpe d'estado de 16 de maio, contra o qual a França reagiu, obrigando-o a demittir-se, visto que se não quiz submetter.

A victoria eleitoral da bandeira que tinha por lemma *Le clericalisme, voilá l'ennemi*, exasperou-os por tal forma, que, vendo o novo governo, que elles se recusavam a seguir o exemplo do ex-presidente, antes continuavam em acerba guerra aberta, se viu forçado a levar ao parlamento uma nova lei sobre as associações, na qual o celebre artigo 7.° lhes tirava a arma de ensino de que estavam abusando, em nome d'uma mal entendida liberdade, que não servia senão para cavar odios cada vez mais fundos, como são os odios religiosos, entre os filhos da mesma patria.

Na sessão da camara dos deputados de 26 e 27 de junho de 1879, em que Jules Ferry pronunciou o seu celeberrimo discurso, defendendo o projecto de lei governamental, ficou amplamente demonstrado que os jesuitas, ao contrario do que Thiers julgava, havia uns trinta annos, em nada tinham mudado e que eram então os mesmos que no tempo de Pombal, de Henrique IV e de Ignacio de Loyola.

A declaração da direita da camara, que os jesuitas não eram os mesmos de então, o ministro da instrucção publica respondia victoriosamente:

«Tambem ouvi dizer, e li-o nas discussões, que os jesuitas estavam muito mudados, que eram bons religiosos, respeitosos dos bispos, submissos aos ordinarios, e que já nada existia das antigas isenções.

«Ah! meus senhores, ha a este respeito uma curiosa e bem interessante historia; é a historia do illustre e infeliz arcebispo de Paris, Monsenhor Darboy, em 1865. E' um dos factos da historia contemporanea que terriveis acontecimentos tiraram da sombra, mas que é necessario lembrar hoje, para vos mostrar que não ha nada de mudado nem na constituição da ordem, nem nas suas pretenções, nem nas pretenções de Roma, cuja milicia é.

«Monsenhor Darboy, n'um discurso pronunciado no senado imperial, discurso notabilissimo, que eu li com uma grande attenção, direi mesmo quasi com verdadeira emoção, porque é um falar altivo, comparado com a linguagem de 1876 e 1877, e que faz pensar quaes teriam sido, na verdade, os destinos da egreja de França, se ella tivesse conservado á sua frente um homem d'este grande espirito e d'este firme caracter. *(Movimento)*. D'este firme caracter, meus senhores, porque n'este conflicto celebre, que foi celebre e que deve tornar a sel-o, monsenhor Darboy ousou afrontar o irascivel Pio IX em pessoa.»

Seguem-se varios extractos da carta em que Pio IX *censura* o arcebispo, por elle ter *ido visitar as casas religiosas* (?) dos jesuitas e d'outros frades, do seu arcebispado, e dos argumentos leaes, francos e irrespondiveis com que monsenhor Darboy refuta cada objecção do papa, pelos quaes prova que existiam jesuitas na sua diocese, os quaes, segundo os canones, não tinham instituição canonica alguma, porque nem elle *arcebispo nem nenhum dos seus antecessores os tinha auctorisado a viverem em Paris como congregação*.

E depois continuava: «Fiz estas citações, para vos fazer conhecer que não sómente existe uma congregação importante, consideravel pelo numero dos seus adherentes, pela sua riqueza, pelo numero de alumnos a que dá educação; mas que esta congregação é a mesma que excitou a animadversão e o terror de nossos antepassados, aquella que a nossa legislação baniu, aquella que os nossos parlamentos, durante duzentos annos, com-

bateram, aquella que o seculo XVI conheceu como a milicia de Roma, destinada a esmagar esse grande acontecimento da Reforma, e para me servir d'uma admiravel expressão de Gladstone, «o maior instrumento de escravidão mental que se tem podido inventar.»

.....................................

Depois leu um sem numero de paginas dos livros escolares jesuiticos, em que a historia é deturpada a cada passo, e os factos falsificados, não só no seu espirito como na sua realisação de factos, enumerando os meios com que se achavam armados os antigos regimens para se opporem ás demasias jesuiticas disse:

«E a nós outros, o que nos resta de todo este arsenal? Por certo que não é o poder absoluto; mas, em logar do poder absoluto, governos de opinião, isto é governos passageiros, essencialmente frageis, uma potencia soberana e incontestada, a do suffragio universal, á qual nada resiste, mas que não se pode contar com ella na ordem das forças permanentes, invariaveis, immutaveis. E depois, ao lado d'este, uma burguezia, a herdeira da burguezia parlamentar, a qual em quasi nada se assemelha, porque está profundamente eivada, — recommendo esta consideração ás vossas consciencias de homens de Estado, — profundamente eivada, vós todos o sabeis, vós, deputados da provincia que me ouvis, profundamente eivada das doutrinas que nos ameaçam. Emfim, um clero que já não está dividido, que não está deveras conquistado, — a este respeito logo me referirei,—mas que está avassallado. Eis o campo de batalha dos nossos dias. Pois bem, pergunto-vos, com homens de Estatado que sentem o peso da sua responsabilidade, nesta hora em que depende de vós, ou a abolição das leis existentes pelo vosso voto, ou a manutenção d'ellas d'uma maneira solenne para o futuro e no interesse do futuro, pergunto-vos se a situação e o momento são bem escolhidos para que o governo republicano se desinteresse da educação das novas gerações, se vos parece asado o momento para entregar a direcção dos espiritos da mocidade á anarchia das opiniões, e de constituir uma republica, que entregue ao acaso o desenvolvimento intellectual da nação, que deixará fazer tudo que aos outros aprouver de fazer, que deixará passar tudo, e que se contentará de ser o intendente escrupuloso dos interesses materiaes do país, de ser um constructor de caminhos de ferro e um honrado recebedor de impostos.»

Depois de varias interrupções o orador continuou:

«Tal é effectivamente o jogo natural da liberdade illimitada em materia de ensino e o encadeamento necessario dos factos num Estado que abandona as redeas do espirito publico, e se proclama indifferente a todas as doutrinas; vós tereis d'um lado, o instituto dos jesuitas para uso dos amigos do antigo regimen, mas não se admirem de verem nascer da outra parte, em Paris, ou em alguma outra grande cidade outras escholas, escholas profissionaes, talvez, ou escholas d'aprendizagem, nas quaes os vencidos das nossas ultimas discordias terão por certo o direito de fazer instruir seus filhos, os filhos d'elles, não conforme um ideal que remonte para lá de 1789, mas em vista d'um ideal tomado de tempos mui recentes, por exemplo a essa epocha violenta e sinistra, comprehendida entre 18 de março e 24 de maio de 1871!

«Quereis este conflicto d'escholas; quereis uma mocidade assim dividida; quereis chegar a estas consequencias da liberdade que de vós se reclama em nome das instituições congregantes? se o quereis, e dirijo-me particularmente áquelles dos nossos collegas que se assentam sobre os bancos mais elevados da esquerda d'esta camara, aquelles que se embalam na doce esperança de contrabalancarem num futuro de liberdade illimitada os esforços da internacional negra pelos da internacional vermelha. Pois eu permitto-me dizer-lhes que se embalam numa grande illusão, e que entregando a possessão das intelligencias da mocidade ao direito do mais forte, é á sociedade de Jesus a quem as entregarão, é á corporação a mais antiga, a mais disciplinada, a mais rica, aquella que, sobre o campo da batalha da liberdade illimitada, será sempre a mais forte.»

A penna, se a deixassemos, correria rapida e satisfeita traduzindo cada uma das palavras d'este magistral discurso, cuja impres-

são foi tão profunda, que o seu espirito ainda vive em França. Mas temos que nos resumir, chegados como somos ás ultimas paginas onde tem que findar, apesar nosso, o trabalho de que nos encarregamos.

O movimento teve ganho de causa, e o presidente da republica completou a obra publicando o seguinte decreto:

Art. 1.º E' concedido um praso de tres meses, a contar do presente decreto, á aggregação e associação não auctorisada chamada de Jesus, para se dissolver, em execução das leis acima citadas, e sair dos estabelecimentos que occupa nos territorios da republica.

Este praso será prolongado até 31 d'agosto de 1880 para os estabelecimentos nos quaes pela mesma associação fôr dado ensino scientifico e litterario á mocidade.

29 de março de 1880.

*Julio Grevy.*

N'esta data possuia a santa gente setenta e sete casas, das quaes sessenta com existencia officialmente provada pelo inquerito official de 1876, com 1.490 religiosos, que juntos aos das casas existentes e não indicadas no inquerito elevavam, esse numero pelo baixo, a 1.915. Se lhes juntarmos os que estavam nas missões da China, da Cochinchina, da Syria, de Madagascar, no Maduré e na Nova-Orleans, podemos elevar a sua existencia a mais de 3.500.

Comtudo, vinte annos depois, o seu numero, e sob diversos nomes, principalmente de *Assumpcionistas*, por tal forma cresceu, que a França, para se ver livre do flagello, teve que votar novas leis, mais restrictas, mais claras, para os banir no enxurro com que baniu muitos outros.

Mas, como o escalracho, que só não renasce quando o reduzem a cinzas, assim dentro em pouco a França terá que intentar contra elles uma nova e mais proficua guerra d'exterminio.

A ultima lei contra as associações parece ter-lhe dado o golpe mortal em França, não consentindo o estabelecimento de congregações religiosas cujo geral seja extranjeiro [1]; mas nada mais facil aos jesuitas do que elegerem um geral francês, ou attribuirem essa qualidade, por meio de documentos falsificados, a qualquer que a isso se preste; e no correr d'estas paginas deixamos por demais provado que em a negra seita ha gente para tudo. Desde que um homem tão abandonado de Deus, com o espirito por tal forma transviado, enverga a roupeta de Ignacio e Aquaviva, de Guignard ou Lavalette, fica apto para tudo quanto d'elle exigirem os interesses da ordem, sem que o mais pequeno remorso lhe sobresalte a alma.

---

[1] A 3 d'outubro de 1901, os jesuitas de França, não querendo sujeitar-se á lei de 1 de junho, dispersaram-se livremente, e os tribunaes pocederam á liquidação dos seus bens.

Eis a lista completa por departamentos das casas que elles então possuiam:

*Aisne*, em Braisne; — *Allier*, em Molins e Yseure *Ardeche*, em la Louvesc e Saint-Romain-d'Ay.—*Aube*, em Troyes — *Aveyron*, em Rodez.—*Cher*, em Bourges. — *Cote-d'Or*, em Dijon. — *Dordogne*, em Sárlat. *Doubs*, em Besançon. —*Drôme*, em Bourg-les-Valence.—*Finistère*, em Brest e em Qimper.—*Gironde*, em Bordeaux.— *Haute-Garone*, em Toulouse.— *Herault*. em Montpellier.—*Inde-et-Loir*, em Tours.—*Isère*, em Grenoble.—*Jura*, em Lons-le-Saunier e Dôle.—*Haute-Loire*, em Vals.—*Loire-Inférieure*, em Nantes.—*Maine-et-Loire*, em Angers. — *Marne*, em Reims e Chalons —*Meurthe-et-Moselle*, em Nancy.—*Morbian*, em Vannes.—*Nort*, em Douai, Lille e Mouveaux.—*Puy-de-Dome*, em Clermont. —*Basses-Pyrénées*, em Pau. — *Territoire de Belfort*, em Belfort.—*Rhone*, em Lyon. *Saone et Loire*, em Paray-le-Monial.— *Seine*, em Paris.—*Seine-Inferieure*, em Versailles.—*Tarn*, em Castres.—*Tarn-et-Garone*, em Montauban — *Vienne*, em Poitiers.—*Haute-Vienne*, em Limoges.

De maneira que em trinta e seis departamentos e em quarenta e quatro grandes centros elles tinham lançado a sua rede. Felizmente que houve um governo energico que lhes despedaçou a trama.

# CXII

## Os modernos jesuitas em Portugal

O governo do marquez de Pombal não permittiu que os jesuitas ficassem no país embora desfarçados; nem elles se achavam muito resolvidos a conquistarem as palmas do martyrio, expondo-se á colera do homem que não admittia restricções mentaes no cumprimento das leis.

Julio Ferry

O governo de D. Maria I, todo elle inspirado e dirigido pelos amigos dos expulsos, se conseguiu perseguir o velho e alquebrado marquez, não obteve a restauração da ordem, o que é a maior e mais irrefutavel prova de que elles eram verdadeiramente reus dos crimes que os fizeram banir e levaram Malagrida á fogueira.

Além disso, tinham contra si os outros re-

ligiosos, sufficientes para as necessidades de toda a ordem espiritual, desde o mais grosseiro fanatismo até á mais requintada abstracção; e no ensino os padres do Oratorio, com methodos mais racionaes e positivos que os da companhia, tinham substituido esta com incalculaveis vantagens.

Depois, os espiritos estavam trabalhados por outras idéas, que já tinham passado os Pyrenéos, e com mais anciedade eram procurados e lidos o *Contracto Social* e as *Cartas de Voltaire*, do que *Os exercicios espirituaes*, e as *Constituições da ordem*. O proprio poder absoluto, instruido pela historia, se arreciava d'elles, e não lhes dava a guarida que esperavam. Elles, tambem, por seu lado estavam-se curando das grandes feridas recebidas na mortifera refrega, procurando convalescer e sarar para emprehenderem novas luctas, e n'aquelle momento, já vimos, faziam convergir todos os exforços para de novo reconquistarem as suas antigas posições em França.

N'estas circumstancias, comtudo, não desistiram de se implantarem de novo entre nós, e a secreta missão do padre Jordão, junto de certos fidalgos influentes no animo do principe regente, teve por fim resolver este a abrir solennemente o paiz aos jesuitas, d'accordo com o governo de Hispanha. A missão abortou, apesar de toda a habilidade do encarregado d'ella, já exercitado em outras de egual ou maior responsabilidade [1].

Insistiram porém; e com o governo miguelista julgaram apropriada a occasião para nova entrada em Portugal, que foi negociada, em 1829, entre o padre Godinot, provincial expulso de França, e o duque de Cadaval, por intermedio de Saraiva, secretario da embaixada portuguesa em Londres. Depois de trocada uma grande correspondencia, o duque resolveu afrontar o espirito da nação, que tinha conservado acerca dos jesuitas as idéas do marquez de Pombal, e chamar para o reino mais aquelles sustentaculos d'um throno despota e absoluto. As coisas, porém, não correram tão facilmente como o duque e os reverendos padres desejavam, porque o primeiro jesuita enviado, o padre Delvau, tendo partido em março d'aquelle anno de Paris, só chegou a Lisboa no outomno.

Na sua correspondencia, conta este padre, que a primeira fidalga a visital-o, foi a propria neta do marquez de Pombal!

Depois de Delvau vieram outros e tramaram logo apoderarem-se do ensino, elles que ainda mal falavam o português; e por decreto de 9 de janeiro de 1832 tomaram posse do *Collegio das artes*, em Coimbra, auxiliados nessa desgraçada empresa pelo então bispo-conde, e pelo arcebispo de Evora.

A este decreto chamavam os jesuitas: a sua *Carta reparadora*.

De caminho para Coimbra, passando no Pombal a 17 de fevereiro de 1832, não resistiram ao impulso, piedoso e caritativo dizem elles, de ir á ermida do solar pombalino resar missas por alma do marquez!

Santa gente!

Felizmente o movimento liberal, que estava proximo, varreu com o throno absoluto

---

[1] Este Jordão era português, e recebera em Polots o habito da companhia, que lhe foi envergado pelo geral Brososzooski. Quando as tropas francesas invadiram a Russia achava-se na Polonia, e recebeu ordem para seguir o exercito napolionico, a fim de ser o director espiritual de alguns officiaes superiores. Affirma se que, por odio a Napoleão, fizera com que um dos officiaes da sua direcção deixasse de executar um feito d'armas que lhe fôra ordenado, o que deu vantagem ao inimigo e a morte a cem dos seus soldados. Depois da derrota das tropas francesas, foi chamado a S. Petersburgo para ajudar os seus socios na sublevação do imperio. O padre Jordão, que juntava a um temperamento robusto e infatigavel uma audacia e uma ambição a uma politica profundas, ficou encarregado da missão a mais penivel e a mais difficil. Em quanto os padres de Grivel e Pholop atacavam a capital do imperio, e outros missionarios trabalhavam nas cidades mais importantes, Jordão percorria as costas do Baltico, atravessava, com incriveis riscos, o centro dos estados do czar, ia até o mar Negro, e devia subir o Duina, se as tropas cossacas lhe não embargassem a passagem. De volta a S. Petersburgo foi expulso com o seu socio. Andou depois missionando no sul de França; acompanhou os jesuitas fugitivos de Hispanha, e com elles foi a Roma, donde se dirigiu a Madrid em missão secreta provavelmente com o mesmo fim do que o que o trouxe a Portugal.

Causa lastima ver tal actividade empregada em prol de tão ruim causa!

os jesuitas, que, sem esperarem o decreto de 1834, se embarcaram para Genova a 25 d'agosto de 1833.

Com aquelle decreto, assignado pelo ministro Joaquim Antonio d'Aguiar, mas redigido por D. Pedro IV, não só foram legalmente expulsos os jesuitas, mas todas as outras ordens religiosas.

Foi quando o regimen liberal se implantou em Portugal e que a tranquilidade, ao fim de meio seculo de luctas, se ia restabelecendo, que elles foram entrando á surdina, e extendendo a rede das suas varias associações, de que possuem o segredo e a habilidade da trama.

E desde o momento em que reentraram nunca mais d'aqui arredaram pé, e ainda hoje dia a dia augmentam uma pedra ao edificio da sua reconstituição, todo ella dirigida, tanto nas grandes linhas, como nos mais insignificantes pormenores, pelo seu geral, de novo installado em Roma, e, como os antigos dezoito, d'alli governando o mundo [1].

O sr. Manuel Borges Grainha relata assim a entrada dos jesuitas em Portugal:

«Foi no dia 15 d'agosto [2] de 1860, que pela primeira vez se reuniram quatro jesuitas num convento situado junto do Barro, um logarejo a uma legua de Torres Vedras. O celebre padre Carlos Radmaker, [3] foi quem os trouxe a Portugal. Entre os primeiros jesuitas contam-se o padre Meloni, que foi superior em Sernache, numa epocha em que os jesuitas se apoderaram d'aquella casa de missões ultramarinas, o padre Prosperi, que foi o introductor e organisador em Portugal do *Apostolado da Oração*, e o padre Ficarelli, que foi o primeiro provincial dos jesuitas em Portugal, e os governou e dirigiu até 1867. Falleceram já todos os quatro.

«O padre Carlos Radmaker, que alguns calumniaram, era o melhor jesuita que ahi tem apparecido. Filho de um nosso diplomata em Italia, tinha entrado na ordem neste pais. Quando os jesuitas foram expulsos da Italia, era elle ainda noviço, e voltou para casa dos paes. Só mais tarde achou de novo ensejo de se encontrar com os jesuitas e juntar-se com elles, offerecendo-se para os introduzir em Portugal, como fez.

«Radmaker, como homem, tinha primorosas qualidades, caracter aberto, educação finissima, um perfeito cavalheiro, alegre e expansivo; como jesuita era um dilettante, não era professo, nem sempre estava de accordo com o que os outros faziam [1], não tinha o

---

[1] Depois do breve da extincção da companhia, foi esta governada por tres vigarios geraes, que foram: Paulo Czernicewicz, Linkiewicz e Xavier Kareu, que depois foi o primeiro geral da restauração, ao qual se seguiram: Gabriel Gruber, Thadeu Brososzoski, Luis Forti, Roothan, Beech, e Martin, o actual chefe da sociedade de Jesus.

[2] Notar a escolha do dia, data do da instituição da companhia em Montmartre.

[3] O padre Radmaker era português, nascera em Lisboa em 1828 e aqui morreu em 1885. Foi filho do conselheiro Jose Basilio Radmaker e de sua mulher Maria Carlota Verdier, que o mandaram educar a Turim. Em 1848, voltou a Portugal e aqui se ordenou, vindo porém já filiado na companhia de Jesus. Ouvimol-o pregar varias vezes. Era um ultramontano com uma grande audacia de conceitos e de idéas, que contrastava com uma tal ou qual bonhomia e familiaridade no dizer, a que dava sabor especial o seu assento italianado. Combateu muito na imprensa, escrevendo em grande numero de jornaes, e gosava d'um bom acolhimento na alta sociedade do seu tempo, pela afabilidade do seu tracto. Fundou o collegio de Campolide, com a protecção principal da familia do marquez de Fronteira.

[1] «Um exemplo: o padre Radmaker tinha fundado a expensas suas o collegio de Campolide para a educação de orphãos e de pobres, dotando-o para esse effeito com grande parte do seu largo patrimonio. Durante algum tempo, o collegio conservou este caracter humanitario e caritativo. Mas os jesuitas italianos, logo que impontaram o Radmaker para Hispanha, mudaram totalmente o fim do collegio, com a mira na ganancia, e hoje o tão conhecido collegio jesuitico de Campolide não admitte nem educa um só pobre ou orphão, antes é destinado á educação dos filhos dos ricos e dos aristocratas de Lisboa. O mesmo fizeram os jesuitas com o collegio de S. Fiel na Beira Baixa, que tinha sido creado para o mesmo fim por um frade franciscano com uma avultada esmola d'uma princeza portuguesa. Os jesuitas alteraram a intenção destas fundações, mas não retribuiram as esmolas dadas áquelles estabelecimentos com intuito philantropico. Eu e outras pessoas ouvimos o Radmaker queixar-se amargamente d'isto. Se houver algum jesuita que ouse negar o que affirmo, appareça, que tenho provas e testemunhas a confirmar a exactidão d'estes factos.»

Esta nota é do auctor do livro, que acima vimos transcrevendo.

espirito da companhia, como diziam os jesuitas italianos, que são, justamente com os hispanhoes, os jesuitas mais ferrenhos que conheço. Por esse motivo, os companheiros italianos, que em breve assumiram a superioridade, trataram de desviar o Radmaker de Portugal, fazendo-o ir, por certos pretextos, para Hispanha, onde viveu muitos annos. Foi ahi que eu o conheci e ouvi d'elle algumas intimidades curiosas a respeito dos jesuitas de Portugal; devo este obsequio á sua franca amizade comigo. Era um orador sagrado ameno e attrahente, sem os terrores e falsas exposições d'outros missionarios. Radmaker, já velho e cançado, ao cabo de mais de vinte annos de exilio em Hispanha, veiu morrer a Portugal, querido dos que lhe conheciam a vida intima.

«Peço ao jesuita que escrever a historia dos jesuitas em Portugal, que rehabilite este bom velho no conceito dos jesuitas novos, já que este meu livro não será, lido por elles, antes lhes será prohibido e vedado.

«De 1860 para cá os quatro primeiros jesuitas teem-se multiplicado até o numero de 150 a 200[1], em que hoje estão, possuindo as casas já mencionadas[2] e tendo lançado sobre o pais uma larga rêde a que chamam *Apostolado da oração,* e já conta muitos milhares de socios, que ouvem sermões, se confessam, commungam e pagam, sem saberem bem a razão de tudo isto. Seria necessario um livro maior que este para expôr todas as manobras e todas as artes de que se serviu o padre Prosperi, já fallecido, com quem convivi bastante, para implantar este *Apostolado* em Portugal, á maneira do que os jesuitas fizeram em França...»

«O padre Prosperi era um caracter opposto ao do Radmaker, e muito mais jesuita que elle; não era de muitas lettras, fugia até dos nossos homens de sciencia, mas era ardiloso e imminentemente simulado, chegando a contar em conversação particular as escamoteações que praticava para levar as almas para o ceu (era phrase d'elle), e enganar o povo. Uma d'ellas era esta: quando queria estabelecer o *Apostolado* n'algum burgo de provincia, tratava de saber quem era a senhora de mais valia na terra. Procurava-a, despertava-lhe a vaidade, pedindo-lhe a sua protecção como a senhora muito devota e virtuosa (qualidades que elle lhe não conhecia) offerecendo-lhe a direcção do *Apostolado* n'aquella terra, e dando-lhe o nome de zeladora ou directora das zeladoras. Em geral, a tal senhora *caía* (era termo d'elle para com os intimos) e a coisa *ia* (outro termo d'elle, que apezar d'italiano, conhecia melhor o nosso calão que a nossa lingua). Os jesuitas, que até certo ponto fizeram o seu trabalho de propaganda muito á socapa, deixando até de usar ás vezes trajos sacerdotaes, ha uns poucos d'annos, porém, trabalham ás descancaras.

«O padre Vicente Ficarelli, superior dos jesuitas em Portugal, desde o principio, era homem muito calculado, uma perfeita cabeça de diplomata da curia romana; foi quem dirigiu, até ha pouco, o movimento jesuitico e reaccionario em Portugal[1].»

Do alto de Campolide afrontam a capital do reino, com a insolencia das suas edificações, em S. Fiel, no Porto, em Braga e na Covilhã, por toda a parte abrem e sustentam collegios onde formam a mocidade sem lhe incutirem uma unica idéa elevada; bem ao contrario, por meio das congregações femininas, que instituem e dirigem, teem concorrido não só para a depressão dos caracteres, como para uma successão de factos symptomaticos d'um grande desregramento de costumes, muitos dos quaes teem vindo á sup-

---

[1] E' preciso notar que o sr. Grainha escrevia em 1891.

[2] Estas casas, segundo o auctor relata a paginas 26 e 27 do seu livro, são Torres Vedras, convento do Barro (noviciado e eschola apostolica); Setubal (S. Francisco, casa de estudo dos jesuitas e externato para creanças). Residencias em Lisboa, (rua do Quelhas, 6, onde está o provincial dos jesuitas, padre J. da Cruz, e o padre Affonso de Mattos, director do *Mensageiro do Coração de Jesus*, orgão do *Apostolado da oração*, e outros padres jesuitas); Braga, (rua de S. Barnabé, onde está o padre Rodrigues, director do *Apostolado da Oração* e outros); Porto, (rua da Boa Vista, 142); Covilhã, (S. Thiago); Castello Branco, (antiga casa do Pedro Pina); Macau, Moçambique, Gôa (?) Madeira (?). Teem os collegios: de Campolide (em Lisboa); de S. Fiel (entre Castello Branco e Covilhã).

[1] Vid. *Os jesuitas e as congregações religiosas em Portugal nos ultimos trinta annos.*

puração nos bancos dos tribunaes. Mas em Portugal, os governos não se têem, como em França, collocado ao lado da opinião publica. Fingindo ouvil-a, quando ella começa a tumultuar nas praças ou a levantar de mais, para elle, a voz na imprensa, trata de a ludibriar por meio de actos sem valor effecti-

Elles

vo, verdadeiras mãocheias de poeira lançadas aos olhos dos ingenuos.

Foi assim que, em 17 de novembro de 1880, o ministro do reino de então, expediu uma circular aos governadores civis, na qual lhes exigia informações minuciosas sobre as escholas ou estabelecimentos de ensino pertencentes a membros de congregações religiosas extranjeiras, ou por elles dirigidos.

Os jesuitas riram do expediente burocratico, hauriram, até, d'elle maior audacia e os da Covilhã incitaram o povo a que em tumulto e armado atacasse o theatro onde se levava á scena um drama anti-jesuitico!

O governo deixou que os bons padres alterassem a ordem publica, animava-os a isso com a impunidade, e não consta que nenhum dos varios Grainhas da Covilhã fosse encarregado, contra vontade, de ir missionar em Africa.

Dos relatorios mandados fazer pelo governo em 1880, creio que só um veiu á luz, elaborado superiormente pelo sr. Dr. Joaquim Augusto de Sousa Refoios, lente de medicina na Universidade de Coimbra. Mas este basta para conhecimento intimo do que vae nesses collegios. E' o que se refere ao

collegio de S. Fiel no districto de Castello Branco, e d'esse mesmo relatorio temos conhecimento, porque o seu auctor acaba de publical-o, visto que, por artes de não se sabe quem, o original, enviado ao ministerio do reino, *desappareceu* d'alli!

Logo na pagina X da introducção o auctor escreve:

«A maior parte das familias, que mandam seus filhos para o collegio de S. Fiel, fazem-o esperando que lhes será facil apagar n'elles, á sua saida do collegio, os vestigios da direcção jesuitica, aproveitando-lhes tão somente o ensino litterario e scientifico.»

Podemos desde já affirmar que este ensino é menos que mediocre, dada, em geral, a insufficiencia dos professores, e que nos exames dos lyceus os discipulos dos collegios jesuiticos não são os que mais se distinguem, havendo ainda contra elles a aggravante de não deixarem ir a exame senão os melhores das suas classes, e esses *melhores* quasi sempre teem o nome do pae a recommendal-os.

«Esquecem-se, continua o illustre lente, de que é profundo o conhecimento que os jesuitas teem da organisação do espirito: não sabem a grande fascinação que sobre os espiritos infantis exerce a direcção jesuitica, profundamente calculada e estudada de longos annos; e ignoram, finalmente, todos os cuidados que é preciso empregar para que o cerebro da creança se desenvolva gradual e harmonicamente, adquirindo conhecimentos concretos, e se não atrophie ou se desequilibre pelo mysticismo e pelo exforço a que o obriga a concepção das grandes abstracções mysticas, n'uma edade em que a natural aptidão é para receber noções concretas.»

A commissão verificou desde logo que os alumnos tinham, á mesa, uns um tratamento e outros outro, mas que para ambas as classes a comida era pouca e má, «distribuida em tigelas e pratos de estanho e de lata, pouco bem lavados». Entretanto os reverendos padres alimentavam-se lautamente a bifes, e em mesas separadas, ás quaes se servia vinho e tudo mais que possa desejar um bom estomago. Verificou mais a commissão que o director era um padre italiano. Bastava isto para que o collegio fosse immediatamente fechado, mas tal não aconteceu... e o relatorio *perdeu-se*.

Havia alli mais um português ordenado na casa jesuita de Dax, um outro ordenado em Tuy, cujos nomes calamos para honra nacional, e varios outros italianos, que, perguntados se pertenciam a alguma congregação religiosa, responderam negativamente; o que era evidentemente falso: «mas, diz o relatorio, da resposta accentuadamente negativa dos outros destaca-se a do director Antoni e a do padre thesoureiro; o 1.º disse: *«se me perguntam se eu pertenço a alguma congregação religiosa,* direi que não[1]; o 2.º declarou, no dia 6, que foi educado e ordenado pelos padres da companhia de Jesus, que *hoje* não pertence a ella, mas que se o obrigarem a sair do collegio de S. Tiago voltará para os seus mestres (sic).»

Não continuaremos a transcrever esse relatorio, tanto elle nos corta a alma por vermos a cegueira dos paes que confiam seus filhos áquelle meio; só d'elle copiaremos mais o seguinte trecho:

«O collegio é o pretexto para conservar alli, em S. Fiel, um grande numero de individuos, que tem fanatisado o povo das visinhanças, que attraem alli o povo de aldeias mesmo distantes, que tratam de quebrar no coração de cada um os laços do amor de familia, o mais forte inimigo que elles encontram, quando querem fazer d'um rapaz um jesuita, e d'uma menina uma irmã Dorothea; que chamam para junto do collegio mulheres novas e solteiras, ou casadas, mas deixando os maridos, e compromettendo alli alguns meios de que dispõem, e depois pedindo esmola.

«Tal é, na opinião da commissão, o resultado social que sae d'aquella casa: — quebrar os laços da familia, produzir desharmonias entre casados, fanatizar quem se lhes sujeita, e herdar dos que se deixam illudir; e tudo isto *ad majorem Dei gloriam.*»

E pela discripção d'este collegio ficam

---

[1] E este não mentiu, porque a companhia nunca foi nem podia nunca ser uma congregação religiosa, visto que alli, do que menos se tracta é de religião.

sendo conhecidos todos os outros collegios da companhia estabelecidos em Portugal.

*Ab uno disce omnes.*

E foi para manter este horrivel estado de coisas, que a lei de 18 d'abril de 1901, auctorisou o ensino dos jesuitas em Portugal!!

Poderiamos alongar-nos citando a immensidade de factos que depõe contra os jesuitas desde o roubo da sua casa feito ás irmãs da caridade portuguesas, pela gente de S. Vicente de Paulo, instigada pelos jesuitas, ao caso tragico da irmã Collecta, e d'este ao rapto audacioso d'uma filha do sr. Calmon, no Porto; mas a penna recusa-se a entrar na narrativa de tantas torpezas, que por demais são conhecidas dos nossos leitores.

Com a applicação da lei de 18 d'abril os jesuitas que existiam na rua do Quelhas, com o seu provincial, retiraram-se para o collegio de Campolide, e não é de crer que, com esta mudança de domicilio, deixassem de ser os mesmos; e, se eram perigosos n'um sitio não o serão menos n'outro.

Na casa da rua do Quelhas estabeleceu-se uma especie de confraria, que ficou sendo dirigida por um dos padres jesuitas.

# CXIII

## Invadindo o Brasil

No Brasil, como aqui, tambem os jesuitas se introduziram, mas alli a maçonaria saíu a combatel-os, e um dos maiores luctadores, contra a invasão das trevas, o doutor Saldanha Marinho, deixou o seu nome assignalado nas paginas brilhantes da historia do imperio pela coragem, energia, eloquencia e erudição com que combateu as sinistras personagens.

E é curioso deixar registado o seguinte facto.

No correr d'esta historia, vimos que por mais d'uma vez os capuchinhos andaram de camaradagem com os jesuitas nas empresas criminosas, e que, por uma incomprehensivel aberração do espirito do seu instituto, e muito mais do do seu fundador, se declararam sempre auxiliares dos loyolenses. Ainda em Portugal isto se notou no tempo de D. José. No Brasil, e principalmente na provincia de S. Paulo, reproduz-se o mesmo facto.

Continuando com os jesuitas daremos um entre mil exemplos [1]:

«As congregações religiosas iam seu caminho, missionando e abrindo collegios, mas tudo isto ainda era toleravel. Chegou 1867, epocha nefasta para Itú, epocha em que foi inaugurado pelo padre Honorati o collegio de S. Luiz; desde então o incremento do beatismo foi rapido! 12 annos apenas e o beatismo ou jesuitismo cravou suas garras até o coração deste infeliz povo, que em sua maioria ficou fanatisado pelos jesuitas e os que ainda estão livres, são suffocados pela enorme turba de beatos, ou medrosos!

«Apenas inaugurado o collegio, multiplicaram-se as superstições, o mais asqueroso fetichismo, as mais absurdas praticas religiosas foram do pulpito pregadas pelos illustrados padres! Santos, até então obscuros, ficaram populares e celebres pelos immensos milagres por elles praticados, como S. Luiz Gonzaga, Anchieta e outros.

«Praticas que no Patrocinio [1] ainda se hesitava em apresental-as em publico, foram com audacia apresentadas pelos jesuitas, por exemplo esta:

«No Patrocinio já se fazia cartas a S. José pedindo o que se desejava, e estas eram entregues á superiora (que certamente estava

[1] As citações que seguem acima são colligidas de um folheto que tem por titulo: *Os jesuitas e os collegios de Itu*, reunião de artigos publicados na *Gazeta de Campainas*, em março de 1880, por Sarpi, pseudonimo do sr. Antonio Augusto da Fonseca. Na sua apresentação o auctor escreve: «...Tambem mostramos assim corresponder ao *brado de A'lerta* da *Gazeta de Noticias*, o importante jornal, que em uma série de notaveis editoriaes — *Clericalismo* — chama a attenção do paiz para o desenvolvimento que vae tendo a *companhia* entre nós, e com o apoio de *altos personagens*.»

Fizemos propositalmente a transcripção da referencia aos artigos da *Gazeta de Noticias* do Rio de Janeiro, porque tendo sido escriptos pelo auctor ou coordenador d'este livro, desejamos mais uma vez deixar bem evidente que ha bom numero de annos estamos na brecha combatendo o jesuitismo.

[1] Patrocinio era um collegio de meninas, dirigido pélas congrégaçóés réligiosas.

em relação directa com o santo) as quaes eram depois queimadas "(sem que ella as tivesse lido, ninguem duvidará)."

«Mas tudo isto se fazia em familia e não á vista do povo.

«O jesuita porém conhece a sua força, nada receia; proclamou uma pratica util e necessaria, a dos alumnos e beatos dirigirem cartas a S. Luiz Gonzaga, e um bello dia na occasião da missa appareceu um padre com ar de seriedade, trazendo uma bandeja cheia de cartas e acompanhado dos alumnos em procissão, sobre os degraus do altar, apresentam-lhe uma vella accesa e as cartas são consumidas pelo fogo com toda a devoção!

«Este acto da infame velhacaria, praticado por padres que se dizem illustrados, para arrancar os segredos dos seus innocentes alumnos e dos parvos beatos, não precisa de commentarios!»

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

«A multiplicação das festas, a necessidade da frequencia do confissionario, prégada no pulpito como a mais sublime das virtudes entregaram aos jesuitas o povo de pés e mãos atados.»

Padre Carlos Radmaker

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

«Em dez annos de existencia no collegio de S. Luiz, além do que fica dito, houve os seguintes escandalos: o jesuita padre Boke, chamado para confessar os escravos na fazenda do finado J. de A. Prado, emquanto as creoulas contavam os peccados, a ungida mão do ingenuo padre colhia os —

*limões pendentes, virginaes tetas imitando.*

«As victimas queixaram se ao senhor, e o bom padre, que assim pretendia dirigir para o céo as rechonchudas creoulas, foi despedido. O mesmo padre, parochiando interinamente a villa de Cabreuva, praticou escandalos semelhantes ou peiores, que são publicos em Itù e essa publicidade obrigou o reitor a mandal-o para a Europa immediatamente.»

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

«O que mais horrorisa nos jesuitas é a doutrina que ensinam, e praticas que tendem a perverter a moral, e crear uma geração de parvos, hypocritas, ou descrentes. Tanto absurdo se mette na cabeça dos meninos que muitos d'elles, depois da razão desenvolvida e a intelligencia cultivada, tornam-se por isso mesmo descrentes até do que é verdadeiro.

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

«Em novembro se encontram em S. Paulo meninos de toda a provincia que lá vão fazer exames, mas não se encontra um do collegio de S. Luiz.»

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

«No collegio jesuita só se desenvolve o sentimento supersticioso, e em vez de desenvolverem os sentimentos patrioticos, ridicularisam tudo quanto é do Brasil.

«Em vez de se ensinar a historia, como fazem os americanos, exagerando até a grandeza de seu país e de seus compatriotas, põem-se nas mãos do menino um livro escripto ultimamente pelos jesuitas — *Biographia do padre J. Anchieta*, onde não se encontra senão uma serie de milagres praticados por elle em S. Paulo, uma serie de parvoices, que se fica admirado como um padre illustrado póde fazer um seu discipulo decorar aquillo para cultivar sua intelligencia!»

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

Vê-se pois que, lá como cá, continuam, como dizia Lourenço Ricci:

*Sint ut sunt, aut non sint.*

# CXIV

## Dois documentos

O decreto de 18 de abril de 1901, a que mais d'uma vez nos temos referido, e com o qual o governo português julga ter resolvido a questão das congregações religiosas, e portanto a dos jesuitas, é assim concebido:

Artigo 1.º Nenhuma associação de caracter religioso poderá instituir-se ou funccionar no paiz sem prévia auctorisação do governo.

§ 1.º São condições essenciaes para esta auctorisação:

*a)* A apresentação dos estatutos por que a associação pretende reger-se, e que serão publicados na folha official, depois de approvados pelo governo;

*b)* Destinar-se a associação a actos de beneficencia ou caridade, a educação e ensino, ou á propaganda da fé e civilisação no ultramar;

*c)* Não haver na associação, clausura, praticas de noviciado, nem profissões ou votos, não permittidos por lei;

*d)* Subordinar-se a associação, em tudo o que respeita ao espiritual, ás auctoridades ecclesiasticas ordinarias portuguesas;

*e)* Subjeitar-se a associação, em tudo o que respeita ás suas funcções temporaes, ás leis do país e superintendencia do Estado;

*f)* Ser formada com cidadãos portugueses a direcção superior da associação, excepto se esta fôr constituida sómente por cidadãos extranjeiros:

§ 2.º As associações, constituidas nos termos do paragrapho precedente, serão com respeito aos institutos que estabelecerem, consideradas como pessoas moraes para todos os effeitos da legislação civil.

Art. 2.º Os institutos de beneficencia ou caridade, de educação e ensino, ou de propaganda, estabelecidos pelas associações de que trata o § 1.º do artigo antecedente obecerão ás seguintes prescripções:

*a)* Não poderão ser abertos, nem funccionar, sem regulamento approvado pelo governador civil do districto;

*b)* Os institutos de beneficencia ou caridade ficarão sujeitos á tutela e inspecção das auctoridades administrativas, nos termos da legislação commum;

*c)* Os institutos de educação e ensino observarão, em tudo, as leis que no pais regulam a instrucção publica, sem que possam d'ella afastar-se;

*d)* Os institutos destinados á formação e desenvolvimento de missões ultramarinas reger-se-hão por preceitos especiaes, tendentes a assegurar os beneficios da propaganda da fé e da civilisação nas possessões portuguesas.

Art. 3.º As associações de caracter religioso, que se constituirem fóra das condições expressas no § 1.º do artigo 1.º d'este decreto, e as que, tendo sido regularmente constituidas, contravieram, depois, ao que alli se acha disposto, serão immediatamente dissolvidas, applicando-se o preceituado no artigo 282.º do Codigo Penal, e ordenando-se o prompto encerramento de quaesquer institutos que hajam estabelecido.

Art. 4.º Os institutos designados no art. 2.º d'este decreto, que forem estabelecidos fóra das condições alli prescriptas, e os que, tendo sido regularmente estabelecidos, contravierem, depois, ao que alli se acha preceituado, serão promptamente encerrados, ordenando-se a immediata dissolução das associações de caracter religioso que os hajam constituido.

Art. 5.º Os institutos de beneficencia ou caridade, de educação e ensino, e de propaganda da fé e da civilisação no ultramar, actualmente existentes, dirigidos ou administrados por quaesquer communidades ou congregações religiosas, ou em cuja direcção ou administração intervenham individuos pertencentes a essas communidades ou congregações, deverão, dentro de seis mezes, remodelar-se em conformidade com as disposições respectivas do artigo 2.º d'este decreto, para que possam ter existencia legal.

§ 1.º As communidades ou congregações religiosas, que gerirem ou administrarem esses institutos, deverão, dentro do mesmo prazo, observar as disposições do artigo 1.º § 1.º do presente decreto, para que possam ser reconhecidas e funccionar como associações de caracter religioso, nos termos do direito commum.

§ 2.º Os individuos, de um ou outro sexo, pertencentes a communidades ou congregações religiosas, que actualmente interveem na direcção ou administração dos referidos institutos, deverão egualmente, para que possam n'elles continuar a exercer as suas funcções, mostrar, dentro do mesmo prazo, que essas communidades ou congregações cumpriram o disposto no citado § 1.º do artigo 1.º d'este decreto.

Art. 6.º A inobservancia do preceituado no artigo antecedente e seus paragraphos determinará, findo o prazo de seis mezes n'elle fixado, a applicação do disposto nos artigos 3.º e 4.º quanto á immediata dissolução das respectivas communidades ou congregações religiosas, e ao prompto encerramento dos institutos que hajam estabelecido, applicando-se, não menos, quando haja logar, o preceituado no artigo 282.º e § 1.º do Codigo Penal.

O presidente do conselho de ministros, ministro e secretario de Estado dos negocios do reino, e ministro e secretario de Estado dos negocios ecclesiasticos e de justiça e o ministro e secretario de Estado dos negocios da marinha e ultramar, assim o tenham entendido e façam executar.

Paço, em 18 de abril de 1901. — REI — *Ernesto Rodolpho Hintze Ribeiro, Arthur Alberto de Campos Henriques, Antonio Teixeira de Sousa.*

Da lei franceza, a parte que especialmente se refere ás congregações religiosas é o *Titulo 3.º* Os seus artigos são os seguintes:

Art. 12.º As associações cujos membros forem na sua maioria extranjeiros, as que tiverem administradores extranjeiros ou a séde no extranjeiro, cujos actos forem de natureza tal que possam falsear as condições normaes do mercado de valores ou de generos, ou ameaçar a segurança interna ou externa do Estado, nas condições previstas pelos artigos 75.º a 101.º do Codigo Penal, poderão ser dissolvidas por decreto do presidente da republica, resolvido em conselho de ministros.

Os fundadores, directores ou administradores da associação que se conservar ou se reconstituir illegalmente depois de dissolvida por decreto, serão punidos com as penas mencionadas no artigo 8.º § 2.º

Art. 13.º Nenhuma congregação religiosa, póde ser formada sem uma auctorisação concedida por uma lei, que determinará as condições do seu funccionamento.

§ Não poderá fundar nenhum estabelecimento novo senão em virtude de um decreto accordado em conselho d'Estado.

A dissolução da congregação e o encerramento de qualquer estabelecimento poderão ser impostos por decreto resolvido em conselho de ministros.

Art. 14.º Ninguem poderá dirigir, pessoalmente ou por interposta pessoa, um estabelecimento de ensino, de qualquer ordem que seja, ou ministrar ensino, se pertencer a uma congregação religiosa não auctorisada.

Os contraventores serão castigados com as penas marcadas no artigo 8.º, paragrapho 2.º A sentença condemnatoria poderá tam-

bem determinar o encerramento do estabelecimento.

Art. 15.º Todas as congregações religiosás escripturam as suas receitas e despezas: cada anno organisam a conta financeira do anno decorrido e inventariam os seus bens moveis e immoveis.

Na séde da congregação haverá sempre a lista completa dos seus membros, mencionando o nome patronymico de cada um, assim como o nome que elle usa na congregação, a sua nacionalidade, edade e logar de nascimento, e a data da sua admissão.

A congregação é obrigada a *representar sem deslocação (répresenter sans deplacement)*, sempre que o prefeito lh'o requisite, a elle ou a algum delegado seu, as contas, inventarios e listas acima mencionadas.

Serão castigados com as penas indicadas no § 2.º do artigo 8.º os representantes ou directores das congregações, que fizerem declarações falsas, ou recusarem satisfazer as requisições do prefeito nos casos previstos pelo presente artigo.

Art. 16.º Qualquer congregação religiosa que se constituir sem auctorisação será declarada illicita.

As pessoas que d'ella fizeram parte serão castigadas com as penas do § 2.º do artigo 8.º

A pena applicavel aos fundadores será dobrada.

Art. 17.º São nullos todos os actos entre vivos ou testamentarios, por titulo gratuito ou oneroso, realisados directamente, ou por pessoa interposta, ou por qualquer outra via indirecta, que tenham por effeito permittir ás associações legal ou illegalmente formadas subtrahirem-se ás disposições dos artigos 2.º, 6.º, 9.º, 11.º, 13.º, 14.º e 16.º

São tambem presumidas pessoas interpostas em proveito das congregações religiosas, mas sob reserva da prova em contrario:

1.º Os associados a quem tiverem sido consentidas vendas, ou a quem se tiverem feito doações ou legados, excepto, quando se não trate de doações ou legados, se o be-

Joaquim Antonio d'Aguiar

neficiario fôr herdeiro em linha directa do concessionario.

2.º O associado da sociedade civil ou commercial, composta no todo ou em parte de membros da congregação, proprietaria de qualquer immovel occupado pela associação.

3.º O proprietario d'um immovel occupado pela associação, depois d'ella ter sido declarada illicita.

A nullidade poderá ser sentenciada a requerimento do ministerio publico ou de qualquer interessado.

Art. 18.º As congregações existentes na data da promulgação d'esta lei, que não tiverem sido anteriormente auctorisadas ou reconhecidas, deverão, no praso de seis mezes, justificar que fizeram as diligencias necessarias para se conformarem com as suas disposições.

No caso de dissolução pela applicação dos artigos 3.º, 13.º, 14.º e 16.º da presente lei, os valores que tiverem pertencido aos membros da congregação antes da sua entrada n'ella, ou que lhes tiverem cabido depois, quer por successão, quer por doação em linha directa, ser-lhes-hão restituidos.

Passado esse praso, os immoveis não reclamados e reivindicados serão vendidos, e o producto da venda, assim como quaesquer valores moveis, serão repartidos entre as pessoas que a isso tiverem direito.

Egualmente se procederá á repartição immediata ou á venda de todos os bens, moveis e immoveis, de que se houverem tornado co-proprietarios indivisos, por qualquer modo que não seja a hereditariedade em linha directa ou collateral, dois ou mais membros d'uma congregação dissolvida.

Se, no prazo de seis mezes, os interessados não tiverem effectuado as vendas e as partilhas previstas nos §§ precedentes, a administração dos proprios nacionaes porá em hasta publica os immoveis, receberá o producto, exigirá que lhe entreguem os valores mobiliarios, e depositará os titulos e o dinheiro na Caixa de depositos e consignações, por conta dos *ayant droit*.

Art.º 19.º As disposições do art.º 463 do Codigo Penal são applicaveis aos delictos acima previstos.

Art.º 20.º *Revoga artigos de leis em contrario.*

Depois de ter feito a transcripção d'este decreto, *O Dia*, pela penna do sr. conselheiro Antonio Ennes, escrevia as seguintes palavras que fazemos nossas, não só em homenagem ao amigo e ao mestre, mas ainda mais á verdade, e com as quaes daremos por findar a nossa tarefa:

«O mais superficial confronto d'este projecto com o decreto de 18 de abril descobre as dessemelhanças, quasi antagonismos, que os extremam. O projecto francez não admitte em França novas congregações senão *auctorisadas por uma lei*, o que quasi equivale a não admittir nenhuma; o decreto do sr. Hintze, pelo contrario, recebe todas em Portugal, uma vez que se sujeitem ou promettam sujeitar-se a determinadas condições, faceis de cumprir ou de *illudir*. O art. 18.º do projecto tambem torna a conservação das congregações *existentes*, não auctorisadas antes, inteiramente dependente da confiança do poder civil, e não da mera *remodelação* d'ellas, sincera ou capciosa. E as que não conseguirem legalisar-se em França incorrerão em penalidades graves, ficando o seu pessoal cuidadosamente excluido do ensino; ao passo que entre nós apenas se lhes fecharão as *casas*, o que as não inhibirá de arranjar outras, e os seus membros, livres e impunes, poderão como individuos continuar a educar a mocidade!

«Mas se Mr. Waldeck-Rousseau pôs a conservação, a admissão, o funccionamento das congregações, inteiramente á mercê do parlamento e do governo; se reprimiu asperamente, com penas até tres francos de multa e um anno de prisão, que a reincidencia póde elevar ao dobro, os congreganistas não auctorisados que d'algum modo pretenderem dispensar a auctorização, resistindo á lei ou sophismando-a; teve o bom senso de não exigir *remodelações, secularisações*, que o caracter e a finalidade dos institutos não permitta. Acceita poucos, fal-os passar por um crivo apertado, mas acceita-os como são. A *secularisação* das congregações religiosas é uma idéa portuguesa, do nosso governo,

original em todos os sentidos! Em França, o Estado recusa sancção civil aos votos perpetuos, nos termos do artigo 2.º, mas não os prohibe, nem os noviciados. O projecto não tem clausula alguma que signifique intervenção no regimen interno, nas regras espirituaes, das congregações; nem sequer as sujeita aos prelados diocesanos, e nem mesmo lhes chama só *associações*, como cá se fez. Conserva-lhes o seu nome e o seu caracter de *congregações religiosas*, e se arma o poder civil para as repellir, para as guardar, para as dissolver, quando abusem, respeita-lhes as individualidades e não lhes propõe, nem lhes acceita, como o sr. Hintze, tacitos contractos fraudulentos, destinados apenas a *salvar as apparencias*. Já ahi consta que o sr. presidente do conselho, a quem um prelado perguntou como haviam de existir as congregações sem noviciados e votos, respondeu-lhe que: *não dessem na vista!* Esta phrase vale como uma interpretação do decreto de 18 de abril!

«Ha a notar tambem que, em França, as congregações não eram até aqui prohibidas, ao passo que o eram entre nós, segundo as interpretações officiaes das leis de 1833-34. Portanto, Mr. Waldeck Rousseau, regulamentando as condições da sua existencia civil, prejudicou-as, emtanto que o sr. Hintze favoreceu-as. Do projecto francês pode dizer-se que é *contra* as congregações, e do decreto de 18 de abril que é a *favor* d'ellas.»

Terminaremos com as seguintes linhas, que nos amarguram e torturam:

No momento historico que atravessamos, em que Portugal, mais do que nunca, precisa por todos os modos e formas accentuar o sentimento da sua independencia, é quando se deixa invadir e dominar pelo jesuitismo, cujo chefe supremo e obedecido sem reservas é o padre Martin — um hispanhol.

**FIM**

# INDICE

## NOTA

Tendo citado nos seus respectivos logares todas as fontes historicas e documentaes a que nos soccorremos, e as obras de que extractámos abundantes paginas, julgamo-nos desobrigados de sobrecarregar este volume, por desnecessario, com o rol bibliographico, a que alludimos no corpo da obra.

---

## ERRATAS

Além de outras que o leitor facilmente terá corrigido, convém emendar:

| Pag. | Lin. e Col. | Onde se lê | Leia-se |
|---|---|---|---|
| 28 | Nota | Dominum | hominun |
| 77 | No titulo | As Constituicões e as *Monitas* | As Constituições e as *Monita* |
| 85 | 1.ª col., lin. 20 | Pasquier-Brouet. O Laynez | Pasquier-Brouet e Laynez |
| 87 | 2.ª col., lin. 34 | levantado em alto | levantando ao alto |
| 230 | 2.ª col., lin. 10 | Lekzinscha | Leszczinski, e assim onde se encontrar este apellido mal escripto |
| 281 | No baixo da estampa | Olans Petri (jesuita) | Olaus Petri (lutherano) |
| 313 | No baixo da estampa | (Estampa caricata do seculo XVII) | (Estampa caricata do seculo XVIII) |
| 364 | 1.ª col., lin. 16 | Groswin | Goswin |
| 485 | No baixo da estampa | O Marquez de Cascaes com barrete | O Marquez de Cascaes com barrete caricaturando um jesuita. |